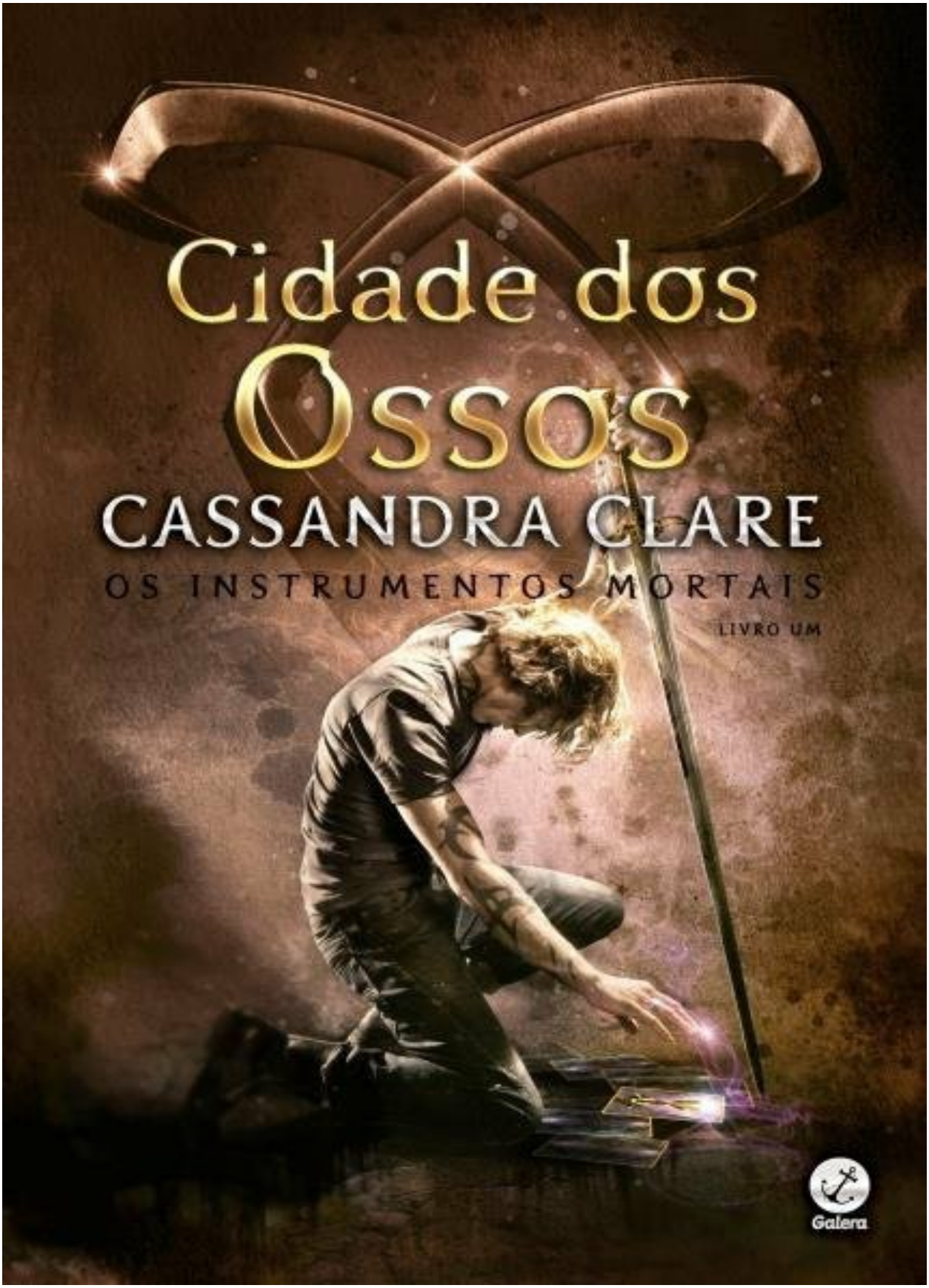
CASSANDRA CLARE



OS INSTRUMENTOS MORTAIS

Galera


Cidade dos
Ossos
CASSANDRA CLARE
OS INSTRUMENTOS MORTAIS
LIVRO UM
Galera

CASSANDRA CLARE

OS INSTRUMENTOS MORTAIS

Cidade das Cinzas

Tradução de
Rita Sussekind

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ



https://t.me/SBDLivros

https://t.me/StarBooksDigital

Clare, Cassandra

C541c

A cidade das almas perdidas [recurso eletrônico] / Cassandra Clare; tradução Rita Sussekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.

recurso digital (Os instrumentos mortais ; 5)

Tradução de: Mortal instruments: city of lost souls Sequência de: Cidade dos anjos caídos

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 9788501100801 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Sussekind, Rita. II. Título. III. Série.

13-04811

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
City of Lost Souls: The Mortal Instruments Copyright © 2011 by Cassandra Clare, LLC

Os direitos desta tradução foram negociados mediante acordo com Barry Goldblatt Literary LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria S.L.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu’s System texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.



Produzido no Brasil

ISBN 9788501100801

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Nao, Tim, David e Ben.

Notas:

Gostaria de agradecer ao meu grupo de escrita, as estrelas de Massachusetts: Ellen Kushner, Delia Sherman, Kelly Link, Gavin Grant, Holly Black e Sarah Smith. E também a Tom Holt e Peg Kerr, por me incentivarem antes mesmo de haver um livro, e Justine Larbalestier e Eve Sinaiko, por me transmitirem suas opiniões depois de ele já existir. A minha mãe e meu pai, pela dedicação, afeto e crença inabalável de que algum dia eu produziria alguma coisa publicável. A Jim Hill e Kate Connor, pelo apoio e incentivo. A Eric, por motos vampirescas que funcionam à energia demoníaca, e a Elka, por ficar melhor de preto do que as viúvas de seus inimigos. Theo e Val, por criarem imagens lindas que combinam com minha prosa. Meu agente glamouroso, Barry Goldblatt, e minha talentosa editora, Karen Wojtyla. A Holly, por sobreviver a este livro comigo, e a Josh, por fazer tudo valer a pena.

Longo é o caminho
E árduo, que do Inferno leva à Luz.

— John Milton, Paraíso Perdido

Parte 1

Declínio Sombrio

Cantei sobre o caos e a noite eterna,

Ensinado pela musa divina a me aventurar

No declínio sombrio, e subir para reascender...

— John Milton, Paraíso perdido

1

Pandemônio

— Você só pode estar brincando — disse o segurança, cruzando os braços sobre o peito imenso. Ele encarou de cima o garoto com a jaqueta vermelha de zíper e balançou a cabeça raspada. — Você não pode entrar com isso.

Os cerca de cinquenta adolescentes na fila da boate Pandemônio se inclinaram para a frente, a fim de ouvir a conversa. A espera para entrar na boate sem restrição de idade estava longa, principalmente para um domingo, e, em geral, não acontecia nada demais nas filas. Os seguranças eram ferozes e cortavam instantaneamente qualquer um que aparentasse estar prestes a provocar confusão. Clary Fray, de 15 anos, na fila com seu melhor amigo, Simon, se inclinou para a frente, assim como todas as outras pessoas, esperando alguma agitação.

— Ah, qual é. — O menino levantou o objeto por cima da cabeça. Parecia uma viga de madeira, com uma das pontas afiadas. — É parte da minha fantasia.

O segurança ergueu uma sobrancelha.

— Que seria de quê?

O menino sorriu. Ele parecia normal o suficiente para o Pandemônio, pensou Clary. Tinha cabelos pintados de azul que pendiam de sua cabeça como os tentáculos de um polvo assustado, mas não tinha tatuagens no rosto ou grandes piercings nas orelhas ou nos lábios.

— Sou um caçador de vampiros — disse, apertando o objeto de madeira. Dobrava com a mesma facilidade que uma folha de grama dobraria de lado. — É falsa. De borracha. Está vendo?

Os olhos grandes do menino eram verdes, excessivamente brilhantes, Clary notou: cor de grama da primavera. Lentes de contato coloridas, provavelmente. O segurança deu de ombros, repentinamente entediado.

— Tá bom...! Pode entrar.

O menino passou por ele, rápido como um raio. Clary gostou do movimento dos ombros dele, do jeito que mexeu no cabelo ao entrar. Existia uma palavra que a mãe dela teria usado para descrevê-lo — despreocupado.

— Você o achou bonitinho — disse Simon, parecendo resignado. — Não achou?

Clary deu uma cotovelada nas costelas dele, mas não respondeu.

Lá dentro, a boate estava cheia de fumaça de gelo-seco. Luzes coloridas enfeitavam a pista de dança, transformando-a em um multicolorido reino de azul, verde, rosa-shocking e dourado.

O menino da jaqueta vermelha passou a lâmina afiada na mão, com um sorriso indolente nos lábios. Havia sido tão fácil — algum encantamento na lâmina, para fazer com que parecesse

inofensiva. Outro encanto em seus olhos e, assim que o segurança o encarou, ele entrou. Evidentemente, ele poderia ter passado sem toda a comoção, mas aquilo fazia parte da diversão — enganar os mundanos, descaradamente, na frente deles, curtir os olhares vazios naqueles rostos que tanto lembravam ovelhinhas de rebanho.

Não que os humanos não tivessem utilidade. Os olhos verdes do menino examinaram a pista de dança, onde braços vestidos em peças de seda e couro preto apareciam e desapareciam nas colunas giratórias de fumaça enquanto os mundanos dançavam. Garotas mexiam em seus cabelos longos, garotos balançavam os quadris vestidos de couro e peles nuas brilhavam com suor. Vitalidade simplesmente transbordava deles, ondas de energia que os enchiam de uma tontura inebriante. O lábio do menino se contraiu. Eles não sabiam a sorte que tinham. Desconheciam o que era prolongar a vida em um mundo morto, no qual o sol se pendurava vacilante no céu como uma brasa queimada. Tinham vidas que flamejavam tão brilhantes quanto chamas de velas — e eram igualmente fáceis de ser apagadas.

A mão do menino apertou a lâmina que carregava. Havia começado a adentrar a pista de dança quando uma menina surgiu da multidão de dançarinos e começou a caminhar em sua direção. Ele a encarou. Ela era linda, para uma humana — cabelos longos quase exatamente da cor de tinta preta, olhos como carvão. Vestido branco até o chão, do tipo que as mulheres usavam quando este mundo era mais jovem. Mangas de renda desciam se abrindo por seus braços finos. Em volta do pescoço havia uma corrente grossa de prata, na qual um grande pingente vermelho-escuro se pendurava. Ele só precisou apertar os olhos para ver que era de verdade — de verdade e precioso. O menino começou a ficar com água na boca à medida que ela ia se aproximando. Energia vital pulsava dela como sangue fluindo de uma ferida aberta. A menina sorriu, passando por ele, acenando com os olhos. Ele se virou para segui-la, sentindo nos lábios o doce sabor de sua morte iminente.

Sempre era fácil. Ele já podia sentir o poder da vida que evaporava da menina, correndo por sua veia como fogo. Os humanos eram burros demais. Tinham algo tão precioso mas cuidavam mal daquilo. Jogavam a vida fora por dinheiro, por saquinhos de pó, pelo sorriso charmoso de um estranho. A menina era um fantasma pálido passando através da fumaça colorida. Ela chegou à parede e virou-se, segurando a saia com as mãos, levantando-a enquanto sorria para ele. Sob a saia usava botas que iam até a coxa.

Ele foi até ela, sentindo a pele pinicar com a proximidade da menina. De perto, ela não era tão perfeita: dava para ver o excesso de maquiagem sob os olhos, o suor grudando o cabelo ao pescoço. Ele podia farejar a mortalidade, o doce apodrecer da corrupção. Te peguei, pensou ele.

Um sorriso descontraído curvou os lábios dela. Ela foi para o lado, e ele pôde ver que a menina estava se apoiando em uma porta fechada. ENTRADA PROIBIDA — DEPÓSITO estava escrito em tinta vermelha. Ela alcançou a maçaneta e girou-a, entrando. Ele avistou várias caixas

empilhadas e fios emaranhados. Um depósito. Deu uma olhada para trás — ninguém estava olhando. Muito melhor se ela quisesse privacidade.

Ele entrou na sala depois dela, sem perceber que estava sendo seguido.

— E aí — disse Simon —, a música é boa, não é?

Clary não respondeu. Estavam dançando, ou fingindo que estavam — muito balanço para a frente e para trás, e investidas ocasionais em direção ao chão como se algum deles tivesse derrubado uma lente de contato — em um espaço entre um grupo de meninos adolescentes trajando espartilhos metálicos e um jovem casal asiático que se beijava apaixonadamente, com apliques coloridos se enrolando como vinhas. Um menino com piercing labial e uma mochila de ursinho de pelúcia estava distribuindo tabletes gratuitos de êxtase de ervas, sua calça de paraquedista balançando com a brisa da máquina de vento. Clary não estava prestando muita atenção aos arredores imediatos — estava de olho no menino de cabelos azuis que havia passado uma conversa no segurança para entrar na boate. Ele estava passando pela multidão como se estivesse procurando alguma coisa. Havia algo familiar na maneira como ele se movia...

— Eu, por exemplo — continuou Simon —, estou curtindo bastante.

Isso parecia improvável. Simon, como sempre, destacava-se na boate como um dedão machucado, vestindo calça jeans e uma camiseta velha que dizia MADE IN BROOKLYN na frente. Os cabelos recém-escovados eram de um tom marrom-escuro, e não verde ou rosa, e os óculos apoiavam-se na ponta do nariz. Ele não parecia tanto alguém que estivesse refletindo sobre poderes obscuros, mas sim uma pessoa a caminho de um clube de xadrez.

— A-hã. — Clary sabia perfeitamente bem que ele só tinha ido para o Pandemônio porque ela gostava, e que na verdade ele achava chato. Ela nem sabia por que gostava — as roupas, a música, tudo fazia aquele lugar parecer um sonho, a vida de outra pessoa, nada como sua verdadeira vida monótona. Mas Clary era sempre tímida demais para falar com qualquer outra pessoa que não fosse Simon.

O menino de cabelo azul estava saindo da pista de dança. Ele parecia um pouco perdido, como se não tivesse encontrado a pessoa que estava procurando. Clary imaginou o que aconteceria se ela fosse até ele e se apresentasse, e se oferecesse para mostrar o lugar. Talvez ele só ficasse olhando para ela. Ou talvez fosse tímido demais. Talvez se sentisse grato e gostasse, e então tentasse não demonstrar, como os meninos faziam — mas ela saberia. Talvez...

De repente o menino de cabelo azul se recompôs, evitando atenção, como um cão de caça preparado. Clary seguiu o olhar dele, e viu a menina com o vestido branco.

Fazer o quê?, pensou Clary, tentando não se sentir como um balão de festa murcho. Acho que é isso. A menina era linda, o tipo de menina que Clary gostaria de ter desenhado — alta e esbelta,

com longos cabelos negros. Mesmo a essa distância, Clary podia ver a joia vermelha em volta de seu pescoço. Pulsava sob as luzes da boate como um coração fora do peito.

— Eu acho que — continuou Simon — o DJ Bat está fazendo um trabalho particularmente excepcional esta noite. Você não acha?

Clary revirou os olhos e não respondeu; Simon detestava música trance. Ela estava com a atenção voltada para a menina de branco. Através da escuridão, da fumaça e da neblina artificial, o vestido claro brilhava como um farol. Não era de se estranhar que o menino de cabelo azul a estivesse seguindo como que enfeitiçado, distraído demais para perceber qualquer outra coisa ao redor — até mesmo as duas criaturas sombrias que o seguiam, atravessando a multidão.

Clary diminuiu o ritmo da dança e encarou as criaturas. Ela só conseguia identificar que eram meninos altos e que usavam roupas escuras. Ela não sabia dizer como percebera que estavam seguindo o outro garoto, mas tinha certeza disso. Dava para perceber pela maneira como acompanhavam o ritmo dele, pelo cuidado com que observavam tudo, pela graciosidade de seus movimentos sinuosos. Uma leve apreensão começou a tomar conta de seu peito.

— Enquanto isso — acrescentou Simon —, eu queria te dizer que ultimamente tenho me vestido de mulher. Além disso, estou transando com a sua mãe. Achei que você deveria saber.

A menina chegou à parede e estava abrindo uma porta que dizia ENTRADA PROIBIDA. Ela deu uma olhada para o menino de cabelo azul atrás dela, e eles entraram. Não era nada que Clary nunca tivesse visto, um casal entrando sorrateiramente em um dos cantos escuros da boate para dar uns amassos, mas isso só fazia o fato de estarem sendo seguidos parecer ainda mais estranho.

Ela ficou na ponta dos pés, tentando enxergar por cima da multidão. Os dois rapazes tinham parado na porta e pareciam estar consultando um ao outro. Um deles era louro, enquanto o outro tinha cabelos escuros. O louro colocou a mão no casaco e alcançou um objeto longo e afiado que brilhava sob as luzes estroboscópicas. Uma faca.

— Simon! — Clary gritou, e agarrou o braço dele.

— O quê? — Simon parecia alarmado. — Eu não estou transando com a sua mãe de verdade. Só estava tentando chamar sua atenção. Não que sua mãe não seja uma mulher muito atraente para a idade dela.

— Você está vendo aqueles caras? — ela apontou fervorosamente, quase atingindo uma curvilínea menina negra que estava dançando ali perto. A menina lançou um olhar furioso a Clary. — Desculpe, desculpe! — Clary voltou a atenção para Simon. — Você está vendo aqueles dois caras ali? Perto da porta?

Simon cerrou os olhos, depois deu de ombros.

— Não estou vendo nada.

— Aqueles dois. Eles estavam seguindo o garoto do cabelo azul...

— O que você achou bonitinho?

— É, mas a questão não é essa. O louro pegou uma faca.

— Você tem certeza? — Simon estreitou o olhar para enxergar melhor, balançando a cabeça. — Continuo não vendo nada.

— Tenho certeza.

Repentinamente sério, Simon alargou os ombros.

— Vou chamar um daqueles seguranças. Você fica aqui — ele se afastou, empurrando a multidão.

Clary virou bem a tempo de ver o menino louro entrar sorrateiramente pela porta que dizia ENTRADA PROIBIDA, com o amigo logo atrás. Ela olhou em volta; Simon ainda estava tentando atravessar a pista de dança, mas sem muito êxito. Mesmo que ela gritasse agora, ninguém escutaria, e até que Simon voltasse, alguma coisa horrível já poderia ter acontecido. Mordendo o lábio inferior com força, Clary começou a correr pela multidão.

— Qual é o seu nome?

Ela se virou e sorriu. A pouca luz que havia no depósito entrava pelas grandes janelas com grades completamente sujas. Pilhas de cabos elétricos, juntamente com pedacinhos de bolas de discoteca espelhadas e latas vazias de tinta sujavam o chão.

— Isabelle.

— É um nome bonito. — Ele caminhou em sua direção, passando cuidadosamente pelos fios, caso algum deles estivesse ativo. Sob a fraca luz, ela parecia semitransparente, desprovida de cor, envolta em branco como um anjo. Seria um prazer derrubá-la... — Eu nunca te vi por aqui.

— Você está me perguntando se eu venho aqui sempre? — ela sorriu, cobrindo a boca com a mão.

A menina tinha uma espécie de pulseira em torno do pulso; dava para ver pela renda do vestido. Então, ao se aproximar dela, ele viu que não era uma pulseira, mas um desenho marcado na pele, um emaranhado de linhas entrelaçadas.

Ele congelou.

— Você...

Ele não terminou. Ela se moveu com a potência de um raio, atacando-o com a mão aberta, um golpe no peito que o derrubaria e o deixaria sem fôlego se ele fosse humano. No entanto, ele apenas cambaleou para trás. Logo depois havia algo na mão dela, um chicote que brilhava dourado enquanto o golpeava, enrolando os tornozelos dele e fazendo com que seus pés saíssem do chão. Ele caiu, contorcendo-se, o metal penetrando sua pele. Ela riu, de pé sobre ele que, completamente tonto, pensou que deveria ter percebido. Nenhuma garota humana usaria um vestido como o que Isabelle estava usando. Ela o estava vestindo para cobrir a pele — toda a pele.

Isabelle puxou o chicote com força, segurando-o. Tinha um sorriso que brilhava como água venenosa.

— Ele é todo de vocês, meninos.

Uma risada baixa soou atrás dele, e agora mãos o agarravam, erguendo-o, lançando-o contra um dos pilares de concreto. Ele podia sentir a pedra úmida sob a coluna. Estava com as mãos presas atrás do corpo, atadas com um fio elétrico. Enquanto se debatia, alguém circulou o pilar, aparecendo em seu campo visual: um menino, tão jovem e bonito quanto Isabelle. Seus olhos castanho-amarelados brilhavam como pontas de âmbar.

— Então — disse o garoto. — Há mais algum com você?

O menino de cabelo azul podia sentir o sangue se acumulando sob o metal excessivamente apertado, deixando-o com os pulsos escorregadios.

— Mais algum o quê?

— Ora, vamos! — O menino de olhos castanho-amarelados levantou as mãos, e as mangas escuras desceram, mostrando os símbolos que tinha tatuados nos pulsos, nas costas e nas palmas das mãos. — Você sabe o que eu sou.

No crânio do menino algemado, o segundo grupo de dentes dele começou a ranger.

— Caçador de sombras — sibilou.

O outro menino sorriu.

— Te peguei — disse ele.

Clary abriu a porta do depósito e entrou. Por um instante, achou que estivesse vazia. As únicas janelas eram no alto e tinham grades; um barulho fraco da rua entrava através delas, o som de carros buzinando e freando. A sala tinha cheiro de tinta velha, e uma pesada camada de poeira cobria o chão, marcado por sinais de pegadas.

Não há ninguém aqui, ela percebeu, olhando em volta espantada. A sala estava fria, apesar do calor de agosto lá fora. Sua coluna estava gelada de suor. Deu um passo para a frente, enrolando os pés em fios elétricos. Ela se abaixou para se livrar dos cabos, e ouviu vozes. A risada de uma menina, um menino respondendo, mordaz. Ao se ajeitar, ela os viu.

Era como se eles tivessem passado a existir em um piscar de olhos. Lá estava a garota com o longo vestido branco, os cabelos negros escorrendo da cabeça como algas molhadas. Os dois meninos estavam com ela — o mais alto de cabelos escuros como os dela, e o menor, mais claro, cujos cabelos louros brilhavam como bronze sob a fraca luz que entrava pela janela do alto. O menino louro estava de pé, com as mãos no bolso, encarando o garoto punk, que estava amarrado a uma coluna com o que parecia um fio de piano, com as mãos esticadas para trás do corpo e as pernas amarradas pelos tornozelos. Seu rosto expressava dor e medo.

Com o coração batendo forte no peito, Clary se abaixou atrás da coluna de concreto mais

próxima e espiou em volta. Ela assistiu enquanto o menino de cabelos claros andava para a frente e para trás, com os braços cruzados por cima do tórax.

— Então — disse ele. — Você ainda não me disse se há mais alguém da sua espécie aqui com você.

Sua espécie? Clary tentou imaginar sobre o que ele estaria falando. Talvez ela tivesse se metido em alguma guerra de gangues.

— Eu não sei do que você está falando. — O tom do menino de cabelo azul era dolorido, porém firme.

— Ele está falando de outros demônios — informou o menino de cabelo escuro, falando pela primeira vez. — Você sabe o que é um demônio, não sabe?

O menino amarrado à coluna virou o rosto, mas continuava movendo a boca.

— Demônios — disse o menino louro, escrevendo a palavra no ar com o dedo. — Religiosamente definidos como habitantes do inferno, os servidores de Satã, mas entendidos aqui, para os propósitos da Clave, como quaisquer espíritos malevolentes cuja origem se dê fora da nossa própria dimensão habitacional...

— Basta, Jace — disse a garota.

— Isabelle tem razão — concordou o menino mais alto. — Ninguém aqui precisa de aula de semântica, nem de demonologia.

Eles são loucos, pensou Clary. Loucos de verdade.

Jace levantou a cabeça e sorriu. Havia algo de feroz naquele gesto, alguma coisa que fazia com que Clary se lembrasse de documentários sobre leões que vira no Discovery Channel, de como os grandes felinos erguiam a cabeça e farejavam o ar à procura de presas.

— Isabelle e Alec acham que eu falo demais — disse, baixinho. — Você concorda com eles?

O menino de cabelo azul não respondeu. Sua boca continuava se movendo.

— Eu poderia dar informações — disse ele. — Eu sei onde Valentim está.

Jace olhou de volta para Alec, que deu de ombros.

— Valentim está debaixo da terra — disse Jace. — O coisinha só está brincando com a gente.

Isabelle mexeu no cabelo.

— Mate-o, Jace — disse ela. — Não vai nos contar nada.

Jace levantou a mão, e Clary viu a luz fraca reluzir na faca que ele estava segurando. Era estranhamente translúcida, a lâmina clara como cristal, afiada como um caco de vidro, o cabo decorado com pedras vermelhas.

O menino amarrado arfou.

— Valentim está de volta! — protestou ele, lutando contra os nós que o atavam atrás do corpo. — Todos os Mundos Infernais sabem, eu sei, posso te dizer onde ele está...

Repentinamente, uma raiva chamuscou nos olhos gélidos de Jace.

— Pelo Anjo, toda vez que capturamos um de vocês, desgraçados, alegam saber onde Valentim está. Pois bem, nós também sabemos onde ele está. Ele está no inferno. E você... — Jace virou a faca no punho, a ponta brilhando como uma linha de fogo. — Você pode se juntar a ele lá.

Clary não aguentaria mais. Ela saiu do esconderijo atrás da coluna.

— Pare! — gritou ela. — Você não pode fazer isso.

Jace rodopiou, tão assustado que a faca caiu de sua mão e bateu ruidosamente no chão de concreto. Isabelle e Alec giraram junto com ele, com as mesmas expressões de choque. O menino de cabelo azul ainda preso, também estava chocado e de queixo caído.

Alec foi o primeiro a falar.

— O que é isso? — perguntou, olhando de Clary para os companheiros, como se eles pudessem saber o que ela estava fazendo ali.

— É uma garota — disse Jace, recuperando a compostura. — Você certamente já viu garotas antes, Alec. Sua irmã Isabelle é uma. — Ele deu um passo em direção a Clary, cerrando os olhos como se não conseguisse acreditar muito bem no que estava vendo. — Uma garota mundana — disse ele, um pouco para si mesmo. — E ela consegue nos ver.

— É claro que consigo vê-los — disse Clary. — Não sou cega, sabia?

— Ah, é sim — disse Jace, abaixando para pegar a faca. — Você só não sabe disso. — Ele se recompôs. — É melhor sair daqui, se souber o que é melhor para você.

— Não vou a lugar algum — disse Clary. — Se eu for, você vai matá-lo — ela apontou para o menino de cabelo azul.

— É verdade — admitiu Jace, girando a faca pelos dedos. — Por que você se importa se vou matá-lo ou não?

— Por-porque... — engasgou-se Clary. — Você não pode sair por aí matando pessoas.

— Você tem razão — disse Jace. — Não se pode sair por aí matando pessoas. — Ele apontou para o garoto de cabelo azul, cujos olhos estavam fechados. Clary imaginou se ele tinha desmaiado. — Isso não é uma pessoa, garotinha. Pode até parecer uma pessoa, e falar como uma pessoa, e pode até sangrar como uma pessoa. Mas é um monstro.

— Jace — disse Isabelle em tom de aviso. — Já basta.

— Vocês são loucos — disse Clary, afastando-se dele. — Eu já chamei a polícia, se vocês querem saber. Eles vão chegar a qualquer momento.

— Ela está blefando — disse Alec, mas havia dúvida em sua expressão. — Jace, você...

Ele não chegou a concluir a frase. Naquele instante, o menino de cabelo azul se desvencilhou dos fios que o prendiam à coluna com um berro alto e avançou em Jace.

Eles caíram no chão e rolaram juntos, o menino de cabelo azul atacando Jace com mãos que brilhavam como se fossem cobertas de metal. Clary se afastou, querendo correr, mas prendeu os

pés em um monte de fios e caiu, ficando completamente sem fôlego. Ela conseguia ouvir Isabelle gritando. Ao se levantar, Clary viu o menino de cabelo azul sentado no peito de Jace. O sangue brilhava nas pontas das garras afiadas.

Isabelle e Alec correram na direção deles; Isabelle pegando o chicote com a mão. O menino de cabelo azul atacou Jace com as garras esticadas. Jace levantou o braço para se proteger, e as garras o atingiram, derramando sangue. O menino de cabelo azul atacou novamente — e o chicote de Isabelle atingiu sua coluna. Ele gritou e caiu para o lado.

Rápido como um golpe do chicote de Isabelle, Jace rolou para o lado. Havia uma lâmina brilhando em sua mão. Ele afundou a faca no peito do menino de cabelo azul, e um líquido quase preto explodiu em volta do cabo. O garoto se contorceu, gorgolejando e girando. Com um sorriso, Jace se levantou. Sua camisa preta agora estava ainda mais escura em alguns pontos, molhada de sangue. Ele olhou para o chão, para a figura que se contorcia a seus pés, abaixou-se e retirou a faca. O cabo estava pegajoso, encharcado de um líquido preto.

Os olhos do menino de cabelo azul abriram repentinamente. Estavam fixos em Jace, e pareciam queimar. Entredentes, ele sibilou:

— Que seja! O Renegado pegará todos vocês.

Jace pareceu rosnar. Os olhos do menino rolaram para trás. Seu corpo começou a se debater e a se contorcer enquanto ele se curvava, abraçando a si mesmo, diminuindo cada vez mais, até desaparecer completamente.

Clary se levantou cambaleando, livrando-se dos fios elétricos. Ela começou a recuar. Nenhum deles estava prestando atenção nela. Alec havia alcançado Jace e estava segurando o braço dele, arregaçando a manga, provavelmente tentando dar uma olhada melhor no machucado. Clary se virou para correr, mas foi bloqueada por Isabelle, com o chicote dourado na mão, sujo de líquido preto. Ela o lançou em direção a Clary, e a ponta se enrolou no pulso da menina, prendendo-se com firmeza. Clary exclamou de dor e surpresa.

— Mundana idiota — disse Isabelle, entredentes. — Você poderia ter causado a morte de Jace.

— Ele é louco — disse Clary, tentando puxar o pulso de volta. O chicote penetrou ainda mais sua pele. — Vocês são todos loucos. O que pensam que são? Matadores vigilantes? A polícia...

— A polícia geralmente não se interessa, a não ser que haja um corpo — disse Jace. Apoiando o braço, ele passou pelo caminho cheio de fios em direção a Clary. Alec o seguiu de perto, com o rosto completamente franzido.

Clary olhou para o ponto no qual o menino havia desaparecido, e não disse nada. Não havia uma única gota de sangue ali — nada que mostrasse que o menino havia existido um dia.

— Eles voltam às suas dimensões de origem quando morrem — disse Jace. — Caso você esteja se perguntando.

— Jace — sibilou Alec. — Cuidado.

Jace puxou o braço de volta. Uma gotinha fantasmagórica de sangue marcava o rosto dele. Ele ainda a fazia se lembrar de um leão, com os olhos claros e espaçados e aquele cabelo castanho-amarelado.

— Ela pode nos ver, Alec — disse ele. — Ela já sabe demais.

— Então, o que você quer que eu faça com ela? — perguntou Isabelle.

— Deixe-a ir — disse Jace silenciosamente. Isabelle lançou-lhe um olhar surpreso, quase irado, mas não discutiu. O chicote deslizou, libertando o braço de Clary. Ela esfregou o pulso dolorido e pensou em como conseguiria sair de lá.

— Talvez devêssemos levá-la conosco — disse Alec. — Aposto que Hodge gostaria de falar com ela.

— Não vamos levá-la para o Instituto de jeito nenhum — disse Isabelle. — Ela é mundana.

— Será que é mesmo? — disse Jace, suavemente. Seu tom quieto era pior do que as agressões de Isabelle ou a raiva de Alec. — Você já interagiu com demônios, garotinha? Já andou com Zumbis, ou falou com Crianças Noturnas? Você já...

— Meu nome não é "garotinha" — interrompeu Clary. — E não faço ideia do que você está falando. — Não faz?, disse uma voz no fundo de sua cabeça. Você viu aquele menino desaparecer no ar. Jace não é louco, você apenas gostaria que ele fosse. — Eu não acredito em... em demônios, ou o que quer que seja que você...

— Clary? — Era a voz de Simon. Ela rodopiou. Ele estava de pé do lado da porta do depósito. Um dos seguranças truculentos que estava carimbando mãos na entrada estava ao lado dele. — Você está bem? — Ele a espiou pela escuridão. — Por que está aqui sozinha? O que aconteceu com os caras, você sabe, os que estavam armados com facas?

Clary o encarou, depois olhou para trás, onde Jace, Isabelle e Alec estavam; Jace ainda com a camisa ensanguentada e a faca nas mãos. Ele sorriu para ela e deu de ombros meio desculpando-se, meio zombando dela. Ele claramente não estava surpreso por não ser enxergado nem por Simon nem pelo segurança.

De alguma forma, Clary também não estava. Lentamente, ela se virou para Simon, sabendo como deveria estar parecendo aos olhos dele, sozinha em um depósito mofado, com os pés enrolados em fios de plástico.

— Eu achei que eles tivessem entrado aqui — disse, dando uma desculpa. — Mas acho que me enganei. Foi mal. — Ela olhou de Simon, cuja expressão estava mudando de preocupada para envergonhada, para o segurança, que só parecia irritado. — Foi erro meu.

Atrás dela, Isabelle deu uma risadinha.

— Não acredito — disse Simon com um jeito teimoso enquanto Clary, na esquina, tentava

desesperadamente chamar um táxi. Os limpadores de rua haviam passado enquanto os dois estavam na boate, e a Orchard Street estava preta com a água suja.

— Eu sei — ela concordou. — Tinha que ter pelo menos alguns táxis. Aonde todo mundo está indo à meia-noite de um domingo? — ela olhou novamente para ele, dando de ombros. — Você acha que teremos mais sorte na Houston?

— Não estou falando dos táxis — disse Simon. — Você... eu não acredito em você. Eu não acredito que os caras com as facas simplesmente desapareceram.

Clary suspirou.

— Talvez não houvesse nenhum cara com faca, Simon. Talvez eu tenha imaginado tudo.

— Não mesmo. — Simon ergueu a mão por cima da cabeça, mas os táxis passaram por ele, respingando água suja. — Eu vi o seu rosto quando entrei no depósito. Você parecia completamente assustada, como se tivesse visto um fantasma.

Clary pensou em Jace com os olhos felinos de leão. Ela olhou para o próprio pulso, cercado por uma fina linha vermelha onde o chicote de Isabelle havia enrolado. Não, não foi um fantasma, ela pensou. Foi uma coisa ainda mais estranha que isso.

— Foi um engano — disse fracamente. Ela ficou imaginando por que não contava a verdade. Exceto, é claro, pelo fato de que ele pensaria que ela estava louca. E havia alguma coisa sobre o que havia acontecido, alguma coisa sobre aquele sangue preto borbulhante na faca de Jace, alguma coisa na voz dele quando perguntou, Você já falou com as Crianças Noturnas?, que ela queria guardar para si.

— Bem, foi um baita erro vergonhoso — disse Simon. Ele olhou de volta para a boate, onde ainda existia uma pequena fila, da porta até a metade do quarteirão. — Duvido que voltem a nos deixar entrar no Pandemônio.

— Que diferença faz para você? Você detesta o Pandemônio — Clary levantou a mão novamente ao ver uma forma amarela se aproximar deles através da neblina. Dessa vez o táxi parou na esquina, o motorista buzinando com vontade, como se precisasse chamar a atenção deles.

— Finalmente tivemos sorte. — Simon abriu a porta do táxi e entrou no banco traseiro coberto por um plástico. Clary o seguiu, inalando o conhecido cheiro de táxi nova-iorquino de fumaça velha de cigarro, couro e spray de cabelo. — Vamos para o Brooklyn — Simon disse ao motorista, depois olhou para Clary. — Você sabe que pode me contar qualquer coisa, não sabe?

Clary hesitou por um instante, depois fez que sim com a cabeça.

— Claro, Simon — disse ela. — Eu sei que posso.

Ela bateu a porta, e o táxi partiu noite adentro.

1

A Flecha de Valentim

— Ainda está bravo?

Apoiado na parede do elevador, Alec olhou para Jace do outro lado do espaço pequeno.

— Não estou bravo.

— Ah, está sim. — Jace gesticulou de forma acusatória para o meio-irmão, em seguida gemeu quando uma onda de dor atravessou seu braço. O corpo inteiro doía por causa de uma queda de três andares que havia sofrido naquela tarde, quando despencara de uma madeira apodrecida e aterrissara em uma pilha de sucata metálica. Até nos dedos havia hematomas. Alec, que só havia pouco tempo tinha aposentado as muletas que tivera de usar depois da batalha contra Abbadon, não parecia muito melhor do que Jace. As roupas estavam cobertas de lama, e os longos cabelos pendiam em tiras lisas e suadas. Havia um longo corte na lateral da bochecha.

— Não estou — disse Alec entredentes. — Só porque você disse que os demônios dragões estavam extintos...

— Eu disse praticamente extintos.

Alec apontou o dedo para ele.

— Praticamente extintos — repetiu, a voz tremendo de raiva — não é EXTINTOS O SUFICIENTE.

— Entendi — disse Jace. — Vou pedir para corrigirem a parte do livro que diz "praticamente extinto" para "não extinto o bastante para Alec. Ele prefere os monstros muito, muito extintos". Assim você vai ficar mais feliz?

— Meninos, meninos — disse Isabelle, que estava examinando o próprio rosto na parede espelhada do elevador. — Não briguem. — Ela se virou com um sorriso ensolarado. — Tudo bem, foi um pouco mais agitado do que esperávamos, mas achei divertido.

Alec olhou para ela e balançou a cabeça.

— Como você consegue nunca se sujar?

Isabelle deu de ombros filosoficamente.

— Tenho o coração puro. Isso repele a lama.

Jace riu tão alto que ela olhou para ele com a testa franzida. Ele balançou os dedos sujos de lama para ela. As unhas eram luas crescentes pretas.

— Imundo por dentro e por fora.

Isabelle estava prestes a responder quando o elevador parou com o ruído de pneus cantando.

— Está na hora de consertar isso — disse ela, abrindo a porta. Jace a seguiu para a entrada,

ansioso para se livrar das armas e da armadura e tomar um banho. Havia convencido os meios-irmãos a ir caçar com ele apesar de nenhum deles se sentir confortável agora que estavam por conta própria, visto que Hodge não estava mais lá para dar instruções. Jace queria o conforto da luta, a diversão pesada de matar e a distração dos ferimentos. E, sabendo disso, os irmãos concordaram, arrastando-se por túneis subterrâneos desertos até encontrarem o demônio Dragonidae e matarem-no. Os três trabalhavam juntos em perfeita união, como sempre fizeram. Como uma família.

Jace abriu a jaqueta e pendurou-a em um dos pinos na parede. Alec estava sentado no banco baixo de madeira ao lado dele, tirando as botas cobertas de esterco. Cantarolava para si mesmo, para que Jace percebesse que não estava tão irritado assim. Isabelle estava tirando os grampos dos cabelos, deixando que caíssem sobre os ombros.

— Agora estou com fome — disse ela. — Queria que a mamãe estivesse aqui para preparar alguma coisa para nós.

— É melhor que ela não esteja — disse Jace, tirando o cinto de armas. — Já estaria reclamando dos tapetes.

— Quanto a isso você tem razão — disse uma voz suave, e Jace se virou, as mãos ainda no cinto, e viu Maryse Lightwood com os braços cruzados, parada na entrada. Ela usava um tailleur preto, e os cabelos, negros como os de Isabelle, estavam presos em uma trança grossa que se estendia até a metade das costas. Seus olhos, de um azul glacial, varreram os três como uma lanterna policial.

— Mãe! — Recuperando a compostura, Isabelle correu para abraçá-la. Alec se levantou e foi até elas, tentando ocultar o fato de que ainda estava mancando.

Jace ficou onde estava. Alguma coisa no olhar de Maryse o congelou no lugar. Certamente o que ele dissera não tinha sido tão ruim, tinha? Eles zombavam da obsessão da mãe com os tapetes antigos o tempo todo...

— Onde está o papai? — perguntou Isabelle, afastando-se da mãe. — E Max?

Fez-se uma pausa quase imperceptível. Então Maryse respondeu:

— Max está no quarto dele. O seu pai, infelizmente, ainda está em Alicante. Aconteceram alguns problemas que exigem a atenção dele.

Alec, normalmente mais sensível a humores do que a irmã, pareceu hesitar.

— Algum problema?

— Poderia fazer a mesma pergunta a você. — O tom da mãe era seco. — Está mancando?

— Eu...

Alec era um péssimo mentiroso. Isabelle tomou a dianteira por ele, suavemente.

— Encontramos um demônio Dragonidae nos túneis do metrô, mas não foi nada.

— E suponho que aquele Demônio Maior com o qual vocês lutaram na semana passada

também não tenha sido nada?

Até Isabelle se calou diante disso. Olhou para Jace, que desejou que ela não o tivesse feito.

— Não foi planejado. — Jace tinha dificuldade para se concentrar. Maryse ainda não o cumprimentara, nem sequer um "oi", ainda estava olhando para ele com olhos que pareciam adagas azuis. Havia um vazio no estômago dele que estava começando a se espalhar. A mãe nunca tinha olhado para ele assim antes, independentemente do que ele tivesse feito. — Foi um erro...

— Jace! — Max, o Lightwood mais novo, passou por Maryse e disparou para a sala, escapando da mão estendida da mãe. — Você voltou! Vocês todos voltaram! — Ele girou em um círculo, sorrindo triunfante para Alec e Isabelle. — Achei mesmo que tinha ouvido o elevador.

— E eu achei que tivesse dito para você ficar no seu quarto — disse Maryse.

— Não me lembro disso — disse Max com uma seriedade que fez com que até Alec sorrisse. Max era pequeno para sua idade — parecia ter mais ou menos uns 7 anos —, mas tinha uma seriedade que, aliada aos óculos gigantescos, lhe dava um ar de alguém mais velho. Alec esticou a mão e bagunçou o cabelo do irmão, mas Max ainda estava olhando para Jace, os olhos brilhando. Jace sentiu o punho frio no estômago relaxar ligeiramente. Max sempre havia idolatrado Jace como um herói, de um jeito que não idolatrava o próprio irmão, provavelmente porque Jace era mais tolerante à presença dele do que Alec. — Ouvi dizer que você lutou contra um Demônio Maior —disse. — Foi incrível?

— Foi... diferente — conteve-se Jace. — Como foi em Alicante?

— Foi incrível. Vimos as coisas mais legais do mundo. Tem um arsenal enorme em Alicante, e eles me levaram para alguns dos lugares onde se fazem as armas. E me ensinaram um novo jeito de fazer lâminas serafim, um jeito que faz com que elas durem mais, e vou tentar fazer Hodge me mostrar...

Jace não conseguiu evitar; os olhos desviaram imediatamente para Maryse, com expressão incrédula. Então Max não sabia sobre Hodge? Ela não tinha contado?

Maryse viu o olhar e seus lábios se contraíram na finura de uma faca.

— Chega, Max. — Ela pegou o filho caçula pelo braço.

Ele levantou a cabeça e olhou surpreso para ela.

— Mas estou conversando com Jace...

— Estou vendo. — Ela o empurrou gentilmente na direção de Isabelle. — Isabelle, Alec, levem seu irmão para o quarto. Jace — a voz dela estava rígida ao pronunciar o nome dele, como se um ácido invisível secasse as sílabas em sua boca —, vá se ajeitar e me encontre na biblioteca assim que terminar.

— Não estou entendendo — disse Alec, olhando da mãe para Jace, e para ela outra vez. — O que está acontecendo?

Jace podia sentir o frio na espinha.

— É sobre o meu pai?

Maryse jogou a cabeça para trás subitamente, duas vezes, como se as palavras "meu pai" fossem dois tapas.

— Na biblioteca — disse entredentes. — Conversamos mais tarde.

Alec disse:

— O que aconteceu durante a sua ausência não foi culpa do Jace. Estávamos todos envolvidos. E Hodge disse...

— Conversamos sobre Hodge mais tarde também. — Os olhos de Maryse estavam em Max, e seu tom se agravava.

— Mas, mãe — protestou Isabelle —, se vai castigar Jace, deve nos castigar também. É o mais justo. Todos nós fizemos exatamente as mesmas coisas.

— Não — disse Maryse após uma pausa tão longa que Jace pensou que ela não fosse dizer nada. — Não fizeram, não.

— Regra número um de anime — disse Simon. Ele se sentou apoiado em uma pilha de almofadas ao pé da cama, com um saco de batatas chips em uma das mãos e o controle da televisão na outra. Vestia uma camiseta preta com os dizeres BLOGUEI SUA MÃE e uma calça jeans com um rasgo em um dos joelhos. — Nunca brinque com um monge cego.

— Eu sei — disse Clary, pegando uma batata e mergulhando-a no pote de molho equilibrado em uma bandeja entre eles. — Por alguma razão eles são sempre muito melhores do que monges que enxergam. — Ela olhou para a tela. — Esses caras estão dançando?

— Isso não é dança. Estão tentando matar um ao outro. Esse cara é o inimigo mortal do outro, lembra? Ele matou o pai dele. Por que estariam dançando?

Clary mastigou a batata e encarou a tela pensativa. Os giros animados de nuvens cor-de-rosa e amarelas agitavam-se entre as figuras de dois homens alados que flutuavam um ao redor do outro, cada um segurando uma lança brilhante. Ocasionalmente um deles falava, mas como os diálogos eram em japonês e as legendas em chinês, isso não esclarecia muita coisa.

— O cara com o chapéu — disse ela. — Ele é o malvado?

— Não, o do chapéu era o pai. Ele era o imperador mágico, e aquele era o chapéu do poder. O malvado era o da mão mecânica que fala.

O telefone tocou. Simon repousou o saco de batatas chips e se preparou para se levantar e atender. Clary segurou-o pelo pulso.

— Não. Deixa para lá.

— Mas pode ser Luke. Ele pode estar ligando do hospital.

— Não é ele — disse Clary, parecendo ter mais certeza do que tinha. — Ele ligaria para o meu

celular, não para a sua casa.

Simon olhou para ela por um longo instante antes de se deixar cair novamente no tapete ao lado dela.

— Se você está dizendo. — Ela podia ouvir a dúvida na voz dele, mas também a garantia silenciosa: Só quero que você fique feliz. Ela não tinha certeza de que "feliz" fosse algo que pudesse estar agora, não quando sua mãe estava no hospital presa a tubos e máquinas barulhentas, e Luke estava parecendo um zumbi, caído na cadeira de plástico ao lado da cama. Não com a preocupação incessante com Jace, pegando o telefone dezenas de vezes para ligar para o Instituto antes de desligar sem sequer discar o número. Se Jace quisesse falar com ela, ele podia ligar.

Talvez tivesse sido um erro levá-lo para ver Jocelyn. Clary tinha certeza de que se a mãe ouvisse a voz do filho, do primogênito, acordaria. Mas não foi o que aconteceu. Jace tinha ficado rígido e sem jeito ao lado da cama, com o rosto parecendo a pintura de um anjo, os olhos vazios e indiferentes. Clary finalmente perdera a paciência e gritara com ele, que gritara de volta antes de ir embora. Luke observou enquanto ele se afastava com um interesse quase clínico no rosto exaurido.

— Essa foi a primeira vez que vi vocês agirem como irmã e irmão — observara.

Clary não dissera nada em resposta. Não havia razão para dizer a ele o quanto ela queria que Jace não fosse seu irmão. Não era possível mudar o próprio DNA, não importava quanto isso pudesse deixá-la feliz.

Mesmo que não conseguisse se sentir exatamente feliz, ela pensou, ao menos, na casa de Simon, no quarto dele, sentia-se confortável e em casa. Ela o conhecia havia tempo suficiente para se lembrar de quando havia uma cama em forma de caminhão de bombeiro e uma pilha de Legos no canto do quarto. Agora a cama era um futon que ele tinha ganhado de presente da irmã, e as paredes estavam cobertas por pôsteres de bandas como Rock Solid Panda e Stepping Razor. Havia uma bateria no canto onde antes ficavam os Legos, e um computador no outro canto, a tela ainda congelada em uma imagem do World of Warcraft. Era quase tão familiar quanto estar no seu próprio quarto em casa — que não existia mais, então, ao menos, estava na segunda opção.

— Mais chibis — Simon disse melancolicamente. Todos os personagens na tela haviam se transformado em versões em miniatura deles próprios e perseguiam uns aos outros balançando panelas e potes. — Vou mudar de canal — anunciou, pegando o controle. — Cansei desse anime. Não dá para entender a história, e ninguém nunca faz sexo.

— É claro que não fazem — disse Clary, pegando mais uma batata. — Animes são feitos para toda a família.

— Se você quiser algo menos familiar, podemos tentar os canais pornôs — observou Simon.

— Prefere As bruxas peitudas ou Enquanto traço Dianne?

— Me dá isso! — Clary tentou pegar o controle, mas Simon, rindo, já havia trocado de canal.

A risada parou de repente. Clary olhou surpresa e viu Simon encarando a TV. Estava passando em filme antigo, em preto e branco: Drácula. Ela já tinha visto com a mãe. Bela Lugosi, magro e pálido, aparecia na tela, enrolado na famosa capa de colarinho alto, os lábios contraídos, exibindo os dentes pontudos. "Nunca bebo... vinho", entoou com seu sotaque húngaro.

— Adoro o fato de as teias de aranha serem feitas de borracha — disse Clary, tentando soar relaxada. — Dá pra ver claramente.

Mas Simon já estava de pé, deixando cair o controle na cama.

— Já volto — murmurou. Estava com o rosto da cor do céu de inverno antes de chover. Clary o observou partir, mordendo o lábio com força; foi a primeira vez desde que sua mãe tinha sido hospitalizada que ela percebeu que talvez Simon também não estivesse tão feliz.

Secando o cabelo com uma toalha, Jace olhou para o próprio reflexo no espelho com uma careta zombeteira. Uma marca de cura havia cuidado dos piores ferimentos, mas não tinha ajudado com as sombras sob os olhos, nem com as linhas rígidas nos cantos da boca. A cabeça doía, e ele se sentia levemente tonto. Sabia que deveria ter comido alguma coisa naquela manhã, mas tinha acordado nauseado e ofegante por causa dos pesadelos, sem querer parar para comer, apenas desejando a libertação de uma atividade física para transformar os sonhos em hematomas e suor.

Deixando a toalha de lado, pensou desejoso no chá preto doce que Hodge fazia com as flores noturnas da estufa. O chá afastava a fome e trazia uma onda de energia. Desde o desaparecimento de Hodge, Jace vinha experimentando ferver folhas de plantas na água para ver se conseguia reproduzir o mesmo efeito, mas o único resultado era um líquido amargo com gosto de cinzeiro que o fazia engasgar e cuspir.

Descalço, foi até o quarto e vestiu um jeans e uma camisa limpa. Pôs os cabelos louros e molhados para trás, franzindo a testa. Estava comprido demais, caindo nos olhos — algo do que Maryse certamente reclamaria. Ela sempre o fazia. Ele podia não ser filho biológico dos Lightwood, mas eles o tratavam como tal desde que fora adotado, quando tinha 10 anos, após a morte do pai. A suposta morte, Jace fez questão de lembrar a si mesmo, o sentimento vazio surgindo novamente nas entranhas. Ele vinha se sentindo como uma abóbora de Halloween nos últimos dias, como se suas vísceras tivessem sido arrancadas com um garfo e jogadas no canto, mesmo que ele permanecesse com um sorriso esculpido no rosto. Constantemente pensava se alguma das coisas nas quais acreditava a respeito da própria vida tinha algum fundo de verdade. Pensara que era órfão — não era. Acreditava que era filho único — tinha uma irmã.

Clary. A dor voltou, mais forte. Ele a reprimiu. Direcionou os olhos para o pedaço de espelho quebrado no topo da cômoda, ainda refletindo os ramos verdes e um diamante de céu azul. Era quase crepúsculo em Idris agora: o céu estava escuro como cobalto. Sufocando com o vazio, Jace

calçou as botas e desceu para a biblioteca.

Ficou imaginando durante o trajeto sobre o que Maryse queria falar com ele a sós. Ela estava com cara de quem iria puxá-lo e bateria nele. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha posto as mãos nele. Os Lightwood não aplicavam muitas punições corporais — uma sensível mudança em relação a ser criado por Valentim, que inventava todo tipo de castigos dolorosos para estimular a obediência. A pele de Caçador de Sombras de Jace sempre se curava, cobrindo até as piores evidências. Nos dias e semanas após a morte do pai, ele se lembrava de ter procurado cicatrizes no corpo, alguma marca que servisse como suvenir, uma lembrança que o ligasse fisicamente à memória paterna.

Chegou à biblioteca e bateu uma vez antes de empurrar e abrir a porta. Maryse estava lá, sentada na cadeira de Hodge perto da lareira. Uma réstia de luz descia pelas janelas altas e Jace podia ver fios brancos nos cabelos dela. Maryse segurava uma taça de vinho tinto; havia uma garrafa ornamental na mesa ao lado.

— Maryse — disse.

Ela se assustou e derrubou um pouco do vinho.

— Jace. Não ouvi você entrar.

Ele não se mexeu.

— Você se lembra daquela música que costumava cantar para Isabelle e Alec quando eles eram pequenos e tinham medo do escuro, para fazê-los dormir?

Maryse pareceu espantada.

— Do que você está falando?

— Eu ficava ouvindo através da parede — disse ele. — O quarto do Alec ficava perto do meu naquela época.

Ela não disse nada.

— Era em francês — continuou Jace. — A música.

— Não sei por que você se lembraria de algo assim. — Ela olhou para ele como se Jace a estivesse acusando de alguma coisa.

— Você nunca cantou para mim.

Fez-se uma pausa quase imperceptível. Então:

— Ah, você — disse ela. — Você nunca teve medo do escuro.

— Que espécie de criança de 10 anos nunca tem medo do escuro?

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Sente-se, Jonathan — disse. — Agora.

Devagar o suficiente para irritá-la, ele se dirigiu para o outro lado da sala e se jogou sobre uma das cadeiras ao lado da mesa.

— Prefiro que não me chame de Jonathan.

— Por que não? É o seu nome. — Ela olhou para ele pensativa. — Há quanto tempo você sabe?

— Sei o quê?

— Não seja tolo. Você sabe exatamente o que eu estou perguntando. — Ela girou a taça entre os dedos. — Há quanto tempo sabe que o Valentim é seu pai?

Jace considerou e descartou diversas respostas. Em geral ele conseguia o que queria com Maryse fazendo-a rir. Ele era uma das poucas pessoas no mundo que conseguia fazê-la rir.

— Há mais ou menos tanto tempo quanto você.

Maryse balançou a cabeça lentamente.

— Não acredito.

Jace sentou-se ereto. As mãos estavam cerradas em punhos e apoiadas nos braços das cadeiras. Ele podia ver um leve tremor em seus dedos e imaginou se aquilo já tinha acontecido antes. Achava que não. Sempre tivera mãos tão firmes quanto sua pulsação.

— Você não acredita em mim?

Ele ouviu a incredulidade na própria voz e estremeceu. É claro que não acreditava nele. Isso tinha ficado óbvio desde que ela chegara em casa.

— Não faz sentido, Jace. Como você podia não saber quem era o seu próprio pai?

— Ele me disse que era Michael Wayland. Nós morávamos na casa de campo de Wayland...

— Um belo toque esse — disse Maryse. — E o seu nome? Qual é o seu verdadeiro nome?

— Você sabe o meu nome verdadeiro.

— Jonathan. Eu sabia que esse era o nome do filho do Valentim. Sabia que o Michael também tinha um filho chamado Jonathan. É um nome comum entre Caçadores de Sombras, nunca achei estranho terem o mesmo, mas eu nunca perguntei o nome do meio do filho do Michael. Mas agora não consigo deixar de pensar. Há quanto tempo o Valentim vinha planejando o que ia fazer? Há quanto tempo sabia que ia matar Jonathan Wayland...? — Ela se interrompeu, os olhos fixos em Jace. — Você nunca se pareceu com o Michael — disse. — Mas às vezes as crianças não se parecem com os pais. Nunca tinha pensado nisso antes. Mas agora vejo Valentim em você. O jeito como está me olhando. Essa provocação. Você não se importa com o que eu digo, se importa?

Ele se importava. A única coisa em que era bom era em ter certeza de que ela não perceberia.

— Faria alguma diferença se eu me importasse?

Ela pousou a taça na mesa ao lado. Estava vazia.

— Você responde perguntas com outras perguntas para me distrair, exatamente como Valentim sempre fez. Talvez eu devesse saber.

— Talvez nada. Ainda sou exatamente a mesma pessoa que fui nos últimos sete anos. Nada mudou em mim. Se eu não a fiz se lembrar do Valentim nos últimos anos, não vejo por que faria

agora.

O olhar dela passeou por Jace e em seguida desviou, como se ela não suportasse olhar diretamente para ele.

— Certamente quando falávamos sobre Michael você deveria saber que não era possível que estivéssemos falando sobre o seu pai. As coisas que dizíamos sobre ele jamais se aplicariam ao Valentim.

— Vocês diziam que ele era um bom homem. — Ele sentiu a raiva se contorcendo por dentro. — Um Caçador de Sombras corajoso. Um pai amoroso. Achei que essa descrição fosse precisa o bastante.

— E fotos? Você deve ter visto fotos de Michael Wayland e percebido que ele não era o homem que você chamava de pai. — Ela mordeu o lábio. — Dê uma ajuda aqui, Jace.

— Todas as fotos foram destruídas na Ascensão. Foi isso que você me disse. Agora eu fico imaginando se talvez não tenha sido porque Valentim mandou queimar todas para que ninguém soubesse quem fazia parte do Ciclo. Nunca tive uma foto do meu pai — disse Jace, e imaginou se soava tão amargo quanto se sentia.

Maryse pôs uma das mãos na têmpora e começou a massageá-la, como se estivesse com dor.

— Não consigo acreditar nisso — disse, como que para si mesma. — É uma loucura.

— Então não acredite. Acredite em mim — disse Jace, e sentiu o tremor nas mãos se intensificar.

Ela abaixou a mão.

— Você não acha que é isso que eu quero? — perguntou, e por um segundo ele ouviu naquela voz o eco da Maryse que entrava em seu quarto quando ele tinha 10 anos e olhava fixamente para o teto, pensando no pai, e ficava sentada ao lado da cama até que ele dormisse, pouco antes do amanhecer.

— Eu não sabia — disse Jace novamente. — E, quando ele me chamou para ir com ele para Idris, eu disse não. Ainda estou aqui. Será que isso não conta?

Ela se virou para olhar a garrafa ornamental, como se considerasse a possibilidade de precisar de mais uma bebida, mas pareceu descartar a ideia.

— Queria que contasse — disse ela. — Mas existem tantas razões pelas quais seu pai pode querer que você fique no Instituto. No que diz respeito a Valentim, não posso me dar ao luxo de confiar em ninguém que tenha sido influenciado por ele.

— Ele influenciou você — disse Jace, e se arrependeu instantaneamente ao ver a expressão no rosto de Maryse.

— E eu o repudiei — disse ela. — E você? Será que conseguiria? — Os olhos azuis de Maryse tinham a mesma cor dos de Alec, mas Alec nunca tinha olhado para ele daquele jeito. — Diga que o odeia, Jace. Diga que odeia aquele homem e tudo o que ele representa.

Alguns segundos passaram, e Jace, olhando para baixo, viu que estava com as mãos fechadas tão fortemente que as juntas destacavam-se, brancas e duras como os ossos de um esqueleto de peixe.

— Não posso dizer isso.

Maryse respirou fundo.

— Por que não?

— Por que você não pode dizer que confia em mim? Vivi com você por quase metade da minha vida. Certamente você deve me conhecer um pouco.

— Você parece tão sincero, Jonathan. Sempre pareceu, mesmo quando era pequeno e tentava culpar Isabelle ou Alec por alguma coisa errada que tinha feito. Só conheci uma pessoa que podia parecer tão persuasiva quanto você.

Jace sentiu um gosto metálico na boca.

— Você está falando do meu pai.

— Sempre existiram apenas dois tipos de pessoa no mundo para o Valentim. Aqueles a favor do Ciclo, e os que eram contra. Os últimos eram inimigos, e os primeiros eram armas em seu arsenal. Eu o vi tentando transformar cada um dos amigos, até a própria mulher, em uma arma para a Causa, e você quer que eu acredite que ele não teria feito o mesmo com o próprio filho? — Ela balançou a cabeça. — Eu o conhecia muito bem. — Pela primeira vez Maryse olhou para ele com mais tristeza do que raiva. — Você é uma flecha atirada diretamente no coração da Clave, Jace. Você é a flecha do Valentim. Sabendo disso ou não.

Clary fechou a porta do quarto, deixando a televisão ligada, e foi procurar por Simon. Encontrou-o na cozinha, curvado sobre a pia, a água correndo. Ele estava com as mãos cruzadas na placa de drenagem.

— Simon? — A cozinha era clara, de um amarelo alegre, as paredes decoradas com desenhos de giz de cera e lápis emoldurados que Simon e Rebecca tinham feito na escola. Rebecca tinha talento para o desenho, dava para perceber, mas os de Simon, que deveriam retratar pessoas, pareciam parquímetros com tufos de cabelo.

Ele não levantou o olhar, apesar de ela saber, pelo enrijecimento dos músculos dos ombros, que ele a tinha escutado entrar. Clary foi até a pia e pousou uma das mãos sobre as costas dele. Sentia as protuberâncias da espinha dorsal através da camiseta fina de algodão e ficou imaginando se ele tinha emagrecido. Não dava para perceber apenas observando-o, mas olhar para Simon era como olhar para um espelho — quando você vê alguém todos os dias, nem sempre percebe as pequenas diferenças na aparência.

— Você está bem?

Ele fechou a torneira com um movimento brusco.

— Claro. Estou bem.

Ela pôs um dedo na lateral do queixo dele e virou seu rosto em direção ao dela. Ele estava suando, os cabelos escuros na testa grudados na pele, apesar de o ar que entrava pela janela entreaberta da cozinha estar fresco.

— Você não parece bem. Foi o filme?

Ele não respondeu.

— Desculpe, eu não deveria ter rido, é que...

— Você não se lembra? — A voz dele parecia rouca.

— Eu... — Clary se interrompeu. Aquela noite, olhando para trás, parecia um grande borrão de corrida, sangue e suor, de sombras projetadas em entradas, de queda no espaço. Ela se lembrava dos rostos brancos dos vampiros, como disjuntores de papel contra a escuridão, e se lembrava de Jace segurando-a, gritando em seu ouvido. — Na verdade, não. É tudo um borrão.

Seu olhar atravessou-a, para, em seguida, ficar focado novamente.

— Eu pareço diferente para você? — perguntou.

Ela levantou os olhos até encontrar os dele. Eram cor de café — um marrom rico sem qualquer nuance de cinza ou avelã. Se ele parecia diferente? Talvez houvesse um toque extra de confiança na maneira como se comportava desde que tinha matado Abbadon, o Demônio Maior; mas havia também uma introspecção nele, como se estivesse observando ou esperando alguma coisa. Era algo que ela também notara em Jace. Talvez fosse a consciência da mortalidade.

— Você continua sendo Simon.

Ele fechou um pouco os olhos como se estivesse aliviado, e quando seus cílios baixaram, ela reparou no quão angulosas as maçãs do rosto dele estavam. Ele tinha emagrecido, pensou, e estava prestes a dizer isso quando ele se inclinou e a beijou.

Ela ficou tão surpresa ao sentir a boca dele na sua que ficou completamente rígida, tentando agarrar a borda da pia para se sustentar. Contudo, não o afastou, e, tomando isso como um sinal claro de encorajamento, Simon pôs a mão atrás da cabeça de Clary e aprofundou o beijo, abrindo sua boca com a dele. A boca de Simon era suave, mais suave do que tinha sido a de Jace, e a mão que apoiava sua nuca era calorosa e meiga. E ele tinha gosto de sal.

Ela se permitiu fechar os olhos e por um instante flutuou tonta pela escuridão do calor, sentindo os dedos de Simon se movimentarem por seu cabelo. Quando o toque do telefone interrompeu o torpor, ela deu um pulo para trás, como se ele a tivesse empurrado, apesar de não ter se movido. Eles se olharam por um instante, confusos, como duas pessoas que se vissem repentinamente transportadas para uma estranha paisagem onde nada era familiar.

Simon desviou o olhar primeiro, esticando-se para alcançar o telefone na parede atrás da estante de condimentos.

— Alô? — Ele parecia normal, mas o peito subia e descia rapidamente. Entregou o fone a

Clary.

Clary o pegou. Ela ainda sentia o coração batendo na garganta, como as asas de um inseto preso sob sua pele. É Luke, ligando do hospital. Aconteceu alguma coisa com a minha mãe.

Ela engoliu em seco.

— Luke? É você?

— Não. É Isabelle.

— Isabelle? — Clary levantou o olhar e viu Simon observando-a, apoiado na pia. O rubor nas bochechas dele havia diminuído. — Por que você está... Quero dizer, o que foi?

Havia um nó na voz da menina, como se ela estivesse chorando.

— Jace está aí?

Clary esticou o braço que segurava o telefone para poder olhar para ele antes de trazê-lo de volta ao ouvido.

— Jace? Não. Por que ele estaria aqui?

O suspiro de Isabelle em resposta ecoou pela linha telefônica como um engasgo.

— É que... ele sumiu.

3

Caçador De Sombras

Ao chegarem ao Java Jones, Eric já estava no palco, movimentando-se para a frente e para trás diante do microfone com os olhos fechados. Ele havia pintado as pontas do cabelo de cor-de-rosa especialmente para a ocasião. Atrás dele, Matt, parecendo completamente chapado, batucava em um tambor.

— Isso vai ser pior que péssimo — previu Clary. Ela agarrou Simon pela manga e o puxou em direção à entrada. — Se corrermos agora, conseguiremos escapar.

Ele balançou a cabeça determinado.

— Eu não sou nada se não for um homem de palavra. — Ele deu de ombros. — Eu pego o café se você arrumar um lugar para sentarmos. O que você quer?

— Só café. Preto, como a minha alma.

Simon saiu em direção ao bar, resmungando para si mesmo que o que ele fazia agora era algo muito, muito melhor do que qualquer outra coisa que jamais houvesse feito antes. Clary foi procurar um lugar para sentar.

A cafeteria estava cheia para uma segunda-feira; a maioria dos sofás e poltronas surradas estava ocupada por adolescentes que aproveitavam uma noite de dia útil livre. O cheiro de café e cigarros de cravo-da-índia era insuportável. Finalmente, Clary encontrou um pequeno sofá desocupado em um canto escuro perto da saída. A única pessoa nos arredores era uma menina loura com uma camiseta laranja, absorvida pelo próprio iPod. Ótimo, pensou Clary. Eric não vai conseguir nos encontrar aqui atrás no final da apresentação para perguntar como estava a poesia.

A menina loura se inclinou na cadeira e cutucou o ombro de Clary.

— Com licença. — Clary olhou para cima, surpresa. — Aquele ali é seu namorado? — perguntou ela.

Clary seguiu o olhar da menina, pronta para dizer Não, não o conheço, quando percebeu que ela estava falando de Simon. Ele estava vindo na direção delas, com o rosto concentrado enquanto tentava não derramar uma gota sequer dos dois copos cheios de espuma.

— Ah, não — disse Clary. — Ele é meu amigo.

A menina sorriu.

— Ele é uma graça. Ele tem namorada?

Clary hesitou por um segundo longo demais antes de responder.

— Não.

A menina pareceu desconfiada.

— Ele é gay?

Clary se viu poupada de ter de responder a isso, pois Simon estava perto demais. A menina voltou apressadamente ao encosto da cadeira enquanto ele colocava os copos sobre a mesa e se jogava ao lado de Clary.

— Eu odeio quando acabam as canecas. Esses copos ficam quentes demais. — Ele soprou os dedos e franziu o rosto. Clary tentou conter um sorriso enquanto o observava. Normalmente ela nunca pensava se Simon era bonito ou não. Ele tinha um belo par de olhos escuros, concluiu, e se desenvolvera muito bem no último ano. Com o corte de cabelo certo...

— Você está me encarando — disse Simon. — Por que está me encarando? Tem alguma coisa errada com o meu rosto?

Eu deveria contar para ele, ela pensou, mas uma parte dela estava estranhamente relutante. Seria uma péssima amiga se não contasse.

— Não olhe agora, mas aquela garota loura ali achou você bonitinho — sussurrou Clary.

Os olhos de Simon se voltaram para o lado para encarar a menina, que estava imersa em um mangá.

— A garota de blusa laranja? — Clary assentiu. Simon pareceu incrédulo. — Por que você acha isso?

Conte a ele. Vamos, conte a ele. Clary abriu a boca para responder, e foi interrompida por um ruído de retorno. Ela franziu o rosto enquanto Eric, no palco, brigava com o microfone.

— Desculpe aí, pessoal! — gritou ele. — Certo. Eu sou Eric, e esse é o meu amigo Matt na percussão. Meu primeiro poema se chama "Sem título". — Ele fez uma careta, como se estivesse com dor e gemeu no microfone.

— Vieste, meu falso fanático, meus lombos nefastos! Cubra cada protuberância com árido zelo!

Simon escorregou na própria cadeira.

— Por favor, não conte a ninguém que o conheço.

Clary sorriu.

— Quem usa a palavra "lombos"?

— Eric — disse Simon impiedosamente. — Todos os poemas dele incluem lombos.

— Meu tormento é túrgido! — gemeu Eric. — A agonia infla dentro de mim!

— Pode apostar que sim — disse Clary. Ela escorregou na cadeira ao lado de Simon. — Mas, então, sobre a garota que achou você bonitinho...

— Deixe isso pra lá um pouco — disse Simon. Clary piscou os olhos em sinal de surpresa. — Tem um assunto que eu queria conversar com você.

— Verruga Furiosa não é um bom nome para a banda — Clary disse imediatamente.

— Não é isso — disse Simon. — É sobre aquilo que estávamos conversando antes. Sobre eu não ter uma namorada.

— Ah. — Clary deu de ombros. — Bem, eu não sei. Você poderia convidar a Jaida Jones para sair — sugeriu ela, indicando uma das poucas garotas de St. Xavier de quem ela de fato gostava. — Ela é legal, e gosta de você.

— Não quero convidá-la para sair.

— Por que não? — Clary se viu repentinamente incomodada com alguma coisa que não sabia identificar. — Você não gosta de garotas inteligentes? Ainda está procurando um corpão?

— Nada disso — disse Simon, parecendo agitado. — Eu não quero convidá-la para sair porque não seria justo com ela...

Ele parou no meio da frase. Clary se inclinou para a frente. Com o canto do olho, ela pôde perceber que a menina loura também se inclinara, tentando ouvir a conversa deles.

— Por que não?

— Porque eu gosto de outra pessoa — disse Simon.

— Muito bem — disse Clary. Simon estava meio verde, como se fosse desmaiar, do jeito que tinha acontecido uma vez, quando ele quebrou o tornozelo jogando futebol no parque e teve de voltar mancando para casa. Ela imaginou como gostar de alguém poderia fazer com que ele ficasse naquele estado de ansiedade. — Você não é gay, é?

O tom verde de Simon se intensificou.

— Se eu fosse, me vestiria melhor.

— Então, quem é? — perguntou Clary. Ela estava prestes a acrescentar que, se ele estivesse apaixonado por Scheila Barbarino, Eric quebraria a cara dele, quando ouviu alguém tossindo alto atrás dela. Era uma espécie de tosse contida, o tipo de barulho que alguém faria se não quisesse soltar uma gargalhada sonora.

Ela virou-se de costas.

Sentado em um sofá verde desbotado, a alguns metros de distância, estava Jace. Ele vestia as mesmas roupas escuras que havia usado na noite anterior na boate. Os braços estavam nus e cobertos por linhas brancas como velhas cicatrizes. Os pulsos traziam algemas de metal; ela podia ver o cabo de osso de uma faca saliente no lado esquerdo. Ele estava olhando diretamente para ela, um sorriso torto se formando no rosto. Pior do que a sensação de saber que estava rindo dela, era a absoluta convicção de Clary de que ele não estava ali há cinco minutos.

— O que foi? — Simon seguiu a direção do olhar de Clary, mas a expressão vazia em seu rosto indicava que ele não estava vendo Jace.

Mas eu estou. Ela encarou Jace enquanto pensava, e ele levantou a mão esquerda para acenar para ela. Um anel brilhou em seu dedo fino. Ele se levantou e começou a andar, sem a menor pressa, em direção à porta. Os lábios de Clary se partiram em surpresa. Ele estava indo embora, simplesmente isso.

Ela sentiu a mão de Simon em seu braço. Ele dizia seu nome, e perguntava se alguma coisa

estava errada. Mas ela mal conseguia ouvi-lo.

— Já volto — ela se pegou dizendo, enquanto se levantava do sofá, quase se esquecendo de colocar o copo de café na mesa. Correu em direção à porta, e deixou Simon olhando para ela.

Clary atravessou as portas, apavorada com a possibilidade de que Jace tivesse evaporado nas sombras do beco como um fantasma. Mas ele estava lá, apoiado na parede. Acabara de tirar um objeto do bolso e estava apertando alguns botões. Ele olhou surpreso quando as portas da cafeteria se fecharam atrás dela.

No crepúsculo que caía rapidamente, o cabelo dele parecia dourado.

— A poesia do seu amigo é péssima — disse ele.

Clary piscou os olhos, momentaneamente sendo pega desprevenida.

— O quê?

— Eu disse que a poesia dele é péssima. Parece que ele engoliu um dicionário e saiu vomitando palavras a esmo.

— Não me importo com a poesia de Eric. — Clary estava furiosa. — Eu quero saber por que você está me seguindo.

— Quem disse que eu estava seguindo você?

— Boa tentativa. E você estava ouvindo a nossa conversa também. Você quer me dizer a razão, ou eu devo chamar a polícia?

— E dizer o que a eles? — disse Jace de forma arrasadora. — Que pessoas invisíveis estão te incomodando? Acredite em mim, garotinha, a polícia não vai prender alguém que não consegue enxergar.

— Eu já disse que meu nome não é garotinha — disse entredentes. — É Clary.

— Eu sei — disse ele. — É um nome bonito. Como uma erva. Sabe o que é Clary Sage? É um tipo de sálvia e antigamente as pessoas acreditavam que comer a semente faria com que enxergassem Fair Folk. Você sabia disso?

— Não faço ideia do que você está falando.

— Você não sabe quase nada, não é mesmo? — disse. Ele tinha uma expressão de descaso nos olhos dourados. — Você parece uma mundana como todos os outros, mas consegue me ver. É incompreensível.

— O que é um mundano?

— Alguém do mundo dos humanos. Alguém como você.

— Mas você é humano — disse Clary.

— Sou — disse ele. — Mas não sou como você. — Não havia qualquer tom de defesa em sua voz. Ele falava como se não se importasse se ela acreditava nele ou não.

— Você se acha melhor. É por isso que estava rindo da gente.

— Estava rindo porque declarações de amor me entretêm, sobretudo quando não há recíproca — disse ele. — E porque o seu Simon é um dos mundanos mais mundanos que já encontrei. E porque Hodge achou que você pudesse ser perigosa, mas, se for, certamente não sabe.

— Eu sou perigosa? — Clary rebateu completamente perplexa. — Eu vi você matar uma pessoa ontem à noite. Eu vi quando o esfaqueou completamente, e... — e eu vi quando ele o arranhou com dedos que pareciam lâminas. Eu vi que você estava cortado e sangrando, e agora é como se nada tivesse tocado em você.

— Eu posso até ser um assassino — disse Jace. — Mas eu sei o que sou. Você pode dizer o mesmo a seu respeito?

— Sou um ser humano comum, como você disse. Quem é Hodge?

— Meu tutor. E eu não me precipitaria tanto em me autointitular comum se fosse você. — Ele se inclinou para a frente. — Deixe-me ver sua mão direita.

— Minha mão direita? — retrucou Clary. Ele assentiu. — Se eu mostrar a mão, você me deixa em paz?

— Certamente. — Seu tom de voz era quase debochado.

Ela esticou a mão direita sem a menor vontade. Parecia pálida sob a meia luz que vazava das janelas, as juntas tinham sardas bem claras. De alguma forma, ela se sentiu tão exposta quanto se tivesse tirado a blusa e mostrado os seios. Ele pegou a mão dela, virou para um lado e para o outro.

— Nada. — Ele quase parecia desapontado. — Você não é canhota, é?

— Não. Por quê?

Ele soltou a mão e deu de ombros.

— A maioria das crianças Caçadoras de Sombras são marcadas na mão direita, ou esquerda, se forem canhotas, como eu, quando ainda são jovens. É uma marca permanente que traz uma habilidade extra com as armas. — Ele mostrou para ela as costas da própria mão esquerda; parecia perfeitamente normal para ela.

— Não estou vendo nada — disse ela.

— Deixe a mente relaxar — sugeriu ele. — Espere vir até você. Como se estivesse esperando por alguém emergir da água.

— Você é louco. — Mas ela relaxou, encarando a mão dele, vendo pequenas linhas nas juntas, as longas juntas dos dedos...

Saltou em direção a ela repentinamente, brilhando como um sinal vermelho. Um desenho preto nas costas da mão. Ela piscou os olhos e a marca sumiu.

— Uma tatuagem?

Ele sorriu convencido e abaixou a mão.

— Achei mesmo que você conseguiria. E não é uma tatuagem: é uma Marca. São símbolos queimados dentro da nossa pele.

— E fazem com que você maneje armas melhor? — Clary achava difícil acreditar nisso, mas talvez não mais difícil do que acreditar na existência de zumbis.

— Marcas diferentes fazem coisas diferentes. Algumas são permanentes, mas a maioria desaparece depois de usada.

— É por isso que os seus braços não estão desenhados hoje? — perguntou ela. — Mesmo quando eu me concentro?

— É exatamente por isso. — Ele parecia satisfeito consigo mesmo. — Eu sabia que você, no mínimo, tinha Visão. — Ele olhou para cima, em direção ao céu. — Está quase completamente escuro. É melhor irmos.

— Nós? Eu achei que você fosse me deixar em paz.

— Eu menti — disse Jace sem o menor embaraço. — Hodge disse que eu devo levá-la comigo ao Instituto. Ele quer falar com você.

— Por que ele quereria falar comigo?

— Porque você já sabe a verdade — disse Jace. — Há pelo menos cem anos não existe um único mundano que saiba sobre nós.

— Sobre nós? — ela ecoou. — Você quer dizer pessoas como você. Pessoas que acreditam em demônios.

— Pessoas que matam demônios — disse Jace. — Somos chamados de Caçadores de Sombras. Pelo menos é assim que nos autointitulamos. Os do mundo de baixo têm nomes menos apresentáveis para nós.

— Os do mundo de baixo?

— As Crianças Noturnas. Feiticeiros. Os condenados. O núcleo mágico dessa dimensão.

Clary sacudiu a cabeça.

— Não pare por aí. Suponho que também existam vampiros, lobisomens e zumbis...

— É claro que existem — informou Jace. — Mas você encontra mais zumbis no sul, onde ficam os padres voudun.

— E as múmias? Elas ficam só pelo Egito?

— Não seja ridícula. Ninguém acredita em múmias.

— Não?

— Claro que não — disse Jace. — Olhe, Hodge vai explicar tudo para você quando encontrá-lo.

Clary cruzou os braços.

— E se eu não quiser vê-lo?

— Isso é problema seu. Você pode vir por vontade própria ou não.

Clary não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Você está ameaçando me sequestrar?

— Se você quiser encarar dessa maneira — disse Jace —, estou.

Clary abriu a boca para protestar furiosamente, mas foi interrompida pelo ruído estridente de um zumbido. O telefone estava tocando outra vez.

— Vá em frente e atenda se quiser — disse Jace, generosamente.

O telefone parou de tocar, depois recomeçou, alto e insistente. Clary franziu o rosto — a mãe dela devia estar desesperada. Ela se virou de costas para Jace e começou a procurar o telefone dentro da bolsa. Até desenterrá-lo, já estava na terceira sucessão de toques. Ela o colocou no ouvido.

— Mãe?

— Ah, Clary. Ah, graças a Deus. — Uma pontada aguda de alarme atravessou a espinha de Clary. Jocelyn parecia desesperada. — Ouça...

— Está tudo bem, mãe. Eu estou bem. Estou indo para casa...

— Não! — A voz dela estava gélida de terror. — Não venha para casa! Você está entendendo, Clary? Não ouse voltar para casa. Vá para a casa de Simon. Vá direto para a casa dele e fique lá até que eu possa... — Um barulho no fundo a interrompeu: o som de alguma coisa caindo, quebrando em pedacinhos, alguma coisa pesada atingindo o chão...

— Mãe! — Clary gritou ao telefone. — Mãe, você está bem?

Um ruído alto veio do telefone. A voz da mãe de Clary atravessou a barulheira.

— Apenas prometa que você não vai voltar para casa. Vá para a casa de Simon, e telefone para Luke: diga que ele me encontrou... — Suas palavras foram sufocadas por uma batida forte, como madeira quebrando em pedacinhos.

— Quem encontrou você? Mãe, você chamou a polícia? Você...

A pergunta frenética foi interrompida por um barulho que Clary jamais esqueceria — um ruído pesado, arrastado, seguido por uma batida. Clary ouviu a mãe respirar fundo antes de falar, com a voz surpreendentemente calma:

— Eu te amo, Clary.

O telefone ficou mudo.

— Mãe! — Clary gritou ao telefone. — Mãe, você está aí? — Chamada encerrada, dizia a tela. Mas por que ela teria desligado daquele jeito?

— Clary — disse Jace. Foi a primeira vez que ela o ouviu chamá-la pelo nome. — O que está acontecendo?

Clary o ignorou. Fervorosamente, apertou o botão que ligava para o número de casa. Não houve resposta, apenas o barulho duplo que indicava que o número estava ocupado.

As mãos de Clary começaram a tremer descontroladamente. Quando ela tentou rediscar, o telefone escorregou de sua mão trêmula e bateu forte no chão. Ela se jogou de joelhos no chão para recuperá-lo, mas estava inutilizado, com uma longa rachadura visível na frente.

— Droga! — Quase em lágrimas, ela jogou o telefone no chão.

— Pare com isso — Jace puxou-a, colocando-a de pé, agarrando-a pelo pulso. — Aconteceu alguma coisa?

— Me dê seu telefone — disse Clary, agarrando o metal preto alongado no bolso da camisa de Jace. — Eu preciso...

— Não é um telefone — disse Jace sem fazer qualquer movimento para pegá-lo de volta. — É um sensor. Você não vai conseguir usar.

— Mas eu preciso ligar para a polícia!

— Primeiro me conte o que aconteceu. — Ela tentou soltar o pulso, mas o punho de Jace era incrivelmente forte. — Eu posso ajudar.

Clary foi inundada por um sentimento de fúria, uma onda calorosa circulando suas veias. Sem sequer pensar a respeito, ela atacou o rosto dele, arranhando as bochechas de Jace com as unhas. Ele deu um salto para trás, surpreso com a situação. Libertando-se, Clary correu em direção às luzes da Seventh Avenue.

Quando alcançou a rua, ela girou, esperando ver Jace logo atrás. Mas o beco estava vazio. Por um instante, olhou incerta para as sombras. Nada nelas se mexia. Olhou para a frente e correu para casa.

3

Anjos malvados

— Cara, pensei que você tivesse esquecido que mora aqui — disse Jordan, assim que Simon entrou na sala do apartamentinho dos dois, as chaves ainda tilintando em sua mão.

Jordan normalmente podia ser encontrado esparramado no futon, com as pernas longas penduradas na lateral e o controle do Xbox na mão. Hoje, ele estava no futon, porém sentado, os ombros largos encolhidos para dentro, as mãos nos bolsos da calça jeans, e o controle não estava à vista. Pareceu aliviado em ver Simon, que logo entendeu por quê.

Jordan não estava sozinho no apartamento. Sentada diante dele, em uma velha poltrona de veludo laranja — nenhum dos móveis de Jordan combinava —, estava Maia, os cabelos encaracolados presos em duas tranças. Na última vez em que Simon a viu, ela estava superproduzida para uma festa. Agora, vestia o uniforme de sempre: jeans esfarrapados, uma camisa de manga comprida e uma jaqueta de couro marrom. Parecia tão desconfortável quanto Jordan, a coluna ereta e o olhar fixo na janela. Ao ver Simon, levantou-se agradecida e o abraçou.

— Oi — disse ela. — Só passei aqui para ver como você estava.

— Estou bem. Digo, tão bem quanto poderia, com tudo que vem acontecendo.

— Não estou falando em relação a Jace — explicou. — Estou falando de você. Como está encarando tudo?

— Eu? — Simon se espantou. — Estou bem. Preocupado com Isabelle e Clary. Você sabe que ela estava sendo investigada pela Clave...

— Ouvi dizer que foi liberada. Isso é bom. — Maia o soltou. — Mas estava pensando em você. E no que aconteceu com sua mãe.

— Como soube disso? — Simon lançou um olhar a Jordan, que balançou a cabeça, quase imperceptivelmente. Não tinha contado a ela.

Maia puxou uma trança.

— Encontrei Eric, imagine só. Ele me contou sobre o que aconteceu, e que você tinha se afastado dos shows da Millenium Lint por duas semanas.

— Na verdade, trocaram o nome — informou Jordan. — Agora se chamam Midnight Burrito.

Maia lançou um olhar irritado a Jordan, que deslizou um pouco para baixo no futon. Simon ficou imaginando sobre o que estavam conversando antes de sua chegada.

— Falou com mais alguém de sua família? — perguntou Maia, a voz suave. Os olhos cor de âmbar estavam carregados de preocupação.

Simon sabia que era grosseiro, mas alguma coisa em ser olhado daquela forma o desagradava.

Era como se a preocupação de Maia tornasse o problema real, quando de outra forma ele podia fingir que nada estava acontecendo.

— Falei — disse. — Está tudo bem com a minha família.

— Sério? Porque você deixou seu telefone aqui. — Jordan o pegou de cima da mesa. — E sua irmã está ligando de cinco em cinco minutos, o dia inteiro. Ontem também.

Uma sensação fria se espalhou pelo estômago de Simon. Ele pegou o telefone de Jordan e olhou para a tela. Dezessete chamadas perdidas de Rebecca.

— Droga — falou. — Estava torcendo para poder evitar isso.

— Bem, ela é sua irmã — observou Maia. — Ia ligar alguma hora.

— Eu sei, mas tenho tentado evitar... tenho deixado recados quando sei que ela não vai atender, esse tipo de coisa. Só... acho que estava evitando o inevitável.

— E agora?

Simon repousou o telefone no parapeito.

— Continuo evitando?

— Não faça isso. — Jordan tirou as mãos dos bolsos. — Deveria falar com ela.

— E dizer o quê? — A pergunta soou mais ríspida do que o pretendido.

— Sua mãe deve ter dito alguma coisa — concluiu Jordan. — Ela deve estar preocupada.

Simon balançou a cabeça.

— Ela vai para casa para o jantar de Ação de Graças em algumas semanas. Não quero que ela entre na onda da minha mãe.

— Ela já está na onda. Ela é sua família — disse Maia. — Além do mais, isso... o que está acontecendo com sua mãe, tudo... isso é sua vida agora.

— Então, acho que prefiro deixá-la de fora.

Simon sabia que não estava sendo razoável, mas não conseguia evitar. Rebecca era... especial. Diferente. De uma parte da sua vida que tinha permanecido intocada por toda essa loucura. Talvez a única parte.

Maia jogou as mãos para o alto e virou-se para Jordan.

— Diga alguma coisa para ele. Você é o guardião Praetoriano dele.

— Ah, qual é — disse Simon, antes que Jordan pudesse abrir a boca. — Algum de vocês mantém contato com os pais? Com as famílias?

Trocaram rápidos olhares.

— Não — respondeu Jordan, lentamente —, mas nenhum de nós tinha um bom relacionamento com a família antes...

— Discussão encerrada — declarou Simon. — Somos todos órfãos. Órfãos da tempestade.

— Não pode simplesmente ignorar sua irmã — insistiu Maia.

— Espere só para ver.

— E quando Rebecca voltar e ver que a casa parece o cenário de O Exorcista? E que sua mãe não sabe dizer onde você está? — Jordan se inclinou para a frente, com as mãos nos joelhos. — Sua irmã vai chamar a polícia, e sua mãe vai acabar internada.

— Acho que não estou pronto para ouvir a voz dela — revelou Simon, mas sabia que tinha acabado de perder a discussão. — Preciso sair outra vez, mas prometo que vou mandar uma mensagem para ela.

— Bem — disse Jordan. Estava olhando para Maia, não para Simon, ao falar, como se torcesse para que ela tivesse notado o progresso com Simon e ficasse satisfeita. Simon ficou imaginando se eles tinham se visto nas duas semanas em que esteve ausente. Chutaria que não, a julgar pela postura desconfortável de ambos quando ele entrou, mas com esses dois era difícil ter certeza. — É um começo.

O elevador dourado e barulhento parou no terceiro andar do Instituto; Clary respirou fundo e saiu para o corredor. O local estava, conforme Alec e Isabelle prometeram, deserto e quieto. O trânsito do lado de fora, na York Avenue, era um murmúrio suave. Ela imaginou que podia escutar o ruído de grãos de poeira se esbarrando ao dançarem à luz. Na parede ficavam os cabides onde os residentes do Instituto penduravam os casacos ao entrarem. Uma das jaquetas pretas de Jace ainda estava pendurada em um gancho, as mangas vazias e fantasmagóricas.

Com um tremor, ela partiu pelo corredor. Lembrava-se da primeira vez em que Jace a levara por estes corredores, a voz leve e descuidada contando sobre os Caçadores de Sombras, sobre Idris, sobre todo o mundo secreto que ela nunca soubera que existia. Ela o observou enquanto falava — discretamente, acreditara, mas agora sabia que Jace tinha notado tudo —, percebendo a luz refletindo nos cabelos claros, os rápidos movimentos das mãos graciosas, os músculos flexionando nos braços enquanto ele gesticulava.

Chegou à biblioteca sem encontrar nenhum Caçador de Sombras e abriu a porta. A sala ainda a fazia tremer como na primeira vez. Circular, pois era construída em uma torre, a biblioteca tinha uma galeria no segundo andar, com grades, que corria pela altura média das paredes, logo acima das fileiras de prateleiras. A mesa que Clary ainda enxergava como sendo de Hodge ficava no centro da sala, esculpida em uma peça única de carvalho, a ampla superfície apoiada sobre dois anjos ajoelhados. Clary quase esperava que Hodge se levantasse de trás dela, com seu corvo de olhos ávidos, Hugo, empoleirado no ombro.

Afastando a lembrança, foi rapidamente até a escadaria circular no canto do recinto. Estava vestindo calça jeans e tênis de sola de borracha, e tinha um símbolo de silêncio desenhado no tornozelo; o silêncio era quase sombrio enquanto ela subia os degraus para a galeria. Havia livros aqui também, mas ficavam encerrados em caixas de vidro. Alguns pareciam muito velhos, tinham as capas desbotadas, as encadernações reduzidas a algumas cordas. Outros claramente eram livros de magia negra ou perigosa — Cultos indizíveis, Varíola demoníaca, Um guia prático

para reerguer os mortos.

Entre as prateleiras de livros trancadas, havia caixas de vidro para exibição. Cada uma continha algo de artesanato raro e lindo; uma garrafa de vidro cuja rolha era uma esmeralda enorme; uma coroa com um diamante no centro, que não parecia capaz de caber em nenhuma cabeça humana; um pingente em forma de anjo cujas asas eram engrenagens mecânicas; e na última caixa, conforme Isabelle havia prometido, um par de anéis dourados brilhantes em forma de folhas curvas, o trabalho das fadas delicado como o suspiro de um bebê.

A caixa estava trancada, é claro, mas o símbolo de Abertura — Clary mordeu o lábio enquanto desenhava, preocupada em não fazê-lo excessivamente poderoso e acabar explodindo o vidro e atraindo as pessoas — destravou a fechadura. Cuidadosamente, abriu a caixa. Somente após guardar novamente a estela no bolso hesitou.

Essa era realmente ela? Roubando da Clave para pagar a Rainha do Povo das Fadas, cujas promessas, conforme Jace já lhe dissera, eram como escorpiões, com um ferrão na cauda?

Balançou a cabeça para se livrar das dúvidas — e congelou. A porta da biblioteca estava se abrindo. Ouviu a madeira rangendo, as vozes abafadas, os passos. Sem pensar, se jogou no chão, esticando-se contra o piso de madeira da galeria.

— Você tinha razão, Jace. — Veio a voz, friamente entretida e terrivelmente familiar. — O lugar está deserto.

O gelo nas veias de Clary pareceu cristalizar, congelando-a no lugar. Não conseguia se mover, não conseguia respirar. Não sentia um choque tão intenso desde que viu o pai enterrar uma espada no peito de Jace. Muito lentamente, esticou-se para a beira da galeria e olhou para baixo.

E mordeu o lábio violentamente para não gritar.

O teto acima se erguia até determinado ponto e se abria em uma claraboia de vidro. Luz do sol se filtrava pela abertura, iluminando parte do chão como se um holofote contra um palco. Ela pôde ver que as lascas de vidro, mármore e pedras semipreciosas incrustadas no piso formavam um desenho — o Anjo Raziel, o cálice e a espada. Em pé sobre uma das asas abertas do Anjo, encontrava-se Jonathan Christopher Morgenstern.

Sebastian.

Então era assim a aparência do seu irmão. De verdade, vivo, ativo e animado. Rosto pálido, todo ângulos e planos, alto e magro, com roupa preta de combate. Seus cabelos eram branco-prateados, e não escuros como quando o conheceu, pintados de preto para combinar com a cor do verdadeiro Sebastian Verlac. O verdadeiro cabelo ficava melhor nele. Na última vez em que o viu, flutuando em um caixão de vidro como a Branca de Neve, uma das mãos era um cotoco enfaixado. Agora, aquela mão estava inteira outra vez, com uma pulseira de prata brilhando no pulso, mas nenhum indício visível de que a mesma já tivesse sido danificada — e mais do que danificada, amputada.

E ali, ao lado dele, com os cabelos dourados brilhando ao sol, Jace. Não Jace como tantas vezes o imaginou nas últimas duas semanas — surrado, ou sangrando, ou sofrendo, ou faminto, trancado em alguma cela escura, gritando de dor ou chamando por ela. Este era Jace como se lembrava, quando se permitia lembrar — ruborizado, saudável, vibrante e lindo. Estava com as mãos nos bolsos, descuidado, as Marcas visíveis através da camiseta branca. Por cima desta, vestia um casaco bege que ela não conhecia e que ressaltava os tons dourados de sua pele. Ele inclinou a cabeça para trás, como se estivesse aproveitando a sensação do sol no rosto.

— Sempre tenho razão, Sebastian — respondeu. — Já deveria saber disso a esta altura.

Sebastian lançou-lhe um olhar contido, em seguida sorriu. Clary encarou. Tinha toda a cara de ser um sorriso sincero. Mas o que ela sabia? Sebastian já tinha sorrido para ela, e aquilo acabou se provando uma grande mentira.

— Então, onde estão os livros sobre invocação? Existe alguma ordem nesse caos?

— Na verdade, não. Não tem nada em ordem alfabética. Segue o sistema especial de Hodge.

— Ele não é aquele que matei? Que inconveniente — comentou Sebastian. — Talvez eu devesse procurar no andar de cima, e você, no de baixo.

Ele foi em direção à escada que levava à galeria. O coração de Clary começou a acelerar de medo. Ela associava Sebastian a assassinato, sangue, dor e pavor. Sabia que Jace o tinha combatido e vencido uma vez, mas quase morreu no processo. Em um combate direto, ela jamais poderia vencer o irmão. Será que conseguia saltar da galeria sem quebrar uma perna? E se conseguisse, o que aconteceria? O que Jace faria?

Sebastian estava com o pé no primeiro degrau quando Jace o chamou:

— Espere. Estão aqui. Arquivados na seção "magia, não letal".

— Não letal? Qual é a graça? — reclamou Sebastian, mas tirou o pé do degrau e foi para perto de Jace. — Esta é uma biblioteca e tanto — falou, lendo os títulos ao passar por eles. — Cuidados e alimentação do seu diabinho de estimação. Demônios revelados. — Pegou este último da prateleira e riu baixo.

— O que foi? — Jace levantou o olhar, curvando a boca para cima. Clary quis tanto correr para baixo e se jogar para ele que mordeu o lábio outra vez. A dor queimou como ácido.

— É pornografia — disse Sebastian. — Veja. Demônios... revelados.

Jace veio atrás dele, apoiando uma das mãos no braço de Sebastian para se apoiar enquanto lia por cima do ombro dele. Foi como ver Jace com Alec, alguém com quem ele se sentia tão confortável que tocava sem pensar — mas de um jeito horrível, errado, inverso.

— Tá, como é que você sabe?

Sebastian fechou o livro e bateu levemente no ombro de Jace com o volume.

— Algumas coisas conheço melhor do que você. Pegou os livros?

— Peguei. — Jace levantou uma pilha de tomos pesados de uma mesa. — Temos tempo de

passar no meu quarto? Se eu pudesse pegar algumas coisas...

— O que você quer?

Jace deu de ombros.

— Roupas, basicamente. Algumas armas.

Sebastian balançou a cabeça.

— Perigoso demais. Precisamos entrar e sair depressa. Apenas itens emergenciais.

— Meu casaco preferido é um item emergencial — disse Jace. O tom era tão parecido com o que ele usava com Alec, com qualquer outro amigo. — Assim como eu, é ao mesmo tempo aconchegante e estiloso.

— Olhe, temos todo o dinheiro que poderíamos querer — disse Sebastian. — Compre roupas novas. E em algumas semanas você estará no comando deste lugar. Pode hastear seu casaco no mastro da bandeira como uma flâmula.

Jace riu, aquele som rico e suave que Clary amava.

— Estou avisando, aquele casaco é sexy. O Instituto pode pegar fogo, um fogo sexy, muito sexy.

— Seria bom para o lugar. Está sombrio demais no momento. — Sebastian agarrou a parte de trás do casaco que Jace vestia e o puxou de lado. — Agora vamos. Segure os livros. — Ele olhou para a mão direita, onde um estreito anel prateado brilhava; com a mão que não estava segurando Jace, usou o polegar para girar o anel.

— Ei — disse Jace. — Acha que... — Ele se interrompeu, e por um instante Clary achou que foi porque a tinha visto; ele inclinara a cabeça para cima, mas enquanto ela respirava fundo, os dois desapareceram, desbotando como miragens no ar.

Lentamente, Clary abaixou a cabeça sobre o braço. O lábio sangrava onde tinha mordido; dava para sentir o gosto na boca. Sabia que deveria levantar, se mexer, fugir. Não deveria estar ali. Mas o gelo nas veias havia piorado tanto que ficou apavorada com a possibilidade de que, se tentasse se mexer, poderia se quebrar.

Alec acordou com Magnus sacudindo-o pelo ombro.

— Vamos, docinho — falou. — Hora de levantar e enfrentar o dia.

Alec, grogue, deixou o ninho de travesseiros e cobertores, então piscou na direção do namorado. Magnus, apesar de ter dormido pouco, parecia irritantemente alegre. Estava com os cabelos molhados, pingando nos ombros da camisa branca, deixando-a transparente. Vestia jeans com buracos e bordas esfarrapadas, o que normalmente significava que planejava passar o dia sem sair do apartamento.

— "Docinho"? — ecoou Alec.

— Estava testando.

Alec balançou a cabeça.

— Não.

Magnus deu de ombros.

— Vou continuar tentando. — Ele estendeu uma caneca azul lascada com café, feito como Alec gostava: preto e com açúcar. — Acorde.

Alec sentou, esfregando os olhos, e pegou a xícara. O primeiro gole amargo enviou uma onda de energia por seus nervos. Lembrava-se de ter ficado deitado acordado na noite anterior esperando por Magnus, mas eventualmente o cansaço levara a melhor e ele caiu no sono por volta de cinco da manhã.

— Não vou à reunião do Conselho hoje.

— Eu sei, mas precisa encontrar sua irmã e os outros no parque perto do Lago das Tartarugas. Você me pediu para lembrá-lo.

Alec colocou as pernas para fora da cama.

— Que horas são?

Magnus pegou a xícara gentilmente da mão dele antes que derramasse o café repousando-a sobre a cabeceira.

— Tranquilo. Você ainda tem uma hora. — Inclinou-se para a frente e pressionou os lábios contra os de Alec; Alec se lembrou da primeira vez em que se beijaram, ali, naquele apartamento, e teve vontade de abraçar o namorado e puxá-lo para perto. Mas algo o conteve.

Levantou, soltando-se, e foi para o escritório. Tinha uma gaveta com suas roupas. Um lugar para a escova de dentes no banheiro. A chave da porta da frente. Ocupava uma boa parte do imóvel do outro e, ainda assim, não conseguia se livrar do medo frio no estômago.

Magnus rolou de costas na cama e observou Alec, a cabeça apoiada em um dos braços.

— Vista o cachecol — disse, apontando para o cachecol azul de cashmere pendurado num gancho. — Combina com os seus olhos.

Alec olhou para a peça. De repente ficou repleto de ódio — do cachecol, de Magnus e, acima de tudo, de si mesmo.

— Não me diga — falou. — O cachecol tem cem anos de idade e foi um presente da Rainha Victoria logo antes de morrer, por serviços especiais prestados à Coroa ou coisa do tipo.

Magnus se sentou.

— O que deu em você?

Alec o encarou.

— A coisa mais nova neste apartamento sou eu?

— Acho que esta honra pertence a Presidente Miau. Ele só tem 2 anos.

— Eu disse mais nova, e não mais jovem — irritou-se Alec . — Quem é W.S.? Will?

Magnus balançou a cabeça como se estivesse com água nos ouvidos.

— Que diabo? Está falando da caixa de rapé? W.S. é Woolsey Scott. Ele...

— Fundou a Praetor Lupus. Eu sei. — Alec vestiu a calça jeans e fechou o zíper. — Você já falou nele antes e, além disso, é uma figura histórica. A caixa de rapé dele está em sua gaveta de bagulhos. O que mais tem lá? O cortador de unhas de Jonathan Caçador de Sombras?

Os olhos felinos de Magnus estavam frios.

— De onde vem isso tudo, Alexander? Não minto para você. Se quiser saber alguma coisa a meu respeito, pode perguntar.

— Papo furado — disse Alec, abruptamente, abotoando a camisa. — Você é gentil, engraçado e tudo o mais, mas se tem uma coisa que você não é, é direto, docinho. Pode passar o dia falando dos problemas alheios, mas não fala de você ou da sua história e, quando pergunto, se contorce como uma minhoca em um anzol.

— Talvez porque você não consiga me perguntar do meu passado sem começar uma briga sobre o fato de que eu vou viver para sempre e você não — disparou Magnus. — Talvez porque a imortalidade esteja rapidamente se tornando a terceira pessoa no nosso relacionamento, Alec.

— Nosso relacionamento não deveria ter uma terceira pessoa.

— Exatamente.

A garganta de Alec apertou. Tinha mil coisas que gostaria de dizer, mas nunca foi bom com palavras, como Jace e Magnus. Em vez disso, retirou o cachecol azul do cabide e o colocou no pescoço.

— Não espere acordado — avisou. — Posso patrulhar hoje.

Enquanto batia a porta do apartamento, ouviu Magnus gritar:

— E esse cachecol, para sua informação, é da Gap! Comprei ano passado!

Alec revirou os olhos e correu escada abaixo até o lobby. A lâmpada que normalmente iluminava o local estava apagada e o recinto tão escuro que, por um instante, ele não viu a figura encapuzada se dirigindo a ele a partir das sombras. Ao vê-la, levou um susto tão grande que derrubou a chave com um ruído tilintado.

A figura deslizou em sua direção. Não conseguiu identificar nada a respeito dela — idade, gênero, sequer a espécie. A voz que veio por baixo do capuz era baixa e quebradiça.

— Tenho um recado para você, Alec Lightwood — disse. — De Camille Belcourt.

— Quer patrulhar comigo hoje à noite? — perguntou Jordan, de forma ligeiramente abrupta.

Maia virou para ele, surpresa. Ele estava de costas para a bancada da cozinha, apoiando os cotovelos na superfície atrás. Havia uma despreocupação em sua postura que parecia estudada demais para ser sincera. Esse era o problema de conhecer alguém tão bem, pensou ela. Era muito

difícil fingir, ou ignorar quando o outro estava fingindo, mesmo quando fosse a alternativa mais fácil.

— Patrulhar com você? — ecoou.

Simon estava no quarto, trocando de roupa; ela tinha dito que iria até o metrô com ele e agora desejava que não tivesse oferecido. Maia sabia que deveria ter procurado Jordan depois da última vez em que o viu, quando, tolamente, o beijou. Mas quando Jace desapareceu e o mundo pareceu estilhaçar, conseguiu a desculpa de que precisava para evitar o assunto.

Claro, não pensar no ex-namorado que havia destruído seu coração e a transformado em licantrope era muito mais fácil quando ele não estava bem na sua frente com uma camiseta verde, que abraçava o corpo esguio e musculoso nos lugares certos e destacava a cor de avelã dos seus olhos.

— Pensei que estivessem cancelando as patrulhas de busca por Jace — respondeu, desviando o olhar.

— Bem, não estão cancelando, apenas reduzindo. Mas sou Praetor, e não Clave. Posso procurar Jace quando quiser.

— Certo — disse ela.

Ele estava brincando com alguma coisa na bancada, ajeitando-a, mas a atenção continuava voltada para Maia.

— Você, sabe... você queria estudar em Stanford. Ainda quer?

O coração dela saltou.

— Não penso em faculdade desde... — limpou a garganta. — Desde que me Transformei.

As bochechas dele enrubesceram.

— Você ia... Quero dizer, sempre quis ir para a Califórnia. Ia estudar História, e eu me mudaria para lá para surfar. Lembra?

Maia enfiou as mãos nos bolsos do casaco de couro. Sentiu que deveria ficar com raiva, mas não ficou. Por muito tempo culpou Jordan pelo fato de ter deixado de sonhar com um futuro humano, com estudos, uma casa e, talvez um dia, uma família. Mas havia outros lobos no bando da delegacia de polícia que ainda corriam atrás dos sonhos, das artes. O Morcego, por exemplo. Foi ela que escolheu parar a vida.

— Lembro — respondeu.

As bochechas de Jordan ruborizaram.

— Sobre hoje à noite. Ninguém procurou no Estaleiro do Brooklyn, então pensei... Nunca é divertido procurar sozinho. Mas se você não quiser...

— Não — disse ela, escutando a própria voz como se fosse de outra pessoa. — Quero dizer, claro, vou com você.

— Sério? — Os olhos amendoados de Jordan se iluminaram e Maia se repreendeu

internamente. Não deveria alimentar esperanças, não quando não sabia ao certo como se sentia. Era difícil acreditar que se importava tanto.

O medalhão da Praetor Lupus brilhou na garganta dele enquanto se inclinava para a frente, e ela sentiu seu cheiro familiar de sabão, e sob este... cheiro de lobo. Dirigiu os olhos para ele, exatamente quando a porta de Simon se abriu e ele surgiu, vestindo um moletom de capuz. Parou onde estava, movendo os olhos de Jordan para Maia, erguendo lentamente as sobrancelhas.

— Sabe, posso ir sozinho para o metrô — falou para Maia, com um leve sorriso se formando no canto da boca. — Se quiser ficar aqui...

— Não. — Maia tirou rapidamente as mãos dos bolsos, onde estavam cerradas em punhos. — Não, vou com você. Jordan, eu... Nos vemos mais tarde.

— Hoje à noite — gritou o garoto, mas Maia não virou para olhar para ele; já estava se apressando atrás de Simon.

Simon foi caminhando sozinho pela colina, ouvindo os gritos das pessoas que jogavam Frisbee no gramado do Central Park atrás dele, como música ao longe. Era um dia claro de novembro, frio e ventoso, o sol iluminava o que restava das folhas nas árvores com tons brilhantes de escarlate, ouro e âmbar.

O topo da colina tinha vários pedregulhos. Dava para ver como o parque tinha sido feito à custa de uma floresta de árvores e pedras. Isabelle estava sentada em uma das rochas, trajando um longo vestido de seda verde-garrafa com um casaco bordado preto e prateado por cima. Levantou os olhos quando Simon se aproximou, tirando os longos cabelos escuros do rosto.

— Achei que estivesse com Clary — disse, quando ele se aproximou. — Cadê ela?

— Saindo do Instituto — respondeu, sentando ao lado de Isabelle e colocando as mãos nos bolsos do casaco. — Mandou mensagem. Vai chegar em breve.

— Alec está a caminho... — começou, se interrompendo quando o bolso dele vibrou. Ou melhor, o telefone no bolso vibrou. — Acho que alguém está mandando mensagem.

Simon deu de ombros.

— Mais tarde eu checo.

Ela o olhou por baixo dos longos cílios.

— Então, como eu ia dizendo, Alec também está vindo. Teve de vir do Brooklyn...

O telefone de Simon vibrou outra vez.

— Muito bem, chega. Se você não vai atender, eu atendo.

Isabelle se inclinou para a frente, contra os protestos de Simon, e enfiou a mão no bolso dele. A parte de cima de sua cabeça tocou o queixo dele. Ele sentiu o perfume de Isabelle, baunilha, e o cheiro da pele dela embaixo. Quando pescou o telefone e recuou, ele ficou ao mesmo tempo aliviado e decepcionado.

Ela cerrou os olhos para a tela.

— Rebecca? Quem é Rebecca?

— Minha irmã.

O corpo de Isabelle relaxou.

— Ela quer encontrá-lo. Diz que vocês não se veem desde...

Simon tirou o telefone dela e o fechou, antes de guardá-lo novamente no bolso.

— Eu sei, eu sei.

— Não quer encontrá-la?

— Mais do que... mais do que quase tudo. Mas não quero que ela saiba. Sobre mim. — Simon pegou um graveto e o arremessou. — Veja o que aconteceu quando minha mãe descobriu.

— Então marque em algum lugar público. Onde ela não possa ter um ataque. Longe da sua casa.

— Mesmo que ela não possa ter um ataque, ainda pode me olhar como minha mãe olhou — explicou Simon, a voz baixa. — Como se eu fosse um monstro.

Isabelle tocou levemente o pulso de Simon.

— Minha mãe rejeitou Jace quando achou que ele fosse o filho de Valentim e um espião, depois se arrependeu horrivelmente. Meus pais estão aceitando o fato de Alec estar com Magnus. Sua mãe vai acabar aceitando também. Coloque sua irmã do seu lado. Isso vai ajudar. — Ela inclinou um pouco a cabeça. — Acho que às vezes os irmãos entendem melhor do que os pais. Não têm o mesmo peso das expectativas. Eu jamais, jamais poderia cortar Alec. Independentemente do que ele fizesse. Nunca. Nem Jace. — Apertou o braço dele, depois abaixou a mão. — Meu irmãozinho morreu. Nunca mais vou vê-lo. Não faça sua irmã passar por isso.

— Pelo quê? — perguntou Alec, aparecendo pela lateral da colina, chutando folhas secas do caminho. Estava com o casaco velho e os jeans de sempre, mas um cachecol azul que combinava com seus olhos completava o conjunto.

Devia ser um presente de Magnus, pensou Simon. Alec jamais teria pensado numa coisa dessas. O conceito de combinação parecia algo alheio a ele.

Isabelle limpou a garganta.

— A irmã de Simon...

Não terminou o assunto. Sentiram uma lufada de ar frio, que fez as folhas mortas girarem. Isabelle levantou a mão para se proteger da poeira quando o ar começou a brilhar com a transparência inconfundível da abertura de um Portal, então Clary apareceu diante deles com a estela na mão e o rosto molhado de lágrimas.

4

E a imortalidade

— E você tem certeza absoluta de que era Jace? — perguntou Isabelle, pelo que parecia a quadragésima sétima vez.

Clary mordeu o lábio já dolorido e contou até dez.

— Sou eu, Isabelle — respondeu. — Você realmente acredita que eu não reconheceria Jace? — Olhou para Alec, que estava parado ao lado delas, o cachecol azul esvoaçando como uma flâmula ao vento. — Você confundiria alguém com Magnus?

— Não. Nunca — respondeu ele, sem pensar. Os olhos azuis estavam perturbados, sombrios de preocupação. — Eu só... Quero dizer, claro que estamos perguntando. Não faz sentido.

— Ele pode ter sido feito refém — disse Simon, inclinando-se sobre um pedregulho. A luz do sol de outono deixava os olhos dele da cor de grãos de café. — Tipo, Sebastian pode estar ameaçando machucar alguém que Jace ama, se ele não seguir os planos dele.

Todos os olhos se voltaram para Clary, mas ela balançou a cabeça, frustrada.

— Vocês não os viram juntos. Ninguém age daquele jeito quando está sendo mantido refém. Ele parecia feliz da vida por estar lá.

— Então está possuído — declarou Alec. — Como aconteceu com Lilith.

— Foi o que pensei no começo. Mas quando ele estava possuído por Lilith, ficou como um robô. Ficava repetindo as mesmas coisas sem parar. Mas esse era Jace. Estava fazendo piadas como normalmente faz. Sorrindo como sempre.

— Talvez seja a síndrome de Estocolmo — sugeriu Simon. — Sabe, quando você sofre lavagem cerebral e começa a compreender seu sequestrador.

— A pessoa leva meses para desenvolver síndrome de Estocolmo — protestou Alec. — Como estava a aparência dele? Machucado ou doente? Consegue descrever os dois?

Não foi a primeira vez que perguntou. O vento soprou as folhas secas ao redor dos pés de todos eles enquanto Clary repetia a descrição da aparência de Jace — alegre e saudável. Sebastian também. Pareciam completamente calmos. As roupas de Jace estavam limpas, estilosas, comuns. Sebastian usava um casaco longo, preto e de lã, que parecia caro.

— Como uma versão maligna da propaganda da Burberry — concluiu Simon, quando ela acabou.

Isabelle olhou de cara feia para ele.

— Talvez Jace tenha algum plano — disse ela. — Talvez esteja enganando Sebastian. Tentando conquistar a confiança dele, descobrir seus planos.

— Se ele estivesse fazendo isso, já teria descoberto alguma maneira de nos contar — argumentou Alec. — Para não nos deixar em pânico. Isso é cruel demais.

— A não ser que ele não possa correr o risco de mandar uma mensagem. Acreditaria que confiaríamos nele. Confiamos nele. — A voz de Isabelle se elevou, e ela estremeceu, envolvendo o próprio corpo com os braços.

Os galhos nus das árvores, ladeando a trilha de cascalhos em que se encontravam, trepidavam.

— Talvez devêssemos contar para a Clave — disse Clary, escutando a própria voz como se viesse de longe. — Isso... Não sei como podemos lidar com isso por nossa conta.

— Não podemos contar à Clave. — A voz de Isabelle soou firme.

— Por que não?

— Se eles acharem que Jace está colaborando com Sebastian, a ordem será matá-lo imediatamente — disse Alec. — A Lei é essa.

— Mesmo que Isabelle esteja certa? Mesmo que ele esteja só fingindo? — perguntou Simon, com uma entonação de dúvida na voz. — Tentando enganá-lo para obter informações?

— Não há como provar. E se alegássemos que é o que ele está fazendo, e isso chegasse a Sebastian, ele provavelmente mataria Jace — afirmou Alec. — Se Jace estiver possuído, a Clave vai matá-lo pessoalmente. Não podemos contar nada. — A voz soou firme também.

Clary o olhou, surpresa; Alec normalmente era o mais certinho em relação a regras.

— É de Sebastian que estamos falando — disse Izzy. — Não existe ninguém que a Clave odeie mais, exceto Valentim, e ele está morto. Mas praticamente todo mundo conhece alguém que morreu na Guerra Mortal, e foi Sebastian que destruiu as barreiras mágicas.

Clary mexeu nos cascalhos com o tênis. Aquela situação toda parecia um sonho, como se ela fosse acordar a qualquer instante.

— Bem, e agora?

— Vamos conversar com Magnus. Ver se ele tem alguma ideia. — Alec puxou o canto do cachecol. — Ele não irá ao Conselho. Não se eu pedir para não ir.

— Acho bom mesmo — disse Isabelle, indignada. — Do contrário, seria o pior namorado de todos os tempos.

— Eu disse que ele não...

— Adianta então? — perguntou Simon. — Encontrar a Rainha Seelie? Agora que sabemos que Jace está possuído, ou talvez se escondendo de propósito...

— Não se falta a uma reunião marcada com a Rainha Seelie — afirmou Isabelle, categórica. — Não se você tiver amor próprio.

— Mas ela simplesmente vai pegar os anéis de Clary, e não descobriremos nada — argumentou Simon. — Agora já sabemos mais. Temos perguntas diferentes. Mas ela não vai

respondê-las. Só vai responder às antigas. É assim que as fadas funcionam. Não fazem favores. Não é como se ela fosse nos deixar falar com Magnus e depois voltar.

— Não importa. — Clary esfregou o rosto com as mãos. Voltaram secas. Em algum momento as lágrimas pararam de correr, graças a Deus. Não queria encarar a Rainha como se tivesse acabado de chorar como um bebê. — Não peguei os anéis.

Isabelle piscou.

— O quê?

— Depois que vi Jace e Sebastian, fiquei abalada demais para pegá-los. Só corri do Instituto e usei o Portal.

— Bem, então não podemos encontrar a Rainha Seelie — disse Alec. — Se não fez o que ela pediu, ela vai ficar furiosa.

— Vai ficar mais do que furiosa — disse Isabelle. — Você viu o que ela fez com Alec na última vez que fomos à Corte. E aquilo foi só um feitiço. Ela provavelmente vai transformar Clary em uma lagosta ou coisa do tipo.

— Ela sabia — disse Clary. — Ela disse "quando encontrá-lo, ele pode não ser o mesmo." — A voz da Rainha Seelie se arrastou pela mente de Clary. Ela estremeceu. Conseguia entender por que Simon detestava tanto as fadas. Sempre sabiam exatamente as palavras que se instalariam como farpas em seu cérebro, dolorosas e impossíveis de se ignorar ou remover. — Ela só está provocando. Quer os anéis, mas não acredito que exista alguma chance de nos ajudar de verdade.

— Tudo bem — respondeu Isabelle, duvidosa. — Mas se ela sabia até aí, pode saber mais. E quem mais nos ajudaria, se não podemos recorrer à Clave?

— Magnus — disse Clary. — Ele tem tentado decodificar o feitiço de Lilith esse tempo todo. Talvez quando eu contar o que vi, possa ajudá-lo.

Simon revirou os olhos.

— Ainda bem que conhecemos a pessoa que está namorando Magnus — falou. — Do contrário estaríamos tentando pensar no que diabos fazer em seguida. Ou tentaríamos angariar fundos para contratar Magnus vendendo limonada.

Alec pareceu ligeiramente irritado com aquele comentário.

— A única forma de conseguir dinheiro para contratar Magnus vendendo limonada seria colocando metanfetamina na jarra.

— É só um modo de dizer. Todos temos ciência de que seu namorado é caro. Só gostaria que não precisássemos correr para ele cada vez que temos um problema.

— Ele também gostaria — disse Alec. — Magnus tem outro trabalho hoje, mas à noite falo com ele, e podemos nos encontrar no apartamento dele amanhã de manhã.

Clary assentiu. Não conseguia sequer se imaginar acordando na manhã seguinte. Sabia que quanto antes falassem com Magnus, melhor, mas se sentia exaurida e esgotada, como se tivesse

deixado litros de sangue no chão da biblioteca do Instituto.

Isabelle chegou mais perto de Simon.

— Acho que isso nos deixa com o resto da tarde — falou. — Vamos para o Taki's? Lá vão servir sangue para você.

Simon olhou para Clary, obviamente preocupado.

— Quer vir?

— Não, tudo bem. Vou pegar um táxi de volta para casa em Williamsburg. É bom ficar um pouco com a minha mãe. Ela já está péssima com toda essa história de Sebastian, e agora...

Os cabelos negros de Isabelle esvoaçaram ao vento quando ela balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Não pode contar para ela o que viu. Luke faz parte do Conselho. Ele não pode esconder, e você não pode pedir para ela não contar para ele.

— Eu sei — Clary olhou para as três expressões ansiosas fixas nela.

Como isso aconteceu?, pensou. Ela, que jamais escondia nada de Jocelyn, pelo menos não segredos sérios, estava prestes a ir para casa e esconder algo enorme, tanto da mãe quanto de Luke. Uma coisa sobre a qual só podia conversar com pessoas como Alec e Isabelle Lightwood e Magnus Bane, pessoas que até seis meses atrás ela nem sabia que existiam. Era estranho como o mundo podia alterar seu eixo, e tudo em que você sempre confiou podia se inverter de uma hora para a outra.

Pelo menos ainda tinha Simon. Simon, constante e permanente. Beijou-o na bochecha, acenou para os outros e virou-se, ciente de que os três a olhavam preocupados enquanto ela seguia pelo parque, o resto das folhas mortas quebrando sob seus tênis como se fossem pequenos ossos.

Alec tinha mentido. Não era Magnus que tinha algo a fazer naquela tarde. Era ele.

Sabia que era um erro, mas não conseguia evitar: era como uma droga, aquela necessidade de saber mais. E agora, aqui estava, no subterrâneo, segurando uma pedra enfeitiçada e se perguntando que diabos estava fazendo.

Como todas as estações de metrô de Nova York, esta cheirava a ferrugem, água, metal e decadência. Mas ao contrário de qualquer outra que já tivesse visto, estava sombriamente quieta. Fora as marcas de danos provocados pela água, as paredes e a plataforma estavam limpas. Tetos abobadados, marcados por lustres esparsos, erguiam-se sobre ele, os arcos feitos de azulejos verdes. As placas na parede diziam CITY HALL em letras maiúsculas.

A estação City Hall já não era utilizada desde 1945, apesar de a cidade ainda conservá-la como monumento; o trem número 6 ainda passava ocasionalmente para dar a volta, mas

ninguém saltava na plataforma. Alec havia engatinhado por uma escotilha cercada por arbustos de corniso no City Hall Park para conseguir chegar até ali e caiu de uma altura que provavelmente teria quebrado as pernas de um mundano. Agora estava respirando o ar empoeirado, o coração acelerando.

Foi para aquele lugar que a carta que recebeu do vampiro subjugado o mandou vir. Primeiro decidiu que jamais utilizaria a informação. Mas não conseguiu jogar o recado fora. Amassou o papel e o guardou no bolso da calça. Ao longo de todo o dia, mesmo enquanto estava no Central Park, aquilo lhe martelou a cabeça.

Era como a situação com Magnus. Não conseguia deixar de se preocupar, da mesma forma que uma pessoa se preocuparia com um dente cariado, sabendo que estava piorando a situação, mas sem conseguir fazer nada a respeito. Magnus não tinha feito nada de errado. Ele não tinha culpa de ter centenas de anos de idade, nem de já ter se apaixonado antes. Mas, ainda assim, aquilo corroía a paz de espírito de Alec. E agora, sabendo ao mesmo tempo mais e menos sobre a situação de Jace do que sabia no dia anterior... era demais. Precisava conversar com alguém, ir a algum lugar, fazer alguma coisa.

Então ali estava. E ali estava ela, tinha certeza. Movimentou-se lentamente pela plataforma. O teto abobadado, uma claraboia central permitindo a entrada de luz oriunda do parque, quatro linhas de azulejos esticando-se como pernas de uma aranha. No final de uma plataforma havia uma pequena escadaria, que levava às sombras. Alec pôde detectar a presença de feitiços de disfarce: qualquer mundano olhando para o alto veria uma parede de concreto, mas ele enxergava uma entrada. Silenciosamente, subiu os degraus.

Encontrou-se em uma sala escura e de teto baixo. Uma claraboia de vidro ametista permitia a entrada de um pouco de luz. Em um canto escuro, havia um sofá elegante de veludo com a traseira arqueada e dourada, e, no sofá, estava Camille.

Era tão linda quanto Alec se recordava, apesar de não ter estado em seu melhor momento na última vez, suja e presa a um cano de um prédio em construção. Agora vestia um tailleur preto e saltos altos vermelhos, e os cabelos escorriam sobre os ombros em ondas e cachos. Tinha um livro aberto no colo — La Place de l'Étoile, de Patrick Modiano. Sabia francês o suficiente para traduzir o título. "O lugar da estrela."

Ela olhou para Alec como se estivesse esperando por ele.

— Oi, Camille — cumprimentou.

Camille piscou lentamente.

— Alexander Lightwood — falou. — Reconheci seus passos na escada.

Pôs as costas da mão no rosto e sorriu para ele. Havia algo distante naquele sorriso. Tinha tanto calor quanto pó.

— Não imagino que tenha algum recado de Magnus para mim.

Alec não disse nada.

— Claro que não — disse ela. — Tolice minha. Como se ele soubesse que está aqui.

— Como soube que era eu? — perguntou. — Na escada.

— Você é um Lightwood — falou. — Sua família nunca desiste. Sabia que não deixaria passar o que falei naquela noite. O recado hoje foi só para cutucar sua lembrança.

— Eu não precisava de lembrete sobre sua promessa. Ou estava mentindo?

— Eu teria dito qualquer coisa para me libertar naquela noite — falou. — Mas não menti. — Ela se inclinou para a frente com os olhos ao mesmo tempo brilhantes e escuros. — Você é Nephilim, da Clave e do Conselho. Minha cabeça está a prêmio pelo assassinato de Caçadores de Sombras. Mas já sei que não veio até aqui para me entregar. Você quer respostas.

— Quero saber onde Jace está — declarou.

— Quer saber isso — falou. — Mas sabe que não tem razão para eu ter essa resposta, e não a tenho. Diria se soubesse. Sei que foi levado pelo filho de Lilith, e não tenho motivo para ser leal a ela. Ela se foi. Sei que algumas patrulhas estão me buscando por aí, para descobrir o que sei. Posso lhe dizer agora que não sei nada. Falaria se soubesse do paradeiro do seu amigo. Não tenho mais motivos para antagonizar os Nephilim. — Passou a mão pela cabeleira loura e farta. — Mas não é por isso que está aqui. Admita, Alexander.

Alec sentiu a respiração acelerar. Tinha pensado nesse momento, deitado acordado ao lado de Magnus, ouvindo a respiração do feiticeiro, contando as dele e as próprias. A cada respiração mais próximo do envelhecimento e da morte. Cada noite o aproximando do fim de tudo.

— Você disse que conhecia uma forma de me tornar imortal — disse Alec. — Disse que descobriu um jeito para eu e Magnus ficarmos juntos para sempre.

— Disse, não foi? Que interessante.

— Quero que me revele agora.

— E o farei — respondeu a mulher, repousando o livro. — Por um preço.

— Sem preço — disse Alec. — Eu a libertei. Agora me conte o que quero saber. Ou a entregarei para a Clave. Você será acorrentada no telhado do Instituto enquanto espera o sol nascer.

Os olhos de Camille ficaram sérios e frios.

— Não gosto de ameaças.

— Então me dê o que quero.

Ela se levantou, esfregando as mãos na frente do paletó, alisando as dobras.

— Venha arrancar de mim, Caçador de Sombras.

Foi como se toda a frustração, o pânico e o desespero das últimas semanas explodissem de Alec. Ele saltou em direção a Camille, exatamente quando ela avançou para ele, exibindo as presas de vampira.

Alec mal teve tempo de sacar a lâmina serafim do cinto antes de Camille alcançá-lo. Já tinha lutado contra vampiros antes; tinham força e velocidade incríveis. Era como combater a borda de um tornado. Alec se jogou para o lado. Rolou e levantou e chutou uma escada caída na direção dela; isso a conteve por um momento breve o bastante para que ele erguesse a lâmina e sussurrasse:

— Nuriel.

A luz da lâmina serafim brilhou como uma estrela, Camille hesitou, em seguida se lançou para ele outra vez. Atacou, arranhando as bochechas e o ombro do Caçador de Sombras. Ele sentiu o calor e a umidade do sangue. Girando, atacou-a, mas ela se elevou no ar, fugindo do seu alcance, rindo e provocando.

Ele correu para as escadas que levavam à plataforma. Ela foi atrás; ele desviou, girou e saltou da parede para o ar, na direção de Camille bem no momento em que ela se lançou para a frente. Colidiram no meio do caminho, ela atacando e tentando arranhá-lo, e ele segurando firme o braço da vampira, mesmo enquanto caíam, quase perdendo o fôlego. Mantê-la no chão era a chave para vencer a luta, e ele agradeceu a Jace silenciosamente por tê-lo feito praticar saltos incessantemente na sala de treinamento, até se tornar capaz de utilizar praticamente qualquer superfície para se impulsionar e ficar suspenso por pelo menos alguns instantes.

Atacou-a com a lâmina serafim enquanto rolavam pelo chão, mas ela desviou dos golpes com facilidade, movendo-se tão velozmente que parecia um borrão. Chutou-o com os saltos altos, estocando as pernas de Alec com as pontas. Ele fez caretas e xingou, e ela respondeu com uma torrente de obscenidades que envolviam a vida sexual dele com Magnus, a vida sexual dela com Magnus, e talvez tivesse tido mais se não tivessem chegado ao centro do recinto, onde a claraboia permitia a entrada de um círculo de luz solar. Agarrando o pulso de Camille, Alec forçou a mão da vampira para o chão, sob a luz.

Ela gritou enquanto bolhas brancas enormes se formaram em sua pele. Alec pôde sentir o calor da mão que borbulhava. Com os dedos entrelaçados nos dela, levantou a mão da vampira, de volta para a sombra. Ela rosnou e o agrediu. Ele deu uma cotovelada na boca de Camille, abrindo o lábio dela. Sangue de vampiro — vermelho brilhante, mais brilhante que sangue humano — escorreu do canto da boca.

— Já teve o suficiente? — rosnou Alec. — Quer mais? — Ele forçou a mão novamente para a luz. Já tinha começado a se curar, a pele vermelha e cheia de bolhas ficando rosada.

— Não! — arquejou ela, tossindo e começando a tremer, o corpo inteiro em espasmos. Após um instante, ele percebeu que ela estava rindo: rindo através do sangue. — Isso me fez sentir viva, Nephilim. Uma boa luta assim... deveria agradecê-lo.

— Agradeça respondendo minha pergunta — disse Alec, arfando. — Ou vou incinerá-la. Estou cansado dos seus jogos.

Os lábios de Camille se abriram em um sorriso. Os cortes já tinham se curado, apesar de o rosto ainda estar ensanguentado.

— Não há como torná-lo imortal. Não sem magia negra ou sem transformá-lo em um vampiro, e você rejeitou ambas as opções.

— Mas você disse... falou que havia outra forma através da qual poderíamos ficar juntos...

— Ah, e existe. — Os olhos de Camille dançaram. — Você talvez não consiga adquirir imortalidade, pequeno Nephilim, pelo menos não em termos aceitáveis. Mas pode retirar a de Magnus.

Clary estava sentada no quarto na casa de Luke, com uma caneta na mão e um pedaço de papel aberto na mesa. O sol já tinha se posto e a luz da escrivaninha estava acesa, iluminando o símbolo que tinha acabado de começar.

Tinha lhe ocorrido pela primeira vez no metrô da linha L quando regressava ao lar, olhando pela janela, sem enxergar nada. Não era nada que já tivesse existido e ela correu para casa enquanto a imagem ainda estava fresca na cabeça, ignorando as perguntas da mãe e se fechando no quarto para colocar a caneta no papel...

Ouviu uma batida na porta. Rapidamente, guardou o papel embaixo de uma folha em branco e a mãe entrou.

— Eu sei, eu sei — disse Jocelyn, levantando uma das mãos para conter os protestos de Clary. — Quer ficar sozinha. Mas Luke cozinhou, e você precisa comer.

Clary olhou para a mãe.

— Você também. — Jocelyn, assim como a filha, tendia a perder o apetite quando estava estressada e seu rosto estava esquálido. Deveria estar se preparando para a lua de mel, para fazer as malas para viajar até algum lugar lindo e distante. Em vez disso, o casamento tinha sido adiado, e Clary podia ouvi-la chorando toda noite. Clary conhecia aquele tipo de choro, nascido da raiva e da culpa, um choro que dizia: É tudo culpa minha.

— Como se você comer — respondeu Jocelyn, forçando um sorriso. — Luke fez macarrão.

Clary virou a cadeira, angulando o corpo propositalmente, para que a mãe não visse a mesa.

— Mãe — falou. — Tem uma coisa que quero perguntar.

— O quê?

Clary mordeu a ponta da caneta, um mau hábito que cultivava desde que começara a desenhar.

— Quando eu estava na Cidade do Silêncio com Jace, os Irmãos me disseram que existe uma cerimônia praticada nos Caçadores de Sombras quando nascem, uma cerimônia que os protege. Que as Irmãs de Ferro e os Irmãos do Silêncio precisam executá-la. E eu fiquei me perguntando...

— Se você passou pela cerimônia?

Clary assentiu.

Jocelyn exalou e passou as mãos no cabelo.

— Passou — respondeu. — Providenciei com a ajuda de Magnus. Um Irmão do Silêncio esteve presente, alguém que jurou segredo, e uma feiticeira que assumiu o lugar da Irmã de Ferro. Quase não quis fazê-la. Não queria pensar na possibilidade de que você pudesse correr perigos sobrenaturais depois que a escondi com tanto cuidado. Mas Magnus me convenceu, e tinha razão.

Clary a olhou com curiosidade.

— Quem foi a feiticeira?

— Jocelyn! — gritou Luke da cozinha. — A água está fervendo.

Jocelyn deu um beijo rápido na cabeça de Clary.

— Desculpe. Emergência culinária. Nós nos vemos em cinco minutos?

Clary assentiu enquanto a mãe corria, depois virou-se novamente para a mesa. O desenho que estava criando continuava lá, provocando sua mente. Começou a desenhar outra vez, completando o que tinha começado. Ao terminar, chegou para trás e olhou o que tinha feito. Parecia um pouco com o símbolo de Abertura, mas não era o mesmo. Tratava-se de um desenho tão simples quanto uma cruz e tão novo para o mundo quanto um recém-nascido. Continha uma ameaça latente, um resquício de ter sido originado de sua fúria, culpa e ira impotentes.

Um símbolo poderoso. Mas apesar de saber exatamente o que significava e como poderia ser utilizado, não conseguia pensar em nenhuma maneira através da qual pudesse ajudar na atual situação. Era como estar com um carro quebrado em uma estrada deserta, remexendo desesperadamente no porta-malas, e encontrar triunfante uma extensão elétrica em vez de cabos de chupeta.

Sentiu como se o próprio poder estivesse caçoando dela. Praguejando, deixou a caneta cair na mesa e colocou o rosto nas mãos.

O interior do velho hospital tinha sido cuidadosamente pintado de branco, o que emprestava um brilho misterioso a cada uma das superfícies. A maioria das janelas era tapada por tábuas de madeira, mas mesmo com a baixa luminosidade a visão aprimorada de Maia conseguia identificar os detalhes — os grãos de gesso no chão dos corredores, as marcas onde luzes de construção tinham sido instaladas, pedaços de fios grudados nas paredes com tinta, ratos se mexendo nos cantos escuros.

Uma voz falou por trás dela:

— Vasculhei a ala leste. Nada. E você?

Maia se virou. Jordan estava atrás dela, com jeans escuros e um casaco preto semiaberto sobre uma camiseta verde. Balançou a cabeça.

— Também não tem nada na ala oeste. Escadas frágeis. Alguns detalhes arquitetônicos

bonitos, se esse tipo de coisa interessar.

Ele balançou a cabeça.

— Vamos sair daqui, então. Este lugar me dá arrepios.

Maia concordou, aliviada por não precisar falar primeiro. Acompanhou o ritmo de Jordan enquanto desciam as escadas, o corrimão tão cheio de flocos de gesso esfarinhado que parecia coberto de neve. Ela não sabia exatamente por que tinha concordado em patrulhar com ele, mas não podia negar que formavam um bom time.

Jordan era uma companhia fácil. Apesar do que tinha acontecido entre os dois pouco antes do desaparecimento de Jace, ele foi respeitoso, manteve a distância sem deixá-la desconfortável. A luz brilhou sobre os dois ao saírem do hospital e entrarem no espaço aberto em frente ao complexo. Era uma construção grandiosa de mármore branco cujas janelas tapadas pareciam olhos vazios. Uma árvore torta, perdendo suas últimas folhas, encolhia-se ante as portas da frente.

— Bem, isso foi uma perda de tempo — observou Jordan.

Maia voltou-se para ele. Jordan estava olhando para o velho hospital naval, e ela preferia assim. Gostava de observá-lo quando ele não estava olhando para ela. Assim podia notar o ângulo da mandíbula dele, a forma como o cabelo escuro encaracolava na nuca, a curva da clavícula sob o V da gola da camiseta, sem ter a sensação de que ele esperava alguma coisa por ela estar olhando.

Ele era um hipster bonitinho quando o conheceu, cheio de ângulos e cílios, mas agora parecia mais velho, com as mãos cheias de cicatrizes e músculos que se movimentavam com suavidade sob a camisa verde justa. Ainda tinha o tom de azeitona na pele, que ressaltava a herança italiana, e os olhos amendoados de que ela se lembrava, apesar de as pupilas agora terem o contorno dourado característico dos licantropes. As mesmas pupilas que enxergava cada vez que se olhava no espelho. As pupilas que tinha por causa dele.

— Maia? — Ele estava olhando interrogativamente para ela. — O que você acha?

— Ah — piscou. — Eu, ah... não, acho que não adiantou nada vasculhar o hospital. Quero dizer, para ser sincera, não sei por que nos mandaram para cá. O Estaleiro do Brooklyn? Por que Jace estaria aqui? Não é como se ele tivesse uma quedinha por barcos.

A expressão de Jordan passou de interrogativa a algo mais sombrio.

— Quando corpos são jogados no East River, muitas vezes vêm parar aqui. No estaleiro.

— Você acha que estamos procurando por um corpo?

— Não sei. — Dando de ombros, ele virou as costas e começou a andar. Os sapatos dele farfalharam contra a grama seca e baixa. — Talvez a essa altura eu só esteja procurando porque me parece errado desistir.

O ritmo de Jordan era lento, sem pressa; caminharam lado a lado, quase se tocando. Maia

manteve os olhos fixos na paisagem de Manhattan do outro lado do rio, um banho de luz branca refletindo na água. Ao se aproximarem da Baía Wallabout, o arco da Brooklyn Bridge apareceu, assim como o retângulo aceso do Porto de South Street do outro lado da água. Ela pôde sentir o cheiro do miasma poluído da água, a sujeira e o óleo diesel do estaleiro, o odor de pequenos animais se movimentando pela grama.

— Não creio que Jace esteja morto — disse ela, afinal. — Acho que ele não quer ser encontrado.

Com isso, Jordan olhou para ela.

— Está dizendo que não deveríamos procurar?

— Não. — Maia hesitou. Estavam perto do rio, ao lado de um muro baixo; passou a mão pelo topo do muro conforme andavam. Entre eles e a água havia uma tira de asfalto. — Quando fugi para Nova York, não queria que me encontrassem. Mas gostaria de ter a noção de que alguém me procurou tanto quanto todos estão procurando por Jace Lightwood.

— Você gostava de Jace? — A voz de Jordan soou neutra.

— Gostar dele? Bem, não desse jeito.

Jordan riu.

— Não quis dizer isso. Apesar de em geral ele ser considerado absurdamente atraente.

— Vai fazer aquela cena de cara heterossexual que finge que não sabe se outro menino é atraente ou não? Jace e o cabeludo da padaria na Nona Avenida são iguais para você?

— Bem, o cabeludo tem aquela verruga, então acho que Jace leva uma pequena vantagem. Se a pessoa curtir essa coisa de louro, fortinho, do tipo a Abercrombie-bem-que-gostaria-de-poder-me-bancar. — Olhou para Maia sob os cílios.

— Sempre gostei de meninos morenos — disse ela, em voz baixa.

Ele olhou para o rio.

— Como Simon.

— Bem... é. — Maia não pensava em Simon dessa forma havia muito tempo. — Acho que sim.

— E você gosta de músicos. — Jordan esticou o braço e puxou uma folha de um galho baixo. — Quero dizer, sou vocalista, o Morcego era DJ, e Simon...

— Gosto de música. — Maia tirou o cabelo do rosto.

— Do que mais você gosta? — Jordan ficou mexendo na folha entre os dedos. Fez uma pausa e tomou impulso para sentar no muro, virando-se para olhar para ela. — Digo, existe alguma coisa de que você goste tanto a ponto de querer viver disso?

Ela o olhou, surpresa.

— Como assim?

— Lembra quando fiz isso? — Ele abriu o zíper e tirou o casaco. A camiseta por baixo era de

manga curta. Cada um dos bíceps de Jordan estava envolvido pelas palavras em sânscrito dos Mantras Shanti.

Ela se lembrava muito bem. A amiga deles, Valerie, fez as tatuagens de graça, depois do horário de funcionamento do estúdio em Red Bank. Maia deu um passo em direção a ele. Com ele sentado e ela de pé, ficavam quase da mesma altura. Ela esticou o braço e, hesitante, tocou as letras no braço esquerdo dele. Jordan fechou os olhos ao sentir o toque.

— Leve-nos do irreal ao real. — Ela leu em voz alta. — Leve-nos da escuridão à luz. Leve-nos da morte à imortalidade. — A pele dele era suave ao toque. — Dos Upanishads.

— A ideia foi sua. Era você que vivia lendo. Você que sabia tudo... — Ele abriu os olhos e os direcionou a ela. Eram muito mais claros que a água atrás dele. — Maia, o que você quiser fazer, eu ajudo. Guardei boa parte do meu salário da Praetor. Posso dar para você... Pode cobrir seus estudos em Stanford. Bem, quase tudo. Se você ainda quiser ir para lá.

— Não sei — respondeu a garota, a mente girando. — Quando me juntei ao bando, achei que só era possível ser licantrope e nada mais. Achei que tudo se reduzia à vida em bando, que não dava para ter identidade. Eu me sentia mais segura assim. Mas Luke tem uma vida. É dono de uma livraria. E você, você faz parte da Praetor. Acho que... dá para ser mais de uma coisa.

— Você sempre foi. — A voz dele estava baixa, rouca. — Sabe, o que falou antes... que quando fugiu gostaria de pensar que alguém a procurou. — Respirou fundo. — Eu procurei. Nunca deixei de procurar.

Ela olhou nos olhos amendoados dele. Ele não se moveu, mas as mãos, agarrando os joelhos, estavam com os nós brancos. Maia se inclinou para a frente, perto o bastante para enxergar a barba crescendo no queixo, sentir o cheiro dele, de lobo, de menino e de pasta de dente. Colocou as mãos sobre as dele.

— Bem — disse ela. — Já me encontrou.

Os rostos estavam a poucos centímetros de distância um do outro. Maia sentiu a respiração de Jordan em seus lábios antes de ele beijá-la; ela se inclinou, fechando os olhos. A boca de Jordan era tão suave quanto ela se lembrava, os lábios tocando gentilmente os dela, provocando arrepios na menina. Ela levantou os braços para envolvê-los no pescoço dele, para deslizar os dedos sob os cabelos escuros, para tocar levemente a pele de sua nuca, a borda do colarinho gasto da camisa.

Jordan a puxou mais para perto. Ele estava tremendo. Ela sentiu o calor do corpo forte no dela, e as mãos dele deslizaram para as costas dela.

— Maia — sussurrou. Começou a levantar a bainha do casaco dela, agarrando-a pela lombar. Moveu os lábios nos dela. — Eu te amo. Nunca deixei de te amar.

Você é minha. Sempre será.

Com o coração acelerado, ela se afastou, abaixando o casaco.

— Jordan... pare.

Ele olhou para ela, a expressão confusa e preocupada.

— Desculpe. Não foi bom? Não beijo ninguém além de você, desde... — Deixou a frase no ar.

Ela balançou a cabeça.

— Não, é só... Não posso.

— Tudo bem — disse ele. Parecia muito vulnerável, sentado ali, o desalento estampado no rosto. — Não precisamos fazer nada...

Maia procurou por palavras.

— É que é muita coisa.

— Foi só um beijo.

— Você disse que me amava. — A voz dela tremeu. — Ofereceu suas economias. Não posso aceitar isso de você.

— O quê? — perguntou ele, a voz marcada pela dor. — Meu dinheiro ou a parte do amor?

— Nenhum dos dois. Não posso, tudo bem? Não com você, não agora. — Ela começou a recuar. Jordan ficou olhando para ela, boquiaberto. — Não me siga, por favor — pediu, e se virou para correr pelo caminho por onde tinham vindo.

5

Filho de Valentim

Ela estava sonhando com paisagens geladas novamente. A tundra triste que se espalhava por todas as direções, blocos congelados flutuando nas águas negras do Ártico, montanhas cobertas de neve, cidades esculpidas em gelo, suas torres brilhavam como as torres demoníacas de Alicante.

Na frente da cidade congelada havia um lago congelado. Clary estava deslizando por uma colina íngreme, tentando alcançar o lago, apesar de não saber ao certo por quê. Duas figuras escuras se encontravam no centro da água congelada. Ao se aproximar do lago, derrapando pela superfície da inclinação, as mãos queimando pelo contato com o gelo e os sapatos se enchendo de neve, ela viu que um deles era um menino com asas negras que se abriam nas costas como as de um corvo. Tinha cabelos tão brancos quanto o gelo que o cercava. Sebastian. E ao lado dele, Jace, seus cabelos dourados a única cor na paisagem preta e branca congelada.

Enquanto Jace virava de costas para Sebastian e começava a caminhar na direção de Clary, asas irromperam de suas costas, em ouro branco e brilhantes. Clary deslizou os últimos metros para a superfície congelada do lago e caiu de joelhos, exausta. Estava com as mãos azuis e sangrando, os lábios rachados, e os pulmões ardiam a cada respiração gelada.

— Jace — sussurrou.

E ele estava lá, levantando-a do chão, envolvendo-a com as asas, e ela estava aquecida outra vez, o corpo descongelando, do coração às veias, ressuscitando suas mãos e seus pés com pontadas que se dividiam entre dor e prazer.

— Clary — disse ele, acariciando afetuosamente o cabelo dela. — Pode me prometer que não vai gritar?

Os olhos de Clary se abriram. Por um instante se sentiu tão desorientada que o mundo pareceu girar como a vista de um carrossel em movimento. Ela estava no quarto na casa de Luke — o conhecido futon sob seu corpo, o armário com o espelho rachado, as janelas estreitas para o East River, o aquecedor chiando e sussurrando. Luz fraca entrava pelas vidraças e um suave brilho vermelho vinha do detector de fumaça acima do closet. Clary estava deitada de lado, sob uma montanha de cobertores, com as costas deliciosamente aquecidas. Havia um braço em sua lateral. Por um instante, no intervalo semiconsciente entre o sono e a vigília, ficou imaginando se Simon teria entrado pela janela enquanto ela dormia e deitado ao seu lado, do modo como dormiam na mesma cama quando eram pequenos.

Mas Simon não tinha calor corporal.

Seu coração saltitou no peito. Agora inteiramente acordada, girou sob as cobertas. Ao seu

lado estava Jace, deitado de lado, olhando para ela, a cabeça apoiada na mão. A fraca luz do luar transformava o cabelo em uma auréola. Os olhos brilhavam, dourados como os de um gato. Estava completamente vestido, ainda com a camiseta branca de manga curta com a qual Clary o vira mais cedo, e seus braços estavam marcados por símbolos entrelaçados como videiras ascendentes.

Respirou fundo. Jace, seu Jace, nunca a olhara daquele jeito. Já tinha olhado para ela com desejo, mas não este olhar preguiçoso, predatório, faminto que fez seu coração bater de um jeito irregular.

Ela de repente abriu a boca — para falar o nome dele, ou para gritar, não sabia ao certo, e não teve a chance de descobrir; Jace se moveu tão rápido que ela sequer viu. Num instante ele estava deitado ao seu lado e no seguinte em cima dela, uma das mãos tapando a boca de Clary. Prendeu-a pelos quadris, com as pernas; ela sentiu o corpo dele, esguio e musculoso, sobre o dela.

— Não vou machucá-la — falou. — Jamais faria isso. Mas não quero que grite. Preciso falar com você.

Clary o encarou.

Para surpresa dela, ele riu. A risada familiar, abafada a um sussurro.

— Sei ler suas expressões, Clary Fray. Assim que eu tirar a mão da sua boca, você vai gritar. Ou usar o treinamento para quebrar meus pulsos. Vamos, prometa que não fará nada disso. Jure pelo Anjo.

Com isso, ela revirou os olhos.

— Tudo bem, tem razão — disse ele. — Não pode jurar com a minha mão na sua boca. Vou retirá-la. E se você gritar... — Jace inclinou a cabeça para o lado; cabelos dourado-claros caíram sobre seus olhos. — Eu desapareço.

Tirou a mão. Ela ficou deitada, parada, arfando com a pressão do corpo dele no seu. Sabia que Jace era mais veloz do que ela, que não havia movimento que pudesse executar sem que ele fosse mais rápido, mas por enquanto ele parecia tratar a interação como um jogo, uma brincadeira. Inclinou-se mais para perto de Clary, que percebeu que ele estava com a camiseta levantada; podia sentir os músculos da barriga lisa e dura de Jace na própria pele. Ela enrubesceu.

Apesar do calor no rosto, Clary tinha a sensação de agulhas de gelo percorrendo suas veias.

— O que está fazendo aqui?

Ele recuou ligeiramente, parecendo decepcionado.

— Essa não é exatamente uma resposta para a minha pergunta, você sabe. Eu estava esperando um coro de aleluia. Quero dizer, não é todo dia que seu namorado volta dos mortos.

— Eu já sabia que não estava morto — falou, através de lábios dormentes. — Eu o vi na biblioteca. Com...

— O Coronel Mostarda?

— Sebastian.

Jace soltou o ar em uma risada baixa.

— Eu sabia que estava lá. Senti.

Clary sentiu o próprio corpo enrijecer.

— Você me deixou pensar que tinha sumido — disse. — Antes daquilo. Eu achei que você... realmente achei que havia chance de você estar... — interrompeu-se; não conseguia falar. Morto. — É imperdoável. Se eu tivesse feito aquilo com você...

— Clary — Ele inclinou-se sobre ela outra vez; estava com as mãos quentes nos pulsos da menina, a respiração suave ao ouvido dela. Clary podia sentir cada lugar em que as peles nuas se tocavam. Era terrivelmente desconcertante. — Precisei fazer aquilo. Era perigoso demais. Se eu tivesse contado, você teria tido de guardar um segredo que a tornaria cúmplice aos olhos deles. Depois, quando me viu na biblioteca, tive de esperar. Precisava saber se você ainda me amava, se iria ao Conselho ou não para contar o que viu. Não foi. Tinha de saber se se importava mais comigo do que com a Lei. Você se importa, certo?

— Não sei — sussurrou. — Não sei. Quem é você?

— Continuo sendo Jace — respondeu. — Continuo amando você.

Lágrimas quentes se formaram nos olhos de Clary. Ela piscou e elas rolaram. Gentilmente, ele inclinou a cabeça e a beijou na bochecha, depois na boca. Ela sentiu o gosto das próprias lágrimas, salgadas nos lábios dele, e ele usou a própria boca para abrir a dela, cuidadosa e carinhosamente. O gosto familiar e a sensação dele a inundaram, e Clary se inclinou na direção de Jace; por uma fração de segundo, as dúvidas foram consumidas pelo reconhecimento cego e irracional da necessidade de mantê-lo próximo, mantê-lo ali — exatamente quando a porta do quarto se abriu.

Jace a soltou. Clary instantaneamente se afastou dele, ajeitando-se para puxar a camiseta para baixo. Jace se sentou com uma graciosidade preguiçosa e calma, e sorriu para a pessoa na entrada.

— Ora, ora — disse Jace. — Acho que seu timing é o pior da história desde que Napoleão decidiu que o auge do inverno era o momento certo para invadir a Rússia.

Era Sebastian.

De perto, Clary pôde ver mais claramente as diferenças de quando o conheceu em Idris. Tinha cabelos brancos como papel e os olhos eram túneis pretos envoltos em cílios longos como patas de aranhas. Estava com uma camisa branca, as mangas dobradas, e ela viu uma cicatriz vermelha no pulso direito, como uma pulseira em espinhaço. Também tinha uma cicatriz na palma da mão, que parecia recente e áspera.

— É minha irmã que você está deflorando aí, sabe — falou, direcionando o olhar negro para Jace. A expressão era divertida.

— Desculpe. — Jace não soava arrependido. Estava apoiado nos cobertores, como um felino.

— Perdemos um pouco o controle.

Clary respirou fundo. A respiração soou pesada aos próprios ouvidos.

— Saia daqui — falou para Sebastian.

Ele se apoiou no batente da porta, cotovelo e quadril, e ela ficou impressionada pela semelhança nos movimentos entre Jace e ele. Não se pareciam, mas se moviam de um jeito parecido. Como se...

Como se tivessem sido treinados pela mesma pessoa para se mover.

— Ora — disse ele —, isso é jeito de falar com seu irmão mais velho?

— Magnus deveria tê-lo deixado transformado em cabideiro — disparou Clary.

— Ah, você se lembra disso, não é mesmo? Achei que nos divertimos muito naquele dia. — Sorriu, e Clary, com o estômago afundando, lembrou-se de como ele a tinha levado para os destroços incendiados da casa de sua mãe, de como a beijou entre os restos, o tempo todo ciente da relação entre os dois e se deliciando com o fato de que ela não sabia.

Clary olhou de lado para Jace. Ele sabia muito bem que Sebastian a tinha beijado. Sebastian o provocou com aquilo, e Jace quase o matou. Mas não parecia bravo agora; parecia entretido e ligeiramente irritado por ter sido interrompido.

— Devíamos repetir a dose — disse Sebastian, examinando as próprias unhas. — Passar um tempinho em família.

— Não ligo para o que pensa. Você não é meu irmão — disse Clary. — É um assassino.

— Não vejo como essas duas coisas são excludentes — respondeu Sebastian. — Não é como o que fizeram no caso do nosso velho e querido pai. — Ele deixou os olhos deslizarem preguiçosamente para Jace. — Normalmente, detestaria me intrometer na vida amorosa de um amigo, mas não estou a fim de ficar nesse corredor por tempo indeterminado. Principalmente, considerando que não posso acender nenhuma luz. É chato.

Jace sentou, ajeitando a camisa.

— Cinco minutos.

Sebastian deu um suspiro exagerado e fechou a porta. Clary encarou Jace.

— Que p...

— Olhe o vocabulário, Fray. — Os olhos de Jace dançaram. — Relaxe.

Clary apontou para a porta.

— Você ouviu o que ele disse. Sobre o dia em que me beijou. Ele sabia que eu era irmã dele. Jace...

Algo brilhou nos olhos de Jace, escurecendo o dourado, mas quando ele se pronunciou novamente foi como se as palavras tivessem atingido uma superfície de Teflon e voltado, sem deixar qualquer marca.

Ela recuou.

— Jace, não está ouvindo nada do que digo?

— Olhe, entendo que fique desconfortável com seu irmão esperando lá fora, no corredor. Eu não estava planejando beijá-la. — Jace sorriu de um jeito que em outros tempos Clary teria achado lindo. — Na hora me pareceu uma boa ideia.

Clary saiu da cama aos tropeços, encarando-o. Alcançou o roupão no pé da cama e o envolveu no próprio corpo. Jace observou, sem fazer qualquer movimento no sentido de contê-la, apesar de seus olhos terem brilhado no escuro.

— Eu... eu nem consigo entender. Primeiro você desaparece, agora volta com ele, agindo como se eu não devesse notar, me importar ou lembrar...

— Já disse — falou. — Eu precisava ter certeza sobre você. Não queria colocá-la na posição de saber onde eu estava enquanto a Clave ainda a investigava. Achei que seria difícil para você...

— Difícil para mim? — Clary estava quase sem ar de tanta raiva. — Testes são difíceis. Corridas com obstáculos são difíceis. Você desaparecer daquele jeito praticamente me matou, Jace. E o que você acha que fez com Alec? Isabelle? Maryse? Você sabe como foi? Consegue imaginar? Sem saber de nada, as buscas...

Aquela expressão estranha passou pelo rosto de Jace outra vez, como se ele estivesse escutando, mas sem ouvir.

— Ah, sim, eu ia perguntar. — Ele sorriu como um anjo. — Está todo mundo me procurando?

— Se está todo mundo...

Clary balançou a cabeça, puxando o roupão ainda mais para perto do corpo. De repente queria estar coberta diante dele, diante de toda a familiaridade, a beleza e aquele adorável sorriso predatório que dizia que ele estava disposto a fazer qualquer coisa com ela, a ela, independentemente de quem estivesse esperando no corredor.

— Eu estava torcendo para que espalhassem cartazes, como fazem para gatos perdidos — falou. — Desaparecido, adolescente absurdamente lindo. Atende pelo nome de "Jace" ou "Gostosão".

— Você não disse isso.

— Não gosta de "Gostosão". Acha que "Garanhão" ficaria melhor? "Docinho"? Sério, este último é um pouco exagerado. Apesar de que no diminutivo não fica mal.

— Cale a boca — disse ela, enfurecida. — E saia daqui.

— Eu... — Jace pareceu espantado e ela se lembrou do quanto ele ficou surpreso no lado de fora da Mansão, quando ela o afastou. — Tudo bem, certo. Vou falar sério. Clarissa, estou aqui porque quero que venha comigo.

— Ir com você?

— Venha comigo — disse ele, em seguida hesitou — e com Sebastian. E explicarei tudo.

Por um instante, ela ficou congelada, os olhos fixos nos dele. Raios prateados do luar contornavam as curvas da boca de Jace, a forma das maçãs do rosto, a sombra dos cílios, o arco da garganta.

— Na última vez em que "fui" com você a algum lugar, acabei inconsciente e arrastada para o meio de uma cerimônia de magia negra.

— Aquilo não fui eu. Aquilo foi Lilith.

— O Jace Lightwood que conheço não ficaria no mesmo local que Jonathan Morgenstern sem matá-lo.

— Você vai perceber que isso seria autodestruição — disse Jace, levemente, calçando as botas. — Somos ligados, eu e ele. Se cortá-lo, eu sangro.

— Ligados? Como assim, ligados?

Jace puxou os cabelos claros para trás, ignorando a pergunta.

— Isto é maior do que você entende, Clary. Ele tem um plano. Está disposto a trabalhar, a se sacrificar. Se der a ele a chance de se explicar...

— Ele matou Max, Jace — disse ela. — Seu irmãozinho.

Jace hesitou e, por um fugaz momento de esperança, ela achou que tivesse conseguido atingi-lo, mas a expressão dele suavizou como uma folha de papel enrugada após ser esticada.

— Aquilo foi... foi um acidente. Além do mais, Sebastian é tão meu irmão quanto Max.

— Não. — Clary balançou a cabeça. — Ele não é seu irmão. É meu. E Deus sabe que eu gostaria de que não fosse. Ele nunca deveria ter nascido...

— Como pode falar isso? — disse Jace. Tirou as pernas da cama. — Já parou para pensar que talvez as coisas não sejam tão preto no branco quanto você julga? — Jace se abaixou para pegar o cinto de armas e vesti-lo. — Passamos por uma guerra, Clary, e as pessoas se machucaram, mas... as coisas eram diferentes. Agora sei que Sebastian jamais machucaria alguém que amo intencionalmente. Ele está servindo a um propósito maior. Às vezes, existem efeitos colaterais...

— Você acabou de chamar seu próprio irmão de efeito colateral? — A voz dela se elevou em um quase grito incrédulo. Sentiu que mal conseguia respirar.

— Clary, você não está me ouvindo. Isto é importante...

— Como Valentim achava que o que estava fazendo era importante?

— Valentim estava errado — declarou. — Tinha razão em achar que a Clave é corrupta, mas se enganou quanto à forma de consertar as coisas. Mas Sebastian está certo. Se você nos ouvir...

— "Nos" — disse ela. — Meu Deus. Jace...

Ele a estava olhando da cama, e ao mesmo tempo que Clary sentia o coração se partindo, sua mente acelerava, tentando lembrar onde tinha deixado a estela, imaginando se conseguiria alcançar a faca X-Acto na gaveta da cabeceira. Perguntando-se se conseguiria utilizá-la, caso a alcançasse.

— Clary? — Jace inclinou a cabeça para o lado, estudando o rosto dela. — Você... ainda me ama, não ama?

— Eu amava Jace Lightwood — respondeu. — Não sei quem você é.

A expressão dele mudou, mas antes que pudesse falar, um grito cortou o silêncio. Um grito e o som de vidro se quebrando.

Clary reconheceu a voz instantaneamente. Era a mãe.

Sem mais um olhar para Jace, abriu a porta do quarto e acelerou pelo corredor até a sala. A sala da casa de Luke era ampla, separada da cozinha por uma bancada longa. Jocelyn, com calça de ioga e uma camiseta rasgada, os cabelos presos em um coque, estava perto da bancada. Claramente, tinha ido até a cozinha beber alguma coisa. Havia um copo estilhaçado no chão, a água ensopando o tapete cinza.

A cor se esvaíra de seu rosto, que estava pálido como areia branca. Seu olhar estava fixo no outro lado da sala, e mesmo antes de Clary virar a cabeça, soube o que a mãe estava olhando.

O filho.

Sebastian estava apoiado na parede do quarto, perto da porta, sem qualquer expressão no rosto angular. Abaixou as pálpebras e olhou para Jocelyn através dos cílios. Alguma coisa na postura, na aparência dele, poderia ter sido retirada diretamente da fotografia de Hodge, de Valentim aos 17 anos de idade.

— Jonathan — sussurrou Jocelyn.

Clary ficou parada, congelada, mesmo quando Jace surgiu do corredor, absorveu a cena diante de seus olhos e parou. Estava com a mão esquerda no cinto de armas; os dedos esguios a centímetros do cabo de uma das adagas, mas Clary sabia que ele levaria menos de um segundo para pegá-la.

— Eu atendo por "Sebastian" agora — disse o irmão de Clary. — Concluí que não tinha interesse em manter o nome que você e meu pai me deram. Os dois me traíram, então prefiro o mínimo possível de associação com vocês.

Água se espalhou da piscina de vidro quebrado aos pés de Jocelyn em um anel escuro. Ela deu um passo à frente, seus olhos inquisitivos, percorrendo o rosto de Sebastian.

— Pensei que estivesse morto — suspirou. — Morto. Vi seus ossos transformados em cinzas.

Sebastian olhou para ela, os olhos negros quietos e estreitos.

— Se fosse uma mãe de verdade — falou —, uma boa mãe, saberia que eu estava vivo. Certa vez, um homem disse que as mães carregam as chaves das nossas almas consigo por toda a nossa vida. Mas você jogou a minha fora.

Jocelyn emitiu um ruído no fundo da garganta. Estava apoiada na bancada. Clary quis correr para ela, mas sentiu os pés congelados no chão. O que quer que estivesse acontecendo entre o irmão e a mãe, era algo que não tinha nada a ver com ela.

— Não me diga que não está nem um pouco feliz em me ver, mãe — disse Sebastian e, apesar de suas palavras serem suplicantes, a voz soou seca. — Não sou tudo que você poderia desejar em um filho? — Abriu os braços. — Forte, bonito, a cara do querido pai.

Jocelyn balançou a cabeça, o rosto sombrio.

— O que você quer, Jonathan?

— Quero o que todos querem — respondeu Sebastian. — Quero o que me é devido. Neste caso, o legado Morgenstern.

— O legado Morgenstern é de sangue e devastação — disse Jocelyn. — Não somos Morgenstern aqui. Nem eu, nem minha filha. — Ela se endireitou. Ainda estava agarrando a bancada, mas Clary pôde ver um pouco da velha chama voltando à expressão da mãe. — Se sair agora, Jonathan, não relatarei à Clave que esteve aqui. — Desviou os olhos para Jace. — Nem você. Se soubessem que estavam trabalhando juntos, matariam os dois.

Clary se colocou na frente de Jace, por reflexo. Ele olhou através dela, por cima dos ombros, para Jocelyn.

— Você se importa se eu morrer? — perguntou Jace.

— Importo-me com o que isso faria com a minha filha — respondeu. — E a Lei é dura, dura demais. O que aconteceu com você... talvez possa ser desfeito. — Seus olhos se voltaram para Sebastian. — Mas para você... meu Jonathan... é tarde demais.

A mão que estava agarrando a bancada avançou, empunhando a lâmina kindjal de cabo longo. Lágrimas brilharam nos olhos de Jocelyn. Mas a mão com a faca era firme.

— Sou a cara dele, não? — disse Sebastian, sem se mexer. Mal pareceu notar a faca. — Valentim. É por isso que está me olhando desse jeito.

Jocelyn balançou a cabeça.

— Você tem a mesma cara de sempre, desde o primeiro instante em que o vi. Parece uma coisa demoníaca. — A voz soou dolorosamente triste. — Sinto muito.

— Sente muito pelo quê?

— Por não tê-lo matado quando você nasceu — respondeu, e saiu de trás da bancada, girando a kindjal na mão.

Clary ficou tensa, mas Sebastian não se mexeu. Seus olhos negros seguiram a mãe enquanto ela se aproximava dele.

— É isso que você quer? — perguntou. — Que eu morra? — Abriu os braços, como se pretendesse abraçar Jocelyn, e deu um passo à frente. — Vá em frente. Cometa filicídio. Não vou impedi-la.

— Sebastian — disse Jace. Clary o olhou, incrédula. Ele realmente parecia preocupado?

Jocelyn avançou mais um passo. A faca, um borrão em sua mão. Quando parou, a ponta estava apontada diretamente para o coração de Sebastian.

Mesmo assim, ele não se mexeu.

— Vá em frente — disse ele, suavemente. Inclinou a cabeça para o lado. — Consegue? Poderia ter me matado quando nasci. Mas não o fez. — Ele abaixou a voz. — Talvez saiba que não existe algo como amor condicional por um filho. Talvez, se me amasse o suficiente, pudesse me salvar.

Por um instante se encararam, mãe e filho, olhos verdes gelados encontrando olhos negros como carvão. Havia rugas profundas nos cantos da boca de Jocelyn, que Clary poderia jurar que não estavam ali duas semanas antes.

— Você está fingindo — disse ela, com a voz trêmula. — Não sente nada, Jonathan. Seu pai lhe ensinou a fingir que tem emoções humanas da mesma forma que alguém pode ensinar um papagaio a repetir palavras. O animal não entende o que está dizendo, nem você. Eu gostaria, meu Deus, como gostaria, que entendesse. Mas...

Jocelyn moveu a lâmina em um arco rápido, direto e cortante. Um golpe perfeito, deveria ter subido das costelas de Sebastian ao coração. É o que teria acontecido, se ele não tivesse sido ainda mais veloz do que Jace; girou para longe e para trás, a ponta da lâmina só fez um corte superficial no peito dele.

Ao lado de Clary, Jace respirou fundo. Ela girou para olhar. Havia uma mancha vermelha se espalhando na frente da camisa dele. Jace tocou a mancha com a mão; os dedos voltaram sangrentos. Somos ligados. Se cortá-lo, eu sangro.

Sem pensar, Clary correu pela sala, jogando-se entre Jocelyn e Sebastian.

— Mãe — arquejou. — Pare.

Jocelyn continuava segurando a faca, os olhos em Sebastian.

— Clary, saia da frente.

Sebastian começou a rir.

— Fofo, não? — falou. — Uma irmãzinha defendendo o irmão mais velho.

— Não estou defendendo você. — Clary manteve os olhos fixos no rosto da mãe. — O que quer que aconteça a Jonathan, acontece a Jace. Entende, mãe? Se matá-lo, Jace morre. Ele já está sangrando. Mãe, por favor.

Jocelyn continuava empunhando a faca, mas sua expressão estava incerta.

— Clary...

— Céus, que coisa mais desconfortável — observou Sebastian. — Estou interessado em ver como resolvem isto. Afinal, não tenho razão para sair.

— Sim, na verdade — veio uma voz do corredor —, você tem, sim.

Era Luke, descalço e usando calça jeans e um casaco velho. Parecia desgrenhado e estranhamente mais jovem sem os óculos. Também tinha uma espingarda equilibrada no ombro, o cano apontado diretamente para Sebastian.

— Esta aqui é uma Winchester calibre .12. O bando a utiliza para abater lobos que se corromperam — falou. — Mesmo que não o mate, posso arrancar sua perna, filho de Valentim.

Foi como se todos na sala arfassem ao mesmo tempo; todos, exceto Luke. E Sebastian, que, com um sorriso no rosto, foi na direção de Luke, como se ignorasse a arma.

— "Filho de Valentim" — falou. — É assim que pensa em mim? Em outras circunstâncias, você poderia ter sido meu padrinho.

— Em outras circunstâncias — disse Luke, deslizando o dedo para o gatilho —, você poderia ter sido humano.

Sebastian parou onde estava.

— O mesmo poderia ser dito sobre você, lobisomem.

O mundo pareceu desacelerar. Luke mirou pelo cano da espingarda. Sebastian continuou sorrindo.

— Luke — disse Clary. Foi como um daqueles sonhos, um pesadelo em que queria gritar, mas a única coisa que conseguiu fazer atravessar a garganta foi um sussurro. — Luke, não faça isso.

O dedo do padrasto se firmou no gatilho e, em seguida, Jace se movimentou como um raio, lançando-se de onde estava, ao lado de Clary, para além do sofá e colidindo contra Luke exatamente quando a espingarda disparou.

O tiro saiu desgovernado; uma das janelas estilhaçou para fora ao ser atingida pela bala. Luke, desequilibrado, cambaleou para trás. Jace arrancou a arma da mão dele e a arremessou. A arma zuniu através da janela quebrada, e Jace se voltou novamente para o licantrope.

— Luke... — começou.

Luke o acertou.

Mesmo sabendo o que sabia, o choque daquilo tudo, de ver Luke, que havia defendido Jace incontáveis vezes para sua mãe, para Maryse, para a Clave — Luke, que era basicamente gentil e generoso —, batendo na cara de Jace daquele jeito, foi como se ele tivesse batido em Clary. Jace, completamente despreparado, foi arremessado para trás, contra a parede.

E Sebastian, que até o momento não tinha demonstrado qualquer emoção além de desdém e nojo, rosnou; rosnou e sacou uma adaga longa e fina do cinto. Luke arregalou os olhos e começou a se afastar, mas Sebastian foi mais rápido do que ele — mais rápido do que qualquer pessoa que Clary já tivesse visto. Mais rápido que Jace. Enfiou a adaga no peito de Luke, girando-a com força antes de retirá-la, vermelha até o cabo. Luke caiu para trás contra a parede, em seguida deslizou para o chão, deixando um rastro de sangue enquanto Clary o encarava, horrorizada.

Jocelyn gritou. O som foi pior do que o barulho da bala estilhaçando o vidro, apesar de Clary ter escutado como se viesse de longe, ou de baixo d'água. Ela estava encarando Luke, que caiu no chão, o tapete em volta ficando rapidamente vermelho.

Sebastian ergueu a adaga outra vez, e Clary se jogou para cima dele, batendo com toda a força

contra o ombro do irmão, tentando desequilibrá-lo. Mal o moveu, mas ele derrubou a adaga. Virou-se para ela. Ele estava sangrando no lábio. Clary não sabia por quê, não até Jace surgir em seu campo de visão e ela notar o sangue onde Luke o havia atingido.

— Chega! — Jace agarrou Sebastian pelo casaco. Estava pálido e não estava olhando para Luke, nem para Clary. — Pare. Não foi para isto que viemos aqui.

— Me solte...

— Não. — Jace se esticou por cima de Sebastian e o agarrou pela mão.

Seus olhos encontraram os de Clary. Os lábios de Jace formaram palavras, houve um clarão prateado, o anel no dedo de Sebastian, então os dois desapareceram, sumindo entre uma respiração e outra. Exatamente quando desapareceram, um raio de algo metálico cortou o ar onde haviam estado e se enterrou na parede.

A kindjal de Luke.

Clary se virou para a mãe, que havia arremessado a faca. Mas Jocelyn não estava olhando para Clary. Em vez disso, corria para o lado de Luke, caindo de joelhos sobre o tapete sangrento e puxando-o para o colo. Ele estava com os olhos fechados. Sangue pingava dos cantos da boca. A adaga de prata de Sebastian, manchada com mais sangue ainda, estava a alguns centímetros de distância.

— Mãe — sussurrou Clary. — Ele...

— A adaga era de prata. — A voz de Jocelyn tremeu. — Ele não vai se curar tão rápido quanto deveria, não sem tratamento especial. — Ela tocou o rosto de Luke com as pontas dos dedos. O peito dele subia e descia, Clary viu aliviada, ainda que superficialmente. Ela pôde sentir o gosto de lágrimas ardendo no fundo da garganta e por um instante se impressionou com a calma da mãe. Mas aquela mulher já havia se colocado diante das cinzas da própria casa, cercada por corpos incinerados de seus familiares, incluindo os pais e o filho, e havia superado tudo. — Pegue algumas toalhas no banheiro — disse a mãe. — Precisamos estancar o sangue.

Clary se levantou cambaleando e foi quase em um voo cego até o pequeno banheiro de Luke. Havia uma toalha cinza pendurada atrás da porta. Ela a puxou de lá e voltou para a sala. Jocelyn estava segurando Luke no colo com uma das mãos; a outra estava ocupada com um telefone celular. Ela o derrubou e pegou a toalha quando Clary entrou. Dobrando-a ao meio, colocou-a sobre o machucado no peito de Luke e pressionou. Clary observou enquanto as bordas da toalha ficavam vermelhas com o sangue.

— Luke — sussurrou Clary. Ele não se moveu. Seu rosto estava com uma terrível cor cinzenta.

— Acabei de ligar para o bando dele — disse Jocelyn. Não olhou para a filha; Clary percebeu que Jocelyn não tinha feito qualquer pergunta a respeito de Jace e Sebastian, ou por que Jace havia surgido do seu quarto, ou o que estavam fazendo lá dentro. Estava inteiramente focada em

Luke. — Alguns membros estão patrulhando a área. Assim que chegarem, temos de sair. Jace vai voltar por você.

— Você não sabe... — começou Clary, sussurrando através da garganta seca.

— Sei — respondeu Jocelyn. — Valentim veio atrás de mim depois de 15 anos. Os homens Morgenstern são assim. Nunca desistem. Ele vai voltar.

Jace não é Valentim. Mas as palavras morreram nos lábios de Clary. Ela queria cair ajoelhada e pegar a mão de Luke, segurar com força, dizer que o amava. Mas se lembrou das mãos de Jace tocando-a em seu quarto e não o fez. Isto era culpa dela. Ela não merecia poder confortar Luke, ou a si mesma. Merecia a dor, a culpa.

Passos arranhados soaram na entrada, e o baixo murmúrio de vozes. A cabeça de Jocelyn se levantou de imediato. O bando.

— Clary, vá buscar suas coisas — disse. — Pegue o que achar que vai precisar, mas não mais do que puder carregar. Não voltaremos a esta casa.

6

Nenhuma arma neste mundo

Pequenos flocos de neve tinham começado a cair como penas do céu cinza-metálico enquanto Clary e a mãe corriam pela Greenpoint Avenue, ambas de cabeça baixa por causa do vento frio que vinha do East River.

Jocelyn não disse uma palavra desde que deixaram Luke na delegacia de polícia abandonada que servia de base para o bando. Foi tudo um borrão — o bando carregando o líder, o kit de cura, Clary e a mãe lutando para enxergar Luke enquanto os lobos pareciam fechar o círculo na frente delas. Ela sabia por que não podiam levá-lo a um hospital mundano, mas foi difícil, mais que difícil, deixá-lo ali naquele recinto branco que servia de enfermaria.

Não que os lobos não gostassem de Jocelyn ou Clary. Era mais uma questão de a noiva de Luke e sua filha não fazerem parte do bando. Jamais fariam. Clary olhou em volta, procurando Maia, em busca de uma aliada, mas não a viu. Eventualmente Jocelyn pediu que Clary esperasse no corredor, pois a sala estava cheia demais, e Clary se encolheu no chão, com a mochila no colo. Eram duas da madrugada, e ela jamais havia se sentido tão sozinha. Se Luke morresse...

Mal conseguia se lembrar de uma vida sem ele. Por causa dele e da mãe, Clary sabia o que era ser amada de forma incondicional. Luke a levantando para colocá-la no galho de uma macieira na fazenda dele era uma de suas primeiras lembranças. Na enfermaria, ele estava respirando com dificuldade enquanto seu terceiro homem na linha de comando, o Morcego, abria o kit de cura. As pessoas normalmente respiravam daquele jeito quando morriam, ela se lembrou. Não conseguia recordar qual tinha sido a última coisa que dissera a Luke. Não se deveria lembrar a última coisa dita a alguém antes de a pessoa morrer?

Quando Jocelyn finalmente emergiu da enfermaria, parecendo exausta, estendeu a mão para Clary e a ajudou a levantar.

— Ele... — começou Clary.

— Está estabilizado — respondeu Jocelyn. Olhou de um lado para o outro do corredor. — Devemos ir.

— Para onde? — Clary estava assustada. — Achei que fôssemos ficar aqui, com Luke. Não quero deixá-lo.

— Nem eu. — Jocelyn foi firme. Clary pensou na mulher que deu as costas para Idris, para tudo que sempre conheceu, e se afastou para começar uma nova vida sozinha. — Mas também não podemos atrair Jace e Jonathan para cá. Não é seguro para o bando, nem para Luke. E aqui é o primeiro local onde Jace vai procurar por você.

— Então para onde... — começou Clary, mas percebeu antes de concluir a própria frase, e se calou. Para onde iam quando precisavam de ajuda atualmente?

Agora havia uma camada açucarada de branco sobre o asfalto. Jocelyn havia posto um casaco longo antes de sair de casa, mas por baixo dele ainda vestia as roupas manchadas pelo sangue de Luke. Estava com o maxilar tenso e os olhos fixos na rua à frente. Clary ficou imaginando se a mãe teria saído assim de Idris, com os sapatos sujos de cinzas e o Cálice Mortal escondido sob o casaco.

Clary balançou a cabeça para clareá-la. Estava sendo fantasiosa, imaginando coisas que não tinha presenciado, a mente vagando, talvez pelo horror do que tinha acabado de ver.

Espontaneamente, a imagem de Sebastian enterrando a faca no peito de Luke surgiu e o som da voz adorada e familiar de Jace dizendo "efeito colateral".

Pois frequentemente, quando algo precioso se perde, ao voltarmos a encontrá-lo, pode não ser mais o mesmo.

Jocelyn tremeu e levantou o capuz para cobrir o cabelo. Flocos brancos de neve já tinham começado a se misturar aos fios ruivos. Ela continuava em silêncio, e a rua, ladeada por restaurantes poloneses e russos entre barbearias e salões de beleza, encontrava-se deserta na noite branca e amarela. Uma lembrança piscou atrás das pálpebras de Clary — desta vez verdadeira, sem qualquer pontinha de imaginação. A mãe correndo com ela por uma rua negra à noite entre montes de neve suja e acumulada. Um céu baixo, cinza e pesado...

Já tinha visto a imagem antes, na primeira vez em que os Irmãos do Silêncio vasculharam sua mente. Agora percebeu do que se tratava. A lembrança de uma vez em que a mãe a levou até a casa de Magnus para alterar sua memória. Deve ter sido no ápice do inverno, mas ela reconheceu a Greenpoint Avenue na lembrança.

O armazém de tijolos vermelhos onde Magnus morava se ergueu diante delas. Jocelyn abriu as portas de vidro da frente, e elas entraram, Clary tentando respirar pela boca enquanto a mãe apertava a campainha da casa de Magnus uma, duas, três vezes. Finalmente a porta se abriu, e elas correram pelas escadas. A porta do apartamento de Magnus estava aberta e o feiticeiro se encontrava apoiado na arquitrave, esperando. Vestia um pijama amarelo-canário e nos pés pantufas de alienígenas, com antenas e tudo. Os cabelos eram uma mistura cacheada e espetada de um preto emaranhado, e os olhos verde-dourados piscaram cansados para elas.

— A Casa de São Magnus para Caçadores de Sombras Desobedientes — disse ele, com a voz rouca. — Sejam bem-vindas. — Ele estendeu um braço. — Os quartos de hóspedes são por ali. Limpem os sapatos no tapete. — Ele voltou para dentro do apartamento, deixando que elas passassem na frente antes de fechar a porta. Hoje o local estava com uma decoração pseudovitoriana, com sofás de costas altas e grandes espelhos de molduras douradas por todos os lados. Os pilares tinham luzes em forma de flores.

Havia três quartos de hóspedes em um corredor que saía da sala principal; Clary escolheu um aleatoriamente à direita. Era pintado de laranja, como seu antigo quarto em Park Slope, e tinha um sofá-cama e uma janelinha com vista para as janelas escuras de uma lanchonete fechada. Presidente Miau estava encolhido na cama, com o focinho embaixo do rabo. Ela se sentou ao lado dele e o acariciou nas orelhas, sentiu o ronronado que vibrava pelo pequeno corpo peludo. Ao afagá-lo, viu a manga do próprio casaco. Tinha uma mancha escura e endurecida de sangue. Sangue de Luke.

Levantou-se e arrancou o casaco violentamente. Da mochila retirou um par de jeans limpo e uma camisa térmica de gola em V e se vestiu. Olhou rapidamente para si mesma na janela, um reflexo pálido, os cabelos soltos de qualquer jeito, úmidos de neve, as sardas ressaltadas como manchas de tinta. Não que sua aparência importasse. Pensou em Jace beijando-a — parecia que tinha acontecido havia dias, e não horas antes —, e o estômago doeu como se tivesse engolido pequenas facas.

Clary se segurou na borda da cama por um longo momento até a dor esmaecer. Depois respirou fundo e voltou para a sala.

A mãe estava sentada em uma das cadeiras de encosto dourado, os longos dedos de artista envolvendo uma xícara de água quente com limão. Magnus estava jogado em um sofá rosa-shocking, com os pés sobre a mesa de centro.

— O bando o estabilizou — dizia Jocelyn, com a voz exausta. — Mas não sabem por quanto tempo. Acharam que talvez houvesse pólvora de prata na lâmina, mas parece ser outra coisa. A ponta da faca... — levantou o olhar, viu Clary e se calou.

— Tudo bem, mãe. Já tenho idade o suficiente para saber o que há de errado com Luke.

— Bem, eles não sabem exatamente o que é — informou Jocelyn, suavemente. — A ponta da lâmina que Sebastian utilizou quebrou em uma das costelas e se alojou no osso. Mas não conseguem recuperá-la. Ela... se mexe.

— Mexe? — Magnus pareceu confuso.

— Quando tentaram retirá-la, penetrou o osso e quase o quebrou — explicou. — Ele é um lobisomem, se cura rapidamente, mas aquilo está lá, cortando os órgãos internos, impedindo que o ferimento feche.

— Metal demoníaco — disse Magnus. — Não é prata.

Jocelyn se inclinou para a frente.

— Acha que pode ajudá-lo? Qualquer que seja o custo, eu pago...

Magnus se levantou. As pantufas de alienígena e os cabelos emaranhados pareciam extremamente incompatíveis com a gravidade da situação.

— Não sei.

— Mas você curou Alec — disse Clary. — Quando o Demônio Maior o feriu...

Magnus tinha começado a andar de um lado para o outro.

— Eu sabia o que havia de errado com ele. E não sei que tipo de metal demoníaco é esse. Posso experimentar, tentar diferentes feitiços de cura, mas não será a forma mais rápida de ajudá-lo.

— Qual é a forma mais rápida? — perguntou Jocelyn.

— A Praetor — respondeu. — A Guarda dos Lobos. Conheci o fundador, Woolsey Scott. Por causa de certos... incidentes, ele era fascinado pela maneira como metais demoníacos e suas drogas agem em licantropes, da mesma forma como os Irmãos do Silêncio guardam registros das maneiras através das quais os Nephilim podem ser curados. Ao longo dos anos, a Praetor se tornou muito restrita e secreta, infelizmente. Mas um integrante da Sociedade poderia acessar a informação.

— Luke não é membro — disse Jocelyn. — E a lista é secreta...

— Mas Jordan — disse Clary. — Jordan é membro. Ele pode descobrir. Vou ligar para ele...

— Eu ligo para ele — interrompeu Magnus. — Não posso entrar na sede da Praetor, mas posso transmitir um recado com um peso extra. Já volto. — Ele foi até a cozinha, as antenas das pantufas oscilando suavemente, como algas em uma corrente.

Clary se voltou para a mãe, que estava olhando para a caneca com água quente. Era um de seus calmantes favoritos, apesar de Clary nunca conseguir entender por que alguém quereria beber água quente e amarga. A neve havia ensopado o cabelo da mãe, e agora que estava secando, começou a cachear, como acontecia com o de Clary no clima úmido.

— Mãe — disse Clary, e a mãe levantou os olhos. — Aquela faca que você arremessou... na casa de Luke... foi mirando Jace?

— Foi mirando Jonathan. — Ela jamais o chamaria de Sebastian, Clary sabia.

— É que... — Clary respirou fundo. — É quase a mesma coisa. Você viu. Quando atingiu Sebastian, Jace começou a sangrar. É como se fossem... o espelho um do outro, de certa forma. Se cortar Sebastian, Jace sangra. Se matá-lo, Jace morre.

— Clary. — A mãe esfregou os olhos cansados. — Podemos não discutir isso agora?

— Mas você disse que acha que ele vai voltar para me buscar. Jace, quero dizer. Preciso saber que não vai machucá-lo...

— Bem, isso você não pode saber. Pois não vou prometer, Clary. Não posso. — A mãe a olhou com firmeza. — Vi vocês dois saindo do seu quarto.

Clary enrubesceu.

— Não quero...

— O quê? Conversar a respeito? Bom, não posso fazer nada. Você que puxou o assunto. Tem sorte por eu não ser mais da Clave, você sabe. Há quanto tempo sabe onde Jace está?

— Eu não sei onde ele está. Hoje foi a primeira vez que falei com ele desde que desapareceu.

Eu o vi no Instituto com Seb... Jonathan, ontem. Contei para Alec, Isabelle e Simon. Mas não podia falar para mais ninguém. Se a Clave o pegasse... não posso deixar que isso aconteça.

Jocelyn ergueu os olhos verdes.

— E por que não?

— Porque ele é o Jace. Porque o amo.

— Aquele não é Jace. É isso, Clary. Ele não é quem era antes. Não consegue ver...

— Claro que consigo ver. Não sou burra. Mas tenho fé. Já o vi possuído antes e o vi se libertar. Acho que Jace ainda está ali dentro, em algum lugar. Acredito que haja um jeito de salvá-lo.

— E se não houver?

— Prove.

— Não se pode provar uma negativa, Clarissa. Entendo que você o ame. Sempre amou, até demais. Acha que não amei seu pai? Pensa que não dei a ele todas as chances? E veja no que deu. Jonathan. Se eu não tivesse ficado com seu pai, ele não existiria...

— Nem eu — disse Clary. — Caso tenha se esquecido, eu nasci depois do meu irmão, não antes. — Ela olhou para a mãe, séria. — Está dizendo que teria valido a pena não ter me tido, se pudesse se livrar de Jonathan?

— Não, eu...

Ouviram o barulho de chaves na fechadura, e a porta do apartamento se abriu. Era Alec. Vestia um longo casaco de couro aberto sobre um suéter azul e tinha flocos brancos de neve nos cabelos negros. Suas bochechas estavam vermelhas como maçãs em virtude do frio, mas fora isso o rosto estava pálido.

— Onde está Magnus? — indagou. Quando ele olhou para a cozinha, Clary viu um machucado na mandíbula, abaixo da orelha, mais ou menos do tamanho da digital de um polegar.

— Alec! — Magnus veio saltitante até a sala e soprou um beijo para o namorado. Tinha tirado as pantufas e estava descalço agora. Os olhos felinos brilharam ao ver Alec.

Clary conhecia aquele olhar. Era ela olhando para Jace. Mas Alec não retribuiu. Estava tirando o casaco e pendurando-o na parede. Estava visivelmente chateado. As mãos tremiam e o ombro estava rígido.

— Recebeu minha mensagem? — perguntou Magnus.

— Recebi. E estava a poucos quarteirões daqui. — Alec olhou para Clary e para Jocelyn, ansiedade e incerteza marcando sua expressão. Apesar de Alec ter sido convidado para a recepção de Jocelyn e tê-la encontrado diversas vezes antes disso, não se conheciam bem. — É verdade o que Magnus disse? Viu Jace novamente?

— E Sebastian — respondeu Clary.

— Mas Jace — disse Alec. — Como foi... Quero dizer, como ele estava?

Clary sabia exatamente o que ele estava perguntando; pela primeira vez, ela e Alec se entendiam melhor do que qualquer pessoa no recinto.

— Ele não está enganando Sebastian — respondeu com suavidade. — Realmente mudou. Ele não é mais como antes.

— Como? — perguntou Alec, com uma mistura de raiva e vulnerabilidade. — Como ele está diferente?

Tinha um buraco no joelho da calça de Clary; ela mexeu no furo, arranhando a própria pele embaixo.

— O jeito como ele fala... acredita em Sebastian. Acredita no que ele está fazendo, o que quer que seja. Lembrei a ele que Sebastian matou Max, e ele sequer pareceu se importar. — A voz falhou. — Ele disse que Sebastian é tão irmão dele quanto Max.

Alec empalideceu, as manchas vermelhas no rosto se destacando como sangue.

— Falou alguma coisa sobre mim? Ou Izzy? Perguntou da gente?

Clary balançou a cabeça, mal suportando ver a expressão no rosto de Alec. Com o canto do olho pôde ver Magnus olhando para Alec, o rosto quase vazio de tanta tristeza. Ficou imaginando se ele ainda tinha ciúme de Jace, ou se só estava magoado por Alec.

— Por que ele foi até sua casa? — Alec balançou a cabeça. — Não entendo.

— Queria que eu fosse com ele. E me juntasse a ele e Sebastian. Acho que eles querem que a duplinha do mal vire um trio. — Clary deu de ombros. — Talvez esteja se sentindo sozinho. Sebastian não pode ser a melhor das companhias.

— Disso não sabemos. Ele pode ser ótimo em palavras cruzadas — comentou Magnus.

— Ele é um psicopata assassino — afirmou Alec, secamente. — E Jace sabe disso.

— Mas Jace não é Jace no momento... — começou Magnus, mas se interrompeu quando o telefone tocou. — Eu atendo. Quem sabe quem mais pode estar fugindo da Clave e precisando de abrigo? Não é como se houvesse hotéis na cidade. — E ele saiu em direção à cozinha.

Alec se jogou em um sofá.

— Ele anda trabalhando demais — falou, olhando preocupado para o namorado. — Tem passado todas as noites em claro tentando decifrar aqueles símbolos.

— A Clave o contratou? — quis saber Jocelyn.

— Não — Alec respondeu, lentamente. — Está fazendo isso por mim. Pelo que Jace significa para mim. — Ele ergueu a manga, mostrando para Jocelyn o símbolo de parabatai na parte interna do antebraço.

— Você sabia que Jace não estava morto — disse Clary, a mente começando a remexer os pensamentos. — Porque são parabatai, por causa do laço entre vocês. Mas disse que sentia algo errado.

— Porque ele está possuído — disse Jocelyn. — Isso o mudou. Valentim disse que quando Luke passou a integrar o Submundo, ele sentiu. Teve a noção de que havia algo errado.

Alec balançou a cabeça.

— Mas quando Jace foi possuído por Lilith, eu não senti — revelou. — Agora consigo sentir alguma coisa... errada. Algo fora do lugar. — Ele olhou para os próprios sapatos. — Dá para sentir quando seu parabatai morre, como se houvesse uma corda te prendendo a alguém, ela arrebentasse, e você estivesse caindo. — Alec olhou para Clary. — Eu senti, uma vez, em Idris, durante a batalha. Mas foi tão breve... e, quando voltei para Alicante, Jace estava vivo. Então me convenci de que tinha sido imaginação.

Clary balançou a cabeça, pensando em Jace e na areia suja de sangue perto do Lago Lyn. Não imaginou.

— O que sinto agora é diferente — prosseguiu. — Sinto como se ele estivesse ausente do mundo, porém não morto. Nem aprisionado... Só não está aqui.

— É exatamente isso — disse Clary. — Nas duas vezes em que o vi com Sebastian, eles desapareceram no ar. Sem Portal, apenas estavam aqui em um segundo e no outro sumiram.

— Quando você fala de aqui e ali — disse Magnus, voltando para a sala com um bocejo —, e este mundo e aquele mundo, está falando é de dimensões. Existem apenas alguns feiticeiros que conseguem fazer magia dimensional. Meu velho amigo Ragnor conseguia. Dimensões não ficam lado a lado; são unidas por dobras, como papel. Onde se cruzam é possível criar bolsos dimensionais que impedem que você seja encontrado através de magia. Afinal de contas, você não está aqui, está ali.

— Talvez por isso não consigamos rastreá-lo? Por isso Alec não consegue senti-lo? — sugeriu Clary.

— Pode ser. — Magnus soou quase impressionado. — Significaria que, literalmente, não há forma de encontrá-los se não quiserem ser encontrados. E nem como nos enviar um recado se de fato os encontrasse. É magia complicada e cara. Sebastian deve ter relações... — A campainha tocou, e todos saltaram. Magnus revirou os olhos. — Acalmem-se, todos — disse ele, e desapareceu para a entrada.

Em um segundo, voltou com um sujeito envolto por uma túnica cor de pergaminho cujas costas e laterais eram marcadas por símbolos vermelho-escuros. Apesar de o capuz estar levantado, cobrindo o rosto, parecia completamente seco, como se não tivesse sido atingido por nenhum floco de neve. Quando tirou o capuz, Clary não se surpreendeu em nada ao ver o rosto do Irmão Zachariah.

Jocelyn colocou a caneca subitamente sobre a mesa de centro. Estava olhando para o Irmão do Silêncio. Com o capuz para trás, dava para ver o cabelo escuro, mas o rosto estava sombreado, de modo que Clary não pôde ver os olhos, apenas as maçãs do rosto, bem definidas e marcadas

por cicatrizes.

— Você — disse Jocelyn, sem terminar a frase. — Mas Magnus me disse que você jamais...

Eventos inesperados exigem medidas inesperadas. A voz do Irmão Zachariah flutuou, tocando a mente de Clary; pelas expressões no rosto dos outros, ela percebeu que eles também podiam ouvir. Não direi nada à Clave ou ao Conselho sobre o que transcorrer aqui nesta noite. Se recebo a chance de salvar o último na linha de sucessão dos Herondale, considero isto algo de importância maior do que minha fidelidade à Clave.

— Então está resolvido — disse Magnus. Formava uma dupla estranha com o Irmão do Silêncio ao seu lado, um deles pálido e usando uma cor de túnica apagada, o outro de pijama amarelo-vibrante. — Alguma nova ideia sobre os símbolos de Lilith?

Estudei os símbolos cuidadosamente e ouvi todos os testemunhos prestados no Conselho, disse o Irmão Zachariah. Acredito que o ritual tenha tido duas partes. Primeiro ela utilizou a mordida do Diurno para reviver a consciência de Jonathan Morgenstern. O corpo ainda estava fraco, mas a mente e a vontade estavam vivas. Acredito que quando Jace Herondale foi deixado sozinho com ele no telhado, Jonathan invocou o poder dos símbolos de Lilith e forçou Jace a adentrar o círculo enfeitiçado que o cercava. A essa altura a vontade de Jace estava controlada pela dele. Creio que ele tenha extraído o sangue de Jace a fim de conseguir forças para levantar e fugir, levando Jace consigo.

— E de algum jeito isso tudo criou uma conexão entre os dois? — perguntou Clary. — Porque quando minha mãe golpeou Sebastian, Jace começou a sangrar.

Sim. O que Lilith fez foi uma espécie de ritual de geminação, não muito diferente da nossa própria cerimônia de parabatai, mas mais poderoso e perigoso. Os dois agora estão inextricavelmente ligados. Se um morrer, o outro vai atrás. Nenhuma arma neste mundo pode ferir somente um.

— Quando diz que estão ligados inextricavelmente — disse Alec, inclinando-se para a frente —, isso quer dizer... digo, Jace odeia Sebastian. Sebastian matou nosso irmão.

— E também não vejo como Sebastian poderia morrer de amores por Jace. Passou a vida tendo muito ciúme dele. Achava que Jace era o preferido de Valentim — acrescentou Clary.

— Sem falar — observou Magnus — que Jace o matou. Isso deixaria qualquer um meio irritado.

— É como se Jace não se lembrasse de nenhum destes acontecimentos — Clary disse, frustrada. — Não, não como se não lembrasse... como se não acreditasse.

Ele se lembra. Mas o poder da ligação é tão forte que os pensamentos de Jace contornam estes fatos, como água passando em torno de pedras em um rio. Como o feitiço que Magnus instaurou em sua mente, Clarissa. Quando você via pedaços do mundo invisível, sua mente os rejeitava, se desviava. Não existe razão para tentar conversar com Jace sobre Jonathan. A verdade não pode

romper a ligação.

Clary pensou no que aconteceu quando ela lembrou a Jace que Sebastian havia matado Max, como o rosto dele se contraiu momentaneamente, pensativo, em seguida suavizou como se tivesse se esquecido do que ela falou, tão depressa quanto ela disse.

Consolem-se minimamente pelo fato de que Jonathan Morgenstern é tão ligado a Jace quanto este a ele. Não pode prejudicar ou machucar Jace, e nem quereria fazer isso, acrescentou Zachariah.

Alec jogou as mãos para o alto.

— Então agora eles se amam? São os melhores amigos? — A dor e o ciúme eram evidentes na voz.

Não. Agora um é o outro. Vê o que o outro vê. Sabe que o outro é de alguma forma indispensável. Sebastian é o líder, o primário. Jace acredita no que ele acreditar. O que ele quiser, Jace fará.

— Então ele está possuído — disse Alec, secamente.

Em uma possessão, normalmente há uma parte da consciência original da pessoa intacta. Aqueles que foram possuídos falam de terem visto as próprias ações executadas de fora, gritando, mas incapazes de serem ouvidos. Mas Jace está dominando de forma plena seu corpo e sua mente. Ele acredita que está são. Acredita que é isso que quer.

— Então o que ele queria de mim? — perguntou Clary, com a voz trêmula. — Por que ele veio até meu quarto esta noite? — Ela torceu para que as bochechas não enrubescessem. Tentou afastar a lembrança do beijo, a pressão do corpo dele na cama.

Ele ainda a ama, disse o Irmão Zachariah, com a voz surpreendentemente suave. Você é o centro do mundo dele. Isso não mudou.

— E por isso tivemos de fugir — disse Jocelyn, tensa. — Ele vai voltar para buscá-la. Não podíamos ficar na delegacia. Não sei que lugar pode ser seguro...

— Aqui — disse Magnus. — Posso colocar barreiras que vão manter Jace e Sebastian afastados.

Clary viu alívio inundar os olhos da mãe.

— Obrigada — disse Jocelyn.

Magnus acenou um braço.

— É um privilégio. Adoro espantar Caçadores de Sombras irritados, principalmente os possuídos.

Ele não está possuído, lembrou o Irmão Zachariah.

— Semântica — disse Magnus. — A questão é: o que os dois estão tramando? O que estão planejando?

— Clary disse que quando os viu na biblioteca, Sebastian comentou que Jace em breve estaria

no comando do Instituto — disse Alec. — Então estão tramando alguma coisa.

— Querem dar continuidade ao trabalho de Valentim, provavelmente — afirmou Magnus. — Acabar com o Submundo, matar todos os Caçadores de Sombras rebeldes, blá-blá-blá.

— Talvez. — Clary não tinha certeza. — Jace falou alguma coisa sobre Sebastian servir a um propósito maior.

— Só o Anjo sabe o que isso pode significar — comentou Jocelyn. — Fui casada com um fanático durante anos. Sei o que "propósito maior" significa. Significa torturar inocentes, assassinatos brutais, dar as costas para amigos, tudo em nome de algo que acredita ser maior do que você, mas que não passa de cobiça e infantilidade mascaradas por um termo mais culto.

— Mãe — protestou Clary, preocupada ao ouvir a mãe soar tão amarga.

Mas Jocelyn estava olhando para o Irmão Zachariah.

— Você disse que nenhuma arma neste mundo poderia ferir apenas um — falou. — Nenhuma arma que conheça...

Os olhos de Magnus brilharam subitamente, como os de um gato quando capturados por um raio de luz.

— Você acha...

— As Irmãs de Ferro — disse Jocelyn. — São especialistas em armamentos. Talvez tenham uma resposta.

As Irmãs de Ferro, Clary sabia, eram o equivalente feminino dos Irmãos do Silêncio. Ao contrário destes, não tinham as bocas ou os olhos costurados, mas viviam em total solidão, em uma fortaleza de localização desconhecida. Não eram combatentes — eram criadoras, as mãos que formavam as armas, as estelas, as lâminas serafim que mantinham os Caçadores de Sombras vivos. Havia símbolos que apenas elas podiam talhar, e somente elas conheciam os segredos da modelagem da substância branco-prateada chamada adamas para criar torres demoníacas, estelas e pedras enfeitiçadas. Raramente vistas, não compareciam às reuniões do Conselho, nem entravam em Alicante.

É possível, disse o Irmão Zachariah após uma longa pausa.

— Se Sebastian pudesse ser morto, se houver uma arma capaz de matá-lo e manter Jace vivo, isso quer dizer que Jace pode se libertar da influência? — perguntou Clary.

Houve uma pausa ainda mais longa. Em seguida:

Sim, respondeu o Irmão Zachariah. Seria o resultado mais provável.

— Então vamos ver as Irmãs. — A exaustão se pendurou em Clary como uma capa, pesando em seus olhos, amargando o gosto em sua boca. Esfregou os olhos, tentando espantá-la. — Agora.

— Não posso ir — disse Magnus. — Apenas mulheres Caçadoras de Sombras podem adentrar a Cidadela Adamant.

— E você não vai — disse Jocelyn para Clary, com seu tom mais austero de "não, você não vai

para a boate com Simon depois da meia-noite". — Está mais segura aqui, protegida por barreiras.

— Isabelle — disse Alec. — Isabelle pode ir.

— Tem alguma ideia de onde ela esteja? — perguntou Clary.

— Em casa, suponho — respondeu, dando de ombros. — Posso ligar para ela...

— Eu cuido disto — disse Magnus, pegando o celular do bolso suavemente e digitando uma mensagem com a habilidade de quem tem muita prática. — Está tarde, e não precisamos acordá-la. Todo mundo precisa descansar. Se eu for enviar alguém de vocês às Irmãs de Ferro, será amanhã.

— Vou com Isabelle — disse Jocelyn. — Ninguém está procurando especificamente por mim, e é melhor ela não chegar sozinha. Mesmo que eu não seja tecnicamente uma Caçadora de Sombras, já fui um dia. Só precisam que uma de nós preencha os requisitos.

— Não é justo — disse Clary.

A mãe sequer olhou para ela.

— Clary...

Clary se levantou.

— Fui praticamente uma prisioneira nas últimas duas semanas — disse, com a voz trêmula. — A Clave não me deixou procurar Jace. E agora que ele veio até mim... a mim... você sequer me deixa ir junto até as Irmãs de Ferro...

— Não é seguro. Jace provavelmente está tentando rastreá-la...

Clary se descontrolou:

— Toda vez que você me mantém segura, arruína minha vida!

— Não, quanto mais você se envolve com Jace, mais você arruína sua vida! — rebateu a mãe. — Cada risco que assumiu, cada perigo que correu, foi sempre por causa dele! Ele apontou uma faca para sua garganta, Clarissa...

— Aquilo não foi ele — disse Clary, com o tom mais suave e mortal que conseguiu alcançar. — Acha que eu ficaria um segundo com um menino que me ameaçasse com uma faca, mesmo que o amasse? Talvez você tenha passado tempo demais na vida mundana, mãe, mas magia existe. A pessoa que me machucou não foi Jace. Foi um demônio disfarçado como ele. E a pessoa que estamos procurando agora não é Jace. Mas se ele morrer...

— Não há chance de o recuperarmos — disse Alec.

— Talvez já não haja mais essa chance — argumentou Jocelyn. — Meu Deus, Clary, veja as evidências. Você acreditava que era irmã de Jace! Sacrificou tudo para salvar a vida dele, e um Demônio Maior se aproveitou dele para chegar a você! Quando vai encarar o fato de que vocês dois não foram feitos um para o outro?

Clary recuou como se a mãe tivesse batido nela. O Irmão Zachariah permaneceu parado como uma estátua, como se ninguém estivesse gritando. Magnus e Alec estavam encarando;

Jocelyn estava com as bochechas rubras, os olhos brilhando de raiva. Sem confiar em si mesma para falar, Clary girou e atravessou o corredor até o quarto de hóspedes de Magnus, batendo a porta com força.

— Tudo bem, estou aqui — disse Simon. Um vento frio estava soprando através da extensão lisa do jardim do telhado, e ele enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans. Não sentia o frio de fato, mas tinha a sensação de que deveria. Elevou a voz: — Apareci. Cadê você?

O jardim do telhado do Greenwich Hotel — atualmente fechado e, portanto, sem pessoas — parecia um jardim inglês, com pequenas árvores podadas, móveis de vime e vidro elegantemente dispostos e guarda-sóis de enfeite que balançavam ao vento. As treliças de rosas, descobertas no frio, tinham teias de aranha que iam até as paredes de pedra que cercavam o telhado, acima do qual Simon podia enxergar a vista iluminada da parte baixa de Nova York.

— Estou aqui — disse alguém, e uma sombra esguia se desgrudou de uma poltrona de vime e levantou. — Já estava começando a me perguntar se viria, Diurno.

— Raphael — disse Simon, a voz resignada. Ele foi para a frente, passou as tábuas de madeira que envolviam os canteiros de flores e as piscinas artificiais ladeadas por quartzos brilhantes. — Eu mesmo estava me perguntando.

Ao se aproximar, pôde ver Raphael com clareza. Simon tinha excelente visão noturna, e somente a habilidade de Raphael de se misturar às sombras o mantivera escondido antes. O outro vampiro estava de terno preto, dobrado nos punhos para mostrar o brilho de abotoaduras em forma de corrente. Ele ainda tinha o rosto de um anjinho, apesar do olhar frio ao encarar Simon.

— Quando o líder do clã de vampiros de Manhattan chama, Lewis, você vem.

— E o que você faria se eu não viesse? Enfiaria uma estaca em mim? — Simon abriu os braços. — Tente. Faça o que quiser comigo. Vá em frente.

— Dios, mas você é chato — disse Raphael. Por trás dele, perto da parede, Simon viu o brilho cromado da moto vampiresca que Raphael tinha utilizado para chegar até ali.

Simon abaixou os braços.

— Foi você que me pediu para encontrá-lo.

— Tenho uma oferta de trabalho para você — disse Raphael.

— Sério? Estão faltando funcionários no hotel?

— Preciso de um guarda-costas.

Simon o encarou.

— Você andou assistindo a O guarda-costas? Porque eu não vou me apaixonar por você nem carregá-lo nos meus braços musculosos.

Raphael o olhou amargamente.

— Eu pagaria extra para você ficar completamente calado enquanto trabalha.

Simon o olhou fixamente.

— Está falando sério, não está?

— Não perderia meu tempo vindo aqui se não estivesse falando sério. Se eu estivesse a fim de brincar, gastaria meu tempo com alguém de que gosto. — Raphael se sentou novamente na poltrona. — Camille Belcourt está solta na cidade de Nova York. Os Caçadores de Sombras estão inteiramente dedicados a esta questão tola envolvendo o filho de Valentim e não vão perder tempo procurando por ela. Camille representa um perigo imediato para mim, pois quer reaver o controle do clã de Manhattan. A maioria é leal a mim. A maneira mais rápida de voltar ao topo da hierarquia seria me matar.

— Certo — disse Simon, lentamente. — Mas por que eu?

— Você é um Diurno. Outros podem me proteger durante a noite, mas você pode me proteger durante o dia quando a maioria dos integrantes da nossa espécie fica indefesa. E carrega a Marca de Caim. Com você entre nós, ela não ousaria me atacar.

— Tudo verdade, mas não aceito.

Raphael pareceu incrédulo.

— Por que não?

As palavras explodiram de Simon.

— Está brincando? Porque você não fez uma única coisa por mim desde que me tornei vampiro. Em vez disso, fez o seu melhor para tornar minha vida miserável e depois acabar com ela. Então, se quiser em linguagem vampiresca, me encho de júbilo, meu senhor, em responder: de jeito algum.

— Não é sábio me ter como inimigo, Diurno. Como amigos...

Simon riu, incrédulo.

— Espere um segundo. Éramos amigos? Isso era ser amigo?

A presa de Raphael emergiu. Ele estava de fato muito irritado, Simon percebeu.

— Sei por que está recusando, Diurno, e não é por um pseudossenso de rejeição. Está tão envolvido com os Caçadores de Sombras que pensa que é um deles. Já o vimos com eles. Em vez de passar noites caçando, como deveria, você as passa com a filha de Valentim. Mora com um lobisomem. Você é uma desgraça.

— Você faz isso em todas as entrevistas de emprego?

Raphael exibiu os dentes.

— Precisa decidir se é um vampiro ou um Caçador de Sombras, Diurno.

— Fico com os Caçadores de Sombras, então. Pois, pela minha experiência com vampiros, eles são quase todos uns sanguessugas. Sem trocadilho.

Raphael se levantou.

— Está cometendo um erro grave.

— Já disse...

O outro vampiro acenou com a mão, interrompendo-o.

— Uma grande escuridão se aproxima. Varrerá a Terra com fogo e sombras e, ao final, seus preciosos Caçadores de Sombras não mais existirão. Nós, as Crianças da Noite, sobreviveremos, pois a escuridão é nosso habitat. Mas se persistir negando o que é, também será destruído, e ninguém erguerá só uma mão para ajudá-lo.

Sem pensar, Simon levantou a mão para tocar a Marca de Caim na testa.

Raphael riu sem emitir qualquer ruído.

— Ah sim, a marca do Anjo em você. No tempo da escuridão, até mesmo os anjos serão destruídos. A força deles não o ajudará. E é melhor rezar, Diurno, para não perder a Marca antes da guerra. Pois se isso acontecer, haverá uma fila de inimigos esperando pela chance de matá-lo. E eu serei o primeiro.

Clary estava deitada de costas no sofá-cama de Magnus havia bastante tempo. Tinha ouvido a mãe atravessar o corredor e entrar no outro quarto, fechando a porta. Através da própria porta, pôde ouvir Magnus e Alec conversando baixo na sala. Supôs que pudesse esperar até que dormissem, mas Alec tinha dito que Magnus vinha passando noites em claro ultimamente, estudando os símbolos; apesar de o Irmão Zachariah parecer ter interpretado os símbolos, ela não acreditava que Alec e Magnus fossem se recolher tão cedo.

Ficou sentada na cama perto de Presidente Miau, que emitiu um ruído de protesto, remexendo na mochila dela. Retirou uma caixa clara de plástico e a abriu. Lá estavam seus lápis de cor Prismacolor, alguns cotocos de giz — e a estela.

Levantou-se, guardando a estela no bolso do casaco. Pegando o telefone da mesa, escreveu ME ENCONTRE NO TAKI'S. Ficou assistindo enquanto a mensagem era transmitida, depois guardou o telefone na calça e respirou fundo.

Isto não era justo com Magnus, sabia. Ele havia prometido a Jocelyn que cuidaria dela, e isso não incluía uma fuga do apartamento. Mas ela tinha ficado quieta. Não prometeu nada. Além disso, tratava-se de Jace.

Faria qualquer coisa para salvá-lo, qualquer que fosse o preço, independentemente do que pudesse dever ao Inferno ou ao Céu, não faria?

Pegou a estela, colocou a ponta na tinta laranja da parede e começou a desenhar um Portal.

O barulho insistente das batidas despertou Jordan de um sono profundo. Ele se levantou instantaneamente e rolou da cama para aterrissar agachado no chão. Anos de treinamento com a Praetor o deixaram com reflexos velozes e fizeram do sono leve um hábito permanente. Uma breve avaliação aromática informou que o quarto estava vazio — nada além da luz do luar inundando o chão aos seus pés.

A batida se repetiu, e desta vez ele reconheceu. Era o ruído de alguém espancando a porta da frente. Ele normalmente dormia só de samba-canção; vestindo jeans e uma camiseta, ele abriu a porta com um chute e foi até a entrada. Se fossem universitários bêbados se divertindo batendo à porta dos outros, iriam enfrentar um lobisomem feroz.

Chegou à porta — e parou. A imagem veio a ele outra vez, a exemplo do que tinha acontecido nas horas que antecederam seu sono, Maia fugindo dele no estaleiro. O olhar no rosto dela quando se afastou. Ele tinha ido longe demais, sabia disso, pedido demais, rápido demais. Provavelmente tinha estragado tudo. A não ser que... talvez ela tivesse reconsiderado. Houve um tempo em que o relacionamento dos dois consistia de brigas passionais e reconciliações igualmente passionais.

Com o coração acelerado, abriu a porta. E piscou. Do outro lado encontrava-se Isabelle Lightwood, os longos cabelos negros brilhantes quase na cintura. Estava com botas pretas até o joelho, jeans justo e uma blusa vermelha de seda com o pingente vermelho familiar na garganta, brilhando sombriamente.

— Isabelle? — Não conseguiu conter a surpresa na voz, nem, desconfiou, a decepção.

— Sim, bem, eu também não estava procurando por você — declarou, passando por ele e entrando no apartamento. Tinha cheiro de Caçadora de Sombras, um aroma parecido com grama quente de sol e, por baixo disso, um perfume floral. — Estava atrás de Simon.

Jordan cerrou os olhos para ela.

— São duas da madrugada.

Ela deu de ombros.

— Ele é um vampiro.

— Mas eu não sou.

— Ahhhh? — Seus lábios vermelhos se curvaram para cima nos cantos. — Eu o acordei? — Ela esticou a mão e deu um peteleco no botão superior da calça jeans dele, arranhando a barriga lisa de Jordan com a ponta da unha. Ele sentiu os próprios músculos saltarem. Izzy era linda, não havia como negar. Também era um tanto assustadora. Ficou imaginando como o despretensioso Simon conseguia dar conta dela. — Talvez devesse abotoar tudo. Bela cueca, aliás. — Ela passou por ele, em direção ao quarto de Simon. Jordan foi atrás, abotoando a calça e murmurando alguma coisa a respeito de não haver qualquer problema em ter pinguins dançantes estampados na cueca.

Isabelle foi para o quarto de Simon.

— Ele não está aqui. — Ela bateu a porta e se apoiou na parede, olhando para Jordan. — Você disse que eram duas da madrugada?

— Disse. Ele deve estar na casa de Clary. Tem dormido muito lá ultimamente.

Isabelle mordeu o lábio.

— Certo. Claro.

Jordan estava começando a ter aquela sensação que tinha às vezes, de que estava falando alguma coisa errada, sem saber exatamente o quê.

— Tem algum motivo para você ter vindo até aqui? Quero dizer, aconteceu alguma coisa? Alguma coisa errada?

— Errada? — Isabelle jogou as mãos para o alto. — Você diz além do fato de meu irmão ter desaparecido e provavelmente ter sofrido uma lavagem cerebral de um demônio maligno que assassinou meu outro irmão, meus pais estarem se divorciando e Simon estar por aí com Clary...

Parou abruptamente e passou por ele, indo para a sala. Jordan se apressou atrás dela. Quando a alcançou, ela estava na cozinha, remexendo as prateleiras da despensa.

— Tem alguma coisa para beber? Um bom Barolo? Sagrantino?

Jordan a pegou pelos ombros e a conduziu gentilmente para fora da cozinha.

— Sente-se — falou. — Vou pegar uma tequila.

— Tequila?

— Tequila é o que temos. Isso e xarope para tosse.

Sentando em um dos bancos que alinhavam a bancada da cozinha, Isabelle acenou para ele. Ele imaginaria que ela teria unhas longas, vermelhas ou cor-de-rosa, perfeitas, combinando com o restante dela, mas não — era uma Caçadora de Sombras. Suas mãos eram cheias de cicatrizes, as unhas curtas e lixadas. O símbolo de Clarividência brilhava negro na mão direita.

— Tudo bem.

Jordan pegou a garrafa de Cuervo, tirou a tampa e serviu uma dose. Empurrou o copo sobre a bancada. Ela virou instantaneamente, franziu o rosto e repousou o copo.

— Não foi o suficiente — disse, esticou o braço e pegou a garrafa da mão dele. Inclinou a cabeça e engoliu uma, duas, três vezes. Quando repousou a garrafa, estava com as bochechas rubras.

— Onde aprendeu a beber assim? — Jordan não sabia se deveria ficar impressionado ou assustado.

— A idade legal para beber em Idris é 15 anos. Não que alguém preste atenção nisso. Bebo vinho misturado com água com os meus pais desde criança. — Isabelle deu de ombros. O gesto não apresentou sua coordenação fluida habitual.

— Muito bem. Bem, quer que eu transmita algum recado ao Simon, ou tem alguma coisa que eu possa falar ou...

— Não. — Ela tomou mais um gole da garrafa. — Eu me calibrei inteira para vir falar com ele, e, é claro, ele está com Clary. Faz sentido.

— Pensei que você tivesse sugerido que ele fosse até lá.

— É. — Isabelle mexeu no rótulo da garrafa de tequila. — Sugeri.

— Então — disse Jordan, com um tom que considerou razoável. — Peça a ele que pare.

— Não posso fazer isso. — Ela soou exausta. — Devo isso a ela.

Jordan se inclinou sobre a bancada. Sentiu-se um pouco como um barman em um programa de TV, oferecendo conselhos sábios.

— O que você deve a ela?

— A vida — respondeu Isabelle.

Jordan piscou. Isto ultrapassava um pouco sua habilidade de barman conselheiro.

— Ela salvou sua vida?

— Ela salvou a vida de Jace. Poderia ter pedido qualquer coisa ao Anjo Raziel, e salvou meu irmão. Só confiei em poucas pessoas na vida. Confiei de verdade. Em minha mãe, em Alec, em Jace e em Max. Já perdi um deles. Clary foi a razão pela qual não perdi outro.

— Acha que algum dia será capaz de confiar em alguém com quem não tenha nenhum parentesco?

— Não tenho parentesco com Jace. Não de fato. — Isabelle evitou o olhar dele.

— Você entendeu — respondeu Jordan, com um olhar significativo em direção ao quarto de Simon.

Izzy franziu o rosto.

— Caçadores de Sombras vivem de acordo com um código de honra, lobisomem — declarou, e, por um instante, foi toda Nephilim arrogante. Jordan se lembrou por que tantos integrantes do Submundo não gostavam deles. — Clary salvou um Lightwood. Devo minha vida a ela. Se não puder conceder isso a ela, e não vejo de que isso serviria, posso dar qualquer coisa que a deixe menos infeliz.

— Não pode dar Simon a ela. Simon é uma pessoa, Isabelle. Ele vai aonde quer.

— É — respondeu. — Bem, ele não parece se importar em ir para onde ela está, não é mesmo?

Jordan hesitou. Alguma coisa no que Isabelle estava dizendo parecia estranha, mas ela não estava completamente errada. Simon tinha com Clary uma tranquilidade que não parecia ter com mais ninguém. Tendo sido apaixonado por apenas uma garota, e permanecido apaixonado por ela, Jordan não se sentia qualificado para oferecer conselhos nesse sentido — apesar de se recordar de Simon alertando, de forma oblíqua, para o fato de que Clary tinha "a bomba nuclear dos namorados". Se por baixo daquilo havia ciúme, Jordan não tinha certeza. Ele também não sabia se era possível esquecer completamente o primeiro amor. Principalmente se a pessoa em questão estivesse presente diariamente.

Isabelle estalou os dedos.

— Ei, você. Está prestando atenção? — Ela inclinou a cabeça para o lado, soprando fios escuros de cabelo para fora do rosto, e o olhou duramente. — O que está rolando entre você e Maia?

— Nada. — Aquela palavra solitária queria dizer muita coisa. — Não sei se ela um dia vai deixar de me odiar.

— Pode ser que não — respondeu Isabelle. — Ela tem um bom motivo.

— Obrigado.

— Não ofereço falsos consolos — disse Izzy, e empurrou a garrafa de tequila para longe. Seus olhos, fixos em Jordan, eram vivos e escuros. — Venha cá, menino-lobo.

Isabelle diminuiu a voz. Estava suave, sedutora. Jordan engoliu em seco, de repente estava com a garganta seca. Lembrou-se de ter visto Isabelle com um vestido vermelho fora dos Grilhões e pensado: Era com essa menina que Simon estava traindo Maia? Nenhuma das duas parecia ser o tipo de menina que alguém podia trair e sobreviver.

E nenhuma das duas era o tipo de menina a quem se dizia não. Cuidadosamente, ele contornou a bancada e foi para perto dela. Estava a poucos passos quando ela esticou o braço e o puxou pelos pulsos. Suas mãos deslizaram pelos braços do rapaz, sobre a protuberância dos bíceps, dos músculos do ombro. O coração de Jordan acelerou. Ele sentiu o calor irradiado dela e sentiu o cheiro de perfume e de tequila.

— Você é lindo — disse ela, ainda deslizando as mãos até repousá-las no peito dele. — Sabe disso, não sabe?

Jordan ficou imaginando se ela podia sentir seus batimentos cardíacos por cima da camisa. Ele tinha consciência dos olhares que recebia das meninas na rua — e de meninos também, às vezes —, sabia o que via no espelho todos os dias, mas nunca pensava muito no assunto. Havia tanto tempo estava tão focado em Maia que só o que importava era se ela ainda o acharia atraente se voltassem a se encontrar. Já tinha sido paquerado muitas vezes, mas não por meninas com a aparência de Isabelle, e nunca por nenhuma garota tão direta. Ficou imaginando se ela iria beijá-lo. Ele não beijava ninguém além de Maia desde os 15 anos. Mas Isabelle estava olhando para ele, e tinha olhos grandes e escuros, estava com os lábios ligeiramente abertos e tinham a cor de morangos. Ficou imaginando se teriam gosto de morango se a beijasse.

— E eu simplesmente não ligo — disse.

— Isabelle, não acho que... Espere. O quê?

— Eu deveria ligar — falou. — Digo, tenho de pensar em Maia, então eu provavelmente não sairia arrancando suas roupas, mas a questão é que eu não quero. Normalmente, eu quereria.

— Ah — disse Jordan. Sentiu alívio e, também, uma pontinha de decepção. — Bem... isso é bom?

— Penso nele o tempo todo — falou. — É horrível. Nada assim jamais me aconteceu antes.

— Está falando de Simon?

— Maldito mundano magricela — falou, e tirou as mãos do peito de Jordan. — Exceto que não é mais. Magricela, digo. Ou mundano. E eu gosto de ficar com ele. Ele me faz rir. E gosto do

sorriso dele. Sabe, um dos lados da boca sobe antes do outro... Bem, você mora com ele. Deve ter notado.

— Na verdade, não — respondeu ele.

— Sinto saudade quando ele não está por perto — confessou. — Pensei... sei lá, que depois do que aconteceu naquela noite com Lilith, as coisas tivessem mudado entre nós. Mas agora ele fica com Clary o tempo todo. E eu nem posso ter raiva dela.

— Você perdeu seu irmão.

Isabelle olhou para ele.

— Quê?

— Bem, ele está se desdobrando para ajudar Clary a se sentir melhor porque ela perdeu Jace — disse Jordan. — Mas Jace é seu irmão. Simon não deveria estar se desdobrando para fazer com que você se sentisse melhor também? Talvez você não esteja com raiva dela, mas dele.

Isabelle o encarou por um longo instante.

— Mas não somos nada um do outro — falou. — Ele não é meu namorado. Eu só gosto dele. — Ela franziu o cenho. — Droga. Não acredito que acabei de falar isso. Devo estar mais bêbada do que pensei.

— Eu já tinha descoberto isso pelo que você disse antes. — Jordan sorriu para ela.

Ela não retribuiu, mas abaixou os cílios e olhou para ele através deles.

— Você não é tão ruim — disse Isabelle. — Se quiser, posso falar bem de você para Maia.

— Não, obrigado — respondeu Jordan, que não sabia ao certo qual seria a versão de Izzy sobre falar bem e tinha medo de descobrir. — Sabe, é normal que quando esteja passando por um momento ruim queira ficar perto da pessoa de que... — Ele estava prestes a dizer "ama", mas percebeu que ela não tinha dito isso, e mudou a direção: — Gosta. Mas não acho que Simon sabe como você se sente.

Os cílios dela se ergueram novamente.

— Ele fala de mim?

— Ele a acha muito forte — disse. — E pensa que não precisa dele. Acho que ele se sente... supérfluo. Tipo, o que ele pode oferecer quando você já é perfeita? Por que quereria um cara como ele? — Jordan piscou; não pretendia avançar tanto e não sabia ao certo o quanto do que tinha dito se aplicava a Simon, e quanto a ele em relação a Maia.

— Então está dizendo que eu deveria contar a ele como me sinto? — perguntou Isabelle com a voz sumida.

— Sim. Definitivamente. Conte a ele.

— Tudo bem. — Ela pegou a garrafa de tequila e tomou um gole. — Vou até a casa de Clary agora contar.

Um ligeiro alarme brotou no peito de Jordan.

— Não pode. São praticamente três da madrugada...

— Se eu esperar, perco a coragem — falou, com aquele tom razoável que somente pessoas muito embriagadas empregam. Tomou mais um gole. — Eu vou até lá, bato na janela e conto para ele o que sinto.

— Você sabe qual é a janela de Clary?

Isabelle cerrou os olhos.

— Nãããão.

A terrível visão de uma Isabelle alcoolizada acordando Jocelyn e Luke passou pela cabeça de Jordan.

— Isabelle, não. — Ele esticou o braço para tirar a garrafa de tequila dela, que a afastou dele.

— Acho que estou mudando de ideia em relação a você — disse, com um tom semiameaçador, que teria sido mais assustador se ela tivesse conseguido focar os olhos nele. — Acho que não gosto tanto assim de você, afinal. — Ela se levantou, olhou para os próprios pés com uma expressão surpresa e caiu para trás. Somente os reflexos rápidos de Jordan permitiram que ele a pegasse antes que ela atingisse o chão.

7

Uma mudança nos mares

Clary estava em sua terceira xícara de café no Taki's quando Simon finalmente chegou. Ele estava de calça jeans, um casaco vermelho de moletom com o zíper fechado (para que se importar com lã quando você não sente frio?) e botas de couro. As pessoas viraram para observá-lo ziguezagueando pelas mesas até ela. Simon tinha evoluído bastante desde que Isabelle começou a provocá-lo em relação às roupas, pensou Clary enquanto ele navegava entre as mesas em sua direção. Havia flocos de neve nos cabelos pretos do amigo, mas, diferentemente das bochechas de Alec, que ficavam vermelhas com o frio, as de Simon permaneciam pálidas e sem cor. Ele deslizou pelo assento diante dela, os olhos escuros pensativos e brilhantes.

— Ligou? — perguntou, a voz grossa e ressonante, no melhor estilo conde Drácula.

— Tecnicamente, mandei uma mensagem. — Clary empurrou o cardápio para ele, abrindo na página destinada a vampiros. Ela já o tinha visto antes, mas pensar em mousse ou milkshakes de sangue a fazia tremer. — Espero não ter acordado você.

— Ah, não — respondeu. — Você não vai acreditar onde eu estava... — Deixou a frase solta ao ver a expressão no rosto dela. — Ei. — De repente, os dedos dele estavam sob o queixo de Clary, levantando a cabeça dela. A risada havia desaparecido dos olhos dele, substituída por preocupação. — O que aconteceu? Mais alguma notícia sobre Jace?

— Já sabem o que querem? — Era Kaelie, a garçonete fada de olhos azuis que havia entregado a Clary o sino da Rainha. Agora olhou para Clary e sorriu, um sorriso superior que fez Clary ranger os dentes.

Clary pediu uma fatia de torta de maçã; Simon escolheu uma mistura de chocolate quente e sangue. Kaelie levou os cardápios, e Simon olhou preocupado para Clary. Ela respirou fundo e relatou os eventos da noite, cada detalhe horroroso — a aparição de Jace, o que ele dissera, o confronto na sala, o que acontecera com Luke. Ela revelou o que Magnus dissera sobre bolsos dimensionais e outros mundos, e sobre não haver maneira de rastrear alguém escondido em um destes, nem de transmitir recados. Os olhos de Simon escureceram à medida que ela foi contando os detalhes, e ao chegar ao fim, ele estava com a cabeça apoiada nas mãos.

— Simon? — Kaelie já tinha ido e voltado, deixando a comida, que permanecia intacta. Clary tocou o ombro dele. — O que foi? É Luke...

— A culpa é minha. — Ele olhou para Clary, com os olhos secos. Vampiros choravam lágrimas misturadas com sangue, ela pensou; já tinha lido em algum lugar. — Se eu não tivesse mordido Sebastian...

— Fez isso por mim. Pela minha vida — disse, com a voz suave. — Salvou minha vida.

— Você já salvou a minha umas seis ou sete vezes. Pareceu justo. — A voz de Simon falhou; ela se lembrou dele vomitando o sangue negro de Sebastian, ajoelhado no jardim do telhado.

— Distribuir culpa não nos leva a lugar algum — declarou Clary. — E não foi por isso que o arrastei até aqui, só para contar o que aconteceu. Digo, teria contado de qualquer jeito, mas esperaria até amanhã se não fosse pelo fato de que...

Ele olhou cautelosamente para ela e tomou um gole da xícara.

— Fato de que...?

— Eu tenho um plano.

Ele soltou um grunhido.

— Era isso que eu temia.

— Meus planos não são terríveis.

— Os planos de Isabelle são terríveis. — Simon apontou um dedo para ela. — Os seus planos são suicidas. Na melhor das hipóteses.

Clary se recostou no assento, os braços cruzados.

— Quer ouvir ou não? E precisa guardar segredo.

— Eu arrancaria meus próprios olhos com um garfo antes de revelar seus segredos — disse Simon, depois pareceu ansioso. — Espere um segundo. Acha que é possível que eu precise fazer isso?

— Não sei. — Clary cobriu o rosto com as mãos.

— Conte. — Ele soou resignado.

Com um suspiro, Clary levou a mão ao bolso e pegou uma pequena bolsa de veludo, que abriu sobre a mesa. Dois anéis de ouro caíram, aterrissando com um tilintado suave.

Simon ficou olhando, confuso.

— Quer se casar?

— Não seja idiota. — Clary inclinou-se para a frente, diminuindo a voz. — Simon, estes são os anéis. Os que a Rainha Seelie queria.

— Pensei que tivesse dito que não tinha pego... — interrompeu-se, erguendo os olhos para o rosto dela.

— Eu menti. Cheguei a pegá-los. Mas depois que vi Jace na biblioteca, não quis mais dá-los à Rainha. Tive a sensação de que poderíamos precisar deles. E percebi que ela jamais nos daria informações úteis. Os anéis pareceram mais valiosos do que mais um round com a Rainha.

Simon pegou-os, escondendo-os quando Kaelie passou.

— Clary, não se pode simplesmente pegar coisas que a Rainha Seelie quer e guardá-las. Ela é uma inimiga muito perigosa.

Clary o olhou, suplicante.

— Podemos pelo menos ver se funcionam?

Simon suspirou e entregou um dos anéis a ela; parecia leve, mas suave, como ouro de verdade. Por um instante ela temeu que não fosse caber, mas assim que o colocou no indicador direito, ele pareceu se moldar à forma do dedo de Clary, até ficar perfeitamente situado no espaço abaixo da junta. Ela viu Simon olhando para a própria mão direita e notou que a mesma coisa havia acontecido com ele.

— Agora conversamos, suponho — disse ele. — Diga alguma coisa. Você sabe, mentalmente.

Clary virou para Simon, com a absurda sensação de que estava sendo convocada a encenar uma peça cujas falas não havia decorado.

Simon?

Simon piscou.

— Acho que... Pode repetir?

Desta vez Clary se concentrou, tentando focar a mente em Simon — no aspecto Simon do amigo, a forma como ele pensava, a sensação de ouvir a voz dele, a sensação de proximidade. Os sussurros, os segredos, a forma como ele a fazia rir.

Então, pensou em tom de conversa, agora que estou na sua cabeça, quer ver algumas imagens mentais de Jace nu?

Simon deu um salto.

— Eu ouvi isso! E não.

Animação pulsou nas veias de Clary; estava funcionando.

— Pense alguma coisa de volta para mim.

Levou menos de um segundo. Ela ouviu Simon, da forma como ouvia o Irmão Zachariah, uma voz sem som dentro de sua mente.

Você o viu pelado?

Bem, não completamente. Mas eu...

— Chega — disse ele em voz alta, e apesar de a voz ter soado entre o divertimento e a ansiedade, seus olhos brilharam. — Funcionam. Caramba. Funcionam de verdade.

Ela se inclinou para a frente.

— Então, posso revelar minha ideia?

Ele tocou o anel no dedo, sentindo o traço delicado, as folhas minúsculas contra a ponta do dedo.

Claro.

Ela começou a explicar, mas ainda não tinha chegado ao final da descrição quando Simon interrompeu, desta vez em voz alta:

— Não. De jeito nenhum.

— Simon — disse ela. — É um plano muito bom.

— O plano em que você segue Jace e Sebastian para um bolso dimensional desconhecido, e nós usamos estes anéis como forma de comunicação para que aqueles de nós na dimensão normal da Terra possam encontrá-la? Esse plano?

— Esse.

— Não — respondeu ele. — Não é.

Clary se recostou.

— Você não pode simplesmente dizer não.

— Este plano me envolve! Posso dizer não! Não.

— Simon.

Simon afagou o assento ao lado dele, como se houvesse alguém ali.

— Deixe-me apresentá-la a meu grande amigo Não.

— Talvez possamos chegar a um acordo — sugeriu ela, comendo um pedaço da torta.

— Não.

— SIMON.

— "Não" é uma palavra mágica — relatou. — É assim que funciona. Você diz: "Simon, tenho um plano louco e suicida. Você gostaria de me ajudar a executá-lo?" E eu respondo: "Ora, não."

— Farei assim mesmo — declarou Clary.

Ele a encarou.

— O quê?

— Farei com ou sem sua ajuda — disse. — Ainda que não possa usar os anéis, irei atrás de Jace onde quer que ele esteja, e tentarei avisar vocês escapando, procurando telefones, o que for. Se for possível, vou fazer, Simon. Só que tenho mais chances de sobrevivência se você me ajudar. E não existe risco para você.

— Não ligo para os riscos para mim — sibilou, inclinando-se para a frente sobre a mesa. — Ligo para o que acontece com você! Maldição, sou praticamente indestrutível. Deixe que eu vá. Você fica.

— Sim — respondeu Clary —, Jace não vai achar isso nem um pouco estranho. Você pode simplesmente dizer que sempre foi secretamente apaixonado por ele e que não suporta a distância.

— Posso falar que pensei no assunto e concordo plenamente com a filosofia dele e de Sebastian, que decidi entrar na deles.

— Você nem sabe qual é a filosofia deles.

— Tem isso. Posso ter mais sorte declarando meu amor. Jace acha que todo mundo é apaixonado por ele mesmo.

— Mas eu — disse Clary — de fato sou.

Simon a olhou por cima da mesa por um longo tempo, em silêncio.

— Está falando sério — disse ele, afinal. — Você realmente faria isso. Sem mim... sem qualquer rede de segurança.

— Não existe nada que eu não faria por Jace.

Simon inclinou a cabeça para trás, sobre o assento plástico. A Marca de Caim brilhou, um prateado suave sobre a pele.

— Não diga isso — falou.

— Você não faria qualquer coisa pelas pessoas que ama?

— Faria quase qualquer coisa por você — respondeu Simon, baixinho. — Morreria por você. Sabe disso. Mas mataria alguém, algum inocente? E que tal muitas vidas inocentes? E o mundo todo? É realmente amor se chega ao ponto de precisar escolher entre a pessoa amada e todas as outras vidas do planeta, e escolher a pessoa? Isso é... não sei, isso sequer é um tipo de amor moral?

— Amor não é moral ou amoral — disse ela. — Simplesmente é.

— Eu sei — disse Simon. — Mas as ações que executamos em nome do amor, estas são morais ou amorais. E normalmente isso não teria importância. Em geral... independentemente do que penso sobre Jace ser irritante... ele jamais pediria que você fizesse alguma coisa que vai contra a sua natureza. Nem por ele, nem por ninguém. Mas ele não é mais o Jace exatamente, é? E eu não sei, Clary. Não sei o que ele pode pedir para você fazer.

Clary apoiou o cotovelo na mesa, cansada demais de repente.

— Talvez ele não seja o Jace. Mas é o mais próximo dele que tenho. Não há como recuperar Jace sem ele. — Ergueu os olhos para os de Simon. — Ou está me dizendo que não existe esperança?

Fez-se um longo silêncio. Clary pôde ver a honestidade inerente de Simon lutando contra o desejo de proteger a melhor amiga. Finalmente, ele falou:

— Jamais diria isso. Continuo judeu, você sabe, mesmo sendo um vampiro. No meu coração eu me lembro e acredito, mesmo nas palavras que não posso dizer. D... — Engasgou e engoliu em seco. — Ele fez um acordo conosco, exatamente como os Caçadores de Sombras acreditam que Raziel fez um acordo com eles. E acreditamos nas promessas. Portanto, não se pode jamais perder a esperança, hatikva, porque se mantiver a esperança viva, se manterá vivo. — Simon pareceu ligeiramente envergonhado. — Meu rabino dizia isso.

Clary deslizou a mão por cima da mesa e a colocou sobre a de Simon. Ele raramente falava sobre sua religião com ela, ou com qualquer um, apesar de ela saber que ele acreditava.

— Isso quer dizer que aceita?

Ele resmungou.

— Acho que quer dizer que você avassalou meu espírito e me derrotou.

— Fantástico.

— Sem dúvida sabe que está me deixando na posição de ser o cara que vai ter de contar para todo mundo: sua mãe, Luke, Alec, Izzy, Magnus...

— Acho que não deveria ter dito que não teria riscos para você — disse Clary, dócil.

— Pois é — respondeu ele. — Lembre-se, quando sua mãe estiver me mordendo pelo calcanhar como uma ursa furiosa separada do filhote, de que fiz isso por você.

Jordan tinha acabado de voltar a dormir quando bateram outra vez à porta. Ele fez um rolamento e rosnou. O relógio ao lado da cama mostrava 4h em dígitos amarelos piscantes.

Mais batidas. Relutante, Jordan se levantou, vestiu a calça jeans e cambaleou pelo corredor. Sonolento, abriu a porta.

— Olha...

As palavras morreram em seus lábios. No corredor viu Maia. Ela estava de calça jeans e uma jaqueta de couro bege, os cabelos presos com palitos de bronze. Um único cacho caía pela têmpora. Os dedos de Jordan se coçaram para pegá-lo e colocá-lo atrás da orelha dela. Em vez disso, enfiou as mãos nos bolsos do jeans.

— Bela camisa — disse ela, com um olhar seco para o peito nu de Jordan. Ela estava com uma mochila nos ombros. Por um instante, o coração dele pulou. Será que ia viajar? Será que deixaria a cidade por causa dele? — Olha, Jordan...

— Quem é? — A voz atrás de Jordan soou rouca, tão amarrotada quanto a cama da qual ela provavelmente tinha acabado de sair. Viu o queixo de Maia cair e olhou para trás, por cima do próprio ombro, para encontrar Isabelle, vestindo apenas uma camiseta de Simon, atrás dele, esfregando os olhos.

Maia fechou a boca.

— Sou eu — disse ela, em um tom não muito amigável. — Você veio... visitar Simon?

— O quê? Não, Simon não está aqui. — Cale a boca, Isabelle, pensou Jordan, agitado. — Ele... — Ela gesticulou vagamente. — Saiu.

As bochechas de Maia enrubesceram.

— Está com cheiro de bar aqui.

— É a tequila barata de Jordan — disse Isabelle, com um aceno. — Você sabe...

— E essa é a camisa dele também? — perguntou Maia.

Isabelle olhou para si mesma, depois para Maia. Com atraso, pareceu perceber o que a menina estava pensando.

— Ah. Não. Maia...

— Então, primeiro Simon me trai com você, e agora você e Jordan...

— Simon — disse Isabelle — também me traiu com você. De qualquer modo, não tem nada acontecendo entre mim e Jordan. Vim para ver Simon, mas ele não estava, então decidi dormir

no quarto dele. E é para lá que vou voltar agora.

— Não — respondeu Maia, agressiva. — Não vá. Esqueça Simon e Jordan. O que tenho para dizer você também precisa ouvir.

Isabelle congelou com a mão na porta de Simon, o rosto rubro de sono clareando aos poucos.

— Jace — disse ela. — É por isso que está aqui?

Maia assentiu.

Isabelle cambaleou contra a porta.

— Ele está...? — A voz da garota falhou. Ela tentou começar outra vez: — Encontraram...

— Ele voltou — informou Maia. — Para buscar Clary — fez uma pausa. — Sebastian estava junto. Houve uma briga, e Luke se machucou. Ele está morrendo.

Isabelle emitiu um pequeno ruído na garganta.

— Jace? Jace machucou Luke?

Maia evitou o olhar da menina.

— Não sei exatamente o que aconteceu. Só que Jace e Sebastian vieram buscar Clary e houve uma briga. Luke se machucou.

— Clary...

— Ela está bem. Está na casa de Magnus com a mãe. — Maia se voltou para Jordan: — Magnus me ligou e me pediu que viesse vê-lo. Ele tentou falar com você, mas não conseguiu. Quer que você o coloque em contato com a Praetor Lupus.

— Que eu o coloque em contato com... — Jordan balançou a cabeça. — Não se pode simplesmente ligar para a Praetor. Não é como se houvesse um 0800-LOBISOMEM.

Maia cruzou os braços.

— Bem, então como entra em contato com eles?

— Tenho um supervisor. Ele me procura quando quer, ou eu ligo em caso de emergência...

— Isto é uma emergência. — Maia enfiou os polegares nas presilhas da calça. — Luke pode morrer, e Magnus disse que a Praetor pode ter informações que talvez ajudem.

Ela olhou para Jordan, os olhos grandes e escuros. Tinha de falar para ela, pensou Jordan. Que a Praetor não gostava de se misturar a assuntos da Clave; que eram discretos e se restringiam à missão: ajudar recém-chegados ao Submundo. Que não havia qualquer garantia de que ajudariam, e grande possibilidade de rejeitarem o pedido.

Mas Maia estava pedindo. Isto era algo que poderia fazer por ela e que poderia ser um passo na longa estrada que precisaria percorrer para reparar o que havia feito antes.

— Tudo bem — disse ele. — Então vamos ao QG e nos apresentamos pessoalmente. Eles ficam em North Fork, em Long Island. Bem longe de tudo. Podemos ir na minha picape.

— Tudo bem. — Maia levantou ainda mais a mochila. — Pensei que talvez precisássemos ir a algum lugar; por isso trouxe minhas coisas.

— Maia — foi Isabelle que falou. Não dizia nada havia tanto tempo que Jordan tinha quase se esquecido de que ela estava lá; ele se virou e a viu apoiada na parede perto da porta de Simon. Estava se abraçando, como se estivesse com frio. — Ele está bem?

Maia franziu o rosto.

— Luke? Não, ele...

— Jace. — A voz de Isabelle foi um suspiro. — Jace está bem? Alguém o machucou, ou prendeu, ou...

— Está bem — respondeu Maia, secamente. — E sumiu. Desapareceu com Sebastian.

— E Simon? — Os olhos de Isabelle se desviaram para Jordan. — Você disse que ele estava com Clary...

Maia balançou a cabeça.

— Não estava. Não estava lá. — A mão dela estava firme na alça da mochila. — Mas sabemos de uma coisa agora, e você não vai gostar. Jace e Sebastian estão conectados de alguma forma. Machuque Jace e machucará Sebastian. Mate-o, e Sebastian morre. E vice-versa. Diretamente de Magnus.

— A Clave sabe? — perguntou Isabelle, no mesmo instante. — Não contaram para a Clave, contaram?

Maia balançou a cabeça.

— Ainda não.

— Vão descobrir — disse Isabelle. — O bando inteiro sabe. Alguém vai falar. E aí haverá uma caça às bruxas. Vão matá-lo só para acabar com Sebastian. Vão matá-lo de qualquer forma. — Ela esticou os braços e passou as mãos nos cabelos negros e espessos. — Quero meu irmão — disse. — Quero ver Alec.

— Ótimo — disse Maia —, porque depois que Magnus me ligou, ele mandou uma mensagem. Disse que tinha a sensação de que você estaria aqui e mandou um recado. Quer que vá imediatamente para o apartamento dele no Brooklyn.

Estava congelando lá fora, tão frio que o símbolo de thermis que tinha feito em si mesma — e o casaco fino que havia pegado emprestado do armário de Simon — não impediu Isabelle de tremer ao abrir a porta do apartamento de Magnus e entrar.

Depois que abriram a entrada da portaria, ela subiu as escadas, encostando no corrimão. Parte dela queria correr pelos degraus, por saber que Alec estava lá e entenderia o que ela estava sentindo. A outra parte, a parte que havia escondido dos irmãos o segredo dos pais durante toda a vida, queria se encolher no térreo e ficar sozinha com a própria tristeza. A parte que detestava depender de quem quer que fosse — afinal, no fim das contas não a decepcionariam? — e tinha orgulho de dizer que Isabelle Lightwood não precisava de ninguém lembrou a si mesma de que

estava aqui porque tinham solicitado sua presença. Eles precisavam dela.

Isabelle não se incomodava em ser necessária. Gostava, aliás. Foi por isso que demorou mais para aceitar Jace quando ele chegou de Idris pelo Portal, um menino de 10 anos de idade, magro, com olhos claros e assombrados. Alec se encantou por ele imediatamente, mas Isabelle não gostou do domínio que ele tinha sobre si mesmo. Quando sua mãe lhe contou que o pai de Jace tinha sido assassinado na frente do menino, ela o imaginou chegando com os olhos cheios de lágrimas, querendo conforto e até mesmo conselhos. Mas ele não parecia precisar de ninguém. Mesmo aos 10 anos, tinha uma sagacidade aguda e defensiva, e um temperamento ácido. Aliás, Isabelle concluiu, espantada, ele era exatamente como ela.

No fim das contas foi a Caça às Sombras que os conectou — um amor compartilhado por armas afiadas, lâminas serafim luminosas, o prazer dolorido de queimar Marcas, a velocidade ágil das batalhas. Quando Alec quis caçar sozinho com ele, sem Isabelle, ele a defendeu: "Precisamos dela conosco; ela é a melhor de todos. Além de mim, é claro."

Ela o amou só por isso.

Estava à porta de Magnus agora. Luz escorria pela abertura embaixo, e ela ouviu vozes sussurradas. Abriu a porta e uma onda de calor a envolveu. Entrou de bom grado.

O calor vinha de uma fogueira na lareira — apesar de não haver chaminés no prédio, e o fogo apresentar o tom azul-esverdeado de uma chama encantada. Magnus e Alec estavam sentados em um dos sofás perto da lareira. Enquanto ela entrava, Alec levantou o olhar, a viu e ficou de pé antes de sair correndo descalço pela sala — estava com uma calça de moletom preta e uma camiseta branca com o colarinho rasgado — para abraçá-la.

Por um instante ela ficou parada nos braços dele, ouvindo o coração do irmão, as mãos dele a afagando nas costas e no cabelo, ligeiramente desconfortáveis.

— Iz — disse ele. — Vai ficar tudo bem, Izzy.

Ela o afastou, esfregando os olhos. Meu Deus, como detestava chorar.

— Como pode dizer isso? — disparou. — Como alguma coisa pode ficar bem depois disto?

— Izzy. — Alec colocou gentilmente os cabelos da irmã sobre um dos ombros e o puxou delicadamente. Fez com que ela se lembrasse do tempo em que usava tranças e Alec puxava, com bem menos suavidade do que agora. — Não desmorone. Precisamos de você — ele diminuiu a voz —, além disso, sabia que está cheirando a tequila?

Ela olhou para Magnus, que observava os dois do sofá com seus olhos ilegíveis de gato.

— Onde está Clary? — perguntou. — E a mãe dela? Pensei que estivessem aqui.

— Estão dormindo — respondeu Alec. — Achamos que precisavam de um descanso.

— E eu não?

— Você acabou de ver seu noivo ou seu padrasto quase ser assassinado diante dos seus olhos? — indagou Magnus, secamente. Estava usando um pijama listrado com um robe preto de seda

por cima. — Isabelle Lightwood — disse ele, sentando-se e juntando as mãos à frente do corpo. — Como Alec disse, precisamos de você.

Isabelle se recompôs, esticando os ombros para trás.

— Precisam de mim para quê?

— Para encontrar as Irmãs de Ferro — explicou Alec. — Precisamos de uma arma que divida Jace e Sebastian, de modo que possam ser feridos separadamente... Bem, você me entende. Para que Sebastian possa ser morto sem que Jace se machuque. E é uma questão de tempo até que a Clave saiba que Jace não é prisioneiro de Sebastian, que está junto com ele...

— Não é Jace — protestou Isabelle.

— Pode não ser — disse Magnus —, mas se ele morrer, seu Jace morre junto.

— Como sabe, as Irmãs de Ferro só falam com mulheres — disse Alec. — E Jocelyn não pode ir sozinha porque não é mais uma Caçadora de Sombras.

— E Clary?

— Ainda está em treinamento. Não saberá fazer as perguntas certas, nem a forma de se dirigir a elas. Mas você e Jocelyn, sim. E Jocelyn disse que já esteve lá; pode ajudar a guiá-la depois que as enviarmos por um Portal até as barreiras da Cidadela Adamant. Vocês vão, as duas, de manhã.

Isabelle pensou. A ideia de finalmente ter o que fazer, algo definitivo, ativo e relevante, era um alívio. Preferiria alguma tarefa que envolvesse matar demônios ou cortar as pernas de Sebastian, mas era melhor do que nada. As lendas que cercavam Adamant faziam o local parecer proibido, distante, e as Irmãs de Ferro eram vistas com muito menos frequência do que os Irmãos do Silêncio. Isabelle nunca tinha visto uma.

— Quando vamos? — perguntou.

Alec sorriu pela primeira vez desde que ela chegou, e esticou o braço para afagar o cabelo da irmã.

— Essa é a minha Isabelle.

— Pare com isso. — Ela esquivou-se para fora do alcance dele e viu Magnus sorrindo do sofá. Ele se ajeitou e passou a mão no cabelo preto já extremamente arrepiado.

— Tenho três quartos de hóspedes — informou. — Clary está em um; a mãe, no outro. Mostrarei o terceiro.

Todos os quartos ficavam em um corredor estreito e sem janelas; Magnus conduziu Isabelle até o terceiro, cujas paredes eram pintadas de rosa-shocking. Cortinas pretas dependuravam-se de barras prateadas sobre as janelas, presas por algemas. A colcha tinha uma estampa de corações escuros.

Isabelle olhou em volta. Sentia-se agitada e nervosa, e sem qualquer vontade de dormir.

— Belas algemas. Dá para entender por que não colocou Jocelyn para dormir aqui.

— Eu precisava de alguma coisa para segurar as cortinas. — Magnus deu de ombros. — Tem

roupa para dormir?

Isabelle apenas assentiu, sem querer admitir que tinha trazido a camiseta de Simon. Vampiros não tinham cheiro de nada, mas a camiseta ainda tinha o odor reconfortante de sabão em pó.

— É estranho — disse ela. — Você exigir minha presença imediata, apenas para me botar na cama e avisar que só começaremos amanhã.

Magnus se apoiou na parede perto da porta, com os braços sobre o peito, e a olhou com seus olhos felinos. Por um instante lembrou Church, exceto pela menor probabilidade de morder.

— Eu amo seu irmão — falou. — Você sabe disso, não sabe?

— Se quer minha permissão para casar com ele, fique à vontade — declarou a garota. — O outono é uma boa época. Você pode usar um fraque laranja.

— Ele não está feliz — disse Magnus, como se ela não tivesse falado nada.

— Claro que não está — irritou-se Isabelle. — Jace...

— Jace — disse Magnus, e suas mãos se cerraram em punhos nas laterais do corpo.

Isabelle o encarou. Sempre achou que ele não se incomodasse com Jace; diria até que passara a gostar dele, depois que a questão sobre o afeto de Alec ficou definida.

Em voz alta, falou:

— Pensei que você e Jace fossem amigos.

— Não é isso — explicou. — Existem algumas pessoas... pessoas que o universo parece ter destacado para destinos especiais. Dádivas especiais e tormentos especiais. Deus sabe que somos todos atraídos pelo que é lindo e quebrado; eu já fui, mas algumas pessoas não têm conserto. Ou, se têm, é somente através de amor e sacrifício tão grande que destrói aquele que dá.

Isabelle balançou a cabeça lentamente.

— Agora me confundiu. Jace é nosso irmão, mas para Alec... Ele é parabatai de Jace, além disso.

— Eu sei sobre os parabatai — disse Magnus. — Conheci parabatai tão próximos que eram praticamente a mesma pessoa. Você sabe o que acontece quando um deles morre, com o que fica...

— Pare! — Isabelle tapou os ouvidos com as mãos, em seguida as abaixou lentamente. — Como ousa, Magnus Bane? — perguntou. — Como ousa piorar o que já está ruim?

— Isabelle. — Magnus desenlaçou as mãos; parecia um pouco espantado, como se o próprio desabafo o tivesse assustado. — Desculpe. Às vezes me esqueço... que com todo o seu autocontrole e sua força, você tem a mesma vulnerabilidade de Alec.

— Não existe nada de fraco em Alec — disse Isabelle.

— Não — concordou Magnus. — Amar como se quer, isso exige força. A questão é que eu queria que você estivesse aqui por ele. Existem coisas que não posso fazer por ele, coisas que não posso dar. — Por um instante o próprio Magnus pareceu bastante vulnerável. — Você conhece

Jace há tanto tempo quanto ele. Pode oferecer uma compreensão que eu não posso. E ele a ama.

— Claro que me ama. Sou irmã dele.

— Sangue não significa amor — disse Magnus, com a voz amarga. — Basta perguntar a Clary.

Clary voou pelo Portal como se tivesse atravessado o cano de uma espingarda e saltou do outro lado. Cambaleou para o chão e caiu de pé, dominando inicialmente a aterrissagem. A pose durou apenas um instante até ela, tonta demais com o Portal para manter o foco, se desequilibrar e cair no chão, a mochila amortecendo a queda. Suspirou — algum dia todo o treinamento surtiria efeito — e se levantou, esfregando poeira da traseira da calça.

Estava na frente da casa de Luke. O rio brilhava por cima do seu ombro, e a cidade se erguia por trás como uma floresta de luzes. A casa de Luke estava exatamente como a haviam deixado algumas horas antes, trancada e escura. Clary, de pé sobre a poeira e o caminho de pedras que levava aos degraus da frente, engoliu em seco.

Lentamente, tocou o anel na mão direita com os dedos da mão esquerda.

Simon?

A resposta foi imediata.

Oi?

Cadê você?

Andando em direção ao metrô. Pegou o Portal até sua casa?

Para a casa de Luke. Se Jace vier, como acho que vem, vai ser para cá.

Silêncio. Em seguida:

Bem, acho que sabe como me encontrar, se precisar.

Acho que sim. Clary respirou fundo. Simon?

Oi?

Eu amo você.

Pausa.

Também amo você.

E isso foi tudo. Não houve clique, como quando você desliga um telefone; Clary apenas sentiu um corte na conexão, como se um fio tivesse sido cortado em sua mente. Ficou imaginando se fora disto que Alec falara quando mencionou o laço dos parabatai.

Ela foi em direção à casa de Luke e subiu as escadas lentamente. Esta era a sua casa. Se Jace voltasse para buscá-la, como disse que faria, viria para cá. Sentou-se no degrau mais alto, colocou a mochila no colo e esperou.

Simon estava diante da geladeira do apartamento e tomou o último gole de sangue gelado enquanto a lembrança da voz silenciosa de Clary desbotava de sua mente. Tinha acabado de chegar em casa, o apartamento estava escuro, o ronco da geladeira alto, e o lugar estava com um estranho cheiro de... tequila? Talvez Jordan tivesse bebido. A porta do quarto dele estava

fechada, não que Simon o culpasse por estar dormindo; já passava das quatro da madrugada.

Guardou a garrafa de volta na geladeira e foi para o quarto. Seria a primeira vez na semana que dormiria em casa. Já tinha se acostumado a ter com quem dividir a cama, um corpo contra o qual rolar no meio da noite. Gostava de como Clary se encaixava nele, dormindo encolhida com a cabeça na mão; e, se tinha de admitir para si mesmo, gostava do fato de ela não conseguir dormir sem ele. Fazia com que se sentisse indispensável e necessário — ainda que o fato de Jocelyn não parecer se importar com ele dormindo ou não na cama da filha indicasse que a mãe de Clary o considerava tão sexualmente ameaçador quanto um peixinho dourado.

Claro, ele e Clary já tinham compartilhado camas diversas vezes, dos 5 aos 12 anos. Isso talvez tivesse alguma relação, pensou, abrindo a porta do quarto. A maioria das referidas noites tinha sido passada com atividades tórridas, como concursos de quem demorava mais para comer um chocolate. Ou levavam um aparelho de DVD portátil e...

Simon piscou. O quarto parecia o mesmo... paredes limpas, prateleiras de plástico com suas roupas, o violão pendurado na parede e um colchão no chão. Mas na cama tinha um pedaço de papel — um quadrado branco emoldurado pelo cobertor preto. A letra redonda era familiar. Isabelle.

Pegou o bilhete e leu:

Simon, tentei ligar, mas parece que seu telefone está desligado. Não sei onde está agora. Não sei se Clary já contou o que aconteceu esta noite. Mas preciso ir à casa de Magnus e gostaria muito que você estivesse lá.

Nunca sinto medo, mas temo por Jace. Temo pelo meu irmão. Nunca lhe peço nada, Simon, mas estou pedindo agora. Por favor, venha.

Isabelle.

Simon deixou a carta cair de sua mão. Já estava fora do apartamento e descendo os degraus antes mesmo de o papel atingir o chão.

Quando Simon entrou no apartamento de Magnus, o local estava quieto. Havia uma chama ardendo na lareira, em frente à qual Magnus estava sentado em um sofá macio, com os pés na mesa de centro. Alec estava dormindo com a cabeça no colo de Magnus, que acariciava os cabelos negros do Caçador de Sombras entre os dedos. O olhar do feiticeiro nas chamas parecia remoto e distante, como se estivesse olhando para o passado. Simon não pôde deixar de se lembrar do que Magnus dissera uma vez, sobre viver eternamente:

Um dia sobraremos apenas eu e você.

Simon estremeceu, e Magnus levantou os olhos.

— Isabelle ligou várias vezes para você, sabe — disse, com a voz baixa para não acordar Alec.

— Ela está no corredor, por ali, primeiro quarto à esquerda.

Simon assentiu e, com uma saudação na direção de Magnus, partiu pelo corredor. Estava se sentindo estranhamente nervoso, como se estivesse se arrumando para um primeiro encontro. Isabelle, até onde se lembrava, jamais havia solicitado sua ajuda ou sua presença, nem dito que precisava dele de alguma forma.

Ele abriu a porta do primeiro quarto à esquerda e entrou. Estava escuro, as luzes apagadas; se Simon não tivesse visão vampiresca, provavelmente só teria enxergado a negritude. Com sua habilidade, viu os contornos de um armário, cadeiras cobertas por roupas e uma cama desfeita. Isabelle estava dormindo de lado, os cabelos negros espalhados sobre o travesseiro.

Simon encarou. Nunca tinha visto Isabelle dormindo antes. Parecia mais nova do que era, com o rosto relaxado, os longos cílios tocando os topos das maçãs do rosto. A boca ligeiramente aberta, os pés encolhidos. Trajava apenas uma camiseta — uma camiseta dele, azul, desbotada, que dizia O CLUBE DE AVENTURAS DO MONSTRO DO LAGO NESS: IGNORANDO FATOS, ENCONTRANDO RESPOSTAS.

Simon fechou a porta atrás de si, sentindo-se mais decepcionado do que imaginara. Não tinha lhe ocorrido que ela já estivesse dormindo. Queria conversar com ela, ouvir sua voz. Tirou os sapatos e deitou ao lado. Izzy certamente ocupava mais espaço do que Clary. Era alta, quase da altura dele, mas quando colocou a mão no ombro dela, os ossos de Isabelle pareceram delicados ao seu toque. Passou a mão no braço da menina.

— Iz? — falou. — Isabelle?

Ela murmurou e virou a cara para o travesseiro. Ele se inclinou mais para perto — ela estava cheirando a álcool e perfume de rosas. Bem, isso explicava essa parte. Pensou em puxá-la para os braços e beijá-la suavemente, mas "Simon Lewis, molestador de mulheres desacordadas" não era exatamente o epitáfio pelo qual gostaria de ser lembrado.

Deitou-se de costas e ficou olhando para o teto. Gesso rachado, marcado por manchas de água. Magnus realmente deveria chamar alguém para consertar. Como que sentindo sua presença, Isabelle rolou de lado contra ele, a bochecha suave no ombro de Simon.

— Simon? — perguntou, grogue.

— Sim. — Tocou levemente o rosto dela.

— Você veio. — Ela esticou os braços sobre o peito dele, movendo-se de modo a encaixar a cabeça no ombro dele. — Não pensei que fosse vir.

Os dedos dele traçaram desenhos no braço dela.

— Claro que vim.

As palavras seguintes de Isabelle foram abafadas pelo pescoço dele:

— Desculpe por eu estar dormindo.

Ele sorriu para si mesmo, um pouco, no escuro.

— Tudo bem. Mesmo que você só me quisesse aqui para abraçá-la enquanto dorme, eu viria.

Ele a sentiu enrijecer e, em seguida, relaxar.

— Simon?

— Oi?

— Pode me contar uma história?

Ele piscou os olhos.

— Que tipo de história?

— Alguma em que os mocinhos vençam os bandidos. E permaneçam mortos.

— Então tipo um conto de fadas? — perguntou. Tentou se lembrar de algum. Só conhecia as versões da Disney dos contos de fadas, e a primeira imagem que lhe veio foi a de Ariel com o sutiã de conchas. Tivera uma quedinha por ela aos 8 anos. Não que este parecesse o momento para tocar no assunto.

— Não. — A palavra foi uma exalada. — Nós estudamos contos de fadas na escola. Boa parte da magia é real... mas... Não, quero alguma coisa que eu não tenha ouvido antes.

— Tudo bem. Tenho uma boa. — Simon acariciou o cabelo de Isabelle, sentindo os cílios dela batendo no pescoço enquanto ela fechava os olhos. — Há muito tempo, em uma galáxia muito, muito distante...

Clary não sabia há quanto tempo estava sentada nos degraus da entrada da casa de Luke quando o sol começou a nascer. Ergueu-se por trás da casa, o céu adquiriu uma tonalidade rosa-escuro, o rio era uma tira de azul metálico. Ela estava tremendo, tremia havia tanto tempo que o corpo inteiro parecia contraído em um único tremor de frio. Tinha utilizado dois símbolos de aquecimento, mas não haviam ajudado; tinha a sensação de que os tremores eram tão psicológicos quanto todo o resto.

Será que ele viria? Se ainda fosse tão Jace quanto ela acreditava, viria; quando falou que voltaria, ela entendeu que ele queria dizer que chegaria o quanto antes. Jace não era muito paciente. E não fazia joguinhos.

Mas havia um limite de tempo pelo qual poderia esperar. Eventualmente, o sol nasceria. O dia seguinte teria início, e a mãe estaria de olho nela outra vez. Teria de desistir de Jace por pelo menos mais um dia, se não mais.

Fechou os olhos contra o brilho do nascer do sol, apoiando os cotovelos no degrau superior, atrás dela. Por apenas um instante se permitiu flutuar na fantasia de que tudo estava como antes, de que nada havia mudado, de que encontraria Jace esta tarde para treinar, ou à noite para jantar, e ele iria abraçá-la e fazê-la rir como sempre.

Raios calorosos de sol tocaram o rosto de Clary. Relutante, abriu os olhos.

E ele estava lá, se aproximando, tão silencioso quanto um gato, como sempre. Vestia um casaco azul-escuro que fazia seu cabelo parecer a luz do sol. Ela se sentou ereta, com o coração

acelerado. O raio solar luminoso parecia deixá-lo emoldurado de luz. Clary pensou naquela noite em Idris, nos fogos de artifício cortando o céu, e que a fizeram pensar em anjos em chamas, caindo.

Ele a alcançou e estendeu as mãos; ela as pegou e permitiu que ele a levantasse. Os olhos claros de Jace investigaram seu rosto.

— Não tinha certeza se viria.

— Desde quando não tem certeza de mim?

— Você ficou muito irritada antes. — Jace pegou o rosto dela com a mão. Tinha uma cicatriz acentuada na palma dele; pôde senti-la em sua pele.

— E se eu não estivesse aqui, o que você teria feito?

Ele a puxou para perto. Também estava tremendo, e o vento soprava seus cachos, emaranhados e luminosos.

— Como está Luke?

Ao ouvir o nome de Luke, outro tremor atravessou o corpo de Clary. Jace, acreditando que ela estava com frio, puxou-a ainda mais para perto.

— Ele vai ficar bem — respondeu, cautelosa. É sua culpa, sua culpa, sua culpa.

— Nunca quis que ele se machucasse. — Os braços de Jace a envolviam, os dedos traçavam uma linha lenta para cima e para baixo da espinha. — Acredita em mim?

— Jace... — disse Clary. — Por que está aqui?

— Para pedir novamente. Que venha comigo.

Clary fechou os olhos.

— E não vai me dizer para onde?

— Fé — respondeu, suavemente. — Precisa ter fé. Mas também deve saber... quando vier comigo, não terá volta. Não por um bom tempo.

Pensou na ocasião em que saiu do Java Jones e o viu esperando por ela. Sua vida tinha mudado naquele momento de uma maneira que não tinha volta.

— Nunca houve volta — disse ela. — Não com você. — Abriu os olhos. — Vamos.

Ele sorriu, um sorriso tão brilhante quanto o sol surgindo por trás das nuvens, e ela sentiu o corpo relaxar.

— Tem certeza?

— Tenho.

Jace se inclinou e beijou-a. Esticando-se para abraçá-lo, sentiu um gosto amargo nos lábios dele; então a escuridão veio como uma cortina indicando o fim do ato de uma peça.

9

Este Sangue Culpado

— Eu nem me lembrava de que havia um porão aqui — disse Jace, olhando além de Clary para o buraco aberto na parede. Ele levantou a pedra, e o brilho ricocheteou no túnel que levava para baixo. As paredes eram pretas e escorregadias, feitas com uma pedra negra lisa que Clary não reconheceu. Os degraus brilhavam como se estivessem úmidos. Um cheiro estranho pairava na entrada: frio, mofado, com um ligeiro toque metálico que deixava seus nervos no limite.

— O que você acha que pode haver lá embaixo?

— Não sei. — Jace foi em direção às escadas; pôs o pé no degrau mais alto, testando-o, em seguida deu de ombros como se tivesse tomado uma decisão. Começou a descer, movendo-se cuidadosamente. Na metade do caminho, virou para trás e olhou para Clary. — Você vem? Pode me esperar aí em cima se quiser.

Ela olhou em volta pela biblioteca vazia, em seguida estremeceu e foi atrás dele.

As escadas desciam em espiral, os círculos cada vez mais apertados, como se abrissem caminho dentro de uma enorme concha. O cheiro se tornou mais forte conforme se aproximavam do fundo, e os degraus alargaram, transformando-se em uma grande sala quadrada cujas paredes de pedra estavam repletas de marcas de umidade, e outras manchas mais escuras. O chão estava todo rabiscado: uma mistura de pentagramas e símbolos, com pedras brancas espalhadas aqui e ali.

Jace deu um passo para frente e alguma coisa quebrou sob seus pés. Ele e Clary olharam para baixo na mesma hora.

— Ossos — sussurrou Clary. Não eram pedras brancas, mas ossos de todas as formas e tamanhos, espalhados pelo chão. — O que ele fazia aqui embaixo?

A pedra ardia na mão de Jace, projetando um brilho misterioso no cômodo.

— Experiências — disse Jace com um tom seco, tenso. — A Rainha Seelie disse...

— Que espécie de ossos são esses? — A voz de Clary se ergueu. — São ossos de animais?

— Não. — Jace chutou uma pilha deles com os pés, espalhando-os. — Nem todos.

Clary sentiu um aperto no peito.

— Acho que deveríamos voltar.

Em vez disso, Jace ergueu a pedra mágica na mão. Ela emitiu um brilho forte, que em seguida ficou ainda mais intenso, iluminando o ar com um fulgor branco. Até os cantos distantes da sala entraram em foco. Três deles estavam vazios. O quarto estava coberto por um tecido pendurado. Havia alguma coisa atrás do tecido, uma forma corcunda...

— Jace — sussurrou Clary. — O que é aquilo?

Ele não respondeu. Surgiu uma lâmina serafim em sua mão livre de repente; Clary não sabia quando a tinha sacado, mas brilhava à luz da pedra como uma lâmina de gelo.

— Jace, não — disse Clary, mas era tarde demais, ele avançou e retirou o pano com a ponta da lâmina, em seguia o puxou e jogou para baixo. Caiu em uma nuvem de poeira.

Jace cambaleou para trás, derrubando a pedra. Enquanto a luz caía, Clary enxergou rapidamente o rosto dele: era uma máscara branca de horror. Clary pegou a pedra antes que se apagasse, e a levantou no alto, desesperada para ver o que poderia ter chocado Jace — logo ele, que não se chocava com nada — tão terrivelmente.

A princípio tudo que viu foi a forma de um homem; um homem enrolado em um pano branco sujo, agachado no chão. Algemas envolviam seus pulsos e calcanhares, presas a correntes espessas de metal enfiadas no chão de pedra. Como ele pode estar vivo?, pensou Clary, horrorizada, e sentiu bile subir à garganta. A pedra mágica tremeu em sua mão, e luz dançou sobre o prisioneiro: ela viu braços e pernas emaciados, marcados por todos os lados com cicatrizes de incontáveis torturas. O crânio de um rosto virou na direção dela, buracos negros onde deveria haver olhos — em seguida um movimento brusco, e ela viu que o que pensara ser um pano branco, mas que na verdade eram asas, asas brancas saindo de trás das costas em dois crescentes de um branco puro, as únicas coisas puras naquela sala imunda.

Arquejou, um som seco.

— Jace. Você está vendo...

— Estou — disse Jace ao lado dela, com uma voz entrecortada como vidro quebrado.

— Você disse que não existiam anjos, que ninguém nunca tinha visto um...

Jace estava sussurrando alguma coisa para si mesmo, uma sucessão do que pareciam xingamentos desesperados. Cambaleou para frente, em direção à criatura encolhida no chão — e se recolheu, como se tivesse batido em uma parede invisível. Olhando para baixo, Clary viu que o anjo estava agachado dentro de um pentagrama feito de símbolos entalhados no chão; brilhavam com uma fraca luz fosforescente.

— Os símbolos — sussurrou. — Não podemos passar...

— Mas tem que haver alguma coisa... — disse Jace, com a voz quase sumindo — alguma coisa que possamos fazer.

O anjo levantou a cabeça. Clary viu com uma terrível, e de certa forma distante, pena que ele tinha cabelos dourados e ondulados como os de Jace, que brilhavam à luz. Ainda havia chumaços pelas cavidades do crânio. Seus olhos eram abismos, a face marcada com cicatrizes, como uma linda pintura destruída por vândalos. Enquanto os encarava, sua boca abriu e um som se derramou da garganta — não eram palavras, mas uma música dourada penetrante, uma única nota musical, sustentada, sustentada e sustentada tão aguda e doce que o som era como dor...

Uma inundação de imagens se ergueu diante dos olhos de Clary. Ela ainda estava segurando a

pedra, mas a luz não estava mais lá; ela não estava mais lá, não mais ali, mas em outro lugar, onde gravuras do passado fluíam diante dela em um sonho acordado — fragmentos, cores, sons.

Ela estava na adega, vazia e limpa, um único símbolo enorme marcado no chão de pedra. Havia um homem ao lado; segurava um livro aberto em uma mão e uma tocha branca ardente na outra. Quando levantou a cabeça, Clary viu que era Valentim: mais jovem, o rosto sem rugas e bonito, os olhos escuros límpidos e brilhantes. Enquanto entoava, o símbolo ardeu em fogo, e quando as chamas retrocederam, uma figura encolhida apareceu deitada entre cinzas: um anjo, com asas espalhadas e ensanguentado, como um pássaro derrubado do céu por um tiro...

A cena mudou. Valentim se encontrava perto de uma janela, ao seu lado uma mulher jovem com cabelos brilhantes. Um anel prateado familiar brilhava na mão dele enquanto a estendia para colocar os braços ao redor dela. Com uma pontada de dor, Clary reconheceu a mãe — mas ela era jovem, suas feições suaves e vulneráveis. Vestia uma camisola branca e estava obviamente grávida.

— Os Acordos — dizia Valentim, irritado — não foram apenas a pior ideia que a Clave já teve, mas a pior coisa que podia acontecer aos Nephilim. Que tenhamos que ser ligados aos integrantes do Submundo, amarrados a estas criaturas...

— Valentim — disse Jocelyn com um sorriso —, chega de política, por favor. — Ela esticou o braço e envolveu o pescoço de Valentim, com a expressão cheia de amor, assim como a dele, mas havia mais alguma coisa ali, algo que enviou calafrios pela espinha de Clary...

Valentim ajoelhava-se no centro de um círculo de árvores. Havia uma lua brilhante no alto, iluminando o pentagrama preto que havia sido marcado na terra da clareira. Os galhos de árvores formavam uma rede espessa acima; onde se estendiam sobre as bordas do pentagrama, as folhas se curvavam e ficavam pretas. No centro da estela de cinco pontas sentava-se uma mulher com cabelos longos e brilhantes; tinha forma esguia e adorável, o rosto escondido pela sombra, os braços nus e brancos. Sua mão esquerda estava esticada à sua frente, e quando ela abriu os dedos, Clary podia ver que havia um longo corte na palma, derramando um lento riacho de sangue em um cálice prateado apoiado na ponta do pentagrama. O sangue parecia negro ao luar, ou talvez fosse negro.

— A criança nascida com este sangue — dizia ela, com uma voz suave e adorável — terá mais poder que os Demônios Maiores dos abismos entre os mundos. Será mais potente do que Asmodei, mais forte que os shedim das tempestades. Se treinada adequadamente, não haverá nada que não possa fazer. Mas, alerto — acrescentou —, queimará a própria humanidade, como o veneno queima a vida que há no sangue.

— Agradeço a você, Dama de Edom — disse Valentim e, enquanto esticava o braço para pegar o cálice de sangue, a mulher ergueu o rosto, e Clary viu que, apesar de linda, seus olhos eram buracos negros ocos dos quais se curvavam tentáculos negros, como antenas cutucando o

ar. Clary conteve um berro...

A noite, a floresta... desapareceram. Jocelyn encarava alguém que Clary não conseguia enxergar. Não estava mais grávida, e os cabelos brilhantes dispersavam-se pelo rosto assustado e desesperado.

— Não posso ficar com ele, Ragnor — disse ela. — Nem por mais um dia. Li o diário dele. Você sabe o que fez com Jonathan? Não pensei que Valentim fosse capaz daquilo. — Seus ombros tremeram. — Ele utilizou sangue de demônio... Jonathan não é mais um bebê. Sequer é humano; é um monstro...

Ela desapareceu. Valentim caminhava impaciente pelo círculo de símbolos, com uma lâmina serafim brilhando em mãos.

— Por que você não fala? — murmurou. — Por que não me dá o que quero? — Atacou com a faca, e o anjo se contorcia enquanto um líquido dourado escorria do machucado como luz do sol derretida. — Se não me dá respostas — sibilou Valentim —, pode me dar seu sangue. Trará mais benefícios a mim e aos meus do que a você.

Agora estavam na biblioteca Wayland. Luz do sol brilhava através das janelas em forma de losango, inundando a sala em verde e azul. Vozes vinham de outro cômodo: os sons de risos e conversas, uma festa. Jocelyn estava ajoelhada próxima à prateleira de livros, olhando de um lado para o outro. Retirou um livro grosso do bolso e o colocou na prateleira...

E desapareceu. A cena mostrava um porão, o mesmo onde Clary sabia que estava agora. O mesmo pentagrama marcado no chão cicatrizado e, no centro da estrela, um anjo. Valentim estava por perto, mais uma vez com uma lâmina serafim ardendo na mão. Parecia anos mais velho agora, não mais um jovem rapaz.

— Ithuriel — disse ele. — Somos velhos amigos agora, não é? Poderia tê-lo deixado enterrado vivo sob aquelas ruínas, mas não, o trouxe aqui comigo. Todos estes anos o mantive por perto, esperando que um dia fosse me contar o que eu queria... o que precisava saber. — Ele se aproximou, exibindo a lâmina, o brilho iluminando a barreira simbólica, fazendo-a brilhar. — Quando o invoquei, sonhei que me diria por quê. Por que Raziel nos criou, sua raça de Caçadores de Sombras, mas não nos deu os poderes que os integrantes do Submundo têm, a velocidade dos lobos, a imortalidade do Povo das Fadas, a magia dos feiticeiros, até a resistência dos vampiros. Nos deixou despidos diante dos anfitriões do inferno, exceto por estas marcas pintadas na nossa pele. Por que os poderes deles são maiores que os nossos? Por que não podemos compartilhar do que eles têm? Como isso pode ser justo?

Dentro da estrela que o aprisionava, o anjo permanecia sentado em silêncio como uma estátua de mármore, parado, as asas dobradas. Seus olhos não expressavam nada além de uma terrível tristeza silenciosa. A boca de Valentim se retorceu.

— Muito bem. Mantenha-se em silêncio. Terei minha chance — Valentim ergueu a lâmina.

— Tenho o Cálice Mortal, Ithuriel, e logo terei a Espada, mas sem o Espelho não posso começar a invocar. O Espelho é tudo de que preciso. Diga-me onde está, Ithuriel, e o deixarei morrer.

A cena se quebrou em fragmentos e, enquanto sua visão desbotava, Clary viu imagens agora familiares, dos próprios pesadelos — anjos com asas brancas e pretas, lençóis de água espelhada, ouro e sangue — e Jace, dando as costas para ela, sempre de costas. Clary tentou tocá-lo e pela primeira vez a voz do anjo falou em sua mente em palavras que podia entender.

Estes não são os primeiros sonhos que já mostrei a você.

A imagem de um símbolo explodiu atrás de seus olhos, como fogos de artifício — não um símbolo que já tivesse visto antes; era tão forte, simples e direto quanto um nó. Desapareceu no tempo de uma respiração e, enquanto desaparecia, a cantoria do anjo cessou. Clary estava de volta ao próprio corpo, atordoada, na sala suja e fétida. O anjo estava em silêncio, congelado, as asas dobradas, uma efígie de luto.

Clary soltou o ar em um choramingo.

— Ithuriel. — Ela esticou as mãos para o anjo, sabendo que não poderia ultrapassar os símbolos, o coração doendo. Há anos o anjo estava ali, sentado em silêncio, sozinho no escuro, acorrentado e faminto, mas impedido de morrer...

Jace estava ao lado dela. Clary podia ver pela expressão ferida que ele tinha visto as mesmas coisas que ela. Olhou para a lâmina serafim na mão, depois novamente para o anjo. Seu rosto cego estava voltado para eles em uma súplica silenciosa.

Jace deu um passo para a frente, em seguida mais um. Estava com os olhos fixos no anjo, como se, pensou Clary, houvesse alguma comunicação silenciosa entre eles, algum discurso que ela não podia ouvir. Os olhos de Jace brilhavam como discos de ouro, a luz refletida neles.

— Ithuriel. — Sussurrou.

A chama em sua mão brilhou como uma tocha. A luz cegava. O anjo levantou a cabeça, como se a luz fosse visível a seus olhos cegos. Ele esticou as mãos, as correntes que as prendiam pelos pulsos batendo como uma música áspera.

Jace virou-se para ela.

— Clary — disse ele. — Os símbolos.

Os símbolos. Por um instante ela o encarou, confusa, mas os olhos dele a instigavam a seguir em frente. Entregou a pedra mágica a Jace, pegou a estela do bolso e se ajoelhou perto dos símbolos marcados. Pareciam ter sido esculpidos na pedra com alguma coisa afiada.

Ela olhou para Jace. A expressão dele a espantou, o brilho em seus olhos — estavam cheios de fé nela, de confiança em suas habilidades. Com a ponta da estela ela traçou diversas linhas no chão, mudando os símbolos de prisão por outros de soltura, de confinamento para abertura. Brilhavam conforme ela os traçava, como se estivesse arrastando a ponta de um fósforo sobre enxofre.

Quando estava pronto, ela se levantou. Os símbolos brilhavam diante dela. Abruptamente, Jace se postou ao lado dela. A pedra mágica não estava lá, a única luz vinha da lâmina serafim que tinha dado o nome do anjo, ardendo na mão de Jace. Ele a esticou, e desta vez a mão passou pela barreira dos símbolos como se não houvesse nada ali.

O anjo levantou as mãos e tomou a lâmina dele. Fechou os olhos cegos, e por um instante Clary achou que o viu sorrir. Virou a lâmina na mão até a ponta afiada se alojar bem abaixo do esterno. Clary arquejou de leve e foi à frente, mas Jace agarrou o braço dela com o seu, forte como ferro, e a puxou para trás — exatamente quando o anjo aplicou com a lâmina o golpe final.

A cabeça do anjo foi para trás, as mãos soltando do cabo, preso exatamente onde estaria o coração — se anjos tivessem coração; Clary não sabia. Chamas explodiram do ferimento, se espalhando da lâmina. O corpo do anjo brilhava em chama branca, as correntes nos pulsos ardendo em escarlate, como ferro deixado por muito tempo no fogo. Clary pensou em pinturas medievais de santos consumidos por uma chama de êxtase sagrado — e as asas do anjo voavam largas e brancas antes de também pegarem fogo e queimarem, uma grande estrutura de fogo brilhante.

Clary não podia mais assistir. Virou-se e enterrou o rosto nos ombros de Jace. Ele pôs os braços em volta dela, seu aperto firme.

— Tudo bem — disse ele com os lábios grudados no cabelo dela —, está tudo bem. — Mas o ar estava cheio de fumaça e o chão parecia tremer sob seus pés. Só quando Jace tropeçou que ela percebeu que não era choque: o chão estava se movendo. Soltou Jace e cambaleou; as pedras sob os pés estavam se movendo, e uma fina chuva de sujeira descia do teto. O anjo era um pilar de fumaça; os símbolos ao redor brilhavam, dolorosamente claros. Clary os encarou, decodificando o significado, em seguida lançou um olhar desesperado para Jace:

— A mansão... era ligada a Ithuriel. Se o anjo morre, a casa...

Ela não completou a frase. Ele já a tinha pego pela mão e estava correndo para as escadas, puxando-a atrás de si. As escadas se enrolando e se curvando; Clary caiu, batendo o joelho com força em um degrau, mas o aperto de Jace em seu braço não se soltou. Ela correu, ignorando a dor na perna, os pulmões cheios de uma sujeira asfixiante.

Chegaram ao alto da escada e irromperam na biblioteca. Atrás deles, Clary podia ouvir o ruído suave conforme o resto dos degraus sucumbia. Aqui não estava muito melhor; o cômodo estremecia, livros caindo das prateleiras. Uma estátua jazia onde tinha caído, em uma pilha de cacos. Jace soltou a mão de Clary, puxou uma cadeira e, antes que ela pudesse perguntar a ele o que pretendia fazer, jogou-a contra a janela de vidro.

A cadeira voou através de uma cachoeira de vidro quebrado. Jace virou-se e estendeu a mão para ela. Atrás dele, além da moldura quebrada que sobrara, ela podia ver uma extensão de grama marcada pelo luar e uma linha de árvores ao longe. Pareciam muito distantes. Não posso saltar

essa distância, pensou ela, e estava prestes a balançar a cabeça para Jace quando viu seus olhos arregalarem, a boca formando um aviso. Um dos bustos pesados de mármore que se amontoavam nas prateleiras mais altas tinha se soltado e estava caindo na direção dela; ela desviou, e a estátua atingiu o chão a poucos centímetros de onde Clary estivera, deixando um buraco enorme no chão.

Um segundo depois os braços de Jace estavam em volta dela, e ele a estava levantando do chão. Isso a deixou surpresa demais para lutar enquanto ele a carregava até a janela quebrada e a lançava para fora sem qualquer cerimônia.

Ela atingiu um terreno elevado de grama sob a janela e desceu tropeçando pela inclinação íngreme, ganhando velocidade até parar em um montículo com força o bastante para deixá-la sem fôlego. Ela se sentou, sacudindo a grama do cabelo. Um segundo depois, Jace parou a seu lado; ao contrário dela, rolou imediatamente para uma posição agachada, olhando colina acima, na direção da mansão.

Clary virou-se para ver para onde ele estava olhando, mas ele já a tinha agarrado, empurrando-a para a depressão entre as duas colinas. Mais tarde, encontraria hematomas escuros nos braços onde ele a segurara; agora ela apenas arquejava em surpresa enquanto ele a derrubava e rolava para cima dela, protegendo-a com o próprio corpo diante de um rugido que se erguia. Soava como se a terra estivesse se partindo, como um vulcão entrando em erupção. Uma explosão de poeira branca voou para o céu. Clary ouviu um ruído agudo por toda sua volta. Por um instante de espanto, pensou que tivesse começado a chover — em seguida percebeu que eram pedregulhos e vidros quebrados: os escombros da mansão despedaçada sendo derrubados ao redor como granizo mortal.

Jace a pressionou com mais força contra o chão, o corpo deitado sobre o dela, seus batimentos cardíacos quase tão altos nos ouvidos de Clary quanto o som das ruínas da mansão.

O rugido do colapso silenciou lentamente, como fumaça se dissipando no ar. Foi substituído pelo gorjeio alto de pássaros espantados; Clary podia vê-los sobre o ombro de Jace, circulando com curiosidade contra o céu escuro.

— Jace — disse suavemente. — Acho que derrubei sua estela em algum lugar.

Ele se levantou um pouquinho, apoiando-se nos cotovelos, e olhou para ela. Mesmo na escuridão, Clary podia se ver refletida nos olhos de Jace; o rosto dele cheio de fuligem e sujeira, o colarinho da camisa rasgado.

— Tudo bem. Contanto que não esteja machucada.

— Estou bem. — Sem pensar, levantou a mão, passando os dedos levemente pelos cabelos dele. Sentiu que ele se retesou, os olhos escurecendo.

— Tinha grama no seu cabelo — disse ela. Estava com a boca seca; adrenalina pulsava pelas

veias. Tudo o que tinha acabado de acontecer, o anjo, a mansão estilhaçando, parecia menos real do que o que via nos olhos de Jace.

— Você não devia me tocar — disse ele.

A mão dela congelou onde estava, na bochecha dele.

— Por que não?

— Você sabe por quê — disse ele, e desviou dela, rolando para as costas. — Você viu o que eu vi, não viu? O passado, o anjo. Nossos pais.

Era a primeira vez, ela pensou, que ele os chamava assim. Nossos pais. Ela virou para o lado, querendo se aproximar dele, mas sem saber ao certo se deveria. Ele estava olhando a esmo para o céu.

— Vi.

— Você sabe o que sou — as palavras eram um sussurro angustiado. — Sou parte demônio, Clary. Parte demônio. Você também entendeu isso, não? — Seus olhos a perfuravam como brocas. — Você viu o que Valentim estava tentando fazer. Ele usou sangue de demônio, usou em mim antes mesmo de eu nascer. Sou parte monstro. Parte tudo que sempre me esforcei tanto para combater, destruir.

Clary afastou a lembrança da voz de Valentim dizendo: ela me deixou porque transformei seu primeiro filho em um monstro.

— Mas feiticeiros são parte demônios. Como Magnus. Não faz deles pessoas más...

— Não parte Demônio Maior. Você ouviu o que a mulher demônio falou.

Queimará a própria humanidade, como o veneno queima a vida que há no sangue. A voz de Clary estremeceu quando disse:

— Não é verdade. Não pode ser. Não faz sentido...

— Mas faz. — Havia um desespero furioso na voz de Jace. Ela podia ver o brilho da corrente de prata no pescoço dele, acesa como uma chama branca pela luz das estrelas. — Explica tudo.

— Quer dizer que explica por que você é um Caçador de Sombras espetacular? Por que é leal e destemido, honesto, e tudo que demônios não são?

— Explica — disse ele, calmamente — por que sinto o que sinto por você.

— Como assim?

Clary ficou em silêncio por um longo instante, encarando-a através do pequeno espaço que os separava. Podia senti-lo, apesar de ele não a estar tocando, como se ainda estivesse deitado com o corpo contra o dela.

— Você é minha irmã — disse, afinal. — Minha irmã, meu sangue, minha família. Eu deveria querer protegê-la — soltou uma risada silenciosa, sem qualquer humor —, protegê-la de garotos que quisessem fazer com você exatamente o que eu quero fazer.

Clary ficou sem ar.

— Você disse que só queria ser meu irmão de agora em diante.

— Eu menti — disse ele. — Demônios mentem, Clary. Sabe, existem alguns danos que você pode sofrer quando é Caçador de Sombras, ferimentos internos por sangue de demônio. Você nem sabe o que há de errado, mas está sangrando até a morte lentamente. É assim que isso é, simplesmente o fato de ser seu irmão.

— Mas Aline...

— Eu tinha que tentar. E tentei. — A voz dele estava sem vida. — Mas Deus sabe, não quero ninguém além de você. Sequer quero querer alguém além de você — passou os dedos levemente pelo cabelo de Clary, tocando suas bochechas com as pontas dos dedos. — Agora pelo menos sei por quê.

A voz de Clary tinha afundado para um sussurro.

— Eu também não quero ninguém além de você.

Foi recompensada por ele ter ficado sem fôlego. Lentamente, Jace se apoiou sobre os cotovelos. Ele agora estava olhando para ela, e sua expressão havia mudado — tinha um olhar que Clary nunca tinha visto antes, uma luz sonolenta, quase mortal nos olhos. Jace deixou os dedos passarem da bochecha dela para os lábios, contornando o formato da boca de Clary com a ponta do dedo.

— Você provavelmente deveria — disse ele — me dizer para não fazer isso.

Ela não disse nada. Não queria pedir a ele para parar. Estava cansada de dizer não para Jace — de jamais se permitir sentir o que todo o seu coração queria sentir. Qualquer que fosse o custo.

Ele se abaixou, os lábios contra a bochecha dela, tocando-a levemente, calafrios fazendo todo o corpo de Clary tremer.

— Se quiser que eu pare, diga agora — sussurrou ele. Quando ela continuou sem dizer nada, ele passou a boca na cavidade de sua têmpora. — Ou agora — e contornou a linha da maçã do rosto. — Ou agora. — Seus lábios estavam contra os dela. — Ou...

Mas ela esticou o braço e o puxou para cima dela, e o resto das palavras se perdeu em sua boca. Ele a beijou gentilmente, cuidadosamente, mas não era suavidade que Clary queria, não agora, não depois de todo esse tempo, e ela fechou os punhos na blusa dele, puxando-o com mais força. Ele gemeu suavemente, um ruído baixo na garganta, em seguida a envolveu com os braços, puxando-a para perto, e eles rolaram na grama, entrelaçados, ainda se beijando. Havia pedras contra as costas de Clary, e seu ombro doía onde tinha caído da janela, mas ela não se importava. Tudo o que existia era Jace; tudo que sentia, esperava, respirava, queria e via era Jace. Nada mais importava.

Apesar do casaco, ela podia sentir o calor dele irradiando através das roupas de ambos. Ela tirou o casaco dele, depois, de algum jeito, arrancou também a camisa. Seus dedos exploravam o corpo dele enquanto a boca de Jace explorava a dela: pele suave sobre músculos fortes, cicatrizes

que pareciam fios finos. Ela tocou a cicatriz em forma de estrela no ombro de Jace — era lisa e plana, como se fizesse parte da pele, não sobressaltada como suas outras marcas. Supôs que fossem imperfeições, mas não era o que pareciam para ela; eram uma história, cortada no corpo: o mapa de uma vida de guerra interminável.

Ele se atrapalhou com os botões do casaco de Clary, suas mãos tremendo. Ela não se lembrava de já ter visto as mãos de Jace sem firmeza.

— Eu tiro — disse, e abriu o último botão; ao se levantar, algo frio e metálico atingiu sua clavícula, e Clary arquejou, surpresa.

— O que é? — Jace congelou. — Machuquei você?

— Não. Foi isso. — Tocou a corrente de prata no pescoço dele. Na ponta, havia um pequeno círculo de metal pendurado. Tinha batido nela quando se inclinara para a frente. Ela o estava encarando.

Aquele anel — o metal gasto com os desenhos de estrelas —, ela conhecia aquele anel.

O anel Morgenstern. Era o mesmo anel que brilhara na mão de Valentim no sonho que o anjo havia mostrado. Pertencera a Valentim, e ele o tinha dado a Jace, como sempre se passava adiante, de pai para filho.

— Desculpe — disse Jace. Ele passou o dedo na linha da bochecha de Clary, com uma intensidade sonhadora no olhar. — Esqueci que estava com essa porcaria.

Um frio repentino inundou as veias de Clary.

— Jace — disse, com a voz baixa. — Jace, não.

— Não o quê? Não use o anel?

— Não, não... não me toque. Pare um instante.

O rosto dele ficou imóvel. Dúvidas tomaram conta de seus olhos, afastando a expressão sonhadora, mas ele não disse nada, apenas tirou a mão.

— Jace — disse ela novamente. — Por quê? Por que agora?

Ele abriu a boca em surpresa. Ela podia ver uma linha escura onde ele havia mordido o lábio inferior, ou talvez ela o tivesse mordido.

— Por que o quê agora?

— Você disse que não havia nada entre a gente. Que se nós... se nos deixássemos sentir o que queríamos, estaríamos machucando todos que amávamos.

— Eu disse. Estava mentindo. — Os olhos de Jace suavizaram. — Você acha que eu não quero...?

— Não — disse ela. — Não, eu não sou burra, sei que quer. Mas quando você disse que agora finalmente entende por que se sente assim por mim, o que quis dizer?

Não que ela não soubesse, pensou, mas tinha que perguntar, tinha que ouvi-lo dizer.

Jace pegou os pulsos dela e puxou as mãos de Clary para o próprio rosto, entrelaçando os

dedos com os dela.

— Lembra o que eu disse na casa dos Penhallow? — perguntou. — Que você não pensa antes de agir, e por isso destrói tudo que toca?

— Não. Tinha me esquecido. Obrigada pela lembrança.

Ele mal pareceu notar o sarcasmo na voz.

— Não estava falando de você, Clary. Estava falando de mim. É assim que eu sou. — Virou o rosto gentilmente e os dedos dela deslizaram por sua bochecha. — Pelo menos agora sei por quê. Sei qual é o meu problema. E talvez... Talvez seja por isso que preciso tanto de você. Porque se Valentim me fez um monstro, suponho que tenha feito de você uma espécie de anjo. E Lúcifer amava Deus, não amava? Pelo menos é o que diz Milton.

Clary respirou fundo.

— Não sou um anjo. E você sequer sabe se foi para isso que Valentim usou o sangue de Ithuriel, talvez só o quisesse para si próprio.

— Ele disse que o sangue era "para mim e para os meus" — disse Jace, baixinho. — Explica por que você consegue fazer o que faz, Clary. A Rainha Seelie disse que nós dois éramos experimentos. Não só eu.

— Não sou um anjo, Jace — repetiu ela. — Não devolvo livros de biblioteca. Faço downloads ilegais de música na internet. Minto para a minha mãe. Sou completamente normal.

— Não para mim. — Ele olhou para ela. Seu rosto pairava frente a um fundo de estrelas. Não havia nada da arrogância de sempre na expressão; ela jamais o havia visto tão vulnerável, mas mesmo aquela vulnerabilidade estava misturada a um ódio a si próprio, profundo como um ferimento. — Clary, eu...

— Saia de cima de mim — disse Clary.

— O quê? — O desejo nos olhos de Jace quebrou em mil pedaços como cacos do espelho do Portal em Renwick e, por um instante, sua expressão ficou vazia e atônita. Ela mal podia suportar olhar para ele e ainda assim dizer não. Vendo-o agora, mesmo que não estivesse apaixonada por ele, aquela parte que era filha da própria mãe, que amava todas as coisas belas pela beleza, ainda o quereria.

Mas, precisamente por ser filha de sua mãe, era impossível.

— Você ouviu — disse ela. — E deixe minhas mãos em paz. — Puxou-as de volta, cerrando-as em punhos para conter a tremedeira.

Ele não se moveu. Contraiu o lábio, e por um instante Clary viu aquela luz predatória nos olhos dele novamente, mas agora, misturada com raiva.

— Não imagino que queira me dizer por quê?

— Você acha que só me quer porque é malvado, não humano. Você só quer outro motivo pelo qual possa se odiar. Não vou permitir que me use para provar para si mesmo o quão sem

valor é.

— Nunca disse isso. Nunca disse que a estava usando.

— Tudo bem — disse ela. — Diga agora que não é um monstro. Diga que não há nada de errado com você. E diga que me quereria mesmo que não tivesse sangue demoníaco. — Porque eu não tenho sangue de demônio. E quero você mesmo assim.

Seus olhares se encontraram, o dele cegamente furioso; por um instante, nenhum dos dois respirou, e em seguida ele saiu de cima dela, praguejando, e se levantou. Pegando a camisa de cima da grama, começou a vesti-la, ainda encarando. Deixou a camisa para fora da calça e se virou para procurar o casaco.

Clary se levantou, cambaleando um pouco. O vento cortante a deixou com os braços arrepiados. As pernas pareciam feitas de cera semiderretida. Abotoou o casaco com dedos dormentes, combatendo o impulso de chorar. Chorar não ajudaria em nada agora.

O ar continuava cheio de poeira e cinza, a grama ao redor cheia de escombros: pedaços estilhaçados de móveis; páginas de livros soprando ao vento de maneira pesarosa; farpas de madeira pintada de dourado; um pedaço de uma metade quase inteira de uma escada, misteriosamente intacto. Clary se virou para olhar para Jace; ele estava chutando pedaços de escombros com uma satisfação selvagem.

— Bem — disse ele —, estamos ferrados.

Não era o que ela esperava. Piscou os olhos.

— O quê?

— Lembra? Perdeu minha estela. Não tem a menor chance de você desenhar um Portal agora — pronunciou as palavras com um prazer amargo, como se a situação o satisfizesse de algum jeito obscuro. — Não temos outra forma de voltar. Vamos ter que andar.

Já não teria sido uma caminhada agradável em circunstâncias normais. Acostumada às luzes da cidade, Clary não podia acreditar no quanto era escuro à noite em Idris. As espessas sombras negras que margeavam a estrada em cada lado pareciam se arrastar com coisas praticamente invisíveis, e mesmo com a pedra mágica de Jace, ela só podia enxergar poucos metros à frente. Sentia falta de luzes de rua, do brilho ambiente de faróis, dos sons da cidade. Tudo o que podia ouvir agora eram o som uniforme das botas nos cascalhos e, às vezes, o próprio arquejo de surpresa ao tropeçar em alguma pedra.

Após algumas horas, os pés começaram a doer e estava com a boca seca como pergaminho. O ar tinha ficado muito frio, e ela se encolheu, tremendo, com as mãos nos bolsos. Mas mesmo tudo isso teria sido suportável se Jace estivesse falando com ela. Ele não tinha dito uma palavra desde que saíram da mansão, exceto para ditar direções de forma irritada, dizendo para onde ir em uma bifurcação ou mandando que desviasse de um buraco. Mesmo então, duvidava que ele se importasse se ela caísse dentro do buraco, exceto pelo fato de que o teria atrasado.

Afinal, o céu a leste começou a clarear. Clary, tropeçando e quase dormindo, levantou a cabeça em surpresa.

— Está cedo para amanhecer.

Jace olhou para ela com leve desprezo.

— Ali é Alicante. O sol não sobe por pelo menos mais três horas. Estas são as luzes da cidade.

Aliviada demais por estarem tão perto de casa para se importar com a forma como ele falara, Clary apressou o passo. Dobraram uma esquina e se encontraram caminhando por uma trilha ampla de terra à beira de uma colina. Ondulava-se pela curva do declive, desaparecendo em uma esquina ao longe. Apesar de a cidade ainda não ser visível, o ar tinha se tornado resplandecente, o céu marcado por um brilho avermelhado peculiar.

— Devemos estar quase chegando lá — disse Clary. — Tem algum atalho pela colina?

Jace estava com a testa franzida.

— Tem alguma coisa errada — disse ele abruptamente. Saiu em disparada, meio correndo pela estrada, levantando nuvens de poeira com as botas que brilhavam em ocre à estranha luz. Clary correu para acompanhar, ignorando os protestos dos pés cheios de bolhas. Atravessaram a curva seguinte e Jace parou subitamente, fazendo com que Clary batesse nele. Em outra situação, poderia ter sido cômico. Agora não.

A luz avermelhada estava mais forte agora, enviando um brilho escarlate ao céu noturno, iluminando a colina em que estavam como se fosse dia. Nuvens de fumaça se curvavam do vale abaixo como as penas abertas de um pavão negro. Erguendo-se do vapor preto estavam as torres demoníacas de Alicante, suas formas cristalinas como flechas de fogo perfurando o céu esfumaçado. Através da fumaça espessa, Clary podia ver o vermelho saltitante das chamas, espalhadas pela cidade como um punhado de joias brilhantes sobre um tecido escuro.

Parecia inacreditável, mas lá estava: estavam em uma colina alta sobre Alicante, e abaixo deles, a cidade estava queimando.

Parte 2

Fácil é o descenso

Facilis descensus Averno;

Noctes atque dies pateta tri ianua Ditis;

Sed revocare grandum superasque evadere ad auras,

Hoc opus, hic labor est.

— Virgílio, Eneida

10

Fogo e Espada

— Está tarde — disse Isabelle, puxando aflita a cortina de renda sobre a janela alta da sala de volta para o lugar. — Ele já deveria estar de volta.

— Seja razoável, Isabelle — disse Alec, naquele tom superior de irmão mais velho que parecia implicar que, enquanto ela, Isabelle, tinha uma inclinação para a histeria, ele, Alec, estava sempre perfeitamente calmo. Até a postura dele (estava sentado em uma das poltronas macias próximas à lareira dos Penhallow, como se não tivesse nenhuma preocupação na vida) parecia ter sido pensada para exibir o quão despreocupado estava. — Jace faz isso quando está chateado, sai e fica vagando por aí. Ele disse que ia dar uma saída. Vai voltar.

Isabelle suspirou. Quase desejava que os pais estivessem lá, mas ainda estavam no Gard. O que quer que a Clave estivesse discutindo, a reunião do Conselho estava demorando muito.

— Mas ele conhece Nova York. Não conhece Alicante...

— Provavelmente conhece melhor do que você. — Aline estava sentada no sofá, lendo um livro com capa de couro vermelho-escuro. Os cabelos negros estavam puxados para trás em uma trança embutida, os olhos passeando pelo volume equilibrado em seu colo. Isabelle, que nunca fora muito de ler, sempre invejava a capacidade alheia de se perder em um livro. Havia várias coisas pelas quais teria invejado Aline em outros tempos — ser pequena e delicadamente bonita, em primeiro lugar, não como uma amazona tão alta que ao usar salto acaba ficando muito maior do que todo garoto que conhecia. Mas claro que fazia pouco tempo que Isabelle descobrira que outras meninas não serviam só para serem invejadas, evitadas ou desgostadas. — Ele morou aqui até os 10 anos. Vocês só visitaram algumas vezes.

Isabelle levou a mão até o pescoço com o cenho franzido. O pingente pendurado na corrente acabara de pulsar sem sobreaviso — mas normalmente isso só acontecia na presença de demônios, e estavam em Alicante. Não havia como ter demônios por perto. Talvez o pingente não estivesse funcionando bem.

— Não acho que ele esteja dando voltas por aí. Acho que é bastante óbvio para onde foi — respondeu Isabelle.

Alec levantou os olhos.

— Você acha que ele foi ver Clary?

— Ela ainda está aqui? Pensei que tivesse que voltar para Nova York. — Aline deixou o livro fechar. — Onde a irmã do Jace está hospedada, afinal?

Isabelle deu de ombros.

— Pergunte a ele — disse ela, direcionando o olhar para Sebastian.

Sebastian estava estirado no sofá em frente a Aline. Também lia, a cabeça curvada sobre o livro. Levantou os olhos como se pudesse sentir o olhar de Isabelle.

— Estava falando de mim? — perguntou calmamente. Tudo em Sebastian era calmo, pensou Isabelle com uma pontada de irritação. Inicialmente, tinha ficado impressionada com a aparência dele... aquelas maçãs do rosto tão bem delineadas e aqueles olhos negros, insondáveis... mas a personalidade afável e complacente estava começando a incomodá-la. Não gostava de meninos que pareciam não se irritar com nada, nunca. No mundo de Isabelle, raiva era igual a paixão, que era igual a diversão.

— O que você está lendo? — perguntou, mais cortante do que pretendia. — É um dos gibis do Max?

— É. — Sebastian olhou para a cópia do Santuário do Anjo equilibrado no braço do sofá. — Gosto das figuras.

Isabelle suspirou. Alec lançou-lhe um olhar e depois disse:

— Sebastian, hoje mais cedo... Jace sabe onde você foi?

— Está falando sobre eu ter saído com Clary? — Sebastian parecia entretido. — Ouça, não é um segredo. Teria dito a Jace se o tivesse encontrado.

— Não entendo por que ele se importaria. — Aline deixou o livro de lado, a voz meio seca. — Não é como se Sebastian tivesse feito alguma coisa errada. E daí se ele quiser mostrar um pouco de Idris a Clarissa antes de ela voltar para casa? Jace deveria ficar satisfeito pela irmã não ficar sentada à toa e irritada.

— Ele às vezes é muito... protetor — disse Alec com alguma hesitação.

Aline franziu o rosto.

— Deveria parar com isso. Não pode ser bom para ela, ser tão superprotegida. O olhar no rosto dela quando nos viu, foi como se nunca tivesse visto ninguém se beijando. Quero dizer, vai ver nunca viu mesmo.

— Já viu, sim — disse Isabelle, pensando na maneira como Jace havia beijado Clary na Corte Seelie. Não era algo em que gostava de pensar; já não gostava de remoer as próprias mágoas, quanto mais as dos outros. — Não é isso.

— Então o que é? — Sebastian se recompôs, tirando uma mecha de cabelo dos olhos. Isabelle viu um relance de alguma coisa, uma linha vermelha na palma dele, como uma cicatriz. — É só que ele me odeia pessoalmente? Pois não sei o que foi que eu...

— Esse livro é meu. — Uma vozinha interrompeu o discurso de Sebastian. Era Max, na entrada da sala. Estava com pijama cinza e o cabelo castanho emaranhado, como se tivesse acabado de acordar. Estava olhando para o mangá perto de Sebastian.

— O quê, isso? — Sebastian mostra o exemplar de Santuário do Anjo. — Pode pegar, garoto.

Max atravessou a sala e pegou o livro de volta. Franziu o cenho para Sebastian.

— Não me chame de garoto.

Sebastian riu e se levantou.

— Vou pegar um café — disse, e foi para a cozinha. Na porta, parou e se virou. — Alguém quer alguma coisa?

Fez-se um coro de recusas. Dando de ombros, Sebastian desapareceu na cozinha, deixando a porta se fechar.

— Max — repreendeu Isabelle. — Não seja rude.

— Não gosto quando pegam minhas coisas. — Max apertou a revista contra o peito.

— Cresça, Max. Ele só pegou emprestado. — A voz de Isabelle saiu mais irritada do que gostaria; ainda estava preocupada com Jace, sabia disso, e estava descontando no irmão. — Você deveria estar na cama. Já é tarde.

— Ouvi barulhos na colina. Me acordaram. — Max piscou os olhos; sem os óculos, tudo era basicamente um borrão para ele. — Isabelle...

A nota de questionamento na voz de Max chamou a atenção dela. Isabelle virou de costas para a janela.

— O quê?

— As pessoas escalam as torres demoníacas? Tipo, tem algum motivo?

Aline levantou os olhos.

— Escalar as torres demoníacas? — Riu. — Não, ninguém nunca faz isso. É totalmente ilegal, para começar, e, além disso, por que alguém faria uma coisa dessas?

Aline, pensou Isabelle, não tinha muita imaginação. Ela própria conseguia pensar em muitas razões pelas quais alguém quereria escalar as torres demoníacas, ainda que apenas para cuspir chiclete em quem passasse embaixo.

Max estava com a testa franzida.

— Mas alguém subiu. Sei que vi...

— O que quer que você pense que viu, provavelmente sonhou — disse Isabelle.

O rosto de Max se contraiu. Identificando uma crise em potencial, Alec se levantou e esticou a mão.

— Vamos, Max — disse ele, afetuoso. — Vamos voltar para a cama.

— Deveríamos todos deitar — disse Aline, se levantando. Ela foi até a janela ao lado de Isabelle e fechou as cortinas com firmeza. — Já é quase meia-noite; quem sabe quando vão voltar do Conselho? Não há razão para ficarmos...

O pingente na garganta de Isabelle pulsou outra vez, com força — e então a janela na frente de Aline se espatifou de fora para dentro. Aline gritou quando mãos entraram pelo buraco — não mãos, na verdade, Isabelle viu com a clareza do choque, mas garras enormes com escamas, das

quais corriam sangue e um fluido enegrecido. Agarraram Aline e a puxaram pela janela quebrada antes que ela pudesse dar um segundo grito.

O chicote de Isabelle estava sobre a mesa perto da lareira. Ela se jogou para pegá-lo, desviando de Sebastian, que tinha vindo correndo da cozinha.

— Pegue armas — disparou ela, enquanto ele olhava espantado pela sala. — Vá! — berrou, e correu para a janela.

Perto da lareira, Alec estava segurando Max enquanto o menino se contorcia e gritava, tentando se soltar das garras do irmão. Alec o arrastou para a porta. Ótimo, pensou Isabelle. Tire Max daqui.

Ar frio entrava pela janela quebrada. Isabelle puxou a saia para cima e chutou o resto do vidro quebrado, agradecida pelas solas grossas das botas. Quando se livrou de todo o vidro, abaixou a cabeça e pulou pelo buraco na moldura, aterrissando com um baque no chão de pedra abaixo.

À primeira vista, a calçada parecia vazia. Não havia luzes públicas pelo canal; a iluminação principal vinha das janelas das casas próximas. Isabelle foi para a frente cuidadosamente, o chicote enrolado a seu lado. Tinha o chicote há tanto tempo — fora um presente de aniversário de 12 anos do pai — que parecia parte dela agora, como uma extensão do braço.

As sombras engrossavam à medida em que se afastava da casa e se aproximava da Oldcastle Bridge, que arqueava sobre o canal Princewater em um ângulo estranho em relação à calçada. As sombras na base se aglomeravam como moscas pretas — em seguida, enquanto Isabelle encarava, algo se mexeu nas sombras, alguma coisa branca e certeira.

Isabelle correu, se enfiando por dentro de uma cerca viva que delimitava o jardim de alguém e pulando para uma trilha de tijolos que passava por baixo da ponte. Seu chicote começara a emitir uma luz prateada e, sob sua fraca iluminação, ela podia ver Aline estirada na beira do canal. Um enorme demônio de escamas estava esticado sobre ela, pressionando-a para baixo com o peso de seu corpo espesso como de lagarto, o rosto enterrado no pescoço...

Mas não podia ser um demônio. Nunca tinha havido um demônio em Alicante. Jamais. Enquanto Isabelle encarava em choque, a coisa levantou a cabeça e cheirou o ar, como se a sentisse ali. Era cego, ela viu, uma linha espessa de dentes serrilhados que corriam como zíper onde deveria haver olhos. Tinha outra boca na parte de baixo do rosto, com presas das quais alguma coisa pingava. As laterais da cauda brilhavam conforme ela chicoteava para a frente e para trás, e Isabelle viu, aproximando-se, que o rabo tinha uma fileira de ossos afiados como lâminas.

Aline estremeceu e emitiu um ruído, um choramingo engasgado. Uma onda de alívio tomou conta de Isabelle — tivera certeza de que Aline estava morta —, mas durou pouco. Enquanto Aline se movia, Isabelle viu que a blusa dela tinha sido rasgada na frente. Havia marcas de garras no peito, e a coisa tinha outra garra enfiada na cintura de seu jeans.

Uma onda de náusea passou por Isabelle. O demônio não estava tentando matar Aline — ainda não. O chicote de Isabelle ganhou vida em sua mão como a espada flamejante de um anjo vingador; lançou-se para a frente, atacando o demônio pelas costas com o chicote.

O demônio berrou e rolou de cima de Aline. Avançou para Isabelle, com as duas bocas abertas, as presas mirando o rosto dela. Dançando para trás, ela lançou o chicote mais uma vez; rasgou a cara do demônio, o peito, as pernas. Uma miríade de marcas cruzadas de rasgões se espalhou pela pele de escamas da criatura, derramando sangue e icor. Uma língua comprida e aforquilhada surgiu da boca superior, tentando atingir o rosto de Isabelle. Tinha um bulbo na ponta, ela viu, uma espécie de ferrão, como um escorpião. Ela mexeu o pulso para o lado e o chicote se curvou em volta da língua do demônio, enrolando-a com círculos de electrum flexível. O demônio berrou e berrou enquanto ela apertava o nó e puxava. A língua dele caiu com um barulho molhado e nojento nos tijolos do chão.

Isabelle puxou o chicote. O demônio girou e fugiu, com movimentos rápidos e certeiros como os de uma cobra. Isabelle foi atrás. O demônio estava na metade do caminho para a trilha que levava para cima da passagem quando uma forma escura se ergueu na frente dele. Algo brilhou na escuridão, e o demônio caiu se contorcendo no chão.

Isabelle parou abruptamente. Aline se erguia diante do demônio caído, com uma adaga fina na mão — devia estar com ela no cinto. Os símbolos na lâmina brilhavam como raios enquanto ela enterrava a arma nele, atacando repetidas vezes o corpo em espasmos do demônio até ele parar de se mover e desaparecer.

Aline levantou o olhar. Estava com o rosto inexpressivo. Não fez qualquer movimento para segurar a blusa fechada, apesar dos botões rasgados. Sangue escorria dos arranhões profundos no peito.

Isabelle soltou um assobio baixo.

— Aline, você está bem?

Aline deixou a adaga cair com um ruído. Sem mais uma palavra, virou-se e correu, desaparecendo na escuridão sob a ponte.

Pega de surpresa, Isabelle praguejou e correu atrás de Aline. Desejou que estivesse vestindo alguma coisa mais prática do que um vestido de veludo naquela noite, apesar de ter, ao menos, colocado as botas. Duvidava que conseguisse alcançar Aline se estivesse de salto.

Havia escadas de metal do outro lado da passagem de pedra, levando de volta à Princewater Street. Aline era um borrão no alto da escada. Segurando a bainha pesada do vestido, Isabelle foi atrás, as botas fazendo barulho nos degraus. Quando chegou ao topo, olhou em volta para procurar Aline.

E arregalou os olhos. Estava no pé da estrada larga que ficava em frente à casa dos Penhallow. Não conseguia mais ver Aline — ela tinha desaparecido na multidão em alvoroço que lotava a

rua. E não apenas pessoas. Havia coisas na rua — demônios, dezenas deles, talvez mais, como a criatura com a cauda de garras que parecia um lagarto que Aline tinha liquidado debaixo da ponte. Dois ou três corpos já estavam deitados na rua, um a centímetros de Isabelle — um homem, metade das costelas arrancada. Isabelle podia ver pelos cabelos grisalhos que era um senhor idoso. Mas claro que era, pensou, o cérebro atuando lentamente, a velocidade dos pensamentos afetada pelo pânico. Todos os adultos estavam no Gard. Na cidade só estavam as crianças, os idosos, e os doentes...

A atmosfera tingida de vermelho estava com um forte cheiro de queimado, a noite cortada por berros e gritos. Havia portas abertas por toda a fileira de casas — pessoas vinham correndo e paravam congeladas no lugar ao verem a rua cheia de monstros.

Era impossível, inimaginável. Nunca na história um demônio havia atravessado as barreiras de bloqueio das torres demoníacas. E agora havia dezenas. Centenas. Talvez mais, inundando a rua como uma maré venenosa. Isabelle sentia como se estivesse presa atrás de uma parede de vidro, capaz de ver tudo, mas incapaz de se mexer — assistindo, congelada, enquanto um demônio agarrava um menino que fugia e o levantava do chão, enterrando os dentes em seu ombro.

O menino gritou, mas os gritos se perderam naquele clamor que despedaçava a noite. O volume do som aumentou e aumentou: o uivo de demônios, pessoas chamando pelos nomes de outras, o ruído de pés correndo e vidro se despedaçando. Alguém na rua gritava palavras que ela mal podia entender — algo sobre as torres demoníacas. Isabelle levantou os olhos. As espirais altas mantinham-se erguidos, sentinelas sobre a cidade, como sempre haviam estado. Porém, em vez de refletir a luz prateada das estrelas, ou mesmo a luz vermelha da cidade em chamas, estavam de um branco tão morto como a pele de um cadáver. A luminescência havia desaparecido. Um calafrio a percorreu. Não era à toa que as ruas estavam cheias de monstros — de algum jeito, por mais impossível que parecesse, as torres demoníacas haviam perdido a magia. As barreiras que protegiam Alicante havia mil anos não estavam mais lá.

A voz de Samuel silenciara havia horas, mas Simon permanecia acordado, olhando insone para a escuridão, quando ouviu os gritos.

Levantou a cabeça. Silêncio. Olhou em volta desconfortavelmente — será que tinha sonhado com o barulho? Apurou o ouvido, mas mesmo com a nova capacidade, nada era audível. Estava prestes a se deitar novamente quando os gritos voltaram, perfurando seus ouvidos como agulhas. Pareciam vir de fora do Gard.

Levantando-se, ficou de pé sobre a cama e olhou pela janela. Viu o gramado verde se estendendo, a luz distante da cidade um brilho fraco ao longe. Apertou os olhos. Havia algo de errado com a iluminação da cidade, alguma coisa... estranha. Estava mais fraca do que ele se

lembrava — e havia pontos se movendo aqui e ali na escuridão, como agulhas de fogo, acenando pelas ruas. Uma nuvem pálida se erguia sobre as torres, e o ar estava carregado com o cheiro de fumaça.

— Samuel. — Simon podia perceber o alarme na própria voz. — Alguma coisa está errada.

Ouviu as portas se abrindo e pés correndo. Vozes roucas gritavam. Simon pressionou o rosto contra as grades enquanto pares de botas se agitavam lá fora, chutando pedras enquanto corriam, os Caçadores de Sombras chamando uns aos outros enquanto corriam para longe do Gard, em direção à cidade.

— As barreiras caíram! As barreiras caíram!

— Não podemos abandonar o Gard!

— O Gard não importa! Nossos filhos estão lá!

As vozes já estavam ficando mais baixas. Simon se afastou da janela, arquejando.

— Samuel! As barreiras...

— Eu sei. Ouvi. — A voz de Samuel veio forte através da parede. Não parecia assustado, mas resignado, e talvez até um pouco triunfante por constatar que tinha razão. — Valentim atacou enquanto a Clave estava reunida. Esperto.

— Mas o Gard é protegido, por que não ficam aqui?

— Você ouviu. Porque todas as crianças estão na cidade. Filhos, pais idosos... não podem simplesmente largá-los lá.

Os Lightwood. Simon pensou em Jace, e em seguida, com terrível clareza, no rosto pequeno e pálido de Isabelle sob a coroa de cabelos escuros, em sua determinação na luta, nos BJSSS no bilhete que escrevera para ele.

— Mas você avisou, você disse à Clave o que aconteceria. Por que não acreditaram?

— Porque as barreiras são a religião dessas pessoas. Não acreditar no poder das barreiras é não acreditar que são especiais, escolhidos, e protegidos pelo Anjo. Daria no mesmo acreditar que são meros mundanos.

Simon se virou para olhar novamente pela janela, mas a fumaça havia engrossado, preenchendo o ar com uma palidez cinzenta. Não podia mais ouvir vozes gritando do lado de fora; havia berros ao longe, mas muito fracos.

— Acho que a cidade está pegando fogo.

— Não. — A voz de Samuel era baixa. — Acho que é o Gard que está queimando. Provavelmente fogo demoníaco. Valentim iria atrás do Gard, se pudesse.

— Mas... — As palavras de Simon se embolaram. — Mas alguém vai vir nos soltar, certo? O Cônsul, ou... Aldertree. Não podem simplesmente nos largar aqui para a morte.

— Você é do Submundo — disse Samuel. — E eu sou um traidor. Você realmente acha que fariam outra coisa?

— Isabelle! Isabelle!

Alec estava com as mãos nos ombros dela e a sacudia. Isabelle levantou a cabeça lentamente; o rosto branco do irmão flutuava contra a escuridão atrás. Um pedaço curvado de madeira preso atrás do ombro direito: estava com o arco amarrado nas costas, o mesmo arco que Simon havia utilizado para matar o Demônio Maior Abbadon. Ela não conseguia se lembrar de Alec caminhando em sua direção, não conseguia se lembrar de sequer tê-lo visto na rua; era como se ele tivesse se materializado em sua frente, como um fantasma.

— Alec. — A voz saiu lenta e tremida. — Alec, pare com isso. Estou bem.

Ela se soltou dele.

— Não parecia bem — disse Alec olhando para cima e praguejando baixinho. — Temos que sair da rua. Cadê Aline?

Isabelle piscou. Não havia demônios à vista; alguém estava sentado nos degraus da frente da casa diante deles, berrando em uma série alta de gritos. O corpo do velho ainda estava na rua, e o cheiro de demônios, por todos os lados.

— Aline... um dos demônios tentou... tentou... — Prendeu a respiração. Era Isabelle Lightwood. Não ficava histérica, independentemente do desafio. — Nós o matamos, mas depois ela fugiu. Tentei segui-la, mas foi rápida demais. — Olhou para o irmão. — Demônios na cidade — disse. — Como é possível?

— Não sei — Alec balançou a cabeça. — As barreiras devem ter caído. Havia quatro ou cinco demônios Oni aqui quando saí da casa; peguei um deles espreitando nos arbustos. Os outros fugiram, mas podem voltar. Vamos. Vamos voltar para a casa.

A pessoa na escada ainda estava chorando. O som os seguiu enquanto se apressavam de volta para a casa dos Penhallow. A rua permaneceu sem demônios, mas podiam ouvir o som de explosões, gritos, e pés correndo ecoando das sombras de outras ruas escurecidas. Ao subirem os degraus da frente dos Penhallow, Isabelle olhou para trás a tempo de ver um longo tentáculo na escuridão entre duas casas agarrar a mulher que estivera sentada na escada. Os soluços se transformaram em gritos. Isabelle tentou voltar, mas Alec já a agarrara e empurrara para dentro da casa na frente dele, fechando a porta e trancando-a. A casa estava escura.

— Apaguei as luzes. Não quero atrair mais nenhum deles — explicou, empurrando Isabelle para a sala.

Max estava sentando no chão perto das escadas, abraçando os joelhos. Sebastian estava perto da janela, pregando pedaços de madeira que tinha tirado da lareira sobre o buraco onde antes havia o vidro.

— Pronto — disse ele, recuando e deixando o martelo cair sobre a prateleira de livros. — Isso

deve segurar por um tempo.

Isabelle se abaixou ao lado de Max e afagou o cabelo dele.

— Você está bem?

— Não. — Os olhos grandes e assustados. — Tentei olhar pela janela, mas Sebastian mandou eu me abaixar.

— Sebastian estava certo — disse Alec. — Estava cheio de demônios nas ruas.

— Eles ainda estão lá?

— Não, mas ainda há alguns na cidade. Temos que pensar no que fazer em seguida.

Sebastian estava franzindo a testa.

— Cadê Aline?

— Ela fugiu — explicou Isabelle. — A culpa é minha. Eu devia ter...

— A culpa não foi sua. Sem você, ela estaria morta — disse Alec, com a voz contida. — Ouça, não temos tempo para autocensura. Eu vou atrás de Aline. Quero que vocês três fiquem aqui. Isabelle, tome conta do Max. Sebastian, termine de proteger a casa.

Isabelle se pronunciou, indignada:

— Não quero que você saia sozinho! Me leve com você.

— Sou o adulto aqui. O que eu digo é o que vale. — O tom de Alec era equilibrado. — Existem muitas chances dos nossos pais chegarem do Gard a qualquer momento. Quantos mais de nós aqui, melhor. Será fácil demais acabarmos nos separando lá fora. Não vou arriscar, Isabelle. — Seu olhar passou para Sebastian. — Entendeu?

Sebastian já tinha pegado a estela.

— Vou trabalhar no bloqueio da casa com Marcas.

— Obrigado. — Alec já estava praticamente fora da casa; virou e olhou para Isabelle. Ela encontrou os olhos dele por uma fração de segundo. Em seguida saiu.

— Isabelle. — Era Max, a vozinha baixa. — Seu pulso está sangrando.

Isabelle olhou para baixo. Não tinha qualquer lembrança de ter machucado o pulso, mas Max tinha razão: o sangue já tinha manchado a manga do casaco branco. Levantou-se.

— Vou pegar minha estela. Já volto para ajudar com os símbolos, Sebastian.

Ele assentiu.

— Uma ajuda seria muito útil. Isso não é minha especialidade.

Isabelle subiu sem perguntar qual seria a especialidade dele. Sentia-se completamente exaurida, desesperadamente necessitada de uma Marca de energia. Poderia ela mesma fazer se fosse necessário, apesar de Alec e Jace sempre terem sido melhores neste tipo de símbolo.

Uma vez dentro do quarto, remexeu as coisas à procura de uma estela e algumas armas extras. Enquanto enfiava algumas lâminas serafim nos canos das botas, sua mente estava em Alec e no olhar que tinham compartilhado quando ele saiu pela porta. Não tinha sido a primeira vez que

tinha visto o irmão sair, sabendo que poderia nunca mais voltar a vê-lo. Era algo que aceitava, sempre aceitara, como parte da vida; só quando conheceu Clary e Simon que percebeu que para a maioria das pessoas, é claro, nunca tinha sido assim. Não conviviam com a morte como companhia constante, uma respiração fria na nuca até nos dias mais comuns. Sempre tinha sentido tanto desprezo por mundanos, como todos os Caçadores de Sombras faziam — achava que eram frouxos, tolos, vaquinhas de presépio em sua complacência. Agora imaginava se todo aquele ódio não vinha do fato de que tinha ciúmes. Devia ser bom, não precisar se preocupar a cada vez que um de seus familiares saísse, que ele pudesse não voltar mais.

Estava na metade da escadaria, com a estela na mão, quando sentiu que alguma coisa estava errada. A sala estava vazia. Max e Sebastian não estavam à vista. Havia uma Marca de proteção incompleta em um dos pedaços de lenha que Sebastian tinha colocado sobre a janela quebrada. O martelo que tinha utilizado não estava mais lá.

Sentiu o estômago apertar.

— Max! — gritou ela, girando em um círculo. — Sebastian! Onde estão vocês?

A voz de Sebastian respondeu da cozinha.

— Isabelle, aqui.

Foi invadida por uma sensação de alívio, e ficou tonta.

— Sebastian, não tem graça — disse ela, marchando para a cozinha. — Pensei que vocês...

Deixou a porta fechar atrás de si. Estava escuro na cozinha, mais do que na sala. Apertou os olhos para tentar enxergar Sebastian e Max, mas não viu nada além de sombras.

— Sebastian? — Havia incerteza em sua voz. — Sebastian, o que você está fazendo aqui? Cadê o Max?

— Isabelle. — Ela achou ter visto alguma coisa se mexer, uma sombra escura contra sombras mais claras. A voz dele era suave, gentil, quase adorável. Não tinha percebido antes como era linda aquela voz. — Isabelle, sinto muito.

— Sebastian, você está estranho. Pare com isso.

— Sinto muito que seja você — disse ele. — Veja bem, de todos eles, era de você que eu mais gostava.

— Sebastian...

— De todos eles — repetiu, com a mesma voz baixa —, achava que era a mais parecida comigo.

Seu pulso fez um movimento para baixo, com o martelo nele.

Alec correu pelas ruas escuras em chamas, chamando por Aline sem parar. Ao deixar o distrito de Princewater e entrar no coração da cidade, o pulso acelerou. As ruas eram como uma pintura de Bosch ganhando vida: cheias de criaturas grotescas e macabras, cenas súbitas e horríveis de violência. Estranhos em pânico empurravam Alec para o lado sem olhar e corriam, gritando, sem

nenhum destino aparente. O ar cheirava a fumaça e demônios. Algumas das casas estavam em chamas; outras tinham as janelas quebradas. Os paralelepípedos brilhavam com vidro quebrado. Ao se aproximar de um prédio, viu que o que pensara ser um trecho com a tinta descolorida era uma mancha enorme de sangue fresco espalhada no gesso. Girou no lugar, olhando em todas as direções, mas não viu nada que a explicasse; ainda assim, se afastou o mais rápido possível.

Alec, o único dos filhos Lightwood, se lembrava de Alicante. Era uma criança quando partiram, mas ainda carregava lembranças de torres brilhantes, as ruas cheias de neve no inverno, correntes de luz mágica enfeitando as lojas e casas, com água se espalhando no chafariz de sereia na Praça. Sempre sentia uma pontada estranha no coração ao pensar em Alicante, a esperança semidolorosa de que a família fosse voltar àquele lugar ao qual pertencia. Ver a cidade assim era como a morte de toda a alegria. Virando numa avenida mais ampla, uma das ruas que levava ao Salão dos Acordos, viu um bando de demônios Belial passando por um arco, sibilando e uivando. Arrastavam alguma coisa atrás de si — algo que se contorcia e sofria espasmos enquanto deslizava pela rua de pedras. Correu pela rua, mas os demônios já não estavam mais lá. Encolhida contra a base de uma coluna havia uma forma flácida da qual saía um rastro de sangue. Cacos de vidro se quebravam como pedras sob as botas de Alec enquanto ele se ajoelhava para virar o corpo. Após uma única olhada no rosto roxo e contorcido, encolheu os ombros e recuou, grato por não se tratar de nenhum conhecido.

Um barulho o fez se levantar. Sentiu o odor antes de ver: a sombra de alguma coisa corcunda e enorme deslizando na direção dele, vinda da ponta oposta da rua. Um Demônio Maior? Alec não esperou para descobrir. Disparou pela rua em direção a uma das casas mais altas, saltando em um parapeito e se enfiando por uma janela cujo vidro tinha sido quebrado. Alguns segundos depois, estava subindo no telhado, com as mãos doendo, os joelhos ralados. Ele se levantou, esfregando as mãos, e olhou para Alicante.

As torres demoníacas arruinadas projetavam uma luz morta nas ruas agitadas da cidade, onde coisas galopavam, se arrastavam e se esgueiravam nas sombras entre os prédios, como baratas sorrateiras em um apartamento escuro. O ar carregava berros e urros, o ruído de gritos, nomes chamados ao vento — e havia manifestações demoníacas também, uivos de mutilação e deleite, berros que perfuravam o ouvido humano como dor. Fumaça se erguia sobre as casas de pedras cor de mel formando uma neblina, contornando as espirais do Salão dos Acordos. Olhando para cima, em direção ao Gard, Alec viu uma enxurrada de Caçadores de Sombras correndo pela trilha da colina, iluminada pelas pedras mágicas que carregavam. A Clave estava descendo para a batalha.

Ele foi para a borda do telhado. Os prédios eram muito próximos uns dos outros, os beirais quase se tocando. Foi fácil pular daquele telhado para o seguinte, e depois para o próximo. Ele se viu correndo suavemente pelos telhados, pulando as singelas distâncias entre as casas. Era bom

ter o vento frio no rosto, mais forte que o fedor dos demônios.

Correu durante vários minutos antes de perceber duas coisas: primeiro, estava correndo em direção às espirais brancas do Salão dos Acordos. E segundo, havia alguma coisa na frente, em uma praça entre dois becos, algo que parecia um chafariz de faíscas se erguendo, elas eram azuis, de um azul escuro, ardente. Alec já havia visto faíscas azuis como aquelas antes. Encarou-as por um instante antes de começar a correr.

O telhado mais próximo da praça era íngreme. Alec foi derrapando por ele, batendo com as botas nas telhas soltas. Posicionado precariamente na borda, ele olhou para baixo.

Viu a Praça da Cisterna abaixo, mas tinha a visão parcialmente bloqueada por um enorme poste de metal que se erguia na frente do prédio em que estava. Uma placa de madeira de loja pendurava-se nele, balançando com a brisa. A praça abaixo estava cheia de demônios Iblis — de forma humana, mas feitos de uma substância que parecia uma fumaça negra ondulante, cada um com um par de olhos amarelos ardentes. Haviam formado uma fila e se moviam lentamente em direção à figura solitária de um homem em um casaco cinza, forçando-o a recuar contra uma parede. Alec só podia olhar, espantado. Tudo no sujeito era familiar — a curva inclinada das costas, o emaranhado de cabelos negros, e a maneira como o fogo azul surgia das pontas dos dedos como vaga-lumes cianóticos.

Magnus. O feiticeiro estava arremessando lanças de fogo azul nos demônios Iblis; uma delas atingiu no peito um dos que avançavam. Com um ruído parecido com o de água jogada em uma chama, ele estremeceu e desapareceu em uma explosão de cinzas. Os outros se moveram para tomar seu lugar — os demônios Iblis não eram muito inteligentes —, e Magnus arremessou outro bando de lanças flamejantes. Diversos Iblis caíram, mas agora outro demônio, mais astuto que os outros, tinha contornado Magnus e estava vindo por trás dele, pronto para atacar...

Alec não parou para pensar. Em vez disso pulou, se segurando na borda do telhado enquanto caía e se lançando adiante para pegar o poste de metal e se enroscar nele, amenizando a queda. Soltou e aterrissou levemente no chão. O demônio, espantado, começou a virar, seus olhos amarelos como joias em chamas; Alec só teve tempo de pensar que se fosse Jace teria alguma coisa espertinha para dizer antes de tirar a lâmina serafim do cinto e atacar o demônio. Com um gemido característico o demônio desapareceu, a violência da saída desta dimensão respingando cinzas em Alec.

— Alec? — Magnus o estava encarando. Tinha acabado com o resto dos demônios Iblis, e a praça estava vazia exceto pelos dois. — Você acabou... Você acabou de salvar a minha vida?

Alec sabia que deveria dizer alguma coisa como "É claro, pois sou um Caçador de Sombras e isso é o que fazemos", ou "É a minha obrigação". Jace teria dito alguma coisa assim. Jace sempre sabia a coisa certa a dizer. Mas as palavras que saíram efetivamente foram bem diferentes — e soaram petulantes, mesmo aos seus próprios ouvidos.

— Você não me ligou de volta — disse ele. — Te liguei mil vezes e você não retornou.

Magnus olhou para Alec como se o outro tivesse enlouquecido.

— Sua cidade está sob ataque — disse ele. — As barreiras de bloqueio caíram e as ruas estão cheias de demônios. E você quer saber por que eu não liguei?

Alec contraiu o maxilar em uma expressão teimosa.

— Quero saber por que você não ligou de volta.

Magnus jogou as mãos para o ar, em um gesto de total exasperação. Alec notou com interesse que, ao fazê-lo, algumas faíscas escaparam das pontas dos dedos, como vaga-lumes escapulindo de um pote.

— Você é um idiota.

— Foi por isso que você não me ligou? Porque sou um idiota?

— Não. — Magnus caminhou em direção a ele. — Não liguei porque estou cansado de você só me querer por perto quando precisa de alguma coisa. Estou cansado de assistir enquanto você está apaixonado por outra pessoa... outra pessoa que, por acaso, nunca vai amá-lo de volta. Não como eu amo.

— Você me ama?

— Seu Nephilim idiota — disse Magnus, pacientemente. — Por que outra razão eu estaria aqui? Por que outra razão eu teria passado as últimas semanas consertando seus amigos imbecis cada vez que se machucam? E o tirando de cada situação ridícula em que se mete? Sem falar em estar te ajudando em uma batalha contra Valentim. E tudo de graça!

— Não tinha pensado por esse lado — admitiu Alec.

— Claro que não. Você nunca pensou por lado nenhum. — Os olhos felinos de Magnus brilharam com raiva. — Tenho setecentos anos de idade, Alexander. Sei quando alguma coisa não vai funcionar. Você sequer admite para os seus pais que eu existo.

Alec o encarou.

— Você tem setecentos anos?

— Bem — corrigiu-se Magnus —, oitocentos. Mas não aparento. De qualquer forma, você está perdendo o foco. O foco é...

Mas Alec nunca soube qual era o foco, pois naquele instante outra dúzia de demônios Iblis invadiu a praça. Seu queixo caiu.

— Droga.

Magnus seguiu o olhar de Alec. Os demônios já estavam se espalhando em um semicírculo em volta deles, os olhos amarelos brilhando.

— Belo jeito de desviar do assunto, Lightwood.

— Seguinte. — Alec alcançou uma segunda lâmina serafim. — Se sobrevivermos a isso, eu prometo que o apresento para toda a minha família.

Magnus ergueu as mãos, os dedos brilhando com chamas azuladas individuais. Iluminaram seu sorriso com um ardor intenso.

— Combinado.

11

Todas as Hostes do Inferno

— Valentim — sussurrou Jace. Seu rosto estava pálido enquanto encarava a cidade. Através das camadas de fumaça, Clary achou que quase podia vislumbrar as ruas estreitas, entupidas com figuras correndo, pequenas formigas negras se esquivando de um lado para o outro, mas ela olhou novamente e não havia nada. Nada além das nuvens espessas de um vapor escuro e o cheiro de fogo e fumaça.

— Você acha que Valentim fez isso? — A fumaça era amarga na garganta de Clary. — Parece um incêndio. Talvez tenha começado sozinho...

— O Portão Norte está aberto. — Jace apontou para alguma coisa que Clary mal conseguia distinguir, dada a distância e a fumaça que distorcia. — Nunca fica aberto. E as torres demoníacas perderam a luz. As barreiras devem ter caído. — Ele sacou uma lâmina serafim do cinto, segurando-a com tanta força que suas juntas ficaram da cor do marfim. — Tenho que ir para lá.

Um nó de medo apertou a garganta de Clary.

— Simon...

— Terão evacuado o Gard. Não se preocupe, Clary. Ele provavelmente está melhor do que a maioria lá. Os demônios dificilmente o incomodarão. Tendem a deixar os do Submundo em paz.

— Desculpe — sussurrou Clary. — Os Lightwood... Alec, Isabelle...

— Jahoel — disse Jace, e a lâmina se acendeu, clara como a luz do dia na mão esquerda atada. — Clary, quero que fique aqui. Volto para buscá-la. — A raiva evidente em seus olhos desde que tinha saído da mansão tinha evaporado. Estava parecendo um soldado agora.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Quero ir com você.

— Clary... — ele começou, mas se interrompeu, enrijecendo completamente. Um instante depois, Clary ouviu também, uma batida pesada, rítmica, e mais alto que ela, um som como o estalo de uma enorme fogueira. Clary levou diversos instantes para desconstruir o ruído na mente, para quebrá-lo como alguém poderia quebrar uma música nas diversas notas que a compõem. — São...

— Lobisomens. — Jace olhava para além dela. Seguindo seu olhar, ela os viu, correndo pela colina mais próxima como uma sombra que se espalhava, iluminada em alguns pontos por olhos brilhantes ferozes. Uma alcateia inteira ou mais do que apenas isso; devia haver centenas deles, talvez até mil. Os latidos e uivos compunham o ruído que julgara ser uma fogueira, e o som erguia-se na noite, instável e áspero.

O estômago de Clary revirou. Ela conhecia lobisomens. Já tinha lutado ao lado deles. Mas

aqueles não eram os lobos de Luke, não aqueles que tinham sido instruídos a cuidar dela, a não machucá-la. Pensou no terrível poder de matar do bando de Luke em ação, e de repente sentiu medo.

Ao seu lado, Jace praguejou uma vez, ferozmente. Não havia tempo de alcançar mais uma arma; puxou-a com força para perto de si, com o braço livre, e com a outra mão ergueu Jahoel alto sobre a cabeça. A luz da lâmina era ofuscante. Clary cerrou os dentes...

E os lobos estavam sobre eles. Era como uma onda quebrando... uma explosão repentina de barulho ensurdecedor, e uma corrente de ar quando os primeiros lobos do bando avançaram e saltaram — havia olhos ardentes e mandíbulas abertas —, Jace apertou os dedos na lateral de Clary...

E os lobos continuaram pelos lados deles, se abrindo no espaço em que estavam por uns bons 70 centímetros. Clary virou a cabeça, incrédula, enquanto dois lobos — um lustroso e malhado, o outro enorme e cinza como aço — atingiram o chão suavemente atrás deles, pausaram e continuaram correndo, sem sequer olhar para trás. Havia lobos por todo lado, e, no entanto, nenhum deles os tocou. Passaram correndo, uma inundação de sombras, os pelos refletindo o luar em lampejos de prata de modo que pareciam quase um rio solitário, movendo-se em forma de raio em direção a Jace e Clary — e depois se dividindo ao redor deles, como se fossem uma pedra. Os dois Caçadores de Sombras poderiam ter sido estátuas a julgar pela atenção dispensada pelos licantropes enquanto passavam, de bocas abertas e olhos fixos na estrada à frente.

Então desapareceram. Jace se virou para ver os últimos lobos passarem correndo para alcançar os companheiros. Fez-se silêncio novamente, apenas os ruídos muito fracos da cidade ao longe.

Jace soltou Clary, abaixando Jahoel ao fazê-lo.

— Você está bem?

— O que aconteceu? — sussurrou ela. — Aqueles lobisomens... eles simplesmente passaram por nós...

— Estão indo para a cidade. Para Alicante. — Ele pegou uma segunda lâmina serafim do cinto e a entregou para ela. — Você vai precisar disso.

— Então não vai me largar aqui?

— Não adianta. Nenhum lugar é seguro. Mas... — hesitou. — Vai tomar cuidado?

— Vou tomar cuidado — prometeu Clary. — O que faremos agora?

Jace olhou para Alicante, queimando abaixo do lugar onde estavam.

— Agora corremos.

Nunca tinha sido fácil acompanhar Jace, e agora, quando ele estava a toda velocidade, era quase impossível. Clary sentiu que ele estava até se contendo, diminuindo o ritmo para deixá-la alcançá-lo, o que era difícil para ele.

A estrada ficou mais lisa na base da montanha e se curvou através de um bosque de árvores altas e espessas, criando a ilusão de um túnel. Quando Clary saiu do outro lado, se viu diante do Portão Norte. Através do arco, podia ver uma confusão de fumaça e chamas. Jace ficou na entrada, esperando por ela. Segurava Jahoel em uma mão e outra lâmina serafim na outra, mas mesmo a luz combinada de ambas se perdia contra a luminosidade mais forte da cidade queimando atrás.

— Os guardas. — Arquejou Clary, correndo para ele. — Por que não estão aqui?

— Pelo menos um deles está sobre aquelas árvores. — Jace apontou com o queixo na direção de onde tinham vindo. — Despedaçado. Não, não olhe. — E olhou para baixo. — Você não está segurando a lâmina serafim direito. Segure assim —mostrou como fazer —, e você precisa de um nome para ela. Cassiel seria uma boa opção.

— Cassiel — repetiu Clary, e a luz da lâmina brilhou.

Jace olhou para ela com uma expressão ponderada.

— Gostaria de ter tido tempo de treiná-la para isso. É claro, por direito, ninguém com tão pouco treinamento quanto você deveria sequer poder usar uma lâmina serafim. Fiquei surpreso no início, mas agora que sabemos o que Valentim fez...

Clary não estava com a menor vontade de conversar sobre o que Valentim tinha feito.

— Ou talvez você só estivesse com medo de que, se me treinasse adequadamente, eu ficaria melhor do que você — disse.

O fantasma de um sorriso tocou o canto da boca dele.

— O que quer que aconteça, Clary — disse ele, olhando para ela através da luz de Jahoel —, fique comigo. Entendeu? — Obrigou-a a sustentar seu olhar, exigindo com os olhos uma promessa.

Por algum motivo a lembrança de tê-lo beijado no gramado da mansão Wayland veio até ela. Parecia ter sido há um milhão de anos. Como alguma coisa que acontecera com outra pessoa.

— Vou ficar com você.

— Ótimo. — Ele desviou o olhar, soltando-a. — Vamos.

Moveram-se lentamente pelo portão, lado a lado. Ao entrarem na cidade, ela se tornou ciente dos ruídos de batalha como que pela primeira vez: uma parede de sons, construída a partir de gritos humanos e uivos não humanos, o som de vidro quebrando e fogo ardendo. Fez o próprio sangue cantar em seus ouvidos.

O jardim logo após o portão estava vazio. Havia formas amontoadas espalhadas aqui e ali sobre os paralelepípedos; Clary tentou não olhar muito para elas. Ficou imaginando como era possível perceber que alguém estava morto, mesmo de longe, sem olhar muito de perto. Corpos mortos não lembravam corpos inconscientes; era como se você pudesse sentir que alguma coisa havia escapado deles, que alguma faísca essencial agora estava faltando.

Jace se apressou pelo jardim — Clary podia perceber que ele não gostava muito do espaço aberto e desprotegido — e seguiu por uma das estradas que saía dele. Havia mais destroços ali. Vitrines quebradas e conteúdos roubados espalhados pela rua. Havia também um cheiro no ar — um odor rançoso, espesso, de lixo. Clary conhecia aquele cheiro. Significava demônios.

— Por aqui — sibilou Jace. Desviaram para outra rua estreita. Um fogo estava queimando em um andar superior de uma das casas da rua, apesar de nenhuma das construções que a cercavam parece ter sido atingida. Clary lembrou-se, estranhamente, de fotos que vira da Blitz em Londres, onde a destruição se espalhava aleatoriamente, vinda do céu.

Olhando para cima, ela viu que o forte sobre a cidade estava encoberto por uma chaminé de fumaça negra.

— O Gard.

— Já disse, terão evacuado... — Jace parou de falar ao saírem da rua estreita para uma via pública. Havia corpos na estrada, e muitos. Alguns eram corpos pequenos. Crianças. Jace correu para a frente, Clary o seguiu, hesitante. Havia três, ela viu ao se aproximarem — nenhum deles, pensou com um alívio culpado, grande o bastante para ser de Max. Ao lado deles, o corpo de um homem mais velho, com os braços ainda abertos, como se estivesse protegendo as crianças com o próprio corpo.

A expressão de Jace era rígida.

— Clary, vire de costas. Devagar.

Clary se virou. Logo atrás dela havia uma vitrine quebrada. Houvera bolos em exibição em algum momento — uma torre deles, com uma cobertura de glacê brilhante. Estavam espalhados pelo chão em meio a vidros quebrados, e também havia sangue nos paralelepípedos, misturado à cobertura em longas linhas rosadas. Mas não tinha sido isso que provocara o tom de alarme da voz de Jace. Alguma coisa estava se arrastando da janela — algo amorfo, enorme e pegajoso. Algo equipado com duas fileiras de dentes que percorriam toda a extensão do corpo oblongo, que estava salpicado de cobertura e vidro quebrado como uma camada de açúcar cristalino.

O demônio saiu da janela e começou a se arrastar pelos paralelepípedos em direção a eles. Algo em sua movimentação preguiçosa, desossada fez com que Clary sentisse a bile subindo à garganta. Ela recuou, quase batendo em Jace.

— É um demônio Behemoth — disse ele, olhando para a criatura deslizante na frente deles. — Eles comem tudo.

— Eles comem...?

— Pessoas? Sim — disse Jace. — Fique atrás de mim.

Ela deu alguns passos para trás para ficar atrás dele, os olhos fixos no Behemoth. Havia algo nele que a enojava ainda mais do que os outros demônios que encontrara antes. Parecia uma lesma com dentes, e aquele andar mole... Mas ao menos não se movia com rapidez. Jace

provavelmente não teria muito trabalho para matá-lo.

Como que impulsionado pelo pensamento de Clary, Jace avançou, com a lâmina serafim ardente. Enfiou-a nas costas do Behemoth com um som como o de uma fruta madura demais sendo pisada. O demônio pareceu sofrer um espasmo, para em seguida dar de ombros e se recompor, aparecendo de repente a vários centímetros de distância de onde estivera.

Jace puxou Jahoel de volta.

— Era isso que eu temia — murmurou. — É apenas semicorporal. Difícil de matar.

— Então não mate. — Clary puxou a manga da blusa de Jace. — Pelo menos não é veloz. Vamos sair daqui.

Embora relutante, Jace permitiu que ela o puxasse. Viraram para correr na direção de onde tinham vindo...

E o demônio estava ali outra vez, na frente deles, bloqueando a rua. Parecia ter crescido, e um ruído baixo vinha dele, uma espécie de chiado raivoso de inseto.

— Acho que não quer que a gente vá embora — disse Jace.

— Jace...

Mas ele já estava correndo na direção da coisa, manejando Jahoel em um longo arco com a intenção de decapitar a criatura, mas a coisa simplesmente se mexeu e se reconstituiu outra vez, dessa vez atrás dele. Recuou, mostrando um lado inferior estriado como o de uma barata. Jace girou e trouxe Jahoel para baixo, rasgando o tronco da criatura. Fluido verde, espesso como muco, se espalhou pela lâmina.

Jace deu um passo para trás, com o rosto se contorcendo de nojo. O Behemoth continuava emitindo o mesmo chiado. Mais fluido vazava da criatura, mas não parecia machucada. O demônio avançava decidido.

— Jace! — disse Clary. — Sua lâmina...

Ele olhou para baixo. O muco do demônio Behemoth tinha se grudado na lâmina de Jahoel, ofuscando seu fulgor. Enquanto ele olhava, a lâmina serafim crepitou e apagou como um fogo em que se jogou areia. Derrubou a arma com um xingamento antes que a gosma do demônio pudesse tocá-lo.

O Behemoth recuou outra vez, pronto para atacar. Jace desviou — então Clary estava lá, correndo entre ele e o demônio, com a lâmina empunhada. Ela atacou a criatura logo abaixo da fileira de dentes, a lâmina afundando na massa com um som repulsivo e molhado.

Ela recuou, arquejando, enquanto o demônio sofria mais um espasmo. Parecia que a criatura precisava de mais energia para se reconstituir a cada vez que sofria um ataque. Se ao menos pudessem atacá-la vezes suficientes...

Algo se moveu na beira da visão de Clary. Um brilho cinza e marrom, veloz. Não estavam sozinhos na rua. Jace se virou, arregalando os olhos.

— Clary! — gritou. — Atrás de você!

Clary girou, Cassiel brilhando em sua mão, enquanto um lobo se lançava sobre ela com os lábios contraídos em um rosnado feroz, a mandíbula aberta.

Jace gritou alguma coisa; Clary não sabia o quê, mas viu o olhar selvagem nos olhos de Jace, mesmo enquanto se jogava de lado, para fora do caminho do lobo. Ele passou por ela, com as garras esticadas, corpo arqueado — e atingiu seu alvo, o Behemoth, derrubando-o no chão antes de atacá-lo com os dentes.

O demônio gritou, ou melhor, emitiu o ruído mais próximo de um grito possível — um choramingo agudo, como ar saindo de um balão. O lobo estava sobre ele, prendendo-o, o focinho enterrado no corpo pegajoso. O Behemoth estremeceu e se debateu em um esforço desesperado de regenerar e curar os machucados, mas o lobo não estava dando chance. Suas garras afundavam profundamente na carne do demônio, o lobo arrancando pedaços gelatinosos do corpo de Behemoth com os dentes, ignorando o fluido verde que jorrava. O demônio iniciou uma última e desesperada série de espasmos convulsivos, a mandíbula batendo enquanto era derrotado — então desapareceu, deixando no lugar apenas uma poça de fluido verde sobre o paralelepípedo.

O lobo fez um barulho — uma espécie de rosnado de satisfação — e se virou para olhar Jace e Clary com olhos prateados pelo luar. Jace puxou outra lâmina do cinto e a levantou, desenhando uma linha de fogo no ar entre eles e o lobo.

O lobo rosnou, os pelos das costas se arrepiando.

Clary pegou o braço dele.

— Não... não faça isso.

— É um lobisomem, Clary...

— Ele matou o demônio para nós! Está do nosso lado! — Ela se afastou de Jace antes que ele pudesse segurá-la, aproximando-se lentamente do lobo, com as mãos esticadas, palmas abertas. Falou com uma voz baixa e calma: — Sinto muito. Sentimos muito. Sabemos que você não quer nos machucar. — Ela parou, com as mãos ainda esticadas, enquanto o lobo a encarava com olhos vazios. — Quem... quem é você? — perguntou. Olhou por sobre o ombro para Jace e franziu o rosto antes de pedir: — Será que pode abaixar isso?

Jace parecia prestes a dizer categoricamente a ela que não se abaixava uma lâmina serafim que estivesse brilhando diante do perigo, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, o lobo rugiu baixo e começou a se levantar. Suas pernas se alongaram, a espinha ficando ereta, a mandíbula se retraindo. Em alguns segundos, havia uma garota na frente deles — uma garota com um vestido branco, os cabelos ondulados presos em diversas tranças, uma cicatriz na garganta.

— Quem é você? — Debochou a menina com desdém. — Não posso acreditar que não me reconheceram. Não é como se todos os lobos fossem exatamente iguais. Humanos.

Clary soltou um suspiro de alívio.

— Maia!

— Sou eu. Salvando o traseiro de vocês, como sempre. — Ela sorriu. Estava cheia de sangue e icor, que não estivera muito visível contra a pelagem de lobo, mas agora as manchas vermelhas e pretas se destacavam sobre a pele morena. Ela pôs a mão no estômago. — E aliás, que nojo. Não posso acreditar que mastiguei todo aquele demônio. Espero que não seja alérgica.

— Mas o que você está fazendo aqui? — perguntou Clary. — Quero dizer, não que não estejamos felizes em vê-la, mas...

— Não soube? — Maia olhou confusa de Jace para Clary. — Luke nos trouxe aqui.

— Luke? — Clary a encarou. — Luke está... aqui?

Maia assentiu.

— Ele entrou em contato com a alcateia, e com várias outras, todo mundo em que conseguiu pensar, e disse para todos nós que precisávamos vir para Idris. Fomos voando até a fronteira e de lá seguimos viagem. Alguns dos outros bandos foram até a floresta através de um Portal e nos encontraram lá. Luke disse que os Nephilim precisariam da nossa ajuda... — Parou de falar para depois perguntar: — Vocês não sabiam disso?

— Não — disse Jace —, e duvido que a Clave soubesse. Não são muito bons em aceitar ajuda de integrantes do Submundo.

Maia se endireitou, os olhos ardendo em raiva.

— Se não tivesse sido por nós, todos vocês teriam sido aniquilados. Não havia ninguém protegendo a cidade quando chegamos...

— Não — disse Clary, lançando um olhar furioso a Jace. — Estou muito, muito grata por ter nos salvado, Maia, e Jace também está, mesmo que seja teimoso o bastante para preferir enfiar uma lâmina serafim nos próprios olhos a admitir. E não diga que espera que ele o faça — acrescentou apressadamente, percebendo o olhar no rosto da outra —, pois isso não vai ajudar em nada. Agora precisamos chegar aos Lightwood, e depois tenho que encontrar Luke...

— Os Lightwood? Acho que estão no Salão dos Acordos. É para lá que estão levando todo mundo. Pelo menos vi Alec lá — disse Maia —, e aquele feiticeiro também, o de cabelos arrepiados. Magnus.

— Se Alec está lá, os outros também devem estar. — A expressão de alívio no rosto de Jace fez Clary querer colocar a mão em seu ombro. Mas ela não o fez. — Foi inteligente levar todo mundo ao Salão; é protegido. — Colocou a lâmina serafim no cinto. — Vamos... temos que ir.

Clary reconheceu o interior do Salão dos Acordos assim que entrou lá. Era o lugar com o qual sonhara, onde estivera dançando com Simon, depois com Jace.

Era para cá que eu estava tentando me mandar quando passei pelo Portal, pensou, olhando

em volta, para as paredes pálidas e o teto alto com a enorme claraboia de vidro através da qual podia ver o céu noturno. A sala, apesar de enorme, de algum jeito parecia menor e mais sombria do que no sonho. O chafariz de sereia ainda estava ali, no centro da sala, derramando água, mas não parecia lustrado, e os degraus que levavam até ele estavam infestados de pessoas, muitas com curativos. Este espaço estava cheio de Caçadores de Sombras, gente correndo aqui e ali, às vezes parando para olhar o rosto de algum passante, na esperança de ver um parente ou conhecido. O chão estava imundo, marcado com lama e sangue.

O que chamou a atenção de Clary, mais do que qualquer outra coisa, foi o silêncio. Se aquele cenário de desastre estivesse acontecendo num ambiente mundano, haveria pessoas gritando, berrando, chamando umas às outras. Mas o recinto estava praticamente silencioso. Pessoas sentavam quietas, algumas com as cabeças nas mãos, outras olhando para o nada. Crianças se mantinham perto dos pais, mas nenhuma delas chorava.

Percebeu outra coisa, também, enquanto adentrava a sala, ladeada por Jace e Maia. Havia um grupo de pessoas um pouco maltrapilhas perto do chafariz em um círculo desorganizado. Pareciam separados do resto da multidão, e quando Maia os viu e sorriu, Clary, percebeu por quê.

— Meu bando! — exclamou Maia. Avançou na direção deles, parando apenas para olhar para trás, na direção de Clary enquanto ia. — Tenho certeza de que Luke está por aqui em algum lugar — disse, e desapareceu dentro do grupo, que se fechou ao seu redor. Clary imaginou, por um instante, o que aconteceria se seguisse a licantrope para o círculo. Será que a receberiam como amiga de Luke ou ficariam desconfiados por ser mais uma Caçadora de Sombras?

— Não — disse Jace, como que lendo a mente de Clary. — Não é uma boa...

Mas Clary não descobriu o fim da frase, pois ouviu um grito:

— Jace! — Alec apareceu, sem fôlego ao abrir caminho pela multidão para alcançá-los. Seus cabelos negros estavam completamente emaranhados, e tinha sangue nas roupas, mas os olhos brilhavam com uma mistura de alívio e raiva. Agarrou Jace pela frente do casaco.

— O que aconteceu com você?

Jace pareceu afrontado.

— O que aconteceu comigo?

Alec o balançou, sem delicadeza.

— Você disse que ia dar uma caminhada! Que tipo de caminhada demora seis horas?

— Uma bem longa? — sugeriu Jace.

— Eu poderia matá-lo — disse Alec, soltando as roupas de Jace. — Estou pensando seriamente nisso.

— Isso tornaria sua reclamação sem sentido, não é? — disse Jace. Então olhou em volta. — Cadê todo mundo? Isabelle e...

— Isabelle e Max estão na casa dos Penhallow, com Sebastian — disse Alec. — Minha mãe e meu pai estão indo buscá-los. E Aline está aqui, com os pais, mas não está falando muito. Passou maus bocados com um demônio Rezkor perto de um dos canais. Mas Izzy conseguiu salvá-la.

— E Simon? — perguntou Clary ansiosamente. — Você viu o Simon? Ele deveria ter vindo do Gard com os outros.

Alec balançou a cabeça.

— Não, não vi, mas também não vi o Inquisidor, ou o Cônsul. Provavelmente estaria com um deles. Talvez tenham parado em algum lugar ou... — parou de falar quando um murmúrio passou pelo recinto; Clary viu o grupo de licantropes levantar o olhar, alerta como um bando de cães de caça sentindo cheiro de ação. Ela se virou...

E viu Luke, cansado e sujo de sangue, entrando pelas portas duplas do Salão.

Correu para ele. Esquecendo-se do quanto havia se irritado quando ele foi embora e do quanto ele havia se irritado com ela por levá-los para Idris, deixando tudo de lado, exceto a alegria em vê-lo. Pareceu surpreso por um instante ao ver Clary correndo até ele — em seguida sorriu, e esticou os braços para segurá-la e abraçá-la, como fazia quando ela era pequena. Cheirava a sangue, flanela e fumaça, e por um instante Clary fechou os olhos, pensando na maneira como Alec havia segurado Jace ao vê-lo no Salão, pois era isso que familiares faziam quando se preocupavam uns com os outros, segurar, abraçar e explicar o quanto ficaram irritados... e tudo bem, pois independentemente da raiva que o fizera sentir, ainda pertenciam a você. E o que tinha dito a Valentim era verdade. Luke era como se fosse sua família.

Ele a colocou de volta no chão, fazendo uma careta no processo.

— Cuidado — disse ele. — Um demônio Croucher me acertou no ombro perto da Merryweather Bridge. — Ele pôs as mãos nos ombros dela, examinando seu rosto. — Mas você está bem, não está?

— Ora, mas que cena tocante — disse uma voz fria. — Não é mesmo?

Clary se virou, a mão de Luke ainda em seu ombro. Atrás dela havia um homem alto com uma capa azul que ondulava em seus pés conforme se movia em direção a eles. O rosto sob o capuz da capa parecia esculpido: maçãs do rosto definidas, feições aquilinas afiadas e pálpebras expressivas.

— Lucian — disse ele, sem olhar para Clary. — Deveria ter esperado que fosse você o responsável por esta... esta invasão.

— Invasão? — ecoou Luke e, de repente, lá estava seu bando de licantropes, atrás dele. Tinham se posicionado tão rápida e silenciosamente que fora como se tivessem aparecido do nada. — Não fomos nós que invadimos sua cidade, Cônsul. Foi Valentim. Só estamos tentando ajudar.

— A Clave não precisa de ajuda — irritou-se o Cônsul. — Não daqueles como você. Está

transgredindo a Lei só de entrar na Cidade de Vidro, com ou sem barreiras de proteção. Deve saber disso.

— Acho que está bem claro que a Clave precisa de ajuda. Se não tivéssemos vindo quando viemos, muitos mais de vocês estariam mortos. — Luke olhou ao redor; diversos grupos de Caçadores de Sombras haviam se aproximado deles para ver o que estava acontecendo. Alguns deles olharam diretamente para Luke; outros abaixaram as cabeças, como que envergonhados. Mas nenhum deles, pensou Clary repentinamente surpresa, parecia irritado. — Eu o fiz para provar um ponto, Malaquias.

A voz de Malaquias era fria.

— E que ponto seria esse?

— Que vocês precisam de nós — disse Luke. — Para derrotar Valentim, precisam da nossa ajuda. Não apenas da ajuda dos licantropes, mas de todos os membros do Submundo.

— O que os integrantes do Submundo podem fazer contra Valentim? — perguntou Malaquias, desdenhoso. — Lucian, você sabe muito bem. Já foi um de nós. Sempre estivemos sozinhos contra todos os perigos e protegemos o mundo do mal. Seremos páreo para Valentim com nosso próprio poder. Os membros do Submundo fariam bem em ficar fora do nosso caminho. Somos Nephilim; lutamos nossas próprias batalhas.

— Não é exatamente verdade, é? — disse uma voz aveludada. Era Magnus Bane, com um casaco longo e cintilante, e uma expressão safada. Clary não fazia ideia de onde ele tinha vindo. — Vocês tiveram ajuda de feiticeiros em mais de uma ocasião no passado, e pagaram uma boa quantia por isso.

Malaquias franziu o rosto.

— Não me lembro da Clave tê-lo convidado para a Cidade de Vidro, Magnus Bane.

— Não convidou — disse Magnus. — Suas barreiras caíram.

— Sério? — A voz do Cônsul destilava sarcasmo. — Não tinha percebido.

Magnus pareceu preocupado.

— Isso é terrível. Alguém deveria ter avisado... — olhou para Luke. — Diga a ele que as barreiras caíram.

Luke parecia irritado.

— Malaquias, pelo amor de Deus, os integrantes do Submundo são fortes; temos um bom número. Eu já disse, podemos ajudar.

A voz do Cônsul se ergueu.

— E eu disse que não precisamos, nem queremos sua ajuda.

— Magnus — sussurrou Clary, indo silenciosamente para o lado dele. Uma pequena multidão havia se reunido, assistindo à briga entre Luke e o Cônsul; tinha quase certeza de que ninguém estaria prestando atenção a ela. — Venha conversar comigo. Enquanto estão ocupados

demais para perceber.

Magnus lançou a ela um rápido olhar interrogativo, assentiu, e afastou-a, cortando a multidão como um abridor de latas. Nenhum dos Caçadores de Sombras ou lobisomens reunidos parecia querer ficar no caminho de um feiticeiro de um metro e oitenta com olhos felinos e sorriso maníaco. Ele a puxou para um canto mais quieto.

— O que foi?

— Peguei o livro. — Clary o retirou do bolso do casaco, deixando marcas de dedo na capa branca. — Fui até a mansão de Valentim. Estava na biblioteca como você disse. E ... — ela se interrompeu, pensando no anjo aprisionado. — Deixe para lá. — Entregou a ele o Livro Branco. — Aqui. Tome.

Magnus pegou o livro com os dedos longos. Ele folheou o volume, arregalando os olhos.

— É melhor do que tinha ouvido falar — anunciou alegre. — Mal posso esperar para começar com estes feitiços.

— Magnus! — A voz aguda de Clary o trouxe de volta à Terra. — Primeiro a minha mãe. Você prometeu.

— E cumpro com minha palavra. — O feiticeiro assentiu expressivamente, mas havia algo em seu olhar, algo que fazia com que Clary não confiasse plenamente.

— E mais uma coisa — acrescentou, pensando em Simon. — Antes que vá...

— Clary! — gritou uma voz, sem ar, ao seu ombro. Virou surpresa para ver Sebastian, ao lado dela. Estava com uniforme de Caçador de Sombras, e a vestimenta parecia correta nele de algum jeito, pensou, como se tivesse nascido para vesti-la. Onde todos pareciam sujos de sangue e desgrenhados, ele estava limpo, exceto pela linha dupla de arranhões na bochecha esquerda, como se algo o tivesse arranhado com garras afiadas. — Estava preocupado com você. Passei na casa de Amatis no caminho para cá, mas você não estava lá, e ela disse que não tinha visto você...

— Bom, estou bem. — Clary olhou de Sebastian para Magnus, que estava segurando o Livro Branco contra o peito. As sobrancelhas angulares de Sebastian se ergueram. — E você? Seu rosto... — esticou o braço para tocar os ferimentos dele. Os arranhões ainda tinham um rastro de sangue.

Sebastian deu de ombros, afastando gentilmente a mão da menina.

— Um demônio fêmea me atacou perto da casa dos Penhallow. Mas estou bem. O que está acontecendo?

— Nada. Eu só estava conversando com Ma... Ragnor — disse Clary apressadamente, percebendo com horror repentino que Sebastian não fazia ideia de quem era Magnus.

— Maragnor? — Sebastian ergueu as sobrancelhas. — Muito bem, então. — Olhou curiosamente para o Livro Branco. Clary desejou que Magnus o tivesse guardado; do jeito que estava segurando, as letras douradas eram visíveis. — O que é isso?

Magnus o analisou por um instante, seus olhos de gato reflexivos.

— Um livro de feitiços — disse, afinal. — Nada que interesse a um Caçador de Sombras.

— Na verdade, minha tia coleciona livros de feitiços. Posso ver? — Sebastian esticou a mão, mas antes que Magnus pudesse recusar, Clary ouviu alguém chamá-la pelo nome, e Jace e Alec apareceram, claramente insatisfeitos em ver Sebastian.

— Pensei que tivesse dito a você para ficar com Max e Isabelle! — irritou-se Alec. — Você os deixou sozinhos?

Lentamente, os olhos de Sebastian se moveram de Magnus para Alec.

— Seus pais chegaram, exatamente como você disse que fariam — sua voz era fria. — Me mandaram na frente para dizer que estavam bem, assim como Izzy e Max. Estão a caminho.

— Bem — disse Jace, a voz pesada com sarcasmo —, obrigado por transmitir essa notícia assim que chegou.

— Não os vi assim que cheguei — disse Sebastian. — Vi Clary.

— Porque estava procurando por ela.

— Porque precisava falar com ela. A sós. — Capturou o olhar de Clary novamente, e a intensidade do dele a fez parar. Queria dizer a ele para não olhar daquele jeito para ela na frente de Jace, mas soaria louco e despropositado, além do mais, talvez tivesse alguma coisa importante para dizer. — Clary?

Ela assentiu.

— Tudo bem. Só um segundo — disse, e viu a expressão de Jace mudar: não rosnou, mas ficou com o rosto rígido. — Já volto — acrescentou, mas Jace não olhou para ela. Estava encarando Sebastian.

Sebastian a pegou pelo pulso e a afastou dos outros, puxando-a em direção à parte mais densa da multidão. Ela olhou para trás. Todos a encaravam, até mesmo Magnus. O viu balançar a cabeça uma vez, levemente.

Parou onde estava.

— Sebastian. Pare. O que é? O que tem para me dizer?

Ele virou para encará-la, ainda a segurando pelo pulso.

— Pensei em irmos lá fora — disse. — Para conversar em particular...

— Não. Quero ficar aqui — disse, e ouviu a voz vacilar por um instante, como se não tivesse certeza. Mas tinha certeza. Puxou o braço de volta, libertando-o das garras dele. — O que há com você?

— Aquele livro — disse ele. — Que Fell estava segurando, o Livro Branco, você sabe onde o conseguiu?

— Era sobre isso que queria conversar comigo?

— É um livro de feitiços extremamente poderoso — explicou Sebastian. — E um que... bem,

que tem sido procurado por muita gente, há muito tempo.

Clary bufou, irritada.

— Tudo bem, Sebastian, ouça — disse. — Aquele não é Ragnor Fell. É Magnus Bane.

— Aquele é Magnus Bane? — Sebastian girou e o encarou antes de olhar novamente para Clary com uma expressão acusatória no rosto. — E você sabia o tempo todo, certo? Você conhece Bane.

— Conheço, e sinto muito. Mas ele não queria que eu te contasse. E era o único que poderia ajudar a salvar minha mãe. Por isso dei o Livro Branco para ele. Lá tem um feitiço que pode ajudá-la.

Algo passou pelos olhos de Sebastian, e Clary teve a mesma sensação que tivera depois que ele a beijou: uma sensação repentina de alguma coisa errada, como se tivesse dado um passo para a frente esperando encontrar solo rígido embaixo, e em vez disso, pisado no vazio. Ele esticou a mão e a pegou pelo pulso.

— Você deu o livro, o Livro Branco, para um feiticeiro? Um imundo do Submundo?

Clary congelou.

— Não acredito que acabou de dizer isso. — Olhou para onde a mão de Sebastian cerceava seu pulso. — Magnus é meu amigo.

Sebastian afrouxou a força no pulso de Clary, só um pouco.

— Sinto muito — disse ele. — Não deveria ter dito isso. É que... quão bem conhece Magnus Bane?

— Melhor do que conheço você — disse Clary num tom de voz gelado. Ela olhou de volta para o lugar onde havia deixado Magnus com Jace e Alec... e um choque de surpresa a percorreu. Magnus não estava mais lá. Jace e Alec estavam sozinhos, observando-a com Sebastian. Podia sentir a desaprovação de Jace como um fogão aberto.

Sebastian seguiu o olhar dela, os olhos escurecendo.

— Bem o suficiente para saber onde foi com o seu livro?

— O livro não é meu. Eu dei para ele — irritou-se Clary, mas ficou com uma sensação fria no estômago, lembrando-se da expressão sombria de Magnus. — E não sei em que isso interessa. Ouça, aprecio sua oferta de me ajudar a encontrar Ragnor Fell ontem, mas está me assustando agora. Vou voltar para os meus amigos.

Começou a se virar, mas ele se moveu para bloqueá-la.

— Desculpe. Não deveria ter dito isso. É que... tem mais do que você sabe nessa história.

— Então me diga.

— Venha para fora comigo. Conto tudo. — O tom de Sebastian era ansioso, preocupado. — Clary, por favor.

Ela balançou a cabeça.

— Tenho que ficar aqui. Tenho que esperar por Simon. — Era em parte verdade, em parte desculpa. — Alec disse que trariam os prisioneiros para cá...

Sebastian estava balançando a cabeça.

— Clary, ninguém te falou? Deixaram os prisioneiros para trás. Ouvi Malaquias dizer. A cidade foi atacada, e evacuaram o Gard, mas não tiraram os prisioneiros. Malaquias disse que estavam de conluio com Valentim, de qualquer forma. Que não havia como soltá-los sem que isso representasse perigo.

A cabeça de Clary parecia estar cheia de fumaça; sentiu-se tonta e um pouco enjoada.

— Não pode ser verdade.

— É verdade — disse Sebastian. — Juro que é. — Apertou a mão no pulso de Clary outra vez, e ela cambaleou. — Posso levá-la até lá. Até o Gard. Posso ajudar a salvá-lo. Mas você precisa me prometer que vai...

— Ela não precisa prometer nada — disse Jace. — Solte-a, Sebastian.

Sebastian, espantado, afrouxou a mão no pulso de Clary. Ela se libertou, voltando-se para Jace e Alec, ambos com a testa franzida. A mão de Jace estava sobre o cabo da lâmina serafim no cinto.

— Clary pode fazer o que quiser — disse Sebastian. Não estava com a testa franzida, mas havia um olhar estranho, fixo em seu rosto, que de algum jeito era pior. — E agora ela quer ir comigo, salvar o amigo. O amigo que você colocou na cadeia.

Alec empalideceu diante disso, mas Jace apenas balançou a cabeça.

— Sei que todo mundo gosta de você, Sebastian, mas eu não gosto. Talvez seja porque você se esforça tanto para fazer as pessoas gostarem de você. Talvez eu só seja o babaca do contra. Mas não gosto de você, e não gosto da maneira como está segurando a minha irmã. Se ela quiser ir ao Gard procurar por Simon, tudo bem. Ela vai conosco. Não com você.

A expressão fixa de Sebastian não mudou.

— Acho que a escolha deveria ser dela — disse ele. — Não concorda?

Os dois olharam para Clary. Ela olhou através dele, na direção de Luke, ainda discutindo com Malaquias.

— Quero ir com meu irmão — afirmou.

Algo se acendeu nos olhos de Sebastian — algo que apareceu e sumiu rápido demais para que Clary pudesse identificar, apesar de ter sentido calafrios na base do pescoço, como se uma mão fria a tivesse tocado.

— Claro que quer — disse ele, e se afastou.

Foi Alec quem se moveu primeiro, empurrando Jace na frente, fazendo-o andar. Estavam a meio caminho das portas quando Clary percebeu que o pulso estava doendo — ardendo como se tivesse sido queimado. Olhando para baixo, esperava ver uma marca no pulso, onde Sebastian a

havia agarrado, mas não havia nada. Apenas uma marca de sangue na manga com que ela tocara o corte na face dele. Franzindo o cenho, com o pulso ainda doendo, puxou a manga para baixo e se apressou para alcançar os outros.

12

De Profundis

As mãos de Simon estavam negras de sangue.

Tinha tentado arrancar as barras da janela e da porta da cela, mas tocar qualquer uma deixava marcas sangrentas nas palmas. Eventualmente desmoronou, arquejando, no chão, e encarou as mãos, entorpecido, enquanto os ferimentos se curavam, as lesões se fechando e a pele escurecida melhorando como um vídeo em fast forward.

Do outro lado da parede da cela, Samuel rezava.

— Se algum mal nos sobrevier, espada, juízo, peste, ou fome, nós nos apresentaremos diante desta casa e diante de ti, pois teu nome está nesta casa, e clamaremos a ti em nossa aflição, e tu nos ouvirás e livrarás.

Simon sabia que não podia rezar. Tinha tentado antes, e o nome de Deus queimara-lhe a boca e sufocara sua garganta. Imaginou por que podia pensar as palavras, mas não dizê-las. E por que conseguia se expor ao sol do meio-dia sem morrer, mas não conseguia fazer uma última oração.

Fumaça havia começado a flutuar pelo corredor como um fantasma decidido. Ele podia sentir o cheiro de queimado e ouvir a crepitação do fogo se espalhando descontroladamente, mas se sentiu estranhamente destacado, longe de tudo. Era estranho se tornar um vampiro, ser presenteado com o que só podia ser chamado de vida eterna, e ainda assim, morrer aos 16.

— Simon! — A voz era fraca, mas sobressaía aos estouros e à crepitação das chamas crescentes. A fumaça no corredor havia pressagiado calor, que estava aqui agora, apertando-o como uma parede opressora. — Simon!

A voz era de Clary. Reconheceria em qualquer lugar. Imaginou se a própria mente a estaria conjurando, um senso de memória daquilo que mais amara durante a vida para acompanhá-lo no processo da morte.

— Simon, seu idiota! Estou aqui! Na janela!

Simon levantou-se de um salto. Duvidava que a mente fosse conjurar aquilo. Através da fumaça espessa viu alguma coisa branca se movendo contra as grades da janela. Ao se aproximar, os objetos brancos viraram mãos agarrando as grades. Ele pulou na cama, gritando por sobre o som do fogo.

— Clary?

— Ah, graças a Deus. — Uma das mãos se esticou, apertando-o no ombro. — Vamos tirá-lo daqui.

— Como? — perguntou Simon, com certa razão, mas fez-se um barulho e as mãos de Clary

desapareceram, substituídas um segundo depois por outro par. Estas eram maiores, inquestionavelmente masculinas, as juntas com cicatrizes e dedos finos de pianista.

— Aguenta aí. — A voz de Jace era calma, confiante; era como se estivessem conversando em uma festa em vez de através de uma grade de uma masmorra que queimava rapidamente. — É melhor chegar para trás.

Obedecendo com espanto, Simon foi para o lado. As mãos de Jace cerraram sobre as barras, as juntas embranquecendo de um jeito alarmante. Houve um som enferrujado e um estalo, e o quadrado de barras soltou da pedra que o prendia e caiu ruidosamente no chão ao lado da cama. Pó de pedra choveu em uma nuvem branca sufocante.

O resto do rosto de Jace apareceu no quadrado vazio da janela.

— Simon. VAMOS. — E esticou as mãos para baixo.

Simon esticou as dele, alcançando as de Jace. Foi puxado e, em seguida, estava agarrando a beira da janela, levantando-se através do quadrado estreito como uma cobra deslizando por um túnel. Um segundo depois, estava estirado no gramado úmido, olhando para um círculo de rostos inquietos sobre o dele. Jace, Clary e Alec. Todos o olhavam preocupados.

— Está péssimo, vampiro — disse Jace. — O que aconteceu com suas mãos?

Simon se sentou. Os machucados nas mãos haviam se curado, mas ainda estavam pretas onde ele tinha agarrado as grades da cela. Antes que pudesse responder, Clary o surpreendeu com um abraço forte e repentino.

— Simon. — Suspirou. — Não acredito. Nem sabia que você estava aqui. Achava que estivesse em Nova York, até ontem à noite...

— É, bem — disse Simon —, também não sabia que você estava aqui. — Ele olhou para Jace por sobre o ombro. — Aliás, acho que fui especificamente informado de que não estava.

— Nunca disse isso — destacou Jace. — Apenas não o corrigi quando você estava, você sabe, errado. De qualquer forma, acabei de salvá-lo de queimar até a morte, então acho que não tem o direito de ficar irritado.

Queimar até a morte. Simon se afastou de Clary e olhou em volta. Estavam em um jardim quadrado, cercado pelas paredes da fortaleza em dois lados, e nos outros dois, por árvores espessas. As árvores tinham sido derrubadas onde uma trilha de cascalhos descia pela colina até a cidade — era ladeada com tochas de luz mágica, mas apenas algumas queimavam, a luz fraca e falha. Ele olhou para o Gard. Visto deste ângulo, mal dava para notar que havia um incêndio — fumaça preta manchava o céu acima, e a luz em algumas janelas parecia artificialmente brilhante, mas as paredes de pedra escondiam bem o segredo.

— Samuel — disse ele. — Temos que soltar o Samuel.

Clary pareceu confusa.

— Quem?

— Não sou a única pessoa aqui. Samuel, ele estava na cela ao lado.

— A pilha de trapos que vi pela janela? — lembrou-se Jace.

— É. Ele é um pouco estranho, mas é um bom sujeito. Não podemos deixá-lo lá. — Simon se levantou. — Samuel? Samuel!

Não obteve resposta. Simon correu para a janela baixa de grades ao lado da que tinha acabado de escalar. Através das barras, só podia ver fumaça ondulando.

— Samuel! Você está aí?

Algo se moveu dentro da fumaça — algo encurvado e sombrio. A voz de Samuel, mais áspera pela fumaça, se ergueu rouca.

— Deixem-me em paz! Vão embora!

— Samuel! Você vai morrer aí — Simon sacudiu as barras. Nada aconteceu.

— Não! Deixe-me em paz! Quero ficar!

Simon olhou em volta desesperadamente e viu Jace ao seu lado.

— Afaste-se — disse Jace, e quando Simon se inclinou para o lado, ele chutou. Atingiu as grades, que se soltaram violentamente e caíram na cela de Samuel. Samuel soltou um grito rouco.

— Samuel! Você está bem? — Uma visão de Samuel tendo a cabeça arrancada pela grade preencheu a mente de Simon.

A voz de Samuel subiu para um berro:

— VÃO EMBORA!

Simon olhou de lado para Jace.

— Acho que ele está falando sério.

Jace sacudiu a cabeça loura, irritado.

— Você tinha que arrumar um amigo de cadeia maluco, não tinha? Você não podia contar as pedras do teto ou domar um rato, como fazem os prisioneiros normais? — Sem esperar por uma resposta, Jace se ajoelhou e se arrastou pela janela.

— Jace! — Clary gritou, e ela e Alec correram para perto, mas Jace já tinha ultrapassado a janela, caindo na cela abaixo. Clary lançou um olhar furioso a Simon. — Como você pode deixá-lo fazer isso?

— Ele não podia deixar o cara para morrer — disse Alec inesperadamente, apesar de ele próprio parecer um pouco ansioso. — É de Jace que estamos falando...

Interrompeu-se enquanto duas mãos se ergueram da fumaça. Alec agarrou uma e Simon a outra, e juntos puxaram Samuel como um saco flácido de batatas e o colocaram sobre o gramado. Um instante mais tarde, Simon e Clary estavam segurando as mãos de Jace e puxando-o para fora, apesar de ele ser consideravelmente menos molenga, e ter xingado quando bateram acidentalmente com a cabeça dele no parapeito. Ele os sacudiu para livrar-se dos dois, arrastando-se sozinho para a grama, caindo no chão em seguida.

— Ai — disse ele, olhando para o céu. — Acho que torci alguma coisa. — Ele se sentou e olhou para Samuel. — Ele está bem?

Samuel estava abaixado no chão, as mãos no rosto. Estava se balançando para a frente e para trás silenciosamente.

— Acho que há algo de errado com ele — disse Alec. Esticou o braço para tocar o ombro de Samuel. Samuel se afastou, quase caindo.

— Deixe-me em paz — disse ele, a voz falhando. — Por favor. Deixe-me em paz, Alec.

Alec congelou de repente.

— O que você disse?

— Para deixá-lo em paz — disse Simon, mas Alec não estava olhando para ele. Estava olhando para Jace que, de repente muito pálido, já tinha começado a se levantar.

— Samuel — disse Alec. Falava em tom estranhamente severo. — Tire as mãos do rosto.

— Não — Samuel abaixou o queixo, os ombros tremendo. — Não, por favor. Não.

— Alec! — protestou Simon. — Não está vendo que ele não está bem?

Clary puxou a manga de Simon.

— Simon, alguma coisa não está certa.

Seus olhos estavam grudados em Jace — quando é que não estavam? — enquanto ele se movia para olhar a figura abaixada de Samuel. As pontas dos dedos de Jace estavam sangrando onde havia arranhado no parapeito, e quando tirou o cabelo dos olhos, deixou traços sangrentos em sua bochecha. Ele não pareceu notar. Estava com os olhos arregalados, a boca em uma linha fina, furiosa.

— Caçador de Sombras — disse Jace. A voz mortalmente clara. — Mostre-nos seu rosto.

Samuel hesitou, em seguida abaixou as mãos. Simon nunca tinha visto o rosto dele antes, e não tinha percebido o quão esquelético Samuel era, ou como parecia envelhecido. Estava com o rosto semicoberto por uma barba cinza espessa, os olhos perdidos em poças escuras, as bochechas marcadas por linhas. Mas mesmo com tudo isso, ainda era — de algum jeito — estranhamente familiar.

Os lábios de Alec se moveram, mas nenhum som saiu. Foi Jace que falou.

— Hodge — disse ele.

— Hodge? — ecoou Simon, confuso. — Mas não pode ser. Hodge era... e Samuel, ele não pode ser...

— Bem, isso é o que Hodge faz, aparentemente — disse Alec, amargo. — Faz com que pense que ele é alguém que na verdade não é.

— Mas ele disse... — começou Simon. Clary agarrou a manga do amigo com mais força, e as palavras morreram em seus lábios. A expressão no rosto de Hodge bastava. Não culpa, na

verdade, ou mesmo pavor por ser descoberto, mas um pesar terrível para o qual era difícil olhar.

— Jace — disse Hodge, baixinho. — Alec... Me desculpem.

Jace estava se movendo como fazia quando estava lutando, como a luz do sol na superfície da água. Estava na frente de Hodge com uma faca na mão, a ponta afiada voltada para a garganta de seu antigo tutor. O brilho refletido do fogo deslizava pela lâmina.

— Não quero suas desculpas. Quero uma razão pela qual não deva matar você agora, aqui mesmo.

— Jace. — Alec parecia alarmado. — Jace, espere.

Houve um súbito estrondo quando parte do telhado do Gard explodiu em línguas laranjas de chamas. O calor brilhou no ar e acendeu a noite. Clary podia ver cada lâmina de grama no chão, cada linha no rosto fino e sujo de Hodge.

— Não — disse Jace. A expressão vazia dele ao olhar para Hodge lembrou Clary de outro rosto que parecia uma máscara. O de Valentim. — Você sabia o que meu pai tinha feito comigo, não sabia? Sabia de todos os segredos sujos.

Alec olhava confuso de Jace para o tutor.

— Do que você está falando? O que está acontecendo?

O rosto de Hodge se contorceu.

— Jonathan...

— Você sempre soube, e nunca disse nada. Todos aqueles anos no Instituto, e você nunca disse nada.

A boca de Hodge arqueou.

— Eu... eu não tinha certeza — sussurrou. — Quando você não vê uma criança desde que ela é bebê... Não sabia ao certo quem você era, quanto mais o que você era.

— Jace? — Alec estava olhando do melhor amigo para o tutor, os olhos azuis consternados, mas nenhum dos dois prestava atenção a nada além deles próprios. Hodge parecia estar com o rosto preso em uma máscara apertada, as mãos balançando nas laterais como se com dor, olhos de um lado para o outro. Clary pensou no homem bem-vestido na biblioteca repleta de livros que lhe oferecera chá e conselhos gentis. Parecia ter sido há um milênio.

— Não acredito em você — disse Jace. — Você sabia que Valentim não estava morto. Ele deve ter dito...

— Não me disse nada — arquejou Hodge. — Quando os Lightwood me informaram de que estavam recebendo o filho de Michael Wayland, eu já estava sem notícias de Valentim desde a Ascensão. Achei que ele tivesse se esquecido de mim. Até rezei para que estivesse morto, mas nunca soube. Então, na noite que antecedeu sua chegada, Hugo apareceu com uma mensagem de Valentim. "O menino é meu filho". Era tudo o que dizia — respirou fundo — e não fazia ideia se deveria acreditar nele ou não. Pensei que saberia... pensei que saberia só de olhar para você, mas

não havia nada, nada para me dar certeza. E achei que fosse uma armação de Valentim, mas com que objetivo? O que estaria tentando fazer? Você não tinha a menor ideia, isso era suficientemente claro para mim, mas quanto ao propósito de Valentim...

— Você deveria ter me dito o que eu era — disse Jace, de uma vez só, como se as palavras estivessem sendo socadas para fora dele. — Eu poderia ter feito alguma coisa a respeito. Me matado, talvez.

Hodge levantou a cabeça, olhando para Jace através do cabelo desgrenhado e imundo.

— Não tinha certeza — disse novamente, meio para si mesmo —, e nas vezes em que imaginei, pensei que, talvez, a criação pudesse importar mais do que o sangue, que você pudesse ser ensinado...

— Ensinado a quê? A não ser um monstro? — A voz de Jace tremeu, mas a faca na mão estava firme. — Você deveria saber. Ele o tornou um covarde submisso, não tornou? E você não era uma criança indefesa na época. Poderia ter lutado.

Os olhos de Hodge caíram.

— Tentei meu melhor com você — disse ele, mas mesmo aos ouvidos de Clary as palavras soavam desacreditadas.

— Até Valentim voltar — disse Jace — e você fazer tudo que ele pediu... Me deu para ele como se eu fosse um cachorro que tivesse pertencido a ele no passado, do qual tivesse pedido para você cuidar durante alguns anos...

— E depois foi embora — disse Alec. — Nos abandonou. Realmente achou que pudesse se esconder aqui, em Alicante?

— Não vim para me esconder — disse Hodge, a voz sem vida. — Vim para deter Valentim.

— E acha que vamos acreditar nisso — Alec soava irritado novamente. — Sempre esteve ao lado de Valentim. Poderia ter optado por dar as costas para ele...

— Nunca poderia ter escolhido isso! — O tom de voz de Hodge subiu. — Seus pais receberam a chance de uma vida nova, eu nunca recebi isso! Fiquei preso no Instituto por quinze anos...

— O Instituto era nossa casa! — disse Alec. — Era tão ruim assim, morar conosco, fazer parte da nossa família?

— Não por vocês. — A voz de Hodge falhava. — Eu amava vocês, crianças. Mas eram crianças. E nenhum lugar do qual jamais é permitido sair pode ser uma casa. Às vezes passava semanas sem conversar com outro adulto. Nenhum outro Caçador de Sombras confiava em mim. Nem mesmo seus pais gostavam de verdade de mim; toleravam porque não tinham outra escolha. Nunca pude me casar. Nunca pude ter meus próprios filhos. Nunca pude ter uma vida. E por fim, vocês cresceriam e iriam embora, e nem isso eu teria mais. Vivia com medo, e era só assim que eu vivia.

— Não pode nos fazer sentir pena de você — disse Jace. — Não depois do que fez. E do que

você estava com medo, passando o tempo todo na biblioteca? Ácaros? Éramos nós que saíamos e lutávamos contra os demônios!

— Ele tinha medo de Valentim — disse Simon. — Não entendem...

Jace lançou-lhe um olhar venenoso.

— Cale a boca, vampiro. Isso não o envolve de nenhuma maneira.

— Não Valentim exatamente — disse Hodge, olhando para Simon quase que pela primeira vez desde que tinha sido arrastado para fora da cela. Algo naquele olhar surpreendeu Clary, quase um afeto exaurido. — Minhas próprias fraquezas no que se referia a Valentim. Sabia que ele voltaria um dia. Sabia que tentaria conquistar o poder novamente, que tentaria controlar a Clave. E sabia o que podia me oferecer. Liberdade da minha maldição. Uma vida. Um lugar no mundo. Poderia voltar a ser Caçador de Sombras, no mundo dele. E neste, isso jamais seria possível. — Havia uma ânsia evidente na voz de Hodge, dolorosa de se ouvir. — E eu sabia que estaria fraco demais para recusar se ele oferecesse.

— E veja só a vida que arrumou — disparou Jace. — Apodrecendo nas celas do Gard. Valeu a pena nos trair?

— Você sabe a resposta — Hodge soava exausto. — Valentim retirou a maldição de mim. Tinha jurado que o faria, e cumpriu. Pensei que me traria de volta ao Ciclo, ou ao que restou dele. Não o fez. Nem ele me queria. Entendi que não haveria lugar para mim nesse novo mundo. E entendi que vendi tudo que de fato tinha por uma mentira. — Olhou para as mãos sujas e cerradas. — Só me restava uma coisa, uma chance de fazer algo além de um total desperdício da minha vida. Depois que soube que Valentim havia matado os Irmãos do Silêncio, que tinha a Espada Mortal, soube que o próximo passo seria o Vidro Mortal. Sabia que precisava dos três instrumentos. E sabia que o Vidro Mortal estava aqui em Idris.

— Espere aí. — Alec levantou a mão. — O Vidro Mortal? Quero dizer, você sabe onde está? Está com quem?

— Com ninguém — disse Hodge. — Ninguém poderia possuir o Vidro Mortal. Nenhum Nephilim, e nenhum integrante do Submundo.

— Você realmente enlouqueceu ali — disse Jace, apontando com o queixo para as janelas queimadas da masmorra —, não foi?

— Jace. — Clary estava olhando ansiosamente para o Gard, o teto coroado com uma rede de espinhos de chamas vermelho-douradas. — O fogo está se espalhando. É melhor sairmos daqui. Podemos conversar na cidade...

— Passei quinze anos trancado no Instituto — prosseguiu Hodge, como se Clary não tivesse dito nada. — Não podia sequer colocar uma mão ou um pé do lado de fora. Passava o tempo todo na biblioteca, pesquisando maneiras de remover a maldição que a Clave colocou em mim. Aprendi que somente um Instrumento Mortal poderia revertê-la. Li livros e mais livros contando

a história da mitologia do Anjo, de como ascendeu do lago trazendo os Instrumentos Mortais e os entregou a Jonathan, o Caçador de Sombras: Cálice, Espada e Espelho...

— Sabemos disso tudo — interrompeu Jace, irritado. — Você nos ensinou.

— Você acha que conhece a história inteira, mas não. Ao passar inúmeras vezes pelas várias versões das histórias, olhei repetidamente a mesma ilustração, a mesma imagem, todos nós já a vimos, o Anjo se erguendo do lago com a Espada em uma mão e o Cálice na outra. Nunca entendi por que o Espelho não estava representado. Então percebi. O Espelho é o lago. O lago é o Espelho. São a mesma coisa.

Lentamente, Jace abaixou a faca.

— O Lago Lyn?

Clary pensou no lago, como um espelho se erguendo para encontrá-la, a água se rompendo com o impacto.

— Eu caí no lago quando cheguei aqui. Tem alguma coisa ali. Luke disse que possui propriedades estranhas e que o Povo das Fadas o chama de Espelho dos Sonhos.

— Exatamente — continuou Hodge, ansioso. — E percebi que a Clave não sabia disso, que esse conhecimento havia se perdido no tempo. Nem Valentim sabia...

Foi interrompido por um bramido feroz, o som de uma torre na ponta do Gard explodindo. Enviou uma chuva do que pareciam fogos de artifício vermelho com faíscas brilhantes ao ar.

— Jace — disse Alec, levantando a cabeça em alarme. — Jace, temos que sair daqui. Levante-se — disse ele para Hodge, puxando-o pelo braço. — Você pode dizer à Clave o que acabou de nos dizer.

Hodge se levantou trêmulo. Como deveria ser, Clary se perguntou com uma pontada de pena indesejada, viver a vida envergonhado, não apenas pelo que fez, mas pelo que estava fazendo e pelo que sabia que faria outra vez? Hodge tinha desistido havia muito tempo de tentar viver uma vida melhor, ou diferente; tudo que queria era não sentir medo, e por isso tinha medo o tempo todo.

— Vamos — Alec, ainda agarrando o braço de Hodge, o empurrou. Mas Jace entrou na frente dos dois, bloqueando a passagem.

— Se Valentim conseguir o Vidro Mortal — disse —, então o que acontece?

— Jace — disse Alec, ainda segurando o braço de Hodge —, agora não...

— Se ele contar à Clave, jamais ouviremos deles — disse Jace. — Para eles, não passamos de crianças. Mas Hodge nos deve isso. — Voltou-se para o antigo tutor. — Você disse que percebeu que precisava impedir Valentim. Impedi-lo de fazer o quê? Que poder o Espelho dá a ele?

Hodge balançou a cabeça.

— Não posso...

— E sem mentiras. — A faca brilhava na lateral de Jace; a mão dele firme no cabo. — Pois,

talvez, para cada mentira que me conte, eu arranque um dedo. Ou dois.

Hodge se encolheu, com medo verdadeiro nos olhos. Alec parecia assustado.

— Jace. Não. Seu pai é que é assim. Você não.

— Alec — disse Jace. Ele não olhou para o amigo, mas o tom de sua voz era como o toque de uma mão pesarosa. — Você não sabe como sou de verdade.

Os olhos de Alec encontraram os de Clary através da grama. Ele não tem como imaginar por que Jace está agindo assim, pensou. Ele não sabe. Ela deu um passo para a frente.

— Jace, Alec tem razão, podemos levar Hodge ao Salão e ele pode repetir para a Clave o que acabou de nos contar...

— Se estivesse com vontade de contar para a Clave, já teria feito isso — irritou-se Jace, sem olhar para ela. — O fato de que não o fez prova que é um mentiroso.

— Não se pode confiar na Clave! — protestou Hodge desesperadamente. — Há espiões infiltrados, homens de Valentim, não podia contar a eles onde estava o Espelho. Se Valentim encontrasse o Espelho, seria...

Não concluiu a frase. Algo prateado brilhou ao luar, um ponto de luz na escuridão. Alec gritou. Os olhos de Hodge se arregalaram e ele cambaleou, apertando o próprio peito. Conforme ele caía para trás, Clary viu por quê: o cabo de uma adaga longa saía das costelas, como a haste de uma flecha enterrada num alvo.

Alec, saltando para a frente, pegou o antigo tutor enquanto este caía, e o colocou gentilmente ao chão. Levantou o olhar desamparado, com o rosto respingado com o sangue de Hodge.

— Jace, por que...

— Não fui eu... — O rosto de Jace estava pálido, e Clary viu que ele ainda estava com a faca na mão, agarrada com força na lateral. — Eu...

Simon girou, e Clary acompanhou seu movimento, encarando a escuridão. O fogo acendeu a grama com um brilho laranja infernal, mas tudo estava preto entre as árvores ao redor da colina — então alguma coisa surgiu da escuridão, uma figura sombria, com cabelos escuros, emaranhados, familiares. Estava vindo na direção deles, a luz atingindo-lhe o rosto e refletindo de seus olhos escuros; pareciam estar queimando.

— Sebastian? — disse Clary.

Jace olhou descontroladamente de Hodge para Sebastian parado incerto no canto do jardim; Jace parecia quase estupefato.

— Você... — começou ele. — Você... fez isso?

— Tive que fazer — disse Sebastian. — Ele teria matado você.

— Com o quê? — A voz de Jace se ergueu, seca. — Sequer estava armado...

— Jace — Alec interrompeu a gritaria de Jace. — Venha cá. Me ajude com Hodge.

— Ele teria matado você — repetiu Sebastian. — Teria...

Mas Jace tinha ido se ajoelhar ao lado de Alec, guardando a faca no cinto. Alec estava segurando Hodge nos braços, com sangue na frente da própria camisa agora.

— Pegue a estela do meu bolso — disse para Jace. — Tente uma iratze...

Clary, enrijecida de horror, sentiu Simon se mexer ao lado dela. Virou-se para olhar para ele e ficou chocada: estava branco como papel, exceto pelo avermelhado em ambas as maçãs do rosto. Podia ver as veias sacudindo sob a pele dele, como o crescimento de um coral delicado e ramificado.

— O sangue — sussurrou, sem olhar para ela. — Preciso me afastar.

Clary se esticou para alcançar a manga dele, mas ele se lançou para trás, sacudindo o próprio braço para longe do dela.

— Não, Clary, por favor. Me solte. Vou ficar bem; vou voltar. Só... — Ela foi atrás dele, mas ele era rápido demais para ser detido. Desapareceu na escuridão entre as árvores.

— Hodge... — Alec parecia em pânico. — Hodge, fique parado...

Mas o tutor se debatia, tentando se afastar dele, para longe da estela na mão de Jace.

— Não. — O rosto de Hodge tinha cor de cimento. Seus olhos iam de Jace para Sebastian, que continuava nas sombras. — Jonathan...

— Jace — pediu Jace, quase em um sussurro. — Me chame de Jace.

Os olhos de Hodge repousaram nele. Clary não conseguia decifrar o olhar. Suplicante, sim, mas algo mais, cheio de pavor ou coisa parecida, e necessitado. Levantou uma mão de contenção.

— Você não — sussurrou, e saiu sangue da boca com as palavras.

Um olhar de dor passou pelo rosto de Jace.

— Alec, faça você a iratze, acho que ele não quer que eu o toque.

A mão de Hodge enrijeceu em uma garra; puxou a manga de Jace. A falha na respiração era audível.

— Você... nunca foi...

E morreu. Clary percebeu no instante em que a vida o deixou. Não foi algo quieto e instantâneo como em um filme; a voz engasgou em um gorgolejo, os olhos rolaram para trás e ele ficou flácido e pesado, o braço dobrado estranhamente sob ele.

Alec fechou os olhos de Hodge com as pontas dos dedos.

— Vale, Hodge Starkweather.

— Ele não merece isso. — A voz de Sebastian era afiada. — Não era um Caçador de Sombras; era um traidor. Não merece as últimas palavras.

A cabeça de Alec se levantou. Colocou Hodge no chão e ficou de pé, os olhos azuis como gelo. Havia sangue em suas roupas.

— Você não sabe nada sobre isso. Matou um homem desarmado, um Nephilim. É um assassino.

O lábio de Sebastian se curvou.

— Você acha que eu não sei o que ele era? — gesticulou para Hodge. — Starkweather fazia parte do Ciclo. Traiu a Clave na época e foi amaldiçoado por isso. Devia ter morrido pelo que fez, mas a Clave foi clemente, e de que adiantou? Traiu novamente a todos nós quando vendeu o Cálice Mortal para Valentim, só para se libertar da maldição, uma maldição mais do que merecida. — Parou, respirando fundo. — Eu não devia ter feito isso, mas não pode dizer que ele não mereceu.

— Como sabe tanto sobre Hodge? — perguntou Clary. — E o que você está fazendo aqui? Pensei que tivesse concordado em ficar no Salão.

Sebastian hesitou.

— Vocês estavam demorando muito — falou, afinal. — Fiquei preocupado. Achei que pudessem precisar da minha ajuda.

— Então resolveu nos ajudar matando o cara com quem estávamos conversando? — demandou Clary. — Porque achou que tinha um passado sombrio? Quem... quem faz isso? Não faz o menor sentido.

— Porque ele está mentindo — disse Jace. Olhava para Sebastian. Um olhar frio, reflexivo. — E mentindo mal. Pensei que fosse ser um pouco mais rápido, Verlac.

Sebastian encontrou o olhar de Jace.

— Não entendo o que está querendo dizer, Morgenstern.

— Ele quer dizer — disse Alec, dando um passo à frente —, que se você realmente acreditar que o que acabou de fazer foi justificável, não se importará em vir conosco até o Salão dos Acordos e se explicar ao Conselho. Não é?

Uma fração de segundo passou antes de Sebastian sorrir — o sorriso que antes havia encantado Clary, mas que agora tinha algo perturbador, como um quadro ligeiramente torto na parede.

— Claro que não. — E foi lentamente em direção a eles, quase passeando, como se não tivesse qualquer preocupação na vida. Como se não tivesse acabado de cometer um assassinato. — É claro — disse ele — que é um pouco estranho você se incomodar tanto com o fato de que matei um homem quando Jace estava planejando cortar os dedos do mesmo, um por um.

A boca de Alec enrijeceu.

— Ele não teria feito isso.

— Você... — Jace olhou para Sebastian com ódio. — Você não faz ideia do que está falando.

— Ou, talvez — disse Sebastian —, só esteja irritado porque eu beijei sua irmã. Porque ela me quis.

— Não foi — disse Clary, mas nenhum dos dois estava olhando para ela. — Eu não quis você, quero dizer.

— Ela tem esse hábito, sabe, a maneira como arfa quando beija, como se estivesse surpresa? — Sebastian tinha parado agora, diante de Jace, e sorria como um anjo. — É encantador; você deve ter notado.

Jace parecia querer vomitar.

— Minha irmã...

— Sua irmã — disse Sebastian. — É mesmo? Porque vocês dois não agem de acordo. Acham que as outras pessoas não percebem como se olham? Acham que conseguem esconder o que sentem? Acham que todo mundo não considera isso doentio e errado? Porque é.

— Chega. — O olhar no rosto de Jace era assassino.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Clary. — Sebastian, por que está falando todas essas coisas?

— Porque finalmente posso — disse Sebastian. — Você não faz ideia de como tem sido estar com vocês nos últimos dias, tendo que fingir que podia suportá-los. Que olhar para vocês não me deixava enojado. Você — disse para Jace —, sempre que não está atrás da própria irmã, está reclamando sobre como seu papaizinho não o ama. Bem, e quem poderia culpá-lo por isso? E você, sua vadiazinha estúpida — voltou-se para Clary —, dando aquele livro de valor inestimável para um feiticeiro mestiço; você tem algum neurônio nessa sua cabecinha? E você... — direcionou o olhar a Alec — acho que todos nós sabemos o que há de errado com você. Não deveriam permitir sua espécie na Clave. Você é nojento.

Alec empalideceu, apesar de parecer mais espantado do que qualquer outra coisa. Clary não podia culpá-lo — era difícil olhar para Sebastian, para o sorriso angelical, e imaginar que podia dizer estas coisas.

— Fingir que podia nos suportar? — ecoou ela. — Mas por que teria que fingir isso, a não ser que fosse... a não ser que estivesse nos espionando — concluiu, percebendo a verdade quando falou. — A não ser que fosse um espião de Valentim.

O rosto bonito de Sebastian girou, a boca cheia enrijecendo, os olhos longos e elegantes se apertando em linhas.

— E finalmente entenderam — disse. — Sério, existem dimensões demoníacas completamente escuras que são menos apagadas do que vocês.

— Podemos não ser tão espertos — disse Jace —, mas pelo menos estamos vivos.

Sebastian olhou enojado para ele.

— Eu estou vivo — destacou.

— Não por muito tempo — disse Jace. A luz do luar explodiu da lâmina da faca enquanto ele se lançava sobre Sebastian, o movimento tão rápido que pareceu borrado, mais veloz do que qualquer movimento humano já testemunhado por Clary.

Até agora.

Sebastian desviou para o lado, escapando do golpe, e pegou o braço de Jace que segurava a faca enquanto descia. A faca caiu no chão, e Sebastian segurou Jace pelas costas do casaco. Levantou-o e o empurrou com força incrível. Jace voou pelos ares, atingiu a parede do Gard com extrema força e permaneceu no chão.

— Jace! — A visão de Clary ficou branca. Correu para Sebastian para esganá-lo até a morte. Mas ele deu um passo para o lado e abaixou a mão tão casualmente como se estivesse espantando um inseto. O golpe a atingiu com força na lateral da cabeça, fazendo-a girar. Ela rolou, uma névoa vermelha de dor piscando em seus olhos.

Alec tinha tirado o arco das costas; estava armado, uma flecha pronta. Suas mãos não tremeram ao mirar Sebastian.

— Fique onde está — disse ele — e ponha as mãos atrás das costas.

Sebastian riu.

— Você não atiraria em mim de verdade — disse. Moveu-se em direção a Alec com passos fáceis e descuidados, como se estivesse subindo as escadas da própria porta da frente.

Alec apertou os olhos. Levantou as mãos em uma série de movimentos graciosos; puxou a flecha e soltou. Ela voou em direção a Sebastian...

E não acertou. Sebastian tinha desviado ou se movido de alguma forma, Clary não sabia dizer, e a flecha tinha passado por ele, enterrando-se no tronco de uma árvore. Alec teve tempo apenas para um olhar momentâneo de surpresa antes de Sebastian chegar a ele, arrancando-lhe o arco das mãos — quebrando-o em dois, e o rompimento da madeira fez Clary se contorcer como se estivesse escutando ossos quebrando. Tentou se arrastar para uma posição sentada, ignorando a dor na cabeça. Jace estava deitado a alguns metros de distância, completamente imóvel. Ela tentou se levantar, mas as pernas não pareciam estar funcionando adequadamente.

Sebastian jogou as metades quebradas do arco de lado e se aproximou de Alec. Alec já estava com uma lâmina serafim empunhada, brilhando na mão, mas Sebastian descartou-a enquanto Alec ia até ele — lançou-a fora e pegou Alec pela garganta, quase levantando-o do chão. Apertou-o sem dó, com maldade, sorrindo enquanto Alec engasgava e se debatia.

— Lightwood — respirou. — Já cuidei de um de vocês hoje. Não achei que fosse ter sorte a ponto de conseguir fazer isso duas vezes.

Lançou-o para trás, como uma marionete cujas cordas tinham sido arrancadas. Solto, Alec caiu no chão, com as mãos na garganta. Clary podia ouvir sua respiração falha e desesperada — mas seus olhos estavam em Sebastian. Uma sombra negra havia se fixado às suas costas, prendendo-se a ele como uma sanguessuga. Agarrou a garganta de Sebastian, engasgando-o e amordaçando-o enquanto ele girava no lugar, segurando a coisa que o pegara pelo pescoço. Ao virar, o luar caiu sobre ele, e Clary viu o que era.

Era Simon. Estava com os braços enrolados no pescoço de Sebastian, os incisivos brancos

brilhando como agulhas ósseas. Era a primeira vez que Clary o via inteiramente como um vampiro, e encarou em assombro horrorizado, sem conseguir desviar o olhar. Estava com os lábios contraídos em um rosnado, as presas inteiramente expostas, afiadas como adagas. Enterrou-as no antebraço de Sebastian, abrindo um rasgo longo e vermelho na pele.

Sebastian gritou alto e se lançou para trás, aterrissando com força no chão. Rolou, com Simon quase em cima dele, um agarrando o outro, arranhando e rosnando como cães em uma arena. Sebastian sangrava em diversos pontos quando finalmente cambaleou e deu dois chutes nas costelas de Simon. Simon se curvou, as mãos no tronco.

— Seu carrapato traiçoeiro — rosnou Sebastian, puxando a perna para um novo golpe.

— Eu não faria isso — disse uma voz baixinha.

A cabeça de Clary se levantou, enviando mais uma explosão de dor por trás dos olhos. Jace estava a alguns centímetros de Sebastian. O rosto sangrando, um olho quase fechado com o inchaço, mas em uma das mãos havia uma lâmina serafim brilhando, e a mão que a segurava estava firme.

— Nunca matei um ser humano com uma destas — disse Jace. — Mas estou disposto a tentar.

O rosto de Sebastian se contorceu. Olhou uma vez para Simon, depois levantou a cabeça e cuspiu. As palavras que disse depois disso vieram em uma língua que Clary não reconhecia; em seguida virou com a mesma rapidez assustadora com a qual se movera ao atacar Jace, e desapareceu na escuridão.

— Não! — gritou Clary. Tentou se levantar, mas a dor era como uma flecha se enterrando em seu cérebro. Ela se encolheu na grama úmida. Um instante depois, Jace estava inclinado sobre ela, o rosto pálido e ansioso. Ela o encarou, sua visão borrando — tinha que estar borrada, não tinha, ou então não estaria imaginando a brancura ao redor dele, uma espécie de luz...

Ouviu a voz de Simon, depois a de Alec, e algo foi entregue a Jace — uma estela. O braço de Clary queimou, e um instante mais tarde, a dor começou a recuar, e sua cabeça desanuviou. Piscou para os rostos que pairavam sobre o dela.

— Minha cabeça...

— Sofreu uma concussão — disse Jace. — A iratze deve ajudar, mas é melhor levarmos você ao médico da Clave. Ferimentos na cabeça podem ser traiçoeiros — devolveu a estela a Alec. — Acha que consegue levantar?

Clary assentiu. Foi um erro. A dor a consumiu novamente quando mãos se esticaram para ajudá-la a se colocar de pé. Simon. Apoiou-se nele, agradecida, esperando que o equilíbrio voltasse. Ainda sentia como se fosse cair a qualquer instante.

Jace estava com a testa franzida.

— Não podia ter atacado Sebastian daquele jeito. Sequer tinha uma arma. O que você estava pensando?

— O que todos nós estávamos pensando — Alec, inesperadamente, saiu em defesa dela. — Que ele tinha acabado de arremessar você como se fosse uma bola. Jace, nunca vi ninguém levar uma vantagem dessas sobre você antes.

— Eu... ele me surpreendeu — disse Jace, um pouco relutante. — Deve ter alguma espécie de treinamento especial. Não estava esperando.

— É, bem. — Simon tocou as costelas, contraindo o rosto. — Acho que ele arrebentou algumas das minhas costelas. Mas não tem problema — acrescentou ao ver o olhar preocupado de Clary. — Estão se curando. Mas Sebastian é forte, definitivamente. Muito forte — olhou para Jace: — Há quanto tempo você acha que ele estava ali nas sombras?

Jace estava com um olhar ameaçador. Olhou por entre as árvores na direção em que Sebastian tinha ido.

— Bem, a Clave vai pegá-lo, e amaldiçoá-lo, provavelmente. Gostaria de vê-los lançando a mesma maldição de Hodge. Seria justiça poética.

Simon se virou de lado e cuspiu nos arbustos. Limpou a boca com a parte de trás da mão, seu rosto retorcido em uma careta.

— O sangue dele tem gosto podre, como veneno.

— Suponho que possamos acrescentar isso à lista de qualidades adoráveis dele — disse Jace. — O que mais será que ele está aprontando hoje?

— Precisamos voltar ao Salão. — O olhar no rosto de Alec era tenso, e Clary se lembrou de que Sebastian tinha dito alguma coisa para ele, algo sobre os outros Lightwood... — Você consegue andar, Clary?

Ela se afastou de Simon.

— Consigo. E Hodge? Não podemos simplesmente largá-lo.

— Temos que largar — disse Alec. — Teremos tempo de voltar para buscá-lo se sobrevivermos à noite.

Enquanto deixavam o jardim, Jace parou, tirou o casaco, e o colocou sobre o rosto calmo de Hodge, que estava virado para cima . Clary queria ir até Jace, talvez até colocar uma mão no ombro dele, mas alguma coisa no jeito dele lhe dizia para não fazer isso. Nem mesmo Alec se aproximou dele para oferecer um símbolo de cura, apesar de Jace estar mancando ao descer a colina.

Moveram-se juntos pela trilha em ziguezague, com armas sacadas e prontas, o céu aceso de vermelho pelo Gard em chamas atrás. Mas não viram demônios. A quietude e a estranheza da luz faziam a cabeça de Clary latejar; sentia como se estivesse em um sonho. A exaustão a atingiu pesadamente. Apenas colocar um pé na frente do outro era como levantar um bloco de cimento e jogá-lo para baixo, repetidamente. Podia ouvir Jace conversando à frente na trilha, as vozes vacilantes e fracas apesar da proximidade.

Alec falava suavemente, quase suplicante:

— Jace, a maneira como estava falando com Hodge ali. Não pode pensar assim. Ser filho de Valentim não faz de você um monstro. Independentemente do que ele tenha feito quando você era criança, independentemente do que tenha ensinado, tem que entender que não é culpa sua...

— Não quero conversar sobre isso, Alec. Nem agora, nem nunca. Não me pergunte mais sobre isso. — O tom de Jace era selvagem, e Alec se calou. Clary quase podia sentir a dor dele. Que noite, ela pensou. Uma noite de tanta dor para todos.

Tentou não pensar em Hodge, no olhar suplicante e penoso que tinha no rosto antes de morrer. Não gostava dele, mas ninguém merecia o que Sebastian havia feito. Ninguém. Pensou em Sebastian, na maneira como se movia, como faíscas voando. Nunca tinha visto outra pessoa além de Jace se movimentar daquela maneira. Queria resolver o enigma: o que tinha acontecido com Sebastian? Como um primo dos Penhallow conseguiu dar tão errado, e como nunca tinham notado? Pensara que ele quisesse ajudá-la a salvar a mãe, mas tudo o que queria era pegar o Livro Branco para Valentim. Magnus se enganou — não fora por causa dos Lightwood que Valentim soubera de Ragnor Fell. E sim porque ela tinha contado a Sebastian. Como pôde ser tão burra?

Desanimada, mal percebeu quando a trilha se tornou uma avenida, levando-os para a cidade. As ruas estavam desertas, as casas escuras, muitos dos postes de luz mágica destruídos, o vidro espalhado sobre as pedras. Vozes eram audíveis, ecoando ao longe, e o brilho de tochas era visível aqui e ali entre as sombras no meio dos prédios, mas...

— Está quieto demais — disse Alec, olhando em volta, em surpresa. — E...

— Não está fedendo a demônios. — Jace franziu a testa. — Estranho. Vamos. Vamos para o Salão.

Apesar de Clary estar semipreparada para um ataque, não viram nenhum demônio se movendo pelas ruas. Pelo menos nenhum vivo — mas quando passaram por um beco estreito, ela viu um grupo de três ou quatro Caçadores de Sombras reunidos em um círculo ao redor de algo que pulsava e tremia no chão. Estavam se alternando entre golpes perfurantes com varas afiadas. Dando de ombros, desviou o olhar.

O Salão dos Acordos estava aceso como uma fogueira, com luz enfeitiçada transbordando das portas e janelas. Apressaram-se pelas escadas, Clary tentando se equilibrar enquanto tropeçava. A tontura estava piorando. O mundo parecia balançar ao seu redor, como se ela estivesse dentro de um grande globo giratório. Sobre ela, as estrelas eram fileiras pintadas de branco no céu.

— Você deveria se deitar — disse Simon. Em seguida, quando ela não respondeu: — Clary?

Com um esforço enorme, se forçou a sorrir para ele.

— Estou bem.

Jace, na entrada do Salão, olhou em silêncio para ela. Sob o brilho cru da luz enfeitiçada, o sangue no rosto e o olho inchado pareciam feios, marcados e negros.

Dentro do Salão havia um bramido monótono, o murmúrio baixo de centenas de vozes. Para Clary, soavam como as batidas de um coração gigantesco. As luzes das tochas combinadas com o brilho das pedras enfeitiçadas carregadas por todos os lados agrediam seus olhos e fragmentavam sua visão; podia ver apenas formas vagas agora, formas vagas e cores. Branco, dourado, e o céu noturno acima, desbotando de preto para azul mais claro. Que horas seriam?

— Não estou vendo eles — Alec, olhando em volta ansiosamente à procura da família, soava como se estivesse a centenas de quilômetros, ou embaixo d'água. — Já deveriam estar aqui...

Sua voz diminuiu à medida em que a tontura de Clary piorou. Ela colocou uma mão em um pilar próximo para se recompor. Uma mão lhe acariciou as costas — Simon. Estava dizendo alguma coisa para Jace, parecia ansioso. A voz sumiu no ritmo de dezenas de outras, aumentando e diminuindo ao redor como ondas quebrando.

— Nunca vi nada parecido. Os demônios simplesmente deram as costas e se foram, desapareceram.

— Nascer do sol, provavelmente. Eles têm medo do amanhecer, e não falta muito.

— Não, era mais do que isso.

— Você só não quer pensar que voltarão amanhã, ou depois.

— Não diga isso; não há motivo para dizer isso. Vão reconstituir as barreiras.

— E Valentim simplesmente vai derrubá-las novamente.

— Talvez seja o que merecemos. Talvez Valentim estivesse certo, talvez nos aliarmos aos integrantes do Submundo signifique que perdemos a bênção do Anjo.

— Cale-se. Tenha respeito. Estão reunindo os mortos na Praça do Anjo.

— Lá estão eles — disse Alec. — Ali, perto do palanque. Parece que... — A voz se interrompeu, em seguida ele saiu, abrindo caminho pela multidão. Clary apertou os olhos, tentando aguçar a visão. Só o que via eram borrões...

Ouviu Jace prender a respiração; em seguida, sem mais uma palavra, ele estava abrindo caminho pela multidão atrás de Alec. Clary soltou o pilar, com a intenção de segui-los, mas tropeçou. Simon a segurou.

— Você precisa deitar, Clary — disse ele.

— Não — sussurrou. — Quero saber o que aconteceu...

Interrompeu-se. Ele estava olhando para além dela, para Jace, e parecia apavorado. Apoiando-se no pilar, se colocou nas pontas dos dedos, lutando para enxergar além da multidão...

Lá estavam, os Lightwood: Maryse com os braços em volta de Isabelle, que chorava sem parar, e Robert Lightwood sentado no chão, segurando alguma coisa — não, alguém, e Clary pensou na primeira vez em que vira Max, no Instituto, dormindo deitado em um sofá, com os óculos caídos e a mão no chão. Ele consegue dormir em qualquer lugar, Jace havia dito, e quase parecia estar

dormindo agora, mas Clary sabia que não.

Alec estava ajoelhado, segurando uma das mãos de Max, mas Jace estava de pé, sem se mover, e parecia, mais do que tudo, perdido, como se não fizesse ideia de onde estivesse, ou do que estava fazendo ali. Tudo que Clary queria era correr para ele e envolvê-lo com os braços, mas o olhar no rosto de Simon dizia a ela que não, não, e o mesmo fazia a lembrança da mansão e dos braços de Jace a envolvendo lá. Ela era a última pessoa do mundo que poderia confortá-lo.

— Clary — disse Simon, mas ela estava se afastando dele, apesar da tontura e da dor na cabeça. Correu para a porta do Salão e a abriu, desceu os degraus e ficou ali, respirando ar frio. Ao longe, o horizonte estava marcado com fogo vermelho, as estrelas se apagando, desaparecendo no céu que se acendia. A noite havia acabado. O amanhecer chegara.

13

Onde Há Tristeza

Clary acordou atormentada por um sonho com anjos sangrando, os lençóis fortemente enrolados ao redor de seu corpo. O quarto extra de Amatis estava escuro e fechado, era a sensação de estar trancada em um caixão. Esticou a mão e abriu as cortinas. A luz do dia entrou. Ela franziu o rosto e as fechou novamente.

Caçadores de Sombras cremavam os mortos, e desde o ataque demoníaco, o céu a oeste da cidade vivia manchado de fumaça. Olhar pela janela deixava Clary enjoada, então manteve as cortinas fechadas. Na escuridão do quarto, fechou os olhos, tentando se lembrar do sonho. Havia anjos, e a lembrança do símbolo que Ithuriel havia mostrado, passando infinitas vezes no interior de sua pálpebra como um sinal de trânsito piscando. Era um símbolo simples, tão simples quanto um nó numa corda, mas independentemente do quanto se concentrasse, não conseguia ler, não conseguia descobrir o que significava. Tudo o que sabia era que de algum jeito parecia incompleto para ela, como se quem quer que o houvesse criado, não o tivesse concluído.

Estes não são os primeiros sonhos que já mostrei a você, dissera Ithuriel. Pensou nos outros sonhos: Simon com cruzes queimadas nas mãos, Jace com asas, lagos de gelo rachado que brilhavam como vidro de espelho. Será que o anjo também tinha enviado aqueles?

Com um suspiro, sentou-se. Os sonhos podiam ser ruins, mas as imagens que marchavam por seu cérebro quando estava acordada não eram muito melhores. Isabelle, chorando no chão do Salão dos Acordos, puxando com tanta força o cabelo preto que repousava entre seus dedos que Clary temeu que pudesse arrancá-lo. Maryse gritando com Jia Penhallow que o menino que puseram dentro de casa havia feito isso, primo deles, e que se era um aliado tão próximo de Valentim, o que isso dizia a respeito deles? Alec tentando acalmar a mãe, pedindo ajuda a Jace, mas Jace continuava ali parado enquanto o sol se erguia sobre Alicante e brilhava pelo teto do Salão.

— Amanheceu — dissera Luke, parecendo mais cansado que em qualquer outra ocasião em que Clary o vira. — Hora de trazer os corpos para dentro. — E mandara patrulhas para reunir os Caçadores de Sombras mortos e os licantropes estirados nas ruas e trazê-los à praça na frente do Salão, a praça que Clary tinha atravessado com Sebastian quando comentara que o Salão parecia uma igreja. Parecera um lugar belo para ela então, ladeado por caixas de flores e lojas pintadas em cores brilhantes. E agora estava cheia de cadáveres.

Inclusive o de Max. Pensar no menino que conversava com ela sobre mangá com tanta seriedade fez seu estômago embrulhar. Certa vez havia prometido a ele que o levaria ao Planeta Proibido, mas isso não aconteceria mais. Teria comprado livros para ele, pensou. Qualquer um

que quisesse. Não que fizesse diferença.

Não pense nisso. Clary chutou os lençóis e se levantou. Após um rápido banho vestiu a calça jeans e o casaco que usara no dia em que tinha vindo de Nova York. Pressionou o rosto contra o material antes de colocar o casaco, torcendo para sentir um cheirinho do Brooklyn, ou o aroma de sabão em pó — algo que ajudasse a lembrar de casa —, mas tinha sido lavado e cheirava a sabão de limão. Com outro suspiro, desceu.

A casa estava vazia, exceto por Simon, sentado no sofá da sala. As janelas abertas atrás dele transbordavam luz do dia. Tinha ficado parecido com um gato, pensou Clary, sempre procurando espaços ao sol para se ajeitar. Independentemente de quanto sol tomasse, no entanto, a pele continuava branca.

Pegou uma maçã da vasilha e ajoelhou-se ao lado dele, sentada sobre as pernas.

— Dormiu?

— Um pouco. — Olhou para ela. — Eu que deveria perguntar a você. É você que está com olheiras. Mais pesadelos?

Ela deu de ombros.

— Mesma coisa. Morte, destruição, anjos malvados.

— Basicamente como a vida real, então.

— É, mas pelo menos quando acordo, acaba. — Deu uma mordida na maçã. — Deixe-me adivinhar. Luke e Amatis estão no Salão dos Acordos, em mais uma reunião.

— É. Acho que estão na reunião em que se reúnem e decidem que outras reuniões precisam fazer. — Simon ficou mexendo na ponta de franjas de uma almofada. — Ouviu alguma notícia do Magnus?

— Não. — Clary estava tentando não pensar no fato de que fazia três dias desde que vira Magnus, e ele não tinha se pronunciado. Ou no fato de que não havia nada que pudesse impedi-lo de pegar o Livro Branco e desaparecer no éter, sem nunca mais dar notícias. Ficou imaginando por que chegou a pensar que confiar em alguém que usava tanto delineador podia ser boa ideia.

Tocou levemente o pulso de Simon.

— E você? Fale de você. Continua bem aqui? — Ela queria que ele fosse para casa no instante em que a batalha acabou, para casa, onde era seguro. Mas ele tinha sido estranhamente resistente. Por qualquer que fosse a razão, parecia querer ficar. Clary torceu para que não fosse por se sentir obrigado a cuidar dela; quase disse que não precisava da proteção dele, mas não disse, pois parte dela não podia suportar vê-lo partir. Então ele ficou, e Clary estava secreta e culpadamente feliz. — Está conseguindo, você sabe, o que precisa?

— Está falando de sangue? Estou, Maia ainda me traz garrafas todos os dias. Não me pergunte onde arruma. — Na primeira manhã na casa de Amatis, um licantrope sorridente havia aparecido na porta com um gato vivo para ele.

— Sangue — dissera, em uma voz com sotaque forte. — Para você. Fresco! — Simon agradeceu ao lobisomem, esperou que fosse embora, e soltou o gato, com a expressão levemente nauseada.

— Bem, você vai ter que arrumar sangue em algum lugar — dissera Luke, parecendo se divertir.

— Tenho um gato de estimação — respondera Simon. — Não dá.

— Vou falar com Maia — prometera Luke, e a partir dali o sangue passou a vir em discretas garrafas de leite. Clary não fazia ideia de como Maia estava arranjando, e, assim como Simon, não queria perguntar. Não a via desde a noite da batalha; os licantropes estavam acampados em algum lugar na floresta próxima, somente Luke permaneceu na cidade.

— O que houve? — Simon inclinou a cabeça para trás, observando-a através de olhos semicerrados. — Você parece que está querendo me perguntar alguma coisa.

Havia muitas coisas que Clary queria perguntar, mas optou por uma das alternativas mais seguras.

— Hodge — disse ela, e hesitou. — Quando você estava na cela... realmente não sabia que era ele?

— Não dava para vê-lo. Só ouvir através da parede. Nós conversamos, e muito.

— E você gostou dele? Quero dizer, ele era simpático?

— Simpático? Não sei. Torturado, triste, inteligente, compassivo em alguns instantes... Sim, gostei dele. Acho que de algum jeito eu me parecia com ele...

— Não diga isso! — Clary endireitou a postura, quase derrubando a maçã. — Você não é nada como Hodge.

— Não acha que sou torturado e inteligente?

— Hodge era mau. Você não — falou Clary, decidida. — É só o que importa.

Simon suspirou.

— As pessoas não nascem boas ou ruins. Talvez nasçam com tendências a um caminho ou outro, mas é a maneira como se vive a vida que importa. E as pessoas que conhecemos. Valentim era amigo de Hodge, e acho que Hodge não teve de fato mais ninguém na vida que o desafiasse, ou o levasse a ser alguém melhor. Se eu tivesse tido esta vida, não sei como teria me saído. Mas não tive. Tenho minha família. E tenho você.

Clary sorriu para ele, mas as palavras soaram dolorosas em seus ouvidos. As pessoas não nascem boas ou ruins. Sempre achou que isso fosse verdade, mas nas imagens que o anjo havia mostrado, tinha visto a própria mãe chamar o filho de mau, um monstro. Desejou poder conversar com Simon a respeito, e contar tudo que o anjo mostrara, mas não podia. Significaria revelar o que haviam descoberto sobre Jace, e isso não podia fazer. O segredo era dele, não dela. Simon tinha perguntado uma vez o que Jace quisera dizer quando falou com Hodge, por que

tinha se referido a si próprio como monstro, mas ela se limitou a responder que era difícil entender o que Jace queria dizer com qualquer coisa mesmo nas melhores épocas. Não tinha certeza se Simon acreditara, mas ele não voltou a perguntar.

Foi salva de ter que dizer qualquer coisa por uma batida alta na porta. Com o cenho franzido, Clary repousou o que sobrara da maçã na mesa.

— Eu atendo.

A porta aberta permitiu a entrada de uma onda de ar frio e fresco. Aline Penhallow estava nos degraus da entrada, com um casaco de seda cor-de-rosa escuro que quase combinava com os círculos sob os olhos.

— Preciso falar com você — disse, sem nenhum preâmbulo.

Surpresa, Clary só conseguiu assentir e segurar a porta aberta.

— Tudo bem. Pode entrar.

— Obrigada. — Aline passou bruscamente por ela e entrou na sala. Congelou ao ver Simon sentado no sofá, e abriu os lábios, surpresa. — Esse não é...

— O vampiro? — Simon sorriu. A singela porém inumana saliência dos incisivos era levemente visível contra o lábio inferior quando sorria daquele jeito. Clary desejou que não o fizesse.

Aline virou para Clary.

— Posso falar com você a sós?

— Não — disse Clary, e se sentou no sofá ao lado de Simon. — Qualquer coisa que tenha a dizer, pode ser para nós dois.

Aline mordeu o lábio.

— Tudo bem. Olhe, tenho uma coisa que preciso contar para Alec, Jace e Isabelle, mas não faço ideia de onde encontrá-los agora.

Clary suspirou.

— Mexeram uns pauzinhos e se mudaram para uma casa vazia. A família que vivia lá foi para o campo.

Aline assentiu. Muitas pessoas tinham deixado Idris desde os ataques. A maioria tinha ficado — mais gente do que Clary esperava —, mas outras haviam feito as malas e partido, deixando as próprias casas vazias.

— Estão bem, se é isso que quer saber. Olha, eu também não tenho visto ninguém. Desde a batalha. Poderia passar um recado por Luke, se você quiser...

— Não sei — Aline mordia o lábio inferior —, meus pais tiveram que contar para a tia do Sebastian em Paris o que ele fez. Ela ficou muito chateada.

— Como não poderia deixar de ser, considerando que o sobrinho se mostrou um gênio do mal — disse Simon.

Aline lançou um olhar sombrio a ele.

— Ela disse que isso não tinha nada a ver com o feitio dele, que só podia ser algum engano. Então me mandou algumas fotos. — Aline remexeu no bolso e puxou diversas fotografias ligeiramente dobradas, que entregou para Clary. — Veja.

Clary olhou. As fotos mostravam um menino risonho, de cabelos escuros, bonito de um jeito não convencional, com um sorriso torto e um nariz ligeiramente grande. Parecia o tipo de menino com o qual seria bom se relacionar. Além disso, não era nada parecido com Sebastian.

— Esse é o seu primo?

— Esse é Sebastian Verlac. O que significa...

— Que o menino que estava aqui, dizendo que se chamava Sebastian, era outra pessoa? — Clary olhou as fotos, cada vez mais agitada.

— Achei que... — Aline estava mordendo o lábio outra vez. — Achei que se os Lightwood soubessem que Sebastian, ou quem quer que fosse aquele menino, não é realmente nosso primo, talvez me perdoassem. Nos perdoassem.

— Tenho certeza de que o farão — disse Clary, da forma mais gentil possível. — Mas a coisa vai além disso. A Clave vai querer saber que Sebastian não era apenas um Caçador de Sombras desorientado. Valentim o enviou deliberadamente como espião.

— Ele foi tão convincente — disse Aline. — Sabia coisas que só minha família sabe. Coisas sobre a nossa infância...

— Faz a gente pensar — disse Simon — sobre o que terá acontecido ao verdadeiro Sebastian. Seu primo. Parece que ele deixou Paris, veio para Idris, mas não chegou de fato. Então o que aconteceu com ele no caminho?

Clary respondeu.

— Valentim aconteceu. Deve ter planejado tudo, sabido onde Sebastian estaria, e como interceptá-lo no caminho. E se fez isso com Sebastian...

— Pode haver outros — disse Aline. — Você deveria informar à Clave. Conte a Lucian Graymark — captou o olhar surpreso de Clary. — As pessoas o ouvem. Meus pais disseram.

— Talvez você devesse ir conosco ao Salão — sugeriu Simon. — Diga a ele você mesma.

Aline balançou a cabeça.

— Não posso encarar os Lightwood. Principalmente Isabelle. Ela salvou minha vida e eu... eu simplesmente fugi. Não consegui me conter. Apenas corri.

— Estava em estado de choque. Não teve culpa.

Aline não parecia convencida.

— E agora o irmão dela... — interrompeu-se, mordendo o lábio outra vez. — Em todo caso. Ouça, tem uma coisa que quero contar, Clary.

— Me contar? — Clary se espantou.

— É — Aline respirou fundo. — Olha, o que você viu, entre mim e Jace, não foi nada. Eu beijei ele. Foi para... experimentar. E não deu muito certo.

Clary se sentiu enrubescendo até um tom de vermelho provavelmente espetacular. Por que ela está me falando isso?

— Olha, tudo bem. Isso é problema do Jace, não meu.

— Bem, você pareceu bem chateada. — Um pequeno sorriso se esboçou nos cantos da boca de Aline. — E acho que sei por quê.

Clary engoliu o gosto amargo na boca.

— Sabe?

— Ouça, seu irmão dá as voltas dele. Todo mundo sabe disso; já ficou com muitas meninas. Você ficou preocupada que ele pudesse se encrencar caso se envolvesse comigo. Afinal, nossas famílias são, eram, amigas. Não precisa se preocupar. Ele não faz meu tipo.

— Acho que nunca ouvi uma garota dizer isso antes — disse Simon. — Pensei que Jace fosse a espécie de cara que faz o tipo de todo mundo.

— Também achava — disse Aline lentamente — e por isso o beijei. Estava tentando descobrir se qualquer cara faz o meu tipo.

Ela beijou Jace, pensou Clary. Não foi ele que a beijou. Ela o beijou. Encontrou o olhar de Simon sobre Aline. Ele parecia se divertir.

— Então, o que decidiu?

Aline deu de ombros.

— Não tenho certeza ainda. Mas... então, pelo menos não tem mais que se preocupar com Jace.

Quem me dera.

— Sempre tenho que me preocupar com Jace.

O interior do Salão dos Acordos tinha sido rapidamente reconfigurado desde a noite da batalha. Com o Gard destruído, agora servia como câmara do Conselho, um local de reuniões para pessoas procurando por familiares desaparecidos, e um lugar onde era possível se informar sobre os acontecimentos mais recentes. O chafariz central estava seco, e, em ambos os lados, longos bancos haviam sido puxados, formando fileiras em frente a um palanque no lado oposto da sala. Enquanto alguns Nephilim estavam sentados nos bancos do que parecia uma sessão do Conselho, nas fileiras e sob as arcadas que envolviam a grande sala, dezenas de outros Caçadores de Sombras se remexiam ansiosamente. O Salão não mais parecia um lugar onde alguém cogitaria dançar. Havia uma atmosfera peculiar no ar, uma mistura de tensão e ansiedade.

Apesar da reunião da Clave no centro, havia murmúrios por todos os lados. Clary captou trechos enquanto ela e Simon passavam pela sala: as torres demoníacas já haviam voltado a funcionar. As barreiras estavam ativas novamente, porém, mais fracas do que antes. Demônios

tinham sido vistos nas colinas ao sul da cidade. As casas de campo estavam abandonadas, mais famílias tinham abandonado a cidade, e algumas abandonaram também a Clave.

No palanque erguido, cercado por mapas da cidade pendurados, encontrava-se o Cônsul, ameaçador como um guarda-costas, ao lado de um homem baixo e roliço vestido de cinza. O sujeito roliço gesticulava irritado enquanto falava, mas ninguém parecia prestar atenção.

— Ah, droga, é o Inquisidor — murmurou Simon ao ouvido de Clary, apontando. — Aldertree.

— E lá está Luke — disse Clary, encontrando-o na multidão. Estava perto do chafariz seco, imerso em uma conversa com um homem com um uniforme inteiramente destruído e uma atadura no lado esquerdo do rosto. Clary olhou em volta, procurando por Amatis, e finalmente a viu, sentada em silêncio na ponta de um banco, o mais longe possível dos outros Caçadores de Sombras. Ela viu Clary e fez uma cara de espanto, começando a se levantar.

Luke também viu Clary, franziu a testa e falou com o homem de ataduras em voz baixa, pedindo licença. Atravessou a sala até o lugar onde Clary e Simon se encontravam, perto de um dos pilares, as rugas da testa se aprofundando enquanto se aproximava.

— O que está fazendo aqui? Sabe que a Clave não permite crianças nas reuniões, e quanto a você — olhou para Simon — provavelmente não é uma boa ideia dar as caras na frente do Inquisidor, mesmo que ele não possa fazer nada a respeito. — O canto de sua boca se levantou em um sorriso. — Não sem prejudicar qualquer aliança que a Clave possa desejar com algum membro do Submundo no futuro, pelo menos.

— Isso mesmo. — Simon balançou os dedos num aceno para o Inquisidor, Aldertree ignorou.

— Simon, pare. Estamos aqui por um motivo. — Clary entregou as fotos de Sebastian para Luke. — Esse é Sebastian Verlac. O verdadeiro Sebastian Verlac.

A expressão de Luke se tornou sombria. Viu as fotos sem dizer nada enquanto Clary repetia a história contada por Aline. Simon, por sua vez, parecia inquieto, olhando com raiva para Aldertree, do outro lado da sala, que o ignorava deliberadamente.

— Então, o verdadeiro Sebastian tem alguma semelhança com a versão impostora? — perguntou Luke afinal.

— Não muito — disse Clary. — O falso Sebastian era mais alto. E provavelmente louro, pois definitivamente pintou o cabelo. Ninguém tem o cabelo tão preto. — E a tinta saiu nos meus dedos quando o toquei, pensou, mas guardou para si. — De qualquer forma, Aline queria que mostrássemos estas fotos a você e aos Lightwood. Achou que se talvez soubessem que ele não era parente dos Penhallow, então...

— Ela ainda não falou sobre isso com os pais, falou? — Luke indicou as fotos.

— Ainda não, acho — disse Clary. — Acho que veio direto a mim. Queria que eu contasse para você. Disse que as pessoas o ouvem.

— Talvez algumas ouçam — Luke olhou para o homem com a atadura no rosto. — Eu estava falando com Patrick Penhallow, na verdade. Valentim era um bom amigo dele antigamente, e pode ter mantido os olhos na família Penhallow de alguma maneira desde então. Você disse que Hodge contou que tinha espiões aqui. — Devolveu as fotos a Clary. — Infelizmente, os Lightwood não farão parte do Conselho nesta reunião. Hoje de manhã foi o enterro de Max. Devem estar no cemitério. — E ao ver o olhar de Clary, acrescentou: — Foi uma cerimônia muito íntima, Clary. Só a família.

Mas eu sou da família de Jace, disse uma voz baixa, em protesto, na cabeça dela. Mas havia outra voz, mais alta, surpreendendo-a pela amargura: E ele também disse que ficar perto de você era como sangrar lentamente até a morte. Você realmente acha que ele precisa disso quando já está no enterro de Max?

— Então você pode contar a eles essa noite, talvez — disse Clary. — Quero dizer; acho que será uma notícia boa. Quem quer que Sebastian seja, não é parente dos amigos deles.

— Seria uma notícia melhor se soubéssemos onde ele está — resmungou Luke — ou que outros espiões Valentim tem por aqui. Devia haver, pelo menos, vários deles envolvidos na derrubada das barreiras enfeitiçadas. Só pode ter sido feito de dentro da cidade.

— Hodge disse que Valentim tinha descoberto como fazer — disse Simon. — Disse que é preciso sangue de demônio para derrubar as barreiras, mas não tinha como trazer sangue de demônio para a cidade. Só que Valentim descobriu uma maneira.

— Alguém pintou um símbolo em sangue demoníaco no cume de uma das torres — disse Luke com um suspiro —, então, claramente, Hodge tinha razão. Infelizmente, a Clave sempre confiou demais nas barreiras. Mas mesmo o quebra-cabeça mais complicado tem uma solução.

— Me parece o tipo de esperteza que acaba com você durante o jogo — disse Simon. — Assim que você protege seu forte com um Feitiço de Invencibilidade Total, alguém vem e descobre como destruir o lugar.

— Simon? — disse Clary. — Cale a boca.

— Ele não está errado, não — disse Luke. — Só não sabemos como trouxe sangue de demônio para a cidade sem acionar as barreiras — deu de ombros. — É o menor dos nossos problemas no momento. As barreiras estão de volta, mas já sabemos que não são invencíveis. Valentim poderia voltar a qualquer momento com força ainda maior, e duvido que pudéssemos combatê-lo. Não temos Nephilim o suficiente, e os que estão aqui parecem completamente desmoralizados.

— Mas e os integrantes do Submundo? — perguntou Clary. — Você disse ao Cônsul que a Clave tinha que lutar junto aos do Submundo.

— Posso dizer isso a Malaquias e a Aldertree até cansar, mas não significa que vão ouvir — disse Luke, exaurido. — A única razão pela qual estão me deixando ficar aqui é porque a Clave

votou em me manter como conselheiro. E só fizeram isso porque vários deles tiveram as vidas salvas por meu bando. Mas não significa que queiram mais integrantes do Submundo em Idris...

Alguém gritou.

Amatis estava de pé, com a mão sobre a boca, olhando para a frente do Salão. Havia um homem na entrada, emoldurado pelo brilho da luz do sol do lado de fora. Era apenas uma silhueta, até dar um passo adiante, adentrando o Salão, e Clary pôde ver seu rosto pela primeira vez.

Valentim.

Por algum motivo, a primeira coisa que Clary notou foi que estava muito bem barbeado. Fazia com que parecesse mais jovem, mais como o menino revoltado das lembranças que Ithuriel tinha mostrado. Em vez da roupa de batalha, trajava um terno riscado elegante e uma gravata. Não estava armado. Poderia ser um homem caminhando pelas ruas de Manhattan. Poderia ser o pai de qualquer pessoa.

Não olhou na direção de Clary, sequer notou que ela estava ali. Estava com os olhos em Luke enquanto caminhava pelo corredor estreito entre os bancos.

Como pôde entrar aqui assim sem nenhuma arma?, perguntou-se Clary, e teve a resposta logo depois: o Inquisidor Aldertree emitiu um ruído como o de um urso ferido; afastou-se de Malaquias, que estava tentando segurá-lo; cambaleou pelos degraus do palanque; e se lançou contra Valentim.

Passou pelo corpo de Valentim como uma faca cortando papel. Valentim virou-se para olhar para Aldertree com uma expressão de interesse vazio enquanto o Inquisidor cambaleava, batia contra um pilar, e caía desajeitadamente sobre o chão. O Cônsul, seguindo-o, curvou-se para ajudá-lo a levantar — tinha um olhar de nojo mal contido ao fazê-lo, e Clary imaginou se o nojo seria direcionado a Valentim ou a Aldertree por agir como um tolo.

Outro fraco murmúrio percorreu a sala. O Inquisidor chiou e se debateu como um rato em uma ratoeira, com Malaquias segurando-o com firmeza pelos braços enquanto Valentim continuava pela sala sem outro olhar destinado a qualquer um deles. Os Caçadores de Sombras que estavam reunidos ao redor dos bancos recuaram, como as ondas do Mar Vermelho se abrindo para Moisés, deixando uma trilha clara até o centro da sala. Clary estremeceu quando ele se aproximou de onde ela estava com Luke e Simon. É apenas uma Projeção, disse a si mesma. Não está aqui de verdade. Não pode machucar.

Ao seu lado, Simon se encolheu. Clary pegou a mão dele quando Valentim parou nos degraus do palanque e se virou para olhar diretamente para ela. Ele passou os olhos por ela, como se a medissem, ignorou Simon, e repousou o olhar em Luke.

— Lucian — disse.

Luke devolveu o olhar, firme e seguro, sem dizer nada. Era a primeira vez em que ficavam

juntos no mesmo cômodo desde Renwick, pensou Clary, e lá Luke estava semimorto pela luta, e coberto de sangue. Agora era mais fácil marcar tanto as diferenças quanto as semelhanças entre os dois: Luke com a velha camisa de flanela e a calça jeans, Valentim com o belo terno caro; Luke com a barba por fazer e partes grisalhas no cabelo, Valentim parecendo não ter mais de 25 anos — só que mais frio, de alguma forma, e mais duro, como se os anos passados o estivessem transformando lentamente em pedra.

— Ouvi dizer que a Clave o trouxe para o Conselho agora — disse Valentim. — Nada mais apropriado para uma Clave diluída pela corrupção e disposta a se rebaixar do que ter mestiços degenerados infiltrados. — Tinha a voz plácida, alegre até, tanto que era difícil sentir o veneno nas palavras, ou realmente acreditar que estava falando sério. O olhar dele se voltou para Clary. — Clarissa — disse ele —, aqui com o vampiro, posso perceber. Quando as coisas tiverem se ajustado, precisamos discutir suas escolhas de bichos de estimação.

Um rugido grave veio da garganta de Simon. Clary segurou sua mão com força — com tanta força que, em outros tempos, ele teria se encolhido de dor. Agora não parecia sentir.

— Não — sussurrou ela. — Não.

Valentim já tinha desviado a atenção deles. Subiu os degraus do palanque e se virou para olhar para a multidão.

— Tantos rostos familiares — observou. — Patrick. Malaquias. Amatis.

Amatis permaneceu rija, os olhos ardentes de ódio.

O Inquisidor ainda se debatia nas garras de Malaquias. O olhar de Valentim passou para ele, quase entretido.

— Até você, Aldertree. Ouvi dizer que foi indiretamente responsável pela morte de meu velho amigo Hodge Starkweather. Uma pena.

Luke encontrou a voz.

— Então você admite — disse. — Derrubou as barreiras. Enviou os demônios.

— Eu os enviei — disse Valentim. — Posso enviar mais. Sem dúvida, a Clave, até mesmo a Clave, burra do jeito que é, devia esperar isso. Você esperava, não, Lucian?

Os olhos de Luke eram de um azul profundo.

— Esperava. Mas conheço você, Valentim. Então veio para negociar, ou para se gabar?

— Nem uma coisa, nem outra. — Valentim olhou para a multidão silenciada. — Não tenho necessidade de negociar — disse, e apesar de o tom ser calmo, a voz se projetava como se estivesse amplificada. — Nem desejo de me gabar. Não gosto de causar mortes de Caçadores de Sombras; já somos tão poucos, em um mundo que precisa desesperadamente de nós. Mas é assim que a Clave gosta, não é? É só mais uma das regras sem sentido, uma das regras que utilizam para transformar Caçadores de Sombras comuns em pó. Fiz o que fiz porque precisei. Fiz porque era a única maneira de fazer a Clave ouvir. Os Caçadores de Sombras não morreram por minha causa;

morreram porque a Clave me ignorou. — Encontrou o olhar de Aldertree em meio à multidão; o rosto do Inquisidor estava pálido e tendo espasmos. — Então, muitos de vocês já fizeram parte do meu Ciclo — disse Valentim lentamente. — Falo com vocês agora, e com os que sabiam do Ciclo, mas ficaram de fora. Vocês se lembram do que previ há quinze anos? Que a não ser que agíssemos contra os Acordos, a cidade de Alicante, nossa preciosa capital, seria governada por bandos babões de mestiços, as raças degeneradas pisando sobre tudo que valorizamos? E é como previ, tudo aconteceu. O Gard foi incendiado, o Portal destruído, nossas ruas dominadas por monstros. Escória semi-humana querendo nos guiar. Então, meus amigos, meus inimigos, meus irmãos sob o Anjo, pergunto a vocês, acreditam em mim agora? — Levantou a voz a um grito: — ACREDITAM EM MIM AGORA?

Seu olhar varreu a sala como se esperasse resposta. Não obteve — apenas um mar de faces.

— Valentim — a voz de Luke, apesar de suave, rompeu o silêncio: — Não consegue enxergar o que fez? Os Acordos que tanto temia não tornaram os integrantes do Submundo iguais aos Nephilim. Não asseguraram a semi-humanos um lugar no Conselho. Todo o antigo ódio continua aqui. Devia ter confiado nisso, mas não o fez, não conseguiu, e agora nos deu a única coisa que poderia nos unir. — Os olhos dele procuraram os de Valentim. — Um inimigo comum.

Um rubor passou pelo rosto pálido de Valentim.

— Não sou um inimigo. Não dos Nephilim. Você é. É você que está tentando instigá-los a uma luta inútil. Acha que os demônios que viu são tudo que tenho? São uma fração do que posso invocar.

— Existem mais de nós, também — disse Luke. — Mais Nephilim, e mais integrantes do Submundo.

— Integrantes do Submundo — rosnou Valentim. — Vão fugir ao primeiro sinal de perigo verdadeiro. Nephilim nasceram para serem guerreiros, para proteger este mundo, mas o mesmo mundo detesta sua espécie. Existe uma razão pela qual prata limpa o queima, e a luz do dia destrói as Crianças Noturnas.

— Não a mim — disse Simon com a voz rígida e clara, apesar da garra da Clary. — Aqui estou, ao sol...

Mas Valentim simplesmente riu.

— Já o vi engasgar com o nome de Deus, vampiro — disse ele. — Quanto a suportar a luz do sol... — interrompeu-se e riu. — Você é uma anomalia, talvez. Uma aberração. Mas um monstro, ainda assim.

Um monstro. Clary pensou em Valentim no navio, no que havia dito lá: sua mãe me disse que tinha transformado o primeiro filho dela em um monstro. Me deixou antes que tivesse a chance de fazer a mesma coisa com a segunda.

Jace. Pensar no nome dele provocava uma dor aguda. Depois do que fez, fica aqui falando em

monstros...

— O único monstro aqui — disse ela, apesar de si, e da decisão de ficar quieta — é você. Eu vi Ithuriel — prosseguiu quando ele virou para olhar para ela, surpreso. — Sei de tudo...

— Duvido — disse Valentim. — Se soubesse, ficaria de boca fechada. Pelo bem do seu irmão, se não pelo seu próprio.

Não ouse falar comigo sobre Jace!, Clary queria gritar, mas outra voz veio para interrompê-la, uma voz feminina, fria, inesperada, destemida e amarga.

— E quanto ao meu irmão? — Amatis foi para o pé do palanque, olhando para Valentim. Luke se surpreendeu e balançou a cabeça para ela, que o ignorou.

Valentim franziu a testa.

— O que tem Lucian? — A pergunta de Amatis, Clary sentiu, o perturbara, ou talvez fosse o simples fato de que Amatis estava ali, perguntando, confrontando-o. Já fazia anos que ele a tomara como fraca, como alguém improvável de confrontá-lo. Valentim nunca gostava quando as pessoas o surpreendiam.

— Você disse que ele não era mais meu irmão — disse Amatis. — Tirou Stephen de mim. Destruiu minha família... Diz que não é um inimigo dos Nephilim, mas colocou todos nós uns contra os outros, família contra família, destruindo vidas sem remorso. Diz que odeia a Clave, mas foi você que fez dela o que é hoje: mesquinha e paranoica. Nós, Nephilim, confiávamos uns nos outros. Você mudou isso. Jamais o perdoarei por isso. — A voz dela tremeu. — Ou por me fazer tratar Lucian como se não fosse mais meu irmão. Também não o perdoarei. Nem me perdoarei por ter lhe dado ouvidos.

— Amatis... — Luke deu um passo à frente, mas a irmã levantou a mão para interrompê-lo. Seus olhos brilhando com as lágrimas, mas suas costas eretas, a voz firme e segura.

— Houve um tempo em que todos nós estávamos dispostos a ouvi-lo, Valentim — disse ela. — E todos temos essa memória viva em nossa consciência. Não mais. Não mais. Esse tempo acabou. Alguém aqui discorda de mim?

Clary levantou a cabeça e olhou para os Caçadores de Sombras reunidos: olhavam para Amatis como um rascunho de desenho de uma multidão, com borrões brancos como faces. Viu Patrick Penhallow, com a mandíbula cerrada, e o Inquisidor, que tremia como uma árvore frágil em um vento forte. E Malaquias, cujo rosto escuro e polido estava estranhamente ilegível.

Ninguém disse nada.

Se Clary tivesse esperado que Valentim se irritasse com a falta de resposta dos Nephilim que almejava liderar, ficaria decepcionada. Além de uma contração no músculo da mandíbula, estava sem qualquer expressão. Como se tivesse esperado tal resposta. Como se a tivesse planejado.

— Muito bem — disse ele. — Se não vão dar ouvidos à razão, terão de ouvir a força. Já mostrei que posso derrubar as barreiras de proteção ao redor da cidade. Vejo que as levantaram

outra vez, mas isso não traz qualquer consequência; posso derrubá-las novamente com enorme facilidade. Terão de aderir às minhas exigências ou enfrentar todos os demônios que a Espada Mortal puder invocar. Vou dizer a eles que não poupem ninguém, nenhum homem, mulher ou criança. A escolha é de vocês.

Um murmúrio varreu a sala; Luke parecia espantado.

— Você destruiria sua própria espécie deliberadamente, Valentim?

— Às vezes plantas doentes precisam ser cortadas para preservar o jardim — disse Valentim. — E se todas estão doentes... — virou-se para encarar a multidão horrorizada — a escolha é de vocês — repetiu. — Tenho o Cálice Mortal. Se precisar, vou recomeçar; um novo mundo de Caçadores de Sombras, criado e orientado por mim. Mas posso lhes dar esta chance. Se a Clave transferir todos os poderes do Conselho para mim e aceitar minha soberania inquestionável e meu governo, serei clemente. Todos os Caçadores de Sombras farão um juramento de obediência e aceitarão um símbolo de lealdade permanente que os ligará a mim. Estes são os meus termos.

Fez-se silêncio. Amatis estava com a mão na boca; o restante da sala balançou diante dos olhos de Clary em um borrão. Não podem sucumbir a ele, pensou. Não podem. Mas que escolha teriam? Que escolha algum deles teria? Estão aprisionados na armadilha de Valentim, pensou em vão, como certamente eu e Jace estamos presos pelo que ele nos fez. Estamos ligados a ele por nosso próprio sangue.

Foi apenas um instante, apesar de ter parecido uma hora para Clary, antes de uma voz fina interromper o silêncio — a voz aguda e aracnídea do Inquisidor:

— Soberania e governo? — gritou. — Seu governo?

— Aldertree. — O Cônsul se moveu para contê-lo, mas o Inquisidor foi rápido demais. Livrou-se e se lançou para o palanque. Estava gritando alguma coisa, as mesmas palavras repetidas vezes, como se tivesse perdido completamente a cabeça, com os olhos revirados e praticamente só as partes brancas aparecendo. Empurrou Amatis de lado, subindo cambaleante os degraus do palanque para encarar Valentim.

— Eu sou o Inquisidor, entende? O Inquisidor! — gritou. — Sou parte da Clave! Do Conselho! Sou eu que faço as regras, e não você! Sou eu que governo, e não você! Não permitirei que faça isso, seu indivíduo arrogante, nojento, amante de demônios...

Com um olhar muito próximo ao tédio, Valentim esticou a mão, quase como se quisesse tocar o Inquisidor no ombro. Mas não podia tocar em nada, era apenas uma Projeção... Então Clary arquejou quando a mão dele passou através da pele, dos ossos e da carne do Inquisidor, desaparecendo em suas costelas. Passou apenas um segundo, um único segundo, durante o qual todo o Salão pareceu encarar o braço esquerdo de Valentim, enterrado de alguma forma, impossivelmente até o pulso, no peito de Aldertree. Então Valentim girou o punho com força, repentinamente, para a esquerda, uma guinada rápida, como se abrisse uma teimosa maçaneta

enferrujada.

O Inquisidor soltou um único grito e caiu como uma pedra.

Valentim puxou a mão de volta. Estava cheia de sangue, uma luva escarlate que ia até o cotovelo, manchando a lã cara do terno. Abaixando a mão sangrenta, olhou para a multidão horrorizada, repousando os olhos em Luke. E lentamente disse:

— Vocês têm até amanhã à meia-noite para considerar meus termos. Então trarei meu exército, com força total, para a planície Brocelind. Se ainda não tiver recebido uma mensagem de rendição da Clave, marcharei até Alicante com meu exército, e dessa vez não deixarei que nada sobreviva. É o período que têm para considerar minhas condições. Usem o tempo com sabedoria.

E com isso, desapareceu.

Nota

* Gray significa “cinza” em inglês. (N. do T.)

14

Na Floresta Escura

— Ora, ora — disse Jace, ainda sem olhar para Clary; não a tinha olhado desde que chegara, com Simon, na entrada da casa em que os Lightwood estavam morando. Em vez disso, estava apoiado no parapeito de uma das janelas altas na sala, olhando para o céu que escurecia rapidamente. — Um cara vai ao enterro do irmão de nove anos e perde toda a diversão.

— Jace — disse Alec, com a voz cansada. — Não.

Alec estava jogado em uma das cadeiras velhas, que eram as únicas coisas para se sentar na sala. A casa tinha aquela sensação esquisita e alheia de um lugar que pertence a outros: era decorada em tecidos de temática floral, babados e em pastel, e tudo parecia ligeiramente desgastado ou esfarrapado. Havia uma vasilha de vidro cheia de chocolates na pontinha da mesa perto de Alec; Clary, faminta, já tinha comido alguns e os achou quebradiços e secos. Ficou imaginando que tipo de gente vivia ali. O tipo que fugia quando as coisas complicavam, pensou amargamente; mereciam ter a casa tomada por terceiros.

— Não o quê? — perguntou Jace; lá fora estava escuro o suficiente agora, a ponto de Clary conseguir ver o rosto dele refletido no vidro da janela. Os olhos pareciam pretos. Estava com roupas de luto de Caçador de Sombras; não vestiam preto em enterros, já que preto era a cor do uniforme de combate. A cor da morte era branca, e o casaco branco de Jace tinha símbolos vermelhos costurados ao redor do colarinho e dos pulsos. Diferente dos símbolos de batalha, que eram todos de agressão e proteção, estes falavam uma língua mais gentil, de cura e pesar. Havia faixas de metal moldadas ao redor dos pulsos também, com símbolos semelhantes nelas. Alec estava vestido da mesma maneira, todo de branco com os mesmos símbolos vermelho-dourados sobre o tecido. Fazia o cabelo dele parecer muito preto.

Jace, pensou Clary, por outro lado, parecia um anjo todo de branco. Só que do tipo vingador.

— Você não está com raiva de Clary. Ou Simon — disse Alec. — Pelo menos — acrescentou com uma careta levemente preocupada — não acho que esteja com raiva de Simon.

Clary quase esperava que Jace rebatesse com raiva, mas tudo que disse foi:

— Clary sabe que não estou com raiva dela.

Simon, apoiando os cotovelos no encosto do sofá, revirou os olhos, mas se limitou a dizer:

— O que não entendo é como Valentim conseguiu matar o Inquisidor. Pensei que Projeções não pudessem afetar nada efetivamente.

— Não deveriam — disse Alec. — São apenas ilusões. Como ar colorido, por assim dizer.

— Bem, não neste caso. Ele enfiou a mão dentro do Inquisidor e girou... — Clary estremeceu.

— Foi muito sangue.

— Como um bônus especial para você — disse Jace a Simon.

Simon ignorou.

— Já houve algum Inquisidor que não tenha sofrido uma morte horrível? — Ele se perguntou em voz alta. — É como ser o baterista em Spinal Tap.

Alec passou a mão no rosto.

— Não acredito que meus pais ainda não saibam disso — disse ele. — Não posso dizer que estou ansioso para contar.

— Onde estão seus pais? — perguntou Clary. — Pensei que estivessem lá em cima.

Alec balançou a cabeça.

— Ainda estão na necrópole. No túmulo de Max. Mandaram a gente de volta. Queriam ficar um pouco sozinhos.

— E Isabelle? — perguntou Simon. — Cadê ela?

O bom humor, pouco que fosse, deixou a expressão de Jace.

— Não sai do quarto — disse ele. — Ela acha que o que aconteceu com Max foi culpa dela. Não quis nem ir ao enterro.

— Já tentaram falar com ela?

— Não — disse Jace —, estamos socando repetidamente a cara dela em vez disso. Por quê, você acha que não vai dar certo?

— Perguntar não ofende — respondeu Simon, num tom calmo.

— Vamos contar a ela essa história de o Sebastian não ser o Sebastian — disse Alec. — Pode ser que se sinta melhor. Ela acha que devia ter percebido que havia algo errado com ele, mas se era um espião... — Alec deu de ombros. — Ninguém notou nada estranho nele. Nem mesmo os Penhallow.

— Eu o achei um babaca — destacou Jace.

— É, mas só porque... — Alec se afundou ainda mais na cadeira. Parecia exausto, a pele pálida contra o branco forte da roupa. — Não faz a menor diferença. Depois que descobrir sobre as ameaças de Valentim, nada será capaz de animá-la.

— Mas será que ele faria isso? — perguntou Clary. — Mandar um exército de demônios contra os Nephilim? Quero dizer, ele ainda é um Caçador de Sombras, não é? Não seria capaz de destruir o próprio povo.

— Não se importou o bastante com os próprios filhos para não destruí-los — disse Jace, encontrando os olhos dela do outro lado da sala. Permaneceram se encarando. — O que a faz pensar que ele se importaria?

Alec olhou de um para o outro, e Clary percebeu pela expressão dele que Jace ainda não havia contado nada sobre Ithuriel. Parecia espantado e muito triste.

— Jace...

— Isso explica uma coisa — disse Jace, sem olhar para Alec. — Magnus estava tentando ver se conseguia utilizar um símbolo de rastreamento em alguma das coisas que Sebastian tinha deixado no quarto, para tentar localizá-lo. Não estava conseguindo ler nada do que demos para ele. Tudo... vazio.

— O que isso significa?

— Eram coisas de Sebastian Verlac. O Sebastian falso as pegou quando o interceptou. E Magnus não está conseguindo nada delas porque o verdadeiro Sebastian...

— Provavelmente está morto — concluiu Alec. — E o Sebastian que conhecemos é esperto demais para deixar para trás qualquer coisa que pudesse ser utilizada para encontrá-lo. Precisa ser algum objeto que de algum jeito seja muito ligado àquela pessoa. Uma herança de família, uma estela, uma escova com cabelos nela, alguma coisa assim.

— O que é péssimo — disse Jace —, pois se pudéssemos segui-lo, provavelmente nos levaria diretamente a Valentim. Tenho certeza de que voltou direto para o mestre com um relatório completo. Provavelmente contou tudo sobre a teoria maluca do lago-espelho de Hodge.

— Talvez não fosse maluca — disse Alec. — Puseram guardas nas trilhas que vão para o lago, e levantaram barreiras que alertarão se alguém se transportar por Portal para lá.

— Ótimo. Tenho certeza de que todos nós estamos muito seguros agora — disse Jace, e se inclinou novamente contra a parede.

— O que não entendo — disse Simon — é por que Sebastian ficou por aqui. Depois do que fez com Izzy e Max, ia ser pego, não havia mais como fingir. Quero dizer, mesmo achando que tinha matado a Izzy, e não só nocauteado, como poderia explicar que os dois estavam mortos e ele estava bem? Já estava encrencado. Então para que ficar para a luta? Para que ir ao Gard me pegar? Tenho certeza de que ele não se importava se eu vivesse ou morresse.

— Agora está sendo muito severo com ele — disse Jace. — Tenho certeza de que preferiria que morresse.

— Na verdade — disse Clary —, acho que ele ficou por minha causa.

O olhar de Jace se desviou para o dela em um lampejo dourado.

— Por sua causa? Estava querendo mais um encontro quente?

Clary enrubesceu.

— Não. E nosso encontro não foi quente. Aliás, não foi nem um encontro. E de qualquer jeito, essa não é a questão. Quando ele entrou no Salão, ficou tentando me fazer sair com ele para podermos conversar. Queria alguma coisa de mim. Só não sei o quê.

— Ou talvez só quisesse você — disse Jace. Ao ver a expressão de Clary, acrescentou: — Não desse jeito. Quis dizer que de repente queria levá-la até Valentim.

— Valentim não se importa comigo — disse Clary. — Ele sempre só se importou com você.

Alguma coisa piscou nas profundezas dos olhos de Jace.

— É assim que você chama? — A expressão dele era assustadoramente desolada. — Depois do que aconteceu no barco, ele se importa com você. O que significa que precisa ter cuidado. Muito cuidado. Aliás, não faria mal nenhum se passasse os próximos dias dentro de casa. Pode se trancar no quarto, como Isabelle.

— Não vou fazer isso.

— Claro que não — disse Jace —, porque vive para me torturar, não é mesmo?

— Nem tudo, Jace, gira em torno de você — disse Clary, furiosa.

— Possivelmente — disse Jace —, mas você tem que admitir que a maioria das coisas gira.

Clary resistiu ao impulso de gritar.

Simon limpou a garganta.

— Por falar em Isabelle, que meio que era o assunto aqui, mas pensei que podíamos voltar a isso antes que outra discussão tome conta do recinto, acho que eu deveria falar com ela.

— Você? — disse Alec, e depois, parecendo ligeiramente envergonhado pela própria descompostura, acrescentou rapidamente: — É que... ela não quer sair do quarto nem pela própria família. Por que sairia por você?

— Talvez porque eu não sou da família — disse Simon. Estava com as mãos nos bolsos, os ombros para trás. Mais cedo, quando Clary estava sentada perto dele, tinha visto que ainda havia uma fina linha branca ao redor do pescoço de Simon, onde Valentim havia cortado sua garganta, e cicatrizes nos pulsos, onde estes também tinham sido cortados. Seus encontros com o mundo dos Caçadores de Sombras o tinham mudado, e não só na superfície, ou mesmo no sangue; a mudança era mais profunda. Mantinha-se de pé, de cabeça erguida, suportava tudo o que Jace e Alec faziam com ele e não parecia se importar. O Simon que teria se assustado com eles, ou se sentido desconfortável, não existia mais.

Sentiu uma dor repentina no coração, e percebeu com uma pontada o que era. Estava com saudades dele — com saudades de Simon. Do Simon de antigamente.

— Acho que vou tentar fazer com que Isabelle fale comigo — disse Simon. — Piorar não vai.

— Mas já está praticamente escuro — disse Clary. — Dissemos a Luke e a Amatis que voltaríamos antes do sol se pôr.

— Eu volto com você — disse Jace. — Quanto ao Simon, consegue se locomover no escuro, não é, Simon?

— Claro que sim — disse Alec indignado, como se quisesse compensar pela alfinetada de antes. — Ele é um vampiro, e... só agora percebi que você estava brincando. Esqueça o que eu disse.

Simon sorriu. Clary abriu a boca para protestar novamente — e voltou a fechá-la. Parcialmente porque não estava sendo razoável, e sabia disso. E parcialmente porque havia algo

no olhar de Jace, algo que a atravessou e chegou a Simon, um olhar que a calou: era divertimento, pensou Clary, misturado com gratidão e talvez até — o mais surpreendente de tudo — um pouquinho de respeito.

Era uma caminhada curta entre a nova casa dos Lightwood e a de Amatis; Clary desejou que fosse mais longa. Não conseguia se livrar da sensação de que cada instante que passava com Jace era de alguma forma precioso e limitado, e que estavam se aproximando de alguma espécie de prazo invisível que os separaria para sempre.

Olhou de lado para ele. Estava olhando para a frente, como se ela nem estivesse lá. A linha do perfil dele era acentuada e bem marcada sob a luz mágica que iluminava as ruas. O cabelo ondulado contra a bochecha, sem de fato esconder a cicatriz branca na têmpora onde houvera uma Marca. Ela podia ver uma linha metálica brilhando na garganta de Jace, onde o anel Morgenstern se pendurava na corrente. Sua mão esquerda estava vazia; as juntas pareciam em carne viva. Então realmente estava se curando como um mundano, como Alec havia pedido que fizesse.

Clary estremeceu. Jace olhou para ela.

— Está com frio?

— Só estava pensando — disse ela. — Fiquei surpresa por Valentim ter ido atrás do Inquisidor, e não de Luke. O Inquisidor é um Caçador de Sombras, e Luke... Luke faz parte do Submundo. Além do mais, Valentim o odeia.

— Mas de certa forma o respeita, mesmo que faça parte do Submundo — disse Jace, e Clary pensou no olhar que ele havia lançado a Simon mais cedo, depois tentou não pensar. Detestava pensar em Jace e Valentim sendo semelhantes de alguma forma, mesmo em algo tão trivial quanto um olhar. — Luke está tentando fazer a Clave mudar, pensar de uma nova maneira. É exatamente o que Valentim fez, mesmo que os objetivos fossem... bem, não fossem os mesmos. Luke é um iconoclasta. Quer mudar. Para Valentim, o Inquisidor representa a Clave velha e limitada que ele tanto detesta.

— E foram amigos no passado — disse Clary. — Luke e Valentim.

— "As Marcas daquilo que outrora foram" — disse Jace, e Clary pôde perceber que estava citando alguma coisa, pelo tom semidesdenhoso na voz. — Infelizmente, você nunca realmente odeia ninguém tanto quanto a alguém com quem já se importou um dia. Imagino que Valentim tenha algo especial planejado para Luke, mais para frente, depois que assumir o controle.

— Mas ele não vai assumir o controle — disse Clary, e quando Jace não respondeu, levantou a voz. — Ele não vai vencer, não pode. Não quer guerra de verdade, não contra Caçadores de Sombras e integrantes do Submundo...

— O que a faz pensar que os Caçadores de Sombras vão lutar junto com os integrantes do

Submundo? — disse Jace, ainda sem olhar para ela. Estavam caminhando pela rua do canal, e ele estava com os olhos na água e o maxilar rijo. — Só porque Luke disse? Luke é idealista.

— E por que isso é uma coisa ruim?

— Não é. Só que eu não sou — disse Jace, e Clary sentiu uma pontada fria no coração pelo vazio da voz. Desespero, raiva, ódio. São qualidades demoníacas. Está agindo como acha que deveria.

Tinham chegado à casa de Amatis; Clary parou antes dos degraus, virando-se para encará-lo.

— Talvez — disse ela. — Mas você também não é como ele.

Jace espantou-se um pouco com a frase, ou talvez fosse apenas a firmeza no tom. Virou a cabeça para olhar para ela pelo que parecia a primeira vez desde que tinham saído da casa dos Lightwood.

— Clary... — começou, mas se interrompeu, respirando fundo. — Tem sangue na sua manga. Está machucada?

Foi em direção a ela, pegando seu pulso com a mão. Clary olhou para baixo e viu, para a própria surpresa, que ele tinha razão — havia uma mancha escarlate irregular na manga direita do casaco. O estranho é que ainda era de um vermelho brilhante. Sangue seco não deveria ter uma cor mais escura? Ela franziu a testa.

— Esse sangue não é meu.

Ele relaxou um pouco, o aperto afrouxando.

— É do Inquisidor?

Ela balançou a cabeça.

— Na verdade acho que é de Sebastian.

— Sangue de Sebastian?

— É... Quando ele entrou no Salão, lembra, estava com o rosto sangrando. Acho que Isabelle deve tê-lo arranhado, mas, seja como for, toquei o rosto dele e o sangue ficou. — Olhou mais de perto. — Pensei que Amatis tivesse lavado o casaco, mas acho que não.

Esperava que então Jace fosse soltá-la, mas, em vez disso, ele a segurou pelo pulso durante um longo momento, examinando o sangue, antes de largar o braço, aparentemente satisfeito.

— Obrigado.

Encarou-o por um instante antes de balançar a cabeça;

— Não vai me explicar o que foi isso, vai?

— Sem chance.

Jogou os braços para o alto, irritada.

— Vou entrar. Te vejo mais tarde.

Virou-se e subiu as escadas para a entrada da frente da casa de Amatis. Não havia a menor chance de ela saber que, assim que virou a cabeça, o sorriso desaparecera do rosto de Jace, ou que

ele passou um longo tempo na escuridão depois de a porta se fechar, de vigia e enrolando um pedacinho de fio, sem parar, entre os dedos.

— Isabelle — disse Simon. Tinha feito algumas tentativas até encontrar a porta dela, mas o grito de "Vá embora!" que emanou desta o convenceu de que tinha acertado. — Isabelle, me deixe entrar.

Ouviu uma batida abafada e a porta reverberou levemente, como se Isabelle tivesse atirado alguma coisa. Possivelmente um sapato.

— Não quero falar com você e Clary. Não quero falar com ninguém. Me deixe em paz, Simon.

— Clary não está aqui — disse Simon. — E não vou embora até você falar comigo.

— Alec! — gritou Isabelle. — Jace! Façam com que ele vá embora!

Simon esperou. Não houve qualquer barulho do andar de baixo. Ou Alec tinha saído, ou resolvera ficar na dele.

— Não estão aqui, Isabelle. Estou sozinho.

Fez-se silêncio. Finalmente, Isabelle falou novamente. Dessa vez, a voz veio mais de perto, como se estivesse grudada do outro lado da porta.

— Você está sozinho?

— Estou — disse Simon.

A porta se abriu. Isabelle estava ali com uma coberta preta, seus cabelos compridos caídos sobre os ombros. Simon nunca a tinha visto assim: descalça, os cabelos despenteados, sem maquiagem.

— Pode entrar.

Ele passou por ela e entrou no quarto. À luz da porta podia ver que parecia, como diria sua mãe, que tinha passado um furacão. Roupas espalhadas em pilhas pelo chão, uma bolsa de pano aberta como se tivesse explodido. O chicote prateado-dourado brilhante de Isabelle estava pendurado em um dos cantos da cama, um sutiã branco no outro. Simon desviou o olhar. As cortinas estavam fechadas, as lâmpadas apagadas.

Isabelle se jogou no canto da cama e olhou para ele com um divertimento amargo.

— Um vampiro ruborizado. Quem diria — levantou o queixo. — Então, deixei você entrar. O que quer?

Apesar do olhar furioso, Simon achou que ela parecia mais jovem do que normalmente, os olhos grandes e escuros no rosto branco. Podia ver as cicatrizes brancas que traçavam sua pele clara, pelos braços nus, pelas costas e clavícula, até nas pernas. Se Clary continuar sendo Caçadora de Sombras, pensou, um dia vai ficar assim, cheia de cicatrizes. O pensamento não o perturbou tanto quanto poderia em outros tempos. Havia alguma coisa na maneira como Isabelle

mostrava as cicatrizes, como se sentisse orgulho delas.

Tinha alguma coisa nas mãos, alguma coisa que girava sem parar entre os dedos. Era uma coisa pequena que brilhava levemente à meia luz. Pensou por um instante que pudesse ser algum tipo de joia.

— O que aconteceu com Max — disse Simon. — Não foi culpa sua.

Ela não olhou para ele. Olhava fixamente para o objeto nas mãos.

— Sabe o que é isso? — disse, e mostrou o objeto. Parecia um pequeno soldadinho de brinquedo, esculpido de madeira. Um Caçador de Sombras de brinquedo, percebeu Simon, com uniforme preto pintado. O brilho prateado que tinha notado era a tinta da espadinha que segurava; estava praticamente gasta. — Era do Jace — falou, sem esperar que ele respondesse. — Era o único brinquedo que tinha quando veio de Idris. Não sei, talvez tenha feito parte de um conjunto maior um dia. Acho que ele mesmo fez, mas nunca falou muito a respeito. Levava para todos os cantos quando era pequeno, sempre no bolso, ou o que fosse. Então um dia notei Max carregando. Jace devia ter uns 13 anos. Simplesmente deu de presente para o Max, eu acho, quando cresceu demais para brincar. Seja como for, estava com Max quando o encontraram. Foi como se o tivesse pego para ter algo a que se ater quando Sebastian... quando ele... — interrompeu-se. O esforço para não chorar era evidente; a boca transformada em uma careta, como se estivesse mudando de forma. — Era eu que deveria estar protegendo ele. Deveria estar por perto para ele ter em quem se apoiar, não um brinquedo tolo de madeira. — Jogou-o sobre a cama, os olhos brilhando.

— Você estava inconsciente — protestou Simon. — Quase morreu, Izzy. Não havia nada que pudesse ter feito.

Isabelle balançou a cabeça, os cabelos emaranhados remexendo-se sobre os ombros. Parecia feroz e selvagem.

— O que você sabe sobre isso? — perguntou. — Sabia que Max veio até nós na noite em que morreu e disse ter visto alguém subindo nas torres demoníacas, e eu disse que ele estava sonhando e o mandei embora? E ele estava certo. Aposto que foi o desgraçado do Sebastian, subindo a torre para derrubar as barreiras. E Sebastian o matou para que não pudesse contar a ninguém o que tinha visto. Se ao menos eu tivesse ouvido, gastado um segundo para ouvir, isso não teria acontecido.

— Você não tinha como saber — disse Simon. — Quanto a Sebastian... ele não era realmente primo dos Penhallow. Enganou a todos.

Isabelle não pareceu surpresa.

— Eu sei — disse. — Ouvi você falando com Alec e Jace. Estava escutando do alto da escada.

— Estava ouvindo nossa conversa?

Ela deu de ombros.

— Até a parte que você disse que ia subir para falar comigo. Depois voltei. Não estava com vontade de ver você. — Ela olhou de lado para ele. — Mas digo o seguinte: você é persistente.

— Ouça, Isabelle. — Simon deu um passo para a frente. Estava estranhamente consciente, de repente, do fato de que ela não estava muito vestida, então conteve o impulso de colocar a mão no ombro dela, ou de fazer qualquer outra coisa excessivamente carinhosa. — Quando meu pai morreu, eu sabia que não era culpa minha, mas mesmo assim não parei de pensar em todas as coisas que deveria ter feito, deveria ter dito, antes de ele morrer.

— É, bem, isso é minha culpa — disse Isabelle. — E o que eu deveria ter feito era tê-lo ouvido. O que ainda posso fazer é caçar o desgraçado que fez isso e matá-lo.

— Não tenho certeza de que isso vá ajudar...

— Como você sabe? — perguntou Isabelle. — Por acaso encontrou a pessoa responsável pela morte do seu pai e o matou?

— Meu pai teve um infarto — disse Simon. — Então, não.

— Então você não sabe do que está falando, sabe? — Isabelle levantou o queixo e olhou fixamente para ele. — Vem aqui.

— O quê?

Ela o chamou imperiosamente com o dedo indicador.

— Vem aqui, Simon.

Relutantemente, ele foi na direção dela. Estava a menos de 30 centímetros de distância quando ela o segurou pela frente da camisa, puxando-o em sua direção. Os rostos estavam a poucos centímetros de distância; dava para ver a pele dela brilhando com as marcas de lágrimas recentes.

— Sabe do que estou realmente precisando agora? — disse ela, enunciando cada palavra com clareza.

— Hum — disse Simon. — Não?

— De uma distração — disse ela, e, com um semigiro, o puxou para a cama ao lado dela.

Ele aterrissou de costas entre uma pilha emaranhada de roupas.

— Isabelle — protestou Simon sem muita determinação —, tem certeza de que realmente acha que isso vai fazer você se sentir melhor?

— Vai por mim — disse Isabelle, colocando uma mão no peito dele, sobre o coração que não batia. — Já estou me sentindo melhor.

*

Clary ficou deitada na cama sem dormir, olhando para uma única fresta de luar que riscava o teto. Seus nervos ainda estavam muito chacoalhados pelos eventos do dia para que conseguisse dormir, e o fato de que Simon não tinha voltado antes do jantar — ou depois — não ajudou. Por

fim, mencionara sua preocupação para Luke, que vestira um casaco e fora até a casa dos Lightwood. Voltara com ar de divertimento.

— Simon está bem, Clary — dissera ele. — Vá para a cama. — Depois saíra outra vez, com Amatis, para mais uma das intermináveis reuniões no Salão dos Acordos. Ficou imaginando se alguém já tinha limpado o sangue do Inquisidor.

Sem ter mais o que fazer, tinha ido para a cama, mas o sono permanecia intangível. Clary continuava vendo Valentim na cabeça, enfiando o braço no corpo do Inquisidor e arrancando-lhe o coração. A maneira como tinha se virado para ela e dito, ficaria de boca fechada, pelo bem do seu irmão, se não pelo seu próprio. Acima de tudo, os segredos descobertos no encontro com Ithuriel puseram um peso em seu peito. Sob todas essas ansiedades havia o medo, constante como as batidas de um coração, de que a mãe morreria. Onde estava Magnus?

Fez-se um barulho nas cortinas, e uma onda repentina de luz do luar escorreu para o quarto. Clary se sentou, pegando a lâmina serafim que mantinha na cabeceira.

— Tudo bem. — Uma mão se colocou sobre a dela; esguia, cicatrizada e familiar. — Sou eu.

Clary respirou fundo e segurou a mão dele.

— Jace — disse. — O que você está fazendo aqui? O que houve?

Por um instante ele não respondeu, e ela se virou para olhá-lo, puxando os lençóis para cima. Clary se sentiu ruborizando, extremamente ciente do fato de que só estava com a parte de baixo de um pijama e uma camisola fina — em seguida viu a expressão dele, e o próprio constrangimento diminuiu.

— Jace? — sussurrou. Ele estava próximo à cabeceira da cama, ainda com as roupas brancas de luto, e não havia nada de leve, sarcástico ou distante na maneira como olhava para ela. Estava muito pálido, e os olhos pareciam assombrados e quase negros de exaustão. — Você está bem?

— Não sei — disse, com o jeito entorpecido de quem acabava de acordar de um sonho. — Não ia vir para cá. Passei a noite inteira andando, não consegui dormir, e o tempo todo me via andando para cá. Para você.

Ela se sentou mais reta, deixando o lençol cair pelos quadris.

— Por que não consegue dormir? Aconteceu alguma coisa? — perguntou, e imediatamente se sentiu tola. O que não tinha acontecido?

Jace, no entanto, mal pareceu ouvir a pergunta.

— Precisava ver você — disse ele, mais para si próprio. — Sei que não devia. Mas precisava.

— Bem, então sente-se — disse ela, puxando as pernas para dar espaço para ele na ponta da cama —, porque você está me deixando nervosa. Tem certeza de que não aconteceu nada?

— Não disse que não aconteceu nada. — Sentou na cama, olhando para ela. Estava tão próximo que ela poderia simplesmente ter se inclinado e o beijado...

Seu peito apertou.

— É alguma notícia ruim? Está tudo... Estão todos...

— Não é ruim — disse Jace —, e não é nenhuma novidade. É o oposto disso. É uma coisa que eu sempre soube, e você, você provavelmente também sabe. Deus sabe que não escondi muito bem. — Os olhos dele examinaram o rosto dela, lentamente, como se quisesse memorizá-lo. — O que aconteceu — disse ele, e hesitou — foi que percebi uma coisa.

— Jace — sussurrou ela de repente, e por motivo nenhum que conseguisse identificar, estava com medo do que ele estava prestes a dizer. — Jace, você não precisa...

— Estava tentando ir para... algum lugar — disse Jace. — Mas continuava sendo atraído para cá. Não conseguia parar de andar, de pensar. Sobre a primeira vez em que a vi, e sobre como depois daquilo não consegui esquecê-la. Queria, mas não consegui. Forcei Hodge a deixar que fosse eu a ir encontrá-la e levá-la ao Instituto. E mesmo naquela época, naquela cafeteria estúpida, quando a vi sentada naquele sofá com Simon, mesmo então aquilo pareceu errado, eu é que deveria estar sentado com você. Que deveria tê-la feito rir daquele jeito. Não conseguia me livrar daquela sensação. Deveria ter sido eu. E quanto mais a conhecia, mais sentia; nunca tinha me acontecido isso antes. Sempre que eu queria uma garota, depois que conhecia, não queria mais; mas com você a sensação só se fortalecia, até a noite em que você apareceu em Renwick e eu soube.

"E depois descobrir que a razão pela qual me sentia daquele jeito, como se você fosse uma parte de mim que tinha perdido e nem sabia que sentia falta até vê-la novamente, que o motivo para isso era o fato de que você era minha irmã parecia alguma espécie de piada cósmica. Como se Deus estivesse cuspindo em mim. E não sei nem por quê, por pensar que poderia tê-la, que mereceria algo assim, ser tão feliz assim. Não conseguia pensar no que podia ter feito para receber um castigo desses...

— Se você está sendo castigado — disse Clary —, então também estou. Porque todas essas coisas que sentiu, eu também senti, mas não podemos... Temos que parar de nos sentir assim, é nossa única chance.

Jace estava com as mãos cerradas nas laterais.

— Nossa única chance de quê?

— De ficarmos juntos. Do contrário não poderemos nem ficar perto um do outro, nem mesmo na mesma sala, e não posso suportar isso. Prefiro ter você na minha vida, mesmo como irmão, do que não ter...

— E eu tenho que ficar parado enquanto você namora outros, se apaixona por outra pessoa, se casa...? — A voz dele endureceu. — E enquanto isso, eu morro um pouco mais a cada dia, assistindo.

— Não. Até lá, não se importará mais — disse ela, imaginando, mesmo ao dizer, se poderia

suportar a ideia de um Jace que não se importasse. Não tinha pensado tão longe quanto ele. E, quando tentou se imaginar vendo ele se apaixonar por outra pessoa, casar, não conseguia sequer pensar, não enxergava nada além de um túnel negro que se esticava à sua frente, eternamente. — Por favor. Se não dissermos nada... Se simplesmente fingirmos...

— Não dá para fingir — disse Jace, objetivo. — Eu amo você, e vou amar até morrer, e se houver vida depois disso, vou amar também.

Clary perdeu o fôlego. Ele as havia dito — as palavras das quais não se podia recuar. Lutou para encontrar uma resposta, mas não veio nenhuma.

— E sei que você acha que só quero ficar com você para... para mostrar a mim mesmo o monstro que sou — disse ele. — E talvez eu seja um monstro. Não sei a resposta para isso. Mas o que sei é que mesmo que haja sangue de demônio em mim, há sangue humano também. E eu não podia amá-la desse jeito se não fosse pelo menos um pouquinho humano. Porque demônios querem. Mas não amam. E eu...

Ele se levantou, com uma espécie de ímpeto violento, e atravessou o quarto até a janela. Parecia perdido, perdido como tinha estado no Grande Salão sobre o corpo de Max.

— Jace — disse Clary, alarmada, e quando ele não respondeu, ela se levantou cambaleando e foi até ele, colocando a mão em seu braço. Ele continuou olhando pela janela; os reflexos dos dois no vidro eram quase transparentes, contornos fantasmagóricos de um garoto alto e uma garota menor, a mão dela agarrando ansiosamente a manga dele. — Qual é o problema?

— Não deveria ter contado desse jeito — disse ele, sem olhar para ela. — Sinto muito. Provavelmente foi demais para absorver. Você pareceu tão... chocada. — A tensão na voz dele era como um fio esticado.

— E fiquei mesmo — disse. — Passei os últimos dias imaginando se você me odiava. E depois que o vi agora à noite, tive certeza de que sim.

— Odiar você? — ecoou, parecendo espantado. Esticou o braço e tocou o rosto dela, levemente, apenas as pontas dos dedos na pele de Clary. — Disse para você que não conseguia dormir. Amanhã à meia-noite estaremos em guerra, ou sob o domínio de Valentim. Esta pode ser a última noite das nossas vidas, certamente a última remotamente normal. E tudo em que conseguia pensar era que queria estar com você.

O coração de Clary parou.

— Jace...

— Não é disso que estou falando — disse ele. — Não vou tocá-la, se você não quiser. Sei que é errado, meu Deus, como é errado, mas só quero me deitar com você, e acordar com você, só uma vez, uma única vez na vida. — Havia desespero em sua voz. — É só esta noite. No quadro geral das coisas, o quanto uma noite pode importar?

Porque pense em como vamos nos sentir pela manhã. Pense no quanto vai ser pior, fingir que

não significamos nada um para o outro na frente de todas as outras pessoas depois de passarmos uma noite juntos, mesmo que a única coisa que façamos seja dormir. É como consumir só um pouquinho de uma droga — só faz com que se queira mais.

Mas foi por isso que contou a ela o que tinha contado, percebeu Clary. Porque não era verdade, não para ele; não havia nada que pudesse piorar, assim como não havia nada que pudesse melhorar. O que ele sentia era tão derradeiro quanto uma sentença de morte, e será que podia dizer que para ela era tão diferente? E mesmo que torcesse para que sim, mesmo que torcesse para que algum dia pudesse ser persuadida pelo tempo, pela razão ou pelo atrito gradual a não se sentir mais assim, não importava. Jamais havia desejado nada na vida tanto quanto queria esta noite com Jace.

— Feche as cortinas, então, antes de vir para a cama — disse ela. — Não consigo dormir com tanta luz no quarto.

O olhar que passou pelo rosto dele era de pura incredulidade. Não esperava realmente que ela dissesse sim, percebeu Clary, surpresa, para um instante mais tarde sentir o abraço dele quando enterrou o rosto em seus cabelos ainda bagunçados.

— Clary...

— Venha para a cama — disse ela suavemente. — Está tarde. — Então se afastou dele e voltou para a cama, deitando e puxando as cobertas até a cintura. De algum jeito, vendo-o assim, quase podia imaginar que as coisas eram diferentes, que muitos anos haviam se passado e que estavam juntos há tanto tempo que já tinham feito isso centenas de vezes, que todas as noites pertenciam a eles, não só esta. Apoiou o queixo nas mãos e o observou enquanto fechava as cortinas e depois abria o zíper da jaqueta branca e a pendurava no encosto de uma cadeira. Estava com uma camiseta cinza-clara por baixo, e as Marcas que se entrelaçavam sobre os braços nus brilhavam sombrias enquanto ele desafivelava o cinto de armas e o repousava no chão. Ele desamarrou as botas e as descalçou enquanto ia para a cama, se esticando cuidadosamente ao lado de Clary. Deitado sobre as costas, virou a cabeça para olhar para ela. Uma luz fraca entrava no quarto através das cortinas, o suficiente apenas para que ela visse o contorno do rosto de Jace e o brilho de seus olhos.

— Boa-noite, Clary — disse ele.

As mãos dele repousaram a cada um dos lados do próprio corpo. Mal parecia respirar; não sabia ao certo se ela própria estava respirando. Ela colocou as próprias mãos sobre o lençol, de modo que os dedos de ambos se tocaram — de forma tão singela que ela provavelmente mal teria percebido que estava tocando alguém se não fosse Jace; mas como era ele, as terminações nervosas das pontas de seus dedos pinicavam levemente, como se os estivesse repousando sobre uma chama. Sentiu-o ficando tenso ao seu lado e depois relaxando. Tinha fechado os olhos, e os cílios formavam sombras finas contra as curvas das maçãs do rosto. A boca se curvou em um

sorriso, como se sentisse que ela estava olhando, e ela imaginou como ele estaria de manhã, com o cabelo bagunçado e olheiras. Apesar de tudo, pensar nisso lhe causou uma pontada de felicidade.

Entrelaçou os dedos nos dele.

— Boa-noite — sussurrou. De mãos dadas como crianças em um conto de fadas, dormiu ao lado dele no escuro.

15

Desamparados

Os lobos agacharam-se, rosnando, e os vampiros, completamente espantados, recuaram. Só Raphael se manteve firme. Ele ainda apoiava o braço ferido, sua camiseta era uma mistura de sangue e sujeira.

— Los niños de la Luna — ele sibilou. Até Clary, cujo espanhol era praticamente nulo, sabia o que ele dissera. Os Filhos da Lua; lobisomens.

— Pensei que eles se odiassem — ela sussurrou para Jace. — Vampiros e lobisomens.

— Eles se odeiam. Eles nunca vão para a toca uns dos outros. Nunca. O Pacto proíbe. Ele parecia quase indignado. — Alguma coisa deve ter acontecido. Isso é ruim. Muito ruim.

— Como pode ser pior do que estava antes?

— Porque — ele disse — estamos prestes a entrar no meio de uma guerra.

— COMO OUSAM ENTRAR NO NOSSO TERRENO? — gritou Raphael. O rosto dele estava vermelho, irado, cheio de sangue sob a pele.

O maior dos lobos, um monstro cinza tigrado com dentes como os de um tubarão, deu uma risada como a de um cachorro. Ao ir para a frente, entre um passo e outro, ele pareceu mover-se e mudar como uma onda subindo e se curvando. Agora era um homem alto e muito musculoso com cabelos longos em um emaranhado grisalho. Vestia calças jeans, uma jaqueta de couro grossa, e ainda havia um quê de lobo na feição daquele rosto magro e úmido.

— Não viemos para guerrear — ele disse. — Viemos buscar a garota.

Raphael conseguiu uma expressão ao mesmo tempo confusa e furiosa.

— Quem?

— A garota humana. — O lobisomem esticou um braço rígido, apontando para Clary.

Ela estava chocada demais para se mover. Simon, que estivera se contorcendo nas mãos dela o tempo todo, ficou completamente parado. Atrás dela, Jace sussurrou alguma coisa que parecia particularmente feia.

— Você não me disse que conhecia lobisomens. — Ela podia sentir o espanto no tom seco dele; Jace estava tão surpreso quanto ela.

— Não conheço.

— Isso é ruim — disse Jace.

— Você já disse isso.

— Pareceu adequado repetir.

— Bem, não foi — Clary se encolheu para trás em direção a ele. — Jace. Estão todos olhando

para mim.

Todos os rostos estavam voltados para ela; a maioria parecia espantada. Os olhos de Raphael se estreitaram. Ele voltou-se mais uma vez para o lobisomem, lentamente.

— Você não pode ficar com ela — ele disse. — Ela invadiu nosso terreno; portanto, é nossa.

O lobisomem riu.

— Estou tão feliz por você ter dito isso — ele falou, e se lançou para a frente. No meio do ar, o corpo dele se transformou, e era um lobo novamente, com o pelo brilhante, as mandíbulas abertas, prontas para atacar. Ele atingiu Raphael no peito, e os dois se engalfinharam, rosnando um para o outro. Com uivos enfurecidos em resposta, os vampiros atacaram os lobisomens, que os encontraram no centro do salão.

O barulho era diferente de tudo que Clary já havia escutado. Se as pinturas de Bosch do inferno viessem com uma trilha sonora, seria algo como isso que ela estava ouvindo.

Jace assobiou.

— Raphael está tendo uma noite excepcionalmente ruim.

— E daí? — Clary não tinha qualquer compaixão pelo vampiro. — E o que nós vamos fazer?

Ele olhou à sua volta. Estavam presos a um canto pela massa de corpos; apesar de estarem sendo ignorados por ora, a situação não ficaria assim por muito tempo. Antes que Clary pudesse verbalizar esse pensamento, Simon de repente se contorceu violentamente e se livrou das mãos dela, pulando para o chão.

— Simon! — ela gritou, enquanto ele corria para o canto e para uma pilha de cortinas de veludo mofadas. — Simon, pare!

As sobrancelhas de Jace se ergueram de um jeito excêntrico.

— O que ele... — ele agarrou o braço de Clary, puxando-a de volta para trás. — Clary, não siga o rato. Ele está fugindo. É isso que os ratos fazem.

Ela lançou um olhar furioso em sua direção.

— Ele não é um rato. É o Simon. E ele mordeu o Raphael por você, seu cretino ingrato. — Ela livrou o braço das mãos dele e correu para trás de Simon, que estava agachado entre as dobras da cortina, batendo os dentes excitadamente e dando patadas nela. Percebendo tardiamente o que ele estava tentando dizer a ela, ela abriu as cortinas. Estavam imundas de tanto mofo, mas atrás delas havia...

— Uma porta — ela respirou fundo. — Seu ratinho genial.

Simon chiou modestamente enquanto ela o pegava de volta.

— Uma porta, hein? Bem, será que abre?

Ela pegou a maçaneta e olhou para ele, desanimada.

— Está trancada. Ou presa.

Jace se lançou contra a porta, que não se mexeu. Ele xingou.

— Meu ombro nunca mais será o mesmo. Espero que você cuide de mim até eu me recuperar.

— Apenas quebre a porta, será que dá?

Ele olhou para trás dela com os olhos arregalados.

— Clary...

Ela virou. Um lobo enorme se desvencilhara da briga e estava correndo na direção dela, as orelhas eretas na cabeça fina. Era enorme, cinza-escuro e tigrado, com uma grande língua vermelha. Clary gritou. Jace se lançou novamente contra a porta, ainda reclamando. Ela esticou a mão até o cinto, pegou a adaga e lançou-a.

Ela nunca havia arremessado uma arma antes, aliás, jamais sequer pensara em tocar em uma. O mais próximo que já tinha chegado de armas antes dessa semana fora em desenhos que ela mesma fizera. Então Clary ficou mais surpresa do que qualquer outra pessoa, ela suspeitou, quando a adaga voou, um pouco torta, porém precisa, e afundou na lateral do lobisomem.

Ele ganiu, desacelerando, mas três de seus companheiros já estavam correndo em direção a eles. Um parou ao lado do lobo ferido, mas os outros correram para a porta. Clary gritou outra vez enquanto Jace se lançava contra a porta pela terceira vez. Ela cedeu com um ruído explosivo de ferrugem moendo e madeira arrebentando.

— A terceira vez nunca falha — disse ele ofegante, segurando o próprio ombro. Ele mergulhou no espaço escuro, atravessando a porta quebrada, e virou para estender uma mão impaciente. — Clary, vamos logo.

Arfante, ela correu atrás dele e bateu a porta, exatamente quando dois corpos pesados a atingiram. Ela apalpou em busca da maçaneta, mas não estava mais lá, pois fora arrancada onde Jace havia arrombado.

— Abaixe-se — ele disse e, ao fazê-lo, a estela passou por cima da cabeça dela, esculpindo linhas escuras na madeira apodrecida da porta. Ela esticou o pescoço para ver o que ele havia entalhado: uma curva como uma foice, três linhas paralelas, uma estrela irradiante. Para resistir à perseguição.

— Perdi sua adaga — ela confessou. — Desculpe.

— Acontece. — Ele guardou a estela no bolso. Ela podia ouvir as batidas enfraquecidas repetidamente contra a porta, que resistia. — O símbolo vai contê-los, mas não por muito tempo. É melhor nos apressarmos.

Ela olhou para cima. Eles estavam em uma passagem fria e úmida; uma escadaria estreita que levava à escuridão. Os degraus eram de madeira, os corrimãos, cheios de poeira. Simon colocou o focinho para fora do bolso da jaqueta de Clary, seus olhos pretos brilhavam à luz enfraquecida.

— Muito bem. — Ela acenou com a cabeça para Jace. — Você primeiro.

Jace parecia querer sorrir, mas estava exaurido demais para isso.

— Você sabe que eu gosto de ir primeiro. Mas devagar — ele acrescentou. — Não sei se as escadas aguentam o nosso peso.

Clary também não sabia. Os degraus rangiam e roncavam à medida que eles subiam, como uma velha senhora reclamando de dores. Clary agarrou-se ao corrimão para se equilibrar, e um pedaço dele quebrou em sua mão, o que fez com que ela chiasse e arrancasse uma risada exaurida de Jace. Ele pegou a mão dela.

— Aqui. Firme.

Simon emitiu um ruído que, para um rato, parecia muito com um ronco. Jace não pareceu ouvir. Eles estavam cambaleando pela escada o mais rápido que ousavam. Ela se erguia em espiral através do prédio. Eles passaram pelos andares, um após o outro, mas não viram porta alguma. Chegaram à quarta curva inexpressiva quando ouviram uma explosão na escadaria e uma nuvem de poeira subiu.

— Eles conseguiram atravessar a porta — Jace disse irritado. — Droga, pensei que fosse segurar mais tempo.

— Devemos correr agora? — perguntou Clary.

— Agora — ele disse, e eles aceleraram pela escadaria, que rangia e gemia sob o peso deles, os pregos disparando como balas de revólver. Estavam no quinto andar agora e ela podia ouvir as leves batidas das patas dos lobos nas escadas inferiores, ou talvez o barulho fosse fruto da própria imaginação. Ela sabia que não havia realmente sopro quente em sua nuca, mas os rosnados e uivos, que se tornavam mais altos à medida que os lobos se aproximavam, eram reais e aterrorizantes.

O sexto andar surgiu à frente deles, que correram naquela direção. Clary estava engasgada, o ar passava doloroso por seus pulmões, mas ela conseguiu uma leve manifestação de alegria ao ver a porta. Era de metal pesado, cheia de pregos, as dobradiças estavam muito duras. Ela mal teve tempo de imaginar por que, quando Jace a abriu com um chute, empurrou-a para o outro lado, e seguindo atrás, bateu-a com força. Clary ouviu um nítido clique enquanto a porta se trancava atrás deles. Graças a Deus, ela pensou.

Em seguida, virou-se de costas.

O céu noturno girava sobre ela, pintado com estrelas como um punhado de diamantes soltos. Não era preto, mas claramente azul-escuro, da cor do alvorecer que se aproximava. Eles estavam sobre um telhado de ardósia com chaminés de tijolos. Uma velha caixa d'água, escurecida pela falta de cuidados, encontrava-se sobre uma plataforma em uma das pontas; uma lona pesada escondia uma pilha de lixo na outra extremidade.

— Deve ser assim que entram e saem — disse Jace, olhando para a porta. Clary agora podia vê-lo sob a fraca luz, as linhas de fadiga ao redor de seus olhos como cortes superficiais. O sangue na roupa nova, quase todo de Raphael, parecia preto. — Eles voam para cá. Não que isso nos

ajude muito.

— Pode ser que haja uma saída de incêndio — sugeriu Clary. Juntos, foram cautelosamente até a ponta do telhado. Clary nunca gostara muito de altura, e a queda de dez andares até a rua fez com que seu estômago revirasse. Assim como a visão da saída de incêndio, um pedaço de metal inutilizável pendurado na fachada de pedra do hotel. — Ou não — ela disse. Ela olhou de volta para a porta por onde haviam entrado. Ficava em uma espécie de estrutura de cabine no centro do telhado. Estava vibrando e a maçaneta sacudia com toda força. Só resistiria por mais alguns minutos, talvez menos.

Jace esfregou as costas das mãos nos olhos. O ar chumbado os estava deixando esgotados, e espetava a nuca de Clary. Ela podia ver o suor no colarinho dele. Ela desejou que chovesse. Uma chuva estouraria essa bolha de calor como uma bolha d'água desfeita.

Jace estava murmurando para si mesmo.

— Pense, Wayland, pense...

Alguma coisa começou a se formar no canto da mente de Clary. Um símbolo surgiu: dois triângulos para baixo, unidos por uma barra — um símbolo como um par de asas...

— É isso — suspirou Jace, relaxando os braços, e por um momento de espanto Clary imaginou se ele teria lido sua mente. Ele parecia febril, com os olhos dourados extremamente brilhantes. — Não acredito que não pensei nisso antes. — Ele foi para a ponta extrema do telhado, depois pausou e olhou de volta para ela. Ela ainda estava parada, espantada, com os pensamentos cheios de formas brilhantes. — Vamos, Clary.

Ela foi atrás dele, afastando da mente os pensamentos de símbolos. Ele chegou à lona e estava puxando a ponta, revelando o que não era lixo, mas sim metal cromado brilhante, couro e tinta.

— Motocicletas?

Jace foi até a mais próxima, uma Harley Davidson vermelho-escura enorme com chamas douradas pintadas no tanque e no para-lamas. Ele passou uma perna por cima da motocicleta e olhou para ela por cima do ombro.

— Suba.

Clary o encarou.

— Você está falando sério? Você nem sequer sabe dirigir esse negócio! Você tem as chaves?

— Não preciso de chaves — ele explicou com toda a paciência do mundo. — Ela opera com energia demoníaca. Agora, você vai subir ou quer pegar uma para você?

Entorpecida, Clary subiu na moto atrás dele. Em algum lugar, em alguma parte do cérebro, uma pequena voz gritava para ela dizendo que essa era uma péssima ideia.

— Ótimo — disse Jace. — Agora ponha os braços em volta de mim. — Ela obedeceu, sentindo os músculos duros do abdômen dele se contraírem enquanto se inclinava para a frente e acionava a ignição com a ponta da estela. Para o espanto de Clary, a moto ganhou vida. No bolso

dela, Simon chiava alto.

— Está tudo bem — ela disse, da maneira mais suave possível. — Jace! — ela gritou por cima do ronco do motor da moto. — O que você está fazendo?

Ele gritou de volta alguma coisa que parecia "acionando o engasgo!".

Clary piscou os olhos.

— Bem, depressa! A porta...

Com a deixa, a porta do telhado explodiu com uma batida, arrancada das dobradiças. Os lobos passaram pelo buraco, correndo pelo telhado em direção a eles. Por cima deles, voavam os vampiros, sibilando e gritando, preenchendo o ar noturno com uivos predatórios.

Ela sentiu o braço de Jace recuar e a motocicleta avançar, fazendo com que o estômago dela fosse lançado contra a espinha. Ela se agarrou com toda força ao cinto de Jace enquanto eles avançavam, com os pneus cantando pela ardósia, fugindo dos lobos, que iam ganindo e abrindo espaço. Ela ouviu Jace gritar algo, mas as palavras dele foram sufocadas pelo ruído das rodas, do vento e do motor. A ponta do telhado estava se aproximando rapidamente, bem rapidamente, e Clary queria fechar os olhos, mas algo os manteve abertos enquanto a motocicleta chegava ao parapeito e despencava como uma pedra para o chão, dez andares abaixo.

Se Clary havia gritado, não se lembrava de nada. Era como a primeira queda de uma montanha-russa, quando os trilhos descem e você se sente chocando-se contra o espaço, com as mãos balançando inutilmente pelo ar e o estômago subindo até a boca. Quando a moto se ajeitou com um arranhão e uma arrancada súbita, ela quase não se sentiu surpresa. Em vez de descerem, eles agora estavam indo em direção ao céu estrelado.

Clary olhou para trás e viu um aglomerado de vampiros no telhado do hotel, cercados por lobos. Ela desviou o olhar — se nunca mais visse aquele hotel na vida, não faria a menor falta.

Jace estava gritando, uivos sonoros de deleite e alívio. Clary se inclinou para a frente, com os braços firmes em torno dele.

— Minha mãe sempre me disse que, se eu andasse de moto com algum menino, ela me mataria — ela gritou por cima do barulho do vento passando pelos ouvidos dela e o ronco ensurdecedor do motor.

Ela não conseguia ouvi-lo rir, mas sentiu o corpo dele tremer.

— Ela não diria isso se me conhecesse — ele respondeu, confiante. — Sou um ótimo piloto.

Tardiamente, Clary se lembrou de uma coisa.

— Pensei que vocês tivessem dito que só algumas motocicletas de vampiros podiam voar!

Habilmente, Jace passou por um sinal no processo de passar de vermelho para verde. Lá embaixo, Clary podia ouvir os carros buzinando, as sirenes de ambulâncias agitadas e os ônibus parando nos pontos, mas ela não se incomodou em olhar.

— Só algumas podem!

— E como você sabia que essa podia?

— Não sabia! — ele gritou alegremente, e fez algo que levou a moto a se levantar quase verticalmente no ar. Clary gritou e agarrou o cinto dele outra vez.

— Você deveria olhar para baixo! — gritou Jace. — É incrível!

A curiosidade superou o medo e a vertigem. Engolindo em seco, Clary abriu os olhos.

Eles estavam mais altos do que ela imaginava, e por um instante a terra balançou embaixo dela, uma paisagem embaçada de sombra e luz. Eles estavam voando a leste, afastando-se do parque, em direção à autoestrada que se estendia pelo lado direito da cidade.

Havia certa dormência nas mãos de Clary, uma pressão forte no peito. Era adorável, isso ela podia perceber: a cidade se erguendo ao lado dela como uma floresta de prata e vidro, o brilho cinza e fosco do East River, cortando Manhattan e o subúrbio como uma cicatriz. O vento soprava fresco em seus cabelos, na pele, uma sensação maravilhosa após tantos dias de calor e viscosidade. Mesmo assim, ela nunca tinha voado, nem mesmo de avião, e o vasto espaço vazio entre eles e o chão a deixava apavorada. Ela não podia deixar de fechar os olhos enquanto voavam sobre o rio. Logo abaixo da Queensboro Bridge, Jace virou a moto na direção sul e foi para a ponta da ilha. O céu havia começado a clarear, e, a distância, Clary podia ver o arco brilhante da Brooklyn Bridge, e além dela, no horizonte, a Estátua da Liberdade.

— Você está bem? — perguntou Jace.

Clary não disse nada; apenas se agarrou com mais força nele. Ele endireitou a moto e logo eles estavam indo em direção à ponte, e Clary podia ver as estrelas através dos cabos de suspensão. Um trem matutino estava passando — da linha Q, transportando várias pessoas sonolentas. Ela pensou em quantas vezes já estivera naquele trem. Uma onda de vertigem se abateu sobre ela, e ela fechou os olhos com força, completamente enjoada.

— Clary? — chamou Jace. — Clary, você está bem?

Ela balançou a cabeça, com os olhos ainda fechados, sozinha no escuro e no vento, acompanhada apenas das batidas do coração. Algo afiado arranhou o peito dela. Ela ignorou novamente, até que veio mais uma vez, insistente. Mal abrindo um olho, ela viu que era Simon, com a cabeça saindo do bolso do casaco, mexendo com a pata de forma alarmante.

— Tudo bem, Simon — ela disse com esforço, sem olhar para baixo. — Foi só a ponte...

Ele arranhou outra vez, depois apontou para o horizonte da água do Brooklyn, subindo à esquerda deles. Tonta e enjoada, ela olhou e viu, além dos contornos dos depósitos e fábricas, que um nascer do sol dourado estava começando a se tornar visível, como o pedaço de uma moeda.

— Sim, é muito bonito — disse Clary, fechando os olhos novamente. — Belo nascer do sol.

Jace enrijeceu subitamente, como se tivesse levado um tiro.

— Nascer do sol? — ele gritou, depois virou a moto subitamente para a direita. Os olhos de

Clary se abriram enquanto eles iam em direção à água, que começara a brilhar azul com a aproximação do amanhecer.

Clary se inclinou para perto de Jace, o máximo que podia, sem esmagar Simon entre eles.

— O que há de tão ruim com o nascer do sol?

— Eu te disse! As motos funcionam com energia demoníaca! — ele retraiu de modo que ficaram no nível da água, passeando sobre a superfície com as rodas sobre as águas. A água do rio bateu no rosto de Clary. — Assim que o sol subir...

A moto começou a crepitar. Jace resmungou furiosamente, acelerando com tudo. A moto deu uma arrancada, depois pegou, impactando sob eles como um cavalo pulando. Jace ainda estava resmungando quando o sol começou a surgir sobre o velho cais do Brooklyn, iluminando o mundo com ampla claridade. Clary podia ver cada pedra abaixo deles, enquanto saíam de cima do rio e chegavam à margem estreita. Abaixo deles estava a estrada, já movimentada com o trânsito da manhã. Eles mal passaram por cima, as rodas quase raspando no teto de um caminhão. Mais além, encontrava-se um estacionamento sujo de um enorme supermercado.

— Segure firme! — Jace gritava, enquanto a moto sacudia e crepitava sob eles. — Segure firme, Clary, e não...

A moto empinou e atingiu o asfalto do estacionamento, com a roda da frente primeiro. Ela se lançou para a frente, cambaleando violentamente, e deslizou, colidindo contra o solo irregular, fazendo a cabeça de Clary sacudir para a frente e para trás com intensa força. O ar cheirava a borracha queimada, mas a moto estava desacelerando, parando — depois atingiu uma barra de estacionamento com tanta intensidade que ela foi lançada ao ar e arremessada de lado, sua mão soltando o cinto de Jace. Ela mal teve tempo de se contrair em uma bola protetora, mantendo os braços o mais firme possível e rezando para que Simon não fosse esmagado quando caíssem no chão.

Ela atingiu o solo com força, e o braço se encheu de dor. Algo a atingiu no rosto, e ela estava tossindo enquanto rolava para cima das costas. Ela pôs a mão no bolso. Estava vazio. Ela tentou dizer o nome de Simon, mas estava completamente sem ar. Ela arquejou enquanto tentava respirar. Estava com o rosto molhado e o colarinho ensopado.

Isso é sangue? Ela abriu os olhos dolorosamente. Seu rosto parecia um grande hematoma, os braços doíam e espetavam. Como carne crua. Ela rolou de lado, estava caída em uma poça de água suja. O amanhecer já havia chegado com tudo — ela podia ver os restos da motocicleta, transformando-se em um monte de cinzas irreconhecíveis ao ser atingida pelos raios de sol.

E lá estava Jace, levantando-se. Ele começou a se apressar em direção a ela, depois desacelerou ao se aproximar. A manga da camisa estava rasgada e havia uma longa linha ensanguentada no seu braço esquerdo. O rosto dele, sob os cachos dourados sujos de suor, sujeira e sangue, estava branco como uma folha de papel. Ela ficou imaginando por que ele estava daquele jeito. Será que

a perna dela havia sido mutilada e estava em algum lugar no estacionamento, mergulhada em uma poça de sangue?

Ela começou a tentar se levantar e sentiu uma mão no ombro.

— Clary?

— Simon!

Ele estava ajoelhado ao lado dela, piscando os olhos como se ele mesmo não conseguisse acreditar naquilo. Suas roupas estavam amarrotadas e sujas, e ele havia perdido os óculos em algum lugar, mas, fora isso, parecia intacto. Sem os óculos, ele parecia mais novo, indefeso e um pouco confuso. Ele esticou o braço para tocar o rosto dela, mas ela recuou.

— Ai!

— Você está bem? Parece ótima — ele disse, com certa hesitação no rosto. — A melhor coisa que vejo desde...

— É porque você está sem os óculos — ela disse fracamente, mas, se estava esperando uma resposta engraçadinha, não obteve uma. Em vez disso, ele jogou os braços sobre ela, abraçando-a com força. As roupas dele cheiravam a sangue, suor e sujeira, o coração dele estava acelerado, e ele estava pressionando os machucados dela, mas, mesmo assim, era um alívio ser abraçada por ele e saber, saber de fato, que ele estava bem.

— Clary — ele disse, rouco. — Eu pensei... pensei que você...

— Não fosse voltar para buscar você? Mas é claro que voltaria — ela disse. — É claro que eu voltei.

Ela o abraçou. Tudo nele era familiar, desde o tecido gasto da camiseta até o ângulo agudo abaixo de seu queixo. Ele pronunciou o nome dela, e ela acariciou as costas dele. Quando olhou para trás por um instante, viu Jace virando, como se o brilho do sol nascente machucasse seus olhos.

14

Destemor

Quando Clary acordou, a luz entrava pelas janelas, e ela sentiu uma dor aguda na bochecha esquerda. Ao rolar para ficar de barriga para cima, constatou que tinha dormido sobre o caderno de desenhos, e o canto dele estava enterrado na bochecha. Também tinha deixado cair a caneta na colcha e havia uma mancha preta se espalhando pelo tecido. Com um resmungo, ela se sentou, esfregou a bochecha pesarosamente e foi tomar banho.

No banheiro havia sinais claros das atividades da noite anterior: tecidos ensanguentados no lixo e um borrão de sangue seco na pia. Tremendo, Clary entrou no chuveiro com um vidro de sabonete líquido de toranja, determinada a se livrar do sentimento remanescente de desconforto.

Em seguida, enrolada em um dos roupões de Luke e com uma toalha enrolada no cabelo molhado, ela empurrou a porta do banheiro e viu Magnus espreitando do outro lado, segurando uma toalha em uma das mãos e apoiando o cabelo brilhoso na outra. Ele deve ter dormido com ela, pensou Clary, pois um lado das pontas brilhantes parecia amassado.

— Por que meninas demoram tanto no banho? — perguntou ele. — Meninas mortais, Caçadoras de Sombras, feiticeiras, vocês são todas iguais. Não estou rejuvenescendo enquanto espero aqui fora.

Clary saiu do caminho para deixá-lo passar.

— Quantos anos você tem aliás? — perguntou curiosa.

Magnus deu uma piscadela para ela.

— Eu estava vivo quando o mar Morto era só um lago que estava se sentindo mal.

Clary revirou os olhos.

Magnus fez um movimento para enxotá-la.

— Agora tire o seu pequeno traseiro daqui. Preciso entrar; o meu cabelo está uma tragédia.

— Não use todo o meu sabonete líquido, é caro — Clary disse a ele e foi para a cozinha, onde procurou filtros e ligou a cafeteira Mr. Coffee. O som borbulhante familiar do coador e o cheiro do café afastaram a sensação de desconforto. Enquanto ainda houvesse café no mundo, quão ruim as coisas poderiam ser?

Ela voltou para o quarto para se vestir. Dez minutos depois, com calças jeans e um suéter listrado de verde e azul, ela estava na sala acordando Luke. Ele se sentou com um resmungo, os cabelos desgrenhados e o rosto marcado pelo sono.

— Como você está se sentindo? — perguntou Clary, entregando uma caneca lascada cheia de café.

— Melhor agora. — Luke olhou para o tecido rasgado da camisa; as pontas estavam

manchadas de sangue. — Cadê a Maia?

— Ela está dormindo no seu quarto, lembra? Você disse que ela podia ficar lá. — Clary se ajeitou no braço do sofá.

Luke esfregou os olhos.

— Não me lembro muito bem de ontem à noite — admitiu. — Lembro de ter saltado da picape, mas de quase nada depois disso.

— Havia mais demônios escondidos lá fora. Eles atacaram você. Eu e o Jace cuidamos deles.

— Mais demônios Drevak?

— Não. — disse Clary com relutância. — Jace disse que eram demônios Raum.

— Demônios Raum? — Luke se ajeitou. — Isso é sério. Demônios Drevak são bestas perigosas, mas os Raum...

— Tudo bem — disse Clary. — Nós nos livramos deles.

— Você se livrou dele? Ou foi Jace? Clary, não quero você...

— Não foi assim. — Ela balançou a cabeça. — Foi...

— Magnus não estava por aqui? Por que ele não foi com vocês? — interrompeu Luke, claramente contrariado.

— Eu estava curando Maia, por isso — disse Magnus, entrando na sala com um cheiro forte de toranja. O cabelo estava enrolado em uma toalha, e ele usava uma roupa esportiva azul com listras prateadas na lateral. — Onde está a gratidão?

— Estou grato. — Luke parecia estar ao mesmo tempo irritado e tentando não rir. — É que se alguma coisa tivesse acontecido à Clary...

— Maia teria morrido se eu tivesse ido com eles — disse Magnus, sentando-se em uma cadeira. — Clary e Jace cuidaram muito bem dos demônios sozinhos, não cuidaram? — Ele se voltou para Clary.

Ela estremeceu.

— Então, exatamente isso...

— Exatamente o quê? — Era Maia, ainda com as roupas da noite anterior, mas usando uma das blusas de flanela de Luke por cima da camiseta. Ela se moveu rigidamente pela sala, e sentou-se com cuidado em uma cadeira. — Esse cheiro é de café? — perguntou esperançosa, enrugando o nariz.

Honestamente, Clary pensou, não era justo que uma licantrope fosse tão curvilínea e bonita; deveria ser grande e peluda, possivelmente com cabelo saindo das orelhas. E essa, Clary acrescentou silenciosamente, é exatamente a razão pela qual não tenho nenhuma amiga mulher e passo todo o meu tempo livre com Simon. Preciso tomar jeito. Ela se levantou.

— Quer que eu traga um pouco para você?

— Claro. — Maia fez que sim com a cabeça. — Com leite e açúcar! — gritou enquanto Clary

saía da sala; mas quando ela voltou da cozinha com a caneca quente na mão, a menina licantrope estava franzindo o cenho. — Não me lembro muito do que aconteceu ontem à noite — disse ela —, mas tem alguma coisa sobre Simon, alguma coisa que está me incomodando...

— Bem, você tentou matá-lo — disse Clary, se ajeitando novamente no braço do sofá. — Talvez seja isso.

Maia empalideceu, olhando para o café.

— Eu tinha me esquecido. Ele é um vampiro agora. — Ela olhou para Clary. — Não queria machucá-lo. Eu só...

— Sim? — Clary ergueu as sobrancelhas. — Só o quê?

O rosto de Maia ficou vermelho-escuro lentamente. Ela pousou o café na mesa ao lado.

— Talvez seja melhor se deitar — aconselhou Magnus. — Acho que ajuda quando a sensação devastadora de compreensão bate.

Os olhos de Maia se encheram de lágrimas de repente. Clary olhou horrorizada para Magnus — ele parecia igualmente chocado, ela percebeu — e depois para Luke.

— Faça alguma coisa — sibilou baixinho para ele. Magnus podia ser um feiticeiro capaz de curar ferimentos com um fogo azul brilhante, mas Luke era a escolha certa entre os dois para lidar com meninas adolescentes chorando.

Ele começou a tirar o cobertor, em preparação para se levantar, mas antes que pudesse ficar de pé, a porta da frente se abriu e Jace entrou, seguido por Alec, que trazia uma caixa branca. Magnus tirou a toalha apressadamente da cabeça, deixando-a cair atrás da poltrona. Sem o gel e a purpurina, os cabelos eram escuros e lisos, quase nos ombros.

Os olhos de Clary imediatamente encontraram os de Jace, como sempre faziam; ela não podia evitar, mas pelo menos ninguém mais pareceu notar. Jace parecia nervoso, ligado e tenso, mas também exausto, com os olhos cinzentos ocos. Deslizou-os por ela sem expressão e fixou-os em Maia, que continuava chorando silenciosamente e não parecia tê-lo ouvido entrar,

— Todos de bom humor, percebo — observou ele. — Mantendo o ânimo?

Maia esfregou os olhos.

— Droga — murmurou. — Detesto chorar na frente de Caçadores de Sombras.

— Então vá chorar em outro lugar — disse Jace, a voz completamente desprovida de calor. — Nós certamente não precisamos de você choramingando aqui enquanto conversamos, precisamos?

— Jace — começou Luke em tom de aviso, mas Maia já tinha levantado e saído pela porta da cozinha.

Clary virou-se para Jace.

— Conversamos? Não estávamos conversando.

— Mas estaremos — disse Jace, sentando-se no banco do piano e esticando as pernas. —

Magnus quer gritar comigo, não quer, Magnus?

— Quero — disse ele, tirando os olhos de Alec por tempo suficiente para franzir o cenho. — Aonde você foi? Pensei que tivesse sido bem claro quanto a você dever ficar dentro de casa.

— Pensei que ele não tivesse escolha — disse Clary. — Pensei que ele tivesse que ficar onde você estivesse. Sabe, por mágica.

— Normalmente sim — disse Magnus —, mas ontem à noite, depois de tudo que fiz, minha mágica... se esgotou.

— Esgotou?

— É. — Magnus parecia mais furioso do que nunca. — Nem o Magnífico Feiticeiro do Brooklyn tem recursos inesgotáveis. Sou humano. Bem — corrigiu-se —, semi-humano, pelo menos.

— Mas você deveria saber que os recursos tinham se esgotado, não? — disse Luke, de forma não muito gentil.

— Sim, e eu fiz esse desgraçado jurar que ia ficar dentro de casa. — Magnus olhou para Jace. — Agora sei quanto valem seus estimados juramentos de Caçador de Sombras.

— Você precisa aprender a me fazer jurar do jeito certo — disse Jace, imperturbável. — Só um juramento pelo Anjo tem significado.

— É verdade — disse Alec. Foi a primeira coisa que disse desde que entrara na casa.

— Claro que é verdade. — Jace pegou a caneca de café intocada de Maia e tomou um gole. Fez uma careta. — Açúcar.

— Onde foi que você esteve durante toda a noite? — perguntou Magnus, com a voz azeda. — Com Alec?

— Não consegui dormir, então fui dar uma caminhada — disse ele. — Quando voltei, encontrei com esse bobo triste na varanda. — E apontou para Alec.

Magnus se alegrou.

— Você ficou na varanda durante a noite inteira? — ele perguntou a Alec.

— Não — respondeu Alec. — Fui para casa e voltei. Estou com roupas diferentes, não estou? Veja.

Todos olharam. Alec vestia uma jaqueta jeans escura, exatamente a que estava usando no dia anterior. Clary decidiu lhe conceder o benefício da dúvida.

— O que tem na caixa? — perguntou.

— Ah. É... — Alec olhou para a caixa como se tivesse se esquecido dela. — Donuts, na verdade — Abriu a caixa e colocou em cima da mesa de centro. — Alguém quer?

Todos, como ficou claro, queriam um donut. Jace quis dois. Depois de comer a torta que Clary tinha trazido, Luke parecia moderadamente revitalizado; terminou de tirar o cobertor e se sentou, as costas encostadas no sofá.

— Tem uma coisa que não estou entendendo — disse.

— Só uma coisa? Então você está muito adiantado com relação a todos nós — disse Jace.

— Vocês dois foram atrás de mim quando não voltei para casa — disse Luke, olhando de Clary para Jace.

— Nós três — disse Clary. — Simon foi junto.

Luke parecia dolorido.

— Tudo bem. Vocês três. Eram dois demônios, mas a Clary disse que vocês não mataram nenhum. Então o que aconteceu?

— Eu teria matado o meu, mas ele fugiu — disse Jace. — Caso contrário...

— Mas por que ele faria isso? — perguntou Alec. — Dois deles, três de vocês... Talvez tenham se sentido em desvantagem?

— Sem ofensa a nenhum dos envolvidos, mas o único de vocês que parece formidável é Jace — disse Magnus. — Uma Caçadora de Sombras sem treinamento e um vampiro assustado...

— Acho que talvez tenha sido eu — disse Clary. — Acho que talvez eu o tenha assustado.

Magnus piscou os olhos.

— Não acabei de dizer...

— Eu não quis dizer que o assustei porque sou aterrorizante — explicou Clary. — Acho que foi isso. — Ela levantou a mão, virando-a para que pudessem ver a Marca no braço.

Fez-se um silêncio repentino. Jace olhou com firmeza para ela, em seguida desviou o olhar; Alec piscou, e Luke parecia espantado.

— Nunca vi essa Marca antes — disse afinal. — Alguém já viu?

— Não — disse Magnus. — Mas não gostei.

— Não sei ao certo o que é, nem o que significa — disse Clary, abaixando o braço. — Mas não é do Livro Gray.

— Todos os símbolos vêm do Livro Gray. — A voz de Jace era firme.

— Esse aqui, não — disse Clary. — Eu o vi em um sonho.

— Em um sonho? — Jace parecia tão ofendido que era como se ela o tivesse insultado. — Com o que você anda brincando, Clary?

— Não ando brincando com nada. Você não se lembra de quando estávamos na corte Seelie...

A expressão de Jace era de como se ela tivesse batido nele. Clary prosseguiu rapidamente, antes que ele pudesse dizer alguma coisa.

— ... e a rainha Seelie nos disse que nós éramos experimentos? Que o Valentim tinha feito... tinha feito coisas conosco, para nos tornar diferentes, especiais? Ela me disse que o meu dom era algo relacionado a palavras que não podiam ser ditas e que o seu era o próprio dom do Anjo.

— Aquilo foi baboseira de fada.

— Fadas não mentem, Jace. Palavras que não podem ser ditas, ela está falando de símbolos.

Cada um tem um significado, mas são feitos para serem desenhados, não ditos em voz alta — Clary continuou, ignorando o olhar duvidoso dele. — Lembra quando me perguntou como eu tinha entrado na sua cela na Cidade do Silêncio? Eu disse que só tinha usado um símbolo de Abertura normal...

— Você fez só isso? — Alec parecia surpreso. — Eu cheguei lá logo depois de você e parecia que alguém tinha arrancado aquela porta das dobradiças.

— O meu símbolo não destrancou só a porta — completou Clary. — Destrancou tudo dentro da sala. Abriu as algemas do Jace. — Ela respirou. — Acho que a rainha quis dizer que eu posso desenhar símbolos mais poderosos do que os normais. Talvez até criar novos.

Jace balançou a cabeça.

— Ninguém pode criar símbolos novos...

— Talvez ela possa, Jace. — Alec parecia pensativo. — É verdade, nenhum de nós nunca viu essa Marca no braço dela antes.

— Alec tem razão — disse Luke. — Clary, por que você não pega o seu caderno de desenhos?

Clary olhou para ele surpresa. Os olhos azul-cinzentos pareciam cansados, um pouco fundos, mas tinham a mesma firmeza de quando ela tinha 6 anos de idade e ele prometeu que, se ela escalasse o trepa-trepa no playground do Prospect Park, ficaria embaixo o tempo todo para pegá-la caso caísse. E sempre esteve.

— Tudo bem — disse. — Já volto.

Para chegar ao quarto de hóspedes, Clary teve que atravessar a cozinha, onde encontrou Maia em um banco perto da bancada, completamente abatida.

— Clary — disse ela, descendo do banco. — Posso falar com você um segundo?

— Só estou indo para o meu quarto pegar uma coisa...

— Olha só, sinto muito pelo que aconteceu com Simon. Eu estava delirando.

— Ah, é? E o que aconteceu com aquela conversa de lobisomens estarem destinados a odiar vampiros?

Maia respirou exasperada.

— Nós somos, mas... acho que não preciso acelerar o processo.

— Não explique para mim; explique para Simon.

Maia enrubesceu novamente, as bochechas ficaram vermelho-escuras.

— Duvido que ele queira falar comigo.

— Pode ser que queira. Ele é bom em perdoar.

Maia olhou para ela com mais atenção.

— Não que eu queira me intrometer, mas vocês dois estão juntos?

Clary se sentiu enrubescer e agradeceu às sardas por oferecerem pelo menos um disfarce.

— Por que você quer saber?

Maia deu de ombros.

— Na primeira vez que o vi, ele se referiu a você como melhor amiga dele, mas, na segunda vez, chamou você de namorada. Fiquei imaginando se seria uma daquelas relações em que se termina e reata o tempo todo.

— Mais ou menos. Éramos amigos antes. É uma longa história.

— Entendo. — O rubor de Maia desapareceu e o sorriso de menina durona voltou ao rosto. — Bem, você tem sorte, só isso. Mesmo que ele seja um vampiro agora. Você deve estar acostumada a todos os tipos de coisas estranhas, sendo Caçadora de Sombras, então aposto que isso não te abala.

— Abala, sim — disse Clary, mais grossa do que pretendia. — Não sou Jace.

O sorriso dela se ampliou.

— Ninguém é. E tenho a sensação de que ele sabe disso.

— O que você quer dizer com isso?

— Ah, você sabe. Jace me lembra um antigo namorado. Alguns caras olham para você como se quisessem sexo. Jace olha como se vocês já tivessem feito sexo, tivesse sido ótimo e agora vocês são só amigos, mesmo que você queira mais. Enlouquece as meninas. Entende?

Entendo, pensou Clary.

— Não — disse ela.

— Acho que não, sendo irmã dele. Vai ter que acreditar em mim.

— Tenho que ir. — Já estava quase fora da cozinha quando alguma coisa ocorreu a ela. Clary se virou. — O que aconteceu com ele?

Maia piscou os olhos.

— O que aconteceu com quem?

— Com o antigo namorado. O que Jace faz você lembrar.

— Ah — disse Maia. — Foi ele quem me transformou em licantrope.

— Tudo bem, está aqui — disse Clary, voltando para a sala com o caderno de desenhos na mão e uma caixa de lápis de cor na outra. Ela puxou uma cadeira da sala de jantar que quase nunca era utilizada, Luke sempre comia na cozinha ou no escritório, e a mesa vivia cheia de papéis e velhas contas, e se sentou, com o caderno à sua frente. Sentiu-se como se estivesse fazendo uma prova na escola de arte. Desenhe esta maçã. — O que você quer que eu faça?

— O que você acha? — Jace ainda estava no banco do piano, com os ombros arqueados para a frente; estava com cara de que não tinha dormido durante a noite. Alec estava apoiado no piano atrás dele, provavelmente porque era o mais longe possível de Magnus.

— Jace, já chega. — Luke estava sentado ereto, mas parecia estar se esforçando para isso. — Você não disse que podia desenhar novos símbolos, Clary?

— Disse que achava que sim.

— Bem, gostaria que você tentasse.

— Agora?

Luke deu um sorriso de leve.

— A não ser que você tenha outra coisa em mente.

Clary abriu o caderno em uma página branca e olhou para ela. Uma folha de papel nunca tinha parecido tão vazia. Podia sentir a quietude na sala, todos olhando para ela: Magnus com uma curiosidade antiga e sólida; Alec preocupado demais com os próprios problemas para se importar muito com os dela; Luke esperançoso; e Jace com uma falta de expressão fria e assustadora. Clary se lembrou dele dizendo que gostaria de conseguir odiá-la e imaginou se algum dia conseguiria.

Largou o lápis.

— Não consigo fazer quando me mandam. Não sem ter uma ideia.

— Que tipo de ideia? — disse Luke.

— Quero dizer, nem sei quais são os símbolos que já existem. Preciso de um significado, uma palavra, antes de desenhar um símbolo que o represente.

— É difícil o bastante para nós lembrar todos os símbolos... — Alec começou, mas Jace, para surpresa de Clary, o interrompeu.

— Que tal destemor?

— Destemor? — ecoou ela.

— Existem símbolos de coragem — disse Jace —, mas nada para tirar o medo. Se, como diz, você pode criar novos... — Ele olhou em volta e viu as expressões surpresas de Alec e Luke. — Eu só me lembrei que não existe nenhum, só isso. E me parece inofensivo o bastante.

Clary olhou para Luke, que deu de ombros.

— Tudo bem — disse ele.

Ela pegou um lápis cinza-escuro da caixa e colocou a ponta no papel. Pensou em formas, linhas, rabiscos; pensou nos sinais do Livro Gray, antigos e perfeitos, encarnações de uma língua perfeita demais para ser posta em palavras. Uma voz suave falou em sua mente: Quem é você para pensar que pode falar a língua do paraíso?

O lápis se moveu. Ela tinha quase certeza que não o tinha movido, mas ele atravessou o papel, descrevendo uma linha solitária. Ela sentiu o coração pular. Pensou na mãe, sentada sonhadora diante das telas, criando sua própria visão de mundo em desenhos e tinta a óleo. Ela pensou: Quem sou eu? Sou a filha de Jocelyn Fray. O lápis se moveu outra vez, e dessa vez ela prendeu a respiração; percebeu que estava sussurrando a palavra baixinho.

— Destemor, destemor. — O lápis subiu novamente, e agora ela o guiava em vez de ser guiada por ele. Quando terminou, largou o lápis e encarou por um instante, admirada, o

resultado.

O símbolo do Destemor era uma matriz de linhas fortemente curvas: um símbolo tão corajoso e aerodinâmico quanto uma águia. Ela arrancou a página e levantou-a para que os outros pudessem ver.

— Pronto — disse, e foi recompensada pelo olhar admirado no rosto de Luke (então ele não tinha acreditado nela) e pela pequena fração de segundo durante a qual os olhos de Jace se arregalaram.

— Legal — disse Alec.

Jace se levantou e atravessou a sala, tirando a folha de papel da mão dela.

— Mas funciona?

Clary imaginou se ele estava falando sério ou se só estava provocando.

— Como assim?

— Quero dizer: como sabemos que funciona? Agora é só um desenho, você não pode tirar o medo de uma folha de papel, porque para começar ela nem sequer sente algum. Temos que experimentar em algum de nós antes de ter certeza de que é um símbolo de verdade.

— Não tenho certeza se é uma boa ideia — disse Luke.

— É uma ótima ideia. — Jace colocou o papel de volta na mesa e começou a tirar o casaco. — Tenho uma estela que podemos usar. Quem quer fazer em mim?

— Péssima escolha de palavras — murmurou Magnus.

Luke se levantou.

— Não — disse ele. — Jace, você já se comporta como se nunca tivesse ouvido falar da palavra "medo". Não sei como vamos ver a diferença se funcionar em você.

Alec sufocou o que parecia uma risada. Jace simplesmente sorriu um sorriso nada amistoso.

— Já ouvi a palavra "medo" — disse ele. — Simplesmente escolho acreditar que não se aplique a mim.

— É exatamente esse o problema — disse Luke.

— Bem, então por que não tento em você? — disse Clary, mas Luke balançou a cabeça.

— Não se pode Marcar membros do Submundo, Clary, pelo menos não com algum efeito. A doença demoníaca que causa a licantropia evita que as Marcas funcionem.

— Então...

— Tente em mim — disse Alec inesperadamente. — Eu bem que preciso de um pouco de destemor. — Ele tirou o casaco, jogou-o sobre o banco do piano e atravessou a sala para ficar na frente de Jace. — Aqui. Pode marcar o meu braço.

Jace olhou para Clary.

— A não ser que você ache que deva fazer...

Ela balançou a cabeça.

— Não. Você provavelmente é melhor em aplicar Marcas do que eu.

Jace deu de ombros.

— Levante a manga, Alec.

Obediente, Alec levantou a manga. Já havia uma Marca permanente na parte superior do braço, um rolo elegante de linhas para lhe dar perfeito equilíbrio. Todos eles se inclinaram para a frente, até Magnus, enquanto Jace traçava os contornos do símbolo do Destemor no braço de Alec, logo abaixo da Marca já existente. Alec franziu o rosto enquanto a estela traçava o caminho flamejante na pele dele. Quando Jace terminou, colocou a estela de volta no bolso e parou um instante, admirando seu trabalho manual.

— Bem, parece bonita ao menos — anunciou. — Se funciona ou não...

Alec tocou a Marca nova com as pontas dos dedos, em seguida levantou os olhos para perceber que todos na sala estavam olhando para ele.

— Então? — disse Clary.

— Então o quê? — Alec abaixou a manga, cobrindo a Marca.

— Então, como se sente? Alguma diferença?

Alec pareceu considerar.

— Na verdade, não.

Jace jogou as mãos para o alto.

— Então não funciona.

— Não necessariamente — disse Luke. — Pode ser que simplesmente não esteja acontecendo nada para ativá-la. Talvez aqui não haja nada de que o Alec tenha medo.

Magnus olhou para Alec e ergueu as sobrancelhas.

— Búúú — disse ele.

Jace estava sorrindo.

— Vamos, certamente você tem algum medo. O que o assusta?

Alec pensou por um instante.

— Aranhas — respondeu.

Clary olhou para Luke.

— Você tem alguma aranha em algum lugar?

Luke pareceu exasperado.

— Por que eu teria uma aranha? Pareço alguém que coleciona aranhas?

— Sem querer ofender — disse Jace —, mas parece.

— Sabe — o tom de Alec era amargo —, talvez esse tenha sido um experimento idiota.

— Que tal o escuro? — sugeriu Clary. — Poderíamos trancá-lo no porão.

— Sou um caçador de demônios — disse Alec, com uma paciência exagerada. — É claro que não tenho medo do escuro.

— Bem, poderia ter.

— Mas não tenho.

Clary foi poupada de ter que responder pelo soar da campainha. Ela olhou para Luke, erguendo as sobrancelhas.

— Simon?

— Não pode ser. É dia.

— Ah, é verdade. — Ela havia se esquecido outra vez. — Você quer que eu atenda?

— Não. — Ele se levantou com apenas um rápido resmungo de dor. — Estou bem. Provavelmente é alguém querendo saber por que a livraria está fechada.

Ele atravessou a sala e abriu a porta. Ficou com o ombro rígido de surpresa; Clary ouviu o som de uma voz feminina completamente furiosa e familiar, e um segundo depois, Isabelle e Maryse Lightwood passaram por Luke e entraram na sala, seguidas pela figura cinza e ameaçadora da Inquisidora. Atrás delas um homem alto e corpulento, de cabelo escuro, pele bronzeada e uma barba preta grossa. Apesar de ter sido tirada muitos anos antes, Clary o reconheceu da velha foto que Hodge havia mostrado: era Robert Lightwood, pai de Alec e Isabelle.

A cabeça de Magnus se ergueu com um estalo. Jace ficou claramente pálido, mas não demonstrou qualquer outra emoção. E Alec — Alec olhou da irmã para a mãe, para o pai e depois para Magnus, os olhos azul-claros escureceram com uma resolução sombria. Ele deu um passo para a frente, colocando-se entre os pais e todos os outros na sala.

Ao ver o filho mais velho no meio da sala de Luke, Maryse teve uma reação atrasada.

— Alec, mas que diabos você está fazendo aqui? Achei que tivesse deixado bem claro que...

— Mãe. — A voz de Alec ao interromper a mãe foi firme, implacável, mas não rude. — Pai. Tem uma coisa que preciso contar para vocês. — Ele sorriu para eles. — Estou saindo com uma pessoa.

Robert Lightwood olhou para o filho com alguma irritação.

— Alec — disse ele. — Não é hora para isso.

— É sim. É importante. Entendam, não é uma pessoa qualquer. — As palavras pareciam jorrar da boca de Alec em uma torrente, enquanto os pais o olhavam confusos. Isabelle e Magnus olhavam para ele com expressões quase idênticas de espanto. — Estou saindo com alguém do Submundo. Aliás, estou saindo com...

Os dedos de Magnus se moveram, rápidos como um flash de luz, na direção de Alec. Fez-se um brilho fraco no ar ao redor de Alec, os olhos dele rolaram para cima e ele caiu no chão, abatido como uma árvore.

— Alec! — Maryse levou a mão à boca. Isabelle, que era quem estava mais próxima do irmão, se abaixou ao lado dele, mas Alec já tinha começado a se mexer, as pálpebras se abrindo.

— O que... Por que eu estou no chão?

— É uma boa pergunta. — Isabelle encarou o irmão. — O que foi aquilo?

— O que foi o quê? — Alec se sentou, levantando a cabeça. Uma expressão de alarme cruzou seu rosto. — Espere... eu falei alguma coisa? Antes de desmaiar, quero dizer?

Jace riu.

— Sabe como estávamos nos perguntando se aquela coisa que a Clary fez funcionava ou não? — ele perguntou. — Funciona muito bem.

Alec parecia completamente horrorizado.

— O que foi que eu disse?

— Você disse que estava saindo com alguém — disse o pai. — Mas não deixou claro por que isso era tão importante.

— Não é — disse Alec. — Quer dizer, não estou saindo com ninguém. E não é importante. Ou não seria se eu estivesse saindo com alguém, coisa que não estou fazendo.

Magnus olhou para Alec como se ele fosse um idiota.

— Alec anda delirando — disse ele. — Efeito colateral de algumas toxinas demoníacas. Uma infelicidade, mas logo ele vai ficar bem.

— Toxinas demoníacas? — A voz de Maryse se tornara um ganido. — Ninguém falou de nenhum ataque demoníaco ao Instituto. O que está acontecendo aqui, Lucian? Essa é a sua casa, não é? Você sabe muito bem que se houve um ataque demoníaco você deve relatar...

— Luke foi atacado também — disse Clary. — Ele estava inconsciente.

— Que conveniente. Todos estão inconscientes, ou aparentemente delirando — disse a Inquisidora. Sua voz cortou a sala como uma faca, calando a todos. — Membro do Submundo, você sabe muito bem que Jonathan Morgenstern não deveria estar na sua casa. Ele deveria estar sob os cuidados do feiticeiro.

— Eu tenho nome, sabia? — disse Magnus. — Não que isso importe — acrescentou, aparentemente pensando duas vezes sobre interromper a Inquisidora. — Aliás, pode esquecer.

— Eu sei o seu nome, Magnus Bane — retrucou a Inquisidora. — Você falhou na sua função uma vez; não terá outra chance.

— Falhei na minha função? — Magnus franziu o cenho. — Só por ter trazido o menino aqui? Não havia nada no contrato que assinei que dizia que eu não podia levá-lo comigo de acordo com meu próprio julgamento.

— Não foi essa a sua falha — disse a Inquisidora. — Deixá-lo ver o pai ontem à noite foi a sua falha.

Fez-se um silêncio de espanto. Alec se levantou cambaleando, procurando Jace com os olhos, mas Jace não olhou para ele; seu rosto era uma máscara.

— Isso é ridículo — disse Luke. Clary raramente o vira tão furioso. — Jace nem sabe onde

Valentim está. Pare de persegui-lo.

— Perseguir é o meu trabalho, homem do Submundo — retrucou a Inquisidora. — É o meu dever. — Ela se voltou para Jace. — Conte-me a verdade agora, menino, e tudo será muito mais fácil.

Jace levantou o queixo.

— Não tenho que contar nada.

— Se você é inocente, por que não se explicar? Conte-nos onde realmente esteve ontem à noite. Conte-nos sobre o barquinho do prazer do Valentim.

Clary olhou para ele. Fui dar uma caminhada, fora o que ele dissera. Mas isso não queria dizer nada. Talvez ele realmente tivesse ido dar uma caminhada. Contudo, no coração, no estômago, ela se sentia enjoada. Sabe qual é a pior coisa que posso imaginar? Simon dissera. Não confiar em alguém que amo.

Quando Jace não falou, Robert Lightwood se pronunciou com sua voz grave como um baixo.

— Imogen? Você está dizendo que Valentim está... estava...

— Em um barco no meio do East River — disse a Inquisidora. — Isso mesmo.

— Por isso não consegui encontrá-lo — disse Magnus, meio para si mesmo. — Toda aquela água... atrapalhou o meu feitiço.

— O que Valentim está fazendo no meio do rio? — perguntou Luke, espantado.

— Pergunte ao Jonathan — disse a Inquisidora. — Ele pegou uma moto emprestada com o líder do clã de vampiros da cidade e voou até o barco. Não foi, Jonathan?

Jace não disse nada. Era impossível decifrar a expressão dele. A Inquisidora, no entanto, parecia faminta, como se tivesse se alimentando com o suspense na sala.

— Coloque a mão no bolso do seu casaco — disse ela. — Retire o objeto que vem carregando consigo desde que deixou o Instituto.

Lentamente, Jace fez o que ela mandou. Ao retirar a mão do bolso, Clary reconheceu o objeto azul cinzento brilhante que ele segurava. O pedaço do espelho Portal.

— Entregue-o para mim. — A Inquisidora arrancou o objeto da mão dele, que franziu o cenho; a ponta do vidro o cortou, e o sangue se espalhou pela palma. Maryse emitiu um ruído suave, mas não se moveu. — Eu sabia que você ia voltar ao Instituto para buscar isso — disse a Inquisidora, com clara satisfação. — Sabia que o seu sentimentalismo não permitiria que o deixasse para trás.

— O que é isso? — Robert Lightwood parecia espantado.

— Um pedaço de um Portal em forma de espelho — disse a Inquisidora. — Quando o Portal foi destruído, a imagem do último destino foi preservada. — Ela virou o pedaço de vidro nos dedos longos e araneiformes. — Nesse caso, a casa de campo Wayland.

Os olhos de Jace seguiram o movimento do espelho. No pedaço que Clary podia ver, parecia

haver um fragmento de céu azul-escuro. Ela imaginou se estava chovendo em Idris.

Com um movimento violento e repentino, incompatível com seu tom calmo, a Inquisidora jogou o pedaço de espelho no chão. O espelho se espatifou instantaneamente em fragmentos minúsculos. Clary ouviu Jace prender a respiração, mas ele não se moveu.

A Inquisidora colocou um par de luvas cinza e se ajoelhou entre os pedaços de espelho, remexendo-os com os dedos, até encontrar o que estava procurando — uma pequena folha de papel fino. Ela se levantou, erguendo-a para que todos na sala pudessem ver o símbolo grosso desenhado em tinta preta.

— Marquei esse papel com um símbolo de rastreamento e o escondi entre o vidro e a parte de trás do espelho. Em seguida recoloquei-o no quarto do menino. Não se sinta mal por não ter percebido — disse ela a Jace. — Mentes mais velhas e mais sábias que a sua já foram enganadas pela Clave.

— Você tem me espionado — disse Jace, e agora sua voz estava temperada com raiva. — É isso que a Clave faz, invade a privacidade dos Caçadores de Sombras para...

— Cuidado com o que diz para mim. Você não é o único que violou a Lei. — O olhar frio da Inquisidora percorreu a sala. — Ao libertarem-no da Cidade do Silêncio e deixarem você sob o controle do feiticeiro, os seus amigos fizeram o mesmo.

— Jace não é nosso amigo — disse Isabelle. — Ele é nosso irmão.

— Tome cuidado com o que diz, Isabelle Lightwood — alertou a Inquisidora. — Você pode ser considerada cúmplice.

— Cúmplice? — Para surpresa de todos, quem falou foi Robert Lightwood. — A menina só estava tentando impedi-la de destruir a nossa família. Pelo amor de Deus, Imogen, são apenas crianças...

— Crianças? — A Inquisidora voltou o olhar gelado para Robert. — Assim como vocês eram crianças quando o Ciclo planejou a destruição da Clave? Assim como o meu filho era uma criança quando... — Ela se interrompeu com uma espécie de engasgo, como se estivesse assumindo o controle de si mesma por pura força.

— Então é tudo por causa do Stephen — disse Luke, com uma espécie de pena na voz. — Imogen...

A face da Inquisidora se contraiu.

— Não é pelo Stephen! É uma questão de Lei!

Os dedos finos de Maryse giraram enquanto suas mãos mexiam uma na outra.

— E Jace — disse ela. — O que vai acontecer com ele?

— Ele vai voltar para Idris comigo amanhã — disse a Inquisidora. — Você perdeu o direito de saber qualquer coisa além disso.

— Como pode levá-lo de volta para aquele lugar? — perguntou Clary. — Quando ele vai

voltar?

— Clary, não — disse Jace. As palavras eram uma súplica, mas ela continuou.

— O problema aqui não é Jace! Valentim é o problema!

— Deixe para lá, Clary! — gritou Jace. — Para o seu próprio bem, deixe para lá!

Clary não conseguia se controlar. Recuou para longe dele — ele nunca havia gritado com ela assim, nem mesmo quando ela o arrastara para o quarto da mãe no hospital. Ela viu a expressão no rosto dele enquanto ele registrava a cara que ela estava fazendo e desejou que pudesse desfazê-la de alguma forma.

Antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, Luke colocou a mão no ombro dela. Ele falou, soando tão sério quanto quando havia contado sua história de vida.

— Se o menino foi até o pai — disse — sabendo o tipo de pai que Valentim é, é porque fracassamos com ele, não porque ele fracassou conosco.

— Economize seu sofisma, Lucian — disse a Inquisidora. — Você ficou mole como um mundano.

— Ela tem razão. — Alec estava sentado na beira do sofá, com os braços cruzados e a mandíbula cerrada. — Jace mentiu para nós. Isso não tem desculpa.

Jace ficou de queixo caído. Ele sempre teve certeza quanto à lealdade de Alec ao menos, e Clary não o culpava. Até Isabelle estava olhando horrorizada para o irmão.

— Alec, como você pode dizer uma coisa dessas?

— A Lei é a Lei, Izzy — disse Alec sem olhar para a irmã. — Não há como burlá-la.

Com isso, Isabelle soltou um choramingo engasgado de raiva e espanto e saiu pela porta da frente, deixando-a aberta. Maryse fez menção de segui-la, mas Robert puxou a mulher de volta, dizendo alguma coisa em voz baixa.

Magnus se levantou.

— Acho que é a minha deixa para ir embora também — disse ele. Clary percebeu que ele estava evitando olhar para Alec. — Diria que foi um prazer conhecê-los, mas na verdade não foi; foi bastante desconfortável, e para falar a verdade, espero não encontrar qualquer um de vocês tão cedo.

Alec olhou para o chão enquanto Magnus saía da sala e passava pela porta. Dessa vez ela se fechou com estrondo.

— Dois já foram — disse Jace, com um divertimento fantasmagórico. — Quem é o próximo?

— Já estou cansada de você — disse a Inquisidora. — Me dê as mãos.

Jace estendeu as mãos enquanto a Inquisidora retirava uma estela de algum bolso escondido e procedia para traçar uma Marca ao redor da circunferência dos pulsos dele. Quando afastou as mãos, os pulsos de Jace estavam cruzados um sobre o outro, presos com o que parecia um círculo de chamas.

Clary gritou.

— O que você está fazendo? Vai machucá-lo...

— Estou bem, irmãzinha — Jace disse com calma, mas ela percebeu que ele não conseguia olhar para ela. — As chamas não vão me queimar a não ser que eu tente soltar as mãos.

— Quanto a você — acrescentou a Inquisidora olhando para Clary, o que a surpreendeu bastante. Até aquele momento a Inquisidora mal parecia ter notado que ela estava viva. — Você teve muita sorte por ter sido criada pela Jocelyn e ter escapado do veneno do seu pai. Mesmo assim, ficarei de olho em você.

A mão de Luke apertou o ombro de Clary.

— Isso é uma ameaça?

— A Clave não faz ameaças, Lucian Graymark. A Clave faz promessas, e as cumpre. — A Inquisidora parecia quase alegre. Ela era a única na sala que podia ser descrita assim; todos os outros pareciam chocados, exceto Jace. Ele estava com os dentes expostos em um rosnado que Clary duvidava que estivesse percebendo. Parecia um leão enjaulado.

— Vamos, Jonathan — disse a Inquisidora. — Ande na minha frente. Se fizer qualquer movimento de fuga, cravo uma lâmina entre os seus ombros.

Jace teve que lutar para girar a maçaneta da frente com as mãos atadas. Clary cerrou os dentes para não gritar, em seguida a porta se abriu e Jace não estava mais lá, nem a Inquisidora. Os Lightwood seguiram em uma fila, Alec ainda olhando para baixo. A porta se fechou atrás deles, e Clary e Luke ficaram sozinhos na sala, calados e incrédulos.

15

O Dente da Serpente

— Luke — começou Clary, assim que a porta se fechou atrás dos Lightwood. — O que nós vamos fazer...

Luke estava com as mãos pressionadas uma em cada lado da cabeça como se estivesse impedindo que se partisse ao meio.

— Café — ele declarou. — Preciso de café.

— Eu trouxe café para você.

Ele abaixou as mãos e suspirou.

— Preciso de mais.

Clary o seguiu até a cozinha, onde ele se serviu de mais café antes de sentar à mesa e passar as mãos distraidamente pelos cabelos.

— Isso é ruim — disse ele. — Muito ruim.

— Você acha? — Clary não conseguia se imaginar tomando café naquele momento. Seus nervos já pareciam esticados como fios finos. — O que acontece se ele for levado para Idris?

— Vai ser julgado perante a Clave. Provavelmente será considerado culpado. Em seguida vem a punição. Ele é jovem, então pode ser que só tirem as Marcas dele e não o amaldiçoem.

— O que isso quer dizer?

Luke não olhou nos olhos dela.

— Significa que vão retirar as Marcas dele, e o Jace deixará de ser um Caçador de Sombras e será expulso da Clave. Vai se tornar um mundano.

— Mas isso o mataria. De verdade. Ele preferiria morrer.

— Você acha que eu não sei? — Luke terminou o café e olhou demoradamente para a caneca antes de pousá-la novamente. — Mas isso não vai fazer a menor diferença para a Clave. Eles não conseguem pegar Valentim, então vão punir o filho dele.

— E eu? Eu sou filha dele.

— Mas você não é do mundo deles. Jace é. Não que eu não sugira que você fique na sua por um tempo. Gostaria que pudéssemos ir para o sítio...

— Não podemos deixar o Jace nas mãos deles! — Clary estava inconformada. — Eu não vou a lugar nenhum.

— Claro que não vai — Luke descartou o protesto dela. — Eu disse que gostaria que pudéssemos, não que achava que devêssemos. Há a questão sobre o que Imogen vai fazer agora que sabe onde Valentim está, é claro. Poderemos nos ver no meio de uma guerra.

— Eu não me importo se ela quiser matar o Valentim. Ela pode ficar com ele e fazer o que quiser. Só quero trazer o Jace de volta.

— Talvez isso não seja tão fácil — disse Luke —, considerando que nesse caso ele realmente fez o que está sendo acusado de ter feito.

Clary estava enfurecida.

— O quê? Você acha que ele matou os Irmãos do Silêncio? Você acha...

— Não. Eu não acho que ele matou os Irmãos do Silêncio. Acho que ele fez exatamente o que a Imogen o viu fazendo: foi ver o pai.

Lembrando-se de alguma coisa, Clary perguntou:

— O que você quis dizer quando disse que nós falhamos com ele, e não o contrário? Quis dizer que não o culpa?

— Culpo e não culpo. — Luke parecia esgotado. — É uma coisa estúpida a fazer. Não se pode confiar em Valentim. Mas, quando os Lightwood viraram as costas para ele, o que esperavam que ele fizesse? O Jace ainda é apenas uma criança, ainda precisa de pais. Se não o quiserem, ele vai procurar quem queira.

— Pensei que talvez ele estivesse procurando você para isso.

Luke parecia indescritivelmente triste.

— Também pensei, Clary. Também pensei.

Muito ao longe, Maia podia ouvir vozes vindo da cozinha. Os gritos na sala já haviam terminado. Era hora de sair. Ela dobrou o bilhete que havia escrito apressadamente, deixou-o na cama de Luke e atravessou o quarto até a janela cuja abertura tinha passado os últimos vinte minutos forçando. O ar frio passou por ela — era um daqueles dias do início do outono quando o céu parecia impossivelmente azul e distante e no ar havia um leve cheiro de fumaça.

Ela subiu no parapeito e olhou para baixo. Seria um salto preocupante se ela não estivesse Transformada; parou apenas por um segundo para pensar no ombro machucado antes de pular. Aterrissou agachada no concreto rachado do jardim de Luke. Recompondo-se, olhou para a casa, mas ninguém abriu nenhuma porta nem pediu para ela voltar.

Maia reprimiu uma vaga pontada de decepção. Não era como se eles tivessem prestado tanta atenção quando ela estava na casa, pensou, subindo a grade que separava o jardim de Luke do beco, então por que perceberiam que tinha saído? Ela claramente era alguém em quem só se pensava depois, como sempre fora. O único que a tratara como se ela tivesse alguma importância fora Simon.

Pensar em Simon a fez franzir a testa enquanto caía do outro lado da cerca e corria pelo beco até a Kent Avenue. Ela tinha dito a Clary que não se lembrava da noite anterior, mas não era verdade. Lembrava-se do olhar no rosto dele quando se afastou — como se estivesse impresso no

interior de suas pálpebras. O mais estranho era que naquele momento ele ainda parecera humano para ela, mais humano do que quase todas as pessoas que ela já havia conhecido.

Maia atravessou a rua para evitar passar na frente da casa de Luke. A rua estava praticamente deserta, os habitantes do Brooklyn dormindo o sono da manhã dominical. Ela foi em direção ao metrô na Bedford Avenue, o pensamento ainda em Simon. Havia um lugar oco na boca do estômago que doía quando ela pensava nele. Ele fora a primeira pessoa em quem ela quisera confiar em anos, mas tinha tornado isso impossível.

Então, se confiar nele é impossível, por que você está indo vê-lo agora?, disse o sussurro no fundo da mente que sempre falava com ela na voz de Daniel. Cale a boca, disse ela firmemente. Mesmo que não possamos ser amigos, ao menos devo a ele um pedido de desculpas.

Alguém riu. O som ecoou pelas paredes altas da fábrica à esquerda. Com o coração se contraindo com um medo repentino, Maia se virou, mas a rua atrás dela estava vazia. Havia uma senhora passeando com os cachorros perto do rio, mas ela duvidava que estivesse ao alcance de um grito.

Acelerou assim mesmo. Conseguia andar mais rápido do que quase todos os humanos, lembrou a si mesma, sem falar em correr. Mesmo nas condições atuais, com o braço doendo como se alguém tivesse batido com uma marreta em seu ombro, não era como se ela tivesse que temer algum assaltante ou estuprador. Dois meninos adolescentes armados com facas tinham tentado agarrá-la enquanto andava pelo Central Park uma noite, pouco depois de ter se mudado para a cidade, e a única coisa que a impedira de matá-los fora Morcego.

Então por que ela estava tão assustada?

Olhou para trás. A senhora não estava mais lá; a Kent Avenue estava vazia. A velha fábrica de açúcar Domino abandonada erguia-se na frente dela. Tomada por um impulso repentino de sair da rua, ela entrou no beco ao lado.

Viu-se em um espaço estreito entre dois prédios, cheio de lixo, garrafas vazias e ratos se movendo. Os telhados acima dela se tocavam, bloqueando o sol e fazendo com que ela sentisse como se tivesse entrado em um túnel. As paredes eram de tijolos e tinham janelas pequenas e sujas, muitas das quais haviam sido quebradas por vândalos. Através dela podia ver o chão da fábrica abandonada, fileiras e mais fileiras de caldeiras de metal, fornalhas e tanques. O ar cheirava a açúcar queimado. Ela se apoiou em uma das paredes, tentando acalmar as batidas aceleradas do coração. Estava quase conseguindo se acalmar quando uma voz impossivelmente familiar falou com ela através das sombras.

— Maia?

Ela se virou. Ele estava na entrada do beco, o cabelo brilhando com a luz, como uma auréola ao redor do lindo rosto. Olhos escuros sob cílios longos a olhavam curiosos. Ele vestia jeans e, apesar do ar frio, uma camiseta de manga curta. Ainda parecia ter 15 anos.

— Daniel — sussurrou ela.

Ele foi em direção a ela com passos silenciosos.

— Quanto tempo, maninha.

Maia queria correr, mas suas pernas pareciam sacos de água. Ela se encolheu contra a parede como se pudesse desaparecer nela.

— Mas...você está morto.

— E você não chorou no meu enterro, chorou, Maia? Nenhuma lágrima para o seu irmão mais velho?

— Você era um monstro — sussurrou. — Você tentou me matar...

— Não o suficiente. — Havia algo longo e afiado na mão dele agora, algo que brilhava como fogo prateado à pouca luz. Maia não sabia ao certo o que era; sua visão estava embaçada pelo terror. Ela escorregou para o chão enquanto ele se movia em direção a ela; as pernas não conseguiam mais sustentá-la.

Daniel se ajoelhou ao lado dela. Ela podia ver o que ele tinha na mão agora: um pedaço afiado de vidro de uma das janelas quebradas. O pavor emergiu e caiu sobre ela como uma onda, mas não era o medo da arma na mão do irmão que a devastava, era o vazio nos olhos dele. Ela podia olhar para eles e ver apenas escuridão.

— Você se lembra — disse ele — de quando eu disse que cortaria a sua língua antes de permitir que você me dedurasse para a mamãe e o papai?

Paralisada com o medo, ela só conseguia encará-lo. Já podia sentir o vidro cortando a pele, o gosto engasgado do sangue preenchendo a boca, e desejou estar morta, qualquer coisa era melhor do que aquele horror e aquele pânico...

— Chega, Agramon. — A voz de um homem rasgou a neblina na mente dela. Não era a voz de Daniel; era suave, culta, inegavelmente humana. Lembrava alguém, mas quem?

— Como quiser, lorde Valentim. — Daniel respirou, um suspiro suave de decepção, em seguida seu rosto começou a desaparecer e se despedaçar. Em um instante desaparecera, e com ele o senso de horror paralisante e destruidor que ameaçara arrancar-lhe a vida. Ela respirou desesperada.

— Ótimo. Ela está respirando. — A voz do homem novamente, agora irritada. — Realmente, Agramon, mais alguns segundos e ela estaria morta.

Maia levantou o olhar. O homem — Valentim — estava sobre ela, muito alto, todo vestido de preto, até as luvas nas mãos e as botas de solas grossas nos pés. Ele usou a ponta de uma das botas para forçá-la a olhar para cima. A voz dele enquanto falava era fria, superficial.

— Quantos anos você tem?

O rosto que olhava para o dela era estreito, de estrutura óssea afiada, sem cor, olhos negros e cabelos tão brancos que pareciam o negativo de uma foto. Do lado esquerdo do pescoço, logo

acima do colarinho do casaco, havia uma Marca em espiral.

— Você é Valentim? — sussurrou ela. — Mas pensei que você...

A bota desceu na mão dela, enviando uma pontada aguda de dor pelo braço. Ela gritou.

— Eu lhe fiz uma pergunta — disse ele. — Quantos anos você tem?

— Quantos anos eu tenho? — A dor na mão, misturada ao odor pungente de lixo fez seu estômago revirar. — Vá se danar.

Uma barra de luz pareceu pular entre os dedos dele e desceu tão depressa no rosto dela, que ela não teve tempo de desviar. Uma linha quente de dor foi queimando até a bochecha; ela colocou a mão no rosto e sentiu o sangue entre os dedos.

— Agora — disse Valentim, com a mesma voz precisa e culta. — Quantos anos você tem?

— Quinze. Tenho 15 anos.

Ela sentiu que ele sorria.

— Perfeito.

Uma vez de volta ao Instituto, a Inquisidora levou Jace para longe dos Lightwood e pelas escadas até a sala de treinamento. Ao se ver nos longos espelhos que cobriam toda a parede, ele enrijeceu em choque. Não se via havia dias, e a noite anterior tinha sido ruim. Em volta dos olhos havia sombras pretas, e a camisa estava manchada de sangue seco e da lama suja do East River. O rosto parecia oco e esgotado.

— Admirando a si mesmo? — A voz da Inquisidora interrompeu o devaneio. — Não vai ficar tão bonitinho quando a Clave terminar com você.

— Você realmente parece obcecada com a minha aparência. — Jace virou-se de costas para o espelho com algum alívio. — Será que tudo isso é porque você se sente atraída por mim?

— Não seja asqueroso. — A Inquisidora tinha retirado quatro tiras longas de metal de uma bolsa cinza que trazia pendurada na cintura. Lâminas de Anjos. — Você poderia ser meu filho.

— Stephen. — Jace se lembrou do que Luke dissera na casa. — É este o nome dele, não é?

A Inquisidora se virou para ele. As lâminas que segurava vibravam com fúria.

— Nunca diga o nome dele.

Por um instante Jace imaginou se ela realmente tentaria matá-lo. Ele não disse nada enquanto ela recuperava o controle. Sem olhar para ele, ela apontou uma das lâminas.

— Fique ali no centro da sala, por favor.

Jace obedeceu. Apesar de tentar não olhar para os espelhos, ele podia ver o próprio reflexo — e o da Inquisidora — com o canto do olho, os espelhos refletindo um no outro até que houvesse uma quantidade infinita de Inquisidoras ali, ameaçando uma quantidade infinita de Jaces.

Ele olhou para baixo, para as mãos presas. Os pulsos e ombros tinham passado de doloridos a uma dor rígida, pungente, mas ele não franziu o rosto enquanto a Inquisidora olhava para uma

das lâminas, nomeava-a Jophiel e a colocava nos tacos de madeira polida no chão a seus pés. Ele esperou, mas nada aconteceu.

— Bum? — disse eventualmente. — Era para acontecer alguma coisa ali?

— Cale a boca. — O tom da Inquisidora era decisivo. — E fique onde está.

Jace ficou assistindo com curiosidade crescente enquanto ela ia para o outro lado dele, nomeava uma segunda lâmina Harahel e colocava-a nos tacos também.

Na terceira lâmina — Sandalphon —, ele percebeu o que ela estava fazendo. A primeira tinha sido cravada no chão ao sul dele, a seguinte, ao leste, e a terceira, ao norte. Ela estava marcando os pontos de uma bússola. Ele lutou para se lembrar do que isso poderia significar, mas não chegou a nenhuma conclusão. Era claramente um ritual da Clave, algo além de qualquer coisa que tivesse aprendido. Quando ela fincou a última lâmina, Taharial, as palmas das mãos dele estavam suando, irritando-se onde se roçavam.

A Inquisidora se ajeitou, parecendo satisfeita consigo mesma.

— Pronto.

— Pronto o quê? — perguntou Jace, mas ela levantou a mão.

— Ainda não, Jonathan. Falta uma coisa. — Ela foi até a lâmina mais ao sul e se ajoelhou diante dela. Com um rápido movimento produziu uma estela e marcou um único símbolo escuro no chão abaixo da faca. Ao se levantar, uma harmonia doce e aguda de sons ressoou pela sala, o som de um sino delicado tocando. Luz brilhou das quatro lâminas dos Anjos, tão forte que Jace virou o rosto, semicerrando os olhos. Quando virou-se de volta um instante mais tarde, viu que estava dentro de uma jaula cujas paredes pareciam ter sido tecidas com filamentos de luz. Não eram estáticas, mas se moviam como lençóis de chuva iluminada.

A Inquisidora agora era uma figura borrada atrás de uma parede brilhante. Quando Jace disse o nome dela, até a voz dele parecia trêmula e oca, como se a chamasse através da água.

— O que é isso? O que você fez?

Ela riu.

Jace deu um passo irritado para a frente, em seguida mais um; seu ombro roçou uma das paredes brilhantes. Como se tivesse tocado uma cerca elétrica, o choque pulsou por ele como um golpe, derrubando-o no chão. Ele caiu desajeitadamente, sem conseguir usar as mãos para amortecer a queda.

A Inquisidora riu novamente.

— Se você tentar atravessar a parede, vai levar mais do que um choque. A Clave chama esse castigo em particular de Configuração Malaquias. Essas paredes não podem ser rompidas enquanto as lâminas serafim estiverem onde estão. Eu não tentaria — acrescentou, enquanto Jace, ajoelhado, fez um gesto em direção à lâmina mais próxima dele. — Toque as lâminas e morrerá.

— Mas você pode tocá-las — disse ele, sem conseguir conter o ódio da voz.

— Eu posso, mas não vou.

— E comida? Água?

— Tudo em seu tempo, Jonathan.

Ele se levantou. Através da parede borrada, viu quando ela deu meia-volta como se fosse se retirar.

— Mas as minhas mãos... — Ele olhou para os pulsos presos. O metal ardente corroía sua pele como ácido. Sangue se acumulava ao redor das algemas em chamas.

— Você deveria ter pensado nisso antes de ir se encontrar com Valentim.

— Você não está me fazendo temer a vingança do Conselho. Não podem ser piores do que você.

— Ah, você não vai ao Conselho — disse a Inquisidora. Havia uma calma suave no tom dela da qual Jace não gostou.

— Como assim, não vou ao Conselho? Pensei que você tivesse dito que ia me levar para Idris amanhã.

— Não. Estou planejando devolvê-lo ao seu pai.

O choque das palavras quase o derrubaram no chão.

— Meu pai?

— Seu pai. Estou planejando trocar você pelos Instrumentos Mortais.

Jace encarou-a.

— Você só pode estar brincando.

— De jeito nenhum. É mais simples do que um julgamento. É claro, você será banido da Clave — acrescentou, como se isso tivesse lhe ocorrido depois —, mas imagino que já esperasse isso.

Jace estava balançando a cabeça.

— Você pegou o cara errado. Espero que saiba.

Um olhar de irritação passou pelo rosto dela.

— Pensei que já tivéssemos deixado para trás a sua simulação de inocência, Jonathan.

— Não estou falando de mim. Estou falando do meu pai.

Pela primeira vez desde que a conhecera, ela parecia confusa.

— Não entendi o que quis dizer.

— O meu pai não vai trocar os Instrumentos Mortais por mim. — As palavras eram amargas, mas o tom de Jace não. Era preciso. — Ele deixaria você me matar na frente dele antes de entregar a Espada ou o Cálice.

A Inquisidora balançou a cabeça.

— Você não entende — disse ela, e havia um traço confuso de ressentimento em sua voz. —

Crianças nunca entendem. Não existe nada igual ao amor de um pai por um filho. Nenhum outro amor consome tanto. Nenhum pai, nem mesmo o Valentim, sacrificaria o filho por um pedaço de metal, não importa quão poderoso ele seja.

— Você não conhece o meu pai. Ele vai rir na sua cara e oferecer a você dinheiro para enviar o meu corpo para Idris.

— Não seja absurdo...

— Tem razão — disse Jace. — Pensando bem, ele provavelmente vai fazer você mesma pagar pelo envio.

— Vejo que você ainda é filho do seu pai. Não quer que ele perca os Instrumentos Mortais, seria uma perda de poder para você também. Não quer viver a vida como o filho desgraçado de um criminoso, então vai dizer qualquer coisa para mudar a minha decisão, mas não me engana.

— Ouça. — O coração de Jace estava acelerado, mas ele tentou falar com calma. A mulher tinha que acreditar. — Eu sei que você me odeia. Sei que acha que eu sou um mentiroso como o meu pai, mas estou dizendo a verdade agora. O meu pai acredita piamente no que está fazendo. Você acha que ele é mau, mas ele acha que está certo. Ele acha que está fazendo o trabalho de Deus. Não vai abrir mão disso por mim. Você estava me rastreando quando eu fui até lá, deve ter ouvido o que ele disse...

— Eu o vi falando com ele — disse a Inquisidora. — Não ouvi nada.

Jace praguejou entre dentes.

— Eu faço qualquer juramento que quiser para provar que não estou mentindo. Ele está usando a Espada e o Cálice para invocar demônios e controlá-los. Quanto mais tempo perder comigo, mais ele vai aumentar o próprio exército. Quando perceber que ele não vai fazer a troca, não terá chance contra ele...

A Inquisidora virou-se de costas e fez um murmúrio de desgosto.

— Estou cansada das suas mentiras.

Jace recuperou o ar, incrédulo, enquanto ela virava de costas para ele e saía pela porta.

— Por favor! — suplicou.

Ela parou na porta e virou-se para olhar para ele. Jace só podia ver as sombras angulares do rosto dela, o queixo pontudo e os buracos negros nas têmporas. As roupas cinza desapareceram nas sombras de modo que ela parecia uma cabeça flutuando sem corpo.

— Não pense que devolvê-lo ao seu pai é o que quero fazer. É mais do que Valentim Morgenstern merece.

— O que ele merece?

— Segurar o corpo do filho morto nos braços. Ver o filho morto e saber que não há nada que possa fazer, nenhum feitiço, nenhum encanto, nenhum acordo com o inferno para trazê-lo de volta... — Ela se interrompeu. — Ele precisa saber — disse ela com um sussurro e empurrou a

porta, as mãos passando pela madeira. A porta fechou-se atrás dela com um clique, deixando Jace, com os pulsos queimando, olhando para ela, confuso.

*

Clary desligou o telefone com o cenho franzido.

— Ninguém atendeu.

— Para quem você estava tentando ligar? — Luke estava bebendo a quinta caneca de café e Clary estava começando a se preocupar com ele. Certamente devia haver alguma espécie de intoxicação por excesso de cafeína. Ele não parecia à beira de um ataque ou coisa parecida mas ela desligou a máquina discretamente a caminho da mesa, por via das dúvidas. — Simon?

— Não. Eu me sinto estranha acordando-o durante o dia, apesar de ele ter dito que não o incomoda, desde que ele não precise ver a luz do dia.

— Então...

— Eu estava ligando para a Isabelle. Queria saber o que está acontecendo com a Jace.

— Ela não atendeu?

— Não. — O estômago de Clary revirou. Ela foi até a geladeira, pegou um iogurte de pêssego e o tomou de forma mecânica, sem sentir gosto de nada. Já tinha tomado metade do pote quando se lembrou de alguma coisa. — Maia — disse. — É melhor vermos se ela está bem. — Ela pousou o iogurte na mesa. — Eu vou ver.

— Não, eu sou o líder do bando dela. Ela confia em mim. Posso acalmá-la se ainda estiver chateada — disse Luke. — Já volto.

— Não diga isso — implorou Clary. — Detesto quando as pessoas dizem isso.

Ele sorriu um sorriso torto e seguiu pelo corredor. Em alguns minutos estava de volta, parecendo espantado.

— Ela foi embora.

— Embora? Embora como?

— Saiu sorrateiramente de casa. Deixou isso. — Ele jogou um pedaço de papel dobrado em cima da mesa. Clary o pegou e leu as frases com o cenho franzido.

Desculpe por tudo. Fui consertar as coisas. Obrigada por tudo que fez. Maia.

— Foi consertar as coisas? O que isso quer dizer?

Luke suspirou.

— Esperava que você soubesse.

— Você está preocupado?

— Os demônios Raum são cães de busca. Eles encontram pessoas e as levam para quem os invocou. Aquele demônio ainda pode estar procurando por ela.

— Ah — Clary disse em voz baixa. — Bem, o meu palpite seria que ela foi procurar Simon.

Luke pareceu surpreso.

— Ela sabe onde ele mora?

— Não sei — admitiu Clary. — Eles pareciam próximos de alguma forma. Pode ser que sim. — Ela pegou o telefone no bolso. — Vou ligar para ele.

— Pensei que se sentisse estranha ligando para ele.

— Não tão estranha quanto me sinto sem saber o que está acontecendo. — Ela procurou na agenda até encontrar o número de Simon. O telefone tocou três vezes antes de ele atender, parecendo grogue.

— Alô?

— Sou eu. — Ela se virou de costas para Luke enquanto falava, mais por hábito do que por vontade de esconder a conversa dele.

— Você sabe que sou noturno agora — disse ele resmungando. Ela podia ouvi-lo rolando sobre a cama. — Isso quer dizer que passo o dia dormindo.

— Você está em casa?

— Estou, onde mais estaria? — A voz dele se afiou, o sono desaparecendo. — O que foi, Clary, o que aconteceu?

— Maia fugiu. Ela deixou um bilhete dizendo que talvez fosse até a sua casa.

Simon parecia confuso.

— Bem, não veio. Ou se veio, ainda não chegou.

— Tem alguém além de você em casa?

— Não, a minha mãe está no trabalho e Rebecca na aula. Por que, você realmente acha que ela vai aparecer por aqui?

— Apenas nos ligue se ela aparecer...

Simon a interrompeu.

— Clary. — O tom dele era de urgência. — Espere um segundo. Acho que alguém está tentando invadir a minha casa.

O tempo passava na prisão, e Jace observava a chuva de prata brilhante caindo em volta dele com uma espécie de desinteresse. Seus dedos começaram a ficar dormentes, o que ele suspeitava ser um mau sinal, mas não conseguia se importar. Imaginava se os Lightwood sabiam que ele estava lá em cima, ou se alguém entrando na sala de treinamento teria uma surpresa desagradável quando o encontrassem preso ali. Mas não, a Inquisidora não seria descuidada dessa forma. Ela os teria proibido de entrar na sala até que se desfizesse do prisioneiro da maneira que considerasse mais apropriada. Ele supôs que deveria estar furioso, até temeroso, mas tampouco conseguia se importar com isso. Nada mais parecia real: nem a Clave, nem o Pacto, nem a Lei, nem mesmo o pai.

Um suave ruído de passos o alertou para a presença de mais alguém na sala. Estava deitado, olhando para o teto; sentou-se, percorrendo a sala com o olhar. Podia ver uma forma escura além da cortina de chuva brilhante. Deve ser a Inquisidora, de volta para zombar dele um pouco mais. Ele se endireitou, em seguida viu, com um movimento rápido, o cabelo escuro e o rosto familiar.

Talvez ainda houvesse coisas com as quais se importasse.

— Alec?

— Sou eu. — Alec se ajoelhou do outro lado da parede brilhante. Era como olhar para alguém através de água clara ondulada com uma corrente; Jace podia ver Alec claramente agora, mas ocasionalmente suas feições pareciam se mover e dissolver enquanto a chuva de fogo brilhava e ondeava.

Era de deixar qualquer um enjoado.

— Pelo Anjo, o que é isso? — Alec se esticou para tocar a parede.

— Não. — Jace se esticou, mas recuou rapidamente antes de fazer contato com a parede. — Você vai levar um choque, talvez até morra se tentar atravessar.

Alec recolheu a mão com um assobio baixo.

— A Inquisidora estava falando sério.

— Claro que sim. Sou um criminoso perigoso. Ou você não soube? — Jace ouviu a acidez na própria voz, viu Alec se contrair e maldosamente se sentiu bem por um momento.

— Ela não o chamou de criminoso, exatamente...

— Não sou apenas um menino levado. Faço todos os tipos de coisas ruins. Chuto gatinhos. Faço gestos grosseiros para freiras.

— Não faça brincadeiras. Isso é sério. — Os olhos de Alec estavam sombrios. — Que diabos você estava pensando, indo até Valentim? Quero dizer, sério, o que estava passando pela sua cabeça?

Diversas respostas inteligentes ocorreram a Jace, mas ele percebeu que não queria dizer nenhuma delas. Estava cansado demais.

— Estava pensando que ele é meu pai.

Alec parecia contar mentalmente até dez, para manter a paciência.

— Jace...

— E se fosse o seu pai? O que você faria?

— Meu pai? O meu pai nunca faria as coisas que Valentim...

A cabeça de Jace se ergueu.

— O seu pai fez aquelas coisas! Ele fez parte do Ciclo com o meu pai! A sua mãe também! Os nossos pais eram iguais. A única diferença é que os seus foram pegos e punidos e o meu, não!

O rosto de Alec enrijeceu.

— A única diferença? — foi tudo o que ele disse.

Jace olhou para as próprias mãos. As algemas ardentes não deveriam permanecer tanto tempo. A pele embaixo delas estava marcada com gotas de sangue.

— Só quis dizer — disse Alec — que não entendo como você pôde querer vê-lo, não depois de tudo que ele fez, mas depois do que ele fez com você.

Jace não disse nada.

— Todos aqueles anos — disse Alec. — Ele o deixou pensar que estava morto. Talvez você não se lembre de como era quando você tinha 10 anos, mas eu me lembro. Ninguém que o ame poderia fazer... poderia fazer algo como aquilo.

Linhas de sangue desciam pelas mãos de Jace, como uma corda vermelha desenrolando.

— Valentim me disse — ele fez uma pausa — que se eu o apoiasse contra a Clave, se eu fizesse isso, ele se certificaria de que ninguém de quem eu gosto se machucaria. Você, Isabelle e Max. Clary. Os seus pais. Ele disse...

— Ninguém se machucaria? — Alec ridicularizou. — Quer dizer ele não os machucaria pessoalmente. Muito gentil.

— Eu vi o que ele é capaz de fazer, Alec. O tipo de força demoníaca que ele pode invocar. Se ele mandar o exército de demônios contra a Clave, haverá uma guerra. E as pessoas se machucam em guerras. Morrem em guerras. — Hesitou. — Se você tivesse a chance de salvar todas as pessoas que ama...

— Mas que espécie de chance é essa? De que vale a palavra do Valentim?

— Se ele jura pelo Anjo que vai fazer alguma coisa, ele faz. Eu o conheço.

— Se você o apoiar contra a Clave.

Jace fez que sim com a cabeça.

— Ele deve ter ficado bastante irritado quando você disse que não — observou Alec.

Jace levantou os olhos dos pulsos ensanguentados e o encarou.

— O quê?

— Eu disse...

— Eu sei o que você disse. O que o faz pensar que eu disse não?

— Bem, você disse. Não disse?

Lentamente, Jace fez que sim com a cabeça.

— Eu conheço você — disse Alec com extrema confiança e se levantou. — Você contou à Inquisidora sobre o Valentim e os planos dele, não contou? Ela não se importou?

— Eu não diria que ela não se importou. Foi mais o caso de não ter acreditado de verdade em mim. Ela tem um plano que acha que vai cuidar do Valentim. O único problema é que o plano dela é uma droga.

Alec fez que sim com a cabeça.

— Você pode me contar mais tarde. Primeiro o mais importante: temos que arranjar um jeito

de tirá-lo daqui.

— O quê? — Jace ficou levemente tonto de descrença. — Achei que você tivesse defendido que eu fosse direto para a cadeia, não ficasse impune. "A Lei é a Lei, Isabelle." O que foi aquilo?

Alec pareceu espantado.

— Você não pode ter achado que eu falei sério. Só queria que a Inquisidora confiasse em mim para não ficar de olho o tempo todo, como está na Izzy e no Max. Ela sabe que eles estão do seu lado.

— E você? Você está do meu lado? — Jace podia ouvir a aspereza na própria voz e foi oprimido pelo quanto a resposta significava para ele.

— Estou com você — respondeu Alec —, sempre. Por que precisa perguntar? Posso até respeitar a Lei, mas o que a Inquisidora está fazendo com você não tem nada a ver com a Lei. Não sei exatamente o que está acontecendo, mas o ódio dela é pessoal. Não tem nada a ver com a Clave.

— Ela se sente atraída por mim — disse Jace. — Não posso evitar. Burocratas do mal me irritam.

Alec balançou a cabeça.

— Também não é isso. É um ódio antigo. Posso sentir.

Jace estava prestes a responder quando os sinos da catedral começaram a soar. Tão perto do teto, o som ecoava muito alto. Ele olhou para cima — ainda esperava ver Hugo voando entre os caibros de madeira, em círculos lentos e pensativos. O corvo sempre gostara daquele alto entre os caibros que arqueavam o teto de pedra. Na época Jace achara que o pássaro gostava de enterrar as garras na madeira macia; agora percebia que os caibros ofereciam um ótimo ponto de observação para espionagem.

Uma ideia começou a se formar no fundo da mente de Jace, escura e amorfa.

— Luke disse alguma coisa sobre a Inquisidora ter um filho chamado Stephen. Ele disse que ela estava tentando se vingar por ele. Perguntei sobre ele, e ela deu um ataque. Acho que pode ter alguma coisa a ver com a razão para me odiar tanto. — Foi só o que disse em voz alta.

Os sinos tinham parado de tocar.

— Talvez. Poderia perguntar para os meus pais, mas duvido que me contassem — disse Alec.

— Não, não pergunte a eles. Pergunte a Luke.

— Quer dizer ir até o Brooklyn? Sair daqui vai ser quase impossível...

— Use o telefone da Isabelle. Mande uma mensagem de texto para a Clary. Peça a ela para perguntar ao Luke.

— Tudo bem — Alec fez uma pausa. — Quer que eu diga mais alguma coisa a ela? A Clary, quero dizer, não a Isabelle.

— Não — disse Jace. — Não tenho nada para dizer a ela.

— Simon! — Agarrando o telefone, Clary virou-se para Luke. — Ele disse que tem alguém tentando invadir a casa dele.

— Diga a ele para sair de lá.

— Não posso sair daqui — Simon respondeu rigidamente. — A não ser que eu queira entrar em combustão.

— Luz do dia — disse ela para Luke, mas viu que ele já tinha percebido o problema e estava procurando alguma coisa nos bolsos. As chaves do carro. Ele as levantou.

— Diga ao Simon que estamos indo. Diga a ele para se trancar em algum cômodo até chegarmos.

— Ouviu isso? Vá se trancar em algum lugar.

— Ouvi. — A voz de Simon soava tensa. Clary podia ouvir um leve ruído de raspagem, em seguida uma batida forte.

— Simon!

— Estou bem. Só estou empilhando coisas contra a porta.

— Que tipo de coisas? — Ela estava na varanda agora, tremendo com o casaco fino. Atrás dela, Luke estava trancando a casa.

— Uma mesa. — Simon disse com alguma satisfação. — E a minha cama.

— A sua cama? — Clary subiu na caminhonete ao lado de Luke, lutando com uma das mãos para colocar o cinto de segurança enquanto Luke saía pela entrada e acelerava pela Kent Avenue. Ele alcançou o cinto e o afivelou para ela. — Como você levantou a sua cama?

— Você se esqueceu que agora tenho superforça vampiresca?

— Pergunte o que ele está ouvindo — disse Luke. Eles estavam acelerando pela rua, o que não teria sido um problema se a margem do rio no Brooklyn fosse mais bem-conservada. Clary engasgava cada vez que passavam por um buraco.

— O que você está ouvindo? — perguntou ela, recuperando o fôlego.

— Ouvi a porta da frente. Acho que alguém deve ter arrombado. Depois o Yossarian entrou correndo no meu quarto e se escondeu embaixo da cama. Foi assim que eu soube com certeza que havia alguém na casa.

— E agora?

— Agora não estou ouvindo nada.

— Isso é bom, certo? — Clary voltou-se para Luke. — Ele disse que não está ouvindo nada agora. Talvez tenham ido embora.

— Talvez. — Luke parecia em dúvida. Estavam na via expressa agora, acelerando em direção ao bairro de Simon. — Mantenha-o na linha assim mesmo.

— O que você está fazendo agora, Simon?

— Nada. Coloquei tudo que tem no quarto contra a porta. Agora estou tentando tirar o Yossarian de trás da abertura do aquecedor.

— Deixe-o onde está.

— Isso tudo vai ser muito difícil de explicar para a minha mãe — disse Simon, e o telefone ficou mudo. Fez-se um clique, em seguida não se ouviu mais nada. LIGAÇÃO FINALIZADA brilhou na tela.

— Não. Não! — Clary apertou o botão de rediscagem, os dedos tremendo.

Simon atendeu imediatamente.

— Foi mal. Yossarian me arranhou e eu deixei cair o telefone.

A garganta dela queimou de alívio.

— Tudo bem, contanto que ainda esteja bem e...

Um ruído como um tufão passou pelo telefone, apagando a voz de Simon. Ela afastou o aparelho do ouvido. A tela ainda exibia CHAMADA CONECTADA.

— Simon! — gritou ela ao telefone. — Simon, você está me ouvindo?

O barulho devastador parou. Ela ouviu o som de algo se espatifando e um uivo agudo, de outro mundo; Yossarian? Em seguida o ruído de alguma coisa pesada atingindo o chão.

— Simon? — sussurrou ela.

Fez-se um clique, e em seguida uma voz entretida, arrastada, falou ao ouvido de Clary.

— Clarissa — disse. — Eu devia ter imaginado que seria você do outro lado da linha.

Ela fechou os olhos com força, o estômago desabando como se ela estivesse em uma montanha russa que tivesse acabado de sofrer a primeira queda.

— Valentim.

— Você quer dizer "pai" — disse ele, soando genuinamente irritado. — Deploro esse hábito moderno de se referir aos pais pelos primeiros nomes.

— O que eu realmente quero usar para chamá-lo é muito mais impublicável do que o seu nome — irritou-se ela. — Cadê o Simon?

— Você está falando do menino vampiro? Companhia questionável para uma Caçadora de Sombras de boa família, não acha? De agora em diante espero poder opinar sobre as suas escolhas de amizade.

— O que você fez com Simon?

— Nada — disse Valentim, entretido. — Ainda.

E desligou.

Quando Alec voltou à sala de treinamento, Jace estava deitado no chão, visualizando fileiras de meninas dançando em uma tentativa de ignorar a dor nos pulsos. Não estava funcionando.

— O que você está fazendo? — perguntou Alec, ajoelhando-se o mais próximo da parede

brilhante que podia. Jace tentou lembrar a si mesmo que quando Alec fazia esse tipo de pergunta, falava sério, e que era algo que já tinha achado amável em vez de irritante. Não conseguiu.

— Pensei em ficar deitado no chão me contorcendo de dor por um tempo — resmungou. — Acho relaxante.

— Acha? Ah... Você está sendo sarcástico. É um bom sinal, provavelmente — disse Alec. — Se puder se sentar, pode ser que queira fazer isso. Vou tentar passar uma coisa pela parede.

Jace se sentou tão depressa que a cabeça girou.

— Alec, não...

Mas Alec já tinha começado a empurrar alguma coisa na direção dele com as duas mãos, como se estivesse rolando uma bola para uma criança. Uma esfera vermelha passou pela cortina brilhante e foi até Jace, batendo gentilmente no joelho dele.

— Uma maçã. — Ele a pegou com alguma dificuldade. — Que apropriado.

— Achei que pudesse estar com fome.

— Estou. — Jace deu uma mordida na maçã; o suco escorreu pelas mãos dele e chiou nas chamas azuis que lhe algemavam o pulso. — Você mandou a mensagem para a Clary?

— Não. Isabelle não me deixa entrar no quarto dela. Ela só joga coisas na porta e grita. Disse que se eu entrasse, pularia pela janela. E pularia mesmo.

— Provavelmente.

— Entendo — disse Alec, e sorriu. — Ela não me perdoou por tê-lo traído, como acha que fiz.

— Boa menina — disse Jace com apreço.

— Eu não o traí, idiota.

— O que vale é a intenção.

— Ótimo, porque eu trouxe mais uma coisa. Não sei se vai funcionar, mas vale a pena tentar. — Ele deslizou um objeto pequeno e metálico pela parede. Era um disco prateado mais ou menos do tamanho de uma moeda. Jace deixou a maçã de lado e pegou o disco com curiosidade.

— O que é isso?

— Eu peguei na mesa da biblioteca. Já vi os meus pais usarem para tirar retenções. Acho que é um símbolo de Destrancar. Vale a pena tentar...

Ele parou de falar quando Jace tocou o disco com os pulsos, segurando-o desajeitadamente entre dois dedos. No instante em que tocou a linha de chama azul, a algema piscou e desapareceu.

— Obrigado — Jace esfregou os pulsos, cada um cercado por uma linha de pele irritada e ensanguentada. Ele estava começando a sentir as pontas dos dedos novamente. — Não é uma surpresa escondida em um bolo de aniversário, mas vai impedir que as minhas mãos caiam.

Alec olhou para ele. As linhas ondulantes da cortina de chuva faziam com que ficasse com o rosto alongado, preocupado — ou talvez estivesse preocupado.

— Sabe, me ocorreu uma coisa quando estava falando com a Isabelle mais cedo. Eu disse que ela não podia pular da janela, e que não tentasse, ou acabaria se matando.

Jace fez que sim com a cabeça.

— Sábio conselho de irmão mais velho.

— Mas depois fiquei imaginando se aconteceria o mesmo com você; quer dizer, já o vi fazer coisas que eram praticamente voar. Já o vi cair de uma altura de três andares e aterrissar como um gato, pular do chão para o teto...

— Ouvir os meus feitos é certamente gratificante, mas não sei se estou entendendo aonde você quer chegar, Alec.

— Quero dizer que há quatro paredes nessa prisão, não cinco.

Jace o encarou.

— Então Hodge não estava mentindo quando disse que de fato usaríamos geometria no nosso dia a dia. Você tem razão, Alec. Há quatro paredes nessa jaula. Agora, se a Inquisidora tivesse feito duas, eu poderia...

— JACE — disse Alec, perdendo a paciência. — Quero dizer que não há telhado na prisão. Nada entre você e o teto.

Jace esticou a cabeça para trás. Os caibros pareciam oscilar vertiginosamente sobre ele, perdidos na sombra.

— Você é louco.

— Talvez — disse Alec. — Ou talvez eu apenas saiba o que você consegue fazer. — Ele deu de ombros. — Você poderia tentar pelo menos.

Jace olhou para Alec — para o rosto despreocupado, sincero, para os olhos azuis firmes. Ele é louco, pensou Jace. Era verdade, no calor da luta, ele já havia feito coisas incríveis, mas todos eles já tinham. Sangue de Caçadores de Sombras, anos de treinamento... Mas ele não conseguia saltar 9 metros no ar.

Como você sabe que não consegue, disse uma voz suave na cabeça dele, se nunca tentou?

Era a voz de Clary. Ele pensou nela e nos símbolos, na Cidade do Silêncio e na algema se soltando como se tivesse quebrado sob enorme pressão. Ele e Clary partilhavam o mesmo sangue. Se Clary conseguia fazer coisas que não deveriam ser possíveis...

Ele se levantou, quase relutante, e olhou em volta, examinando lentamente a sala. Ainda podia ver os espelhos que iam até o teto e a grande quantidade de armas penduradas nas paredes, com as lâminas brilhando, através da cortina de fogo prateado que o cercava. Ele se curvou e pegou a maçã parcialmente comida do chão; olhou para ela por um instante pensativo, em seguida recolheu o braço e a lançou com o máximo de força possível. A maçã voou pelo ar, atingiu uma parede de prata brilhante e irrompeu em uma coroa de chamas azuis.

Jace ouviu Alec engasgar. Então a Inquisidora não estava exagerando. Se ele atingisse uma das

paredes da prisão com muita força, morreria.

Alec estava de pé, titubeando repentinamente.

— Jace, não sei...

— Cale a boca, Alec. E não fique me olhando. Não está ajudando.

O que quer que Alec tenha dito em resposta, Jace não ouviu. Ele estava girando no lugar, com os olhos focados nos caibros. Os símbolos que lhe davam visão excepcionalmente longa se ativaram, e os caibros entraram em foco: ele podia ver as pontas lascadas, as espirais e os nós, as manchas pretas decorrentes do tempo. Mas eram sólidos. Sustentavam o teto do Instituto havia centenas de anos. Poderiam aguentar um adolescente. Ele flexionou os dedos, respirando fundo, de forma controlada, exatamente como o pai havia ensinado. Mentalmente se viu saltando, flutuando, agarrando-se a um caibro com graça e se balançando para cima dele. Era leve, disse a si mesmo, leve como uma flecha, e voava facilmente pelo ar, veloz e impossível de deter. Seria fácil, ele disse a si mesmo. Fácil.

— Sou a flecha de Valentim — sussurrou Jace. — Quer ele saiba, quer não.

E pulou.

18

O Cálice Mortal

Jace estava deitado na cama fingindo dormir — para não falar com ninguém — quando as batidas na porta finalmente se tornaram demais para ele. Ele se arrastou para fora da cama, franzindo o rosto. Por mais que ele tivesse fingido que estava tudo bem na estufa, ainda tinha dores no corpo inteiro por tudo que havia sofrido na noite anterior.

Ele sabia quem era antes de abrir a porta. Talvez Simon tivesse conseguido se transformar em um rato outra vez. Dessa vez, ele podia continuar um maldito rato pelo resto da vida, porque ele, Jace Wayland, não ia fazer nada a respeito.

Ela trazia o caderno de desenho, os cabelos brilhantes escapando do elástico. Ele se apoiou na porta, ignorando o jorro de adrenalina produzido ao vê-la. Ele imaginou o porquê, e não foi a primeira vez. Isabelle utilizava a beleza como utilizava o chicote, mas Clary não fazia a menor ideia de que era linda. Talvez fosse por isso.

Ele só podia pensar em uma razão para ela estar lá, embora não fizesse o menor sentido depois do que ele dissera a ela. Palavras são como armas, seu pai lhe ensinara, e ele quis machucar Clary mais do que jamais havia desejado machucar uma garota. Em geral, ele apenas as queria, e depois queria que o deixassem sozinho.

— Não diga — ele disse, proferindo as palavras daquele jeito que ele sabia que ela detestava. — Simon se transformou em uma jaguatirica e você quer que eu faça alguma coisa a respeito antes que Isabelle o transforme em uma estola. Bem, você vai ter que esperar até amanhã. Estou fora de expediente. — Ele apontou para o pijama azul com um buraco na manga que estava usando. — Veja. Pijama.

Clary parecia mal tê-lo escutado. Ele percebeu que ela estava carregando alguma coisa nas mãos — o caderno de desenhos.

— Jace — ela disse. — É importante.

— Não me diga — ele respondeu. — Você está com uma emergência artística. Precisa de um modelo nu. Na verdade, não estou a fim. Você pode pedir para Hodge — acrescentou, como uma ideia que tivesse ocorrido depois. — Ouvi dizer que ele faz qualquer coisa por...

— JACE! — ela interrompeu, com a voz se elevando a um grito. — QUER CALAR A BOCA POR UM SEGUNDO E OUVIR, POR FAVOR?

Ele piscou.

Ela respirou fundo e olhou para ele, a expressão cheia de incerteza. Um impulso estranho surgiu nele: o impulso de colocar os braços em volta dela e dizer que estava tudo bem. Não o fez. Pela sua experiência, as coisas raramente estavam bem.

— Jace — ela disse, tão suavemente que ele teve de se inclinar para a frente para ouvir —, acho que sei onde a minha mãe escondeu o Cálice Mortal. Está dentro de um quadro.

— O quê? — Jace ainda a estava olhando como se ela tivesse dito que havia encontrado um dos Irmãos do Silêncio dando estrelas no corredor. — Quer dizer que ela escondeu atrás de uma pintura? Todas as pinturas da sua casa foram arrancadas das molduras.

— Eu sei. — Clary olhou para o quarto de Jace. Não parecia haver mais ninguém ali, para alívio dela. — Então, posso entrar? Quero te mostrar uma coisa.

Ele deu passagem a ela.

— Se precisa...

Ela se sentou na cama, equilibrando o caderno nos joelhos. As roupas que ele estava usando antes estavam espalhadas por cima das cobertas, mas o resto do local estava impecável, como o quarto de um monge. Não havia fotos na parede, pôsteres ou fotos de amigos ou familiares. Os lençóis eram brancos e estavam esticados sobre a cama. Não era exatamente o quarto típico de um adolescente.

— Aqui — disse ela, virando as páginas até encontrar o desenho da xícara de café. — Veja isso.

Jace se sentou ao lado dela, jogando para o lado a camiseta que estava ali.

— É uma xícara de café.

Ela podia ouvir a irritação na própria voz.

— Eu sei que é uma xícara de café.

— Mal posso esperar pelo dia em que você vai desenhar alguma coisa realmente complicada, como a Brooklyn Bridge, ou uma lagosta. Você provavelmente vai me mandar um telegrama cantado.

Ela o ignorou.

— Veja, era isso que eu queria que você visse. — Ela passou a mão sobre o desenho; depois, com um rápido movimento, alcançou dentro do papel. Quando retirou a mão um instante mais tarde, lá estava a xícara de café, pendurada nos dedos dela.

Ela havia imaginado Jace saltando da cama espantado e dizendo algo do tipo “Minha Nossa Senhora!”. Isso não aconteceu — principalmente, ela suspeitava, porque Jace já vira coisas mais estranhas na vida, e também porque ninguém mais utilizava esta exclamação. Mas os olhos dele se arregalaram.

— Você fez isso?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Quando?

— Agora mesmo, no meu quarto, depois... depois que Simon foi embora.

Seu olhar ficou duro, mas ele não insistiu no assunto.

— Você utilizou símbolos? Quais?

Ela balançou a cabeça, colocando o dedo na página que agora estava em branco.

— Não sei. Eles vieram à minha cabeça e eu desenhei exatamente como os vi.

— Aqueles que viu mais cedo no Livro Gray?

— Não sei. — Ela ainda estava balançando a cabeça. — Não posso afirmar.

— E ninguém nunca ensinou você como fazer isso? Sua mãe, por exemplo?

— Não. Já disse, minha mãe sempre disse que mágica não existia...

— Aposto que ela ensinou — ele a interrompeu — e fez com que você esquecesse em seguida. Magnus disse que suas lembranças voltariam lentamente.

— Talvez.

— Claro que sim. — Jace se levantou e começou a andar de um lado para o outro. — Provavelmente é contra a Lei utilizar símbolos desse tipo, a não ser que seja licenciado para tal. Você acha que a sua mãe escondeu o Cálice em um quadro? Do mesmo jeito que você acabou de fazer com essa xícara?

Clary fez que sim com a cabeça.

— Mas não em um dos quadros que estavam lá em casa.

— Onde mais? Numa galeria? Pode estar em qualquer lugar...

— Não em um quadro — disse Clary. — Em uma carta.

Jace fez uma pausa, virando em direção a ela.

— Uma carta?

— Lembra daquele baralho de tarô da Madame Dorothea? O que a minha mãe pintou para ela?

Ele fez que sim com a cabeça.

— E lembra quando peguei o Ás de Copas? Mais tarde, quando vi a estátua do Anjo, o Cálice me pareceu familiar. Era porque já tinha visto antes, no Ás. Minha mãe pintou o Cálice Mortal no baralho de tarô da Madame Dorothea.

Jace estava um passo atrás dela.

— Porque ela sabia que estaria seguro com um Controle, e foi o jeito que ela encontrou de entregá-lo a Dorothea sem ter de dizer o que era ou a razão pela qual precisava mantê-lo escondido.

— Ou mesmo que precisava mantê-lo escondido. Dorothea nunca sai, ela nunca daria a ninguém...

— E sua mãe estava convenientemente perto para vigiá-la e também o Cálice. — Jace parecia quase impressionado. — Nada mal.

— Pois é. — Clary teve de se esforçar para conter o tremor na própria voz. — Quem dera ela

não tivesse escondido tão bem.

— Como assim?

— Quer dizer, se eles tivessem encontrado o Cálice, talvez tivessem deixado minha mãe em paz. Se só o que queriam era o Cálice...

— Eles teriam matado a sua mãe, Clary — disse Jace. Ela sabia que ele estava falando a verdade. — São os mesmos homens que mataram meu pai. A única razão pela qual ela talvez esteja viva é o fato de eles não terem encontrado o Cálice. Agradeça por ela tê-lo escondido tão bem.

— Não vejo o que isso tem a ver conosco — disse Alec, com uma expressão confusa sob o cabelo. Jace havia acordado o resto dos moradores do Instituto ao amanhecer e os arrastara para a biblioteca, para, como ele disse, "conceber as estratégias de luta". Alec ainda estava de pijama, e Isabelle vestia um roupão cor-de-rosa. Hodge, com o terno impecável de sempre, estava tomando café em uma xícara de cerâmica azul lascada. Somente Jace, com os olhos brilhantes apesar dos hematomas que já estavam desaparecendo, parecia realmente acordado. — Pensei que a busca pelo Cálice estivesse nas mãos da Clave agora.

— É melhor se fizermos isso pessoalmente — disse Jace com certa impaciência na voz. — Eu e Hodge já discutimos e foi isso que decidimos.

— Bem... — Isabelle colocou o cabelo atrás da orelha. — Estou dentro.

— Eu não — disse Alec. — Há cooperativas da Clave na cidade agora procurando pelo Cálice. Passe a informação e deixe que eles façam o serviço.

— Não é tão simples assim — disse Jace.

— É simples. — Alec virou-se para a frente, franzindo o rosto. — Isso não tem nada a ver conosco e tudo a ver com o seu... o seu vício pelo perigo.

Jace balançou a cabeça, claramente irritado.

— Não sei por que você está brigando comigo.

Porque ele não quer que você se machuque, pensou Clary, e ficou pensando na total incapacidade dele em ver o que realmente se passava com Alec. Mas, verdade seja dita, ela também não percebeu o que acontecia com Simon. Quem era ela para julgar?

— Vejam, Dorothea, a dona do Santuário, não confia na Clave. Ela os detesta, para falar a verdade. Mas confia na gente.

— Ela confia em mim — disse Clary. — Quanto a você, eu não sei. Não tenho certeza se ela gosta de você.

Jace ignorou-a.

— Vamos, Alec. Vai ser divertido. E pense na glória que teremos se trouxermos o Cálice Mortal de volta para Idris! Nossos nomes jamais serão esquecidos.

— Não ligo para a glória — disse Alec, sem desgrudar os olhos de Jace em nenhum momento.

— Preocupo-me em não fazer nada estúpido.

— Mas, neste caso, Jace tem razão — disse Hodge. — Se a Clave fosse ao Santuário, seria um verdadeiro desastre. Dorothea fugiria com o Cálice e provavelmente jamais seria encontrada. Não, Jocelyn claramente queria que somente uma pessoa pudesse encontrar o Cálice, e essa pessoa é Clary, somente ela.

— Então deixe que ela vá sozinha — disse Alec.

Até Isabelle se espantou com isso. Jace, que estava inclinado para a frente, olhou friamente para Alec. Jace era a única pessoa, pensou Clary, capaz de ter uma aparência cool em uma calça de pijama e uma camiseta velha, mas ele conseguia, provavelmente por pura força de vontade.

— Se você tem medo de alguns Renegados, por favor, fique em casa — ele disse calmamente.

Alec ficou pálido.

— Não tenho medo — ele disse.

— Ótimo — disse Jace. — Então não temos problema algum, certo? — Ele olhou em volta do quarto. — Estamos juntos nessa.

Alec resmungou afirmativamente, enquanto Isabelle assentiu vigorosamente.

— Claro — ela concordou. — Parece divertido.

— Não sei de diversão — acrescentou Clary. — Mas estou dentro, é claro.

— Mas Clary... — Hodge advertiu rapidamente. — Se você está preocupada com o perigo, não precisa ir. Podemos notificar a Clave...

— Não — disse Clary, surpreendendo a si mesma. — Minha mãe queria que eu encontrasse. Não o Valentim, nem eles. — Não era dos monstros que ela estava se escondendo, Magnus dissera. — Se ela realmente passou a vida inteira tentando manter Valentim afastado do cálice, é o mínimo que posso fazer.

Hodge sorriu para ela.

— Acho que ela sabia que você ia dizer isso — ele sugeriu.

— Mas não precisa se preocupar — disse Isabelle. — Você vai ficar bem. Nós conseguimos dar conta de alguns Renegados. Eles são loucos, mas não são muito inteligentes.

— E muito mais fáceis de lidar do que demônios — lembrou Jace. — Não tão traiçoeiros. Ah, e vamos precisar de um carro — acrescentou. — De preferência, um grande.

— Por quê? — perguntou Isabelle. — Nunca precisamos de um carro antes.

— Porque nunca tivemos que nos preocupar com um objeto de valor incomensurável. Não quero ter que arrastá-lo pela linha L do metrô.

— Existem táxis — disse Isabelle. — E vans para alugar.

Jace balançou a cabeça.

— Quero um ambiente que possamos controlar. Não quero ter que lidar com motoristas de táxi ou empresas mundanas que aluguem veículos quando estivermos fazendo algo dessa

importância.

— Você não tem carteira de motorista e carro? — Alec perguntou a Clary, olhando para ela com ódio mascarado. — Pensei que todos os mundanos tinham essas coisas.

— Não aos 15 anos — Clary disse secamente. — Eu ia tirar a carteira esse ano, mas não ainda.

— Que grande utilidade você tem!

— Pelo menos meus amigos podem dirigir — retorquiu ela. — Simon tem carteira.

Imediatamente, ela se arrependeu de ter dito aquilo.

— Tem? — disse Jace, em um tom perigosamente pensativo.

— Mas ele não tem carro — ela acrescentou rapidamente.

— Mas ele dirige o carro dos pais? — perguntou Jace.

Clary suspirou, encostando-se na mesa.

— Não. Geralmente ele dirige a van do Eric. Para shows e coisas do tipo. Às vezes o Eric empresta para outros fins. Se ele tiver um encontro com alguma garota, por exemplo.

Jace riu desdenhosamente.

— Ele busca garotas de van? Não é à toa que faz tanto sucesso com elas.

— É um carro — corrigiu Clary. — Você só está com raiva porque ele tem algo que você não tem.

— Ele tem várias coisas que eu não tenho. Miopia, falta de postura e uma falta de coordenação assustadora.

— Sabe — disse Clary —, a maioria dos psicólogos concorda que hostilidade é, na verdade, atração sexual mascarada.

— Ah — Jace disse alegremente —, isso pode explicar o motivo de tantas pessoas que encontro parecerem desgostar de mim.

— Eu não desgosto de você — Alec declarou rapidamente.

— Isso é porque partilhamos uma afeição de irmãos — explicou Jace, aproximando-se da mesa. Ele pegou o telefone preto e entregou-o a Clary. — Ligue para ele.

— Para quem? — disse Clary, tentando enrolar. — Eric? Ele jamais me emprestaria o carro.

— Simon — disse Jace. — Ligue para ele e pergunte se pode nos levar até a sua casa.

Clary fez uma última tentativa.

— Você não conhece nenhum Caçador de Sombras que tenha carro?

— Em Nova York? — O sorriso de Jace se desmanchou. — Olhe só, todo mundo está em Idris por causa dos Acordos, e independente disso, insistiriam em vir conosco. É isso ou nada.

Ela encontrou o olhar dele por um instante. Havia um quê de provocação neles, como se ele a estivesse desafiando a explicar a relutância. Com o rosto franzido, ela foi até ele e pegou o telefone de sua mão.

Não teve de pensar antes de discar. O número de Simon era tão familiar quanto o seu

próprio. Ela se preocupou em ter de lidar com a mãe ou a irmã dele, mas ele atendeu no segundo toque.

— Alô?

— Simon?

Silêncio.

Jace estava olhando para ela. Clary fechou os olhos com força, tentando fingir que ele não estava lá.

— Sou eu — ela disse. — Clary.

— Eu sei quem é. — Ele parecia irritado. — Eu estava dormindo, sabia?

— Eu sei. Está cedo. Desculpe. — Ela enrolou o fio do telefone no dedo. — Preciso de um favor seu.

Do outro lado da linha, fez-se silêncio antes de ele rir.

— Você está brincando.

— Não estou — ela disse. — Sabemos onde está o Cálice Mortal, e estamos prontos para pegá-lo, e estamos prontos para buscar. A única questão é que precisamos de um carro.

Ele riu de novo.

— Desculpe, você está me dizendo que seus amiguinhos matadores de demônios precisam de carona para o próximo assassinato com forças sombrias, e você está pedindo a ajuda da minha mãe?

— Na verdade, pensei que você poderia pedir ao Eric a van emprestada.

— Clary, se você acha que eu...

— Se conseguirmos o Cálice Mortal, terei como resgatar a minha mãe. É a única razão pela qual Valentim não a matou ou soltou ainda.

Simon suspirou profundamente.

— Você acha que vai ser fácil fazer uma troca? Clary, eu não sei.

— Eu também não. Só sei que é uma chance.

— Essa coisa é poderosa, não é? Em RPG, geralmente é melhor não mexer com os objetos poderosos até você saber o que eles fazem.

— Não vou mexer com ele. Só vou usar para resgatar a minha mãe.

— Isso não faz o menor sentido, Clary.

— Isso não é RPG, Simon! — ela quase gritou. — Não é um joguinho em que, na pior das hipóteses, você consegue um lance de dados desfavorável. É da minha mãe que estamos falando, e Valentim pode estar torturando-a. Ele pode matá-la. Tenho que fazer o possível para resgatá-la, assim como fiz por você.

Pausa.

— Talvez você tenha razão. Não sei, esse não é o meu mundo. Para onde vamos, exatamente?

Preciso falar para Eric.

— Não leve Eric — ela disse rapidamente.

— Eu sei — respondeu com paciência exagerada. — Não sou burro.

— Vamos para a minha casa. Está na minha casa.

Fez-se um breve silêncio — dessa vez de espanto.

— Na sua casa? Pensei que a sua casa estivesse cheia de zumbis.

— Guerreiros Renegados. Não são zumbis. Seja como for, Jace e os outros podem cuidar deles enquanto eu pego o Cálice.

— Por que você tem que pegar o Cálice? — ele parecia alarmado.

— Porque sou a única que pode — ela disse. — Busque-nos na esquina assim que puder.

Ele resmungou algo inaudível e depois:

— Tudo bem.

Ela abriu os olhos. Era difícil focar o mundo em meio às lágrimas.

— Obrigada, Simon — ela disse. — Você é...

Mas ele havia desligado.

— Ocorre a mim — disse Hodge — que os dilemas de poder são sempre os mesmos.

Clary olhou de lado para ele.

— O que você quer dizer?

Ela se sentou à janela na biblioteca, Hodge na cadeira com Hugo no braço. O resto do café da manhã — biscoito com geleia, farelos de torrada e manchas de manteiga — estava sobre um prato na mesa baixa que ninguém parecia interessado em limpar. Após o café, eles se dispersaram para se arrumar, e Clary tinha sido a primeira a voltar. O que não era surpresa alguma, considerando que tudo que tinha de fazer era vestir um jeans e uma camiseta, e passar uma escova no cabelo, enquanto os outros tinham de se armar da cabeça aos pés. Tendo perdido a adaga de Jace no hotel, o único objeto remotamente sobrenatural que ela possuía era a pedra enfeitiçada no bolso.

— Estava pensando no seu Simon — disse Hodge — e em Alec e Jace, entre outros.

Ela olhou através da janela. Estava chovendo, pingos grossos batendo na vidraça. O céu era de uma cor cinza impenetrável.

— O que eles têm a ver entre si?

— Onde há sentimentos não correspondidos — disse Hodge —, há um desequilíbrio de poder. É um desequilíbrio fácil de ser explorado, mas não é um curso sábio. Onde há amor, frequentemente também há ódio. Podem existir lado a lado.

— Simon não me odeia.

— Mas pode odiar, com o tempo, se sentir que você o está usando. — Hodge levantou a mão.

— Sei que não é sua intenção, e em alguns casos a necessidade se sobrepõe aos sentimentos. Mas a situação me trouxe outra à mente. Você ainda tem aquela foto que eu lhe dei?

Clary balançou a cabeça.

— Não comigo. Está no meu quarto. Posso buscá-la...

— Não. — Hodge acariciou as penas negras de Hugo. — Quando sua mãe era jovem, tinha um melhor amigo, assim como você tem Simon. Eles eram tão próximos quanto irmãos. Aliás, eram frequentemente confundidos como tal. Ao crescerem, tornou-se claro para todo mundo que ele estava apaixonado por ela, mas ela nunca percebeu isso. Ela sempre se referiu a ele como um "amigo".

Clary olhou fixamente para Hodge.

— Você está falando do Luke?

— Estou — disse Hodge. — Lucian sempre achou que ele e Jocelyn fossem ficar juntos. Quando ela conheceu e se apaixonou por Valentim, ele não suportou. Depois que eles se casaram, ele deixou o Ciclo, desapareceu e permitiu que todos nós pensássemos que ele estivesse morto.

— Ele nunca disse, nunca sequer deu a entender nada nesse sentido — disse Clary. — Todos esses anos e ele poderia ter tentado...

— Ele sabia qual seria a resposta — disse Hodge, olhando através dela em direção ao céu chuvoso. — Lucian nunca foi o tipo de homem a se iludir. Não, ele se contentava em estar perto dela, presumindo, talvez, que com o tempo os sentimentos dela pudessem mudar.

— Mas, se ele a amava, por que disse àqueles homens que não se importava com o que acontecesse a ela? Por que ele se recusou a permitir que dissessem onde ela estava?

— Como disse antes, onde há amor, também há ódio — disse Hodge. — Ela o machucou muito há alguns anos. Ela deu as costas para ele. E, mesmo assim, ele bancou o cão fiel desde então, nunca demonstrando, confrontando ou falando com ela sobre seus sentimentos. Talvez ele tenha encontrado uma oportunidade de virar a mesa. De machucá-la tanto quanto ela o machucou.

— Luke não faria isso — mas Clary estava se lembrando do tom gelado que ele utilizou quando disse a ela para não lhe pedir favor algum. Ela viu o olhar duro nos olhos dele quando encarou os homens de Valentim. Aquele não era o Luke que ela conhecia, o Luke com quem havia crescido. Aquele Luke nunca teria querido punir Jocelyn por não tê-lo amado o suficiente do jeito certo. — Mas ela o amava — disse Clary, falando em voz alta sem perceber. — Apenas não do mesmo jeito que ele a amava. Será que isso não basta?

— Talvez ele achasse que não.

— O que irá acontecer quando pegarmos o Cálice? — perguntou ela. — Como vamos entrar em contato com Valentim para informá-lo de que estamos com ele?

— Hugo irá encontrá-lo.

A chuva batia forte nos vidros. Clary tremeu.

— Vou pegar um casaco — ela disse, saindo de onde estava.

Ela encontrou o casaco verde de capuz no fundo da mochila. Quando o puxou, ouviu alguma coisa se mexer. Era a foto do Ciclo, de sua mãe e Valentim. Ela olhou para a fotografia durante um longo tempo antes de colocá-la de volta na mochila.

Quando voltou para a biblioteca, os outros estavam todos reunidos lá: Hodge, sentado vigilante à mesa com Hugo no ombro, Jace todo de preto, Isabelle com as botas de atacar demônios e o chicote dourado, e Alec com uma bolsa de flechas cruzada no ombro e uma pulseira de couro cobrindo o braço direito do pulso até o cotovelo. Todos, exceto Hodge, exibiam Marcas recém-aplicadas, cada centímetro de pele nua tatuado com desenhos curvilíneos. Jace estava com a manga esquerda dobrada, queixo no ombro, e estava franzindo o rosto enquanto fazia uma Marca octogonal na pele do braço.

Alec olhou para ele.

— Você está fazendo errado — ele disse. — Deixe comigo.

— Eu sou canhoto — disse Jace, suavemente e estendeu a estela. Alec parecia aliviado ao pegá-la, como se até então não tivesse certeza se havia sido perdoado por seu comportamento anterior. — É iratze básico — disse Jace enquanto Alec inclinava a cabeça sobre o braço de Jace, desenhando cuidadosamente as linhas do símbolo de cura. Jace franziu o rosto enquanto a estela deslizava sobre sua pele nua, estreitando os olhos, cerrando os punhos até os músculos do braço direito sobressaírem como cordas. — Pelo Anjo, Alec...

— Estou tentando ser cuidadoso — disse Alec. Ele soltou o braço de Jace e se afastou para admirar o próprio trabalho. — Pronto.

Jace relaxou o punho, abaixando o braço.

— Obrigado. — Ele então pareceu sentir a presença de Clary, olhou para ela e cerrou os olhos dourados. — Clary.

— Você parece pronto — ela disse enquanto Alec, repentinamente enrubescido, se afastava de Jace e se ocupava com as flechas.

— Estamos — disse Jace. — Você ainda está com aquela adaga que eu te dei?

— Não. Perdi no Dumort, lembra?

— É verdade. — Jace olhou para ela, satisfeito. — Quase matou um lobisomem com ela. Lembro.

Isabelle, que estava junto à janela, revirou os olhos.

— Tinha me esquecido de que é isso que o anima e chama sua atenção, Jace. Garotas matando coisas.

— Gosto de qualquer um matando coisas — disse ele. — Principalmente eu.

Clary olhou ansiosamente para o relógio na mesa.

— É melhor descermos. Simon chegará a qualquer instante.

Hodge se levantou da cadeira. Ele parecia muito cansado, pensou Clary, como se não dormisse há dias.

— Que o Anjo olhe por todos vocês — ele disse, e Hugo alçou voo chiando alto, na hora em que os sinos do meio-dia começaram a tocar.

Ainda estava chovendo quando Simon parou a van na esquina e buzinou duas vezes. O coração de Clary saltou — parte dela estava preocupada com a possibilidade de ele não aparecer.

Jace cerrou os olhos através da chuva pesada. Eles quatro haviam se abrigado sob uma cornija de pedra esculpida.

— Essa é a van? Parece uma banana apodrecendo.

Isso era inegável — Eric havia pintado a van com um tom de amarelo néon, e ela estava toda manchada de ferrugem e arranhões, como algo decadente. Simon buzinou novamente. Clary conseguia vê-lo, uma forma embaçada através das janelas molhadas. Ela suspirou e puxou o capuz sobre a cabeça.

— Vamos.

Eles pisaram nas poças imundas que se haviam formado no asfalto, as botas enormes de Isabelle emitiam um ruído alto cada vez que ela tocava o chão com os pés. Simon, deixando o volante, se arrastou até a parte de trás para abrir a porta, revelando assentos cujos forros estavam praticamente podres. Molas de aparência perigosa passavam pelo buraco. Isabelle franziu o nariz.

— É seguro sentar?

— Mais seguro do que ser amarrada ao teto — Simon disse de maneira simpática —, que é sua outra opção — ele acenou com a cabeça um cumprimento para Jace e Alec, ignorando Clary completamente. — E aí?

— E aí? — repetiu Jace, e levantou a bolsa de lona que trazia todas as armas. — Onde podemos colocar isso?

Simon o direcionou para a parte de trás, onde os meninos geralmente guardavam os instrumentos musicais, enquanto Alec e Isabelle se arrastavam pelo banco e se empoleiravam nos assentos.

— Tiro![*] — anunciou Clary quando Jace apareceu de volta ao lado da van.

Alec pegou o arco, preso às costas dele.

— Onde?

— O que ela está dizendo é que quer o banco da frente — disse Jace, tirando o cabelo molhado dos olhos.

— É um belo arco — disse Simon, com um aceno de cabeça para Alec.

Alec piscou, com a chuva escorrendo dos cílios.

— Você sabe alguma coisa sobre arco e flecha? — ele perguntou em um tom que sugeria dúvida.

— Participei de um acampamento de arco e flecha — disse Simon. — Por seis anos consecutivos.

A resposta foram três olhares vazios e um sorriso de apoio de Clary, que Simon ignorou. Ele olhou para o céu, que estava desabando.

— É melhor irmos antes que comece um dilúvio.

O banco da frente do carro estava coberto por sacos vazios de Doritos e pedaços de bala. Clary afastou o que podia. Simon ligou o carro antes que ela tivesse terminado, lançando-a contra o assento.

— Ai — ela exclamou, em tom de reprovação.

— Desculpe — disse, sem olhar para ela.

Clary podia ouvir os outros conversando suavemente entre si — provavelmente, discutindo estratégias de batalha e a melhor maneira de decapitar um demônio sem sujar as botas de couro novas. Apesar de não haver nada separando os bancos dianteiros do traseiro, Clary sentiu um silêncio desconfortável entre ela e Simon, como se eles estivessem sozinhos.

— Então, qual é a do "E aí"? — ela perguntou para Simon enquanto ele manobrava a van pela FDR, a autoestrada que corria ao longo do East River.

— Que "e aí"? — ele respondeu, fechando um carro utilitário preto cujo ocupante, um homem de terno com um telefone celular nas mãos, fez um gesto obsceno para eles por trás do vidro fumê.

— Essa coisa do "e aí" que os meninos fazem. Como quando viu Jace e Alec, você disse "e aí", e eles disseram "e aí" de volta. O que há de errado com "oi"?

Ela pensou ter visto um músculo se contrair na face dele.

— "Oi" é coisa de menina — ele informou. — Homens de verdade são diferentes. Falam "e aí".

— Então, quanto mais homem você for, menos educado?

— Isso mesmo — Simon fez que sim com a cabeça. À sua frente, Clary podia ver o nevoeiro que descia sobre o East River, blindando a margem do lago com uma névoa cinzenta. A água em si tinha cor de chumbo, agitada como creme de chantilly pelo vento forte. — É por isso que, quando os caras mais broncos se cumprimentam nos filmes, não dizem nada, apenas acenam com a cabeça. O aceno significa "eu sou bronco e reconheço que você também é", mas eles não dizem nada porque são o Wolverine e o Magneto, e explicar isso estragaria o clima.

— Não faço ideia do que você está falando — disse Jace, do banco de trás.

— Ótimo — retrucou Clary, e foi recompensada com um sorriso contido de Simon, enquanto

ele virava na Manhattan Bridge, em direção ao Brooklyn e à casa dela.

Até chegarem à casa de Clary, finalmente já havia parado de chover. Raios de sol penetravam o restante da névoa e as poças nas calçadas estavam diminuindo. Jace, Alec e Isabelle fizeram Clary e Simon esperarem perto da van enquanto foram checar, conforme dissera Jace, "os níveis de atividade demoníaca".

Simon observou enquanto os três Caçadores de Sombras foram até o caminho alinhado de rosas que levava à entrada da casa.

— Níveis de atividade demoníaca? Por acaso, eles têm um dispositivo que mede se os demônios dentro da casa estavam fazendo power yoga?

— Não — respondeu Clary, tirando o capuz para poder aproveitar a sensação da luz do sol sobre o cabelo molhado. — O Sensor diz a eles o quão poderosos são os demônios, se houver demônios.

Simon parecia impressionado.

— Isso é realmente útil.

Ela virou para ele.

— Simon, sobre ontem à noite...

Ele levantou a mão.

— A gente não precisa falar sobre isso. Aliás, prefiro não falar.

— Só me deixe dizer uma coisa — ela continuou rapidamente. — Eu sei que, quando você disse que me amava, a minha resposta não foi exatamente o que queria ouvir.

— É verdade. Eu sempre esperei que, quando finalmente resolvesse dizer "eu te amo" a uma garota, que ela fosse dizer "eu sei" em resposta, como a princesa Leia disse para o Han em O retorno de Jedi.

— Que coisa mais nerd — disse Clary, sem conseguir se conter.

Ele olhou fixamente para ela.

— Desculpe — ela disse. — Olhe, Simon, eu...

— Não — ele disse. — Olhe você, Clary. Olhe para mim, e me veja de verdade. Você consegue fazer isso?

Ela olhou para ele. Olhou para os olhos escuros, marcados com uma cor mais fraca no limite da íris, e para as sobrancelhas levemente desiguais, os cílios longos, os cabelos escuros e o sorriso hesitante e as mãos musicais, tudo parte de Simon, que era parte dela. Se ela tivesse de falar a verdade, será que realmente diria que nunca soubera que ele a amava? Ou simplesmente que nunca soubera o que faria a respeito se ele se declarasse?

Ela suspirou.

— Ver através do feitiço é fácil. As pessoas é que são difíceis.

— Todo mundo vê o que quer ver — ele disse tranquilamente.

— Jace não — ela observou, sem conseguir se controlar, pensando naqueles olhos claros e frios.

— Ele consegue mais do que ninguém.

Ela franziu o rosto.

— O que você...

— Certo. — Veio a voz de Jace, interrompendo-os. Clary se virou rapidamente. — Checamos todos os quatro cantos da casa: nada. Atividade baixa. Provavelmente só os Renegados e eles podem até não nos incomodar, a não ser que tentemos entrar no apartamento de cima.

— E, se incomodarem — disse Isabelle, com um sorriso tão brilhante quanto o chicote —, estaremos prontos para eles.

Alec arrastou a bolsa de lona para fora da van, jogando-a sobre a calçada.

— Pronto — ele anunciou. — Vamos acabar com alguns demônios!

Jace olhou para ele de um jeito estranho.

— Você está bem?

— Estou. — Sem olhar para ele, Alec descartou o arco e a flecha em favor de um bastão de madeira polida com duas lâminas brilhantes que surgiram ao leve toque de dedos. — Assim é melhor.

Isabelle olhou preocupada para o irmão.

— Mas o arco...

Alec interrompeu-a.

— Sei o que estou fazendo, Isabelle.

O arco estava no banco de trás, reluzindo ao sol. Simon se esticou para pegá-lo, depois puxou de volta a mão, enquanto um grupo de jovens moças empurrando carrinhos passava na direção do parque. Elas não perceberam os três adolescentes fortemente armados perto da van amarela.

— Como eu consigo ver vocês? — perguntou Simon. — O que aconteceu com a mágica da invisibilidade de vocês?

— Você consegue nos ver — disse Jace — porque agora sabe a verdade sobre o que está vendo.

— É — disse Simon. — Acho que sim.

Ele protestou um pouco quando pediram para que ele ficasse junto à van, mas Jace o convenceu de que era importante haver um carro de fuga posicionado na esquina.

— A luz do sol é fatal para os demônios, mas não atinge os Renegados. E se eles nos perseguirem? E se o carro for rebocado?

A última coisa que Clary viu de Simon quando virou para acenar da varanda foram suas longas pernas sobre o painel do carro enquanto ele remexia a coleção de CDs de Eric. Ela

suspirou aliviada. Pelo menos Simon estava seguro.

O cheiro a atingiu assim que atravessaram a porta da frente. Era quase indescritível, como ovos podres, carne estragada e algas apodrecendo na praia. Isabelle torceu o nariz e Alec ficou verde, mas Jace parecia estar inalando um perfume raro.

— Demônios passaram por aqui — ele anunciou seco, mas com deleite. — E recentemente, por sinal.

Clary olhou ansiosa para ele.

— Mas eles não estão...

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Teríamos sentido. Ainda — ele apontou com o queixo para a porta de Dorothea, completamente fechada, sem qualquer feixe de luz emitido por baixo. — Ela pode ter algumas satisfações a dar para a Clave se descobrirem que anda recebendo demônios.

— Duvido que a Clave queira saber disso — disse Isabelle. — Em média, ela provavelmente vai se sair melhor do que nós.

— Eles não vão se importar, contanto que a gente acabe com o Cálice nas mãos. — Alec estava olhando em volta, seus olhos azuis estavam absorvendo o saguão, a escadaria curvada que dava lá em cima, as manchas na parede. — Principalmente se mutilarmos alguns Renegados no processo.

Jace balançou a cabeça.

— Eles estão no apartamento de cima. Meu palpite é que eles não vão nos incomodar, a não ser que tentemos entrar.

Isabelle tirou uma pequena mecha de cabelos da face e franziu o rosto para Clary.

— O que você está esperando?

Clary olhou involuntariamente para Jace, que lhe lançou um sorriso de lado. Vá em frente, a expressão dele dizia.

Ela atravessou o saguão em direção à porta de Dorothea, caminhando cuidadosamente. Com a claraboia escurecida com sujeira e a lâmpada da entrada ainda apagada, a única luminosidade provinha da pedra enfeitiçada de Jace. O ar estava quente e pesado, e as sombras pareciam se erguer diante dela como plantas que crescem magicamente em uma floresta de pesadelo. Ela estendeu a mão para bater à porta de Dorothea, primeiro levemente, depois com mais força.

A porta se abriu, entornando uma onda de luz dourada no saguão. Dorothea estava lá, grande e imponente, em tons de verde e laranja. Hoje, o turbante que usava era amarelo brilhante, adornado com um canarinho empalhado e aba de penas. Brincos de candelabro batiam nos cabelos, e os pés estavam descalços. Clary se surpreendeu — ela jamais vira Dorothea descalça, nem calçando algo que não fossem chinelos desbotados.

As unhas dos pés estavam pintadas em um tom de rosa-claro de muito bom gosto.

— Clary — exclamou ela, e tomou-a em um forte abraço. Por um instante, Clary se debateu, sufocada por um mar de perfume, veludo e as pontas do xale de Dorothea. — Por Deus, menina — disse a bruxa, balançando a cabeça de modo que os brincos sacudiram como moinhos de vento em uma tempestade. — Da última vez em que a vi, você estava desaparecendo pelo meu Portal. Onde você foi parar?

— Em Williamsburg — disse Clary, recuperando o ar.

As sobrancelhas de Dorothea se ergueram alto.

— E ainda dizem que não há transporte público eficiente no Brooklyn. — Ela abriu a porta e gesticulou para os outros entrarem.

O local parecia inalterado desde a última vez em que Clary o tinha visto: as mesmas cartas de tarô e bola de cristal sobre a mesa. Seus dedos coçaram para alcançar as cartas, pegá-las e ver o que poderia estar escondido sob as superfícies pintadas.

Dorothea sentou-se agradecida em uma poltrona e olhou para os Caçadores de Sombras com um olhar tão certeiro quanto os olhos do canarinho empalhado do chapéu. Velas aromáticas queimavam em pratos em ambos os lados da mesa, o que não adiantava muito para conter o cheiro horrível que impregnava o restante da casa.

— Suponho que ainda não tenha localizado a sua mãe? — ela perguntou a Clary.

Clary sacudiu a cabeça.

— Não. Mas eu sei quem a levou.

Os olhos de Dorothea passaram de Clary para Alec e Isabelle, que estavam examinando a Mão do Destino na parede. Jace, parecendo completamente despreocupado no papel de guarda-costas, estava no braço da cadeira. Satisfeita por nenhum de seus bens estar sendo destruído, Dorothea voltou o olhar novamente para Clary.

— Foi...

— Valentim — confirmou Clary. — Foi ele.

Dorothea suspirou.

— Era o que eu temia — ela se ajeitou novamente sobre as almofadas. — Você sabe o que ele quer com ela?

— Eu sei que ela foi casada com ele...

A bruxa rosnou.

— Amor tomando rumos adversos. A pior coisa.

Jace fez um barulho suave, quase inaudível ao ouvir isso — uma risada. As orelhas de Dorothea se mexeram, como as de um gato.

— Qual é a graça, menino?

— O que você sabe sobre o assunto? — ele perguntou. — Digo, sobre amor.

Dorothea cruzou as mãos macias e pálidas sobre o próprio colo.

— Mais do que você possa imaginar — ela respondeu. — Eu não li suas folhas de chá, menino? Por acaso você já se apaixonou pela pessoa errada?

Jace disse:

— Infelizmente, Dama dos Refugiados, meu único verdadeiro amor permanece sendo eu mesmo.

Dorothea sorriu desdenhosamente ao ouvir isso.

— Pelo menos — ela disse —, você não precisa se preocupar com rejeição, Jace Wayland.

— Não necessariamente. Eu mesmo às vezes me dispenso, só para manter as coisas interessantes.

Dorothea sorriu novamente. Clary a interrompeu.

— Você deve estar imaginando o que estamos fazendo aqui, Madame Dorothea.

A senhora recuou, esfregando os olhos.

— Por favor — ela disse —, sinta-se à vontade para dar a mim meu título adequado, como o menino o fez. Você pode me chamar de Dama. E presumo — ela acrescentou — que vocês vieram pelo prazer da minha companhia. Por acaso estou errada?

— Não tenho tempo para o prazer da companhia de ninguém. Tenho que ajudar a minha mãe, e para isso preciso de uma coisa.

— E que coisa é essa?

— Algo chamado Cálice Mortal — respondeu Clary — e Valentim achou que minha mãe o tivesse. Foi por isso que a levaram.

Dorothea parecia verdadeiramente surpresa.

— O Cálice do Anjo? — ela disse, com a voz carregada de descrença. — O Cálice de Raziel, no qual ele misturou o sangue de anjos e homens e deu essa mistura para um homem beber, e criou o primeiro Caçador de Sombras?

— Esse mesmo — disse Jace, com o tom levemente seco.

— E por que ele acharia que sua mãe estava com o Cálice? — perguntou Dorothea. — Logo Jocelyn? — A percepção recaiu sobre seu rosto antes que Clary pudesse falar. — Porque ela não era Jocelyn Fray, de jeito nenhum — ela disse. — Ela era Jocelyn Fairchild, mulher dele. A que todos pensavam que estivesse morta. Ela pegou o Cálice e fugiu, não foi?

Algo se acendeu no fundo dos olhos da bruxa, mas ela abaixou as pálpebras tão depressa que Clary achou que pudesse estar imaginando.

— Então — disse Dorothea —, você sabe o que vai fazer agora? Onde quer que ela tenha escondido, não vai ser fácil de achar, mesmo que você queira. Valentim poderia fazer coisas terríveis se tivesse o Cálice em mãos.

— Quero encontrá-lo — afirmou Clary. — Nós queremos...

Jace interrompeu-a suavemente.

— Nós sabemos onde está — ele acrescentou. — Só precisamos resgatá-lo.

Os olhos de Dorothea se arregalaram.

— Bem, e onde está?

— Aqui — disse Jace, em um tom tão convicto que Isabelle e Alec abandonaram a análise da estante de livros para ver o que estava se passando.

— Aqui? Quer dizer que está com você?

— Não exatamente, cara Dama — respondeu Jace, que estava, Clary sentiu, adorando aquilo tudo de um jeito muito assustador. — Quero dizer que está com você.

A boca de Dorothea se fechou.

— Isso não tem a menor graça — ela disse, tão brutalmente que Clary se preocupou com a possibilidade de que isso tudo tivesse tomando um rumo muito errado. Por que Jace sempre tinha de antagonizar a todos?

— Está com você, sim — Clary interrompeu apressadamente —, mas não...

Dorothea se levantou da poltrona, recompondo-se em sua altura plena e magnífica, e olhou para eles.

— Vocês estão enganados — ela disse friamente. — Tanto por imaginarem que eu estou com o Cálice quanto por ousarem vir até aqui e me chamarem de mentirosa.

A mão de Alec foi para a sua arma.

— Oh, Deus — ele disse a si mesmo.

Espantada, Clary balançou a cabeça.

— Não — ela disse rapidamente. — Não a estou chamando de mentirosa, juro. Estou dizendo que o Cálice está aqui, mas você nunca soube.

Madame Dorothea encarou-a. Seus olhos quase escondidos nas dobras do rosto eram duros como bolas de gude.

— Explique-se — ela disse.

— Estou dizendo que minha mãe o escondeu aqui — disse Clary. — Há anos. Ela nunca contou por não querer envolvê-la.

— Então ela o deu disfarçado — explicou Jace —, sob a forma de um presente.

Dorothea o encarou com olhos vazios.

Será que ela não se lembra?, pensou Clary, confusa.

— O baralho de tarô — ela disse. — As cartas que ela pintou para você.

O olhar da Bruxa se voltou para as cartas, dispostas na mesa sobre os embrulhos de seda.

— As cartas? — enquanto os olhos dela se arregalavam, Clary foi até a mesa e pegou o baralho. As cartas estavam mornas, quase escorregadias. Agora, de um jeito que não havia conseguido antes, ela sentiu o poder dos símbolos pintados nas partes de trás pulsando nas pontas de seus dedos. Ela encontrou o Ás de Copas pelo toque e o pegou, deixando as demais

cartas sobre a mesa.

— Aqui está — ela disse.

Todos estavam olhando para ela, com expectativa, absolutamente parados. Lentamente, ela virou a carta e admirou mais uma vez o trabalho artístico da mãe: a mão fina pintada, com os dedos envoltos no caule dourado do Cálice Mortal.

— Jace — ela disse. — Me dê a sua estela.

Ele a pressionou, morna e vibrante contra a palma da mão dela. Ela virou a carta e passou a estela sobre os símbolos desenhados na parte de trás — um giro aqui e ali e eles passavam a significar alguma coisa inteiramente diferente. Quando virou a carta outra vez, a figura havia mudado sutilmente: os dedos haviam soltado o Cálice, e a mão parecia estar oferecendo-o a ela, como se dissesse: Aqui, pegue-o.

Ela pôs a estela no bolso. Depois, apesar de o quadrado pintado não ser maior que sua mão, ela alcançou dentro da carta como se fosse um buraco amplo. Ela segurou o Cálice pela base — com os dedos cerrados em torno dele — e, ao puxar a mão de volta, com o Cálice firmemente preso a ela, pensou ter ouvido leves suspiros ante a carta, agora branca e vazia, transformada em cinzas que escorreram por entre seus dedos, para o carpete no chão.

Nota

* Shotgun no original. Além de significar tiro de arma de fogo, é uma gíria comum nos Estados Unidos: quem fala primeiro a palavra, ganha o direito de ficar no banco da frente. (N. do E.)

17

A Leste do Éden

— Como você fez aquilo? — Clary perguntou enquanto a picape acelerava, Luke curvado sobre o volante.

— Como eu subi no telhado? — Jace estava encostado no assento, com os olhos semicerrados. Havia ataduras brancas ao redor dos pulsos e manchas de sangue seco na cabeça. — Primeiro saí pela janela do quarto da Isabelle e escalei a parede. Há muitas gárgulas que servem de apoio. Além disso, gostaria de informá-los de que a minha moto não está mais onde eu a deixei. Aposto que a Inquisidora a levou para um passeio por Hoboken.

— Eu quis dizer como você saltou do telhado da catedral e não morreu?

— Não sei. — O braço dele roçou no dela enquanto ele levantava as mãos para esfregar os olhos. — Como você criou aquele símbolo?

— Também não sei — sussurrou ela. — A rainha Seelie tinha razão, não tinha? Valentim, ele... ele fez coisas conosco. — Ela olhou para Luke, que fingia estar totalmente concentrado em virar à esquerda. — Não fez?

— Não é hora de falar sobre isso — disse Luke. — Jace, você tinha algum destino específico em mente ou só queria se afastar do Instituto?

— O Valentim levou Maia e Simon para o navio para executar o Ritual. Ele vai querer fazê-lo o mais rápido possível. — Jace estava puxando uma das ataduras do pulso. — Tenho que ir até lá e impedi-lo.

— Não — Luke disse sem deixar margem para dúvidas.

— Tudo bem, nós temos que ir até lá e impedi-lo.

— Jace, não vou permitir que você volte àquela embarcação. É perigoso demais.

— Você viu o que eu acabei de fazer — disse Jace, a voz carregada de incredulidade — e está preocupado comigo?

— Estou preocupado com você.

— Não temos tempo para isso. Depois que o meu pai matar os seus amigos, ele vai convocar um exército de demônios que você nem pode imaginar. Depois disso, será impossível contê-lo.

— Então a Clave...

— A Inquisidora não vai fazer nada — disse Jace. — Ela bloqueou o acesso dos Lightwood à Clave. Não quis convocar reforços, nem quando eu disse a ela o que o Valentim planeja. Está obcecada com um plano insano que bolou.

— Que plano? — perguntou Clary.

A voz de Jace era amarga.

— Ela queria me trocar com o meu pai pelos Instrumentos Mortais. Eu disse a ela que Valentim jamais aceitaria, mas ela não acreditou. — Ele riu, uma risada mordaz e curta. — Isabelle e Alec vão contar a ela o que aconteceu com Simon e Maia, mas não estou muito otimista. Ela não acredita no que eu disse sobre Valentim e não vai querer desistir do plano só para salvar dois integrantes do Submundo.

— Não podemos simplesmente esperar para termos notícias deles, de qualquer forma — disse Clary. — Temos que ir para o navio agora. Se você puder nos levar até lá...

— Detesto ter que dizer isso, mas precisamos de um barco para chegarmos ao outro — disse Luke. — Acho que nem mesmo Jace pode andar sobre a água.

Naquele instante o telefone de Clary tremeu. Era uma mensagem de texto de Isabelle. Clary franziu o cenho.

— É um endereço. Perto da margem do rio.

Jace olhou por cima do ombro dela.

— É para lá que temos que ir para encontrar Magnus. — Ele leu o endereço para Luke, que, irritado, fez um retorno proibido e voltou para a direção sul. — Magnus vai nos ajudar a atravessar a água — explicou Jace. — O navio está cercado por barreiras protetoras. Antes eu consegui entrar porque o meu pai queria que eu entrasse. Dessa vez não vai querer. Precisaremos do Magnus para lidar com as barreiras.

— Não estou gostando nada disso. — Luke tamborilou os dedos no volante. — Acho que eu deveria ir, e vocês dois deveriam ficar com Magnus.

Os olhos de Jace brilharam.

— Não, tem que ser eu.

— Por quê? — perguntou Clary.

— Porque Valentim está usando um demônio do medo — explicou Jace. — Foi assim que ele conseguiu matar os Irmãos do Silêncio. Foi o que aniquilou o feiticeiro, o lobisomem no beco atrás do Hunter's Moon, e provavelmente o que matou o menino fada no parque. E é a razão pela qual os Irmãos do Silêncio tinham aquelas expressões. Aquelas expressões de pavor. Literalmente morreram de medo.

— Mas o sangue...

— Ele drenou o sangue depois. E no beco foi interrompido por um dos licantropes. Por isso não teve tempo suficiente para pegar o sangue de que precisava. E por isso ainda precisa da Maia. — Jace passou a mão pelo cabelo. — Ninguém suporta um demônio do medo. Ele entra na cabeça e destrói a mente da pessoa.

— Agramon — disse Luke, que estivera em silêncio, olhando através do para-brisa. O rosto dele estava sombrio e atormentado.

— É, foi assim que Valentim o chamou.

— Ele não é um demônio do medo. Ele é o demônio do medo. O Demônio do Medo. Como Valentim conseguiu invocar Agramon? Até um feiticeiro teria dificuldades de controlar um Demônio Maior, e fora do pentagrama... — Luke respirou fundo. — Foi assim que o menino feiticeiro morreu, não foi? Invocando Agramon?

Jace fez que sim com a cabeça e explicou rapidamente o truque que Valentim tinha usado com Elias.

— O Cálice Mortal — concluiu — permite que ele controle Agramon. Aparentemente confere a ele alguma espécie de poder sobre demônios. Mas não com a Espada.

— Agora estou menos inclinado ainda a deixá-lo ir — disse Luke. — É um Demônio Maior, Jace. Seriam necessários todos os Caçadores de Sombras da cidade para lidar com ele.

— Eu sei que é um Demônio Maior. Mas a arma dele é o medo. Se Clary conseguir colocar o símbolo do Destemor em mim, posso derrotá-lo. Ou pelo menos tentar.

— Não! — protestou Clary. — Não quero que a sua segurança dependa de um dos meus símbolos estúpidos. E se não funcionar?

— Já funcionou — disse Jace enquanto saíam da ponte e voltavam para o Brooklyn. Estavam passando pela estreita Van Brunt Street, entre fábricas altas de tijolos cujas janelas e portas trancadas com cadeados não ofereciam a menor pista quanto ao que havia dentro. A distância, a água do rio brilhava entre os prédios.

— E se dessa vez eu errar?

Jace virou a cabeça para ela e por um instante seus olhares se encontraram. O dele era o dourado distante do sol.

— Não vai errar — disse ele.

— Tem certeza quanto a esse endereço? — perguntou Luke, parando a picape lentamente. — Magnus não está aqui.

Clary olhou em volta. Eles estavam diante de uma fábrica grande, que aparentava ter sido destruída por um terrível incêndio. As paredes ocas de tijolo e gesso ainda estavam de pé, mas estruturas metálicas despontavam através delas, curvadas e manchadas de queimaduras. Ao longe, Clary podia ver o distrito financeiro de Manhattan, e a corcunda preta da Governors Island, mais distante no mar.

— Ele vai vir — disse ela. — Se disse a Alec que vinha, vai vir.

Eles desceram da caminhonete. Apesar de a fábrica ficar em uma rua ladeada de prédios semelhantes, estava quieta mesmo para um domingo. Não havia ninguém ao redor, e nenhum dos sons de comércio — caminhões recuando, homens gritando — que Clary associava aos distritos de armazéns. Em vez disso havia silêncio, uma brisa suave vinda do rio e o choro de

pássaros marinhos. Clary vestiu o capuz, puxou o zíper do casaco e estremeceu.

Luke fechou a porta da picape e ofereceu a Clary um par de grossas luvas de lã. Ela as colocou e agitou os dedos. Eram tão grandes que era como se estivesse vestindo uma pata. Olhou ao redor.

— Espere... cadê o Jace?

Luke apontou. Jace estava ajoelhado perto da água, uma figura escura cujos cabelos brilhantes eram o único ponto de cor contra o céu azul cinzento e o rio marrom.

— Você acha que ele quer privacidade? — perguntou.

— Nessa situação, a privacidade é um luxo que nenhum de nós pode ter. Vamos. — Luke avançou a passos largos pela rua, e Clary o seguiu. A fábrica ia até próximo da água, mas havia uma praia ampla perto. Ondas rasas batiam nas pedras cobertas de algas. Galhos haviam sido postos em um quadrado malfeito ao redor de um ponto negro onde uma fogueira havia queimado. Havia latas enferrujadas e garrafas espalhadas por todos os lados. Jace estava perto da beira da água, sem o casaco. Enquanto Clary assistia, ele jogou algo pequeno e branco na direção da água, algo que a atingiu com uma borrifada e desapareceu.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

Jace virou-se para encará-los, o vento soprando os cabelos claros por cima do rosto.

— Mandando um recado.

Por cima do ombro dele Clary pensou ter visto uma linha brilhante — como um pedaço de alga marinha — emergir da água cinza com algo branco nas garras. Um instante depois desapareceu e ela ficou observando, confusa.

— Um recado para quem?

Jace franziu o cenho.

— Ninguém. — Ele se virou de costas para a água e caminhou pela praia de pedras até onde tinha deixado o casaco. Havia três longas lâminas sobre ele. Enquanto virava, Clary viu os discos afiados de metal presos no cinto dele.

Jace passou os dedos pelas lâminas — eram lisas e branco acinzentadas, esperando para serem nomeadas.

— Não tive chance de ir ao arsenal, então essas são as armas que temos. Eu achei que era melhor nos prepararmos o máximo possível antes de Magnus chegar. — Ele levantou a primeira lâmina. — Abrariel. — A faca serafim brilhou e mudou de cor ao ser nomeada. Jace entregou-a para Luke.

— Estou bem — disse Luke, e abriu o casaco para mostrar a kindjal no cinto.

Jace entregou Abrariel a Clary, que pegou a arma silenciosamente. Estava quente, como se uma vida secreta brilhasse dentro dela.

— Camael — Jace disse para a segunda lâmina, fazendo-a estremecer e brilhar. — Telantes —

disse para a terceira.

— Você alguma vez usa o nome de Raziel? — Clary perguntou enquanto Jace colocava as lâminas no bolso e vestia o casaco outra vez, levantando-se.

— Nunca — disse Luke. — Não se faz isso. — O olhar dele examinou a estrada atrás de Clary, procurando por Magnus. Ela podia sentir a ansiedade dele, mas antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, seu telefone vibrou. Ela o abriu e o entregou silenciosamente a Jace. Ele leu a mensagem, erguendo as sobrancelhas.

— Parece que a Inquisidora deu até o pôr do sol para Valentim decidir se me quer mais do que quer os Instrumentos Mortais — disse ele. — Ela e Maryse estão brigando há horas, então ela ainda não percebeu que eu fugi.

Ele devolveu o telefone para Clary. Seus dedos se tocaram, e Clary recolheu a mão, apesar da luva grossa que cobria a pele. Ela viu uma sombra passando pelas feições de Jace, mas ele não disse nada. Em vez disso, voltou-se para Luke e fez uma pergunta surpreendentemente repentina.

— O filho da Inquisidora morreu? É por isso que ela é assim?

Luke suspirou e colocou as mãos nos bolsos do casaco.

— Como você chegou a essa conclusão?

— Pela maneira como ela reage quando alguém menciona o nome dele. É a única coisa que a faz ter alguma reação que demonstre que tem sentimentos humanos.

Luke expirou. Ele tinha tirado os óculos e estava com os olhos cerrados contra o vento forte do rio.

— A Inquisidora é do jeito que é por uma série de razões. Stephen é apenas uma delas.

— É estranho — disse Jace. — Ela não parece ser alguém que nem sequer goste de crianças.

— Não das dos outros — disse Luke. — Com o dela era diferente. Stephen era o menino de ouro dela. Aliás, era o menino de ouro de todo mundo... de todos que o conheciam. Era uma daquelas pessoas que tinha talento para tudo, extremamente gentil sem ser tedioso, bonito sem que ninguém o odiasse. Bem, talvez o odiássemos um pouquinho.

— Ele estudou com você? — perguntou Clary. — E a minha mãe... e Valentim? Foi assim que o conheceram?

— Os Harondale tinham a função de comandar o Instituto de Londres, e Stephen estudava lá. Eu passei a vê-lo mais depois que todos nos formamos, quando ele voltou para Alicante. E houve um tempo em que o via com muita frequência. — Os olhos de Luke tinham se tornado distantes, do mesmo azul cinzento do rio. — Depois que ele se casou.

— Então ele fazia parte do Ciclo? — perguntou Clary.

— Naquela época não — disse Luke. — Ele se juntou ao Ciclo depois que eu... bem, depois do que aconteceu comigo. Valentim precisava de um novo segundo no comando e queria Stephen. Imogen, que era incrivelmente leal à Clave, ficou histérica, e implorou a Stephen para

reconsiderar, mas ele não deu atenção. Não falou mais com ela, nem com o pai. Ficou absolutamente escravizado por Valentim. Ia atrás dele para todos os lugares, como uma sombra. — Luke fez uma pausa. — A questão era que Valentim não achava que a esposa de Stephen fosse adequada para ele. Não para alguém que ia ser o segundo homem no comando do Ciclo. A mulher tinha... conexões familiares indesejáveis. — A dor na voz de Luke surpreendeu Clary. Será que ele realmente se importava tanto assim com aquelas pessoas? — Valentim forçou Stephen a se divorciar de Amatis e se casar novamente. A segunda mulher era uma menina muito jovem, de apenas 18 anos, chamada Céline. Ela também foi muito influenciada pelo Valentim, fazia tudo que ele mandava, não importava quão absurdo fosse. Então o Stephen foi morto em uma invasão do Ciclo a um ninho de vampiros. Céline se matou quando soube. Ela estava grávida de oito meses na época. E o pai do Stephen morreu também, de tristeza. Então se foi toda a família da Imogen, todos mortos. Nem sequer puderam enterrar as cinzas da nora e do neto na Cidade dos Ossos, porque Céline se suicidou. Ela foi enterrada em um cruzamento fora de Alicante. Imogen sobreviveu, mas... se transformou em gelo. Quando o Inquisidor foi morto na Ascensão, o cargo foi oferecido a ela, que voltou de Londres para Idris, mas nunca mais, até onde sei, falou sobre o Stephen novamente. Mas isso explica por que ela odeia Valentim tanto assim.

— Por que meu pai envenena tudo que toca? — Jace disse de forma amarga.

— Porque o seu pai, com todos os pecados que cometeu, ainda tem um filho, e ela não. E porque ela o culpa pela morte do Stephen.

— E tem razão — disse Jace. — A culpa foi dele.

— Não completamente — disse Luke. — Ele deu uma escolha ao Stephen, e Stephen escolheu. Quaisquer que sejam os seus outros defeitos, Valentim nunca ameaçou nem chantageou ninguém para entrar no Ciclo. Ele só queria seguidores que quisessem segui-lo. A responsabilidade pelas escolhas do Stephen foi toda dele.

— Livre-arbítrio — disse Clary.

— Não há nada de livre — disse Jace. — Valentim...

— Ele ofereceu a você uma escolha, não ofereceu? — perguntou Luke. — Quando você foi vê-lo. Ele queria que você ficasse, não queria? Ficasse e se unisse a ele?

— Queria. — Jace olhou para a água em direção a Governors Island. — Queria, sim. — Clary podia ver o rio refletido em seus olhos; pareciam de aço, como se a água cinzenta tivesse extraído todo o dourado.

— E você disse não — disse Luke.

Jace o encarou.

— Eu queria que as pessoas parassem de adivinhar o que eu disse. Está fazendo com que eu me sinta previsível.

Luke virou como que para esconder um sorriso e disse:

— Vem vindo alguém.

Alguém de fato estava vindo, alguém muito alto com cabelos negros ao vento.

— Magnus — disse Clary. — Mas ele parece... diferente.

Ao se aproximar, ela viu que o cabelo, normalmente arrepiado e brilhante como um globo de discoteca, estava limpo, preso atrás das orelhas como um lençol de seda negra. As calças de couro arco-íris tinham sido substituídas por um terno antigo escuro e um fraque preto com botões prateados cintilantes. Seus olhos de gato brilhavam em âmbar e verde.

— Vocês parecem surpresos em me ver.

Jace olhou para o relógio.

— Realmente nos perguntamos se você viria.

— Eu disse que viria, então vim. Só precisava de tempo para me preparar. Isso não é um truque de cartola, Caçador de Sombras. Vai exigir magia séria. — Ele se voltou para Luke. — Como está o braço?

— Bem. Obrigado. — Luke sempre era educado.

— Aquela é a sua caminhonete estacionada perto da fábrica, não é? — Magnus apontou. — É extremamente máscula para um vendedor de livros.

— Ah, não sei — disse Luke. — Toda a história de arrastar caixas de livros pesadas, subir em prateleiras, organizar em ordem alfabética...

Magnus riu.

— Você pode destrancar a caminhonete para mim? Quero dizer, eu mesmo o faria — ele balançou os dedos —, mas me parece grosseiro.

— Claro. — Luke deu de ombros enquanto voltavam para a fábrica, mas quando Clary fez menção de segui-los, Jace a pegou pelo braço.

— Espere. Quero falar com você um segundo.

Clary observou enquanto Magnus e Luke iam até a picape. Eles formavam uma dupla estranha, o feiticeiro alto com um casaco preto e longo, e o homem mais baixo e mais forte com calça jeans e blusa de flanela, mas eram ambos do Submundo, ambos estavam presos no mesmo espaço entre os mundos dos mundanos e dos sobrenaturais.

— Clary — disse Jace. — Planeta Terra chamando. Onde você está?

Ela olhou de volta para ele. O sol estava se pondo na água atrás dele agora, deixando seu rosto na sombra e transformando os cabelos em uma auréola dourada.

— Desculpe.

— Tudo bem. — Ele tocou o rosto dela gentilmente com as costas da mão. — Você às vezes desaparece completamente na sua própria cabeça. Gostaria de poder segui-la.

Você segue, ela queria dizer. Você vive na minha cabeça o tempo todo.

— O que você queria me dizer? — foi o que disse no lugar.

Ele abaixou a mão.

— Quero que faça o símbolo do Destemor em mim. Antes que o Luke volte.

— Por que antes que ele volte?

— Porque ele vai dizer que é uma péssima ideia, mas é a única chance de derrotarmos o Agramon. Luke nunca... o encontrou, ele não sabe como é, mas eu sei.

Ela examinou o rosto dele.

— Como foi?

Os olhos dele ficaram ilegíveis.

— Você vê o que mais teme no mundo.

— Eu nem sei o que é.

— Confie em mim. Não quer saber. — Ele olhou para baixo. — Você está com a sua estela?

— Sim, está aqui. — Ela tirou a luva de lã da mão direita e pegou a estela. A mão tremia um pouco ao sacá-la. — Onde você quer a Marca?

— Quanto mais perto do coração, mais eficiente. — Ele se virou de costas e tirou o casaco, deixando-o cair no chão. Levantou a camisa, expondo as costas. — Na omoplata seria bom.

Clary colocou uma das mãos no ombro dele para se apoiar. A pele dele ali era de um dourado mais claro do que nas mãos e no rosto, e macia onde não havia cicatrizes. Ela traçou a ponta da estela na omoplata de Jace e o sentiu se contraindo um pouco, os músculos enrijecendo.

— Não aperte com tanta força...

— Desculpe. — Ela diminuiu a pressão, deixando o símbolo fluir na mente, pelo braço, até a estela. A linha negra que deixou parecia queimada, uma linha de cinzas. — Pronto. Acabei.

Ele se virou, colocando a camisa outra vez.

— Obrigado. — O sol estava queimando além do horizonte agora, inundando o céu com sangue e rosas, transformando a beira do rio em ouro líquido, suavizando a feiura do lixo urbano ao redor. — E você?

— O que tem eu?

Ele deu um passo mais para perto.

— Puxe a manga para cima. Eu Marco você.

— Ah. Certo. — Ela fez o que ele pediu, puxando as mangas para cima e estendendo os braços nus para ele.

A picada da estela na pele era como o leve toque de uma agulha arranhando sem perfurar. Ela assistiu às linhas negras aparecerem com uma espécie de fascínio. A Marca que tinha recebido no sonho ainda era visível, apagada um pouquinho apenas nas pontas.

— "E o Senhor disse a ele: Portanto quem quer que ataque Caim, a vingança se abaterá sobre ele sete vezes. E o Senhor fez uma Marca em Caim, para que nada que o encontre possa matá-lo."

Clary virou-se, puxando as mangas para baixo. Magnus os observava, o casaco preto parecia

voar em volta dele na brisa. Um pequeno sorriso se esboçou no rosto dele.

— Você sabe citar a Bíblia? — perguntou Jace, abaixando para pegar o casaco.

— Nasci em um século profundamente religioso, garoto — disse Magnus. — Sempre achei que Caim havia tido a primeira Marca. Certamente o protegeu.

— Mas ele não foi bem um dos anjos — disse Clary. — Ele não matou o irmão?

— Não estamos planejando matar o nosso pai? — disse Jace.

— É diferente — disse Clary, mas não teve chance de argumentar sobre quão diferente era, pois naquele instante a caminhonete de Luke encostou na praia, espalhando pedras com os pneus. Luke se inclinou para fora da janela.

— Pronto — disse para Magnus. — Vamos lá. Entrem.

— Vamos dirigindo até o barco? — disse Clary, espantada. — Pensei que...

— Que barco? — cacarejou Magnus, enquanto entrava na caminhonete ao lado de Luke. Ele apontou para trás com o polegar. — Vocês dois, entrem atrás.

Jace subiu na traseira da picape e se inclinou para ajudar Clary. Enquanto se ajeitava no step, ela viu que um pentagrama preto dentro de um círculo havia sido pintado no chão de metal da carroceria da picape. As pontas do pentagrama eram decoradas com símbolos curvilíneos. Não eram exatamente os símbolos aos quais estava acostumada — havia algo em olhar para eles que era como se estivesse tentando entender uma pessoa falando uma língua que fosse parecida, porém não exatamente a sua.

Luke se inclinou para fora da janela e olhou para eles.

— Você sabe que eu não gosto nada disso — disse, a voz abafada pelo vento. — Clary, você vai ficar na picape com o Magnus. Eu e o Jace vamos para o navio. Entendeu?

Clary fez que sim com a cabeça e foi para um canto. Jace se sentou ao lado dela, abraçando os próprios pés.

— Isso vai ser interessante.

— O que... — começou Clary, mas a caminhonete deu a partida, pneus rugindo contra as pedras, abafando suas palavras. Lançou-se para a frente na água rasa na beira do rio. Clary foi jogada contra a janela de trás da caminhonete enquanto ela se movia para a frente no rio — será que Luke estava planejando afogá-los? Ela se virou e viu que a cabine estava cheia de colunas azuis de luz, ondulando e girando. A caminhonete pareceu atingir algo rígido, como se tivesse passado por cima de um tronco de árvore. Em seguida estavam se movendo suavemente para a frente, quase deslizando.

Clary se esforçou para ajoelhar, olhando pelo lado da caminhonete, já quase certa do que veria.

Eles estavam se movendo — não, dirigindo — sobre a água escura, a base dos pneus tocando a superfície do rio, espalhando pequenas ondas junto com o banho de faíscas azuis criado por

Magnus. Tudo ficou repentinamente muito quieto, exceto pelo ronco fraco do motor, e o canto de pássaros marítimos no alto. Clary olhou para Jace, que estava sorrindo.

— Isso vai realmente impressionar Valentim.

— Não sei — disse Clary. — Outros heróis ganham bumerangues e o poder de escalar paredes; nós temos o Aquatruck.

— Se não gosta, Nephilim — a voz de Magnus veio fraca de dentro da cabine —, fique à vontade para ver se consegue andar sobre a água.

— Acho que deveríamos entrar — disse Isabelle, a orelha pressionada contra a porta da biblioteca. Ela sinalizou para Alec se aproximar. — Consegue ouvir alguma coisa?

Alec se inclinou ao lado da irmã, com cuidado para não deixar cair o telefone que estava segurando. Magnus dissera que ligaria se tivesse notícias ou se alguma coisa acontecesse. Até então nada.

— Não.

— Exatamente. Pararam de gritar uma com a outra. — Os olhos de Isabelle brilharam. — Estão esperando por Valentim.

Alec se afastou da porta e foi pelo corredor até a janela mais próxima. O céu lá fora tinha cor de carvão semiafundado em cinzas de rubi.

— O sol está se pondo.

Isabelle alcançou a maçaneta da porta.

— Vamos.

— Isabelle, espere...

— Não quero que ela minta para nós sobre o que o Valentim disser — retrucou Isabelle. — Ou sobre o que acontecer. Além disso, quero vê-lo. O pai de Jace. Você não quer?

Alec voltou para a porta da biblioteca.

— Quero, mas não é uma boa ideia porque...

Isabelle empurrou a maçaneta da porta da biblioteca e a abriu inteiramente. Com um olhar semientretido para trás em direção a ele, ela entrou; praguejando para si mesmo, Alec a seguiu.

A mãe e a Inquisidora estavam em extremidades opostas da mesa enorme, como boxeadores se encarando em um ringue. As bochechas de Maryse estavam completamente rubras, o cabelo caindo sobre o rosto. Isabelle lançou um olhar a Alec como se dissesse: Talvez não devêssemos ter entrado. Mamãe parece irritada.

Por outro lado, se Maryse parecia irritada, a Inquisidora parecia absolutamente demente. Ela girou quando a porta da biblioteca se abriu, com a boca contorcida em um formato horroroso.

— O que vocês estão fazendo aqui? — gritou.

— Imogen — disse Maryse.

— Maryse! — A voz da Inquisidora se elevou. — Já aturei bastante de você e dos seus filhos delinquentes...

— Imogen — disse Maryse outra vez. Havia algo na voz, uma urgência, que fez até a Inquisidora virar e olhar.

O ar perto do globo de bronze brilhava como água. Uma forma começou a surgir, como tinta negra sendo jogada em uma tela branca, transformando-se na figura de um homem com ombros largos. A imagem estava tremida demais para Alec identificar mais do que um homem alto, com cabelos curtos e brancos como sal.

— Valentim. — A Inquisidora pareceu ter sido pega de surpresa, pensou Alec, apesar de que certamente o esperava.

O ar perto do globo brilhava mais violentamente agora. Isabelle prendeu a respiração enquanto um homem saía do ar estremecido, como se estivesse surgindo através de camadas de água. O pai de Jace era um homem formidável, mais de 1,80 metro de altura, peito largo e rígido, braços grossos e músculos fortes. Tinha o rosto quase triangular, que se afinava em um queixo duro e pontudo. Ele podia ser considerado bonito, pensou Alec, mas era surpreendentemente diferente de Jace, não tinha nada da aparência dourada e clara do filho. O cabo de uma espada era visível sobre seu ombro esquerdo — a Espada Mortal. Não era como se ele precisasse estar armado, uma vez que a presença não era corporal, então ele devia estar portando a espada para irritar a Inquisidora. Não que ela precisasse ficar mais irritada do que já estava.

— Imogen — disse Valentim, os olhos escuros examinando a Inquisidora com um ar de entretenimento satisfeito. Isso é Jace, esse olhar, pensou Alec. — E Maryse, minha Maryse... realmente faz muito tempo.

Engolindo em seco, Maryse falou com alguma dificuldade.

— Não sou a sua Maryse, Valentim.

— E esses devem ser os seus filhos — prosseguiu Valentim, como se ela não tivesse falado. Os olhos dele repousaram em Isabelle e Alec. Um leve tremor passou por Alec, como se algo tivesse cutucado seus nervos. As palavras do pai de Jace eram perfeitamente ordinárias, até mesmo educadas, mas havia alguma coisa naquele olhar predador vazio que fez Alec querer se colocar diante da irmã e bloqueá-la da visão de Valentim. — São muito parecidos com você.

— Deixe os meus filhos fora disso, Valentim — disse Maryse, claramente lutando para manter a voz firme.

— Bem, isso não me parece justo — disse Valentim —, considerando que você não deixou o meu filho fora disso. — Ele olhou para a Inquisidora. — Recebi o seu recado. Certamente não é o melhor que pode fazer.

Ela não havia se movido; agora piscava os olhos lentamente, como um lagarto.

— Espero que os termos da minha oferta tenham ficado perfeitamente claros.

— O meu filho em troca dos Instrumentos Mortais. Era isso, certo? Caso contrário você o mataria.

— Mataria? — repetiu Isabelle. — MÃE!

— Isabelle — disse Maryse com firmeza. — Fique quieta.

A Inquisidora lançou um olhar venenoso para Isabelle e Alec, os olhos semicerrados.

— Os termos são esses, Morgenstern.

— Então a minha resposta é não.

— Não? — Parecia que a Inquisidora tinha dado um passo à frente e o chão tinha cedido sob os pés. — Você não pode blefar comigo, Valentim. Farei exatamente o que prometi.

— Ah, eu não duvido de você, Imogen. Sempre foi uma mulher determinada e implacável. Reconheço essas qualidades em você, pois eu mesmo as possuo.

— Não sou nada como você. Sigo a Lei...

— Mesmo quando a Lei a instrui a matar um menino ainda adolescente apenas para punir seu pai? Isso não é uma questão de Lei, Imogen, é uma questão de que você me odeia e me culpa pela morte do seu filho, e essa é sua maneira de se vingar. Não vai fazer a menor diferença. Não vou abrir mão dos Instrumentos Mortais, nem mesmo pelo Jonathan.

A Inquisidora simplesmente o encarou.

— Mas ele é seu filho — disse ela. — Sua criança.

— Filhos fazem escolhas próprias — disse Valentim. — Isso é algo que você nunca entendeu. Ofereci segurança a ele se ficasse comigo, mas ele desdenhou e voltou para você. E você vai concluir a sua vingança nele, como avisei a ele que faria. Você não é nada, Imogen — concluiu —, além de previsível.

A Inquisidora não pareceu perceber o insulto.

— A Clave vai insistir na morte dele caso não me dê os Instrumentos Mortais — disse ela, como alguém preso em um pesadelo. — Não poderei impedi-los.

— Estou ciente disso — disse Valentim —, mas não há nada que eu possa fazer. Dei uma chance a ele, e ele não aceitou.

— Maldito! — Isabelle gritou repentinamente e fez menção de correr para a frente; Alec agarrou-a pelo braço e arrastou-a para trás, segurando-a ali. — Ele é um desgraçado — sibilou ela, e em seguida levantou a voz, gritando para Valentim: — Você é um...

— Isabelle! — Alec cobriu a boca da irmã com a mão enquanto Valentim lançava um olhar entretido aos dois.

— Você... ofereceu a ele... — A Inquisidora estava começando a lembrar a Alec um robô cujo circuito estava falhando. — E ele recusou? — Ela balançou a cabeça. — Mas ele é o seu espião... a sua arma...

— Foi o que você pensou? — disse ele, com uma surpresa aparentemente legítima. — Não

tenho o menor interesse em espiar os segredos da Clave. Só estou interessado na destruição, e para isso tenho armas muito mais poderosas do que um menino no meu arsenal.

— Mas...

— Acredite no que quiser — disse Valentim, dando de ombros. — Você não é nada, Imogen Herondale. A figura superior de um regime cujo poder logo será estilhaçado, cuja supremacia chegará ao fim. Você não pode me oferecer nada que eu possa querer.

— Valentim! — A Inquisidora se lançou para a frente, como se pudesse impedi-lo, agarrá-lo, mas suas mãos apenas o atravessaram, como se ele fosse água. Com um olhar de nojo supremo, ele deu um passo para trás e desapareceu.

O céu foi lambido pelas últimas línguas de um fogo que se apagava; a água havia se tornado ferro. Clary puxou o casaco mais para perto do corpo e estremeceu.

— Está com frio? — Jace estava na parte de trás da traseira da picape, olhando para as marcas que o carro deixara para trás: duas linhas brancas de espuma cortando a água. Ele se aproximou e escorregou ao lado dela, com as costas na janela traseira da cabine. A janela em si estava quase completamente nublada com a fumaça azulada.

— Você não?

— Não. — Ele balançou a cabeça e tirou o casaco, entregando-o a ela. Clary vestiu, apreciando a maciez do couro. Era grande demais de uma maneira confortável. — Você vai ficar na picape como Luke mandou, certo?

— Eu tenho escolha?

— No sentido literal, não.

Ela tirou a luva e estendeu a mão para ele. Ele a tomou, agarrando-a com força. Ela olhou para os dedos entrelaçados, os dela tão pequenos, com pontas quadradas, os dele longos e finos.

— Você vai encontrar Simon para mim — disse ela. — Sei que vai.

— Clary. — Ela podia ver toda a água que os cercava refletida nos olhos dele. — Ele pode estar... quero dizer, pode ser...

— Não. — Seu tom não deixava espaço para dúvidas. — Ele vai estar bem. Tem que estar.

Jace expirou. Suas íris brilhavam como água azul-escura; como lágrimas, pensou Clary, mas não eram lágrimas, apenas reflexos.

— Tem uma coisa que preciso perguntar — disse ele. — Antes eu tinha medo de perguntar, mas agora não tenho medo de nada. — A mão dele se moveu para tocar o rosto dela, a palma quente contra a pele fria, e ela percebeu que o próprio medo havia desaparecido, como se ele pudesse transmitir o poder do símbolo do Destemor pelo toque. Ela levantou o queixo, os lábios se abrindo em expectativa, a boca dele tocou a dela levemente, tão levemente que parecia uma pena, a lembrança de um beijo, e em seguida ele recuou, arregalando os olhos. Ela viu a parede

negra refletida neles, erguendo-se para bloquear o dourado incrédulo: a sombra do navio.

Jace a soltou com uma exclamação e se levantou. Clary se levantou sem jeito, o casaco de Jace desequilibrando-a. Faíscas azuis voavam das janelas da cabine, e à luz ela podia ver que a lateral da embarcação era metal negro corrugado, que havia uma escada fina descendo por um lado, e que uma grade de metal cercava o topo. O que pareciam pássaros grandes e estranhos empoleiravam-se na grade. Ondas de frio pareciam vir do barco como o ar gélido de um iceberg. Quando Jace a chamou, a respiração veio em fumaças brancas, suas palavras perdidas no ronco repentino do motor do navio.

Ela franziu o cenho para ele.

— O quê? O que você disse?

Ele a agarrou, deslizando a mão sob o casaco, tocando sua pele nua com as pontas dos dedos. Ela gemeu surpresa. Ele pegou do cinto a lâmina serafim que havia lhe dado mais cedo e pressionou-a na mão de Clary.

— Eu disse — e a soltou — para você pegar Abrariel, pois eles estão vindo.

— Quem está vindo?

— Os demônios. — Ele apontou para cima. Primeiro Clary não viu nada. Em seguida notou os pássaros enormes e estranhos que tinha visto antes. Estavam saindo da grade, um por um, caindo como pedras pela lateral do barco, em seguida se estabilizando e indo diretamente para a caminhonete, que flutuava sobre as ondas. Ao se aproximarem, ela viu que não se tratava de pássaros, mas coisas voadoras feias como pterodátilos, com asas largas, que pareciam de couro, e cabeças ossudas e triangulares. As bocas eram cheias de dentes serrilhados como os de tubarões, fileiras e fileiras deles, e as garras brilhavam como lâminas.

Jace subiu para o teto da cabine, Telantes brilhando em sua mão. Quando a primeira das coisas voadoras os alcançou, ele atacou com a lâmina. Atingiu o demônio, cortando o topo do crânio como alguém cortaria o topo de um ovo cozido. Com um grito agudo e lamentoso, a coisa caiu de lado, as asas em espasmos. Quando atingiu o oceano, a água ferveu.

O segundo demônio atingiu o capô da picape, deixando longas linhas no metal com as garras. Lançou-se contra o para-brisa, rachando o vidro em forma de teia de aranha. Clary gritou para Luke, mas outro deles mergulhou sobre ela, caindo como uma flecha do céu de aço. Ela arregaçou a manga do casaco de Jace, exibindo o braço para mostrar o símbolo defensivo. O demônio gritou como o outro havia feito, batendo as asas para trás — mas já tinha se aproximado demais, estava ao alcance dela. Ela viu que não tinha olhos, apenas entalhes em ambos os lados do crânio, enquanto enfiava Abrariel em seu peito. A criatura explodiu, deixando um rastro de fumaça negra atrás.

— Muito bem — disse Jace. Ele havia saltado de cima da cabine para despachar outra das criaturas voadoras que berravam. Empunhava uma adaga agora, cujo cabo estava sujo de sangue

negro.

— O que são essas coisas? — arfou Clary, girando Abrariel em um arco amplo que rasgou o peito de um demônio voador. Ele cacarejou e tentou atacá-la com uma das asas. Perto assim, ela podia ver que as asas terminavam em pontas de ossos afiadas como lâminas. O demônio atingiu a manga do casaco de Jace e o rasgou.

— Meu casaco — disse Jace furioso e golpeou a coisa enquanto ela levantava, perfurando-lhe a coluna. A criatura berrou e desapareceu. — Eu adorava esse casaco.

Clary o encarou, em seguida girou quando o ruído de metal arranhando agrediu seus ouvidos. Dois dos demônios voadores estavam com as garras no teto da cabine, arrancando-o da carroceria. O ar foi preenchido com o barulho de metal rasgando. Luke estava no capô da picape, atacando os bichos com a kindjal. Um deles caiu pela lateral da caminhonete, desaparecendo antes de atingir a água. O outro irrompeu no ar, o teto da cabine preso nas garras, berrando triunfante, e voou de volta para o barco.

Por enquanto o céu estava claro, e Clary correu para espiar a cabine. Magnus estava jogado no assento, com o rosto acinzentado. Estava escuro demais para enxergar se ele estava ferido.

— Magnus! — gritou ela. — Você está machucado?

— Não. — Ele se esforçou para conseguir se sentar ereto, e caiu novamente contra o assento. — Só estou... esgotado. Os feitiços de proteção nesse navio são fortes. Rompê-los, contê-los é... difícil. — A voz dele diminuiu. — Mas se eu não o fizer, qualquer um além do Valentim que pisar nessa embarcação morrerá.

— Talvez você devesse vir conosco — disse Luke.

— Não posso trabalhar as barreiras se estiver no barco. Tenho que fazer daqui. É assim que funciona. — O sorriso de Magnus parecia dolorido. — Além disso, não sou bom de briga. Os meus talentos são outros.

Ainda olhando para dentro da cabine, Clary começou:

— Mas e se precisarmos...

— Clary! — gritou Luke, mas era tarde demais. Nenhum deles tinha visto a criatura voadora parada na lateral do veículo que se lançou para a frente, batendo as asas de lado, as garras afundando no casaco de Clary, um borrão de asas sombrias e dentes afiados e fétidos. Com um grito uivado de triunfo, a criatura voou pelos ares com Clary pendurada indefesa nas garras.

— Clary! — Luke gritou novamente e correu para a ponta do capô da caminhonete, onde parou, encarando impotente a forma alada e o fardo que carregava.

— Ele não vai matá-la — disse Jace, juntando-se a ele no capô. — Está capturando-a para Valentim.

Algo naquele tom enviou calafrios pelo sangue de Luke. Ele se virou para encarar o menino

ao seu lado.

— Mas...

Ele não concluiu. Jace já havia pulado da caminhonete, em um único movimento suave. Ele caiu na água imunda do rio e partiu em direção ao barco, dando braçadas fortes.

Luke virou-se novamente para Magnus, cujo rosto pálido era visível pelo para-brisa, uma mancha branca contra a escuridão. Luke estendeu a mão e pensou ter visto Magnus acenar com a cabeça em resposta.

Guardando a kindjal na lateral do corpo, ele mergulhou no rio atrás de Jace.

Alec soltou Isabelle, meio esperando que ela fosse começar a gritar assim que ele tirasse a mão de sua boca. Ela ficou ao lado dele e observou enquanto a Inquisidora balançava levemente o rosto cinza pálido.

— Imogen — disse Maryse. Não havia qualquer sentimento na voz, nem mesmo raiva.

A Inquisidora não pareceu escutar. Permaneceu com a expressão inalterada enquanto afundava na velha cadeira de Hodge.

— Meu Deus — disse ela, olhando para a mesa. — O que foi que eu fiz?

Maryse olhou para Isabelle.

— Chame o seu pai.

Aparentando estar mais apavorada do que Alec jamais havia visto, Isabelle fez que sim com a cabeça e se retirou.

Maryse atravessou a sala até a Inquisidora e olhou para ela.

— O que você fez, Imogen? — disse ela. — Você entregou a vitória a Valentim. Foi isso que você fez.

— Não. — A Inquisidora suspirou.

— Você sabia exatamente que o Valentim estava planejando quando trancafiou Jace. Recusou-se a deixar a Clave se envolver, pois teria atrapalhado seu plano. Você queria fazer Valentim sofrer como ele a fez sofrer; para mostrar que você tinha o poder de matar o filho dele como ele matou o seu. Você queria humilhá-lo.

— Queria...

— Mas Valentim não se deixa ser humilhado — disse Maryse. — Eu poderia ter dito isso a você. Nunca teve qualquer poder sobre ele. Ele só fingiu considerar a sua oferta para se certificar, além de qualquer dúvida, que não haveria tempo para chamar reforços de Idris. E agora é tarde demais.

A Inquisidora levantou o olhar rapidamente. Seu cabelo havia soltado do coque e pendia em mechas finas ao redor do rosto. Era o mais humano que Alec a vira, mas ele não sentiu qualquer prazer nisso. As palavras da mãe o fizeram gelar: tarde demais.

— Não, Maryse — disse ela. — Ainda podemos...

— Ainda podemos o quê? — A voz de Maryse falhou. — Chamar a Clave? Não temos os dias, nem sequer as horas que levariam para chegar aqui. Se formos encarar Valentim, e Deus sabe que não temos escolha,...

— Teremos que fazê-lo agora — interrompeu uma voz profunda. Atrás de Alec, sombrio, vinha Robert Lightwood.

Alec olhou fixamente para o pai. Fazia anos desde que o vira com roupas de combate pela última vez; seu tempo havia sido tomado por tarefas administrativas, conduzindo o Conclave e lidando com questões do Submundo. Algo sobre ver o pai com roupas pesadas e armadas, a espada presa nas costas, fez com que Alec se lembrasse de como era ser criança outra vez, quando o pai era o maior, mais forte e mais assustador dos homens que poderia imaginar. Não o via desde aquele momento constrangedor na casa de Luke. Tentou capturar seu olhar, mas Robert estava olhando para Maryse.

— O Conclave está pronto — disse Robert. — Os barcos estão esperando no porto.

As mãos da Inquisidora passearam pelo próprio rosto.

— Não adianta — disse ela. — Não é o suficiente... não podemos...

Robert a ignorou. Em vez disso, olhou para Maryse.

— Temos que ir logo — disse, e em seu tom havia o respeito que faltara quando se dirigiu à Inquisidora.

— Mas a Clave — começou a Inquisidora — precisa ser informada.

Maryse jogou o telefone com força sobre a mesa, em direção à Inquisidora.

— Você conta para eles. Conte o que fez. É o seu dever, afinal de contas.

A Inquisidora não disse nada, apenas olhou para o telefone, com uma das mãos sobre a boca.

Antes que Alec pudesse começar a sentir pena dela, a porta se abriu novamente e Isabelle entrou, com equipamento de Caçadora de Sombras, o longo chicote dourado claro em uma das mãos e uma naginata de lâmina de madeira na outra. Ela franziu o cenho para o irmão.

— Vá se arrumar — disse. — Estamos indo para o navio de Valentim agora.

Alec não pôde evitar; o canto da boca se curvou para cima. Isabelle era sempre tão determinada.

— Isso é para mim? — perguntou, indicando a naginata.

Isabelle afastou-a dele.

— Arrume a sua própria!

Algumas coisas nunca mudam. Alec foi em direção à porta, mas foi contido pela mão de alguém em seu ombro. Olhou para cima surpreso.

Era o pai. Ele estava olhando para Alec, e apesar de não estar sorrindo, havia um olhar de orgulho no rosto marcado e exaurido.

— Se você precisa de uma lâmina, Alexander, a minha guisarme está na entrada se quiser usá-la.

Alec engoliu em seco e fez que sim com a cabeça, mas antes que pudesse agradecer ao pai, Isabelle falou de trás dele:

— Aqui, mãe — disse ela. Alec virou e viu a irmã entregando a naginata para a mãe, que a pegou e girou na mão, demonstrando experiência.

— Obrigada, Isabelle — disse Maryse, e com um movimento rápido como qualquer um da filha, abaixou a lâmina, de modo a apontar diretamente para o coração da Inquisidora.

Imogen Herondale levantou o olhar para Maryse, com os olhos vazios e despedaçados de uma estátua em ruínas.

— Você vai me matar, Maryse?

Maryse sibilou entredentes.

— Passou longe — disse ela. — Precisamos de todos os Caçadores de Sombras da cidade, e nesse momento isso inclui você. Levante-se, Imogen, e prepare-se para a batalha. De agora em diante, as ordens aqui partirão de mim. — Ela sorriu sombriamente. — E a primeira coisa que você vai fazer é libertar o meu filho daquela Configuração de Malaquias amaldiçoada.

Ela estava magnífica enquanto falava, pensou Alec com orgulho, uma verdadeira guerreira e Caçadora de Sombras, cada uma de suas linhas ardendo em fúria.

Alec detestava estragar o momento, mas elas iam descobrir que Jace não estava mais lá de qualquer jeito. Era melhor que alguém amortecesse o choque.

Ele limpou a garganta.

— Na verdade — disse —, tem uma coisa que vocês provavelmente deveriam saber...

18

Escuridão Visível

Clary sempre detestara montanhas-russas, detestava aquela sensação do estômago subindo até a boca quando o carrinho despencava. Ser arrancada da caminhonete e arrastada pelo ar como um rato nas garras de uma águia era dez vezes pior. Ela gritou com força enquanto os pés deixavam a picape e o corpo voava para cima, inacreditavelmente rápido. Gritou e girou, até olhar para baixo e ver quão alto já tinha subido e perceber o que aconteceria se o demônio voador a soltasse.

Ficou parada. A picape parecia um brinquedo abaixo, boiando nas ondas de forma impossível. A cidade balançava ao redor. Paredes borradas com luzes cintilantes. Talvez tivesse sido lindo se ela não estivesse tão assustada. O demônio parou e mergulhou, e de repente em vez de estar subindo ela estava caindo. Pensou na criatura derrubando-a centenas de metros pelo ar até cair na água negra e gelada e fechou os olhos — mas cair cega pela escuridão era pior. Ela os abriu novamente e viu o convés negro do navio se erguendo embaixo dela como uma garra prestes a arrancá-los do céu. Gritou mais uma vez enquanto caíam até o convés e depois por um quadrado escuro cortado na superfície. Agora estavam dentro do navio.

A criatura voadora diminuiu o ritmo. Estavam descendo pelo centro do barco, cercados por grades metálicas. Clary viu maquinarias escuras, nenhuma das quais parecia funcionar bem, e havia motores e ferramentas abandonados em diversos lugares. Se houvera luz elétrica, não funcionava mais, apesar de um brilho fraco que permeava tudo. O que quer que controlasse o navio antes, não o fazia mais; Valentim agora o comandava com outra coisa.

Algo que sugava o calor diretamente da atmosfera. Ar gélido golpeava o rosto de Clary enquanto o demônio chegava à base do navio e entrava por um corredor mal iluminado. Não estava sendo particularmente cuidadoso com ela. Seu joelho atingiu um cano enquanto a criatura dobrava uma esquina, gerando uma dor chocante que percorreu sua perna. Ela gritou e ouviu uma risada aguda no alto. Em seguida o demônio a soltou e ela despencou. Girando no ar, Clary tentou pôr as mãos e os joelhos embaixo de si antes de atingir o chão. Quase funcionou. Ela bateu no piso com um impacto forte e rolou para o lado, transtornada.

Estava deitada sobre uma superfície rígida de metal, na quase escuridão. Aquilo provavelmente tinha sido um espaço de armazenamento em determinado momento, pois as paredes eram lisas e não havia portas, somente uma abertura quadrada sobre ela, através da qual a luz entrava. Seu corpo inteiro doía.

— Clary? — uma voz sussurrou. Ela rolou para o lado, franzindo o cenho. Uma sombra se ajoelhou ao seu lado. Enquanto ajustava os olhos à escuridão, viu a figura pequena e curvada,

cabelos trançados, olhos castanho-escuros. Maia. — Clary, é você?

Clary se sentou, ignorando a dor atroz na coluna.

— Maia. Maia, meu Deus. — Ela olhou fixamente para a outra menina, em seguida ao redor da sala. Estava vazia, exceto pelas duas. — Maia, cadê ele? Cadê Simon?

Maia mordeu o lábio. Estava com os pulsos ensanguentados, Clary reparou, e o rosto marcado por lágrimas secas.

— Clary, sinto muito — disse ela, com a voz suave e rouca. — Simon está morto.

Ensopado e quase congelado, Jace colidiu com o convés do navio, água pingando dos cabelos e das roupas. Olhou para o céu noturno nublado, engasgando-se ao tentar respirar. Não tinha sido fácil escalar a escada de ferro, mal presa à lateral metálica do navio, principalmente com mãos escorregadias e roupas encharcadas atrapalhando.

Não fosse pelo símbolo do Destemor, refletiu, provavelmente teria se preocupado que algum dos demônios voadores o arrancasse das escadas como um pássaro catando um inseto em uma vinha. Felizmente, eles pareciam ter voltado para o barco depois de pegar Clary. Jace não conseguia imaginar por que, mas havia muito tinha desistido de tentar especular sobre as razões pelas quais o pai fazia qualquer coisa.

Acima dele apareceu uma cabeça, destacando-se contra o céu. Era Luke, chegando ao topo da escada. Ele subiu com esforço na grade e se jogou para o outro lado. Olhou para Jace.

— Você está bem?

— Estou. — Jace se levantou. Estava tremendo. Fazia frio no barco, mais do que tinha sentido na água, e ele estava sem o casaco, que dera para Clary.

Ele olhou em volta e continuou:

— Em algum lugar existe uma porta que leva para o interior do navio. Eu a encontrei da última vez. Só precisamos andar pelo convés para encontrar de novo.

Luke começou a caminhar.

— Eu vou na frente — acrescentou Jace, colocando-se diante dele. Luke o olhou extremamente confuso e pareceu que ia dizer alguma coisa, mas finalmente caminhou ao lado de Jace enquanto se aproximavam da proa do navio, onde Jace tinha estado com Valentim na noite anterior. Ele podia ouvir as batidas oleosas da água contra o casco bem abaixo.

— O seu pai — disse Luke —, o que ele disse para você quando o viu? O que ele prometeu?

— Ah, você sabe. O de sempre. Ingressos para os jogos dos Knicks até o fim da vida. — Jace falou com leveza, mas a lembrança o agrediu com mais força do que o frio. — Ele disse que se certificaria de que nenhum mal seria feito a mim, nem a ninguém de quem eu goste se eu deixasse a Clave e voltasse para Idris com ele.

— Você acha... — Luke hesitou. — Você acha que ele machucaria Clary para se vingar de

você?

Eles circularam a proa e Jace viu rapidamente a Estátua da Liberdade ao longe, um pilar de luz brilhante.

— Não. Acho que ele a pegou para nos fazer subir no barco como estamos fazendo, para ter um objeto de barganha. Só isso.

— Não tenho certeza de que ele precise de um objeto de barganha. — Luke falou com a voz baixa enquanto sacava a kindjal. Jace virou para seguir o olhar dele e por um instante só conseguiu olhar.

Havia um buraco negro no convés no lado oeste do navio, um buraco que era como um quadrado cortado no metal, e de suas profundezas jorrava uma nuvem negra de monstros. Jace teve um flashback da última vez em que estivera ali, com a Espada Mortal na mão, olhando em volta horrorizado enquanto o céu no alto e o mar abaixo se transformavam em massas giratórias de pesadelos. Só que agora estava na frente deles, uma cacofonia de demônios: o Raum branco como osso que os atacara na casa de Luke; demônios Oni com corpos verdes, bocas largas e chifres; demônios Kuri, pretos e escorregadios; demônios aracnídeos com braços de oito pontas e garras pingando veneno que saíam das cavidades oculares...

Jace não conseguia contá-los. Ele se apalpou para encontrar Camael, e o retirou do cinto, iluminando o convés com seu brilho branco. Os demônios sibilaram ao vê-lo, mas nenhum deles recuou. O símbolo do Destemor na omoplata de Jace começou a queimar. Ele imaginou quantos demônios poderia matar antes que a Marca se desgastasse.

— Pare! Pare! — A mão de Luke, segurando a camisa de Jace, puxou-o para trás. — São muitos, Jace. Se conseguirmos voltar para a escada...

— Não podemos. — Jace se soltou das garras de Luke e apontou. — Estão nos cercando por todos os lados.

Era verdade. Uma falange de demônios Moloch, expelindo chamas dos olhos vazios, bloqueava o recuo. Luke xingou, irritada e profusamente.

— Pule sobre a lateral, então. Eu os detenho.

— Pule você — disse Jace. — Estou bem aqui.

Luke lançou a mão para trás. As orelhas estavam pontudas e quando rosnou para Jace, os lábios se contraíram sobre os caninos, repentinamente afiados.

— Você... — Ele se interrompeu quando um demônio Moloch saltou sobre ele com as garras estendidas. Jace o esfaqueou casualmente na espinha enquanto passava, e o monstro cambaleou para cima de Luke uivando. Luke o agarrou e o lançou por cima da grade. — Você usou o símbolo do Destemor, não usou? — disse Luke, voltando-se novamente para Jace, os olhos brilhando em âmbar.

Ouviu-se um splash distante.

— Você não está errado — admitiu Jace.

— Meu Deus — disse Luke. — Você o colocou em você mesmo?

— Não. Clary colocou para mim. — A lâmina serafim de Jace cortou o ar como fogo branco; dois demônios Drevak caíram. Havia outras dúzias de onde tinham vindo aqueles, cercando-os com as mãos pontudas e afiadas como agulhas esticadas. — Ela é boa nisso, sabe?

— Adolescentes — disse Luke, como se fosse a pior palavra que conhecesse, e se lançou contra a horda que se aproximava.

— Morto? — Clary olhou fixamente para Maia, como se ela tivesse falado búlgaro. — Ele não pode estar morto.

Maia nada disse, apenas olhou para ela com olhos tristes e sombrios.

— Eu saberia. — Clary pressionou a mão, que estava cerrada em um punho, contra o peito. — Eu saberia aqui dentro.

— Eu pensei a mesma coisa uma vez — disse Maia. — Mas você não sabe. Nunca sabe.

Clary se levantou cambaleando. O casaco de Jace pendia de seus ombros, as costas quase inteiramente rasgadas. Ela o retirou impacientemente e o jogou no chão. Estava arruinado, as costas cortadas por uma dúzia de marcas de garras afiadas. O Jace vai ficar irritado por eu ter estragado o casaco, pensou. Eu deveria comprar um novo para ele. Eu deveria...

Ela respirou fundo. Podia ouvir o próprio coração acelerando, mas isso também soava distante.

— O que... aconteceu com ele?

Maia ainda estava ajoelhada no chão.

— O Valentim nos pegou; nós dois — disse ela. — E nos acorrentou juntos em uma sala. Em seguida entrou com uma arma, uma espada, muito grande e cintilante, como se brilhasse. Ele jogou pó de prata em mim, para eu não poder lutar, e... golpeou o Simon na garganta. — Sua voz se tornou um sussurro. — Ele abriu os pulsos dele e colocou o sangue em vasilhas. Algumas dessas criaturas demoníacas vieram e o ajudaram a levá-lo. Depois ele simplesmente deixou o Simon deitado aí, como um brinquedo que tivesse destruído e não tivesse mais utilidade. Eu gritei... mas sabia que ele estava morto. Em seguida um dos demônios me pegou e me trouxe aqui para baixo.

Clary pressionou as costas da mão na boca, pressionou e pressionou, até sentir o gosto salgado de sangue. O gosto pronunciado do sangue pareceu dissipar a névoa em seu cérebro.

— Temos que sair daqui.

— Sem ofensas, mas isso é óbvio. — Maia se levantou, franzindo o cenho. — Não há como sair daqui. Nem mesmo uma Caçadora de Sombras. Talvez se você fosse...

— Se eu fosse o quê? — perguntou Clary, andando de um lado para o outro da cela. — O

Jace? Bem, não sou. — Ela chutou a parede. O som ecoou de forma oca. Ela vasculhou o bolso e puxou a estela. — Mas tenho meus próprios talentos.

Passou a ponta da estela na parede e começou a desenhar. As linhas pareciam fluir de dentro dela, escuras e queimadas, quentes como sua raiva furiosa. Ela atacou a parede com a estela repetidas vezes, as linhas negras fluindo como chamas da ponta. Quando recuou, respirando fundo, viu Maia olhando para ela com espanto.

— Menina — disse a licantrope —, o que você fez?

Clary não sabia ao certo. Parecia que tinha jogado um balde de ácido na parede. O metal ao redor do símbolo estava derretendo e pingando como sorvete em um dia quente. Ela deu um passo para trás, olhando com cansaço enquanto um buraco do tamanho de um cachorro grande se abria na parede. Clary podia ver as estruturas de aço atrás, mais das entranhas metálicas do navio. As bordas do buraco ainda chiavam, apesar de ele ter parado de se espalhar. Maia deu um passo para a frente, empurrando o braço de Clary.

— Espere. — Clary de repente estava nervosa. — O metal derretido pode ser, sei lá, tóxico ou alguma coisa.

Maia riu.

— Sou de Nova Jersey. Nasci em metal tóxico. — Ela marchou até o buraco e espiou através dele. — Tem uma passarela de metal do outro lado — anunciou. — Aqui... vou passar. — Ela se virou e passou os pés pelo buraco, depois as pernas, movendo-se lentamente. Sorriu quando terminou de atravessar o corpo, em seguida congelou. — Ai! Meus ombros estão entalados. Pode me empurrar? — Ela estendeu as mãos.

Clary fez o que a outra pedia. O rosto de Maia ficou branco, depois vermelho — e de repente ela se libertou, como uma rolha de champagne tirada de uma garrafa. Com um grito, cambaleou para trás. Fez-se um ruído e Clary colocou a cabeça ansiosamente pelo buraco.

— Você está bem?

Maia estava deitada em uma passarela de metal muitos centímetros abaixo. Ela rolou lentamente e se sentou outra vez, fazendo uma careta.

— O meu tornozelo... mas vou ficar bem — acrescentou, vendo o rosto de Clary. — Nós nos curamos rápido, sabe?

— Eu sei. Tudo bem, minha vez. — A estela de Clary cutucou desconfortavelmente seu estômago enquanto ela se curvava, preparada para atravessar o buraco atrás de Maia. A queda até a passarela intimidava, mas não tanto quanto a ideia de esperar em um armazém pelo que quer que fosse resgatá-las. Ela virou de frente, passando os pés pelo buraco...

Alguma coisa a pegou pelas costas, puxando-a para cima. A estela caiu do cinto e atingiu o chão. Ela se engasgou com o choque e a dor repentinos; o colarinho da camisa apertou sua garganta e ela sufocou. Um segundo depois, foi solta. Atingiu o chão, os joelhos batendo no metal

com um ruído oco. Tossindo, ela rolou e olhou para cima, sabendo o que iria ver.

Valentim estava de pé sobre ela. Em uma das mãos segurava uma lâmina serafim, que brilhava com luz branca. Na outra, que a tinha agarrado pelo colarinho, estava cerrada em um punho. O rosto pálido entalhado estava esculpido em uma expressão de desdém.

— Sempre filha da sua mãe, Clarissa — disse ele. — O que você fez agora?

Clary se levantou dolorida e ficou de joelhos. Estava com a boca cheia de sangue, que corria do lábio cortado. Ao olhar para Valentim, a raiva floresceu como uma planta venenosa no peito. Aquele homem, seu pai, havia matado Simon e o deixara morto no chão como se fosse lixo. Ela achava que já tinha odiado pessoas na vida, mas estava errada. Aquilo era ódio.

— A menina licantrope — prosseguiu Valentim, franzindo a testa —, onde ela está?

Clary se inclinou para a frente e cuspiu o sangue da boca nos sapatos dele. Com uma exclamação de nojo e surpresa, ele deu um passo para trás, erguendo a lâmina na mão, e por um instante Clary viu a raiva descontrolada em seu olhar e achou que ele realmente fosse matá-la bem ali, onde estava agachada a seus pés, por ter cuspido nos sapatos dele.

Lentamente, ele baixou a lâmina. Sem uma palavra, passou por Clary e olhou pelo buraco que ela tinha feito na parede. Lentamente, ela se virou, examinando o chão com os olhos até vê-la. A estela da mãe. Esticou-se para alcançá-la, prendendo a respiração...

Ao virar, Valentim, viu o que ela estava fazendo. Com um único passo, estava do outro lado da sala. Ele chutou a estela para fora do alcance; o objeto rolou pelo chão de metal e caiu pelo buraco na parede. Ela semicerrou os olhos, sentindo a perda da estela como a perda da mãe outra vez.

— Os demônios vão encontrar a sua amiguinha do Submundo — disse Valentim, a voz fria e controlada, guardando a lâmina serafim em uma bainha na cintura. — Ela não tem para onde fugir. Ninguém tem para onde fugir. Agora levante-se, Clarissa.

Lentamente, Clary se levantou, seu corpo inteiro dolorido pelo golpe que havia sofrido, e então engasgou em surpresa quando Valentim a pegou pelos ombros, virando-a de modo que ficou de costas para ele. Ele assobiou; um ruído agudo, afiado e desagradável. O ar rodava no alto e ela ouviu a batida feia de asas de couro. Com um pequeno grito, tentou se soltar, mas Valentim era forte demais. As asas envolveram os dois, que em seguida estavam subindo juntos pelo ar, Valentim segurando-a nos braços, como se realmente fosse seu pai.

Jace havia pensado que ele e Luke já estariam mortos àquela altura. Não sabia ao certo por que não estavam. O convés do navio estava escorregadio com o sangue. Ele estava coberto de sujeira. Mesmo o cabelo estava molhado e grudento de sangue, e os olhos ardiam com sangue e suor. Tinha um corte longo no alto do braço direito, e não havia tempo para entalhar um símbolo de Cura na pele. Toda vez que levantava o braço, uma dor profunda ardia em sua lateral.

Eles tinham conseguido se proteger em um recesso na parede de metal do navio e lutavam desse abrigo enquanto os demônios os atacavam. Jace havia utilizado ambos os chakhrams e só restavam a última lâmina serafim e a adaga que tinha conseguido com Isabelle. Não era muito — ele não teria saído para encarar alguns demônios com tão poucas armas e agora estava encarando uma horda. Deveria estar apavorado, sabia disso, mas não sentia quase nada — apenas desprezo pelos demônios, que não pertenciam a esse mundo, e raiva de Valentim, que os havia invocado. Ao longe, ele sabia que a ausência de medo não era inteiramente boa. Ele não tinha medo nem da quantidade de sangue que estava perdendo pelo braço.

Um demônio aracnídeo partiu para cima de Jace, chiando e lançando uma peçonha amarela. Ele desviou, não rápido o suficiente para impedir que algumas gotas de veneno espirrassem em sua camisa. O veneno sibilou enquanto corroía o tecido, e ele sentiu a picada que queimava a pele como uma dúzia de pequenas agulhas ferventes.

O demônio aracnídeo expirou em satisfação e lançou outro jato de veneno. Jace desviou e a substância tóxica atingiu um demônio Oni que vinha em direção a ele pela lateral; o Oni gritou em agonia e partiu em direção ao outro com as garras estendidas. Os dois se engalfinharam, rolando pelo convés.

Os demônios ao redor se afastaram do veneno espalhado, o que criou uma barreira entre eles e o Caçador de Sombras. Jace tirou vantagem do breve instante para virar para Luke, ao seu lado. Ele estava quase irreconhecível. As orelhas estavam inteiramente pontudas, como as de um lobo; os lábios estavam contraídos até o focinho em um riso permanente; as garras nas mãos estavam pretas com sangue de demônio.

— É melhor irmos para a grade. — A voz de Luke era quase um rosnado. — Temos que sair do navio. Não podemos matar todos eles. Talvez o Magnus...

— Acho que não estamos indo tão mal. — Jace girou a lâmina serafim, o que foi uma péssima ideia, pois estava com a mão molhada de sangue e a lâmina quase escorregou. — Considerando tudo.

Luke emitiu um ruído que podia ser um rosnado ou uma risada, ou uma combinação de ambos. Em seguida algo enorme e amorfo caiu do céu, derrubando os dois no chão.

Jace caiu com força, e a lâmina serafim voou de sua mão. Atingiu o convés, deslizando pela superfície metálica até a borda do barco, longe do alcance da vista. Jace xingou e se levantou.

A coisa que havia aterrissado sobre eles era um demônio Oni, extraordinariamente grande para a sua espécie — sem falar que era extraordinariamente esperto por ter pensado em subir no telhado e se atirar sobre eles. Estava sobre Luke agora, atacando-o com os espinhos afiados que cresciam da testa. Luke estava se defendendo da melhor maneira que conseguia com as próprias garras, mas já estava ensopado de sangue; sua kindjal estava a meio metro de distância dele no convés. Ele tentou alcançá-la e o Oni o agarrou por uma das pernas com uma das mãos, que

parecia uma espada, trazendo a perna para baixo como um galho de árvore sobre o joelho. Jace ouviu o osso quebrar com um estalo enquanto Luke gritava.

Ele mergulhou para pegar a kindjal, alcançou-a e rolou para ficar de pé, lançando a adaga com força na nuca do Oni. Atingiu-o com força suficiente para decapitar a criatura, que cambaleou para a frente, sangue negro jorrando do pescoço. Um segundo depois o demônio tinha desaparecido. A kindjal caiu com estrondo no convés ao lado de Luke.

Jace correu para ele e se ajoelhou.

— A sua perna...

— Está quebrada. — Luke lutou para conseguir se sentar. O rosto estava contorcido de dor.

— Mas você se cura rapidamente.

Luke olhou ao redor, com o rosto sombrio. O Oni poderia estar morto, mas outros demônios tinham aprendido rápido com o exemplo; estavam subindo no telhado. Jace não conseguia afirmar, à luz fraca, quantos eram. Dúzias? Centenas? Depois de um determinado número, não importava mais.

Luke fechou a mão ao redor do cabo da kindjal.

— Não rápido o bastante.

Jace sacou a adaga de Isabelle do cinto. Era a última das armas e de repente parecia lamentavelmente pequena. Uma emoção afiada o penetrou — não medo, ele já estava além disso, mas tristeza. Viu Alec e Isabelle como se estivessem diante dele, sorrindo, em seguida viu Clary com os braços estendidos, como se o estivesse recepcionando em casa.

Levantou-se enquanto os demônios caíam do telhado em onda, uma maré de sombra encobrindo a lua. Ele se moveu para tentar bloquear Luke, mas não adiantou; os demônios estavam por todos os lados. Um recuou para cima dele. Era um esqueleto de 1,80 metro, sorrindo com dentes quebrados. Pedaços de bandeiras de prece tibetanas coloridas pendiam dos ossos apodrecidos. Segurava uma espada katana na mão ossuda, o que era incomum — a maioria dos demônios não usava armas. A lâmina, marcada com símbolos demoníacos, era mais longa do que o braço de Jace, curvilínea, afiada e mortal.

Jace atacou com a adaga, que atingiu as costelas do demônio e ficou presa ali. O demônio mal pareceu notar; simplesmente continuou se movendo, inexorável como a morte. O ar ao redor cheirava a morte e cemitério. Ele ergueu a katana com a mão cerrada...

Uma sombra cinza cortou a escuridão na frente de Jace, uma sombra que se conduzia com movimentos giratórios, precisos e mortais. O movimento para baixo da katana produziu o chiado de metal contra metal; a figura sombria empurrou a katana de volta para o demônio, esfaqueando-o para cima com a outra mão, tão rápido que o olho de Jace mal conseguiu segui-la. O demônio caiu para trás, o crânio estilhaçando-se ao cair no vazio. Ao redor podiam-se ouvir os gritos de demônios, uivando em surpresa. Girando, ele viu que dúzias de formas — formas

humanas — estavam escalando as grades, caindo no chão e correndo para perto da massa de demônios que se arrastavam, serpenteavam, sibilavam e voavam sobre o convés. Empunhavam lâminas de luz e vestiam roupas escuras e espessas de...

— Caçadores de Sombras? — disse Jace, tão espantado que falou em voz alta.

— Quem mais? — Um sorriso brilhou na escuridão.

— Malik? É você?

Malik inclinou a cabeça.

— Desculpe pelo que aconteceu mais cedo — disse ele. — Eu estava cumprindo ordens.

Jace estava prestes a dizer a Malik que o fato de ter acabado de salvar sua vida mais do que compensava a tentativa anterior de impedi-lo de deixar o Instituto quando um grupo de demônios Raum partiu para cima deles, lançando tentáculos no ar. Malik girou e partiu ao encontro deles com um grito, a lâmina serafim brilhando como uma estrela. Jace estava a ponto de segui-lo quando alguém o agarrou e o puxou de lado.

Era uma Caçadora de Sombras, toda de preto, o capuz escondendo o rosto embaixo.

— Venha comigo.

A mão puxou a manga insistentemente.

— Preciso chegar até o Luke. Ele está ferido. — Jace puxou o braço esquerdo. — Me solte.

— Ah, pelo amor do Anjo... — A figura o soltou e se esticou para puxar o capuz, revelando um rosto estreito e pálido e olhos cinzentos que ardiam como lascas de diamante. — Agora você pode obedecer, Jonathan?

Era a Inquisidora.

Apesar da velocidade com que voaram girando pelo ar, Clary teria chutado Valentim se conseguisse, mas ele a segurou como se tivesse braços de ferro. Os pés dela se libertaram, mas não importava o quanto lutasse não parecia conseguir atingir nada.

Quando o demônio parou e desviou repentinamente, ela soltou um grito, mas Valentim riu. Em seguida estavam rodando por um túnel de metal, chegando a uma sala maior e mais ampla. Em vez de soltá-los sem cerimônia, o demônio voador os colocou gentilmente no chão.

Para grande surpresa de Clary, Valentim a soltou. Ela se livrou dele e tropeçou até o meio da sala, olhando desesperadamente em volta. Era um espaço amplo, provavelmente alguma espécie de sala de maquinário em outros tempos. Ainda havia máquinas alinhadas contra as paredes, fora do caminho, para criar um espaço quadrado amplo no centro. O chão era feito de metal espesso, sujo aqui e ali com manchas mais escuras. No meio do espaço vazio havia quatro bacias, grandes o suficiente para lavar cachorros. Os interiores das duas primeiras estavam manchadas com uma ferrugem marrom escura. A terceira estava cheia de um líquido vermelho-escuro. A quarta estava vazia.

Havia um baú de metal atrás das bacias. Um tecido escuro tinha sido colocado sobre ele. Ao se aproximar, ela viu que em cima do pano havia uma espada prateada que brilhava uma luz escura, quase uma falta de luminosidade: uma escuridão radiante e visível.

Clary se virou e olhou fixamente para Valentim, que a observava em silêncio.

— Como você pôde fazer isso? — perguntou. — Como pôde matar o Simon? Ele era só... ele era só um menino, um humano comum...

— Ele não era humano — disse Valentim, com a voz suave. — Tinha se tornado um monstro. Você só não conseguia enxergar, Clarissa, porque ele vestia a face de um amigo.

— Ele não era um monstro. — Ela se aproximou um pouco mais da Espada. Era enorme, pesada. Imaginou se conseguiria levantá-la; mesmo que conseguisse, será que seria capaz de manejá-la? — Ainda era Simon.

— Não pense que não sou solidário com a sua situação — disse Valentim. Ele ficou parado no único feixe de luz que entrava pela escotilha no teto. — Senti o mesmo quando Lucian foi mordido.

— Ele me contou. — Ela se irritou. — Você entregou a ele uma adaga e mandou que se matasse.

— Aquilo foi um erro — disse Valentim.

— Pelo menos você admite...

— Eu mesmo deveria tê-lo matado. Teria demonstrado que me importava.

Clary balançou a cabeça.

— Não se importava coisa nenhuma. Você nunca se importou com ninguém. Nem mesmo com a minha mãe. Nem com Jace. Eram apenas coisas que pertenciam a você.

— Mas o amor não é isso, Clarissa? Posse? "Sou do meu amado e o meu amado é meu", como diz a canção das canções.

— Não. E não cite a Bíblia para mim. Não acho que você entenda. — Ela estava muito perto do baú agora, o cabo da espada ao seu alcance. Os dedos estavam molhados de suor e ela os secou rapidamente na calça jeans. — Não é só que alguém pertence a você, é que você que se dá ao outro. Duvido que você já tenha dado alguma coisa a alguém. A não ser talvez pesadelos.

— Dar-se a alguém? — O sorriso fino não cedeu. — Como você se deu a Jonathan?

A mão dela, que estava se levantando em direção à Espada, cerrou-se em um punho. Ela a puxou novamente em direção ao peito, olhando para ele incrédula.

— O quê?

— Você acha que não reparei como vocês se olham? Como ele pronuncia o seu nome? Você pode achar que eu não tenha sentimentos, mas isso não significa que eu não consiga ver os sentimentos dos outros. — O tom de Valentim era suave, cada palavra um pedaço de gelo agredindo-lhe os ouvidos. — Suponho que só possamos culpar a nós mesmos, sua mãe e eu, por

termos mantido vocês dois afastados por tanto tempo que acabaram não desenvolvendo a repulsa um pelo outro que seria mais natural entre irmãos.

— Não sei do que você está falando. — Os dentes de Clary estavam batendo.

— Acho que me expliquei muito bem. — Ele havia se afastado da luz. Seu rosto estava coberto pelas sombras. — Eu vi Jonathan quando ele encarou o demônio do medo, sabia? O demônio se mostrou para ele como você, e isso me disse tudo que eu precisava saber. O maior medo da vida do Jonathan é o amor que ele sente pela irmã.

— Eu não faço o que me mandam — disse Jace —, mas posso fazer o que você quiser se me pedir com gentileza.

A Inquisidora parecia querer revirar os olhos, mas parecia ter se esquecido como.

— Preciso falar com você.

Jace olhou para ela.

— Agora?

Ela colocou a mão no braço dele.

— Agora.

— Você está louca. — Jace olhou para o convés do navio. Parecia uma pintura de Bosch do inferno. A escuridão estava cheia de demônios: fazendo ruídos, uivando, ganindo e atacando com garras e dentes. Os Nephilim iam para a frente e para trás, as armas brilhantes à sombra. Jace podia ver que não havia Caçadores de Sombras suficientes. Nem perto de suficientes. — Impossível... Estamos no meio de uma batalha...

A mão ossuda da Inquisidora era surpreendentemente forte.

— Agora. — Ela o puxou, e ele deu um passo para trás, surpreso demais para fazer qualquer outra coisa, depois mais um, até estarem no recuo de uma parede. Ela soltou Jace e apalpou os bolsos da capa escura, sacando duas lâminas serafim. Sussurrou os nomes, em seguida diversas palavras que Jace não conhecia, e as jogou no convés, uma de cada lado dele. Elas se prenderam, com as pontas para baixo, e um lençol solitário de luz azul e branca se espalhou diante deles, separando Jace e a Inquisidora do restante do navio.

— Você está me prendendo outra vez? — perguntou Jace, olhando incrédulo para a Inquisidora.

— Isso não é uma Configuração Malaquias. Pode sair se quiser. — As mãos dela se apertaram com força. — Jonathan...

— Você quer dizer Jace. — Ele não conseguia mais enxergar a batalha através da parede de luz branca, mas ainda podia ouvir os ruídos, os gritos e uivos dos demônios. Se virasse a cabeça, podia ver uma pequena parte do oceano, brilhando com a luz como diamantes espalhados sobre a superfície de um espelho. Havia mais ou menos uma dúzia de barcos lá, os trimarãs esguios e de

cascos múltiplos utilizados nos lagos de Idris. Barcos de Caçadores de Sombras. — O que você está fazendo aqui? Por que veio?

— Você estava certo — respondeu ela. — Sobre Valentim. Ele não aceitou a troca.

— Ele disse a você para me deixar morrer. — Jace sentiu-se tonto de repente.

— Assim que ele recusou, é claro, convoquei o Conclave e os trouxe aqui. Eu... eu devo um pedido de desculpas a você e à sua família.

— Registrado — disse Jace. Ele detestava desculpas. — Alec e Isabelle? Estão aqui? Não serão castigados por me ajudarem?

— Estão aqui, e não, não serão castigados. — Ela ainda estava olhando para ele com olhos investigativos. — Não consigo entender Valentim. Um pai jogar fora a vida de um filho, seu único menino...

— É — disse Jace. A cabeça dele doía, e ele gostaria que a mulher se calasse, ou que um demônio os atacasse. — É um horror, de fato.

— A não ser que...

Agora ele olhou surpreso para ela.

— A não ser que o quê?

Ela apontou o dedo para o ombro dele.

— Onde arrumou isso?

Jace olhou para baixo e viu que o veneno do demônio aracnídeo havia feito um buraco em sua blusa, deixando um bom pedaço do ombro exposto.

— A camisa? Na Macy's. Liquidação de inverno.

— A cicatriz. Essa cicatriz aqui no seu ombro.

— Ah, isso. — Jace ficou intrigado com a intensidade do olhar. — Não tenho certeza. Alguma coisa aconteceu quando eu era muito jovem, foi o que o meu pai disse. Uma espécie de acidente. Por quê?

O ar saiu sibilado entre os dentes da Inquisidora.

— Não pode ser — murmurou ela. — Você não pode ser...

— Não posso ser o quê?

Havia uma nota de incerteza na voz da Inquisidora.

— Todos esses anos — continuou ela — enquanto estava crescendo... você realmente achava que era filho de Michael Wayland?

Uma fúria cortante atravessou Jace e foi ainda mais dolorosa por causa da pontada de decepção que a acompanhou.

— Pelo Anjo — irritou-se —, você me arrastou até aqui, no meio de uma batalha, para me fazer a mesma maldita pergunta outra vez? Não acreditou em mim na primeira vez, e ainda não acredita. Nunca vai acreditar, apesar de tudo o que aconteceu, apesar de tudo o que eu disse ser

verdade. — Ele apontou para o que quer que estivesse acontecendo do outro lado da parede de luz. — Eu deveria estar lá, lutando. Por que está me segurando aqui? Para, depois que tudo isso acabar, se algum de nós ainda estiver vivo, você poder ir até a Clave e dizer a eles que eu não lutei ao seu lado contra o meu pai? Boa tentativa.

Ela estava ainda mais pálida do que ele acreditava ser possível.

— Jonathan, não é isso que eu...

— O meu nome é Jace! — gritou ele. A Inquisidora se contraiu, com a boca entreaberta, como se ainda estivesse prestes a dizer alguma coisa. Jace não queria ouvir. Ele passou por ela, quase derrubando-a de lado, e chutou uma das lâminas serafim no convés. Ela caiu e a parede de luz desapareceu.

Além dela reinava o caos. Formas escuras se chocavam no convés, demônios em cima de corpos contorcidos, e o ar estava cheio de fumaça e gritos. Ele se esforçou para enxergar alguém que conhecesse no meio. Onde estava Alec? E Isabelle?

— Jace! — A Inquisidora correu atrás dele, o rosto enrijecido de medo. — Jace, você não tem uma arma, ao menos leve...

Ela se interrompeu quando um demônio surgiu na frente de Jace como um iceberg na proa de um navio. Não era como os que ele tinha visto até então; aquele tinha um rosto enrugado e mãos ágeis como as de um macaco gigante, mas o rabo afiado de um escorpião. Os olhos eram giratórios e amarelos. Sibilou para ele entre dentes quebrados que pareciam agulhas. Antes que Jace pudesse desviar, a cauda voou para a frente com a velocidade de uma serpente atacando. Ele viu a ponta de agulha indo em direção ao seu rosto...

E pela segunda vez na noite, uma sombra passou entre ele e a morte. Sacando uma faca de lâmina longa, a Inquisidora se jogou na frente dele a tempo de a picada do escorpião atingi-la no peito.

Ela gritou, mas se manteve de pé. O rabo do demônio recuou, pronto para um novo ataque, mas a faca da Inquisidora já havia deixado sua mão, voando reta e certeira. Os símbolos marcados na lâmina brilhavam enquanto ela cortava a garganta do demônio. Com um chiado, como ar escapando de um balão furado, ele se contorceu para dentro, a cauda retorcendo-se em espasmos enquanto desaparecia.

A Inquisidora caiu no chão do convés. Jace se ajoelhou ao lado dela, colocando uma das mãos em seu ombro e virando-a de barriga para cima. Sangue se espalhava na frente da blusa cinza. Seu rosto estava imóvel e pálido, e por um instante Jace pensou que já estivesse morta.

— Inquisidora? — Ele não conseguia dizer o primeiro nome dela, nem mesmo agora.

Ela abriu os olhos. As partes brancas já estavam se entorpecendo. Com grande esforço ela sinalizou para que ele se aproximasse. Ele se curvou para perto, perto o suficiente para ouvi-la sussurrando ao seu ouvido, sussurrando um último suspiro...

— O quê? — disse Jace, espantado. — O que isso significa?

Não houve resposta. A Inquisidora havia desabado novamente no convés, os olhos abertos e vidrados, a boca curvada no que parecia quase um sorriso.

Jace se sentou, entorpecido e com olhos fixos. Ela estava morta. Morta por causa dele.

Algo agarrou a parte de trás de sua camisa e o puxou para cima. Jace colocou a mão no cinto — percebeu que estava desarmado — e virou-se para ver um par de olhos familiares encarando-o com total incredulidade.

— Você está vivo — disse Alec. Foram três palavras curtas, mas havia uma profusão de sentimentos por trás delas. O alívio no rosto dele era evidente, assim como a exaustão. Apesar do frio, os cabelos negros estavam grudados nas bochechas e na testa com suor. As roupas e a pele estavam manchadas de sangue e havia um longo rasgo na manga do casaco da armadura, como se algo denticulado e afiado a tivesse rasgado. Ele tinha uma guisarme ensanguentada na mão direita, e o colarinho de Jace na outra.

— Parece que sim — admitiu Jace. — Mas não vou sobreviver por muito tempo se você não me der uma arma.

Com um rápido olhar em volta, Alec soltou Jace, tirou uma lâmina serafim do cinto e a entregou a ele.

— Aqui — disse. — Se chama Samandiriel.

Jace mal acabara de pegar a lâmina quando um demônio Drevak de tamanho médio avançou na direção deles, tremendo imperiosamente. Jace ergueu Samandiriel, mas Alec já havia despachado a criatura com um golpe fulminante da guisarme.

— Bela arma — disse Jace, mas Alec estava olhando além dele, para a figura cinza curvada no convés.

— É a Inquisidora? Ela está...?

— Está morta — disse Jace.

A mandíbula de Alec enrijeceu.

— Já foi tarde. O que houve?

Jace estava prestes a responder quando foi interrompido por um berro:

— Alec! Jace!

Era Isabelle, apressando-se na direção deles através do odor e da fumaça. Vestia uma jaqueta preta justa, manchada com sangue amarelado. Correntes de ouro penduradas com pingentes de símbolos circundavam seus pulsos e calcanhares, e o chicote se estendia em volta dela como uma rede de fio electrum.

Ela estendeu os braços.

— Jace, achamos que...

— Não. — Alguma coisa fez Jace dar um passo para trás, afastando-se do toque dela. — Estou

coberto de sangue, Isabelle. Não.

Uma expressão de mágoa cruzou o rosto da menina.

— Mas todos nós estávamos procurando você... A mamãe e o papai, eles...

— Isabelle! — Jace gritou, mas era tarde demais: um demônio aracnídeo enorme surgiu atrás dela, liberando veneno amarelo das presas. Isabelle gritou quando o veneno a atingiu, mas o chicote voou com velocidade extraordinária, cortando ao meio o demônio, que caiu ruidosamente no convés e em seguida desapareceu.

Jace correu em direção a Isabelle exatamente quando ela caiu para a frente. O chicote escorregou da mão quando ele a pegou, embalando-a desajeitadamente contra o corpo. Ele podia ver quanto veneno a atingira: se espalhara principalmente pelo casaco, mas algumas partes atingiram a garganta, e queimava e chiava onde havia tocado a pele. De forma quase inaudível, ela gemeu — Isabelle, que nunca demonstrava dor.

— Me dê ela. — Era Alec, derrubando a arma enquanto se apressava para ajudar a irmã. Ele pegou Isabelle dos braços de Jace e deitou-a gentilmente no convés. Ajoelhando-se ao lado dela com a estela na mão, ele olhou para Jace. — Contenha o que quer que se aproxime enquanto eu a curo.

Jace não conseguia afastar os olhos de Isabelle. Sangue pingava do pescoço na jaqueta, ensopando o cabelo dela.

— Temos que tirá-la desse barco — disse ele asperamente. — Se ela ficar aqui...

— Vai morrer? — Alec estava traçando a ponta da estela da forma mais gentil que conseguia sobre a garganta da irmã. — Todos vamos morrer. Eles são muitos. Estamos sendo massacrados. A Inquisidora mereceu morrer por isso: é tudo culpa dela.

— Um demônio escorpião tentou me matar — disse Jace, imaginando por que estava falando, por que estava defendendo alguém que odiava. — A Inquisidora se jogou na frente e salvou a minha vida.

— Salvou? — O espanto era claro no tom de Alec. — Por quê?

— Acho que ela decidiu que valia a pena me salvar.

— Mas ela sempre... — Alec se interrompeu, mudando para uma expressão de alarme. — Jace, atrás de você, dois deles...

Jace girou. Dois demônios se aproximavam, um Ravener, com corpo de crocodilo e dentes serrados, rabo de escorpião curvado para a frente sobre as costas, e um Drevak, cuja carne branca de verme brilhava ao luar. Jace ouviu Alec atrás dele se assustar; em seguida Samandiriel deixou sua mão, cortando um rastro prateado pelo ar. Cortou a cauda do Ravener logo abaixo da bolsa de veneno pendurada na ponta do ferrão.

O Ravener uivou. O Drevak virou, confuso, e foi atingido pela bolsa tóxica na cara. A bolsa se abriu, ensopando o Drevak com veneno. Ele emitiu um único uivo incompreensível e desabou, a

cabeça corroída até o osso. Sangue e veneno se espalharam pelo convés enquanto o Drevak se esvaía. O Ravener, com sangue jorrando da cauda, se arrastou por mais alguns passos antes de também desaparecer.

Jace se curvou e pegou Samandiriel cuidadosamente. O convés de metal ainda estava chiando onde o veneno do Ravener havia espirrado, furando nele pequenos buracos espalhados, como em uma gaze.

— Jace. — Alec estava de pé, segurando uma Isabelle pálida, porém firme, pelo braço. — Temos que tirar Isabelle daqui.

— Tudo bem — disse Jace. — Você tira ela daqui. Eu vou cuidar daquilo.

— Do quê? — disse Alec, espantado.

— Daquilo — Jace disse novamente e apontou. Algo vinha em direção a eles através da fumaça e das chamas, algo enorme, corcunda e pesado. Facilmente cinco vezes maior do que qualquer outro demônio no navio, tinha um corpo blindado, com muitos membros, cada apêndice acabando em uma garra espinhosa e quitinosa. Tinha patas de elefante, enormes e achatadas. A cabeça parecia a de um mosquito gigante, Jace viu enquanto se aproximava, olhos de inseto e a tromba vermelho-sangue pendurada.

Alec respirou fundo.

— Que diabos é isso?

Jace pensou por um instante.

— Grande — disse ele, afinal. — Muito.

— Jace...

Jace virou-se e olhou para Alec, em seguida para Isabelle. Alguma coisa dentro dele lhe disse que aquela poderia ser a última vez que os via, mas mesmo assim não sentia medo, não por ele. Queria dizer alguma coisa a eles, talvez que os amava, que qualquer um deles valia mais do que milhares de Instrumentos Mortais e os poderes que podiam proporcionar, mas as palavras não saíam.

— Alec — ele se ouviu dizer —, leve Isabelle para a escada agora ou todos morreremos.

Alec encontrou o olhar de Jace e o prendeu por um instante. Em seguida assentiu e empurrou Isabelle, que ainda protestava, em direção à grade. Ele a ajudou a subir, e, com grande alívio, Jace viu a cabeça escura desaparecendo enquanto ela descia a escada. Agora você, Alec, pensou. Vá.

Mas Alec não estava indo. Isabelle, agora fora do alcance visual, soltou um grito agudo enquanto o irmão subia novamente pela grade e pulava para o convés do navio. A guisarme estava no chão onde ele a havia deixado; Alec a pegou e foi para perto de Jace, encarar o demônio que se aproximava.

Contudo ele não chegou até lá. O demônio em cima de Jace desviou repentinamente e correu em direção a Alec, a tromba sangrenta indo para a frente e para trás, faminto. Jace girou para

bloquear Alec, mas o convés de metal em que estava em pé, apodrecido com veneno, cedeu sob ele. Jace ficou com o pé preso e caiu pesadamente sobre o convés.

Alec teve tempo apenas de gritar o nome de Jace, e em seguida o demônio estava em cima dele. Ele o esfaqueou com a guisarme, enfiando a ponta afiada profundamente na carne da criatura, que recuou, soltando um grito estranhamente humano, sangue negro jorrando do ferimento. Alec recuou, tentando pegar outra arma, justamente quando o demônio girou a garra, derrubando-o no convés. Em seguida, o tubo de alimentação se enrolou ao seu redor.

Em algum lugar, Isabelle estava gritando. Jace lutava desesperadamente para tirar a perna do convés; pontas afiadas de metal o feriam enquanto ele se libertava e cambaleava.

Ele ergueu Samandiriel. Uma luz brilhou na frente da lâmina serafim, cintilante como uma estrela cadente. O demônio se contorceu para trás, soltando um leve ruído sibilado. Diminuiu a força com que segurava Alec e, por um instante, Jace pensou que fosse soltá-lo. Em seguida, ele virou a cabeça com uma velocidade repentina e espantosa e jogou Alec para longe com uma força descomunal. Alec atingiu o convés escorregadio, deslizou por ele e caiu, com um único grito rouco, pela lateral da embarcação.

Isabelle gritava o nome de Alec e seus gritos eram como flechas perfurando o ouvido de Jace. Samandiriel ainda brilhava na mão dele. A luz iluminou o demônio que vinha em direção a ele, o olhar de inseto ardente e predatório, mas só o que ele conseguia ver era Alec; Alec caindo pela lateral do navio, Alec se afogando na água negra abaixo. Pensou estar sentindo o gosto de água do mar na boca ou talvez tivesse sido sangue. O demônio estava quase nele; ergueu Samandiriel e a lançou — o demônio ganiu, um som agudo e agonizante, em seguida, o convés cedeu sob Jace com um ruído de metal se quebrando e ele caiu na escuridão.

Parte Três

O descenso acena

O descenso acena,

como a ascensão acenou.

— William Carlos Williams, The Descent.

21

O Conto do Lobisomem

— A verdade é que conheço sua mãe desde que éramos crianças. Crescemos em Idris. É um lugar lindo, e sempre lamentei o fato de você nunca tê-lo visto: você adoraria os pinheiros no inverno, a terra escura, os rios cristalinos. Há uma pequena rede de povoados, e uma única cidade, Alicante, onde a Clave se reúne. Chamam-na de Cidade de Vidro porque as torres são esculpidas com a mesma substância que repele demônios encontrada em nossas estelas; no sol, brilham como vidro.

"Quando eu e Jocelyn tínhamos idade suficiente, fomos mandados para a escola em Alicante. Foi lá que conheci Valentim.

"Ele era um ano mais velho do que eu. De longe, o menino mais popular da escola. Era bonito, inteligente, rico, dedicado, um guerreiro incrível. Eu não era nada — nem rico, nem brilhante; vinha de uma família do campo sem qualquer importância. E tinha dificuldade nos estudos. Jocelyn era uma Caçadora de Sombras nata; eu, não. Não conseguia suportar a mais leve das Marcas, ou aprender as técnicas mais simples. Às vezes pensava em fugir, voltar envergonhado para casa. Até mesmo em me tornar um mundano. Eu era muito infeliz.

"Foi Valentim que me salvou. Ele veio até o meu quarto, eu nem imaginava que ele soubesse o meu nome. Ofereceu-se para me treinar. Disse que sabia que eu tinha dificuldades, mas enxergou em mim as sementes para um grande Caçador de Sombras. E sob a tutela dele realmente melhorei. Passei nas provas, fiz as primeiras Marcas, matei meu primeiro demônio.

"Eu o idolatrava. Achava que o sol nascia e se punha em Valentim Morgenstern. Não fui o único estranho no ninho que ele resgatou, é claro. Havia outros. Hodge Starkweather, que se relacionava melhor com livros do que com pessoas; Maryse Trueblood, cujo irmão se casara com uma mundana; Robert Lightwood, que morria de medo das Marcas — Valentim cuidou de todos eles. Naquela época, achei que fosse bondade; hoje não tenho tanta certeza assim. Acho que ele estava construindo um culto a si mesmo.

"Valentim era obcecado pela ideia de que a cada geração havia menos Caçadores de Sombras — que éramos uma espécie em extinção. Ele tinha certeza de que, se a Clave utilizasse o Cálice de Raziel com mais liberdade, mais Caçadores de Sombras poderiam ser fabricados. Para os professores, essa ideia era um sacrilégio — não é qualquer um que pode determinar quem pode e quem não pode tornar-se um Caçador de Sombras. Desenvolto, Valentim perguntava: Então por que não tornar todos os homens Caçadores de Sombras? Por que não presentear a todos eles com a capacidade de enxergar o Mundo de Sombras? Por que manter o poder restrito a nós, de forma tão egoísta?

"Quando os professores respondiam que a maioria dos humanos não consegue sobreviver à transição, Valentim alegava que estavam mentindo, tentando manter o poder de Nephilim limitado a uma elite de poucos. Era isso que ele dizia na época — agora acho que ele provavelmente achava que o efeito colateral justificava o resultado final. De qualquer forma, ele convenceu nosso pequeno grupo de que estava certo. Formamos o Ciclo, e nossa intenção declarada era salvar a raça dos Caçadores de Sombras da extinção. É claro que, aos 17 anos, não sabíamos ao certo como iríamos fazer isso, mas tínhamos certeza de que eventualmente conquistaríamos alguma coisa majestosa.

"Então veio a noite em que o pai de Valentim foi morto em um treinamento de rotina, em um acampamento de lobisomens. Quando Valentim voltou à escola, depois do enterro, estava com as Marcas vermelhas de luto. Estava diferente em outros aspectos. A bondade intercalava com flashes de raiva que beiravam a crueldade. Atribuí esse novo comportamento à dor e tentei agradá-lo mais do que nunca. Jamais reagi à sua raiva com raiva. Tive apenas a impressão terrível de que o havia desapontado.

"A única pessoa capaz de acalmar a raiva dele era sua mãe. Ela sempre se manteve um pouco apartada do nosso grupo, às vezes zombava, de nós, chamando-nos de fã-clube do Valentim. Isso mudou quando o pai dele morreu. A dor dele despertou a solidariedade dela. Eles se apaixonaram.

"Eu também o amava: ele era meu melhor amigo, e eu estava feliz em ver Jocelyn com ele. Quando saímos da escola, eles se casaram e foram viver na propriedade da família dela. Eu também voltei para casa, mas o Ciclo continuou. Havia começado como uma espécie de aventura de escola, mas cresceu em poder e em escala, e Valentim cresceu junto. Os ideais também haviam mudado. O Ciclo ainda clamava pelo Cálice Mortal, mas, desde a morte do pai, Valentim se tornara um militante em favor de guerra contra todos os membros do Submundo, não apenas aqueles que quebravam os Acordos. Este mundo era para humanos, ele dizia, não para quem fosse em parte demônio. Em demônios não se podia confiar.

"Eu me sentia desconfortável com a nova direção do Ciclo, mas me mantive unido a eles — em parte, porque ainda não conseguia suportar decepcionar Valentim, em parte porque Jocelyn me pediu para continuar. Ela tinha alguma esperança de que eu trouxesse alguma moderação ao Ciclo, mas isso era impossível. Não havia como moderar Valentim, e Robert e Maryse Lightwood — que já eram casados — eram quase tão ruins quanto. Somente Michael Wayland estava incerto, como eu, mas, a despeito da relutância, seguimos com o Ciclo; como um grupo, caçávamos membros do Submundo incansavelmente, perseguindo todos aqueles que tivessem cometido alguma infração, por menor que fosse. Valentim nunca matou qualquer criatura que não tivesse quebrado os Acordos, mas fazia outras coisas. Eu o vi amarrar moedas de prata nas pálpebras de uma menininha lobisomem, em uma tentativa de fazer com que a garota contasse

onde o irmão dela estava... eu vi... mas você não precisa ouvir isso. Não. Desculpe.

"O que aconteceu em seguida foi que Jocelyn engravidou. No dia em que me contou isso, ela também me confessou que passara a sentir medo do marido. O comportamento dele havia se tornado estranho, errático. Ele desaparecia pelos celeiros durante noites a fio. Ela às vezes ouvia gritos pelas paredes...

"Fui até ele. Ele riu, desconsiderando os medos dela como paranoias de uma mulher que carregava o primeiro filho no ventre. Ele me convidou para caçar com ele naquela noite. Ainda estávamos tentando limpar o bando de lobisomens que matara seu pai anos antes. Éramos parabatai, um time de caça perfeito composto por dois guerreiros que morreriam um pelo outro. Então, quando Valentim disse que me cobriria naquela noite, acreditei nele. Não vi o lobo até que ele estivesse em cima de mim. Lembro-me dos dentes cravados no meu ombro, e de mais nada daquela noite. Quando acordei, estava deitado na casa de Valentim, com o ombro atado, e Jocelyn estava lá.

"Nem todas as mordidas de lobisomem resultam em licantropia. Curei-me do ferimento e passei as semanas seguintes em um tormento de espera. Espera pela lua cheia. A Clave teria me trancado em uma cela de observação se tivesse sabido. Mas Valentim e Jocelyn guardaram segredo. Três semanas depois, a lua subiu, cheia e brilhante, e eu comecei a me transformar. A primeira Transformação é sempre a mais difícil. Lembro-me de uma agonia infindável, de uma escuridão sem-fim e de ter acordado horas mais tarde em um campo a quilômetros da cidade. Estava coberto de sangue, com o corpo mutilado de uma espécie de animal da floresta a meus pés.

"Voltei para o casarão e eles me encontraram na porta. Jocelyn caiu sobre mim, choramingando, mas Valentim a puxou para longe. Eu estava lá sangrento e tremendo nos pés. Mal conseguia pensar, com o gosto de carne crua ainda na boca. Não sei o que tinha esperado, mas acho que deveria ter sabido.

"Valentim me arrastou para baixo das escadas e para a floresta com ele. Ele me disse que deveria me matar pessoalmente, mas que, ao me ver ali, não conseguia. Ele me deu uma adaga que pertencera ao pai dele. Ele disse que eu deveria ter a atitude honrosa de me matar. Beijou a adaga ao entregá-la para mim, voltou para dentro do casarão e bloqueou a porta.

"Corri pela noite, às vezes como homem, às vezes como lobo, até cruzar a fronteira. Fui parar no meio do acampamento de lobisomens, empunhando a adaga, e exigi encontrar em combate o licantrope que me mordera e me transformara em um deles. Rindo, eles me apontaram para o líder do clã. Com as mãos e os dentes ainda sangrentos da caça, ele se levantou para me encarar.

"Nunca tinha sido muito fã de combate individual. Minha arma era o arco e flecha; eu tinha mira e visão excelentes. Mas nunca havia sido muito bom em batalhas de curta distância. Eu só queria morrer, e levar comigo a criatura que me arruinara. Acho que pensei que, se conseguisse

me vingar, e matar os lobos que tinham matado o pai dele, Valentim sentiria a minha perda. Enquanto lutávamos, às vezes como homens e às vezes como lobos, vi que ele se surpreendeu com a minha ferocidade. Enquanto a noite se transformava em dia, ele começou a se cansar, mas minha fúria não se abateu. E, quando o sol começou a baixar novamente, enfiei a adaga no pescoço dele e ele morreu, deixando-me ensopado de sangue.

"Esperava que o bando fosse partir para cima de mim e me estraçalhar. Mas se ajoelharam aos meus pés e exibiram as gargantas em sinal de submissão. Os lobos têm uma lei: quem matar o líder do clã assume seu lugar. Fui ao local dos lobos e, em vez de encontrar morte e vingança, encontrei uma nova vida.

"Deixei minha antiga vida para trás e quase me esqueci de como era ser um Caçador de Sombras. Mas não me esqueci de Jocelyn. Ela, em meus pensamentos, era minha constante companhia. Temia por ela, em virtude da presença de Valentim, mas sabia que se me aproximasse do casarão o Ciclo me perseguiria até me matar.

"No fim das contas, ela veio até mim. Eu estava dormindo no acampamento quando meu segundo no comando disse que uma jovem Caçadora de Sombras queria me ver. Imediatamente soube quem era. Eu podia ver o ar de reprovação nos olhos deles enquanto corria para encontrá-la. Todos eles sabiam que eu já havia sido um Caçador de Sombras, é claro, mas isso era considerado um segredo vergonhoso, jamais mencionado. Valentim teria rido.

"Ela estava esperando por mim do lado de fora do acampamento. Não estava mais grávida, e tinha uma aparência pálida e esgotada. Ela tivera o filho, um menino, e o batizara de Jonathan Christopher. Ela chorou ao me ver. Estava brava por eu não tê-la avisado de que ainda estava vivo. Valentim dissera ao Ciclo que eu me matara, mas ela não acreditara. Ela sabia que eu jamais faria isso. Senti que a fé dela em mim não tinha garantias, mas estava tão aliviado em vê-la novamente que não a contradisse.

"Perguntei como ela havia me encontrado. Ela disse que havia boatos em Alicante sobre um lobisomem que já havia sido Caçador de Sombras. Valentim também escutara os boatos, e ela tinha vindo para me alertar. Ele veio logo depois, mas me escondi dele, como os lobisomens podem fazer, e ele foi embora sem qualquer derramamento de sangue.

"Depois disso, comecei a me encontrar com Jocelyn em segredo. Era o ano dos Acordos, e todo o Submundo estava alvoroçado por conta deles, e por conta dos prováveis planos de Valentim para interrompê-los. Ouvi dizer que ele havia discutido fervorosamente na Clave contra os Acordos, mas sem sucesso. Então o Ciclo pensou num novo plano, elaborado em sigilo. Eles se aliaram aos demônios — os maiores inimigos dos Caçadores de Sombras — para conseguir armas que pudessem entrar no Grande Salão do Anjo sem serem detectadas, onde os Acordos seriam assinados. E, com a ajuda de um demônio, Valentim roubou o Cálice Mortal. Em seu lugar, deixou uma cópia. A Clave levou meses para perceber que o Cálice havia desaparecido,

e àquela altura era tarde demais.

"Jocelyn tentou descobrir o que Valentim pretendia fazer com o Cálice, mas não conseguiu. Mas ela sabia que o Ciclo pretendia avançar sobre os membros do Submundo desarmados e assassiná-los no Salão. Depois de um massacre daquela natureza, os Acordos falhariam.

"Apesar do caos, de um jeito estranho, aqueles foram dias felizes. Eu e Jocelyn enviamos mensagens dissimuladamente para as fadas, os feiticeiros e até mesmo os velhos inimigos dos lobos, os vampiros, alertando-os quanto aos planos de Valentim, e anunciando que deveriam preparar-se para a batalha. Trabalhamos juntos, lobisomem e Nephilim.

"No dia dos Acordos, assisti escondido enquanto Jocelyn e Valentim deixavam o casarão. Lembro-me de como ela se abaixou para beijar a cabeça loura, quase branca, do filho. Lembro-me do sol iluminando a cabeça dela; lembro-me do sorriso.

"Eles foram para Alicante de charrete; fui atrás correndo sobre quatro patas, e meu bando correu comigo. O Grande Salão do Anjo estava lotado com todos os membros da Clave e fileiras e fileiras de membros do Submundo. Quando os Acordos foram apresentados para assinatura, Valentim se levantou, e o Ciclo se levantou com ele, tirando as capas para sacar as armas. Quando o Salão se transformou em um caos, Jocelyn correu para as portas duplas do Salão e as abriu.

"Meu bando era o primeiro à porta. Invadimos o Salão, rasgando a noite com nossos uivos, seguidos por guerreiros do reino das fadas com armas de vidro e chifres tortos. Depois deles, vieram os Filhos da Noite com as garras expostas, e feiticeiros com ferro e chamas. Enquanto as massas em pânico fugiam do Salão, atacamos os membros do Ciclo.

"O Grande Salão do Anjo jamais havia testemunhado um banho de sangue daqueles. Tentamos não ferir os Caçadores de Sombras que não faziam parte do Ciclo; Jocelyn os havia marcado, um a um, com o encanto de um feiticeiro. Mas muitos morreram, e temo que tenhamos sido responsáveis por algumas mortes. Certamente, depois disso, fomos responsabilizados por muitas. Quanto ao Ciclo, havia muito mais deles do que imaginávamos, e eles combateram os integrantes do Submundo ferozmente. Passei pela multidão até Valentim. Ele era meu único pensamento — que talvez eu pudesse ser o responsável por sua morte, que poderia ter essa honra. Finalmente, eu o encontrei ao lado da grande estátua do Anjo, matando um cavaleiro do reino das fadas com um golpe certeiro da adaga suja de sangue. Ao me ver, ele sorriu, brutal e feroz.

"— Um lobisomem que luta com espadas e adaga — ele disse — é tão artificial quanto um cachorro que come com garfo e faca.

"— Você conhece a espada, você conhece a adaga — falei. — E sabe quem eu sou. Se tiver que se dirigir a mim, use o meu nome.

"— Não uso nomes de semi-homens — disse Valentim. — Tive um amigo, um homem de

honra que morreria antes de permitir que seu sangue se poluísse. Agora um monstro inominável com o rosto dele está na minha frente. — Ele ergueu a espada. — Deveria tê-lo matado quando tive a chance — ele gritou, e correu em minha direção.

"Interceptei o golpe, lutamos pelo estrado, enquanto a batalha fervilhava a nosso redor, e os membros do Ciclo caíam, um a um. Vi os Lightwood largarem as armas e fugirem; Hodge já havia desaparecido, fugiu logo no início. Depois vi Jocelyn correndo para cima das escadas em minha direção, seu rosto era uma máscara de medo.

"— Valentim, pare! — ela gritou. — É Luke, seu quase irmão...

"Com um rosnado, Valentim a pegou e colocou-a na frente dele, com a adaga no pescoço dela. Larguei minha lança. Não arriscaria a segurança dela. Ele viu o que havia nos meus olhos.

"— Você sempre a quis — ele sibilou. — Agora vocês dois tramaram me trair. Vocês vão se arrepender do que fizeram, pelo resto da vida.

"Com isso, ele arrancou o cordão do pescoço de Jocelyn e o jogou para mim. O cordão de prata me queimou como um açoite. Gritei e caí para trás, e naquele momento ele desapareceu no campo de batalha, levando-a com ele. Fui atrás, queimado e sangrando, mas ele foi rápido demais, cortando caminho pela multidão e pelos mortos.

"Cambaleei até o luar. O Salão estava queimando e o céu estava aceso com fogo. Podia enxergar por todos os campos verdes da capital, até o rio escuro, e a estrada pela margem do rio, onde as pessoas fugiam noite afora. Encontrei Jocelyn na margem do rio, finalmente. Valentim havia desaparecido, e ela estava desesperada por Jonathan, desesperada para voltar para casa. Encontramos um cavalo, e ela partiu. Transformando-me em lobo, fui atrás.

"Lobos são velozes, mas um cavalo descansado é ainda mais. Logo fiquei para trás, e ela chegou ao casarão antes de mim.

"Enquanto me aproximava, eu sabia que alguma coisa estava terrivelmente errada. Lá também o cheiro de fogo estava pesado no ar, e havia algo se sobrepondo a ele, algo espesso e doce — o cheiro de feitiço demoníaco. Tornei-me homem novamente e fui mancando pela estrada, branca ao luar, como um rio de chumbo prateado... em ruínas. O casarão fora reduzido a cinzas, camada sobre camada de brancura, espalhadas na entrada pelo vento noturno. Só os alicerces, como ossos queimados, ainda eram visíveis: uma janela aqui, uma chaminé caída ali — mas a essência da casa, os tijolos e a argamassa, os livros de valor inestimável e as tapeçarias antigas, passadas de geração em geração de Caçadores de Sombras, tudo havia virado pó, que estava voando sob a face da lua.

"Valentim havia destruído a casa com fogo demoníaco. Só podia. Nenhum fogo neste mundo queima tanto, ou deixa tão pouco para trás.

"Fui até as ruínas que ainda queimavam. Encontrei Jocelyn ajoelhada no que talvez tivessem sido os degraus de entrada. Estavam escurecidos pelo fogo. E havia ossos. Escurecidos, mas

reconhecidamente humanos, com pedaços de tecido aqui e ali, e fragmentos de joias que o fogo não tinha levado. Fios dourados e vermelhos ainda nos ossos da mãe de Jocelyn, e o calor do fogo havia derretido a adaga do pai dela em sua mão esquelética. Entre outra pilha de ossos, brilhava o amuleto prateado de Valentim, com a insígnia do Ciclo ainda queimando no rosto dele... e, entre os restos, espalhados como se fossem frágeis demais para se manter juntos, havia os despojos de uma criança.

"Vocês vão se arrepender do que fizeram, Valentim dissera. E, ao me ajoelhar com Jocelyn no pavimento de pedras queimadas, sabia que ele estava certo. Eu me arrependi, e me arrependi todos os dias desde então.

"Voltamos pela cidade naquela noite, entre os incêndios que ainda queimavam e as pessoas berrando, depois pela escuridão do campo. Jocelyn levou uma semana para voltar a falar. Fugimos para Paris. Não tínhamos dinheiro, mas ela se recusou a ir ao Instituto de lá para pedir ajuda. Ela não queria saber mais de Caçadores de Sombras, ela me disse, não queria mais saber do Mundo de Sombras.

"Sentei em um hotel pequeno e barato, em um quarto que tínhamos alugado, e tentei devolver-lhe o juízo, mas não adiantou nada. Ela era obstinada. Finalmente me disse por quê: estava grávida novamente, e sabia disso. Ela faria uma vida nova para ela e para o novo bebê, e não queria que qualquer menção de Clave ou Pacto envenenasse seu futuro. Ela me mostrou o amuleto que havia retirado da pilha de ossos; no mercado de pulgas de Clignancourt, ela o vendeu e com aquele dinheiro comprou uma passagem de avião. Ela não quis me dizer para onde estava indo. Quanto mais longe de Idris conseguisse ficar, ela me disse, melhor.

"Eu sabia que deixar a antiga vida para trás significava me deixar para trás também, e argumentei com ela, mas não adiantou nada. Eu sabia que, se não fosse pelo bebê que ela estava esperando, ela teria se matado e, como perdê-la para o mundo dos mundanos era melhor do que perdê-la para a morte, finalmente concordei com o plano, embora relutante. Então me despedi dela no aeroporto. As últimas palavras que Jocelyn me disse naquela terrível despedida me deram calafrio na espinha: "Valentim não está morto."

"Depois que ela se foi, voltei para meu bando, mas não encontrei paz. Havia um vazio doloroso e constante em mim, e eu sempre acordava com o nome dela nos lábios. Não era mais o líder de outrora; isso eu sabia. Eu era justo e correto, mas contido; não conseguia fazer amigos entre os lobos, tampouco tinha uma parceira. No fim das contas, eu era excessivamente humano — excessivamente Caçador de Sombras — para encontrar sossego entre os licantropes. Eu caçava, mas a caça não trazia satisfação; e quando chegou a hora de os Acordos serem finalmente assinados, fui até a cidade.

"No Salão do Anjo, limpos do sangue, os Caçadores de Sombras e as quatro espécies de semi-humanos sentaram novamente para assinar os papéis que selariam a paz entre nós. Fiquei

chocado ao ver os Lightwood, que pareciam tão chocados quanto eu pelo fato de eu não estar morto. Eles mesmos, disseram, junto com Hodge Starkweather e Michael Wayland, foram os únicos membros do antigo Ciclo a escapar da morte naquela noite no Salão. Michael, abalado pela dor de ter perdido a mulher, se refugiara em seu próprio estado com o filho. A Clave havia punido os outros três com o exílio: estavam sendo enviados para Nova York, para dirigirem o Instituto de lá. Os Lightwood, que tinham conexões com as famílias mais importantes da Clave, receberam uma sentença muito mais leve que a de Hodge. Ele havia sido amaldiçoado: iria com eles, mas, se algum dia saísse dos confins do Instituto, seria instantaneamente morto. Ele estava se dedicando aos estudos, eles disseram, e se tornaria um bom tutor para os filhos deles.

"Quando assinamos os Acordos, levantei da minha cadeira e saí do salão, fui até o rio onde havia encontrado Jocelyn na noite da Ascensão. Observando o fluxo das águas escuras, soube que nunca encontraria paz na minha própria terra: precisava estar com ela ou em lugar nenhum. Resolvi que iria procurá-la.

"Deixei meu bando, indicando um sucessor para ocupar meu lugar; acho que ficaram aliviados com a minha partida. Viajei como um lobo sem bando viaja: sozinho, à noite, mantendo-me próximo às estradas. Voltei a Paris, mas não achei pista alguma por lá. Depois fui a Londres. De lá, peguei um barco para Boston.

"Passei um tempo nas cidades, depois nas Montanhas Brancas do norte congelado. Viajei bastante, mas cada vez mais me via pensando em Nova York, e nos Caçadores de Sombras exilados de lá. Jocelyn, de certa forma, também estava exilada. Logo cheguei à Nova York, com apenas uma mochila, e sem a menor ideia de onde procurar sua mãe. Teria sido muito fácil encontrar um bando de lobisomens ao qual me juntar, mas resisti. Como havia feito em outras cidades, enviei mensagens pelo Submundo, procurando qualquer sinal de Jocelyn, mas não havia nada, nenhuma pista, era como se ela simplesmente tivesse desaparecido na realidade mundana sem deixar rastros. Comecei a me desesperar.

"No fim das contas, eu a encontrei por acaso. Estava nas ruas do SoHo, a esmo. Enquanto pisava sobre o asfalto de pedras da Broome Street, um quadro na vitrine de uma galeria chamou minha atenção.

"Era uma paisagem que reconheci imediatamente: a vista da janela do casarão da família dela, o gramado verde passando entre as árvores que escondiam a estrada além. Reconheci seu estilo, as pinceladas, tudo. Bati à porta da galeria, e dessa vez vi a assinatura. Foi a primeira vez que vi seu novo nome: Jocelyn Fray.

"Antes daquela noite, eu já a encontrara, morando no quinto andar de um prédio sem elevador, naquele refúgio dos artistas, o East Village. Subi as escadas pouco iluminadas com o coração na garganta, e bati à sua porta. Quem abriu foi uma garotinha com tranças ruivas e olhos inquisitivos. Então, atrás dela, vi Jocelyn caminhando em minha direção, com as mãos sujas de

tinta e o rosto idêntico à época em que éramos crianças...

"O resto, você já sabe."

21

Elevando o Inferno

A irmã de Luke levantou o rosto, os olhos azuis, tão parecidos com os do irmão, voltando-se para Clary. Ela parecia tonta, impressionada, e um pouco aérea, como se tivesse sido dopada. Tentou se levantar, mas Cartwright a empurrou novamente para baixo. Sebastian foi em direção a eles, com o Cálice na mão.

Clary cambaleou para a frente, mas Jace a pegou pelo braço, puxando-a de volta. Ela deu um chute nele, mas Jace já a tinha erguido pelos braços e lhe tapado a boca com a mão. Sebastian falava com Amatis com uma voz baixa e hipnótica. Ela balançou a cabeça violentamente, mas Cartwright a pegou pelos longos cabelos e puxou sua cabeça para trás. Clary a ouviu gritar, um ruído fraco ao vento.

Clary pensou na noite em que ficou acordada observando o peito de Jace subir e descer, pensando em como poderia acabar com tudo aquilo com um único golpe de faca. Mas tudo aquilo não tinha um rosto, uma voz, um plano. Agora que tinha o rosto da irmã de Luke, agora que Clary conhecia o plano, era tarde demais.

Com uma das mãos, Sebastian segurava o cabelo de Amatis, e o Cálice pressionado contra sua boca. Enquanto forçava o conteúdo pela garganta dela, ela teve ânsia e tossiu, líquido negro escorrendo pelo queixo.

Sebastian puxou o Cálice de volta, mas já tinha feito o serviço. Amatis emitiu um terrível ruído seco, o corpo se erguendo num espasmo. Os olhos dela se arregalaram, tornando-se negros como os de Sebastian. Bateu com as mãos no rosto, soltando um uivo, e Clary observou chocada que o símbolo de Clarividência estava desbotando da mão — empalidecendo — até desaparecer.

Amatis abaixou as mãos. Sua expressão tinha se suavizado, e os olhos voltado ao tom azul. Fixaram-se em Sebastian.

— Solte-a. — Ordenou o irmão de Clary a Cartwright, com o olhar em Amatis. — Deixe-a vir até mim.

Cartwright soltou a corrente que o prendia a Amatis e deu um passo para trás, com uma mistura curiosa de apreensão e fascínio no rosto.

Amatis ficou parada um instante, com as mãos penduradas nas laterais do corpo. Em seguida, ela se levantou e foi até Sebastian. Ajoelhou-se diante dele, os cabelos roçando na terra.

— Mestre — disse ela. — Como posso servi-lo?

— Levante-se — disse Sebastian, e Amatis se levantou com graça.

Subitamente, ela parecia se mover de um jeito diferente. Todos os Caçadores de Sombras

eram ágeis, mas ela agora se movimentava com uma elegância silenciosa que Clary achou estranhamente fria. Colocou-se diante de Sebastian. Pela primeira vez, Clary viu que o que tinha pensado ser um longo vestido branco era, na verdade, uma camisola, como se tivesse sido acordada e arrancada da cama. Que pesadelo, acordar aqui, entre estas figuras encapuzadas, neste local cruel e abandonado.

— Venha a mim — chamou Sebastian, e Amatis foi na direção dele. Ela era uma cabeça mais baixa do que ele, no mínimo, e esticou o pescoço enquanto ele sussurrava a seu ouvido. Um sorriso frio dividiu seu rosto.

Sebastian ergueu a mão.

— Gostaria de lutar contra Cartwright?

Cartwright derrubou a corrente que estava segurando, levando a mão ao cinto de armas pelo buraco na capa. Era um homem jovem; cabelos claros, e um rosto largo e de mandíbula quadrada.

— Mas eu...

— Certamente ela precisa demonstrar seu poder — declarou Sebastian. — Vamos, Cartwright, ela é uma mulher, e mais velha do que você. Está com medo?

Cartwright pareceu espantado, mas sacou uma adaga comprida do cinto.

— Jonathan...

Os olhos de Sebastian brilharam.

— Lute com ele, Amatis.

Os lábios dela se curvaram.

— Será um prazer — disse ela, e atacou.

Sua velocidade foi impressionante. Saltou no ar e chutou, arrancando a adaga da mão dele. Clary assistiu em choque enquanto ela corria para cima dele, dando uma joelhada na barriga. Ele cambaleou para trás, e ela bateu a cabeça na dele, contornando o corpo do homem para puxá-lo por trás pelas vestes, empurrando-o contra o chão. Ele aterrissou aos pés dela com um barulho doentio de rachadura e grunhiu de dor.

— E isso é por ter me arrancado da cama no meio da noite — disse Amatis, e passou a traseira da mão no lábio, que estava sangrando um pouquinho. Um murmúrio fraco de risadas abafadas passou pela multidão.

— E aí está — disse Sebastian. — Mesmo uma Caçadora de Sombras sem grandes habilidades ou força, perdoe-me, Amatis, pode se tornar mais forte e mais veloz do que seus aliados seráficos. — Ele bateu com o punho na palma da outra mão. — Poder. Poder verdadeiro. Quem está pronto para isso?

Houve um instante de hesitação, em seguida Cartwright se levantou cambaleando, com uma das mãos protegendo o estômago.

— Eu — disse, lançando um olhar venenoso a Amatis, que apenas sorriu.

Sebastian ergueu o Cálice Infernal.

— Então, venha a mim.

Cartwright foi em direção a Sebastian e, ao fazê-lo, os outros Caçadores de Sombras desfizeram o círculo, avançando para onde Sebastian estava, formando uma fila. Amatis permaneceu serena ao lado, com as mãos cruzadas. Clary a encarou, desejando que a mulher olhasse para ela. Era a irmã de Luke. Se as coisas tivessem corrido conforme os planos, ela seria tia adotiva de Clary agora.

Amatis. Clary pensou na casa no canal em Idris, em como ela havia sido gentil, no quanto amara o pai de Jace. Por favor, olhe para mim, pensou. Por favor, mostre-me que continua sendo você. Como se tivesse ouvido a oração silenciosa, Amatis levantou a cabeça e olhou diretamente para Clary.

E sorriu. Não um sorriso gentil ou reconfortante. Um sorriso escuro, frio e silenciosamente entretido. O sorriso de alguém que assistiria enquanto você se afoga, pensou Clary, sem levantar um dedo para ajudar. Não era o sorriso de Amatis. Não era Amatis. Amatis não estava mais lá.

Jace havia tirado a mão da boca de Clary, mas ela não sentiu qualquer vontade de gritar. Ninguém ali a ajudaria e a pessoa com o braço em volta dela, aprisionando-a com o próprio corpo, não era Jace. Aquele jeito como as roupas retinham o formato de quem as usa mesmo quando não eram vestidas havia anos, ou um travesseiro conserva o contorno da cabeça do dono mesmo depois que este já morreu há tempos: Jace agora era isso. Uma casca vazia que ela havia preenchido com seus desejos, amor e sonhos.

E ao fazer isso, tinha falhado feio com o verdadeiro Jace. Em sua jornada para salvá-lo, ela quase se esqueceu de quem estava salvando. E se lembrou do que ele tinha dito naquele momento em que foi ele mesmo. Detesto pensar nele com você. Ele. Aquele outro eu. Jace sabia que eram pessoas diferentes — que ele, com a alma comprometida, já não era ele.

Tinha tentado se entregar para a Clave, mas ela impediu. Não deu ouvidos ao que ele queria. Fez a escolha por ele — em um instante de desespero e pânico, mas fez —, sem perceber que seu Jace preferiria morrer a ficar assim, e que ela não salvou a vida dele, mas o condenou a uma existência que ele próprio desprezaria.

Clary caiu em cima dele, e Jace, interpretando a mudança repentina como um indicador de que ela não estava mais lutando contra ele, afrouxou o aperto. O último dos Caçadores de Sombras estava diante de Sebastian, levando as mãos ansiosamente para o Cálice Infernal que seu irmão estendia.

— Clary... — começou Jace.

Ela não descobriu o que ele teria dito. Ouviu um grito, e o Caçador de Sombras que erguia a mão para o Cálice cambaleou para trás, com uma flecha na garganta. Incrédula, Clary virou o

rosto e viu, no alto do dólmen de pedra, Alec, uniformizado, segurando o arco. Sorriu com satisfação e levou a mão para trás do ombro para pegar outra flecha.

E em seguida, atrás dele, surgiram os outros. Um bando de lobos, correndo baixo no chão, os pelos brilhando à luz de várias cores. Maia e Jordan estavam ali, supôs. Atrás destes, Caçadores de Sombras familiares em uma linha ininterrupta: Isabelle e Maryse Lightwood, Helen Blackthorn e Aline Penhallow, e Jocelyn, seus cabelos ruivos visíveis mesmo ao longe. Com elas, Simon, e o cabo de uma espada de prata acima da curva do seu ombro, e Magnus, com as mãos crepitando com o fogo azul.

O coração de Clary saltou no peito.

— Estou aqui! — gritou para eles. — Estou aqui!

— Conseguem vê-la? — perguntou Jocelyn. — Ela está aqui?

Simon tentou prestar atenção na escuridão adiante, seus sentidos vampirescos se aguçando com o cheiro de sangue. Diferentes tipos de sangue, misturados — sangue de Caçadores de Sombras, sangue demoníaco e o amargor do sangue de Sebastian.

— Estou vendo — disse. — Jace a está segurando. Está puxando Clary para trás daquela fila de Caçadores de Sombras ali.

— Se forem leais a Jonathan como o Círculo era leal a Valentim, farão uma parede humana para protegê-lo, e a Clary e Jace também. — Jocelyn se transformou em frieza materna furiosa, os olhos verdes ardendo. — Vamos ter de rompê-la para chegarmos a eles.

— O que precisamos é chegar a Sebastian — disse Isabelle. — Simon, vamos abrir a passagem para você. Você vai até Sebastian e o ataca com a Gloriosa. Quando ele cair...

— Os outros provavelmente vão fugir — completou Magnus. — Ou, dependendo do laço com Sebastian, podem morrer ou cair junto com ele. Podemos pelo menos torcer. — Esticou a cabeça para trás. — Por falar em torcer, viu o tiro que Alec acertou com o arco? Esse é o meu namorado! — Sorriu e mexeu os dedos; faíscas azuis saíram deles. Ele estava todo brilhante. Somente Magnus, pensou Simon resignado, teria acesso a uma armadura de lantejoulas.

Isabelle desenrolou o chicote do pulso. Ele se esticou na frente dela, um golpe de fogo dourado.

— Muito bem, Simon — disse ela. — Está pronto?

Os ombros de Simon enrijeceram. Ainda estavam a alguma distância da linha do exército rival — não sabia de que outra forma pensar neles —, que estava se mantendo alinhado com suas túnicas e uniformes vermelhos, as mãos brilhando com armas. Alguns deles exclamavam, confusos. Simon não conseguiu conter um sorriso.

— Em nome do Anjo, Simon — disse Izzy. — Qual é o motivo para sorrir?

— As lâminas serafim deles não funcionam mais — disse Simon. — Estão tentando entender por quê. Sebastian acabou de gritar com eles para usarem outras armas. — Um grito veio da linha quando outra flecha voou do túmulo e se enterrou nas costas cobertas por túnica vermelha de um Caçador de Sombras corpulento, que caiu para a frente. A linha se moveu e abriu um pouco, como uma fratura em uma parede. Simon, percebendo a chance, correu, e os outros acompanharam.

Foi como mergulhar em um oceano negro à noite, um oceano cheio de tubarões e criaturas marinhas com dentes vis colidindo umas contra as outras. Não era a primeira batalha de Simon, mas durante a Guerra Mortal ele tinha acabado de ser Marcado com a Marca de Caim. Ainda não tinha começado a funcionar, mas muitos demônios recuaram ao vê-la. Jamais pensou que fosse sentir falta dela, mas estava sentindo agora, ao tentar passar por um aglomerado de Caçadores de Sombras, que os atacaram com suas lâminas. Isabelle flanqueava um lado, Magnus, o outro, protegendo-o — protegendo a Gloriosa. O chicote de Isabelle avançou, forte e certeiro, e as mãos de Magnus cuspiram fogo, vermelho, verde e azul. Açoites de chamas coloridas atingiram os Nephilim malignos, queimando-os onde estavam. Outros Caçadores de Sombras gritaram quando os lobos de Luke chegaram sorrateiros, arranhando e mordendo, mirando as gargantas.

Uma adaga voou com uma velocidade assombrosa e rasgou a lateral do corpo de Simon. Ele gritou mas prosseguiu, sabendo que o machucado cicatrizaria sozinho em alguns segundos. Avançou...

E congelou. Diante dele, um rosto familiar. A irmã de Luke, Amatis. Quando os olhos dela se fixaram nele, Simon viu que ela o reconheceu. O que ela estava fazendo aqui? Tinha vindo para lutar com eles? Mas...

Ela o atacou, uma adaga escura e brilhante na mão. Foi rápida — mas não tanto que seus reflexos de vampiro não pudessem salvá-lo, se ele não estivesse assustado demais para se mover. Amatis era irmã de Luke; ele a conhecia; e aquele instante de incredulidade poderia ter selado seu fim, se Magnus não tivesse pulado na frente dele, empurrando-o para trás. Fogo azul voou da mão do feiticeiro, mas Amatis também foi mais rápida do que ele. Girou para longe da chama e para baixo do braço de Magnus, e Simon viu o lampejo de luz da lua refletida na lâmina de sua faca. Os olhos de Magnus se arregalaram em choque quando a lâmina cor de meia-noite desceu, rasgando sua armadura. Ela a puxou de volta, e a arma agora estava com uma mancha reluzente de sangue; Isabelle gritou quando Magnus caiu de joelhos. Simon tentou correr até ele, mas a ondulação e a pressão da multidão que combatia o afastavam. Ele berrou o nome de Magnus quando Amatis se curvou sobre o feiticeiro caído e ergueu a adaga uma segunda vez, mirando o coração.

— Solte-me! — gritou Clary, se contorcendo e distribuindo chutes, dando o máximo de si para

se libertar das garras de Jace. Não conseguia enxergar quase nada por cima da multidão acumulada de Caçadores de Sombras com roupas vermelhas na frente dela, de Jace e de Sebastian, bloqueando sua família e seus amigos. Os três estavam alguns metros atrás da linha de batalha; Jace a segurava com força enquanto ela se debatia, e Sebastian, ao lado, observava o desenrolar dos eventos com uma expressão de fúria negra no rosto. Seus lábios se moviam. Clary não soube dizer se ele estava xingando, rezando ou entoando as palavras de um feitiço. — Solte-me, seu...

Sebastian se virou, uma expressão assustadora no rosto, algo entre um sorriso e uma careta.

— Cale-a, Jace.

Jace, ainda agarrando Clary, falou:

— Vamos simplesmente ficar aqui deixando que nos protejam? — Apontou com o queixo para os Caçadores de Sombras.

— Vamos — respondeu Sebastian. — Somos importantes demais para corrermos risco de nos ferirmos, eu e você.

Jace balançou a cabeça.

— Não estou gostando. Tem muitos do outro lado. — Jace esticou o pescoço para enxergar por cima da multidão. — E Lilith? Pode invocá-la outra vez, para que nos ajude?

— O quê? Aqui? — O tom de Sebastian era de desdém. — Não. Além disso, ela está fraca demais neste momento para conseguir nos ajudar. Em outros tempos, poderia destruir um exército, mas aquele maldito ser do Submundo com sua Marca de Caim espalhou a essência dela pelos vãos entre os mundos. Aparecer e nos dar seu sangue foi tudo o que ela pôde fazer.

— Covarde! — Clary gritou para ele. — Transformou todas essas pessoas em escravos, e sequer vai à luta para protegê-los...

Sebastian levantou a mão como se pretendesse agredi-la no rosto. Clary torceu para que o fizesse, para que Jace visse, mas em vez disso um sorriso se formou na boca de Sebastian. Ele abaixou a mão.

— E se Jace soltá-la, suponho que lutaria?

— Claro que lutaria...

— De que lado? — Sebastian deu um passo em direção a ela, levantando o Cálice Infernal. Ela pôde ver o que havia dentro. Apesar de muitos terem bebido, o sangue continuava no mesmo nível. — Levante a cabeça dela, Jace.

— Não! — Clary redobrou os esforços para escapar. A mão de Jace foi para baixo de seu queixo, mas ela teve a impressão de sentir hesitação no toque.

— Sebastian — disse ele. — Não...

— Agora — comandou Sebastian. — Não há motivo para continuarmos aqui. Nós somos os importantes, não essas buchas de canhão. Provamos que o Cálice Infernal funciona. É isso que

importa. — Ele pegou a frente do vestido de Clary. — Mas será mais fácil escapar — acrescentou — sem esta aí chutando e gritando e socando pelo caminho.

— Podemos fazê-la beber mais tarde...

— Não — rosnou Sebastian. — Segure-a firme. — E ergueu o Cálice, forçando-o contra os lábios de Clary, tentando abrir-lhe a boca. Ela combateu, cerrando os dentes. — Beba — ordenou Sebastian, em um sussurro vil, tão baixo que ela duvidou que Jace tivesse escutado. — Eu disse que até o fim desta noite você faria o que eu quisesse. Beba. — Os olhos já negros escureceram, e ele empurrou o Cálice, cortando o lábio inferior de Clary.

Ela sentiu gosto de sangue ao colocar as mãos para trás, utilizando o corpo de Jace como apoio ao aplicar um chute com as pernas. Sentiu a costura arrebentar no vestido quando este rasgou na lateral, e seus pés bateram com firmeza nas costelas de Sebastian. Ele cambaleou para trás, sem ar, exatamente no momento em que Clary jogou a cabeça para trás, ouvindo um crack sólido quando seu crânio bateu na cara de Jace. Ele gritou e afrouxou o aperto o bastante para ela conseguir se libertar. Afastou-se dele e correu para o meio da batalha sem olhar para trás.

Maia correu pelo chão rochoso, a luz das estrelas acariciando seus pelos, os odores fortes da batalha atiçando seu nariz sensível — sangue, suor e o cheiro de borracha queimada da magia negra.

O bando havia se espalhado pelo campo, saltando e matando com dentes e garras mortais. Maia se manteve perto de Jordan, não por precisar da proteção dele, mas por ter descoberto que lado a lado lutavam melhor e com mais eficiência. Ela só tinha participado de uma batalha até então, em Brocelind, e aquilo tinha sido um turbilhão caótico de demônios e membros do Submundo. Aqui em Burren, havia bem menos combatentes, mas os Caçadores de Sombras do mal eram formidáveis, empunhando suas espadas e adagas com uma força ágil e assustadora. Maia viu um homem esguio utilizando uma adaga de lâmina curta para arrancar a cabeça de um lobo no meio de um salto; o que caiu no chão foi um corpo humano decapitado, sangrento e irreconhecível.

Mesmo enquanto ela pensava nisso, um dos Nephilim de roupa vermelha apareceu diante deles, com uma espada de dois gumes nas mãos. A lâmina estava manchada com um vermelho enegrecido à luz da lua. Jordan, ao lado de Maia, rosnou, mas foi ela que saltou para cima do homem. Ele se esquivou, atacando com a lâmina. Ela sentiu uma dor aguda no ombro e caiu no chão sobre as quatro patas, invadida pela sensação. Ouviu um baque e soube que tinha derrubado a arma da mão do inimigo. Rosnou de satisfação e girou, mas Jordan já estava pulando para a garganta do sujeito...

E o homem o pegou pelo pescoço, no ar, como se estivesse agarrando um filhotinho rebelde.

— Lixo do Submundo — disparou, e apesar de não ter sido a primeira vez que Maia ouvia

esse insulto, alguma coisa no ódio gélido do tom a fez estremecer. — Você deveria ser um casaco. Eu deveria vesti-lo.

Maia enterrou os dentes na perna dele. Sangue cúprico explodiu na sua boca enquanto o homem gritava de dor e cambaleava, chutando-a, soltando o aperto em Jordan. Maia o segurou com força, então Jordan atacou novamente; e desta vez o grito do Caçador de Sombras foi interrompido quando as garras de licantrope rasgaram sua garganta.

Amatis mirou a faca no coração de Magnus — exatamente quando uma flecha zuniu pelo ar e a atingiu no ombro, derrubando-a de lado com tanta força que ela girou e caiu de cara no chão rochoso. Estivera berrando no momento do golpe, um barulho rapidamente sobrepujado pela colisão de armas ao redor. Isabelle ajoelhou ao lado de Magnus; Simon, olhando para cima, viu Alec no túmulo de pedra, congelado com o arco na mão. Provavelmente estava afastado demais para ver Magnus com clareza; Isabelle estava com as mãos no peito do feiticeiro, mas Magnus — Magnus, sempre tão ativo, tão cheio de energia — estava completamente parado sob os cuidados de Isabelle. Ela levantou o olhar e viu que Simon os encarava; estava com as mãos vermelhas de sangue, mas Isabelle balançou a cabeça violentamente para ele.

— Continue! — gritou. — Encontre Sebastian!

Com um aperto no peito, Simon virou e voltou para a batalha. A linha coesa de Caçadores de Sombras de vermelho tinha começado a se desfazer. Os lobos saltavam aqui e ali, afastando os Caçadores de Sombras uns dos outros. Jocelyn estava lutando com a espada contra um sujeito que rosnava, e de cujo braço livre pingava sangue —, e Simon notou algo bizarro ao avançar, passando pelos espaços estreitos entre as lutas: nenhum dos Nephilim de vermelho estava Marcado. Suas peles não tinham qualquer decoração.

Também eram, percebeu — enxergando com o canto do olho um dos inimigos atacando Aline com um bastão, apenas para ser eviscerado por Helen, aparecendo pelo lado —, muito mais velozes que qualquer Nephilim que já tivesse visto, fora Jace e Sebastian. Moviam-se com a rapidez dos vampiros, pensou, quando um deles atacou um lobo que saltava, rasgando a barriga dele. O lobisomem morto caiu no chão, na forma de um homem atarracado com cabelos claros e cacheados. Não é Maia nem Jordan. Foi inundado pela sensação de alívio, depois culpa; continuou avançando, o cheiro de sangue era denso ao seu redor, e mais uma vez sentiu falta da Marca de Caim. Se ainda a tivesse, pensou, poderia ter queimado totalmente estes Nephilim inimigos...

Um dos Nephilim malignos ergueu-se diante dele, brandindo uma espada. Simon esquivou-se, mas não precisou. O sujeito estava na metade do golpe quando uma flecha o acertou no pescoço, e ele caiu, gorgolejando sangue. A cabeça de Simon levantou, e ele viu Alec, ainda no alto do túmulo; seu rosto uma máscara de pedra. Ele estava disparando com a precisão de uma máquina, a mão buscando novas flechas mecanicamente, encaixando-as no arco e soltando-as.

Cada uma atingia um alvo, mas Alec mal parecia notar. Enquanto uma flecha atravessava o ar, ele já estava preparando outra, Simon escutou mais uma passando por ele, e atingindo um corpo enquanto avançava, mirando um setor vazio do campo de batalha...

Congelou. Lá estava ela. Clary, uma figura pequena lutando para passar pela batalha, sem nada nas mãos, chutando e empurrando para abrir caminho. Usava um vestido rasgado e seus cabelos estavam emaranhados. Quando o viu, um olhar de espanto maravilhado cruzou seu rosto e seus lábios formaram o nome do melhor amigo.

Logo atrás vinha Jace. Estava com o rosto ensanguentado. A multidão se abriu enquanto ele atravessava, permitindo que passasse. Atrás dele, no espaço deixado por sua passagem, Simon enxergou um brilho em vermelho e prateado — uma figura familiar, com cabelos brancos como os de Valentim.

Sebastian. Ainda escondido atrás da última linha de defesa dos Caçadores de Sombras malignos. Ao vê-lo, Simon passou a mão por cima do ombro e sacou a Gloriosa da bainha. Um instante depois, uma ondulação na multidão empurrou Clary em direção a ele. Os olhos dela estavam quase negros de adrenalina, mas a alegria em vê-lo foi clara. Simon ficou absolutamente aliviado e percebeu que estava se perguntando se ela continuava sendo ela mesma, ou se tinha se transformado, como Amatis.

— Me dê a espada! — gritou Clary, a voz quase afogada pelo ruído de metal contra metal.

Ela esticou o braço para pegá-la e, naquele instante, não era mais Clary, sua amiga de infância, mas uma Caçadora de Sombras, um anjo vingador que deveria estar com aquela espada na mão.

Ele a estendeu para ela, segurando pela lâmina.

A batalha era como uma redemoinho, pensou Jocelyn, usando a espada para abrir caminho pela multidão, atacando com a kindjal de Luke todas as coisas vermelhas que via. Coisas a surpreendiam, depois sumiam tão depressa que tudo o que a pessoa percebia era uma noção do perigo incontrolável, da luta para se manter vivo e não se afogar.

Seus olhos se moveram freneticamente pela massa de combatentes, procurando pela filha, algum vislumbre dos seus cabelos ruivos — ou até mesmo Jace, pois onde ele estivesse, Clary também estaria. Havia pedras espalhadas pelo chão, como icebergs em um mar que não se movia. Ela subiu na borda áspera de um deles, tentando enxergar melhor o campo de batalha, mas só conseguia identificar corpos próximos, o brilho de armas e as formas próximas do chão dos lobos correndo entre os combatentes.

Virou-se para descer da pedra...

Apenas para encontrar alguém esperando embaixo. Jocelyn parou, encarando.

Ele estava com roupas vermelhas e tinha uma cicatriz lívida em uma das bochechas, uma

relíquia de alguma batalha desconhecida para ela. O rosto era magro e não tinha mais a juventude, mas não havia como confundi-lo.

— Jeremy — disse, lentamente, a voz quase inaudível com o clamor da luta. — Jeremy Pontmercy.

O homem que outrora fora o integrante mais jovem do Círculo a encarou com olhos vermelhos.

— Jocelyn Morgenstern. Veio se juntar a nós?

— Juntar-me a vocês? Jeremy, não...

— Você já foi do Círculo uma vez — disse, aproximando-se dela. Tinha uma adaga comprida e afiada na mão direita. — Já foi uma de nós. Agora seguimos seu filho.

— Rompi com vocês quando seguiam meu marido — disse Jocelyn. — Por que acha que os seguiria agora que meu filho os lidera?

— Ou está conosco, ou contra nós, Jocelyn. — O rosto dele enrijeceu. — Não pode se colocar contra seu filho.

— Jonathan — falou Jocelyn, com suavidade. — Ele é o maior mal que Valentim já cometeu. Nunca me colocarei ao lado dele. No fim, não fiquei do lado de Valentim. Então, que esperança tem de me convencer agora?

Ele balançou a cabeça.

— Não está me entendendo — falou. — Estou dizendo que não pode ficar contra ele. Contra nós. A Clave não pode. Não estão preparados. Não para o que podemos fazer. Para o que estamos dispostos a fazer. O sangue correrá nas ruas de todas as cidades. O mundo irá queimar. Tudo que conhece será destruído. E vamos nos elevar das cinzas de sua derrota, a fênix triunfante. Esta é sua única chance. Duvido que seu filho dê outra.

— Jeremy — disse ela. — Você era tão jovem quando Valentim o recrutou. Poderia voltar, voltar até mesmo para a Clave. Seriam clementes...

— Jamais poderei voltar para a Clave — disse, com dura satisfação. — Não entende? Aqueles que estão ao lado de seu filho não são mais Nephilim.

Não são mais Nephilim. Jocelyn começou a responder, mas antes que pudesse falar, sangue explodiu da boca de Jeremy. Ele caiu, e, ao fazê-lo, Jocelyn viu, atrás dele, empunhando uma espada, Maryse.

As duas se olharam por um instante sobre o corpo de Jeremy. Então Maryse se virou e voltou à batalha.

Assim que os dedos de Clary se fecharam em torno do cabo, a espada explodiu em luz dourada. Fogo ardeu pela lâmina a partir da ponta, iluminando as palavras marcadas na lateral — Quis ut Deus? —, e fazendo o cabo brilhar como se contivesse a luz do sol. Ela quase a derrubou, achando que tinha pegado fogo, mas a chama parecia contida no interior da espada, e o metal

permanecida frio sob suas palmas.

Tudo depois disso pareceu acontecer muito lentamente. Ela se virou, a espada brilhando na mão. Seus olhos vasculharam a multidão desesperadamente à procura de Sebastian. Não conseguiu vê-lo, mas sabia que ele estava atrás do bando de Caçadores de Sombras que havia socado para abrir caminho até ali. Agarrando a espada, ela foi na direção dele, apenas para ver sua passagem bloqueada.

Por Jace.

— Clary — disse ele.

Parecia impossível que conseguisse ouvi-lo; os barulhos ao redor eram ensurdecedores: gritos e rugidos, metal contra metal. Mas o mar de figuras lutando pareceu escorrer para longe deles, como o mar Vermelho se abrindo, deixando um espaço claro em torno dela e de Jace.

A espada ardeu, escorregando em sua mão.

— Jace. Saia do meu caminho.

Ela ouviu Simon, atrás dela, gritar alguma coisa; Jace balançava a cabeça. Seus olhos dourados eram inexpressivos, ilegíveis. O rosto ensanguentado. Ela tinha batido com a cabeça na bochecha dele, e a pele estava inchando e escurecendo.

— Entregue-me a espada, Clary.

— Não. — Ela balançou a cabeça, dando um passo para trás. A Gloriosa iluminou o espaço onde estavam, a grama pisoteada e suja de sangue ao redor, e Jace quando ele foi em direção a ela. — Jace. Eu posso separá-lo de Sebastian. Posso matá-lo sem que você se machuque...

O rosto dele se contorceu. Seus olhos tinham a mesma cor do fogo na espada, ou estavam refletindo o brilho, ela não sabia exatamente o quê, e ao olhar para ele, percebeu que não tinha importância. Ela estava vendo Jace e o não Jace: as lembranças que tinha dele, o menino lindo que conheceu, inconsequente consigo mesmo e com os outros, aprendendo a se importar e a cuidar. Lembrou-se da noite que passaram juntos em Idris, de mãos dadas naquela cama estreita, e do menino sujo de sangue que a olhou com olhos assombrados e confessou ser um assassino em Paris.

— Matá-lo? — perguntou o Jace-que-não-era-Jace. — Está louca?

E lembrou-se daquela noite perto do Lago Lyn, quando Valentim enfiou a espada nele, e de como sua própria vida pareceu sangrar com o sangue dele.

Clary o viu morrer, ali na praia em Idris. E depois, quando o ressuscitou, ele engatinhou até ela e a olhou com aqueles olhos que queimavam como a Espada, como o sangue incandescente de um anjo.

Eu estava no escuro, dissera. Não havia nada além de sombras, e eu era uma sombra. Então ouvi sua voz.

Mas aquela voz se misturou a outra: Jace olhando para Sebastian na sala do apartamento de Valentim, dizendo a ela que preferia morrer a viver assim. Conseguiu escutá-lo agora, falando, mandando lhe entregar a espada, e que se ela não o fizesse, a arrancaria à força. A voz soou dura, impaciente, a voz de alguém conversando com uma criança. E soube naquele instante que, assim como ele não era Jace, a Clary que ele amava não era ela. Era uma lembrança dela, borrada e distorcida: a imagem de uma pessoa dócil, obediente; alguém que não entendia que o amor concedido sem livre-arbítrio ou sinceridade não era amor.

— Entregue a espada. — Ele estava com a mão esticada, o queixo levantado, o tom imperioso. — Entregue, Clary.

— Você a quer?

Ergueu a Gloriosa, exatamente como ele havia ensinado, equilibrando-a, apesar de estar pesada em sua mão. A chama brilhou com mais intensidade, até parecer alcançar o céu e tocar as estrelas. Somente a espada a separava de Jace, seus olhos dourados, incrédulos. Mesmo agora, ele não pôde crer que ela pudesse machucá-lo, machucá-lo de verdade. Mesmo agora.

Ela respirou fundo.

— Pegue.

Ela viu os olhos dele se acenderem, como naquele dia perto do lago, então enfiou a espada nele, exatamente como Valentim havia feito. Ela entendeu agora que era assim que deveria que ser. Ele tinha morrido assim, e ela o arrancara da morte. E agora, a morte estava de volta.

Não se pode trapacear a morte. No final ela reclama os seus.

A Gloriosa afundou no peito dele, e ela sentiu a mão ensanguentada deslizar no cabo quando a lâmina acertou os ossos da costela, penetrando-o até o pulso de Clary tocar o corpo de Jace, e ela congelar. Ele não tinha se mexido, e ela estava pressionada contra ele agora, agarrando a Gloriosa enquanto o sangue começava a entornar do machucado no peito.

Ouviu-se um grito — um ruído de dor e pavor, o ruído de alguém sendo brutalmente dilacerado. Sebastian, pensou Clary. Sebastian, gritando enquanto seu laço com Jace era rompido.

Mas Jace. Jace não emitiu um único som. Apesar de tudo, estava com o rosto calmo e pacífico, lembrava uma estátua. Ele olhou para Clary e seus olhos brilharam, como se ele estivesse se enchendo de luz.

E então começou a queimar.

*

Alec não se lembrava de ter descido do topo do túmulo, nem de ter aberto caminho pelo chão rochoso entre os corpos abatidos: Caçadores de Sombras malignos, lobisomens mortos feridos. Seus olhos buscavam apenas uma pessoa. Tropeçou e quase caiu; quando levantou os olhos, examinando o campo de batalha, viu Isabelle, ajoelhada ao lado de Magnus no solo rochoso.

Parecia não ter ar nos pulmões. Nunca tinha visto Magnus tão pálido, nem tão imóvel. Havia sangue na armadura de couro e no chão abaixo dele. Mas era impossível. Magnus tinha vivido tanto. Era permanente. Fixo. Em nenhum mundo a imaginação de Alec podia conjurar Magnus morrendo antes dele.

— Alec. — Foi a voz de Izzy, nadando em direção a ele, como que através da água. — Alec, ele está respirando.

Alec soltou a própria respiração em um engasgo trêmulo. Estendeu a mão para a irmã.

— Adaga.

Ela entregou uma silenciosamente. Nunca tinha prestado tanta atenção quanto ele às aulas de primeiros socorros; sempre dizia que os símbolos cuidariam de tudo. Ele rasgou a frente da armadura de couro de Magnus, e em seguida a roupa abaixo, com os dentes cerrados. Talvez a armadura fosse tudo que ainda o sustentava.

Puxou as laterais cuidadosamente, surpreso com a firmeza das próprias mãos. Tinha muito sangue, e um corte amplo abaixo do lado direito das costelas de Magnus. Mas pelo ritmo da respiração do feiticeiro, estava claro que os pulmões não tinham sido perfurados. Alec tirou a jaqueta, embolou o tecido, e pressionou contra o ferimento que ainda sangrava.

Os olhos de Magnus se abriram.

— Ai — disse ele, debilmente. — Pare de se apoiar em mim.

— Raziel — suspirou Alec, agradecido. — Você está bem. — Levou a mão livre à nuca de Magnus, acariciando gentilmente com o polegar a bochecha sangrenta do feiticeiro. — Pensei...

Levantou a cabeça para olhar para a irmã antes que pudesse dizer alguma coisa constrangedora demais, mas ela já havia se retirado discretamente.

— Eu o vi cair — contou Alec, baixinho. Curvou-se e beijou de leve a boca de Magnus, não querendo machucá-lo. — Pensei que estivesse morto.

Magnus sorriu um sorriso torto.

— Por quê, por causa desse arranhão? — Olhou para o casaco avermelhado na mão de Alec. — Tudo bem, foi um arranhão profundo. Tipo, de um gato muito, mas muito grande.

— Está delirando? — perguntou Alec.

— Não. — Magnus cerrou as sobrancelhas. — Amatis mirou meu coração, mas não acertou nenhum órgão vital. O problema é que a perda de sangue está afetando minha energia e minha capacidade de me curar. — Ele respirou fundo e acabou tossindo. — Aqui, me dê sua mão. — Levantou a mão, e Alec entrelaçou os dedos nos dele, a palma de Magnus dura contra a dele. — Você se lembra, na noite da batalha no navio de Valentim, quando precisei da sua força?

— Precisa de novo? — perguntou Alec. — Porque você pode pegar.

— Sempre preciso da sua força, Alec — disse Magnus, e fechou os olhos quando os dedos entrelaçados começaram a brilhar, como se entre eles segurassem a luz de uma estrela.

Fogo explodiu pelo cabo e pela lâmina da espada do anjo. A chama percorreu o braço de Clary como um raio de eletricidade, derrubando-a para o chão. Raios de calor percorreram suas veias, e ela se curvou em agonia, segurando-se como se pudesse impedir que o próprio corpo explodisse.

Jace caiu de joelhos. A espada ainda o perfurava, mas agora ardia com uma chama branco-dourada, e o fogo preenchia o corpo dele como água colorida enchendo uma jarra de vidro. Uma chama dourada ardeu nele, deixando-o com a pele translúcida. Seus cabelos eram bronze; os ossos duros, brilhando visíveis através da pele. A Gloriosa estava queimando, dissolvendo em gotas líquidas como ouro derretendo em um cadinho. A cabeça de Jace estava jogada para trás, o corpo arqueado, enquanto o incêndio ardia através dele. Clary tentou se arrastar até ele pelo solo rochoso, mas o calor que irradiava do corpo de Jace era forte demais. Ele estava com as mãos no peito, e um rio de sangue dourado escorria pelos seus dedos. A pedra na qual estava ajoelhado escurecia, rachando, se transformando em cinzas. Então a Gloriosa queimou como o restinho de uma fogueira, em um banho de faíscas, e Jace caiu para a frente, sobre as pedras.

Clary tentou se levantar, mas as pernas falharam embaixo dela. As veias ainda pareciam ter fogo circulando, e a dor cortava a superfície da sua pele como o toque de atiçadores quentes. Ela se forçou a ir para a frente, fazendo os dedos sangrarem, ouvindo o vestido cerimonial rasgar, até alcançar Jace.

Ele estava deitado de lado com a cabeça apoiada em um dos braços, o outro esticado. Clary desabou ao lado dele. Calor irradiava do corpo de Jace como se ele fosse um aglomerado de brasas, mas ela não se importou. Clary viu o rasgo na parte de trás do uniforme de combate de Jace, onde a Gloriosa havia atravessado. Havia cinzas das pedras queimadas misturadas ao dourado do cabelo dele, e sangue.

Movendo-se lentamente, cada segundo doendo como se ela fosse velha, como se tivesse envelhecido um ano para cada segundo que Jace queimou, ela o puxou para si, de modo que ele ficou de costas para a pedra escurecida e suja de sangue. Ela olhou para o rosto dele, que não estava mais dourado, mas imóvel, e ainda assim lindo.

Clary pôs a mão no peito dele, onde o vermelho do sangue se destacou contra o vermelho mais escuro do uniforme. Ela havia sentido as bordas da lâmina raspando os ossos de suas costelas. Tinha visto o sangue de Jace entornar pelos dedos, tanto sangue que manchou de preto as pedras no chão e endureceu as pontas dos cabelos dele.

E ainda assim... Não se ele for mais do Céu do que do Inferno.

— Jace — sussurrou. Ao redor deles, pés corriam. Os restos estilhaçados do pequeno exército de Sebastian escapavam pelo Burren, derrubando as armas pelo caminho. Clary os ignorou. — Jace.

Ele não se moveu. Estava com o rosto imóvel, sereno sob a luz da lua. Seus cílios projetavam

sombras escuras e compridas nas maçãs do rosto.

— Por favor — disse ela, e sua voz parecia sair arranhando a garganta. Ao respirar, seus pulmões queimaram. — Olhe para mim.

Clary fechou os olhos. Quando os abriu novamente, a mãe estava ajoelhada ao seu lado, tocando-a no ombro. Lágrimas corriam pelo rosto de Jocelyn. Mas não poderia ser... Por que sua mãe choraria?

— Clary — sussurrou ela. — Deixe-o ir. Ele está morto.

Ao longe, Clary viu Alec ajoelhado ao lado de Magnus.

— Não — disse Clary. — A espada... ela queima apenas o que é vil. Ele ainda pode viver.

A mãe passou a mão nas costas da filha, prendendo os dedos nos cachos sujos de Clary.

— Clary, não...

Jace, Clary pensou furiosamente, com as mãos se fechando nos braços dele. Você é mais forte do que isso. Se este é você, se é você de fato, vai abrir os olhos para mim.

Subitamente, Simon apareceu, ajoelhando do outro lado de Jace, com o rosto sujo de sangue e fuligem. Esticou o braço para Clary. Ela levantou a cabeça para olhar para ele, para ele e para a mãe, e viu Isabelle chegando por trás, de olhos arregalados, aproximando-se lentamente. A frente do uniforme dela estava suja de sangue. Sem conseguir encarar Izzy, Clary virou o rosto, voltando os olhos para o dourado no cabelo de Jace.

— Sebastian — disse Clary, ou tentou dizer. A voz saiu rouca. — Alguém precisa ir atrás dele. — E me deixar sozinha.

— Estão procurando agora mesmo. — Jocelyn se inclinou para a frente, ansiosa os olhos arregalados. — Clary, deixe-o ir. Clary, meu amor...

— Deixe-a! — Clary ouviu Isabelle falar incisivamente. Escutou a mãe protestar, mas tudo que faziam parecia ocorrer ao longe, como se Clary estivesse assistindo a uma peça da última fila. Nada além de Jace importava. Jace, queimando. Lágrimas arderam no fundo de seus olhos.

— Jace, maldição — disse ela, com a voz áspera. — Você não está morto.

— Clary. — Simon falou gentilmente. — Era uma chance...

Afaste-se dele. Era isso que Simon estava pedindo, mas ela não podia. Não faria.

— Jace — sussurrou Clary. Era como um mantra, do jeito que ele uma vez a segurou em Renwick e entoou seu nome sem parar. — Jace Lightwood...

Clary congelou. Ali. Um movimento tão ínfimo, que quase não foi um movimento. O tremor de um cílio. Ela se inclinou para a frente, quase se desequilibrando, e pressionou a mão contra o material vermelho rasgado sobre o peito dele, como se pudesse curar o ferimento que tinha feito. Em vez disso sentiu — tão maravilhoso que por um instante não fez nenhum sentido para ela, não poderia ser — sob as pontas dos dedos, as batidas do coração de Jace.

23

Valentim

— Vejo que interrompi alguma coisa — disse Valentim, com a voz tão seca quanto uma tarde no deserto. — Filho, você pode me dizer quem é esta? Uma das filhas dos Lightwood, talvez?

— Não — disse Jace. Ele parecia cansado e infeliz, mas sua mão não se soltou. — Esta é Clary. Clarissa Fray. Uma amiga minha. Ela...

Os olhos negros de Valentim examinaram-na lentamente, do topo da cabeça despenteada às pontas dos tênis velhos. Pararam na adaga ainda presa à mão dela.

Um olhar indefinível passou pelo rosto dele — parte divertimento, parte irritação.

— Onde você arrumou essa adaga, mocinha?

Clary respondeu friamente.

— Jace me deu.

— É claro que deu — disse Valentim. O tom de voz era suave. — Posso vê-la?

— Não! — Clary deu um passo para trás, como se achasse que ele pudesse avançar nela, e sentiu a adaga ser retirada de forma certeira. Jace, segurando a espada, olhou para ela com uma expressão apologética. — Jace — ela sibilou, imprimindo cada centímetro da traição que sentia no nome dele.

Tudo o que ele disse foi:

— Você ainda não entende, Clary. Com uma espécie de tratamento atencioso que a enojava completamente, ele foi até Valentim e lhe entregou a adaga. — Aqui, pai.

Valentim tomou a adaga na mão longa e ossuda e examinou-a.

— É kindjal, uma adaga da Circássia. Essa em particular costumava fazer par com uma gêmea. Aqui, veja a estrela dos Morgenstern, esculpida na lâmina. Ele girou-a, mostrando para Jace. — Estou surpreso com o fato de os Lightwood nunca terem percebido.

— Nunca mostrei a eles — disse Jace. — Eles me deixavam ter minhas próprias coisas. Não me controlavam.

— Claro que não — disse Valentim. Ele devolveu a kindjal a Jace. — Eles pensavam que você fosse o filho de Michael Wayland.

Jace, recolocando a adaga de cabo vermelho no cinto, levantou o olhar.

— E eu também — disse suavemente, e naquele instante Clary percebeu que não era brincadeira, que Jace não estava fingindo com intenções ocultas. Ele realmente pensava que Valentim fosse seu pai e tivesse voltado para ele.

Um desespero frio estava se espalhando pelas veias de Clary. Jace nervoso, Jace hostil, furioso,

qualquer um dos casos ela poderia enfrentar, mas esse novo Jace, frágil e aceso pela luz do próprio milagre, esse era um estranho para ela.

Valentim olhou sobre a cabeça dourada de Jace; os olhos dele estavam frios com aquela diversão.

— Talvez — ele disse — fosse uma boa ideia você se sentar agora, Clary...

Ela cruzou os braços sobre o peito, resistente.

— Não.

— Como quiser — Valentim puxou uma cadeira e se sentou à cabeceira da mesa. Após um instante, Jace sentou também, ao lado de uma garrafa de vinho pela metade. — Mas você vai ouvir algumas coisas que farão com que você desejasse ter aceitado a cadeira.

— Eu aviso — Clary disse — se isso acontecer.

— Muito bem — Valentim se acomodou, com a mão atrás da cabeça. O colarinho da camisa estava um pouco aberto, exibindo a clavícula cheia de cicatrizes. Cicatrizes, como as do filho, como todos os Nephilim. Uma vida de cicatrizes e morte, Hodge dissera. — Clary — ele começou outra vez, como se sentisse o gosto do nome dela. — Apelido de Clarissa? Não é o nome que eu teria escolhido.

Havia um sorriso em seus lábios. Ele sabe que sou filha dele, pensou Clary. De algum jeito, ele sabe. Mas ele não está dizendo. Por que não está dizendo?

Por causa de Jace, ela percebeu. Jace pensaria — ela não podia imaginar o que ele pensaria. Valentim os vira abraçados quando entrou no quarto. Ele devia saber que tinha uma informação devastadora em mãos. Em algum lugar atrás daqueles olhos negros insondáveis, sua mente aguçada estava trabalhando rapidamente, tentando pensar na melhor maneira de usar o que sabia.

Ela olhou inquisitivamente para Jace mais uma vez, mas ele estava olhando para a taça de vinho que segurava com a mão esquerda, quase cheia de líquido púrpuro. Ela podia ver o movimento rápido do tórax dele enquanto ele respirava; ele estava mais chateado do que demonstrava.

— Eu realmente não me importo com o que você teria escolhido — informou Clary.

— Tenho certeza disso — respondeu Valentim, inclinando-se para a frente.

— Você não é o pai de Jace — ela disse. — Você está tentando nos enganar. O pai de Jace era Michael Wayland. Os Lightwood sabem disso. Todo mundo sabe disso.

— Os Lightwood receberam a informação errada — disse Valentim. — Eles realmente acreditavam, acreditam, que Jace seja filho do amigo deles, Michael. Assim como a Clave. Nem mesmo os Irmãos do Silêncio sabem quem ele realmente é. Apesar de que, em breve, saberão.

— Mas o anel Wayland...

— Ah, sim — disse Valentim, olhando para a mão de Jace, onde o anel brilhava como as

escamas de uma cobra. — O anel. Engraçado, não é, como um M de cabeça para baixo lembra um W? É claro que, se a pessoa parasse para pensar, veria que é um pouco estranho que o símbolo da família Wayland fosse uma estrela cadente. Mas não seria nem um pouco estranho ser o símbolo dos Morgenstern.

Clary olhou fixamente para ele.

— Não faço ideia do que você está falando.

— Esqueço o quão desleixada é a educação dos mundanos — disse Valentim. — Morgenstern significa "estrela da manhã". Algo do tipo: Como vós sois caídos do céu, Oh Lucifer, filho da manhã! Como sois vós enviados ao chão, o que enfraqueceu as nações!

Um leve calafrio passou por Clary.

— Você está falando de Satã.

— Ou de qualquer grande poder perdido — disse Valentim —, por recusa a servir. Como aconteceu comigo. Não quis servir a um governo corrupto, e por isso perdi minha família, minhas terras, quase a minha vida...

— A Ascensão foi culpa sua! — disparou Clary. — Pessoas morreram por conta dela! Caçadores de Sombras como você!

— Clary. — Jace se inclinou para a frente, quase derrubando a taça próxima ao cotovelo dele. — Apenas ouça, por favor? Não é como você pensa. Hodge mentiu para nós.

— Eu sei — disse Clary. — Ele nos traiu por Valentim. Era um peão de Valentim.

— Não — disse Jace. — Não. Era Hodge que queria o Cálice Mortal o tempo todo. Meu pai, Valentim, só descobriu tudo depois, e veio para impedi-lo. Ele trouxe sua mãe para cá a fim de curá-la, não machucá-la.

— E você acreditou nisso? — Clary indagou com desgosto. — Não é verdade. Hodge estava trabalhando para Valentim. Eles estavam juntos na procura pelo Cálice. Ele armou para cima da gente, é verdade, mas foi apenas uma ferramenta.

— Mas era ele que precisava do Cálice Mortal — sugeriu Jace. — Para poder se livrar da maldição e fugir antes que meu pai pudesse contar à Clave tudo o que ele havia feito.

— Eu sei que isso não é verdade! — Clary disse, irritada. — Eu estava lá! — Ela virou-se para Valentim. — Eu estava na sala quando você foi buscar o Cálice. Você não podia me ver, mas eu estava lá. Eu o vi. Você pegou o Cálice e quebrou a maldição de Hodge. Ele não teria conseguido fazer isso sozinho. Ele mesmo disse.

— Eu quebrei a maldição — disse Valentim comedidamente —, mas fiz isso por pena. Ele parecia tão patético.

— Você não sentiu pena. Você não sentiu nada.

— Já basta, Clary! — repreendeu Jace. Ela o encarou. As bochechas dele estavam vermelhas como se ele tivesse bebido o vinho que estava sobre a mesa, e os olhos, excessivamente brilhantes.

— Não fale assim com o meu pai.

— Ele não é o seu pai!

Jace parecia que havia sido estapeado por ela.

— Por que você está tão determinada em não acreditar na gente?

— Porque ela ama você — disse Valentim.

Clary sentiu o sangue fugir de suas faces. Ela olhou para ele, sem saber o que poderia dizer em seguida, mas morrendo de medo do que poderia ser. Ela se sentiu como se estivesse se aproximando de um precipício, de uma terrível queda no nada e em lugar nenhum. Foi tomada por uma vertigem.

— O quê? — Jace parecia surpreso.

Valentim estava olhando entretido para Clary, como se soubesse que a tinha presa lá como uma borboleta em um quadro.

— Ela teme que eu esteja me aproveitando de você — ele disse. — Que tenha feito uma lavagem cerebral. Claro que nada disso é verdade. Se pudesse enxergar as próprias memórias, Clary, você saberia.

— Clary — Jace começou a se levantar, com os olhos fixos nela. Ela podia ver as olheiras, o cansaço dele. — Eu...

— Sente-se — pediu Valentim. — Deixe-a entender sozinha, Jonathan.

Jace se conteve imediatamente, afundando de volta na cadeira. Através da tontura da vertigem, Clary lutou para entender. Jonathan?

— Pensei que seu nome fosse Jace — ela disse. — Você mentiu sobre isso também?

— Não. Jace é um apelido.

Ela estava muito perto do precipício agora, tão perto que quase conseguia olhar para baixo.

— Como?

Ele olhou para ela como se não conseguisse entender a razão para ela estar criando tanto caso por uma coisa tão pequena.

— Por causa das minhas iniciais — ele disse. — J.C.

O precipício se abriu diante dela. Ela podia ver a longa queda na escuridão.

— Jonathan — ela disse fracamente. — Jonathan Christopher.

Jace franziu os olhos.

— Como você...?

Valentim interrompeu. Sua voz era pacificadora.

— Jace, eu tinha pensado em poupá-lo. Pensei que uma história sobre uma mãe morta fosse doer menos do que uma história sobre uma mãe que o abandonou antes do seu primeiro aniversário.

Os dedos de Jace cerraram em torno da haste da taça. Por um instante, Clary pensou que

fosse quebrar.

— Minha mãe ainda está viva?

— Está — disse Valentim. — Viva e dormindo em um dos quartos lá de baixo neste instante. Sim — ele acrescentou, interrompendo antes que Jace pudesse falar —, Jocelyn é sua mãe, Jonathan. E Clary... Clary é sua irmã.

Jace puxou a mão de volta para si. A taça de vinho caiu, derrubando líquido vermelho sobre a toalha de mesa branca.

— Jonathan — chamou Valentim.

Jace estava com uma aparência horrorosa, uma espécie de branco-esverdeado tingiu seu rosto.

— Isso não é verdade — ele disse. — Alguma coisa está errada. Isso não pode ser verdade.

Valentim olhou fixamente para o filho.

— É uma ocasião a ser celebrada — ele disse com uma voz baixa e contemplativa —, eu diria. Ontem você era órfão, Jonathan. Agora tem um pai, uma mãe e uma irmã que você não sabia que tinha.

— Não é possível — disse Jace novamente. — Clary não é minha irmã. Se fosse...

— O quê? — perguntou Valentim.

Jace não respondeu, mas o olhar de horror e náusea foi o suficiente para Clary. Tropeçando um pouco, ela circulou a mesa e se ajoelhou ao lado da cadeira dele, estendendo a mão para pegar a dele.

— Jace...

Ele se afastou dela, com os dedos arrastando pela toalha de mesa manchada.

— Não.

Um sentimento de ódio a Valentim queimava na garganta de Clary como lágrimas não derramadas. Ele havia se contido, e ao não falar o que sabia — que ela era filha dele — fez com que ela fosse cúmplice no silêncio. E agora, após jogar a verdade neles com o peso esmagador de uma pedra, ele se sentou para assistir aos resultados com uma consideração fria. Como Jace podia não perceber o quanto ele era odioso?

— Diga que não é verdade — pediu Jace, olhando fixamente para a toalha de mesa.

Clary engoliu em seco, apesar da garganta que queimava.

— Não posso fazer isso.

Valentim soava como se estivesse sorrindo.

— Então agora você admite que falei a verdade o tempo todo?

— Não — ela disparou sem olhar para ele. — Você está mentindo e inserindo algumas verdades no meio, só isso.

— Já estou ficando cansado disso — disse Valentim. — Se quiser ouvir a verdade, Clarissa, essa é a verdade. Você ouviu histórias sobre a Ascensão e pensa que sou o vilão. Não é verdade?

Clary não disse nada. Ela estava olhando para Jace, que parecia estar a ponto de vomitar. Valentim prosseguiu de forma implacável.

— É tudo muito simples, na verdade. A história que você ouviu era verdadeira em parte, mentiras com verdades inseridas, como você disse, mas não em outras. O fato é que Michael Wayland não é nem nunca foi o pai de Jace. Wayland foi morto durante a Ascensão. Assumi o nome dele e fugi da Cidade de Vidro com o meu filho. Foi muito fácil; Wayland não tinha relações com ninguém, e os melhores amigos dele, os Lightwood, estavam no exílio. Ele teria sofrido uma forte desgraça com a Ascensão, então eu vivi aquela vida desgraçada, quieto, sozinho com Jace na casa dos Wayland. Li livros. Criei meu filho. E esperei a minha hora. — Ele tocou a ponta da taça pensativamente. Ele era canhoto, Clary percebeu, como Jace.

— Dez anos mais tarde, recebi uma carta. O autor indicava saber minha verdadeira identidade, e se eu não estivesse preparado para dar alguns passos, ele a revelaria. Eu não sabia quem era o remetente da carta, mas não tinha a menor importância. Não estava preparado para dar a ele o que queria. Além disso, sabia que minha segurança estava comprometida, e assim seria, a não ser que ele acreditasse que eu estava morto, fora de alcance. Forjei minha morte pela segunda vez, com a ajuda de Blackwell e Pangborn, e para a própria segurança de Jace, certifiquei-me de que ele fosse mandado para cá, para viver sob a proteção dos Lightwood.

— Então você deixou que Jace pensasse que você estava morto? Você simplesmente permitiu que ele acreditasse que você estava morto, durante todos estes anos? Isso é desprezível.

— Não — Jace disse novamente. Ele havia levantado as mãos para cobrir o rosto. Falou através dos próprios dedos, com a voz abafada. — Não diga nada, Clary.

Valentim olhou para o filho com um sorriso que Jace não podia ver.

— Jonathan tinha que acreditar que eu estava morto, sim. Ele precisava pensar que era filho de Michael Wayland, ou os Lightwood não o teriam protegido como o fizeram. Era com Michael que tinham uma dívida, não comigo. Foi por causa de Michael que o amaram, não por mim.

— Talvez o amassem por ele mesmo — disse Clary.

— Uma interpretação consideravelmente sentimental — disse Valentim —, porém improvável. Você não conhece os Lightwood como eu conheci — ele não viu Jace mudar de expressão, ou, se viu, ignorou. — E, no fim das contas, isso não tem a menor importância — acrescentou Valentim. — O propósito dos Lightwood era proteger Jace, não substituir a família. Ele tem uma família. Ele tem um pai.

Jace fez um barulho na garganta, e tirou as mãos do rosto.

— Minha mãe...

— Fugiu depois da Ascensão — disse Valentim. — Caí em desgraça. A Clave teria me

perseguido se tivesse acreditado que eu estava vivo. Ela não podia suportar qualquer associação a mim, então fugiu. — A dor em sua voz era palpável, e forjada, Clary pensou amargamente. Que criatura mais manipuladora! — Eu não sabia que ela estava grávida na época. De Clary. — Ele deu um sorriso breve, passando o dedo pela taça de vinho. — Sangue chama sangue, como se diz — ele prosseguiu. — O destino nos trouxe a essa convergência. Nossa família, unida novamente. Podemos usar o Portal — ele disse, voltando o olhar para Jace. — Ir para Idris. De volta ao casarão.

Jace estremeceu um pouco, mas fez que sim com a cabeça, ainda olhando entorpecido para as próprias mãos.

— Ficaremos juntos lá — disse Valentim. — Como deve ser.

Parece ótimo, pensou Clary. Só você, sua mulher em coma, seu filho absolutamente chocado e sua filha, que te odeia acima de tudo. Sem falar no fato de que seus filhos podem estar apaixonados um pelo outro. É, parece uma ótima reunião de família. Em voz alta, ela apenas disse:

— Eu não vou a lugar algum com você, e minha mãe também não.

— Ele está certo, Clary — disse Jace com a voz rouca. Ele flexionou as mãos, as pontas dos dedos estavam sujas de vermelho. — É o único lugar para onde podemos ir. Podemos resolver as coisas lá.

— Você não pode estar falando sério...

Uma forte batida veio do andar de baixo, tão alta que parecia que uma das paredes do hospital havia desabado. Luke, pensou Clary, levantando-se.

Jace, apesar do olhar de horror e náusea, respondeu automaticamente, levantando-se da cadeira, com a mão ao cinto.

— Pai, eles estão...

— Eles estão subindo — Valentim se levantou. Clary ouviu passos. Um instante depois, a porta do quarto se abriu, e Luke estava na entrada.

Clary conteve um grito. Ele estava coberto de sangue, os jeans e a camisa escura cheias de coágulos, e a parte inferior do rosto formando uma barba de sangue. As mãos estavam vermelhas até os pulsos, o sangue que as manchava ainda corria. Ela não fazia a menor ideia se o sangue era dele. Ela se ouviu gritando o nome dele, em seguida estava correndo pelo quarto em sua direção, quase tropeçando em si mesma com a ansiedade de agarrar a frente da camisa de Luke e segurar firme, de um jeito que não fazia desde os 8 anos.

Por um instante, a mão gigantesca dele se levantou e apoiou a cabeça dela, segurando-a contra o próprio corpo, com um abraço de um braço só. Depois, empurrou-a gentilmente.

— Estou todo sujo de sangue — ele disse. — Não se preocupe, não é meu.

— Então de quem é? — Era a voz de Valentim, e Clary virou, com o braço protetor de Luke

no ombro dela. Valentim estava observando os dois, com os olhos franzidos e calculistas. Jace havia se levantado e circulado a mesa, e estava de pé, hesitante, ao lado do pai. Clary não conseguia se lembrar de tê-lo visto fazendo nada hesitante antes.

— Pangborn — informou Luke.

Valentim passou a mão sobre o rosto, como se a notícia o ferisse.

— Entendo. Você arrancou a garganta dele com os próprios dentes?

— Na verdade — disse Luke —, eu o matei com isso —, com a mão livre, ele estendeu a adaga longa e fina com a qual matara o Renegado. À luz ela podia ver as pedras azuis no cabo. — Lembra?

Valentim olhou, e Clary percebeu seu maxilar enrijecer.

— Lembro — ele disse, e Clary imaginou se ele também estava se lembrando da conversa que haviam tido pouco antes.

É uma kindjal, uma adaga da Circássia. Essa, em particular, costumava fazer par com uma gêmea.

— Você a entregou a mim há 17 anos, e me disse para colocar um fim à minha vida com ela — disse Luke, com a arma firme na mão. A arma era mais longa do que a do cabo vermelho presa ao cinto de Jace; era algo entre uma adaga e uma espada, e a lâmina tinha a ponta como de uma agulha. — E quase o fiz.

— Você espera que eu negue? — Havia dor na voz de Valentim, a lembrança de uma antiga mágoa. — Tentei salvá-lo de si mesmo, Lucian. Cometi um grave erro. Se tivesse tido força para matá-lo pessoalmente, você poderia ter morrido como homem.

— Como você? — perguntou Luke, e naquele instante Clary viu algo do Luke que sempre conhecera, que sabia quando ela estava mentindo ou fingindo, que brigava com ela quando estava sendo arrogante ou fazendo algo ilícito. Na amargura da voz dele, Clary ouviu o amor que ele já tivera por Valentim transformado em um ódio curtido. — Um homem que acorrenta a própria esposa inconsciente a uma cama com a esperança de torturá-la em busca de informação quando ela acordar? É essa a sua coragem?

Jace estava olhando fixamente para o pai. Clary viu a raiva que momentaneamente ditou as feições de Valentim; depois desapareceu, mostrando suavidade.

— Não a torturei — ele disse. — Ela está acorrentada por conta de sua própria segurança.

— Contra o quê? — perguntou Luke, adentrando ainda mais o quarto. — A única coisa que representa perigo a ela é você. Ela passou a vida inteira fugindo de você.

— Eu a amava — disse Valentim. — Jamais faria qualquer coisa para machucá-la. Foi você que a jogou contra mim.

Luke riu.

— Ela não precisava de mim para se voltar contra você. Ela aprendeu a odiá-lo por conta

própria.

— Isso é mentira! —Valentim rugiu com repentina ferocidade, e sacou a espada do cinto. A lâmina era chata e negra, estampada com estrelas prateadas. Ele levantou a lâmina na direção do coração de Luke.

Jace deu um passo em direção a Valentim.

— Pai...

— Jonathan, cale-se! — gritou Valentim, mas era tarde demais; Clary viu o choque no rosto de Luke enquanto ele olhava para Jace.

— Jonathan? — ele sussurrou.

A boca de Jace tremeu.

— Não me chame assim — ele disse furiosamente, com os olhos dourados brilhando. — Eu o mato pessoalmente se me chamar assim.

Luke, ignorando a lâmina apontada para seu coração, não tirou os olhos de Jace.

— Sua mãe ficaria orgulhosa — ele disse, tão tranquilamente que até Clary, que estava ao lado dele, teve de se esforçar para ouvir.

— Eu não tenho mãe — disse Jace. Suas mãos estavam tremendo. — A mulher que me trouxe ao mundo me abandonou antes mesmo que eu pudesse me lembrar de seu rosto. Eu não era nada para ela, então ela não é nada para mim.

— Não foi sua mãe que o abandonou — disse Luke, com o olhar se voltando lentamente para Valentim. — Achei que até você fosse incapaz de usar a própria carne como isca — ele disse, lentamente. Acho que me enganei.

— Basta. — O tom de Valentim era quase apático, mas havia ferocidade nele, uma ameaça faminta de violência. — Solte a minha filha, ou eu o mato onde você está.

— Não sou sua filha — Clary disse, furiosamente, mas Luke a empurrou para longe dele com tanta força que ela quase caiu.

— Saia daqui — ele ordenou. — Vá para um lugar seguro.

— Não vou deixá-lo aqui!

— Clary, estou falando sério. Saia daqui. — Luke já estava levantando a adaga. — Essa luta não é sua.

Clary correu para longe dele, em direção à porta que levava ao andar térreo. Talvez ela pudesse buscar ajuda, Alaric...

Então Jace se pôs na frente dela, bloqueando a passagem para a porta. Ela se esquecera do quão rápido ele se movia, suave como um gato, veloz como água.

— Você está louca? — ele indagou. — Eles arrombaram a porta da frente. O lugar vai estar cheio de Renegados.

Ela o empurrou.

— Me deixe sair.

Jace a segurou com punhos firmes como aço. Clary se afastou de Jace e viu que Valentim havia atacado Luke, que respondeu ao golpe com uma defesa de estourar os tímpanos. As lâminas estavam afastadas, e agora estavam se movendo através do chão em um embaraço de fintas e cortes.

— Ah, meu Deus — ela sussurrou. — Eles vão se matar.

Os olhos de Jace estavam praticamente negros.

— Você não entende — ele disse. — É assim que as coisas são feitas... — Ele parou de falar e respirou fundo quando Luke furou a guarda de Valentim, atingindo-o com um golpe no ombro. Sangue corria livremente, manchando o tecido da camisa branca.

Valentim lançou a cabeça para trás e riu.

— Um verdadeiro golpe — ele disse. — Não pensei que conseguisse, Lucian.

Luke estava completamente reto, com a faca bloqueando o rosto dele da visão de Clary.

— Você mesmo me ensinou esse golpe.

— Mas isso foi há anos — disse Valentim, com uma voz crua como seda — e desde então você quase não precisou usar faca, não é mesmo? Não havia razão, com presas e garras à sua disposição.

— Muito melhor para rasgar seu coração.

Valentim balançou a cabeça.

— Você rasgou meu coração há anos — ele disse, e nem Clary conseguia determinar se a dor na voz era real ou forjada. — Quando me traiu e me abandonou. — Luke o atacou novamente, mas Valentim estava movendo-se rapidamente pelo recinto. Para um homem daquele tamanho, ele se movia com leveza surpreendente. — Foi você que fez com que minha mulher se voltasse contra a própria espécie. Você foi até ela no momento de maior fraqueza, com seu ar de pena, sua carência incorrigível. Eu estava distante e ela pensava que você a amava. Era uma tola.

Jace estava tenso ao lado de Clary. Ela podia sentir a tensão dele, como as faíscas que saíam de um fio elétrico arrebentado.

— É da sua mãe que Valentim está falando — ela disse.

— Ela me abandonou — disse Jace. — Bela mãe.

— Ela pensou que você estivesse morto. Quer saber como eu sei disso? Porque ela mantinha uma caixa no quarto dela. Tinha as suas iniciais. J. C.

— Então ela tinha uma caixa — disse Jace. — Muitas pessoas têm caixas. Para guardar coisas. Está na moda, ouvi dizer.

— Tinha um cacho do seu cabelo dentro. Cabelo de bebê. E uma foto, talvez duas. Ela costumava pegar todo ano e chorar. Um choro terrível, de coração partido...

Jace cerrou os punhos.

— Pare com isso — disse ele entredentes.

— Parar de quê? De dizer a verdade? Ela pensava que você estivesse morto, ela jamais o teria deixado se soubesse que você estava vivo. Você pensou que seu pai estivesse morto...

— Eu o vi morrer! Ou pensei que tivesse visto. Eu não... simplesmente ouvi e escolhi acreditar!

— Ela encontrou seus ossos queimados — Clary disse calmamente. — Nas ruínas da casa dela. Junto com os ossos da mãe e do pai dela.

Finalmente Jace olhou para ela. Ela viu que os olhos dele pareciam completamente descrentes, e ao redor deles, a força de conservar a descrença. Ela podia ver, quase como se estivesse vendo através de um feitiço, a frágil construção da fé no próprio pai que ele vestia como uma armadura transparente, protegendo-o contra a verdade. Em algum lugar, ela pensou, havia uma rachadura naquela armadura; em algum lugar, se ela conseguisse encontrar as palavras certas, poderia ser quebrada.

— Isso é ridículo — ele disse. — Eu não morri, não havia ossada alguma.

— Tinha sim.

— Então era um feitiço — ele concluiu bruscamente.

— Pergunte ao seu pai o que aconteceu aos sogros dele — pediu Clary. Ela estendeu a mão para tocar a dele. — Pergunte a ele se aquilo também era um feitiço...

— Cale a boca! — O controle de Jace acabou e ele se virou contra ela, lívido. Clary viu Luke olhar em direção a eles, chocado pelo barulho, e, naquele instante de distração, Valentim quebrou a guarda dele e, com um único ataque frontal, enfiou a lâmina da espada no peito de Luke, pouco abaixo da clavícula.

Os olhos de Luke se arregalaram como que de surpresa, e não de dor. Valentim lançou a mão para trás, e a lâmina também recuou, manchada de vermelho até o cabo. Com uma risada afiada, Valentim atacou novamente, dessa vez derrubando a arma da mão de Luke. Ela atingiu o chão com um ruído oco e Valentim a chutou com força, enviando-a para baixo da mesa enquanto Luke caía.

Valentim levantou a espada preta sobre o corpo inclinado de Luke, pronto para executar o golpe fatal. Estrelas prateadas entalhadas na lâmina brilhavam e Clary pensou, congelada em um instante de horror, como alguma coisa tão mortal pode ser tão bela?

Jace, como se soubesse o que Clary ia fazer antes mesmo que o fizesse, rodopiou para a frente dela.

— Clary...

O momento de estagnação passou. Clary livrou-se de Jace, desviando das mãos dele que se aproximavam, e correu pelo chão de pedras em direção a Luke. Ele estava no chão, sustentando-se com um braço; Clary se jogou em cima dele, exatamente quando a espada de Valentim foi para

baixo.

Ela viu os olhos de Valentim enquanto a espada vinha em sua direção; parecia uma eternidade, apesar de não ter sido mais do que uma fração de segundo. Ela viu que ele poderia ter interrompido o golpe se quisesse. Viu que ele sabia que poderia atingi-la se não interrompesse. Viu que atacaria assim mesmo.

Ela jogou as mãos para o alto, fechando os olhos...

Houve um ruído metálico. Ela ouviu Valentim gritar, e olhou para cima para vê-lo com a mão da espada vazia e sangrando. A kindjal de cabo vermelho estava a vários centímetros de distância no chão de pedras, perto da espada preta. Virando-se surpreso, ele viu Jace perto da porta; ele estava com o braço ainda levantado, e percebeu que deveria ter jogado a adaga com força suficiente para derrubar a espada preta da mão do pai.

Pálido, ele abaixou o braço lentamente, com os olhos fixos em Valentim — arregalados e suplicantes.

— Pai, eu...

Valentim olhou para a mão que sangrava e, por um instante, Clary viu um espasmo de ira cruzar seu rosto, como uma luz brilhando. A voz dele, quando falou, estava branda.

— Foi um lançamento excelente, Jace.

Jace hesitou.

— Mas a sua mão. Eu pensei...

— Eu não teria machucado a sua irmã — disse Valentim, movendo-se rapidamente para recuperar a espada e a kindjal de cabo vermelho, que ele colocou no cinto. — Teria interrompido o ataque. Mas sua preocupação com a família é louvável.

Mentiroso. Mas Clary não tinha tempo para as bobagens de Valentim. Ela virou-se para olhar para Luke e sentiu uma angústia aguda. Luke estava deitado de costas, com olhos semifechados, e a respiração irregular. Sangue borbulhava pelo buraco de sua camisa rasgada.

— Preciso de uma atadura — Clary disse engasgando. — Um pano, qualquer coisa.

— Não se mova, Jonathan — disse Valentim em tom ameaçador, e Jace parou onde estava, com as mãos já quase no bolso. — Clarissa — disse o pai dela, com uma voz tão oleosa quanto aço cheio de manteiga —, esse homem é um inimigo da nossa família, inimigo da Clave. Nós somos caçadores, o que significa que às vezes somos matadores. Você certamente entende isso.

— Caçadores de demônios — disse Clary. — Matadores de demônios. Não assassinos. Existe uma diferença.

— Ele é um demônio, Clarissa — disse Valentim, com a mesma voz suave. — Um demônio com rosto de homem. Eu sei como esses monstros podem ser dissimulados. Lembre-se, eu mesmo o poupei certa vez.

— Monstro? — ecoou Clary. Ela pensou em Luke: Luke a empurrando no balanço quando ela

tinha 5 anos, mais alto, sempre mais alto; Luke na formatura do ginásio, fotografando sem parar, como um pai orgulhoso; Luke procurando em cada caixa de livro que chegava à sua loja, separando qualquer coisa que achasse que ela pudesse gostar. Luke levantando-a para pegar maçãs nas árvores perto do sítio dele. Luke, cujo lugar de pai este homem estava tentando tirar. — Luke não é um monstro — ela disse, com uma voz que se igualava à de Valentim, tão afiada quanto. — Nem um assassino. Você é.

— Clary! — gritou Jace.

Clary o ignorou. Os olhos dela estavam fixos nos do pai.

— Você matou os pais da sua mulher, não em uma batalha, mas a sangue frio — ela disse. — E aposto que matou Michael Wayland, e o filho dele também. Jogou os ossos deles junto com os dos meus avós para fazer com que a minha mãe pensasse que você e Jace também estavam mortos. Colocou o seu colar no pescoço de Michael Wayland antes de queimá-lo para que todos pensassem que aqueles ossos eram seus. Depois de todo o seu discurso sobre sangue puro da Clave, você não deu a mínima para o sangue ou para a inocência deles quando os matou, não foi? Matar idosos e crianças a sangue frio, isso sim é monstruoso.

Outro espasmo de raiva contorceu as feições de Valentim.

— Basta! — rugiu Valentim, erguendo a espada negra novamente, e Clary ouviu naquela voz quem ele realmente era, o ódio que o conduzira durante toda a vida. A raiva infinita e efervescente. — Jonathan, arraste sua irmã para fora do meu caminho, ou, pelo Anjo, vou derrubá-la para matar o monstro que ela está protegendo!

Por um breve instante, Jace hesitou. Então levantou a cabeça.

— Certamente, pai — ele disse, e atravessou a sala na direção de Clary. Antes que ela pudesse levantar as mãos para contê-lo, ele já a pegara pelo braço. Ele a puxou, levantando-a, afastando-a de Luke.

— Jace — ela sussurrou, perplexa.

— Não — disse ele. Os dedos dele a agarravam dolorosamente. Ele cheirava a vinho, metal e suor. — Não fale comigo.

— Mas...

— Eu disse para não falar. — Ele a sacudiu, com força. Ela tropeçou, recuperou o equilíbrio e olhou para cima, para ver Valentim de pé, regozijando sobre o corpo abatido de Luke. Ele levantou o pé e pisou em Luke, que emitiu um ruído de engasgo.

— Deixe-o em paz! — gritou Clary, tentando se livrar das garras de Jace. Não adiantou nada, ele era forte demais.

— Pare com isso — ele sibilou em seu ouvido. — Você só está piorando as coisas. É melhor não assistir.

— Como você faz? — perguntou ela de volta. — Fechar os olhos e fingir que alguma coisa não

está acontecendo não faz com que ela não aconteça, Jace. Você deveria saber...

— Clary, pare. — O tom dele quase a pegou de surpresa. Ele parecia desesperado.

Valentim estava rindo.

— Se ao menos tivesse pensado — ele disse — em trazer uma lâmina de prata de verdade, poderia despachá-lo da verdadeira maneira da sua espécie, Lucian.

Luke murmurou alguma coisa que Clary não conseguiu ouvir. Ela desejou que fosse grosseira. Ela tentou se livrar de Jace. Seus pés escorregaram e ele a pegou, levantando-a novamente com força agonizante. Ele estava com os braços em volta dela, ela pensou, mas não da maneira como ela sonhara um dia, não do jeito que já houvesse imaginado.

— Ao menos me deixe levantar — pediu Luke. — Deixe-me morrer de pé.

Valentim olhou para ele através da lâmina, e deu de ombros.

— Você pode morrer de bruços ou de joelhos — ele disse. — Mas somente um homem merece morrer de pé, e você não é um homem.

— NÃO! — Clary gritou quando Luke, sem olhar para ela, começou a se ajeitar sobre os joelhos.

— Por que tem que tornar as coisas piores para você? — perguntou Jace em um sussurro baixo e tenso. — Eu disse para não olhar.

Ela estava ofegante com o esforço e a dor.

— Por que você tem que mentir para si?

— Não estou mentindo! — As garras em torno dela cerraram de maneira selvagem, embora ela não tivesse tentado se livrar. — Só quero coisas boas na minha vida, meu pai, minha família, não posso perder tudo outra vez.

Luke estava ajoelhado agora. Valentim havia erguido a espada suja de sangue. Os olhos de Luke estavam fechados, e ele estava murmurando alguma coisa: palavras, uma oração, Clary não sabia. Ela girou nos braços de Jace, de modo que pudesse olhar em seus olhos. Os lábios dele estavam contraídos, o maxilar tenso, mas os olhos...

A frágil armadura estava quebrando. Só precisava de um último golpe dela. Ela batalhou para encontrar as palavras certas.

— Você tem uma família — ela disse. — A família é composta por pessoas que o amam. Como os Lightwood o amam. Alec, Isabelle... — A voz dela falhou. — Luke é minha família, e você vai me fazer vê-lo morrer do mesmo jeito que pensou que tivesse visto seu pai morrer quando tinha 10 anos? É isso que você quer, Jace? É esse o tipo de homem que você quer ser? Como...

Ela parou de falar, repentinamente apavorada com a possibilidade de ter ido longe demais.

— Como o meu pai — ele disse.

A voz dele estava gelada, distante, insípida como a lâmina de uma faca.

Perdi, Clary pensou desesperada.

— Abaixe-se — ele disse, e empurrou-a, com força. Ela cambaleou, caiu no chão, rolou sobre um joelho. Ajoelhando-se, ela viu Valentim erguer a espada por cima da cabeça. O brilho do candelabro no alto refletia na espada e agredia os olhos dela com pontinhos de luz. — Luke! — ela gritou.

A lâmina foi com tudo — para o chão. Luke não estava mais lá. Jace, que se movera mais rápido do que Clary podia imaginar, até nos padrões dos Caçadores de Sombras, o empurrara para fora do caminho, jogando-o para o lado. Jace se levantou, encarando o pai através do cabo da espada, com o rosto pálido, porém firme.

— Acho que é melhor você ir — disse Jace.

Valentim olhou incrédulo para o filho.

— O que você disse?

Luke estava sentado. Sangue fresco manchava sua camisa. Ele encarou enquanto Jace estendia a mão e gentilmente, quase desinteressado, acariciava o cabo da espada que havia sido enterrada no chão.

— Acho que você ouviu, pai.

A voz de Valentim era como um chicote.

— Jonathan Morgenstern...

Rápido como um raio, Jace pegou o cabo da espada, libertou-a do chão, e a ergueu. Ele segurou com leveza, firme e plana, com a ponta a alguns centímetros do queixo do pai.

— Esse não é o meu nome — ele disse. — Meu nome é Jace Wayland.

Os olhos de Valentim continuavam fixos em Jace; ele mal parecia perceber a espada na garganta.

— Wayland? — ele rugiu. — Você não tem sangue Wayland! Michael Wayland era um estranho para você...

— Você — disse Jace calmamente — também é. — Ele moveu a espada para a esquerda. — Agora vá.

Valentim estava balançando a cabeça.

— Nunca. Não vou receber ordens de uma criança.

A ponta da espada tocou a garganta de Valentim. Clary observava com um horror fascinado.

— Sou uma criança muito bem treinada — disse Jace. — Você mesmo me instruiu na arte de matar. Só preciso mover dois dedos para cortar sua garganta, sabia? — ele estava com os olhos firmes. — Acho que sabe disso.

— Você é suficientemente habilidoso — concordou Valentim. Seu tom era de desconsideração, mas Clary percebeu que ele estava completamente imóvel. — Mas você não poderia me matar. Sempre teve o coração mole.

— Talvez ele não possa. — Era Luke, agora de pé, pálido e sangrento, mas de pé. — Mas eu posso. E não acredito que ele consiga me impedir.

Os olhos efervescentes de Valentim se voltaram para Luke, e de volta para o filho. Jace ainda não tinha virado quando Luke falou, mas estava parado como uma estátua, com a espada imóvel na mão.

— Você ouve o monstro me ameaçar, Jonathan — disse Valentim — e fica ao lado dele?

— Ele tem razão — disse Jace de forma branda. — Não tenho certeza de que conseguiria impedi-lo se ele quisesse feri-lo. Lobisomens se curam rapidamente.

O lábio de Valentim se contraiu.

— Então — ele disparou —, assim como a sua mãe, você prefere esta criatura, este semidemônio a seu próprio sangue, sua própria família?

Pela primeira vez, espada na mão de Jace pareceu tremer.

— Você me deixou quando eu era uma criança — ele disse com a voz controlada. — Você me deixou pensar que estava morto e me mandou morar com estranhos. Você nunca me contou que eu tinha uma mãe, uma irmã. Você me deixou sozinho. — A última palavra foi um lamento.

— Fiz por você, para mantê-lo seguro — protestou Valentim.

— Se você se importasse com Jace, se ligasse para sangue, não teria assassinado os avós dele. Você matou pessoas inocentes — interrompeu Clary, furiosa.

— Inocentes? — irritou-se Valentim. — Em uma guerra ninguém é inocente! Eles se aliaram a Jocelyn, contra mim! Eles teriam permitido que ela tomasse meu filho de mim!

Luke sibilou.

— Você sabia que ela iria deixá-lo — ele disse. — Você sabia que ela ia fugir, mesmo antes da Ascensão?

— É claro que sabia! — rosnou Valentim. O controle frio que sustentava havia se quebrado e Clary podia sentir a raiva borbulhando, manifestando-se nos tendões e no pescoço dele, cerrando os punhos. — Fiz o que precisei para proteger os meus, e no fim dei a eles mais do que um dia mereceram: a pira funerária que só é concedida aos maiores guerreiros da Clave!

— Você os incinerou — disse Clary secamente.

— Sim! — gritou Valentim. — Eu os incinerei.

Jace emitiu um ruído engasgado.

— Meus avós...

— Você nunca os conheceu — justificou Valentim. — Não finja uma dor que não sente.

A ponta da espada estava tremendo mais rapidamente. Luke pôs a mão no ombro de Jace.

— Com firmeza — ele disse.

Jace não olhou para ele. Ele estava respirando como se estivesse correndo. Clary podia ver o suor brilhando no músculo sobre a clavícula, grudando os cabelos às têmporas. As veias eram

visíveis nas costas da mão. Ele vai matá-lo, ela pensou. Ele vai matar Valentim.

Ela deu um passo precipitado para a frente.

— Jace, nós precisamos do Cálice. Ou você sabe o que ele vai fazer com ele?

Jace lambeu os lábios secos.

— O Cálice, pai. Onde está?

— Em Idris — Valentim disse calmamente. — Onde você nunca vai encontrá-lo.

A mão de Jace estava tremendo.

— Diga-me...

— Dê-me a espada, Jonathan. — Era Luke, com a voz calma, até mesmo gentil.

Jace soava como se estivesse falando do fundo de um poço.

— O quê?

Clary deu um passo à frente.

— Dê a espada para Luke, Jace. Deixe que ele fique com ela.

Ele balançou a cabeça.

— Não posso fazer isso.

Ela deu outro passo à frente; mais um e ela estaria perto o suficiente para tocá-lo.

— Pode sim — ela disse, gentilmente. — Por favor.

Ele não olhou para ela. Os olhos estavam fixos nos do pai. O momento se prolongou, mais e mais, interminável. Finalmente ele fez que sim com a cabeça, brevemente, sem abaixar a mão. Mas permitiu que Luke fosse para perto dele, e colocasse a mão sobre a dele, no cabo da espada.

— Pode soltar agora, Jonathan — disse Luke, e então, vendo o rosto de Clary, se corrigiu. — Jace.

Jace parecia não tê-lo ouvido. Ele soltou o cabo e se afastou do pai. Parte da cor de Jace havia voltado, e ele agora tinha um tom menos pálido, o lábio sangrava onde ele havia mordido. Clary sofria com a vontade de tocá-lo, abraçá-lo, saber que ele jamais a deixaria.

— Tenho uma sugestão — Valentim dirigiu-se a Luke em tom surpreendentemente calmo.

— Deixe-me adivinhar — disse Luke. — É "não me mate", não é?

Valentim riu, um som sem qualquer humor.

— Jamais me rebaixaria a ponto de pedir a você pela minha vida — ele disse.

— Ótimo — retrucou Luke, tocando o queixo de Valentim com a lâmina. — Não vou matá-lo a não ser que force a minha mão, Valentim. Não vou matá-lo na frente dos seus próprios filhos, Valentim. Só quero o Cálice.

O rugido lá embaixo estava mais alto agora. Clary podia ouvir o que pareciam passos no corredor do lado de fora.

— Luke...

— Estou ouvindo — disparou.

— O Cálice está em Idris, já disse — afirmou Valentim, com os olhos passando por Luke.

Luke gotejava de suor.

— Se está em Idris, você usou o Portal para levá-lo até lá. Eu vou com você. Traga-o de volta. — Os olhos de Luke eram certeiros. Havia mais movimentação no corredor lá fora agora, sons de gritos, de alguma coisa estilhaçando. — Clary, fique com o seu irmão. Depois que atravessarmos, use o Portal para levá-la a um lugar seguro.

— Não vou sair daqui — disse Jace.

— Vai sim. — Alguma coisa bateu forte na porta. Luke levantou a voz. — Valentim, o Portal. Ande.

— Ou o quê? — Os olhos de Valentim estavam fixos na porta com uma expressão reflexiva.

— Ou eu vou matá-lo se me forçar — disse Luke. — Na frente deles ou não. O Portal, Valentim. Agora.

Valentim abriu os braços.

— Como queira.

Ele deu um passo singelo para trás, exatamente quando a porta explodiu para dentro, com as dobradiças se espalhando pelo chão. Luke desviou para não ser atingido pela porta que caía, girando ao fazê-lo, a espada firme na mão.

Um lobo estava na entrada, uivos, pelos, ombros curvados para a frente, lábios contraídos e dentes afiados. Sangue visível em inúmeros talhos sob a capa de pelos.

Jace estava resmungando baixinho, com uma lâmina serafim já na mão. Clary o pegou pelo pulso.

— Não. Ele é amigo.

Jace olhou incrédulo para ela, mas abaixou o braço.

— Alaric — Luke gritou alguma coisa em seguida, em uma língua que Clary não entendia. Alaric rosnou novamente, agachando-se mais próximo ao chão, e por um instante ela pensou que ele fosse se atirar em Luke. Então viu a mão de Valentim no cinto, o brilho de joias vermelhas, e percebeu que se esquecera de que ele ainda estava com a adaga de Jace.

Ela ouviu uma voz gritar o nome de Luke, pensou que fosse a dela própria — então percebeu que sua garganta parecia selada, e que havia sido de Jace o grito.

Luke girou, de um jeito que parecia dolorosamente lento, enquanto a faca deixava a mão de Valentim e voava em direção a ele como uma borboleta prateada, girando repetidamente no ar. Luke ergueu a própria lâmina — e alguma coisa cinza se lançou entre ele e Valentim. Ela ouviu o uivo de Alaric, crescente, subitamente interrompido; ela ouviu o ruído da lâmina atacar. Ela engasgou e tentou correr para a frente, mas Jace a puxou de volta.

O lobo caiu aos pés de Luke, com o pelo cheio de sangue. Debilmente, com as patas, Alaric pegou o cabo da faca enterrada no peito.

Valentim riu.

— E é assim que você paga pela lealdade inquestionável que comprou tão barata, Lucian — ele disse. — Permitindo que morram por você. — Ele estava recuando, com os olhos ainda em Luke.

Luke, pálido, olhou para ele, depois para Alaric; balançou a cabeça uma vez, caiu de joelhos, inclinando-se sobre o lobisomem abatido. Jace, ainda segurando Clary pelos ombros, murmurou:

— Fique aqui, você está me ouvindo? Fique aqui. — E foi atrás de Valentim, que estava correndo, inexplicavelmente rápido, para a parede do lado oposto do quarto. Será que ele estava planejando se atirar pela janela? Clary podia enxergar o reflexo dele no espelho, enorme e de moldura dourada, enquanto ele se aproximava, e a expressão no rosto dele, uma espécie de alívio sarcástico, preencheu-a com uma fúria assassina.

— Nem pensar — ela sussurrou, movendo-se atrás de Jace. Ela só parou para pegar a kindjal de cabo azul no chão embaixo da mesa, para onde Valentim a havia chutado. A arma na mão dela agora parecia confortável, transmitia segurança, enquanto ela empurrava uma cadeira caída para fora do caminho e se aproximava do espelho.

Jace estava com a lâmina serafim, sua luz emitia uma luminosidade intensa para cima, escurecendo os círculos sob os olhos e o vazio das bochechas. Valentim se virara e era contornado pelo brilho da luz, de costas para o espelho. Pelo reflexo, Clary também podia enxergar Luke atrás deles; ele havia repousado a espada, e estava puxando a kindjal vermelha do peito de Alaric, suave e cuidadosamente. Ela se sentiu enjoada e segurou a própria adaga com mais força.

— Jace... — ela começou.

Ele não se virou para falar com ela, embora, é claro, pudesse enxergá-la pelo reflexo do espelho.

— Clary, eu disse para esperar.

— Ela é igual à mãe — disse Valentim. Uma das mãos estava atrás do corpo; ele a estava passando pelo contorno dourado do espelho. — Não gosta de obedecer.

Jace não estava tremendo como antes, mas Clary podia perceber o quanto o controle dele se havia esgotado.

— Eu vou para Idris com ele, Clary. Vou trazer o Cálice de volta.

— Não, você não pode — começou Clary, e viu, pelo espelho, como o rosto dele se contraiu.

— Você tem alguma ideia melhor? — ele perguntou.

— Mas Luke...

— Lucian — Valentim disse com a voz macia — está cuidando de um comparsa caído. Quanto ao Cálice, e Idris, ele não está longe. Através da lente, pode-se dizer.

Os olhos de Jace cerraram.

— O espelho é o Portal?

Os lábios de Valentim se afinaram e ele abaixou a mão, afastando-se do espelho enquanto a imagem dele girava e mudava como tinta de aquarela em uma tela. No lugar do quarto com as velas e a madeira escura, Clary agora podia ver campos verdes, as folhas pesadas das árvores, cor de esmeralda, e um vasto campo que se estendia até uma casa de pedras a distância. Ela podia ouvir o zumbido das abelhas e o ruído das folhas ao vento, e o cheiro de mel transportado pela brisa.

— Eu disse que não era longe. — Valentim estava no que agora era uma porta arqueada, com o mesmo vento soprando os cabelos. — É como você lembrava, Jonathan? Alguma coisa mudou?

O coração de Clary apertou dentro do peito. Ela não tinha a menor dúvida de que esta era a casa da infância de Jace, apresentada para tentá-lo, do jeito que alguém tentaria uma criança com uma bala ou um brinquedo. Ela olhou para Jace, mas ele não parecia percebê-la. Ele estava olhando para o Portal e para a vista além, com os campos verdes e o casarão. Ela viu seu rosto suavizar, a curva de seus lábios, como se ele estivesse olhando para alguém que amasse.

— Você ainda pode chamar de casa — disse o pai. A luz da lâmina serafim de Jace projetava a sombra dele para trás, de modo que parecia mover-se pelo Portal, escurecendo os campos e o pátio à sua frente.

O sorriso se apagou do rosto de Jace.

— Essa não é a minha casa — ele disse. — Minha casa agora é aqui.

Com uma onda de fúria distorcendo suas feições, Valentim olhou para o filho. Ela jamais esqueceria aquele olhar — fez com que ela sentisse um desejo avassalador de estar com a mãe. Pois, por mais irritada que Jocelyn já pudesse ter ficado, ela nunca havia olhado para Clary daquele jeito. Ela sempre tinha olhado para a filha com amor.

Se ela pudesse sentir mais pena de Jace do que já estava sentindo, teria sido naquele instante.

— Muito bem — Valentim disse e deu um passo para trás através do Portal, de modo que seus pés atingiram o solo de Idris. Os lábios dele se curvaram em um sorriso. — Ah — ele disse. — Minha casa.

Jace correu para a borda do Portal antes de parar, com a mão apoiada no contorno do espelho, uma estranha hesitação tomando conta dele, mesmo enquanto Idris brilhava diante dele como uma miragem no deserto. Bastaria um passo...

— Não, Jace — Clary disse afobada. — Não vá atrás dele.

— Mas o Cálice — disse Jace. Ela não sabia o que ele estava pensando, mas a adaga na mão dele balançava violentamente enquanto ele tremia.

— Deixe que a Clave cuida disso! Jace, por favor. — Se você passar por este Portal, pode nunca mais voltar. Valentim vai matá-lo. Você não quer acreditar, mas é o que ele vai fazer.

— Sua irmã tem razão. — Valentim estava no campo verde florido, com as plantas passando

pelos pés dele, e Clary que percebeu que, apesar de estarem a poucos centímetros de distância, estavam em países diferentes. — Você realmente acha que pode vencer esta batalha? Mesmo tendo uma lâmina serafim e eu estando desarmado? Não só sou mais forte do que você, como também duvido que tenha coragem de me matar. E terá que me matar, Jonathan, antes que eu entregue o Cálice.

Jace apertou a adaga do anjo com mais força.

— Eu posso...

— Não, você não pode — Valentim estendeu a mão, através do Portal, e pegou Jace pelo pulso, arrastando-o para a frente até a ponta da lâmina serafim tocar-lhe o peito. Onde a mão e o pulso de Jace haviam passado pelo Portal, pareciam brilhar como se tivessem sido imersos na água. — Então faça — disse Valentim. — Enterre a lâmina. Oito centímetros, talvez dez. — Ele puxou a lâmina para a frente e a ponta rasgou o tecido da camisa. Uma linha circular vermelha como uma papoula surgiu bem acima do coração. Jace, engasgando, puxou o braço de volta para si e cambaleou para trás.

— Como eu pensei — disse Valentim. — Fraco demais. — E, com uma rapidez repentina, ele lançou o punho em direção a Jace. Clary gritou, mas o golpe não o acertou: em vez disso, atingiu a superfície do Portal entre eles com um som que parecia um milhão de coisas frágeis estilhaçando. Rachaduras como teias de aranha se formaram no vidro que não era vidro; a última coisa que Clary ouviu antes que o Portal se dissolvesse em um dilúvio de cacos foi a risada desdenhosa de Valentim.

Pedaços de vidro caíram pelo chão como um banho de gelo, uma cascata estranhamente bonita de cacos prateados. Clary deu um passo para trás, mas Jace estava completamente parado enquanto o vidro caía a seu redor, olhando para a forma vazia do espelho.

Clary havia esperado que ele fosse resmungar, gritar ou xingar o pai, mas em vez disso, ele simplesmente esperou que o vidro parasse de cair. Quando aconteceu, ele se ajoelhou silenciosa e cuidadosamente, e pegou um dos pedaços maiores, virando-o na mão.

— Não. — Clary se ajoelhou a seu lado, repousando a faca que estava segurando. Não se sentia mais confortável em segurá-la. — Não havia nada que você pudesse ter feito.

— Havia sim. — Ele continuava olhando para o vidro. Pedacinhos quebrados estavam caídos sobre o cabelo dele. — Poderia tê-lo matado. — Ele virou o caco para ela. — Olhe — ele disse.

Ela olhou. No pedacinho de vidro, ela ainda podia ver um fragmento de Idris — um pedaço de céu azul, a sombra das folhas verdes. Ela suspirou dolorosamente.

— Jace...

— Vocês estão bem?

Clary olhou para cima. Era Luke, de pé sobre eles. Ele estava desarmado, os olhos

evidenciavam sua exaustão.

— Estamos bem — ela disse. Ela podia ver a figura abatida no chão atrás dele, metade coberta com o longo casaco de Valentim. Uma mão saía de baixo da ponta do tecido; a ponta era de garras. — Alaric...?

— Está morto — disse Luke. Havia dor em sua voz; apesar de mal tê-lo conhecido, Clary sabia do peso da culpa que ficaria com ele para sempre. E é assim que você paga a lealdade inquestionável que comprou tão barata, Lucian. Deixando que ele morra por você.

— Meu pai escapou — contou Jace. — Com o Cálice — sua voz soava vazia. — Entregamos nas mãos dele. Eu fracassei.

Luke deixou uma das mãos cair sobre a cabeça de Jace, tirando os pedaços de vidro de seus cabelos. As garras ainda estavam para fora, os dedos manchados de sangue, mas Jace não pareceu se incomodar com o toque dele, e não disse nada.

— Não é culpa sua — disse Luke, olhando para Clary. Seus olhos azuis eram firmes. Diziam: seu irmão precisa de você; fique com ele.

Ela fez que sim com a cabeça, e Luke os deixou e foi até a janela. Ele abriu, permitindo que uma corrente de ar entrasse no quarto e derrubasse as velas. Clary podia ouvi-lo gritando, chamando os lobos abaixo.

Ela se ajoelhou perto de Jace.

— Está tudo bem — ela disse hesitante, embora obviamente não estivesse, e talvez nunca mais estivesse, e pôs a mão no ombro dele. O tecido da camisa era duro contra as pontas dos dedos dela, úmido de suor, estranhamente reconfortante. — Temos minha mãe de volta. Temos você. Temos tudo que importa.

— Ele estava certo. Por isso não consegui atravessar o Portal — sussurrou Jace. — Não conseguiria. Não conseguiria matá-lo.

— Você só teria fracassado — ela disse — se tivesse feito isso.

Ele não disse nada, apenas soluçou baixinho. Ela não conseguiu ouvir muito bem suas palavras, mas estendeu a mão e pegou o pedaço de vidro da mão dele. Ele estava sangrando onde o havia segurado, em duas linhas finas. Ela descartou o vidro e pegou a mão dele, fechando os dedos sobre a palma machucada.

— Sinceramente, Jace — ela disse, tão suavemente quanto o tocou —, você não sabe que não deve brincar com vidro quebrado?

Ele emitiu um ruído como uma risada engasgada antes de estender a mão e tomá-la em um abraço. Ela estava ciente de Luke os observando da janela, mas fechou os olhos e enterrou o rosto no ombro de Jace. Ele cheirava a sal e sangue, mas, somente quando a boca dele se aproximou do ouvido dela, Clary conseguiu entender o que ele estava dizendo, o que havia sussurrado antes, e era a ladainha mais simples de todas: o nome dela. Só o nome dela.

Epílogo

A Ascensão Acena

O corredor do hospital era tão branco que quase cegava. Após tantos dias vivendo à luz de uma lanterna, de tochas e de pedra enfeitiçada, a luz fluorescente fazia as coisas parecerem pálidas e artificiais. Quando Clary deu entrada na recepção, percebeu que a enfermeira entregando o formulário tinha a pele estranhamente amarelada sob as luzes brilhantes. Talvez ela seja um demônio, Clary pensou, devolvendo o formulário.

— Última porta no final do corredor — disse a enfermeira, exibindo um sorriso simpático. Ou, posso estar enlouquecendo.

— Eu sei — disse Clary. — Estive aqui ontem. — E anteontem, e no dia anterior. Era princípio de noite, e o corredor não estava tão cheio. Um senhor passeava pelo carpete com chinelos e robe, arrastando uma unidade móvel de oxigênio. Dois médicos trajando roupas cirúrgicas na cor verde, trazendo copos de papelão de café, com vapor sendo emitido da superfície dos copos no ar frígido. Dentro do hospital, o ar-condicionado estava forte, embora lá fora o tempo tivesse finalmente começado a caminhar para o outono.

Clary encontrou a porta no final do corredor. Estava aberta. Ela espiou lá dentro, sem querer acordar Luke caso ele estivesse dormindo na cadeira ao lado da cama, como estivera nas últimas duas vezes em que ela tinha vindo. Mas ele estava acordado e conversando com um homem alto com as vestes dos Irmãos do Silêncio. Ele se virou, como se tivesse sentido a chegada de Clary, e ela viu que era o Irmão Jeremiah.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— O que está havendo?

Luke parecia exausto, com três dias sem fazer a barba, os óculos empurrados para cima da cabeça. Ela podia ver as ataduras que ainda envolviam seu tórax sob a camisa larga de flanela.

— O Irmão Jeremiah já estava de saída — ele informou.

Levantando o capuz, Jeremiah foi em direção à porta, mas Clary bloqueou a passagem.

— Então — Clary o desafiou. — Você vai ajudar a minha mãe?

Jeremiah se aproximou dela. Ela podia sentir o frio emitido por seu corpo, como fumaça de um iceberg. Você não pode salvar os outros antes de salvar a si própria, disse a voz em sua mente.

— Essas frases de biscoitos da sorte já estão ficando velhas — disse Clary. — O que há de errado com a minha mãe? Você sabe? Os Irmãos do Silêncio podem ajudá-la como ajudaram Alec?

Não ajudamos ninguém, disse Jeremiah. E não cabe a nós prestar assistência àqueles que se separaram da Clave por vontade própria.

Ela recuou enquanto Jeremiah passava por ela na direção do corredor. Ela o observou se afastar, misturar-se à multidão; ninguém prestou atenção nele. Quando deixou os próprios olhos se fecharem parcialmente, ela viu a áurea brilhante de magia que o circulava, e imaginou o que as outras pessoas estavam vendo: outro paciente? Um médico apressado vestindo roupas cirúrgicas? Um visitante sofrido?

— Ele estava falando a verdade — Luke observou. — Ele não curou Alec; quem o fez foi Magnus Bane. E também não sabe o que há de errado com a sua mãe.

— Eu sei — disse Clary, voltando para o quarto. Ela se aproximou cautelosamente da cama. Era difícil relacionar a figura branca na cama, cheia de tubos, com sua mãe vibrante e ruiva. É claro que os cabelos dela continuavam vermelhos, espalhados pelo travesseiro como um xale de linho cúprico, mas sua pele estava tão branca que fazia com que Clary se lembrasse da estátua de cera da Bela Adormecida no museu Madame Tussauds, cujo peito só subia e descia por ser ativado por um mecanismo.

Ela pegou a mão fina da mãe e a segurou, como fizera na véspera e no dia anterior. Ela podia sentir a pulsação de Jocelyn, firme e insistente. Ela quer acordar, pensou Clary. Sei que quer.

— É claro que quer — disse Luke, e Clary percebeu que havia falado em voz alta. — Ela tem todos os motivos do mundo para melhorar, até mais do que imagina.

Clary devolveu a mão da mãe para a cama, delicadamente.

— Você está falando de Jace.

— Claro que estou falando de Jace — disse Luke. — Ela sofreu a perda dele durante 17 anos. Se eu pudesse dizer a ela que não precisa mais sofrer... — Ele parou de falar.

— Dizem que pessoas em coma às vezes escutam — arriscou Clary. É claro que os médicos também tinham dito que este não era um coma como qualquer outro, nenhum ferimento, sem falta de oxigênio, não fora causado por qualquer falência súbita, cardíaca ou cerebral. Era simplesmente como se ela estivesse dormindo e não pudesse acordar.

— Eu sei — concordou Luke. — Tenho conversado com ela. Quase sem parar. — Ele exibiu um sorriso fatigado. — Contei a ela sobre como você tem sido corajosa. Sobre o quão orgulhosa ela estaria de você. A filha guerreira.

Alguma coisa afiada e dolorida surgiu no fundo da garganta de Clary. Ela engoliu em seco, desviando o olhar de Luke, voltando-o para a janela. Através dela, era possível ver a parede branca de tijolos do prédio em frente. Nenhuma vista bonita de árvores ou do rio ali.

— Fiz as compras que você pediu — ela disse. — Comprei pasta de amendoim, leite, cereal e pão da Fortunato Brothers — ela colocou a mão no bolso. — Trouxe o troco...

— Pode ficar com ele — disse Luke. — Use-o para pagar o táxi de volta.

— Simon vai me levar para casa — disse Clary. Ela verificou o relógio de borboleta pendurado no chaveiro. — Na verdade, ele já deve estar lá embaixo.

— Que bom! Estou feliz por você estar passando algum tempo com ele. — Luke parecia aliviado. — Fique com o dinheiro assim mesmo. Peça alguma coisa para comer hoje à noite.

Ela abriu a boca para discutir, depois voltou a fechá-la. Luke era, como sua mãe sempre dizia, uma rocha em tempos de crise — sólido, confiável, e totalmente firme.

— Vá para casa alguma hora, está bem? Você também precisa dormir.

— Dormir? Quem precisa dormir? — ele zombou, mas ela podia ver a exaustão no rosto dele enquanto retornava à cadeira ao lado da cama de Jocelyn. Delicadamente, ele esticou a mão para tirar um cacho de cabelos do rosto dela. Clary virou-se de costas, com os olhos ardendo.

A van de Eric estava dobrando a esquina quando ela saiu pela porta principal do hospital. O céu acima tinha um tom perfeito de azul, escurecendo para safira sobre o rio Hudson, onde o sol estava se pondo. Simon se inclinou para abrir a porta para ela, que se sentou a seu lado.

— Obrigada.

— Para onde? Para casa? — ele perguntou, com a van de volta ao trânsito da First Avenue.

Clary suspirou.

— Nem sei mais onde fica isso.

Simon olhou de lado para ela.

— Com pena de si mesma, Fray? — O tom era zombeteiro, porém delicado. Se olhasse através dele, seria possível ver as manchas no banco de trás, onde Alec havia deitado, sangrando, no colo de Isabelle.

— Sim. Não. Não sei — ela suspirou novamente, puxando um cacho do próprio cabelo. — Tudo mudou. Tudo está diferente. Às vezes desejo que as coisas possam voltar a ser como antes.

— Eu não — disse Simon, surpreendendo-a. — Para onde vamos? Pelo menos me diga se é para cima ou para baixo.

— Para o Instituto — disse Clary. — Desculpe — ela acrescentou, enquanto ele executava uma manobra completamente ilegal. A van, virando sobre duas rodas, cantou pneus em sinal de protesto. — Deveria ter dito antes.

— Hum — disse Simon. — Você ainda não esteve lá, não é mesmo? Não desde...

— Não, ainda não — disse Clary. — Jace ligou para dizer que Alec e Isabelle estavam bem. Parece que os pais deles estão voltando de Idris às pressas, agora que alguém finalmente contou, de fato, o que está acontecendo. Vão chegar dentro de alguns dias.

— Foi estranho receber uma ligação de Jace? — perguntou Simon, com a voz cuidadosamente neutra. — Quer dizer, depois que você descobriu...

Ele se interrompeu.

— Sim? — disse Clary, com a voz afiada. — Depois que descobri o quê? Que ele é um travesti

assassino que molesta gatos?

— Não é à toa que aquele gato odeia todo mundo.

— Ah, Simon, dá um tempo — disse Clary. — Sei muito bem do que você está falando, e não, não foi estranho. Além disso, não aconteceu nada entre a gente.

— Nada? — repetiu Simon, em tom completamente incrédulo.

— Nada — ela disse com firmeza, olhando para fora da janela, para que ele não visse que ela estava enrubescendo. Estavam passando por uma fileira de restaurantes e ela viu o Taki's, iluminado sob o crepúsculo.

Eles dobraram a esquina na hora em que o sol desaparecia por trás do Instituto, inundando a rua abaixo com a luz que só eles podiam enxergar. Simon parou na entrada e desligou o motor, pegando as chaves.

— Quer que eu suba com você?

Ela hesitou.

— Não. Preciso fazer isso sozinha.

Ela viu o olhar de decepção que passou pelo rosto dele, mas desapareceu rapidamente. Simon, ela pensou, crescera muito nas últimas duas semanas, assim como ela. O que era uma coisa boa, visto que ela não iria querer deixá-lo para trás. Ele era parte dela, tanto quanto o talento para o desenho, o ar empoeirado do Brooklyn, a risada da mãe e o próprio sangue de Caçadora de Sombras.

— Tudo bem — ele disse. — Você vai precisar de carona mais tarde?

Ela balançou a cabeça.

— Luke me deu dinheiro para pegar um táxi. Mas você quer me encontrar amanhã? — ela acrescentou. — Podemos assistir a Trigun, fazer pipoca. Estou precisando de um tempo de sofá.

Ele concordou, fazendo um sinal com a cabeça.

— Boa ideia — ele então se inclinou para a frente e deu um beijo em sua face. Foi um beijo leve como uma folha, mas ela sentiu calafrio até os ossos. Ela olhou para ele.

— Você acha que foi coincidência? — ela perguntou.

— Acho que o que foi coincidência?

— Termos ido parar no Pandemônio na mesma noite em que Jace e os outros estavam lá caçando um demônio? Na noite anterior à que Valentim veio atrás da minha mãe?

Simon balançou a cabeça.

— Não acredito em coincidências — ele disse.

— Nem eu.

— Mas tenho que admitir — acrescentou Simon —, coincidência ou não, acabou por ser uma ocorrência fortuita.

— Fortuitas Ocorrências — disse Clary. — Esse, sim, é um bom nome para a sua banda.

— É melhor do que a maioria dos nomes que a gente pensou — admitiu Simon.

— Pode apostar que sim. — Ela saltou da van, fechando a porta atrás de si. Ela o ouviu buzinar enquanto passava pelo caminho para a porta entre a grama alta e acenou sem virar-se para ele.

O interior da catedral estava frio e escuro, e cheirava a chuva e papel molhado. Os passos ecoavam alto no chão de pedras, e ela pensou em Jace na igreja do Brooklyn: pode ser que haja um Deus, Clary, e pode ser que não. Seja como for, é cada um por si.

No elevador ela olhou para o próprio reflexo no espelho enquanto a porta se fechava. A maioria dos hematomas e cortes já se curara e estava praticamente invisível. Ela imaginou se Jace já a vira tão formal quanto ela estava hoje — ela tinha se vestido com uma saia preta plissada, batom cor-de-rosa e uma blusa vintage. Ela achou que parecia uma menina de 8 anos.

Não que importasse o que Jace pensava sobre sua aparência, ela se forçou a lembrar, nem agora nem nunca. Ela pensou se eles algum dia seriam do jeito que Simon é com a irmã dele: uma mistura de tédio e irritação amorosa. Ela não conseguia imaginar.

Ela ouviu os miados altos antes mesmo de a porta do elevador se abrir.

— Olá, Church — ela disse, ajoelhando-se ao lado da bola cinza no chão. — Onde estão todos?

Church, que claramente queria um carinho na barriga, ronronou. Com um suspiro, Clary cedeu.

— Gato maluco — ela disse, acariciando vigorosamente. — Onde...

— Clary! — Era Isabelle, surgindo no saguão em uma saia longa vermelha, com o cabelo cheio de acessórios. — Que bom te ver!

Ela abraçou Clary com tanta força que quase a derrubou.

— Isabelle — engasgou Clary. — É bom te ver também — ela acrescentou, permitindo que Isabelle a levantasse outra vez.

— Estava tão preocupada com você — ela disse, alegremente. — Depois que vocês foram para a biblioteca com Hodge, e eu estava com Alec, ouvi uma explosão ensurdecedora, e quando cheguei, é claro, vocês não estavam mais lá, e estava tudo espalhado pelo chão. Havia sangue e uma coisa preta por todos os lados. — Ela deu de ombros. — O que era aquilo?

— Uma maldição — Clary disse calmamente. — A maldição de Hodge.

— Ah, entendi — disse Isabelle. — Jace me contou sobre Hodge.

— Contou? — Clary se surpreendeu.

— Que ele se livrou da maldição e saiu? Sim, contou. Achei que ele ficaria para se despedir — acrescentou Isabelle. — Fiquei um pouco decepcionada com ele. Mas acho que ele ficou com medo da Clave. Ele vai entrar em contato, em algum momento, aposto.

Então Jace não havia contado sobre a traição de Hodge, pensou Clary, sem saber o que achava

a respeito. Mas, se Jace estava tentando poupar Isabelle de se sentir confusa e desapontada, talvez ela não devesse interferir.

— Mas então — prosseguiu Isabelle — foi horrível, e não sei o que teria feito se o Magnus não tivesse aparecido e magicado o Alec para melhorar. — Existe essa palavra, "magicado"? Ela franziu as sobrancelhas. — Jace contou o que aconteceu depois na ilha. Na verdade, já sabíamos mesmo antes, pois Magnus passou a noite inteira no telefone conversando a respeito. Todos no Submundo estão comentando. Você é famosa, sabia?

— Eu?

— Claro. Filha de Valentim.

Clary deu de ombros.

— Então suponho que Jace também seja famoso.

— Vocês dois são famosos — disse Isabelle, com a mesma voz excessivamente alegre. — Os irmãos famosos.

Clary olhou para Isabelle, curiosa.

— Não esperava que você fosse ficar tão feliz em me ver, devo admitir.

Isabelle pôs as mãos na cintura, indignada.

— Por que não?

— Pensei que você não gostasse muito de mim.

A alegria de Isabelle se esvaiu, e ela olhou para baixo.

— Também pensei — admitiu. — Mas quando fui procurar por você e Jace e não estavam mais lá... — interrompeu-se. — Não fiquei preocupada só com ele; mas com você também. Há alguma coisa tão... tranquilizadora em você. E Jace fica tão melhor com você por perto.

Clary arregalou os olhos.

— Fica?

— Fica sim. Menos intolerante, de alguma forma. Não que ele seja extremamente gentil, mas deixa você ver a gentileza nele — ela pausou. — E acho que a rejeitei no início, mas vejo que foi uma grande tolice. Só porque eu nunca tive uma amiga mulher, isso não significa que eu não possa aprender a ter uma.

— Eu também, para falar a verdade — disse Clary. — E Isabelle?

— Sim?

— Você não precisa fingir ser gentil. Prefiro quando age naturalmente.

— Chata, você quer dizer? — Isabelle retrucou e riu.

Clary estava prestes a protestar quando Alec chegou à entrada com um par de muletas. Uma das pernas estava com ataduras, a calça jeans enrolada até o joelho, e ele tinha outro curativo na têmpora, sob os cabelos escuros. Fora isso, parecia bem demais para alguém que quase morrera há quatro dias. Ele acenou com a muleta em saudação.

— Oi — disse Clary, surpresa por vê-lo de pé e passeando. — Você está...

— Bem? Estou — disse Alec. — Em alguns dias, nem vou mais precisar disso.

Uma grande culpa apertou a garganta de Clary. Se não tivesse sido por ela, Alec não estaria de muletas.

— Estou muito feliz por você estar bem, Alec — ela disse, com toda a sinceridade do mundo.

Alec piscou.

— Obrigado.

— Então, Magnus deu um jeito em você? — perguntou Clary. — Luke disse...

— Deu! — disse Isabelle. — Foi incrível. Ele apareceu, mandou todo mundo sair da sala e fechou a porta. Faíscas azuis e vermelhas ficaram espirrando para o corredor por baixo da porta.

— Não me lembro de nada — disse Alec.

— Em seguida, ele ficou sentado na cabeceira de Alec a noite inteira, até de manhã, para se certificar de que ele acordaria bem — acrescentou Isabelle.

— Também não me lembro disso — Alec acrescentou rapidamente.

Os lábios vermelhos de Isabelle se curvaram em um sorriso.

— Como será que Magnus soube que deveria vir? Eu perguntei, mas ele não quis responder.

Clary pensou no papel dobrado que Hodge havia jogado na fogueira depois que Valentim saiu. Ele era um homem estranho, ela pensou, que se dera ao trabalho de fazer o possível para salvar Alec mesmo enquanto traía a todos — e a tudo — com que se importara um dia.

— Não sei — ela disse.

Isabelle deu de ombros.

— Acho que ele deve ter ouvido falar em algum lugar. Ele realmente parece estar ligado a uma enorme rede de fofocas. Coisa de mulherzinha!

— Ele é o Magnífico Feiticeiro do Brooklyn, Isabelle. — Alec fez questão de lembrá-la, mas sem muito humor. Ele voltou-se para Clary: — Jace está na estufa, se quiser vê-lo — ele disse. — Eu te levo até lá.

— Leva?

— Claro — Alec parecia apenas um pouco desconfortável. — Por que não?

Clary olhou para Isabelle, que deu de ombros. Fosse o que fosse que Alec estivesse tramando, ele não havia dividido com a irmã.

— Vá em frente — disse Isabelle. — Além disso, tenho coisas para fazer. — Ela acenou para eles. — Andem.

Eles foram juntos pelo corredor. O ritmo de Alec era rápido, mesmo com as muletas. Clary teve de acelerar para acompanhar.

— Tenho pernas curtas — ela lembrou.

— Desculpe. — Ele desacelerou, contrito. — Ouça. — Ele começou. — As coisas que você

disse quando eu gritei com você a respeito de Jace...

— Eu lembro — ela disse com a voz contraída.

— Quando me disse que você, você sabe, que eu só estava... que era porque — ele parecia estar com dificuldade para formar uma frase completa. Ele tentou novamente. — Quando você disse que eu estava...

— Alec, não.

— Tudo bem. Esqueça. — Ele fechou a boca. — Você não quer conversar a respeito.

— Não é isso. É que me senti péssima pelo que disse. Foi horrível. Não era verdade...

— Mas era verdade — argumentou Alec. — Palavra por palavra.

— Isso não faz com que tenha sido certo — ela disse. — Nem tudo que é verdade precisa ser dito. Foi maldade. E quando eu disse que Jace tinha me contado que você nunca matara um demônio, ele disse que era porque você sempre estava cuidando dele e de Isabelle. Era uma boa coisa que ele estava falando sobre você. Jace sabe ser desagradável, mas ele — te ama, ela estava prestes a dizer, mas se conteve. — Nunca disse uma palavra negativa a seu respeito. Eu juro.

— Não precisa jurar — ele pediu. — Eu sei. — Ele parecia calmo, até confiante, de um jeito que ela nunca o vira. Ela olhou para ele, surpresa. — Também sei que não matei Abbadon. Mas agradeço por você ter dito que o fiz.

Ela deu uma risada trêmula.

— Você agradece por eu ter mentido para você?

— Você mentiu por gentileza — ele disse. — Isso significa muito. Você ser gentil comigo, mesmo depois da maneira como a tratei.

— Acho que Jace teria ficado irritado comigo se não estivesse tão enfurecido na hora — disse Clary. — Mas não tão bravo quanto se tivesse sabido o que eu disse para você.

— Tenho uma ideia — disse Alec, com a boca se curvando nos cantos. — Não contamos a ele. Quero dizer, ele consegue decapitar um demônio Du'sien de longe usando apenas um saca-rolhas e um elástico, mas às vezes acho que ele não sabe muito a respeito de pessoas.

— É verdade — Clary sorriu.

Eles chegaram ao pé da escadaria em espiral que levava ao telhado.

— Não posso subir. — Alec cutucou o degrau metálico com a muleta. Fez um barulhinho.

— Tudo bem. Eu me acho.

Ele fez como se fosse virar-se de costas, depois olhou novamente para ela.

— Eu deveria ter adivinhado que você era irmã de Jace — ele disse. — Vocês dois têm o mesmo talento artístico.

Clary parou, com o pé no primeiro degrau. Ela estava pasma.

— Jace sabe desenhar?

— Não. — Quando Alec sorriu, seus olhos se acenderam como lâmpadas azuis e Clary pôde

ver o que de tão cativante Magnus tinha visto nele. — Só estava brincando. Ele não consegue nem desenhar uma linha reta. — Sorrindo, ele saiu com as muletas. Clary o observou, estupefata. Um Alec que fazia piadas e implicava com Jace era algo com que ela poderia se acostumar, mesmo que o senso de humor dele fosse inexplicável.

A estufa era exatamente como ela se lembrava, embora o céu sobre o vidro fosse cor de safira agora. O cheiro limpo e perfumado das flores desanuviou sua mente. Respirando fundo, ela passou pelas folhas e galhos pesados.

Ela encontrou Jace sentado no banco de mármore no centro da estufa. Sua cabeça estava abaixada, e ele parecia estar girando um objeto nas mãos, ociosamente. Ele levantou o olhar enquanto ela desviava de um galho, e rapidamente fechou as mãos ao redor do objeto.

— Clary. — Ele parecia surpreso. — O que você está fazendo aqui?

— Vim te ver — ela disse. — Queria saber como você estava.

— Bem. — Ele estava de calça jeans e camisa branca. Ela podia ver os hematomas que ainda estavam se curando, como pontos escuros em uma maçã branca. Evidentemente, ela pensou, que os verdadeiros ferimentos eram internos, escondidos de todos os olhos, exceto dos dele.

— O que é isso? — ela perguntou, apontando para a mão dele.

Ele abriu os dedos. Um caco prateado repousava na palma da mão dele, brilhando em verde e azul nas pontas.

— Um pedaço do Portal do espelho.

Ela se sentou no banco a seu lado.

— Você consegue ver alguma coisa por ele?

Ele virou o caco um pouquinho, deixando a luz passar por cima, como se fosse água.

— Pedaços do céu. Árvores, o pátio... fico angulando, tentando ver o casarão. Meu pai.

— Valentim — ela corrigiu. — Por que desejaria vê-lo?

— Achei que talvez pudesse ver o que ele estava fazendo com o Cálice Mortal — ele disse, relutante. — Onde estava.

— Jace, isso não é mais responsabilidade nossa. Não é mais problema nosso. Agora que a Clave finalmente sabe o que aconteceu, os Lightwood estão voltando para cá. Deixe que eles cuidem disso.

Agora, sim, ele olhou para ela. Ela ficou imaginando como eles podiam ser irmãos e ao mesmo tempo tão diferente. Será que ela não poderia ter no mínimo conseguido os cílios ou as maçãs do rosto angulares? Não parecia justo. Ele disse: — Quando olhei pelo Portal e vi Idris, soube exatamente o que Valentim estava tentando fazer: ele queria ver se eu ia fraquejar. E não tinha importância; mesmo assim queria ir para casa, mais do que podia imaginar.

Ela balançou a cabeça.

— Não vejo o que há de tão bom em Idris. É só um lugar. O jeito que você e Hodge falam de

lá... — ela se interrompeu.

Ele fechou as mãos sobre o caco outra vez.

— Eu era feliz lá. Foi o único lugar onde fui verdadeiramente feliz.

Clary puxou o caule de um arbusto e começou a arrancar as folhas.

— Você ficou com pena de Hodge. Por isso não contou a Alec e a Isabelle o que ele realmente fez.

Ele deu de ombros.

— Eles vão acabar descobrindo alguma hora.

— Eu sei. Mas não sou eu que vou contar.

— Jace... — a superfície do reservatório estava verde, com folhas caídas. — Como você pode ter sido feliz lá? Sei o que você pensava, mas Valentim era um péssimo pai. Matava seus animais de estimação, mentiu para você, e sei que ele batia em você, nem tente fingir que não.

Um esboço de sorriso passou pelo seu rosto.

— Só em quintas-feiras alternadas.

— Então como você podia...

— Foi a única época em que senti certeza quanto a quem eu era. Qual era o meu lugar. Soa como tolice, mas... — ele deu de ombros. — Mato demônios porque sou bom nisso, e foi o que me ensinaram a fazer, mas não é o que eu sou. E parte da razão por ser bom é o fato de que eu pensava que meu pai tinha morrido, era... como se eu fosse livre. Não havia consequências. Ninguém para sofrer por mim. Ninguém tinha uma estaca na minha vida porque haviam sido parte de quem o tinha dado a mim. — Seu rosto parecia ter sido esculpido em alguma coisa dura. — Não me sinto mais assim.

O caule estava completamente desfolhado; Clary o descartou.

— Por que não?

— Por sua causa — ele disse. — Se não fosse por você, eu teria atravessado o Portal com o meu pai. Se não fosse por você, eu iria atrás dele agora mesmo.

Clary olhou fixamente para o reservatório entupido. Estava com a garganta queimando.

— Pensei que eu te deixasse perturbado.

— Faz muito tempo — ele disse, simplesmente — que acho que estava perturbado pela ideia de me sentir como se eu não pertencesse a lugar algum. Mas você me fez sentir como se eu pertencesse.

— Quero que você vá a um lugar comigo — ela disse, subitamente.

Ele olhou de lado para ela. Alguma coisa na maneira como o cabelo dourado dele caía nos olhos fez com que ela se sentisse absurdamente triste.

— Aonde?

— Queria que fosse ao hospital comigo.

— Sabia. — Os olhos franziram até parecem bordas de moedas. — Clary, aquela mulher...

— Ela é sua mãe também, Jace.

— Eu sei — ele disse. — Mas é uma estranha para mim. Sempre só tive um pai, e ele se foi. Pior do que morto.

— Eu sei. E sei que não adianta dizer o quanto minha mãe é incrível, a pessoa maravilhosa, magnífica e extraordinária que ela é, e a sorte que você teria em conhecê-la. Não estou pedindo isso por você, mas por mim. Acho que se ela ouvisse a sua voz...

— O quê?

— Ela poderia acordar. — Ela olhou fixamente para ele.

Ele a encarou, depois sorriu — torto e um pouco abalado, mas um sorriso verdadeiro.

— Tudo bem. Eu vou com você. — Ele se levantou. — Você não precisa me dizer coisas boas sobre a sua mãe — ele acrescentou. — Eu já sei.

— Sabe?

Ela deu de ombros singelamente.

— Ela criou você, não foi? — Ele olhou para o teto de vidro. — O sol já quase se foi.

Clary se levantou.

— Melhor irmos para o hospital. Eu pago o táxi — ela acrescentou, como se tivesse acabado de pensar nisso. — Luke me deu dinheiro.

— Não vai ser necessário. — O sorriso de Jace se ampliou. — Vamos. Tenho uma coisa para te mostrar.

— Mas onde você conseguiu isso? — perguntou Clary, olhando para a moto empoleirada na ponta do telhado da catedral. Era verde-veneno brilhante, com rodas prateadas e chamas pintadas no assento.

— Magnus estava reclamando que alguém a havia largado na calçada de sua casa depois da última festa — disse Jace. — Eu o convenci a dá-la para mim.

— E veio voando até aqui? — ela continuava olhando para a moto.

— A-hã. Estou ficando bom nisso. — Ele passou a perna por cima do banco e acenou para ela sentar atrás dele. — Venha, eu te mostro.

— Bem, pelo menos dessa vez você sabe que funciona — ela disse, subindo atrás dele. — Se cairmos no estacionamento de um supermercado, eu te mato, você sabe, não é?

— Não seja ridícula — disse Jace. — Não tem estacionamento no Upper East Side. Para que alguém vai querer dirigir se pode receber as compras em casa? — A moto ligou com um rugido, e ele sorriu. Guinchando, Clary agarrou o cinto dele enquanto a moto descia pelo telhado do Instituto e se lançava ao espaço.

O vento soprou o cabelo dela enquanto subiam, por cima da catedral, no alto dos telhados

dos apartamentos próximos. E lá estava espalhada diante dela como uma caixa de joias aberta de forma relapsa, esta cidade, mais incrível e mais populosa do que ela um dia havia imaginado: o quadrado esmeralda do Central Park, onde os tribunais das fadas se reuniam nas noites de verão; as luzes dos bares e boates ao sul, onde os vampiros dançavam a noite inteira no Pandemônio; os becos de Chinatown, onde os lobisomens descansavam à noite, as camadas de pelos refletiam as luzes da cidade. Lá caminhavam os feiticeiros com glória, olhos de gato e capas de asas de morcego, e aqui, enquanto se afastavam do rio, ela viu um flash e rabos multicoloridos sob a pele prateada da água, o brilho de longos cabelos perolados, e ouviu a risada das sereias.

Jace virou para olhar por cima do ombro, com o vento dividindo o cabelo dele.

— No que você está pensando? — ele perguntou.

— Em como as coisas são diferentes lá embaixo, agora que eu sei, agora que posso ver.

— Tudo lá embaixo é exatamente igual — ele disse, virando a moto na direção do East River. Eles estavam indo em direção à Brooklyn Bridge novamente. — Você é que está diferente.

As mãos dela cerraram convulsivamente no cinto dele à medida que se abaixavam em direção ao rio.

— Jace!

— Não se preocupe. — Ele parecia absurdamente entretido. — Sei o que estou fazendo, não vou nos afogar.

Ela cerrou os olhos no vento cortante.

— Você está testando a teoria de Alec de que algumas motos funcionam embaixo da água?

— Não. — Ele nivelou a moto cuidadosamente enquanto se erguiam da superfície do rio. — Acho que isso é só história.

— Mas Jace — ela argumentou. — Todas as histórias são verdadeiras.

Ela não o ouviu rir, mas sentiu, vibrando pelas costelas até a ponta dos dedos dela. Ela segurou firme enquanto ele angulava a moto para cima, projetando-a de modo que ela se lançasse para a frente e voasse pela ponte como um pássaro liberto de uma gaiola. Ela sentiu o estômago cair quando o rio rodava e as espirais da ponte sob os pés, mas dessa vez Clary manteve os olhos abertos, para que pudesse ver tudo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Cidade de vidro

Wikipédia do livro

http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_de_Vidro

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/53783-cidade-de-vidro

Resumo do livro

http://www.garotadolivro.com/2013/04/resenha-cidade-de-vidro-cassandra-clare.html

Resenha em vídeo do livro

http://www.youtube.com/watch?v=5HHa7hZsSXw

Resenha do livro

http://quaseigual.wordpress.com/2013/08/21/resenha-cidade-de-vidro/

Site da autora

http://www.cassandraclare.com/

Wikipédia da autora

http://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Tumblr da autora

http://cassandraclare.tumblr.com/

Twitter da autora

https://twitter.com/cassieclare

Perfil da autora no Goodreads

http://www.goodreads.com/author/show/150038.Cassandra_Clare

Capa

Obras da autora publicadas pela Editora Record

Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Prólogo

Parte um | Nao há anjo malvado

1 O último conselho

2 Espinhos

3 Anjos malvados

4 E a imortalidade

5 Filho de Valentim

6 Nenhuma arma neste mundo

7 Uma mudança nos mares

Parte Dois | Certas Coisas Sombrias

8 Fogo testa ouro

9 As Irmãs de Ferro

10 A caçada selvagem

11 Se atribuem todos os pecados

12 Material do céu

13 O lustre de ossos

14 As cinzas

15 Magdalena

16 Irmãos e irmãs

17 Despedida

Parte Três | Tudo Mudou

18 Raziel

19 Amor e sangue

20 Uma porta no escuro

21 Elevando o Inferno

Epílogo

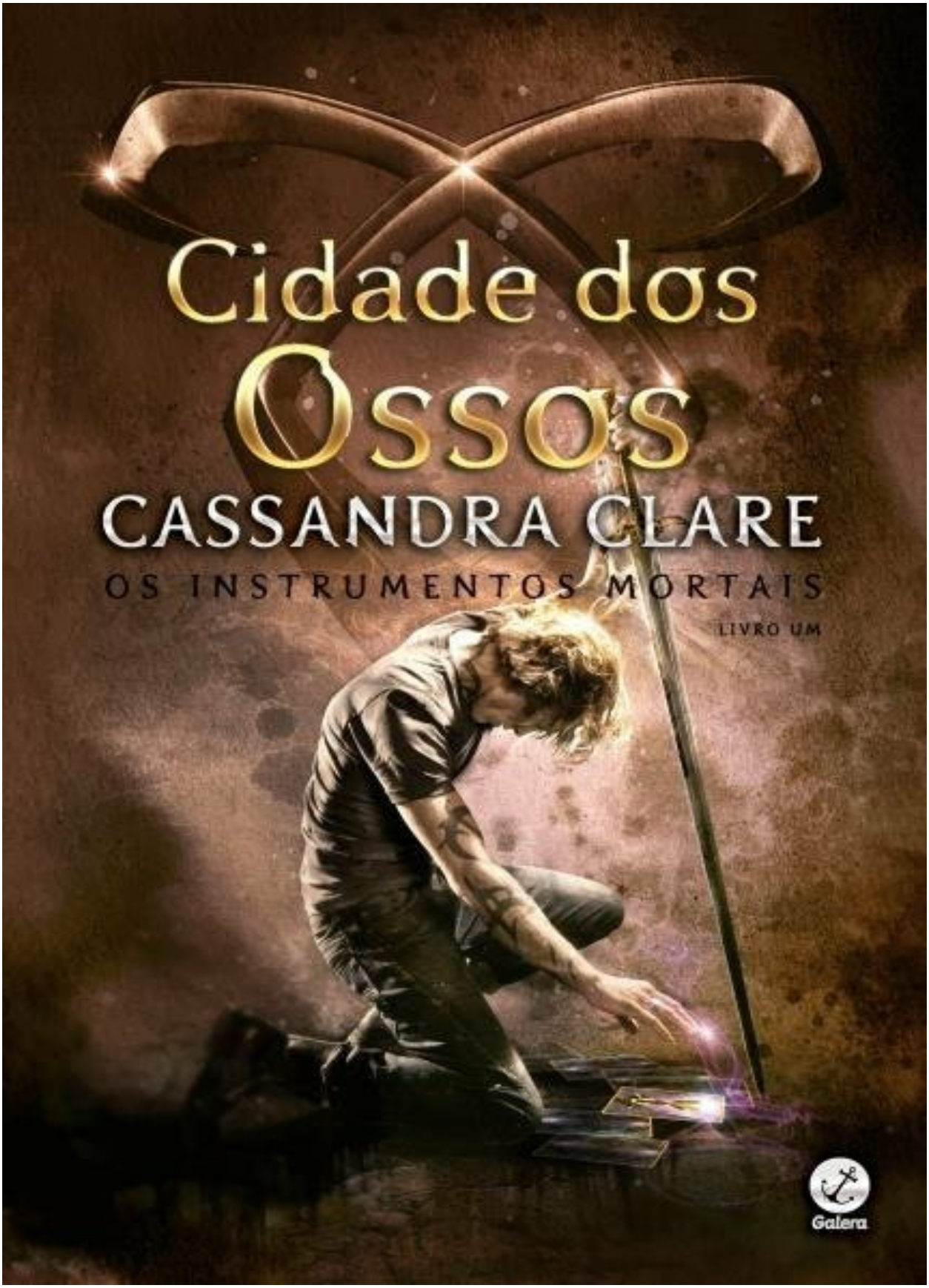
Observações

Agradecimentos

Carta

Colofão

Saiba mais


Cidade dos
Ossos
CASSANDRA CLARE
OS INSTRUMENTOS MORTAIS
LIVRO UM
Galera

Obras da autora publicadas pela Editora Record: Série Os Instrumentos Mortais Volume 1 – Cidade dos ossos Volume 2 – Cidade das cinzas Volume 3 – Cidade de vidro Volume 4 – Cidade dos anjos caídos Volume 5 – Cidade das almas perdidas Série As Peças Infernais Volume 1 – Anjo mecânico

Volume 2 – Príncipe mecânico

Agradecimentos

Ao olhar para trás depois de ter escrito um livro, é impossível não perceber a dimensão do esforço coletivo envolvido e o quão rapidamente tudo teria ido por água abaixo como o Titanic se você não tivesse a ajuda de seus amigos. Tendo isso em mente: obrigada ao NB Team e aos Massachusetts All-Stars; obrigada a Elka, Emily e Clio pelas horas me ajudando com o roteiro, e a Holly Black por ter passado horas pacientemente lendo as mesmas cenas inúmeras vezes. A Libba Bray por garantir as rosquinhas e um sofá onde escrever, a Robin Wasserman por me distrair com episódios de Gossip Girl, a Maureen Johnson por me encarar de um jeito assustador enquanto eu tentava trabalhar, e a Justine Larbalestier e Scott Westerfeld por me obrigar a levantar do sofá e procurar um lugar para escrever. Agradeço também a Ioana por me ajudar com o meu (inexistente) romeno. Obrigada, como sempre, a meu agente, Barry Goldblatt, à minha editora, Karen Wojtyla; às equipes da Simon & Schuster e Walker Books por assumirem os bastidores da série, e a Sarah Payne por sugerir alterações mesmo muito depois do fim do prazo. E, é claro, à minha família: minha mãe, meu pai, Jim e Kate, o clã dos Eson e, é claro, Josh, que ainda acha que Simon foi inspirado nele (e talvez esteja certo).

Prólogo

Simon encarava entorpecido a porta da frente de casa.

Jamais conhecera outro lar. Este foi o lugar para onde os pais o levaram ao nascer. Havia crescido entre as paredes da casa do Brooklyn. Brincava na rua sob as sombras das árvores no verão e improvisava trenós com tampas de lixeiras no inverno. Nesta casa, a família cumpriu o shivah após a morte de seu pai. Aqui, ele beijou Clary pela primeira vez.

Nunca imaginou um dia em que a porta de casa pudesse estar fechada para ele. Na última vez em que viu a mãe, ela o havia chamado de monstro e implorado que fosse embora. Simon a fez esquecer de que era um vampiro com um feitiço, mas não sabia quanto tempo o efeito duraria. Parado no ar frio de outono, olhando para a frente, soube que não tinha durado o suficiente.

A porta estava coberta por símbolos — estrelas de Davi desenhadas com tinta, a forma afiada do símbolo de Chai, vida. Havia alguns tefillin amarrados à maçaneta e à aldrava. Uma hamsa, a Mão de Deus, cobria o olho mágico.

Entorpecido, tocou o mezuzá de metal afixado ao lado direito da porta. Viu a fumaça emergir do local onde a mão encontrou o objeto sagrado, mas não sentiu nada. Nenhuma dor. Apenas um terrível vazio, transformando-se lentamente em raiva fria.

Chutou a base da porta e ouviu o eco pela casa.

— Mãe! — gritou. — Mãe, sou eu!

Não obteve resposta, apenas o ruído de trancas sendo acionadas. A audição apurada reconheceu os passos da mãe, sua respiração, mas ela não disse nada. Simon sentiu o cheiro pungente de medo e pânico, mesmo através da madeira.

— Mãe! — engasgou. — Mãe, isso é ridículo! Deixe-me entrar! Sou eu, Simon!

A porta trepidou, como se ela tivesse lhe dado um chute.

— Vá embora! — A voz soou áspera, irreconhecível de pavor. — Assassino!

— Não mato pessoas. — Simon apoiou a cabeça na porta. Sabia que provavelmente poderia arrombá-la, mas de que adiantaria? — Falei para você. Bebo sangue animal.

— Você matou meu filho — retrucou. — O matou e pôs um monstro no lugar.

— Eu sou seu filho...

— Veste o rosto dele e fala com a mesma voz, mas não é ele! Você não é Simon! — A voz se elevou a um quase grito. — Afaste-se da minha casa antes que eu o mate, monstro!

— Becky — disse ele. Estava com o rosto molhado; levantou as mãos para tocá-lo, e elas voltaram sujas: eram lágrimas de sangue. — O que você disse a Becky?

— Fique longe de sua irmã .— Simon ouviu um estardalhaço dentro da casa, como se alguma coisa tivesse sido derrubada.

— Mãe — repetiu, mas desta vez a voz não se elevou. Saiu como um suspiro rouco. Sua mão começou a latejar. — Preciso saber... Becky está aí? Mãe, abra a porta. Por favor...

— Fique longe de Becky!

Ela estava se afastando da porta; Simon ouviu. Depois veio o inconfundível guincho da porta da cozinha se abrindo, o rangido do linóleo quando ela pisou no assoalho. O ruído de uma gaveta sendo aberta. De repente, imaginou a mãe pegando uma das facas.

Antes que eu o mate, monstro.

O pensamento o fez cambalear. Se ela o atacasse, a Marca entraria em ação. E a destruiria, como fizera com Lilith.

Simon abaixou a mão e recuou lentamente, tropeçando pelos degraus e pela calçada, apoiando-se no tronco de uma das grandes árvores do quarteirão. Ficou onde estava, olhando para a porta da frente de casa, marcada e desfigurada com os símbolos do ódio que a mãe sentia por ele.

Não, lembrou a si mesmo. Ela não o odiava. Achava que estava morto. O que detestava era algo que não existia. Não sou o que ela diz.

Não sabia quanto tempo poderia ter ficado ali parado, olhando, se o telefone não tivesse começado a tocar, vibrando no bolso do casaco.

Pegou-o por reflexo, notando que o desenho do mezuzá — estrelas de Davi entrelaçadas — estava queimado na sua palma. Trocou o telefone de mão e o pôs no ouvido.

— Alô?

— Simon? — Era Clary. Parecia sem fôlego. — Cadê você?

— Em casa — disse, e fez uma pausa. — Na casa da minha mãe — corrigiu-se. A voz soou oca e distante aos próprios ouvidos. — Por que não está no Instituto? Estão todos bem?

— É justamente isso — falou. — Logo depois que você saiu, Maryse desceu do terraço onde Jace deveria estar esperando. Não tinha ninguém lá.

Simon se mexeu. Sem perceber o que estava fazendo, como um boneco mecânico, começou a subir a rua, em direção ao metrô.

— Como assim, não tinha ninguém?

— Jace tinha sumido — respondeu Clary, e Simon pôde ouvir a tensão na voz dela. — E Sebastian também.

Simon parou à sombra de uma árvore desfolhada.

— Mas Sebastian estava morto. Ele está morto, Clary...

— Então me diga por que o corpo dele não está lá, porque não está — falou, com a voz finalmente falhando. — Não tem nada além de muito sangue e vidro quebrado. Os dois sumiram, Simon. Jace sumiu...

Parte 1

Uma Temporada no Inferno

Acredito que estou no Inferno, portanto estou.

— Arthur Rimbaud

Parte Dois

Certas Coisas Sombrias

Te amo como se amam certas coisas sombrias

— Pablo Neruda, “Soneto XVII”

8

Fogo testa ouro

Maia nunca tinha estado em Long Island, mas quando pensava no lugar, sempre o imaginava muito parecido com Nova Jersey — essencialmente suburbano, um lugar onde moravam as pessoas que trabalhavam em Nova York e na Filadélfia.

Tinha guardado a mochila na traseira da picape de Jordan, assustadoramente desconhecida. Quando namoravam, ele tinha um Toyota vermelho surrado, que vivia sujo, cheio de copos de café e embalagens de fast-food, e o cinzeiro cheio de guimbas de cigarro. A cabine da picape era comparativamente limpa; o único detrito era uma pilha de papéis no banco do carona. Ele empurrou de lado os papéis sem fazer qualquer comentário enquanto ela entrava.

Não se falaram durante a travessia de Manhattan até a autoestrada para Long Island e Maia acabou cochilando, a bochecha no vidro frio da janela. Finalmente, acordara quando passaram por um buraco na estrada, o que a arremessou para a frente. Piscou os olhos, esfregando-os.

— Desculpe — dissera Jordan, lamentoso. — Eu ia deixá-la dormir até chegarmos.

Ela se sentara, olhando em volta. Estavam em uma via de mão dupla, o céu ao redor começava a clarear. Havia campos em ambos os lados da estrada, algumas fazendas ou depósitos, casas de madeira afastadas umas das outras com cercas ao redor.

— É bonito — comentara ela, surpresa.

— É. — Jordan trocara a marcha, limpando a garganta. — Como está acordada... antes de chegarmos à Casa da Praetor, posso mostrar uma coisa?

Ela hesitara por apenas um segundo antes de assentir. E agora, cá estavam entrando em uma estrada de terra, mão única, com árvores de ambos os lados. A maioria não tinha folhas; a estrada era lamacenta, e Maia abriu a janela para sentir o cheiro do ar. Árvores, água salgada, folhas caindo devagar, pequenos animais correndo pela grama alta. Ela respirou fundo mais uma vez exatamente quando entraram em uma pequena rotatória. Na frente deles estava a praia, esticando-se até a água azul-escura. O céu estava quase lilás.

Ela olhou para Jordan. Ele estava olhando para a frente.

— Eu costumava vir aqui enquanto estava em treinamento na Casa da Praetor — falou. — Às vezes, só para olhar a água e clarear as ideias. O sol nasce aqui... Todo dia é diferente, mas são todos lindos.

— Jordan.

Ele não olhou para ela quando disse:

— Oi?

— Desculpe pelo que aconteceu antes. Por ter fugido, você sabe, no estaleiro.

— Tudo bem. — Ele soltou a respiração lentamente, mas ela viu pela tensão nos ombros dele, pela mão agarrando a marcha, que na verdade não estava tudo bem. Maia tentou não olhar para a maneira como a tensão moldava os músculos do braço dele, acentuando o entalhe do bíceps. — Foi coisa demais para absorver; entendo. Eu só...

— Acho que devemos ir aos poucos. Vamos começar tentando ser amigos.

— Não quero ser seu amigo — declarou ele.

Maia não conseguiu conter a surpresa.

— Não quer?

Ele tirou a mão da marcha para o volante. Ar quente saía do aquecedor do carro, misturando-se ao ar fresco que entrava pela janela de Maia.

— Melhor não conversarmos sobre isso agora.

— Eu quero — disse ela. — Quero conversar agora. Não quero estar estressada com a gente quando estivermos na Casa da Praetor.

Ele deslizou para baixo no próprio assento, mordendo o lábio. Os cabelos castanhos caíram para a frente, sobre a testa.

— Maia...

— Se não quer ser meu amigo, então o que somos? Inimigos outra vez?

Ele virou a cabeça, a bochecha contra o banco do carro. Aqueles olhos eram exatamente como ela se lembrava, cor de amêndoa com manchas verdes, azuis e douradas.

— Não quero ser seu amigo — explicou —, porque ainda te amo. Maia, sabia que eu sequer beijei outra menina desde que terminamos?

— Isabelle...

— Queria se embebedar e conversar sobre Simon. — Ele tirou as mãos do volante, esticou-as para Maia, em seguida largou-as de novo no próprio colo, uma expressão derrotada no rosto. — Você é a única que amei. Pensar em você foi o que me fez passar pelo meu treinamento. A ideia de que poderia recompensá-la algum dia. E vou, de qualquer forma possível, menos uma.

— Não vai ser meu amigo.

— Não vou ser apenas seu amigo. Eu te amo, Maia. Sou apaixonado por você. Sempre fui. Sempre serei. Ser só seu amigo me mataria.

Ela olhou para o oceano. A borda do sol estava começando a aparecer sobre a água, os raios iluminando o mar em tons de roxo, dourado e azul.

— É tão bonito aqui.

— Por isso que eu vinha. Não conseguia dormir e vinha ver o sol nascer. — A voz dele era suave.

— Agora consegue dormir? — Maia voltou-se novamente para ele.

Ele fechou os olhos.

— Maia, se vai dizer que não, que não quer ser nada além de minha amiga... diga. Arranque o curativo de uma só vez, tudo bem?

Ele pareceu preparado, como se esperasse um golpe. Os cílios projetavam sombra nas maçãs do rosto do menino. Havia cicatrizes brancas na pele morena da garganta dele, cicatrizes causadas por ela. Maia soltou o cinto e deslizou sobre o banco, aproximando-se dele. Ouviu a respiração engasgada dele, mas Jordan não se moveu enquanto ela se inclinava e o beijava na bochecha. Sentiu o cheiro dele. Mesmo sabão, mesmo xampu, mas sem o cheio remanescente dos cigarros. Mesmo menino. Beijou-o por toda a bochecha, até o canto da boca e, finalmente, inclinando-se ainda mais, levou a boca à dele.

Os lábios de Jordan se abriram sob os dela, e ele rosnou, baixo, na garganta. Lobisomens não eram suaves uns com os outros, mas as mãos dele foram leves quando a ergueram e a puxaram para o colo, abraçando-a à medida que o beijo se intensificava. A sensação dele, o calor dos braços cobertos de veludo, as batidas do coração, o gosto da boca, o choque de lábios, dentes e língua a deixaram sem fôlego. As mãos de Maia deslizaram pela nuca de Jordan e ela derreteu sobre ele ao sentir os cachos espessos do cabelo do menino, exatamente os mesmos de sempre.

Quando finalmente se distanciaram, os olhos dele estavam vítreos.

— Há anos que espero por isso.

Ela traçou a linha da clavícula dele com um dedo. Pôde sentir o próprio coração batendo. Por alguns instantes não eram dois licantropes em uma missão em uma organização altamente secreta — eram dois adolescentes, trocando beijos em um carro na praia.

— Correspondeu às expectativas?

— Foi melhor. — A boca dele entortou no canto. — Isso quer dizer...

— Bem — respondeu ela. — Esse não é o tipo de coisa que você faz com seus amigos, certo?

— Não é? Tenho de contar para Simon. Ele vai ficar muito decepcionado.

— Jordan. — Ela bateu levemente no ombro dele, mas estava sorrindo, assim como ele, que tinha um sorriso enorme, apatetado e incomum se espalhando no rosto.

Ela se curvou para a frente e colocou a cabeça na dobra do pescoço dele, inspirando a mistura do cheiro dele com o da manhã.

Estavam lutando sobre o lago congelado, a cidade de gelo brilhando como uma lâmpada a distância. O anjo de asas douradas e o anjo de asas que pareciam fogo negro. Clary se encontrava no gelo enquanto sangue e penas caíam ao seu redor. As penas douradas ardiam como fogo quando tocavam sua pele, mas as negras eram frias como gelo.

Clary acordou com o coração acelerado, embrulhada em um nó de cobertores. Sentou-se, abaixando as cobertas para a cintura. Estava em um quarto estranho. As paredes eram de gesso

branco, e ela se viu deitada em uma cama de madeira negra, vestindo as mesmas roupas da noite anterior. Deslizou para fora da cama, os pés descalços tocando o chão frio de pedra; olhou em volta, procurando a mochila.

Encontrou-a com facilidade, repousando em uma cadeira de couro preta. Não havia janelas no aposento; a única luz provinha de um lustre de vidro pendurado no teto, feito de vidro negro. Passou a mão na mochila e percebeu, irritada, mas sem surpresa, que alguém já tinha mexido no conteúdo. A caixa de materiais artísticos havia desaparecido, a estela inclusive. Tudo que restava era a escova de cabelo e uma muda de roupa, uma calça jeans e uma calcinha. Pelo menos o anel dourado continuava no dedo.

Tocou-o suavemente e pensou para Simon.

Estou aqui.

Nada.

Simon?

Não obteve resposta. Engoliu em seco o próprio desconforto. Não fazia ideia de onde estava, de que horas eram, ou havia quanto tempo estava apagada. Simon poderia estar dormindo. Não podia entrar em pânico e presumir que os anéis não estavam funcionando. Teria de seguir no piloto automático. Descobrir onde estava, aprender o que pudesse. Tentaria falar novamente com Simon mais tarde.

Respirou fundo e tentou se concentrar nos arredores. Duas portas saíam do quarto. Tentou a primeira e descobriu que esta desembocava em um pequeno banheiro de vidro cromado com uma banheira de bronze com pés em garra. Também não havia janelas ali. Tomou um rápido banho e se secou com uma toalha branca fofa, depois vestiu o jeans limpo e um casaco antes de voltar para o quarto, pegando o sapato e tentando a segunda porta.

Bingo. Aqui estava o restante... da casa? Apartamento? Viu-se em uma sala grande, metade da qual ocupada por uma ampla mesa de vidro. Mais lustres de contas de vidro negro se penduravam do teto, formando sombras dançantes contra as paredes. Tudo era muito moderno, das cadeiras de couro pretas à grande lareira, com moldura cromada. Havia um fogo ardendo nela. Então provavelmente alguém mais estava em casa, ou havia estado muito recentemente.

A outra metade tinha uma tela de TV enorme, uma mesa de centro preta sobre a qual havia jogos e controles, e sofás baixos de couro. Um par de escadas de vidro subia em espiral. Após uma olhada em volta, Clary começou a subir. O vidro era perfeitamente limpo e dava a impressão de que ela estava subindo uma escadaria invisível para o céu.

O segundo andar era bem parecido com o primeiro — paredes claras, chão negro, um longo corredor com portas para outros aposentos. A primeira levava ao que claramente era a suíte principal. Uma enorme cama de madeira escura sob cortinas brancas transparentes ocupava quase todo o espaço. Aqui havia janelas, com vidros azul-escuros. Clary atravessou o quarto para

olhar.

Por um instante, imaginou se estaria em Alicante. Viu um canal e outro prédio com as janelas tapadas por cortinas verdes. O céu no alto estava cinza, o canal verde-azulado escuro, e havia uma ponte visível à direita, cortando o canal. Havia duas pessoas na ponte. Uma delas estava com uma câmera no rosto, tirando fotos diligentemente. Então não era Alicante. Amsterdã? Veneza? Procurou de todo jeito uma forma de abrir a janela, mas não parecia haver como; bateu no vidro e gritou, mas as pessoas atravessando a ponte não perceberam. Após alguns instantes, prosseguiram.

Clary voltou-se novamente para o quarto, foi até um dos armários e o abriu. Seu coração pulou. Estava cheio de roupas — roupas femininas. Vestidos lindos; bordados, cetim, contas e flores. As gavetas tinham camisolas e roupas íntimas, blusas de algodão e seda, saias, mas nenhum jeans ou outra calça. Havia até uma fileira de sapatos: sandálias e sapatos de salto, além de pares dobrados de meias. Por um instante, apenas olhou, imaginando se haveria outra menina hospedada aqui, ou se Sebastian tinha passado a se vestir de mulher. Mas todas as roupas tinham etiqueta, e todas eram praticamente do seu tamanho. E não era tudo, percebeu devagar, observando de perto. Eram exatamente das formas e cores que lhe cairiam bem; azuis, verdes, amarelos, feitas para uma menina mignon. Por fim, pegou uma das blusas mais simples, verde-escura e de mangas curtas, que fechava na frente. Após retirar a própria camiseta e jogá-la no chão, vestiu a verde e olhou-se no espelho na parte interna da porta.

Coube perfeitamente. Ressaltava o melhor de sua forma, justa na cintura, escurecendo o verde dos seus olhos. Arrancou a etiqueta, sem querer saber quanto tinha custado, e se apressou para fora do quarto, sentindo um tremor pela espinha.

O quarto seguinte claramente pertencia a Jace. Soube assim que entrou. Tinha o cheiro dele, da colônia, do sabonete e da pele dele. A cama era de madeira preta com lençóis e cobertores brancos, cuidadosamente feita. Era tão organizado quanto o quarto no Instituto. Havia livros empilhados perto da cama, com títulos em italiano, francês e latim. A adaga Herondale de prata com o desenho de pássaros estava enfiada na parede de gesso. Quando olhou mais de perto, viu que estava prendendo uma fotografia. Uma foto dela e de Jace, tirada por Izzy. Lembrava-se dela, um dia claro em princípios de outubro, Jace sentado nos degraus frontais do Instituto, com um livro no colo. Ela no degrau acima, com a mão no ombro dele, inclinando-se para a frente para ver o que ele estava lendo. A mão dele cobria a dela, quase distraidamente, e ele estava sorrindo. Clary não tinha visto o rosto dele naquele dia, não soube que estava sorrindo daquela forma até esse momento. Sua garganta se contraiu, e ela saiu do quarto, recobrando o fôlego.

Não poderia agir assim, disse a si mesma com firmeza. Como se cada imagem de Jace como ele era agora fosse um soco no estômago. Precisava fingir que não importava, como se não enxergasse qualquer diferença. Entrou na porta seguinte, em mais um quarto, muito parecido

com o anterior, mas este estava uma zona — a cama era um emaranhado de lençóis de seda preta e uma colcha, uma escrivaninha de vidro e aço cheia de livros e papéis, roupas masculinas espalhadas por todos os cantos. Jeans, casacos e roupas de combate. Seu olhar caiu sobre algo com um brilho prateado, apoiado na escrivaninha perto da cama. Ela avançou, olhando fixamente, sem conseguir acreditar nos próprios olhos.

Era a caixinha da mãe, aquela com as iniciais J.C. gravadas. A que a mãe retirava todo ano, uma vez, e sobre a qual chorava silenciosamente, as lágrimas escorrendo pelo rosto e caindo nas mãos. Clary sabia o que havia na caixa — um cacho de cabelo, tão fino e tão branco quanto um dente de leão; retalhos da camisa de uma criança; um sapato de neném, pequeno o bastante para caber na palma da mão. Pedacinhos de seu irmão, uma espécie de colagem da criança que a mãe gostaria de ter tido, sonhava ter tido, antes de Valentim ter feito o que fizera para transformar o filho em um monstro.

J.C.

Jonathan Christopher.

O estômago de Clary embrulhou, e ela recuou rapidamente para fora do quarto — diretamente contra uma parede viva. Braços a envolveram, apertando-a com força, e ela notou que eram esguios e musculosos, com pelos claros; por um instante achou que fosse Jace abraçando-a. Começou a relaxar.

— O que estava fazendo no meu quarto? — Sebastian perguntou ao seu ouvido.

*

Isabelle fora treinada para acordar cedo todas as manhãs, com chuva ou sol, e uma leve ressaca não fez nada para atrapalhar o hábito. Sentou-se lentamente e piscou para Simon.

Nunca havia passado uma noite inteira em uma cama com ninguém, a não ser que se levasse em conta as noites que subia na cama dos pais aos 4 anos, quando tinha medo de tempestades. Não pôde deixar de olhar para Simon como se ele fosse uma espécie exótica de animal. Estava deitado de costas, a boca levemente aberta, os cabelos nos olhos. Cabelos castanhos comuns, olhos castanhos comuns. A camiseta estava ligeiramente levantada. Não era musculoso como um Caçador de Sombras. Tinha uma barriga lisa e suave, mas não um tanquinho, e ainda possuía alguma suavidade no rosto. O que ele tinha que tanto a fascinava? Era bem bonitinho, mas ela já tinha ficado com cavaleiros do povo das fadas belíssimos, Caçadores de Sombras sexy...

— Isabelle — disse Simon, sem abrir os olhos. — Pare de me encarar.

Isabelle suspirou irritada e saiu da cama. Remexeu na mochila para procurar sua roupa de caça, pegou-a e saiu para encontrar o banheiro.

Ficava na metade do corredor e a porta estava começando a abrir... Alec emergindo de uma

nuvem de vapor. Estava com uma toalha na cintura e outra nos ombros e esfregava os cabelos pretos energicamente. Isabelle supôs que não devesse se surpreender em vê-lo; ele tinha sido treinado para acordar cedo, assim como ela.

— Você está com cheiro de sândalo — disse ela, como forma de cumprimento. Isabelle detestava cheiro de sândalo. Gostava de aromas doces: baunilha, canela, gardênia.

Alec olhou para ela.

— Nós gostamos de sândalo.

Isabelle fez uma careta.

— Ou este é o plural majestático, ou você e Magnus estão se tornando um daqueles casais que pensam que são uma pessoa só. "Nós gostamos de sândalo." "Nós adoramos a sinfonia." "Nós esperamos que goste do nosso presente de natal", que, se quer minha opinião, não passa de uma forma mesquinha de evitar comprar dois presentes.

Alec piscou os cílios molhados para ela.

— Você vai entender...

— Se me disser que vou entender quando me apaixonar, vou sufocá-lo com essa toalha.

— E se continuar me impedindo de voltar para o quarto para me vestir, farei com que Magnus invoque fadinhas para amarrarem seus cabelos em nós.

— Ah, saia da frente. — Isabelle chutou o calcanhar de Alec até ele se mover, sem pressa, pelo corredor.

Teve a sensação de que se virasse para olhar para ele, o irmão estaria mostrando a língua, então não virou. Em vez disso, se trancou no banheiro e ligou o chuveiro quente. Depois olhou para a estante de produtos de banho e disse uma palavra nada delicada.

Xampu de sândalo, condicionador de sândalo e sabonete de sândalo. Ugh.

Quando finalmente apareceu, vestida com roupas de combate e o cabelo preso, encontrou Alec, Magnus e Jocelyn aguardando na sala. Havia rosquinhas, que não queria, e café, que quis. Serviu uma boa quantidade de leite e se sentou, olhando para Jocelyn, que também estava trajando — para surpresa de Isabelle — roupa de Caçadora de Sombras.

Era estranho, pensou. As pessoas sempre lhe diziam que ela era parecida com a mãe, apesar de ela mesma não enxergar isso, e ficou imaginando se seria da mesma forma como Clary parecia a mãe dela. A mesma cor de cabelo, sim, mas também o mesmo conjunto de feições, a mesma inclinação de cabeça, a mesma mandíbula teimosa. A mesma ideia de que ela podia se parecer com uma boneca de porcelana, mas por baixo era feita de aço. Contudo, Isabelle gostaria de que, assim como Clary havia herdado os olhos verdes da mãe, ela tivesse herdado os azuis de Maryse e Robert. Azul era tão mais interessante do que preto.

— Assim como a Cidade do Silêncio, só existe uma Cidadela Adamant, mas há muitas portas através das quais se pode encontrá-la — explicou Magnus. — A mais próxima de nós fica no

velho Monastério Agostiniano em Grymes Hill, em Staten Island. Eu e Alec as levaremos até lá por um Portal e aguardaremos seu retorno, mas não podemos acompanhá-las até o final.

— Eu sei — disse Isabelle. — Porque vocês são meninos. Piolhos.

Alec apontou um dedo para ela.

— Leve a sério, Isabelle. As Irmãs de Ferro não são como os Irmãos do Silêncio. São muito menos afáveis e não gostam de ser incomodadas.

— Prometo que me comportarei da melhor maneira possível — garantiu Isabelle, e repousou a caneca vazia sobre a mesa. — Vamos.

Magnus a olhou desconfiado por um instante, depois deu de ombros. Estava com o cabelo cheio de gel, formando milhões de pontas agudas, e com os olhos esfumaçados de preto, mais felinos do que nunca. Passou por ela até a parede, já murmurando em latim; o contorno familiar de um Portal, sua passagem secreta contornada por símbolos brilhantes, começou a tomar forma. Um vento soprou, frio e severo, soprando os fios de cabelo de Isabelle.

Jocelyn entrou primeiro e atravessou. Era mais ou menos como ver alguém desaparecer em uma onda no mar: uma neblina prateada pareceu engoli-la, desbotando a cor dos cabelos ruivos enquanto ela desaparecia com um brilho fraco.

Isabelle foi em seguida. Estava acostumada à sensação do transporte por Portal. Um rugido mudo nos ouvidos, e nenhum ar nos pulmões. Fechou os olhos, em seguida os abriu novamente e caiu em uma moita seca. Levantou-se, esfregando a grama morta dos joelhos, e viu Jocelyn olhando para ela. A mãe de Clary abriu a boca — e fechou novamente quando Alec apareceu, caindo na folhagem ao lado de Isabelle, seguido por Magnus, o Portal brilhante se fechando atrás.

Nem a viagem pelo Portal bagunçou os cabelos arrepiados de Magnus. Ele puxou um dos espetos orgulhosamente.

— Veja só — disse para Isabelle.

— Mágica?

— Gel. Três dólares e noventa e nove centavos na Ricky's.

Isabelle revirou os olhos para ele e virou para absorver os novos arredores. Estavam no alto de uma colina, cujo pico era coberto por moitas secas e grama morta. Mais para baixo havia árvores escurecidas pelo outono; ao longe Isabelle viu um céu sem nuvens e o topo da ponte Verrazano-Narrows, que ligava Staten Island ao Brooklyn. Ao virar-se, Isabelle viu o monastério atrás de si, erguendo-se da vegetação. Era uma estrutura ampla de tijolos vermelhos, a maior parte das janelas fora estilhaçada ou tapada com tábuas. Havia pichações aqui e ali. Urubus perturbados pela chegada dos viajantes circulavam a torre do sino dilapidada.

Isabelle estreitou os olhos, imaginando se haveria um feitiço a ser descascado. Caso houvesse, era forte. Por mais que tentasse, não conseguia enxergar nada além das ruínas que se apresentavam.

— Não tem feitiço — disse Jocelyn, espantando Isabelle. — É isso mesmo que está vendo.

Jocelyn avançou, as botas esmagando a vegetação seca à frente. Após um instante, Magnus deu de ombros e a seguiu, e Isabelle e Alec foram depois. Não tinha trilha; galhos cresciam emaranhados, escuros contrastando com o ar claro, a folhagem rachava com a secura. Ao se aproximarem da construção, Isabelle viu que trechos da grama seca estavam queimados onde pentagramas e círculos cheios de símbolos haviam sido pintados na grama com spray.

— Mundanos — disse Magnus, levantando um galho do caminho de Isabelle. — Fazendo brincadeirinhas com magia, sem realmente entender do que se trata. Normalmente são atraídos a lugares assim, centros de poder, sem saberem por quê. Bebem, conversam, picham as paredes, como se fosse possível deixar uma marca humana na magia. Não é. — Chegaram a uma porta tapada com pedaços de madeira na parede de tijolo. — Chegamos.

Isabelle olhou atentamente para a porta. Mais uma vez, não teve qualquer sensação de que houvesse feitiço cobrindo-a, apesar de que, com muita concentração, um brilho fraco se tornou visível, como raio de sol refletindo na água. Jocelyn e Magnus trocaram um olhar. Jocelyn voltou-se para Isabelle.

— Está pronta?

Isabelle assentiu e, sem mais delongas, Jocelyn deu um passo para a frente e desapareceu pela tábuas da porta. Magnus olhou cheio de expectativa para Isabelle.

Alec se inclinou para a irmã, que sentiu a mão dele tocá-la no ombro.

— Não se preocupe — disse ele. — Você vai ficar bem, Iz.

Ela levantou o queixo.

— Eu sei — falou, e seguiu Jocelyn porta adentro.

Clary respirou fundo, mas antes que pudesse responder, ouviu um passo na escada e Jace surgiu no final do corredor. Sebastian imediatamente a soltou e virou-a. Com um sorriso como o de um lobo, afagou seu cabelo.

— Que bom vê-la, irmãzinha.

Clary perdeu a fala. Jace, contudo, não perdeu a dele; aproximou-se deles silenciosamente. Estava com uma jaqueta de couro preta, uma camiseta branca e calça jeans, descalço.

— Você estava abraçando Clary? — Ele olhou surpreso para Sebastian.

Sebastian deu de ombros.

— Ela é minha irmã. Estou feliz em vê-la.

— Você não abraça ninguém — observou Jace.

— Não tive tempo de cozinhar um almoço.

— Não foi nada — disse Clary, acenando uma mão para o irmão. — Tropecei. Ele estava me ajudando a me equilibrar.

Se Sebastian ficou surpreso por ela defendê-lo, não demonstrou. Permaneceu sem expressão enquanto ela atravessava o corredor até Jace, que a beijou na bochecha, os dedos frios em sua pele.

— O que você estava fazendo aqui em cima? — perguntou Jace.

— Procurando por você. — Deu de ombros. — Acordei e não o vi. Achei que talvez estivesse dormindo.

— Vejo que descobriu as roupas. — Sebastian apontou para a camisa dela. — Gostou?

Jace lançou um olhar a ele.

— Estávamos comprando comida — explicou para Clary. — Nada sofisticado. Pão e queijo. Quer almoçar?

E foi assim que, alguns minutos depois, Clary se viu à mesa grande de vidro e aço. Pelos alimentos espalhados sobre ela, concluiu que o segundo palpite estivera correto. Estavam em Veneza. Tinha pão, queijos italianos, salame e presunto de Parma, geleia de uva e figo, e garrafas de vinho italiano. Jace sentou em frente a ela, Sebastian na cabeceira. Lembrou-se sombriamente da noite em que conheceu Valentim, em Renwick's, Nova York; lembrou-se de como ele se colocou entre ela e Jace na cabeceira, ofereceu vinho e informou-os de que eram irmãos.

Ela deu uma olhada no verdadeiro irmão agora. Pensou em como a mãe deveria ter ficado ao vê-lo. Valentim. Mas Sebastian não era uma cópia exata do pai. Ela já tinha visto fotos de Valentim na idade deles. No rosto de Sebastian as feições duras do pai eram suavizadas pela beleza da mãe; era alto, mas tinha ombros menos largos, mais flexíveis e felinos. Tinha as maçãs do rosto e a boca fina de Jocelyn, e os olhos escuros e os cabelos louro-brancos de Valentim.

Ele então levantou os olhos, como se tivesse flagrado Clary olhando para ele.

— Vinho? — Ofereceu a garrafa.

Ela assentiu, apesar de nunca ter gostado muito do gosto de vinho, e de ter passado a detestar desde Renwick's. Limpou a garganta enquanto Sebastian enchia a taça.

— Então — disse ela. — Esta casa... é sua?

— Era do nosso pai — respondeu Sebastian, repousando a garrafa. — De Valentim. Ela se move, entra e sai de mundos, do nosso e de outros. ele a usava como refúgio, e também como forma de viagem. Ele me trouxe aqui algumas vezes, me mostrou como entrar e sair, e como fazê-la viajar.

— Não tem porta de entrada.

— Tem, se souber como encontrar — respondeu Sebastian. — Papai foi muito esperto com este lugar.

Clary olhou para Jace, que balançou a cabeça.

— Nunca me mostrou. Eu nem saberia adivinhar que existia.

— É muito... apartamento de solteiro — observou Clary. — Eu não imaginaria Valentim

como alguém...

— Que tinha uma TV de tela plana? — Jace sorriu para ela. — Não pega nenhum canal, mas dá para assistir DVDs. Na mansão tínhamos uma velha caixa de gelo que funcionava com energia enfeitiçada. Aqui ele tem uma geladeira sub-zero.

— Aquilo era para Jocelyn — comentou Sebastian.

Clary levantou os olhos.

— O quê?

— Todas as coisas modernas. Os aparelhos. E as roupas. Como essa camisa que está usando. Eram para nossa mãe. Caso ela decidisse voltar. — Os olhos escuros de Sebastian encontraram os dela.

Clary se sentiu um pouco enjoada. Este é meu irmão, e estamos falando sobre nossos pais. Ela se sentiu tonta; muita coisa estava acontecendo rápido demais para ela absorver e processar. Nunca teve tempo para pensar em Sebastian como seu irmão vivo e ativo. Quando descobriu quem realmente era, ele estava morto.

— Desculpe se é estranho — disse Jace, num tom de quem se desculpa, apontando para a blusa. — Podemos comprar roupas novas para você.

Clary tocou suavemente a manga. O tecido era fino, sedoso, caro. Bem, isso explicava — tudo praticamente do seu tamanho e cores adequadas a ela. Pois era muito parecida com a mãe.

Ela respirou fundo.

— Tudo bem — falou. — É só... o que vocês fazem, exatamente? Ficam viajando por este apartamento e...

— Vemos o mundo? — completou Jace, levemente. — Existem coisas piores.

— Mas não podem fazer isso para sempre.

Sebastian não tinha comido muito, mas tomou duas taças de vinho. Estava na terceira, e seus olhos brilhavam.

— Por que não?

— Bem, porque... porque a Clave está procurando vocês dois, e não podem passar a vida fugindo e se escondendo... — A voz de Clary se suspendeu quando ela olhou de um para o outro.

Estavam trocando um olhar, o olhar de duas pessoas que sabiam de alguma coisa, juntos, sobre a qual ninguém mais sabia. Não era um olhar que Jace compartilhava com alguém na frente dela há muito tempo.

Sebastian falou suave e lentamente.

— Está fazendo uma pergunta ou uma observação?

— Ela tem o direito de saber nossos planos — disse Jace. — Veio até aqui sabendo que não poderia voltar.

— Uma demonstração de fé — disse Sebastian, passando o dedo na borda da taça. Algo que

Clary já tinha visto Valentim fazer. — Em você. Ela o ama. É por isso que está aqui. Não é?

— E se for? — respondeu Clary. Supunha que podia fingir que havia outro motivo, mas os olhos de Sebastian estavam sombrios e afiados, e ela duvidava que ele fosse acreditar. — Confio em Jace.

— Mas não em mim — observou Sebastian.

Clary escolheu cuidadosamente as palavras seguintes.

— Se Jace confia em você, então também confio — falou. — E você é meu irmão. Isso conta para alguma coisa. — A mentira deixou um gosto amargo em sua boca. — Mas não o conheço de verdade.

— Então, talvez devesse dedicar algum tempo a passar a me conhecer — disse Sebastian. — Depois nós revelaremos nossos planos.

Nós revelaremos. Nossos planos. Na cabeça de Sebastian havia um ele e Jace; não havia Jace e Clary.

— Não gosto de mantê-la desinformada — declarou Jace.

— Revelamos em uma semana. Que diferença uma semana faz?

Jace lançou um olhar a ele.

— Há duas semanas você estava morto.

— Bem, não sugeri duas semanas — respondeu Sebastian. — Isso seria loucura.

A boca de Jace se ergueu no canto. Ele olhou para Clary.

— Estou disposta a esperar que confie em mim — disse ela, sabendo que era a coisa certa e inteligente a se dizer. Mas detestando ter de dizê-la. — Quanto tempo for necessário.

— Uma semana — disse Jace.

— Uma semana — concordou Sebastian. — E isso significa que ela fica no apartamento. Sem comunicação com ninguém. Sem destrancar a porta para ela, sem entrar e sair.

Jace se inclinou para trás.

— E se eu estiver com ela?

Sebastian o olhou longamente sob cílios abaixados. Seu olhar era de alguém que avalia. Estava decidindo o que permitiria que Jace fizesse, percebeu Clary. Estava decidindo quanta liberdade daria ao "irmão".

— Tudo bem — falou afinal, com a voz carregada de condescendência. — Se você estiver com ela.

Clary olhou para a taça de vinho. Ouviu Jace responder com um murmúrio, mas não conseguiu olhar para ele. A ideia de um Jace que era autorizado a fazer coisas — Jace, que sempre fazia o que queria — a enjoava. Ela quis se levantar e quebrar a garrafa de vinho na cabeça de Sebastian, mas sabia que era impossível. Corte um, o outro sangra.

— Como está o vinho? — Foi a voz de Sebastian que perguntou, o divertimento implícito no

tom.

Ela esvaziou a taça, engasgando com o gosto amargo.

— Delicioso.

Isabelle emergiu em uma paisagem desconhecida. Uma vasta planície verde se estendia diante dela com um céu baixo cinza enegrecido. Isabelle puxou o capuz da roupa e espiou, fascinada. Nunca tinha visto uma extensão tão grande do céu, ou uma planície tão vasta — era brilhante, tinha tom de joia, uma matiz de musgo. Enquanto Isabelle dava um passo para a frente, percebeu que era musgo, crescendo em volta e em torno das pedras negras espalhadas pela terra cor de carvão.

— É uma planície vulcânica — explicou Jocelyn. Estava ao lado de Isabelle, e o vento soprava seus cabelos vermelho-dourados para fora do coque cuidadosamente preso. Era tão parecida com Clary que chegava a assustar. — Isso tudo já foi depósito de lava. Provavelmente a área inteira é, até certo ponto, vulcânica. Trabalhando com adamas, as Irmãs precisam de muito calor para as fornalhas.

— Eu pensaria que seria um pouquinho mais quente, então — murmurou Isabelle.

Jocelyn lhe lançou um olhar seco e começou a andar, no que Isabelle acreditou ser uma direção aleatoriamente escolhida. Cambaleou atrás.

— Às vezes você é tão igual a sua mãe que me espanta um pouco, Isabelle.

— Vou encarar como um elogio. — Isabelle estreitou os olhos. Ninguém insultava sua família.

— Não era para ser uma ofensa.

Isabelle manteve os olhos no horizonte, onde o céu escuro tocava o terreno verde como joia.

— O quão bem conheceu meus pais?

Jocelyn a olhou de esguelha, rapidamente.

— Bem o suficiente quando estávamos todos em Idris. Mas não os via há anos.

— Conhecia quando se casaram?

O caminho escolhido por Jocelyn estava começando a subir, então a resposta veio ligeiramente sem fôlego.

— Conheci.

— Eles estavam... apaixonados?

Jocelyn parou onde estava e se virou para olhar para Isabelle.

— Isabelle, do que está falando?

— De amor? — tentou Isabelle, após uma pausa momentânea.

— Não sei por que acha que eu seria uma especialista no assunto.

— Bem, você conseguiu manter Luke por perto durante toda a vida, basicamente, antes de aceitar se casar com ele. Isso é impressionante. Gostaria de ter esse poder sobre um homem.

— Sim — disse Jocelyn. — Você tem, quero dizer. E não é algo a se desejar. — Passou as mãos pelo cabelo, e Isabelle sentiu um golpe. Por mais parecida que fosse com Clary, as mãos finas, flexíveis e delicadas eram de Sebastian. Isabelle se recordava de ter arrancado uma daquelas mãos em um vale em Idris, o chicote cortando a pele e o osso. — Seus pais não são perfeitos, Isabelle, porque ninguém é perfeito. São pessoas complicadas. E acabaram de perder um filho. Então, se está falando sobre seu pai ficar em Idris...

— Meu pai traiu minha mãe — soltou Isabelle, quase cobrindo a própria boca com a mão em seguida. Guardou este segredo durante anos, e contá-lo em voz alta para Jocelyn parecia uma traição, apesar de tudo.

O rosto de Jocelyn mudou. Agora estampava solidariedade.

— Eu sei.

Isabelle respirou fundo.

— Todo mundo sabe?

Jocelyn balançou a cabeça.

— Não. Algumas pessoas. Eu estava... em uma posição privilegiada para saber. Não posso revelar mais do que isso.

— Quem foi? — perguntou Isabelle. — Com quem ele traiu minha mãe?

— Com ninguém que você conheça, Isabelle...

— Você não sabe quem conheço! — A voz de Isabelle se elevou: — E pare de falar meu nome assim, como se eu fosse uma criancinha.

— Não cabe a mim contar — respondeu Jocelyn secamente, e voltou a andar.

Isabelle se apressou atrás, mesmo com a trilha se tornando mais íngreme, um muro de verde subindo ao encontro do céu trovejante.

— Tenho todo o direito de saber. São meus pais. E se você não me contar, eu...

Ela parou com uma inspiração súbita. Estavam no topo, e, de alguma forma, diante delas, uma fortaleza surgiu como uma flor desabrochando velozmente do chão. Era esculpida a partir de adamas branco-prateadas, refletindo o céu nublado. Torres com electrum na ponta esticavam-se em direção ao céu e a fortaleza era cercada por um muro alto, também feito de adamas, no qual havia um único portão, formado por duas grandes lâminas enterradas no chão, de forma angular, lembrando um monstruoso par de tesouras.

— A Cidadela Adamant — disse Jocelyn.

— Obrigada — irritou-se Isabelle. — Isso eu descobri.

Jocelyn emitiu um ruído que Isabelle já conhecia dos pais. Estava certa de que era linguagem de pais para "adolescentes". Então Jocelyn começou a descer a colina até a fortaleza. Isabelle, cansada de seguir, avançou. Era mais alta do que a mãe de Clary e tinha pernas mais longas, e não viu motivo para esperar por Jocelyn se esta fosse insistir em tratá-la como uma criança. Desceu a

colina, esmagando o musgo com as botas, entrou pelo portão de tesouras...

E congelou. Estava sobre um pequeno afloramento de pedras. À sua frente, a terra despencava em um abismo, ao fundo do qual ardia um rio de lava vermelho-dourada, cercando a fortaleza. Do outro lado do abismo, longe demais para um salto — mesmo para uma Caçadora de Sombras — encontrava-se a única entrada visível da fortaleza, uma ponte levadiça fechada.

— Algumas coisas — disse Jocelyn, por trás — não são tão simples quanto parecem.

Isabelle deu um salto, em seguida a encarou.

— Não é lugar para chegar assustando os outros.

Jocelyn simplesmente cruzou os braços e ergueu as sobrancelhas.

— Certamente Hodge ensinou a forma correta de se aproximar da Cidadela Adamant — observou. — Afinal, é aberta a todas as Caçadoras de Sombras em conformidade com a Clave.

— Claro que ensinou — respondeu Isabelle com arrogância, esforçando-se para lembrar.

Somente aquelas com sangue Nephilim... esticou o braço e retirou um dos prendedores metálicos do cabelo. Ao girá-lo na base, ele abriu e se transformou em uma adaga com um Símbolo de Coragem na lâmina.

Isabelle ergueu as mãos sobre o abismo.

— Ignis aurum probat — disse, e utilizou a adaga para cortar a palma esquerda. Foi uma dor aguda e rápida; o sangue correu do corte, um riacho rubi que caiu no abismo abaixo. Houve um lampejo azul e um ruído de algo rangendo. A ponte levadiça estava abaixando lentamente.

Isabelle sorriu e limpou a lâmina da faca na roupa. Após novo giro, voltou a ser um prendedor de metal. Colocou-o de volta no cabelo.

— Sabe o que isso significa? — perguntou Jocelyn, com os olhos na ponte.

— O quê?

— O que acabou de dizer. O lema das Irmãs de Ferro.

A ponte estava quase inteiramente abaixada.

— Significa “O fogo testa o ouro”.

— Certo — disse Jocelyn. — E não querem dizer fornalhas e metalurgia apenas. Quer dizer também que a adversidade testa a força do caráter de alguém. Em tempos difíceis, em épocas sombrias, algumas pessoas brilham.

— Ah, é? — disse Izzy. — Bem, estou cansada de tempos difíceis e sombrios. Talvez eu não queira brilhar.

A ponte desabou aos pés delas.

— Se você for como sua mãe — declarou Jocelyn —, não poderá evitar.

Parte 3

Dia de Ira

Dia de Ira, aquele dia de Incêndio,
David e Sibila testemunham preocupados,
Todo o mundo se desfará em cinzas.

— Abraham Coles

19

Amor e sangue

Metódica e cuidadosamente, Clary estava revirando o quarto de Jace. Ainda usava a mesma camiseta, apesar de ter vestido uma calça jeans; o cabelo estava preso em um coque bagunçado, e as unhas salpicadas de poeira. Tinha procurado embaixo da cama, em todas as gavetas e armários, se enfiado embaixo do guarda-roupa e da escrivaninha, e verificado todos os bolsos de todas as vestes à procura de uma segunda estela, mas não encontrou nada.

Tinha dito a Sebastian que estava exausta, que precisava subir e deitar; ele pareceu distraído e, com um aceno, indicou que ela fosse. Imagens do rosto de Jace surgiam sem parar por trás de suas pálpebras cada vez que fechava os olhos — o jeito como olhou para ela, traído, como se não a conhecesse mais.

Mas não havia sentido em ficar pensando naquilo. Poderia sentar na beira da cama e chorar com o rosto nas mãos, pensando no que tinha feito, mas de nada adiantaria. Devia a Jace, a si mesma, continuar. Procurar. Se ao menos pudesse encontrar uma estela...

Estava levantando o colchão da cama, procurando no vão entre a cama e as molas, quando ouviu uma batida à porta.

Derrubou o colchão, mas não antes de perceber que não havia nada ali. Cerrou as mãos em punhos, respirou fundo, foi até a porta e a abriu.

Sebastian estava na entrada. Pela primeira vez, estava usando algo que não era preto ou branco. A mesma calça e os mesmos sapatos pretos, é verdade, mas também estava com uma túnica vermelha de couro, elaborada com símbolos dourados e prateados, tudo preso por uma fileira de grampos metálicos na frente. Tinha pulseiras de prata e usava o anel Morgenstern.

Clary piscou para ele.

— Vermelho?

— Cerimonial — respondeu Sebastian. — Cores significam coisas diferentes para Caçadores de Sombras e humanos. — Disse a palavra “humanos” com desdém. — Conhece o verso infantil dos Nephilim, não conhece?

Preto para caçar pela noite,

Branco é a cor da tristeza e da morte.

Ouro para a noiva a caráter vestida,

E vermelho é a cor de invocar um feitiço.

— Caçadores de Sombras se casam de dourado? — perguntou Clary. Não que se importasse particularmente com isso, mas estava tentando encaixar o corpo no espaço entre a porta e o batente para que ele não conseguisse enxergar por trás dela e ver a bagunça que tinha feito no quarto normalmente irretocável de Jace.

— Desculpe arrasar seus sonhos de se casar de branco. — Ele sorriu para ela. — Por falar nisso, trouxe uma coisa para você vestir.

Tirou a mão de trás das costas. Estava segurando uma roupa dobrada. Clary a pegou e a desdobrou. Era uma tira longa e leve de tecido vermelho com um estranho brilho dourado no material, como o contorno de uma chama. As tiras eram douradas.

— Nossa mãe usava isso nas cerimônias do Círculo antes de trair nosso pai — falou. — Vista-o. Quero que use esta noite.

— Esta noite?

— Bem, não pode ir à cerimônia com o que está vestindo agora. — Sebastian a avaliou dos pés descalços à camiseta suada grudada ao corpo, passando pela calça jeans suja. — Sua aparência hoje, a impressão que causará nos nossos novos acólitos, é importante. Vista-se.

A mente de Clary estava girando. A cerimônia esta noite. Nossos novos acólitos.

— Quanto tempo tenho... para me vestir? — perguntou.

— Uma hora, talvez — respondeu. — Temos de chegar ao sítio sagrado antes da meia-noite. Os outros estarão reunidos lá. Não podemos nos atrasar.

Uma hora. Com o coração acelerado, Clary jogou a roupa na cama, onde brilhou como uma cota de malha. Quando se virou novamente, ele ainda estava na entrada, com um meio sorriso no rosto, como se pretendesse esperar enquanto ela se vestia.

Ela foi fechar a porta. Ele a pegou pelo pulso.

— Esta noite — disse ele — você me chamará de Jonathan. Jonathan Morgenstern. Seu irmão.

Um tremor percorreu todo o corpo de Clary, e ela olhou para baixo, torcendo para que ele não conseguisse enxergar seu ódio.

— Como queira.

Assim que ele se retirou, Clary pegou uma das jaquetas de couro de Jace. Vestiu-a, confortando-se com o calor e o cheiro familiar. Calçou os sapatos e foi até o corredor, desejando uma estela e um novo símbolo de silêncio. Ouviu água correndo e o assobio desafinado de Sebastian, mas os próprios passos ainda soavam como explosões de canhão aos ouvidos. Foi andando, mantendo-se perto da parede, até chegar à porta de Sebastian e entrar.

Estava escuro, a única iluminação vinha da luz da cidade penetrando as janelas, cujas cortinas estavam abertas. Estava uma bagunça, exatamente como na primeira vez em que esteve ali. Começou pelo armário, cheio de roupas caras — camisas de seda, jaquetas de couro, ternos Armani, sapatos Magli. No chão do armário havia uma camisa branca, amassada e manchada de

sangue, sangue antigo o suficiente para ter secado e escurecido. Clary olhou por um longo instante e fechou a porta do armário.

Em seguida, seguiu para a mesa, abrindo gavetas, remexendo papéis. Torcera para encontrar alguma coisa simples, como uma folha de papel pautada com MEU PLANO MALIGNO escrito no topo, mas não teve sorte. Havia dezenas de papéis com caracteres numéricos e alquímicos complexos, e até um papel de carta que começava com as palavras Minha bela escritas na letra pequena de Sebastian. Dedicou um instante a se perguntar quem no mundo poderia ser a bela de Sebastian — não o enxergava como alguém capaz de nutrir sentimentos românticos por ninguém — antes de partir para seu criado-mudo.

Abriu a gaveta. Dentro dela havia uma pilha de bilhetes. Sobre eles, algo brilhava. Algo circular e metálico.

Seu anel de fada.

Isabelle estava sentada com o braço em torno de Simon enquanto dirigiam de volta ao Brooklyn. Ele estava exausto, a cabeça latejando, o corpo todo dolorido. Apesar de Magnus ter devolvido o anel no lago, ele não tinha conseguido falar com Clary. E o pior de tudo é que estava com fome. Gostava da proximidade de Isabelle, da maneira como apoiava a mão logo acima da dobra do seu cotovelo, traçando linhas ali, às vezes deslizando os dedos até o pulso. Mas o cheiro dela — perfume e sangue — fez seu estômago roncar.

Estava começando a escurecer lá fora, o pôr do sol do fim de outono, que trazia cedo a escuridão, diminuindo a iluminação no interior da cabine da picape. As vozes de Alec e Magnus eram murmúrios nas sombras. Simon permitiu que seus olhos fechassem, vendo a imagem do Anjo marcada no fundo das pálpebras, uma explosão de luz branca.

Simon! A voz de Clary explodiu em sua cabeça, acordando-o instantaneamente. Está aí?

Um arquejo profundo escapou dos seus lábios.

Clary? Eu estava tão preocupado...

Sebastian me tomou o anel, Simon. Talvez não tenhamos muito tempo. Preciso contar. Eles têm um segundo Cálice Mortal. Planejam invocar Lilith e criar um exército de Caçadores de Sombras do mal — com os mesmos poderes dos Nephilim, mas aliados ao mundo dos demônios.

— Está brincando — disse Simon. Levou um instante para perceber que tinha falado em voz alta. Isabelle se mexeu contra ele, e Magnus o olhou, curioso.

— Tudo bem, vampiro?

— É Clary — respondeu Simon. Os três o olharam com expressões atônitas idênticas. — Está tentando falar comigo. — Colocou as mãos nos ouvidos, encolhendo-se no assento e tentando se concentrar nas palavras.

Quando vão fazer isso?

Hoje à noite. Não sei exatamente onde estamos, mas são mais ou menos dez da noite aqui.

Então está cinco horas à frente da gente. Está na Europa?

Não consigo nem imaginar. Sebastian mencionou alguma coisa chamada Sétimo Sítio Sagrado. Não sei o que é isso, mas encontrei algumas anotações, e aparentemente é algum túmulo antigo. Parece uma espécie de entrada e dá para evocar demônios através dela.

Clary, nunca nem ouvi falar em nada assim...

Mas Magnus e os outros talvez sim. Por favor, Simon. Conte a eles o mais rápido possível. Sebastian vai ressuscitar Lilith. Ele quer guerra, uma guerra total com os Caçadores de Sombras. Ele tem quarenta ou cinquenta dos Nephilim prontos para segui-lo. Estarão todos lá. Simon, ele quer destruir o mundo. Temos de fazer tudo para impedir.

Se as coisas estão tão perigosas, você precisa sair daí.

Clary soava cansada.

Estou tentando. Mas pode ser tarde demais.

Simon só estava vagamente ciente do fato de que todos na caminhonete olhavam para ele, com os rostos carregados de preocupação. Não se importou com isso. A voz de Clary em sua mente parecia uma corda arremessada em um abismo, e se ele conseguisse agarrar a ponta, talvez pudesse puxá-la de volta à segurança, ou pelo menos impedi-la de escorregar.

Clary, ouça. Não posso contar como, pois é uma história muito longa, mas temos uma arma. Pode ser utilizada em Jace ou Sebastian sem que o outro se machuque e, de acordo com... a pessoa que nos deu, pode ser capaz de separá-los.

Separá-los? Como?

Ele disse que queimaria o mal de dentro daquele em quem a utilizássemos. Então, se atingirmos Sebastian, suponho, queimaria o laço entre eles, pois este laço é maligno. Simon sentiu a cabeça latejar, e torceu para que soasse mais confiante do que de fato se sentia. Não tenho certeza. Mas é muito poderosa. Chama-se Gloriosa.

E a gente usaria contra Sebastian? E isso queimaria o laço entre os dois, sem matá-los?

Bem, a ideia é essa. Quero dizer, existe a chance de que destrua Sebastian. Depende de quanto bem ele ainda tem dentro dele. "Se ele for mais do Inferno que do Céu", acho que foi o que o Anjo disse...

O Anjo? O tom de alarme de Clary era palpável. Simon, o que você...

A voz dela sumiu, e Simon foi subitamente invadido por um clamor de emoção — surpresa, raiva, pavor. Dor. Gritou, sentando-se.

Clary?

Mas obteve apenas silêncio, soando em sua mente.

Clary!, gritou. Em seguida, falou em voz alta:

— Droga. Ela sumiu de novo.

— O que aconteceu? — perguntou Isabelle. — Ela está bem? O que está havendo?

— Acho que temos muito menos tempo do que imaginávamos — declarou Simon, com uma voz mais calma do que o que estava sentindo. — Magnus, encoste a picape. Precisamos conversar.

— Então — disse Sebastian, preenchendo a entrada ao olhar para Clary. — Seria um déjà vu se eu perguntasse o que você está fazendo no meu quarto, irmãzinha?

Clary engoliu em seco. A luz no corredor brilhava forte atrás de Sebastian, transformando-o em uma silhueta. Ela não conseguiu enxergar a expressão no rosto dele.

— Procurando por você? — arriscou.

— Está sentada na minha cama — disse ele. — Achou que eu estivesse embaixo?

— Eu...

Ele entrou no quarto; caminhando, na verdade, como se soubesse de algo que ela não sabia. Algo que mais ninguém sabia.

— Então, por que está me procurando? E por que não se vestiu para a cerimônia?

— O vestido — disse ela. — Não... me cabe.

— Claro que cabe — Sebastian respondeu, sentando na cama ao lado dela. Virou-se para ela, de costas para a cabeceira da cama. — Tudo naquele quarto cabe em você. O vestido também deve caber.

— É de seda e chiffon. Não estica.

— Você é magrinha. Não deveria ter de esticar. — Sebastian pegou o pulso direito de Clary, e ela encolheu os dedos, tentando desesperadamente esconder o anel. — Olhe, consigo envolver seu pulso com meus dedos.

A pele dele era quente contra a dela, enviando pontadas agudas para os seus nervos. Lembrou-se de como, em Idris, o toque de Sebastian a queimou como se fosse ácido.

— O Sétimo Sítio Sagrado — disse ela, sem olhar para ele. — Foi para lá que Jace foi?

— Foi. Mandei que ele fosse na frente. Está preparando tudo para nossa chegada. Vamos encontrá-lo lá.

O coração de Clary afundou no peito.

— Ele não vai voltar?

— Não antes da cerimônia. — Clary viu a ponta curva do sorriso de Sebastian. — O que é uma boa coisa, porque ele ficaria muito decepcionado quando eu contasse sobre isto. — Deslizou rapidamente a mão sobre a dela, esticando os dedos da irmã. O anel dourado brilhava ali, como um sinal de fogo. — Achou que eu não fosse reconhecer o trabalho das fadas? Pensa que a Rainha é tola o bastante para pedir que você fosse buscar estes anéis para ela sem saber que os guardaria para si? Ela queria que você o trouxesse para cá, onde eu o encontraria. — Ele tirou o anel dela com um sorriso.

— Você esteve em contato com a Rainha? — perguntou Clary. — Como?

— Com este anel — ronronou Sebastian, e Clary se lembrou da Rainha declarando, com sua voz doce e aguda: Jonhathan Morgenstern pode ser um grande aliado. O Povo das Fadas é antigo; não tomamos decisões precipitadas, mas esperamos para ver em que direção sopram os ventos. — Realmente acha que ela deixaria que você pusesse as mãos em alguma coisa que permitisse que se comunicasse com seus amiguinhos sem que ela conseguisse ouvir? Desde que o tirei de você, falei com ela, ela falou comigo, você foi uma tola em confiar nela, irmãzinha. Ela gosta de ficar do lado vencedor, a Rainha Seelie. E esse lado será o nosso, Clary. Nosso. — A voz de Sebastian estava suave e baixa. — Esqueça-os, seus amigos Caçadores de Sombras. Seu lugar é conosco. Comigo. Seu sangue pede poder, assim como o meu. O que quer que sua mãe tenha feito para distorcer sua consciência, você sabe quem é. — Ele a pegou pelo pulso novamente, puxando-a para perto de si. — Jocelyn fez todas as escolhas erradas. Ficou ao lado da Clave e contra a própria família. Esta é sua chance de reparar o erro dela.

Tentou libertar o braço.

— Solte-me, Sebastian. Estou falando sério.

A mão dele subiu pelo braço dela, envolvendo a parte superior com os dedos.

— Você é uma coisinha. Quem imaginaria que você teria tanto fogo? Principalmente na cama.

Clary se levantou com um salto, afastando-se dele.

— O que você disse?

Ele também ficou de pé, curvando os cantos dos lábios. Era tão mais alto do que ela, quase da exata altura de Jace. Inclinou-se para perto dela ao falar, a voz baixa e áspera:

— Tudo que marca Jace me marca — disse. — Até suas unhas. — Ele continuava sorrindo. — Oito arranhões paralelos nas minhas costas, irmãzinha. Está dizendo que não foi você que fez?

Houve uma débil explosão na mente dela, como fogos de fúria. Olhou para o rosto sorridente dele e pensou em Jace, em Simon, e nas palavras que tinham acabado de trocar. Se a Rainha realmente conseguisse escutar as conversas, então talvez já soubesse sobre a Gloriosa. Mas Sebastian, não. E nem poderia.

Ela arrancou o anel da mão e o arremessou no chão. Escutou o grito do irmão, mas já tinha afundado o pé com tudo, sentindo o anel ceder e o ouro virar pó.

Ele a olhou incrédulo quando ela tirou o pé de cima do objeto.

— Você...

Clary recolheu a mão direita, a mais forte, e o socou no estômago.

Ele era mais alto, mais largo e mais forte do que ela, mas Clary contou com o elemento surpresa. Ele se curvou, arquejando, e Clary puxou a estela do cinto de armas do irmão. E correu.

Magnus virou o volante tão depressa que os pneus cantaram. Isabelle gritou. Bateram no acostamento da estrada, sob a sombra de um bosque de árvores parcialmente despidas.

Em seguida as portas se abriram, e todos estavam saltando. O sol se punha, e os faróis da picape estavam acesos, iluminando todos com um brilho sinistro.

— Muito bem, vampiro — disse Magnus, balançando a cabeça forte o bastante para soltar purpurina. — Que diabos está acontecendo?

Alec se apoiou no carro enquanto Simon explicava, repetindo a conversa que tivera com Clary o mais precisamente possível, antes que tudo se perdesse em sua mente.

— Ela falou alguma coisa sobre sair e levar Jace de lá? — perguntou Isabelle quando Simon concluiu o relato, com o rosto pálido à luz amarelada dos faróis.

— Não — respondeu. — E Iz... não acho que Jace queira sair. Ele quer estar onde está.

Isabelle cruzou os braços e olhou para baixo, os cabelos negros caindo sobre o rosto.

— Que história é essa de Sétimo Sítio Sagrado? — perguntou Alec. — Sei sobre as Sete Maravilhas do Mundo, mas Sete Sítios Sagrados?

— São mais do interesse de feiticeiros do que dos Nephilim — disse Magnus. — Cada um é um local onde Linhas Ley convergem, formando uma matriz, uma espécie de rede na qual feitiços mágicos são amplificados. O sétimo é um túmulo na Irlanda, em Poll na mBrón; o nome quer dizer "a caverna dos lamentos". Fica em uma área erma e desabitada chamada Burren. Um bom lugar para invocar um demônio, se for grande. — Mexeu numa mecha espetada de cabelo. — Isto é ruim. Muito ruim.

— Acha que ele consegue? Fabricar... Caçadores de Sombras malignos? — perguntou Simon.

— Tudo tem uma aliança, Simon. A aliança dos Nephilim é seráfica, mas se fosse demoníaca, continuariam sendo tão poderosos quanto são. Mas se dedicariam ao fim da raça humana e não à sua salvação.

— Precisamos ir para lá — disse Isabelle. — Temos de impedi-los.

— "Impedi-lo", você quer dizer — lembrou Alec. — Temos de contê-lo. Sebastian.

— Jace é aliado dele agora. Precisa aceitar isso, Alec — disse Magnus. Uma garoa suave começou a cair. As gotas brilhavam como ouro à luz dos faróis. — Na Irlanda, são cinco horas a mais do que aqui, mais ou menos. Vão executar a cerimônia à meia-noite. São cinco da tarde aqui. Temos uma hora e meia, duas no máximo, para detê-los.

— Então não deveríamos esperar. Deveríamos ir logo — disse Isabelle, com uma ponta de pânico na voz. — Se vamos impedi-lo...

— Iz, somos apenas quatro — disse Alec. — Não sabemos nem quantas pessoas teremos de enfrentar...

Simon olhou para Magnus, que estava assistindo a Isabelle e Alec discutirem, com uma

expressão estranhamente alheia.

— Magnus — disse Simon. — Por que não fomos para a fazenda por um Portal? Você transportou metade de Idris para Brocelind.

— Queria lhes dar tempo o suficiente para desistirem — respondeu Magnus, sem tirar os olhos do namorado.

— Mas podemos ir de Portal daqui — disse Simon. — Quero dizer, você poderia fazer isso por nós.

— Poderia — concordou. — Mas, como disse Alec, não sabemos o que vamos enfrentar em termos de número. Sou um feiticeiro bastante poderoso, mas Jonathan Morgenstern não é um Caçador de Sombras comum, nem Jace, por sinal. E se conseguirem invocar Lilith... ela estará muito mais fraca do que antes, mas ainda assim, será Lilith.

— Mas ela está morta — argumentou Isabelle. — Simon a matou.

— Demônios Maiores não morrem — explicou Magnus, novamente. — Simon... a espalhou entre mundos. Ela vai levar tempo para se reconstituir, e ficará fraca por anos. A não ser que Sebastian a chame mais uma vez. — Magnus passou a mão pelos cabelos arrepiados molhados.

— Temos a espada — disse Isabelle. — Podemos acabar com Sebastian. Temos Magnus, e Simon...

— Não sabemos nem se a espada vai funcionar — disse Alec. — E não nos servirá de nada se não conseguirmos chegar a Sebastian. E Simon não é mais o Sr. Indestrutível. Pode ser morto como todos nós.

Todos olharam para Simon.

— Precisamos tentar — disse. — Vejam... não sabemos quantas pessoas estarão lá. Temos pouco tempo. Não muito, mas o suficiente, se usarmos um Portal, para obter alguns reforços.

— Reforços de onde? — perguntou Isabelle.

— Eu vou até o apartamento atrás de Maia e Jordan — disse Simon, sua mente percorrendo rapidamente as possibilidades. — Vejo se Jordan consegue assistência da Praetor Lupus. Magnus, vá até a delegacia de polícia, veja como convocar os integrantes do bando que estiverem por perto. Isabelle e Alec...

— Está nos dividindo? — perguntou Isabelle, elevando a voz. — E mensagens de fogo, ou...

— Ninguém vai confiar em uma mensagem de fogo quando o assunto é esse — interrompeu Magnus. — Além disso, mensagens de fogo são para Caçadores de Sombras. Realmente quer comunicar esta informação à Clave por mensagem de fogo em vez de ir pessoalmente ao Instituto?

— Está bem. — Isabelle foi para a lateral do carro. Abriu a porta, mas não entrou: em vez disso, esticou o braço e pegou a Gloriosa.

A espada brilhou à luz fraca como um raio, as palavras gravadas na lâmina piscando sob a luz

do carro: Quis ut Deus?

A chuva estava começando a fazer o cabelo de Isabelle grudar na nuca. Ela estava linda ao caminhar de volta para o grupo.

— Então deixamos o carro aqui. Vamos nos dividir, mas nos encontramos no Instituto daqui a uma hora. Que é quando partiremos com quem quer que esteja conosco. — Olhou nos olhos dos companheiros, um por um, desafiando-os a contestá-la. — Simon, leve isto.

Estendeu a Gloriosa, com o cabo na direção do vampiro.

— Eu? — Simon se espantou. — Mas eu não... Nunca usei uma espada antes.

— Você a invocou — disse Isabelle, com os olhos escuros brilhantes na chuva. — O Anjo a deu a você, Simon, e você será o guardião.

Clary correu pelo corredor e pisou nos degraus com estrondo, correndo para o andar de baixo, para o ponto na parede onde Jace disse que ficava a única entrada e a única saída do apartamento.

Não tinha ilusões de que poderia escapar. Precisava apenas de alguns instantes para fazer o que tinha de ser feito. Ouviu as botas de Sebastian pisando forte na escada de vidro atrás dela e aumentou a velocidade, quase batendo na parede. Encostou a ponta da estela, desenhando freneticamente: um desenho tão simples quanto uma cruz, novo para o mundo...

O punho de Sebastian se fechou nas costas do casaco de Clary, puxando-a para trás, e a estela voou da mão da irmã. Ela engasgou quando ele a levantou e a jogou contra a parede, deixando-a sem fôlego. Sebastian olhou para a marca que ela tinha feito na parede, e seus lábios se curvaram em uma careta.

— O Símbolo de Abertura? — disse. Inclinou-se para a frente e sibilou no ouvido dela: — E você sequer o concluiu. Não que isso tenha importância. Acha mesmo que existe algum lugar nesse mundo para o qual possa ir onde eu não vá encontrá-la?

Clary respondeu com um epíteto que a teria feito ser expulsa da sala no St. Xavier. Quando Sebastian começou a rir, Clary levantou a mão e deu um tapa na cara dele com tanta força que os dedos doeram. Com a surpresa, ele afrouxou as mãos que a seguravam, e Clary se afastou e saltou sobre a mesa, correndo para o quarto do andar de baixo, que ao menos tinha uma tranca na porta...

E ele apareceu na frente dela, agarrando as laterais da jaqueta e girando-a. Os pés voaram de baixo dela, e Clary teria caído se ele não a tivesse prendido à parede com o corpo, com os braços em ambos os lados, formando uma jaula ao seu redor.

O sorriso de Sebastian era diabólico. O menino estiloso que caminhou pelo Sena, tomou chocolate quente e conversou sobre pertencer a algum lugar desaparecera. Os olhos estavam completamente negros, sem pupilas, como túneis.

— O que foi, irmãzinha? Você parece chateada.

Ela mal conseguiu recuperar o fôlego.

— Estraguei... meu... esmalte batendo nessa sua... cara horrível. Viu? — Mostrou o dedo, apenas um dedo.

— Que gracinha — riu. — Sabe como sei que nos trairia? Como sei que não conseguiria evitar? Porque você se parece demais comigo.

Ele a apertou ainda mais forte contra a parede. Ela sentiu o peito de Sebastian subir e descer contra o dela. Estava com os olhos na altura da linha afiada e reta da clavícula do irmão. O corpo dele parecia uma prisão em volta do dela, mantendo-a no lugar.

— Não sou nada como você. Solte-me...

— Você é inteiramente como eu — rosnou ao ouvido dela. — Infiltrou-se aqui. Fingiu amizade, fingiu se importar.

— Nunca tive de fingir que me importo com Jace.

Clary viu alguma coisa brilhar nos olhos dele naquele instante, um ciúme sombrio, e ela sequer soube de quem. Ele colocou os lábios na bochecha dela, perto o bastante para que Clary os sentisse se movendo contra sua pele quando ele falou.

— Você nos ferrou — murmurou Sebastian. Sua mão envolvia o braço esquerdo de Clary como um torno; começou a abaixá-la, devagar. — Provavelmente ferrou Jace... literalmente.

Clary não conseguiu evitar, se encolheu. Sentiu Sebastian respirar fundo.

— Foi isso — disse ele. — Dormiu com ele. — Soou quase traído.

— Não é da sua conta.

Sebastian agarrou o rosto dela, virando-a para ele, enterrando os dedos no queixo da irmã.

— Não pode transar com uma pessoa até torná-la boa. Mas belo movimento sem coração, no entanto. — A boca adorável de Sebastian se curvou em um sorriso frio. — Sabe que ele nem se lembra, não sabe? Ele pelo menos te divertiu? Porque eu teria.

Ela sentiu a bile na garganta.

— Você é meu irmão.

— Essas palavras não querem dizer nada para nós. Não somos humanos. As regras deles não se aplicam a nós. Leis estúpidas sobre quais DNAs não podem se misturar. São hipócritas, na verdade. Já somos experimentos. Os governantes do antigo Egito costumavam se casar com irmãos, você sabe. Cleópatra se casou com o dela. Fortalece a linha de sucessão.

Ela o olhou com desprezo.

— Sabia que você era louco — disse. — Mas não sabia que estava absoluta, espetacularmente fora de si.

— Oh, não acho que haja nada de louco nisso. A quem pertencemos, senão um ao outro?

— Jace — disse ela. — Pertenço a Jace.

Sebastian emitiu um ruído de desprezo.

— Pode ficar com Jace.

— Pensei que precisasse dele.

— Preciso. Mas não para o que você precisa. — De repente estava com as mãos na cintura de Clary. — Podemos dividi-lo. Não ligo para o que fizerem. Contanto que você saiba que pertence a mim.

Ela levantou as mãos, com a intenção de empurrá-lo.

— Não pertenço a você. Pertenço a mim.

O olhar dele a congelou no lugar.

— Acho que é mais esperta do que isso — falou, e beijou-lhe a boca, com força.

Por um instante Clary voltou a Idris, na frente do solar Fairchild queimado. Sebastian a estava beijando e ela teve a sensação de estar caindo na escuridão, em um túnel sem fim. Na ocasião, ela achou que havia algo de errado com ela. Que não conseguisse beijar ninguém além de Jace. Que estava quebrada.

Agora sabia. A boca de Sebastian se moveu na dela, dura e fria como uma navalha no escuro, então ela ficou na ponta dos pés e mordeu o lábio do irmão com força.

Ele gritou e girou para longe dela, levando a mão à boca. Clary sentiu o gosto do sangue de Sebastian, cobre amargo; pingou pelo queixo dele enquanto a olhava com olhos incrédulos.

— Você...

Clary girou e o chutou com força na barriga, torcendo para que ainda estivesse dolorida do soco de antes. Enquanto Sebastian se curvava, ela passou disparada por ele, correndo para a escada. Estava na metade do caminho quando o sentiu agarrá-la pelo colarinho. Ele virou a irmã, como se estivesse girando um taco de beisebol, arremessando-a contra a parede. Ela bateu com força e caiu de joelhos, perdendo o ar.

Sebastian foi em direção a ela, as mãos flexionadas nas laterais, os olhos brilhando, negros como os de um tubarão. Parecia assustador; Clary sabia que deveria estar apavorada, mas um desprendimento frio e vítreo a dominou. O tempo pareceu desacelerar. Lembrou-se da luta na loja de quinquilharias em Praga, de como havia desaparecido no próprio mundo, onde cada movimento era preciso como os de um relógio. Sebastian esticou o braço para ela, e ela empurrou o próprio corpo contra o chão, movimentando as pernas de lado enquanto levantava, dando uma rasteira que levantou Sebastian do chão.

Ele caiu para a frente, e ela rolou para fora do caminho, levantando-se. Não perdeu tempo tentando correr desta vez. Em vez disso, pegou o vaso de porcelana da mesa e, enquanto Sebastian se levantava, lançou-o contra sua cabeça. O vaso estilhaçou, entornando água e folhas, e ele cambaleou para trás, sangue brotando em seus cabelos branco-prata.

Ele rosnou e saltou para cima dela. Foi como ser atingida por uma bola de demolição. Clary voou para trás, destruindo a mesa de vidro, e caiu no chão em uma explosão de cacos e agonia.

Ela gritou quando Sebastian aterrissou nela, empurrando seu corpo contra o vidro quebrado, os lábios retraídos em um rosnado. Desceu o braço em um movimento inverso e bateu na cara dela. O sangue a cegou; Clary engasgou com o gosto na boca, o sal ardeu em seus olhos. Ela levantou o joelho, acertando-o na barriga, mas foi como chutar uma parede. Sebastian agarrou as mãos da irmã, forçando-as nas laterais do corpo.

— Clary, Clary, Clary — disse. Estava ofegante. Pelo menos, tinha dado um cansaço nele. Sangue corria em um rastro lento de um corte na lateral da cabeça, manchando os cabelos de vermelho. — Nada mau. Você não era uma grande combatente em Idris.

— Saia de cima de mim...

Ele abaixou o rosto para perto do dela. Botou a língua para fora. Ela tentou se afastar, mas não conseguiu ser rápida o suficiente quando ele lambeu o sangue do seu rosto e sorriu. O sorriso abriu o lábio de Sebastian, e mais sangue escorreu pelo queixo.

— Você me perguntou a quem pertenço — sussurrou. — Pertenço a você. Seu sangue é meu sangue, seus ossos, meus ossos. Na primeira vez em que me viu, pareci familiar, não foi? Exatamente como você pareceu familiar a mim.

Ela o encarou.

— Você está louco.

— Está na Bíblia — falou. — O cântico de Salomão. "Tu violentaste meu coração, minha irmã, minha esposa; violentaste meu coração com um de teus olhos, com uma corrente do teu pescoço." — Os dedos de Sebastian esfregaram sua garganta, se enrolando no cordão ali, o cordão do qual se pendurava o anel Morgenstern. Ficou imaginando se ele a enforcaria. — "Eu durmo, mas meu coração desperta: é a voz da minha amada que bate, dizendo, Abra para mim, minha irmã, meu amor." — O sangue de Sebastian pingou no rosto dela. Ela manteve a face imóvel, o corpo chiando com o esforço, enquanto a mão escorregava para a garganta, pela lateral, até a cintura. Deslizou os dedos para dentro da cintura da calça. Tinha a pele quente, ardente; Clary pôde sentir que ele a queria.

— Você não me ama — disse ela. Sua voz soou fraca; ele estava forçando para fora o ar de seus pulmões.

Lembrou-se do que a mãe tinha dito, que todas as emoções demonstradas por Sebastian eram forjadas. Os pensamentos de Clary estavam claros como cristais; ela agradeceu silenciosamente à euforia da batalha por fazer o que tinha de ser feito e mantê-la concentrada enquanto Sebastian a enojava com seu toque.

— E você não liga para o fato de eu ser seu irmão — declarou. — Sei como se sentia em relação a Jace, mesmo quando achou que ele fosse seu irmão. Não pode mentir para mim.

— Jace é melhor do que você.

— Ninguém é melhor do que eu. — Sebastian sorriu, todo dentes brancos e sangue. — "Um

jardim anexo é minha irmã" — falou. — "Uma fonte fechada, um chafariz selado." Mas não mais, certo? Jace cuidou disso. — Ele mexeu no botão da calça jeans de Clary, que se aproveitou da distração para pegar um pedaço grande e triangular de vidro e enfiar a ponta no ombro dele.

O vidro deslizou pelos dedos de Clary, cortando-os. Ele gritou, indo para trás, mais por surpresa do que por dor — o uniforme o protegera. Ela apunhalou, desta vez com mais força, a coxa dele com o vidro. Quando Sebastian recuou, ela enfiou o cotovelo do outro braço na garganta dele. Ele caiu de lado, engasgando, e Clary rolou, prendendo-o sob ela enquanto puxava o caco da perna dele. Abaixou-o na direção da veia pulsante do pescoço dele — e parou.

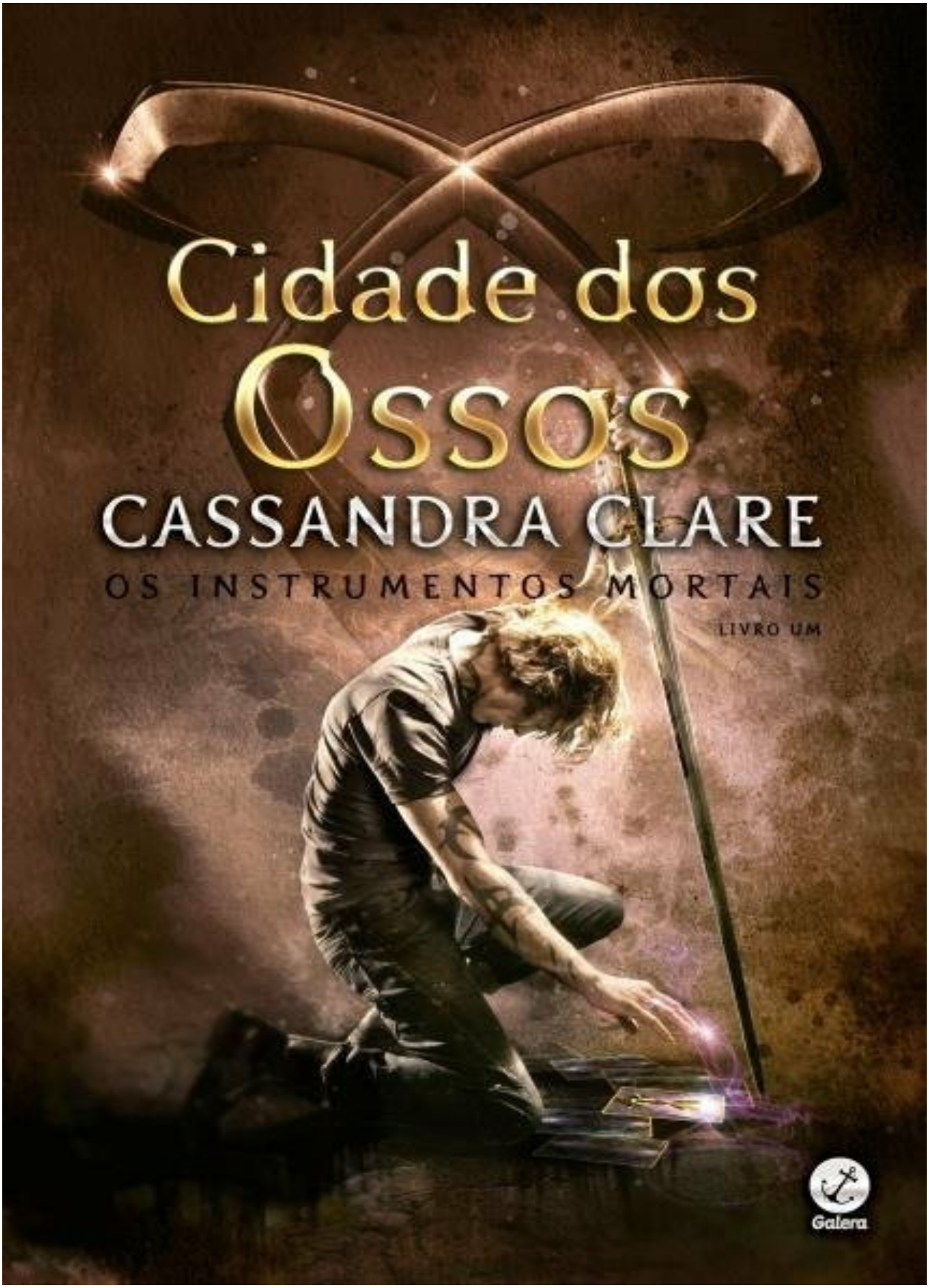
Sebastian ria. Estava embaixo dela, rindo, a risada vibrando pelo corpo de Clary. Estava com a pele suja de sangue — sangue dela, pingando nele, e o dele escorrendo do corte, os cabelos branco-prateados manchados. Ele permitiu que os braços caíssem para os lados do corpo, abertos como asas, um anjo quebrado, caído do céu.

Ele disse:

— Mate-me, irmãzinha. Mate-me e matará Jace também.

Ela usou o caco.


CASSANDRA CLARE
OS INSTRUMENTOS MORTAIS
Galera


Cidade dos
Ossos
CASSANDRA CLARE
OS INSTRUMENTOS MORTAIS
LIVRO UM
Galera

Parte 1

Faíscas Voam Para Cima

O homem nasce para a tribulação
como as faíscas voam para cima.

— Jó 5:7

Parte 2

Estrelas Brilham Sombriamente

ANTONIO: Não ficarás mais? Tampouco deseja que eu vá convosco?

SEBASTIAN: Por vossa paciência, não. Minhas estrelas brilham sombriamente sobre mim; a malevolência do meu destino pode, talvez, destemperar o vosso; portanto, devo almejar que me deixeis suportar meus males sozinho. Seria uma má recompensa que tivesse que enfrentar algum em nome do vosso amor.

— William Shakespeare, Noite de Reis.

Parte 3

O Caminho para o Paraíso

Oh, sim, sei que o caminho para o paraíso era fácil.

Encontramos o pequeno reino da nossa paixão Que podem compartilhar todos os que caminham pela estrada dos amantes.

Cambaleávamos numa felicidade selvagem e secreta; E deuses e demônios clamavam em nossos sentidos.

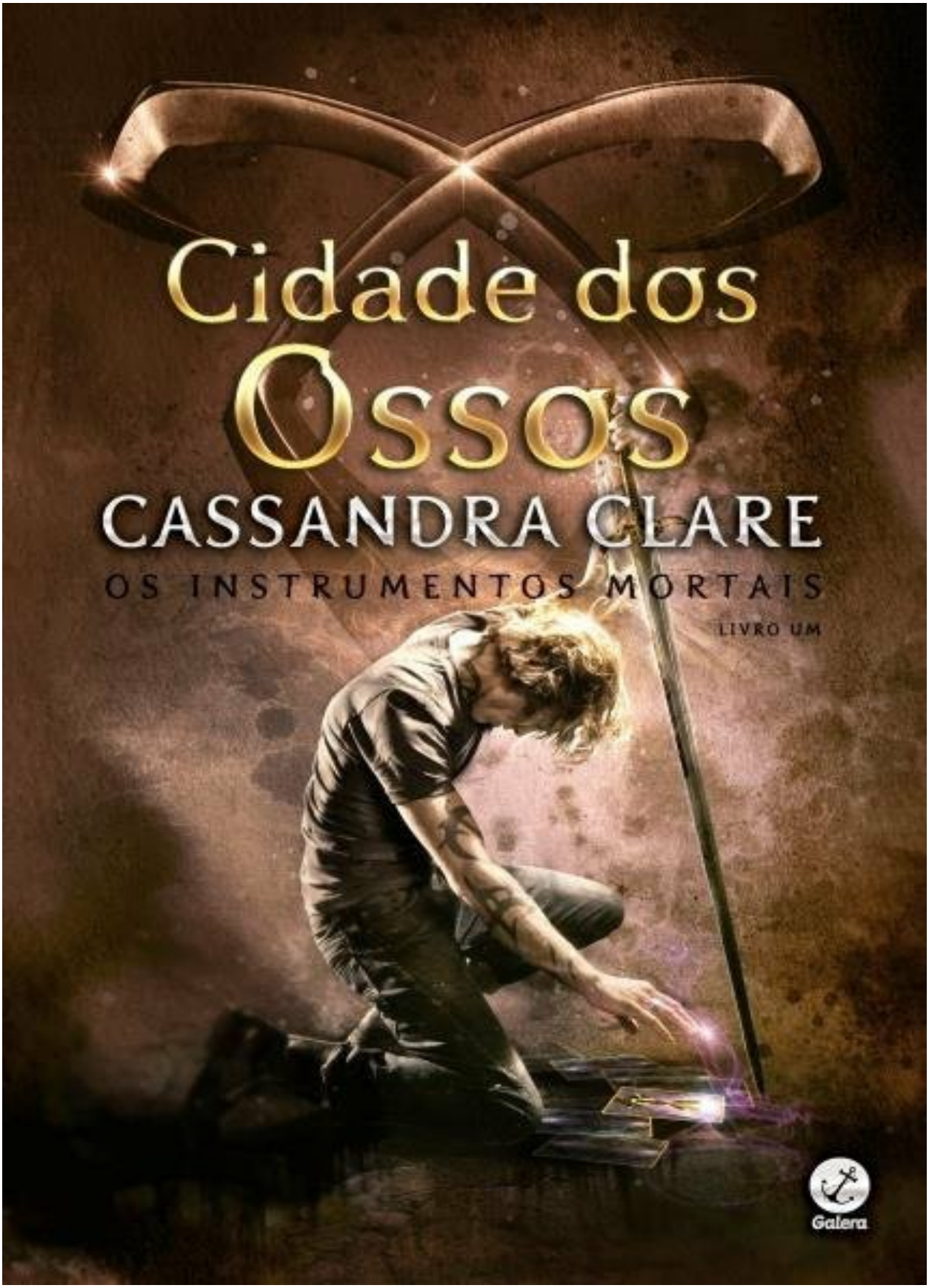
— Siegfried Sassoon, “O Amante Imperfeito”

Epílogo

Pelo Céu, com Estrelas

Amei-te, então arrastei estas correntes de homens para minhas mãos e escrevi minha vontade pelo céu com estrelas.

— T. E. Lawrence


Cidade dos
Ossos
CASSANDRA CLARE
OS INSTRUMENTOS MORTAIS
LIVRO UM
Galera

Obras da autora publicadas pela Editora Record:

Série Os Instrumentos Mortais: *Volume 1 – Cidade dos ossos*

Volume 2 – Cidade das cinzas

Volume 3 – Cidade de vidro

Volume 4 – Cidade dos anjos caídos Volume 5 – Cidade das almas perdidas Volume 6 – Cidade do fogo celestial Série As Peças Infernais

Volume 1 – Anjo mecânico

Volume 2 – Príncipe mecânico

Volume 3 – Princesa mecânica

Códex dos Caçadores de Sombras

CASSANDRA CLARE

OS INSTRUMENTOS MORTAIS

Cidade do Fogo Celestial

Tradução de
ANA RESENDE
RITA SUSSEKIND

1ª edição

Galera

2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

https://t.me/SBDLivros

https://t.me/StarBooksDigital

C541c

Clare, Cassandra, 1973—
Cidade do fogo celestial [recurso eletrônico] / Cassandra Clare ; tradução Rita Sussekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2014.
recurso digital (Os instrumentos mortais ; 6) Tradução de: City of Heavenly Fire Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
sumário,Agradecimentos, prólogo, Créditos ISBN 978-85-01-03903-3 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Sussekind, Rita. II. Resende, Ana. III.Título. IV. Série.

14-12604

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

City of Heavenly Fire: The Mortal Instruments Copyright © 2014 by Cassandra Clare, LLC

Os direitos desta tradução foram negociados mediante acordo com Barry Goldblatt Literary LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria S.L.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-03903-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Elias e Jonah

Agradecimentos

Quem eu amo sabe que é amado. Dessa vez quero agradecer a meus leitores, os quais permaneceram comigo durante toda esta saga que mais pareceu uma montanha-russa, e os quais enfrentaram todos os medos, as situações difíceis e emoções. Eu não trocaria vocês, de modo algum, pelo brilho do loft de Magnus.

Em Deus está a glória: E quando os homens a ela aspiram,
Não passa de uma centelha do fogo celestial.

— John Dryden, *Absalão e Aitofel*

1

A Porção do Cálice

— Imagine uma cena relaxante. A praia em Los Angeles, areia branca, água azul batendo, você caminhando na beira da praia...

Jace abriu um dos olhos.

— Isso parece *muito* romântico.

O garoto sentado à frente dele suspirou e passou as mãos pelo cabelo escuro bagunçado. Embora fosse um dia frio do mês de dezembro, os lobisomens não sentiam a temperatura tão intensamente quanto os humanos, e Jordan havia tirado a jaqueta e arregaçado as mangas da camisa. Eles estavam sentados frente a frente em um trecho de grama escurecida numa clareira do Central Park, ambos com as pernas cruzadas, as mãos nos joelhos e as palmas viradas para cima.

Uma rocha se projetava e se erguia no chão perto deles. Ela se partia em pedregulhos maiores e menores, e, acima de um dos pedregulhos maiores, estavam Alec e Isabelle Lightwood. Quando Jace ergueu os olhos, Isabelle o encarou e deu um aceno de incentivo. Alec, ao observar o gesto, deu um tapinha no ombro dela. Jace percebera que ele dera uma bronca em Izzy, provavelmente dizendo para ela não interromper sua concentração. Ele sorriu para si; nenhum deles realmente tinha uma razão para estar ali, mas foram mesmo assim, "para dar apoio moral". No entanto, Jace suspeitava que tivesse mais a ver com o fato de Alec odiar não ter o que fazer nesses dias, de Isabelle odiar que o irmão estivesse solitário e de ambos estarem evitando os pais e o Instituto.

Jordan estalou os dedos debaixo do nariz de Jace.

— Está prestando atenção?

Jace franziu a testa.

— Eu estava, até nós entrarmos no território dos anúncios classificados ruins.

— Ora, que tipo de coisa *faz* você se sentir calmo e em paz?

Jace tirou as mãos dos joelhos — a posição de lótus lhe dava câimbras nos pulsos — e se apoiou com os braços. O vento frio chacoalhava as poucas folhas secas que ainda estavam presas aos galhos das árvores, as quais apresentavam uma elegância frugal contra o céu pálido de inverno, como desenhos feitos com caneta e tinta.

— Matar demônios — falou ele. — Uma boa matança limpa é muito relaxante. As matanças bagunçadas são mais entediantes porque depois você precisa limpar tudo...

— Não. — Jordan ergueu as mãos. As tatuagens eram visíveis debaixo das mangas da camisa. *Shanti*, *shanti*, *shanti*. Jace sabia que isso significava "a paz que ultrapassa o entendimento" e que

a palavra deveria ser dita três vezes para acalmar a mente. Mas nada parecia acalmar a dele atualmente. O fogo em suas veias também acelerava o pensamento, as ideias surgiam depressa demais, uma depois da outra, como fogos de artifício estourando. Os sonhos eram tão vívidos e saturados de cores quanto pinturas a óleo. Ele tentara tirar aquilo de dentro de si, passara horas e horas na sala de treinamento, com sangue, hematomas, suor e, uma vez, com dedos quebrados. Mas não conseguira nada senão irritar Alec com pedidos de símbolos de cura e, em uma ocasião memorável, acidentalmente incendiou uma das vigas.

Foi Simon quem observou que o colega de quarto meditava todos os dias, e que tal hábito acalmava os ataques de raiva incontroláveis que costumavam ser parte da transformação em lobisomem. A partir daí, fora um pequeno salto para Clary sugerir que Jace "poderia muito bem tentar", e ali estavam eles, na segunda sessão. A primeira terminara com Jace deixando uma marca de queimadura no piso de madeira de Simon e Jordan, por isso, Jordan sugerira que eles ficassem ao ar livre para a segunda rodada, a fim de evitar mais danos à propriedade.

— Sem mortes — falou Jordan. — Estamos tentando fazer você ficar tranquilo. Sangue, mortes, guerra não são coisas tranquilas. Não há mais nada de que goste?

— Armas — falou Jace. — Eu gosto de armas.

— Estou começando a pensar que você tem um probleminha de filosofia pessoal aqui.

Jace inclinou-se para a frente, as palmas apoiadas na grama.

— Sou um guerreiro — disse ele — Fui criado como um guerreiro. Não tinha brinquedos, eu tinha armas. *Dormi* com uma espada de madeira até completar 5 anos. Meus primeiros livros foram sobre demonologias medievais, cheios de iluminuras. As primeiras canções que aprendi foram cânticos para banir demônios. Sei o que me dá paz, e não são praias nem gorjeios de passarinhos em florestas tropicais. Quero uma arma e uma estratégia para vencer.

Jordan olhou fixamente para ele.

— Então está dizendo que o que te dá paz é a guerra.

Jace jogou as mãos para o alto e ficou em pé, tirando a grama do jeans.

— Agora você entendeu. — Ele ouviu o estalo da grama seca e deu meia-volta, a tempo de ver Clary se abaixar através de uma abertura entre duas árvores e emergir na clareira, com Simon a apenas alguns passos atrás. Clary estava com as mãos nos bolsos traseiros da calça e ria.

Jace os observou por um instante. Havia alguma coisa em olhar pessoas que não sabiam que estavam sendo observadas. Ele se recordou da segunda vez que viu Clary, do outro lado do salão principal do Java Jones. Ela estava rindo e conversando com Simon do mesmo jeito que fazia agora. Ele se lembrou da pontada desconhecida de ciúme no peito, dificultando a respiração, e da sensação de satisfação quando ela abandonou Simon e foi conversar com ele.

As coisas mudaram. Ele deixara de ser consumido pelo ciúme de Simon e passara a ter um respeito relutante pela tenacidade e coragem do rapaz, até efetivamente considerá-lo um amigo,

embora duvidasse que um dia fosse capaz de dizer isso em voz alta. Jace observou quando Clary olhou por cima do ombro e soprou um beijo enquanto o cabelo vermelho balançava no rabo de cavalo. Ela era tão pequena, delicada, semelhante a uma boneca, pensara uma vez, antes de descobrir como a garota era forte.

Clary foi até Jace e Jordan, e Simon escalou o solo rochoso aos saltos, até o local em que Alec e Isabelle estavam sentados; ele desabou ao lado de Isabelle, que, no mesmo instante, se inclinou para dizer algo ao seu ouvido, a cortina de cabelos pretos encobrindo o rosto dela.

Clary parou na frente de Jace, balançando nos calcanhares com um sorriso.

— Como estão as coisas?

— Jordan quer que eu pense numa praia — comentou Jace, em tom de tristeza.

— Ele é teimoso — advertiu Clary. — Está dizendo que gosta disso.

— Não estou, não — retrucou Jace.

Jordan fez um barulho, mostrando desagrado.

— Se não fosse por mim, você estaria correndo pela Madison Avenue e atirando faíscas por todos os orifícios. — O garoto se pôs de pé, encolheu os ombros cobertos pelo casaco verde e falou para Clary: — Seu namorado é doido.

— É, mas ele é gostoso — retrucou Clary. — É isso.

Jordan fez uma careta de brincadeira.

— Vou cair fora. Tenho que encontrar Maia no centro. — Ele fez um gesto de despedida engraçadinho e foi embora, se enfiando entre as árvores e desaparecendo com o passo silencioso do lobo que era debaixo da própria pele. Jace observou sua partida. *Salvadores improváveis*, pensou. Seis meses atrás, ele não teria acreditado se alguém dissesse que ia acabar tendo aulas de comportamento com um lobisomem.

Jordan, Simon e Jace meio que tinham começado uma amizade nos últimos meses. Jace não conseguia evitar usar o apartamento deles como um refúgio, que o mantinha distante das pressões diárias do Instituto e distante das lembranças de que a Clave ainda não estava preparada para a guerra contra Sebastian.

Erchomai. A palavra tocou algum ponto da mente de Jace com a delicadeza de uma pena e o fez estremecer. Ele viu uma asa de anjo, arrancada do corpo, estirada numa poça de sangue dourado.

Estou chegando.

— O que houve? — perguntou Clary; Jace subitamente pareceu estar a milhões de quilômetros dali.

Desde que o fogo celestial entrara em seu corpo, ele tendia a divagar por mais tempo. Clary tinha a sensação de que era um efeito colateral pelo fato de ele reprimir as emoções. Ela sentiu

uma pontada de dor. Quando o conhecera, Jace era muito controlado e só um tiquinho de seu eu verdadeiro vazava pelas fissuras da armadura pessoal, como a luz passando pelas rachaduras de uma parede. Foi necessário um longo tempo para romper todas aquelas defesas. Agora, porém, o fogo em suas veias o obrigava a se controlar, a engolir as emoções em prol da segurança. Mas quando o fogo se extinguisse, será que ele seria capaz de demolir aquelas defesas?

Ele piscou; a voz dela o chamara de volta. O sol de inverno estava alto e frio e destacava os ossos do rosto de Jace, além de acentuar as olheiras. Ele esticou a mão para segurar a dela e respirou fundo.

— Você está certa — falou, usando uma voz baixa e mais séria que ele reservava apenas para ela. — Isto está ajudando... as lições com Jordan. Está ajudando, e eu gosto disto.

— Eu sei. — Clary segurou o pulso dele. A pele era quente sob o toque; ele parecia ter ficado alguns graus mais quente que o normal desde o encontro com a Gloriosa. O coração dele ainda batia no ritmo familiar, regular, mas o sangue nas veias parecia bombear com a energia cinética do fogo prestes a arder.

Ela ficou na ponta dos pés para beijar a bochecha dele, mas Jace se virou e os lábios se tocaram. Eles não tinham feito nada além de se beijar desde que o fogo queimara pela primeira vez no sangue dele, e mesmo isso era feito com muita cautela. Jace tomava cuidado agora, a boca roçando a dela delicadamente, a mão segurando o ombro. Por um momento, seus corpos se encontraram, e ela sentiu a batida e a pulsação do sangue dele. Jace a puxou para si, e uma faísca direta e forte passou no meio deles, como o zumbido de eletricidade estática.

Jace interrompeu o beijo e deu um passo para trás, com um suspiro. Antes que Clary pudesse dizer alguma coisa, um coro de aplausos sarcásticos irrompeu da colina mais próxima. Simon, Isabelle e Alec acenavam para eles. Jace fez uma mesura enquanto Clary dava um passo para trás, levemente constrangida, os polegares enfiados no cós do jeans.

Jace soltou um suspiro.

— Devemos nos juntar aos nossos amigos irritantes e voyeurs?

— Infelizmente, é o único tipo de amigos que nós temos. — Clary bateu o ombro contra o braço dele, e os dois se dirigiriam para as rochas. Simon e Isabelle estavam lado a lado e conversavam em voz muito baixa. Alec estava sentado um pouco afastado e fitava a tela de seu celular com uma expressão de concentração intensa.

Jace desabou ao lado de seu *parabatai*.

— Ouvi dizer que se você encarar tempo suficiente uma coisa dessas, ela toca.

— Ele mandou uma mensagem de texto para Magnus — explicou Isabelle, olhando por cima do ombro com ar de reprovação.

— Eu não — respondeu Alex automaticamente.

— Mandou, sim — retrucou Jace, e esticou o pescoço para olhar por cima do ombro de Alec.

— *E* está telefonando. Dá para ver as chamadas realizadas.

— É aniversário dele — explicou Alec, e fechou o telefone. Ele parecia menor nos últimos dias, quase esquelético no pulôver azul desbotado com furinhos nos cotovelos, e os lábios mordidos e rachados. Clary sentia pena dele. Depois que Magnus terminara com ele, Alec passara a primeira semana após o rompimento numa confusão de tristeza e descrença. Nenhum deles conseguia realmente acreditar. Ela sempre pensara que Magnus amava Alec, que realmente o amava; era evidente que Alec também tinha acreditado nisso. — Eu não queria que ele pensasse que eu não... que pensasse que eu me esqueci.

— Você está com saudades.

Alec deu de ombros.

— Olhe só quem fala: "Oh, eu a amo. Oh, ela é minha irmã. Oh, por quê, por quê, por quê..."

Jace jogou um punhado de folhas secas em Alec e fez o garoto cuspir.

Isabelle estava rindo.

— Você sabe que ele tem razão, Jace.

— Me passe o telefone — disse Jace, ignorando Isabelle. — Ande, Alexander.

— Não é da sua conta — falou Alec e afastou o celular. — Esquece isso tudo, está bem?

— Você não come, não dorme, fica olhando para o telefone, e eu é que tenho que *esquecer* tudo isso? — retrucou Jace.

Havia uma quantidade surpreendente de agitação em sua voz. Clary sabia como a infelicidade de Alec o incomodava, mas não tinha certeza se Alec tinha noção disso. Em circunstâncias normais, Jace teria matado, ou ao menos ameaçado, qualquer um que magoasse Alec; mas agora era diferente. Jace gostava de vencer, mas não dava para vencer nada com o coração partido, mesmo que fosse o de outra pessoa. Mesmo que fosse de uma pessoa que você amasse.

Jace se inclinou e tirou o telefone da mão do *parabatai*. Alec protestou e esticou o braço para pegar o aparelho, mas Jace o afastou com uma das mãos, rolando pela tela para ver as mensagens habilmente com a outra mão. "*Magnus, retorne a ligação. Preciso saber se você está bem...*" Ele balançou a cabeça.

— Tudo bem, não. Não mesmo. — Com um movimento decidido, quebrou o telefone ao meio. A tela ficou em branco enquanto Jace deixava as peças caírem no chão. — Pronto.

Alec baixou os olhos para as peças quebradas sem acreditar.

— Você QUEBROU meu TELEFONE.

Jace deu de ombros.

— Caras não permitem que outros caras fiquem ligando para outros caras. Tá, saiu errado. Amigos não deixam que amigos fiquem ligando para ex-namorados e depois desligando. Sério. Você tem que parar.

Alec parecia furioso.

— Então você quebrou meu telefone novinho em folha? Valeu mesmo.

Jace sorriu com serenidade e se recostou na rocha.

— De nada.

— Veja o lado bom — emendou Isabelle. — Você não vai mais receber as mensagens da mamãe. Ela me enviou seis hoje. Eu desliguei o telefone. — E ela bateu no bolso com um olhar expressivo.

— O que ela quer? — perguntou Simon.

— Reuniões constantes — falou Isabelle. — Tomar depoimentos. A Clave continua querendo ouvir o que aconteceu quando enfrentamos Sebastian em Burren. Todos nós temos que dar informações, tipo, umas cinquenta vezes. Como Jace absorveu o fogo celestial da Gloriosa. Descrições dos Caçadores de Sombras malignos, do Cálice Infernal, das armas que eles usaram, dos símbolos que estavam marcados neles. O que vestiam, o que Sebastian vestia, o que *todo mundo* vestia... tipo tele-sexo, só que chato.

Simon fez um barulho de quem se engasgava.

— O que achamos que Sebastian quer — continuou Alec. — Quando ele vai voltar. O que vai fazer quando voltar.

Clary apoiou os cotovelos nos joelhos.

— É sempre bom saber que a Clave tem um plano cuidadoso e confiável.

— Eles não querem acreditar — falou Jace, e fitou o céu. — Esse é o problema. Não importa quantas vezes contemos o que vimos em Burren. Nem quantas vezes digamos o quanto os Crepusculares são perigosos. Eles não querem acreditar que os Nephilim realmente poderiam ser corrompidos. Esses Caçadores de Sombras poderiam matar os Caçadores de Sombras.

Clary presenciara quando Sebastian criara os primeiros Crepusculares. Ela vira a expressão vazia em seus olhos, a fúria com que lutavam. Eles a apavoravam.

— Eles não são mais Caçadores de Sombras — acrescentou ela em voz baixa. — Aliás, nem *pessoas* eles são mais.

— É difícil acreditar, se você não viu — disse Alec. — E Sebastian tem poucos deles. Um grupo pequeno, disperso... eles não querem acreditar que seja uma ameaça de fato. Ou, se for uma ameaça, preferem acreditar que é uma ameaça maior para nós, para Nova York, mas não para os Caçadores de Sombras como um todo.

— Eles não estão errados: se Sebastian se importa com alguma coisa é com Clary — falou Jace, e Clary sentiu um calafrio na espinha, uma mistura de nojo e apreensão. — Ele não possui emoções de fato. Não como nós. Mas, se as tivesse, ele as teria por causa dela. E por causa de Jocelyn. Ele a *odeia*. — Jace fez uma pausa, com ar pensativo. — Mas não acho que tentaria um ataque direto. Seria muito... óbvio.

— Espero que você tenha dito isso à Clave — falou Simon.

— Umas mil vezes — informou Jace. — Não creio que tenham muita consideração pelas minhas ideias.

Clary baixou o olhar para as próprias mãos. Tinha sido interrogada pela Clave, assim como o restante deles, e respondera a todas as perguntas. No entanto ainda havia coisas sobre Sebastian que ela não revelara, que não contara a ninguém. As coisas que ele dissera querer dela.

Ela não havia sonhado muito desde que eles voltaram de Burren com as veias de Jace cheias de fogo, mas quando tinha pesadelos, eram sobre o irmão.

— É como tentar lutar contra um fantasma — falou Jace. — Eles não são capazes de rastrear Sebastian, não conseguem encontrá-lo nem encontrar os Caçadores de Sombras que ele transformou.

— Eles estão fazendo o que podem — disse Alec. — Estão reforçando as barreiras ao redor de Idris e Alicante. Todas as barreiras, na verdade. E enviaram dezenas de especialistas para a Ilha de Wrangel.

A Ilha de Wrangel era a sede de todas as barreiras do mundo, dos feitiços que protegiam o planeta, e Idris em especial, dos demônios e de invasões demoníacas. A rede de barreiras não era perfeita, por isso algumas vezes os demônios conseguiam passar por elas mesmo assim, mas Clary só seria capaz de imaginar a gravidade da situação se as barreiras não existissem.

— Ouvi mamãe dizer que os feiticeiros do Labirinto Espiral andaram procurando um meio de reverter os efeitos do Cálice Infernal — falou Isabelle. — Sem dúvida, seria mais fácil se eles tivessem cadáveres para estudar...

Ela parou a frase no meio; Clary sabia o porquê. Os corpos dos Caçadores de Sombras malignos abatidos em Burren tinham sido trazidos de volta à Cidade dos Ossos para que os Irmãos do Silêncio os examinassem. Porém isto jamais aconteceu. Da noite para o dia, os corpos entraram em decomposição até ficarem como cadáveres com décadas de putrefação. Não havia nada a fazer além de queimar os restos.

Isabelle recuperou a voz:

— E as Irmãs de Ferro estão fabricando armas em massa. Vamos receber milhares de lâminas serafim, espadas, *chakrams*, tudo... forjado no fogo celestial. — Ela olhou para Jace. Nos dias que se seguiram imediatamente à batalha em Burren, quando o fogo se espalhou pelas veias de Jace com violência suficiente para fazê-lo gritar algumas vezes por causa da dor, os Irmãos do Silêncio o examinaram repetidamente, o testaram com gelo e chamas, com metal bento e ferro frio, a fim de tentar ver se havia algum modo de retirar o fogo dele, de contê-lo.

Eles não encontraram nem sequer um modo. O fogo da Gloriosa, depois de capturado numa lâmina, parecia não ter pressa de habitar outra, nem de abandonar o corpo de Jace em troca de qualquer tipo de receptáculo, na verdade. O Irmão Zachariah dissera a Clary que, nos primórdios dos Caçadores de Sombras, os Nephilim tentaram capturar o fogo celestial dentro de uma arma,

algo que pudessem brandir contra os demônios. Jamais conseguiram, e, um dia, as lâminas serafim se tornaram as armas escolhidas. No fim, mais uma vez, os Irmãos do Silêncio tinham desistido. O fogo da Gloriosa contorcia-se nas veias de Jace como uma serpente, e, na melhor das hipóteses, ele só poderia ter esperanças de controlá-lo para não ser destruído por ele.

Ouviram o bipe alto de uma mensagem de texto chegando no celular; Isabelle tinha ligado o telefone.

— Mamãe diz para voltarmos ao Instituto agora — falou. — Tem uma reunião. Temos que participar. — A garota ficou em pé e espanou a terra do vestido. — Eu te convidaria para ir lá — disse ela a Simon —, mas sabe como é, tem aquela história de ser banido por ser um morto-vivo e tal.

— Eu me lembro disso — concordou Simon, e se pôs de pé. Clary fez um esforço para se levantar e estendeu a mão para Jace, que a aceitou e se levantou.

— Simon e eu vamos fazer compras de Natal — comentou ela. — E ninguém pode ir com a gente porque precisamos comprar os presentes de vocês.

Alec pareceu estar horrorizada.

— Ai, Deus. Então isso significa que preciso comprar presentes para vocês?

Clary balançou a cabeça.

— Caçadores de Sombras não… comemoram o Natal? — No mesmo momento, ela pensou no jantar desgastante de Ação de Graças na casa de Luke, quando pediram a Jace para cortar o peru e ele o abateu com uma espada até sobrarem pouco mais que alguns resquícios da ave. Talvez não.

— Nós trocamos presentes e comemoramos a mudança das estações — falou Isabelle. — Costumava haver uma celebração do Anjo no inverno, no dia em que os Instrumentos Mortais foram entregues a Jonathan Caçador de Sombras. Mas acho que os Caçadores de Sombras se aborreceram por serem deixados de lado em todas as comemorações mundanas, por isso muitos Institutos têm festas de Natal. A de Londres é a mais famosa. — A garota deu de ombros. — Mas não acho que a gente vá fazer isso... este ano.

— Ora. — Clary sentiu-se mal. Sem dúvida eles não queriam festejar o Natal depois de perder Max. — Bem, deixem ao menos a gente comprar presentes para vocês. Não é preciso ter uma festa ou coisa assim.

— Exato. — Simon ergueu os braços para o alto. — Tenho que comprar presentes de Chanuká. É obrigatório pela lei judaica. O Deus dos Judeus é um Deus zangado. E ele gosta muito de presentes.

Clary sorriu para ele. Estava ficando cada vez mais fácil dizer a palavra "Deus" ultimamente.

Jace suspirou e beijou Clary — um beijo breve de despedida na testa dela, mas que a fez estremecer. O fato de não poder tocar Jace nem beijá-lo de verdade estava começando a deixá-la

nervosa. Ela prometera a ele que isso nunca importaria, que o amaria mesmo que nunca pudessem voltar a se tocar, mas odiava isso, de qualquer forma, odiava sentir falta do modo reconfortante como seus corpos sempre se encaixavam.

— Vejo você mais tarde — prometeu Jace. — Vou voltar com Alec e Izzy...

— Não, você não vai, não — falou Isabelle inesperadamente. — Você quebrou o telefone de Alec. Tá certo que a gente queria fazer isso há várias semanas...

— ISABELLE — disse Alec.

— Mas o fato é, você é o *parabatai* de Alex e o único que não foi ver Magnus. Vá até lá e fale com ele.

— E digo o quê? — perguntou Jace. — Não dá para *convencer* as pessoas a não terminarem o namoro... ou talvez dê — emendou ele rapidamente ao ver a expressão de Alec. — Quem sabe? Vou tentar.

— Valeu. — Alec deu um tapinha no ombro de Jace. — Ouvi dizer que você sabe ser muito charmoso quando quer.

— Ouvi dizer a mesma coisa — falou Jace, e começou a correr de costas. Até fazendo isso ele ficava bem, pensou Clary com tristeza. E sexy. Definitivamente sexy. Ela ergueu a mão num aceno sem entusiasmo.

— Vejo você depois — gritou ela. *Se eu não morrer de frustração até lá.*

Os Fray nunca foram uma família religiosa, mas Clary adorava a Quinta Avenida na época do Natal. O ar tinha cheiro de castanhas torradas no açúcar, e as vitrines reluziam em prata e azul, verde e vermelho. Este ano havia imensos cristais de gelo pendurados em cada poste, e eles refletiam a luz invernal em feixes dourados. Isso sem mencionar a gigantesca árvore de Natal, no Rockefeller Center. Ela lançava sua sombra sobre eles quando Clary e Simon se esticaram pelo portão no lado do rinque de patinação, observando os turistas levando tombos enquanto tentavam se deslocar no gelo.

Clary segurava um chocolate quente, o calor da bebida se espalhando pelo corpo. Ela se sentia quase normal; isso: ir até a Quinta Avenida para ver as vitrines e a árvore era uma tradição de inverno para ela e Simon desde sempre.

— Parece os velhos tempos, não é? — comentou ele, ecoando os pensamentos dela enquanto apoiava o queixo nos braços cruzados sobre a grade.

A garota lhe deu uma olhadela de soslaio. Simon vestia um sobretudo e um cachecol pretos que destacavam a palidez da pele. Também tinha olheiras, o que indicava que não vinha se alimentando de sangue nos últimos dias. Ele parecia o que era: um vampiro cansado e faminto.

Bem, pensou ela. *Quase* como nos velhos tempos.

— Tem mais gente para comprarmos presentes — confessou ela. — Além disso, tem a

pergunta sempre traumática de o-que-comprar-para-alguém-no-primeiro-Natal-depois-do-início-do-namoro.

— O que comprar para o Caçador de Sombras que tem tudo — comentou Simon, e deu um sorriso.

— Jace gosta de armas mais do que tudo — falou Clary. — Gosta de livros, mas eles têm uma biblioteca imensa no Instituto. Também gosta de música clássica... — Seu rosto se iluminou. Simon era músico e, embora sua banda fosse horrível e sempre mudasse de nome (atualmente ela se chamava Suflê Mortal), ele tinha prática. — O que daria a alguém que gosta de tocar piano?

— Um piano.

— *Simon*.

— Um metrônomo imenso que também pudesse fazer as vezes de arma?

Clary suspirou, exasperada.

— Uma partitura. Rachmaninoff é bem difícil, mas ele gosta de um desafio.

— Boa ideia. Vou ver se tem alguma loja de música por aqui. — Clary, que já havia terminado de beber o chocolate quente, jogou o copo numa lata de lixo próxima e pegou o celular. — E quanto a você? O que vai dar para Isabelle?

— Não faço a menor ideia — respondeu Simon. Eles caminharam até a avenida, onde um fluxo constante de pedestres que olhavam as vitrines amontoava as ruas.

— Ora, o que é isso?! Isabelle é fácil.

— É da minha namorada que você está falando. — Simon franziu as sobrancelhas. — Eu acho. Não tenho certeza. Nós não conversamos sobre isso. Sobre a relação, quero dizer.

— Vocês têm que ter uma DR, Simon.

— O quê?

— Vocês têm que discutir a relação, definir as coisas. O que é, para onde vai. São namorados, só estão se divertido, estão enrolados ou o quê? Quando ela vai contar para os pais? Vocês podem sair com outras pessoas?

Simon ficou pálido.

— O quê? Isso é sério?

— É sério. Mas, nesse meio-tempo… perfume! — Clary puxou Simon pelas costas do casaco e o arrastou até uma loja de cosméticos. Era imensa do lado de dentro, com fileiras de frascos reluzentes por toda parte. — E uma coisa exótica — falou ela, indo até a área dos perfumes. — Isabelle não vai querer cheirar como as outras pessoas. Vai querer cheirar a figos, vetiver ou...

— Figos? Figos têm cheiro? — Simon pareceu horrorizado; Clary estava prestes a rir dele quando o telefone vibrou. Era a mãe.

ONDE VOCÊ ESTÁ?

Clary revirou os olhos e respondeu à mensagem. Jocelyn ainda ficava nervosa ao pensar que

ela estava na rua com Jace. Muito embora, conforme Clary observara, provavelmente Jace fosse o namorado mais seguro do mundo, pois ele estava proibido de: (1) se aborrecer, (2) fazer avanços no quesito sexo e (3) fazer qualquer coisa que aumentasse a adrenalina.

Por outro lado, ele *tinha sido* possuído; ela e a mãe ficaram observando enquanto ele, imóvel, deixava Sebastian ameaçar Luke. Clary ainda não tinha contado tudo o que vira no apartamento que dividira com Jace e Sebastian durante aquele breve intervalo fora do tempo, uma mistura de sonho e pesadelo. Ela jamais contara à mãe que Jace tinha matado alguém; havia coisas que Jocelyn não precisava saber, coisas que Clary não queria enfrentar também.

— Tem tanta coisa nesta loja que posso imaginar o que Magnus ia querer — falou Simon, e pegou um frasco de vidro de glitter corporal flutuando em algum tipo de óleo. — Comprar presentes para alguém que terminou com o seu melhor amigo viola algum tipo de regra?

— Acho que depende. Quem é seu amigo mais chegado: Magnus ou Alec?

— Alec se lembra do meu nome — falou Simon, e pôs o frasco de volta no lugar. — E eu me sinto péssimo por ele. Compreendo por que Magnus fez isso, mas Alec está *tão* arrasado. Acho que, quando você lamenta de verdade, a pessoa que te ama deveria te perdoar.

— Acho que depende do que você fez — opinou Clary. — E não estou me referindo a Alec... falo em geral. Tenho certeza de que Isabelle te perdoaria por alguma coisa — emendou ela rapidamente.

Simon pareceu em dúvida.

— Fique parado aí — anunciou ela, balançando um frasco perto da cabeça de Simon. — Em três minutos, vou cheirar seu pescoço.

— Ora, eu nunca... — falou Simon. — Você esperou muito tempo para dar esse passo, Fray, é o que digo.

Clary não se importou com a resposta engraçadinha; ela ainda estava pensando no que Simon tinha falado sobre perdão e se lembrar de alguém, da voz, do rosto e dos olhos de alguém. Sebastian sentado à frente dela numa mesa em Paris. *Você acha que pode me perdoar? Quero dizer, você acha que é possível perdoar alguém como eu?*

— Algumas coisas são imperdoáveis — disse ela. — Não sou capaz de perdoar Sebastian.

— Você não o ama.

— Não. Mas ele é meu irmão. Se as coisas fossem diferentes...

Mas não são diferentes. Clary abandonou aquele pensamento e se inclinou para sentir o cheiro.

— Você está com cheiro de figo e damasco.

— Acha de verdade que Isabelle quer cheirar como uma bandeja de frutas secas?

— Talvez não. — Clary pegou outro frasco. — Então, o que você vai fazer?

— Quando?

Clary ergueu o olhar, refletindo sobre a diferença entre uma tuberosa e uma rosa comum, e viu Simon fitá-la com uma expressão de espanto nos olhos castanhos. Ela falou:

— Bem, não dá para morar com Jordan para sempre, não é? Tem a faculdade...

— Você não vai para a faculdade — observou ele.

— Não. Mas sou uma Caçadora de Sombras. Nós continuamos a estudar depois dos 18, somos enviados a outros Institutos... essa é a nossa faculdade.

— Não gosto da ideia de ver você indo embora. — Ele pôs as mãos nos bolsos do casaco. — Não posso ir para a faculdade — comentou. — Minha mãe não vai pagar por ela, e eu não posso obter crédito estudantil. Legalmente, estou morto, na pior. Além disso, quanto tempo levaria para alguém na faculdade perceber que eles envelhecem, e eu não? Garotos de 16 anos não se parecem com veteranos, não sei se já percebeu.

Clary guardou o frasco.

— Simon...

— Talvez eu devesse comprar alguma coisa para minha mãe — falou amargamente. — Que presente diz "Obrigado por me botar para fora de casa e fingir que morri"?

— Orquídeas?

Mas o humor de Simon já não estava mais para brincadeiras.

— Talvez não seja como nos velhos tempos — falou ele. — Normalmente eu compraria lápis ou material de desenho para você, só que você não desenha mais, né? A não ser com a estela? Você não desenha, e eu não respiro. Não é como no ano passado.

— Talvez você devesse conversar com Raphael — disse Clary.

— *Raphael*?

— Ele sabe como os vampiros vivem. Como ganham a vida, ganham dinheiro, arrumam apartamentos. Ele sabe essas coisas e poderia te ajudar.

— Poderia, mas não ajudaria — observou Simon, e franziu a testa. — Eu não ouvi falar nada do bando de Dumort desde que Maureen substituiu Camille. Sei que Raphael é o sucessor dela. E tenho quase certeza de que eles ainda acham que carrego a Marca de Caim; caso contrário, teriam mandado alguém atrás de mim agora. Questão de tempo.

— Não. Eles sabem que não é para tocar em você. Seria uma guerra contra a Clave. O Instituto foi *muito* claro — disse Clary. — Você está protegido.

— Clary, nenhum de nós está protegido.

Antes que Clary pudesse responder, ouviu alguém chamar seu nome; totalmente confusa, olhou por cima do ombro e viu a mãe abrindo caminho em meio à multidão de clientes. Pela vitrine, Clary viu Luke, que esperava do lado de fora, na calçada. Com sua camisa de flanela, ele parecia não se encaixar entre os estilosos nova-iorquinos.

Livrando-se da multidão, Jocelyn se aproximou e abraçou a filha. Clary olhou para Simon por

cima do ombro da mãe, confusa. Ele deu de ombros. Finalmente, Jocelyn soltou Clary e deu um passo para trás.

— Eu tive tanto medo de que alguma coisa acontecesse a você...

— Na *Sephora*? — perguntou Clary.

Jocelyn franziu a testa.

— Vocês não ouviram? Pensei que Jace já teria enviado uma mensagem de texto a essa hora.

Clary sentiu uma súbita onda de frio pelas veias, como se tivesse engolido água muito gelada.

— Não. Eu... O que está acontecendo?

— Eu sinto muito, Simon — falou Jocelyn —, mas Clary e eu temos que ir para o Instituto imediatamente.

O lugar onde Magnus morava não tinha mudado muito desde a primeira vez em que Jace estivera ali. A mesma entradinha e a única lâmpada amarela. Jace usou um símbolo de Abertura para passar pela porta da frente, subiu os degraus de dois em dois e tocou a campainha do apartamento. Era mais seguro que usar outro símbolo, calculou Jace. Afinal, Magnus podia estar jogando videogame pelado ou, na verdade, podia estar fazendo praticamente qualquer coisa. Quem saberia o que os feiticeiros inventavam no tempo livre?

Jace tocou de novo e, dessa vez, grudou o dedo na campainha. Tocou mais duas vezes, demoradamente, e Magnus afinal abriu a porta num tranco, furioso. Ele estava usando um robe de seda preta por cima de uma camisa branca e calça de tweed. Os pés estavam descalços. O cabelo preto estava emaranhado, e via-se a sombra da barba por fazer.

— O que você está fazendo aqui?

— Ora, ora — respondeu Jace. — Isso não foi nada acolhedor.

— Porque não é para ser.

Jace ergueu uma sobrancelha.

— Pensei que fôssemos amigos.

— Não. Você é amigo de Alec. Ele era meu namorado, por isso eu tinha que te tolerar. Mas agora ele não é mais, então não preciso te aguentar. Não que vocês pareçam perceber isso. Você deve ser o... o quê, o quarto?... do grupo a vir me incomodar. — Magnus contou nos dedos compridos. — Clary, Isabelle, Simon...

— *Simon* passou por aqui?

— Você parece surpreso.

— Não achei que ele estivesse tão interessado na sua relação com Alec.

— Eu não *tenho* uma relação com Alec — afirmou Magnus sem rodeios, mas Jace já estava passando por ele e entrando na sala de estar, olhando ao redor com curiosidade.

Uma das coisas que Jace sempre apreciara em segredo no apartamento de Magnus era que

raramente parecia o mesmo duas vezes. Algumas vezes, era um loft grande e moderno. Outras, parecia um bordel francês ou um covil de ópio vitoriano ou o interior de uma nave espacial. Agora, porém, estava bagunçado e escuro. Pilhas de embalagens velhas de comida chinesa se amontoavam na mesa de café. Presidente Miau estava deitado no tapete de retalhos, as quatro patas muito esticadas e retas, como um cervo morto.

— Tem cheiro de coração partido aqui dentro — comentou Jace.

— É a comida chinesa. — Magnus se jogou no sofá e esticou as pernas compridas. — Ande, acabe logo com isso. Diga o que você veio dizer.

— Acho que você devia voltar com Alec — falou Jace.

Magnus revirou os olhos e fitou o teto.

— E por que isso?

— Porque ele está infeliz — explicou Jace. — E está arrependido. Está arrependido pelo que fez. Não vai fazer de novo.

— Ah, ele não vai se encontrar em segredo com uma das minhas ex, nem planejar encurtar minha vida *outra vez*? Muito nobre da parte dele.

— Magnus...

— Além disso, Camille está morta. Ele *não pode* fazer isso de novo.

— Você entendeu — falou Jace. — Ele não vai mentir, nem enganar ou esconder coisas, nem qualquer outra coisa que esteja te aborrecendo.

Ele se jogou numa poltrona de couro e ergueu uma das sobrancelhas.

— Então?

Magnus virou para o lado.

— Por que você se importa se Alec está infeliz?

— Por que eu me *importo*? — repetiu Jace tão alto que Presidente Miau sentou-se muito empertigado, como se estivesse em choque. — Claro que eu me importo com Alec; ele é meu melhor amigo, meu *parabatai*. E ele está infeliz. E você também, pelo estado das coisas. Embalagens de comida por toda parte, você não fez nada para arrumar o local, seu gato parece morto...

— Ele não está morto.

— Eu me importo com Alec — falou Jace, e fixou o olhar em Magnus. — Eu me importo com ele mais do que comigo.

— Você nunca pensou — refletiu Magnus, e puxou uma lasca do esmalte — que toda essa história de *parabatai* é um tanto cruel? Você pode escolher seu *parabatai*, mas então não pode nunca desescolhê-lo. Mesmo que ele se volte contra você. Olhe para Luke e Valentim. E, embora seu *parabatai* seja a pessoa mais próxima de você no mundo, em certos aspectos você não pode se apaixonar por ele. E, se ele morrer, uma parte de você morre também.

— Como sabe tanto sobre os *parabatai*?

— Eu conheço os Caçadores de Sombras — disse Magnus, dando tapinhas no sofá ao lado dele para que Presidente pulasse para as almofadas e cutucasse Magnus com a cabeça. Os dedos compridos do feiticeiro afundaram no pelo do gato. — E eu conheço há muito tempo. Vocês são criaturas estranhas. De um lado, tudo é humanidade e nobreza frágil, e do outro, tudo é fogo impensado dos anjos. — Os olhos dele se moveram até Jace. — Você, em particular, Herondale, pois tem o fogo dos anjos no sangue.

— Você já foi amigo de Caçadores de Sombras?

— Amigo? — repetiu Magnus. — O que isso realmente significa?

— Saberia se tivesse um — observou Jace. — Você tem? Você tem amigos? Quero dizer, além das pessoas que frequentam suas festas. A maioria tem medo de você ou parece te dever alguma coisa, ou então já dormiu com você, mas amigos... eu não vejo você com um monte deles.

— Ora, isso é novo — falou Magnus. — Nenhum dos outros do grupo tentou me insultar.

— Está funcionando?

— Se você quer saber se me senti subitamente impelido a voltar para Alec, então não — respondeu Magnus. — Surgiu um desejo estranho por pizza, mas não deve estar relacionado a ele.

— Alec disse que você faria isso: se desviar das perguntas pessoais com piadas — retrucou Jace.

Magnus semicerrou os olhos.

— E eu sou o *único* que faz isso?

— Exatamente. Aprenda com alguém que sabe. Você odeia falar de si e preferiria aborrecer as pessoas a fazê-las sentir pena. Quantos anos você tem, Magnus? A resposta verdadeira.

Magnus não disse nada.

— Quais eram os nomes dos seus pais? Qual é o nome do seu pai?

Magnus olhou feio para ele com os olhos verdes e dourados.

— Se eu quisesse me deitar num divã e falar mal dos meus pais para alguém eu iria a um psiquiatra.

— Ah — continuou Jace. — Mas meus serviços são de graça.

— Ouvi falar isso de você.

Jace sorriu e deslizou em sua cadeira. Havia uma almofada com a bandeira do Reino Unido sobre o divã. Ele a pegou e a colocou atrás da cabeça.

— Não tenho que ir a lugar algum. Posso ficar sentado aqui o dia todo.

— Ótimo! — falou Magnus. — Vou tirar um cochilo. — Ele esticou a mão para pegar um cobertor amassado no chão, justamente quando o celular de Jace tocou. Magnus observou, interrompido no meio do movimento, enquanto Jace remexia no bolso e abria o telefone para

atender.

Era Isabelle.

— Jace?

— Sim. Estou na casa de Magnus. Talvez eu esteja fazendo algum progresso. O que aconteceu?

— Volte — pediu Isabelle, e Jace sentou-se muito ereto, a almofada caindo no chão. A voz dela estava muito tensa. Ele percebia a rispidez nela, como as notas dissonantes de um piano mal-afinado. — Para o Instituto. Imediatamente, Jace.

— Qual é o problema? — insistiu ele. — O que aconteceu? — E ele viu Magnus sentar-se muito esticado também, e o cobertor caiu da mão dele.

— Sebastian — falou Isabelle.

Jace fechou os olhos e viu sangue dourado e penas brancas espalhadas sobre o piso de mármore. Ele se recordou do apartamento, de uma faca nas mãos dele, do mundo a seus pés, de Sebastian apertando seu pulso e dos olhos negros profundos demais fitando-o com um prazer obscuro. Havia um zumbido nos ouvidos dele.

— O que foi? — A voz de Magnus interrompeu os pensamentos de Jace. Ele percebeu que já estava na porta, o celular guardado no bolso. E se virou. Magnus estava atrás dele, a expressão sombria. — Foi Alec? Ele está bem?

— E você se importa? — perguntou Jace, e Magnus se encolheu. Jace não achou que já tivesse visto Magnus se encolher antes. Foi a única coisa que evitou que Jace batesse a porta antes de sair.

Havia dezenas de casacos e jaquetas desconhecidos pendurados na entrada do Instituto. Clary sentia os ombros vibrarem de tensão enquanto abria o zíper do próprio casaco de lã e o pendurava em um dos ganchos enfileirados nas paredes.

— E Maryse não disse o que aconteceu? — perguntou Clary. — A voz dela estava muito baixa por causa da ansiedade.

Jocelyn desenrolava um cachecol cinza comprido do pescoço e mal olhava para Luke enquanto ele o pegava e o pendurava num gancho. Os olhos verdes da mulher percorriam o cômodo, assimilando o portão do elevador, o teto abobadado, os murais desbotados de homens e anjos.

Luke balançou a cabeça.

— Só que houve um ataque à Clave e que temos que ir para lá o mais rápido possível.

— A parte do "nós" é que me preocupa. — Jocelyn enrolou o cabelo em um coque alto e prendeu-o com os dedos. — Não venho ao Instituto há anos. Por que eles me querem aqui?

Luke apertou o ombro dela para tranquilizá-la. Clary sabia o que Jocelyn temia, o que todos temiam. A única razão para a Clave querer que ela estivesse ali é porque havia notícias do filho.

— Maryse disse que estariam na biblioteca — falou Jocelyn. Clary seguiu na frente. Ouvia Luke e a mãe conversando atrás de si, além do som macio dos passos, e os de Luke estavam mais lentos que antes. Ele ainda não havia se recuperado totalmente do ferimento que quase o matara em novembro.

Sabe por que está aqui, não sabe?, sussurrava a voz baixa atrás dela. Clary sabia que a voz não estava realmente ali, mas isso não ajudava. Não via o irmão desde o combate em Burren, mas o trazia em alguma parte pequenina da mente, um fantasma indesejado e intruso. *Por minha causa. Você sempre soube que eu não tinha ido embora para sempre. Falei que isso aconteceria. Falei em voz alta para você.*

Erchomai.

Estou chegando.

Eles chegaram à biblioteca. A porta estava entreaberta, e um burburinho de vozes transbordava dali. Jocelyn parou por um instante com a expressão tensa.

Clary pôs uma das mãos na maçaneta.

— Você está pronta? — Ela não tinha percebido até aquele momento que a mãe vestia jeans pretos, botas e uma blusa preta de gola alta. Como se tivesse escolhido o que havia de mais próximo do uniforme de combate, sem se dar conta disso.

Jocelyn assentiu para a filha.

Alguém tinha empurrado toda a mobília da biblioteca para um canto e aberto um espaço imenso no meio do cômodo, bem em cima do mosaico do Anjo. Uma mesa imensa fora colocada ali, um grande bloco de mármore equilibrado sobre dois anjos de pedra. Ao redor da mesa, sentava-se o Conclave. Clary conhecia alguns de seus integrantes pelo nome: Kadir e Maryse. Os outros eram apenas rostos familiares. Maryse estava parada, contando nomes nos dedos enquanto entoava em voz alta.

— Berlim — falou. — Sem sobreviventes. Bangcoc. Sem sobreviventes. Moscou. Sem sobreviventes. Los Angeles...

— Los Angeles? — repetiu Jocelyn. — Eram os Blackthorn. Eles estão...?

Maryse pareceu assustada, como se não tivesse percebido que Jocelyn havia entrado. Os olhos azuis passaram por Luke e Clary. Ela parecia abatida e exausta, o cabelo estava preso com firmeza e havia uma mancha (seria vinho tinto ou sangue?) na manga de seu casaco feito sob medida.

— Há sobreviventes — falou ela. — As crianças. Estão em Idris agora.

— Helen — disse Alec, e Clary se lembrou da garota que havia enfrentando Sebastian com eles em Burren. Ela se recordava de Helen na nave do Instituto, com um garoto de cabelos escuros agarrado ao pulso dela. *Meu irmão, Julian.*

— A namorada de Aline — exclamou Clary, e viu o Conclave olhar para ela com hostilidade sutilmente velada. Sempre faziam isso, como se quem ela era e o que representava os deixasse

praticamente incapazes de enxergá-la. *A filha de Valentim. A filha de Valentim.* — Ela está bem?

— Está em Idris, com Aline — respondeu Maryse. — Os irmãos e irmãs mais novos sobreviveram, embora pareça ter havido algum problema com o irmão mais velho, Mark?

— Algum problema? — repetiu Luke. — O que exatamente está acontecendo, Maryse?

— Não acho que vamos saber da história toda antes de chegarmos a Idris — falou Maryse, alisando o cabelo já alisado. — Mas houve ataques, alguns deles no curso de duas noites, em seis Institutos. Não temos certeza ainda de como os Institutos foram invadidos, mas sabemos...

— Sebastian — falou a mãe de Clary. As mãos estavam dentro dos bolsos do jeans preto, mas Clary suspeitava que, se a mãe não tivesse feito isso, ela veria as mãos de Jocelyn em punho. — Direto ao ponto, Maryse. Meu filho. Você não teria me chamado aqui se ele não fosse o responsável. Teria? — Os olhos de Jocelyn encontraram os de Maryse, e Clary se perguntou se tinha sido assim quando as duas estiveram no Ciclo, as bordas afiadas das personalidades de ambas encontrando-se e gerando faíscas.

Antes que Maryse pudesse falar, a porta se abriu e Jace entrou. Vermelho, com a cabeça fria e descoberta, e o cabelo louro desgrenhado por causa do vento. Não usava luvas, as pontas dos dedos estavam vermelhas por causa do clima, e as mãos tinham cicatrizes de Marcas novas e antigas. Ele viu Clary e deu um sorriso breve ao se acomodar numa cadeira contra a parede.

Como sempre, Luke interferiu para pacificar.

— Maryse? Sebastian foi o responsável?

Maryse respirou fundo.

— Sim, foi. E os Crepusculares estavam com ele.

— Claro que foi Sebastian — falou Isabelle. Ela estivera fitando a mesa, mas agora erguia a cabeça. O rosto refletia ódio e fúria. — Ele disse que estava chegando. Bem, agora ele chegou.

Maryse soltou um suspiro.

— Nós imaginamos que ele atacaria Idris. Era isso que os serviços de inteligência indicavam. Não os Institutos.

— Então ele fez algo que vocês não esperavam. Talvez a Clave devesse ter se planejado para *isso*. — Jace baixou a voz. — Eu avisei. Avisei que ele ia querer mais soldados.

— Jace — disse Maryse. — Você não está ajudando.

— Eu não estava tentando ajudar.

— Eu teria acreditado que ele atacaria aqui primeiro — falou Alec. — Conforme Jace falou, e é verdade... todos que ele ama ou odeia estão aqui.

— Ele não *ama* ninguém — rebateu Jocelyn sem rodeios.

— Mãe, pare — pediu Clary. O coração dela batia com força e de modo doloroso; ainda assim, ao mesmo tempo, havia uma sensação estranha de alívio. Todo esse tempo esperando que Sebastian chegasse e agora ele tinha chegado. A espera havia acabado. A guerra teria início. — E o

que devemos fazer? Reforçar o Instituto? Nos *esconder*?

— Deixe-me adivinhar — falou Jace, com a voz cheia de sarcasmo. — A Clave chamou o Conselho. Outra reunião.

— A Clave ordenou evacuação imediata — afirmou Maryse, e, ao dizer isso, todos ficaram em silêncio, até Jace. — Todos os Institutos devem ser esvaziados. Todos os Conclaves devem retornar a Alicante. As barreiras ao redor de Idris serão redobradas depois de amanhã. Ninguém conseguirá entrar ou sair.

Isabelle engoliu em seco.

— Quando partiremos de Nova York?

Maryse empertigou-se. Um pouco do costumeiro ar de comando retornara, a boca estava contraída, e o queixo, cerrado com determinação.

— Arrume suas coisas — ordenou ela. — Vamos embora hoje à noite.

2

Lutar ou Cair

Acordar foi como ser jogada numa banheira com água gelada. Emma sentou-se, arrancada do sono, a boca aberta para gritar.

— Jules! *Jules!*

Houve uma movimentação na penumbra, a mão em seu ombro e uma luz súbita que feriu seus olhos. Emma puxou o ar com força e se arrastou para trás, empurrando-se contra as almofadas. Percebeu então que estava deitada na cama, que os travesseiros se empilhavam às costas dela e que os lençóis encontravam-se ao redor do corpo num emaranhado suado. Emma piscou para afastar a escuridão, tentando focar.

Helen Blackthorn inclinava-se sobre ela, com os olhos azuis-esverdeados apreensivos e uma pedra de luz enfeitiçada na mão. Elas estavam em um cômodo com um telhado de empena irregular, que se curvava acentuadamente de cada lado, como uma cabana de contos de fadas. Havia uma cama grande de madeira com quatro reposteiros no centro do cômodo, e, nas sombras atrás de Helen, Emma via a mobília se assomando: um guarda-roupa quadrado imenso, um sofá comprido, uma mesa com pernas bambas.

— O-onde estou? — perguntou Emma, com dificuldade.

— Em Idris — respondeu Helen, e deu tapinhas no braço da garota a fim de acalmá-la. — Você conseguiu chegar a Idris, Emma. Estamos no porão da casa dos Penhallow.

— M-meus pais. — Os dentes de Emma trincavam. — Onde estão meus pais?

— Você veio pelo Portal com Julian — explicou Helen, com delicadeza, sem responder à pergunta. — Todos vocês chegaram de um jeito ou de outro... é um milagre, sabe? A Clave abriu o caminho, mas a viagem pelo Portal é difícil. Dru passou agarrada a Tavvy, e os gêmeos vieram juntos, claro. Depois, quando já tínhamos quase desistido, vocês dois chegaram. Você estava inconsciente, Em. — Ela tirou o cabelo da testa de Emma. — Ficamos muito preocupados. Você devia ter visto Jules...

— O que está *acontecendo*? — perguntou Emma. Ela se afastou do toque de Helen, não porque não gostasse dela, mas porque seu coração estava martelando. — E quanto a Mark e ao Sr. Blackthorn...?

Helen hesitou.

— Sebastian Morgenstern atacou seis Institutos nos últimos dias. Ele matou todas as pessoas presentes ou as Transformou. Ele usa o Cálice Infernal para fazer com que os Caçadores de Sombras deixem de ser quem são.

— Eu o vi fazer isso — murmurou Emma. — Com Katerina. E ele Transformou seu pai também. Eles iam fazer isso com Mark, mas Sebastian disse que não o queria por causa do sangue de fada.

Helen se encolheu.

— Temos razões para acreditar que Mark ainda está vivo — disse ela. — Eles foram capazes de rastreá-lo até o ponto em que desapareceu, mas os símbolos indicam que ele não está morto. É possível que Sebastian o esteja mantendo como refém.

— Meus... meus pais — repetiu Emma, com a garganta seca desta vez. Ela sabia o que significava Helen não ter respondido na primeira vez que perguntara. — Onde estão? Eles não estavam no Instituto, então Sebastian não teria como machucá-los...

— Em... — Helen soltou o ar. Subitamente, pareceu jovem, quase tão jovem quanto Jules. — Sebastian não ataca apenas os Institutos; ele mata ou tira os membros do Conclave das próprias casas. A Clave tentou localizar seus pais, mas não conseguiu. Então os corpos apareceram na Marina del Rey, na praia, hoje de manhã. A Clave não sabe o que aconteceu exatamente, mas...

A voz de Helen se perdeu numa sequência sem sentido de palavras, palavras como "identificação confirmada" e "cicatrizes e marcas nos corpos" e "não foram encontradas evidências". Coisas como "na água havia horas", "não há meio de transportar os corpos" e "de acordo com os ritos funerários apropriados, foram queimados na praia conforme ambos pediram, você entende...".

Emma gritou. Foi um grito mudo no início, elevando-se cada vez mais, um grito que rasgou sua garganta e trouxe o gosto de metal. Foi um grito de perda tão imenso que não havia palavra para descrevê-lo. Foi o grito inexprimível de ter o céu acima de sua cabeça e o ar em seus pulmões arrancados para sempre. Ela gritou, e gritou mais uma vez, e rasgou o colchão com as mãos até cavar dentro dele, e havia penas e sangue presos debaixo de suas unhas enquanto Helen soluçava e tentava segurá-la, dizendo:

— Emma, Emma, por favor, Emma, por favor.

E então houve mais luz. Alguém havia acendido um lampião no cômodo, e Emma ouviu o próprio nome, com uma voz familiar, delicada e urgente, e logo Helen a soltou, e Jules apareceu e se inclinou na beirada da cama, esticando alguma coisa para ela, uma coisa que brilhava, dourada, sob a nova luz cruel.

Era Cortana. Sem a bainha exposta e na palma da mão dele como uma oferenda. Emma pensou que ainda estivesse gritando, mas pegou a espada, e as palavras brilharam na lâmina e queimaram seus olhos: *Eu sou Cortana, do mesmo aço e da mesma têmpera que Joyeuse e Durendal.*

Ela ouviu a voz do pai em sua mente. *Os Carstairs portam esta espada há muitas gerações. A inscrição nos recorda que os Caçadores de Sombras são as armas do Anjo. Tempere-nos no fogo, e*

ficaremos mais fortes. Quando sofremos, sobrevivemos.

Emma engasgou, engolindo os gritos, obrigando-os a baixar até o silêncio. Era isso que o pai queria dizer: a exemplo de Cortana, ela também possuía aço nas veias e estava destinada a ser forte. Mesmo se os pais não estivessem ali para ver, ela seria forte para eles.

A garota abraçou a espada contra o peito. Como se estivesse bem longe, ela ouvia Helen exclamando e esticando a mão para ela, mas Julian... Julian, que sempre soubera do que Emma precisava, empurrou a mão de Helen. Os dedos de Emma seguravam a lâmina, e o sangue desceu por seus braços e pelo peito quando a ponta cortou sua clavícula. Ela não sentiu. Balançando para a frente e para trás, Emma agarrou a espada como se fosse a única coisa que tivesse amado, e deixou o sangue escorrer no lugar das lágrimas.

Simon não conseguia afastar a sensação de *déjà vu*.

Ele estivera ali antes, parado, do lado de fora do Instituto, e observara os Lightwood desaparecerem através de um Portal reluzente. Embora na época, muito antes de ele ter a Marca de Caim, o Portal tivesse sido criado por Magnus e, desta vez, estivesse sob a supervisão de uma feiticeira de pele azul chamada Catarina Loss. Daquela vez, ele fora convocado porque Jace queria conversar sobre Clary antes de desaparecer em outro país.

Desta vez, Clary estava desaparecendo com eles.

Ele sentiu a mão dela na dele, os dedos envolvendo levemente seu pulso. Todo o Conclave — praticamente todo Caçador de Sombras na cidade de Nova York — havia cruzado os portões do Instituto e passado pelo Portal reluzente. Os Lightwood, como guardiões do Instituto, iriam por último. Simon estava ali desde o início do crepúsculo, e linhas de céu vermelho deslizavam para trás dos edifícios no horizonte de Nova York, e agora a pedra de luz enfeitiçada iluminava o cenário diante dele, captando detalhes que reluziam: o chicote de Isabelle, a faísca de fogo que pulava do anel da família de Alec conforme ele gesticulava, os relances no cabelo claro de Jace.

— Ele parece diferente — observou Simon.

Clary ergueu o olhar para ele. Assim como o restante dos Caçadores de Sombras, ela estava vestida com o que Simon poderia descrever como uma capa. Parecia a capa que eles usavam ao ar livre durante o inverno, feita de veludo preto pesado, presa no peito. Ele se perguntou onde ela havia arrumado aquilo. Talvez eles apenas as tivessem enviado.

— O que parece diferente?

— O Portal — respondeu ele. — Parece diferente de quando Magnus fazia. Mais... azul.

— Talvez todos eles tenham estilos diferentes?

Simon olhou para Catarina. Ela parecia energicamente eficiente, como uma enfermeira ou professora do jardim de infância. Definitivamente não era como Magnus.

— Como Izzy está?

— Preocupada, acho. Todos estão preocupados.

Fez-se um breve silêncio. Clary expirou, e o ar da respiração dela condensou por causa do frio.

— Não quero que vá — falou Simon, no instante em que Clary disse:

— Eu não quero ir e deixar você aqui.

— Vou ficar bem — falou Simon. — Tenho Jordan para tomar conta de mim. — De fato, Jordan estava ali, sentado no topo da parede que circundava o Instituto, e parecia atento. — E ninguém tenta me matar há, pelo menos, duas semanas.

— Não tem graça. — Clary olhou para ele com expressão severa. O problema, Simon refletiu, era a dificuldade de tranquilizar alguém de que você ficaria bem quando se era um Diurno. Alguns vampiros poderiam querer Simon do lado deles, ansiosos para se beneficiarem dos seus poderes incomuns. Camille havia tentado recrutá-lo, e outros poderiam tentar, mas Simon tinha a nítida impressão de que a maioria dos vampiros queria matá-lo.

— Tenho certeza absoluta de que Maureen ainda espera pôr as mãos em mim — afirmou Simon. Maureen era a líder do clã dos vampiros de Nova York e acreditava estar apaixonada por Simon. O que teria sido menos esquisito se ela não tivesse 13 anos. — Sei que a Clave avisou às pessoas para não tocarem em mim, mas...

— Maureen quer tocar em você — disse Clary, com um sorriso malicioso. — Toque do mal.

— Calada, Fray.

— Jordan vai mantê-la longe de você.

Simon olhou para a frente com expressão contemplativa. Ele estava tentando não olhar para Isabelle, que o cumprimentara apenas com um breve aceno desde que ele chegara ao Instituto. Ela estava ajudando a mãe, o cabelo preto voando ao vento forte.

— Você poderia simplesmente ir falar com ela — disse Clary. — Em vez de ficar olhando todo esquisitão de um jeito bizarro.

— Não estou olhando de um jeito bizarro. Só estou olhando com sutileza.

— Eu percebi — observou Clary. — Olhe, você sabe como Isabelle fica. Quando está aborrecida, se afasta. Ela não vai falar com ninguém, além de Jace ou Alec, porque mal confia em alguém. Mas se você vai ser o namorado dela, tem que mostrar que é uma dessas pessoas em quem ela pode confiar.

— Não sou o namorado dela. Pelo menos, não acho que seja o namorado dela. De qualquer forma, ela nunca usou a palavra “namorado”.

Clary o chutou no tornozelo.

— Vocês dois precisam de uma DR mais do que qualquer outro “casal” que já conheci.

— Está rolando uma DR por aqui? — falou uma voz atrás deles. Simon virou-se e viu Magnus, muito alto contra o céu escuro atrás deles. Estava vestido discretamente, com um jeans e

uma camiseta preta, o cabelo escuro parcialmente caído nos olhos. — Vejo que mesmo quando o mundo se lança na escuridão e no perigo iminente, vocês dois ficam por aí discutindo a vida amorosa. Adolescentes.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Simon, surpreso demais para uma reação inteligente.

— Vim ver Alec — falou Magnus.

Clary ergueu as sobrancelhas para ele.

— E que história foi aquela de adolescentes?

Magnus esticou um dedo para advertir.

— Não dê um passo maior que a perna, docinho — disse ele, e passou pelos dois, desaparecendo na multidão ao redor do Portal.

— Docinho? — questionou Simon.

— Acredite se quiser, ele já me chamou assim — comentou Clary. — Dê uma olhada, Simon. — E se virou para ele, retirando a mão do bolso do jeans. Ela olhou para o objeto e sorriu. — O anel — explicou. — Foi bem útil quando funcionou, não foi?

Simon também olhou para o anel. Um anel de ouro com formato de folha circulava o dedo anelar direito. Em outra época, o anel fora uma ligação com Clary. Agora que o dela tinha sido destruído, era apenas um anel, mas ele o guardava mesmo assim. Ele sabia que era como possuir a metade de um cordão de melhores amigos, mas não conseguia evitar. Era um belo objeto e ainda era um símbolo da conexão entre eles.

Clary apertou a mão dele com força e ergueu o olhar. Sombras se remexeram no verde de sua íris; dava para ver que ela estava com medo.

— Sei que é apenas uma reunião do Conselho... — começou a dizer Clary.

— Mas você vai ficar em Idris.

— Só até eles descobrirem o que está acontecendo com os Institutos e como protegê-los — falou Clary. — Depois nós vamos voltar. Sei que telefones e mensagens de texto e tal não funcionam em Idris, mas se precisar falar comigo, dê um toque no Magnus. Ele vai encontrar um jeito de me mandar o recado.

Simon sentiu um bolo na garganta.

— Clary...

— Eu te amo — disse ela. — Você é meu melhor amigo. — Ela soltou a mão dele, os olhos brilhavam. — Não, não precisa dizer nada. Não quero que diga nada. — Ela se virou e quase correu de volta para o Portal, onde Jocelyn e Luke a aguardavam, com três bolsas de lona cheias de coisas aos pés deles. Luke olhou para Simon do outro lado do pátio, a expressão pensativa.

Mas onde estava Isabelle? A multidão de Caçadores de Sombras tinha diminuído. Jace se aproximou e ficou ao lado de Clary, com a mão no ombro dela; Maryse estava perto do Portal,

mas Isabelle, que estava com...

— Simon — disse uma voz ao ombro dele, e ele se virou e viu Izzy. Seu rosto era um borrão pálido entre o cabelo escuro e a capa preta, e ela o fitava com uma expressão meio zangada, meio triste. — Acho que essa é a parte em que dizemos adeus, não é?

— Tudo bem — disse Magnus. — Você queria falar comigo. Então fale.

Alec o encarava, de olhos arregalados. Eles tinham contornado a igreja e estavam parados em um jardim pequeno, queimado pelo inverno, entre cercas vivas desfolhadas. Videiras grossas cobriam o muro de pedra e o portão enferrujado perto dele, e agora estavam tão desnudas por causa do clima que Alec podia ver a rua mundana através do gradeado do portão de ferro. Havia um banco de pedra por perto, e a superfície áspera estava coberta com gelo.

— Eu queria... o quê?

Magnus olhava para ele com uma expressão irritadiça, como se o garoto tivesse feito alguma coisa tola. Alec suspeitava que tivesse feito mesmo. Os nervos estavam à flor da pele, e ele tinha uma sensação nauseante no fundo do estômago. Da última vez que vira Magnus, o feiticeiro havia se afastado dele, desaparecendo dentro de um túnel do metrô desativado e ficando cada vez menor até sumir. *Aku cinta kamu*, dissera a Alec. "Eu te amo", em indonésio.

Isso dera ao garoto uma centelha de esperança, o suficiente para que ligasse dezenas de vezes para Magnus, o suficiente para que ele continuasse a verificar o telefone, verificar a correspondência e até verificar as janelas do quarto — que parecia estranho, vazio e desconhecido sem Magnus nele, muito diferente do quarto de sempre — em busca de recados ou bilhetes enviados por mágica.

E no presente momento Magnus estava parado diante dele, o cabelo preto bagunçado e os olhos de gato com pupilas em fenda, a voz feito melaço e as feições belas, acentuadas e interessantes agora inexpressivas, e Alec sentiu como se tivesse engolido cola.

— Você queria conversar comigo — disse Magnus. — Suponho que esse fosse o motivo de todos aqueles telefonemas. E o motivo de ter mandado todos os seus amigos idiotas ao meu apartamento. Ou simplesmente faz isso com todo mundo?

Alec engoliu para abrandar a secura na garganta e falou a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Você nunca vai me perdoar?

— Eu... — Magnus parou e desviou o olhar, balançando a cabeça. — Alec, eu te *perdoei*.

— Não acredito. Você parece zangado.

Quando Magnus voltou a olhar para ele, tinha uma expressão mais suave.

— Estou preocupado com você. Os ataques aos Institutos. Acabei de saber — retrucou o feiticeiro.

Alec estava tonto. Magnus o perdoara; Magnus se preocupava com ele.

— Você sabia que estamos partindo para Idris?

— Catarina me contou que havia sido convocada para criar um Portal. Eu imaginei — falou Magnus ironicamente. — Fiquei um pouco surpreso por você não ter ligado ou enviado um torpedo dizendo que estava indo embora.

— Você nunca atende nem responde às mensagens — observou Alec.

— Isso não te impediu antes.

— Todo mundo desiste em algum momento — respondeu o garoto. — Além disso, Jace quebrou meu celular.

Magnus soltou uma gargalhada bufada.

— Ora, Alexander.

— O quê? — perguntou Alec, confuso de verdade.

— Você é simplesmente... Você é tão... Eu quero muito te beijar — comentou Magnus abruptamente e depois balançou a cabeça. — Entende, é por isso que eu não queria te ver.

— Mas você está aqui agora — falou Alec. Ele se lembrou da primeira vez que Magnus o beijou, contra a parede, em frente ao apartamento; todos os ossos dele viraram líquido, e ele pensou: *Ah, beleza, é assim que deve ser então. Agora eu entendi.* — Você poderia...

— Não posso — continuou Magnus. — Não está funcionando, não estava funcionando. Você tem que enxergar isso, não é? — As mãos dele estavam nos ombros de Alec. O garoto sentiu o polegar do feiticeiro roçando seu pescoço por cima da gola, e seu corpo inteiro deu um pulo. — Não é? — repetiu Magnus, e o beijou.

Alec se entregou ao beijo. Foi totalmente silencioso. Ele ouvia o barulho das botas esmagando a neve no chão enquanto se aproximava, a mão de Magnus deslizando para apoiar sua nuca, e o sabor de sempre, doce, amargo e familiar. Alec entreabriu os lábios para suspirar, respirar ou sorver Magnus, porém era tarde demais porque o outro se afastou dele bruscamente, deu um passo para trás e pôs fim naquilo.

— O que foi? Magnus, o que foi? — perguntou Alec, confuso e se sentindo estranhamente diminuído.

— Eu não devia ter feito isso — respondeu Magnus num ímpeto. Era evidente que ele estava agitado, de um modo que Alec nunca tinha visto, com um rubor nas bochechas marcadas. — Eu te perdoo, mas não posso ficar com você. Não posso. Não funciona. Vou viver para sempre ou pelo menos até alguém finalmente me matar, e você não, e é coisa demais para você assumir...

— Não venha me dizer o que é coisa demais para mim — falou Alec, com uma indiferença mortal.

Era tão raro Magnus ficar surpreso que a expressão foi quase estranha ao rosto dele.

— É coisa demais para a maior parte das pessoas — comentou ele. — Para a maioria dos mortais. E não é fácil para nós também. Ver alguém que se ama envelhecer e morrer. Eu conheci

uma garota, uma vez, imortal como eu...

— E ela estava com alguém mortal? — perguntou Alec. — O que aconteceu?

— Ele morreu — explicou Magnus. Havia uma peremptoriedade no modo como ele disse aquilo, que dava conta de uma tristeza mais profunda do que as palavras poderiam expressar. Os olhos de gato brilharam no escuro. — Não sei por que achei que isso funcionaria — disse ele. — Desculpe, Alec. Eu não devia ter vindo.

— Não — retrucou Alec. — Não devia.

Magnus fitava Alec com um pouco de cautela, como se estivesse se aproximando de alguém familiar na rua e descobrisse, afinal, que se tratava de um estranho.

— Não sei por que você fez isso — desabafou Alec. — Sei que tenho me torturado há semanas por sua causa e pelo que eu fiz, e por que não devia ter feito, por que nunca devia ter falado com Camille. Eu me arrependi, compreendi e pedi desculpas várias vezes, e *você nunca esteve lá*. Eu fiz tudo isso sem você. Então isso me faz pensar no que mais eu poderia fazer sem você. — Ele olhou para Magnus com uma expressão pensativa. — O que aconteceu foi minha culpa. Mas foi culpa sua também. Eu poderia ter aprendido a não me importar por você ser imortal e eu ser mortal. Todo mundo tem o tempo que tem junto com outra pessoa, e nada mais. Talvez a gente não seja tão diferente assim. Mas sabe o que não consigo superar? Que você nunca me diga nada. Não sei quando você nasceu. Não sei nada sobre sua vida: qual é o seu nome verdadeiro, nem sei nada sobre sua família ou qual foi o primeiro rosto que você amou, ou a primeira vez que partiram seu coração. Você sabe tudo sobre mim, e eu não sei nada sobre você. Esse é o verdadeiro problema.

— Eu te contei — respondeu Magnus, baixinho —, no nosso primeiro encontro, que você teria que me aceitar do jeito que cheguei, sem perguntas...

Alec fez um gesto com a mão para rejeitar aquilo.

— Não é justo pedir uma coisa dessas, e você sabe… sim, você sabia que na época eu não compreendia o suficiente sobre o amor para entender aquilo. Você age como se fosse a parte enganada, mas teve uma mãozinha sua nisso tudo, Magnus.

— Teve — comentou Magnus, depois de uma pausa. — Suponho que sim.

— Mas isso não muda nada, não é? — perguntou Alec, sentindo o ar gelado entrando sorrateiramente debaixo das costelas. — Nunca muda com você.

— Não posso mudar — falou Magnus. — Faz tempo demais. Sabe, nós imortais ficamos petrificados como fósseis que viram rocha. Quando te conheci, pensei que você tivesse toda essa admiração e alegria, e que tudo fosse novo para você, e achei que isso iria me mudar, mas...

— Mude por você mesmo — interrompeu Alec, mas a voz não saiu zangada nem severa como ele pretendia, mas baixa, como um apelo.

Mas Magnus apenas balançou a cabeça.

— Alec — disse ele. — Você conhece meu sonho. Aquele sobre a cidade feita de sangue, com

sangue nas ruas e torres de ossos. Esse vai ser o mundo real se Sebastian conseguir o que quer. O sangue será o dos Nephilim. Vá para Idris. Vai estar mais seguro lá, mas não confie em ninguém e não baixe a guarda. Eu preciso que você viva. — Ele inspirou, deu meia-volta muito abruptamente e se afastou.

Eu preciso que você viva.

Alec sentou-se no banco de pedra congelado e pôs o rosto entre as mãos.

— Não é um adeus definitivo — protestou Simon, mas Isabelle simplesmente franziu a testa.

— Venha comigo — disse ela, e puxou-lhe a manga. Ela estava usando luvas de veludo vermelho-escuro, e sua mão parecia um borrifo de sangue contra o tecido azul-marinho do casaco.

Simon afastou aquele pensamento. Ele gostaria de não pensar em sangue em momentos inoportunos.

— Ir aonde?

Isabelle apenas revirou os olhos e puxou o garoto para o lado, até um recesso obscuro perto dos portões dianteiros do Instituto. O espaço não era amplo, e Simon podia sentir o calor do corpo de Isabelle — calor e frio não o afetavam desde que se tornara vampiro, exceto se fosse o calor do sangue. Ele não sabia se isso ocorria porque já havia bebido o sangue de Isabelle, ou se era algo mais profundo, mas estava consciente da pulsação do sangue nas veias dela de um jeito que não ficava a respeito de mais ninguém.

— Eu queria ir com você a Idris — disse ele, sem preâmbulos.

— Você está mais seguro aqui — respondeu a garota, embora os olhos escuros tenham se suavizado. — Além disso, não vamos para sempre. Os únicos integrantes do Submundo que podem ir até Alicante são os membros do Conselho porque eles precisam se reunir, pensar no que todos vamos fazer, e provavelmente nos mandar de volta. Não podemos nos esconder em Idris enquanto Sebastian destrói tudo do lado de fora. Caçadores de Sombras não fazem isso.

Simon passou um dedo pela bochecha dela.

— Mas você quer que eu me esconda aqui?

— Jordan pode tomar conta de você aqui — comentou ela. — Seu guarda-costas pessoal. Você é o melhor amigo de Clary — acrescentou. — Sebastian sabe disso. Você pode ser um refém e devia estar onde ele não está.

— Ele jamais demonstrou interesse por mim. Não vejo por que começaria agora.

Ela deu de ombros e puxou mais a capa para si.

— Ele nunca demonstrou interesse em ninguém além de Clary e Jace, mas isso não significa que ele não vá começar a se interessar. Ele não é idiota. — observou ela com ar relutante, como se odiasse dar tanto crédito a Sebastian. — Clary faria qualquer coisa por você.

— Ela também faria qualquer coisa por você, Izzy. — E, diante do olhar desconfiado de Isabelle, ele abarcou a bochecha dela. — Tudo bem, então, se você não vai ficar fora tanto tempo, por que tudo isso?

Isabelle fez uma careta. A boca e as bochechas estavam rosadas, o frio trazendo o rubor à superfície. Ele queria poder encostar os lábios gelados nos dela, tão cheios de sangue, vida e calor, mas sabia que os pais dela estavam olhando.

— Ouvi Clary quando estava se despedindo de você. Ela disse que te ama.

Simon olhou fixamente para ela.

— Sim, mas ela não se referia *àquele* jeito... Izzy...

— Eu sei — protestou Isabelle. — Por favor, eu sei. Mas é só que ela diz isso com tanta facilidade, e você diz para ela com tanta facilidade, e eu nunca disse isso para ninguém. Para ninguém que não fosse meu parente.

— Mas se você diz que ama — falou Simon —, pode acabar se magoando. É por isso que não diz.

— Você também poderia acabar assim. — Os olhos dela eram grandes e pretos, e refletiam as estrelas. — Se magoando. Eu poderia magoar você.

— Eu sei — confirmou Simon. — Eu sei e não me importo. Jace me falou uma vez que você pisaria no meu coração com botas de salto alto, e isso não me impediu de ir em frente.

Isabelle arfou de um modo sutil, com uma risada espantada.

— Ele disse isso? E você continuou por perto?

Ele se inclinou em direção a ela. Se respirasse, teria remexido o cabelo de Isabelle.

— Eu consideraria isso uma honra.

Ela virou a cabeça, e os lábios deles se tocaram. Os dela eram dolorosamente quentes. Ela estava fazendo alguma coisa com as mãos — abrindo a capa, pensou Simon por um momento, mas certamente Isabelle não começaria a tirar a roupa diante de toda a família, não é? Não que Simon estivesse seguro de que teria persistência para impedi-la. Afinal de contas, ela era Isabelle, e quase — *quase* — tinha falado que o amava.

Os lábios dela roçavam a pele de Simon enquanto ela falava.

— Fique com isto — murmurou ela, e ele sentiu uma coisa fria em sua nuca, e o veludo deslizando suavemente enquanto ela se afastava e as luvas roçavam o pescoço dele.

Simon baixou o olhar. Um quadrado vermelho-sangue reluzia em seu peito. O pingente de rubi de Isabelle. Era uma herança dos Caçadores de Sombras e tinha um encanto para detectar a presença de energia demoníaca.

— Não posso ficar com isto — respondeu, chocado. — Iz, isto deve valer uma fortuna.

Ela ajeitou os ombros.

— É um empréstimo, não um presente. Guarde-o até nosso próximo encontro. — Ela passou

os dedos enluvados pelo rubi. — Uma história antiga diz que ele entrou na nossa família graças a um vampiro. Então combina com você.

— Isabelle, eu...

— Não — interrompeu ela, embora ele não soubesse exatamente o que iria dizer. — Não diga isso, não agora.

Ela se afastou dele. Simon podia ver a família atrás dela, tudo que restara do Conclave. Luke tinha atravessado o Portal, e Jocelyn estava prestes a segui-lo. Alec, que vinha contornando o Instituto com as mãos nos bolsos, olhou para Isabelle e Simon, ergueu uma das sobrancelhas e continuou andando.

— Só não... só não saia com mais ninguém enquanto eu estiver fora, tá?

Ele olhou para ela.

— Isso quer dizer que a gente está namorando? — perguntou, mas Isabelle apenas esboçou um sorriso e depois deu meia-volta, correndo para o Portal. Simon viu quando ela pegou a mão de Alec e os dois entraram juntos. Maryse foi a seguinte, depois Jace, e então Clary foi a última, parada ao lado de Catarina, emoldurada pela luz azul ofuscante.

Clary piscou para Simon e passou. O garoto viu o giro do Portal ao capturá-la, e então ela se foi.

Simon pôs a mão no rubi em seu pescoço. Pensou ter sentido um batimento no interior da pedra, uma pulsação mutante. Era quase como voltar a ter um coração.

3

Pássaros até a Montanha

Clary colocou a bolsa no chão perto da porta e olhou em volta.

Ela ouvia a mãe e Luke se movendo ao redor, acomodando a própria bagagem, acendendo as pedras de luz enfeitiçada que iluminavam a casa de Amatis. Clary se abraçou. Eles ainda faziam pouca ideia de como Amatis tinha sido levada por Sebastian. Embora o lugar já tivesse sido examinado pelos membros do Conselho em busca de materiais perigosos, Clary conhecia o irmão. Se fosse controlado pelo humor, teria destruído tudo na casa, simplesmente para demonstrar que podia — transformado os sofás numa fogueira, estilhaçado os espelhos e explodido as janelas em pedacinhos.

Ela ouviu a mãe dar um leve suspiro de alívio, e soube que Jocelyn deve ter pensado o mesmo que Clary: não importava o que tivesse ocorrido, a casa parecia ótima. Não havia nada nela que indicasse que algo ruim tivesse acontecido a Amatis. Os livros estavam empilhados na mesa de centro, o piso estava empoeirado, mas não se via lixo, as fotografias na parede pareciam arrumadas. Clary sentiu uma pontada ao ver que perto da lareira havia uma fotografia recente dela, de Luke e de Jocelyn em Coney Island, abraçados e sorrindo.

Pensou na última vez que vira a irmã de Luke, Sebastian forçando Amatis a beber do Cálice Infernal enquanto ela gritava em protesto. O modo como a personalidade desaparecera dos olhos dela depois de engolir o conteúdo. Clary se perguntava se era assim ao ver alguém morrer. Não que já não tivesse presenciado a morte também. Valentim morrera diante dela. Certamente, ela era jovem demais para ter tantos fantasmas.

Luke se deslocara para olhar a lareira e as fotografias que estavam ali. Esticou a mão para tocar uma que mostrava duas crianças de olhos azuis. Uma delas, o menino mais novo, desenhava enquanto a irmã o observava com expressão carinhosa.

Ele parecia exausto. A viagem no Portal os levara até Gard, e eles caminharam pela cidade até a casa de Amatis. Luke estremecia com frequência por causa da dor da ferida na lateral que ainda não estava curada, mas Clary duvidava que o ferimento fosse o verdadeiro problema. O silêncio na casa de Amatis, os tapetes caseiros de retalhos, os objetos de recordação cuidadosamente arrumados — tudo manifestava uma vida comum interrompida da pior forma possível.

Jocelyn caminhou e pôs a mão no ombro dele, murmurando carinhosamente. Ele se virou no círculo formado pelos braços dela e pôs a cabeça contra o ombro da mulher. Era mais um gesto de solidariedade que algo romântico, mas Clary ainda sentia como se tivesse se deparado com um momento íntimo. Silenciosamente, pegou a bolsa de lona e subiu pela escada.

O cômodo extra não tinha mudado nada. Pequeno; paredes pintadas de branco; as janelas eram circulares, como escotilhas — lá estava a janela pela qual Jace havia se arrastado determinada noite —, e a mesma colcha de retalhos na cama. Clary largou a bolsa no chão, perto da mesa de cabeceira. A mesa, onde Jace deixara uma carta certa manhã, na qual dizia que ia embora e não ia voltar.

Ela se sentou na beirada da cama e tentou espanar a teia de lembranças. Clary não havia percebido como seria difícil voltar a Idris. Nova York era o lar, normal. Idris era guerra e destruição. Em Idris, tinha visto a morte pela primeira vez.

O sangue dela zunia e latejava em seus ouvidos. Ela queria ver Jace, ver Alec e Isabelle — eles a apoiariam, dariam a sensação de normalidade. Ela conseguia, de modo muito fraco, ouvir a mãe e Luke se movimentando no andar de baixo, possivelmente até mesmo o tinir das xícaras na cozinha. Ela se obrigou a se levantar e foi até os pés da cama, onde havia um baú quadrado. Era o baú que Amatis trouxera para ela quando Clary ficara ali antes, e lhe dissera para remexer nele e pegar roupas.

Agora ela estava ajoelhada, abrindo o baú. As mesmas roupas, cuidadosamente separadas entre camadas de papel: uniformes escolares, suéteres e jeans sem enfeites, blusas e saias mais formais e, por baixo de tudo, um vestido que Clary inicialmente pensara ser um vestido de casamento. Ela o pegou. Agora que estava mais familiarizada com os Caçadores de Sombras e o mundo deles, reconhecia aquilo.

Roupas de luto. Um vestido branco simples e um casaco justinho com símbolos prateados de luto bordados no tecido — e ali, nos punhos, um desenho quase invisível de aves.

Garças. Clary pousou as roupas na cama com cuidado. Em sua mente via Amatis vestindo aquelas roupas após a morte de Stephen Herondale. Vestindo com cuidado, alisando o tecido, abotoando o casaquinho justo, tudo para chorar por um homem com quem não estava mais casada. As roupas de viúva para alguém que não fora capaz de se intitular viúva.

— Clary? — Era a mãe, inclinando-se na entrada e observando a filha. — O que são essas... Oh. — Ela cruzou o cômodo, tocou o tecido do vestido e suspirou. — Oh, Amatis.

— Ela nunca esqueceu Stephen, não é? — perguntou Clary.

— Às vezes as pessoas não esquecem. — A mão de Jocelyn foi do vestido para o cabelo de Clary, ajeitando-o com rápida precisão maternal. — E os Nephilim... nós tendemos a amar de forma muito avassaladora. Apaixonar-se uma única vez e morrer por amor. Meu antigo tutor costumava dizer que os corações dos Nephilim eram como os corações dos anjos: sentiam todas as dores humanas e nunca se curavam.

— Mas você se curou. Você amava Valentim, mas agora ama Luke.

— Eu sei. — O olhar de Jocelyn estava distante. — Foi somente quando passei mais tempo no universo mundano que comecei a perceber que os seres humanos não encaravam o amor dessa

forma. Percebi que era possível tê-lo mais de uma vez, que seu coração poderia se curar, que você poderia amar várias vezes. E eu sempre amei Luke. Talvez não soubesse disso, mas eu sempre o amei. — Jocelyn apontou as roupas na cama. — Você deveria vestir o casaco de luto — falou ela. — Amanhã.

Assustada, Clary perguntou:

— Para a reunião?

— Caçadores de Sombras morreram e foram transformados em Caçadores malignos — falou Jocelyn. — Todo Caçador de Sombras perdido é filho, irmão, irmã, primo de alguém. Os Nephilim são uma família. Uma família problemática, mas... — Ela tocou o rosto da filha, a expressão seguinte escondida pelas sombras. — Durma um pouco, Clary — sugeriu. — Amanhã vai ser um dia longo.

Depois de a mãe sair e fechar a porta, Clary vestiu a camisola e deitou-se obedientemente na cama. Ela fechou os olhos e tentou dormir, mas o sono não chegava. Imagens continuavam a irromper atrás das pálpebras feito fogos de artifício: anjos caindo do céu; sangue dourado; Ithuriel em suas correntes, os olhos vendados, falando-lhe sobre as imagens dos símbolos que ele lhe dera durante a vida, visões e sonhos com o futuro. Ela se recordava dos sonhos do irmão, com asas pretas que espirravam sangue, caminhando sobre um lago congelado...

Tirou a colcha. Estava com calor e coceira, agitada demais para dormir. Depois de sair da cama, andou na ponta dos pés até o andar de baixo, buscando um copo de água. A sala de estar estava semi-iluminada, e a pouca claridade da pedra de luz enfeitiçada se derramava pelo corredor. Ouviam-se murmúrios atrás da porta. Clary seguiu com cautela pelo corredor até que os sussurros começaram a ganhar forma e familiaridade. Ela reconheceu primeiro a voz da mãe, tensa por causa da ansiedade.

— Mas eu não compreendo como isto poderia ter ficado no armário — dizia ela. — Eu não vejo desde... desde que Valentim tirou tudo o que era nosso, lá em Nova York.

— Clary não disse que estava com Jonathan? — perguntou Luke.

— Sim, mas então ele teria sido destruído com aquele apartamento nojento, não teria? — A voz de Jocelyn se elevou quando Clary se postou à entrada da cozinha. — Aquele com todas as roupas que Valentim comprou para mim. Como se eu estivesse voltando.

Clary ficou bem quietinha. A mãe e Luke estavam sentados à mesa da cozinha; Jocelyn, com a cabeça apoiada em uma das mãos, e Luke esfregando as costas dela. Clary contara à mãe tudo sobre o apartamento, sobre como Valentim o mantivera com todas as coisas de Jocelyn, certo de que um dia a esposa voltaria a morar com ele. A mãe ouvira tranquilamente, mas era evidente que a história a perturbara muito mais do que Clary percebera.

— Agora ele se foi, Jocelyn — disse Luke. — Sei que pode parecer quase impossível. Valentim sempre foi uma presença tão grandiosa, mesmo quando estava se escondendo. Mas ele realmente

está morto.

— Mas meu filho não está — falou Jocelyn. — Você sabia que eu costumava pegar esta caixa e chorar sobre ela, todos os anos, no aniversário dele? Às vezes sonho com um garoto de olhos verdes, um garoto que nunca foi envenenado com o sangue demoníaco, um garoto capaz de rir, de amar e de ser humano, e era por esse garoto que eu chorava; mas esse garoto nunca existiu.

Pegava e chorava sobre ela, pensou Clary; ela sabia sobre qual caixa a mãe se referia. A tal caixa era um memorial a uma criança que havia morrido, embora ainda estivesse viva. A caixa continha cachos de cabelo do bebê, fotografias e um sapatinho minúsculo. Da última vez que Clary a vira, ela estava com o irmão. Valentim deve tê-la dado a ele, embora ela nunca pudesse compreender por que ele a guardara. Dificilmente era do tipo sentimental.

— Você vai ter que contar à Clave — observou Luke. — Se for algo relacionado a Sebastian, vão querer saber.

Clary sentiu o estômago gelar.

— Eu queria não ter que fazer isso — falou Jocelyn. — Queria poder jogar toda essa história numa fogueira. Odeio que isso seja minha culpa — desabafou. — E tudo que eu sempre quis foi proteger Clary. Porém o que mais me apavora por causa dela, por causa de todos nós, é que ele é alguém que não estaria vivo se não fosse por mim. — A voz de Jocelyn se tornou indiferente e amarga. — Eu deveria tê-lo matado quando era um bebê — disse e recostou-se, afastando-se de Luke de modo que Clary conseguiu ver o que havia na superfície da mesa da cozinha. Era a caixa de prata, exatamente como ela se recordava dela. Pesada, com uma tampa simples e as iniciais *J.C.* entalhadas na lateral.

O sol da manhã refletiu nos portões novos diante do Gard. Os antigos, imaginou Clary, tinham sido destruídos na batalha que arrasara grande parte do Gard e chamuscara as árvores ao longo da encosta. Dava para ver Alicante logo abaixo, depois dos portões, a água reluzente nos canais, as torres demoníacas estendendo-se até um ponto onde o sol as fazia cintilar feito mica brilhando na pedra.

O Gard em si tinha sido restaurado. O incêndio não destruíra os muros de pedra nem as torres, e o muro ainda o cercava, com os novos portões feitos do mais rígido e puro *adamas* que formava as torres demoníacas. Eles pareciam ter sido forjados à mão, com as linhas se curvando para circular o símbolo do Conselho — três *Cs* e um *P* dentro de um quadrado, que representavam o Conselho, a Clave, o Cônsul e o Pacto. A curva de cada letra tinha um símbolo de uma das divisões dos membros do Submundo. Uma lua crescente para os lobos, um livro de magia para os feiticeiros, uma flecha élfica para o povo fada e, para os vampiros, uma estrela.

Uma estrela. Clary não conseguira pensar em nada que simbolizasse os vampiros. Sangue? Presas? Mas havia algo de simples e elegante na estrela. Era reluzente na escuridão. Uma

escuridão que nunca seria iluminada, e era solitária de um jeito que apenas criaturas imortais poderiam ser.

Clary sentia uma saudade tão grande de Simon que chegava a doer. Ela estava exausta após uma noite de pouco sono, e as reservas emocionais estavam baixas. O fato de sentir-se como se fosse o centro de uma centena de olhares hostis também não ajudava. Dezenas de Caçadores de Sombras perambulavam pelos portões, e a maioria era desconhecida. Muitos lançavam olhares disfarçados para Jocelyn e Luke; alguns vinham cumprimentá-los, enquanto outros ficavam para trás e observavam com curiosidade. Jocelyn parecia manter a calma com um pouco de esforço.

Mais Caçadores de Sombras estavam subindo a trilha ao longo da Colina de Gard. Aliviada, Clary reconheceu os Lightwood — Maryse na frente, com Robert ao lado dela; Isabelle, Alec e Jace vinham em seguida. Eles vestiam as roupas de luto brancas. Maryse parecia especialmente melancólica. Clary notou que ela e Robert caminhavam lado a lado, porém afastados, nem mesmo as mãos se tocavam.

Jace afastou-se do grupo e caminhou em direção a ela. Os olhares o acompanhavam conforme ele prosseguia, embora ele parecesse indiferente. Jace era famoso de um modo estranho entre os Nephilim: era o filho de Valentim que, na verdade, não tinha sido filho. Sequestrado por Sebastian, resgatado pela lâmina do Céu. Clary conhecia muito bem aquela história, bem como todos os outros próximos a Jace, mas os rumores cresceram como corais, ganhando camadas e novas tonalidades.

"... sangue do anjo..."

"... poderes especiais..."

"... ouvi que Valentim ensinou truques a ele..."

"... fogo em seu sangue..."

"... não serve para os Nephilim..."

Ela ouvia os murmúrios, mesmo enquanto Jace caminhava entre eles.

Era um dia claro de inverno, frio, porém ensolarado, e a luz destacava as mechas douradas e prateadas do cabelo de Jace e faziam Clary apertar os olhos conforme ele se aproximava dela no portão.

— Roupa de luto? — perguntou ele, e tocou a manga do casaco.

— Você está usando — observou ela.

— Não achei que você tivesse alguma.

— É de Amatis — falou Clary. — Olhe, eu tenho que te contar uma coisa.

Ele permitiu que ela o puxasse para o lado. Clary descreveu a conversa entre sua mãe e Luke a respeito da caixa.

— Sem dúvida é a caixa da qual me lembro. É a caixa que minha mãe tinha quando eu era criança, e a que estava no apartamento de Sebastian quando estive lá.

Jace passou uma das mãos pelas mechas finas do cabelo.

— Achei mesmo que houvesse alguma coisa — falou ele. — Maryse recebeu um recado de sua mãe hoje de manhã. — O olhar dele era íntimo. — Sebastian Transformou a irmã de Luke — acrescentou. — Ele fez isso de propósito, para magoar Luke e magoar sua mãe através de Luke. Ele a odeia. Deve ter vindo a Alicante para pegar Amatis, naquela noite que lutamos no Burren. Ele me contou o que ia fazer, quando nós estávamos ligados. Disse que ia raptar um Caçador de Sombras de Alicante, mas não disse qual.

Clary assentiu. Sempre era estranho ouvir Jace falar sobre o *eu* que ele tinha sido. O Jace que era amigo de Sebastian, mais que amigo, um aliado. O Jace que usava a pele e o rosto de Jace, mas que na verdade era alguém totalmente diferente.

— Ele deve ter trazido a caixa e deixado na casa dela — completou o garoto. — Ele saberia que sua família a encontraria um dia. Pensou nela como uma mensagem ou assinatura.

— É isso o que a Clave acha? — perguntou Clary.

— É isso o que eu acho — falou Jace, e se concentrou nela. — E você sabe que nós dois podemos interpretar Sebastian melhor do que eles podem ou poderão. Eles não o compreendem de modo algum.

— Sorte a deles.

O som de um sino ecoou, e os portões se abriram. Clary e Jace se juntaram aos Lightwood, a Luke e a Jocelyn na torrente de Caçadores de Sombras que se reuniam ali. Eles passaram pelos jardins externos da fortaleza, subiram alguns degraus, depois passaram por outro conjunto de portas e adentraram um corredor que terminava na câmara do Conselho.

Jia Penhallow, em trajes de Consulesa, parou à entrada da câmara enquanto Caçadores de Sombras se acomodavam, um após o outro. Originalmente, o cômodo era um anfiteatro: um semicírculo de bancos em camadas que davam para um estrado retangular na parte da frente da sala. Havia dois púlpitos no estrado: um para a Consulesa e um para o Inquisidor e, atrás dos púlpitos, duas janelas, retângulos imensos com vista para Alicante.

Clary sentou-se com os Lightwood e a mãe, enquanto Robert Lightwood se dirigia ao corredor central para assumir o lugar do Inquisidor. No estrado, atrás dos púlpitos, havia quatro cadeiras, e, nas costas altas de cada uma, havia um símbolo inscrito: um livro de magia, a lua, a flecha, a estrela. Os assentos para os integrantes do Submundo do Conselho. Luke deu uma olhada em seu assento, porém sentou-se ao lado de Jocelyn. Não era uma reunião plena do Conselho, com a presença de membros do Submundo. Luke não estava desempenhando uma função. Diante dos assentos fora erguida uma mesa coberta com veludo azul. Sobre o veludo, via-se um objeto longo e afiado, uma coisa que brilhava sob a luz das janelas. A Espada Mortal.

Clary olhou ao redor. A torrente de Caçadores de Sombras tinha diminuído para um gotejo; o cômodo estava praticamente cheio até o teto, que produzia ecos. Antigamente havia outras

entradas além daquela do Gard. A abadia de Westminster tivera uma, ela sabia, bem como a Sagrada Família e a catedral de São Basílio, o Abençoado, mas todas foram fechadas com a invenção dos Portais. Ela não conseguia evitar se perguntar se era algum tipo de magia que evitava que a sala do Conselho transbordasse. Estava cheia como ela nunca vira, mas ainda assim havia assentos vazios quando Jia Penhallow subiu no estrado e bateu palmas com força.

— Por favor, prestem atenção, membros do Conselho — falou ela.

O silêncio se instaurou rapidamente, muitos dos Caçadores de Sombras estavam se inclinando para a frente. Os rumores tinham voado como pássaros em pânico, e havia uma eletricidade no ambiente, a corrente crepitante de pessoas desesperadas por informações.

— Bangcoc, Buenos Aires, Oslo, Berlim, Moscou, Los Angeles — falou Jia. — Atacadas em rápida sucessão, antes que os ataques pudessem ser informados. Antes que avisos pudessem ser dados. Em todos os Conclaves nessas cidades, tivemos Caçadores de Sombras capturados e Transformados. Uns poucos, lamentavelmente poucos, os muito velhos ou muito jovens, foram mortos. Os corpos foram abandonados para nós queimarmos, para acrescentarmos às vozes dos Caçadores de Sombras na Cidade do Silêncio.

Uma voz falou de uma das fileiras da frente. Uma mulher com cabelos pretos, o desenho prateado de uma carpa tatuado e se destacando na pele morena da bochecha. Clary raramente via Caçadores de Sombras com tatuagens que não fossem Marcas, mas não era um caso inédito.

— Você falou "Transformados" — observou ela. — Mas não quer dizer "destruídos"?

Jia enrijeceu a boca.

— Não quero dizer "destruídos" — falou. — Quero dizer "Transformados". Nós estamos falando dos Crepusculares, aqueles que Jonathan Morgenstern ou Sebastian, como ele prefere ser chamado, Transformou para desviar de seus fins como Nephilim usando o Cálice Infernal. Todos os Institutos receberam relatórios do ocorrido em Burren. A existência dos Crepusculares é algo sobre o qual sabíamos há algum tempo, mesmo que talvez houvesse aqueles que não queriam acreditar.

Um murmúrio circulou pela sala. Clary mal o ouviu. Estava consciente da mão de Jace ao redor da sua, mas ouvia o vento em Burren e via os Caçadores de Sombras se erguendo do Cálice Infernal e encarando Sebastian, com as Marcas do Livro Gray já desaparecendo da pele...

— Caçadores de Sombras não enfrentam Caçadores de Sombras — afirmou um homem idoso em uma das primeiras fileiras. Jace murmurou no ouvido de Clary que o sujeito era o líder do Instituto de Reykjavík. — É uma blasfêmia.

— *É* blasfêmia — concordou Jia. — Blasfêmia é o credo de Sebastian Morgenstern. O pai dele queria limpar o mundo dos Caçadores de Sombras. Sebastian quer algo muito diferente. Ele quer os Nephilim reduzidos a cinzas, e quer usar os Nephilim para fazer isso.

— Sem dúvida, se ele foi capaz de transformar os Nephilim em... em monstros, deveríamos

ser capazes de encontrar um meio de transformá-los de volta — falou Nasreen Choudhury, a líder do Instituto de Mumbai, magnífica em seu sari branco decorado com símbolos. — Sem dúvida, não deveríamos desistir tão facilmente.

— O corpo de um dos Crepusculares foi encontrado em Berlim — disse Robert. — Estava ferido, provavelmente abandonado para morrer. Os Irmãos do Silêncio o estão examinando neste momento para ver se conseguem reunir alguma informação que talvez leve a uma cura.

— Qual dos Crepusculares? — perguntou a mulher com a tatuagem de carpa. — Ele tinha um nome antes de ser Transformado. Um nome de Caçador de Sombras.

— Amalric Kriegsmesser — disse Robert após um momento de hesitação. — A família já foi avisada.

Os feiticeiros do Labirinto Espiral estão trabalhando numa cura. A voz multidirecional e sussurrada de um Irmão do Silêncio ecoou no cômodo. Clary reconheceu Irmão Zachariah parado, com as mãos cruzadas, próximo ao estrado. Ao lado dele, Helen Blackthorn, vestida com a roupa branca de luto e parecendo ansiosa.

— Eles são feiticeiros — falou outra pessoa em tom indiferente. — Sem dúvida, não vão fazer melhor que nossos próprios Irmãos do Silêncio.

— Será que Kriegsmesser não pode ser interrogado? — interrompeu uma mulher alta com cabelo branco. — Talvez ele conheça o próximo passo de Sebastian, ou mesmo uma forma de curar sua condição...

Amalric Kriegsmesser mal está consciente; além disso, ele é um servo do Cálice Infernal, disse Irmão Zachariah. *O Cálice Infernal o controla completamente. Ele não tem vontade própria e, portanto, não tem vontade a ser quebrada.*

A mulher com a tatuagem de carpa voltou a falar em voz alta:

— É verdade que Sebastian Morgenstern está invulnerável agora? Que não pode ser morto?

Ouviu-se um murmúrio na sala. Jia falou, erguendo a voz:

— Como eu disse, não houve sobreviventes Nephilim do primeiro ataque. Mas o último foi no Instituto em Los Angeles e seis sobreviveram. Seis crianças. — Ela se virou. — Helen Blackthorn, por favor, traga as testemunhas.

Clary viu Helen assentir e desaparecer por uma porta lateral. Um instante depois, ela retornou; caminhava devagar e cuidadosamente agora, a mão nas costas de um garoto magro com cabelos castanhos ondulados e desgrenhados. Ele não podia ter mais de 12 anos. Clary o reconheceu imediatamente. Ela o tinha visto na nave do Instituto na primeira vez que encontrara Helen, o pulso preso no aperto da irmã mais velha, as mãos cobertas de cera porque estivera brincando com os tocos de vela que decoravam o interior da catedral. Ele tinha um sorriso travesso e os mesmos olhos azuis-esverdeados da irmã.

Julian, Helen o chamara. Seu irmão mais novo.

O sorriso travesso tinha esmorecido agora. O garoto parecia cansado, sujo e apavorado. Pulsos finos emergiam dos punhos de uma jaqueta de luto branca, com mangas curtas demais para ele. Carregava um menininho, provavelmente com não mais de 3 anos, com cachos castanhos embaraçados; parecia uma característica de família. As crianças restantes usavam roupas de luto similares emprestadas. Atrás de Julian havia uma garota de cerca de 10 anos, sua mão firmemente presa na mão de um menino da mesma idade. O cabelo da garota era castanho-escuro, mas o menino tinha cachos pretos embaraçados que praticamente obscureciam o rosto dele. Gêmeos fraternos, imaginou Clary. Depois deles, veio uma garota que poderia ter 8 ou 9 anos, com o rosto redondo e muito pálido entre tranças castanhas. Todos os Blackthorn — pois a semelhança de família era impressionante — pareciam admirados e assustados, menos Helen, cuja expressão era uma mistura de fúria e tristeza.

A infelicidade em seus rostos partiu o coração de Clary. Ela pensou no poder dos símbolos, desejando poder criar um que diminuísse o golpe da perda. As marcas de luto existiam, mas somente para homenagear os mortos, do mesmo modo que existiam símbolos de amor, como as alianças de casamento, para simbolizar o vínculo do amor. Você não poderia fazer alguém amar com uma marca, e não poderia diminuir a tristeza com um símbolo também. Tanta mágica, pensou Clary, e nada para emendar um coração partido.

— Julian Blackthorn — disse Jia Penhallow, e sua voz foi gentil. — Dê um passo à frente, por favor.

Julian engoliu em seco e acenou com a cabeça, entregando o menininho que segurava para a irmã mais velha. Ele deu um passo adiante, e seus olhos percorreram o salão. Era evidente que estava examinando o espaço em busca de alguém. Os ombros começavam a se encolher quando outro vulto correu até o estrado. Uma garota, com mais ou menos 12 anos também e um emaranhado de cabelo louro-escuro que descia pelos ombros. Vestia um jeans e uma camiseta que não lhe cabiam muito bem, e a cabeça estava abaixada, como se não conseguisse suportar tantas pessoas olhando para ela. Era evidente que não queria estar ali (no estrado ou talvez até em Idris), mas no instante em que a viu, Julian pareceu relaxar. O olhar apavorado desapareceu de sua expressão enquanto ela caminhava para ficar ao lado de Helen, o rosto ainda abaixado e distante da multidão.

— Julian — disse Jia, com a mesma voz gentil —, você faria uma coisa para nós? Você pegaria a Espada Mortal?

Clary sentou-se muito ereta. Ela havia segurado a Espada Mortal; sentira o peso daquela arma. O frio, semelhante a ganchos em sua pele, arrancava a verdade de você. Ao segurar a Espada Mortal, você não conseguia mais mentir, mas a verdade, mesmo a verdade que você queria contar, era uma agonia.

— Eles não podem — murmurou ela. — Ele é apenas uma criança...

— Ele é o mais velho das crianças que escaparam do Instituto de Los Angeles — comentou Jace bem baixinho. — Eles não têm opção.

Julian acenou com a cabeça, os ombros magros esticados.

— Vou pegar.

Então Robert Lightwood passou por trás do púlpito e foi até a mesa. Ele ergueu a Espada e voltou, até parar na frente de Julian. O contraste entre eles era quase engraçado — o homem grande e de peito largo e o adolescente de cabelos selvagens e cheios.

Julian esticou uma das mãos e pegou a Espada. Quando os dedos apertaram ao redor do cabo, ele estremeceu, uma onda de dor rapidamente forçada para baixo. A garota loura atrás dele correu para a frente, e Clary captou um relance da expressão no rosto dela: fúria pura, antes de Helen segurá-la e puxá-la para trás.

Jia se ajoelhou. Era uma visão estranha, o garoto com a Espada, apoiado de um lado pela Consulesa, com as vestes se espalhando ao redor dela, e, do outro lado, pelo Inquisidor.

— Julian — disse Jia, e, embora sua voz fosse baixa, espalhava-se por toda a sala do Conselho. — Pode nos dizer quem está no estrado aqui com você hoje?

Em sua voz límpida de garoto, Julian falou:

— A senhora. O Inquisidor. Minha família: minha irmã Helen, Tiberius e Livia, Drusilla e Tavvy. Octavian. E minha melhor amiga, Emma Carstairs.

— E todos eles estavam com você quando o Instituto foi atacado?

Julian balançou a cabeça.

— Helen, não — disse ele. — Ela estava aqui.

— Pode nos contar o que viu, Julian? Sem esquecer nenhum detalhe?

Julian engoliu em seco. Ele estava pálido. Clary podia imaginar a dor que sentia, o peso da Espada.

— Foi à tarde — começou ele. — Estávamos praticando na sala de treinamento. Katerina estava nos ensinando. Mark observava. Os pais de Emma estavam numa patrulha rotineira na praia. Vimos um clarão de luz; pensei que fosse um relâmpago ou fogos de artifício. Mas... não era. Katerina e Mark nos deixaram e desceram para o primeiro andar. Disseram para ficarmos na sala de treinamento.

— Mas vocês não ficaram — falou Jia.

— Nós ouvíamos os sons de luta. E nos dividimos: Emma foi pegar Drusilla e Octavian, e eu fui até o gabinete com Livia e Tiberius para chamar a Clave. Tivemos que nos esgueirar pela entrada principal para chegar lá. Quando chegamos, eu o vi.

— Viu?

— Eu sabia que era um Caçador de Sombras, só que não. Ele estava usando uma capa vermelha, coberta com símbolos.

— Que símbolos?

— Eu não os conhecia, mas havia alguma coisa errada com eles. Não eram como os símbolos do Livro Gray. Ao olhar, eles me deram um tipo de enjoo. E ele puxou o capuz para trás; tinha cabelo branco, por isso no início pensei que fosse velho. Depois percebi que era Sebastian Morgenstern. Ele segurava uma espada.

— Você pode descrever a espada?

— Prateada, com um padrão de estrelas pretas na lâmina e no cabo. Ele a estendeu e... — A respiração de Julian saiu de uma vez, e Clary quase conseguiu sentir, sentir o horror da lembrança lutando contra a compulsão de contar, de reviver aquilo. Ela se inclinou, com as mãos em punhos, e mal percebeu que as unhas estavam se enterrando nas palmas. — Ele a segurou contra o pescoço do meu pai — prosseguiu o garoto. — Havia outros com Sebastian. Também estavam vestidos de vermelho...

— Caçadores de Sombras? — perguntou Jia.

— Eu não sei. — Julian começou a ficar ofegante. — Alguns usavam capas pretas. Outros, o uniforme, mas era vermelho. Nunca vi uniforme vermelho. Havia uma mulher, com cabelo castanho, e ela segurava um cálice que parecia o Cálice Mortal. Ela fez meu pai beber dele. Meu pai caiu e gritou. Também ouvi meu irmão gritando.

— Qual dos seus irmãos? — perguntou Robert Lightwood.

— Mark — respondeu Julian. — Vi quando começaram a passar pela entrada, e Mark se virou e gritou para nós corrermos para o andar de cima e fugirmos. Caí no degrau do alto, e, quando olhei para baixo, estavam se amontoando em cima dele... — Julian fez um som como se estivesse engasgando. E meu pai estava parado, e os olhos dele também estavam pretos, e ele começou a andar na direção de Mark, assim como o restante deles, como se nem o conhecesse...

A voz de Julian falhou, no mesmo instante em que a garota loura se soltou do aperto de Helen, se jogando entre Julian e a Consulesa.

— Emma! — chamou Helen, e deu um passo à frente, mas Jia esticou uma das mãos para mantê-la para trás. Emma estava com o rosto pálido e ofegante. Clary pensou que jamais tinha visto tanta raiva contida numa figura tão pequena.

— Deixem-no em paz! — berrou Emma, e abriu bem os braços, como se pudesse proteger Julian atrás de si, embora fosse bem mais baixa. — Vocês o estão torturando! Deixem-no em paz!

— Está tudo bem, Emma — falou Julian, embora a cor estivesse começando a voltar ao seu rosto, agora que não o interrogavam mais. — Eles precisam fazer isso.

Ela se virou para ele.

— Não. Não precisam. Eu estava lá também. Vi o que aconteceu. Façam comigo. — Ela esticou as mãos, como se implorando para colocarem a Espada ali. — Fui eu quem golpeou Sebastian no coração. Fui eu quem viu quando ele não morreu. Vocês deveriam estar

perguntando *a mim*!

— Não — começou Julian, e depois Jia falou, ainda com voz gentil:

— Emma, nós *vamos* perguntar a você, a seguir. A Espada é dolorosa, mas não causa mal...

— Parem! — falou a garota. — Apenas parem. — E ela foi até Julian, que segurava a Espada com força. Era evidente que ele não tinha a intenção de entregá-la. O garoto balançava a cabeça para Emma, mesmo quando ela pôs as mãos sobre a ele, de modo que ambos estavam segurando a Espada agora.

— Eu golpeei Sebastian — falou Emma, e sua voz soou pelo cômodo. — E ele arrancou a adaga do peito, deu uma risada. E falou: "É uma pena que você não vá viver — falou para ela. — Viver para contar à Clave que Lilith me fortaleceu tremendamente. Talvez a Gloriosa pudesse pôr fim à minha vida. Uma pena para os Nephilim que não haja mais favores que possam pedir aos Céus, e que nenhuma das insignificantes armas de guerra que forjam na Cidadela Adamant possa me ferir agora."

Clary estremeceu. Ela ouviu Sebastian nas palavras de Emma e quase podia enxergá-lo parado diante de si. Conversas irromperam entre a Clave, abafando o que Jace falou a ela em seguida.

— Você tem certeza de que não errou o coração dele? — perguntou Robert, as sobrancelhas escuras franzidas.

Foi Julian quem respondeu:

— Emma não erra. — E pareceu ofendido, como se tivessem acabado de insultá-lo.

— Sei onde fica o coração — disse Emma, e se afastou de Julian com um passo para trás, lançando um olhar de raiva, mais que raiva, e sim mágoa, à Consulesa e ao Inquisidor. — Mas não acho que vocês saibam.

A voz se elevou, e a garota girou e saiu correndo do estrado, praticamente dando uma cotovelada em Robert ao passar. Desapareceu pela mesma porta por onde tinha entrado, e Clary ouviu a própria respiração se esvair entre os dentes — será que ninguém ia atrás da menina? Era evidente que Julian queria ir, mas, preso entre a Consulesa e o Inquisidor e carregando o peso da Espada Mortal, não conseguia se mexer. Helen procurava por ela com uma expressão de pura dor, e seus braços aninhavam o menino mais novo, Tavvy.

E então Clary ficou de pé. A mãe esticou a mão para ela, mas a garota já seguia apressada pelo corredor inclinado entre as fileiras de assentos. O corredor transformou-se em degraus de madeira; Clary fazia barulho ao subir neles, passando pela Consulesa, pelo Inquisidor, por Helen, até a porta lateral, indo atrás de Emma.

Ela quase derrubou Aline, que estava parada perto da porta aberta e observava, de cara feia, o que acontecia na sala do Conselho. A careta desapareceu quando ela viu Clary, e foi substituída por uma expressão de surpresa.

— O que você está fazendo?

— A garotinha — disse Clary, sem fôlego. — Emma. Ela correu aqui para trás.

— Eu sei. Tentei bloqueá-la, mas ela se afastou de mim. Ela simplesmente... — Aline suspirou e olhou para a sala do Conselho, onde Jia havia recomeçado a interrogar Julian. — Tem sido tão difícil para eles, para Helen e os outros. Você sabe que a mãe deles morreu há apenas alguns anos. Tudo que têm agora é um tio em Londres.

— Isso significa que vão mudar as crianças para Londres? Sabe, quando tudo isso acabar — questionou Clary.

Aline balançou a cabeça.

— Ofereceram ao tio a liderança do Instituto de Los Angeles. Acho que eles têm esperanças de que ele assuma o trabalho e crie os sobrinhos. No entanto, temo que ainda não tenha concordado. Provavelmente está em choque. Quero dizer, ele perdeu o sobrinho, o irmão... Andrew Blackthorn não está morto, mas poderia muito bem estar. De certo modo, é pior. — A voz dela era amarga.

— Eu sei — disse Clary. — Sei exatamente como é.

Aline olhou para ela com mais atenção.

— Suponho que sim — comentou ela. — É só que... Helen. Queria poder fazer mais por ela. Está se roendo de culpa por estar aqui comigo, e não em Los Angeles, quando o Instituto foi atacado. E está se esforçando tanto, mas não pode ser a mãe de todas aquelas crianças, e o tio não chegou aqui ainda, e tem Emma, que o Anjo a ajude. Ela nem mesmo tem um resquício de família...

— Eu gostaria de conversar com ela. Com Emma.

Aline pôs um cacho do cabelo para trás da orelha; o anel dos Blackthorn reluziu na mão direita.

— Ela não vai conversar com ninguém, a não ser com Julian.

— Deixe-me tentar — pediu Clary. — Por favor.

Aline olhou para a expressão determinada no rosto de Clary e suspirou.

— Siga o corredor... o primeiro quarto à esquerda.

O corredor fazia uma curva depois da sala do Conselho. Clary ouvia as vozes dos Caçadores de Sombras diminuindo conforme caminhava. As paredes eram de pedra lisa, cobertas com tapeçarias que representavam cenas gloriosas da história dos Caçadores de Sombras. A primeira porta que apareceu à esquerda era de madeira, muito simples. Estava parcialmente aberta, mas Clary bateu levemente antes de abrir, para não surpreender quem estivesse lá dentro.

O quarto era simples, com revestimento de madeira e uma confusão de cadeiras, amontadas às pressas. Clary achou ali parecido com a sala de espera de um hospital. Tinha aquela sensação pesada no ar, de um local impermanente onde as pessoas enfrentavam a ansiedade e a tristeza em ambientes desconhecidos.

No canto do quarto, via-se uma cadeira apoiada na parede, e ali estava Emma. Parecia menor do que quando vista à distância. Vestia apenas a camiseta de mangas curtas, e nos braços nus era possível ver as Marcas, o símbolo da Clarividência na mão esquerda — então ela era canhota como Jace —, que pousava no cabo de uma espada curta sem bainha, no colo da menina. De perto, Clary podia ver que o cabelo de Emma era louro-claro, mas estava embaraçado e sujo o suficiente para parecer mais escuro. Em meio ao emaranhado de cabelo, a garota olhou com expressão de desafio.

— O quê? — disse ela. — O que você quer?

— Nada — retrucou Clary, e empurrou a porta, fechando-a atrás de si. — Apenas conversar com você.

Emma semicerrou os olhos, desconfiada.

— Você quer usar a Espada Mortal em mim? Me interrogar?

— Não. Já usaram a espada em mim, e foi horrível. Lamento por a terem usado no seu amigo. Acho que deveriam ter encontrado outro meio.

— Acho que deveriam confiar nele — falou Emma. — Julian não mente. — Ela olhou para Clary, como se a desafiando a discordar.

— Claro que não — disse Clary, e deu um passo para dentro do quarto; ela sentia como se estivesse tentando não assustar algum tipo de criatura selvagem, na floresta. — Julian é seu melhor amigo, não é?

Emma fez que sim com a cabeça.

— Meu melhor amigo também é um garoto. O nome dele é Simon.

— E onde ele está? — Os olhos de Emma se moveram para trás de Clary, como se ela esperasse que Simon subitamente se materializasse.

— Ele está em Nova York — respondeu Clary. — Sinto muita saudade dele.

Parecia que aquilo fazia todo o sentido.

— Uma vez Julian foi para Nova York — disse ela. — Eu senti saudade dele, então, quando ele voltou, eu o fiz prometer que não iria a parte alguma sem mim novamente.

Clary sorriu e se aproximou de Emma.

— Sua espada é bonita — falou ela, apontando para a arma apoiada no colo da garota.

A expressão de Emma se suavizou um pouco. Ela tocou a lâmina, gravada com um padrão delicado de folhas e símbolos. O guarda-mão era dourado, e na lâmina estavam entalhadas as palavras: *Eu sou Cortana, do mesmo aço e da mesma têmpera que Joyeuse e Durendal.*

— Era do meu pai. Tem passado de geração em geração na família Carstairs. É uma espada famosa — acrescentou ela, com orgulho. — Foi feita há muito tempo.

— Do mesmo aço e da mesma têmpera que Joyeuse e Durendal — disse Clary. — As duas são espadas famosas. Você sabe quem foram os donos dessas espadas?

— Quem?

— Heróis — disse Clary, e se ajoelhou no chão para poder olhar o rosto da garota.

Emma fez uma careta.

— Não sou um herói — retrucou ela. — Não fiz nada para salvar o pai de Julian nem Mark.

— Eu sinto muito — disse Clary. — Sei como é ver alguém de quem você gosta ir para as trevas. Ser transformado em outra pessoa.

Mas Emma estava balançando a cabeça.

— Mark não foi para as trevas. Eles o levaram embora.

Clary franziu a testa.

— Levaram embora?

— Não queriam que ele bebesse do Cálice por causa do sangue de fada — explicou Emma, e Clary se lembrou de Alec dizendo que havia um ancestral fada na árvore genealógica dos Blackthorn. Como se prevendo a pergunta seguinte de Clary, Emma falou, cansada:

— Apenas Mark e Helen têm sangue das fadas. A mãe deles era a mesma, mas ela os deixou com o Sr. Blackthorn quando eram pequenos. A mãe de Julian e dos outros não é a mesma.

— Ah — disse Clary, sem querer pressionar muito e sem desejar que a garota magoada pensasse que ela era apenas mais um adulto enxergando-na como uma fonte de respostas para suas perguntas e nada mais. — Eu conheço Helen. Mark se parece com ela?

— Sim. Helen e Mark têm orelhas um pouco pontudas e cabelo claro. Nenhum dos outros Blackthorn é louro. Eles têm cabelo castanho, menos Ty, e ninguém sabe por que ele tem cabelo preto. Livvy não tem e é a gêmea dele. — Um pouco de cor e animação tinha voltado ao rosto de Emma; era evidente que ela gostava de falar dos Blackthorn.

— Então eles não queriam que Mark bebesse do Cálice? — continuou Clary. Intimamente, ela estava surpresa por Sebastian se importar, de um jeito ou de outro. Ele nunca tivera a obsessão de Valentim com os membros do Submundo, embora não aparentasse gostar deles. — Talvez não funcione se você tiver o sangue de um integrante do Submundo.

— Talvez — disse Emma.

Clary esticou a mão e a colocou sobre a mão de Emma. Ela temia a resposta, mas precisava perguntar:

— Ele não Transformou seus pais, não é?

— Não... não — falou Emma, e a voz estava tremendo. — Eles estão mortos. Não estavam no Instituto; eles investigavam uma informação sobre atividade demoníaca. Os corpos foram levados para a praia depois do ataque. Eu poderia ter ido com eles, mas queria ficar no Instituto. Queria treinar com Jules. Se eu tivesse ido com eles...

— Se você tivesse ido, também estaria morta — observou Clary.

— Como você sabe? — indagou Emma, mas havia algo em seus olhos, alguma coisa que

queria acreditar naquilo.

— Posso ver que você é uma boa Caçadora de Sombras — falou Clary. — Estou vendo suas Marcas. E vejo suas cicatrizes. E o modo como você segura a espada. Se é assim tão boa, só posso imaginar que eles realmente eram bons também. E algo capaz de matar os dois não poderia ser detido por você. — Ela tocou a espada de leve e concluiu: — Heróis nem sempre são os que vencem. Algumas vezes, são os que perdem. Mas eles continuam lutando, continuam voltando. Não desistem. É isso que faz deles heróis.

Emma inspirou de forma entrecortada, no mesmo instante em que uma batida soou à porta. Clary virou um pouco quando esta abriu, deixando a luz do corredor entrar, e também Jace. Ele sustentou o olhar dela e sorriu, se apoiando no batente. O cabelo era louro-dourado-escuro, e os olhos tinham um tom mais claro. Às vezes Clary acreditava-se capaz de ver o fogo dentro dele, iluminando os olhos, a pele e as veias, correndo pouco abaixo da superfície.

— Clary — chamou ele.

Ela pensou ter ouvido um gritinho atrás de si. Emma estava agarrando a espada e olhava de Clary para Jace com olhos muito arregalados.

— O Conselho terminou — explicou ele. — E não acho que Jia tenha ficado muito satisfeita por você ter corrido para cá.

— Então estou encrencada — falou Clary.

— Como sempre — disse Jace, mas o sorriso dele tirou qualquer irritação daquilo. — Estamos todos indo embora. Está pronta para ir?

Ela balançou a cabeça.

— Vou encontrar vocês na sua casa. Aí vão poder me contar o que aconteceu no Conselho.

Ele hesitou.

— Peça a Aline ou Helen para irem com você — aconselhou, finalmente. — A casa da Consulesa fica no fim da rua, depois da casa do Inquisidor. — Ele fechou o zíper da jaqueta e saiu do quarto silenciosamente, fechando a porta.

Clary virou-se novamente para Emma, que ainda a fitava.

— Você conhece Jace Lightwood? — perguntou a garota.

— Eu... O quê?

— Ele é famoso — falou Emma, com espanto evidente. — Ele é o melhor Caçador de Sombras. O *melhor*.

— Ele é meu amigo — falou Clary, e percebeu que a conversa havia tomado um rumo inesperado.

Emma deu uma olhadela com ar superior.

— Ele é seu namorado.

— Como você...?

— Eu vi o modo como ele olhou para você — disse Emma —, e, de qualquer forma, todo mundo sabe que Jace Lightwood tem uma namorada, que se chama Clary Fairchild. Por que não me disse seu nome?

— Acho que não pensei que você fosse conhecê-lo — respondeu Clary, se afastando.

— Não sou idiota — retrucou Emma, com um ar de irritação que fez Clary se aprumar toda rapidamente antes que pudesse rir.

— Não. Não é não. Você é realmente esperta — disse Clary. — E fico feliz por saber quem sou, porque quero que saiba que pode vir falar comigo a qualquer hora. Não apenas sobre o que aconteceu no Instituto... sobre qualquer coisa que você queira. E pode falar com Jace também. Você precisa de orientação para saber onde nos encontrar?

Emma balançou a cabeça.

— Não — falou, com a voz baixa novamente. — Eu sei onde fica a casa do Inquisidor.

— Certo. — Clary cruzou as mãos, sobretudo para evitar abraçar a garota. Ela não achava que Emma fosse gostar daquilo. Clary virou-se em direção à porta.

— Se você é a namorada de Jace Lightwood, deveria ter uma espada melhor — disse Emma subitamente, e Clary baixou os olhos para a arma que havia pegado naquela manhã; uma espada antiga que tinha embalado juntamente aos pertences de Nova York.

Ela tocou o cabo.

— Esta não é boa?

Emma balançou a cabeça.

— De jeito nenhum.

A outra pareceu tão séria que Clary sorriu.

— Obrigada pela dica.

4

Mais Escuros que Ouro

Quando Clary bateu à porta da casa do Inquisidor, ela foi aberta por Robert Lightwood.

Por um instante ela congelou, sem saber o que dizer. Nunca havia conversado com o pai adotivo de Jace, jamais o conhecera muito bem. Ele sempre fora uma sombra em segundo plano, normalmente atrás de Maryse, com a mão na cadeira. Era um sujeito grande; cabelos escuros e barba bem-aparada. Ela não conseguia imaginar aquele homem sendo amigo de seu pai, embora soubesse que ele pertencera ao Ciclo de Valentim. Havia rugas demais no rosto dele, e o queixo era rijo demais para ela conseguir imaginá-lo jovem.

Quando ele a fitou, Clary notou que seus olhos tinham um tom azul-marinho tão escuro que ela sempre pensara serem pretos. A expressão dele não mudou; ela sentia a reprovação irradiando dele. E suspeitava que Jia não fosse a única pessoa aborrecida por ela ter fugido da reunião do Conselho e ido atrás de Emma.

— Se você está procurando por meus filhos, eles estão lá em cima. — Foi tudo que o homem disse. — No último andar.

Ela passou por ele e foi até a gigantesca sala principal. A casa, a qual fora oficialmente designada para o Inquisidor e sua família, era grandiosa em suas dimensões, com pés-direitos altos e móveis maciços de aparência cara. O espaço era grande o suficiente para ter arcadas em seu interior, uma escadaria imensa e magnífica, além de um lustre que pendia do teto e brilhava com uma luz encantada. Clary se perguntou onde Maryse estava e se ela gostava da casa.

— Obrigada — disse Clary.

Robert Lightwood deu de ombros e desapareceu nas sombras sem dizer mais nenhuma palavra. Clary subiu os degraus de dois em dois, passando por vários patamares até chegar ao último andar, que ficava a um lance da escada íngreme do sótão que levava a um corredor. Havia uma porta entreaberta ao final do corredor; Clary ouvia vozes do outro lado.

Com uma batida leve, ela entrou. As paredes do sótão eram brancas e havia um imenso guarda-roupa no canto, com ambas as portas abertas: as roupas de Alec, práticas e um pouco gastas, estavam penduradas de um lado, e as de Jace, pretas e cinzas, como novas, do outro. Os uniformes de ambos estavam cuidadosamente dobrados na parte de baixo.

Clary esboçou um sorriso; mas não tinha muita certeza do motivo. Havia algo de adorável na ideia de Alec e Jace dividindo um quarto. Ela se perguntou se um mantinha o outro acordado durante as conversas à noite, do mesmo jeito como ela e Simon sempre faziam.

Alec e Isabelle estavam sentados no peitoril da janela. Atrás deles, dava para ver as cores do

pôr do sol cintilando na água do canal abaixo. Jace estava esparramado sobre uma das camas de solteiro, as botas plantadas de modo desafiador na colcha de veludo.

— Acho que eles querem dizer que não podem simplesmente ficar esperando que Sebastian ataque outros Institutos — falava Alec. — Que isso seria se esconder. Caçadores de Sombras não se escondem.

Jace esfregou a bochecha no ombro; parecia cansado; o cabelo claro todo bagunçado.

— Parece que a gente está se escondendo — falou. — Sebastian está lá fora; nós, aqui. Com barreiras duplas. Todos os Institutos foram evacuados. Ninguém para proteger o mundo dos demônios. *Quem vigia os vigilantes?*

Alec suspirou e esfregou o rosto.

— Com sorte, não vai demorar muito.

— Difícil imaginar o que aconteceria — disse Isabelle. — Um mundo sem Caçadores de Sombras. Demônios por toda parte, membros do Submundo atacando uns aos outros.

— Se eu fosse Sebastian... — começou Jace.

— Mas você não é. Você não é Sebastian — falou Clary.

Todos olharam para ela. Alec e Jace não eram nem um pouco parecidos, pensou Clary, mas de vez em quando havia uma semelhança no modo como eles olhavam ou nos gestos que a fazia se lembrar que tinham sido criados juntos. Ambos pareciam curiosos e um pouco preocupados. Isabelle parecia mais cansada e irritada.

— Você está bem? — perguntou Jace, como se fosse um cumprimento, e lhe ofereceu um sorriso torto. — Como está Emma?

— Arrasada — respondeu Clary. — O que aconteceu depois que eu saí da reunião?

— O interrogatório praticamente acabou — comentou Jace. — É óbvio que Sebastian está por trás dos ataques, e ele tem uma força considerável de guerreiros Crepusculares que o apoiam. Ninguém sabe exatamente quantos são, mas devemos supor que todos os desaparecidos foram Transformados.

— Ainda assim, temos quantidades muito maiores — observou Alec. — Ele tem suas forças originais e os seis Conclaves que Transformou; nós temos todos os outros.

Havia alguma coisa nos olhos de Jace que os deixou mais escuros que ouro.

— Sebastian sabe disso — murmurou ele. — Ele conhecerá suas forças, até o último guerreiro. E vai saber exatamente o que é capaz ou não de rivalizar.

— Nós temos o Submundo do nosso lado — completou Alec. — É por isso que haverá a reunião amanhã. Não é? Conversar com os representantes, fortalecer nossas alianças. Agora que sabemos o que Sebastian está fazendo, podemos criar uma estratégia, atingi-lo com as Crianças Noturnas, com as Cortes, os feiticeiros...

Os olhos de Clary encontraram os de Jace em comunicação silenciosa. *Agora que sabemos o*

que Sebastian está fazendo, ele fará outra coisa. Alguma coisa que ainda não imaginamos.

— E então todos falaram sobre Jace — disse Isabelle. — Aí, você sabe, foi o de sempre.

— Sobre Jace? — Clary se apoiou contra o pé da cama de Jace. — O que falaram sobre ele?

— Houve muita discussão para concluir se Sebastian estava basicamente invulnerável agora, se há meios de feri-lo e de matá-lo. A Gloriosa poderia ter feito isso por causa do fogo celestial, mas atualmente a única fonte de fogo celestial é...

— Jace — concluiu Clary, com expressão sombria. — Mas os Irmãos do Silêncio tentaram de *tudo* para separar Jace do fogo celestial, e eles não conseguem fazer isso. Está impregnado na *alma* dele. Então qual é o plano deles, bater na cabeça de Sebastian com Jace até ele desmaiar?

— Irmão Zachariah disse praticamente a mesma coisa — comentou Jace. — Talvez com menos ironia.

— Enfim, eles destrincharam os meios de capturar Sebastian sem matá-lo... Se podem destruir todos os Crepusculares, se ele pode ficar preso em algum lugar ou de algum modo, isso não importa tanto se ele não puder ser morto — completou Alec.

— Minha sugestão é que o coloquem num caixão de *adamas* e joguem no mar — disse Isabelle.

— Mas então, quando terminaram de falar sobre mim, o que sem dúvida foi a melhor parte — continuou Jace —, voltaram rapidamente a discutir sobre meios de curar os Crepusculares. Eles estão pagando uma fortuna ao Labirinto Espiral para tentar descobrir o feitiço que Sebastian usou para criar o Cálice Infernal e realizar o ritual.

— Eles precisam parar de se preocupar em curar os Crepusculares e começar a pensar em como derrotá-los — disse Isabelle, com voz firme.

— Muitos deles conhecem as pessoas que foram Transformadas, Isabelle — rebateu Alec. — Sem dúvida, querem que elas voltem.

— Bem, eu quero meu irmão caçula de volta — disse Isabelle, elevando a voz. — Eles não entendem o que Sebastian fez? Ele os *matou*. Ele matou o que havia de humano neles, e deixou demônios andando por aí na pele das pessoas que conhecíamos; é tudo...

— Fale *baixo* — pediu Alec, com o tom-determinado-de-irmão-mais-velho. — Você sabe que mamãe e papai estão em casa, não é? Eles vão subir.

— Ah, eles estão aqui — disse Isabelle. — O mais longe possível um do outro, dentro do quarto, mas ainda estão aqui.

— Não é problema nosso onde dormem, Isabelle.

— Eles são nossos *pais*.

— Mas têm as próprias vidas — censurou Alec. — E temos que respeitar e ficar fora disso. — Sua expressão ficou sombria. — Muita gente se separa quando um filho morre.

Isabelle soltou um pequeno suspiro.

— Izzy? — Alec pareceu perceber que fora longe demais. As referências a Max pareciam deixar Isabelle mais arrasada que quaisquer dos outros Lightwood, incluindo Maryse.

Isabelle deu meia-volta e saiu correndo do cômodo, batendo a porta atrás de si.

Alec passou os dedos pelo cabelo, deixando-os arrepiados feito penugem de pato.

— Mas que droga — xingou ele, depois corou. Alec raramente xingava, e costumava falar baixinho quando o fazia. O garoto lançou um olhar de desculpas a Jace e foi atrás da irmã.

Jace suspirou, girou as pernas compridas para sair da cama e ficou de pé. Então se espreguiçou como um gato, estalando os ombros.

— Acho que essa é a deixa para eu levar você para casa.

— Eu posso ir sozinha...

Ele balançou a cabeça e tateou para pegar a jaqueta na cabeceira da cama. Havia algo de impaciente em seus movimentos, alguma coisa observando e à espreita que fazia a pele de Clary pinicar.

— Eu quero sair daqui, de qualquer forma. Ande. Vamos embora.

— Já faz uma hora. Pelo menos, uma hora. Eu juro — disse Maia. Ela estava deitada no sofá do apartamento de Jordan e Simon, com os pés descalços no colo de Jordan.

— Não deveria ter pedido comida tailandesa — argumentou Simon, indiferente. Ele estava sentado no chão e mexia no controle do Xbox. Ele não funcionava havia dias. Tinha uma tora artificial Duraflame na lareira, que estava mal conservada, como todo o restante no apartamento, e que quase sempre enfumaçava o cômodo quando era acesa. Jordan sempre reclamava do frio, das rachaduras nas janelas e paredes, e do desinteresse do proprietário em consertar alguma coisa. — Eles nunca chegam na hora.

Jordan sorriu com bom humor.

— E você se importa? Você nem come.

— Agora eu posso beber — observou Simon. Era verdade. Ele havia treinado o estômago para aceitar a maioria dos líquidos: leite, café, chá, embora alimentos sólidos ainda o fizessem ter ânsia de vômito. Ele duvidava que a bebida servisse para nutri-lo; apenas o sangue parecia capaz de fazer isso, no entanto ele se sentia mais humano quando consumia em público alguma coisa que não fazia todo mundo gritar. Com um suspiro, ele deixou o controle cair. — Acho que esta coisa está quebrada. De vez. O que é ótimo, porque não tenho dinheiro para substituir.

Jordan olhou para ele com ar curioso. Simon havia trazido todas as economias de casa quando se mudara, mas não fora muita coisa. Felizmente, ele tinha poucas despesas. O apartamento era emprestado da Praetor Lupus, que também fornecia sangue para Simon.

— Eu tenho dinheiro — disse Jordan. — Vamos ficar bem.

— É o seu dinheiro, não o meu. Você não vai ficar tomando conta de mim para sempre —

ponderou Simon, e fitou as chamas azuis na lareira. — E depois o quê? Vou me inscrever na faculdade logo se... tudo não acontecer. Escola de música. Eu poderia estudar, arrumar um emprego. Ninguém vai me empregar agora. Pareço ter 16 anos; e sempre vou parecer.

— Hum — murmurou Maia. — Acho que vampiros não têm empregos de verdade, têm? Quero dizer, alguns lobisomens têm... Morcego é DJ, e Luke é dono daquela livraria. Mas vampiros vivem em clãs. Não há, de fato, vampiros cientistas.

— Nem vampiros músicos — observou Simon. — Vamos encarar os fatos. Minha carreira agora é a de vampiro profissional.

— Na verdade, estou meio surpresa pelo fato de os vampiros não estarem destruindo as ruas nem comendo os turistas com Maureen como líder — comentou Maia. — Ela é bem sanguinária.

Simon fez uma careta.

— Imagino que alguns vampiros do clã estejam tentando controlá-la. Provavelmente Raphael. Lily... Ela é uma das vampiras mais inteligentes do clã. Sabe tudo. Ela e Raphael sempre foram muito grudados. Mas não tenho exatamente amigos vampiros. Considerando que sou um alvo, algumas vezes fico surpreso por ter *algum* amigo.

Ele ouviu a amargura na própria voz e ficou observando o cômodo, os retratos que Jordan pregara na parede: retratos dele com os amigos, na praia, com Maia. Simon pensara em pendurar as próprias fotos. Embora não tivesse trazido nenhuma de casa, Clary tinha algumas. Ele poderia pegar emprestadas, deixar o apartamento mais com a cara dele. No entanto, embora gostasse de morar com Jordan e se sentisse à vontade ali, não era seu lar. Não parecia permanente, como se ele pudesse ter uma vida ali.

— Eu nem mesmo tenho uma cama — falou ele em voz alta.

Maia virou a cabeça na direção dele.

— Simon, qual é o problema? É porque Isabelle foi embora?

Simon deu de ombros.

— Não sei. Quero dizer, sim, eu sinto falta de Izzy, mas... Clary diz que nós dois precisamos ter uma DR.

— Ai, discutir a relação — falou Maia ao perceber o olhar confuso de Jordan. — Você sabe, para decidir se vão assumir que são namorados. E, por falar no assunto, você deveria fazer isso.

— Por que todo mundo conhece essa sigla, menos eu? — perguntou-se Simon em voz alta. — Será que Isabelle *quer* ser minha namorada?

— Não sei dizer — falou Maia. — Ética feminina. Pergunte a ela.

— Izzy está em Idris.

— Pergunte quando ela voltar. — Simon ficou calado, e Maia acrescentou, mais gentil: — Ela vai voltar, e Clary também. É só uma reunião.

— Não sei. Os Institutos não estão seguros.

— Nem vocês estão — observou Jordan. — Por isso precisam de mim.

Maia olhou para Jordan. Havia alguma coisa estranha no olhar, algo que Simon não conseguia identificar. Há algum tempo estava rolando um climão entre Maia e Jordan; Maia meio distante dele, os olhos questionadores quando ela olhava para o namorado. Simon esperava que Jordan fosse contar alguma coisa para ele, mas Jordan não o fez. Simon se perguntava se Jordan estava percebendo o distanciamento de Maia — era óbvio — ou se ele se negava teimosamente a reconhecer.

— Você ainda seria um Diurno? — perguntou Maia, e voltou a atenção para Simon. — Se pudesse mudar?

— Não sei. — Simon havia se perguntado a mesma coisa, mas daí afastara a ideia; não fazia sentido se preocupar com isso se não dava para mudar. Ser um Diurno significava ter ouro nas veias. Outros vampiros queriam isso, pois se bebessem seu sangue, poderiam caminhar sob o sol. Mas também haveria muitos outros desejando destruir você, pois a maior parte dos vampiros acreditava que os Diurnos eram uma abominação a ser eliminada. Simon se lembrou das palavras de Raphael para ele no telhado de um hotel de Manhattan. *E é melhor rezar, Diurno, para não perder a Marca antes da guerra. Pois se isso acontecer, haverá uma fila de inimigos esperando pela chance de matá-lo. E eu serei o primeiro.*

E ainda assim.

— Eu sentiria falta do sol — falou ele. — Isso me mantém humano, acho.

A luz da lareira iluminou os olhos de Jordan quando ele fitou Simon.

— Ser humano é superestimado — disse, com um sorriso.

Maia girou e tirou os pés das pernas de Jordan abruptamente. Ele olhou para ela, preocupado, no exato instante em que a campainha tocou.

Simon se levantou num instante.

— É a entrega do restaurante — anunciou ele. — Vou pegar. Além disso — emendou, por cima do ombro, enquanto caminhava pelo corredor até a porta de entrada —, ninguém tentou me matar em duas semanas. Talvez tenham ficado entediados e desistido.

Ele ouviu o murmúrio de vozes atrás de si, mas não prestou atenção; eles estavam falando um com o outro. Girou a maçaneta e abriu a porta com força, já fuçando no bolso em busca da carteira.

E sentiu uma pancada contra o peito. Simon olhou para baixo e viu o pingente de Isabelle brilhando em tom escarlate, então se jogou para trás, para se desviar da mão que se lançava para agarrá-lo. Ele deu um berro — um vulto usando uniforme vermelho se agigantava na entrada, um Caçador de Sombras com manchas feias de símbolos em ambas as bochechas, um nariz aquilino e uma testa larga e pálida. Ele rosnou para Simon e avançou.

— Simon, *abaixe*-se! — gritou Jordan, e Simon se jogou no chão e rolou para o lado assim

que a seta da besta explodiu no corredor. O Caçador de Sombras maligno girou para o lado com velocidade praticamente inacreditável; a seta fincou na porta. Simon ouviu Jordan xingar, frustrado, e então Maia, já na forma de lobo, saltou no Crepuscular.

Ouviu-se um uivo satisfatório de dor quando os dentes dela cravaram no pescoço do Caçador de Sombras maligno. O sangue jorrou e preencheu o ambiente com uma névoa vermelha salgada; Simon a inalou, provou o gosto travoso e amargo do sangue demoníaco quando se pôs de pé. Ele deu um passo à frente bem quando a criatura crepuscular agarrou Maia e a jogou pelo corredor, uma bola com garras e dentes, que uivava e apanhava.

Jordan gritou. Simon emitia um ruído baixo na garganta, uma espécie de sibilo de vampiro, e sentia as presas se liberando. O Crepuscular deu um passo à frente, vertendo sangue, porém ainda equilibrado. Simon sentiu uma pontada de medo no fundo do estômago. Ele vira como os soldados de Sebastian lutaram em Burren e sabia que eram mais fortes, velozes e difíceis de se matar que os Caçadores de Sombras. Ele não tinha pensado de fato em como era mais difícil matá-los em relação aos *vampiros*.

— Saia do caminho! — Jordan agarrou Simon pelos ombros e praticamente o jogou para trás de Maia, que se levantara com algum esforço. Havia sangue nos pelos do pescoço, e os olhos de lobo estavam dilatados por causa da raiva. — Saia daqui, Simon. Deixe que a gente lide com isso. *Vá embora!*

Simon não se moveu.

— Eu não vou... Ele está aqui por minha causa...

— *Eu sei disso!* — gritou Jordan. — Sou seu guardião da Praetor Lupus. Agora *me deixe fazer meu trabalho*!

Jordan girou no lugar e ergueu a besta novamente. Desta vez, a seta afundou no ombro do Caçador de Sombras maligno, que cambaleou para trás e soltou uma sequência de palavrões em um idioma que Simon não compreendia. Alemão, pensou ele. O Instituto de Berlim fora atingido...

Maia pulou por cima de Simon, e ela e Jordan se aproximaram do Caçador de Sombras maligno. Jordan virou o rosto para trás uma vez para olhar Simon, e os olhos cor de avelã estavam cruéis e selvagens. Simon acenou com a cabeça e correu de volta à sala de estar. Ele abriu violentamente a janela — que cedeu com um guincho cruel de madeira dilatada e uma explosão de lascas de tinta velha — e subiu até a saída de incêndio, onde os acônitos de Jordan, ressecados pelo ar do inverno, lotavam o parapeito de metal.

Cada parte dele gritava que ele não deveria ir embora, mas havia prometido a Isabelle, prometera que deixaria Jordan fazer o trabalho de guarda-costas, prometera que não seria um alvo. Ele segurou o pingente de Izzy, quente sob os dedos, como se tivesse estado no pescoço dela recentemente, e desceu correndo os degraus de metal. Eles tiniam e escorregavam por causa da

neve; ele quase caíra algumas vezes antes de alcançar o último degrau e pular para a calçada sombria abaixo.

Imediatamente, foi cercado por vampiros. Simon teve tempo de reconhecer apenas dois deles como parte do clã do Hotel Dumort — Lily, delicada, com cabelos escuros, e o louro Zeke, ambos sorrindo como demônios — antes de sentir alguma coisa lhe acertando a cabeça. Um pedaço de pano foi puxado com força ao redor do pescoço, e ele engasgou, não porque precisasse de ar, mas por causa da dor por ter o pescoço apertado.

— Maureen manda lembranças — disse-lhe Zeke ao ouvido.

Simon abriu a boca para gritar, mas a escuridão o dominou antes que pudesse emitir algum som.

— Eu não percebi que você era tão famoso — observou Clary, enquanto ela e Jace caminhavam pela calçada estreita ao longo do Canal Oldway. A noite se aproximava, o cair da escuridão tinha acabado de acontecer, e as ruas estavam cheias de pessoas correndo de um lado para outro, embrulhadas em casacos grossos, com os rostos frios e fechados.

As estrelas começavam a sair, delicados pontinhos de luz pelo céu a leste. Elas iluminaram os olhos de Jace quando ele olhou para Clary por cima do ombro, com expressão de curiosidade.

— Todo mundo conhece o filho de Valentim.

— Eu sei, mas... quando Emma te viu, agiu como se você fosse a paixonite famosa dela. Como se você estivesse na capa de uma revisa sobre os *Caçadores de Sombras* todo mês.

— Sabe, quando eles me pediram para posar, disseram que seria de bom gosto...

— Desde que você estivesse segurando a lâmina serafim em posição estratégica, não vejo problema — completou Clary, e Jace riu, um som entrecortado que indicava que ela o surpreendera fazendo graça. Era a risada favorita dela. Jace sempre era tão controlado; ainda era um prazer ser uma das poucas pessoas capazes de adentrar na armadura cuidadosamente construída e surpreendê-lo.

— Você gostou dela, não foi? — perguntou Jace.

Confusa, Clary falou:

— Gostou de quem?

Eles estavam passando por uma praça da qual ela se recordava, tinha calçamento de pedra, com um poço no centro, agora coberto com uma tampa circular feita de pedra, provavelmente para evitar que a água congelasse.

— Daquela garota. Emma.

— Havia algo nela — reconheceu Clary. — No modo como ela protegeu o irmão de Helen, talvez. Julian. Ela faria qualquer coisa por ele. Emma realmente ama os Blackthorn e perdeu todos os outros.

— Você se identificou com ela.

— Não acho que seja isso — concluiu Clary. — Acho que talvez ela tenha feito eu me lembrar de *você*.

— Porque sou baixinho, louro e fico bem de marias-chiquinhas?

Clary o empurrou com o ombro. Eles tinham chegado ao alto de uma rua ladeada de lojas. Estavam fechadas agora, embora a pedra de luz enfeitiçada brilhasse entre as janelas gradeadas. Clary tinha a sensação de estar em um sonho ou conto de fadas, uma sensação que Alicante nunca deixara de lhe dar: o céu vasto acima, os edifícios antigos entalhados com cenas de lendas e, acima de tudo, as torres demoníacas transparentes, que conferiam a Alicante sua denominação vulgar: a Cidade de Vidro.

— Porque — emendou ela, enquanto passavam por uma loja com fatias de pão empilhadas na vitrine — ela perdeu a família consanguínea. Mas tem os Blackthorn. Ela não tem mais ninguém, nem tias nem tios, ninguém para recebê-la, mas os Blackthorn vão fazer isso. Então ela terá que aprender o que você aprendeu: que família não é sangue. São as pessoas que te amam. As pessoas que te protegem. Como os Lightwood, para você.

Jace tinha parado de caminhar. Clary deu meia-volta para encará-lo. A multidão de pedestres tinha se dividido ao redor deles. Jace estava parado diante da entrada para um beco estreito perto de uma loja. O vento que soprava na rua bagunçava seu cabelo louro e esvoaçava a jaqueta aberta; Clary via a pulsação na garganta dele.

— Venha cá — pediu Jace, e a voz estava rouca.

Clary deu um passo até ele, com um pouco de cautela. Será que tinha dito alguma coisa que o aborrecera? No entanto, Jace raramente se zangava com ela, e, quando isso acontecia, ele falava sem rodeios. Jace esticou a mão, pegou a dela com delicadeza e a puxou atrás de si enquanto contornava o prédio e se enfiava nas sombras de uma passagem estreita que se abria para um canal ao longe.

Não havia mais ninguém na passagem com eles, e a entrada estreita bloqueava a vista da rua. O rosto de Jace era todo anguloso na escuridão: maçãs do rosto acentuadas, boca macia e os olhos dourados de um leão.

— Eu te amo — disse ele. — Não digo isto com frequência suficiente. Eu te amo.

Ela se encostou na parede. A pedra era fria. Em outras circunstâncias, teria sido desconfortável, mas, no momento, Clary não se importava. Ela o puxou para si com cuidado, até os corpos estarem alinhados, embora sem se tocar, mas tão próximos que ela podia sentir o calor irradiando dele. Claro que ele não precisava fechar a jaqueta com o zíper, não com o fogo ardendo em suas veias. O cheiro de pimenta-do-reino, sabonete e ar frio o envolvia enquanto Clary encostava o rosto no ombro dele e respirava fundo.

— Clary — continuou ele. A voz um murmúrio e um alerta. Ela percebia a aspereza da

saudade na voz dele, saudade do conforto físico resultante da intimidade, de qualquer toque. Com cuidado, ele esticou as mãos ao redor dela e apoiou as palmas na parede de pedra, prendendo-a no espaço criado pelos braços. Clary sentiu a respiração em seus cabelos, o roçar delicado do corpo contra o dela. Cada centímetro parecia supersensível; onde quer que ele a tocasse, era como se minúsculas agulhas de dor e prazer estivessem sendo arrastadas por sua pele.

— Por favor, não diga que você me puxou para um beco, que está me tocando e *não* planeja me beijar porque não acho que eu vá ser capaz de suportar isso — comentou ela num tom baixo.

Ele fechou os olhos. Dava para notar os cílios escuros pairando sobre as bochechas, e Clary se lembrou da sensação de delinear o formato do rosto dele com os dedos, do peso do corpo dele sobre o dela, do modo como a pele de Jace ficava contra a dela.

— Não vou te beijar — respondeu ele, e Clary sentiu a aspereza obscura sob o deslizar macio costumeiro da voz dele. Doçura se sobrepondo a alfinetadas. Eles estavam próximos o suficiente, a ponto de Jace inspirar e Clary sentir o peito dele se expandindo. — Nós não podemos.

Ela pôs a mão no peito dele; o coração batendo como asas engaioladas.

— Leve-me para casa, então — murmurou ela, e se inclinou para roçar os lábios no cantinho da boca de Jace. Ou pelo menos ela queria ter roçado, como um bater de asas de borboleta de lábios nos lábios, no entanto ele se inclinou e seu movimento mudou o ângulo rapidamente; ela acabou por tocá-lo com mais força que o pretendido, os lábios deslizando para o centro dos dele. Clary sentiu quando ele soltou o ar, surpreso, de encontro a sua boca, e então eles estavam se beijando, se beijando de verdade, de modo maravilhosamente lento, quente e intenso.

Leve-me para casa. Mas ali era a casa dela, os braços de Jace, o vento frio de Alicante nas roupas, os dedos procurando a nuca dele, o local onde o cabelo se enrolava suavemente contra a pele. As mãos dele ainda estavam espalmadas na pedra atrás de Clary, porém ele estava movimentando o corpo contra o dela, pressionando-a delicadamente contra a parede; dava para ouvir o murmúrio rouco da respiração dele. Jace não a tocaria com as mãos, mas ela podia tocá-lo, então Clary permitiu que suas mãos corressem livremente sobre o volume dos braços, pelo peito dele, traçando os contornos dos músculos, pressionando para agarrar as laterais do corpo de Jace até a camiseta dele enrugar sob seus dedos. As pontas dos dedos tocaram a pele nua, então ela deslizou as mãos por baixo da camiseta; e ela não o tocava assim há tanto tempo que quase se esquecera de como a pele era macia onde não havia cicatrizes, de como os músculos nas costas saltavam ao toque. Jace suspirou dentro da boca de Clary, e tinha gosto de chá, chocolate e sal.

Ela assumira o controle do beijo. E agora o sentia tenso enquanto ele retomava o controle e lhe mordia o lábio inferior até Clary estremecer, mordiscando-lhe o canto da boca, beijando ao longo do contorno do queixo para sugar o local da pulsação no pescoço e engolir os batimentos cardíacos disparados. A pele dele ardia sob as mãos dela, *queimava*...

Ele se afastou, girando para trás quase como se estivesse bêbado e batendo na parede oposta. Os olhos estavam arregalados, e, por um momento vertiginoso, Clary acreditou ter visto chamas neles, como fogos gêmeos na escuridão. Então a luz os abandonou, e ele ficou ofegante como se tivesse corrido, pressionando as palmas das mãos contra o próprio rosto.

— Jace — disse Clary.

Ele baixou as mãos.

— Olhe a parede atrás de você — falou em voz baixa.

Ela se virou — e encarou com surpresa. Atrás de si, onde Jace tinha se apoiado, havia duas marcas chamuscadas na pedra. No formato exato das mãos dele.

A Rainha Seelie estava deitada na cama e ergueu o olhar para o teto de pedra do quarto. Ele se contorcia com treliças suspensas de rosas, espinhos ainda intactos, cada flor perfeita num tom vermelho-sangue. Todas as noites elas murchavam e morriam, e todas as manhãs eram substituídas, tão frescas quanto no dia anterior.

As fadas dormiam pouco, raramente sonhavam, mas a Rainha gostava da cama confortável. Era um imenso divã de pedra, com um colchão de penas e coberta com grossas camadas de veludo e cetim escorregadio.

— A senhora já se machucou num dos espinhos, Vossa Majestade? — perguntou o garoto ao lado da cama dela.

Ela se virou para Jonathan Morgenstern, esparramado entre as cobertas. Embora ele tivesse pedido para ser chamado de Sebastian, o que ela respeitava... afinal nenhuma fada permitiria que outra pessoa a chamasse pelo nome verdadeiro. Ele estava deitado de bruços, a cabeça apoiada nos braços cruzados, e, mesmo sob a pouca luz, era possível ver as marcas antigas de chicote ao longo das costas.

A Rainha sempre fora fascinada pelos Caçadores de Sombras — eles eram meio anjos, assim como o povo fada; sem dúvida devia haver um parentesco entre eles —, mas ela nunca havia imaginado que encontraria um cuja personalidade pudesse ser tolerada por mais de cinco minutos, até Sebastian aparecer. Todos eram tão terrivelmente hipócritas. Menos Sebastian. Ele era muito incomum para um humano e, sobretudo, para um Caçador de Sombras.

— Não tão frequentemente quanto você se corta com seus gracejos, penso eu, meu querido — respondeu ela. — Sabe que não gosto de ser chamada de "Vossa Majestade", mas apenas de "Lady" ou "Milady", se preferir.

— Você não parece se importar quando me refiro a você como minha "bela" ou "minha bela dama". — O tom não era de penitência.

— Hum — disse ela, passando os dedos finos pela massa de cabelo prateado. Ele tinha uma cor adorável para um mortal: cabelo como uma lâmina, olhos de ônix. Ela se recordou da irmã

dele, tão diferente e nem de perto tão elegante. — O sono foi reparador? Você está cansado?

Ele se deitou de costas e sorriu para ela.

— Não tão cansado, acho.

Ela se inclinou para beijá-lo, e ele esticou a mão para enrolar os dedos nos cabelos ruivos dela. Fitou um cacho, escarlate contra a pele dos nós dos dedos repletos de cicatrizes, e roçou o cacho em sua bochecha. Antes que ela pudesse dizer mais uma palavra, ouviu-se uma batida à porta do quarto.

A Rainha gritou:

— O que é? Se não for uma questão importante, saia imediatamente, ou você vai alimentar as nixies do rio.

A porta se abriu, e uma das damas mais jovens da corte entrou: Kaelie Whitewillow. Uma pixie. Ela fez uma mesura e falou:

— Milady, Meliorn está aqui e gostaria de falar com a senhora.

Sebastian franziu uma das sobrancelhas claras.

— O trabalho de uma Rainha nunca está concluído.

A Rainha suspirou e girou para fora da cama.

— Traga-o aqui — ordenou — e traga-me um de meus robes também, pois o ar está gélido.

Kaelie assentiu e saiu do quarto. Um instante depois, Meliorn entrou e fez uma mesura com a cabeça. Se Sebastian achou estranho a Rainha ter cumprimentado os cortesãos ficando de pé, nua, no meio do quarto, ele não manifestou isto em nenhum movimento de sua expressão. Uma mulher mortal teria ficado constrangida, poderia ter tentado se cobrir, mas a Rainha era a Rainha, eterna e orgulhosa, e sabia que ficava tão gloriosa sem roupas quanto com elas.

— Meliorn — falou. — Você tem notícias dos Nephilim?

Meliorn se aprumou. Como sempre, ele usava armadura branca com um desenho de escamas sobrepostas. Os olhos eram verdes e o cabelo preto e muito comprido.

— Milady — disse, e deu uma olhadela para Sebastian, atrás da Rainha, que estava sentado na cama com a colcha enrolada ao redor da cintura. — Tenho muitas notícias. Nossas novas forças dos Caçadores de Sombras malignos foram posicionadas na fortaleza de Edom. E aguardam novas ordens.

— E os Nephilim? — perguntou a Rainha, quando Kaelie voltou ao quarto trazendo um robe tecido com pétalas de lírios. Ela o ergueu, e a Rainha deslizou para dentro da roupa, enrolando-se na brancura sedosa.

— As crianças que escaparam do Instituto de Los Angeles deram informações suficientes, elas sabem que Sebastian está por trás dos ataques — respondeu Meliorn um tanto amargo.

— Eles teriam imaginado, de qualquer forma — concluiu Sebastian. — Eles têm o lamentável hábito de me culpar por tudo.

— A pergunta é: nosso povo foi identificado? — perguntou a Rainha.

— Não — respondeu Meliorn, satisfeito. — As crianças supuseram que os agressores fossem Crepusculares.

— Isso é impressionante, considerando a presença de sangue fada no garoto Blackthorn — observou Sebastian. — Era de se imaginar que eles estariam em sintonia com isso. E por falar no assunto, o que vocês estão planejando fazer com ele?

— Ele tem sangue fada; é nosso. Gwyn solicitou que se juntasse à Caçada Selvagem; ele será enviado para lá — disse Meliorn, e se virou para a Rainha: — Precisamos de mais soldados. Os Institutos estão ficando vazios, e os Nephilim estão fugindo para Idris — emendou ele.

— E quanto ao Instituto de Nova York? — Quis saber Sebastian, sem rodeios. — E quanto ao meu irmão e à minha irmã?

— Clary Fray e Jace Lightwood foram mandados para Idris — explicou Meliorn. — Não podemos tentar resgatá-los ainda sem nos revelarmos.

Sebastian tocou a pulseira. Era um hábito que a Rainha havia percebido, algo que ele fazia quando estava irritado e tentava não demonstrar. O metal tinha uma inscrição numa linguagem antiga dos seres humanos: *Se não puder dobrar os céus, moverei o inferno*.

— Eu os quero — disse ele.

— E você os terá — afirmou a Rainha. — Não me esqueci de que isso era parte de nossa barganha. Mas você deve ser paciente.

Sebastian sorriu, embora o sorriso não alcançasse os olhos.

— Nós, mortais, podemos ser precipitados.

— Você não é um mortal comum — observou a Rainha, e se virou novamente para Meliorn. — Meu cavaleiro, o que o senhor aconselha à sua Rainha?

— Precisamos de mais soldados — respondeu Meliorn. — Devemos dominar mais um Instituto. Mais armas seria uma vantagem também.

— Pensei que você tivesse dito que todos os Caçadores de Sombras estivessem em Idris? — observou Sebastian.

— Não ainda — retrucou Meliorn. — Algumas cidades levaram mais tempo que o esperado para evacuar todos os Nephilim; os Caçadores de Sombras de Londres, Rio de Janeiro, Cairo, Taipé e Istambul permanecem. Devemos ter, pelo menos, mais um Instituto.

Sebastian sorriu. Era o tipo de sorriso que transformava o rosto adorável, não em algo mais adorável, mas numa máscara cruel, cheia de dentes, como o sorriso de uma mantícora.

— Então ficarei com Londres — respondeu ele. — Se isso não for de encontro aos seus desejos, minha Rainha.

Ela não conseguiu evitar senão sorrir. Fazia séculos que um amante mortal não lhe estimulava um sorriso. Ela se inclinou para beijá-lo, e sentiu suas mãos deslizarem sobre as pétalas do robe.

— Fique com Londres, meu amor, e transforme tudo em sangue — disse ela. — Meu presente para você.

— Você está bem? — perguntou Jace, pelo que parecia a Clary a centésima vez. Ela estava parada no degrau da frente da casa de Amatis, parcialmente iluminada pelas luzes das janelas. Jace estava logo abaixo dela, as mãos nos bolsos, como se tivesse medo de deixá-las livres.

Ele ficara encarando as marcas de queimadura que deixara na parede da loja durante algum tempo antes de ajeitar a camisa e praticamente empurrar Clary para a rua lotada, como se ela não devesse ficar a sós com ele. E se comportara de modo taciturno pelo restante do trajeto de volta, a boca contraída numa linha tensa.

— Eu estou *bem* — tranquilizou ela. — Sabe, você queimou a parede, não a mim. — Ela deu um rodopio exagerado, como se estivesse exibindo uma roupa nova. — Está vendo?

Os olhos dele estavam tristes.

— Se eu machucasse você...

— Mas não machucou — disse ela. — Não sou tão frágil assim.

— Pensei que estivesse controlando isso melhor, que os exercícios com Jordan estivessem ajudando. — A frustração perpassou a voz dele.

— Você está; isso está melhorando. Sabe, você foi capaz de concentrar o fogo nas mãos; isso é progresso. Eu toquei você, beijei você e não estou machucada. — Ela pôs uma das mãos na bochecha dele. — Nós vamos fazer isso juntos, lembra-se? E nada de me dispensar. Sem fugas dramáticas.

— Eu estava pensando em fugir para Idris nas próximas Olimpíadas — falou Jace, mas sua voz já estava mais suave, e a ponta de desprezo próprio diminuíra e dera lugar à ironia e à diversão.

— Você e Alec podiam disputar a fuga em dupla — falou Clary, com um sorriso.

— Você ficaria com o ouro.

Ele virou a cabeça e beijou a palma da mão dela. O cabelo dele roçou as pontas dos dedos de Clary. Tudo ao redor deles parecia tranquilo e silencioso; Clary quase seria capaz de acreditar que eles eram as únicas pessoas em Alicante.

— Fico me perguntando — disse ele, se encostando na pele dela — o que o dono daquela loja vai pensar quando chegar para o trabalho de manhã e notar duas marcas de mãos queimadas na parede.

— "Espero que haja seguro para isso"?

Jace sorriu, um pequeno sopro de ar contra a mão dela.

— E por falar nisso — disse Clary —, a próxima reunião do Conselho é amanhã, certo?

Jace acenou com a cabeça.

— Conselho de guerra — respondeu ele. — Apenas membros selecionados da Clave. — E remexeu os dedos com irritação. Clary sentiu a perturbação dele. — Jace era um excelente estrategista e um dos melhores combatentes da Clave, e se ressentiria por ficar de fora de qualquer reunião sobre combates. Em especial, pensou ela, se houvesse um debate sobre o uso do fogo celestial como arma.

— Então talvez você possa me ajudar com uma coisa. Preciso de uma loja de armas. Quero comprar uma espada. Uma espada realmente boa.

Jace pareceu surpreso, depois, pareceu se divertir.

— Para quê?

— Ah, você sabe. Matança. — Clary fez um gesto com a mão, o qual esperava que transmitisse suas intenções assassinas contra todas as coisas malignas. — Tipo, já faz um tempinho que sou uma Caçadora de Sombras. Eu devia ter uma arma adequada, certo?

Um sorriso lento se abriu no rosto dele.

— A melhor loja de espadas é a loja de Diana, na Flintlock Street — disse ele, os olhos brilhando. — Eu te pego amanhã à tarde.

— É um encontro — disse Clary. — Um encontro com armas.

— Bem melhor que jantar e cinema — retrucou Jace, e desapareceu nas sombras.

5

A Medida da Vingança

Maia ergueu o olhar quando a porta do apartamento de Jordan abriu com um estrondo e ele correu para dentro, quase deslizando no piso escorregadio de madeira de lei.

— Nada? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça. A decepção ficou estampada no rosto dele. Depois de matarem os Crepusculares, ela convocara o bando para ajudar os dois a limpar a bagunça. Ao contrário dos demônios, os Crepusculares não evaporavam quando eram mortos. Era necessário eliminá-los. Normalmente eles teriam convocado os Caçadores de Sombras e os Irmãos do Silêncio, mas agora as portas para o Instituto e a Cidade dos Ossos estavam fechadas. Em vez disso, o Morcego e o restante do bando apareceram com um saco mortuário, enquanto Jordan, ainda sangrando por causa da luta, tinha saído para procurar por Simon.

Ele demorou horas para voltar, e, quando retornou, a expressão em seus olhos expunha toda a história para Maia. Tinha encontrado o celular de Simon, em pedaços, abandonado no degrau mais baixo da saída de incêndio como um bilhete irônico. De outro modo, não haveria sinal algum dele.

Nenhum dos dois dormiu depois disso, claro. Maia tinha voltado para a sede da matilha de lobos com Morcego, que prometera — mesmo que com alguma hesitação — pedir aos lobos que procurassem por Simon e tentassem (ênfase em tentar) alcançar os Caçadores de Sombras em Alicante. Havia linhas abertas para a capital dos Caçadores de Sombras, linhas que somente os líderes dos lobos e dos clãs podiam usar.

Maia retornara ao apartamento de Jordan ao alvorecer, exausta e desesperada. Estava parada na cozinha quando ele entrou, com um pedaço de papel-toalha úmido na testa, o qual ela afastou assim que Jordan a encarou e sentiu a água descer pelo rosto feito lágrimas.

— Não — disse ela. — Nenhuma notícia.

Jordan desabou contra a parede. Vestia apenas uma camiseta de manga curta, e as tatuagens dos *Upanishads* estavam escuras e visíveis ao redor do bíceps. O cabelo estava suado, grudado na testa, e havia uma linha vermelha no pescoço, bem no ponto onde passava a faixa da aljava. Ele parecia infeliz.

— Não consigo acreditar nisso — desabafou, pelo que pareceu a Maia a milionésima vez. — Eu o perdi. Era responsável por ele e, droga, eu o perdi.

— Não é sua culpa. — Ela sabia que isso não o faria sentir-se melhor, mas precisava dizê-lo. — Sabe, você não pode lutar contra cada vampiro e vilão na área dos três estados, e a Praetor não

deveria ter pedido para você tentar. Quando Simon perdeu a Marca, você pediu reforços, não pediu? E eles não mandaram ninguém. Você fez o possível.

Jordan olhou para as próprias mãos e falou alguma coisa em voz baixa:

— Não foi bom o suficiente.

Maia sabia que ela deveria ir até ele, abraçá-lo e confortá-lo. Dizer que ele não devia se culpar.

Mas ela não conseguia. O peso da culpa era tão grande em seu peito quanto uma barra de ferro, e palavras não ditas obstruíam sua garganta. Já estava daquele jeito há semanas. *Jordan, preciso te dizer uma coisa. Jordan, preciso. Jordan, eu.*

Jordan...

O som de um telefone tocando rompeu o silêncio entre eles. Quase freneticamente, Jordan remexeu no bolso e pegou o celular; abriu o aparelho já encostando-o ao ouvido.

— Alô?

Maia o observava, inclinando-se tanto para a frente que a bancada esmagava suas costelas. No entanto, ela conseguia ouvir apenas murmúrios no outro lado da linha e estava praticamente gritando de impaciência quando Jordan fechou o celular e olhou para ela, um brilho de esperança nos olhos.

— Era Teal Waxelbaum, segundo em comando da Praetor — disse ele. — Eles me querem na sede imediatamente. Acho que vão ajudar a procurar Simon. Você vem? Se sairmos agora, devemos chegar lá pelo meio-dia.

Sob a torrente de ansiedade em relação a Simon, havia uma súplica em sua voz. Ele não era bobo, pensou Maia. Sabia que algo estava errado. Ele sabia...

Ela respirou fundo. As palavras abarrotavam sua garganta — *Jordan, nós precisamos conversar sobre uma coisa* —, mas ela as conteve. Simon era a prioridade agora.

— Claro — respondeu. — Claro que vou.

A primeira coisa que Simon viu foi o papel de parede, que não era tão ruim assim. Um pouco ultrapassado. Definitivamente descascando. Sério problema de mofo. Mas, em geral, não era a pior coisa que ele já tinha visto. Simon piscou uma ou duas vezes, assimilando as listras pesadas que interrompiam o padrão floral. Bastou um segundo para perceber que as listras eram, na verdade, barras. Estava numa jaula.

Rapidamente, Simon girou sobre as costas e ficou de pé, sem verificar a altura da jaula. Bateu a cabeça nas barras superiores, se abaixando num reflexo enquanto xingava em voz alta.

E depois ele se viu.

Vestia uma camisa branca fluida e fofa. Mais perturbador era o fato de também estar vestindo calças de couro muito apertadas.

Muito apertadas.

Muito de couro.

Simon se examinou e assimilou aquilo tudo. Os babados da camisa. O decote profundo em V que mostrava o peito. O couro justo.

— Por que sempre que eu acho que encontrei a coisa mais terrível que podia me acontecer descubro que estou errado?

Como se fosse uma deixa, a porta se abriu e uma figura minúscula correu para dentro do cômodo. Um vulto escuro fechou a porta instantaneamente atrás de si, com velocidade de Serviço Secreto.

O vulto caminhou na ponta dos pés até a jaula e espremeu o rosto entre duas barras.

— Siiimon — murmurou ela.

Maureen.

Normalmente, Simon teria tentado pelo menos pedir a ela para soltá-lo, encontrar uma chave ou ajudá-lo. Mas alguma coisa na aparência de Maureen lhe dizia que isso não seria útil. Especificamente, a coroa de ossos que ela estava usando. Ossos de dedos. Talvez ossos dos pés. E a coroa de ossos tinha joias — ou talvez fosse enfeitiçada. E então havia o vestido de baile rosa e cinza, mais largo nos quadris, num estilo que o fazia se recordar das roupas de época do século XVIII. Não era o tipo de roupa que inspirava confiança.

— Ei, Maureen — disse ele, com cautela.

Maureen sorriu e encostou o rosto na abertura com mais força.

— Você gosta da sua roupa? — perguntou ela. — Eu tenho algumas para você. Tenho uma casaca e um kilt, e todo tipo de coisas, mas eu queria que usasse essa primeiro. Eu fiz sua maquiagem também. Fui eu.

Simon não precisava de um espelho para saber que estava usando delineador. A noção foi total e imediata.

— Maureen...

— Estou fazendo um colar — continuou ela, interrompendo-o. — Quero que você use mais joias. Quero que você use mais *pulseiras*. Quero coisas em volta dos seus *pulsos*.

— Maureen, onde estou?

— Você está comigo.

— Tá. Onde *nós* estamos?

— O hotel, o hotel, o hotel...

O Hotel Dumort. Pelo menos aquilo fazia algum sentido.

— Tá — disse ele. — E por que eu estou... numa jaula?

Maureen começou a murmurar uma canção para si e passou a mão ao longo das barras da jaula, perdida no próprio mundo.

— Juntos, juntos, juntos... agora estamos juntos. Você e eu. Simon e Maureen. Finalmente.

— Maureen...

— Este vai ser seu quarto — disse ela. — E assim que você estiver pronto, poderá sair. Tenho coisas para você. Tenho uma cama. E outras coisas. Umas cadeiras. Coisas das quais você vai gostar. E a banda vai poder tocar!

Ela girou e quase perdeu o equilíbrio por causa do peso estranho do vestido.

Simon sentiu que provavelmente deveria escolher as próximas palavras com muito cuidado. Ele sabia que tinha uma voz tranquilizadora. E sabia ser sensível. Reconfortante.

— Maureen... você sabe... eu gosto de você...

Ao ouvir aquilo, Maureen parou de girar e voltou a agarrar as barras.

— Você precisa de tempo — disse ela, com uma bondade terrível na voz. — Apenas tempo. Você vai aprender. Vai se apaixonar. Estamos juntos agora. E vamos governar. Você e eu. Você vai governar meu reino. Agora que sou a rainha.

— Rainha?

— Rainha. Rainha Maureen. Rainha Maureen da noite. Rainha Maureen da escuridão. Rainha Maureen. Rainha Maureen. Rainha Maureen dos mortos.

Ela pegou uma vela que queimava em um suporte na parede e, subitamente, meteu-a entre as barras, em direção a Simon. Ela a inclinou muito levemente e sorriu quando a cera branca caiu em forma de lágrimas nos restos destruídos do carpete escarlate. Ela mordeu o lábio, concentrada, girando o pulso delicadamente, acumulando as gotas juntinhas.

— Você é... uma rainha? — disse Simon baixinho. Ele sabia que Maureen era a líder do clã de vampiros de Nova York. Ela havia matado Camille, afinal de contas, e assumido o lugar desta. No entanto os líderes do clãs não eram chamados reis nem rainhas. Eles se vestiam normalmente, como Raphael fazia, não com fantasias. Eram figuras importantes na comunidade das Crianças da Noite.

Mas Maureen, sem dúvida, era diferente. Maureen era uma criança, uma criança morta-viva. Simon se recordou das manguinhas de arco-íris, da vozinha ruidosa, dos olhos grandes. Ela permanecera uma garotinha com toda sua inocência de garotinha quando Simon a mordera, quando Camille e Lilith a levaram e mudaram, injetando tal maldade em suas veias que retirara toda a inocência e a corrompera rumo à loucura.

Era culpa dele, Simon sabia. Se Maureen não o tivesse conhecido, não o tivesse seguido por aí, nada disso teria acontecido.

Maureen acenou com a cabeça e sorriu, concentrando-se na pilha de cera, que agora parecia um vulcão minúsculo.

— Eu preciso... fazer coisas — falou abruptamente, e deixou a vela cair, ainda acesa.

A vela se apagou quando atingiu o chão, e Maureen correu para a porta. O mesmo vulto escuro a abriu no instante que ela se aproximou. E então Simon ficou sozinho novamente, com

os restos fumegantes da vela e a nova calça de couro e o peso horrível de sua culpa.

Maia ficara calada durante todo o trajeto pela via expressa de Long Island, entupida de carros, até a Praetor; o sol se elevava no céu e os arredores passavam de edifícios lotados de Manhattan a sítios e cidadezinhas pastorais de North Fork. Eles estavam perto da Praetor, e dava para ver as águas azuis do Sound à esquerda, ondulando com o vento gelado. Maia se imaginou jogando-se nelas, e estremeceu ao pensar no frio.

— Você está bem? — perguntou Jordan, que também mal falara durante a maior parte da viagem.

O interior da van estava gelado, e ele usava luvas de couro para dirigir, porém elas não escondiam os nós brancos dos dedos no volante. Maia sentia a ansiedade fluindo dele em ondas.

— Estou bem — respondeu ela. Não era verdade. Ela estava preocupada com Simon e ainda lutava com as palavras que não conseguia dizer, que lhe obstruíam a garganta. Agora não era a hora certa para expeli-las, não com Simon desaparecido, e, ainda assim, todos os instantes em que ela deixava de dizê-las pareciam uma mentira.

Os dois viraram na estrada comprida e branca que se estendia ao longe, na direção do Sound. Jordan pigarreou.

— Você sabe que eu te amo, não é?

— Eu sei — disse Maia em voz baixa, e lutou contra a vontade de dizer "Obrigada". Não era correto responder "Obrigada" quando alguém dissesse que te amava. E sim responder o que Jordan evidentemente estava esperando...

Ela olhou pela janela e se assustou, saindo do devaneio subitamente.

— Jordan, está *nevando*?

— Acho que não.

Entretanto flocos brancos caíam diante das janelas da van, acumulando-se no para-brisa. Jordan estacionou o veículo, baixou uma das janelas e abriu a mão para pegar um floco. Ele recuou a mão, e sua expressão ficou sombria.

— Isto não é neve — falou ele. — São cinzas.

Maia sentiu uma pontada no peito enquanto ele voltava a ligar o motor da van e eles avançavam, dando a volta na esquina. À frente, onde deveria erguer-se a sede da Praetor Lupus, dourada contra o céu cinzento de meio-dia, via-se uma concentração de fumaça preta. Jordan xingou e girou o volante para a esquerda; a van atingiu uma vala e fez um barulho alto. Ele chutou a porta para que abrisse e saiu do veículo; Maia o seguiu um instante depois.

A sede da Praetor Lupus fora construída sobre um imenso lote de terreno verde que se inclinava para o Sound. O edifício central era de rocha dourada, um solar romanesco circundado por pórticos em arco. Ou pelo menos tinha sido. Agora era um amontoado de madeira e pedra

fumegantes, chamuscadas feito ossos em um crematório. Pó branco e cinzas flutuavam densamente pelos jardins, e Maia engasgou com o ar pungente, erguendo uma das mãos para proteger o rosto.

O cabelo castanho de Jordan estava todo salpicado com as cinzas. Ele olhou ao redor, a expressão chocada e incompreensível.

— Eu não...

Alguma coisa atraiu o olhar de Maia, um lampejo de movimento através da fumaça. Ela agarrou a manga de Jordan.

— Veja... tem alguém ali...

Ele caminhou, se desviando da ruína fumegante do edifício da Praetor. Maia o acompanhou, embora não conseguisse evitar recuar, horrorizada, ao fitar os destroços chamuscados da estrutura que se projetava da terra: as paredes que sustentavam um telhado agora inexistente, janelas que explodiram ou derreteram, vislumbres de branco que poderiam ter sido tijolos ou ossos...

Jordan parou à frente de Maia. Ela andou até ficar do lado dele. As cinzas grudavam em seus sapatos, partículas entre os cadarços. Ela e Jordan estavam na parte principal dos edifícios destruídos pelo fogo. Dava para ver a água não muito longe. O fogo não tinha se espalhado, embora houvesse folhas mortas chamuscadas e cinzas sopradas ali também — e, em meio às cercas vivas aparadas, havia corpos.

Lobisomens — de todas as idades, embora a maioria fosse jovem — estavam esparramados ao longo das trilhas bem-cuidadas, os corpos lentamente cobertos por cinzas, como se estivessem sendo engolidos por uma nevasca. Lobisomens possuíam o instinto de se cercar de outros indivíduos da própria espécie, de tirar forças um do outro. Aquela quantidade de licantropos mortos era uma dor lancinante, um buraco de perda no mundo. Ela se recordou das palavras de Kipling, escritas nas paredes da Praetor. *A força do bando é o lobo, e a força do lobo é o bando.*

Jordan estava olhando ao redor, os lábios se movendo conforme ele murmurava os nomes dos mortos: *Andrea, Teal, Amon, Kurosh, Mara*. Na beira da água, Maia subitamente viu algo se mexer — um corpo, submerso pela metade. Ela disparou, Jordan em seu encalço. Ela escorregou pelas cinzas até o local onde a grama dava lugar à areia, e desabou ao lado do cadáver.

Era Praetor Scott, o corpo balançando com o rosto virado para baixo, o cabelo louro grisalho encharcado, a água ao redor dele manchada de um vermelho rosado. Maia se abaixou para virá-lo e quase engasgou. Os olhos dele estavam abertos, fitando o céu cegamente, a garganta aberta por um corte.

— Maia. — Ela sentiu um toque em suas costas. Era a mão de Jordan. — Não...

A frase foi interrompida por um suspiro, e ela deu meia-volta e sentiu um pavor tão intenso que sua visão quase escureceu. Jordan estava atrás dela, uma das mãos esticada, uma expressão de

choque total.

Do meio de seu peito, projetava-se a lâmina de uma espada, o metal gravado com estrelas pretas. Parecia bizarro demais, como se alguém a tivesse pregado ali com fita, ou como se fosse um tipo de acessório teatral.

O sangue começou a se espalhar em um círculo ao redor da lâmina e manchou a frente da jaqueta. Jordan deu mais um suspiro borbulhante e caiu de joelhos, a espada retraindo e saindo de seu corpo enquanto ele desabava no chão e revelava quem estava logo atrás.

Um garoto que carregava uma imensa espada preta e prateada olhava para Maia por cima do corpo ajoelhado de Jordan. O cabo estava melado de sangue — na verdade, estava totalmente ensanguentado, do cabelo claro até as botas, respingadas como se ele tivesse ficado de pé diante de um ventilador que soprava tinta escarlate. Exibia um sorriso largo.

— Maia Roberts e Jordan Kyle — falou. — Ouvi falar muito sobre *vocês*.

Maia caiu de joelhos, ao mesmo tempo que Jordan desabou para o lado. Ela o segurou, apoiando-o no colo. Maia sentia o corpo inteiro dormente por causa do pavor, como se estivesse deitada no fundo congelado do rio. Jordan estremecia em seus braços, e ela o abraçava enquanto o sangue escorria pelos cantos da boca.

Ela ergueu o olhar para o garoto. Por um instante vertiginoso pensou que ele tivesse saído de um dos pesadelos com seu irmão, Daniel. Ele era belo como Daniel fora, embora não pudesse ser mais diferente. A pele de Daniel era morena como a dela, ao passo que a do garoto parecia ter sido entalhada no gelo. Pele branca, maçãs do rosto pálidas e proeminentes, cabelo branco como sal, caindo na testa. Os olhos eram negros, olhos de tubarão, fixos e frios.

— Sebastian — disse ela. — Você é o filho de Valentim.

— Maia — murmurou Jordan. As mãos dela estavam sobre o peito dele, encharcadas de sangue, assim como a camiseta e a areia debaixo deles, os grãos se acumulando no escarlate grudento. — Não fique... corra...

— Shhhh. — Ela o beijou na bochecha. — Você vai ficar bem.

— Não. Não vai — falou Sebastian, parecendo entediado. — Ele vai morrer.

Maia ergueu a cabeça.

— Cale a boca — sibilou ela. — Cale a boca, sua... sua *coisa*...

O pulso de Sebastian fez um movimento rápido com um estalo — ela nunca vira ninguém fazer aquilo tão depressa, a não ser, talvez, Jace —, e a ponta da espada estava em seu pescoço.

— Quieta, menina do Submundo — ordenou ele. — Veja quantos estão mortos à sua volta. Você acha que eu hesitaria em matar mais um?

Ela engoliu em seco, mas não se afastou.

— Por quê? Pensei que sua guerra fosse contra os Caçadores de Sombras...

— É uma longa história... — explicou ele, com voz arrastada. — Basta dizer que o Instituto de

Londres é irritantemente bem protegido e que a Praetor pagou o preço. Eu ia matar *alguém* hoje. Só não tinha certeza de quem, quando acordei esta manhã. Adoro as manhãs. Tão cheias de possibilidades.

— A Praetor não tem nada a ver com o Instituto de Londres...

— Ah, você está errada nesse ponto. Tem uma história e tanto. Mas é de pouca importância. Você está correta ao dizer que minha guerra é contra os Nephilim, o que significa que eu estou em guerra contra seus aliados. Este — ele abanou a mão livre para trás e indicou as ruínas incendiadas — é meu recado. E você vai transmiti-lo por mim.

Maia começou a balançar a cabeça, mas sentiu que alguma coisa agarrava sua mão — eram os dedos de Jordan. Ela baixou os olhos para ele. Jordan estava branco feito um fantasma, os olhos buscavam os dela. *Por favor*, pareciam dizer. *Faça o que ele pede*.

— Qual recado? — murmurou ela.

— Que eles deveriam se recordar de Shakespeare — disse ele. — *Eu nunca vou parar, nunca vou ficar imóvel, até que a morte feche os meus olhos, ou a fortuna me dê a medida da vingança*. — Os cílios roçavam a bochecha ensanguentada enquanto ele piscava. — Diga aos membros do Submundo. Estou atrás de vingança e vou conseguir. Vou lidar desse modo com qualquer um que se alie aos Caçadores de Sombras. Não quero dialogar com sua espécie, a menos que vocês sigam os Nephilim na batalha; nesse caso, vocês alimentarão minha lâmina e as lâminas do meu exército, até o último ser extinto da superfície deste mundo.

Ele baixou a ponta da espada, de modo que a lâmina roçou os botões da camisa de Maia, como se houvesse pretensão de cortar o corpo dela. Sebastian ainda estava sorrindo quando afastou a arma.

— Acha que consegue se lembrar disso, garota-lobo?

— Eu...

— Claro que consegue — disse ele, e baixou o olhar para o corpo de Jordan, que ainda estava nos braços dela. — Seu namorado está morto, por sinal — emendou, depois enfiou a espada na bainha presa à cintura e se afastou. Suas botas faziam subir nuvens de cinzas enquanto ele caminhava.

Magnus nunca havia entrado no Hunter's Moon, uma vez que tinha sido um bar clandestino durante os anos da Proibição, um local onde mundanos se reuniam tranquilamente para beber até cair. Em algum momento dos anos de 1940 ele fora assumido por proprietários do Submundo e, desde então, atendia à essa clientela — sobretudo, lobisomens. Fora sujo na época e era sujo agora, o chão coberto com uma camada de poeira grudenta. Havia um balcão de madeira com uma bancada manchada, marcada por décadas de anéis feitos com copos úmidos e arranhões causados por garras compridas. Pete Furtivo, o barman, servia uma Coca-cola para Morcego

Velasquez, o líder temporário do bando de lobos de Luke, em Manhattan. Magnus semicerrou os olhos para ele, pensativo.

— Você está de olho no novo líder do bando dos lobos? — perguntou Catarina, espremida na mesa sombria ao lado de Magnus, os dedos azuis segurando um Long Island Iced Tea. — Pensei que estivesse de saco cheio dos lobos, depois de Woolsey Scott.

— Não estou de olho nele — disse Magnus, exaltado. Morcego não era nada feio se você gostava de tipos com queixo quadrado e ombros largos, mas Magnus estava imerso em pensamentos. — Minha mente estava em outras coisas.

— Não importa o que seja, não faça! — falou Catarina. — É uma péssima ideia.

— E por que você diz isso?

— Porque eles são do único tipo que você tem — disse ela. — Eu te conheço há muito tempo, e tenho certeza absoluta nesse quesito. Se você está planejando virar pirata de novo, é uma péssima ideia.

— Eu não repito meus erros — retrucou Magnus, ofendido.

— Tem razão. Você comete erros novos e até piores — disse Catarina. — Não faça isso, seja o que for. Não lidere um motim de lobisomens, não faça nada que possa contribuir acidentalmente para o apocalipse, e não comece sua própria linha de glitter para tentar vendê-la na Sephora.

— A última ideia tem mérito real — observou Magnus. — Mas não estou cogitando uma mudança de carreira. Eu estava pensando em...

— Alec Lightwood? — Catarina deu um sorriso. — Nunca vi alguém te impressionar tanto quanto aquele garoto.

— Você não me conhece tanto assim — resmungou Magnus, mas o comentário não foi sincero.

— Por favor. Você me fez assumir o trabalho com o Portal no Instituto para não ter que vê-lo, e depois apareceu mesmo assim, só para se despedir. Não negue. Eu te vi.

— Não neguei coisa alguma. Apareci para me despedir; foi um erro. Eu não devia ter feito isso. — Magnus tomou um gole de sua bebida.

— Ora, poupe-me — falou Catarina. — *Que* história é essa, de verdade, Magnus? Nunca vi você tão feliz como quando estava com Alec. Normalmente, quando se apaixona, você fica infeliz. Lembre-se de Camille. Eu a odiava. Ragnor a odiava...

Magnus abaixou a cabeça sobre a mesa.

— *Todos* a odiavam — emendou Catarina cruelmente. — Ela era desonesta *e* má. E então seu pobre e doce namorado foi mordido por ela; bem, sério, há alguma razão para terminar um relacionamento perfeito? É como incitar uma píton a atacar um coelhinho e depois ficar zangado quando o coelhinho perde.

— Alec não é um coelhinho. É um Caçador de Sombras.

— E você nunca namorou um Caçador de Sombras. É disso que se trata?

Magnus se afastou da mesa, o que foi um alívio, pois ela cheirava a cerveja.

— De certa forma, o mundo está mudando. Você não sente isso, Catarina? — perguntou ele.

Ela o espiou por cima da borda do copo.

— Não posso dizer que sinta.

— Os Nephilim sobreviveram durante milhares de anos — observou Magnus. — Mas alguma coisa está chegando, uma grande mudança. Sempre aceitamos os Caçadores de Sombras como um fato de nossa existência. Mas há feiticeiros velhos o suficiente para se lembrar de quando os Nephilim não caminhavam sobre a Terra. Eles poderiam ser extintos tão rapidamente quanto chegaram.

— Mas você não acredita realmente...

— Sonhei com isso — disse ele. — Você sabe que tenho sonhos verdadeiros, algumas vezes.

— Por causa do seu pai. — Ela pousou a bebida na mesa. Sua expressão estava concentrada agora, não havia humor nela. — Ele poderia simplesmente estar tentando te assustar.

Catarina era uma das poucas pessoas no mundo que sabia quem o pai de Magnus realmente era; a outra fora Ragnor Fell. Não era algo que Magnus gostasse de revelar às pessoas. Uma coisa era ter por pai um demônio. Outra era seu pai ser proprietário de grande parte do Inferno.

— Qual é a finalidade disso? — Magnus deu de ombros. — Não sou o centro do que quer que seja este turbilhão que está por vir.

— Mas tem medo que Alec seja — falou Catarina. — E você quer afastá-lo, antes que o perca.

— Você disse para não fazer nada que pudesse contribuir acidentalmente para o apocalipse — observou o feiticeiro. — Sei que estava brincando. Mas é menos engraçado quando não consigo me livrar da sensação de que o apocalipse virá de qualquer jeito. Valentim Morgenstern praticamente acabou com os Caçadores de Sombras, e seu filho é duas vezes mais inteligente e seis vezes mais cruel. E ele não virá sozinho. Ele tem auxílio, de demônios maiores que meu pai, de outros...

— Como você sabe disso? — O tom de voz de Catarina era agudo.

— Eu olhei.

— Pensei que você tivesse parado de ajudar os Caçadores de Sombras — disse Catarina, e então ergueu a mão antes que ele pudesse falar alguma coisa. — Deixe para lá. Já ouvi você repetir esse tipo de coisa vezes suficientes para saber que você nunca fala sério.

— Essa é a questão — disse Magnus. — Eu olhei, mas não encontrei nada. Não importa quais sejam os aliados de Sebastian, ele não deixou rastros da aliança. Continuo sentindo como se estivesse prestes a descobrir alguma coisa, e então me flagro agarrando o ar. Não acho que eu *possa* ajudá-los, Catarina. Não sei se alguém pode.

Magnus desviou o olhar da expressão súbita de compaixão do outro lado do balcão. Morcego

estava inclinado contra o móvel e brincava com o telefone — a luz da tela lançava sombras em seu rosto. Sombras que Magnus via em todos os rostos mortais: em todos os humanos, em todos os Caçadores de Sombras, em todas as criaturas destinadas a morrer.

— Mortais têm esse nome exatamente porque não são eternos — observou Catarina. — Você sempre soube disso e ainda assim já os amou.

— Não desse jeito — falou Magnus.

Catarina arfou, surpresa.

— Oh — murmurou. — Oh... — Ela pegou a bebida. — Magnus, você é absurdamente tolo — emendou carinhosamente.

O feiticeiro semicerrou os olhos para ela.

— Sou?

— Se é desse jeito que você se sente, deveria ficar com ele — aconselhou. — Pense em Tessa. Você aprendeu alguma coisa com ela? Sobre quais amores valem a dor de perdê-los?

— Ele está em Alicante.

— E daí? — insistiu Catarina. — Você deveria ser o feiticeiro representante do Conselho; você depositou essa responsabilidade em mim. Estou devolvendo a você. Vá para Alicante. De qualquer forma, para mim, você tem mais a dizer ao Conselho do que eu jamais poderia. — Ela enfiou a mão no bolso do uniforme de enfermeira que estava vestindo: tinha vindo direto do trabalho no hospital. — Ah, e fique com isto.

Magnus puxou o pedaço de papel amassado dos dedos dela.

— Um convite para jantar? — falou, desconfiado.

— Meliorn, do povo fada, deseja que todos os membros do Submundo no Conselho se encontrem para jantar na véspera do grande Conselho — disse ela. — Um tipo de gesto de paz e boa vontade, ou talvez ele apenas queira chatear todo mundo com enigmas. De um jeito ou de outro, deve ser interessante.

— Comida de fada — retrucou Magnus, melancólico. — Odeio comida de fada. Quero dizer, mesmo o tipo seguro, que não vai fazer você ficar dançando músicas típicas durante o próximo século. Todos aqueles besouros e vegetais crus...

Ele se interrompeu. Do outro lado do cômodo, Morcego encostou o telefone no ouvido. A outra mão agarrou o balcão do bar.

— Tem alguma coisa errada — disse o feiticeiro. — Alguma coisa referente ao bando.

Catarina pousou o copo na mesa. Ela conhecia Magnus muito bem e sabia quando ele provavelmente estava certo. Ela também olhou para Morcego, que tinha fechado o celular. Ele empalidecera, a cicatriz se destacava, lívida, na bochecha. Ele se inclinou para dizer alguma coisa para Pete Furtivo, atrás do balcão, depois levou dois dedos à boca e assobiou.

Pareceu o apito de um trem a vapor e interrompeu o murmúrio baixo de vozes no bar. Em

instantes, todos os licantropos estavam de pé, irrompendo em direção a Morcego. Magnus se pôs de pé também, embora Catarina segurasse sua manga.

— Não...

— Vou ficar bem. — Ele a afastou e empurrou a multidão até chegar a Morcego. O restante do bando estava parado em um círculo frouxo ao redor dele. Eles se retesaram, inseguros ao ver o feiticeiro no meio deles, abrindo caminho para ficar perto do líder do bando. Um dos lobisomens, uma loura, saiu de seu lugar e bloqueou Magnus, porém Morcego ergueu a mão.

— Está tudo bem, Amabel — disse ele. A voz era de poucos amigos, mas educada. — Magnus Bane, correto? Alto Feiticeiro do Brooklyn? Maia Roberts diz que posso confiar em você.

— Você pode.

— Ótimo, mas temos negócios urgentes do bando aqui. O que você quer?

— Você recebeu um telefonema? — Magnus apontou para o celular de Morcego. — Foi Luke? Aconteceu alguma coisa em Alicante?

Morcego balançou a cabeça, e sua expressão era indecifrável.

— Outro ataque ao Instituto, então? — insistiu Magnus.

Ele se acostumara a ter todas as respostas e odiava não saber algo. Embora o Instituto de Nova York estivesse vazio, isso não significava que outros Institutos estivessem desprotegidos, que poderia não ter havido uma batalha, uma na qual Alec talvez tivesse resolvido se envolver...

— Não foi a um Instituto — falou Morcego. — Era Maia ao telefone. A sede da Praetor Lupus foi incendiada e destruída. Pelo menos uma centena de lobisomens estão mortos, incluindo Praetor Scott e Jordan Kyle. Sebastian Morgenstern trouxe o combate até nós.

6

Irmão de Chumbo e
Irmã de Aço

— Não jogue... por favor, por favor, não jogue... Ai, Deus, ele jogou — falou Julian, com voz resignada, quando um pedaço de batata voou pelo cômodo e por pouco não acertou a orelha dele.

— Nada foi quebrado — tranquilizou Emma. Ela estava sentada com as costas apoiadas no berço de Tavvy e observava Julian dar a refeição da tarde ao irmão caçula. Tavvy havia chegado à idade na qual era muito restrito em relação ao que gostava de comer, e qualquer coisa que não o agradasse era jogada no chão. — O abajur está um pouco embatatado, só isso.

Felizmente, embora o restante da casa dos Penhallow fosse um tanto elegante, o sótão onde ficavam os "órfãos da guerra" — termo coletivo aplicado às crianças dos Blackthorn e a Emma desde que chegaram a Idris — era extremamente simples, funcional e sólido no design. Ocupava o último andar inteiro da casa: vários cômodos conectados, uma pequena cozinha e um banheiro, uma coleção fortuita de camas e pertences espalhados por toda parte. Helen dormia no andar de baixo com Aline, embora subisse diariamente; Emma recebera o próprio quarto, assim como Julian, que mal ficava nele. Drusilla e Octavian ainda acordavam todas as noites gritando, e Julian se acostumara a dormir no piso do quarto deles, com o travesseiro e o cobertor amontoados ao lado do berço de Tavvy. Não havia cadeirinha de comer para bebês, por isso Julian sentava-se no chão, na frente do menininho, em um cobertor todo sujo de comida, com um prato na mão e uma expressão desesperada.

Emma se aproximou e sentou-se de frente para ele, erguendo Tavvy até seu colo. O rostinho dele estava enrugado de tristeza.

— Mamã — falou, quando ela o ergueu.

— Faz o trenzinho piuí-piuí — aconselhou a Jules. Ela se perguntou se deveria avisar que ele estava com molho de espaguete no cabelo. Hesitou e achou melhor não.

Ela observava enquanto ele selecionava a comida, antes de colocá-la na boca de Tavvy. O menininho dava risadas agora. Emma tentava engolir a sensação de perda: ela se lembrava do próprio pai separando a comida no prato pacientemente na fase em que ela se recusava a comer qualquer coisa verde.

— Ele não está comendo o suficiente — disse Jules baixinho, enquanto transformava um pedaço de pão com manteiga num trem barulhento e Tavvy esticava as mãos meladas para ele.

— Ele está triste. É um bebê, mas entende que alguma coisa ruim aconteceu — explicou Emma. — Ele sente saudade de Mark e do pai.

Jules esfregou os olhos, cansado, deixando uma mancha de molho em uma das bochechas.

— Não posso substituir Mark nem papai. — Ele pôs um pedaço de maçã na boca de Tavvy. O menininho cuspiu, com uma expressão cruel de prazer. Julian suspirou. — Vou verificar Dru e os gêmeos. Eles estavam jogando Monopoly no quarto, mas você nunca sabe quando as coisas vão sair do controle.

Era verdade. Tiberius, com a mente analítica, tendia a vencer a maior parte dos jogos. Livvy nunca se importava, mas Dru, que era competitiva, sim, e muitas vezes uma partida terminava em puxões de cabelo de ambos os lados.

— Pode deixar que faço isso. — Emma devolveu Tavvy e estava se levantando quando Helen entrou no quarto com a expressão sombria. Quando viu os dois, a expressão se transformou em apreensão. Emma sentiu os pelos da nuca se arrepiarem.

— Helen — disse Julian. — Qual é o problema?

— As forças de Sebastian atacaram o Instituto de Londres.

Emma percebeu Julian tenso. Ela quase conseguiu sentir, como se os nervos dele fossem os dela, como se o pânico dele fosse o dela. O rosto dele — já muito magro — pareceu se retesar, embora continuasse a segurar o bebê com cuidado e delicadeza.

— Tio Arthur? — perguntou ele.

— Ele está bem — avisou Helen rapidamente. — Ficou ferido. Isso vai atrasar a chegada dele em Idris, mas está bem. Na verdade, todos estão bem no Instituto de Londres. O ataque foi um fracasso.

— Por quê? — A voz de Julian foi pouco mais que um sussurro.

— Não sabemos ainda, não com certeza — disse Helen. — Vou até o Gard com Aline, a Consulesa e o restante do grupo para tentar descobrir o que aconteceu. — Ela se ajoelhou e passou a mão pelos cachos de Tavvy. — É uma *boa* notícia — falou para Julian, que parecia mais confuso que qualquer coisa. — Sei que é assustador o fato de Sebastian ter atacado de novo, mas ele não venceu.

Emma fitou Julian nos olhos. Sabia que deveria estar animada com as boas notícias, mas havia uma sensação violenta dentro dela — uma inveja terrível. Por que os habitantes do Instituto de Londres estavam vivos se a família dela morreu? De que maneira eles tinham lutado melhor, feito mais?

— Não é justo — desabafou Julian.

— Jules — disse Helen, e se pôs de pé. — É uma derrota. Isso significa alguma coisa. Significa que *podemos* derrotar Sebastian e suas forças. Dominá-los. Virar a maré. Isso vai deixar todo mundo com menos medo. É importante.

— Espero que o peguem com vida — disse Emma, os olhos em Julian. — Espero que o matem na Praça do Anjo para que possamos assistir à sua morte, e espero que seja lenta.

— *Emma* — disse Helen, soando chocada, mas os olhos azuis-esverdeados de Julian ecoaram a própria crueldade de Emma, sem qualquer vestígio de reprovação. Emma nunca o amara tanto quanto naquele momento por refletir até os sentimentos obscuros nas profundezas de seu coração.

A loja de armas era linda. Clary nunca tinha pensado que descreveria uma loja de armas desta forma — talvez um pôr do sol ou uma vista noturna límpida no horizonte de Nova York, mas não uma loja cheia de clavas, machados e bengalas-espada.

Mas aquela era. A placa de metal que pendia do lado de fora tinha o formato de uma aljava e o nome da loja — Flecha de Diana — escrito em letra cursiva. No interior da loja, havia facas exibidas como leques mortais de ouro, aço e prata. Um imenso candelabro pendia de um teto pintado com um desenho rococó de flechas douradas em pleno voo. Flechas de verdade eram exibidas em suportes de madeira entalhados. Espadas tibetanas, com os pomos decorados em turquesa, prata e coral, pendiam nas paredes ao lado de sabres *dha* birmaneses com pontas de metal trabalhadas em cobre e latão.

— Então... o que despertou isso? — perguntou Jace com curiosidade, segurando uma *naginata* entalhada com caracteres japoneses. Quando ele a pôs no chão, a lâmina ergueu-se acima de sua cabeça, e os dedos compridos se curvaram ao redor do punho para mantê-la firme. — Esse desejo por uma espada?

— Quando uma garota de 12 anos diz que sua arma é uma porcaria, é hora de mudar — falou Clary.

A mulher atrás do balcão deu uma risada. Clary a reconheceu como a mulher com tatuagem de peixe que tinha se manifestado na reunião do Conselho.

— Ora, você veio ao melhor lugar.

— Esta loja é sua? — perguntou Clary, e esticou a mão para testar a ponta de uma espada longa com cabo de ferro.

A mulher sorriu.

— Eu sou Diana Wrayburn.

Clary esticou a mão para um florete, mas Jace, depois de apoiar a *naginata* na parede, balançou a cabeça para ela.

— Aquela claymore ficaria mais alta que você. Não que isso seja difícil.

Clary mostrou a língua para ele e pegou uma espada curta que pendia na parede. Havia arranhões ao longo da lâmina — arranhões que, após um exame mais atento, Clary viu serem letras de uma linguagem que ela não conhecia.

— São símbolos, mas não são símbolos dos Caçadores de Sombras — falou Diana. — Esta é uma espada viking; muito antiga. E muito pesada.

— A senhora sabe o que diz?

— Somente os Valorosos — falou Diana. — Meu pai costumava dizer que você poderia conhecer uma grande arma se ela tivesse um nome ou inscrição.

— Eu vi uma ontem — recordou-se Clary. — Dizia algo como "*Sou do mesmo aço e da mesma têmpera que Joyeuse e Durendal.*"

— Cortana! — Os olhos de Diana se iluminaram. — A espada de Ogier. Isso é impressionante. É como possuir Excalibur ou Kusanagi-no-Tsurugi. Cortana é uma espada dos Castairs, creio. Emma Castairs, a garota que estava na reunião do Conselho ontem, é a dona agora?

Clary assentiu.

Diana fez um muxoxo.

— Pobre criança — disse ela. — E os Blackthorn também. Perderam tanta coisa num único golpe... Gostaria de poder fazer alguma coisa por eles.

— Eu também — emendou Clary.

Diana deu uma olhadela, avaliando Clary, e se abaixou atrás do balcão. Ela ressurgiu um instante depois com uma espada mais ou menos do tamanho do antebraço de Clary.

— O que você acha desta?

Clary fitou a espada. Sem dúvida, era bela. A guarda, o cabo e o pomo eram dourados com ranhuras de obsidiana; a lâmina, de uma prata tão escura que era quase preta. A mente de Clary percorreu rapidamente todos os tipos de armas que ela estivera memorizando nas lições: cimitarras, sabres, espadões, espadas.

— É uma *cinquedea*? — Ela tentou adivinhar.

— É uma espada curta. Você pode querer olhar o outro lado — falou Diana, e ela virou a espada. No lado oposto da lâmina, no sulco central, havia um desenho de estrelas pretas.

— Oh. — O coração de Clary bateu dolorosamente; ela deu um passo para trás e quase esbarrou em Jace, que estava atrás dela, franzindo a testa. — É uma espada dos Morgenstern.

— Sim, é. — Os olhos de Diana eram penetrantes. — Há muito tempo os Morgenstern encomendaram duas espadas com Wayland, o ferreiro... um conjunto. — Uma grande e outra menor, para pai e filho. Como Morgenstern significa Estrela da Manhã, cada uma tem seu nome em função de características da estrela: a menor, esta aqui, chama-se Heosphoros, que significa "que traz a manhã", enquanto a maior se chama Phaesphoros ou "que porta a luz". Sem dúvida você já viu Phaesphoros, pois Valentim Morgenstern era o dono dela, e agora é o filho dele quem a carrega.

— Você sabe quem nós somos — disse Jace. Não era uma pergunta. — Quem é Clary.

— O mundo dos Caçadores de Sombras é pequeno — afirmou Diana, e olhou de um para o outro. — Estou no Conselho. Vi seu depoimento, filha de Valentim.

Clary observava a espada, em dúvida.

— Eu não entendo — disse. — Valentim nunca teria abandonado uma espada Morgenstern. Por que você ficou com ela?

— A esposa dele a vendeu — explicou Diana — para meu pai, que era proprietário da loja na época da Ascensão. Era dela. Deveria ser sua agora.

Clary estremeceu.

— Eu vi dois homens portarem a versão maior desta espada, e odeio os dois. Não há Morgenstern neste mundo agora que se dedique a algo que não seja o mal.

Jace falou:

— Há você.

Ela olhou para ele, mas sua expressão era ilegível.

— De qualquer forma, eu não teria como comprá-la — emendou Clary. — É de ouro, e de ouro negro, e *adamas*. Não tenho dinheiro para este tipo de arma.

— Eu dou a espada para você — falou Diana. — Tem razão sobre as pessoas odiarem os Morgenstern; elas contam histórias sobre como as espadas foram criadas para conter a mágica mortal e, ao mesmo tempo, matar milhares. São apenas histórias, claro, nenhuma verdade nelas, mas ainda assim... não é o tipo de item que eu poderia vender em outro lugar. Ou que necessariamente iria querer vender. Ela deveria ir para boas mãos.

— Eu não a quero — murmurou Clary.

— Se você se encolher diante dela, estará permitindo que te domine — falou Diana. — Fique com ela, corte a garganta de seu irmão e devolva a honra a seu sangue.

Ela deslizou a arma pelo balcão, até Clary. Sem dizer nada, a garota a pegou, a mão envolvendo o pomo, que se acomodou bem entre seus dedos — perfeitamente, como se tivesse sido feita para ela. Mesmo contendo aço e metais preciosos, a espada parecia leve como uma pluma. Clary a ergueu, as estrelas pretas ao longo da lâmina piscando para ela, uma luz como fogo correndo e faiscando ao longo do aço.

Clary ergueu o olhar para ver Diana pegar algo no ar: um brilho de luz que se transformou num pedaço de papel. Ela o leu, franziu as sobrancelhas de preocupação.

— Pelo Anjo — disse ela. — O Instituto de Londres foi atacado.

Clary quase derrubou a espada. Ouviu Jace arfar ao seu lado.

— *O quê*? — perguntou ele.

Diana ergueu o olhar.

— Está tudo bem — disse. — Aparentemente algum tipo de proteção especial foi posta sobre o Instituto de Londres, algo que o Conselho ainda não conhece direito. Há feridos, mas ninguém foi morto. As forças de Sebastian foram repelidas. Infelizmente, nenhum dos Crepusculares foi capturado ou morto. — Enquanto Diana falava, Clary percebia que a proprietária da loja estava

usando roupas de luto brancas. Será que tinha perdido alguém na guerra de Valentim? Nos ataques de Sebastian aos Institutos?

Quanto sangue fora derramado pelas mãos dos Morgenstern?

— Eu... eu sinto muito. — Clary arfou. Ela conseguia enxergar Sebastian, podia vê-lo em sua mente, o uniforme vermelho e o sangue vermelho, o cabelo prateado e a espada prateada. Ela cambaleou para trás.

Subitamente, sentiu alguém tocando seu braço, e percebeu que estava respirando no ar frio. De alguma forma, estava em frente à loja de armas, numa rua cheia de pessoas, com Jace ao seu lado.

— Clary — disse ele. — Está tudo bem. Tudo está bem. Os Caçadores de Londres, todos escaparam.

— Diana falou que há feridos — repetiu Clary. — Mais sangue derramado por causa dos Morgenstern.

Ela baixou os olhos para a espada, a qual sua mão direita ainda agarrava; os dedos pálidos no cabo.

— Você não precisa ficar com a espada.

— Não. Diana tinha razão. Ter medo de tudo que é dos Morgenstern dá... dá a Sebastian poder sobre mim. E é exatamente isso que ele quer.

— Concordo — disse Jace. — Por essa razão eu trouxe isto.

Ele lhe entregou uma bainha de couro preto, ornada com um desenho de estrelas prateadas.

— Você não pode andar para cima e para baixo com uma arma desembainhada — emendou ele. — Quero dizer, você pode, mas é provável que te olhem de maneira estranha.

Clary pegou a bainha, cobriu a espada, a enfiou no cinto e fechou o casaco por cima.

— Melhor?

Ele afastou uma mecha de cabelo ruivo do rosto dela.

— É sua primeira arma de verdade, que pertence a você. O nome Morgenstern não é amaldiçoado, Clary. É um sobrenome de Caçadores de Sombras antigo e glorioso que remonta a centenas de anos. *A estrela da manhã.*

— A estrela da manhã não é uma estrela — afirmou Clary, mal-humorada. — É um planeta. Aprendi isto na aula de astronomia.

— Lamentavelmente, a educação mundana é prosaica. Olhe — refutou ele, e apontou para cima. Clary olhou, mas não para o céu. Ela olhou para ele, para o sol no cabelo claro, para a curvatura da boca quando ele sorria. — Muito antes de alguém saber sobre planetas, eles sabiam que havia fendas no tecido da noite. As estrelas. E sabiam que havia uma que se erguia a leste, ao nascer, e a chamaram de estrela da manhã, aquela que trazia a luz, o mensageiro da aurora. É tão ruim assim? Trazer luz para o mundo?

Impulsivamente, Clary se esticou e beijou a bochecha de Jace.

— Certo, está bem — ponderou ela. — Então isso foi mais poético que a aula de astronomia.

Ele abaixou a mão e sorriu para ela.

— Bom — falou ele. — Vamos fazer outra coisa poética agora. Venha. Quero te mostrar uma coisa.

Dedos frios contra as têmporas de Simon o acordaram.

— Abra os olhos, Diurno — ordenou uma voz impaciente. — Não temos o dia todo.

Simon sentou-se com tal rapidez que a pessoa diante dele deu um pulo para trás com um sibilo. Simon observou. Ele ainda estava cercado pelas barras da jaula de Maureen, ainda estava dentro do quarto decadente no Hotel Dumort. Do outro lado, estava Raphael. Ele vestia uma camisa branca abotoada e calça jeans, o brilho do ouro visível no pescoço. Ainda assim... Simon só o vira arrumado e com a roupa engomada, como se estivesse indo a uma reunião de negócios. Agora havia gel no cabelo, a camisa branca estava rasgada e manchada de terra.

— Bom dia, Diurno — disse Raphael.

— O que *você* está fazendo aqui? — perguntou Simon, sem rodeios. Ele se sentia sujo, enjoado e zangado. E ainda vestia a camisa com babados. — Já é de manhã?

— Você dormiu, agora está acordado... é de manhã. — Raphael pareceu obscenamente alegre. — Quanto ao que estou fazendo aqui: estou aqui por sua causa, óbvio.

Simon se reclinou contra as barras da jaula.

— O que você quer dizer? E, por falar nisso, como você entrou aqui?

Raphael olhou para Simon com expressão de pena.

— A jaula abre do lado de fora. Foi fácil entrar.

— Então é apenas solidão e um desejo pela companhia de outro garoto ou o quê? — Quis saber Simon. — Da última vez que te vi, você me pediu para ser seu guarda-costas e, quando eu disse que não, deixou claro que se um dia eu perdesse a Marca de Caim, você me mataria.

Raphael sorriu para ele.

— Então esta é a parte em que você me mata? — perguntou Simon. — Devo avisar, não é tão sutil assim. Provavelmente você vai ser pego.

— Sim — refletiu Raphael. — Maureen ficaria muito infeliz com sua morte. Uma vez mencionei a mera ideia de vender você para feiticeiros inescrupulosos, e ela não achou graça. Foi lamentável. Por causa dos poderes de cura, o sangue dos Diurnos vale muito. — Ele suspirou. — Teria sido uma tremenda oportunidade. Infelizmente, Maureen é tola demais para ver as coisas sob meu ponto de vista. Ela prefere manter você vestido como uma boneca. Mas daí, ela é louca.

— Você pode falar esse tipo de coisa da sua rainha vampira?

— Houve um tempo em que eu quis ver você morto, Diurno — retrucou Raphael, em tom

casual, como se estivesse contando a Simon que cogitara comprar uma caixa de chocolates para ele em determinada época. — Mas tenho um inimigo maior. Você e eu, nós estamos do mesmo lado.

As barras da jaula pressionavam as costas de Simon de modo desconfortável. Ele mudou de posição.

— Maureen? — perguntou. — Você sempre quis ser o líder dos vampiros, e agora ela assumiu seu lugar.

Raphael torceu o lábio em um rosnado.

— Você acha que isso é apenas um jogo de poder? — disse ele. — Você não entende. Antes de Maureen ser Transformada, ela foi aterrorizada e torturada até o ponto da loucura. Quando se ergueu, saiu do caixão com as garras. Não havia ninguém para ensiná-la. Ninguém para dar o primeiro sangue. Como eu fiz por você.

Simon encarou Raphael. Subitamente, ele se recordou do cemitério, de sair do solo para o frio do ar e da terra, e da fome, da fome insuportável, e de Raphael lhe jogando uma bolsa cheia de sangue. Ele nunca pensara naquilo como um favor ou um serviço, mas teria dilacerado qualquer criatura viva que tivesse encontrado se não fosse por sua primeira refeição. Ele quase dilacerara Clary. Fora Raphael quem impedira isso de acontecer.

Fora Raphael quem levara Simon do Dumort ao Instituto; que o deitara, sangrando, nos degraus da frente quando eles não conseguiram mais avançar; e que explicara aos amigos de Simon o que havia acontecido. Simon supôs que Raphael poderia ter tentado esconder isso, poderia ter mentido para os Nephilim, mas ele confessara e assumira as consequências.

Raphael nunca fora particularmente bom para Simon, mas, à sua maneira, ele possuía um tipo estranho de honra.

— Eu criei você — afirmou Raphael. — Meu sangue em suas veias fez de você um vampiro.

— Você sempre disse que eu era um vampiro terrível — observou Simon.

— Não espero sua gratidão — disse Raphael. — Você nunca quis ser o que é. Nem Maureen, imagina-se. Ela ficou louca com a Transformação e ainda está louca. Ela mata sem pensar. Não pensa nos perigos de nos expor ao mundo humano por meio de uma matança descuidada. Ela não pensa que, talvez, se vampiros matarem sem necessidade ou consideração, um dia não haverá mais comida.

— Seres humanos — corrigiu Simon. — Não haveria mais seres humanos.

— Você *é* um vampiro terrível — disse Raphael. — Mas estamos lado a lado nisso. Você quer proteger os humanos. Eu quero proteger os vampiros. Nosso objetivo é um só, é o mesmo.

— Então mate Maureen — disse Simon. — Mate Maureen e assuma o clã.

— Não posso. — Raphael assumiu uma expressão sombria. — As outras crianças do clã a adoram. Elas não enxergam a longa estrada, a escuridão no horizonte. Veem apenas a liberdade

para matar e consumir de acordo com a própria vontade. Não se submetem aos Acordos, não seguem uma Lei externa. Maureen deu a elas toda a liberdade do mundo, e elas vão se destruir com isso. — O tom era amargo.

— Você realmente se preocupa com o que acontece ao clã — afirmou Simon, surpreso. — Você daria um ótimo líder.

Raphael o olhou com expressão severa.

— Embora eu não saiba como você ficaria com uma tiara de ossos — emendou Simon. — Olhe, eu entendo o que está dizendo, mas como posso ajudar? Caso não perceba, estou preso numa jaula. Se me libertar, serei pego. E se eu sair, Maureen vai me encontrar.

— Não em Alicante — disse Raphael.

— Alicante? — Simon encarou o outro. — Você quer dizer... a capital de Idris, Alicante?

— Você não é muito inteligente — respondeu. — Sim, é dessa Alicante que estou falando. — Ao ver a expressão confusa de Simon, Raphael esboçou um sorriso. — Há um representante dos vampiros no Conselho, Anselm Nightshade. Um tipo recluso, o líder do clã de Los Angeles, mas é um sujeito que conhece certos... amigos meus. Feiticeiros.

— Magnus? — falou Simon, surpreso. Raphael e Magnus eram imortais, moravam em Nova York e eram representantes razoavelmente importantes de suas divisões do Submundo. Ainda assim, ele nunca havia pensado em como eles poderiam se conhecer, ou no quão bem eles poderiam se conhecer.

Raphael ignorou a pergunta de Simon.

— Nightshade concordou em me enviar como representante em seu lugar, embora Maureen não saiba disso. Portanto, irei a Alicante e me sentarei no Conselho para a grande reunião, mas exijo que você vá comigo.

— Por quê?

— Os Caçadores de Sombras não confiam em mim — disse Raphael, sem rodeios. — Mas confiam em você. Sobretudo, os Nephilim de Nova York. Olhe para você. Usa o colar de Isabelle Lightwood. Eles sabem que você está mais para um Caçador de Sombras do que para uma Criança Noturna. Vão acreditar no que você diz se lhes contar que Maureen violou os Acordos e deve ser detida.

— Muito bem — disse Simon. — Eles confiam em mim. — Raphael o fitou com olhos arregalados, sinceros. — E isso não tem nada a ver com o fato de você não querer que o clã descubra que transformou Maureen, porque eles gostam dela e então se voltariam contra você feito animais.

— Você conhece os filhos do Inquisidor — disse ele. — Pode testemunhar diretamente para ele.

— Claro — emendou Simon. — Ninguém no clã vai se importar se eu dedurar a rainha deles

e for morto. Tenho certeza de que minha vida será fantástica quando eu voltar.

Raphael deu de ombros.

— Eu tenho seguidores aqui — informou ele. — Alguém me deixou entrar neste cômodo. Assim que cuidarem de Maureen, é provável que possamos voltar a Nova York com poucas consequências negativas.

— Poucas consequências negativas. — Simon fez um muxoxo. — Você me tranquiliza.

— De qualquer forma, você está em perigo aqui — disse Raphael. — Se não tivesse seu protetor lobisomem ou seus Caçadores de Sombras, já teria encontrado a morte eterna muitas vezes. Se não quiser ir comigo a Alicante, ficarei feliz em deixá-lo aqui nesta jaula, e você pode ser o brinquedinho de Maureen. Ou pode se juntar aos seus amigos na Cidade de Vidro. Catarina Loss está esperando no andar de baixo para criar um Portal para nós. A escolha é sua.

Raphael reclinou-se, com uma das pernas cruzadas e a mão pendendo frouxa no joelho, como se ele estivesse relaxando no parque. Atrás dele, através das barras da jaula, Simon via o vulto de outro vampiro de pé à porta, uma garota de cabelos negros, com os traços à sombra. A garota que tinha deixado Raphael entrar, imaginou Simon. Ele pensou em Jordan. *Seu protetor lobisomem*. Mas isto, este conflito de clãs e lealdades e, acima de tudo, o desejo homicida de Maureen por sangue e morte, era muita coisa para Jordan suportar.

— Não tenho muita opção, tenho? — perguntou Simon.

Raphael sorriu.

— Não, Diurno. Não tem muita opção.

Da última vez que Clary havia estado no Salão dos Acordos, ele quase fora destruído — o teto de cristal estilhaçado, o soalho rachado, a fonte central seca.

Tinha que admitir que os Caçadores de Sombras haviam feito um serviço impressionante na reconstrução do lugar desde então. O telhado voltara a ser uma peça única, o piso de mármore estava limpo e liso, com fios de ouro. Os arcos erguiam-se acima das cabeças, a luz que se infiltrava através do telhado iluminava os símbolos entalhados ali. A fonte central, com a estátua de sereia, reluzia sob o sol de final de tarde, transformando a água em bronze.

— Quando você ganha a primeira arma de verdade, a tradição manda vir aqui e abençoar a lâmina nas águas da fonte — disse Jace. — Os Caçadores de Sombras têm feito isso há gerações. — Ele deu um passo para a frente, sob a luz dourada sombria, até a beira da fonte. Clary se lembrou dos sonhos que tinha, dançando com ele ali. Ele olhou para trás e fez um gesto para que ela se aproximasse. — Venha cá.

Clary caminhou e parou ao lado dele. A estátua central na fonte, a sereia, tinha escamas sobrepostas, de bronze e cobre, esverdeadas com o azinhavre. A sereia segurava um cântaro do qual jorrava água, e o rosto estava congelado num sorriso de guerreira.

— Ponha a lâmina na fonte e repita depois de mim — pediu Jace. — *Que as águas desta fonte purifiquem esta lâmina. Consagrada apenas ao meu uso. Permita-me usá-la somente em auxílio de causas justas. Permita-me brandi-la com virtude. Deixe-me guiá-la para ser uma guerreira valiosa de Idris. E que ela me proteja para que eu possa retornar a esta fonte e mais uma vez abençoar seu metal. Em nome de Raziel.*

Clary deslizou a lâmina dentro da água e repetiu as palavras depois dele. A água ondulou e reluziu ao redor da espada, e ela então se recordou de outra fonte, em outro lugar, e de Sebastian sentado atrás dela, olhando para a imagem distorcida do próprio rosto. *Você tem um coração sombrio, filha de Valentim.*

— Ótimo — disse Jace. Clary sentiu a mão dele em seu pulso; a água da fonte espirrou, deixando sua pele fria e úmida onde ele a havia tocado. Ele a incitou a recuar a mão com a espada e a soltou para que Clary pudesse erguer a lâmina. O sol estava ainda mais baixo agora, porém havia luz suficiente para lançar centelhas nas estrelas de obsidiana ao longo do sulco central. — Agora dê o nome à espada.

— Heosphoros — falou, deslizando-a de volta na bainha e prendendo-a no cinto. — A que traz a aurora.

Ele abafou uma risada, e se inclinou para lhe dar um beijo delicado no canto da boca.

— Eu deveria levar você para casa... — E se aprumou.

— Você tem pensado nele — disse ela.

— Talvez você devesse ser mais específica — afirmou Jace, embora suspeitasse saber do que ela estava falando.

— Sebastian — emendou ela. — Quero dizer, mais que o normal. E alguma coisa está incomodando você. O que é?

— O que não é? — Ele começou a se afastar dela, cruzando o piso de mármore até as grandes portas duplas do Salão, que se abriram. Ela o acompanhou e saiu para o amplo patamar acima da escadaria que conduzia à Praça do Anjo. O céu escureceu para o cobalto, a cor do espelho do mar.

— Não — pediu Clary. — Não se retraia.

— Eu não ia fazer isso. — Ele soltou a respiração com força. — É só que não há nada de novo. Sim, eu penso nele. Penso nele o tempo todo. Queria não pensar. Não sei explicar, não para outra pessoa, além de você, porque você estava lá. Era como se eu fosse ele, e agora, quando você me conta coisas como o fato de ele ter deixado aquela caixa na casa de Amatis, sei exatamente o *porquê*. E odeio saber.

— Jace...

— Não diga que não sou como ele — pediu Jace. — Eu sou. Fui criado pelo mesmo pai... nós dois temos as vantagens da educação *especial* de Valentim. Falamos os mesmos idiomas.

Aprendemos o mesmo estilo de combate. Ele nos ensinou os mesmos princípios. Tínhamos os mesmos animais de estimação. Sem dúvida, isso mudou; tudo mudou quando completei 10 anos, mas a base da infância fica com a pessoa. Algumas vezes, eu me pergunto se isso tudo é minha culpa.

Aquilo tomou Clary de sobressalto.

— Você não pode estar falando sério. Nada do que você fez quando estava com Sebastian foi opção sua...

— Eu *gostava* — retrucou Jace, e ouviu-se um tom rouco em sua voz, como se o fato o arranhasse como uma lixa. — Sebastian é brilhante, mas há buracos no pensamento dele, locais que ele *desconhece*... eu o ajudei com isso. Nós nos sentávamos ali e conversávamos sobre incendiar e destruir o mundo, e era emocionante. Eu queria isso. Varrer todas as coisas, recomeçar, um holocausto de fogo e sangue, e depois uma cidade reluzente sobre a colina.

— Ele fez você pensar que queria essas coisas — disse Clary, mas a voz tremia um pouco. *Você tem um coração sombrio, filha de Valentim.* — Ele fez você oferecer a ele o que *ele* queria.

— Eu gostei de oferecer — afirmou Jace. — Por que você acha que eu conseguia pensar em meios de quebrar e destruir com tanta facilidade, mas agora não consigo pensar num meio de consertar? Quero dizer, para quê exatamente isso me qualifica? Um trabalho no exército do inferno? Eu poderia ser general, como Asmodeus ou Samael.

— Jace...

— Antigamente eram os servos mais brilhantes de Deus — emendou Jace. — É isso que acontece quando você decai. Tudo que era brilhante em você se torna escuridão. Por mais brilhante que tenha sido, você se torna mau. É um *longo* caminho para decair.

— Você não decaiu.

— Ainda não — retrucou ele, e então o céu explodiu em faíscas vermelhas e douradas. Por um momento vertiginoso, Clary recordou-se dos fogos de artifício que pintaram o céu na noite em que eles comemoraram na Praça do Anjo. Ela deu um passo para trás e tentou obter uma visão melhor.

Mas agora não era uma comemoração. Quando os olhos de Clary se adaptaram ao brilho, ela notou que a luz vinha das torres demoníacas. Cada uma se acendera como uma tocha, tons de vermelho e dourado flamejante contra o céu.

Jace empalidecera.

— As luzes de batalha — falou. — Temos que ir para o Gard. — O garoto segurou a mão de Clary e começou a puxá-la degraus abaixo

Clary protestou.

— Mas minha mãe. Isabelle, Alec...

— Todos estão a caminho do Gard também. — Eles chegaram à base da escada. A Praça do

Anjo estava ficando movimentada, com pessoas abrindo as portas das casas com violência e esvaziando as ruas, todas correndo em direção à trilha iluminada que subia pela encosta da colina até o topo do Gard. — É isto que o sinal vermelho-e-dourado significa: "Ir até o Gard." É isto que eles esperam que a gente faça... — Ele se desviou de um Caçador de Sombras que passou correndo por eles enquanto amarrava uma braçadeira. — O que está acontecendo? — gritou Jace atrás dele. — Por que o alarme?

— Houve outro ataque! — berrou um sujeito idoso vestindo um uniforme puído.

— Outro Instituto? — gritou Clary.

Eles voltaram a uma rua com lojas dos dois lados, da qual ela se lembrava de ter visitado com Luke antes: eles corriam colina acima, mas ela não estava sem fôlego. Em silêncio, agradeceu os últimos meses de treinamento.

O homem com a braçadeira deu meia-volta e correu, de costas, colina acima.

— Não sabemos ainda. O ataque está em andamento.

Ele girou e redobrou a velocidade, disparando pela rua em curva em direção ao fim da trilha do Gard. Clary se concentrava em não esbarrar nas pessoas na multidão. Era uma horda correndo e empurrando. Ela continuava segurando a mão de Jace enquanto corriam, a nova espada batendo contra a lateral externa da perna, como se a recordando de que estava ali — ali e pronta para ser usada.

A trilha que conduzia ao Gard era íngreme, de terra batida. Clary tentava correr com cuidado por causa das botas e do jeans que vestia, a jaqueta do uniforme com o zíper fechado até em cima, mas não era tão bom quanto estar com o uniforme completo. De algum modo, uma pedrinha tinha entrado na bota esquerda e estava espetando a sola do pé quando chegaram ao portão principal do Gard e diminuíram a velocidade, observando.

Os portões foram abertos com violência. Lá dentro havia um pátio amplo, que ficava coberto de grama no verão, embora agora estivesse nu, cercado pelos muros internos do Gard. Contra um dos muros, via-se um imenso quadrado girando, tomado por vento e vazio.

Um Portal. Dentro dele, Clary pensou ter visto traços de preto, verde e branco incandescente, e até mesmo um trecho de céu salpicado de estrelas...

Robert Lightwood agigantou-se diante deles e bloqueou o caminho; Jace quase colidiu contra ele e soltou a mão de Clary, equilibrando-se. O vento do Portal era frio e poderoso, e atravessava o tecido da jaqueta do uniforme de Clary, agitando o cabelo dela.

— O que está acontecendo? — perguntou Jace sem rodeios. — Isto tem a ver com o ataque de Londres? Pensei que tivesse sido repelido.

Robert balançou a cabeça, com expressão sombria.

— Parece que Sebastian fracassou em Londres e voltou a atenção para outro lugar.

— Onde...? — começou Clary.

— A Cidadela Adamant foi sitiada! — Era a voz de Jia Penhallow, erguendo-se acima dos gritos da multidão. Estava de pé, próxima ao Portal; o movimento do ar dentro e fora agitava sua capa como as asas de um melro imenso. — Vamos ajudar as Irmãs de Ferro! Caçadores de Sombras que estão armados e prontos, apresentem-se a mim!

O pátio estava cheio de Nephilim, embora não tantos quanto Clary imaginara de início. Parecia uma torrente enquanto eles disparavam colina acima até o Gard, mas agora ela via que estava mais para um grupo de quarenta ou cinquenta guerreiros. Alguns usavam uniforme, outros estavam em roupas comuns. Nem todos estavam armados. Os Nephilim que serviam o Gard corriam de um lado para o outro, até a porta aberta do arsenal, acrescentando armas a uma pilha de espadas, lâminas serafim, machados e clavas empilhados ao lado do Portal.

— Vamos atravessar — afirmou Jace para Robert. Com o uniforme completo e vestido com o cinza do Inquisidor, Robert Lightwood fazia Clary se lembrar do lado íngreme e rochoso de um penhasco: irregular e imóvel.

Robert balançou a cabeça.

— Não há necessidade — disse ele. — Sebastian tentou um ataque furtivo. Ele tinha apenas vinte ou trinta guerreiros Crepusculares consigo. Temos guerreiros suficientes para o serviço, sem mandarmos nossas crianças.

— Eu *não* sou *uma criança* — falou Jace ferozmente. Clary se perguntou o que Robert pensara ao olhar para o garoto que adotara; se Robert enxergara o pai de Jace no rosto do garoto, ou se ainda buscava vestígios ausentes de Michael Wayland. Jace examinou a expressão de Robert Lightwood, a desconfiança obscurecendo os olhos dourados. — O que você está fazendo? Tem alguma coisa que não quer que eu saiba.

O rosto de Robert adquiriu linhas rígidas. Naquele momento, uma mulher loura de uniforme passou por Clary, falando, agitada, com seu companheiro: "... disse que podemos tentar capturar os Crepusculares e trazê-los de volta para cá. Ver se podem ser curados. O que significa que talvez possam salvar Jason."

Clary olhou severamente para Robert.

— Você não vai deixar. Você *não* vai deixar que as pessoas que tiveram os parentes levados nos ataques atravessem. Você não vai dizer que os Crepusculares podem ser salvos.

Robert olhou para ela com expressão sombria.

— Não sabemos se não podem.

— *Nós* sabemos — falou Clary. — Eles não podem ser salvos! Não são quem eram! Não são *humanos*. Mas quando estes soldados aqui virem os rostos das pessoas que conhecem, eles vão hesitar, vão *querer* que não seja verdade...

— E serão massacrados — disse Jace, com pesar. — Robert, você precisa impedir isso.

Robert balançava a cabeça.

— Esta é a vontade da Clave. É isso que eles querem que seja feito.

— Então por que enviá-los? — perguntou Jace. — Por que simplesmente não ficam aqui e apunhalam cinquenta indivíduos do próprio povo? Por que não poupar o tempo?

— Não ouse fazer piada — rosnou Robert.

— Eu não estava fazendo piada...

— E não ouse me dizer que *cinquenta* Nephilim não são capazes de derrotar *vinte* guerreiros Crepusculares.

Os Caçadores de Sombras começavam a passar pelo Portal, guiados por Jia. Clary sentiu uma pontada de pânico descer por sua espinha. Jia só permitia a passagem daqueles que usavam o uniforme completo, mas alguns poucos eram muito jovens, ou muito idosos, e muitos tinham ido desarmados e estavam simplesmente pegando armas da pilha fornecida pelo arsenal, antes de atravessar.

— Sebastian espera exatamente esta reação — afirmou Jace, desesperado. — Se ele foi com apenas vinte guerreiros, então há uma razão, e ele terá reforços...

— Ele não pode ter reforços! — Robert ergueu a voz. — Você não pode abrir um Portal para a Cidadela Adamant, a menos que as Irmãs de Ferro permitam. Elas estão permitindo que nós façamos isso, mas Sebastian deve ter ido por terra. Sebastian não imagina que estejamos vigiando a Cidadela por causa dele. Sabe que temos noção de que não pode ser rastreado; sem dúvida, pensou que estivéssemos vigiando apenas os Institutos. Isso é um presente...

— Sebastian não dá presentes! — gritou Jace. — Vocês estão cegos!

— Não estamos cegos! — rugiu Robert. — Você pode estar com medo dele, Jace, mas ele é só um garoto; ele não é a mente militar mais brilhante que já existiu! Ele te enfrentou em Burren *e perdeu*!

Robert deu meia-volta e se afastou, caminhando na direção de Jia. Era como se Jace tivesse sido estapeado. Clary duvidava que alguém já o tivesse acusado de sentir medo em alguma outra ocasião.

Ele se virou e olhou para ela. O movimento de Caçadores de Sombras em direção ao Portal tinha diminuído; Jia acenava e dispensava as pessoas. Jace tocou a espada curta no quadril de Clary.

— Eu vou atravessar — informou ele.

— Eles não vão deixar — disse Clary.

— Eles não precisam *deixar*.

O rosto de Jace parecia entalhado em mármore sob aquelas luzes vermelhas-e-douradas das torres. Atrás dele, Clary via outros Caçadores de Sombras subindo a colina. Conversavam entre si como se fosse um combate habitual, uma situação que poderia ser resolvida com o envio de uns cinquenta Nephilim ao local do ataque. Eles não tinham estado em Burren. Não tinham visto.

Eles não *sabiam*. Os olhos de Clary encontraram os de Jace.

Ela notava as linhas de tensão no rosto dele, aprofundando os ângulos das maçãs do rosto, enrijecendo o queixo.

— A pergunta é: há alguma chance de *você* concordar em ficar aqui? — perguntou ele.

— Você sabe que não — disse ela.

Jace inspirou de maneira exasperada.

— Muito bem. Clary, isso pode ser perigoso, perigoso de verdade... — Ela ouvia as pessoas murmurando ao redor, vozes agitadas, erguendo-se na noite em nuvens de ar exalado, pessoas fofocando que a Consulesa e o Conselho haviam se encontrado para discutir o ataque a Londres no momento em que Sebastian subitamente passou a existir no mapa de rastreamento, que ele somente estivera ali havia pouco tempo e com alguns reforços, que eles tinham uma chance real de impedi-lo, que ele fora repelido em Londres e que seria novamente...

— Eu te amo — disse Clary. — Mas não tente me impedir.

Jace esticou a mão e pegou a dela.

— Muito bem — falou. — Então nós corremos juntos. Em direção ao Portal.

— Nós corremos — concordou ela, e foi o que fizeram.

7

Conflito Noturno

A planície vulcânica se esparramava feito uma paisagem lunar pálida diante de Jace, se estendendo até uma linha de montanhas ao longe, negras contra o horizonte. A neve branca salpicava o solo: densa em alguns lugares; em outros, gelo fino e firme, juntamente aos galhos desfolhados de cercas-vivas e musgo congelado.

A lua estava atrás de nuvens, o céu escuro de veludo pintadinho com estrelas aqui e ali, e obscurecido por uma cortina de nuvens. A luz ardia ao redor deles, porém, vinda das lâminas serafim — e, Jace começava a enxergar, conforme os olhos se adaptavam, a luz do que parecia uma fogueira ardendo à distância.

O Portal havia depositado Jace e Clary a alguns poucos metros um do outro, na neve. Estavam lado a lado agora, Clary muito silenciosa, com o cabelo cor de cobre salpicado de flocos brancos. Ao redor, gritos e berros, o som das lâminas serafim sendo acesas, o murmúrio dos nomes de anjos.

— Fique perto de mim — murmurou Jace, enquanto ele e Clary se aproximavam do topo da serra. Ele pegara uma espada da pilha perto do Portal pouco antes de pular, o grito desesperado de Jia alcançando-os através dos ventos que guinchavam. Jace meio que esperara que ela ou Robert os seguissem, mas, em vez disso, o Portal se fechara imediatamente atrás deles, como uma porta batendo.

A espada pouco familiar pesava nas mãos dele. Jace preferia usar o braço esquerdo, mas o punho da espada era para destros. A arma estava amassada dos lados, como se já tivesse presenciado algumas batalhas. Ele queria estar com uma das próprias armas na mão...

Subitamente tudo apareceu, erguendo-se diante deles como um peixe rompendo a superfície da água com um brilho prateado repentino. Jace só tinha visto a Cidadela Adamant em fotografias até então. Feita do mesmo material que as lâminas serafim, a Cidadela reluzia contra o céu noturno como uma estrela; era isso que Jace confundira com a luz de uma fogueira. Um muro circular de *adamas* a envolvia, sem aberturas, exceto por um único portão, formado por duas lâminas imensas cravadas no solo, formando um ângulo, como um par de tesouras aberto.

Ao redor da Cidadela, o solo vulcânico se estendia, preto e branco como um tabuleiro de xadrez — metade rocha vulcânica e metade neve. Jace sentiu os pelos da nuca se arrepiando. Era como estar de volta ao Burren, embora ele se recordasse daquilo tal como se fosse um sonho: o Nephilim maligno de Sebastian com o uniforme vermelho, e o Nephilim da Clave de preto, lâmina contra lâmina, as faíscas da batalha se elevando na noite, e então o fogo da Gloriosa,

varrendo tudo que existia.

A terra do Burren costumava ser escura, mas agora os guerreiros de Sebastian estavam parados como gotas de sangue contra o solo branco. Estavam aguardando, o vermelho sob a luz das estrelas, as lâminas das trevas nas mãos. Eles estavam entre os Nephilim que tinham passado pelo Portal e os portões da Cidadela Adamant. Embora os Crepusculares estivessem ao longe, e Jace não conseguisse ver nenhum dos rostos com clareza, de alguma forma ele *sentia* que sorriam.

E sentia também a inquietação nos Nephilim em torno dele, os Caçadores de Sombras que tinha vindo tão confiantes pelo Portal, tão dispostos para a batalha. Estavam parados e baixaram os olhos diante dos Crepusculares, e Jace percebia a hesitação em suas bravatas. Finalmente (tarde demais), eles sentiram a estranheza, a diferença dos Crepusculares. Aqueles não eram Caçadores de Sombras que tinham perdido o rumo temporariamente. Não eram, de modo algum, Caçadores de Sombras.

— Onde ele está? — sussurrou Clary. A respiração estava esbranquiçada por causa do frio. — Onde está Sebastian?

Jace balançou a cabeça; muitos dos Caçadores de Sombras tinham os capuzes levantados, e seus rostos estavam invisíveis. Sebastian poderia ser qualquer um deles.

— E as Irmãs de Ferro? — Clary examinou a planície com o olhar. A única brancura era a da neve. Não havia sinal das Irmãs em suas vestes, familiares por causa das muitas ilustrações do *Códex*.

— Elas vão ficar dentro da Cidadela — disse Jace. — Precisam proteger o que está em seu interior. O arsenal. Presumidamente, é por isso que Sebastian está aqui... pelas armas. As Irmãs terão cercado o arsenal interior com os próprios corpos. Se ele conseguir cruzar os portões, ou se os Crepusculares conseguirem, as Irmãs destruirão a Cidadela antes de deixá-los ficar com ela. — A voz dele era sombria.

— Mas e se Sebastian souber disso, se ele souber o que as Irmãs farão...? — começou Clary.

Um grito cortou a noite como uma faca. Jace se lançou para a frente antes de perceber que o grito vinha de detrás dele. Jace girou e viu um homem com uniforme puído cair com a lâmina de um Caçador de Sombras maligno enfiada em seu peito. Era o sujeito que havia gritado para Clary em Alicante, antes de chegarem ao Gard.

O Caçador de Sombras maligno girou e sorriu. Ouviu-se um grito dos Nephilim, e a mulher loura que Clary tinha visto falando no Gard com agitação deu um passo à frente.

— Jason! — gritou ela, e Clary percebeu que a mulher falava com o guerreiro Crepuscular, um homem robusto com cabelo louro igual ao dela. — Jason, por favor. — A voz dela falhava quando avançou e esticou a mão para o Crepuscular, que desembainhou outra espada do cinto e olhou para ela com expectativa.

— Por favor, *não* — pediu Clary. — Não... não se aproxime dele...

Mas a mulher loura estava a apenas um passo do Caçador de Sombras maligno.

— Jason — murmurou ela. — Você é meu irmão. Você é um de nós, um Nephilim. Não tem que fazer isso... Sebastian não pode te obrigar. Por favor... — Ela olhou ao redor, desesperada. — Venha conosco. Eles estão procurando uma cura; vamos curar você...

Jason riu. A lâmina brilhou, com um golpe lateral. A cabeça da Caçadora de Sombras loura caiu. O sangue começou a jorrar, escuro contra a neve branca, quando o corpo da mulher desabou no chão. Alguém começou a gritar sem parar, histericamente, e então outra pessoa deu um berro e gesticulou de modo selvagem atrás deles.

Jace ergueu os olhos e viu uma fileira de Crepusculares avançando, todos vindos de trás, da direção do Portal fechado. As lâminas brilhavam sob a luz da lua. Os Nephilim começaram a cambalear pela serra, porém não era mais uma caminhada ordenada — havia pânico entre eles; Jace podia sentir, como o gosto de sangue ao vento.

— Martelo e bigorna! — gritou ele, torcendo para que entendessem. Pegou a mão de Clary e a empurrou para trás, para longe do corpo decapitado. — É uma armadilha — gritou para ela, acima do barulho da luta. — Vá para o muro, para algum lugar onde você possa fazer um Portal! Tire a gente daqui!

Clary arregalou os olhos verdes. Jace queria agarrá-la, beijá-la, grudar nela e protegê-la, mas o combatente nele sabia que a havia trazido para esta vida. Que a encorajara. Treinara. Quando viu a compreensão nos olhos dela, ele assentiu e a soltou.

Clary se afastou da mão dele, passando por um guerreiro Crepuscular que se preparava para enfrentar um Irmão do Silêncio, o qual brandia um bastão na ensanguentada túnica de pergaminho. As botas dela escorregavam na neve enquanto ela corria para a Cidadela. A multidão a engoliu, até que um guerreiro Crepuscular desembainhou a arma e atacou Jace.

Como todos os Caçadores de Sombras Crepusculares, seus movimentos eram rápidos e cegantes, quase selvagens. Quando ele ergueu a espada, pareceu riscar a lua. E o sangue de Jace também ferveu, disparando como fogo através das veias conforme sua consciência se estreitava: não havia mais nada no mundo, apenas aquele momento, apenas aquele arma na mão. Ele pulou na direção do Caçador de Sombras maligno, a espada esticada.

Clary inclinou-se para pegar Heosphoros, bem onde ela havia caído na neve. A lâmina estava suja de sangue, o sangue de um Caçador de Sombras maligno que mesmo agora estava correndo para longe dela, lançando-se na batalha que se agitava na planície.

Isso tinha acontecido meia dúzia de vezes. Clary atacava, tentando chamar um dos Crepusculares para a luta, e eles largavam as armas, recuavam, se afastavam como se ela fosse um fantasma, e saíam em disparada. Nas primeiras duas vezes, Clary se perguntou se eles tinham

medo de Heosphoros, confusos por causa de uma espada que tanto se assemelhava à de Sebastian. Ela suspeitava de outra coisa agora. Provavelmente, Sebastian dissera para não tocarem nela, nem a machucarem, e eles estavam obedecendo.

Isso a fazia querer gritar. Ela sabia que deveria ir atrás deles quando corressem, acabar com eles com uma lâmina nas costas ou um corte no pescoço, mas não conseguia fazê-lo. Eles ainda *pareciam* Nephilim, humanos o suficiente. O sangue corria vermelho sobre a neve. Ela ainda achava covardia atacar alguém que não poderia contra-atacar.

O gelo foi esmagado atrás dela, e Clary girou o corpo, a espada em prontidão. Tudo aconteceu rapidamente: a percepção de que havia duas vezes mais Crepusculares do que eles tinham imaginado, que agora os cercavam dos dois lados, o apelo de Jace para que ela criasse um Portal. Agora Clary estava abrindo caminho em meio a uma turba desesperada. Alguns Caçadores de Sombras tinham debandado, e outros plantaram-se no local onde estavam, determinados a lutar. Como uma massa, estavam sendo empurrados lentamente encosta abaixo, em direção à planície, bem onde a batalha era mais difícil e as lâminas serafim brilhantes reluziam contra os cavaleiros das trevas, uma mistura de preto, branco e vermelho.

Pela primeira vez, Clary teve motivos para agradecer a baixa estatura. Ela foi capaz de correr em meio à multidão, o olhar captando os quadros vivos desesperadores do combate. Ali, um Nephilim pouco mais velho que ela estava envolvido numa batalha desesperada contra um dos Crepusculares com o dobro do tamanho dele, o qual a empurrou pela neve escorregadia; uma espada girou e então um grito, e uma lâmina serafim foi escurecida para sempre. Um jovem de cabelos escuros, com uniforme preto, estava parado acima do corpo de um guerreiro de vermelho morto. Ele segurava uma espada ensanguentada, e lágrimas escorriam pelo rosto, livremente. Perto de um Irmão do Silêncio, uma visão inesperada porém bem-vinda em sua túnica de pergaminho, o esmagamento do crânio de um Caçador de Sombras maligno com um golpe do cajado de madeira; o Crepuscular desabou em silêncio. Um homem caiu de joelhos, agarrando as pernas de uma mulher de uniforme vermelho; ela o fitou com indiferença, depois enfiou a espada entre os ombros dele. Nenhum dos guerreiros se moveu para impedi-la.

Clary correu para o outro lado da multidão e se flagrou ao lado da Cidadela. Os muros brilhavam com uma luz intensa. Ela pensou ter visto o brilho de alguma coisa vermelha e dourada através da arcada do portão de tesouras, como uma fogueira. Tateou pela estela no cinto, pegou-a, pôs a ponta no muro — e congelou.

A poucos passos dela, um Caçador de Sombras maligno havia se afastado da batalha e seguia para os portões da Cidadela. Ele carregava uma clava e um flagelo debaixo do braço; com um olhar irônico para a batalha, passou pelo portão da Cidadela...

E as tesouras se fecharam. Não houve grito, mas o som nauseante de ossos e cartilagem sendo esmagados pôde ser ouvido mesmo em meio ao burburinho da batalha. Uma bolha de sangue se

espalhou pelo portão fechado, e Clary percebeu que não era a primeira. Havia outras manchas, dispersas pelo muro, escurecendo o solo logo abaixo...

Ela se virou, sentindo uma pontada no estômago, e encostou a estela na pedra. Começou a obrigar a mente a pensar em Alicante e tentou visualizar a extensão coberta de relva diante do Gard, procurando afastar todas as distrações à sua volta.

— Baixe a estela, filha de Valentim — alertou uma voz fria e controlada.

Ela congelou. Atrás de Clary, estava Amatis, com a espada em punho, a ponta afiada diretamente voltada para ela. Havia um sorriso selvagem em seu rosto.

— Muito bem — disse ela. — Deixe a estela no chão e venha comigo. Sei de alguém que vai ficar *muito* feliz em te ver.

— Ande, Clarissa. — Amatis golpeou a lateral do corpo de Clary com a ponta da espada. Não foi forte o suficiente para rasgar a jaqueta, mas o bastante para deixar a garota desconfortável. Clary deixou a estela cair; ficou a alguns metros, na neve suja, reluzindo com um brilho hipnótico. — Pare de enrolar.

— Você não pode me machucar — disse Clary. — Sebastian deu ordens.

— Ordens para não matar você — concordou Amatis. — Ele nunca disse nada sobre te machucar. Ficarei feliz em te entregar a ele com todos os dedos faltando, garota. Não pense que não.

Clary encarou a outra com expressão severa antes de dar meia-volta e deixar que Amatis a conduzisse em direção à batalha. O olhar dela se movia entre os Crepusculares, procurando por uma cabeça loura familiar no mar de escarlate. Precisava saber quanto tempo tinha antes de Amatis jogá-la aos pés de Sebastian e dar fim à chance de luta ou fuga. Amatis pegara Heosphoros, claro, e a lâmina Morgenstern agora pendia do quadril da mulher mais velha, as estrelas ao longo da lâmina piscando sob a luz fraca.

— Aposto que nem sabe onde ele está — provocou Clary.

Amatis a cutucou de novo, e Clary se jogou para a frente, quase tropeçando sobre o cadáver de um Caçador de Sombras maligno. O solo era uma massa de neve, terra e sangue revirados.

— Eu sou a primeira-tenente; sempre sei onde ele está. E é por isso que ele confia em mim para levar você até ele.

— Ele não confia em você. Não se importa com você nem com nada. Veja. — Elas chegaram ao cume de uma pequena serra; Clary diminuiu até parar e fez um gesto amplo com o braço, apontando o campo de batalha. — Veja quantos de vocês estão caindo. Sebastian quer apenas bucha de canhão. Só quer usar vocês.

— É isso que você vê? Eu vejo Nephilim mortos. — Clary conseguia ver Amatis de soslaio. O grisalho cabelo castanho flutuava no ar frio, e os olhos eram severos. — Você acha que a Clave

não foi dominada? Dê uma boa analisada. Olhe ao redor. — Ela cutucou Clary com um dedo, que olhou, contra sua vontade. As duas metades do exército de Sebastian tinham se unido e estavam cercando os Nephilim no meio. Muitos dos Nephilim estavam lutando com habilidade e malícia. Era adorável vê-los em batalha, em seu estilo muito peculiar; a luz das lâminas serafim traçava desenhos no céu escuro. Não que isso mudasse o fato de serem amaldiçoados. — Eles fizeram o que sempre fazem quando há um ataque do lado de fora de Idris e um Conclave não é iminente. Enviam guerreiros pelo Portal, qualquer um que chegue ao Gard primeiro. Alguns desses guerreiros jamais combateram numa batalha de verdade. Outros lutaram em batalhas demais. Nenhum deles está preparado para matar um inimigo que carrega o rosto dos filhos, namorados, amigos, *parabatai*. — Ela cuspiu a última palavra. — A Clave não compreende nosso Sebastian nem as forças dele, e todos serão mortos antes disso.

— De onde eles vieram? — questionou Clary. — Os Crepusculares. A Clave disse que eram apenas vinte, e não havia meio de Sebastian esconder quantos havia. Como...

Amatis jogou a cabeça para trás e deu uma risada.

— Como se eu fosse contar. Sebastian tem aliados em mais lugares do que você imagina, pequena.

— Amatis. — Clary tentava manter a voz firme. — Você é uma de nós. Nephilim. Você é a irmã de Luke.

— Ele é um membro do Submundo, e não meu irmão. Devia ter se suicidado quando Valentim ordenou.

— Você não está falando sério. Ficou feliz ao vê-lo quando fomos à sua casa. Eu sei que ficou.

Desta vez o golpe da ponta da lâmina entre os ombros foi mais do que desconfortável: doeu.

— Na época, eu era prisioneira — disse Amatis. — Eu pensava que precisava da aprovação da Clave e do Conselho. Os Nephilim tiraram tudo de mim. — Ela se virou e olhou a Cidadela com expressão severa. — As Irmãs de Ferro tiraram minha mãe. Depois uma delas presidiu meu divórcio. Dividiram as Marcas de casamento em duas, e eu gritei com a dor. Elas não têm coração, apenas *adamas*, assim como os Irmãos do Silêncio. Você pensa que eles são gentis, que os Nephilim são gentis, porque são bons, mas bondade não é gentileza, e não há nada mais cruel que a virtude.

— Mas nós podemos *escolher* — falou Clary, mas como ela poderia explicar a alguém que não compreendia que as escolhas tinham sido retiradas, que havia uma coisa chamada livre-arbítrio?

— Ora, diabos, fique quieta... — interrompeu Amatis, retesando-se.

Clary seguiu o olhar dela. Por um instante, não conseguiu ver o que a outra estava encarando. Via apenas o caos da luta, sangue na neve, o brilho das estrelas nas lâminas e o ardor intenso da Cidadela. Depois percebeu que a batalha parecia ter se desenvolvido a um tipo estranho de padrão; alguma coisa estava abrindo caminho em meio à multidão como um navio abrindo as

águas e deixando o caos em seu rastro. Um Caçador de Sombras magro, vestido de preto, com cabelo brilhante, se movimentava tão rápido que era como observar o fogo pular de cume em cume numa floresta, incendiando tudo.

Só que nesse caso a floresta era o exército de Sebastian, e os Crepusculares caíam um por um. Caíam com tanta rapidez que mal tinham tempo para pegar as armas, muito menos para brandi-las. E enquanto caíam, outros começavam a recuar, confusos e inseguros, de modo que Clary via o espaço livre no meio da batalha, bem como quem permanecia em seu centro.

Apesar de tudo, ela sorriu.

— Jace.

Amatis arfou, surpresa — foi um momento de distração, mas era tudo de que Clary precisava para se jogar e enganchar a perna nos tornozelos da mulher, do mesmo modo que Jace ensinara, e então ela puxou os pés de Amatis, que caiu. Em seguida a espada se afastou da mão dela e deslizou pelo solo congelado. Amatis estava se inclinando para se levantar quando Clary deu um encontrão nela — não foi gracioso nem eficiente, mas a mulher caiu de costas na neve. Amatis reagiu, agarrando Clary e puxando sua cabeça para trás, no entanto a mão da menina alcançou o cinto da mulher mais velha e liberou Heosphoros, para depois encostar a ponta afiada no pescoço de Amatis.

A mulher ficou imóvel.

— Muito bem — disse Clary. — Nem pense em se mexer.

— Solte-me! — gritou Isabelle para o pai! — *Solte*-me!

Quando as torres demoníacas ficaram vermelhas e douradas com o aviso para ir para o Gard, ela e Alec saíram aos tropeços para pegar os uniformes e as armas e subir pela colina. O coração de Isabelle batia forte, não por causa do esforço, mas da agitação. Alec estava sombrio e prático como sempre, porém o flagelo de Isabelle cantava para ela. Talvez fosse isso: uma batalha de verdade; talvez fosse o momento de voltar a enfrentar Sebastian em campo, e desta vez ela o mataria.

Por seu irmão. Por Max.

Alec e Isabelle não estavam preparados para a multidão no pátio do Gard, ou para a velocidade com que os Nephilim estavam sendo empurrados pelo Portal. Isabelle perdera o irmão na multidão, mas avançara até o Portal; tinha visto Jace e Clary ali, prestes a entrar, e redobrara a velocidade, até subitamente duas mãos saírem da multidão e agarrarem seus braços.

Era o pai dela. Isabelle começou a espernear e gritou por Alec, mas Jace e Clary já tinham ido embora, rumo ao redemoinho do Portal. Rosnando, Isabelle lutou, porém seu pai era alto e forte, e tinha muitos anos a mais de treinamento.

Ele a soltou quando o Portal deu um último rodopio e se fechou com força, desaparecendo na

parede branca do arsenal. Os Nephilim restantes no pátio ficaram quietos, aguardando instruções. Jia Penhallow anunciou que quantidade suficiente deles tinha passado pela Cidadela, e que os outros deveriam aguardar dentro do Gard, caso reforços se fizessem necessários; não havia necessidade de ficar no pátio e congelar. Ela compreendia o quanto todos desejavam lutar, mas muitos guerreiros já haviam sido despachados para a Cidadela, e Alicante ainda precisava de uma força para guardá-la.

— Viu? — disse Robert Lightwood, gesticulando com exasperação para a filha quando ela girou para encará-lo. Ficou satisfeita ao ver que havia arranhões sangrando nos pulsos dele, bem onde ela enfiara as unhas. — Você é necessária aqui, Isabelle...

— Cale a boca — sibilou ela para o pai, entre dentes. — Cale a boca, mentiroso *filho da mãe*.

O espanto deixou Robert sem expressão. Isabelle sabia por meio de Simon e Clary que alguns berros com os pais eram esperados na cultura mundana, no entanto os Caçadores de Sombras acreditavam no respeito pelos mais velhos, bem como no controle das emoções.

No entanto, Isabelle não tinha vontade de controlar as emoções. Não agora.

— Isabelle... — Era Alec, deslizando para ficar ao lado dela. A multidão ao redor diminuía, e ela estava remotamente consciente de que muitos dos Nephilim já haviam entrado no Gard. Aqueles que sobraram olhavam para outra direção de modo esquisito. As discussões de famílias alheias não eram da conta dos Caçadores de Sombras. — Isabelle, vamos voltar para casa.

Alec esticou a mão; ela a afastou com um movimento irritado. Isabelle adorava o irmão, mas nunca havia sentido tanta vontade de socá-lo como agora.

— Não — retrucou ela. — Jace e Clary atravessaram; nós devíamos ir com eles.

Robert Lightwood parecia exausto.

— Não era para terem ido — disse ele. — Eles fizeram isso contra as ordens estritas. O que não significa que você deveria acompanhar.

— Eles sabiam o que estavam fazendo — interrompeu Isabelle. — Você precisa de mais Caçadores de Sombras para enfrentar Sebastian, não de menos.

— Isabelle, não tenho tempo para isso — falou Robert, e fitou Alec, exasperado, como se esperando que o filho ficasse ao lado dele. — Há apenas vinte Crepusculares com Sebastian. Mandamos cinquenta guerreiros pelo Portal.

— Vinte guerreiros deles são como uma centena de Caçadores de Sombras — afirmou Alec em sua voz baixa. — Nosso lado poderia ser massacrado.

— Se alguma coisa acontecer a Jace e Clary, será culpa sua — disse Isabelle. — Assim como aconteceu com Max.

Robert Lightwood recuou.

— *Isabelle*. — A voz da mãe rompeu o silêncio terrível e súbito. Isabelle girou a cabeça e viu que Maryse estava atrás deles; a exemplo de Alec, ela parecia espantada. Uma pequena parte

longínqua de Isabelle sentia-se culpada e nauseada, mas a parte dela que parecia ter assumido o controle, que estava borbulhando dentro dela como um vulcão, sentia somente um triunfo amargo. Estava cansada de fingir que tudo ia bem. — Alec está certo — emendou Maryse. — Vamos voltar para casa...

— Não — disse Isabelle. — Você não ouviu a Consulesa? Somos necessários aqui, no Gard. Eles podem querer reforços.

— Eles vão querer adultos, não crianças — afirmou Maryse. — Se você não vai voltar, então peça desculpas ao seu pai. A morte de... O que aconteceu a Max não foi culpa de ninguém; foi culpa de Valentim.

— Talvez se vocês já não tivessem ficado do lado de Valentim uma vez, não *haveria* uma Guerra Mortal — sibilou Isabelle para a mãe. Depois, ela se virou para o pai: — Estou cansada de fingir que não sei o que sei. Sei que você traiu mamãe. — Isabelle não conseguiu deter as palavras agora; elas continuaram saindo como uma torrente. Ela viu Maryse empalidecer, Alec abrir a boca para protestar. Robert parecia ter levado um golpe. — Antes de Max nascer. Eu sei. Ela me contou. Com uma mulher que morreu na Guerra Mortal. E você ia embora, ia abandonar todos nós, e só ficou porque Max nasceu, e aposto que você está feliz por ele estar morto, não é? Porque agora não precisa ficar.

— Isabelle... — começou Alec, horrorizado.

Robert virou-se para Maryse.

— Você *contou* a ela? Pelo Anjo, Maryse, quando?

— O senhor está dizendo então que é verdade? — A voz de Alec tremia, enojado.

Robert se voltou para ele.

— Alexander, por favor...

Mas Alec lhe dera as costas. O pátio estava quase vazio agora. Isabelle podia ver Jia de pé ao longe, perto da entrada do arsenal, esperando que o último deles entrasse. Viu Alec ir até Jia, ouviu o som da discussão com ela.

Os pais de Isabelle a fitavam como se seus mundos estivessem desmoronando. Ela nunca havia se imaginado capaz de destruir o mundo dos pais. Esperava que o pai fosse berrar com ela, e não ficar ali, com sua maturidade de Inquisidor, parecendo arrasado. Finalmente, ele pigarreou.

— Isabelle — disse, com voz rouca. — Não importa o que você pense, tem que acreditar... você não pode realmente acreditar que quando perdemos Max, que eu...

— Não fale comigo — retrucou Isabelle, afastando-se aos trancos, o coração batendo de modo irregular no peito. — Simplesmente... não fale comigo.

Ela se virou e correu.

Jace disparou no ar, colidiu contra um Caçador de Sombras maligno e conduziu o corpo do

Crepuscular até o solo, dando-lhe um golpe cruel, semelhante a uma tesoura. De alguma forma ele havia obtido uma segunda lâmina; não tinha certeza de onde. Tudo era sangue e fogo em sua mente.

Já havia lutado antes, muitas vezes. Conhecia a emoção da batalha conforme esta se desenrolava, o mundo ao redor dele baixando para um sussurro, todos os movimentos precisos e exatos. Uma parte de sua mente era capaz de afastar o sangue, a dor e o mau cheiro daquilo para detrás de um muro de gelo cristalino.

Mas aquilo não era gelo; era fogo. O calor que percorria suas veias o conduzia, acelerava seus movimentos de tal modo que era como se estivesse voando. Ele chutou o corpo decapitado do Caçador de Sombras maligno para o caminho de outro, um vulto vestido de vermelho que voava na direção dele. O Crepuscular tropeçou, e Jace o cortou rigorosamente ao meio. O sangue surgiu na neve. Jace já estava empapado nele: sentia o uniforme pesado e encharcado contra o corpo, e sentia o cheio ferroso e salgado, como se o sangue invadisse o ar que ele respirava.

Ele praticamente pulou o corpo do Crepuscular morto e caminhou até outro deles, um homem de cabelo castanho com um rasgo na manga do uniforme vermelho. Jace ergueu a espada na mão direita, e o homem se encolheu, surpreendendo-o. Os Caçadores de Sombras malignos não pareciam sentir muito medo e morriam sem gritar. Este, porém, tinha o rosto contorcido pelo medo.

— Na verdade, Andrew, não há necessidade de ficar assim. Não vou fazer nada com você — afirmou uma voz por trás de Jace, aguda, límpida e familiar. E apenas um pouco exasperada. — A menos que você não saia do caminho.

O Caçador de Sombras de cabelo castanho disparou para longe de Jace, que deu meia-volta, já sabendo o que veria.

Sebastian estava parado atrás dele. Aparentemente tinha vindo de lugar nenhum, embora isso não surpreendesse Jace. Ele sabia que Sebastian ainda possuía o anel de Valentim, o qual permitia que ele aparecesse e desaparecesse quando quisesse. Vestia o uniforme vermelho, desenhado com símbolos dourados — símbolos de proteção, cura e boa sorte. Símbolos do Livro Gray, do tipo que os seguidores não podiam usar. O vermelho fazia o cabelo claro parecer mais claro ainda, o sorriso era uma abertura branca no rosto enquanto seu olhar examinava Jace da cabeça às botas.

— Meu Jace — disse ele. — Sentiu minha falta?

Em um lampejo, as espadas de Jace se ergueram e as pontas pairaram bem sobre o coração de Sebastian. Jace ouviu um murmúrio da multidão à sua volta. Parecia que os Caçadores de Sombras malignos e seus equivalentes Nephilim tinham parado a luta para observar o que estava acontecendo.

— Você não pode pensar de verdade que senti sua falta.

Sebastian ergueu o olhar lentamente, a expressão divertida encontrando a de Jace. Os olhos

eram negros como os do pai. Na profundidade escura deles Jace enxergava a si mesmo, via o apartamento que tinha dividido com Sebastian, as refeições que fizeram juntos, as piadas que contaram, os combates que compartilharam. Ele tinha se incorporado a Sebastian, desistido completamente do livre-arbítrio, e isso fora agradável e fácil, e, no fundo das profundezas mais obscuras de seu coração pérfido, Jace sabia que aquela parte dele desejava tudo aquilo novamente.

Isso fazia com que odiasse Sebastian ainda mais.

— Bem, não consigo imaginar outro motivo para você estar aqui. Sabe que não posso ser morto com uma espada — relembrou Sebastian. — O pirralho do Instituto Los Angeles deve ter lhe contado isso, pelo menos.

— Eu poderia fatiar você — afirmou Jace. — Ver se você consegue sobreviver em pedacinhos. Ou eu corto sua cabeça. Isso talvez não te matasse, mas seria engraçado observar você tentando encontrá-la.

Sebastian ainda sorria.

— Eu não tentaria se fosse você — acrescentou ele.

Jace soltou o ar, o hálito parecia uma pluma branca. *Não deixe que ele te controle*, gritava sua mente, mas a maldição era que ele conhecia Sebastian bem o suficiente para não acreditar que ele estivesse blefando. Sebastian odiava blefar. Ele gostava de ter a vantagem e de ter consciência disso.

— Por que não? — rosnou Jace através dos dentes trincados.

— Minha irmã — disse Sebastian. — Você mandou Clary criar um Portal? Não foi muito inteligente se separarem. Ela está sendo mantida a alguma distância daqui por um de meus tenentes. Se você me machucar, cortam a garganta dela.

Houve um murmúrio dos Nephilim atrás dele, mas Jace não conseguiu ouvir. O nome de Clary pulsava no sangue de suas veias, e o local onde o símbolo de Lilith outrora o conectara a Sebastian ardia. Diziam que era melhor você conhecer seu inimigo, mas em que ajudava saber que a fraqueza de seu inimigo era a sua também?

A multidão que murmurava ergueu-se a um rugido quando Jace começou a baixar as espadas. Sebastian se movimentou com tanta rapidez que Jace viu apenas um borrão quando o outro garoto girou e chutou seu pulso. A espada se soltou do aperto dormente da mão direita, e ele se jogou para trás. No entanto Sebastian foi mais rápido, sacou a espada Morgenstern e acertou um golpe que Jace conseguiu evitar apenas girando o corpo para o lado. A ponta da espada fez um corte superficial em suas costelas.

Agora um pouco do sangue em seu uniforme era dele mesmo.

Ele se abaixou quando Sebastian o atacou novamente, e a espada sibilou por sua cabeça. Ele ouviu o xingamento de Sebastian e se lançou girando a própria espada. As duas espadas

colidiram com o som de metal estridente, e Sebastian deu um sorriso.

— Você não pode vencer — provocou ele. — Eu sou melhor que você, sempre fui. Eu poderia ser o melhor.

— Modesto também — disse Jace, e as espadas se separaram com um rangido. Ele recuou, apenas o suficiente para ter alcance.

— E não pode me machucar, não de verdade, por causa de *Clary* — emendou Sebastian, insistente. — Da mesma forma que ela não poderia me machucar por sua causa. Sempre a mesma dança. Nenhum dos dois está disposto a fazer o sacrifício. — Ele se aproximou de Jace com um giro lateral; Jace se defendeu, embora a força do golpe de Sebastian tivesse enviado um choque por todo seu braço. — Você pensaria, com toda a sua obsessão pela *bondade*, que um de vocês estaria disposto a abrir mão do outro por uma causa maior. Mas não. Em essência, o amor é egoísta, e vocês dois também são.

— Você não conhece nenhum de nós — arfou Jace; estava ofegante agora, e sabia que lutava defensivamente, evitando Sebastian mais do que atacando. O símbolo de Força no braço ardia, incendiando o restante de seu poder. Isso era ruim.

— Conheço minha irmã — afirmou Sebastian. — E agora não, mas em breve eu a conhecerei de *todos* os modos que se é possível conhecer alguém. — Ele sorriu mais uma vez, selvagem. Era o mesmo olhar de muito tempo atrás, numa noite de verão em frente ao Gard, quando ele dissera: *Ou, talvez, só esteja irritado porque eu beijei sua irmã. Porque ela me quis.*

A náusea invadiu Jace, náusea e raiva, e ele se lançou contra Sebastian, esquecendo-se, por um minuto, das regras da luta, esquecendo-se de manter a pressão do aperto no punho distribuída igualmente, esquecendo-se do balanço, da precisão, de tudo, menos do ódio, e o sorriso de Sebastian se abriu quando ele escapou do ataque e chutou a perna de Jace com exatidão.

O garoto caiu com força, e as costas colidiram com o solo congelado, deixando-o sem fôlego. Jace ouviu o sibilo da Morgenstern antes de vê-la, e rolou para o lado quando a espada acertou o ponto onde ele estivera um segundo antes. As estrelas giravam enlouquecidas acima de sua cabeça, pretas e prateadas, e então Sebastian ficou de pé acima dele, mais preto e prata, e a espada baixou outra vez; depois ele rolou para o lado, mas não foi veloz o suficiente, e desta vez sentiu o golpe.

A agonia foi instantânea, nítida e clara, quando a lâmina bateu em seu ombro. Foi como ser eletrocutado — Jace sentiu a dor através do corpo inteiro, seus músculos se contraíram, as costas arquearam. O calor chamuscava através dele, como se os ossos estivessem sendo fundidos ao carvão. As chamas se reuniram e percorreram suas veias, subindo pela espinha...

Ele viu Sebastian arregalar os olhos, e se viu refletido na escuridão deles, esparramado no solo preto e vermelho, e seu ombro estava *incendiando*. Chamas se erguiam da ferida feito sangue. Faiscavam para cima, e uma única centelha percorreu a espada Morgenstern e ardeu para dentro

do cabo.

Sebastian xingou e jogou a mão para trás, como se tivesse sido golpeado. A espada retiniu no chão; ele ergueu a mão e a encarou. E mesmo através da confusão de dor, Jace notara uma marca preta, uma queimadura na palma da mão do rival, no formato do cabo de uma espada.

Jace esforçou-se para se apoiar nos cotovelos, embora o movimento enviasse uma onda de dor tão severa pelo ombro que ele pensou que fosse desmaiar. Sua visão escureceu. Quando ele voltou a enxergar, Sebastian estava de pé acima dele, com um rosnado contorcendo seus traços, a espada Morgenstern de volta à mão — e os dois estavam cercados por um círculo de vultos. Mulheres vestidas de branco como oráculos gregos, os olhos jorrando chamas alaranjadas. Seus rostos eram tatuados com máscaras, como vinhas delicadas e contorcidas. Elas eram belas e terríveis. Eram as Irmãs de Ferro.

Cada uma segurava uma espada de *adamas*, com a ponta virada para baixo. Estavam em silêncio, e a boca formava uma linha rígida. Entre duas delas, estava o Irmão do Silêncio que Jace tinha visto, lutando na planície, o cajado de madeira na mão.

— Em seiscentos anos, não abandonamos nossa Cidadela — disse uma das Irmãs, uma mulher alta, com cabelo preto que caía em tranças até a cintura. Os olhos faiscavam, fornalhas gêmeas na escuridão. — Mas o fogo celestial nos chamou, e nós viemos. Afaste-se de Jace Lightwood, filho de Valentim. Se machucá-lo de novo, nós vamos te destruir.

— Nem Jace Lightwood nem o fogo em suas veias vão te salvar, Cleophas — retrucou Sebastian, ainda empunhando a espada. Sua voz era firme. — O Nephilim não tem salvação.

— Você não sabia temer o fogo celestial. Agora sabe — disse Cleophas. — Hora de se retirar, garoto.

A ponta da espada Morgenstern baixou na direção de Jace — baixou —, e, com um grito, Sebastian atacou. A espada passou sibilando por Jace e se enterrou no solo.

A terra pareceu uivar, como se mortalmente ferida. Um tremor fendeu o solo, espalhando-se a partir da ponta da espada Morgenstern. A visão de Jace ia e voltava, a consciência escapava dele como o fogo que escapava de sua ferida, porém, mesmo enquanto as trevas o dominavam, ele via o triunfo no rosto de Sebastian, e o ouviu começar a rir quando, com uma contorção terrível e súbita, a terra se rompeu. Uma rachadura negra imensa se abriu ao lado deles. Sebastian pulou para dentro dela e desapareceu.

— Não é tão simples, Alec — disse Jia, com voz cansada. — A magia do Portal é complicada, e não temos notícias das Irmãs de Ferro para indicar que precisam de nosso auxílio. Além disso, depois do que aconteceu hoje cedo em Londres, precisamos ficar aqui, alertas...

— Eu estou dizendo, eu *sei* — afirmou Alec. Ele estava tremendo, apesar do uniforme. Estava frio na Colina do Gard, mas não era somente por isso. Em parte, era o choque pelo que Isabelle

dissera aos pais, pela expressão do pai. Mas grande parte daquilo era por causa da apreensão. O pressentimento frio pingava por sua espinha como gelo. — Você não compreende os Crepusculares; você não entende como eles são...

Ele se curvou. Uma coisa quente o havia perfurado, passando do ombro até as vísceras, como uma lança de fogo. Ele atingiu o solo, de joelhos, gemendo.

— Alec... Alec! — As mãos da Consulesa estavam nos ombros dele.

Alec tinha consciência remota dos pais correndo até ele. Sua visão nadou em agonia. Dor, sobreposta e duplicada porque não era dor de modo algum; as centelhas sob as costelas não queimavam em seu corpo, mas sim no de outra pessoa.

— Jace. — Ele trincou os dentes. — Alguma coisa está acontecendo... o fogo. Você precisa abrir um Portal, *rápido*.

Amatis, deitada de costas no chão, soltou uma risada.

— Você não vai me matar. Não tem coragem.

Respirando com dificuldade, Clary cutucou o queixo de Amatis com a ponta da espada.

— Você não sabe do que sou capaz.

— Olhe para mim. — Os olhos de Amatis reluziram. — Olhe para mim e me diga o que vê.

Clary olhou, mas já sabia. Amatis não se parecia exatamente com o irmão, mas tinha o mesmo queixo, os mesmos olhos azuis confiáveis, o mesmo cabelo castanho com toques de cinza.

— Clêmencia — disse Amatis, e ergueu as mãos como se quisesse evitar o golpe de Clary. — Você a daria para mim.

Clêmencia. Clary ficou imóvel, mesmo quando Amatis ergueu o olhar para ela, evidentemente se divertindo. *Bondade não é gentileza e nada é mais cruel que a virtude*. Ela sabia que deveria cortar a garganta da outra, queria até, mas como contar a Luke que tinha matado a irmã dele? Que havia matado a irmã dele enquanto ela jazia no solo, implorando por clemência?

Clary sentiu a própria mão tremer, como se estivesse desligada do corpo. Ao redor, os sons da batalha tinha diminuído: ela ouvia gritos e murmúrios, mas não ousava virar a cabeça e ver o que acontecia. Estava concentrada em Amatis, no aperto no cabo de Heosphoros, no filete de sangue que descia abaixo do queixo de Amatis, onde a ponta da espada de Clary perfurara a pele...

O solo se abriu. As botas de Clary escorregaram na neve, e ela se lançou para o lado; rolou, mal conseguindo evitar se cortar com a própria lâmina. A queda fez com que perdesse o fôlego, mas ela tropeçou para trás e agarrou Heosphoros enquanto o solo sacudia em volta. *Terremoto*, pensou furiosamente. Clary pegou uma pedra com a mão livre enquanto Amatis ficava de joelhos, olhando ao redor com um sorriso de predador.

Ouviram-se gritos por toda parte e um estranho som de algo se partindo. Quando Clary olhou, apavorada, o solo havia se dividido em dois, uma fenda imensa se abrindo. Pedras, terra e

pedaços irregulares de gelo caíam pela abertura enquanto Clary saía dela com dificuldade. A fenda aumentava rapidamente, a rachadura irregular se tornando uma fissura ampla com laterais íngremes que desapareciam em meio à sombra.

O solo começava a parar de sacudir. Clary ouvira a gargalhada de Amatis. Ela ergueu o olhar e viu a mulher mais velha se levantar e sorrir com sarcasmo.

— Dê lembranças ao meu irmão — pediu Amatis, e pulou para dentro da fissura.

Clary se levantou, com o coração acelerado, e correu até a beira da fissura. Olhou por cima dela. A garota conseguia ver apenas alguns metros de terreno íngreme e então trevas, e sombras, sombras que se movimentavam. Ela se virou e viu que, em toda parte do campo de batalha, os Crepusculares corriam em direção à fissura e pulavam dentro dela. Eles a recordavam dos mergulhadores olímpicos, seguros e determinados, confiantes de sua aterrissagem.

Os Nephilim fugiam da fissura aos trancos enquanto os inimigos vestidos com roupas vermelhas disparavam por eles, lançando-se dentro da cova. O olhar de Clary rastreou entre eles, ansioso, procurando por uma figura vestida de preto em particular, com a cabeça com cabelo claro.

Ela parou. Ali, exatamente na fissura, a alguma distância dela, estava um grupo de mulheres usando branco. As Irmãs de Ferro. Através das brechas entre elas, notou um vulto no chão, e outro, com a túnica de pergaminho, encolhida...

Clary começou a correr. Sabia que não devia com a espada fora da bainha, mas não se importou. Pisava na neve com força, saindo do caminho de Crepusculares apressados, passando no meio dos Nephilim, e a neve estava ensanguentada, encharcada e escorregadia, mas mesmo assim ela continuava correndo, até que irrompeu no círculo das Irmãs do Ferro e alcançou Jace.

Ele estava no chão, e o coração de Clary, que parecia prestes a explodir dentro do peito, diminuiu lentamente os batimentos quando viu que os olhos dele estavam abertos. No entanto, Jace parecia pálido e respirava com dificuldade suficiente para que ela pudesse ouvir. O Irmão do Silêncio estava ajoelhado ao lado dele, e os dedos pálidos e compridos abriam o uniforme no ombro de Jace.

— O que está acontecendo? — perguntou Clary, olhando ao redor com expressão feroz. Dezenas de Irmãs de Ferro retribuíam aquele olhar, impassíveis e silenciosas. Havia outras Irmãs de Ferro também, do outro lado da fissura, observando, imóveis, enquanto os Crepusculares se lançavam dentro dela. Era assustador. — O que aconteceu?

— Sebastian — falou Jace entredentes, e ela se deixou cair ao lado dele, de frente para o Irmão do Silêncio, enquanto ele tirava o uniforme e ela via o corte no ombro. — Foi Sebastian quem aconteceu.

A ferida era fogo jorrando.

Não havia sangue, mas fogo, dourado como a linfa dos anjos. A respiração de Clary estava

entrecortada, então ela ergueu o olhar e viu o Irmão Zachariah olhando para ela. Captou um único lampejo do rosto dele, todo ângulos, palidez e cicatrizes, antes de ele tirar uma estela das vestes. Em vez de passá-la na pele de Jace, conforme Clary teria imaginado, ele a passou na própria pele e entalhou um símbolo em sua palma. Ele fez isso rapidamente, entretanto Clary conseguia sentir o poder que emanava do símbolo. Ele a fazia estremecer.

Fique imóvel. Isto vai acabar com a dor, falou em seu sussurro baixo multidirecional, e colocou a mão sobre o corte ardente no ombro de Jace.

Jace gritou alto. O corpo dele se elevara um pouco do chão, e o fogo que sangrava da ferida como lágrimas lentas ergueu-se como se tivesse recebido gasolina, chamuscando o braço do Irmão Zachariah. Um fogo incontrolável consumiu a manga de pergaminho das vestes de Zachariah; o Irmão do Silêncio teve um sobressalto, mas não antes de Clary perceber que as brasas cresciam, consumindo-o. Nas profundezas das chamas, conforme ondulavam e estalavam, Clary viu uma forma — a forma de um símbolo que pareciam duas asas unidas por uma única barra. Um símbolo que ela já tinha visto, de pé num telhado em Manhattan: o primeiro símbolo que ela já visualizara, que não era do Livro Gray. Ele tremeluziu e desapareceu com tanta rapidez que ela supôs ter imaginado aquilo. Parecia ser um símbolo que aparecia para ela em momentos de estresse e pânico, mas o que ele significava? Será que significava um modo de ajudar Jace — ou o Irmão Zachariah?

O Irmão do Silêncio se reclinou para trás na neve, em silêncio, desabando como uma árvore queimada virando cinzas.

Um murmúrio irrompeu das fileiras de Irmãs do Ferro. O que quer que estivesse acontecendo ao Irmão Zachariah, não deveria acontecer. Alguma coisa dera terrivelmente errado.

As Irmãs do Ferro avançaram até o irmão caído. Elas bloquearam a visão que Zachariah tinha de Clary quando ela se dirigiu a Jace. Ele estava encolhido e convulsionando no chão, os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás. Ela olhou em volta, desesperada. Através das brechas entre as Irmãs do Ferro, Clary via Irmão Zachariah, remexendo-se no chão: seu corpo estava brilhando e crepitando com fogo. Um grito irrompeu de sua garganta: um barulho humano, o grito de um homem com dor, não o sussurro mental silencioso dos Irmãos. A Irmã Cleophas o pegou — túnica de pergaminho e fogo, e Clary ouviu a voz da Irmã crescendo: "Zachariah, Zachariah..."

Mas ele não era o único ferido. Alguns dos Nephilim estavam reunidos em volta de Jace, mas muitos outros estavam com os colegas feridos, administrando símbolos de cura e procurando ataduras nos uniformes.

— Clary — murmurou Jace. Ele tentava se apoiar nos cotovelos, com esforço, mas eles não o sustentavam. — Irmão Zachariah... o que aconteceu? O que eu fiz para ele...?

— Nada. Jace. Deite quietinho. — Clary guardou a espada na bainha e tateou em busca da estela no cinturão de armas, com dedos dormentes. Ela esticou a mão para encostar a ponta na pele dele, mas o garoto se contorceu e se afastou dela, convulsionando.

— Não — arfou. Os olhos dele eram imensos e de uma cor dourada ardente. — Não me toque. Vou te machucar também.

— Você não vai.

Desesperada, ela se jogou em cima dele, o peso de seu corpo fazendo-o afundar na neve. Ela tocava o ombro de Jace enquanto ele se contorcia debaixo dela, as roupas e a pele do garoto escorregadias com o sangue e quentes com o fogo. Os joelhos deslizaram para as laterais dos quadris quando ela jogou todo o peso contra o peito dele, prendendo-o ao chão.

— Jace — disse. — Jace, por favor. — Mas os olhos dele não conseguiam focalizá-la e as mãos se contorciam contra o solo. — *Jace* — repetiu Clary, e pôs a estela na pele dele, pouco acima do ferimento.

E ela estava novamente no barco com o pai, com Valentim, e jogava tudo que tinha, todos os fragmentos de força, cada átomo derradeiro de vontade e energia para criar um símbolo que destruísse o mundo com fogo, que revertesse a morte, que fizesse os oceanos voarem para os céus. Porém desta vez era o mais simples dos símbolos, o símbolo que todo Caçador de Sombras aprendia no primeiro ano de treinamento.

Cure-me.

A *iratze* tomou forma no ombro de Jace, a cor produzia espirais da ponta tão preta que a luz que vinha das estrelas e da Cidadela parecia desaparecer dentro dela. Clary conseguia sentir a própria energia desaparecendo enquanto desenhava. Ela nunca sentira tanto a estela como uma extensão das próprias veias, como se estivesse escrevendo no próprio sangue, como se toda a energia nela estivesse sendo drenada através da mão e dos dedos, e a visão escurecendo enquanto ela lutava para manter a estela firme, para terminar o símbolo. A última coisa que viu foi o grande redemoinho ardente de um Portal, o qual se abriu para a visão impossível da Praça do Anjo, antes de deslizar para o nada.

8

Força no que Permanece

Raphael estava parado, as mãos nos bolsos, e ergueu o olhar para as torres demoníacas que brilhavam com uma cor vermelho-escura.

— Está acontecendo alguma coisa — disse ele. — Alguma coisa incomum.

Simon queria retrucar que a coisa incomum era que ele tinha acabado de ser sequestrado e levado para Idris pela segunda vez, no entanto estava enjoado demais. Ele se esquecera de que a travessia de um Portal parecia despedaçar você e depois remontar do outro lado, com peças importantes faltando.

Além disso, Raphael tinha razão. Estava acontecendo alguma coisa. Simon estivera em Alicante antes e se recordava das estradas e dos canais, da colina erguendo-se acima de tudo com o Gard no topo. Ele se recordava de que, em noites comuns, as ruas ficavam tranquilas, iluminadas pelo brilho pálido das torres. Mas hoje à noite havia barulho, o qual vinha sobretudo do Gard e da colina, onde as luzes dançavam como se dezenas de fogueiras tivessem sido acesas. As torres demoníacas brilhavam em um sinistro tom vermelho e dourado.

— Eles mudam as cores das torres para comunicar mensagens — explicou Raphael. — Dourado para casamentos e comemorações. Azul para os Acordos.

— O que significa o vermelho? — perguntou Simon.

— Magia — disse Raphael, e semicerrou os olhos. — Perigo.

Ele se virou, num círculo lento, e olhou ao redor da rua tranquila, das casas imensas ao lado do canal. Era praticamente uma cabeça mais baixo que Simon. O Diurno se perguntava quantos anos Raphael teria quando fora Transformado. Catorze? Quinze? Só um pouquinho mais velho que Maureen? Quem o Transformara? Magnus sabia, mas nunca revelara.

— A casa do Inquisidor é ali — disse Raphael, e apontou para uma das casas maiores, com um telhado pontudo e sacadas para o canal. — Mas está escura.

Simon não podia negar tal fato, embora seu coração inerte tivesse dado um pulinho quando ele olhou para o local. Isabelle estava morando ali agora; uma daquelas janelas era a dela.

— Provavelmente todos estão no Gard — refletiu. — Eles fazem isso, para reuniões e outras coisas. — Ele mesmo não tinha boas lembranças do Gard, depois de ter ficado preso por causa do último Inquisidor. — Nós podíamos ir até lá, acho. Ver o que está acontecendo.

— Sim, obrigado. Sei das "reuniões e outras coisas" — rebateu Raphael, mas parecendo inseguro de um modo que soava inédito para Simon. — Seja lá o que estiver acontecendo, isso é problema dos Caçadores de Sombras. Tem uma casa, não muito longe daqui, que foi doada ao

representante dos vampiros no Conselho. Podemos ir até lá.

— Juntos?

— É uma casa muito grande — disse Raphael. — Você ficará de um lado, e eu, do outro.

Simon ergueu as sobrancelhas. Não tinha certeza do que esperara que fosse acontecer, mas não tinha lhe ocorrido passar a noite numa casa com Raphael. Não que achasse que Raphael fosse matá-lo durante o sono. Mas a ideia de dividir aposentos com alguém que parecia odiá-lo intensamente, e sempre odiara, era estranho.

A visão de Simon era clara e precisa agora — uma das poucas coisas que ele realmente gostava em ser um vampiro —, e ele era capaz de enxergar detalhes mesmo à distância. Ele a viu antes que ela pudesse vê-lo. Caminhava depressa, com a cabeça abaixada, o cabelo escuro na longa trança que ela costumava usar quando lutava. Estava usando o uniforme, e as botas batiam nos paralelepípedos enquanto caminhava.

Você é de arrasar corações, Isabelle Lightwood.

Simon virou-se para Raphael.

— Vá embora.

Raphael deu um sorriso irônico.

— *La belle Isabelle* — disse ele. — Sabe que é um caso perdido, você e ela.

— Porque sou um vampiro e ela é uma Caçadora de Sombras?

— Não. Porque ela simplesmente é, como se diz?, muita areia para o seu caminhãozinho.

Isabelle estava a meio caminho da rua agora. Simon trincou os dentes.

— Se você se meter, eu vou te empalar. E falo sério.

Raphael deu de ombros, inocente, mas não se mexeu. Simon se afastou dele e saiu das sombras, em direção à rua.

Isabelle parou imediatamente, com a mão no chicote enrolado no cinto. Um instante depois, ela piscou, impressionada, a mão caindo, e falou com voz insegura:

— *Simon?*

Simon sentiu-se subitamente estranho. Talvez ela não tivesse gostado da aparição repentina em Alicante — este era o mundo dela, não o dele.

— Eu... — começou ele, mas não foi muito além porque Isabelle se jogou em cima dele e o abraçou, quase derrubando-o no chão.

Simon se permitiu fechar os olhos e enterrar o rosto no pescoço dela. Sentia o coração de Isabelle batendo, mas afastou violentamente quaisquer pensamentos sobre sangue. Ela era forte e delicada nos braços dele, o cabelo fazia cócegas no rosto de Simon, e, enquanto a abraçava, ele se sentia normal, maravilhosamente normal, como qualquer adolescente apaixonado por uma garota.

Apaixonado. Ele recuou com um susto e se flagrou olhando para Izzy a alguns centímetros de

distância, os imensos olhos escuros brilhando.

— Não consigo acreditar que você esteja aqui — afirmou ela, sem fôlego. — Eu estava desejando que você estivesse, e pensei quanto tempo levaria até eu poder te ver e... *Ai, meu Deus, o que você está vestindo?*

Simon baixou os olhos para a camisa de babados e a calça de couro. Ele estava vagamente consciente da presença de Raphael, em algum lugar nas sombras, dando risadinhas.

— É uma longa história — explicou. — Você acha que a gente poderia entrar?

Magnus virou a caixa de prata com as iniciais, os olhos de gato reluzindo sob a luz enfeitiçada fraca no porão de Amatis.

Jocelyn o fitava com um olhar de ansiedade curiosa. Luke não conseguia evitar pensar em todas as vezes que Jocelyn levara Clary ao apartamento de Magnus quando ela era pequena, em todas as vezes que os três ficaram sentados juntos, um trio improvável, enquanto Clary crescia e começava a se lembrar do que deveria esquecer.

— Alguma coisa? — perguntou Jocelyn.

— Você precisa me dar tempo — pediu Magnus, cutucando a caixa com um dedo. — Armadilhas mágicas, maldições, coisas assim, elas podem estar muito bem escondidas.

— Leve o tempo que precisar — disse Luke, reclinando-se contra uma mesa que tinha sido empurrada para um canto cheio de teias de aranha.

Há muito tempo ela fizera o papel de mesa da cozinha de sua mãe. Ele reconheceu o padrão de marcas de faca no tampo de madeira, até mesmo a marca que ele havia deixado em uma das pernas, ao chutá-la durante sua adolescência.

Durante anos, ela fora de Amatis. Fora dela quando se casara com Stephen, e algumas vezes servira para oferecer jantares na casa Herondale. Fora dela após o divórcio, depois que Stephen se mudara para o solar no interior com a nova mulher. Na verdade, todo o porão havia ficado empilhado com mobília velha: itens que Luke reconhecia como pertencentes aos pais deles, quadros e bibelôs da época em que Amatis tinha sido casada. Ele se perguntava por que ela escondera as coisas ali. Talvez não suportasse olhar para elas.

— Não acho que haja algo errado com a caixa — disse Magnus, finalmente, colocando a caixa de volta na prateleira onde Jocelyn a enfiara, sem vontade de ter o item em casa, mas também sem vontade de jogá-lo fora. Ele estremeceu e esfregou as mãos. Estava embrulhado em um casaco cinza e preto que o fazia se assemelhar a um detetive durão; Jocelyn não lhe dera chance de pendurar o casaco quando ele chegara, simplesmente o agarrara pelo braço e o arrastara até o porão. — Sem truques, sem armadilhas, sem mágica alguma.

Jocelyn pareceu um pouco constrangida.

— Obrigada. Por ter verificado. Eu posso estar um pouco paranoica. E depois do que

aconteceu em Londres...

— O que *aconteceu* em Londres?

— Nós não sabemos muita coisa — explicou Luke. — Recebemos uma mensagem de fogo do Gard sobre isso hoje à tarde, mas não há muitos detalhes. Londres foi um dos poucos Institutos que ainda não tinha sido evacuado. Aparentemente, Sebastian e suas forças tentaram atacar. Eles foram repelidos por algum tipo de feitiço de proteção, algo que nem mesmo o Conselho conhecia. Algo que advertiu os Caçadores de Sombras sobre o que estava vindo e os conduziu para a segurança.

— Um fantasma — disse Magnus, e um sorriso pairou em seus lábios. — Um espírito, dedicado à proteção do lugar. Ela está ali há 130 anos.

— *Ela?* — repetiu Jocelyn, recostando-se na parede empoeirada. — Um fantasma? Sério? Qual era o nome dela?

— Você a reconheceria pelo sobrenome, se eu lhe contasse, mas ela não ia gostar que eu contasse. — O olhar de Magnus estava distante. — Espero que isso signifique que ela encontrou a paz. — Ele voltou a prestar atenção imediatamente. — De qualquer forma, eu não queria levar a conversa para este rumo. Não foi por essa razão que vim até vocês.

— Imaginei que não — disse Luke. — Agradecemos a visita, embora eu admita ter ficado surpreso ao te ver na entrada. Não achei que você fosse vir para cá.

A frase *Pensei que iria para a casa dos Lightwood* ficou parando entre eles, sem ser verbalizada.

— Eu tinha uma vida antes de Alec — afirmou Magnus, sem rodeios. — Sou o Alto Feiticeiro do Brooklyn. Estou aqui para assumir um lugar no Conselho em nome dos Filhos de Lilith.

— Pensei que Catarina Loss fosse a representante dos feiticeiros — disse Luke, surpreso.

— Ela era — admitiu Magnus. — Ela me fez assumir seu lugar para que pudesse vir até aqui e ver Alec. — Ele suspirou. — Na verdade, ela insistiu nesse ponto em especial enquanto estávamos no Hunter's Moon. E é sobre isso que queria conversar com vocês.

Luke sentou-se na mesa manca.

— Você viu Morcego? — perguntou ele.

Morcego costumava trabalhar no bar Hunter's Moon durante o dia, em vez de na delegacia; não era oficial, mas todos sabiam que era onde o encontrariam.

— Sim. Ele acabou de receber um telefonema de Maia. — Magnus passou uma das mãos pelo cabelo preto. — Sebastian não gosta exatamente do fato de ser repelido — disse ele lentamente, e Luke sentiu os nervos enrijecerem. Era evidente que Magnus estava hesitante em compartilhar as notícias ruins. — Parece que depois que tentou atacar o Instituto de Londres e se deu mal, ele voltou sua atenção à Praetor Lupus. Aparentemente, ele não vê muita utilidade para os licantropes, não pode transformá-los em Crepusculares, por isso queimou e destruiu o local, e

assassinou todos eles. Matou Jordan Kyle na frente de Maia. E a deixou viver para que entregasse um recado.

Jocelyn abraçou o próprio corpo.

— Meu Deus.

— Qual era o recado? — perguntou Luke, recobrando a voz.

— Era um recado para os integrantes do Submundo — disse Magnus. — Falei com Maia pelo telefone. Ela teve que memorizá-lo. Aparentemente dizia: "Diga aos membros do Submundo. Estou atrás de vingança e vou conseguir. Vou lidar desse modo com qualquer um que se alie aos Caçadores de Sombras. Não tenho nada contra sua espécie, a menos que vocês sigam os Nephilim na batalha; nesse caso, vocês alimentarão minha lâmina e as lâminas do meu exército, até o último ser extinto da superfície deste mundo."

Jocelyn fez um som exasperado.

— Ele fala como o pai, não fala?

Luke olhou para Magnus.

— Você vai entregar esse recado ao Conselho?

Magnus bateu no queixo com um dedo cheio de glitter na unha.

— Não — respondeu ele. — Mas também não vou esconder dos membros do Submundo. Minha lealdade aos Caçadores de Sombras não está acima da lealdade a eles.

Não é como a sua. As palavras pendiam entre eles, tácitas.

— Eu tenho isto — disse Magnus, e tirou um pedaço de papel do bolso. Luke reconheceu, pois ele também tinha um.

— Você vai ao jantar de amanhã à noite?

— Vou. As fadas encaram convites como este com muita seriedade. Meliorn e a Corte ficariam aborrecidos se eu não fosse.

— Então planejo contar a elas — disse Magnus.

— E se entrarem em pânico? — perguntou Luke. — Se abandonarem o Conselho e os Nephilim?

— Não é como se o que aconteceu com a Praetor pudesse ser ocultado.

— O recado de Sebastian poderia — disse Jocelyn. — Ele está tentando assustar os integrantes do Submundo, Magnus. Está tentando fazer com que se afastem enquanto destrói os Nephilim.

— Seria direito deles — retrucou Magnus.

— Se fizerem isso, acha que os Nephilim vão perdoá-los um dia? — insistiu Jocelyn. — A Clave não perdoa. São mais rigorosos que Deus em pessoa.

— Jocelyn — interrompeu Luke. — Isso não é culpa de Magnus.

Mas Jocelyn ainda fitava o feiticeiro.

— O que Tessa lhe diria para fazer? — questionou ela.

— Por favor, Jocelyn — disse Magnus. — Você mal a conhece. Ela iria pregar a honestidade; normalmente é o que faz. Esconder a verdade nunca funciona. Quando você vive por tempo suficiente, aprende a enxergar isso.

Jocelyn baixou o olhar para as mãos: eram mãos de artista, que Luke sempre amara — ágeis, cuidadosas e manchadas de tinta.

— Não sou mais uma Caçadora de Sombras — emendou ela. — Fugi deles. Contei isso a vocês dois. Mas um mundo sem Caçadores de Sombras... eu tenho medo disso.

— Antes dos Nephilim, havia um mundo — disse Magnus. — E haverá um depois deles.

— Um mundo onde possamos sobreviver? Meu filho... — começou Jocelyn, e parou quando ouviu batidas vindo do andar de cima. Alguém estava batendo à porta da frente. — Clary? — perguntou ela, em voz alta. — Talvez ela tenha esquecido a chave de novo.

— Eu atendo — disse Luke, e se levantou. Ele trocou um olhar breve com Jocelyn quando saiu do porão, a mente girando.

Jordan morto, Maia de luto. Sebastian tentando colocar os membros do Submundo contra os Caçadores de Sombras.

Ele abriu a porta da frente, e uma corrente de ar frio da noite entrou. Parada, na entrada, estava uma jovem com cabelo louro-claro cacheado, vestindo o uniforme. Helen Blackthorn. Luke mal teve tempo de registrar que as torres demoníacas acima deles estavam brilhando com um tom vermelho-sangue quando ela disse:

— Tenho um recado do Gard — disse ela. — A respeito de Clary.

— Maia.

Uma voz baixa em meio ao silêncio. Maia se virou, sem desejar abrir os olhos. Havia alguma coisa terrível esperando na escuridão, algo do qual ela poderia escapar somente se dormisse para sempre.

— *Maia*. — Ele a fitava das sombras, olhos claros e pele escura. O irmão dela, Daniel. Enquanto ela observava, ele arrancava as asas de uma borboleta e deixava o corpo desta cair no chão, contorcendo-se.

— Maia, por favor. — Um toque leve no braço. Ela se ergueu num sobressalto, e todo o corpo convulsionou. As costas bateram em uma parede, e ela arfou, abrindo os olhos. Eles estavam grudentos, os cílios tinham sal nas beiradas. Havia chorado durante o sono.

Ela se encontrava num quarto semi-iluminado, com uma única janela virada para a rua sinuosa no centro. Dava para ver os arbustos desfolhados através do vidro manchado e a borda de alguma coisa de metal: uma escada de incêndio, imaginou ela.

Maia baixou os olhos — uma cama estreita com cabeceira de ferro e um cobertor fino que ela havia chutado para os pés. As costas contra uma parede de tijolos. Uma única cadeira, velha e

lascada, ao lado da cama. Morcego estava sentado nela, olhos arregalados, baixando a mão lentamente.

— Eu sinto muito — disse ele.

— Não — rosnou ela. — Não me toque.

— Você estava gritando — informou ele. — Durante o sono.

Ela passou os braços em volta do corpo. Vestia um jeans e uma camiseta regata. O suéter que tinha vestido em Long Island se perdera, e a pele dos braços se arrepiava com calafrios.

— Onde estão minhas roupas? — perguntou ela. — Minha jaqueta, meu suéter...

Morcego limpou a garganta.

— Estavam cobertos de sangue, Maia.

— Tá — disse ela. O coração batia forte.

— Você se lembra do que aconteceu? — questionou ele.

Ela fechou os olhos. Lembrava-se de tudo: da viagem, da van, do edifício em chamas, da praia coberta com corpos. De Jordan desabando em cima dela, do sangue jorrando em cima e ao redor dela feito água, misturando-se à areia. *Seu namorado está morto.*

— Jordan — disse ela, embora já soubesse.

Morcego estava com uma expressão séria; havia um reflexo esverdeado em seus olhos castanhos que os fazia brilhar à penumbra. Era um rosto que ela conhecia bem. Ele fora um dos primeiros lobisomens que ela encontrara. E saíram juntos até ela dizer que se achava nova demais para a cidade, agitada demais, que ainda pensava demais em Jordan para um novo relacionamento. Ele terminara com ela no dia seguinte; surpreendentemente, continuaram amigos.

— Está morto — respondeu ele. — Junto a praticamente toda a Praetor Lupus. Praetor Scott, os alunos... alguns sobreviveram. Maia, por que você estava lá? O que estava fazendo na Praetor?

Maia contou sobre o desaparecimento de Simon, o telefonema da Praetor para Jordan, a viagem frenética até Long Island, a descoberta da Praetor em ruínas.

Morcego pigarreou.

— Eu estou com algumas coisas do Jordan. As chaves, o pingente da Praetor...

Era como se Maia não conseguisse recuperar o fôlego.

— Não. Não quero... Não quero as coisas dele — disse ela. — Ele ia querer que Simon ficasse com o pingente. Quando encontrarmos Simon, entregaremos a ele.

Morcego não prolongou o assunto.

— Tenho boas notícias — disse ele. — Tivemos novidades de Idris: seu amigo Simon está bem. Na verdade, ele está com os Caçadores de Sombras.

— Ah. — Maia sentiu o aperto no coração se afrouxar um pouco, de alívio.

— Eu devia ter te contado logo de cara — desculpou-se ele. — É só que... fiquei preocupado.

Você estava muito mal quando te trouxemos de volta à sede. E ficou dormindo desde então.

Eu queria dormir para sempre.

— Eu sei que você já contou a Magnus — emendou Bat, com o rosto tenso. — Mas explique pra mim outra vez por que Sebastian Morgenstern atacaria os licantropes.

— Ele falou que era uma mensagem. — Maia ouviu a letargia da própria voz, como se estivesse distante. — Ele queria que soubéssemos que o ataque ocorreu porque os lobisomens eram aliados dos Caçadores de Sombras e que era isso que ele planejava fazer com todos os aliados dos Nephilim.

"*Eu nunca vou parar, nunca vou ficar imóvel, até que a morte feche os meus olhos, ou a fortuna me dê a medida da vingança.*"

— Agora os Caçadores de Sombras saíram de Nova York, e Luke está em Idris com eles. Estão erguendo barreiras extras. Em breve não conseguiremos enviar nem receber mensagens. — Morcego se remexeu na cadeira; Maia sentiu que havia mais alguma coisa que ele não estava lhe contando.

— O que foi? — disse ela.

Os olhos dele se desviaram com rapidez.

— Morcego...

— Você conhece Rufus Hastings?

Rufus. Maia se recordava da primeira vez que estivera na Praetor Lupus, um homem com rosto marcado por arranhões e expressão irritada, saindo do escritório de Praetor Scott num acesso de fúria.

— Não de fato.

— Ele sobreviveu ao massacre. Está aqui na delegacia. Está nos colocando a par de tudo — prosseguiu Morcego. — E tem conversado com os outros sobre Luke. Diz que ele é mais um Caçador de Sombras que um licantrope, que não tem sido leal ao bando, que o bando precisa de um novo líder agora.

— *Você é* o líder — corrigiu ela. — Você é o segundo em comando.

— Pois é, e fui delegado a essa função por Luke. Isso significa que também não sou confiável.

Maia deslizou para a beirada da cama. O corpo inteiro doía; ela percebeu isso quando pôs os pés descalços no piso frio de pedra.

— Ninguém está prestando atenção nele, está?

Morcego deu de ombros.

— Isso é ridículo. Depois do que aconteceu, temos que nos unir, e não tolerar alguém tentando nos separar. Os Caçadores de Sombras são nossos aliados...

— E foi por essa razão que Sebastian nos atacou.

— Ele atacaria de qualquer forma. Não é amigo dos membros do Submundo. Ele é *filho* de

Valentim Morgenstern. — Os olhos dela ardiam. — Ele pode estar tentando nos fazer abandonar os Nephilim temporariamente para poder ir atrás deles, mas se conseguir extingui-los da face da Terra, virá atrás de nós em seguida.

Morcego juntou e separou as mãos, depois, pareceu tomar uma decisão.

— Sei que você tem razão — disse ele, e foi até uma mesinha no canto do cômodo. Voltou com uma jaqueta, além de meias e botas, e as entregou a ela.

— Apenas... faça-me um favor e não diga nada assim hoje à tarde. Os ânimos já vão estar bem exaltados do jeito que as coisas estão.

Ela vestiu a jaqueta.

— Hoje à tarde? O que tem hoje à tarde?

Ele suspirou.

— O funeral — respondeu.

— Vou *matar* Maureen — afirmou Isabelle. Ela abrira as duas portas do guarda-roupa de Alec e jogava as roupas sobre o piso, formando montinhos.

Simon estava deitado e descalço em uma das camas (de Jace? Ou de Alec?), depois de ter tirado as assustadoras botas afiveladas. Embora sua pele não estivesse realmente machucada, parecia incrível deitar-se sobre uma superfície macia depois de ter passado tantas horas no chão sujo e duro do Hotel Dumort.

— Você vai ter que enfrentar todos os vampiros de Nova York para fazer isso — disse ele. — Aparentemente, eles a adoram.

— Gosto não se discute. — Isabelle estendeu um suéter azul-escuro que Simon reconheceu como sendo de Alec, sobretudo pelos buracos nos punhos. — Então Raphael te trouxe aqui para você poder conversar com meu pai?

Simon se ergueu e se apoiou nos cotovelos para observá-la.

— Você acha que ele vai encarar isso numa boa?

— Claro, por que não? Meu pai adora conversar. — Ela pareceu amarga. Simon se inclinou para a frente, mas, quando ela ergueu a cabeça, estava sorrindo para ele, e ele pensou ter imaginado aquilo. — No entanto, quem sabe o que acontecerá com o ataque à Cidadela hoje à noite. — Ela mordeu o lábio em preocupação. — Isso poderia significar o cancelamento da reunião ou sua antecipação. Obviamente, Sebastian é um problema maior do que eles pensavam. Ele não devia nem ser capaz de se aproximar da Cidadela.

— Ora — falou Simon —, ele é um Caçador de Sombras.

— Não, não é — retrucou Isabelle com raiva, e arrancou um suéter verde de um cabide de madeira. — E mais: ele é um homem.

— Desculpe — disse Simon. — Deve ser angustiante esperar para ver como a batalha vai

terminar. Quantas pessoas eles atravessaram?

— Cinquenta ou sessenta — respondeu Isabelle. — Eu quis ir, mas... eles não me deixaram. — A voz sustentava o tom cauteloso que significava a aproximação de um assunto sobre o qual ela não queria falar.

— Eu teria ficado preocupado com você — disse ele.

Simon viu Isabelle esboçar um sorriso relutante.

— Experimente isto — falou, e jogou o suéter verde para ele, um pouco menos puído que o restante das roupas.

— Você tem certeza de que não tem problema eu pegar as roupas emprestadas?

— Não pode andar por aí *desse jeito* — disse ela. — Você parece ter fugido de um romance. — Isabelle pôs uma das mãos contra a testa dramaticamente. — Oh, Lorde Montgomery, o que o senhor pretende fazer comigo neste quarto quando estivermos totalmente a sós? Uma donzela inocente e desprotegida? — Ela abriu o zíper da jaqueta e a jogou no chão, revelando uma camiseta regata branca. Lançou um olhar ardente para ele: — Minha honra está segura?

— Eu, ah... o quê? — balbuciou Simon, temporariamente desprovido de vocabulário.

— Sei que o senhor é um homem perigoso — declarou Isabelle, caminhando em direção à cama. Ela abriu a calça e a tirou, chutando-a pelo chão. Vestia boy shorts preta por baixo da roupa. — Alguns o chamam de libertino. Todos sabem que o senhor é um demônio com as mulheres, com sua calça irresistível e camisa poeticamente cheia de babados. — Ela pulou na cama e engatinhou até ele, fitando-o como uma serpente prestes a devorar sua presa. — Rogo-lhe que considere minha inocência — sussurrou ela. — E meu pobre e vulnerável coração.

Simon concluiu que aquilo era muito parecido com jogar D&D, porém potencialmente muito mais divertido.

— Lorde Montgomery não tem consideração por nada, além dos próprios desejos — disse ele, com voz rouca. — Vou lhe dizer mais uma coisa. Lorde Montgomery tem uma propriedade muito grande... e terrenos imensos também.

Isabelle deu uma risadinha, e Simon sentiu a cama balançar debaixo deles.

— Tá bem, eu não esperava que você entrasse *tanto* assim na brincadeira.

— Lorde Montgomery sempre supera as expectativas — retrucou Simon, agarrando Isabelle pela cintura e rolando-a para que ficasse debaixo dele, com o cabelo preto espalhado sobre o travesseiro. — Mães, tranquem suas filhas, depois, tranquem as criadas e então se tranquem. Lorde Montgomery está à solta.

Isabelle emoldurou o rosto com ambas as mãos.

— Milorde — disse ela, com os olhos brilhando. — Temo que não possa resistir por mais tempo aos seus encantos masculinos e modos viris. Por favor, faça o que o senhor quiser comigo.

Simon não tinha muita certeza do que Lorde Montgomery faria, mas sabia o que *ele* queria

fazer. Inclinou-se e deu um beijo demorado em sua boca. Os lábios de Isabelle se abriram sob os dele, e subitamente tudo se transformou em calor doce e sombrio, e os lábios de Isabelle roçaram os dele, primeiro provocando, depois, com força. Ela cheirava, como sempre, a rosas e sangue, de um modo inebriante. Simon encostou os lábios no ponto onde o sangue pulsava em sua garganta, abocanhando-o com delicadeza, mas sem morder, e Izzy ofegou; as mãos dela desceram para a frente da camisa dele. Por um instante, Simon ficou preocupado com a ausência de botões, mas Isabelle agarrou o tecido nas mãos fortes e rasgou a camisa ao meio, deixando-a pendurada nos ombros dele.

— Caramba, esta coisa rasga que nem papel — exclamou ela, se posicionando para tirar a camiseta regata. Estava no meio da ação quando a porta se abriu e Alec entrou no quarto.

— Izzy, você... — começou ele. Então arregalou os olhos e recuou tão depressa que bateu a cabeça na parede atrás de si. — *O que* ele está fazendo aqui?

Isabelle endireitou a camiseta e olhou com expressão severa para o irmão.

— Você não bate mais?

— É... é o *meu* quarto! — cuspiu Alec.

Ele parecia tentar deliberadamente não olhar para Izzy e Simon, que, de fato, estavam em uma posição comprometedora. Simon girou rapidamente para longe de Isabelle, que se sentou muito esticada, espanando-se como se estivesse com fiapos nas roupas. Simon sentou-se mais devagar, tentando fechar as metades da camisa rasgada.

— Por que todas as minhas roupas estão no chão? — perguntou Alec.

— Eu estava tentando encontrar alguma coisa para Simon usar — explicou Isabelle. — Maureen o fez vestir calça de couro e uma camisa com babados porque ele era um escravo digno de um romance.

— Ele era *o quê*?

— Um escravo digno de um romance — repetiu Isabelle, como se Alec tivesse falado algo particularmente estúpido.

Alec balançou a cabeça como se estivesse num pesadelo.

— Sabe de uma coisa? Não explique. Apenas... se vistam, vocês dois.

— Você não vai sair... vai? — perguntou Isabelle, em tom desanimado, descendo da cama. Ela pegou a jaqueta e a vestiu, depois jogou o suéter verde para Simon. Ele o trocara com satisfação, no lugar da camisa de pirata, que, de qualquer forma, estava em frangalhos.

— Não. É meu quarto. Além do mais, preciso conversar com você, *Isabelle*. — O tom de Alec era ríspido. Simon pegou o jeans e os sapatos do chão e entrou no banheiro para se trocar, demorando-se de propósito. Quando voltou, Isabelle estava sentada na cama amarrotada e parecia tensa.

— Então eles vão abrir o Portal para trazer todo mundo de volta? Ótimo.

— É bom, mas o que eu senti... é que não é bom. — Inconscientemente Alec pôs a mão no próprio braço, perto do símbolo de *parabatai*. — Jace não está morto — emendou apressadamente quando Isabelle empalideceu. — Eu saberia se ele estivesse. Mas alguma coisa aconteceu. Algo com o fogo celestial, acho.

— Você sabe se ele está bem agora? E Clary? — perguntou Isabelle.

— Espere aí, rebobine — interrompeu Simon. — Que história é essa sobre Clary? E Jace?

— Eles atravessaram o Portal — respondeu Isabelle, com voz sombria. — Para a batalha na Cidadela.

Simon percebeu que inconscientemente havia esticado a mão para o anel de ouro na mão direita e agora o apertava com os dedos.

— Eles não são muito jovens?

— Eles não tinham exatamente permissão. — Alec estava reclinado contra a parede. Ele parecia cansado, as olheiras estavam azuladas, da cor de hematomas. — A Consulesa tentou impedi-los, mas não deu tempo.

Simon virou-se para Isabelle.

— E você não me contou?

Isabelle não teve coragem de encará-lo.

— Eu sabia que você ia surtar.

Alec olhou de Isabelle para Simon.

— Você não contou para ele? Sobre o que aconteceu no Gard?

Isabelle cruzou os braços e pareceu desafiá-lo.

— Não. Eu esbarrei nele na rua, aí nós subimos e... e não é da sua conta.

— É da minha conta quando você está no meu quarto — disse Alec. — Se você vai usar Simon para esquecer que está zangada e confusa, tudo bem, mas faça isso no seu quarto.

— Eu não estava usando...

Simon pensou nos olhos de Isabelle, que brilharam quando ela o vira parado na rua. Ele pensou que fosse felicidade, mas agora percebia que provavelmente era por causa de lágrimas não derramadas. O modo como ela caminhara em direção a ele, com a cabeça abaixada, os ombros encolhidos, como se ela estivesse se controlando.

— Estava, sim... — disse ele. — Ou você teria me contado o que aconteceu. Você sequer mencionou Clary ou Jace, ou que estava preocupada ou *qualquer coisa*. — Ele sentiu uma pontada no estômago quando percebeu como Isabelle se desviara habilmente de suas perguntas e o distraíra com beijos, e sentiu-se um idiota. Ele tinha pensado que ela estava feliz por vê-lo, especificamente, mas talvez pudesse ter sido com qualquer um.

O rosto de Isabelle estava imóvel.

— Por favor — pediu ela. — Você nem sequer *perguntou*. — Ela estivera remexendo no

cabelo; agora havia esticado a mão e começado a retorcê-lo quase furiosamente num coque no topo da cabeça. — Se vocês dois vão ficar aí me culpando, talvez devessem simplesmente ir...

— Não estou te culpando — começou Simon, mas Isabelle já estava de pé. Ela agarrou o pingente de rubi, arrancando-o sem muita delicadeza por cima da cabeça dele, e o recolocou no próprio pescoço. — Eu nunca devia ter dado isto a você — falou, os olhos brilhando.

— Ele salvou a minha vida — retrucou Simon.

Isso a fez parar.

— Simon... — sussurrou Isabelle.

Ela desistiu de falar quando Alec subitamente agarrou o próprio ombro e começou a arfar. Ele deslizou até o chão. Isabelle correu até ele e se ajoelhou ao seu lado.

— Alec? *Alec?* — A voz dela se ergueu ao tom de pânico.

Alec tirou a jaqueta, afrouxou a gola da camisa e a afastou para ver a marca no ombro. Simon reconheceu o esboço do símbolo *parabatai*. Alec passou os dedos em cima, que ficaram sujos com alguma coisa escura, semelhante a cinzas.

— Eles voltaram pelo Portal — disse ele. — E tem alguma coisa errada com Jace.

Era como voltar a um sonho, ou a um pesadelo.

Após a Guerra Mortal, a Praça do Anjo ficara cheia de corpos. Corpos de Caçadores de Sombras, estendidos em fileiras organizadas, cada cadáver com os olhos cobertos com a seda branca da morte.

Mais uma vez, havia corpos na praça, mas agora também havia caos. As torres demoníacas reluziam com uma luz brilhante na cena que saudara Simon quando ele finalmente chegou ao Salão dos Acordos, depois de seguir Isabelle e Alec pelas ruas sinuosas de Alicante. A praça estava cheia de pessoas. Havia Nephilim uniformizados deitados no solo, alguns se contorcendo com dor e gritando, outros, imóveis de modo alarmante.

O Salão dos Acordos era escuro e bem fechado. Um dos maiores edifícios de pedra na praça estava aberto e cintilava com as luzes, as portas duplas escancaradas. Uma corrente de Caçadores de Sombras ia e vinha.

Isabelle se erguera na ponta dos pés e examinava a multidão com ansiedade. Simon acompanhava o olhar dela. Conseguia distinguir alguns poucos vultos familiares: a Consulesa correndo ansiosamente entre as pessoas, Kadir, do Instituto de Nova York, Irmãos do Silêncio nas túnicas de pergaminho, orientando silenciosamente as pessoas para que seguissem rumo ao prédio iluminado.

— O Basilias está aberto — disse Isabelle para um Alec abatido. — Talvez tenham levado Jace lá para dentro, se ele estiver ferido...

— Ele estava ferido — emendou Alec, sem rodeios.

— O Basilias? — perguntou Simon.

— O hospital — falou Isabelle, indicando o edifício iluminado. Simon sentia a energia de Isabelle pulsando, nervosa, em pânico. — Eu deveria... nós deveríamos...

— Vou com vocês — disse Simon.

Ela balançou a cabeça.

— Apenas Caçadores de Sombras.

Alec chamou:

— Isabelle. Vamos. — Ele segurava o ombro marcado pelo símbolo de *parabatai* rigidamente. Simon queria dizer alguma coisa a ele, queria dizer que seu melhor amigo também tinha ido para a batalha e que também estava desaparecido, queria dizer que compreendia. Mas talvez só fosse possível compreender um *parabatai* quando se era um Caçador de Sombras. Ele duvidava que Alec fosse agradecê-lo por dizer que compreendia. Raramente Simon sentira a divisão entre os Nephilim e os não Nephilim tão intensamente.

Isabelle assentiu e seguiu o irmão sem dizer mais nada. Simon os observou enquanto cruzavam a praça e passavam pela estátua do Anjo, cujo olhar mirava as consequências da batalha com olhos tristes de mármore. Eles subiram os degraus da frente do Basilias e desapareceram até mesmo para sua visão de vampiro.

— Você acha — disse uma voz baixa em seu ombro — que eles se importariam se nós nos alimentássemos dos mortos?

Era Raphael. O cabelo enrolado tinha um halo bagunçado ao redor da cabeça, e ele vestia apenas uma camiseta fina e um jeans. Parecia uma criança.

— O sangue dos recém-falecidos não é minha bebida favorita — emendou ele —, mas é melhor que sangue engarrafado, não acha?

— Você tem uma personalidade incrivelmente charmosa — disse Simon. — Espero que alguém já tenha te dito isso.

Raphael fez um muxoxo.

— Sarcasmo — falou. — Entediante.

Simon emitiu um som exasperado e incontrolável.

— Vá na frente então. Alimente-se dos Nephilim mortos. Tenho certeza de que eles realmente estão no clima para isso. Talvez deixem você viver por cinco ou até dez segundos.

Raphael deu uma risadinha.

— Parece pior do que é — disse. — Não há tantos mortos assim. Um bocado de feridos. Eles foram suplantados. Agora não vão esquecer o que significa enfrentar os Crepusculares.

Simon semicerrou os olhos.

— O que sabe sobre os Crepusculares, Raphael?

— Sussurros e sombras — rebateu o vampiro. — Mas meu negócio é saber das coisas.

— Então, se sabe das coisas, diga-me onde estão Jace e Clary — disse Simon, sem muita esperança. Raramente Raphael era útil, a menos que isso fosse ser útil para ele.

— Jace está no Basilias — respondeu Raphael, para surpresa de Simon. — Parece que o fogo celestial em suas veias finalmente foi demais para ele. Ele quase se destruiu e a um dos Irmãos do Silêncio com ele.

— *O quê?* — A ansiedade de Simon passou de geral a específica. — Será que ele vai sobreviver? Onde está Clary?

Raphael lançou um olhar arrematado por cílios longos e escuros; o sorriso era torto.

— Para os vampiros, não adianta se inquietar muito pela vida dos mortais.

— Juro por Deus, Raphael, se você não começar a ajudar...

— Muito bem então. Venha comigo. — Raphael avançou nas sombras, mantendo-se nos limites da praça. Simon apressou-se para acompanhá-lo. Ele avistou uma cabeça loura e uma cabeça escura inclinadas, eram Aline e Helen, cuidando de um dos feridos, e pensou, por um instante, em Alec e Jace.

— Se você está se perguntando o que aconteceria se bebesse o sangue de Jace agora, a resposta é que isso te mataria — explicou Raphael. — Vampiros e fogo celestial não se misturam. Sim, mesmo você, Diurno.

— Eu não estava pensando nisso. — Simon fez uma careta. — Estava me perguntando o que aconteceu na batalha.

— Sebastian atacou a Cidadela Adamant — esclareceu Raphael, e contornou um amontoado de Caçadores de Sombras. — Onde as armas dos Caçadores de Sombras são forjadas. O local onde ficam as Irmãs de Ferro. Ele enganou a Clave ao fazê-los acreditar que tinha uma força de apenas vinte homens consigo, quando, na verdade, eram mais. Ele teria matado todos e provavelmente tomado a Cidadela se não fosse por seu Jace.

— Ele não é meu Jace.

— E Clary — continuou Raphael, como se Simon não tivesse dito nada. — Embora eu não saiba os detalhes. É só o que ouvi por aí, e parece haver muita confusão entre os Nephilim quanto ao ocorrido.

— Como Sebastian conseguiu levá-los a pensar que havia menos guerreiros?

Raphael ergueu os ombros, como se respondendo que não sabia.

— Os Caçadores de Sombras se esquecem, algumas vezes, de que nem toda mágica é deles. A Cidadela é construída sobre Linhas Ley. Há uma magia antiga, selvagem, que existia antes de Jonathan Caçador de Sombras, e que voltará a existir...

Ele parou de falar, e Simon acompanhou seu olhar. Por um instante, viu apenas uma cortina de luz azul. Depois que ela diminuiu, ele viu Clary deitada no solo. E ouviu um som de rugido, como sua corrente sanguínea ressoando nos ouvidos. Ela estava pálida e imóvel, os dedos e a

boca tingidos de um violeta azulado e escuro. O cabelo caía em mechas soltas ao redor do rosto, e os olhos estavam circundados por manchas escuras. Ela vestia um uniforme rasgado e ensanguentado, e perto da mão havia uma espada Morgenstern, a lâmina gravada com estrelas.

Magnus estava inclinado perto dela, a mão no rosto de Clary, as pontas dos dedos brilhando num tom azulado. Jocelyn e Luke estavam ajoelhados ali também. Jocelyn ergueu o olhar e viu Simon. Os lábios dela articularam o nome dele. Simon não conseguia ouvir nada acima do rugido nos ouvidos. Será que Clary estava morta? Ela parecia morta ou quase isso.

Ele avançou, mas Luke já estava de pé, esticando a mão para Simon. Agarrou os braços dele e o arrastou para onde Clary estava deitada.

A natureza vampírica de Simon lhe dava uma força sobrenatural, força que ele mal aprendera a usar, mas Luke era tão forte quanto ele. Seus dedos cravaram nos braços de Simon.

— O que aconteceu? — perguntou Simon, a voz se elevando. — Raphael...? — Ele girou, procurando pelo vampiro, mas Raphael tinha ido embora; ele se misturara às sombras. — Por favor — pediu Simon a Luke, desviando os olhos deste para o rosto familiar de Clary. — Deixe-me...

— Simon, não — vociferou Magnus. Ele acariciava o rosto de Clary, deixando centelhas azuis de rastro. Ela não se mexia nem reagia. — Isto é delicado... a energia dela está extremamente baixa.

— Ela não deveria estar no Basilias? — questionou Simon, virando-se para olhar o edifício do hospital.

A luz ainda estava vertendo da janela, e, para sua surpresa, Simon viu Alec de pé nos degraus. Estava encarando Magnus. Antes que Simon pudesse se mover ou fazer sinal para ele, Alec virou-se abruptamente e voltou para o interior da construção.

— Magnus... — começou Simon.

— Simon, *cale a boca* — disse Magnus entre dentes. Simon se contorceu para desvencilhar-se do aperto de Luke, tropeçou e bateu contra a lateral de um muro de pedra.

— Mas Clary... — recomeçou ele.

Luke estava arrasado, mas sua expressão era firme.

— Clary se esgotou ao fazer um símbolo de cura. Mas ela não está ferida, o corpo está intacto, e Magnus pode ajudá-la mais do que os Irmãos do Silêncio. A melhor coisa a fazer é ficar fora do caminho.

— Jace — disse Simon. — Alec sentiu alguma coisa acontecer a ele, graças à ligação de *parabatai*. Tem algo a ver com o fogo celestial. E Raphael estava tagarelando sobre Linhas Ley...

— Veja, a batalha foi mais sangrenta do que os Nephilim esperavam. Sebastian feriu Jace, mas o fogo celestial ricocheteou nele, de alguma forma. E quase destruiu Jace também. Clary salvou a vida de Jace, mas os Irmãos ainda precisam trabalhar muito para curá-lo. — Luke olhou para

Simon com olhos azuis cansados. — E por que você estava com Isabelle e Alec? Pensei que fosse ficar em Nova York. Veio por causa de Jordan?

Imediatamente, o nome chamou a atenção de Simon.

— Jordan? O que ele tem a ver com isso?

Pela primeira vez, Luke parecia verdadeiramente confuso.

— Você não sabe?

— Não sei o quê?

Luke hesitou por um longo momento. Depois falou:

— Tenho uma coisa para você. Magnus trouxe de Nova York. — Ele enfiou a mão no bolso e retirou um medalhão numa corrente. A peça era de ouro, gravada com a pata de um lobo e a inscrição latina *Beati Bellicosi.*

Abençoados são os guerreiros.

Simon soube imediatamente. O pingente de Jordan da Praetor Lupus. Estava lascado e manchado de sangue. Vermelho-escuro como ferrugem, manchando a corrente e a face do medalhão. Mas se alguém sabia a diferença entre ferrugem e sangue, esse alguém era um vampiro.

— Não compreendo — disse Simon. O rugido voltou novamente aos seus ouvidos. — Por que você está com isto? Por que está me dando?

— Porque Jordan queria que você ficasse com ele — respondeu Luke.

— Queria? — A voz de Simon se ergueu. — Você não devia dizer "quer"?

Luke respirou fundo.

— Lamento, Simon. Jordan está morto.

9

As Armas que Você Porta

Clary acordou e viu em suas pálpebras fechadas a imagem de um símbolo desaparecendo. Era um símbolo parecido com asas ligadas por uma única barra. Todo seu corpo doía, e por um instante ela ficou imóvel, temendo a dor que o movimento traria. Lembranças a invadiram lentamente — a planície de lava endurecida pelo frio diante da Cidadela, a gargalhada de Amatis, desafiando Clary para que a machucasse, Jace abrindo caminho em meio a um campo de Crepusculares; Jace no chão, sangrando fogo, Irmão Zachariah se jogando para trás, afastando-se das chamas.

Ela abriu os olhos de repente. Meio que tinha esperado acordar em algum lugar totalmente estranho, mas, em vez disso, estava deitada na pequena cama de madeira do quarto de hóspedes simples de Amatis. A luz pálida do sol atravessava as cortinas de renda e formava desenhos no teto.

Clary começou a fazer esforço para sentar. Perto dela, alguém cantarolava baixinho: era sua mãe. Jocelyn interrompeu-se imediatamente e levantou-se de um pulo, inclinando-se sobre a filha. Aparentemente tinha ficado acordada durante a noite inteira. Vestia uma camiseta velha e um jeans, e seu cabelo estava puxado para trás num coque, preso com um lápis. Uma onda de familiaridade e alívio invadiu Clary, mas foi rapidamente acompanhada pelo pânico.

— Mãe — disse ela, enquanto Jocelyn se inclinava, encostando as costas da mão na testa de Clary como se verificando se ela estava com febre. — Jace...

— Jace está bem — respondeu Jocelyn, retirando a mão.

Diante do olhar desconfiado de Clary, Jocelyn balançou a cabeça.

— Ele está bem, de verdade. Está no Basilias agora, com o Irmão Zachariah. Está se recuperando.

Clary olhou para a mãe, com ar severo.

— Clary, sei que já lhe dei razões para não confiar em mim, mas por favor, acredite, Jace está *perfeitamente bem*. Sei que você nunca me perdoaria se eu não contasse a verdade a respeito dele.

— Quando vou poder vê-lo?

— Amanhã. — Jocelyn recostou-se na cadeira ao lado da cama e revelou Luke, que ficara apoiado na parede do quarto. Ele sorriu para Clary; um sorriso triste, carinhoso, protetor.

— Luke! — exclamou, aliviada por vê-lo. — Diga a mamãe que estou bem. Que posso ir ao Basilias...

Luke balançou a cabeça.

— Sinto muito, Clary. Sem visitas para Jace neste momento. Além disso, hoje você precisa

descansar. Ficamos sabendo sobre o que você fez com aquela *iratze*, na Cidadela.

— Ou, pelo menos, o que as pessoas viram você fazer. Não tenho certeza se um dia vou entender isso direito. — As rugas nos cantos da boca de Jocelyn se aprofundaram. — Você quase se matou curando Jace, Clary. Vai ter que tomar cuidado, pois não tem reservas de energia infinitas...

— Ele estava morrendo — interrompeu Clary. — Estava sangrando fogo. Eu tinha que salvá-lo.

— Mas não era para *você* fazer isso! — Jocelyn afastou dos olhos da filha um cacho solto do cabelo ruivo. — O que você estava fazendo naquela batalha?

— Eles não tinham mandado pessoas suficientes pelo Portal — disse Clary, com voz desanimada. — E todo mundo estava falando sobre como ia ser quando chegassem lá, que iam resgatar os Crepusculares, que iam trazê-los de volta, encontrar uma cura... mas eu estava em Burren. E você também, mãe. Sabe que não dá para resgatar os Nephilim que Sebastian controlou com o Cálice Infernal.

— Você viu minha irmã? — perguntou Luke, em voz baixa.

Clary engoliu em seco e assentiu.

— Lamento. Ela... Ela é a tenente de Sebastian. Não é mais ela, nem um tiquinho.

— Ela te machucou? — perguntou Luke. A voz ainda estava calma, mas um músculo latejava em seu rosto.

Clary balançou a cabeça; não conseguia manter a compostura para mentir, mas também não conseguia contar a verdade a Luke.

— Está tudo bem — disse ele, interpretando a ansiedade dela de outra maneira. — A Amatis que está a serviço de Sebastian é tão minha irmã quanto o Jace que servia a Sebastian era o garoto que você amava. É tão minha irmã quanto Sebastian é o filho que sua mãe teve um dia.

Jocelyn segurou a mão de Luke e beijou-lhe as costas levemente. Clary desviou o olhar. A mãe se virou novamente para ela um instante depois.

— Deus, a Clave... se eles ao menos *ouvissem*. — Ela bufou, frustrada. — Clary, compreendemos por que fez o que fez na noite passada, mas pensamos que você estivesse segura. Depois Helen apareceu na nossa porta e nos contou que você havia sido ferida na batalha da Cidadela. Quase tive um enfarto quando achamos você na praça. Seus lábios e dedos estavam azuis. Como se você tivesse se afogado. Se não fosse por Magnus...

— Magnus me curou? O que ele está fazendo aqui, em Alicante?

— Isso não tem a ver com Magnus — censurou Jocelyn, com aspereza. — Isso tem a ver com você. Jia tem andado fora de si, achando que permitiu que você atravessasse o Portal e que você poderia ter morrido. Estavam chamando Caçadores de Sombras experientes, não crianças...

— Era Sebastian — insistiu Clary. — Eles não compreenderiam.

— Sebastian não é nossa responsabilidade. E, por falar nisso... — Jocelyn enfiou a mão debaixo da cama; quando levantou, estava segurando Heosphoros. — É sua? Estava no seu cinturão de armas quando trouxeram você para casa.

— Sim! — Clary bateu palmas. — Pensei que a tivesse perdido.

— É uma espada Morgenstern, Clary — disse a mãe, e segurou-a como se fosse um pedaço de alface mofada. — A espada que vendi há muito tempo. Onde você a conseguiu?

— Na loja de armas onde você a vendeu. A proprietária da loja disse que ninguém mais ia comprá-la. — Clary tirou Heosphoros da mão da mãe. — Sabe, eu *sou* uma Morgenstern. Não podemos fingir que não tenho um pouco do sangue de Valentim. Preciso descobrir um jeito de ser parte Morgenstern sem que isso seja um problema; sem fingir que sou outra pessoa... alguém com um nome falso que não significa nada.

Jocelyn recuou ligeiramente.

— Você quer dizer "Fray"?

— Não é exatamente um nome de Caçadora de Sombras, é?

— Não — disse a mãe. — Não exatamente, mas ele tem significado.

— Pensei que você o tivesse escolhido ao acaso.

Jocelyn balançou a cabeça.

— Você conhece a cerimônia que deve ser realizada nas crianças Nephilim quando nascem? Aquela que concede a proteção que Jace perdeu quando voltou dos mortos, aquela que permitiu a Lilith se aproximar dele? Normalmente a cerimônia é realizada por uma Irmã de Ferro e um Irmão do Silêncio, mas, no seu caso, como estávamos nos escondendo, eu não podia participar oficialmente. Ela foi feita pelo Irmão Zachariah e por uma feiticeira, no lugar da Irmã de Ferro. Dei a você o sobrenome dela.

— "Fray"? O sobrenome dela era "Fray"?

— O sobrenome foi um impulso — falou Jocelyn, sem exatamente responder à pergunta. — Eu... gostava dela. Ela conhecia a perda, a dor e o luto, no entanto era forte, do jeito que eu queria que você fosse. É tudo que eu sempre quis. Que você fosse forte, ficasse segura e não tivesse que sofrer o que sofri: o terror, a dor e o perigo.

— Irmão Zachariah. — Clary se ergueu subitamente. — Ele estava lá ontem à noite. Ele tentou curar Jace, mas o fogo celestial o queimou. Ele está bem? Não está morto, está?

— Eu não sei. — Jocelyn parecia um pouco confusa com a veemência de Clary. — Sei que ele foi levado para o Basilias. Os Irmãos do Silêncio têm mantido segredo sobre o estado de todo mundo; certamente não falariam sobre um deles.

— Ele disse que os Irmãos deviam aos Herondale por causa de laços antigos — afirmou Clary. — Se ele morrer, será...

— Não será culpa de ninguém — disse Jocelyn. — Eu me lembro de quando ele pôs o feitiço

de proteção em você. Falei para ele que nunca ia querer que você tivesse algo a ver com Caçadores de Sombras. Ele disse que talvez não fosse minha escolha. Disse que a atração dos Caçadores de Sombras é como a rebentação... e ele estava certo. Pensei que estivéssemos livres, mas cá estamos, de volta a Alicante, de volta à guerra, e aí está minha filha, com sangue no rosto e uma espada Morgenstern nas mãos.

Havia um tom obscuro e tenso na voz de Jocelyn, o qual fez os nervos de Clary chisparem.

— Mãe — disse ela. — Aconteceu mais alguma coisa? Tem mais alguma coisa que não está me contando?

Jocelyn trocou um olhar com Luke. Ele falou primeiro:

— Você já sabe que ontem de manhã, antes da batalha na Cidadela, Sebastian tentou atacar o Instituto de Londres.

— Mas ninguém ficou ferido. Robert falou...

— Então Sebastian voltou sua atenção para outro lugar — emendou Luke, com firmeza. — Ele e seu exército abandonaram Londres e atacaram a Praetor Lupus em Long Island. Quase todos os Praetorianos, incluindo o líder, foram massacrados. Jordan Kyle... — A voz foi dele falhou. — Jordan foi morto.

Clary não tinha consciência de que havia se levantado, mas de repente não estava mais debaixo das cobertas. Jogara as pernas por cima da lateral da cama e esticava a mão para a bainha de Heosphoros na mesinha de cabeceira.

— Clary — chamou a mãe e esticou o braço, colocando os dedos compridos no pulso de Clary, limitando seus movimentos. — Clary, acabou. Não há nada que você possa fazer.

Clary sentia o gosto das lágrimas, quentes e salgadas, ardendo no fundo da garganta, e, sob as lágrimas, o gosto mais áspero e obscuro do pânico.

— E quanto à Maia? Se Jordan está machucado, Maia está bem? E Simon? Jordan era o guardião dele! *Simon está bem?*

— Eu estou bem. Não se preocupe, estou bem — disse a voz de Simon. A porta do quarto estava aberta, e, para o completo espanto de Clary, Simon entrou e parecia surpreendentemente tímido. Ela deixou a bainha de Heosphoros cair sob a coberta, e também se deixou cair, desabando em cima de Simon com tanta força que chegou a bater a cabeça na clavícula dele. Clary não percebeu se doeu ou não. Estava ocupada demais se agarrando a ele como se ambos tivessem acabado de cair de um helicóptero e estivessem se deslocando velozmente para o chão. Ela agarrava o suéter verde amassado, apertando o rosto de maneira desajeitada contra o ombro dele enquanto se esforçava para não chorar.

Ele a abraçou, acalmando-a com tapinhas constrangidos, como aqueles que os garotos dão nas costas e ombros uns dos outros. Quando ela finalmente o soltou e deu um passo para trás, viu que o suéter e o jeans que ele estava usando eram muito grandes. Uma corrente de metal pendia

ao redor do pescoço.

— O que está fazendo aqui? — perguntou. — De quem são estas *roupas* que você está usando?

— É uma longa história, e a maior parte destas roupas são de Alec — respondeu Simon. Suas palavras eram casuais, mas ele parecia tenso. — Você devia ter visto o que eu estava usando antes. E, por falar nisso, belo pijama.

Clary olhou para si. Estava usando pijamas de flanela, curtos demais na perna e apertados demais no peito, com estampa de caminhões de bombeiro.

Luke ergueu uma sobrancelha.

— Acho que era meu quando eu era pequeno.

— Você só pode estar brincando que não havia outra coisa que pudessem usar para me vestir...?

— Se insistir em tentar ser morta, vou insistir em escolher o que você veste enquanto se recupera — disse Jocelyn, com um risinho minúsculo.

— O pijama da vingança — resmungou Clary. Ela pegou o jeans e uma camiseta do chão, e olhou para Simon. — Eu vou me trocar e, quando voltar, é melhor você estar pronto para me contar um pouco sobre como chegou aqui, algo além de "é uma longa história".

Simon resmungou alguma coisa que soou como "mandona", mas Clary já tinha saído. Ela tomou banho em tempo recorde, desfrutando da sensação da água lavando a sujeira da batalha. Ainda estava preocupada com Jace, apesar de a mãe tê-la tranquilizado, mas a visão de Simon levantara seu ânimo. Talvez não fizesse sentido, mas ela estava mais feliz por ele estar onde ela podia ficar de olho nele, em vez de ter optado por voltar a Nova York. Sobretudo, depois de Jordan.

Quando Clary voltou ao quarto, o cabelo úmido amarrado num rabo de cavalo, Simon estava sentado na mesinha de cabeceira, imerso na conversa com a mãe dela e Luke, recontando o que havia acontecido em Nova York, como Maureen o sequestrara e Raphael o resgatara e o levara para Alicante.

— Nesse caso, espero que Raphael tenha a pretensão de participar do jantar organizado pelos representantes da Corte de Seelie hoje à noite — dizia Luke. — Anselm Nightshade teria sido convidado, mas se Raphael o estiver representando no Conselho, então ele deve comparecer. Sobretudo, depois do que aconteceu à Praetor, a importância da solidariedade dos integrantes do Submundo para com os Caçadores de Sombras é maior que nunca.

— Você tem notícias de Maia? — perguntou Simon. — Odeio pensar que ela esteja sozinha, agora que Jordan está morto. — Ele se encolheu um pouco ao falar "Jordan está morto", como se dizer tais palavras causasse dor.

— Ela não está sozinha. O bando está cuidando dela. Morcego tem mantido contato comigo;

fisicamente, ela está bem. Emocionalmente, aí já não sei. Ela foi incumbida de transmitir o recado de Sebastian, depois que ele matou Jordan. Isso não deve ter sido fácil.

— O bando vai acabar tendo que lidar com Maureen — disse Simon. — Ela está encantada com o fato de os Caçadores de Sombras terem ido embora. Vai transformar Nova York no seu quintal sangrento, se conseguir fazer as coisas do jeito que quer.

— Se ela está matando mundanos, a Clave terá que despachar alguém para lidar com ela — emendou Jocelyn. — Mesmo que isso signifique deixar Idris. Se ela quebrar os Acordos...

— Será que Jia não deveria ouvir tudo isso? — perguntou Clary. — Nós poderíamos ir falar com ela. Jia não é como o último Cônsul. Daria ouvidos a você, Simon.

Simon fez que sim com a cabeça.

— Prometi a Raphael que falaria com o Inquisidor e com a Consulesa por ele... — Subitamente, ele parou de falar e estremeceu.

Clary o fitou com mais atenção. Ele estava sentado sob um feixe sutil de luz, a pele pálida feito mármore. As veias eram visíveis, tão fortes e pretas quanto marcas de tinta. As maçãs do rosto pareciam acentuadas, as sombras abaixo delas eram severas e irregulares.

— Simon, há quanto tempo você não se alimenta?

Ele se encolheu; ela sabia que Simon odiava ser lembrado de sua necessidade de sangue.

— Três dias — disse em voz baixa.

— Alimento — falou Clary, olhando da mãe para Luke. — Precisamos alimentá-lo.

— Eu estou bem — rebateu Simon, de modo pouco convincente. — Estou mesmo.

— O local mais razoável para obter sangue seria a casa do representante dos vampiros — disse Luke. — Eles têm de fornecê-lo para uso do representante das Crianças da Noite no Conselho. Eu iria pessoalmente, mas dificilmente vão dá-lo a um lobisomem. Poderíamos mandar um recado...

— Nada de recados. Demora demais. Vamos agora. — Clary abriu a porta do closet com força e pegou um casaco. — Simon, você consegue ir até lá?

— Não é tão longe assim — disse ele, com voz enfraquecida. — Algumas portas depois da casa do Inquisidor.

— Raphael vai estar dormindo — observou Luke. — Estamos no meio do dia.

— Então vamos acordá-lo. — Clary vestiu o casaco e fechou o zíper. — É tarefa dele representar os vampiros; ele vai ter que ajudar Simon.

Simon fez um muxoxo.

— Raphael não acha que *tem* que fazer alguma coisa.

— Não me importo. — Clary pegou Heosphoros e deslizou-a na bainha.

— Clary, não sei se você está bem o suficiente para sair assim... — começou Jocelyn.

— Estou bem. Nunca me senti melhor.

Jocelyn balançou a cabeça, e a luz do sol captou os reflexos vermelhos no cabelo dela.

— Em outras palavras, não há nada que eu possa fazer para impedir.

— Nadinha — falou Clary, enfiando Heosphoros no cinto. — Nada mesmo.

— O jantar dos membros do Conselho é hoje à noite — comentou Luke, reclinando-se contra a parede. — Clary, vamos ter que sair antes de você estar de volta. Vamos botar um guardião na casa para ter certeza de que vai voltar antes de escurecer...

— Vocês *estão* brincando.

— De modo algum. Queremos você aqui dentro, com a casa fechada. Se não voltar antes do pôr do sol, o Gard será notificado.

— Isso é uma ditadura — resmungou Clary. — Ande, Simon. Vamos embora.

Maia sentou-se na praia em Rockaway, fitando a água, e estremeceu.

Rockaway ficava lotada no verão, porém vazia e exposta ao vento agora, em dezembro. As águas do Atlântico se estendiam, um cinza pesado, da cor do ferro, sob um céu igualmente cor de ferro.

Os corpos dos lobisomens que Sebastian tinha matado, inclusive o de Jordan, tinham sido queimados entre as ruínas da Praetor Lupus. Um dos lobos do bando se aproximou da praia e lançou o conteúdo de uma caixa com cinzas na água.

Maia observava enquanto a superfície do mar ficava preta com os restos mortais.

— Lamento. — Era Morcego, sentando-se ao lado dela na areia. Eles observavam enquanto Rufus caminhava pela areia e abria outra caixa com cinzas. — Sobre Jordan.

Maia puxou o cabelo para trás. Nuvens cinzentas se reuniam no horizonte. Ela se perguntava quando começaria a chover.

— Eu ia terminar com ele — confessou ela.

— O quê? — Morcego ficou chocado.

— Eu ia terminar com ele — repetiu Maia. — No dia em que Sebastian o matou.

— Pensei que tudo estivesse ótimo entre vocês dois. Pensei que fossem felizes.

— Pensou? — Maia enfiou os dedos na areia úmida. — Você não gostava dele.

— Ele te magoou. Foi há muito tempo, e sei que ele tentou consertar as coisas, mas... — Morcego deu de ombros. — Talvez eu não saiba perdoar.

Maia soltou o ar.

— Talvez eu também não saiba — comentou. — Na cidade em que cresci, todas essas meninas brancas, ricas, magras e mimadas faziam eu me sentir um lixo porque eu não me parecia com elas. Quando eu tinha 6 anos, minha mãe tentou fazer uma festa de aniversário com o tema da Barbie para mim. Eles fazem a Barbie preta, sabe, mas não fazem coisas que combinam com ela... os descartáveis de festas e enfeites de bolo e tal. Por isso minha festa teve uma boneca loura

como tema, um monte de convidadas louras, e todas elas riram de mim, tapando a boca com as mãos. — O ar da praia era frio em seus pulmões. — Então quando eu conheci Jordan e ele me disse que eu era bonita, bem, não foi preciso muito. Eu me apaixonei completamente por ele cinco minutos depois.

— Você é bonita — disse Morcego. Um caranguejo paguro abria caminho na areia aos poucos, e ele o cutucou com os dedos.

— A gente era feliz — falou Maia. — Mas então tudo aconteceu, e ele me Transformou, e eu o odiei. Vim para Nova York e o odiei, e então ele voltou a aparecer, e tudo que ele queria era que eu o perdoasse. Ele queria tanto e estava tão arrependido. E eu sabia, as pessoas fazem coisas loucas quando são mordidas. Tinha ouvido falar de pessoas que mataram as próprias famílias...

— Por isso temos a Praetor — disse Morcego. — Bem. Tínhamos.

— E pensei: o quanto você pode responsabilizar alguém pelos seus atos quando essa pessoa não conseguia controlá-los? Achei que devia perdoá-lo, ele queria tanto. Tinha feito de tudo para compensar suas falhas. Pensei que pudéssemos voltar ao normal, voltar ao modo como a gente costumava ser.

— Algumas vezes, não dá para voltar — ponderou Morcego. Ele tocou a cicatriz na bochecha, pensativo; Maia nunca havia perguntado como ele ganhara aquilo. — Algumas vezes, muita coisa já mudou.

— Não conseguimos reatar — disse Maia. — Pelo menos, eu não consegui. Ele queria tanto que eu o perdoasse que, às vezes, simplesmente olhava para mim e enxergava o perdão. A redenção. Ele enxergava a *mim*. — Ela balançou a cabeça. — Não sou a absolvição de ninguém. Sou apenas Maia.

— Mas você se importava com ele — rebateu Morcego em voz baixa.

— O suficiente para ficar adiando terminar com ele. Pensei que talvez eu me sentiria diferente. E então tudo começou a acontecer: Simon foi sequestrado, e nós fomos atrás dele, e eu ainda ia contar a Jordan. Eu ia contar a ele assim que chegássemos a Praetor, mas quando chegamos foi... — Ela engoliu em seco. —... uma carnificina.

— Eles disseram que quando te encontraram, você estava abraçando Jordan. Ele estava morto, e o sangue manchava a maré, mas você estava abraçada ao corpo dele.

— Todos deviam morrer recebendo um abraço — disse Maia, e pegou um punhado de areia. — Eu só... me senti tão culpada. Ele morreu pensando que eu ainda o amava, que íamos ficar juntos e que tudo estava bem. Morreu comigo mentindo para ele. — Maia deixou os grãos escorrerem pelos dedos. — Eu devia ter falado a verdade.

— Pare de se punir. — Morcego ficou de pé. Ele parecia alto e musculoso no casaco anoraque com o zíper fechado até a metade, o vento mal agitando seu cabelo curto. As nuvens cinzentas aglomeradas delineavam seu vulto. Maia podia ver o restante do bando, reunido ao redor de

Rufus, que estava gesticulando enquanto falava. — Se ele não estivesse morrendo, então sim, você deveria ter contado a verdade. Mas ele morreu pensando que era amado e que fora perdoado. Há presentes muito piores a se dar a alguém. O que ele fez com você foi terrível, e ele sabia disso. Mas poucas pessoas são completamente boas ou completamente más. Pense nisso como um presente que você deu à parte boa nele. Não importa aonde Jordan vá, e eu acredito que todos vamos para algum lugar, pense nisso como a luz que vai levá-lo para casa.

Se você está deixando o Basilias, deve compreender que isso é contrário ao que os Irmãos aconselharam.

— Tudo bem — disse Jace, calçando a segunda luva e dobrando os dedos. — Vocês deixaram isso bem claro.

O Irmão Enoch se agigantou acima dele, a expressão severa, enquanto Jace se curvava com precisão lenta para amarrar o cadarço dos coturnos. Ele estava sentado na beirada do leito da enfermaria, um dentre uma fileira de macas com lençóis brancos que percorriam a extensão do cômodo comprido. Muitas das outras macas estavam ocupadas por Caçadores de Sombras guerreiros que se recuperavam da batalha na Cidadela. Os Irmãos do Silêncio caminhavam entre os leitos como se fossem enfermeiras fantasmagóricas. O ar tinha cheiro de ervas e cataplasmas estranhos.

Você devia descansar mais uma noite, pelo menos. Seu corpo está exaurido, e o fogo celestial ainda arde dentro de você.

Depois de terminar de amarrar os coturnos, Jace ergueu os olhos. O teto abobadado acima estava pintado com um desenho entrelaçado de símbolos de cura em prata e azul. Ele ficara fitando aquilo pelo que pareceram semanas, embora soubesse ter sido apenas uma noite. Os Irmãos do Silêncio mantiveram as visitas afastadas e ficaram pairando perto dele com símbolos de cura e cataplasmas. Também fizeram exames nele, colhendo sangue, fios de cabelo e até cílios; tocando sua pele com uma série de lâminas: ouro, prata, aço, sorveira-brava. Ele se sentia bem. Tinha a forte sensação de que queriam mantê-lo no Basilias mais para estudar o fogo celestial que para curá-lo.

— Quero ver o Irmão Zachariah — pediu ele.

Ele está bem. Você não precisa se preocupar com ele.

— Eu quero vê-lo — insistiu. — Eu quase o matei na Cidadela...

Não foi você. Foi o fogo celestial. E não fez nada além de feri-lo.

Jace piscou por causa da estranha escolha de palavras.

— Quando eu o encontrei, ele disse que acreditava ter uma dívida com os Herondale. Eu sou um Herondale. Ele queria me ver.

E então você pretende deixar o Basilias?

Jace ficou de pé.

— Não há nada errado comigo. Não preciso ficar na enfermaria. Sem dúvida, vocês poderiam usar seus recursos com mais proveito nos feridos de verdade. — Ele pegou sua jaqueta em um gancho ao lado do leito. — Sabe, você pode me levar ao Irmão Zachariah ou posso andar por aí berrando por ele até ele aparecer.

Você traz um bocado de problema, Jace Herondale.

— Foi o que me disseram — respondeu Jace.

Havia janelas arqueadas entre as camas; elas lançavam amplos feixes de luz no chão de mármore. O dia estava começando a escurecer: Jace acordara no início da tarde, com um Irmão do Silêncio ao lado de sua cama. Ele se empertigara, querendo saber onde Clary estava, ao mesmo tempo que as lembranças da noite anterior o invadiam: ele se recordou da dor quando Sebastian o acertou, se recordou do fogo fazendo a lâmina arder, e de Zachariah queimando. Dos braços de Clary em volta dele, do cabelo dela caindo ao redor dos dois, do fim da dor que viera juntamente à escuridão. E depois... nada.

Depois que os Irmãos garantiram que Clary estava bem, segura na casa de Amatis, ele perguntara por Zachariah, se o fogo o havia machucado, mas recebera apenas respostas irritantemente vagas.

Agora ele acompanhava Enoch pela enfermaria até um corredor mais estreito, de gesso branco. As portas se abriram na saída do corredor. Quando passaram por uma, Jace deu uma olhadela num corpo que se contorcia, amarrado a uma cama, e ouviu o som de gritos e xingamentos. Um Irmão do Silêncio estava de pé acima do homem que se debatia, vestido com restos do uniforme vermelho. O sangue respingava na parede branca atrás deles.

Amalric Kriegsmesser, falou Irmão Enoch sem virar a cabeça. *Um dos Crepusculares de Sebastian. Como você sabe, temos tentado reverter o feitiço do Cálice Infernal.*

Jace engoliu em seco. Parecia não haver nada a dizer. Ele tinha visto o ritual do Cálice Infernal ser realizado. No fundo do coração, não acreditava que o feitiço pudesse ser revertido. O feitiço gerava uma mudança muito fundamental. Mas ele também sequer havia imaginado que um Irmão do Silêncio pudesse ser tão humano quanto o Irmão Zachariah sempre parecera. Era por isso que ele estava tão determinado a vê-lo? Jace se recordava do que Clary contara, algo que o Irmão Zachariah dissera uma vez quando ela perguntara se ele chegara a amar alguém o suficiente para morrer por eles:

Duas Pessoas. Existem lembranças que o tempo não apaga. Pergunte a seu amigo Magnus Bane, se não acreditar em mim. A eternidade não torna a perda esquecível, apenas tolerável.

Tinha alguma coisa naquelas palavras, alguma coisa que falava de uma dor e de um tipo de lembrança que Jace não associava aos Irmãos. Eles estavam presentes em sua vida desde que tinha 10 anos: estátuas pálidas e silenciosas que traziam a cura, guardavam segredos, que não

amavam, desejavam, cresciam nem morriam, apenas *existiam*. Mas o Irmão Zachariah era diferente.

Chegamos. Irmão Enoch parou diante de uma porta comum pintada de branco. Ele ergueu a mão larga e bateu. Ouviu-se um som no interior, como uma cadeira sendo arrastada, e depois uma voz masculina:

— Entre.

O Irmão Enoch abriu a porta e fez um gesto para Jace entrar. As janelas ficavam viradas para oeste, e o cômodo estava muito claro, a luz do sol poente pintava as paredes com um fogo pálido. Havia um vulto na janela: uma silhueta, esguia, sem a túnica de um Irmão. Jace se virou e fitou o Irmão Enoch com surpresa, porém o Irmão do Silêncio já tinha ido embora, fechando a porta atrás de si.

— Onde está o Irmão Zachariah? — perguntou Jace.

— Estou bem aqui. — Uma voz baixa, suave, um pouco desafinada, como um piano que há muito não era tocado.

O vulto se virara da janela. Jace se flagrou olhando para um garoto somente um pouco mais velho que ele. Cabelos escuros, um rosto fino e delicado, olhos que pareciam jovens e velhos ao mesmo tempo. Os símbolos dos Irmãos marcavam as maçãs do rosto proeminentes, e, quando o garoto se virou, Jace notou a beirada pálida de um símbolo desbotado na lateral do pescoço.

Um parabatai. Como ele. E Jace sabia também o que o símbolo desbotado significava: um *parabatai* cuja outra metade estava morta. Ele sentiu a compaixão aumentar em relação ao Irmão Zachariah, ao mesmo tempo que se imaginava sem Alec, com apenas aquele símbolo desbotado para lembrá-lo de que outrora ele fora ligado a alguém que conhecia todas as melhores e piores partes de sua alma.

— Jace Herondale — disse o garoto. — Mais uma vez, um Herondale é o portador da minha salvação. Eu devia ter previsto.

— Eu não... isso não é... — Jace estava espantado demais para pensar em alguma coisa inteligente para dizer. — Não é possível. Quando você é um Irmão do Silêncio, não pode deixar de sê-lo. Você... eu não entendo.

O garoto — Zachariah, Jace supôs, embora não mais um Irmão — sorriu. Era um sorriso angustiantemente vulnerável, jovem e gentil.

— Não tenho certeza também se compreendo totalmente — disse ele. — Mas nunca fui um Irmão do Silêncio comum. Trouxeram-me a esta vida porque havia magia negra sobre mim. Não havia outro meio de me salvar. — O garoto baixou o olhar para as próprias mãos, as mãos lisas de um garoto, macias como poucas mãos de Caçadores de Sombras o eram. Os Irmãos podiam lutar como guerreiros, mas raramente faziam isso. — Abandonei tudo que eu conhecia e tudo que eu amava. Talvez não tenha abandonado totalmente, mas ergui uma parede de vidro entre mim e a

vida que levava. Eu podia vê-la, mas não podia tocá-la nem tomar parte nela. Comecei a me esquecer de como era ser um ser humano comum.

— Nós não somos seres humanos comuns.

Zachariah ergueu o olhar.

— Ah, nós dizemos isso a nós mesmos — falou. — Mas tenho estudado os Caçadores de Sombras durante o último século e deixe-me dizer que nós somos mais humanos que a maioria dos seres humanos. Quando ficamos de coração partido, ele se quebra em lascas que não podem ser coladas facilmente. Algumas vezes, invejo a resistência dos mundanos.

— Mais de um século de idade? Você parece bem... resistente para mim.

— Eu pensei que iria ser um Irmão do Silêncio para sempre. Nós... eles não morrem, você sabe; eles perdem a vitalidade depois de muitos anos. Param de falar, param de se movimentar. No fim, são enterrados vivos. Pensei que esse seria meu destino, mas quando toquei em você com a mão marcada pelo símbolo, quando você estava ferido, absorvi o fogo celestial em suas veias. Ele queimou e destruiu a escuridão no meu sangue. Voltei a ser a pessoa que era antes de fazer os votos. Antes mesmo disso. Eu me tornei o que sempre quis ser.

A voz de Jace estava rouca.

— Doeu?

Zachariah pareceu confuso.

— Como?

— Quando Clary me golpeou com a Gloriosa foi... agonizante. Senti como se meus ossos estivessem se desmanchando e virando cinzas dentro de mim. Continuei a pensar nisso quando acordei... continuei a pensar sobre a dor, e se doeu quando você me tocou.

Zachariah olhou pare ele, surpreso.

— Você pensou em mim? Se eu estava sentindo dor?

— Claro. — Jace podia ver o reflexo na janela atrás de Zachariah. O garoto era tão alto quanto ele, porém mais magro, e com o cabelo escuro e a pele clara parecia um negativo de Jace.

— Herondales. — A voz de Zachariah era um sussurro, metade risada metade dor. — Eu quase tinha esquecido. Nenhuma outra família faz tantas coisas por amor ou sente tanta culpa. Não carregue o fardo do mundo, Jace. É pesado demais até para um Herondale suportar.

— Não sou um santo — disse Jace. — Talvez eu devesse suportá-lo.

Zachariah balançou a cabeça.

— Acho que você conhece a frase da Bíblia: "*Mene mene tequel ufarsim*"?

— Pesado foste na balança e foste considerado em falta. Sim, conheço. O Escrito na Parede.

— Os egípcios acreditavam que no portão dos mortos, seu coração era pesado em balanças, e, se ele pesasse mais que uma pena, seu caminho era o caminho para o Inferno. O fogo do Céu nos avalia, Jace Herondale, como as balanças dos Egípcios. Se há em nós mais mal do que bem, isso

vai nos destruir. Eu apenas sobrevivi, assim como você. A diferença entre nós é que eu somente fui tocado pelo fogo, ao passo que ele penetrou seu coração. Você ainda o carrega dentro de si, um grande fardo e um grande dom.

— Mas tudo que tenho tentado fazer é me livrar dele...

— Você não pode se livrar disso. — A voz de Irmão Zachariah ficou muito séria. — Isso não é uma espécie de maldição, da qual você deve se livrar; é uma arma que lhe foi confiada. Você *é* a lâmina do Paraíso. Certifique-se de que é digno dela.

— Você fala como Alec — disse Jace. — Ele sempre fala sobre responsabilidade e mérito.

— Alec. Seu *parabatai*. O garoto dos Lightwood?

— Você... — Jace apontou a lateral do pescoço de Zachariah. — Você teve um *parabatai* também. Mas seu símbolo desbotou.

Zachariah baixou os olhos.

— Ele morreu há muito tempo. Eu era... Quando ele morreu, eu... — Ele balançou a cabeça, frustrado. — Durante anos, tenho apenas falado com a minha mente, embora você possa ouvir meus pensamentos — disse ele. — O processo de formar a linguagem do modo comum, de encontrar a fala, não ocorre tão facilmente para mim agora. — Ele ergueu a cabeça para encarar Jace. E falou: — Valorize seu *parabatai*, pois é um laço precioso. Todo amor é precioso. É por isso que fazemos o que fazemos. Por que enfrentamos demônios? Por que eles não são guardiões adequados para este mundo? O que nos torna melhores? É porque eles não constroem, apenas destroem. Eles não amam, somente odeiam. Somos humanos e falíveis, nós, Caçadores de Sombras. Mas se não tivéssemos a capacidade de amar, não poderíamos guardar os seres humanos; devemos amá-los para guardá-los. Meu *parabatai*, ele amou como poucos seriam capazes de amar, foi assim com tudo e com todos. Vejo que você também é assim; isso arde com mais brilho em você do que o fogo do Céu.

O Irmão Zachariah estava olhando para Jace com uma intensidade tão feroz que era como se arrancasse a carne dos ossos.

— Sinto muito — disse Jace em voz baixa — por você ter perdido seu *parabatai*. Tem alguém... alguém que sobrou, para quem você possa voltar?

O garoto sorriu levemente.

— Tem uma pessoa. Ela sempre ficou em casa por mim. Mas não tão rápido. Primeiro, eu devo ficar.

— Para lutar?

— E amar e chorar. Quando eu era um Irmão do Silêncio, meus amores e minhas perdas emudeceram lentamente, como a música ouvida à distância, uma harmonia genuína, porém abafada. Agora... agora tudo desceu sobre mim de uma vez só. Estou curvado debaixo de tudo. Tenho que estar mais forte antes de vê-la. — O sorriso dele era melancólico. — Você já sentiu seu

coração preenchido por tanta coisa a ponto de se romper?

Jace pensou em Alec ferido em seu colo, em Max imóvel e pálido no chão do Salão dos Acordos; pensou em Valentim abraçando-o enquanto o sangue encharcava a areia debaixo deles. E, finalmente, pensou em Clary: na bravura alerta que o mantivera a salvo, na inteligência mais alerta que aquela que o mantinha são, na firmeza do amor dela.

— Armas, quando quebram e são remendadas, podem ficar mais fortes nos locais remendados — disse Jace. — Talvez aconteça a mesma coisa com o coração.

Irmão Zachariah, que agora era apenas um garoto como Jace, sorriu com um pouco de tristeza.

— Espero que você tenha razão.

— Não consigo acreditar que Jordan esteja morto — disse Clary. — Eu tinha acabado de vê-lo. Ele estava sentado próximo ao muro do Instituto quando atravessamos o Portal.

Ela caminhava com Simon ao longo de um dos canais, dirigindo-se para o centro da cidade. As torres demoníacas se erguiam ao redor e o brilho delas refletia nas águas do canal.

Simon deu uma olhadela de soslaio para Clary. Ele não parava de pensar no estado dela quando a vira na noite anterior, a pele azulada, exausta e semiconsciente, com as roupas rasgadas e ensanguentadas. Agora parecia ela mesma outra vez, com as bochechas coradas, as mãos nos bolsos e o cabo da espada se projetando do cinto.

— Nem eu — falou ele.

Os olhos de Clary eram distantes e brilhantes; Simon se perguntava do que ela estava se lembrando — de Jordan ensinando Jace a controlar as emoções no Central Park? De Jordan no apartamento de Magnus conversando com um pentagrama? De Jordan, na primeira vez em que o viram, abaixando-se e passando debaixo da porta de uma garagem para fazer um teste para a banda de Simon? Jordan sentado no sofá no apartamento deles, jogando Xbox com Jace? Jordan contando a Simon que havia jurado protegê-lo?

Simon sentiu um vazio por dentro. Ele tinha dormido mal à noite, acordando de pesadelos nos quais Jordan aparecia, parado, encarando-o em silêncio, os olhos castanhos pedindo para ajudá-lo, para salvá-lo, enquanto a tinta nos braços escorria feito sangue.

— Pobre Maia — disse Clary. — Queria que ela estivesse aqui, que a gente pudesse conversar. Ela passou por tanta coisa, e agora isso...

— Eu sei — emendou Simon, quase engasgando. Pensar em Jordan já era ruim. Se pensasse em Maia também, ficaria arrasado.

Clary respondeu ao tom ríspido dele esticando a mão.

— Simon. Você está bem?

Ele permitiu que ela segurasse sua mão, entrelaçando os dedos frouxamente. E notou o olhar

dela baixando para o anel de ouro das fadas que ele sempre usava.

— Acho que não — retrucou ele.

— Não, claro que não. Como poderia estar? Ele era seu... — *Amigo? Colega de quarto? Guarda-costas?*

— Era minha responsabilidade — disse Simon.

Ela pareceu confusa.

— Não... Simon, você era responsabilidade dele. Jordan era seu guardião.

— Ora, Clary. O que você acha que ele estava fazendo na sede da Praetor Lupus? Ele nunca chegou lá. Se estava lá, era por minha causa, porque estava procurando por mim. Se eu não tivesse me deixado sequestrar...

— Tivesse se deixado sequestrar? — rebateu Clary. — O quê? Você foi sequestrado por Maureen de boa vontade?

— Maureen não me sequestrou — disse ele em voz baixa.

Ela olhou para ele, espantada.

— Pensei que ela tivesse mantido você numa jaula no Dumort. Pensei que você tivesse dito...

— Ela fez isso — emendou Simon. — Mas a única razão para eu estar do lado de fora, onde ela poderia me pegar, se deu porque fui atacado por um dos Crepusculares. Eu não queria contar ao Luke nem à sua mãe. Achei que eles fossem surtar.

— Porque se Sebastian mandou um Caçador de Sombras maligno atrás de você foi por minha causa — disse Clary, relutante. — Ele queria te sequestrar ou matar?

— Eu realmente não tive chance de perguntar. — Simon enfiou as mãos nos bolsos. — Jordan me falou para correr, então corri... bem na direção de alguém do clã de Maureen. Evidentemente, ela estava vigiando o apartamento. Suponho que foi isso que ganhei por sair correndo e abandoná-lo. Se não tivesse feito isso, se não tivesse sido levado, ele nunca teria ido à Praetor e nunca teria sido morto.

— Pare. — Simon a encarou, surpreso. Clary parecia irritada de verdade. — Pare de se culpar. Jordan não foi enviado para você por acaso. Ele queria o trabalho para poder ficar perto de Maia. Ele conhecia os riscos de ser seu guardião. Ele os aceitou de boa vontade. Foi escolha dele. Jordan estava procurando redenção. Por causa do que tinha acontecido entre ele e Maia. Por causa do que ele *fez*. Era isso que a Praetor era para Jordan. Ela o salvou. Ser o seu guardião, de pessoas como você, o salvou. Ele havia se transformado num monstro. Tinha magoado Maia. Ele a transformara num monstro também. O que ele fez foi imperdoável. Se ele não tivesse a Praetor, se não tivesse você para cuidar, isso o teria consumido até ele se matar.

— Clary... — Simon estava chocado pela dureza das palavras dela.

A garota estremeceu, como se estivesse se sacudindo para tirar teias de aranha. Eles tinham dobrado uma longa rua, próxima ao canal, ladeada por casas velhas e grandiosas. A rua fazia

Simon se recordar de fotografias dos bairros ricos de Amsterdã.

— Aquela ali é a casa dos Lightwood. Há membros do Alto Conselho morando nesta rua. A Consulesa, o Inquisidor, os representantes do Submundo. Só precisamos descobrir qual delas é a de Raphael...

— Ali — disse Simon, e indicou uma casa estreita no canal com uma porta preta. Uma estrela prateada fora pintada na porta. — Uma estrela para os Filhos da Noite. Porque não vemos a luz do Sol. — Ele sorriu, ou tentou sorrir. A fome ardia em suas veias; elas pareciam arame quente sob a pele.

Ele se virou e subiu os degraus. A aldrava tinha o formato de um símbolo e era pesada. O som que fazia quando baixada reverberava no interior da casa.

Simon ouviu Clary subir os degraus atrás de si no momento em que a porta foi aberta. Raphael estava parado, no interior da casa, cuidadosamente afastado da luz que invadia pela porta aberta. Nas sombras, Simon distinguia o vulto do vampiro: o cabelo cacheado, o clarão branco dos dentes quando ele os cumprimentou.

— Diurno. Filha de Valentim.

Clary emitiu um ruído exasperado.

— Você nunca chama ninguém pelo nome?

— Apenas meus amigos — rebateu Raphael.

— Você tem amigos? — perguntou Simon.

Raphael olhou de cara feia.

— Presumo que vocês estejam aqui pelo sangue?

— Sim — disse Clary. Simon não disse uma única palavra. Ao ouvir a palavra "sangue", sentiu-se levemente tonto. Seu estômago roncava. Estava faminto.

Raphael deu uma olhadela em Simon.

— Você parece com fome. Talvez devesse ter aceitado minha sugestão na praça ontem à noite.

Clary arqueou as sobrancelhas, mas Simon apenas fez uma careta.

— Se quiser que eu converse com o Inquisidor em seu nome, vai ter que me dar sangue. Caso contrário, vou desmaiar aos pés dele ou devorá-lo.

— Suspeito que isso não pegaria bem com a filha dele. Embora ela não parecesse nem um pouco satisfeita com você ontem à noite. — Raphael desapareceu novamente nas sombras da casa. Clary olhou para Simon.

— Suponho que você tenha visto Isabelle ontem?

— Supôs certo.

— E as coisas não foram bem?

Simon foi poupado de responder quando Raphael reapareceu. Ele trazia uma garrafa de vidro

com rolha, cheia de líquido vermelho. Simon pegou-a com voracidade.

O cheiro do sangue atravessou o vidro, ondulante e doce. Simon retirou a rolha e engoliu, as presas se projetando, apesar de não precisar delas. Os vampiros não eram feitos para beber em garrafas. Os dentes arranharam a pele quando ele esfregou a boca com as costas da mão.

Os olhos castanhos de Raphael brilhavam.

— Fiquei triste ao ouvir as notícias sobre seu amigo lobisomem.

Simon se retesou. Clary colocou a mão no braço dele.

— Você não está sendo sincero — observou Simon. — Você odiava que eu tivesse um guardião Praetoriano.

Raphael resmungou, pensativo.

— Sem guardião, sem Marca de Caim. Todas as suas proteções arrancadas. Deve ser estranho, Diurno, saber que pode mesmo morrer.

Simon o encarou.

— Por que você se esforça tanto? — perguntou, e tomou outro gole da garrafa. Desta vez, o sabor foi mais amargo, um pouco ácido. — Para fazer com que eu te odeie? Ou a questão é apenas que você me odeia?

Houve um longo silêncio. Simon percebeu que Raphael estava descalço, bem na beiradinha onde a luz do sol formava uma faixa no piso de madeira de lei. Outro passo adiante, e a luz lhe queimaria a pele.

Simon engoliu em seco, saboreando o sangue na boca, sentindo-se ligeiramente tonto.

— Você não me odeia — percebeu ele, e fitou a cicatriz branca na base do pescoço de Raphael, onde, algumas vezes, um crucifixo se apoiava. — Você *tem ciúmes*.

Sem dizer mais nenhuma palavra, Raphael fechou a porta entre eles.

Clary suspirou.

— Uau. Isso terminou bem.

Simon não disse nada, simplesmente deu meia-volta e se afastou, descendo os degraus. Fez uma pausa na base para finalizar a garrafa de sangue e então, para surpresa dela, a jogou a esmo. Ela voou rua abaixo e atingiu um poste de luz, estilhaçando-se e deixando uma mancha de sangue no ferro.

— Simon? — Clary apressou-se degraus abaixo. — Você está bem?

Ele fez um gesto vago.

— Não sei. Jordan, Maia, Raphael, tudo isso é... é demais. Não sei o que fazer.

— Você se refere a falar ao Inquisidor em nome de Raphael? — Clary acelerou para acompanhar Simon quando ele começou a andar sem rumo pela rua. O vento estava mais forte, bagunçando o cabelo castanho dele.

— Não, a qualquer coisa. — Ele cambaleou um pouco quando se afastou dela. Clary semicerrou os olhos, desconfiada. Se não o conhecesse bem, acharia que ele estava bêbado. — Eu não pertenço a este lugar — disse ele. Tinha parado diante da residência do Inquisidor. Simon inclinou a cabeça para trás, erguendo o olhar para as janelas. — O que você acha que eles estão fazendo ali dentro?

— Jantando? — palpitou Clary. Os lampiões com luz enfeitiçada começavam a acender, iluminando a rua. — Vivendo as próprias vidas? Ora, Simon. Provavelmente eles conheciam as pessoas que morreram na batalha de ontem. Se você quer ver Isabelle, amanhã é a reunião do Conselho e...

— Ela sabe — emendou ele. — Que os pais provavelmente vão terminar. Que o pai dela teve um caso.

— Ele *o quê*? — disse Clary, fitando Simon. — Quando?

— Há muito tempo. — Simon definitivamente estava com a fala arrastada. — Antes de Max. Ele ia embora, mas... descobriu sobre Max e ficou. Maryse contou a Isabelle anos atrás. Não foi justo contar tudo isso a uma menininha. Izzy é forte, mas ainda assim. Não se deve fazer isso. Não ao próprio filho. Você deve... aguentar o próprio fardo.

— Simon. — Ela pensou na mãe dele, enxotando-o de sua porta. *Não se deve fazer isso. Não ao próprio filho*. — Há quanto tempo você sabe disso? Sobre Robert e Maryse?

— Há meses. — Ele caminhou até o portão da frente da casa. — Eu sempre quis ajudá-la, mas ela jamais quis que eu dissesse nada, fizesse nada... e, por falar nisso, sua mãe sabe. Foi ela quem revelou a Izzy com quem Robert teve o caso. Não era alguém de quem ela já tivesse ouvido falar. Não sei se isso melhora ou piora as coisas.

— O quê? Simon, você está enrolando a língua. Simon...

Ele desabou na cerca que rodeava a casa do Inquisidor, causando um estrondo.

— Isabelle! — chamou ele, inclinando a cabeça para trás. — *Isabelle!*

— Ai, caramba… — Clary puxou Simon pela manga. — Simon — sussurrou ela. — Você é um vampiro, no meio de Idris. Talvez não devesse *gritar para chamar atenção*.

Simon a ignorou.

— Isabelle! — berrou mais uma vez. — Jogue suas tranças, Isabelle!

— Ai, meu Deus — resmungou Clary. — Tinha alguma coisa naquele sangue que Raphael te deu, não tinha? Vou matá-lo.

— Ele já está morto — observou Simon.

— Ele é um morto-vivo. Obviamente ainda pode morrer, sabe, mais uma vez. Eu vou matá-lo de novo. Ande, Simon. Vamos voltar para você poder se deitar e pôr gelo na cabeça...

— Isabelle! — gritava Simon.

Uma das janelas do andar de cima da casa se abriu, e Isabelle se inclinou para fora. Os cabelos

estavam jogados, caindo ao redor do rosto. No entanto, ela parecia furiosa.

— Simon, cale a boca — sibilou.

— Não vou calar! — anunciou Simon, com rebeldia. — Pois tu és minha bela dama, e devo ganhar teus favores.

Isabelle deixou a cabeça cair entre as mãos.

— Ele está bêbado? — gritou para Clary.

— Eu não sei. — Clary estava dividida entre a lealdade a Simon e uma necessidade urgente de tirá-lo dali. — Acho que ele bebeu sangue fora do prazo de validade ou coisa assim.

— Eu te amo, Isabelle Lightwood! — gritou Simon, assustando todo mundo. As luzes foram acesas por toda a casa e nas casas vizinhas também. Ouviu-se um barulho rua abaixo, e, um instante depois, Aline e Helen apareceram; ambas pareciam exaustas, Helen tentava amarrar o cabelo louro cacheado para trás. — Eu te amo e não vou embora até você dizer que me ama também!

— Diga que você o ama — gritou Helen. — Ele está assustando toda a rua. — Ela acenou para Clary. — Bom te ver.

— Bom te ver também — respondeu Clary. — Sinto muito pelo que aconteceu em Los Angeles e, se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar...

Alguma coisa desceu do céu, flutuando. Duas coisas: uma calça de couro e uma camisa branca de pirata com babados. Elas aterrissaram aos pés de Simon.

— Pegue suas roupas e vá embora! — gritou Isabelle.

Acima dela, outra janela se abriu, e Alec se inclinou.

— O que está acontecendo? — O olhar dele pousou em Clary e nos outros; ele contraiu as sobrancelhas, confuso. — O que é isso? Vão cantar canções de Natal mais cedo este ano?

— Eu não canto canções de Natal — disse Simon. — Sou judeu. Sei apenas a canção do Chanuká.

— Ele está bem? — perguntou Aline a Clary, parecendo preocupada. — Vampiros enlouquecem?

— Ele não está louco — explicou Helen. — Está bêbado. Deve ter consumido o sangue de alguém que tinha ingerido bebida alcoólica. Isso pode deixar os vampiros doidões por... osmose.

— Odeio Raphael — resmungou Clary.

— Isabelle! — gritou Simon. — Pare de jogar roupas em mim! Só porque você é uma Caçadora de Sombras e eu, um vampiro, não quer dizer que a gente não possa dar certo. Nosso amor é proibido como o amor de um tubarão e de uma... de uma caçadora de tubarões. Mas é isso que o torna especial.

— Hã? — interrompeu Isabelle. — Quem de nós é o tubarão, Simon? *Quem de nós é o tubarão?*

A porta da frente foi aberta com força. Era Robert Lightwood, e ele não parecia satisfeito. Desceu pelo caminho da entrada da casa, chutou o portão para abri-lo e foi até Simon.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou. Seus olhos se dirigiram a Clary. — Por que vocês estão gritando do lado de fora da minha casa?

— Ele não está se sentindo bem — respondeu Clary, segurando o pulso de Simon. — Estamos indo embora.

— Não — disse Simon. — Não. Eu... eu preciso falar com ele. Com o Inquisidor.

Robert enfiou a mão no casaco e retirou um crucifixo. Clary ficou observando enquanto ele o erguia entre ele e Simon.

— Eu falo com o representante do Conselho das Crianças da Noite ou com o líder do clã de Nova York — emendou Robert. — Não com um vampiro qualquer que bate à minha porta, mesmo que seja amigo dos meus filhos. E você nem deveria estar aqui em Alicante sem permissão...

Simon esticou a mão e arrancou a cruz da mão de Robert.

— Religião errada — falou.

Helen assobiou baixinho.

— E eu fui enviado como representante das Crianças Noturnas ao Conselho. Raphael Santiago me trouxe até aqui para falar com o senhor...

— Simon! — Isabelle correu para fora da casa, colocando-se rapidamente entre Simon e o pai. — O que você está fazendo?

Ela olhou com expressão severa para Clary, que tinha agarrado o pulso de Simon novamente.

— Nós *realmente* temos que ir — resmungou Clary.

O olhar de Robert foi de Simon para Isabelle. Sua expressão mudou.

— Há alguma coisa entre vocês dois? Toda aquela gritaria foi por isso?

Clary olhou para Isabelle, surpresa. Ela pensou em Simon, confortando Isabelle quando Max morreu. Em o quanto Simon e Izzy tinham se aproximado nos últimos meses. E o pai dela não fazia ideia.

— Ele é um amigo. É amigo de todos nós — disse Isabelle, cruzando os braços. Clary não sabia se a outra estava mais irritada com o pai ou com Simon. — E ponho minha mão no fogo por ele se isso significar que ele pode ficar em Alicante. — Ela olhou com expressão severa para Simon. — Mas agora ele vai voltar para a casa de Clary. Não vai, Simon?

— Minha cabeça está girando — falou Simon, com tristeza. — Girando tanto.

Robert baixou o braço.

— *O quê?*

— Ele bebeu sangue com alguma droga — falou Clary. — Não é culpa dele.

Robert voltou os olhos azuis para Simon.

— Amanhã conversarei com você na reunião do Conselho, *se* você estiver sóbrio — disse ele. — Se Raphael Santiago quer que você me conte alguma coisa, pode fazê-lo diante da Clave.

— Eu não... — começou Simon.

Mas Clary o interrompeu, apressada:

— Ótimo. Vou levá-lo comigo à reunião do Conselho amanhã. Simon, temos que voltar antes de escurecer, você sabe disso.

Simon parecia ligeiramente confuso.

— Temos?

— Amanhã, no Conselho — disse Robert rapidamente, deu meia-volta e caminhou em direção à casa. Isabelle hesitou um momento; ela vestia uma camiseta larga escura e jeans, os pés pálidos descalços na calçada estreita de pedras. E tremia.

— Onde ele conseguiu o sangue batizado? — perguntou ela, apontando para Simon.

— Raphael — explicou Clary.

Isabelle revirou os olhos.

— Vai estar bem amanhã — disse. — Faça com que ele durma. — Ela acenou para Helen e Aline, que estavam inclinadas perto do portão com curiosidade evidente. — Vejo vocês na reunião — emendou.

— Isabelle... — começou Simon, balançando os braços furiosamente; porém, antes que ele pudesse causar mais danos, Clary agarrou as costas de sua jaqueta e o puxou para a rua.

Como Simon percorrera vários becos e insistira em tentar invadir uma loja de doces fechada, já estava escuro quando ele e Clary chegaram à casa de Amatis. Clary olhou ao redor, buscando o guardião que Jocelyn dissera que seria colocado a postos, mas não viu ninguém. Ou ele estava excepcionalmente bem escondido ou, mais provavelmente, já havia partido para informar aos pais de Clary sobre o atraso dela.

Melancólica, Clary subiu os degraus da casa, destrancou a porta e empurrou Simon para dentro. Ele tinha parado de protestar e começado a bocejar em algum lugar perto da Praça da Cisterna, e agora suas pálpebras estavam baixando.

— Odeio Raphael — disse ele.

— Eu estava pensando a mesma coisa — retrucou ela, girando-o. — Ande. Vamos botar você para dormir.

Ela o arrastou até o sofá, onde ele desabou, afundando nas almofadas. A luz fraca da lua era filtrada pelas cortinas de renda que cobriam as amplas janelas principais. Os olhos de Simon estavam da cor de quartzo fumê enquanto ele se esforçava para abri-los.

— Você devia dormir — aconselhou Clary para ele. — Minha mãe e Luke provavelmente voltarão a qualquer minuto. — Ela deu meia-volta para sair.

— Clary — chamou ele, puxando a manga da roupa dela. — Tome cuidado.

Ela se desvencilhou com delicadeza e subiu as escadas, pegando a pedra enfeitiçada com símbolos de luz para clarear o caminho. As janelas ao longo do corredor superior estavam abertas, e uma brisa fria soprava, com cheiro de pedras urbanas e água do canal, afastando o cabelo dela do rosto. Clary chegou à porta de seu quarto, abriu-a e... congelou.

A luz enfeitiçada pulsava em sua mão, lançando feixes brilhantes através do cômodo. Havia uma pessoa sentada na cama. Uma pessoa alta, com cabelo louro esbranquiçado, uma espada no colo e uma pulseira prateada que faiscava como fogo sob a luz enfeitiçada.

Se não puder dobrar os céus, moverei o inferno.

— Olá, minha irmã — disse Sebastian.

Parte Dois Para cada vida *Nada é gratuito. Tudo precisa ser pago.*

Para cada lucro em uma coisa, pagamento em outra. Para cada vida, uma morte. Mesmo a sua música, da qual ouvimos tanto, teve que ser paga. Sua mulher foi o pagamento por sua música. O Inferno agora está satisfeito.

— TED HUGHES, *"The Tiger's Bones"*

10

Riverside Drive, nº 232

Simon estava sentado na poltrona da sala de Kyle, olhando fixamente para a imagem congelada na tela da TV que ficava no canto do recinto. Tinha sido pausada no jogo que Kyle estava jogando com Jace, e a imagem era de um túnel submerso de aparência fria e úmida com uma pilha de corpos no chão e algumas piscinas de sangue muito realistas. Era perturbador, mas Simon não tinha nem a energia nem a inclinação a se incomodar em desligar. As imagens que vinham passando por sua mente a noite inteira eram bem piores.

A luz que invadia a sala pelas janelas passara de uma luminosidade aquosa do alvorecer a uma iluminação pálida de início da manhã, mas Simon mal reparara. Só via o corpo de Maureen largado no chão, com os cabelos louros manchados de sangue. O próprio progresso cambaleante pela noite, com o sangue da menina zumbindo por suas veias. E em seguida Maia atacando Kyle, perfurando-o com as garras. Kyle tinha ficado lá, sem levantar uma mão para se defender. Provavelmente teria permitido que o matasse se Isabelle não tivesse interferido, arrancando Maia de cima dele e jogando-a pelo asfalto, contendo-a ali até que a raiva se transformasse em lágrimas. Simon havia tentado se aproximar, mas Isabelle o afastara com um olhar furioso, o braço envolvendo Maia e a mão levantada para alertá-lo.

— *Saia* daqui — ordenara. — E leve-o com você. Não sei o que ele fez, mas deve ter sido muito sério.

E foi. Simon conhecia aquele nome, Jordan. Já tinha sido mencionado quando ele perguntou a Maia como havia se transformado em licantrope. Obra do ex-namorado, revelara. Ele a atacara de uma maneira selvagem, cruel, e depois fugira, abandonando-a para lidar com o problema sozinha.

O nome dele era Jordan.

Por isso Kyle só tinha um nome perto da campainha. Porque era o seu *sobrenome*. O nome completo devia ser Jordan Kyle, concluiu Simon. Tinha sido burro, incrivelmente burro por não

perceber antes. Não que precisasse de mais um motivo para se odiar agora.

Kyle — ou melhor, Jordan — era um lobisomem; curava-se rapidamente. Quando Simon o levantou, sem qualquer gentileza, e o levou de volta ao carro, os cortes profundos na garganta e embaixo dos rasgos na camisa já tinham melhorado e formado casquinhas. Simon tirou as chaves dele e o levou de volta para Manhattan praticamente em silêncio, Jordan praticamente imóvel no banco do passageiro, encarando as próprias mãos sangrentas.

— Maureen está bem — revelou afinal, enquanto passavam pela Williamsburg Bridge. — Pareceu pior do que foi. Você ainda não é muito bom em se alimentar de humanos, então ela não tinha perdido tanto sangue. Eu a coloquei em um táxi. Não se lembra de nada. Acha que desmaiou na sua frente, e está morrendo de vergonha.

Simon sabia que deveria agradecer, mas não conseguia.

— Você é o Jordan — disse. — O antigo namorado de Maia. Que a transformou em licantrope.

Estavam em Kenmare agora; Simon foi na direção norte, passando por Bowery com seus prédios de viciados e lojas de iluminação.

— É — confirmou Jordan afinal. — Kyle é meu sobrenome. Comecei a atender por ele quando me juntei ao Pretor.

— Ela ia te matar se Isabelle tivesse deixado.

— Tem todo direito de me matar se quiser — afirmou Jordan, e se calou. Não falou mais nada enquanto Simon encontrava uma vaga e depois enquanto subiam as escadas para o apartamento. Foi para o quarto sem sequer tirar a jaqueta ensanguentada, e fechou a porta.

Simon já tinha arrumado a mochila e estava prestes a sair quando hesitou. Até agora não sabia ao certo por quê, mas em vez de sair largou a mochila perto da porta e sentou na cadeira, onde passou toda a noite.

Queria poder ligar para Clary, mas ainda era muito cedo, e, além disso, Isabelle tinha dito que ela tinha saído com Jace, e a ideia de interromper algum momento especial entre os dois não era muito convidativa. Pensou em como estaria a mãe. Se tivesse visto o filho ontem, com Maureen, teria achado mesmo que era o monstro que ela o acusara de ser.

Talvez fosse.

Levantou a cabeça quando a porta de Jordan se abriu e ele apareceu. Estava descalço, com a mesma calça jeans e a camisa do dia anterior. As cicatrizes na garganta haviam desbotado, tornando-se linhas vermelhas. Olhou para Simon. Os olhos âmbar, normalmente tão brilhantes e alegres, estavam sombriamente encobertos.

— Achei que você ia embora — disse.

— Eu ia — confessou Simon. — Mas depois concluí que deveria te dar uma chance de explicar.

— Não há nada para explicar. — Jordan vasculhou a cozinha e uma gaveta até encontrar um filtro de café. — O que quer que Maia tenha contado a meu respeito, tenho certeza de que é verdade.

— Ela disse que você bateu nela — falou.

Jordan, na cozinha, ficou completamente parado. Olhou para o filtro como se não tivesse mais certeza de sua utilidade.

— Disse que ficaram juntos durante meses, e que estava tudo ótimo — prosseguiu Simon. — Então você virou violento e ciumento. E que quando ela reclamou, bateu nela. Ela terminou com você, e quando estava voltando para casa em uma determinada noite, alguma coisa a atacou, e quase a matou. E você... você saiu da cidade. Sem pedir desculpas, sem se explicar.

Jordan repousou o filtro na bancada.

— Como ela chegou aqui? Como encontrou o bando de Luke Garroway?

Simon balançou a cabeça.

— Entrou em um trem para Nova York e os encontrou. Maia é uma sobrevivente. Não permitiu que o que fez com ela a destruísse. Muitas pessoas permitiriam.

— Foi pra isso que ficou? — perguntou Jordan. — Para dizer que sou um canalha? Porque isso eu já sei.

— Fiquei — respondeu Simon — por causa do que fiz ontem à noite. Se tivesse descoberto um dia antes, teria ido. Mas depois do que fiz com Maureen... — Mordeu o lábio. — Pensei que tinha controle sobre minhas ações, mas não tenho, e machuquei alguém que não merecia. Por isso fiquei.

— Porque se eu não for um monstro, você também não é.

— Porque quero saber como seguir em frente, e talvez você possa me dizer. — Simon se inclinou. — Porque tem sido legal comigo desde que o conheci. Nunca o vi sendo mau, ou se irritando. Depois pensei nos Lobos Guardiões, e no que disse sobre ter se filiado porque tinha feito coisas ruins. E achei que Maia fosse essa coisa ruim pela qual você está buscando compensação.

— Estou — disse Jordan. — É ela.

Clary sentou-se à escrivaninha do pequeno quarto de hóspedes da casa de Luke, com o pedaço de tecido recolhido no Beth Israel esticado à sua frente. Colocara dois lápis de cada lado para fazer peso e estava olhando, com a estela na mão, tentando se lembrar do símbolo que lhe viera no hospital.

Estava difícil se concentrar. Não parava de pensar em Jace, na noite passada. Para onde teria ido. Por que estava tão infeliz. Até vê-lo não tinha percebido que ele estava tão triste quanto ela, e isso lhe partiu o coração. Queria ligar para ele, mas precisou se conter diversas vezes desde que

chegara em casa. Se ele fosse contar qual era o problema, teria que fazê-lo sem que ela perguntasse. Ela o conhecia o suficiente para saber disso.

Fechou os olhos, tentando se forçar a enxergar o símbolo. Não era algum que tivesse inventado, tinha certeza. Ele existia de fato, mas Clary não tinha certeza quanto a ter visto no Livro Gray. A forma lhe falava menos em tradução do que em revelação, em mostrar a forma de alguma coisa escondida debaixo da terra, em soprar poeira lentamente para ler a inscrição abaixo...

A estela tremeu em seus dedos, e Clary abriu os olhos para descobrir, surpresa, que tinha conseguido traçar um pequeno desenho na beira do tecido. Parecia quase uma mancha, com pedaços estranhos em cada direção, e ela franziu o cenho, imaginando se estaria perdendo a habilidade. Mas o tecido começou a cintilar, como calor exalando de um teto preto quente. Observou enquanto palavras começaram a surgir no tecido como se uma mão invisível estivesse escrevendo:

Propriedade da Igreja de Talto. Riverside Drive nº 232.

Um murmúrio de entusiasmo a percorreu. Uma pista, uma pista de verdade. E a descobrira sozinha, sem ajuda de ninguém.

Riverside Drive nº 232. Ficava no Upper West Side, pensou, perto do Riverside Park, do outro lado do rio de Nova Jersey. Uma viagem nada longa. A Igreja de Talto. Clary repousou a estela com uma cara preocupada. O que quer que fosse, parecia ruim. Arrastou a cadeira até o velho computador de Luke e acessou a internet. Não podia dizer que se surpreendeu quando descobriu que digitar "Igreja de Talto" não produzia resultados compreensíveis. O que fora escrito no canto do tecido estava em Purgático, ou Ctônio, ou alguma outra língua demoníaca.

De uma coisa tinha certeza: o que quer que fosse a Igreja de Talto, era segredo, e provavelmente ruim. Se tinha qualquer relação com transformar bebês em *coisas* com garras em vez de mãos, não era nada parecido com alguma religião de verdade. Clary ficou imaginando se a mãe que abandonou a criança perto do hospital fazia parte da igreja, se sabia no que tinha se metido antes de o neném nascer.

Sentiu calafrios por todo o corpo enquanto esticava a mão para o telefone — e congelou quando o segurou. Estava a ponto de ligar para a mãe, mas não podia falar com Jocelyn sobre isso. Ela tinha acabado de parar de chorar, finalmente concordado em sair com Luke para ver alianças. E por mais que acreditasse que a mãe era forte o suficiente para lidar com qualquer que fosse a verdade, certamente se encrencaria muito com a Clave por ter conduzido sua investigação até ali sem informá-los.

Luke. Mas Luke estava com a mãe. Não podia ligar para ele.

Maryse, talvez. A simples ideia de telefonar para ela parecia estranha e intimidante. Além disso, Clary sabia — sem querer admitir para si mesma que era um diferencial — que se deixasse

a Clave assumir, iria para o banco de reservas. Ficaria de fora de um mistério que julgava intensamente pessoal. Sem falar que seria como trair a própria mãe para a Clave.

Mas sair sozinha, sem saber o que encontraria... Bem, tinha treinamento, mas não *tanto* assim. E sabia que tendia a agir antes e pensar depois. Relutante, puxou o telefone para perto, hesitou por um instante — e mandou uma mensagem: riverside drive, nº 232. precisa me encontrar lá agora. é importante. Apertou a tecla de envio e esperou um pouco até a tela acender com um barulho de resposta: OK.

Com um suspiro, Clary repousou o telefone e foi buscar as armas.

— Eu amava Maia — disse Jordan. Estava sentado no futon agora após ter finalmente conseguido fazer café, apesar de não ter bebido nada. Só estava segurando a caneca nas mãos, girando-a enquanto falava. — Precisa saber disso antes que eu conte qualquer outra coisa. Nós dois viemos de uma cidadezinha abominável no fim de mundo de Nova Jersey, e ela aturava muita palhaçada porque o pai era negro e a mãe, branca. E também tinha um irmão, que era completamente psicótico. Não sei se ela falou sobre ele. Daniel.

— Não muito — respondeu Simon.

— Com tudo isso, a vida dela era um verdadeiro inferno, mas nunca se deixou abalar. Eu a conheci em uma loja de música, comprando discos antigos. Isso, vinil. Começamos a conversar, e percebi que era a menina mais legal de lá. E linda, também. E doce. — Os olhos de Jordan estavam distantes. — Começamos a sair juntos, e era fantástico. Estávamos completamente apaixonados. Do jeito que acontece quando se tem 16 anos. Aí fui mordido. Me envolvi em uma briga numa noite, em uma boate. Entrava em muitas brigas. Estava acostumado a socos e chutes, mas mordidas? Achei que o sujeito que me mordeu fosse louco, mas não liguei. Fui ao hospital, levei pontos, esqueci o assunto.

"Cerca de três semanas depois comecei a sentir ondas de fúria incontrolável. Minha visão apagava e eu não sabia o que estava acontecendo. Soquei a janela da cozinha porque uma gaveta não queria abrir. Comecei a sentir um ciúme louco de Maia, convencido de que ela estava atrás de outros caras, convencido de que... Nem sei o que estava pensando. Só sei que me descontrolei. Bati nela. Queria dizer que não me lembro de ter feito isso, mas lembro. E aí ela terminou comigo... — A voz se interrompeu. Jordan tomou um gole de café; parecia nauseado, pensou Simon. Não devia ter contado essa história muitas vezes, se é que já contara alguma. — Algumas noites depois, fui a uma festa, e ela estava lá. Dançando com outro cara. Beijando como se quisesse me provar que tinha acabado mesmo. Maia escolheu uma péssima noite, não que ela tivesse como saber. A primeira lua cheia desde a mordida. — As juntas dos dedos estavam brancas onde agarrava a caneca. — A primeira vez em que me Transformei. A transformação rasgou meu corpo e dilacerou meus ossos e minha pele. Estava agonizante, e não apenas por

causa daquilo. Queria a Maia, queria que voltasse, queria explicar, mas só conseguia uivar. Saí correndo pelas ruas, e foi então que a vi, atravessando o parque perto da casa onde morava. Estava indo para casa..."

— E então a atacou — completou Simon. — Mordeu Maia.

— Foi. — Jordan parecia cego ao rever o passado. — Quando acordei na manhã seguinte, sabia o que tinha feito. Tentei ir até a casa dela, para explicar. Estava no meio do caminho quando um sujeito grandalhão parou na minha frente e me encarou. Sabia quem eu era, sabia tudo a meu respeito. Explicou que era membro do Praetor Lupus, e que tinha sido enviado atrás de mim. Não gostou de ter chegado atrasado, de saber que já tinha mordido alguém. Não me deixou chegar perto dela. Disse que só pioraria as coisas. Prometeu que os Lobos Guardiões cuidariam dela. Falou que como eu já tinha mordido uma humana, o que era terminantemente proibido, a única maneira de escapar do castigo seria me juntando a eles e treinando para me controlar.

"Não teria aceitado. Teria cuspido nele e aceitado qualquer que fosse o castigo que quisessem aplicar. Me detestava a esse ponto. Mas quando me explicou que eu poderia ajudar a outros como eu, talvez impedir que o que ocorrera com Maia acontecesse novamente, foi como uma luz no fim do túnel. Talvez uma chance de consertar meu erro."

— Certo — disse Simon lentamente. — Mas não é uma coincidência um pouco estranha que tenha sido enviado a mim? O cara que estava namorando a menina que você mordeu e transformou em licantrope?

— Coincidência nenhuma — garantiu Jordan. — Sua pasta foi uma das várias que recebi. Escolhi *porque* Maia era mencionada nas anotações. Uma loba e um vampiro namorando. Sabe, é grande coisa. Foi a primeira vez que percebi que ela tinha se tornado licantrope depois... depois do que fiz.

— Nunca pesquisou para descobrir? Parece um pouco...

— Tentei. O Praetor não deixou, mas fiz o que pude para descobrir o que tinha acontecido com ela. Soube que tinha fugido de casa, mas a vida lá era infernal, então isso não me disse nada. E não é como se existisse um registro nacional de licantropes onde pudesse procurá-la. Eu simplesmente... torci para que não tivesse se Transformado.

— Então quis o meu caso por causa de Maia?

Jordan enrubesceu.

— Pensei que talvez se te conhecesse, pudesse descobrir o que tinha acontecido com ela. Saber se estava bem.

— Por isso brigou comigo por enganá-la — disse Simon, lembrando-se. — Estava sendo protetor.

Jordan o encarou por cima da caneca.

— É, bem, foi uma atitude idiota.

— E foi você quem colocou o flyer do show da banda embaixo da porta, não foi? — Simon balançou a cabeça. — Então bagunçar minha vida amorosa fazia parte do trabalho ou foi apenas um toque pessoal extra?

— Fiz com que ela sofresse — observou ele. — Não queria vê-la sofrendo por causa de outra pessoa.

— E não pensou que se ela aparecesse no show tentaria arrancar a sua cara? Se não tivesse se atrasado, talvez o atacasse no palco. Teria sido um extra bem empolgante para a plateia.

— Não sabia — relatou Jordan. — Não sabia que me odiava tanto assim. Quero dizer, eu não odeio o sujeito que me Transformou; entendo um pouco que possa ter perdido o controle.

— É — disse Simon —, mas você nunca *amou* o cara. Não teve um relacionamento com ele. Maia te amava. Ela acha que você a mordeu, depois a abandonou e nunca mais pensou nela. Vai odiá-lo tanto quanto um dia amou.

Antes que Jordan pudesse responder, a campainha tocou — não o chiado como se houvesse alguém lá embaixo, interfonando para cima, mas o que soaria se o visitante estivesse no corredor, do lado de fora da porta. Os meninos trocaram olhares espantados.

— Está esperando alguém? — indagou Simon.

Jordan balançou a cabeça e repousou a caneca de café. Juntos, foram até a pequena entrada. Jordan gesticulou para Simon ficar atrás dele antes de abrir a porta.

Não havia ninguém. Em vez de uma pessoa, jazia um pedaço de papel dobrado no tapete de entrada, com uma pedra por cima, prendendo-o. Jordan abaixou para pegar o papel e se ajeitou, franzindo o cenho.

— É para você — disse, entregando a Simon.

Confuso, Simon desdobrou o papel. No centro, com uma fonte infantil, havia a mensagem:

> SIMON LEWIS. ESTAMOS COM A SUA NAMORADA. PRECISA VIR A RIVERSIDE DRIVE Nº 232 HOJE. ESTEJA LÁ ANTES QUE ESCUREÇA OU CORTAREMOS A GARGANTA DELA.

— É uma piada — disse Simon, encarando o papel, entorpecido. — Tem que ser.

Sem uma palavra, Jordan pegou o braço de Simon e o puxou para a sala. Soltando-o, procurou o telefone sem fio até encontrar.

— Ligue para ela — disse, colocando o aparelho no peito de Simon. — Ligue para Maia e certifique-se de que ela está bem.

— Mas pode não ser ela. — Simon encarou o telefone enquanto o horror da situação zumbia em seu cérebro como espíritos chiando do lado de fora de uma casa, implorando para entrar.

Concentre-se, disse para si mesmo. *Não entre em pânico*. — Pode ser Isabelle.

— Ai, meu Deus. — Jordan fitou-o com um ar zangado. — Você tem mais alguma namorada? Temos que fazer uma lista de nomes para ligar?

Simon arrancou o telefone dele e se virou, digitando o número.

Maia atendeu no segundo toque.

— Alô?

— Maia... É o Simon.

A delicadeza sumiu da voz.

— Ah. O que você quer?

— Só queria ter certeza de que está bem — disse.

— Estou — respondeu secamente. — Não é como se o que estava acontecendo entre a gente fosse tão sério. Não estou feliz, mas vou sobreviver. Ainda assim, você continua sendo um idiota.

— Não — disse Simon. — Quis dizer que queria verificar se você estava *bem*.

— Está falando do Jordan? — Deu para ouvir a ira tensa quando pronunciou o nome dele. — Certo. Vocês foram embora juntos, não foram? São amigos ou coisa do tipo, não? Bem, pode dizer para ele ficar longe de mim. Aliás, isso vale para os dois.

E desligou. O tom de discagem chiou pelo telefone como uma abelha irritada.

Simon olhou para Jordan.

— Ela está bem. Detesta a nós dois, mas não me pareceu que alguma coisa estivesse errada.

— Tudo bem — disse Jordan automaticamente. — Ligue para Isabelle.

Foram necessárias duas tentativas antes de Izzy atender; Simon estava quase em pânico quando a voz da Caçadora de Sombras veio do outro lado da linha, soando distraída e irritada.

— Quem quer que seja, espero que seja sério.

Ele sentiu alívio jorrando pelas veias.

— Isabelle. É o Simon.

— Ah, pelo amor de Deus. O que *você* quer?

— Só queria ter certeza de que estava bem...

— Ah, o quê, eu deveria estar arrasada porque você é um infiel, mentiroso, traidor filho da...

— Não. — Isto estava realmente começando a irritar Simon. — Quero dizer, você está bem? Não foi sequestrada nem nada?

Seguiu-se um longo silêncio.

— Simon — disse Isabelle afinal. — Esta é realmente, de verdade, a desculpa mais idiota para uma ligação choramingada de pazes que já ouvi em toda a minha vida. Qual é o seu *problema*?

— Não tenho certeza — respondeu Simon, e desligou antes que ela pudesse fazer o mesmo. Entregou o telefone a Jordan. — Ela também está bem.

— Não entendo. — Jordan parecia aturdido. — Quem faz uma ameaça dessas se não houver

fundamento? Digo, é muito fácil descobrir se é mentira.

— Devem achar que sou burro — começou Simon, em seguida parou, um pensamento horrível lhe ocorrendo. Arrancou o telefone de Jordan outra vez e começou a discar com dedos entorpecidos.

— O que foi? — indagou Jordan. — Para quem está ligando?

O telefone de Clary tocou exatamente quando ela virou a esquina da 96th Street para a Riverside Drive. A chuva parecia ter lavado a sujeira habitual da cidade; o sol reluzia em um céu brilhante sobre a tira verde de parque que corria ao longo do rio, cuja água parecia quase azul hoje.

Catou o telefone na bolsa, o encontrou e atendeu.

— Alô?

A voz de Simon veio do outro lado da linha.

— Ah, graças a... — interrompeu-se. — Está tudo bem? Não foi sequestrada nem nada?

— *Sequestrada*? — Clary olhou para os números dos prédios enquanto subia a rua; 220, 224. Não sabia exatamente o que estava procurando. Será que *pareceria* com uma igreja? Ou seria outra coisa, enfeitiçada para parecer um lote abandonado? — Está bêbado ou coisa do tipo?

— É um pouco cedo para isso. — O alívio na voz era claro. — Não, é que... recebi um bilhete estranho. Alguém ameaçando acabar com a minha namorada.

— Qual delas?

— Ha-ha. — Simon não soava entretido. — Já liguei para Maia e Isabelle, e as duas estão bem. Depois pensei em você... quero dizer, passamos muito tempo juntos. Alguém poderia ter uma impressão errada. Mas agora não sei o que pensar.

— Não sei. — O número 232 da Riverside Drive surgiu repentinamente na frente de Clary, um prédio grande e quadrado de pedra com um telhado pontudo. *Poderia* ter sido uma igreja em algum momento, pensou, apesar de não se parecer muito com uma agora.

— Maia e Isabelle descobriram tudo ontem à noite, a propósito. Não foi bonito — acrescentou Simon. — Você tinha razão quanto a brincar com fogo.

Clary examinou a fachada do número 232. A maioria dos edifícios na rua eram de apartamentos caros, com porteiros uniformizados. Este aqui, no entanto, tinha apenas portas altas de madeira com topos arredondados e alças metálicas antigas no lugar de maçanetas.

— Iiih, ai. Sinto muito, Simon. Alguma das duas está falando com você?

— Não exatamente.

Ela segurou uma das maçanetas e empurrou. A porta se abriu com um chiado suave. Clary diminuiu o tom de voz.

— Talvez uma delas tenha deixado o bilhete?

— Não faz o gênero de nenhuma das duas — afirmou, parecendo verdadeiramente confuso. — Acha que Jace teria feito isso?

O som do nome dele era como um soco no estômago. Clary perdeu o fôlego e disse:

— Não acredito mesmo que ele pudesse fazer isso, mesmo que estivesse irritado. — Afastou o telefone do ouvido. Espiando pela porta entreaberta, viu o que parecia o interior de uma igreja normal: uma nave longa e luzes tremeluzindo como velas. Certamente não faria mal dar uma olhadinha do lado de dentro. — Tenho que ir, Simon — despediu-se. — Ligo mais tarde.

Então fechou o telefone e entrou.

— Acha mesmo que era brincadeira? — Jordan estava andando de um lado para o outro como um tigre em uma jaula. — Não sei. Parece um tipo de piada doentio demais para mim.

— Nunca disse que não era doentia. — Simon olhou para o bilhete; estava sobre a mesa de centro, as letras grossas impressas bem visíveis, mesmo de longe. Só de olhar sentia um sobressalto no estômago, apesar de saber que não significava nada. — Só estou tentando pensar quem pode ter mandado. E por quê.

— Talvez eu devesse tirar o dia de folga de você e ficar de olho nela — declarou Jordan. — Sabe, por via das dúvidas.

— Presumo que esteja falando sobre Maia — respondeu Simon. — Sei que tem boas intenções, mas não acho que ela o queira por perto. De nenhuma maneira.

A mandíbula de Jordan enrijeceu.

— Ficaria fora do caminho, para que não me visse.

— Uau. Você ainda gosta muito dela, não gosta?

— Tenho uma responsabilidade pessoal. — Jordan soava sério. — O que eu sinto além disso não tem importância.

— Pode fazer o que quiser — disse Simon. — Mas acho...

A campainha tocou outra vez. Os dois trocaram um único olhar antes de correrem para a entrada estreita que dava na porta. Jordan chegou primeiro. Pegou o cabideiro perto da porta, arrancou os casacos e escancarou a porta, segurando o objeto acima da cabeça como uma lança.

Do outro lado da porta estava Jace. Ele piscou.

— Isso é um cabideiro?

Jordan devolveu o objeto ao chão e suspirou.

— Se você fosse um vampiro, teria sido muito mais útil.

— Sim — disse Jace. — Ou alguém com muitos casacos.

Simon esticou a cabeça por trás de Jordan e falou:

— Desculpe. Tivemos uma manhã estressante.

— É, bem — respondeu. — Está prestes a piorar muito. Vim para levá-lo ao Instituto, Simon.

O Conclave quer vê-lo, e não gostam de esperar.

No instante em que a porta da Igreja de Talto se fechou atrás de Clary, ela sentiu que estava em outro mundo, o barulho e o agito de Nova York inteiramente bloqueados. O espaço no interior do prédio era grande e amplo, com teto alto. Havia uma nave ladeada por fileiras de bancos, e velas marrons e grossas queimando em arandelas nas paredes. O interior parecia mal-iluminado aos olhos de Clary, mas talvez fosse por estar habituada à claridade da luz enfeitiçada.

Caminhou pelo ambiente, sentindo os tênis suaves contra a pedra empoeirada. Era esquisito, pensou, uma igreja sem janelas. Ao fim da nave chegou à abside, onde alguns degraus de pedra conduziam a um pódio no qual se encontrava o altar. Clary piscou, percebendo o que mais havia de estranho: não havia cruzes nesta igreja. Em vez disso, uma placa vertical de pedra pendia no altar, coroada com a figura esculpida de uma coruja. As palavras na placa diziam:

POIS SUA CASA SE INCLINA PARA A MORTE
E SUAS VEREDAS PARA AS SOMBRAS.
NENHUM DOS QUE SE DIRIGEM A ELA TORNARÁ A SAIR,
NEM RETORNARÁ ÀS VEREDAS DA VIDA.

Clary piscou. Não tinha tanta familiaridade com a Bíblia — certamente não dispunha da capacidade de Jace de se lembrar quase com perfeição de longas passagens das Sagradas Escrituras — mas ao passo que soava religioso, era também um trecho estranho para se exibir em uma igreja. Estremeceu e se aproximou do altar, onde um grande livro fechado fora deixado. Uma das páginas parecia marcada; quando Clary esticou o braço para abrir, percebeu que o que achou que fosse um marcador tratava-se na verdade de uma adaga de cabo negro com símbolos ocultos esculpidos. Já tinha visto fotos nos livros de estudo. Era um *athame*, frequentemente utilizado em rituais de invocação de demônios.

Seu estômago gelou, mas ainda assim ela se abaixou para examinar a página marcada, determinada a descobrir alguma coisa — mas apenas pôde constatar que estava escrito numa uma letra garranchada e estilizada que teria sido difícil de decifrar ainda que o livro fosse em inglês. Não era; tratava-se de um alfabeto anguloso e pontudo que Clary tinha certeza de jamais ter visto antes. As palavras situavam-se abaixo de uma ilustração que reconheceu como um círculo de invocação — o tipo de desenho que feiticeiros traçavam no chão antes de executar feitiços. Os círculos eram feitos para atrair e concentrar poder mágico. Estes, espalhados na página em tinta verde, pareciam dois círculos concêntricos, com um quadrado no meio. No espaço entre eles, havia símbolos espalhados. Clary não os reconheceu, mas podia sentir a linguagem dos símbolos nos ossos, e estremeceu. Morte e sangue.

Virou a página apressadamente e encontrou um conjunto de ilustrações que fez com que respirasse fundo.

Tratava-se de uma progressão de figuras que começavam com a imagem de uma mulher com um pássaro empoleirado no ombro esquerdo. A ave, possivelmente um corvo, parecia sinistra e ardilosa. No segundo desenho o pássaro havia desaparecido, e a mulher estava visivelmente grávida. Na terceira ilustração ela estava deitada em um altar não muito diferente do que se encontrava diante de Clary no momento. Uma figura de túnica se colocava na frente da mulher, com uma seringa espantosamente moderna na mão. A seringa estava cheia de um líquido vermelho-escuro. A mulher claramente sabia que estavam prestes a injetar o conteúdo da seringa, pois a boca estava aberta.

No último desenho a mulher estava sentada com um bebê no colo. A criança parecia quase normal, exceto pelo fato de que os olhos eram inteiramente negros, sem nenhuma parte branca. A mulher olhava para o filho com uma expressão de terror.

Clary sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem. A mãe tinha razão. Alguém estava tentando fazer bebês como Jonathan. Aliás, já tinha feito.

Ela se afastou do altar. Cada nervo no corpo gritava que havia algo errado naquele lugar. Não se julgava capaz de passar mais um segundo ali; era melhor sair e aguardar a cavalaria. Podia ter descoberto a pista sozinha, mas o resultado era muito mais do que podia encarar por conta própria.

Foi quando ouviu o som.

Era um sussurro, como uma corrente lenta retrocedendo, que parecia vir de cima dela. Olhou para o alto, segurando o *athame* com firmeza na mão. E ficou com o olhar vidrado. Ao redor das galerias superiores havia filas de figuras silenciosas. Trajavam o que pareciam roupas de esporte cinzentas — tênis, moletons e casacos de zíper com capuzes puxados sobre os rostos. Estavam completamente imóveis, as mãos nas grades da galeria, encarando-a. Pelo menos presumiu que estivessem encarando. Os rostos escondiam-se nas sombras; sequer conseguia saber se eram homens ou mulheres.

— Eu... sinto muito — disse ela. Sua voz ecoou, alta, pela sala de pedra. — Não tive a intenção de atrapalhar ou...

Não houve qualquer resposta além do silêncio. Um silêncio pesado. O coração de Clary começou a bater com força

— Vou embora, então — pronunciou-se, engolindo em seco.

Deu um passo para a frente, repousou o *athame* no altar e virou para se retirar. Então, uma fração de segundo antes de se virar, sentiu o cheiro no ar, o fedor familiar de lixo apodrecendo. Entre ela e a porta, erguendo-se como uma parede, erguia-se uma miscelânea de pele com escamas, dentes como lâminas e garras compridas se esticando.

Há sete semanas Clary vinha treinando para encarar uma batalha demoníaca, ainda que fosse gigantesca. Mas agora que estava acontecendo de fato, tudo que conseguiu fazer foi gritar.

11

O Melhor Está Perdido

— Clary. Jace. Acordem.

Clary levantou a cabeça e quase gritou enquanto a dor disparava em seu pescoço enrijecido. Ela havia adormecido aninhada no ombro de Jace; ele também estava dormindo, encostado no canto do sofá com a jaqueta embolada debaixo da cabeça, como se fosse um travesseiro. O cabo da espada do rapaz estava enterrado desconfortavelmente no quadril de Clary quando ele resmungou e se esticou.

A Consulesa estava parada, diante deles, vestida com a túnica do Conselho, muito séria. Jace fez um esforço para se levantar.

— Consulesa — disse ele, com um tom de voz tão formal quanto possível enquanto recolhia as roupas emboladas e ajeitava o cabelo claro que se arrepiava em todas as direções possíveis.

— Nós quase nos esquecemos de que vocês dois estavam aqui — afirmou Jia. — A reunião do Conselho já começou.

Clary ficou de pé mais lentamente, estalando as costas e o pescoço. A boca estava seca feito giz, e o corpo doía por causa da tensão e do cansaço.

— Onde está minha mãe? — perguntou ela. — Onde está Luke?

— Vou esperar vocês no corredor — disse Jia, mas não se mexeu.

Jace enfiava os braços na jaqueta.

— Iremos imediatamente, Consulesa.

Havia algo na voz da Consulesa que fez Clary olhar de novo para ela. Jia era bonita, como a filha dela, Aline, mas no momento tinha rugas de tensão nos cantos da boca e dos olhos. Clary já vira aquela expressão.

— O que está acontecendo? Tem alguma coisa errada, não tem? Onde está minha mãe? Onde está Luke?

— Não temos certeza — disse Jia baixinho. — Eles não responderam à mensagem que enviamos ontem à noite.

Muitas ondas de choque, enviadas rapidamente, deixaram Clary entorpecida. Ela não conseguia arfar nem exclamar, somente sentir o frio espalhando-se pelas veias. Pegou Heosphoros da mesa onde a havia deixado e a enfiou no cinturão. Sem dizer uma palavra, passou pela Consulesa e seguiu para o corredor em frente ao quarto.

Simon estava esperando ali. Parecia amarrotado e exausto, pálido até mesmo para um vampiro. Ela esticou a mão para cumprimentá-lo, e os dedos roçaram o anel dourado de folha no

dedo dele.

— Simon vai para a reunião do Conselho — disse Clary, e sua expressão desafiava a Consulesa a retrucar.

Jia simplesmente assentiu. Ela parecia cansada demais para argumentar.

— Ele pode ser o representante das Crianças da Noite.

— Mas Raphael ia se apresentar como representante — protestou Simon, alarmado. — Não estou preparado.

— Não conseguimos entrar em contato com nenhum representante do Submundo, incluindo Raphael. — Jia começou a caminhar pelo corredor.

As paredes eram de madeira, com a cor clara e o cheiro forte de ripas recém-cortadas. Provavelmente era parte do Gard reconstruída depois da Guerra Mortal. Clary estivera cansada demais na noite anterior para perceber. Havia símbolos de poder angélico entalhados em intervalos ali. Cada um deles brilhava com uma luz intensa, iluminando o corredor desprovido de janelas.

— O que você quer dizer com "não conseguimos entrar em contato"? — exigiu saber Clary, apressando-se atrás de Jia. Simon e Jace acompanhavam. O corredor tinha uma curva, conduzindo mais para o centro do Gard. Clary ouvia um rugido abafado como o som do oceano, pouco à frente deles.

— Nem Luke nem sua mãe voltaram do compromisso na casa do Povo das Fadas. — A Consulesa parou em uma enorme antecâmara. Havia grande quantidade de luz natural ali, atravessando as janelas feitas de quadrados alternados de vidro simples e colorido. Portas duplas erguiam-se diante deles, adornadas com o tríptico do Anjo e dos Instrumentos Mortais.

— Não entendo — disse Clary, e sua voz se elevou. — Então eles ainda estão lá? Na casa de Meliorn?

Jia balançou a cabeça.

— A casa está vazia.

— Mas... e quanto a Meliorn, e quanto a *Magnus*?

— Não temos certeza ainda — respondeu Jia. — Não há ninguém na casa, e nenhum dos representantes responde às mensagens. Patrick saiu e está revistando a cidade agora com uma equipe de guardiões.

— Havia sangue na casa? — perguntou Jace. — Sinais de luta, alguma coisa?

Jia balançou a cabeça.

— Não. A comida ainda estava na mesa. Era como se eles simplesmente tivessem... evaporado.

— Tem mais coisa, não tem? — questionou Clary. — Pela sua expressão, dá para ver que tem mais.

Jia não respondeu, simplesmente empurrou a porta da sala do Conselho. O barulho tomou conta da antecâmara. Aquele era o som que Clary estava ouvindo, como o quebrar do oceano. Ela correu e ultrapassou a Consulesa, então fez uma pausa na entrada, pairando, insegura.

A sala do Conselho, tão tranquila há apenas alguns dias, agora estava lotada de Caçadores de Sombras gritando. Todos estavam de pé, alguns em grupos e outros isolados. A maioria dos grupos discutia. Clary não conseguia distinguir as palavras, mas via gestos irritados. Os olhos examinaram a multidão buscando rostos familiares; nada de Luke nem de Jocelyn, mas lá estavam os Lightwood, Robert nos trajes de Inquisidor, ao lado de Maryse; lá estavam Aline e Helen, e o amontoado de crianças dos Blackthorn.

E lá, bem no centro do anfiteatro, estavam os quatro assentos de madeira entalhada dos integrantes do Submundo, organizadas em um semicírculo em volta dos púlpitos. Estavam vazios, e, diante deles, bem no meio do assoalho de madeira, havia uma única palavra, rabiscada numa grafia torta, no que parecia uma tinta dourada e grudenta:

Veni.

Jace passou por Clary e entrou na sala. Os ombros dele ficaram tensos quando viu o rabisco.

— Isto é icor — disse ele. — Sangue de anjo.

Em um lampejo, Clary viu a biblioteca do Instituto, o chão escorregadio com sangue e penas, os ossos ocos do anjo.

Erchomai.

Estou chegando.

E agora uma única palavra: *Veni*.

Cheguei.

Uma segunda mensagem. Ah, Sebastian andou ocupado. *Idiota*, pensou Clary, tão idiota da sua parte pensar que ele tinha vindo apenas por causa dela, que isso não era parte de algo maior, que ele não tinha querido mais, mais destruição, mais terror, mais insurgência. Ela pensou no risinho dele quando mencionara a batalha na Cidadela. Sem dúvida, tinha sido mais que um ataque; tinha sido uma distração. Voltar a atenção dos Nephilim para fora de Alicante, fazê-los rodar pelo mundo atrás dele e dos Crepusculares, e entrar em pânico por causa dos feridos e mortos. E, nesse meio-tempo, Sebastian fora até o coração do Gard e pintara o chão com sangue.

Próximo ao estrado havia um grupo de Irmãos do Silêncio em suas túnicas cor de osso, os rostos escondidos pelo capuz. Com a memória faiscando, Clary se virou para Jace.

— O Irmão Zachariah... Nunca tive a oportunidade de perguntar se você sabia se ele estava bem.

Jace fitava o que estava escrito no estrado, ostentando um olhar doentio.

— Eu o vi no Basilias. Ele está bem. Ele está... diferente.

— Diferente de um jeito bom?

— Diferente de um jeito humano — retrucou Jace, e antes que Clary pudesse perguntar o que isso significava, ela ouviu alguém chamar seu nome.

No centro da sala, Clary viu a mão se erguendo no meio da multidão, acenando freneticamente para ela. Isabelle. Ela estava em pé com Alec, a pouca distância dos pais. Clary ouviu Jia chamá-la, mas já estava acotovelando as pessoas, com Jace e Simon em seu encalço. Ela percebeu os olhares curiosos em sua direção. Todos sabiam quem ela era, afinal. Sabiam quem todos eles eram. A filha de Valentim, o filho adotivo de Valentim e o vampiro Diurno.

— Clary! — gritou Isabelle, quando Clary, Jace e Simon se livraram dos observadores que os fitavam e quase caíram sobre os irmãos Lightwood, os quais conseguiram liberar um espacinho para si no meio da multidão.

Isabelle deu uma olhadela irritada para Simon antes de se esticar para abraçar Jace e Clary. Assim que soltou Jace, Alec o puxou pela manga e o agarrou, os nós dos dedos ficando brancos ao redor do tecido. Jace pareceu surpreso, mas não disse nada.

— É verdade? — perguntou Isabelle para Clary. — Sebastian esteve na sua casa ontem à noite?

— Na casa de Amatis, sim... como você sabia? — perguntou Clary.

— Nosso pai é o Inquisidor; claro que sabemos — disse Alec. — Os rumores sobre Sebastian na cidade foram o assunto unânime antes de abrirem a sala do Conselho e a gente ver... isto.

— É verdade — acrescentou Simon. — A Consulesa perguntou sobre isso quando me acordou... como se eu soubesse de alguma coisa. Dormi o tempo todo — emendou, quando Isabelle lançou um olhar questionador para ele.

— A Consulesa contou alguma coisa a vocês sobre isto? — perguntou Alec, e fez um gesto com o braço para a cena sombria abaixo. — Sebastian contou?

— Não — disse Clary. — Sebastian não exatamente partilha de seus planos.

— Ele não devia conseguir se aproximar dos representantes do Submundo. Não apenas Alicante está guardada, como cada uma das casas seguras tem barreiras — emendou Alec. A pulsação latejava no pescoço feito um martelo; a mão, onde ela se apoiava na manga de Jace, tremia levemente. — Eles estavam no jantar. Deviam estar em segurança. — Ele soltou Jace e enfiou as mãos nos bolsos. — E Magnus... Magnus nem mesmo deveria estar lá. Era Catarina quem iria no lugar dele. — E olhou para Simon. — Eu te vi com ele na Praça do Anjo, na noite da batalha. Ele explicou por que estava em Alicante?

Simon balançou a cabeça.

— Ele simplesmente me mandou fazer silêncio. Estava curando Clary.

— Talvez tenha sido um blefe — disse Alec. — Talvez Sebastian esteja tentando nos fazer pensar que causou alguma coisa aos representantes do Submundo para nos jogar...

— Nós não *sabemos* se ele fez alguma coisa com eles. Mas... eles estão desaparecidos — falou

Jace em voz baixa, e Alec desviou o olhar, como se não conseguisse suportar a troca de olhares.

— *Veni* — murmurou Isabelle, olhando para o estrado. — Por que...?

— Ele está nos dizendo que tem poder — disse Clary. — Poder que nenhum de nós sequer começou a entender. — Ela pensou no modo como ele surgira no quarto e depois desaparecera. No modo como o chão se abrira sob os pés dele na Cidadela, como se a Terra o estivesse recebendo, escondendo-o da ameaça do mundo acima.

Um alerta breve soou pelo cômodo, o sino que chamava o Conselho à ordem. Jia estava no púlpito, com um guardião da Clave armado usando túnicas encapuzadas de cada lado dela.

— Caçadores de Sombras — disse, e a palavra ecoou tão claramente pelo salão quanto se ela tivesse usado um microfone. — Por favor, silêncio.

A sala foi ficando gradativamente silenciosa, embora, pelo olhar rebelde em alguns dos rostos, fosse um silêncio pouco cooperativo.

— Consulesa Penhallow! — gritou Kadir. — Que respostas a senhora tem para nós? Qual é o significado disto... deste sacrilégio?

— Não temos certeza — disse Jia. — Aconteceu à noite, entre os turnos dos guardiões.

— Isso é vingança — falou um Caçador de Sombras magro, de cabelos escuros, a quem Clary reconhecia como o líder do Instituto de Budapeste. Lazlo Balogh era o nome dele, supunha ela. — Vingança pelas nossas vitórias em Londres e na Cidadela.

— Nós não tivemos vitórias em Londres e na Cidadela, Lazlo — disse Jia. — O Instituto de Londres, no fim das contas, foi protegido por uma força da qual nem temos conhecimento, uma força que não podemos replicar. Os Caçadores de Sombras de lá foram avisados e retirados em segurança. Ainda assim, alguns foram feridos: nenhuma das forças de Sebastian foi ferida. Na melhor das hipóteses, poderia ser chamada de retirada bem-sucedida.

— Mas o ataque à Cidadela — protestou Lazlo. — Ele não entrou na Cidadela. Ele não chegou ao arsenal...

— Mas também não foi derrotado. Mandamos sessenta guerreiros, e ele matou trinta e feriu dez. Ele tinha quarenta guerreiros e perdeu, talvez, 15. Se não fosse pelo ocorrido quando ele feriu Jace Lightwood, os quarenta teriam exterminado nossos sessenta.

— Nós somos Caçadores de Sombras — disse Nasreen Choudhury. — Estamos acostumados a defender o que temos que defender com nosso último fôlego, nossas últimas gotas de sangue.

— Uma ideia nobre — disse Josiane Pontmercy, do Conclave de Marselha —, mas talvez não totalmente prática.

— Fomos extremamente conservadores em relação à quantidade que enviamos para enfrentá-los na Cidadela — disse Robert Lightwood, a voz ressoando através da sala. — Estimamos, desde os ataques, que Sebastian tivesse quatrocentos guerreiros Crepusculares ao seu lado. De acordo com os números, uma batalha corpo a corpo entre as forças dele e todos os Caçadores de

Sombras significaria a derrota dele.

— Então o que precisamos fazer é enfrentá-lo assim que for possível, antes que ele Transforme mais um Caçador de Sombras — emendou Diana Wrayburn.

— Você não pode enfrentar aquilo que não consegue encontrar — disse a Consulesa. — Nossas tentativas de rastreá-lo continuam infrutíferas. — Ela elevou a voz. — O melhor plano de Sebastian Morgenstern agora é nos atrair em pequenos números. Ele precisa que enviemos grupos de rastreadores para caçar demônios, ou para caçá-lo. Precisamos ficar juntos aqui, em Idris, onde ele não consegue nos enfrentar. Se nos separarmos, se deixarmos nossa casa, então nós perderemos.

— Ele vai esperar por nós lá fora — disse uma Caçadora de Sombras loura, do Conclave de Copenhague.

— Temos que acreditar que ele não tem paciência para isso — falou Jia. — Temos que presumir que ele atacará, e, quando fizer isso, nossos números superiores o derrotarão.

— Há mais do que paciência a ser considerada — ponderou Balogh. — Nós abandonamos nossos Institutos, viemos até aqui com a compreensão de que retornaríamos logo após uma reunião do Conselho com os representantes do Submundo. Sem a gente lá fora, quem vai protegê-lo? Temos um mandato, um *mandato* celestial, para proteger o mundo, reprimir os demônios. Não podemos fazer isso daqui de Idris.

— Todas as barreiras estão com força total — disse Robert. — A Ilha de Wrangel está funcionando em tempo extra. E dada nossa cooperação com os membros do Submundo, teremos que confiar neles para manter os Acordos. Isso era parte do que íamos discutir no Conselho hoje...

— Ora, boa sorte com isso — disse Josiane Pontmercy —, considerando que os representantes do Submundo estão desaparecidos.

Desaparecidos. A palavra caiu no silêncio como um seixo dentro da água, enviando ondas pelo cômodo. Clary sentiu Alec enrijecer por um instante ao lado dela. Não se permitira pensar naquilo, não se permitira acreditar que eles realmente poderiam estar desaparecidos. Era uma peça que Sebastian estava pregando neles, dizia para si. Uma peça cruel, mas nada mais.

— Não sabemos isso! — protestou Jia. — Os guardiões estão lá fora fazendo uma busca...

— Sebastian escreveu no chão diante dos assentos deles! — berrou um homem com um braço enfaixado. Era o líder do Instituto do Novo México e estivera na batalha da Cidadela. Clary supunha que o sobrenome dele fosse Rosales. — *Veni*. "Cheguei". Assim como ele nos enviou uma mensagem com a morte do anjo em Nova York, agora ele nos ataca no coração do Gard...

— Mas ele não nos atacou — interrompeu Diana. — Ele atacou os representantes do Submundo.

— Atacar nossos aliados é nos atacar — gritou Maryse. — Eles são membros do Conselho,

com todos os direitos de participantes que isso representa.

— Nem mesmo sabemos o que aconteceu a eles! — disse alguém, sem rodeios, na multidão. — Eles podem estar perfeitamente bem...

— Então *onde eles estão*? — gritou Alec, e até Jace pareceu assustado ao ouvi-lo elevar a voz. Alec franzia o cenho, os olhos azuis dilatados, e Clary subitamente recordou-se do garoto irritado que ela conhecera no Instituto havia muito tempo, ao que parecia. — Alguém tentou rastreá-los?

— Nós tentamos — retrucou Jia. — Não funcionou. — Nem todos eles podem ser rastreados. Você não pode rastrear um feiticeiro ou os mortos... — Jia parou de falar, arfando subitamente. Sem aviso, o guardião da Clave à esquerda viera por trás dela e a agarrara pela túnica. Um grito percorreu a assembleia quando ele a puxou e encostou a lâmina comprida de uma adaga prateada em seu pescoço.

— Nephilim! — rugiu o homem, e o capuz caiu, exibindo olhos inexpressivos e serpenteantes Marcas desconhecidas dos Crepusculares.

Um urro começou a se elevar da multidão, interrompido rapidamente quando o guardião pressionou a lâmina na garganta de Jia ainda mais. O sangue brilhou ao redor, visível mesmo ao longe.

— Nephilim! — rugiu o homem novamente. A mente de Clary lutava para localizá-lo; de alguma forma, ele parecia familiar. Era alto, cabelos castanhos, provavelmente tinha uns 40 anos. Os braços eram musculosos, as veias se destacavam feito réstias conforme ele se esforçava para manter Jia parada. — Fiquem onde estão! Não se aproximem ou a Consulesa morre!

Aline gritou. Helen a conteve, evitando nitidamente que ela corresse para a frente. Atrás das duas, as crianças Blackthorn se amontoavam em volta de Julian, que carregava o mais jovem dos irmãos; Drusilla havia encostado o rosto na lateral do corpo dele. Emma, cujo cabelo brilhava mesmo à distância, estava parada com a Cortana desembainhada, protegendo os outros.

— É Matthias Gonzales — disse Alec, com voz chocada. — Ele era o líder do Instituto de Buenos Aires...

— Silêncio! — rugiu o sujeito atrás de Jia, Matthias, e um silêncio desconfortável se instalou. A maioria dos Caçadores de Sombras estava parada, como Jace e Alec, com as mãos a meio caminho das armas. Isabelle estava agarrando o cabo do chicote. — Ouçam-me, Caçadores de Sombras! — gritou Matthias, os olhos ardendo com uma luz fanática. — Ouçam-me, pois sou um de vocês. Seguindo a regra da Clave de maneira cega, convencido de minha segurança no interior das barreiras de Idris, protegido pela luz do Anjo! Mas não há segurança aqui. — Ele virou o queixo para o lado e indicou os rabiscos no chão. — Ninguém está seguro, nem mesmo os mensageiros celestes. Esse é o alcance do poder do Cálice Infernal e de quem o porta.

Um murmúrio percorreu a multidão. Robert Lightwood avançou, o rosto ansioso ao olhar para Jia e a lâmina em sua garganta.

— O que ele quer? — questionou. — O filho de Valentim. O que ele quer de nós?

— Ah, ele quer muitas coisas — disse o Caçador de Sombras Crepuscular. — Mas, por enquanto, ele vai se contentar se receber de presente sua irmã e seu irmão adotivo. Deem Clarissa Morgenstern e Jace Lightwood a ele, e o desastre será evitado.

Clary ouviu Jace inspirar com força. Ela olhou para ele, em pânico; sentia todos olhando para ela, e era como se estivesse se dissolvendo, feito sal na água.

— Somos Nephilim — disse Robert, com frieza. — Não negociamos os de nossa espécie. Ele sabe disso.

— Nós, do Cálice Infernal, temos em nossa posse cinco de seus aliados. — Foi a resposta. — Meliorn, do Povo das Fadas, Raphael Santiago, dos Filhos da Noite, Luke Garroway, dos Filhos da Lua, Jocelyn Morgenstern, dos Nephilim, e Magnus Bane, dos Filhos de Lilith. Se vocês não entregarem Clarissa e Jonathan, eles receberão mortes de ferro e prata, de fogo e sorveira-brava. E quando seus aliados do Submundo souberem que vocês sacrificaram seus representantes porque não queriam abandonar a própria espécie, eles se voltarão contra vocês. Eles se juntarão a nós, e vocês vão se flagrar lutando não apenas contra quem porta o Cálice Infernal, mas contra todo o Submundo.

Clary sentiu uma onda de vertigem, tão intensa que era quase um enjoo. Ela sabia — claro que sabia, com uma noção incerta e crescente, impossível de ser ignorada — que sua mãe, Luke e Magnus estavam em perigo, mas ouvir isso era outra coisa. Ela começou a tremer, as palavras de uma oração incoerente ecoando em sua mente sem parar: *Mãe, Luke, fiquem bem, por favor, fiquem bem. E que Magnus fique bem, por Alec. Por favor*.

Ela ouvia a voz de Isabelle em sua mente também, dizendo que Sebastian não poderia enfrentá-los e nem a todo o Submundo. Mas ele havia encontrado um meio adequado de fazer isso se voltar contra eles: se algum mal fosse feito aos representantes do Submundo, pareceria culpa dos Caçadores de Sombras.

A expressão de Jace era vaga, mas ele encontrou os olhos dela com a mesma compreensão que se alojara como uma agulha no coração dela. Não podiam recuar e deixar isso acontecer. Iriam até Sebastian. Era a única opção.

Clary começou a avançar, com a intenção de gritar, mas se viu contida por um aperto forte no pulso. Virou-se, esperando ver Simon, e, para sua surpresa, percebeu que era Isabelle.

— Não faça isso — pediu a garota.

— Você é um tolo e um seguidor — disse Kadir sem rodeios, os olhos cheios de raiva ao fitar Matthias. — Nenhum integrante do Submundo nos culpará por poupar duas de nossas crianças à pira de corpos de Jonathan Morgenstern.

— Ora, mas ele não vai matá-las — alegou Matthias, com uma alegria sinistra. — Você tem a promessa dele sobre o Anjo de que nenhum mal recairá sobre a garota Morgenstern ou o garoto

Lightwood. São a família dele, e ele quer que fiquem ao seu lado. Portanto, não há sacrifício.

Clary sentiu uma coisa tocar sua bochecha. Era Jace. Ele a tinha beijado, rapidamente, e ela se recordou do beijo de Judas que Sebastian lhe dera na noite anterior e girou para agarrá-lo, mas ele já tinha ido embora, afastando-se de todos eles, indo até o corredor de degraus entre os bancos.

— Eu irei! — gritou ele, e sua voz soou pelo cômodo. — Eu irei de boa vontade. — A espada estava em sua mão. Ele a jogou, e ela retiniu nos degraus. — Vou com Sebastian — disse para o silêncio que se seguiu. — Apenas deixem Clary fora disso. Deixem que fique. Irei sozinho.

— Jace, *não* — falou Alec, mas sua voz foi abafada pelo clamor que percorreu o ambiente, com as vozes se erguendo feito fumaça e se curvando em direção ao teto, e Jace parado ali calmamente, com as mãos esticadas, para mostrar que não portava armas, o cabelo brilhando sob a luz dos símbolos. Um anjo sacrificial.

Matthias Gonzales riu.

— Não haverá barganha sem Clarissa — disse ele. — Sebastian a quer, e eu faço o que meu mestre quer.

— Você acha que somos tolos — rebateu Jace. — Na verdade, sou mais esperto que isso. Você não *pensa*, de modo algum. Você é um porta-voz do demônio, é isso que todos vocês são. Não se importam com mais nada. Nem com família, nem com sangue ou honra. Vocês não são mais humanos.

Matthias fez uma careta irônica.

— Por que alguém iria querer ser humano?

— Porque sua barganha não tem valor — disse Jace. — Basta que a gente se entregue e Sebastian devolve os reféns. Depois, o quê? Você fez tanto esforço para nos contar que ele é melhor que os Nephilim, que ele é mais forte, que é mais inteligente. Que pode nos atingir aqui em Alicante, e que todas as nossas barreiras e todos os nossos guardiões não são capazes de mantê-lo longe. Que ele vai destruir todos nós. Se quiser barganhar com alguém, ofereça uma chance de *vitória*. Se você fosse humano, saberia disso.

No silêncio que se seguiu, Clary achou ser possível ouvir uma gota de sangue atingindo o chão. Matthias estava imóvel, a lâmina ainda encostada no pescoço de Jia, os lábios se articulando como se ele estivesse murmurando alguma coisa ou recitando algo que tinha ouvido...

Ou estivesse ouvindo, percebeu ela, ouvindo as palavras sendo sussurradas ao seu ouvido...

— Você não pode vencer — disse Matthias finalmente, e Jace riu, o riso agudo e amargo pelo qual Clary tinha se apaixonado. Não um anjo sacrificial, pensou ela, mas um anjo vingador, todo dourado, sangue e fogo, confiante até diante da derrota.

— Você entende o que quero dizer — falou Jace. — Então que diferença faz se morremos agora ou depois...

— Vocês não podem vencer — disse Matthias —, mas podem sobreviver. Aqueles que escolherem isso podem ser Transformados pelo Cálice Infernal; vocês se tornarão soldados da Estrela da Manhã e governarão o mundo com Jonathan Morgenstern como líder. Aqueles que escolherem permanecer como filhos de Raziel podem fazê-lo, contanto que permaneçam em Idris. As fronteiras de Idris ficarão seladas, isolando-a do restante do mundo, que pertencerá a nós. Esta terra doada a vocês pelo Anjo será mantida desde que permaneçam no interior de suas fronteiras, assim estarão seguros. Isso pode ser prometido.

Jace olhou com expressão severa.

— As promessas de Sebastian não significam nada.

— As promessas dele são tudo que vocês têm — disse Matthias. — Mantenham sua aliança com os integrantes do Submundo, fiquem no interior das fronteiras de Idris e vocês sobreviverão. Mas esta oferta vigora apenas se vocês dois se entregarem de boa vontade para nosso mestre. Você e Clarissa. Não há negociação.

Clary olhou lentamente ao redor do cômodo. Alguns dos Nephilim pareciam ansiosos, uns, assustados, outros, cheios de raiva. E o restante estava calculando. Ela se recordou do dia em que tinha ficado parada na Sala dos Acordos, diante daquelas mesmas pessoas e mostrado a elas o símbolo de ligação capaz de vencer a guerra. Na época, ficaram gratos. Mas aquele era o mesmo Conselho que tinha votado para encerrarem as buscas por Jace quando Sebastian o levara, pois a vida de um garoto não valia seus recursos.

Em especial, quando esse garoto era filho adotivo de Valentim.

Ela pensara uma vez que havia pessoas boas e pessoas ruins, que existia um lado de luz e um lado de escuridão, porém não pensava mais assim. Tinha visto o mal, no irmão e no pai, o mal de boas intenções que dera errado, e o mal de puro desejo de poder. No entanto também não havia segurança na bondade: a virtude poderia cortar como uma faca, e o fogo do Paraíso era ofuscante.

Ela se afastou de Alec e Isabelle, sentiu Simon agarrar seu braço. Deu meia-volta, olhou para ele e balançou a cabeça. *Você tem que me deixar fazer isso*.

Os olhos escuros imploravam para ela.

— Não faça isso — murmurou ele.

— Ele falou nós dois — murmurou ela em resposta. — Se Jace for até Sebastian sem mim, Sebastian vai matá-lo.

— Ele vai matar vocês dois, de qualquer forma. — Isabelle estava praticamente chorando de frustração. — Você não pode ir, e Jace também não... Jace!

Jace se virou e olhou para eles. Clary viu sua expressão mudar quando percebeu que ela estava se esforçando para se aproximar dele. Jace balançou a cabeça e pronunciou uma palavra, sem emitir som:

— Não.

— Dê-nos tempo — gritou Robert Lightwood. — Dê-nos um pouco de tempo para votar, pelo menos.

Matthias afastou a lâmina do pescoço de Jia e a ergueu; o outro braço ainda prendia a consulesa, agarrando a parte da frente da túnica. Ele ergueu a lâmina até o teto, e a luz faiscou nela com o gesto.

— Tempo. — Ele fez uma careta. — Por que Sebastian daria tempo a vocês?

Um silvo agudo cortou o ar. Clary viu alguma coisa brilhante passar por ela, e ouviu um barulho retinir quando uma flecha atingiu a lâmina de Matthias, erguida acima da cabeça de Jia, que se viu livre do aperto dele. Clary girou a cabeça e viu Alec, com a besta erguida, a corda ainda vibrando.

Matthias deixou escapar um urro e cambaleou para trás, a mão sangrando. Jia correu para longe enquanto ele mergulhava para pegar a lâmina caída. Clary ouviu Jace gritar "Nakir!". Ele havia retirado uma lâmina serafim do cinto, e sua luz iluminava o salão.

— Saia do meu *caminho*! — gritou ele, e começou a abrir passagem, empurrando com os ombros, escada abaixo, em direção ao estrado.

— Não! — Alec derrubou a besta e se lançou sobre a parte de trás da fileira de bancos, mergulhando sobre Jace, derrubando-o enquanto o estrado se consumia em chamas como uma fogueira apagada com gasolina. Jia gritou e pulou da plataforma para a multidão; Kadir a amorteceu e a pôs no chão delicadamente enquanto todos os Caçadores de Sombras se viravam para olhar as chamas que se erguiam.

— Que diabos! — murmurou Simon, os dedos ainda apertados ao redor do braço de Clary.

Ela podia ver Matthias, uma sombra preta no coração das chamas. Era evidente que elas não o feriam; ele parecia rir, jogando os braços para cima como um maestro regendo uma orquestra de fogo. A sala estava tomada por gritos e pelo odor e estalido de madeira queimada. Aline tinha corrido para agarrar a mãe, que sangrava, chorando; Helen estava observando, impotente, enquanto tentava, juntamente a Julian, proteger os jovens Blackthorn do motim abaixo.

No entanto, ninguém protegia Emma. Ela estava parada, distante do grupo, o rostinho branco de choque enquanto, acima dos sons horríveis que enchiam o cômodo, os gritos de Matthias suplantavam o barulho.

— Dois dias, Nephilim! Vocês têm dois dias para decidir o seu destino! E então todos arderão! Vocês vão arder no fogo do Inferno, e as cinzas de Edom cobrirão seus ossos!

A voz dele se ergueu a um grito sobrenatural e subitamente se calou quando as chamas diminuíram e ele desapareceu junto a elas. A última das brasas lambeu o piso, as pontas reluzentes mal tocando a mensagem ainda rabiscada no icor ao longo do estrado.

Veni.

CHEGUEI.

Maia precisou respirar fundo durante dois minutos diante do apartamento antes de conseguir enfiar a chave na fechadura.

Tudo no corredor parecia normal, sinistramente normal. Os casacos de Jordan — e de Simon — pendurados na entrada estreita. As paredes decoradas com placas de rua compradas em mercados de pulgas.

Ela passou para a sala de estar, que parecia congelada no tempo: a TV estava ligada, a tela, com estática, os dois controles do video game ainda no sofá. Eles tinham se esquecido de desligar a cafeteira. Ela desligou o interruptor, tentando ignorar ao máximo todas as fotografias dela e de Jordan presas na geladeira: os dois na ponte do Brooklyn, bebendo café no restaurante da Waverly Place, Jordan rindo e exibindo as unhas que Maia tinha pintado de azul, verde e vermelho. Ela não percebera quantas fotografias Jordan havia tirado deles, como se estivesse tentando recordar cada segundo de suas interações, temendo que fossem escorrer através de suas lembranças feito água.

Maia teve que reassumir a postura durona antes de entrar no quarto. A cama ainda estava desarrumada e com os lençóis espalhados — Jordan nunca fora particularmente organizado —, as roupas jogadas pelo cômodo. Maia cruzou o quarto até a escrivaninha onde ela guardava os próprios pertences e tirou as roupas de Leila.

Com alívio, vestiu um jeans e uma camiseta. Esticou a mão para pegar um casaco quando a campainha tocou.

Jordan guardava suas armas, enviadas a ele pela Praetor, no baú aos pés da cama. Ela abriu o baú e ergueu um frasco pesado de ferro com uma cruz entalhada na frente.

Ela vestiu o casaco e entrou na sala de estar, o frasco no bolso, os dedos ao redor dele. Abriu a porta da frente.

A garota que estava de pé do outro lado tinha cabelo escuro na altura dos ombros. Em contraste, a pele era branca como a de um cadáver, os lábios vermelho-escuros. Vestia um terno preto com corte impecável; era uma Branca de Neve moderna, em sangue, carvão e gelo.

— Você me chamou — disse ela. — A namorada de Jordan Kyle, estou certa?

Lily. Uma das vampiras mais inteligentes do clã. Sabe de tudo. Ela e Raphael sempre foram muito unidos.

— Não finja que você não sabe, Lily — falou Maia sem rodeios. — Você já esteve aqui; tenho certeza de que sequestrou Simon deste apartamento para entregá-lo a Maureen.

— E? — Lily cruzou os braços, fazendo o terno caro farfalhar. — Vai me convidar a entrar ou não?

— Não vou — retrucou Maia. — Vamos conversar aqui, no corredor.

— Chata. — Lily se encostou na parede com tinta descascando e fez uma careta. — Por que você me invocou, lobisomem?

— Maureen está louca — falou Maia. — Raphael e Simon sumiram. Sebastian Morgenstern está matando os membros do Submundo para reforçar seus argumentos aos Nephilim. E talvez seja hora de vampiros e licantropes conversarem. Até de se aliarem.

— Ora, você é muito lindinha — disse Lily, se aprumando. — Sabe, Maureen é louca, mas ainda é a líder do clã. E posso dizer uma coisa: ela não vai conversar com um integrante qualquer do bando que perdeu o fio da meada porque o namorado morreu.

Maia apertou mais ainda o frasco em sua mão. Sentiu vontade de jogar o líquido no rosto de Lily, tanta vontade que isso a assustou.

— Pode me chamar quando você for a líder do bando. — Havia uma luz escura nos olhos da vampira, como se ela estivesse tentando dizer algo a Maia sem enunciar. — Aí conversaremos.

Lily se virou e saiu caminhando pelo corredor nos saltos altos. Aos poucos, Maia foi soltando o aperto no frasco de água benta em seu bolso.

— Belo tiro — comentou Jace.

— Não precisa me ridicularizar. — Alec e Jace estavam em um dos vertiginosos conjuntos de salas de reuniões; não era o mesmo cômodo no qual Jace estivera com Clary, mas outra sala, mais austera, em uma parte antiga do Gard. As paredes eram de pedra, e havia um banco comprido ao longo da parede a oeste. Jace estava ajoelhado nele, a jaqueta jogada de lado, a manga direita da camisa arregaçada.

— Não estou ridicularizando — protestou ele, enquanto Alec encostava a ponta da estela na pele nua do braço. Quando as linhas escuras começaram a espiralar, saindo do *adamas*, Jace não conseguiu evitar a lembrança do outro dia, em Alicante, quando Alec enfaixou a mão dele, dizendo com raiva: *Pode se curar como um mundano. Vagarosa e desagradavelmente*. Jace tinha socado uma janela naquele dia; ele merecera tudo que Alec lhe dissera.

Alec suspirou lentamente; sempre era muito cuidadoso com os símbolos, em particular com as *iratzes*. Ele parecia sentir o leve ardor, a picada na pele que Jace sentia, embora o garoto nunca tivesse se importado com a dor — o mapa de cicatrizes brancas que cobriam seus bíceps e desciam até o antebraço comprovava isso. Havia uma força especial num símbolo desenhado pelo *parabatai*. Foi por isso que eles enviaram os dois para outro local, ao passo que o restante da família Lightwood se encontrava no gabinete da Consulesa, para que Alec pudesse curar Jace da forma mais rápida e eficiente possível. Jace ficara um pouco assustado; ele meio que tinha achado que o fariam participar da reunião com o pulso roxo e inchado.

— Não estou ridicularizando — repetiu Jace, enquanto Alec terminava e dava um passo para trás para examinar seu trabalho. Jace já podia sentir a dormência da *iratze* se espalhando por suas

veias, acalmando a dor no braço, selando os lábios abertos. — Você acertou a faca de Matthias a meio anfiteatro de distância. Lançamento limpo, não atingiu Jia. E ele estava se mexendo.

— Eu estava motivado. — Alec deslizou a estela de volta para o cinto. O cabelo escuro caía bagunçado sobre os olhos; ainda não o havia cortado direito desde que ele e Magnus terminaram.

Magnus. Jace fechou os olhos.

— Alec — disse ele. — Eu vou. Você sabe que eu vou.

— Você está dizendo isso porque acha que vai me tranquilizar — rebateu Alec. — Acha que eu quero que você se entregue a Sebastian? Ficou maluco?

— Acho que esse pode ser o único jeito de resgatar Magnus — respondeu Jace da escuridão que emanava de suas pálpebras.

— E você está disposto a trocar a vida de Clary também? — O tom de Alec era ácido. Jace abriu os olhos; Alec estava olhando para ele com firmeza, porém sem expressão.

— Não — disse Jace, ouvindo a derrota na própria voz. — Eu não seria capaz disso.

— E eu não pediria que você fizesse uma coisa dessas — emendou Alec. — É isso... É isso que Sebastian está tentando fazer. Afastar-nos uns dos outros usando as pessoas que amamos como iscas para nos separar. Não devemos permitir isso.

— Quando foi que você ficou tão sábio? — perguntou Jace.

Alec riu, uma risada curta e frágil.

— O dia em que eu me tornar um sábio será o dia em que você vai precisar ter cuidado.

— Talvez você sempre tenha sido sábio — comentou Jace. — Eu me lembro quando te perguntei se queria ser *parabatai*, e você disse que precisava de um dia para pensar. E então você voltou e disse sim, e, quando eu perguntei por que concordou, você disse que era porque eu precisava de alguém para cuidar de mim. Você estava certo. Eu nunca voltei a pensar no assunto porque nunca precisei. Eu tinha você, e você sempre cuidou de mim. Sempre.

A expressão de Alec ficou mais séria; Jace quase conseguia enxergar a tensão latejando nas veias de seu *parabatai*.

— Não — disse Alec. — Não fale assim.

— Por que não?

— Porque — disse Alec — é assim que as pessoas falam quando acham que vão morrer.

— Se Clary e Jace forem entregues a Sebastian, eles estarão sendo entregues à morte — disse Maryse.

Estavam no gabinete da Consulesa, provavelmente o cômodo mais luxuosamente decorado em todo o Gard. Tinha um tapete grosso no chão, as paredes de madeira eram cobertas por tapeçarias, uma escrivaninha imensa ficava em posição diagonal no cômodo. Em um dos lados estava Jia Penhallow, o corte na garganta se fechando enquanto as *iratzes* faziam efeito. Atrás da

cadeira dela, estava Patrick, o marido, com a mão no ombro da mulher.

Diante deles, estavam Maryse e Robert Lightwood. Para surpresa de Clary, ela, Isabelle e Simon tinham sido autorizados a ficar na sala também. Supunha que fossem discutir o destino dela e de Jace, mas daí, até então, decidir o destino das pessoas sem consultar a parte interessada nunca parecera ser um problema.

— Sebastian diz que não vai machucá-los — disse Jia.

— A palavra dele não tem valor — emendou Isabelle sem rodeios. — Ele mente. E o fato de jurar pelo Anjo não significa nada, pois ele não se importa com o Anjo. Ele serve a Lilith, se é que serve a alguém.

Ouviu-se um clique baixo, e a porta se abriu, então Alec e Jace entraram. Os dois tinham tropeçado em alguns degraus, e Jace levara a pior, estava com um lábio cortado e um pulso quebrado ou torcido. Agora, porém, ele parecia normal outra vez; tentou sorrir para Clary quando entrou, mas seus olhos estavam assombrados.

— Você tem que entender como a Clave verá isso — disse Jia. — Você lutou contra Sebastian em Burren. Eles ouviram dizer, mas não *viram*, não até a Cidadela, a diferença entre guerreiros Crepusculares e Caçadores de Sombras. Nunca houve uma raça de guerreiros mais poderosa que os Nephilim. Agora há.

— Ele só atacou a Cidadela para reunir informações — rebateu Jace. Ele queria saber do que os Nephilim eram capazes: não apenas o grupo que conseguimos organizar de última hora no Burren, mas os guerreiros enviados para lutar pela Clave. Ele queria ver como os guerreiros lutariam contra as forças dele.

— Estava nos avaliando — completou Clary. — Ele estava nos pesando na balança.

Jia olhou para ela.

— *Mene mene tequel ufarsim* — murmurou ela.

— Você estava com a razão quando falou que Sebastian não quer lutar uma grande batalha — disse Jace. — Seu interesse é lutar um monte de pequenas batalhas onde possa Transformar alguns Nephilim. Aumentar suas forças. E isso poderia ter funcionado, ficar em Idris, deixá-lo trazer a batalha para cá, quebrar a onda de seu exército nas rochas de Alicante. No entanto, agora que ele levou os representantes do Submundo, ficar aqui não vai funcionar. Sem nossa vigilância, com o Submundo contra nós, os Acordos serão extintos. O mundo... será extinto.

O olhar de Jia foi até Simon.

— O que você diz, integrante do Submundo? Matthias estava certo? Se recusarmos a pagar pelos reféns de Sebastian, isso significará guerra com o Submundo?

Simon parecia assustado por se dirigirem a ele num tom tão oficial. Conscientemente ou não, sua mão foi até o medalhão de Jordan no pescoço; ele o segurou enquanto falava.

— Eu acho — disse ele, com relutância — que embora haja alguns membros do Submundo

que seriam razoáveis, os vampiros não seriam. Eles já creem que os Nephilim estabeleceram um preço baixo por suas vidas. Feiticeiros... — Ele balançou a cabeça. — Eu realmente não compreendo os feiticeiros. Nem as fadas... quero dizer, a Rainha Seelie parece cuidar de si. Ela ajudou Sebastian com eles. — Ele ergueu a mão, onde o anel reluzia.

— Parece provável que teve menos a ver com uma ajuda a Sebastian e mais com o desejo insaciável de saber tudo — disse Robert. — É verdade, ela espionava você, mas não sabíamos na época que Sebastian era nosso inimigo. O mais impressionante é que Meliorn tinha jurado que a lealdade do Povo das Fadas era para conosco e que Sebastian é inimigo deles, e fadas não podem mentir.

Simon deu de ombros.

— De qualquer forma, não compreendo como eles pensam. Mas os lobisomens adoram Luke. Eles ficarão desesperados para tê-lo de volta.

— Ele costumava ser um Caçador de Sombras... — começou Robert.

— Isso piora as coisas — disse Simon, mas não o Simon, o amigo mais antigo de Clary; era outra pessoa, alguém bem informado sobre a política do Submundo. — Para eles, o modo como os Nephilim tratam os integrantes do Submundo que já foram Nephilim é uma evidência de que os Caçadores de Sombras creem que os membros do Submundo têm sangue contaminado. Uma vez, Magnus me contou sobre um jantar ao qual foi convidado, num Instituto, para membros do Submundo e Caçadores de Sombras; depois do evento, os Caçadores de Sombras jogaram todos os pratos fora. Porque os convidados do Submundo tinham tocado neles.

— Nem todos os Nephilim são assim — retrucou Maryse.

Simon deu de ombros.

— A primeira vez que vim ao Gard foi porque Alec me trouxe — continuou ele. — Eu confiei que a Consulesa queria apenas conversar comigo. Em vez disso, fui jogado na prisão e passei fome. Luke foi estimulado a se suicidar pelo próprio *parabatai* depois que foi Transformado. A Praetor Lupus foi incendiada por um Caçador de Sombras, ainda que este fosse um inimigo de Idris.

— Então você está dizendo que sim, haverá guerra? — perguntou Jia.

— A guerra já está acontecendo, não é? — respondeu Simon. — A senhora não foi ferida numa batalha? Só estou dizendo: Sebastian está usando as brechas em suas alianças para destruir vocês, e está fazendo isso direitinho. Talvez ele não compreenda os humanos, não estou dizendo que compreende, mas ele compreende o mal, a traição e o egoísmo, e isso é uma coisa que se aplica a tudo que possua uma mente e um coração. — Ele fechou a boca abruptamente, como se com medo de ter falado demais.

— Então acha que deveríamos fazer o que Sebastian pede: enviar Jace e Clary para ele? — perguntou Patrick.

— Não — respondeu Simon. — Acho que ele sempre mente, e enviá-los não ajudará em nada. Mesmo quando jura, ele mente, como Isabelle falou. — Ele olhou para Jace, depois para Clary, —*Vocês* sabem disso — disse ele. — Vocês o conhecem melhor que qualquer um, sabem que ele nunca fala sério. Digam a eles.

Clary balançou a cabeça, muda. Foi Isabelle quem respondeu por ela:

— Eles não conseguem — emendou ela. — Era como se estivessem implorando pelas próprias vidas, e nenhum deles vai fazer isso.

— Eu já me ofereci de boa vontade — completou Jace. — Falei que iria. Vocês *sabem* por que ele me quer. — Ele abriu os braços. Clary não se surpreendeu ao ver que o fogo celestial estava visível na pele dos antebraços, como arame dourado. — O fogo celestial feriu Sebastian em Burren. Ele tem medo disso, sendo assim, tem medo de mim. Eu vi isso no rosto dele, no quarto de Clary.

Fez-se um longo silêncio. Jia afundou na cadeira.

— Vocês têm razão. Não discordo de nenhum de vocês. Mas não posso controlar a Clave, e há alguns entre aqueles que vão escolher o que consideram seguro, e há outros que odeiam a ideia de sermos aliados dos membros do Submundo, para começar, e que acolherão uma oportunidade de recusar. Se Sebastian queria dividir a Clave em facções, e tenho certeza de que queria, escolheu um bom meio de fazer isso. — Ela olhou em volta, para os Lightwood, para Jace e Clary, com o olhar firme pousando em cada um deles. — Eu adoraria ouvir sugestões — emendou ela, um pouco secamente.

— Poderíamos nos esconder — respondeu Isabelle de pronto. — Desaparecer em um lugar onde Sebastian nunca fosse nos encontrar; você pode informar a ele que Jace e Clary fugiram, apesar das tentativas de mantê-los conosco. Ele não pode nos culpar por isso.

— Uma pessoa sensata não culparia a Clave — rebateu Jace. — Sebastian não é sensato.

— E não existe lugar onde possamos nos esconder dele — retrucou Clary. — Ele me encontrou na casa de Amatis. Sebastian é capaz de me encontrar em qualquer parte. Talvez Magnus pudesse ter nos ajudado, mas...

— Há outros feiticeiros — disse Patrick, e Clary arriscou um olhar para o rosto de Alec, que parecia entalhado na pedra de tão rijo.

— Não dá para contar com a ajuda deles, não importa o quanto se pague, pelo menos não agora — explicou Alec. — Esse é o intuito do sequestro. Eles não virão nos ajudar, não até constatarem se vamos ajudá-los primeiro.

Ouviu-se uma batida à porta, e dois Irmãos do Silêncio entraram, as túnicas brilhando como pergaminhos sob a luz enfeitiçada.

— Irmão Enoch — disse Patrick, saudando-o — e...

— Irmão Zachariah — completou o segundo, retirando o capuz.

Apesar do que Jace sugerira na sala do Conselho, ver o agora humano Zachariah foi um choque. Mal dava para reconhecê-lo, somente os símbolos escuros nos arcos das maçãs do rosto, um lembrete do que ele fora. Ele era esbelto, quase esquelético, e alto, com uma elegância delicada e muito humana no formato do rosto, e tinha cabelo escuro. Parecia, talvez, ter uns 20 anos.

— Este é o *Irmão Zachariah*? — perguntou Isabelle em uma voz baixa, confusa. — Quando foi que ele ficou gato?

— Isabelle! — murmurou Clary, mas o Irmão Zachariah não a ouviu, ou então tinha grande autocontrole. Estava olhando para Jia. Daí, para surpresa de Clary, falou algo num idioma que ela não conhecia.

Os lábios de Jia tremeram por um instante. Então se contraíram numa linha rígida. Ela se virou para os outros:

— Amalric Kriegsmesser está morto — informou.

Entorpecida por uma dezena de choques nas últimas horas, Clary precisou de alguns segundos para se lembrar de quem era: o Crepuscular capturado em Berlim e levado ao Basilias enquanto os Irmãos procuravam uma cura.

— Nada que tentamos nele funcionou — disse Irmão Zachariah. A voz era melodiosa. Ele tinha sotaque britânico, pensou Clary, ela só ouvira a voz dele em sua mente até então, e aparentemente a comunicação telepática apagava os sotaques. — Nem um único feitiço, nem uma única poção. Finalmente, nós o fizemos beber do Cálice Mortal.

Isso o destruiu, falou Enoch. *A morte foi imediata*.

— O corpo de Amalric deve ser enviado pelo Portal para os feiticeiros no Labirinto Espiral, para análise — disse Jia. — Talvez se agirmos depressa o bastante, ela... eles consigam aprender alguma coisa a partir da morte dele. Encontrar alguma pista para a cura.

— Que infelicidade para a família — comentou Maryse. — Eles nem mesmo verão o corpo ser cremado e enterrado na Cidade do Silêncio.

— Ele não é mais um Nephilim — disse Patrick. — Se tivesse que ser enterrado, seria na encruzilhada diante da Floresta Brocelind.

— Como minha mãe— emendou Jace. — Porque ela se matou. Criminosos, suicidas e monstros são enterrados no local onde todas as vias se cruzam, certo?

Ele ostentava uma voz falsamente alegre, aquela que Clary sabia que encobria raiva ou dor; ela queria se aproximar dele, mas a sala estava cheia demais.

— Nem sempre — disse Irmão Zachariah, baixinho. — Um dos jovens Longford estava na batalha da Cidadela. Ele se viu forçado a se suicidar, incentivado pelo próprio *parabatai*, que fora Transformado por Sebastian. Depois disso, virou a espada para si e cortou os pulsos. Ele será enterrado com o restante dos mortos hoje, com todas as devidas honras.

Clary se lembrou do jovem que ela vira na Cidadela, de pé sobre um Caçador de Sombras morto, de uniforme vermelho, chorando enquanto a batalha se intensificava à volta dele. Clary se perguntava se deveria ter parado e falado com ele, se isso teria ajudado, se havia alguma coisa que pudesse ter feito.

Jace parecia prestes a vomitar.

— É por isso que vocês têm que me deixar ir atrás de Sebastian — completou ele. — Isso não pode continuar acontecendo. Essas batalhas, os combates contra os Crepusculares... ele encontrará coisas piores para fazer. Sebastian sempre encontra. Ser Transformado é pior que morrer.

— *Jace* — disse Clary rispidamente, mas o garoto lhe ofereceu um olhar desesperado e, ao mesmo tempo, suplicante. Um olhar que implorava a ela para não duvidar dele. Jace se inclinou para a frente, as mãos na escrivaninha da Consulesa.

— Enviem-me até ele — pediu Jace. — E eu tentarei matá-lo. Tenho o fogo celestial. É nossa melhor chance.

— Não é uma questão de *enviar* você a algum lugar — disse Maryse. — Não podemos mandar você a ele; não sabemos onde Sebastian está. É uma questão de permitir que ele o capture.

— Então deixem que me capture...

— Absolutamente não. — Irmão Zachariah parecia sério, e Clary se lembrou do que ele lhe dissera uma vez: *Se recebo a chance de salvar o último na linha de sucessão dos Herondale, considero isto algo de importância maior que minha fidelidade à Clave.* — Jace Herondale — disse ele. — A Clave pode escolher obedecer ou desafiar Sebastian, mas de um jeito ou de outro, você não pode ser entregue do modo como ele espera. Devemos surpreendê-lo. Caso contrário, simplesmente estaremos enviando a única arma que sabemos que ele teme.

— Você tem outra sugestão? — perguntou Jia. — Nós devemos atraí-lo? Usar Jace e Clary para capturá-lo?

— Vocês não podem usá-los como isca — protestou Isabelle.

— Talvez pudéssemos separá-lo de suas forças? — sugeriu Maryse.

— Vocês não podem enganar Sebastian — explicou Clary, sentindo-se exausta. — Ele não se importa com razões ou pretextos. Há apenas ele e o que ele quer, e se ficarem entre essas duas coisas, Sebastian vai destruir vocês.

Jia se inclinou sobre a mesa.

— Talvez possamos convencê-lo a querer outra coisa. Há algo que possamos oferecer a ele para barganhar?

— Não — murmurou Clary. — Não há nada. Sebastian é... — Como ela definiria o irmão? Como explicar o que era olhar para o núcleo escuro de um buraco negro? *Imagine que você seja o*

último Caçador de Sombras na Terra, imagine toda sua família e todos seus amigos mortos, imagine não haver mais ninguém capaz de acreditar no que você era. Imagine que estivesse na Terra em um bilhão, um bilhão de anos, depois que o sol tivesse extinguido toda a vida, e estivesse chorando consigo por uma única criatura viva que ainda respirasse ao seu lado, mas não houvesse nada, apenas rios de fogo e cinzas. Imagine ser tão solitário, e então imagine que houvesse apenas um meio de resolver isso. Então imagine o que você faria para que isso acontecesse. — Não. Ele não vai mudar de ideia. Nunca.

Um murmúrio irrompeu. Jia bateu palmas e pediu silêncio.

— Chega— disse. — Estamos andando em círculos. É hora de a Clave e o Conselho discutirem a situação.

— Se eu puder dar uma sugestão. — Os olhos do Irmão Zachariah varreram o cômodo, pensativos debaixo dos cílios escuros, antes de pousarem em Jia. — Os ritos fúnebres para os mortos da Cidadela estão prestes a começar. A presença da senhora é esperada, Consulesa, assim como a do senhor, Inquisidor. Eu sugeriria que Clary e Jace permanecessem na casa do Inquisidor, considerando a controvérsia em torno deles, e que o Conselho se reunisse após os ritos.

— Temos direito de estar na reunião — disse Clary. — A decisão diz respeito a nós. É sobre nós.

— Vocês serão convocados — informou Jia, sem pousar o olhar em Clary nem em Jace, passando por eles e fitando apenas Robert, Maryse, Irmão Enoch e Zachariah. — Até lá, descansem; vocês precisarão de energia. Pode vir a ser uma longa noite.

12

O Pesadelo Formal

Os corpos estavam ardendo em fileiras de piras ordenadas e posicionadas ao longo da estrada até a Floresta Brocelind. O sol começava a se pôr em um céu com nuvens brancas, e, conforme cada pira se elevava, explodia em faíscas cor de laranja. O efeito era estranhamente belo, embora Jia Penhallow duvidasse que alguém dentre os que lamentavam reunidos na planície pensasse assim.

Por alguma razão, um versinho que ela aprendera na infância se repetia em sua mente.

Preto para caçar de noite e dar sorte,

Pois o branco é a cor do pranto e da morte.

Dourado para a noiva em seu vestido,

E vermelho para acabar com um feitiço.

Seda branca quando nossos corpos queimam;

Bandeiras azuis aos perdidos que retornam, pois teimam.

Chamas para o nascimento de um Nephilim,

E, para apagar nossos pecados, és um fim.

Cinza para o conhecimento que não deve ser dito;

Cor de osso para aquele que não envelhece, bendito.

Açafrão ilumina a cor da vitória,

Verde para um coração partido, almejando a glória.

Prata para as torres demoníacas, cor de adamas*,*

E bronze para invocar poderes malignos, nada mais.

Cor de osso para aquele que não envelhece. Irmão Enoch, na túnica cor de osso, caminhava nos arredores da fileira de piras. Havia Caçadores de Sombras de pé, ajoelhados ou lançando nas

chamas alaranjadas punhados de flores de Alicante, brancas e pálidas, que cresciam até mesmo no inverno.

— Consulesa. — A voz ao seu lado era baixa. Ela se virou e viu o irmão Zachariah, ou o garoto que um dia tinha sido o Irmão Zachariah, parado próximo ao ombro dela. — Irmão Enoch disse que a senhora queria falar comigo.

— Irmão Zachariah — começou ela, e então parou. — Há algum outro nome pelo qual você gostaria de ser chamado? Seu nome antes de se tornar Irmão do Silêncio?

— Zachariah está ótimo por enquanto — respondeu. — Ainda não estou pronto para reclamar meu antigo nome.

— Eu soube — disse ela, e fez uma pausa, pois a parte seguinte era difícil — que você conheceu uma das feiticeiras do Labirinto Espiral, Theresa Gray, a qual foi importante durante sua vida mortal. E, para alguém que foi Irmão do Silêncio pelo tempo que você foi, isso deve ser raro.

— Ela é tudo que restou daquela época — declarou Zachariah. — Ela e Magnus. Eu gostaria de conversar com Magnus, se eu pudesse, antes de ele...

— Você gostaria de ir ao Labirinto Espiral? — interrompeu Jia.

Zachariah baixou o olhar, com olhos assustados. Parecia ter a mesma idade da filha dela, pensou Jia, os cílios do garoto eram impossivelmente longos, os olhos ao mesmo tempo jovens e velhos.

— Está me liberando de Alicante? Vocês não precisam de todos os guerreiros?

— Você serviu à Clave por mais de 130 anos. Não podemos lhe pedir mais nada.

Ele virou a cabeça para olhar as piras, a fumaça preta poluindo o ar.

— Quanto o Labirinto Espiral sabe? A respeito dos ataques aos Institutos, à Cidadela, aos representantes?

— Eles estudam o conhecimento popular — disse Jia. — Nem guerreiros nem políticos. Sabem o que aconteceu em Burren. Conversamos sobre a magia de Sebastian, sobre possíveis curas para os Crepusculares, sobre meios de fortalecer as barreiras. Eles não perguntam mais que isso...

— E a senhora não precisa contar — completou Zachariah. — Então não sabem da Cidadela nem dos representantes?

Jia trincou os dentes.

— Suponho que você vá dizer que eu tenho que contar a eles.

— Não — retrucou o garoto. As mãos dele estavam nos bolsos; a respiração era visível no ar frio da noite. — Não vou dizer isso.

Eles estavam parados lado a lado, na neve e no silêncio, até que, para surpresa de Jia, ele

voltou a falar:

— Não vou para o Labirinto Espiral. Ficarei aqui em Idris.

— Mas você não quer vê-la?

— Eu quero ver Tessa mais que qualquer outra coisa no mundo — respondeu Zachariah. — No entanto, se ela soubesse mais sobre o que está acontecendo aqui, ia querer estar aqui e lutar ao nosso lado, e eu percebi que não quero isso. — O cabelo escuro caiu para a frente quando ele balançou a cabeça. — Percebi que, depois de deixar de ser um Irmão do Silêncio, sou capaz de não querer isso. Talvez seja egoísmo. Não tenho certeza. Mas sei que os feiticeiros no Labirinto Espiral estão seguros. Tessa está segura. Se eu for até ela, ficarei seguro também, mas estarei me escondendo. Não sou um feiticeiro; não posso ser útil ao Labirinto. Posso ser útil aqui.

— Você poderia ir ao Labirinto e voltar. Seria complicado, mas eu poderia solicitar...

— Não — murmurou. — Não vou conseguir encarar Tessa e omitir o que está acontecendo aqui. E, mais isso, não posso ir à Tessa e me apresentar a ela como um mortal, como um Caçador de Sombras, e mentir sobre o que eu sentia por ela quando era... — Ele parou de falar. — Que o que eu senti não mudou. Não posso dizer isso e depois voltar a um lugar onde eu poderia ser morto. É melhor ela achar que nunca houve chance para nós.

— É melhor você achar isso também — disse Jia, olhando para o rosto dele, para a esperança e o desejo pintados ali nitidamente para qualquer um ver. Ela olhou para Robert e Maryse Lightwood, um pouco distantes um do outro na neve. Não muito longe deles, estava Aline, com a cabeça inclinada no cabelo louro de Helen Blackthorn. — Nós, Caçadores de Sombras, nos colocamos em perigo o tempo todo, todos os dias. Acho que algumas vezes somos imprudentes com nossos corações do mesmo modo como somos com nossas vidas. Quando nós os oferecemos, damos todos os pedaços. E, se não conseguimos o que tanto queremos, como viver?

— Acha que existe a possibilidade de ela não me amar? — questionou Zachariah. — Depois de todo esse tempo.

Jia não disse nada. Afinal de contas, era exatamente o que ela pensava.

— É uma dúvida razoável — disse ele. — E talvez ela não ame. Enquanto ela estiver viva, bem e feliz neste mundo, vou encontrar um jeito de ser feliz também, mesmo que não seja ao lado dela. — Zachariah olhou na direção das piras, para as silhuetas estiradas dos mortos. — Qual dos corpos é o do jovem Longford? Aquele que matou seu *parabatai*?

— Ali — apontou Jia. — Por que você quer saber?

— Não consigo imaginar alguém sendo obrigado a fazer nada pior. Eu não teria tido coragem suficiente. Como alguém teve essa coragem, quero prestar meus respeitos a ele — disse Zachariah, e caminhou pelo solo salpicado de neve, em direção às fogueiras.

— O funeral acabou — afirmou Isabelle. — Ou, pelo menos, a fumaça parou de subir. — Ela

estava apoiada no peitoril da janela do quarto, na casa do Inquisidor. O cômodo era pequeno e pintado de branco, com cortinas floridas. Não tinha muito a ver com Isabelle, pensou Clary, mas teria sido difícil reproduzir o quarto de Isabelle em Nova York, todo salpicado de glitter, de última hora.

— Eu estava lendo meu *Códex* no outro dia. — Clary terminou de abotoar o cardigã de lã azul que havia acabado de vestir. Ela não conseguira suportar nem mais um segundo usando o suéter da véspera, o mesmo com o qual dormira e no qual Sebastian tinha tocado. — E estava pensando. Mundanos matam uns aos outros o tempo todo. Nós... eles... têm guerras, todos os tipos de guerras, e destroem uns aos outros, mas esta é a primeira vez que os Nephilim tiveram que matar outros Caçadores de Sombras. Quando Jace e eu estávamos tentando convencer Robert a nos deixar entrar na Cidadela, eu não conseguia entender a teimosia dele. Mas acho que agora entendo. Acho que ele não conseguia acreditar que Caçadores de Sombras poderiam realmente ser uma ameaça entre si. Por mais que a gente tivesse contado a eles sobre o Burren.

Isabelle deu uma risadinha.

— Isto é muita generosidade da sua parte. — Ela dobrou os joelhos para junto do peito. — Sabe, sua mãe me levou para a Cidadela Adamant. Elas disseram que eu teria sido uma ótima Irmã de Ferro.

— Eu as vi em combate — comentou Clary. — As Irmãs. Elas eram lindas. E assustadoras. Era como olhar para o fogo.

— Mas elas não podem se casar. Não podem ficar com ninguém. Elas vivem para sempre, mas não... não têm vida. — Isabelle pousou o queixo nos joelhos.

— Há todo tipo de vida — disse Clary. — E veja o Irmão Zachariah...

Isabelle ergueu o olhar.

— Ouvi meus pais conversando a respeito dele a caminho da reunião do Conselho hoje — falou ela. — Eles disseram que o que aconteceu a ele foi um milagre. Nunca ouvi falar de ninguém deixar de ser um Irmão do Silêncio antes. Tipo, eles podem morrer, mas reverter os feitiços, não deveria ser possível.

— Há muitas coisas que não deveriam ser possíveis — disse Clary, passando os dedos pelo cabelo. Ela queria tomar um banho, mas não suportava a ideia de ficar sozinha sob a água. Pensando na mãe. Em Luke. A ideia de perder qualquer um deles, quanto mais os dois, era tão terrível quando a ideia de ser abandonada no mar: um cisquinho de humanidade cercado por quilômetros de água em volta e abaixo, e o céu vazio acima. Nada para ancorá-la à terra.

Ela começou a dividir o cabelo em duas tranças de forma mecânica. Um segundo depois, Isabelle surgiu atrás dela, no espelho.

— Deixe-me fazer isso — disse ela bruscamente, e segurou as mechas do cabelo de Clary, os dedos manipulando os cachos habilmente.

Ela fechou os olhos e se deixou perder por um momento na sensação de ter alguém mais tomando conta dela. Quando era pequena, a mãe trançava seu cabelo todas as manhãs, antes de Simon ir buscá-la para levá-la à escola. Ela se recordou do hábito dele de desamarrar as fitas enquanto ela desenhava, e de escondê-las em algum lugar — nos bolsos, na mochila —, esperando que ela percebesse e jogasse um lápis nele.

Algumas vezes era impossível acreditar que sua vida tinha sido tão comum.

— Ei — chamou Isabelle, cutucando-a. — Você está bem?

— Estou bem — disse Clary. — Estou bem. Está tudo bem.

— Clary. — Ela sentiu a mão de Isabelle na sua, abrindo seus dedos lentamente. A mão dela estava úmida. Clary percebeu que estava apertando um dos grampos com tanta força que as extremidades se enterraram na palma da mão, e o sangue começou a escorrer pelo pulso. — Eu não... eu nem me lembro de ter pegado isto — disse, entorpecida.

— Eu fico com isto. — Isabelle retirou o grampo. — Você não está bem.

— Eu tenho que ficar bem — disse Clary. — Eu *tenho* que ficar. Tenho que me controlar e não desmoronar. Por minha mãe e por Luke.

Isabelle fez um barulho baixinho, evasivo. Clary estava consciente da estela da outra passando pelas costas de sua mão e do fio de sangue diminuindo. Mesmo assim, ela não sentia dor. Havia apenas a escuridão no limite da visão, a escuridão que ameaçava se fechar sempre que ela pensava nos pais. Era como se estivesse se afogando, chutando os limites da própria consciência para se manter alerta e acima da água.

Subitamente, Isabelle arfou e pulou para trás.

— O que foi? — perguntou Clary.

— Eu vi um rosto, um rosto na janela...

Clary tirou Heosphoros do cinturão e começou a cruzar o cômodo. Isabelle estava bem atrás, o chicote dourado e prateado desenrolando em sua mão. Ele estalou à frente, e a ponta se enrolou no pegador da janela, abrindo-a. Ouviu-se um gritinho, e um vulto obscuro e pequeno caiu sobre o tapete, aterrissando de quatro.

O chicote estalou de volta para a mão de Isabelle enquanto ela fitava, com um raro olhar de espanto. A sombra no chão se desenrolou e revelou um vulto diminuto, vestido de preto, o borrão de uma face pálida e um tufo de cabelo louro e comprido, liberando-se de uma trança descuidada.

— *Emma?* — disse Clary.

A parte sudoeste de Long Meadow, em Prospect Park, ficava deserta à noite. A lua, em quarto crescente, iluminava os edifícios de tijolos do Brooklyn para além do parque, o contorno de árvores nuas e o espaço aberto pelo bando na grama seca por causa do frio.

Era um círculo, com cerca de 5 metros de diâmetro, formado pelos lobisomens. Todo o bando do centro de Nova York estava lá: trinta ou quarenta lobos, jovens e velhos.

Leila, com o cabelo escuro puxado num rabo de cavalo, parada no centro do círculo, bateu palmas uma vez para chamar atenção.

— Lobos do bando — disse. — Um desafio foi feito. Rufus Hastings desafiou Bartholomew Velasquez pela antiguidade e a liderança na ausência de Luke Garroway. A substituição de Luke como líder não será discutida neste momento —. Ela juntou as mãos atrás das costas. — Bartholomew e Rufus, um passo à frente, por favor.

Morcego avançou para dentro do círculo, e, um instante depois, Rufus o acompanhou. Os dois estavam vestidos de forma inadequada: jeans, camiseta, coturnos e os braços nus, apesar do ar gélido.

— Eis as regras do desafio — anunciou Leila. — Lobo deve lutar contra lobo, sem armas, salvo dentes e garras. Porque é um desafio pela liderança, a luta será uma luta até a morte, e não até haver sangue. Quem sobreviver será o líder, e todos os outros lobos jurarão lealdade a ele hoje. Entenderam?

Morcego assentiu. Ele parecia tenso, com o queixo rígido; Rufus estava sorrindo, os braços balançando ao lado do corpo. Fez um gesto, dispensando as palavras de Leila.

— Todos nós sabemos como funciona, criança.

Ela contraiu os lábios numa linha fina.

— Então podem começar — disse ela, no entanto, ao se afastar até o círculo para ficar com os outros, murmurou "Boa sorte, Morcego" baixinho, porém alto o suficiente para que todos a ouvissem.

Rufus não parecia incomodado. Ele ainda sorria e, no momento em que Leila voltou para o círculo, junto ao bando, ele avançou.

Morcego se desviou dele. Rufus era grande e pesado; Morcego era mais leve e mais ágil. Ele girou para o lado, e por pouco as garras de Rufus não o atingiram, e retornou com um golpe no queixo que jogou a cabeça de Rufus para trás. Ele forçou sua vantagem rapidamente, dando golpes que fizeram o outro lobo cambalear; Rufus arrastou os pés quando um rosnado baixo começou nas profundezas de sua garganta.

As mãos pendiam para os lados, os dedos feito garras. Morcego girou novamente, dando um soco no ombro de Rufus no mesmo instante em que este girou e deu um golpe com a mão esquerda. Suas garras estavam totalmente estendidas, imensas e reluzindo sob a luz da lua. Parecia claro que ele as afiara de algum modo. Cada uma delas estava como uma navalha, e passaram pelo peito de Morcego, rasgando sua camisa e, com ela, a pele. O tom escarlate surgiu nas costelas de Morcego.

— Primeiro sangue — gritou Leila, e os lobos começaram a bater os pés lentamente, cada um

deles erguendo o pé esquerdo e abaixando-o numa batida regular, de tal modo que o chão parecia ecoar como um tambor.

Rufus sorriu mais uma vez e avançou em Morcego, que girou e revidou num golpe, aterrissando outro soco no queixo do oponente, fazendo-o sangrar. Rufus virou a cabeça para o lado e cuspiu vermelho na grama — e depois continuou avançando. Morcego se manteve firme; com as garras expostas agora, os olhos em fenda e amarelos. Ele uivou e deu um chute; Rufus agarrou a perna dele e a torceu, mandando Morcego para o chão. Ele se lançou atrás de Morcego, mas o outro lobisomem já havia rolado para longe, e Rufus pousou agachado no solo.

Morcego cambaleou, ficando de pé, mas era evidente que estava perdendo sangue. O sangue que escorria pelo peito encharcava o cós do jeans, e suas mãos estavam úmidas com ele. Morcego esticou as garras; Rufus se virou, recebendo o golpe no ombro, quatro cortes superficiais. Com um rosnado, agarrou o pulso de Morcego e torceu. O som de osso estalando foi alto, e Morcego arfou e recuou.

Rufus atacou. O peso dele levou Morcego ao chão, batendo sua cabeça com força contra uma raiz de árvore. Morcego ficou mole.

Os outros lobos ainda esperneavam. Alguns choramingavam abertamente, mas nenhum avançou quando Rufus sentou-se em cima de Morcego, uma das mãos prendendo-o contra a grama e a outra mão erguida, as navalhas dos dedos brilhando. Ele se preparava para dar o golpe fatal.

— Pare. — A voz de Maia soou através do parque. Os outros lobos ergueram o olhar, em choque. Rufus sorriu.

— Ei, garotinha — disse ele.

Maia não se mexeu. Estava no meio do círculo. De alguma forma, tinha passado pela fila de lobos sem que percebessem. Vestia calça de veludo e uma jaqueta jeans, e o cabelo estava bem puxado para trás. Sua expressão era severa, quase impassível.

— Quero lançar um desafio — disse ela.

— Maia — começou Leila. — Você conhece a lei! "Quando lutares com um lobo da alcateia, deves enfrentá-lo apartado do grupo e sozinho, para que outros não tomem parte na disputa, nem o bando seja diminuído pela guerra." Você não pode interromper a batalha.

— Rufus está prestes a dar o golpe fatal — disse Maia sem emoção. — Você realmente acredita que preciso aguardar estes cinco minutos antes de lançar meu desafio? Vou lançá-lo, se Rufus tiver muito medo de lutar comigo enquanto Morcego ainda estiver respirando...

Rufus saiu de cima do corpo amolecido de Morcego com um rugido e avançou na direção de Maia. A voz de Leila se ergueu em pânico:

— Maia, saia daqui! Quando há o primeiro sinal de sangue, não podemos parar a luta...

Rufus partiu para cima de Maia. Suas garras rasgaram a lateral da jaqueta dela; Maia caiu de

joelhos e rolou, daí se ergueu, ainda de joelhos, com as garras eretas. O coração dela batia forte contra o peito e enviava onda após onda de sangue quente e gelado pelas veias. Ela sentia o ardor do corte no ombro. *Primeiro sangue*.

Os lobisomens começaram a espernear novamente, embora dessa vez não houvesse silêncio. Havia murmúrios e arfares nas fileiras. Maia fez o possível para bloquear e ignorar o barulho. Ela viu Rufus dar um passo em sua direção. Ele era uma sombra delineada pela lua, e, nesse momento, ela via não apenas Rufus, mas também Sebastian, agigantando-se sobre ela na praia, um príncipe frio, entalhado em gelo e sangue.

Seu namorado está morto.

O punho dela estava contra o solo. Quando Rufus se lançou em cima dela, com as garras de navalha esticadas, Maia se ergueu e jogou um punhado de terra e grama em seu rosto.

Ele cambaleou para trás, engasgando e cego. Maia avançou e chutou o pé de Rufus; ela percebeu os ossinhos se quebrando e ouviu o grito dele. Naquele momento, quando ele estava distraído, ela enfiou as garras nos olhos dele.

Um grito rasgou sua garganta, interrompido rapidamente. Ele caiu para trás e desabou sobre a grama com uma pancada que a fez pensar numa árvore caindo. Ela baixou os olhos para a mão. Estava coberta com sangue e manchas de líquido: massa encefálica e humor vítreo.

Ela caiu de joelhos e vomitou na grama. As garras se retraíram, e ela limpou as mãos no chão, repetidas vezes, enquanto seu estômago se contraía. A mão de alguém lhe tocou as costas, e Maia ergueu o olhar, flagrando Leila inclinada bem pertinho.

— Maia — disse ela delicadamente, a voz abafada pelo bando entoando o nome de sua nova líder: "Maia, Maia, Maia."

Os olhos de Leila estavam sombrios e preocupados. Maia se pôs de pé, limpando a boca na manga da jaqueta, e correu pela grama até Morcego. Ela se agachou ao lado dele e lhe tocou o rosto com a mão.

— Morcego? — chamou ela.

Com um esforço, ele abriu os olhos. Havia sangue na boca, mas ele respirava normalmente. Maia imaginou que ele já estivesse se recuperando dos golpes de Rufus.

— Eu não sabia que você lutava sujo — disse ele, com um meio-sorriso.

Maia pensou em Sebastian e em seu sorriso reluzente, e nos corpos na praia. Pensou no que Lily lhe dissera. Pensou nos Caçadores de Sombras atrás das barreiras e na fragilidade dos Acordos e do Conselho. *Vai ser uma guerra suja*, pensou, e não foi isso que ela falou em voz alta:

— Eu não sabia que seu nome era Bartholomew. — Ela ergueu a mão dele, segurando-a em sua mão ensanguentada. Ao redor deles, o bando ainda entoava: "Maia, Maia, Maia."

Ele fechou os olhos.

— Todo mundo tem segredos.

— Quase não parece fazer diferença — disse Jace, sentado no banco de janela no quarto dele e de Alec, no sótão. — Tudo parece uma prisão.

— Você acha que isto é um efeito colateral por haver guardas armados por toda a casa? — sugeriu Simon. — Quero dizer, é só uma ideia.

Jace lançou um olhar irritado a ele.

— Qual é o problema com os mundanos e sua compulsão incontrolável de afirmar o óbvio? — perguntou Jace. Ele se inclinou para a frente, fitando através dos painéis da janela. Talvez Simon estivesse exagerando um pouco, mas só um pouco. Os vultos escuros de pé nos pontos cardeais ao redor da casa do Inquisidor talvez fossem invisíveis para olhos não treinados, mas não para Jace.

— Não sou um mundano — afirmou Simon, com frieza na voz. — E quanto aos Caçadores de Sombras e sua compulsão incontrolável de morrer e matar todos com quem se importam?

— Pare de discutir. — Alec estava encostado na parede, na clássica pose de pensador, o queixo na mão. — Os guardas estão ali para nos proteger, não para nos manter aqui dentro. Coloquem as coisas em perspectiva.

— Alec, você me conhece há sete anos — disse Jace. — Quando foi que já coloquei as coisas em perspectiva?

Alec fez uma careta para o amigo.

— Você ainda está com raiva porque quebrei seu telefone? — perguntou Jace. — Porque você quebrou meu pulso, então, eu diria que estamos empatados.

— Eu torci seu pulso — retrucou Alec. — Não quebrei. *Torci*.

— Agora quem está discutindo? — provocou Simon.

— Não fale. — Alec fez um gesto para ele com uma expressão de nojo vago. — Sempre que olho para você, eu me lembro de ter flagrado você agarrando minha irmã.

Jace sentou ereto.

— Eu não sabia dessa história.

— Ah, deixe disso... — falou Simon.

— Simon, você está ficando vermelho — observou Jace. — E você é um vampiro e quase nunca fica vermelho, então é melhor que isso seja picante de verdade. E estranho. Isso envolvia alguma bizarrice com bicicletas? Aspiradores de pó? Guarda-chuvas?

— Guarda-chuvas dos grandes ou aqueles pequenos que vêm enfeitando o copo de bebida? — perguntou Alec.

— *Importa...?* — começou Jace, e então parou quando Clary entrou no quarto com Isabelle, segurando uma garotinha pela mão.

Depois de um momento de silêncio chocado, Jace a reconheceu: Emma, a garota a quem

Clary tinha consolado depois de fugir da reunião do Conselho. A menina que tinha olhado para ele com admiração mal disfarçada por um herói. Não que ele se *importasse* com a admiração, mas era um pouco estranho ver uma criança subitamente jogada no meio de uma conversa que, sendo muito sincero, estava começando a ficar excêntrica.

— Clary — disse ele. — Você sequestrou Emma Carstairs?

Clary deu uma olhadela exasperada para ele.

— Não. Ela chegou aqui sozinha.

— Entrei por uma das janelas — revelou Emma. — Como em *Peter Pan*.

Alec esboçou um protesto. Clary ergueu a mão livre para impedi-lo; a outra mão estava no ombro de Emma.

— Pessoal, quietos só por um segundo, está bem? — pediu Clary. — Sei que ela não devia estar aqui, mas veio por uma razão. Ela tem informações.

— Isso mesmo — disse Emma em voz baixa, determinada. Na verdade, ela era um pouco mais baixa que Clary, mas daí Clary era minúscula. Um dia Emma provavelmente seria alta. Jace tentou se lembrar do pai da menina, John Carstairs; ele tinha certeza de que o vira em reuniões do Conselho, e tinha quase certeza de que se lembrava do sujeito alto e louro. Ou será que o cabelo era escuro? Ele se recordava dos Blackthorn, óbvio, mas os Carstairs haviam se apagado de sua memória.

Clary devolveu o olhar severo com outro que dizia: *Seja bonzinho*. Jace fechou a boca. Ele não sabia muito bem se gostava de crianças, embora sempre tivesse gostado de brincar com Max, o qual era surpreendentemente adepto de estratégias para um garotinho, e Jace sempre gostava de fazer quebra-cabeças para ele solucionar. O fato de o menino venerar o chão que Jace pisava também não era nada mau.

Jace pensou no soldado de madeira que tinha dado a Max e fechou os olhos por causa da dor repentina. Quando voltou a abrir os olhos, Emma o estava encarando. Não do modo como o olhara quando ele a encontrara com Clary no Gard, aquele olhar assustado, meio impressionado, meio apavorado, do tipo *Você é Jace Lightwood*, mas sim com um pouco de preocupação. Na verdade, toda a postura dela era uma mistura de medo evidente e confiança de que Jace sabia que ela estava fingindo. Os pais dela estavam mortos, pensou ele, tinham morrido há poucos dias. E ele se lembrou da época, sete anos antes, quando enfrentou os Lightwood, sabendo em seu coração que seu pai havia acabado de morrer, com o travo amargo da palavra "órfão" em seus ouvidos.

— Emma — disse ele, com a maior delicadeza possível. — Como você entrou pela janela?

— Eu subi pelos telhados — confirmou ela, e apontou para a janela. — Não foi tão difícil assim. Lucarnas são quase como quartos, então eu subi na primeira e... era o quarto de Clary. — Ela deu de ombros, como se seu feito não fosse arriscado nem impressionante.

— Era a minha, na verdade — disse Isabelle, que olhava para Emma como se ela fosse um espécime fascinante. Isabelle sentou-se no baú aos pés da cama de Alec, esticando as pernas compridas. — Clary mora na casa de Luke.

Emma parecia confusa.

— Eu não sei onde fica isso. E todo mundo disse que você estava ficando aqui. Foi por isso que vim.

Alec baixou os olhos para Emma, metade de seu olhar continha carinho, e metade, a preocupação de um irmão muito mais velho.

— Não tenha medo — começou ele.

— Eu *não* tenho medo — rebateu Emma. — Eu vim porque vocês precisam de ajuda.

Jace sentiu a boca repuxar involuntariamente no canto.

— Que tipo de ajuda? — perguntou ele.

— Eu reconheci aquele homem hoje — disse ela. — Aquele que ameaçou a Consulesa. Ele veio com Sebastian e atacou o Instituto. — Ela engoliu em seco. — Aquele lugar no qual ele disse que todos íamos queimar, Edom...

— É outro nome para "Inferno" — explicou Alec. — Não é um lugar real, você não precisa se preocupar...

— Ela não está preocupada, Alec — disse Clary. — Apenas ouça com atenção.

— *É* um lugar — afirmou Emma. — Quando eles atacaram o Instituto, eu ouvi. Ouvi um deles dizendo que poderiam levar Mark para Edom e sacrificá-lo ali. E, quando nós escapamos pelo Portal, ouvi a mulher gritando atrás de nós que íamos queimar em Edom, que não havia fuga real. — A voz estremeceu. — Pelo modo como eles falavam de Edom, sei que era um lugar real ou um lugar real para eles.

— Edom — disse Clary, recordando-se. — Valentim chamou Lilith de alguma coisa assim; ele a chamou de "Milady de Edom".

Os olhos de Alec se fixaram nos de Jace. Alec meneou a cabeça e saiu do quarto sem fazer barulho. Jace sentiu seus ombros relaxando levemente; em meio ao clamor geral, era bom ter um *parabatai* ciente do que você estava pensando sem que houvesse a necessidade de verbalizar.

— Você contou sobre isso a mais alguém?

Emma hesitou e então balançou a cabeça.

— Por que não? — perguntou Simon, que tinha ficado quieto até então. Emma olhou para ele e piscou; tinha apenas 12 anos, pensou Jace, e provavelmente mal vira integrantes do Submundo tão de perto antes. — Por que não contou à Clave?

— Porque eu não confio na Clave — respondeu Emma em voz baixa. — Mas eu confio em vocês.

Clary engoliu em seco visivelmente.

— Emma...

— Quando chegamos aqui, a Clave interrogou a todos nós, em especial Jules, e eles usaram a Espada Mortal para ter certeza de que não estávamos mentindo. Ela causa dor, mas eles não deram a mínima para isso. Usaram em Ty e em Livvy. Usaram em Dru. — Emma parecia ultrajada. — Provavelmente teriam usado em Tavvy se ele soubesse falar. E ela causa dor. A Espada Mortal causa dor.

— Eu sei — disse Clary, baixinho.

— Ficamos com os Penhallow — explicou Emma. — Por causa de Aline e Helen, e porque a Clave quer ficar de olho na gente. Por causa do que eu vi. Eu estava no primeiro andar quando eles voltaram do funeral e ouvi a conversa, por isso... por isso me escondi. Um grupo inteiro deles, não apenas Patrick e Jia, mas um monte de outros líderes do Instituto também. Eles estavam conversando sobre o que deveriam fazer, sobre o que a Clave deveria fazer, se deveriam entregar Jace e Clary para Sebastian, como se fosse escolha deles. Uma decisão deles. Mas eu pensei que a decisão devia ser de vocês. Alguns deles disseram que não tinha importância se vocês queriam ir ou não...

Simon estava de pé.

— Mas Jace e Clary se ofereceram para ir, praticamente imploraram para ir...

— Nós teríamos contado a verdade a eles. — Emma afastou o cabelo embaraçado do rosto. Os olhos dela eram enormes, castanhos com toques de ouro e âmbar. — Eles não precisavam usar a Espada Mortal, nós teríamos contado a verdade ao Conselho, mas eles a usaram mesmo assim. Usaram em Jules até as mãos dele... as mãos dele ficarem queimadas por causa dela. — A voz de Emma estremeceu. — Então pensei que vocês deviam saber o que eles estavam dizendo. Não querem que vocês saibam que não é escolha de vocês, porque sabem que Clary pode criar Portais. Sabem que ela pode sair daqui e, se ela escapar, acham que não haverá mais jeito de barganhar com Sebastian.

A porta se abriu, e Alec voltou para o quarto, trazendo um livro encadernado em couro marrom. Ele o segurava de tal maneira que encobria o título, mas seus olhos encontraram os de Jace, e ele meneou a cabeça levemente, depois deu uma olhadela em Emma. Os batimentos cardíacos de Jace aceleraram; Alec tinha encontrado alguma coisa. Alguma coisa da qual não tinha gostado, a julgar pela expressão sombria, mas, de qualquer forma, era alguma coisa.

— Será que os representantes da Clave que você ouviu escondida deram alguma noção de quando iam decidir o que fazer? — perguntou Jace a Emma, em parte para distraí-la, enquanto Alec sentava na cama e deslizava o livro para trás de si.

Emma balançou a cabeça.

— Eles ainda estavam discutindo quando saí. Engatinhei até a janela do andar de cima. Jules me disse para não fazer isso porque eu ia morrer, mas sabia que não ia porque sou uma boa

escaladora — acrescentou ela, com uma pontinha de orgulho. — E ele se preocupa demais.

— É bom ter pessoas que se preocupam com você — disse Alec. — Significa que se importam. É assim que você fica sabendo que são bons amigos.

O olhar de Emma foi de Alec para Jace, curioso.

— Você se preocupa com ele? — perguntou ela a Alec, fazendo-o gargalhar de surpresa.

— O tempo todo — disse ele. — Jace poderia acabar se matando ao vestir a calça de manhã. Ser o *parabatai* dele é trabalho em tempo integral.

— Eu queria ter um *parabatai* — comentou Emma. — É como alguém da sua família, mas porque quer ser, e não porque é obrigado a ser. — Ela corou, subitamente constrangida. — De qualquer forma, não acho que alguém devesse ser punido por salvar as pessoas.

— É por isso que você confia na gente? — perguntou Clary, emocionada. — Você acha que salvamos as pessoas?

Emma cutucou o carpete com a ponta das botas. Então ergueu o olhar.

— Eu sabia sobre você — disse Emma para Jace, corando. — Tipo, *todo mundo* sabe sobre você. Que era filho de Valentim, mas que depois não era mais, que era Jonathan Herondale. E eu não acho que isso tenha significado alguma coisa para a maioria das pessoas... Muitas chamam você de Jace Lightwood... Mas fez diferença para meu pai. Ouvimos ele dizer para mamãe que achava que os Herondale não existissem mais, que a família estivesse morta, mas que você era o último deles, e ele votou na reunião do Conselho para a Clave continuar a cuidar de você porque, nas palavras dele "Os Carstairs têm uma dívida com os Herondale".

— Por quê? — perguntou Alec. — O que os Carstairs devem aos Herondale?

— Sei lá — retrucou Emma. — Mas vim porque meu pai ia querer que eu viesse, mesmo que fosse perigoso.

Jace abafou uma risada baixinha.

— Algo me diz que você não dá a mínima para o perigo. — Ele se agachou, os olhos na mesma altura dos de Emma. — Tem mais alguma coisa que você possa contar? Alguma outra coisa mais que eles disseram?

A menina balançou a cabeça.

— Eles não sabem onde Sebastian está. Não sabem sobre essa história de Edom... Eu até mencionei quando estava segurando a Espada Mortal, mas acho que simplesmente pensaram ser outra palavra para "Inferno". Eles nunca me perguntaram se era um lugar real, por isso não falei.

— Obrigado por nos contar. É uma ajuda. Uma ajuda imensa. Você deve ir embora agora — acrescentou ele, o mais gentilmente possível —, antes que percebam que você saiu. Mas a partir de agora os Herondale têm uma dívida com os Carstairs. Certo? Lembre-se disso.

Jace se levantou quando Emma se virou para Clary, que acenou com a cabeça e a conduziu até a janela onde Jace estivera sentado mais cedo. Clary se inclinou e abraçou a garotinha antes de

esticar a mão e destravar a janela. Emma subiu com a agilidade de um macaco. Ela se pendurou até somente as botas ficarem visíveis, e, um instante depois, elas também se foram. Jace ouviu um leve barulho de raspagem acima, enquanto ela se lançava pelo telhado, e depois silêncio.

— Eu gosto dela — disse Isabelle por fim. — Ela meio que me lembra Jace quando ele era pequeno, teimoso e agia como se fosse imortal.

— Duas dessas características ainda valem — falou Clary, travando a janela. Ela sentou-se no banco de janela. — Acho que a grande pergunta é: devemos contar a Jia ou a outra pessoa do Conselho o que Emma nos revelou?

— Isso depende — falou Jace. — Jia tem que se submeter às vontades da Clave; ela mesma disse isso. — Se decidirem que querem nos jogar numa jaula até Sebastian vir nos buscar... bem, isso elimina qualquer vantagem que essa informação poderia nos dar.

— Então depende se a informação é ou não realmente útil — disse Simon.

— Certo — confirmou Jace. — Alec, o que você descobriu?

Alec retirou o livro de trás de si. Era uma *encyclopedia daemonica*, o tipo de livro que toda biblioteca de Caçadores de Sombras teria.

— Pensei que Edom pudesse ser um nome para um dos reinos demoníacos...

— Bem, todos têm teorizado que Sebastian poderia estar numa dimensão diferente, pois ele não pode ser rastreado — disse Isabelle. — Mas as dimensões demoníacas... há milhões delas, e as pessoas não podem simplesmente ir lá.

— Umas são mais conhecidas que outras — afirmou Alec. — A Bíblia e os textos de Enoque mencionam algumas, disfarçadas e incluídas, claro, em histórias e mitos. Edom é mencionado como um local desolado... — Ele leu em voz alta, a voz controlada: — *E os rios de Edom se transformarão em betume, e o solo, em enxofre; a terra se transformará em betume ardente. Noite e dia, ele não se apagará; sua fumaça subirá para sempre. De geração em geração, permanecerá desolado; ninguém passará por ele para todo o sempre*. — Ele suspirou. — E, claro, tem as lendas sobre Lilith e Edom, que ela foi banida dali, que governa o local com o demônio Asmodeus. Provavelmente foi por isso que os Crepusculares falaram em sacrificar Mark Blackthorn a ela em Edom.

— Lilith protege Sebastian — disse Clary. — Se ele estivesse indo para um reino demoníaco, iria para o dela.

— *Ninguém passará por ele para todo o sempre* não parece muito encorajador — comentou Jace. — Além disso, não há meio de entrar nos reinos demoníacos. Viajar para lá e para cá neste mundo é uma coisa...

— Ora, há um meio, acho — disse Alec. — Uma trilha que os Nephilim não podem fechar porque fica fora da jurisdição de nossas Leis. É antiga, mais antiga que os Caçadores de Sombras... magia antiga e primitiva. — Ele suspirou. — Fica na Corte Seelie e é protegida pelo

Povo das Fadas. Nenhum ser humano pôs os pés naquela trilha em mais de cem anos.

13

Calcado em Boas Intenções

Jace caminhava pelo quarto feito um gato. Os outros o observavam, Simon com uma sobrancelha arqueada.

— Não tem outro jeito de chegar lá? — perguntou Jace. — Não podemos tentar um Portal?

— Não somos demônios. Só podemos atravessar um Portal no interior de uma dimensão — explicou Alec.

— Eu sei, mas se Clary experimentasse com os símbolos do Portal...

— Não vou fazer isso — interrompeu Clary, colocando a mão protetoramente sobre o bolso onde a estela se encontrava. — Não vou colocar vocês todos em perigo. Eu mesma passei pelo Portal com Luke para Idris e quase nos matei. Não vou arriscar.

Jace ainda caminhava. Era o que ele fazia quando estava pensando. Clary sabia disso, mas o observava com preocupação mesmo assim. Ele fechava e abria as mãos, e murmurava. Finalmente, ele parou.

— Clary — disse. — Você pode criar um Portal para a Corte Seelie, certo?

— Sim — respondeu ela. — Isso eu poderia fazer... Já estive lá e me lembro. Mas será que estaríamos seguros? Nós não fomos convidados, e o Povo das Fadas não gosta de incursões em seu território...

— Não tem "nós" — falou Jace. — Nenhum de vocês vai. Vou fazer isso sozinho.

Alec ficou de pé com um salto.

— Eu sabia, eu sabia, meleca, e absolutamente não. Sem chance.

Jace arqueou uma das sobrancelhas para Alec; aparentemente ele estava calmo, mas Clary notava a tensão nos ombros e no modo como ele oscilava devagar para a frente, apoiado nos calcanhares.

— Desde quando você fala "meleca"?

— Desde quando a situação é uma *meleca*. — Alec cruzou os braços. — E pensei que fôssemos discutir se contaríamos à Clave.

— Não podemos fazer isso — observou Jace. — Não se vamos chegar aos domínios demoníacos através da Corte Seelie. Não é como se metade da Clave pudesse simplesmente invadir a Corte; isso pareceria uma declaração de guerra contra o Povo das Fadas.

— E se formos apenas nós cinco, podemos falar umas palavras bonitas e convencê-los a nos deixar passar? — Isabelle ergueu uma sobrancelha.

— Nós já negociamos com a Rainha — disse Jace. — Você foi atrás da Rainha quando eu...

quando Sebastian estava comigo.

— E ela nos enganou para levarmos os anéis de comunicação para que ela pudesse escutar tudo — emendou Simon. — Eu acredito nela tanto quanto na minha capacidade de erguer um elefante de tamanho médio.

— Eu não falei em confiar nela. A Rainha fará qualquer coisa que seja de seu interesse no momento. Só temos que fazê-la se interessar pelo nosso acesso à estrada para Edom.

— Ainda somos Caçadores de Sombras — disse Alec —, ainda somos representantes da Clave. Não importa o que a gente faça no reino das fadas, os Caçadores responderão por isso.

— Então usaremos tato e inteligência — insistiu Jace. — Olhe, eu adoraria fazer a Clave lidar com a Rainha e a corte por nós. Mas não temos tempo. Eles, Luke e Jocelyn, Magnus e Raphael, não têm tempo. Sebastian está se preparando para entrar em ação; está acelerando seus planos, sua sede de sangue. Você não sabe como ele é quando fica assim, mas eu sei. Eu *sei*. — Ele recuperou o fôlego; havia uma cortina fina de suor nas maçãs do rosto. — Por isso quero fazer isso sozinho. Irmão Zachariah me disse: Eu *sou* o fogo celestial. Não vamos conseguir outra Gloriosa. Não podemos exatamente convocar outro anjo. Já jogamos essa carta.

— Ótimo — rebateu Clary —, mas mesmo que você seja a única fonte do fogo celestial, não significa que tenha que fazer isso sozinho.

— Ela tem razão — disse Alec. — Nós sabemos que o fogo celestial pode ferir Sebastian. Mas não sabemos se é a única coisa capaz de feri-lo.

— E isso definitivamente não quer dizer que você seja a única pessoa capaz de matar todos os Crepusculares que Sebastian tiver ao redor dele — observou Clary. — Ou que você possa passar sozinho e em segurança pela Corte Seelie ou, depois disso, por algum reino demoníaco abandonado onde você tenha que *encontrar* Sebastian...

— Não podemos rastreá-lo porque não estamos na mesma dimensão — disse Jace. Ele ergueu o pulso onde a pulseira de Sebastian brilhava. — Assim que eu estiver no mundo dele, posso rastreá-lo. Já fiz isso antes...

— *Nós* podemos rastreá-lo — retrucou Clary. — Jace, há mais coisas além de simplesmente encontrá-lo; isso é imenso, maior que qualquer coisa que já fizemos. Não é apenas matar Sebastian; tem a ver com os prisioneiros. É uma missão de resgate. É a vida deles, bem como a nossa. — A voz dela falhou.

Jace fez uma pausa nas passadas pelo quarto; olhou para os amigos, um a um, quase implorando.

— Eu só não quero que algo aconteça a vocês.

— É, eu sei, nenhum de nós quer que algo aconteça a nós também — disse Simon. — Mas pense bem: o que acontece se você for e nós ficarmos? Sebastian quer Clary, mais ainda do que quer você, e ele é capaz de encontrá-la aqui em Alicante. Nada o impede de vir aqui, salvo uma

promessa de que vai esperar dois dias. E de que valem as promessas dele? Sebastian poderia vir atrás de nós a qualquer momento; ele demonstrou isso com os representantes do Submundo. Estamos sem ação aqui. Melhor irmos a algum lugar onde ele não imagina que iremos, ou onde não esteja procurando por nós.

— Não vou ficar parado aqui em Alicante enquanto Magnus está em perigo — falou Alec, com uma voz surpreendentemente adulta e fria. — Se você for sem mim, desrespeitará nossos juramentos de *parabatai*, me desrespeitará como Caçador de Sombras, além do fato de que esta também é minha batalha.

Jace ficou chocado.

— Alec, eu nunca desrespeitaria nossos juramentos. Você é um dos melhores Caçadores de Sombras que conheço...

— E é por isso que vamos com você — disse Isabelle. — Você *precisa* da gente. Precisa de mim e de Alec para te ajudar, do modo como sempre fizemos. Precisa dos poderes dos símbolos de Clary e da força de vampiro de Simon. Essa luta não é só sua. Se nos respeita como Caçadores de Sombras e como seus amigos, a todos nós, então iremos com você. Simples assim.

— Eu sei — concordou Jace, em voz baixa. — Sei que preciso de vocês.

Jace olhou para Clary, e ela ouviu a voz de Isabelle dizendo *você precisa dos poderes dos símbolos de Clary*, então se lembrou da primeira vez em que o viu, com Alec e Isabelle de cada lado, e de como achou que ele parecia perigoso.

Nunca lhe ocorreu que ela era como ele — que ela também era perigosa.

— Obrigado — disse ele, e pigarreou. — Certo. Pessoal, vistam os uniformes e peguem as bolsas. Arrumem as coisas para uma viagem por terra: água, toda comida que conseguirem carregar, estelas extras, cobertores. E você — acrescentou, se dirigindo a Simon —, pode até não precisar de comida, mas se tiver uma garrafa com sangue, leve. Pode não haver nada que você possa... consumir onde vamos.

— Sempre tem vocês quatro — respondeu Simon, mas esboçou um sorriso, e Clary soube que era porque Jace o incluíra entre eles sem hesitar um segundo. Finalmente, Jace tinha aceitado que, aonde quer que fossem, Simon iria também, sendo ou não um Caçador de Sombras.

— Muito bem — disse Alec. — Vamos nos encontrar aqui em dez minutos. Clary, prepare-se para criar um Portal. E Jace...

— Sim?

— É bom você ter uma estratégia para quando chegarmos à Corte das Fadas. Porque vamos precisar de uma.

O turbilhão no interior do Portal foi quase um alívio. Clary foi a última a passar pela entrada reluzente, depois de os outros quatro avançarem, e permitiu que a escuridão fria a levasse como

água, puxando cada vez mais para baixo, roubando o ar de seus pulmões e fazendo-a se esquecer de tudo, menos do clamor e da queda.

Acabou rápido demais, o aperto do Portal soltando-a para a queda brusca, a mochila rodopiando debaixo dela, no chão de terra batida de um túnel. Ela prendeu o fôlego e rolou para o lado, usando uma raiz pendente e comprida para se endireitar. Alec, Isabelle, Jace e Simon estavam se levantando ao redor, espanando as roupas com mãos. Eles não tinham caído na terra, ela percebeu, mas num tapete de musgo. Mais musgo se espalhava ao longo das paredes lisas e marrons do túnel, no entanto ele reluzia com luz fosforescente. Pequenas flores brilhantes, como margaridas elétricas, cresciam entre o musgo e sarapintavam o verde de branco. Raízes serpenteantes pendiam do teto do túnel e faziam Clary se perguntar o que exatamente estava crescendo acima do solo. Vários túneis menores se ramificavam a partir do principal, alguns pequenos demais para comportar uma figura humana.

Isabelle tirou um pedaço de musgo do cabelo e franziu a testa.

— Onde exatamente nós estamos?

— Eu mirei para chegarmos diante da sala do trono — disse Clary. — Já estivemos aqui. Mas sempre parece diferente.

Jace já tinha seguido pelo corredor principal. Mesmo sem o símbolo de Silêncio, ele estava quieto como um gato no musgo fofo. Os outros o acompanhavam, Clary com a mão no cabo da espada. Estava meio surpresa pelo pouco tempo que levara para se acostumar a uma arma pairando na lateral de seu corpo; caso ela esticasse a mão em busca de Heosphoros e não a encontrasse ali, pensou, entraria em pânico.

— Aqui — murmurou Jace, e fez um gesto para o restante do grupo ficar calado. Eles estavam na arcada, uma cortina os separava de uma sala maior, mais além. Da última vez em que Clary estivera ali, a cortina era feita de borboletas vivas, e seus esforços no bater de asas a faziam farfalhar.

Hoje eram espinhos, espinhos como os que circundavam o castelo da Bela Adormecida, espinhos entrelaçados um ao outro de tal modo que formavam uma divisória que pendia do alto. Clary captava alguns lampejos do cômodo além — um brilho branco e prata —, mas todos ouviam o som de risadas, vindo dos corredores ao redor.

Os símbolos de Feitiço não funcionavam com o Povo das Fadas; não havia meio de se esconder da vista deles. Jace estava alerta, o corpo tenso. Cuidadosamente, ele ergueu a adaga e abriu a divisória de espinhos do modo mais silencioso possível. Todo o grupo se inclinou, observando.

O cômodo além deles era uma terra invernal de contos de fadas, do tipo que Clary raramente via, a não ser nas visitas ao sítio de Luke. As paredes eram divisórias de cristal branco, e a Rainha estava reclinada no divã, que também era de cristal branco para combinar, riscado com veias

prateadas na rocha. O chão estava coberto com neve, e o teto parecia repleto de estalactites compridas, todas amarradas com cordas de espinhos dourados e prateados. Havia pilhas de rosas brancas ao redor do cômodo, espalhadas aos pés do divã da Rainha, além de algumas entrelaçadas nos cabelos ruivos, como uma coroa. O vestido também era branco e prateado, tão diáfano quanto uma placa de gelo; dava para entrever o corpo dela, mas não claramente. Gelo, rosas e a Rainha. O efeito era ofuscante. Ela estava jogada no divã, com a cabeça inclinada, falando com um cavaleiro fada com armadura pesada. A armadura era marrom-escura, da cor de um tronco de árvore; um dos olhos era preto, o outro azul-claro, quase branco. Por um momento, Clary pensou que ele tivesse uma cabeça de cervo enfiada sob o braço imenso, mas ao olhar com atenção percebeu que era um capacete decorado com chifres.

— E como foi a Caçada Selvagem, Gwyn? — perguntou a Rainha. — Os Coletores dos Mortos? Imagino que os despojos tenham sido ótimos para vocês na Cidadela Adamant na outra noite. Ouvi dizer que os uivos dos Nephilim rasgavam o céu enquanto eles morriam.

Clary sentiu a tensão dos outros Caçadores de Sombras. Ela se lembrava de ter ficado deitada ao lado de Jace num barco em Veneza, observando a Caçada Selvagem acima deles; um turbilhão de gritos e comandos de batalha, cavalos cujos cascos brilhavam em escarlate, martelando pelo céu.

— Assim ouvi dizer, milady — disse Gwyn, com uma voz tão rouca que mal se podia compreender. A criatura soava como uma lâmina arranhando a casca áspera de uma árvore. — A Caçada Selvagem vem quando os corvos do campo de batalha grasnam e pedem o sangue: nós recolhemos nossos cavaleiros entre os mortos. Mas não estávamos na Cidadela Adamant. Os jogos de guerra dos Nephilim e dos Crepusculares são intensos demais para nosso sangue. O Povo das Fadas não combina muito bem com demônios e anjos.

— Você me decepciona, Gwyn — comentou a Rainha, com um muxoxo. — Este é um momento de poder para o Povo das Fadas; vencemos, nos erguemos, chegamos ao mundo. Pertencemos aos tabuleiros do poder, tanto quanto os Nephilim. Eu esperava seu conselho.

— Perdoe-me, milady — respondeu Gwyn. — Xadrez é um jogo delicado demais para nós. Não posso aconselhá-la.

— Mas eu lhe dei um presente. — A Rainha afundou no divã. — O garoto Blackthorn. A combinação de sangue de Caçador de Sombras e de fadas; é raro. Ele vai cavalgar às suas costas, e os demônios o temerão. Um presente meu e de Sebastian.

Sebastian. Ela falou o nome muito à vontade, com familiaridade. Havia carinho na voz dela, se é que se podia dizer que a Rainha das Fadas era carinhosa. Clary ouvia a respiração de Jace ao lado: forte e rápida; os outros ficaram tensos também, o pânico suplantando a compreensão no rosto de todos conforme assimilavam as palavras da Rainha.

Clary sentiu Heosphoros cada vez mais fria em sua mão. *Uma trilha aos domínios demoníacos*

que conduz através das terras das fadas. A terra rachando e se abrindo aos pés de Sebastian, que contava vantagem e dizia que tinha aliados.

A Rainha e Sebastian oferecendo o presente de uma criança Nephilim capturada. Juntos.

— Os demônios já têm medo de mim, bela dama — disse Gwyn, e sorriu.

Bela dama. O sangue nas veias de Clary era um rio congelado, descendo até o coração. Ao baixar o olhar, ela viu Simon se reposicionando e cobrindo a mão de Isabelle com a dele, um gesto breve para oferecer conforto; Isabelle estava pálida e parecia doente, assim como Jace e Alec. Simon engoliu em seco; o anel de ouro no dedo brilhou, e ela ouviu a voz de Sebastian em sua mente:

Realmente acha que ela deixaria que você pusesse as mãos em alguma coisa que permitisse que se comunicasse com seus amiguinhos sem que ela conseguisse ouvir? Desde que o tirei de você, falei com ela, ela falou comigo, você foi uma tola em confiar nela, irmãzinha. Ela gosta de ficar do lado vencedor, a Rainha Seelie. E esse lado será o nosso, Clary. Nosso.

— Você me deve um favor então, Gwyn, em troca do garoto — disse a Rainha. — Sei que a Caçada Selvagem segue as próprias leis, mas solicito sua presença na próxima batalha.

Gwyn franziu a testa.

— Não tenho certeza se um garoto vale uma promessa com tantas consequências. Como falei, a Caçada tem pouco desejo de se envolver nessa história dos Nephilim.

— Você não precisa lutar — disse a Rainha, com uma voz delicada. — Eu pediria apenas sua ajuda com os corpos posteriormente. E haverá corpos. Os Nephilim pagarão por seus crimes, Gwyn. Todos devem pagar.

Antes que Gwyn pudesse responder, outra figura entrou no cômodo, vindo do túnel escuro que fazia uma curva atrás do trono da Rainha. Era Meliorn, em sua armadura branca, com o cabelo preto em uma trança que descia pelas costas. As botas tinham uma crosta do que parecia piche preto. Ele franziu a testa ao avistar Gwyn.

— Um Caçador nunca traz boas notícias — disse ele.

— Acalme-se, Meliorn — disse a Rainha. — Gwyn e eu estamos apenas discutindo uma troca de favores.

Meliorn inclinou a cabeça.

— Trago notícias, milady, mas gostaria de lhe falar em particular.

Ela se virou para Gwyn.

— Estamos de acordo?

Gwyn hesitou, então assentiu brevemente e, com um olhar de desagrado para Meliorn, desapareceu pelo túnel escuro do qual o cavaleiro fada viera.

A Rainha deslizou no divã, os dedos pálidos feito mármore contra o vestido.

— Muito bem, Meliorn. Sobre o que você queria falar? São notícias dos prisioneiros do

Submundo?

Os prisioneiros do Submundo. Clary ouviu Alec inspirar com força atrás de si, e a cabeça de Meliorn virar para o lado. Ela notou que ele semicerrou os olhos.

— Se não estou enganado — disse ele, esticando a mão para pegar a espada —, milady, temos visitantes...

Jace já estava deslizando a mão para o lado, murmurando "*Gabriel*". A lâmina serafim ardeu, e Isabelle ficou de pé de um salto, estalando o chicote para a frente e partindo a cortina de espinhos, que desmoronou ruidosamente no chão.

Jace passou correndo pelos espinhos e avançou para a sala do trono, Gabriel ardendo em sua mão. Clary empunhou sua espada.

Eles invadiram a sala e se organizaram num semicírculo: Alec com o arco já de prontidão, Isabelle com o chicote reluzindo e Clary com a espada, além de Simon — Simon não tinha arma melhor que ele mesmo, mas estava parado e sorria para Meliorn, as presas reluzindo.

A Rainha se levantou com um sibilo, e se cobriu rapidamente; foi a única vez que Clary a viu nervosa.

— Como ousam entrar na Corte sem permissão? — questionou ela. — Este é o maior dos crimes, uma violação do Pacto...

— Como a senhora ousa falar em violação do Pacto! — gritou Jace, e a lâmina serafim queimou em sua mão. Clary imaginava que Jonathan Caçador de Sombras deve ter ficado com essa mesma aparência tantos séculos atrás, quando conduziu os demônios de volta e salvou um mundo inocente da destruição. — Você, que assassinou e mentiu, e prendeu os membros do Conselho do Submundo. Você se aliou às forças do mal e pagará por isso.

— A Rainha da Corte Seelie não paga — disse ela.

— Todos pagam — rebateu Jace, e de repente ele estava de pé no divã, acima da Rainha, a ponta da lâmina encostada na garganta dela. A Rainha recuou, porém estava acuada, Jace acima dela, os pés apoiados no divã. — Como a senhora fez isso? — perguntou ele. — Meliorn jurou que vocês estavam do lado dos Nephilim. Fadas não podem mentir. Por isso o Conselho *confiou* em vocês...

— Meliorn é metade fada. Ele pode mentir — disse a Rainha, lançando um olhar divertido a Isabelle, que parecia em choque. Só mesmo a Rainha conseguia parecer se divertir com uma lâmina no pescoço, pensou Clary. — Algumas vezes, a resposta mais simples é a correta, Caçadora de Sombras.

— *Por isso* você o queria no Conselho — declarou Clary, recordando-se do favor que a Rainha lhe pedira e que agora parecia ter sido há tanto tempo. — Porque ele consegue mentir.

— Uma traição há muito planejada — disse a Rainha, sem se mexer. A ponta da espada contra o pescoço. — Se tocarem na Rainha da Corte Seelie, o Povo das Fadas vai se revoltar

contra vocês para sempre.

Jace arfava enquanto falava, e seu rosto estava tomado pela luz ardente.

— Então o que vocês são agora? — perguntou ele. — Ouvimos a senhora. A senhora falou de Sebastian como um aliado. A Cidadela Adamant se encontra sobre Linhas Ley. Linhas Ley são a província dos seres sobrenaturais. *A senhora* os conduziu até ali, abriu o caminho e permitiu que ele nos emboscasse. Como a senhora *já* não estava organizada contra nós?

Um olhar feio cruzou o rosto de Meliorn.

— Você pode ter ouvido a conversa, pequeno Nephilim — disse ele. — Mas se matarmos vocês antes que voltem à Clave e contem suas histórias, ninguém mais precisará saber...

O cavaleiro começou a avançar. Alec disparou uma flecha, e ela afundou na perna de Meliorn, que caiu para trás com um grito.

Alec avançou, já preparando outra flecha no arco. Meliorn estava no chão, gemendo, a neve ao redor dele ficando vermelha. Alec parou acima dele, a besta de prontidão.

— Diga como chegar a Magnus... como resgatar os prisioneiros — disse ele. — Responda ou vou te transformar numa almofada de alfinetes.

Meliorn cuspiu. A armadura branca parecia se misturar na neve ao redor.

— Não vou contar nada. Me torture, me mate, não vou trair minha Rainha.

— De qualquer forma, não importa o que ele diz — declarou Isabelle. — Ele consegue mentir, lembra-se?

Alec fechou a cara.

— É verdade. Morra então, mentiroso. — E disparou a flecha seguinte.

Ela afundou no peito de Meliorn, e o cavaleiro fada caiu para trás, a força da flecha fazendo o corpo deslizar na neve. A cabeça dele bateu na parede da caverna com uma pancada úmida.

A Rainha gritou. O som invadiu os ouvidos de Clary e a tirou do choque. Ela ouvia a gritaria de fadas, ouvia pés correndo do lado de fora.

— Simon! — gritou ela, e ele deu meia-volta. — Venha cá!

Ela voltou a enfiar Heosphoros no cinturão, agarrou a estela e disparou para a porta principal, agora sem as cortinas irregulares de espinhos. Simon estava bem no encalço dela.

— Me levante — pediu Clary, e, sem perguntar, ele pôs as mãos ao redor da cintura dela e a ergueu, a força de vampiro quase a lançando para o teto.

Com a mão livre, ela se agarrou com força no alto da arcada e olhou para baixo. Simon a fitava, obviamente confuso, mas o aperto dele era firme.

— Fique firme — disse ela, e começou a desenhar. Era o oposto do símbolo que ela havia desenhado no barco de Valentim: este era um símbolo para fechar e trancar, para isolar todas as coisas, para um esconderijo e segurança.

Linhas pretas saíram da ponta da estela enquanto Clary rabiscava, então ela ouviu Simon

dizer "Depressa, eles estão vindo", exatamente quando terminou e retirou a estela.

O chão abaixo deles se moveu. Eles caíram juntos, Clary pousou em cima de Simon — não foi a aterrissagem mais confortável, ele era todo joelhos e cotovelos — e rolou para o lado quando um muro de terra começou a deslizar pela arcada aberta, como uma cortina de teatro sendo puxada. Havia vultos correndo para as portas, vultos que começaram a tomar forma e revelaram o Povo das Fadas às pressas, e Simon puxou Clary exatamente no momento em que a entrada que dava para o corredor desapareceu com um estrondo final, isolando as fadas do outro lado.

— Pelo Anjo — disse Isabelle, com voz assustada.

Clary deu meia-volta, com a estela na mão. Jace estava de pé, a Rainha Seelie diante dele, a espada agora apontada para o coração dela. Alec estava parado acima do cadáver de Meliorn; ele não esboçava expressão alguma quando olhou para Clary e, em seguida, para o *parabatai*. Atrás dele, a passagem por onde Meliorn entrara e Gwyn saíra se abriu.

— Você vai fechar o túnel dos fundos? — perguntou Simon a Clary.

Ela balançou a cabeça.

— Meliorn tinha piche nos sapatos — disse ela. — *E os rios de Edom se transformarão em piche*, lembra? Acho que ele veio do reino demoníaco. Creio que o caminho é por ali.

— Jace — chamou Alec. — Diga à Rainha o que nós queremos e que, se ela obedecer, nós a deixaremos viver.

A Rainha riu, um som agudo.

— Pequeno arqueiro — disse. — Subestimei você. Afiadas são as flechas de um coração partido.

O rosto de Alec endureceu.

— A senhora subestimou a todos nós; sempre subestimou. A senhora e sua arrogância. O Povo das Fadas é um povo antigo, um povo bom. A senhora não é adequada para liderá-los. Se continuarem sob seu governo, todos vão acabar assim — disse, meneando o queixo para o cadáver de Meliorn.

— Foi você quem o matou — disse a Rainha —, não eu.

— Todos pagam — rebateu Alec, e o olhar em cima dela era firme, azul e gélido.

— Desejamos o retorno seguro dos reféns feitos por Sebastian Morgenstern — disse Jace.

A Rainha abriu as mãos.

— Eles não estão neste mundo, nem aqui com o Povo das Fadas, nem em qualquer território sobre o qual eu tenha jurisdição. Não há nada que eu possa fazer para resgatá-los, absolutamente nada.

— Muito bem — disse Jace, e Clary teve a sensação de que ele já esperava aquela resposta. — Há outra coisa que a senhora pode fazer, uma coisa que pode nos mostrar, que me fará poupá-la.

A Rainha ficou imóvel.

— O que é, Caçador de Sombras?

— A estrada para o reino demoníaco — disse Jace. — Queremos uma passagem segura até ele. Seguiremos por ela e sairemos de seu reino.

Para surpresa de Clary, a Rainha pareceu relaxar. A tensão desapareceu de sua postura, e um sorrisinho repuxou o canto da boca — um sorriso que não agradou a Clary.

— Muito bem. Vou guiá-los até a estrada para o reino demoníaco. — A Rainha ergueu o vestido diáfano de modo que pudesse abrir caminho pelos degraus que cercavam o divã. Os pés estavam descalços e eram tão brancos quanto a neve. Ela começou a caminhar pelo cômodo até a passagem escura que se estendia atrás do trono.

Alec seguiu bem no encalço de Jace, com Isabelle atrás dele; Clary e Simon foram na retaguarda, uma estranha procissão.

— Eu realmente, realmente odeio dizer isso — murmurou Simon, enquanto eles saíam da sala do trono e entravam na penumbra cheia de sombras da passagem subterrânea —, mas isso meio que pareceu fácil demais.

— Não foi fácil — murmurou Clary em resposta.

— Eu sei, mas a Rainha... ela é inteligente. Poderia ter encontrado um meio de escapar se quisesse. Ela não tem que nos deixar ir ao reino demoníaco.

— Mas ela quer — disse Clary. — Acha que vamos morrer lá.

Simon lhe lançou um olhar de soslaio.

— Vamos?

— Não sei — respondeu Clary, e acelerou o passo para se aproximar dos outros.

O corredor não era tão longo quanto Clary pensara. A escuridão fazia a distância parecer impossível, mas eles só precisaram caminhar por mais ou menos meia hora até sair das sombras para um espaço maior, iluminado.

A caminhada na escuridão foi silenciosa, Clary perdida em pensamentos — lembranças da casa que ela, Sebastian e Jace tinham dividido, do som da Caçada Selvagem rugindo no céu, do pedaço de papel com as palavras "minha bela dama". Aquilo não era sinal de romance; era sinal de respeito. A Rainha Seelie, a bela dama. *A Rainha gosta de ficar do lado vencedor, Clary, e esse lado será o nosso*, dissera Sebastian a ela certa vez; mesmo quando informara isso à Clave, Clary tomara este trecho como parte da arrogância dele. Havia acreditado, juntamente ao Conselho, que a palavra do Povo das Fadas jurando lealdade era suficiente, que a Rainha ao menos esperaria para ver de que lado o vento soprava antes de romper alianças. Clary pensou em Jace prendendo a respiração quando a Rainha falou *uma traição há muito planejada.* Talvez nenhum deles tivesse cogitado isso porque a ideia era insuportável demais: a Rainha tinha tanta certeza da vitória de Sebastian que havia topado escondê-lo no reino das fadas, onde ele não poderia ser rastreado.

Que concordara em ajudá-lo na batalha. Clary pensou na terra se abrindo na Cidadela Adamant, engolindo Sebastian e os Crepusculares; aquilo tinha sido fruto de magia das fadas: afinal de contas, as Cortes ficavam no subterrâneo. Por que outro motivo os Caçadores de Sombras malignos que tinham atacado o Instituto de Los Angeles pegaram Mark Blackthorn? Todos presumiram que Sebastian temia a vingança do Povo das Fadas, no entanto ele não temia. Era aliado deles. Pegou Mark porque tinha sangue fada e, por causa desse sangue, pensaram que Mark pertencia a eles.

Em toda a vida dela, Clary nunca pensara tanto em linhagens e seus significados quanto nos últimos seis meses. O sangue Nephilim era puro; Clary era uma Caçadora de Sombras. O sangue do Anjo: isso a fazia ser o que era, lhe dava o poder dos símbolos. Fazia de Jace o que ele era, deixava-o forte, veloz e brilhante. O sangue dos Morgenstern: Clary também o possuía, assim como Sebastian, e por essa razão ele se importava com ela. Isso lhe dava um coração sombrio também ou não? Era o sangue de Sebastian — Morgenstern e demônio misturados — que fazia dele um monstro, ou ele poderia ter sido mudado, modificado, melhorado, ensinado de outro modo, tal qual os Lightwood tinham feito com Jace?

— Aqui estamos — disse a Rainha Seelie, e sua voz parecia divertida. — Vocês são capazes de adivinhar qual é a estrada correta?

Eles estavam parados numa caverna imensa, com o teto camuflado em meio às sombras. As paredes reluziam com um brilho fosforescente, e quatro vias se ramificavam do ponto onde se encontravam: uma atrás deles, e mais três. Uma era limpa, ampla e plana, e conduzia diretamente à frente. A outra, à esquerda, brilhava com folhas verdes e flores brilhantes, e Clary pensou ter visto o brilho do céu azul ao longe. O coração dela desejava seguir aquele caminho. E a última, a mais escura, era um túnel estreito, a entrada era sinuosa, com lanças de metal e espinheiros cobrindo as laterais. Clary pensou ter visto a escuridão e as estrelas no fim.

Alec deu uma risada breve.

— Nós somos Caçadores de Sombras — disse. — Conhecemos as histórias antigas. Estas são as Três Vias. — Explicou ao notar o olhar confuso de Clary: — As fadas não gostam que seus segredos escapem, porém alguns músicos humanos foram capazes de codificar antigos segredos das fadas em baladas antigas. Há uma chamada "Thomas, o poeta", sobre um homem que foi sequestrado pela Rainha das Fadas...

— Ele não foi sequestrado — objetou a Rainha. — Ele veio espontaneamente.

— E ela o levou a um lugar onde havia três vias, e lhe disse que uma conduzia ao Céu, a outra conduzia à terra das Fadas, e a terceira conduzia ao Inferno. *Vês aquele caminho estreito, com densa cobertura de espinhos e de sarças? Essa é a trilha da correção moral, embora poucos perguntem por ela.* — Alec apontou na direção do túnel estreito.

— Ele conduz ao domínio mundano — disse a Rainha, com doçura. — Seu povo o considera

celestial o suficiente.

— Foi assim que Sebastian chegou à Cidadela Adamant, auxiliado por guerreiros que a Clave não podia ver — disse Jace, com nojo. — Ele usou este túnel. Os guerreiros ficaram no reino das fadas, onde não poderiam ser rastreados. E passaram por aqui quando Sebastian precisou deles. — Jace lançou um olhar sombrio à Rainha. — Muitos Nephilim morreram por sua causa.

— Mortais — alegou a Rainha. — Eles morrem.

Alec a ignorou.

— Ali — falou, e apontou para o túnel cheio de folhas. — Vai mais longe no reino das fadas. E esse — apontou adiante — é o caminho para o Inferno. É para onde vamos.

— Eu sempre ouvi dizer que ele era calcado em boas intenções — disse Simon.

— Coloque seus pés no caminho e você descobrirá, Diurno — emendou a Rainha.

Jace girou a ponta da lâmina nas costas dela.

— O que vai impedir a senhora de contar a Sebastian que viemos atrás dele quando nós a deixarmos para trás?

A Rainha não emitiu qualquer ruído de dor; somente contraiu os lábios. Naquele momento, ela pareceu velha, apesar da juventude e beleza do rosto.

— Você fez uma boa pergunta. E mesmo que me matasse, há aqueles em minha Corte que contarão a ele sobre vocês, e ele adivinhará suas intenções, pois é inteligente. Vocês não podem evitar que ele saiba, a menos que matem todo o Povo das Fadas em minha Corte.

Jace fez uma pausa. Ele segurava a lâmina serafim, a ponta encostada nas costas da Rainha Seelie. A luz iluminava seu rosto, entalhando sua beleza em picos e vales, as maçãs do rosto pronunciadas e o ângulo do queixo. Ela alcançou a ponta do seu cabelo e o lambeu com fogo, como se ele estivesse usando uma coroa de espinhos em chamas.

Clary o observava, e os outros faziam o mesmo, em silêncio, oferecendo confiança. Não importa qual fosse a decisão, eles a apoiariam.

— Ora, vamos — disse a Rainha. — Você não tem estômago para tanta matança. Sempre foi o filho mais delicado de Valentim. — Os olhos dela pairaram um momento sobre Clary, em júbilo. *Você tem um coração sombrio, filha de Valentim.*

— Prometa — disse Jace. — Sei que promessas significam muito para seu povo. Sei que você não consegue mentir. Jure que não dirá nada sobre nós a Sebastian, nem que permitirá que alguém de sua Corte o faça.

— Eu juro — respondeu a Rainha. — Juro que ninguém na minha Corte, por meio de palavras ou atos, contará a ele que vocês estiveram aqui.

Jace se afastou da Rainha, baixando a lâmina junto à lateral do corpo.

— Sei que você acha que está nos enviando para a morte — disse ele. — Mas não vamos morrer assim tão facilmente. Não vamos perder esta guerra. E quando formos vitoriosos, faremos

você e seu povo *sangrar* pelo que fizeram.

O sorriso da Rainha abandonou seu rosto. Eles se afastaram dela e, em silêncio, começaram a seguir o caminho para Edom; Clary olhou por cima do ombro assim que saíram e viu o esboço da Rainha, imóvel, observando-os ir embora, os olhos ardendo.

O corredor fazia uma curva ao longe e era como se tivesse sido escavado pelo fogo na rocha que o cercava. Conforme os cinco avançavam, em total silêncio, as paredes de pedra clara ao redor escureciam, manchadas aqui e ali por filetes cor de carvão, como se a pedra em si tivesse queimado. O chão liso começou a ceder lugar a um mais rochoso, a brita sendo esmagada debaixo dos saltos das botas. A fosforescência nas paredes começou a diminuir; Alec retirou a pedra de luz enfeitiçada do bolso e a ergueu acima da cabeça.

Quando a luz se ampliou entre os dedos dele, Clary sentiu Simon ficando tenso ao seu lado.

— O que foi? — murmurou ela.

— Alguma coisa está se mexendo. — Ele apontou um dedo para as sombras mais adiante. — Ali.

Clary semicerrou os olhos, mas não viu nada; a visão de vampiro de Simon era melhor que a de um Caçador de Sombras. Do modo mais silencioso possível, ela desembainhou Heosphoros e deu alguns passos, mantendo-se nas sombras das laterais do túnel. Jace e Alec mergulharam numa conversa. Clary bateu no ombro de Izzy e murmurou para ela:

— Tem alguém aqui. Ou alguma *coisa*.

Isabelle não respondeu, apenas se virou para o irmão e fez um gesto: um movimento complicado dos dedos. Os olhos de Alec mostraram que ele compreendeu, então ele se voltou para Jace imediatamente. Clary se lembrou da primeira vez que vira os três, na boate Pandemônio, anos de prática fundindo-os numa unidade que pensava, se movimentava, respirava e lutava unida. Ela não conseguia evitar se perguntar, independentemente do que acontecesse e por mais dedicada que ela fosse como Caçadora de Sombras, se sempre ficaria à margem...

Subitamente, Alec virou a mão para baixo, diminuindo a luz. Um clarão e uma centelha, e Isabelle foi para o lado de Clary, que deu meia-volta, segurando Heosphoros; daí ouviu os sons de uma luta: uma pancada e, em seguida, um grito de dor muito humano.

— Parem! — gritou Simon, e a luz explodiu ao redor deles.

Foi como se o flash de uma câmera tivesse sido disparado. Clary precisou de um segundo para adaptar os olhos à nova claridade. A cena a invadiu lentamente: Jace segurava a pedra de luz enfeitiçada, o brilho irradiava ao redor dele como a luz de um pequeno sol. Alec, o arco erguido e travado. Isabelle apertava o cabo do chicote com força, a tira enrolada nos tornozelos de um vulto pequeno curvado contra a parede da caverna: um garoto, com cabelo louro-claro que cacheava

por cima das orelhas ligeiramente pontudas.

— Ai, meu Deus — murmurou Clary, enfiando a arma de volta no cinto e indo em frente. — Isabelle, pare. Está tudo bem — disse ela, caminhando até o garoto. As roupas dele estavam rasgadas e sujas, os pés, descalços e pretos por causa da sujeira. Os braços também estavam nus, e havia marcas de símbolos neles. Símbolos de Caçadores de Sombras.

— Pelo Anjo. — Izzy recolheu o chicote. Alec baixou a besta junto ao corpo. O garoto ergueu a cabeça e olhou com expressão severa.

— Você é um Caçador de Sombras? — perguntou Jace em tom incrédulo.

O garoto voltou a olhar com expressão severa e ainda mais feroz. Havia raiva em seus olhos, porém era mais que isso: havia angústia e medo. Não restava dúvida de quem ele era. Tinha os mesmos traços delicados da irmã, o mesmo queixo anguloso, e o cabelo era da cor de trigo descorado, cacheado nas pontas. Ele tinha cerca de 16 anos, recordou Clary. Parecia mais jovem.

— É Mark Blackthorn — informou Clary. — O irmão de Helen. Olhem para o rosto. Olhem para a *mão* dele.

Por um momento, Mark pareceu confuso. Clary tocou no próprio anel, e os olhos dele se iluminaram ao compreender. Ele ergueu a mão direita magra de menino. No dedo anelar reluzia o anel de família dos Blackthorn, com o desenho de espinhos entrelaçados.

— Como você veio parar aqui? — perguntou Jace. — Como sabia como nos encontrar?

— Eu estava com os Caçadores no subterrâneo — disse Mark, baixinho. — Ouvi Gwyn falando com alguns dos outros que vocês tinham aparecido nos aposentos da Rainha. Eu me esgueirei para longe dos Caçadores, eles não estavam prestando atenção em mim, aí procurei por vocês e terminei... aqui. — Ele fez um gesto para o túnel em volta. — Eu precisava falar com vocês. Tinha que saber sobre minha família. — O rosto do garoto estava na sombra, mas Clary notou os traços enrijecendo. — As fadas me disseram que estavam todos mortos. É verdade?

Houve um silêncio chocado, e Clary leu o pânico na expressão de Mark enquanto ele ia dos olhos baixos de Isabelle, passando pela expressão indiferente de Jace até a postura rígida de Alec.

— É verdade — disse Mark finalmente —, não é? Minha família...

— Seu pai foi Transformado. Mas seus irmãos e irmãs estão vivos — explicou Clary. — Estão em Idris. Eles escaparam e estão bem.

Se ela esperava algum alívio da parte de Mark, ficou decepcionada. Ele ficou pálido.

— O quê?

— Julian, Helen, os outros... estão todos vivos. — Clary pôs a mão no ombro do garoto, no entanto ele recuou. — Estão vivos e preocupados com você.

— Clary — disse Jace, com uma advertência na voz.

Clary deu uma olhadela para ele por cima do ombro; será que a coisa mais importante a se dizer era que os irmãos de Mark estavam vivos?

— Comeu ou bebeu alguma coisa desde que o Povo das Fadas capturou você? — perguntou Jace, avançando para examinar o rosto de Mark.

Mark se desviou, mas não antes de Clary ouvir Jace inspirar com força.

— O que foi? — perguntou Isabelle.

— Os olhos dele — disse Jace, erguendo a pedra de luz enfeitiçada e iluminando o rosto de Mark. Mais uma vez, Mark fez uma careta, mas permitiu que o outro o examinasse.

Os olhos eram grandes, com cílios longos, como os de Helen; só que, ao contrário dos dela, as cores dos olhos do garoto não combinavam entre si. Um era azul dos Blackthorn, da cor da água. O outro era dourado, enevoado pelas sombras, numa versão mais escura que o de Jace.

Jace engoliu em seco, visivelmente.

— A Caçada Selvagem — disse ele. — Você é um deles agora.

Jace examinava o garoto, como se Mark fosse um livro que pudesse ser lido.

— Estique as mãos — pediu enfim, e Mark obedeceu. Jace as segurou e as virou para mostrar os pulsos do menino. Clary sentiu a garganta apertar. Mark vestia apenas uma camiseta, e os antebraços estavam riscados com marcas ensanguentadas de chicote. Clary pensou no modo como Mark recuara quando ela lhe tocou no ombro. Deus sabia quais eram os outros ferimentos debaixo das roupas. — Quando isto aconteceu?

Mark puxou as mãos. Elas tremiam.

— Meliorn fez isso — respondeu. — Quando ele me pegou pela primeira vez. Disse que pararia se eu comesse e bebesse a comida deles, então eu comi. Não achei que isso fizesse diferença, se minha família estava morta. E pensei que as fadas não conseguissem mentir.

— Meliorn consegue — disse Alec sombriamente. — Ou, pelo menos, *conseguia*.

— Quando foi que aconteceu isso tudo? — perguntou Isabelle. — As fadas só pegaram você há menos de uma semana...

Mark balançou a cabeça.

— Estou com o Povo das Fadas há muito tempo — respondeu ele. — Não sei dizer quanto...

— O tempo corre diferente no reino das fadas — disse Alec. — Algumas vezes, mais rápido, outras vezes, mais devagar.

Mark falou:

— Gwyn me contou que eu pertencia à Caçada e que não poderia abandoná-los, a menos que eles me deixassem ir. É verdade?

— É verdade — disse Jace.

Mark desmoronou contra a parede da caverna. Ele virou a cabeça para Clary.

— Você os viu. Você viu meus irmãos e irmãs. E Emma?

— Eles estão bem, todos eles. Emma também — respondeu Clary. Ela se perguntava se aquilo ajudava de algum modo. Ele tinha jurado permanecer no reino das fadas porque pensava que a

família estivesse morta, e a promessa se mantinha, apesar de se basear numa mentira. Seria melhor pensar que você havia perdido tudo e começar de novo? Ou seria mais fácil saber que as pessoas que você amava estavam vivas, mesmo se nunca mais pudesse vê-las?

Ela pensou na própria mãe, em algum lugar do mundo além do fim do túnel. Melhor saber que estavam vivos, pensou ela. Melhor que a mãe e Luke estivessem vivos e bem, e que ela nunca os visse novamente, a estarem mortos.

— Helen não consegue tomar conta deles. Não sozinha — disse Mark, um pouco desesperado. — E Jules é jovem demais. Não consegue tomar conta de Ty; não sabe do que ele precisa. Ele nem sabe falar com Ty... — Mark respirou, trêmulo. — Deixem eu ir com vocês.

— Sabe que não pode — respondeu Jace, embora não conseguisse encarar Mark; ele fitava o chão. — Se você jurou fidelidade à Caçada Selvagem, agora você é um deles.

— Me levem com vocês — repetiu Mark. Ele tinha o olhar assustado e confuso de alguém que havia sido mortalmente ferido, mas que ainda não conhecia a extensão do ferimento. — Não quero ser um deles. Quero ficar com minha família...

— Nós vamos para o Inferno — disse Clary. — Não poderíamos levar você conosco, mesmo que você pudesse sair do reino das fadas em segurança...

— E você não pode — repetiu Alec. — Se tentar sair, vai morrer.

— Eu preferia morrer — retrucou Mark, e Jace girou a cabeça rapidamente. Os olhos dele eram dourados e brilhantes, quase brilhantes demais, como se o fogo em seu interior estivesse jorrando através deles.

— Eles pegaram você justamente pelo sangue de fada, mas também porque você tem sangue de Caçador de Sombras. Querem punir os Nephilim — disse Jace, com olhar determinado. — Mostre a eles do que um Caçador de Sombras é feito; mostre que não tem medo. Você pode sobreviver a isso.

Na iluminação ondulante da pedra de luz enfeitiçada, Mark olhou para Jace. Lágrimas trilharam pela sujeira em seu rosto, mas os olhos estavam secos.

— Não sei o que fazer — disse. — O que faço?

— Encontre um jeito de avisar os Nephilim — respondeu Jace. — Vamos para o Inferno, conforme Clary já disse. Talvez a gente nunca volte. Alguém tem que contar aos Nephilim que o Povo das Fadas não é aliado.

— Os Caçadores me pegarão se eu tentar enviar uma mensagem. — Os olhos do garoto brilharam. — Eles vão me matar.

— Não se você for rápido e inteligente — disse Jace. — Você consegue fazer isso. Sei que consegue.

— Jace — chamou Alec, com o arco ao lado. — Jace, precisamos deixar que ele vá antes que a Caçada perceba que desapareceu.

— Muito bem — disse Jace, e hesitou. Clary notou que Jace segurou a mão de Mark; ele pressionou a pedra de luz enfeitiçada na palma da mão do garoto, onde ela bruxuleou e depois recuperou o brilho constante. — Leve isto com você — pediu Jace —, pois pode estar escuro no território debaixo da montanha, e os anos podem ser muito longos.

Mark parou por um instante, a pedra de símbolos na mão. Parecia tão pequeno na luz ondulante que o coração de Clary bateu sem querer acreditar — certamente eles poderiam ajudá-lo, eram Nephilim, não deixariam os seus para trás —, e então ele deu meia-volta e correu, se afastando deles, os pés descalços silenciosos.

— Mark... — murmurou Clary, e parou; ele tinha ido embora. As sombras o engoliram, e apenas a luz que se deslocava com pressa da pedra do símbolo era visível, até que ela também se misturou à escuridão. Clary ergueu o olhar para Jace. — O que você quis dizer com "o território debaixo da montanha"? — perguntou ela. — Por que disse isso?

Jace não respondeu; ele parecia confuso. Ela imaginava se Mark, frágil, órfão e solitário, de alguma forma fazia Jace se recordar de si mesmo.

— O território debaixo da montanha é o reino das fadas — disse Alec. — Um nome muito antigo para o reino. Ele vai ficar bem — informou a Jace. — Vai ficar.

— Você lhe deu sua pedra de luz enfeitiçada — falou Isabelle. — Você sempre teve aquela pedra...

— Dane-se a pedra de luz enfeitiçada — respondeu Jace, com violência, e bateu a mão contra a parede da caverna; viu-se um breve clarão de luz e ele afastou o braço. A marca de sua mão chamuscou a pedra do túnel, e sua palma ainda brilhava, como se o sangue nos dedos fosse fósforo. Ele deu uma risada estranha, engasgada. — Eu não preciso dela, de qualquer forma.

— Jace — disse Clary, e pôs a mão no braço dele. Jace não se afastou, mas também não reagiu. Ela baixou o tom de voz. — Você não pode salvar todo mundo — continuou ela.

— Talvez não — retrucou Jace, enquanto a luz na mão diminuía. — Mas seria bom salvar alguém para variar.

— Pessoal — chamou Simon, que estivera estranhamente quieto durante todo o encontro com Mark, por isso Clary ficou assustada por ouvi-lo falar agora. — Não sei se vocês conseguem enxergar, mas tem alguma coisa... alguma coisa no fim do túnel.

— Uma luz? — disse Jace, a voz com uma ponta de sarcasmo. Os olhos dele brilhavam.

— O oposto. — Simon avançou, e depois de hesitar um instante, Clary tirou a mão do braço de Jace e o acompanhou. O túnel seguia reto mais adiante, e então se curvava de maneira sutil; na curva Clary viu o que Simon devia ter visto e parou no mesmo instante.

Escuridão. O túnel terminava em um vórtex de escuridão. Alguma coisa se mexia dentro do redemoinho, dando forma à escuridão como o vento que dava forma às nuvens. Ela também podia ouvir aquilo, o ronronar e o ribombar do escuro, como o som de motores.

Os outros se juntaram a ela. Daí formaram uma fila, observando as trevas. Observando-a se mover. Uma cortina de sombra e, além dela, o desconhecido.

Foi Alec quem falou, espantado, encarando as sombras que se movimentavam. O ar que soprava pelo corredor era quente e ardente, feito pimenta jogada no centro de uma fogueira.

— Isto — disse ele — é a coisa mais doida que já fizemos.

— E se não conseguirmos voltar? — perguntou Isabelle. O rubi ao redor do pescoço estava pulsando, brilhando como um sinal de trânsito, iluminando o rosto dela.

— Então ao menos estaremos juntos — disse Clary, e olhou para os companheiros. Ela esticou a mão e segurou a mão de Jace e, do outro lado, a mão de Simon, apertando ambas. — Vamos passar por isto juntos e, do outro lado, *permaneceremos* juntos. Está bem?

Nenhum deles respondeu, mas Isabelle pegou a outra mão de Simon, e Alec, a de Jace. Todos ficaram parados por um momento, observando. Clary sentiu a mão de Jace apertar a dela, uma pressão quase imperceptível.

Eles deram um passo para a frente, e as sombras os engoliram.

— *Espelho, espelho meu* — disse a Rainha, colocando a mão sobre o espelho. — Mostre minha Estrela da Manhã.

O espelho pendia na parede do quarto da Rainha. Era cercado por coroas de flores: rosas das quais ninguém cortara os espinhos.

A névoa no interior do espelho ficou mais densa, e o rosto anguloso de Sebastian apareceu.

— Minha bela dama — disse ele. A voz estava calma e composta, embora houvesse sangue em seu rosto e nas roupas. Ele segurava a espada, e as estrelas ao longo da lâmina estavam escurecidas com a cor escarlate. — Eu estou... um pouco ocupado no momento.

— Pensei que talvez você quisesse saber que sua irmã e irmão adotivo acabaram de sair deste lugar — avisou a Rainha. — Eles encontraram o caminho para Edom. Estão indo até você.

O rosto dele se transformou com um sorriso cruel.

— E eles não fizeram você prometer não me contar que foram à sua Corte?

— Fizeram — disse a Rainha. — Mas não disseram nada sobre contar que saíram.

Sebastian deu uma gargalhada.

— Eles mataram um de meus cavaleiros — informou a Rainha. — Respingou sangue diante do meu trono. Eles estão além do meu alcance agora. Você sabe que meu povo não pode sobreviver às terras envenenadas. Terá que se vingar por mim.

A luz nos olhos de Sebastian mudou. A Rainha sempre havia percebido que o que Sebastian sentia pela irmã, e por Jace também, era um tipo de mistério, no entanto o próprio Sebastian era um mistério muito maior. Antes de ele aparecer para fazer sua oferta a ela, Seelie nunca teria cogitado uma aliança verdadeira com os Caçadores de Sombras. O sentido peculiar de honra os

tornava pouco confiáveis. Foi a falta de honra de Sebastian que a fez confiar nele. A delicada arte da traição era uma segunda natureza para o Povo das Fadas, e Sebastian era um artista das mentiras.

— Servirei aos seus interesses de todas as maneiras, minha Rainha — disse ele. — Em breve seu povo e o meu controlarão as rédeas do mundo, e, quando nós fizermos isso, você poderá se vingar de qualquer um que a tenha afrontado.

Ela sorriu para ele. O sangue ainda manchava a neve na sala do trono, e Seelie ainda sentia o golpe da lâmina de Jace em seu pescoço. Não era um sorriso de verdade, mas ela era esperta o suficiente para deixar que algumas vezes sua beleza fizesse todo o trabalho.

— Eu adoro você — disse ela.

— Sim — falou Sebastian, e os olhos tremeluziram, a cor semelhante a nuvens escuras. A Rainha se perguntou distraidamente se ele pensava nos dois do mesmo modo que ela pensava: como amantes que, embora abraçados, seguravam uma faca nas costas um do outro, prontos para ferir e trair. — E eu gosto de ser adorado. — Ele sorriu. — Fico feliz por eles estarem chegando. Deixe-os vir.

14

O Sono da Razão

Clary estava em um gramado sombrio que se estendia por uma colina oblíqua. O céu jazia perfeitamente azul, pontuado por nuvens brancas aqui e ali. Aos seus pés, um caminho de pedras se esticava até a entrada de um grande solar, feito de pedras douradas barrentas.

Ela jogou a cabeça para trás, olhando para cima. A casa era linda: as pedras tinham cor de manteiga ao sol de primavera, coberta por treliças de rosas vermelhas, douradas e alaranjadas. Varandas de ferro se curvavam a partir da fachada, e havia duas imensas portas arqueadas de madeira cor de bronze, de superfície forjada com desenhos delicados de asas. *Asas para os Fairchild*, disse uma voz suave, tranquilizante, no fundo de sua mente. *Este é o solar Fairchild. Existe há quatrocentos anos, e existirá por quatrocentos mais*.

— Clary! — Sua mãe apareceu em uma das varandas, trajando um elegante vestido cor de champanhe; os cabelos ruivos estavam soltos, e ela parecia jovem e bela. Os braços estavam expostos, marcados por símbolos negros. — O que achou? Não é lindo?

Clary seguiu o olhar da mãe em direção ao gramado aplainado. Havia um arco de rosas armado ao fim de um corredor ladeado por fileiras de bancos de madeira. Flores brancas se espalhavam por ali: as flores brancas que só cresciam em Idris. O ar estava carregado pelo aroma de mel.

Ela olhou novamente para a mãe, que não estava mais sozinha na varanda. Luke encontrava-se atrás dela, com um braço em sua cintura. Ele usava uma camisa com mangas dobradas e calças formais, como se ainda estivesse se arrumando para uma festa. Os braços dele também estavam marcados por símbolos: símbolos para boa sorte, perspicácia, força, amor.

— Está pronta? — perguntou ele a Clary.

— Pronta para quê? — respondeu ela, mas eles não pareceram ter ouvido. Sorrindo, desapareceram para dentro da casa. Clary deu alguns passos pela trilha.

— Clary!

Ela deu meia-volta. Ele estava vindo pela grama em direção a ela — esguio, com cabelos platinados que brilhavam ao sol, vestindo roupa preta formal com símbolos dourados no colarinho e nos punhos. Ele sorria, uma mancha de sujeira na bochecha, e levantava uma mão para bloquear o brilho do sol.

Sebastian.

Estava exatamente igual, mas ao mesmo tempo totalmente diferente: era ele, genuinamente, mas ainda assim o formato e disposição das feições pareciam ter mudado, os ossos menos

proeminentes, a pele bronzeada pelo sol em vez de pálida, e os olhos…

Os olhos brilhavam, verdes como a grama da primavera.

Ele sempre teve olhos verdes, disse a voz na mente de Clary. *As pessoas sempre se impressionam com o quanto vocês são parecidos, ele, sua mãe e você. O nome dele é Jonathan e ele é seu irmão; ele sempre protegeu você.*

— Clary — falou ele novamente —, você não vai acreditar…

— Jonathan! — disse uma vozinha, e Clary virou os olhos confusos para flagrar uma garotinha correndo pela grama. A menina tinha cabelos ruivos, no mesmo tom dos de Clary, que esvoaçavam atrás dela feito uma bandeira. Ela estava descalça, com um vestido verde de renda tão rasgado nos punhos e na bainha que parecia alface picada. Ela devia ter 4 ou 5 anos, o rosto estava sujo e era uma graça, e, quando alcançou Jonathan, estendeu os braços e ele se abaixou para carregá-la.

Ela deu um gritinho em deleite quando ele a levantou acima da cabeça.

— Ai, ai… pare com isto, diabinha — disse ele, enquanto ela puxava seu cabelo. — Val, eu disse para parar, ou vou segurá-la de cabeça para baixo. Estou falando sério.

— Val? — ecoou Clary. *Mas é claro, o nome dela é Valentina*, disse a voz sussurrante no fundo de sua mente. *Valentim Morgenstern foi um grande herói de guerra; morreu em batalha contra Hodge Starkweather, mas não sem antes salvar o Cálice Mortal e, juntamente a ele, a Clave. Quando Luke se casou com sua mãe, eles fizeram uma homenagem através do nome da filha.*

— Clary, faça ele me soltar, faça… aaaaii! — gritava Val, enquanto Jonathan a virava de cabeça para baixo e a balançava. Val explodia em risadas quando ele a colocou na grama, e ela olhou para Clary com um par de olhos azuis como os de Luke. — Seu vestido é bonito — comentou ela, com naturalidade.

— Obrigada — respondeu Clary, ainda entorpecida, e olhou para Jonathan, que sorria para a irmã caçula. — Isso no seu rosto é sujeira?

Jonathan esticou o braço e tocou a própria bochecha.

— Chocolate — explicou. — Você nunca vai imaginar o flagrante que dei em Val. Ela estava com os dois punhos enfiados no bolo do casamento. Vou ter que consertar. — Ele franziu o rosto para Clary. — Tudo bem, talvez eu não devesse ter dito isto. Você parece a ponto de desmaiar.

— Estou bem — respondeu Clary, puxando um cacho de cabelo de maneira tensa.

Jonathan levantou as mãos como se fosse apará-la.

— Olhe, eu faço uma cirurgia no bolo. Ninguém nunca vai saber que alguém comeu metade das flores. — Ele pareceu pensativo. — Posso comer a outra metade, só para igualar.

— Isso! — disse Val da grama, aos pés de Jonathan. Ela estava ocupada arrancando dentes-de-leão, as pontas brancas voando ao vento.

— Além disso — acrescentou Jonathan —, detesto tocar neste assunto, mas talvez você queira

colocar os sapatos antes do casamento.

Clary olhou para si. Ele tinha razão, ela estava descalça. Descalça e usando um vestido dourado-claro. A bainha ao redor dos tornozelos parecia uma nuvem colorida pelo pôr do sol.

— Eu… Que casamento?

Os olhos verdes do irmão se arregalaram.

— *Seu* casamento? Sabe, com Jace Herondale? Mais ou menos desta altura, alto, as meninas são looooucas por ele… — Ele parou. — Você está insegura? É isso? — Ele se inclinou para ela, em tom de conspiração. — Porque se for isso, posso passar você pela fronteira, para a França, clandestinamente. E não contarei seu destino a ninguém. Mesmo que enfiem pedaços afiados de bambu por baixo das minhas unhas.

— Eu não… — Clary o encarou. — Bambu?

Ele deu de ombros com eloquência.

— Pela minha única irmã, tirando a criatura que no momento se encontra sentada no meu pé — Val deu um gritinho —, eu faria isso. Mesmo que signifique não presenciar Isabelle Lightwood em um vestido tomara que caia.

— Isabelle? Você gosta de Isabelle? — Clary sentia como se estivesse correndo numa maratona e não conseguisse recuperar o fôlego.

Ele semicerrou os olhos para ela.

— Isso é um problema? Ela é alguma criminosa foragida ou coisa do tipo? — Ele pareceu pensativo. — Isso seria sexy, na verdade.

— Tudo bem. Não preciso saber o que você acha sexy — respondeu Clary automaticamente. — Eca.

Jonathan sorriu. Um sorriso feliz e despreocupado; o sorriso de alguém que nunca tivera muito com que se preocupar além de meninas, ou se uma de suas irmãs havia comido o bolo de casamento da outra. Em algum lugar nas profundezas da mente de Clary, ela viu olhos negros e marcas de chicote, mas não sabia por quê. *Ele é seu irmão e ele sempre cuidou de você*.

— Certo — disse Jonathan. — Como se eu não tivesse passado pelo sofrimento durante anos, com você dizendo "Ahhh, Jace é tão lindo. Você acha que ele gosta de miiiim?".

— Eu… — balbuciou Clary, e parou de falar, sentindo-se um pouco tonta. — Só não me lembro dele me pedindo em casamento.

Jonathan se ajoelhou e puxou o cabelo de Val. Ela estava cantarolando sozinha, acumulando uma pilha de margaridas. Clary piscou — tinha certeza de que eram dentes-de-leão.

— Ah, nem sei se ele pediu — respondeu Jonathan num tom casual. — Todos nós simplesmente sabíamos que vocês acabariam juntos. Era inevitável.

— Mas eu devia ter o direito de escolher — protestou ela, quase num sussurro. — Eu devia ter podido dizer sim.

— Bem, você teria dito, não teria? — questionou ele, observando as margaridas voando pela grama. — Por falar nisso, você acha que Isabelle sairia comigo se eu a convidasse?

Clary prendeu a respiração.

— Mas e Simon?

Ele olhou para ela, o sol forte em seus olhos.

— Quem é Simon?

Clary sentiu o chão desabar. Esticou o braço como se fosse se apoiar no irmão, porém sua mão o atravessou. A grama verde, a mansão dourada, o menino e a menina na grama voaram para longe, e ela tropeçou, colidindo contra o chão violentamente, machucando os cotovelos com uma dor que subiu pelos braços.

Ela rolou para o lado, engasgando. Estava deitada em um pedaço de solo vazio. Havia pedras quebradas atravessando o chão; e os esqueletos das casas de pedras incendiadas se assomavam sobre a figura dela. O céu tinha um tom de aço cinza-esbranquiçado, marcado por nuvens negras, como veias de vampiros. Era um mundo morto, um mundo desbotado, um mundo sem vida. Clary se encolheu no chão, vendo diante de si não a casca de uma cidade destruída, mas os olhos do irmão e da irmã que ela jamais teria.

Simon estava na frente da janela, assimilando a vista de Manhattan.

Era uma visão impressionante. Da cobertura do Carolina, dava para ver o Central Park, o Metropolitan Museum, os prédios altos do centro. A noite caía, e as luzes da cidade começavam a brilhar, uma por uma, como uma cama de flores elétricas.

Flores elétricas. Ele olhou ao redor, franzindo o rosto de forma contemplativa. Era uma frase bonita; talvez devesse anotá-la. Ultimamente não vinha tendo tempo nenhum para se esmerar em letras de música; o tempo estava sendo consumido por outras coisas: promoção, turnê, autógrafos, aparições. Às vezes era difícil lembrar que sua principal função era fazer música.

Mesmo assim. Era um bom problema para se ter. O céu do crepúsculo transformava a janela em um espelho. Simon sorriu para o próprio reflexo no vidro. Cabelos desgrenhados, jeans, camiseta velha; dava para ver o cômodo atrás de si, hectares de piso de madeira, aço reluzente e móveis de couro, um quadro com moldura dourada solitário e elegante na parede. Um Chagall — o favorito de Clary, todo cheio de tons rosados, azuis e verdes, incongruente com a modernidade do apartamento.

Havia um vaso de hortênsias na ilha da cozinha, um presente de sua mãe, parabenizando-o por um show com a Stepping Razor na semana anterior. *Te amo*, dizia o bilhete anexado. *Tenho muito orgulho de você*.

Ele piscou. Hortênsias; que estranho. Se havia uma flor favorita para ele, era rosa, e a mãe sabia disso. Ele se afastou da janela e observou o vaso com mais cuidado. *Eram* rosas. Simon

balançou a cabeça para desanuviá-la. Rosas brancas. Sempre foram rosas brancas. Certo.

Ouviu um tilintar de chaves, e a porta foi aberta, permitindo a entrada de uma menina pequena, com longos cabelos ruivos e um sorriso contagiante.

— Ai, meu Deus — disse Clary, meio rindo, meio sem fôlego. Ela fechou a porta atrás e se apoiou contra ela. — O lobby parece um *zoológico*. Imprensa, fotógrafos; vai ser uma loucura sair hoje.

Ela atravessou o cômodo, jogando as chaves na mesa. Estava com um vestido longo, seda amarela estampada com borboletas coloridas, e uma presilha de borboleta no longo cabelo ruivo. Parecia calorosa, receptiva e amorosa, e levantou os braços ao se aproximar, então Simou a beijou.

Exatamente como fazia todos os dias quando ela chegava em casa.

Cheirava a Clary, perfume e giz, e os dedos estavam manchados de cor. Ela passou os dedos pelo cabelo dele enquanto se beijavam, puxando-o para baixo, rindo de encontro à sua boca quando Simon quase se desequilibrou.

— Você vai ter que começar a usar salto, Fray — disse ele, os lábios na bochecha dela.

— Odeio salto alto. Você vai ter que aprender a lidar com isso, ou comprar uma escada portátil para mim — disse ela, soltando-o. — A não ser que queira me trocar por uma groupie bem alta.

— Nunca — afirmou ele, colocando um cacho do cabelo de Clary atrás da orelha. — Uma groupie bem alta saberia quais são todas as minhas comidas favoritas? Iria se lembrar de quando eu tinha uma cama em forma de carro de corrida? Saberia como me vencer sem dó no Scrabble? Se disporia a aturar Matt, Kirk e Eric?

— Uma groupie faria mais do que aturar Matt, Kirk e Eric.

— Seja boazinha — alertou ele, e sorriu para ela. — Você vai ter que me aturar.

— Vou sobreviver — respondeu ela, tirando os óculos dele e os colocando na mesa. Ela o encarou, olhos arregalados e escuros. Dessa vez o beijo foi mais quente. Ele a abraçou, puxando-a contra si enquanto ela sussurrava: — Eu te amo; sempre te amei.

— Eu também te amo — ecoou ele. — Meu Deus, eu te amo, Isabelle.

Ele a sentiu enrijecer em seus braços, e, em seguida, o mundo ao redor pareceu ganhar linhas negras, como vidro estilhaçado. Ele ouviu um gemido agudo e cambaleou para trás, tropeçando, caindo, sem atingir o chão, mas girando eternamente no escuro.

— Não olhe, *não* olhe…

Isabelle riu.

— *Não* estou olhando.

Havia mãos cobrindo os olhos dela: as mãos de Simon, esguias e flexíveis. Os braços dele a

envolviam, e eles estavam caminhando para a frente juntos, rindo. Ele a agarrou no instante em que ela atravessou a porta, abraçando-a quando ela derrubou as sacolas de compra.

— Tenho uma surpresa para você — disse ele, sorrindo. — Feche os olhos. Sem olhar. Não, é sério. Não estou brincando.

— Detesto surpresas — protestava Isabelle agora. — Sabe disso. — Ela conseguia ver só a pontinha do tapete sob as mãos de Simon. Ela mesma o havia escolhido, e era espesso, rosa intenso e peludo. O apartamento deles era pequeno e aconchegante, uma miscelânea de Isabelle e Simon: instrumentos musicais e catanas, pôsteres antigos e colchas cor-de-rosa. Simon tinha trazido seu gato, Yossarian, quando se mudaram, e Isabelle protestou por isso, mas gostou secretamente: ela sentia a falta de Church desde que deixara o Instituto.

O tapete rosa desapareceu, e agora os saltos de Isabelle estalavam contra o piso de lajotas da cozinha.

— Tudo bem — disse Simon, e tirou as mãos. — Surpresa!

— Surpresa! — A cozinha estava cheia de gente: o pai e a mãe de Isabelle, Jace, Alec e Max, Clary, Jordan e Maia, Kirk, Matt e Eric. Magnus segurava uma vela de faíscas prateadas e acenava com ela de um lado a outro enquanto as fagulhas voavam por todos os lados, aterrissando nas bancadas de pedra e na camiseta de Jace, fazendo-o uivar. Clary segurava uma faixa um pouco desajeitada que dizia: Feliz aniversário, Isabelle. Ela levantou a faixa e acenou.

Isabelle se virou para Simon com ares de acusação.

— Você *planejou* isto!

— Claro que planejei — justificou ele, puxando-a para si. — Caçadores de Sombras podem não se importar com aniversários, mas eu me importo. — Ele beijou a orelha dela, murmurando "Você merece tudo, Izzy", antes de soltá-la e de a família atacá-la.

Houve uma rodada de abraços, presentes e bolo — preparado por Eric, que de fato tinha talento para a criação de doces, e decorado por Magnus com uma cobertura resplandecente cujo sabor era melhor que a aparência. Robert estava com os braços em torno de Maryse, que se apoiava nele, parecendo orgulhosa e contente, ao passo que Magnus, que acariciava o cabelo de Alec com uma das mãos, tentava convencer Max a usar um chapéu de festa. Max, com toda a marra de um menino de 9 anos, não iria concordar. Ele afastou a mão de Magnus impacientemente e disse:

— Izzy, eu fiz a faixa. Você viu a faixa?

Ela olhou para a faixa feita a mão, agora toda suja de cobertura, em cima da mesa. Clary deu uma piscadela para Izzy.

— Ficou linda, Max; obrigada.

— Eu ia escrever sua idade — disse ele —, mas Jace falou que depois dos 20 a pessoa é simplesmente velha, então não faz diferença.

Jace freou o garfo no trajeto até a boca.

— Eu falei isso?

— Bela maneira de transformar todos nós em anciãos — disse Simon, afastando o próprio cabelo para trás para sorrir para Isabelle.

Ela sentiu uma pontada de dor no peito; era o volume do amor por ele, por fazer aquilo por ela, por sempre pensar nela. Não conseguia se lembrar de nenhuma ocasião na qual não o tivesse amado, ou confiado nele, e Simon jamais dera qualquer motivo para o contrário.

Isabelle saiu do banco no qual estava sentada e se ajoelhou diante de seu irmãozinho. Dava para ver os reflexos de ambos no aço inox da geladeira: o cabelo escuro de Izzie cortado na altura do ombro agora — ela se lembrava vagamente de quando, há anos, seu cabelo alcançava a cintura —, e os cachos castanhos de Max, e os óculos.

— Sabe quantos anos tenho? — perguntou ela.

— Vinte e dois — respondeu Max, com um tom de voz que indicava que ele não entendia por que ela fazia uma pergunta tão estúpida.

Vinte e dois, pensou ela. Era sete anos mais velha que Max, Max a surpresa, Max o irmãozinho inesperado.

Max, que deveria ter 15 anos agora.

Ela engoliu em seco, sentindo frio de repente. Todo mundo continuava conversando e rindo ao redor, mas as risadas soavam distantes e ecoavam, como se viessem de muito, muito longe. Ela via Simon, apoiando-se na bancada, os braços cruzados, os olhos escuros ilegíveis enquanto ele a observava.

— E quantos anos você tem? — perguntou Isabelle.

— Nove — respondeu Max. — Sempre tive 9 anos.

Isabelle o encarou. A cozinha começou a tremular. Dava para enxergar através dela, como se Isabelle estivesse olhando por um tecido estampado: tudo se tornando transparente, tão mutável quanto água.

— Meu bebê — sussurrou ela. — Meu Max, meu irmãozinho, por favor, por favor, fique.

— Sempre vou ter 9 anos — falou ele, e tocou o rosto dela. Os dedos de Max atravessaram a irmã, como se ele estivesse passando a mão por fumaça. — Isabelle? — disse ele, com a voz esmorecendo, e sumiu.

Isabelle sentiu os joelhos cederem. Caiu no chão. Não havia mais risos ao redor, nem a cozinha com azulejos charmosos, apenas cinzas e pedras escurecidas. Ela ergueu as mãos para conter as lágrimas.

O Salão dos Acordos estava cheio de estandartes azuis, cada qual estampado com o brasão dourado da família Lightwood. Quatro mesas longas tinham sido arrumadas frente a frente. No

centro, um palanque com espadas e flores.

Alec estava sentado à mesa mais longa, na cadeira mais alta. À sua esquerda estava Magnus, e à direita, sua família se estendia ao longo da mesa: Isabelle e Max, Robert e Maryse; Jace; e ao lado de Jace, Clary. Havia primos Lightwood também, alguns dos quais ele não encontrava desde a infância; todos transbordando de orgulho, mas nenhum rosto brilhava tanto quanto o de seu pai.

— Meu filho — repetia ele para quem quisesse ouvir. Neste instante tinha cercado a Consulesa, que passava pela mesa com uma taça de vinho na mão. — Meu filho venceu a batalha; aquele ali é meu filho. O sangue Lightwood sempre aparece; nossa família sempre foi de guerreiros.

A Consulesa riu.

— Economize para o discurso, Robert — advertiu ela, dando uma piscadela para Alec por sobre a borda da taça.

— Ai, meu Deus, o discurso — falou Alec, horrorizado, escondendo o rosto nas mãos.

Magnus passou as juntas dos dedos gentilmente pelas costas de Alec, como se estivesse afagando um gato. Jace olhou para ambos e ergueu as sobrancelhas.

— Como se todos nós já não tivéssemos estado em um salão cheio de gente dizendo como somos incríveis — provocou ele, e quando Alec o olhou feio, ele sorriu. — Ah, então só aconteceu comigo, mesmo.

— Deixe meu namorado em paz — censurou Magnus. — Conheço feitiços capazes de virar suas orelhas do avesso.

Jace tocou as próprias orelhas com preocupação enquanto Robert se levantava, a cadeira sendo arrastada para trás, e bateu de leve o garfo na taça. O som ecoou pelo salão, e os Caçadores de Sombras caíram no silêncio, olhando para a mesa dos Lightwood com expectativa.

— Estamos aqui reunidos — disse Robert, esticando os braços expansivamente — para homenagear meu filho, Alexander Gideon Lightwood, que destruiu sozinho as forças dos Crepusculares e derrotou em batalha o filho de Valentim Morgenstern. Alec salvou a vida de nosso terceiro filho, Max. Juntamente a seu *parabatai*, Jace Herondale, tenho orgulho em dizer que meu filho é um dos maiores guerreiros que já conheci. — Ele se virou e sorriu para Alec e Magnus. — É preciso mais que um braço forte para ser um grande guerreiro — prosseguiu. — É preciso uma grande mente e um grande coração. Por isso também queria compartilhar nossa outra boa notícia. Ontem meu filho ficou noivo de seu parceiro, Magnus Bane…

Um coro de vibrações explodiu. Magnus aceitou com um aceno modesto de garfo. Alec deslizou pela cadeira, as bochechas ardendo. Jace olhou pensativamente.

— Parabéns — disse ele. — Tenho a sensação de que perdi uma oportunidade.

— O… o quê? — gaguejou Alec.

Jace deu de ombros.

— Sempre soube que você gostava de mim, e eu meio que gostava de você também. Achei que devia te contar.

— O quê? — repetiu Alec.

Clary se sentou ereta.

— Sabe — começou ela —, acham que existe alguma chance de vocês… — Ela gesticulou entre Jace e Alec. — Seria sexy.

— Não — declarou Magnus. — Sou um feiticeiro muito ciumento.

— Somos *parabatai* — falou Alec, recobrando a voz. — A Clave iria… digo… é *ilegal*.

— Ora, vamos — disse Jace. — A Clave deixaria você fazer qualquer coisa que quisesse. Veja, todos te amam. — Ele gesticulou para o salão repleto de Caçadores de Sombras. Todos vibravam enquanto Robert discursava, alguns limpavam lágrimas. Uma menina em uma das mesas menores levantou uma placa que dizia Alec Lightwood, nós te amamos.

— Acho que vocês deveriam se casar no inverno — sugeriu Isabelle, olhando desejosa para o enfeite de mesa floral branco. — Nada muito grandioso. Quinhentas ou seiscentas pessoas.

— Isabelle — resmungou Alec.

Ela deu de ombros.

— Você tem muitos fãs.

— Ah, pelo amor de Deus — disse Magnus, e estalou os dedos na cara de Alec. Seus cabelos negros estavam arrepiados, e os olhos verde-dourados brilhavam de irritação. — ISTO NÃO ESTÁ ACONTECENDO.

— O quê? — Alec se espantou.

— É uma alucinação — falou Magnus —, ocasionada por sua entrada no reino demoníaco. Provavelmente causada por um demônio à espreita perto da entrada do mundo e que se alimenta dos sonhos de viajantes. Desejos têm muito poder — acrescentou, examinando o próprio reflexo na colher. — Principalmente os desejos mais profundos de nossos corações.

Alec olhou em volta do salão.

— Este é o desejo mais profundo do meu coração?

— Claro — respondeu Magnus. — Seu pai orgulhoso de você. Você, o herói do momento. Eu, amando você. *Todo mundo* te aprovando.

Alec olhou para Jace.

— Certo, e a coisa com Jace?

Magnus deu de ombros.

— Sei lá. Essa parte foi só esquisita.

— Então preciso acordar. — Alec pôs as mãos sobre a mesa, esticadas; o anel Lightwood brilhou em seu dedo. Tudo aparentava ser real, parecia real, mas ele não conseguia se lembrar das palavras de seu pai. Não conseguia se lembrar de ter derrotado Sebastian, nem de ter vencido

uma guerra. Não conseguia se lembrar de ter salvado Max.

— Max — sussurrou.

As pupilas de Magnus dilataram.

— Sinto muito — disse ele. — Os desejos de nossos corações são armas que podem ser usadas contra nós. Lute, Alec. — Ele tocou o rosto de Alec. — Não é isto que você quer, este sonho. Demônios não compreendem corações humanos, não muito bem. Enxergam como se fosse através de um vidro distorcido e lhe mostram o que você deseja, mas de um jeito deformado e errado. Use estes erros para se retirar do sonho. A vida é cheia de perdas, Alexander, mas é melhor que isso.

— Meu Deus — falou Alec, e fechou os olhos. Sentiu o mundo ao redor rachar, como se estivesse se livrando de uma casca. As vozes ao redor desapareceram, assim como o tato da cadeira na qual estava sentado, o cheiro da comida, o clamor dos aplausos e, finalmente, o toque de Magnus em seu rosto.

Seus joelhos atingiram o chão. Ele engasgou e abriu os olhos. Ao redor, só paisagem cinza. O fedor de lixo atingiu suas narinas, e ele recuou instintivamente quando uma coisa avançou em cima dele — um monte de fumaça rudimentar, um aglomerado de olhos amarelos brilhantes pendurados na escuridão. Olhavam para ele enquanto tentava pegar o arco e preparar uma flecha.

A coisa rugiu e avançou, atacando-o como uma onda quebrando na praia. Alec soltou a flecha marcada por símbolos — a qual esvoaçou no ar e se enterrou no demônio de fumaça. Um grito estridente rachou o ambiente, o demônio pulsando em torno da flecha enterrada em seu corpo, tentáculos de fumaça se expandindo, arranhando o céu…

E o demônio evaporou. Alec se levantou, armando mais uma flecha, e girou, examinando a paisagem. Parecia-se com as fotos que ele já tinha visto da superfície da lua, marcada e cinzenta, e no alto havia um céu chamuscado, cinza e amarelo, sem nuvens. O sol estava alaranjado e baixo, uma brasa morta. Não havia sinal dos outros.

Lutando contra o pânico, ele correu para o topo da colina mais próxima, aí desceu pelo outro lado. O alívio o atingiu como uma onda. Havia uma depressão entre os dois montes de cinza e pedra, e agachada naquele ponto estava Isabelle, lutando para se levantar. Alec desceu pelo lado íngreme da colina e a tomou em um aperto de um braço só.

— Iz — disse ele.

Ela emitiu um ruído suspeitosamente parecido com uma fungada e se afastou.

— Estou bem — disse ela. Tinha marcas de lágrimas no rosto; ele se perguntava o que ela teria visto. *Os desejos de nossos corações são armas que podem ser usadas contra nós*.

— Max? — perguntou ele.

Isabelle assentiu, os olhos brilhando de raiva e com lágrimas não derramadas. Claro que

estaria irritada. Ela detestava chorar.

— Eu também — falou ele, e em seguida girou ao ouvir o som de um passo, meio que puxando Isabelle para trás de si.

Era Clary e, ao lado dela, Simon. Ambos pareciam espantados. Isabelle saiu de trás de Alec.

— Vocês dois…?

— Estamos bem — respondeu Simon. — Nós… vimos coisas. Coisas estranhas. — Simon não conseguiu encarar Isabelle, e Alec ficou se perguntando o que ele teria imaginado. Quais eram os sonhos e desejos de Simon? Alec nunca tinha parado para pensar a respeito.

— Foi um demônio — explicou Alec. — Do tipo que se alimenta de sonhos e desejos. Eu o matei — O olhar dele foi de Clary e Simon para Isabelle. — Onde está Jace?

Clary empalideceu sob a sujeira no rosto.

— Achamos que ele estivesse com vocês.

Alec balançou a cabeça.

— Ele está bem — falou. — Eu saberia se não estivesse…

Mas Clary já tinha dado meia-volta e estava praticamente correndo de volta pelo caminho de onde viera; após um instante, Alec a seguiu, e os outros fizeram o mesmo. Ela subiu aos tropeços e, depois, subiu mais um pouco. Alec percebeu que ela estava procurando um ponto mais alto, de onde a vista seria melhor. Dava para escutá-la tossindo; os pulmões do próprio Alec também pareciam cobertos de cinzas.

Morto, pensou ele. *Tudo neste mundo está morto e queimado, reduzido a pó. O que* aconteceu *aqui?*

No topo da colina havia um marco fúnebre — um círculo de pedras lisas, como um poço seco. Sentado na beira das pedras, estava Jace, olhando para o chão.

— Jace! — Clary parou na frente dele, ajoelhou e lhe segurou os ombros. Ele a encarou com o olhar vazio. — Jace — repetiu ela, desesperada. — Jace, acorde. Não é real. É um demônio nos fazendo ver coisas que queremos. Alec o matou. Tudo bem? Não é real.

— Eu sei. — Ele levantou a cabeça, e Alec sentiu o olhar como um golpe. Jace parecia estar sofrendo uma hemorragia, apesar de estar claramente inteiro.

— O que você viu? — perguntou Alec. — Max?

Jace balançou a cabeça.

— Não vi nada.

— Tudo bem, o que quer que tenha visto... Está tudo bem — consolou Clary. Ela se inclinou, tocou o rosto de Jace; Alec foi lembrado de forma intensa dos dedos de Magnus em sua bochecha no sonho. Magnus declarando que o amava. Magnus, que talvez nem estivesse mais vivo. — Eu vi Sebastian — falou ela. — Eu estava em Idris. O solar Fairchild continuava de pé. Minha mãe estava com Luke. Eu… ia haver um casamento. — Ela engoliu em seco. — E eu também tinha

uma irmãzinha. Foi batizada em homenagem a Valentim. Ele era um herói. Sebastian estava lá, mas ele parecia bem, estava normal. E me amava. Como um irmão de verdade.

— Que bagunça — comentou Simon. Ele se aproximou de Isabelle, e eles ficaram ombro a ombro. Jace esticou o braço e passou um dedo por um dos cachos de Clary, cuidadosamente, deixando-o se enrolar em sua mão. Alec se lembrou da primeira vez em que percebeu que Jace estava apaixonado por ela: observava seu *parabatai* do outro lado da sala, assistindo aos movimentos. Ele se lembrava de ter pensado: *ela é tudo que ele vê*.

— Todos temos sonhos — disse Clary. — Isso não significa nada. Lembra-se do que eu disse? Vamos ficar juntos.

Jace a beijou na testa e se levantou, estendendo a mão; após um instante Clary a segurou, e ficou de pé ao lado dele.

— Eu não vi nada — justificou-se ele, gentil. — Tudo bem?

Ela hesitou, claramente não acreditando; e com a mesma clareza, não queria insistir no assunto.

— Tudo bem.

— Detesto tocar no assunto — falou Isabelle —, mas alguém viu algum caminho de *volta*?

Alec pensou na corrida pelas colinas do deserto, enquanto procurava os outros, examinando o horizonte. Viu os companheiros empalidecerem enquanto olhavam em volta.

— Eu acho — disse ele — que não tem caminho de volta. Não daqui, não pelo túnel. Acho que fechou depois que passamos.

— Então foi uma viagem só de ida — falou Clary, com um leve tremor na voz.

— Não necessariamente — interveio Simon. — Temos que chegar a Sebastian, sempre soubemos disso. E, quando chegarmos, Jace pode tentar fazer a mágica dele com o fogo celestial, seja lá o que isso for… sem ofensa…

— Não ofendeu — respondeu Jace, voltando os olhos para o céu.

— E uma vez que resgatarmos os prisioneiros — emendou Alec —, Magnus pode nos ajudar a voltar. Ou podemos descobrir como Sebastian vai e vem; este não pode ser o único caminho.

— Isso é um tanto otimista — comentou Isabelle. — E se não conseguirmos resgatar os prisioneiros, ou não conseguirmos matar Sebastian?

— Aí ele vai nos matar — disse Jace. — E não vai ter importância não sabermos como voltar.

Clary aprumou os ombros pequenos.

— Então é melhor a gente encontrar logo Sebastian, não?

Jace pegou sua estela e tirou a pulseira de Sebastian do pulso. Fechou os dedos em torno da peça, usando a estela para desenhar um símbolo de rastreamento na parte de cima da mão. Um momento se passou, em seguida, mais um; um olhar de concentração intensa passou pelo rosto de Jace, como uma nuvem. Ele levantou a cabeça.

— Ele não está tão longe — informou. — A um dia de distância, talvez dois dias caminhando a partir daqui. — Ele recolocou a pulseira no pulso. Alec encarou a pulseira, depois encarou Jace. *Se não puder dobrar os céus, moverei o inferno*.

— Usar a pulseira vai me impedir de perdê-la — explicou-se Jace, e, quando Alec não respondeu, deu de ombros e começou a descer a colina. — Temos que ir — disse ele. — Temos um longo caminho a percorrer.

15

Enxofre e Sal

— Por favor, não arranque minha mão — disse Magnus. — Eu gosto desta mão. *Preciso* desta mão.

— Humpf — disse Raphael, que estava ajoelhado ao lado dele, as mãos na corrente que se esticava entre a algema na mão direita de Magnus e no círculo de *adamas* enterrado no chão. — Só estou tentando ajudar. — Ele bateu na corrente com força, e Magnus gritou de dor e o encarou. Raphael tinha mãos magras, de menino, mas isso era ilusório: ele possuía a força de um vampiro e, no momento, estava empregando essa força no propósito de arrancar as correntes de Magnus pela raiz.

A cela onde se encontravam era circular. O chão era feito de pedras de granito, sobrepostas. Bancos de pedra ornavam os interiores das paredes. Não havia porta perceptível, apesar de haver janelas estreitas — tão estreitas quanto flechas. Não tinham vidro, e pela profundidade delas dava para notar que as paredes tinham no mínimo 30 centímetros de espessura.

Magnus tinha acordado naquele recinto, com um círculo de Caçadores de Sombras malignos trajando vermelho ao redor dele, prendendo as correntes no chão. Antes de a porta se fechar atrás deles, viu Sebastian no corredor lá fora, sorrindo para ele como um ceifador.

Agora Luke estava diante de uma das janelas, olhando para fora. Nenhum deles tinha recebido muda de roupas, e ele continuava com a calça social e a camisa que usara para o jantar em Alicante. A frente estava marcada por manchas cor de ferrugem. Magnus tinha que ficar lembrando a si que se tratava de vinho. Luke parecia desvairado, o cabelo desgrenhado, uma das lentes dos óculos rachada.

— Está vendo alguma coisa? — perguntava Magnus agora, enquanto Raphael ia até o outro lado para ver se seria mais fácil tirar a corrente da mão esquerda. Magnus era o único acorrentado. Quando acordou, Luke e Raphael já estavam conscientes, Raphael deitado em um dos bancos enquanto Luke chamava por Jocelyn até ficar rouco.

— Não — respondeu Luke sucintamente. Raphael ergueu uma sobrancelha para Magnus. Ele estava com o cabelo bagunçado e com aspecto jovial, enterrando os dentes no lábio enquanto as juntas embranqueciam ao redor das correntes. Eram longas o bastante para que Magnus sentasse ereto, mas não dava para ficar de pé. — Só fumaça. Fumaça cinza-amarelada. Talvez montanhas ao longe. É difícil dizer.

— Acha que ainda estamos em Idris? — perguntou Raphael.

— Não — respondeu Magnus sem rodeios. — Não estamos em Idris. Posso sentir no meu

sangue.

Luke olhou para ele.

— Onde estamos?

Magnus conseguia sentir o sangue fervendo, o início de uma febre. Formigando por seus nervos, secando sua boca, fazendo a garganta doer.

— Estamos em Edom — disse. — Uma dimensão demoníaca.

Raphael derrubou a corrente e praguejou em espanhol.

— Não consigo libertá-lo — falou, claramente frustrado. — Por que os serviçais de Sebastian só acorrentarem você, e nós não?

— Porque Magnus precisa das mãos para fazer mágica — esclareceu Luke.

Raphael olhou para Magnus, surpreso. Magnus meneou as sobrancelhas.

— Não sabia disso, vampiro? — falou. — Achei que a essa altura já teria percebido; está vivo há tempo o suficiente.

— Talvez. — Raphael sentou-se nos calcanhares. — Mas nunca me relacionei muito com feiticeiros.

Magnus o encarou, com um olhar que dizia: *nós dois sabemos que isso não é verdade*. Raphael desviou o olhar.

— Uma pena — disse Magnus. — Caso Sebastian tivesse feito o dever de casa, saberia que não posso fazer mágica neste reino. Não há necessidade disto. — Ele bateu as correntes como o fantasma de Marley.

— Então é aqui que Sebastian vem se escondendo durante esse tempo todo — falou Luke. — Por isso não conseguíamos rastreá-lo. Esta é a base de operações.

— Ou — disse Raphael — este aqui é só um lugar no qual nos abandonou para morrermos e apodrecermos.

— Ele não se daria o trabalho — emendou Luke. — Se nos quisesse mortos, já estaríamos mortos, nós três. Ele tem algum plano maior. Sempre tem. Só não sei por quê... — Ele parou, olhando para as próprias mãos, e de repente Magnus se lembrou de Luke muito mais jovem, cabelos esvoaçantes, feições preocupadas e coração aberto.

— Ele não vai machucá-la — afirmou Magnus. — Refiro-me a Jocelyn.

— Pode machucar — respondeu Raphael. — Ele é muito louco.

— Por que não a machucaria? — Luke parecia segurar um medo que ameaçava explodir. — Porque é mãe dele? Não é assim que funciona. Não é assim que *Sebastian* funciona.

— Não porque é mãe dele — explicou Magnus. — Porque é mãe de Clary. Ela é uma peça de negociação. E ele não vai abrir mão dela tão facilmente.

Estavam andando pelo que pareciam horas agora, e Clary se sentia exausta.

O solo acidentado dificultava a caminhada. Nenhuma das colinas era muito alta, mas não havia trilhas e eram cobertas por pedras xistosas e denteadas. Às vezes havia planícies grudentas e alcatroadas, e os pés afundavam quase até os calcanhares, arrastando a caminhada.

Eles pararam para aplicar símbolos para força e firmeza nos pés, e para beber água. O lugar era seco, todo cheio de fumaça e cinzas, com alguns rios brilhantes de pedras fundidas passando pela terra queimada. Seus rostos já estavam manchados de sujeira e cinza, o uniforme coberto de pó.

— Economizem a água — alertou Alec, fechando sua garrafa de plástico. Tinham parado à sombra de uma pequena montanha. O topo recortado erguia-se em picos e ameias que lembravam uma coroa. — Não sabemos quanto tempo vamos passar viajando.

Jace tocou a pulseira e, em seguida, o símbolo de rastreamento. Franziu o rosto para a estampa na parte de cima da mão.

— Estes símbolos que acabamos de colocar — disse. — Alguém me mostre algum.

Isabelle emitiu um ruído impaciente, em seguida esticou o pulso, onde Alec havia desenhado um símbolo de Velocidade mais cedo. Ela piscou para a Marca.

— Está desbotando — falou, com uma súbita incerteza na voz.

— Meu símbolo de rastreamento também, e os outros — disse Jace, olhando para a própria pele. — Acho que os símbolos desbotam mais depressa aqui. Vamos ter que tomar cuidado ao utilizá-los. Verificar se precisam ser aplicados novamente.

— Nossos símbolos de Velocidade estão desvanecendo — observou Isabelle, soando frustrada. — Isso pode determinar a diferença de dois ou três dias andando. Sebastian pode fazer *qualquer coisa* com os prisioneiros.

Alec franziu o rosto.

— Não vai fazer — observou Jace. — São a garantia dele de que a Clave vai nos entregar. Não vai fazer nada, a não ser que tenha certeza de que isso não vai acontecer.

— Podíamos andar a noite inteira — disse Isabelle. — Poderíamos usar símbolos de Vigília. Continuar aplicando-os.

Jace olhou em volta. Tinha manchas de sujeira abaixo dos olhos, nas bochechas e na testa, onde havia esfregado a palma da mão. O céu havia passado de amarelo a laranja-escuro, marcado por nuvens negras turbulentas. Clary supôs que fosse um indício da proximidade da noite. Ela ficou imaginando se dias e noites eram a mesma coisa neste lugar, ou se as horas eram diferentes, se as rotações deste planeta eram sutilmente desalinhadas.

— Quando os símbolos de Vigília desbotarem, você sucumbe — respondeu Jace. — Aí vai encarar Sebastian basicamente de ressaca... não é uma boa ideia.

Alec seguiu o olhar de Jace pela paisagem morta.

— Então temos que encontrar um lugar para descansar. Dormir. Não é mesmo?

Clary não escutou nada do que Jace falou em seguida. Já havia se afastado da conversa, escalando o lado íngreme de uma rocha. O esforço a fez tossir; o ar estava podre, carregado de fumaça espessa e cinzas, mas ela não estava a fim de ficar para assistir a uma discussão. Sentia-se exausta, a cabeça latejando, e não parava de enxergar a mãe em sua cabeça, o tempo todo. A mãe e Luke, juntos na varanda, de mãos dadas, olhando carinhosamente para ela.

Arrastou-se para o topo da elevação e parou ali. A colina descia de forma íngreme do outro lado, dando em um platô de rocha acinzentada que se estendia pelo horizonte, com pilhas aqui e ali, com montes de entulho e xisto. O sol havia baixado, apesar de ainda apresentar a mesma cor de laranja queimado.

— O que está olhando? — perguntou uma voz ao seu lado; ela se assustou e se virou para flagrar Simon ali. Ele não estava tão gordurento quanto os outros. A sujeira nunca parecia grudar em vampiros. Mas tinha o cabelo cheio de poeira.

Ela apontou para buracos escuros que marcavam a lateral de uma colina próxima, como tiros de armas de fogo.

— São entradas de cavernas, acho — falou.

— Parece até uma cena de *World of Warcraft*, não é não? — disse ele, gesticulando em volta, indicando a paisagem arrasada, o céu marcado por cinzas. — Só que aqui não dá para desligar e sair.

— Há muito tempo que não consigo desligar. — Clary podia ver Jace e os outros Lightwood à distância, ainda discutindo.

— Você está bem? — perguntou Simon. — Não tive chance de conversar com você desde tudo que aconteceu com sua mãe, e Luke...

— Não — respondeu Clary. — Não estou bem. Mas preciso continuar. Se eu continuar, não fico pensando no assunto.

— Sinto muito. — Simon colocou as mãos nos bolsos, a cabeça abaixada. Seus cabelos castanhos voavam sobre a testa, sobre o ponto onde estivera a Marca de Caim.

— Está brincando? Eu é que sinto muito. Por tudo. Por você ter virado vampiro, pela Marca de Caim...

— Que me *protegeu* — protestou Simon. — Aquilo foi um milagre. Foi uma coisa que só você podia fazer.

— É disso que tenho medo — sussurrou Clary.

— De quê?

— De não ter mais nenhum milagre em mim — respondeu, e pressionou os lábios enquanto os outros se juntavam a eles, Jace olhando com curiosidade de Simon para Clary, como se estivesse imaginando o tema da conversa entre eles.

Isabelle olhava para a planície, para os hectares de vazio adiante, para a vista engasgada de pó.

— Está vendo alguma coisa?

— E aquelas cavernas? — Perguntou Simon, apontando para as entradas escuras na lateral da montanha. — Podem ser abrigo...

— Boa ideia — respondeu Jace. — Estamos em uma dimensão demoníaca, só Deus sabe o que mora ali, e você quer se arrastar por um buraco escuro e...

— Tudo bem — interrompeu Simon. — Foi só uma sugestão. Não precisa se irritar...

Jace, que claramente estava de mau humor, lhe lançou um olhar frio.

— Isso não sou eu irritado, vampiro...

Um pedaço escuro de nuvem se destacou do céu e de repente avançou para baixo, mais veloz que qualquer um deles seria capaz de acompanhar. Clary viu de relance uma imagem terrível de asas e dentes, e dúzias de olhos vermelhos, e então Jace estava subindo ao céu, preso às garras de um demônio voador.

Isabelle gritou. A mão de Clary foi para o cinto, mas o demônio já tinha voado para o céu, um turbilhão de asas de couro, emitindo um grito agudo de triunfo. Jace não fez qualquer barulho; Clary via as botas penduradas, imóveis. Será que ele estava *morto*?

A visão de Clary ficou branca. Ela se virou para Alec, que já estava com o arco na mão e uma flecha preparada.

— Atire! — gritou ela.

Ele rodou como um dançarino, examinando o céu.

— Não consigo mirar; está escuro demais... posso acertar Jace...

O chicote de Isabelle se desenrolou da mão, um fio brilhante alcançando o céu, subindo, impossivelmente alto. A luz brilhante iluminou o céu nebuloso, e Clary ouviu o demônio gritar de novo, desta vez um uivo estridente de dor. A criatura estava girando pelo ar, vacilante, Jace preso às suas garras. As garras estavam enterradas nas costas dele — ou ele estaria se segurando à *criatura*? Clary teve a impressão de ter visto o brilho de uma lâmina serafim, ou talvez tivesse sido apenas a luz do chicote de Izzy enquanto este se elevava, depois descia novamente como uma serpentina brilhante.

Alec xingou e soltou uma flecha. Ela voou, perfurando a escuridão; um segundo depois, uma massa escura despencava para a terra, atingindo o chão com um estrondo que levantou uma nuvem de cinzas.

Todos ficaram encarando. Esticado, o demônio era grande, quase do tamanho de um cavalo, com um corpo verde-escuro, parecido com o de uma tartaruga; asas flácidas que pareciam de couro; seis apêndices cheios de garras e que lembravam centopeias; e um pescoço longo que culminava em um círculo de olhos e dentes afiados e tortos. A cauda da flecha de Alec se elevava da lateral da criatura.

Jace estava ajoelhado nas costas do demônio, com uma lâmina serafim na mão. Golpeava a

nuca do monstro furiosamente, sem parar, liberando pequenos esguichos de icor negro que espirravam em suas roupas e em seu rosto. O demônio gorgolejou e sucumbiu, seus muitos olhos vermelhos ficando vazios e apagados.

Jace saiu das costas da criatura, ofegante. A lâmina serafim já tinha começado a se contorcer com icor; ele a limpou, jogando o icor fora, e olhou para o pequeno grupo de amigos, todos o encarando com expressões de espanto.

— *Isto* — falou — sou eu irritado.

Alec resmungou, algo entre um gemido e uma onomatopeia, e baixou o arco. Seus cabelos negros estavam grudados à testa por causa do suor.

— Não precisam parecer todos tão preocupados — disse Jace. — Eu estava me saindo bem.

Clary, tonta de alívio, engasgou.

— *Bem?* Se sua definição de "bem" inclui virar o lanchinho de uma tartaruga voadora assassina, então vamos precisar ter uma *conversinha*, Jace Lightwood...

— Ele não desapareceu — interrompeu Simon, tão assustado quanto o restante deles. — O demônio. Não desapareceu quando você o matou.

— Não, não desapareceu — disse Isabelle. — O que significa que a dimensão dele é esta. — Ela estava com a cabeça esticada para trás e examinava o céu. Clary viu o brilho de um símbolo de Visão de Longo Alcance recém-aplicado em seu pescoço. — E aparentemente esses demônios conseguem circular à luz do dia. Provavelmente porque o sol aqui está quase desbotado. Precisamos sair desta área.

Simon tossiu alto.

— O que vocês estavam falando sobre o abrigo em uma caverna ser uma ideia ruim?

— Na verdade, foi só Jace — disse Alec. — Pra mim a ideia parece boa.

Jace encarou os dois e esfregou o rosto com uma das mãos, tendo êxito na missão de se sujar de icor negro.

— Vamos olhar as cavernas. Encontraremos uma pequena e verificaremos minuciosamente antes de descansar. Eu fico com o primeiro turno de vigilância.

Alec assentiu e foi em direção à entrada mais próxima. O restante do grupo o seguiu; Clary acompanhava os passos de Jace. Ele estava em silêncio, perdido nos próprios pensamentos; sob a coberta pesada de nuvens, seu cabelo brilhava num tom dourado, e Clary via os enormes rasgos nas costas do casaco do uniforme de luta, onde as garras do demônio o haviam prendido. De repente Jace sorriu.

— O quê? — perguntou Clary. — Qual é a graça?

— "Tartaruga voadora assassina"? — falou ele. — Só você mesmo.

— "Só eu mesmo"? Isso é bom ou ruim? — perguntou ela, enquanto chegavam à entrada da caverna, que se erguia diante deles como uma boca escura aberta.

Mesmo às sombras, o sorriso de Jace brilhava.

— É perfeito.

Avançaram apenas alguns metros no túnel antes de descobrirem o caminho bloqueado por um portão metálico. Alec praguejou, olhando por cima do ombro. A entrada da caverna estava logo atrás, e através dela Clary enxergava o céu laranja e formas escuras e circulares.

— Não... isso é bom — disse Jace, aproximando-se do portão. — Vejam. Símbolos.

E de fato havia símbolos nas curvas do metal: alguns familiares, outros que Clary não conhecia. Mesmo assim, lhe transmitiam mensagens de proteção, de lutas contra forças demoníacas, um sussurro nos recônditos de sua mente.

— São símbolos de proteção — disse ela. — Proteção contra demônios.

— Ótimo — declarou Simon, lançando mais um olhar ansioso por sobre o ombro. — Porque demônios estão vindo... acelerados.

Jace olhou para trás, em seguida agarrou o portão e o sacudiu. A tranca explodiu, soltando flocos de ferrugem. Ele puxou de novo, com mais força, e o portão se abriu; as mãos de Jace brilhavam sob a luz fraca, e o metal onde ele tocou ficou preto.

Ele correu para a escuridão além, e os outros foram atrás, Isabelle alcançando sua pedra de luz enfeitiçada. Simon foi em seguida, e Alec por último, esticando a mão para fechar o portão. Clary levou um instante para desenhar um símbolo de fechamento, só para garantir.

A luz enfeitiçada de Izzy brilhou, iluminando o fato de estarem em um túnel que avançava sinuosamente pela escuridão. As paredes eram lisas, de mármore, marcadas incessantemente com símbolos de proteção, sacralidade e defesa. O chão era de pedra arenosa, fácil de caminhar. O ar se tornava mais limpo à medida que penetravam a montanha, o veneno da bruma e dos demônios retrocedendo aos poucos até Clary respirar com mais facilidade do que durante todo o tempo em que estivera naquele reino.

Por fim chegaram a um espaço circular amplo, claramente esculpido por mãos humanas. Parecia o interior da cúpula de uma catedral: redondo, com um teto enorme arqueado acima. Havia uma fogueira no centro do salão, há muito apagada. Havia pedrinhas brancas no teto. Brilhavam suavemente, preenchendo o recinto com uma iluminação fraca. Isabelle abaixou sua pedra, deixando-a se apagar na mão.

— Acho que este era um esconderijo — falou Alec, com a voz sussurrada. — Uma espécie de barricada final, onde quem quer que morasse aqui pudesse ficar seguro contra os demônios.

— Quem quer que tenha morado aqui conhecia magia de símbolos — disse Clary. — Eu não reconheço todas as Marcas, mas consigo sentir o que significam. São símbolos sagrados como os de Raziel.

Jace tirou a mochila dos ombros e a deslizou para o chão.

— Hoje vamos dormir aqui.

Alec pareceu desconfiado.

— Tem certeza de que é seguro?

— Vamos examinar os túneis — disse Jace. — Clary, venha comigo. Isabelle, Simon, fiquem com o corredor leste. Vamos torcer para que isto funcione no reino demoníaco. — Ele bateu no símbolo de bússola no antebraço, que era uma das primeiras Marcas recebidas pelos Caçadores de Sombras.

Isabelle largou sua mochila, pegou duas lâminas serafim e as guardou nos coldres nas costas.

— Tudo bem.

— Vou com vocês — disse Alec, fitando Isabelle e Simon com olhos desconfiados.

— Se tem que ser assim — respondeu Isabelle, com uma indiferença exagerada. — Devo alertá-lo de que vamos nos agarrar no escuro. Beijação caprichada e molhada.

Simon ficou espantado.

— Vamos... — começou Simon, mas Isabelle pisou no pé dele, e ele se calou.

— "*Beijação*"? — perguntou Clary. — Esta palavra existe?

Alec pareceu nauseado.

— Suponho que eu possa ficar aqui.

Jace sorriu e jogou uma estela para ele.

— Faça uma fogueira — falou. — Prepare uma torta para a gente ou algo assim. Essa coisa de caçar demônios dá fome.

Alec enterrou a estela no chão e começou a desenhar o símbolo de fogo. Pareceu murmurar algo sobre como Jace não gostaria de acordar de manhã com a cabeça raspada.

Jace sorriu para Clary. Sob o icor e o sangue estava o fantasma de seu velho sorriso endiabrado, mas isso era bom. Ela pegou Heosphoros em seu cinto. Simon e Isabelle já tinham desaparecido pelo corredor leste; ela e Jace viraram para o caminho oposto, que se inclinava levemente para baixo. Enquanto adquiriam ritmo, Clary ouviu Alec gritar atrás deles:

— E as sobrancelhas também!

Jace riu secamente.

Maia não sabia ao certo o que tinha pensado sobre ser líder do bando, mas não imaginava que fosse assim.

Estava sentada à mesa do saguão do prédio da Segunda Delegacia, Morcego na cadeira atrás dela, explicando pacientemente vários aspectos da administração de um bando de lobos: como se comunicavam com os outros membros da Praetor Lupus na Inglaterra, como mensagens eram transmitidas de e para Idris, até mesmo como coordenavam pedidos no restaurante Jade Wolf. Ambos levantaram as cabeças quando as portas se abriram e uma feiticeira de pele azul com

uniforme de enfermeira entrou no recinto, seguida por um homem alto de casaco preto.

— Catarina Loss — disse Morcego, de forma a apresentá-la. — Nossa nova líder do bando, Maia Roberts...

Catarina o dispensou com um aceno. Ela era *muito* azul, quase cor de safira, e tinha cabelos brancos lustrosos arrumados em um coque. O uniforme tinha caminhões desenhados.

— Este é Malcolm Fade — disse ela, indicando o homem alto ao seu lado. — Alto Feiticeiro de Los Angeles.

Malcolm Fade inclinou a cabeça. Tinha feições angulares, cabelo da cor de papel, e olhos roxos. *Muito* roxos, de uma cor diferente de quaisquer olhos humanos. Era atraente, pensou Maia, se você gostasse desse tipo de coisa.

— Magnus Bane sumiu! — anunciou ele, como se esse fosse o título de um livrinho ilustrado.

— Luke também — falou Catarina sombriamente.

— Sumiu? — ecoou Maia. — Como assim, sumiu?

— Bem, não sumiu, exatamente. Foi sequestrado — explicou Malcolm, e Maia derrubou a caneta que estava segurando. — Quem sabe onde podem estar? — Ele soava como se a coisa fosse empolgante e ele estivesse triste por não estar mais envolvido.

— Sebastian Morgenstern é o responsável? — perguntou Maia a Catarina.

— Sebastian capturou todos os representantes do Submundo. Meliorn, Magnus, Raphael e Luke. E Jocelyn também. E vai mantê-los reféns, diz, a não ser que a Clave concorde em entregar Clary e Jace.

— E se não o fizerem? — perguntou Leila. A entrada dramática de Catarina tinha atraído o bando, e estavam todos enchendo o recinto, ocupando a escadaria e se agrupando em volta da mesa, como licantropes curiosos que eram.

— Então ele vai matar os representantes — disse Maia. — Certo?

— A Clave deve saber que se permitirem que ele faça isso, os membros do Submundo vão se rebelar — declarou Morcego. — Seria o mesmo que dizer que as vidas de quatro integrantes do Submundo valem menos que a segurança de dois Caçadores de Sombras.

Não apenas dois Caçadores de Sombras, pensou Maia. Jace era difícil e irritadiço, e Clary se mostrara reservada no começo, mas eles lutaram por ela e com ela; salvaram sua vida, e ela salvou as deles.

— Entregar Jace e Clary seria assassiná-los — disse Maia. — E sem garantias de que teríamos Luke de volta. Sebastian é mentiroso.

Os olhos de Catarina brilharam.

— Se a Clave ao menos não fizer algum movimento para resgatar Magnus e os outros, não perderão apenas os representantes do Submundo no Conselho. Perderão os Acordos.

Maia ficou quieta por um momento; estava consciente de todos os olhos nela. Os outros lobos

ficaram observando qual seria sua reação. A reação da líder.

Ela se aprumou.

— O que dizem os feiticeiros? O que vão fazer? E o Povo das Fadas e as Crianças Noturnas?

— A maioria dos membros do Submundo não sabe — disse Malcolm. — Acontece que tenho um informante. Compartilhei as notícias com Catarina por causa de Magnus. Achei que ela precisava saber. Digo, esse tipo de situação não acontece todo dia. Sequestros! Resgates! Amor separado por tragédia!

— Cale a boca, Malcolm — falou Catarina. — É por isso que ninguém leva você a sério. — Ela se voltou para Maia. — Veja. A maior parte do Submundo sabe que os Caçadores de Sombras fizeram as malas e foram para Idris, é claro; mas não sabem *por quê*. Estão esperando notícias dos respectivos representantes, as quais, claro, não vieram.

— Mas essa situação não pode esperar — declarou Maia. — O Submundo vai descobrir.

— Ah, vão descobrir — disse Malcolm, aparentemente se esforçando muito para soar sério. — Mas vocês conhecem os Caçadores de Sombras; eles são reservados. Todos sabem sobre Sebastian Morgenstern, é claro, e sobre os Caçadores de Sombras malignos, mas os ataques nos Institutos permaneceram relativamente brandos.

— Os feiticeiros do Labirinto Espiral estão trabalhando em uma cura para os efeitos do Cálice Infernal, mas mesmo eles desconhecem a urgência da situação e o que se passa em Idris — relatou Catarina. — Temo que os Caçadores de Sombras acabem se eliminando pela própria discrição. — Ela estava ainda mais azul que antes; a cor parecia mudar com o humor.

— Então por que vieram até nós, até mim? — questionou Maia.

— Porque Sebastian já transmitiu o recado para você através do ataque a Praetor — respondeu Catarina. — E sabemos que você é íntima dos Caçadores de Sombras, dos filhos do Inquisidor, e da própria irmã de Sebastian, por exemplo. Sabe tanto quanto nós, talvez até mais, sobre o que está se passando.

— Não sei tanto assim — admitiu Maia. — As barreiras em torno de Idris têm dificultado o envio de mensagens.

— Podemos ajudar com isso — disse Catarina. — Não podemos, Malcolm?

— Hum? — Malcolm vagava ociosamente pelo recinto, parando para olhar coisas que Maia considerava cotidianas, um corrimão, um azulejo rachado na parede, um vitral, como se fossem coisas reveladoras. O bando o observava com espanto.

Catarina suspirou.

— Não liguem para ele — falou baixinho para Maia. — Ele é bem poderoso, mas passou por alguma situação esquisita no começo do século passado e, desde então, nunca mais foi o mesmo. É bem inofensivo.

— Ajudar? Claro que podemos ajudar — disse Malcolm, virando-se para olhar para eles. —

Precisa transmitir algum recado? Sempre existem os gatinhos-correio.

— Você quer dizer pombos — corrigiu Morcego. — Pombos-correio.

Malcolm balançou a cabeça.

— Gatinhos-correio. São tão bonitinhos que ninguém resiste. E resolvem problemas com ratos também.

— Não temos problemas com ratos — disse Maia. — Temos um problema de megalomania. — Ela olhou para Catarina. — Sebastian está determinado a criar um afastamento entre o Submundo e os Caçadores de Sombras. Sequestrando representantes, atacando a Praetor, ele não vai parar por aí. Logo, logo todo o Submundo vai saber o que está acontecendo. A questão é: que posição tomarão?

— Ficaremos bravamente ao seu lado! — anunciou Malcolm. Catarina o olhou de forma sombria, e ele hesitou. — Bem, ficaremos bravamente perto de vocês. Ou, pelo menos, ao alcance dos ouvidos.

Maia o olhou, séria.

— Então, basicamente, sem garantias?

Malcolm deu de ombros.

— Feiticeiros são independentes. E é difícil fazer contato conosco. Como gatos, mas com menos rabos. Bem, existem *alguns* rabos. Eu não tenho...

— *Malcolm* — disse Catarina.

— A questão é — continuou Maia —, ou os Caçadores de Sombras vencem, ou Sebastian vence, e se ele ganhar, vai vir atrás de nós, de todos os membros do Submundo. Tudo que ele quer é transformar este mundo em um terreno baldio de cinzas e ossos. Ninguém vai sobreviver.

Malcolm pareceu ligeiramente alarmado, embora nem perto do grau de alarme que deveria apresentar, pensou Maia. O aspecto predominante era de alegria inocente e infantil; não tinha nada da sabedoria travessa de Magnus. Ela ficou se perguntando qual era a idade dele.

— Não acho que vamos conseguir entrar em Idris para lutar ao lado deles, como já fizemos — continuou Maia. — Mas podemos tentar difundir a notícia. Chegar a outros integrantes do Submundo antes de Sebastian. Ele vai tentar recrutá-los; temos que fazê-los entender o que significará se juntar a ele.

— A destruição deste mundo — disse Morcego.

— Existem Altos Feiticeiros em várias cidades; provavelmente vão cogitar a questão. Mas somos lobos solitários, como Malcolm disse — respondeu Catarina. — O Povo das Fadas dificilmente conversará com qualquer um de nós; nunca o fazem...

— E quem se importa com o que os vampiros fazem? — rebateu Leila. — Eles se viram sozinhos, de qualquer forma.

— Não — disse Maia após um instante. — Não, eles sabem ser leais. Temos que nos

encontrar com eles. Já é hora de os líderes do bando de Nova York e do clã de vampiros formarem uma aliança.

Um murmúrio de choque percorreu o recinto. Lobisomens e vampiros não se relacionavam, a não ser que fossem reunidos por forças externas maiores, como a Clave.

Ela esticou a mão para Morcego.

— Caneta e papel — pediu, e ele obedeceu. Ela rabiscou um bilhete breve, arrancou a folha e a entregou a um dos lobos mais jovens. — Leve isto a Lily, no Dumort — instruiu. — Diga que quero me encontrar com Maureen Brown. Ela pode escolher um local neutro; nós aprovaremos antes da reunião. Diga que tem que ser o quanto antes. As vidas de nossos representantes e dos deles dependem disso.

— Quero ficar brava com você — falou Clary. Eles atravessavam o túnel sinuoso; Jace segurava a pedra de luz enfeitiçada dela, o brilho atuava como guia. Ela se lembrou da primeira vez em que ele pressionara uma dessas pedras lisas na mão. *Todo Caçador de Sombras deve ter a própria pedra de luz enfeitiçada*.

— Ah é? — disse Jace, lançando um olhar cauteloso a ela. O chão era liso e polido, e as paredes do corredor se curvavam graciosamente por dentro. Havia novos símbolos, marcados em intervalos. — Por quê?

— Por arriscar sua vida — retrucou ela. — Só que, na verdade, não arriscou. Só ficou ali parado e o demônio te agarrou. E é fato, você estava sendo grosso com Simon.

— Se um demônio me agarrasse toda vez que eu fosse grosso com Simon, eu teria morrido no dia em que você me conheceu.

— Eu só... — Ela balançou a cabeça. Sua visão estava ficando turva de tanta exaustão, e o peito doía de saudade da mãe, de Luke. De casa. — Não sei como cheguei aqui.

— Provavelmente posso refazer nossos passos — disse Jace. — Passamos pelo corredor das fadas, viramos à esquerda na vila dizimada, à direita na planície dos amaldiçoados, curva acentuada sobre o demônio morto...

— Você entendeu. Não sei como cheguei *aqui*. Minha vida era normal. Eu era normal...

— Você nunca foi normal — disse Jace, com a voz muito calma. Clary ficou imaginando se algum dia deixaria de ficar tonta com as transformações repentinas de humor a seriedade, depois a humor de novo.

— Eu queria ser. Queria ter uma vida normal. — Ela olhou para si, sapatos empoeirados e uniforme manchado, as armas brilhando no cinto. — Estudar arte.

— Casar com Simon? Ter seis filhos? — A voz de Jace estava ligeiramente irritada agora. O corredor tinha uma curva aguda, e ele desapareceu nela. Clary apressou o passo para alcançá-lo...

E arfou. Tinham saído do túnel e chegado a uma caverna enorme, semipreenchida por um

lago subterrâneo. A caverna se estendia pelas sombras. Era linda. A primeira coisa linda que Clary via desde a chegada ao reino demoníaco. O teto da caverna era de pedra, esculpido a golpes de água durante anos, e brilhava com um azul intenso. O lago abaixo era tão azul quanto, um crepúsculo profundo luminoso, com pilares de quartzo se projetando aqui e ali, como hastes de cristal.

A trilha desembocava em uma pequena praia de areia muito fina, quase tão delicada quanto cinzas, que levava à água. Jace caminhou pela praia e agachou perto da água, enfiando as mãos nela. Clary chegou logo depois, as botas levantando nuvens de areia, e se ajoelhou enquanto ele jogava água no rosto e no pescoço, esfregando as manchas de icor.

— Cuidado... — Ela o pegou pelo braço. — Pode ser venenosa.

Ele balançou a cabeça.

— Não é. Veja abaixo da superfície.

O lago era cristalino, vítreo. O fundo era de pedra lisa, marcado por símbolos que emitiam um brilho fraco. Eram símbolos de pureza, cura e proteção.

— Desculpe — disse Jace, arrancando-a do devaneio. Ele estava com os cabelos molhados, grudados nas curvas proeminentes das bochechas e têmporas. — Eu não devia ter falado aquilo sobre Simon.

Clary enfiou as mãos na água. Pequenas ondulações se espalharam a partir do movimento de seus dedos.

— Quero te dizer que eu não desejaria ter outra vida — disse ela. — Esta vida me trouxe você. — Ela posicionou as mãos em concha, levando água à boca. Estava fria e doce, revitalizando sua energia fragilizada.

Ele lançou a ela um de seus sorrisos verdadeiros, não apenas um repuxar de lábios.

— Espero que não só eu.

Clary buscava palavras.

— Esta vida é real — disse ela. — A outra era mentira. Um sonho. É só que...

— Há muito tempo você não desenha — completou ele. — Desde que começou a treinar. Não seriamente.

— Não — respondeu ela baixinho, porque era verdade.

— Às vezes fico imaginando... Meu pai... Valentim, quero dizer... adorava música. Ele me ensinou a tocar. Bach, Chopin, Ravel. E me lembro de uma vez ter perguntado por que os compositores eram todos mundanos. Não existem Caçadores de Sombras que tenham feito música. E ele falou que, nas almas deles, mundanos possuem uma faísca criativa, mas nossas almas são guerreiras, e as duas coisas não conseguem existir no mesmo espaço, não mais do que uma chama consegue se dividir.

— Então você acha que a Caçadora de Sombras em mim... está afastando a artista? —

perguntou Clary. — Mas minha mãe pintava... digo, pinta. — Ela sufocou a dor por ter pensado em Jocelyn no passado, ainda que brevemente.

— Valentim dizia que foi isso que o Céu deu aos mundanos, qualidade artística e dom de criação — disse Jace. — Era isso que os tornava dignos de proteção. Não sei se era verdade — acrescentou. — Mas se as pessoas têm um fogo dentro delas, então o seu é o mais brilhante que conheço. Você consegue lutar *e* desenhar. E vai fazer os dois.

Impulsivamente, Clary se inclinou para beijá-lo. Ele estava com os lábios frios. Com gosto de água doce e de Jace, e ela teria se entregado mais ao beijo, no entanto algo intenso como eletricidade estática se passou entre eles; Clary sentou-se para trás, os lábios ardendo.

— Ai — queixou-se ela pesarosamente. Jace parecia arrasado. Ela esticou a mão para tocá-lo no cabelo molhado. — Mais cedo, com o portão. Vi suas mãos brilharem. O fogo celestial...

— Não consigo controlar aqui, não como controlava em casa — disse Jace. — Tem alguma coisa neste mundo. Parece que empurra o fogo mais para perto da superfície. — Ele olhou para as próprias mãos, cujo brilho já estava desbotando. — Acho que nós dois precisamos ter cuidado. Este lugar vai nos afetar mais que aos outros. Maior concentração de sangue angelical.

— Então teremos cuidado. Você consegue controlar. Lembre-se dos exercícios que Jordan fez com você...

— Jordan está morto. — A voz de Jace saiu rígida enquanto ele se levantava, espanando a areia das roupas. Ele estendeu a mão para ajudar Clary a se levantar. — Vamos — disse. — Vamos voltar para Alec antes que ele pense que Isabelle e Simon estão transando nas cavernas e comece a surtar.

— Você sabe que todo mundo acha que estamos transando — disse Simon. — Provavelmente estão surtando.

— Humpf — respondeu Isabelle. O brilho de sua luz enfeitiçada bateu nas paredes da caverna. — Como se fôssemos transar em uma caverna cercada por montes de demônios. Esta é a realidade, Simon, e não sua imaginação fervorosa.

— Fique sabendo que houve uma época na minha vida em que a ideia de transar um dia me parecia *mais* provável que a ideia de estar cercado por demônios — falou, contornando uma pilha de pedras derrubadas.

Todo o lugar lembrava um passeio às Cavernas Luray na Virgínia, que ele tinha feito com a mãe e Rebecca durante o ensino fundamental. Dava para ver o brilho de mica nas pedras com sua visão de vampiro; não precisava da pedra de luz enfeitiçada de Isabelle para guiá-lo, mas supunha que ela precisasse, então não falou nada a respeito.

Isabelle murmurou alguma coisa; ele não entendeu exatamente o quê, mas teve a sensação de que não foi nada elogioso.

— Izzy — disse ele. — Existe algum motivo para estar com tanta raiva de mim?

As palavras seguintes saíram em uma onda de suspiros que soaram como "cênãodeviatáqui". Mesmo com a audição aguçada, Simon não conseguiu entender.

— O quê?

Ela se virou para ele.

— Você não devia estar aqui! — disse ela, a voz ecoando das paredes do túnel. — Quando o deixamos em Nova York, foi para você ficar *em segurança*...

— Não quero ficar em segurança — protestou ele. — Quero ficar com você.

— Você quer ficar com Clary.

Simon fez uma pausa. Estavam se encarando pelo túnel, ambos parados agora, Isabelle com as mãos cerradas.

— É esse o problema? Clary?

Ela ficou em silêncio.

— Não amo Clary dessa forma — disse ele. — Ela foi meu primeiro amor, minha primeira paixonite. Mas o que sinto por você é totalmente diferente... — Ele levantou a mão quando ela começou a balançar a cabeça. — Ouça, Isabelle — falou. — Se está me pedindo para escolher entre você e minha melhor amiga, então sim, não vou escolher. Porque ninguém que me amasse me obrigaria a fazer uma escolha tão sem sentido; seria como eu pedir a você para escolher entre mim e Alec. Fico incomodado por ver Clary e Jace juntos? Não, de jeito nenhum. De um jeito incrivelmente estranho, eles são ótimos um para o outro. Pertencem um ao outro. Meu lugar não é com Clary, não desse jeito. Meu lugar é com você.

— Está sendo sincero? — Ela estava corada.

Ele assentiu.

— Venha cá — pediu ela, e ele a deixou puxá-lo para si, até grudar o corpo ao dela, a rigidez da parede atrás deles a forçando a curvar o próprio corpo contra o dele. Simon sentiu a mão de Isabelle subir por suas costas, por baixo da camiseta, os dedos mornos contornando a espinha gentilmente. A respiração dela agitou o cabelo dele, e o corpo dele também se agitou, só de chegar perto dela.

— Isabelle, eu amo...

Ela bateu no braço dele, mas não foi um tapa de raiva.

— *Agora* não.

Ele aninhou o nariz no pescoço dela, no aroma adocicado da pele de Isabelle e sangue.

— Quando, então?

Ela recuou de repente, deixando-o com a desagradável sensação de ter tido um curativo arrancado sem cerimônia.

— Ouviu isso?

Ele estava prestes a balançar a cabeça quando *de fato* ouviu — o que pareceu ser um sussurro e um grito, vindo da parte ainda inexplorada do túnel. Isabelle correu, a pedra de luz enfeitiçada refletindo das paredes aos solavancos, e Simon, praguejando por Caçadores de Sombras serem, acima de tudo, Caçadores de Sombras, foi atrás.

O túnel só tinha mais uma curva antes de desembocar nos restos de um portão destruído de metal. Além dos restos do portão havia um platô de pedra que descia para uma paisagem maldita. Era áspero, marcado por rochas denteadas e gastas. No limite da areia, abaixo, o deserto recomeçava, marcado aqui e ali por árvores negras e retorcidas. Algumas nuvens desapareceram, e Isabelle, olhando para cima, arfou levemente.

— Veja a lua — disse ela

Simon olhou — e se espantou. Não era bem uma lua, mas luas, como se a lua tivesse sido cortada em três pedaços. Eles flutuavam, com bordas recortadas, como dentes de tubarão espalhados pelo céu. Cada pedaço emitia um brilho fastidioso, e, sob o luar quebrado, a visão vampiresca de Simon identificou o movimento circular de *criaturas*. Algumas pareciam a coisa voadora que tinha capturado Jace mais cedo; outras se assemelhavam mais a um inseto. Todas eram horríveis. Ele engoliu em seco.

— O que está vendo? — perguntou Isabelle, sabendo que mesmo um símbolo de Visão de Longo Alcance não lhe daria uma visão melhor que a de Simon, principalmente ali, onde símbolos desbotavam tão depressa.

— Está cheio de demônios ali. Muitos. Quase todos voadores.

O tom de Isabelle foi sombrio:

— Então eles conseguem sair durante o dia, porém são mais ativos à noite.

— Isso — Simon forçou a vista. — Tem mais. Há um planalto de pedra que avança um pouco e, em seguida desce, e tem alguma coisa atrás, alguma coisa brilhando.

— Um lago, talvez?

— Talvez — respondeu Simon. — Quase se parece com...

— O quê?

— Uma cidade — respondeu ele relutantemente. — Uma cidade demoníaca.

— Ah. — Ele viu Isabelle assimilar as implicações, e por um instante ela empalideceu; em seguida, no seu jeito Izzy de ser, ela se ajeitou e meneou a cabeça, virando-se de costas, para longe das ruínas destroçadas daquele mundo. — É melhor voltarmos e avisarmos aos outros.

Estrelas de granito se penduravam do teto em correntes de prata. Jocelyn encontrava-se deitada no palete de pedra que servia de cama, observando as estrelas.

Ela já havia gritado até ficar rouca, arranhado a porta — grossa, feita de carvalho com dobradiças de aço e parafusos — até as mãos sangrarem, remexido em suas coisas para tentar

achar uma estela, e batido tão forte contra a parede que machucou o antebraço.

Nada aconteceu. Ela também não esperava que acontecesse. Se Sebastian fosse como o pai — e Jocelyn imaginava que ele fosse muito parecido com o pai —, então ele seria muito detalhista.

Detalhista e criativo. Ela encontrara os pedaços da sua estela em um dos cantos, destruída e inútil. Continuava com as mesmas roupas da paródia de jantar de Meliorn, mas seus sapatos tinham sido removidos. Os cabelos estavam cortados abaixo dos ombros, as pontas tortas, como se tivessem usado uma lâmina cega.

Pequenas crueldades pitorescas que demonstravam uma natureza terrível, paciente. Tal como Valentim, Sebastian sabia esperar para obter o que queria, mas tornaria a espera dolorosa.

A porta se abriu. Jocelyn levantou de um pulo, mas Sebastian já estava lá dentro, a porta fechada em segurança atrás de si com o estalo de uma tranca. Ele sorriu para ela.

— Finalmente acordou, mãe?

— Já estava acordada — disse Jocelyn. Ela colocou um pé cuidadosamente atrás do outro, ganhando equilíbrio e vantagem.

Ele desdenhou.

— Não se incomode. Não tenho qualquer intenção de atacá-la.

Ela não disse nada, apenas o observou enquanto ele se aproximava. A luz que entrava pelas janelas estreitas era forte o suficiente para refletir nos cabelos brancos dele e iluminar os planos de seu rosto. Jocelyn enxergava pouco de si ali. Ele era todo Valentim. O rosto de Valentim, os olhos negros, os movimentos de um dançarino ou de um assassino. Apenas sua estrutura física, alta e esguia, era herança dela.

— Seu lobisomem está seguro — disse ele. — Por enquanto.

Jocelyn ignorou o salto de seu coração. *Não demonstre nada no rosto*. Emoções eram sua fraqueza — essa fora a lição de Valentim.

— E Clary — falou ele. — Clary também está segura. Caso você se importe, é lógico. — Ele a contornou, um círculo lento, contemplativo. — Jamais consegui saber ao certo. Afinal, uma mãe sem coração o suficiente para abandonar um de seus filhos...

— Você não era meu filho — soltou, e em seguida fechou a boca apressadamente. *Não caia no jogo dele*, pensou. *Não demonstre fraqueza. Não dê o que ele quer*.

— No entanto, você guardou a caixa — provocou ele. — Você sabe de qual caixa estou falando. Eu a deixei na cozinha de Amatis para você; um presentinho, algo para se lembrar de mim. Como se sentiu ao encontrá-la? — Ele sorriu, e em seu sorriso também não havia qualquer traço de Valentim. Valentim fora humano; um monstro humano. Mas Sebastian era outra coisa. — Eu sei que você pegava a caixa todos os anos e chorava em cima dela — falou. — Por que fazia isso?

Ela permaneceu calada, e ele esticou o braço sobre o ombro para tocar o cabo da lâmina

Morgenstern, presa às suas costas.

— Sugiro que me responda — incitou. — Eu não teria qualquer remorso em cortar seus dedos, um por um, e utilizá-los como franjas de um tapetinho.

Ela engoliu em seco.

— Eu chorava sobre a caixa porque meu filho foi roubado de mim.

— Um filho com o qual você nunca se importou.

— Isto não é verdade — falou. — Antes de você nascer, eu o amava, a ideia de tê-lo. Amei você quando senti seu coração dentro de mim. Então você nasceu e de repente era...

— Um monstro?

— Sua alma estava morta — disse ela. — Dava para enxergar em seus olhos quando eu olhava para você. — Ela cruzou os braços, reprimindo o impulso de tremer. — Por que estou aqui?

Os olhos dele brilharam.

— Eu é que pergunto, considerando que você me conhece tão bem, mãe.

— Meliorn nos drogou — falou ela. — Pelas atitudes dele, eu diria que o Povo das Fadas é seu aliado. E que o é há algum tempo. Acreditam que você vai vencer a guerra dos Caçadores de Sombras e querem estar do lado vencedor; além disso, eles detestam os Nephilim há mais tempo e com mais intensidade que a qualquer outro grupo do Submundo. Eles ajudaram você a atacar os Institutos; aumentaram seu exército enquanto você recrutava novos Caçadores de Sombras com o Cálice Infernal. No fim, quando você estiver poderoso o suficiente, vai traí-los e destruí-los, pois na verdade os despreza. — Fez-se uma longa pausa enquanto ela o fitava nos olhos. — Acertei?

Jocelyn notava a pulsação na garganta de Sebastian enquanto ele exalava, e soube então que estava correta.

— Quando adivinhou isso tudo? — perguntou ele entre dentes.

— Não adivinhei. Conheço você. Conheci seu pai, e você é como ele, na criação, se não na natureza.

Ele continuava a encará-la, os olhos insondáveis e negros.

— Se você não achasse que eu estava morto — disse ele —, se soubesse que eu tinha sobrevivido, teria procurado por mim? Teria ficado comigo?

— Teria — respondeu. — Teria tentado criá-lo, ensinar as coisas certas, mudá-lo. Eu me culpo pelo que você é. Sempre me culpei.

— Teria me criado? — Ele piscou, quase sonolento. — Teria me criado, me odiando como odiava?

Ela assentiu.

— Acha que eu teria sido diferente? Mais parecido com ela?

Jocelyn levou um instante para perceber.

— Clary — disse ela. — Está falando de Clary. — Doía dizer o nome da filha; ela sentia muita saudade de Clary e, ao mesmo tempo, temia por ela. Sebastian a amava, pensou; se ele era capaz de amar alguém, esta pessoa era a irmã, e, se existia alguém que sabia o quanto era mortal ser amada por alguém como Sebastian, era Jocelyn. — Nunca saberemos — falou afinal. — Valentim tirou isso de nós.

— Você deveria ter me amado — falou ele, e agora soava petulante. — Sou seu filho. Você deveria me amar agora, independentemente do que sou, se sou como ela ou não...

— Mesmo? — Jocelyn o interrompeu no meio da frase. — *Você me* ama? Só porque sou sua mãe?

— Você não é minha mãe — respondeu, um sorriso sutil. — Venha. Veja isto. Deixe-me mostrar o que minha *verdadeira* mãe me deu o poder de fazer.

Ele retirou uma estela do cinto. Jocelyn se espantou — esquecia, às vezes, que ele era um Caçador de Sombras e podia usar as ferramentas de um Caçador de Sombras. Com a estela, ele desenhou na parede de pedra do recinto. Símbolos, um desenho que ela reconhecia. Uma coisa que todos os Caçadores de Sombras sabiam fazer. A pedra começou a ficar transparente, e Jocelyn se preparou para o que veria além das paredes.

Mas o que viu foi a sala da Consulesa no Gard, em Alicante. Jia estava sentada atrás de sua mesa imensa coberta por pilhas de arquivos. Ela parecia exausta, seus cabelos negros generosamente marcados por mechas brancas. Havia uma pasta aberta sobre a mesa. Jocelyn conseguia enxergar fotos de uma praia: areia, céu azul-cinzento.

— Jia Penhallow — disse Sebastian.

A cabeça de Jia levantou. Ela ficou de pé, a pasta caindo no chão em uma zorra de papeis.

— Quem é? Quem está aí?

— Não me reconhece? — perguntou Sebastian, um sorriso na voz.

Jia olhou desesperadamente para a frente. Ficou claro que, o que quer que ela estivesse enxergando, a imagem não era clara.

— Sebastian — arfou ela. — Mas ainda não se passaram dois dias.

Jocelyn passou por ele.

— Jia — falou ela. — Jia, não dê ouvidos a nada do que ele disser. Ele é um mentiroso...

— Ainda é cedo demais — falou Jia, como se Jocelyn não tivesse se pronunciado, e Jocelyn percebeu, para seu horror, que Jia não conseguia enxergá-la nem escutá-la. Era como se ela não estivesse lá. — É possível que eu não tenha sua resposta, Sebastian.

— Ah, eu acho que tem — disse Sebastian. — Não tem?

Jia endireitou os ombros.

— Se insiste — disse ela friamente. — A Clave discutiu seu pedido. Não vamos lhe entregar nem Jace Lightwood nem Clarissa Fairchild...

— Clarissa *Morgenstern* — corrigiu Sebastian, um músculo de sua bochecha pulsando. — Ela é minha irmã.

— Eu a chamo pelo nome que ela prefere, assim como faço com você — disse Jia. — Não faremos uma barganha. Não por acharmos que nosso sangue é mais valioso que o sangue do Submundo. Não por não querermos nossos prisioneiros de volta. Mas porque não podemos ceder às suas táticas de intimidação.

— Como se eu buscasse a sua aprovação — desdenhou Sebastian. — Você entende o que isto significa? Posso enviar a cabeça de Luke Garroway enfiada em um espeto.

Jocelyn sentiu como se alguém a tivesse socado no estômago.

— Poderia — disse Jia. — Mas se machucar algum dos prisioneiros, será uma declaração de guerra até a morte. E acreditamos que você tem tanto medo de uma guerra contra nós quanto nós temos de uma contra você.

— Acreditam errado — respondeu Sebastian. — E acho que, se procurar, você vai descobrir que sua decisão de não me entregar Jace e Clary, embrulhados como um presente de natal, não tem a menor importância.

— O que quer dizer? — A voz de Jia ficou mais aguda.

— Ah, teria sido *conveniente* se você tivesse resolvido entregá-los — explicou Sebastian. — Menos aporrinhação para mim. Menos aporrinhação para todos nós. Mas agora é tarde, veja bem: eles já se foram.

Ele girou a estela, e a janela que abriu para o mundo de Alicante se fechou no rosto espantado de Jia. A parede era uma tela branca de pedra lisa novamente.

— Bem — disse ele, guardando a estela no cinto de armas. — Isto *foi* divertido, não acha?

Jocelyn engoliu em seco.

— Se Jace e Clary não estão em Alicante, onde estão? Onde estão, Sebastian?

Ele a encarou por um instante e em seguida, riu: uma risada tão pura e fria quanto água gelada. Ele continuava a rir quando seguiu para a porta e saiu, deixando-a se fechar atrás de si.

16

O Horrores da Terra

A noite já havia caído sobre Alicante, e as estrelas brilhavam como sentinelas luminosos, reluzindo as torres demoníacas e as águas nos canais — semicongeladas agora. Emma estava sentada no parapeito do quarto dos gêmeos, olhando a cidade.

Ela sempre achara que iria a Alicante pela primeira vez com os pais, que a mãe lhe mostraria os lugares que conhecera durante a infância e adolescência, a Academia agora fechada, onde tinha estudado, a casa dos avós. Que o pai lhe mostraria o monumento da família Carstairs, da qual sempre falara com orgulho. Nunca havia imaginado que seu primeiro olhar sobre as torres demoníacas de Alicante seria com o coração tão inchado de dor que às vezes parecia sufocá-la.

O luar entrava pelas janelas do sótão, iluminando os gêmeos. Tiberius tinha passado o dia dando um ataque, chutando as barras do berço quando lhe diziam que não poderia sair de casa, berrando por Mark quando Julian tentava acalmá-lo, e por fim socou e quebrou o vidro de uma caixinha de joias. Era jovem demais para receber símbolos de cura, então Livvy o abraçou para mantê-lo parado enquanto Julian tirava o vidro da mão sangrenta do irmão mais novo com uma pinça, fazendo um curativo com cuidado em seguida.

Ty finalmente caíra na cama, apesar de não ter dormido até Livvy, calma como sempre, se deitar ao lado dele e segurar a mão machucada. Ele agora se encontrava adormecido, com a cabeça no travesseiro, virado para a irmã. Só quando Ty dormia era possível ver como era uma criança extraordinariamente linda, quando a raiva e o desespero eram vencidos pelo cansaço.

Desespero, pensou Emma. Era a palavra adequada, pela solidão dos gritos de Tavvy, pelo vazio no cerne da raiva de Ty e pela calma assustadora de Livvy. Ninguém com 10 anos de idade deveria sentir desespero, mas ela concluiu que não havia outra forma de descrever as palavras que pulsavam por seu sangue quando pensava nos pais, cada batimento era uma ladainha lúgubre: adeus, adeus, adeus.

— Ei. — Emma levantou o olhar ao som da voz tranquila que veio da entrada, e viu Julian à porta. Seus cachos escuros, um pouco mais claros que os cabelos negros de Ty, estavam desgrenhados, e ele exibia um rosto pálido e cansado ao luar. Parecia muito magro, pulsos finos saindo dos punhos do casaco. Trazia algo peludo na mão. — Eles estão...

Emma assentiu.

— Dormindo. É, estão.

Julian olhou para a cama dos gêmeos. De perto Emma conseguia enxergar as digitais ensanguentadas de Ty na camisa de Jules; ele não havia tido tempo de trocar de roupa. Estava

agarrando uma abelha de pelúcia que Helen recuperara do Instituto quando a Clave voltou para revistar o local. Pertencia a Tiberius desde que Emma conseguia se lembrar. Ty estava gritando por causa do brinquedo antes de cair no sono. Julian atravessou o quarto e se abaixou para colocar o bicho aconchegado no peito do irmãozinho, em seguida pausou gentilmente para desembaraçar um dos cachos de Ty antes de recuar.

Emma pegou a mão de Jules enquanto ele se movimentava, gesto que o garoto aceitou. Ele estava com a pele fria, como se tivesse ficado na janela, na brisa da noite. Ela virou a mão dele e desenhou na pele do antebraço com o dedo. Era uma coisa que faziam desde pequenos quando não queriam ser flagrados conversando durante as aulas. Ao longo dos anos ficaram tão bons nisso que conseguiam mapear recados detalhados nas mãos, nos braços e até mesmo nos ombros, através das camisas um do outro.

V-O-C-Ê-C-O-M-E-U?, soletrou ela.

Julian balançou a cabeça, ainda observando Livvy e Ty. Os cachos dele estavam levantados em tufos, como se tivesse passado as mãos no cabelo. Ela sentiu os dedos dele, bem de leve, na parte superior de seu braço. *S-E-M-F-O-M-E*.

— Que pena. — Emma saltou do parapeito. — Vamos.

Ela o retirou do quarto, para o corredor do andar. Era um espaço pequeno, com escadas íngremes que desciam para a casa principal. Os Penhallow tinham deixado claro que as crianças podiam comer na hora que quisessem, mas não havia horários marcados para refeições, e certamente não havia refeições em família. Tudo era comido sem formalidade às mesas do sótão, com Tavvy e até mesmo Dru se cobrindo de comida, e Jules como o único responsável pela limpeza depois, por lavar as roupas e até por se certificar de que tinham comido tudo.

No instante em que a porta se fechou atrás deles, Julian se apoiou contra a parede, jogando a cabeça para trás, os olhos fechados. Seu peito magro inflava e desinflava rapidamente embaixo da blusa. Emma ficou parada, incerta quanto ao que fazer.

— Jules? — chamou ela.

Ele a encarou. As pupilas estavam dilatadas à luz baixa, os olhos contornados por cílios espessos. Dava para perceber que ele lutava para não chorar.

Julian fazia parte das primeiras lembranças de Emma. Foram colocados juntos no berço pelos pais quando bebês; aparentemente ela saíra e mordera o lábio ao cair no chão. Não chorou, mas Julian gritou ao ver o sangue, até os pais chegarem correndo. Deram os primeiros passos juntos: primeiro Emma, como sempre, Julian em seguida, agarrando a mão dela com determinação. Começaram a treinar ao mesmo tempo, receberam as primeiras Marcas juntos: Clarividência na mão direita dele, e na esquerda dela. Julian não gostava de mentir, mas se Emma se encrencasse, mentia por ela.

Agora tinham perdido os pais mais ou menos na mesma época. A mãe de Julian morrera dois

anos antes, e ver os Blackthorn passarem por aquela perda tinha sido horrível, mas esta era uma experiência completamente diferente. Era devastadora, e Emma conseguia sentir a ruptura, conseguia senti-los sendo destruídos e tendo os cacos colados de um jeito novo e diferente. Estavam se tornando algo mais, ela e Julian, algo maior que melhores amigos, mas não chegava a ser família.

— Jules — repetiu ela, e pegou a mão dele, que por um instante ficou parada e fria na dela; em seguida ele a pegou pelo pulso e a agarrou com força.

— Não sei o que fazer — disse ele. — Não posso tomar conta deles. Tavvy é só um bebê, Ty me odeia...

— Ele é seu irmão. E só tem 10 anos. Ele não te odeia.

Julian suspirou de maneira trêmula.

— Talvez.

— Eles vão dar um jeito — consolou Emma. — Seu tio sobreviveu ao ataque de Londres. Então quando tudo acabar, você vai morar com ele, e ele vai cuidar de você e dos outros. Não será responsabilidade sua.

Julian deu de ombros.

— Eu mal me lembro do tio Arthur. Ele nos manda livros em latim; às vezes vem de Londres para o Natal. O único de nós que sabe ler em latim é Ty, e ele só aprendeu para irritar todo mundo.

— E daí que ele dá presentes ruins? Ele se lembrou de vocês no Natal. E se importa o suficiente para cuidar de vocês. Eles não vão ter que mandar vocês para um Instituto qualquer ou para Idris...

Julian se virou para encará-la.

— Não é isso que acha que vai acontecer com você, é? — perguntou. — Porque não vai. Você vai ficar conosco.

— Não necessariamente — falou Emma. Era como se seu coração estivesse sendo esmagado. A ideia de abandonar Jules, Livvy, Dru, Tavvy, até mesmo Ty, a deixava nauseada e perdida, como se estivesse à deriva em um oceano, sozinha. — Depende do seu tio, não é mesmo? Se ele vai me querer no Instituto. Se estará disposto a me acolher.

A voz de Julian soou feroz. Julian raramente era feroz, mas quando acontecia, seus olhos ficavam quase negros, e ele tremia todo, como se estivesse congelando.

— Não depende dele. Você vai ficar conosco.

— Jules... — começou Emma, e congelou quando vozes vieram lá de baixo. Jia e Patrick Penhallow estavam passando pelo corredor abaixo. Ela não sabia ao certo por que estava nervosa; não era como se eles não pudessem passear pela casa, mas a ideia de ser flagrada pela Consulesa, acordada tão tarde, a deixava desconfortável.

— ... o desgraçado estava certo, é claro — dizia Jia. Ela soava desgastada. — Não só Jace e Clary desapareceram, mas Isabelle e Alec também. Os Lightwood estão completamente enlouquecidos.

A voz grossa de Patrick resmungou uma resposta:

— Bem, Alec é adulto, tecnicamente. Espero que esteja cuidando do restante deles.

Jia bufou de maneira abafada e impaciente em resposta. Emma se inclinou para a frente, tentando ouvi-la.

— ... podiam ter pelo menos deixado um bilhete — dizia. — Obviamente estavam furiosos quando fugiram.

— Provavelmente acharam que iríamos entregá-los a Sebastian.

Jia suspirou.

— Irônico, considerando o quanto lutamos contra isso. Presumimos que Clary tenha feito um Portal para tirá-los daqui, mas como bloquearam o rastreamento, não temos como saber. Não estão em lugar nenhum do mapa. É como se tivessem desaparecido da face da terra.

— Exatamente como Sebastian — falou Patrick. — Não faz sentido presumir que estão no mesmo lugar que ele? Que o lugar em si os bloqueia, e não os símbolos ou qualquer outro tipo de magia?

Emma se inclinou mais ainda, porém o restante das palavras desvaneceu com a distância. Ela teve a impressão de ter ouvido uma menção ao Labirinto Espiral, mas não tinha certeza. Quando se ajeitou outra vez, notou o olhar de Julian.

— Você sabe onde eles estão — disse ele —, não sabe?

Emma colocou o dedo nos lábios e balançou a cabeça. *Não pergunte*.

Julian arfou uma risada.

— Só você, mesmo. Como... Não, não me diga, nem quero saber. — Ele a olhou, investigando-a, do jeito que fazia às vezes quando tentava descobrir se ela estava mentindo ou não. — Sabe — disse ele —, tem um jeito de não mandarem você para longe do nosso Instituto. Teriam que deixá-la ficar.

Emma ergueu uma sobrancelha.

— Vamos ouvir, gênio.

— Poderíamos... — começou ele, depois parou, engoliu em seco, e recomeçou: — Poderíamos nos tornar *parabatai*.

Ele falou timidamente, meio que desviando o rosto do dela, de modo que as sombras encobrissem parcialmente sua expressão.

— Aí não poderiam nos separar — acrescentou ele. — Nunca.

Emma sentiu seu coração revirar.

— Jules, ser *parabatai* é uma coisa importantíssima — censurou ela. — É... é para sempre.

Ele a encarou, o rosto sincero e inocente. Não havia truques na natureza de Jules, nem maldade.

— Nós não somos para sempre? — perguntou ele.

Emma pensou. Não conseguia imaginar sua vida sem Julian. Era só uma espécie de buraco negro de solidão terrível: ninguém seria capaz de compreendê-la como ele, de entender as piadas como ele entendia, de protegê-la como ele fazia — não fisicamente, mas protegê-la de seus sentimentos, de seu coração. Não haveria ninguém para ficar feliz com ela, ou irritado, ou para ter ideias ridículas. Ninguém para completar suas frases, ou tirar todos os pepinos da salada porque ela detestava pepino, ou para comer as cascas das suas torradas, ou para encontrar as chaves quando ela as perdia.

— Eu... — começou ela, e de repente houve um barulho no quarto. Emma trocou olhares de pânico com Julian antes de correrem para o quarto de Ty e Livvy, e encontrarem Livia sentada, sonolenta e confusa. Ty estava à janela, com um atiçador na mão. A janela tinha um buraco no centro e sua vidraça brilhava pelo chão.

— Ty! — reprimiu Julian, claramente apavorado pelos cacos acumulados ao redor dos pés descalços do irmão. — Não se mexa. Vou buscar uma vassoura...

Ty olhou para os dois por baixo dos cabelos escuros. Tinha alguma coisa na mão direita. Emma semicerrou os olhos ao luar — seria uma noz?

— É um recado — disse Ty, deixando o atiçador cair. — Fadas normalmente escolhem objetos da natureza para enviar recados: nozes, folhas, flores.

— Está dizendo que é um recado das fadas? — perguntou Julian, cético.

— Não seja burro — respondeu Tiberius. — Claro que não é um recado das fadas. É um recado de Mark. E está endereçado à Consulesa.

Deve ser dia aqui, pensou Luke, pois Raphael estava encolhido em um canto da cela de pedra, o corpo tenso mesmo enquanto dormia, os cachos escuros formando um montinho no braço. Era difícil dizer, considerando que dava para enxergar muito pouco além de bruma espessa através da janela.

— Ele precisa se alimentar — disse Magnus, olhando para Raphael com uma gentileza tensa que surpreendeu Luke.

Ele não achava que existisse muito amor entre o feiticeiro e o vampiro. Eles pareciam se encarar com cautela desde que Luke os conhecia; educados, ocupando as respectivas diferentes esferas de poder no Submundo de Nova York.

— Vocês se conhecem — disse Luke, perspicaz. Ele continuava apoiado contra a parede, perto da janela estreita de pedras, como se a vista lá fora, nuvens e veneno amarelado, pudessem dizer alguma coisa.

Magnus ergueu uma sobrancelha, como fazia quando alguém lhe perguntava algo claramente estúpido.

— Digo — esclareceu Luke —, vocês se conheciam. Antes.

— Antes de quê? Antes de você nascer? Deixe-me esclarecer uma coisa, lobisomem; quase tudo na minha vida aconteceu antes de você nascer. — Os olhos de Magnus se fixaram num Raphael adormecido; apesar da aspereza do tom, sua expressão era quase gentil. — Há cinquenta anos — falou —, em Nova York, uma mulher veio até mim e me pediu para salvar seu filho de um vampiro.

— E o vampiro era Raphael?

— Não — respondeu Magnus. — O filho dela era Raphael. Não consegui salvá-lo. Era tarde demais. Ele já tinha sido Transformado. — Ele suspirou, de repente Luke enxergou nos olhos dele sua idade muito, muito avançada, a sabedoria e a tristeza de séculos. — O vampiro tinha matado todos os amigos dele. Não sei por que resolveu Transformar Raphael. Acho que viu alguma coisa nele. Determinação, força, beleza. Não sei. Ele era um bom menino quando o encontrei, um anjo de Caravaggio pintado em sangue.

— Ele continua parecendo uma criança — disse Luke. Raphael sempre o lembrava um coroinha rebelde, com seu rosto meigo e jovem, e seus olhos negros mais velhos que a lua.

— Não para mim — disse Magnus. E suspirou. — Espero que ele sobreviva a isto — completou. — Os vampiros de Nova York precisam de alguém com bom senso para governar o clã, e Maureen está longe disso.

— Você espera que Raphael sobreviva a isto? — disse Luke. — Ora... quantas pessoas ele já matou?

Magnus voltou os olhos frios para ele.

— Quem de nós não tem sangue nas mãos? O que você fez, Lucian Graymark, para conquistar um bando, dois bandos, de lobisomens?

— Aquilo foi diferente. Era necessário.

— O que você fazia quando estava no Ciclo? — perguntou Magnus.

Com isso, Luke se calou. Ele detestava se lembrar de tal época. Dias de sangue e prata. Dias com Valentim ao seu lado, lhe dizendo que estava tudo bem, calando sua consciência.

— Estou preocupado com minha família agora — falou. — Estou preocupado com Clary, Jocelyn e Amatis. Não posso me preocupar com Raphael também. E você... achei que fosse ficar preocupado com Alec.

Magnus suspirou através de dentes cerrados.

— Não quero falar sobre Alec.

— Tudo bem. — Luke não disse mais nada, apenas repousou contra a parede fria de pedra e assistiu a Magnus remexendo as correntes. Um instante mais tarde, Magnus falou de novo:

— Caçadores de Sombras — começou. — Eles entram no seu sangue, penetram sua pele. Já estive com vampiros, lobisomens, fadas, feiticeiros como eu e mundanos, tantos mundanos frágeis. Mas eu sempre disse para mim que não entregaria meu coração a um Caçador de Sombras. Já quase os amei, já me encantei por eles: Edmund, Will, James, Lucie... os que salvei, e os que não consegui salvar. — A voz dele ficou embargada por um segundo, e Luke, encarando-o com espanto, percebeu que aquele era o máximo de emoção genuína que já presenciara Magnus Bane expressar. — E Clary também, eu a amei, pois a vi crescer. Mas nunca me apaixonei por um Caçador de Sombras, não até Alec. Pois eles têm sangue de anjo, e o amor dos anjos é uma coisa grande e sagrada.

— Isso é tão ruim assim? — perguntou Luke.

Magnus deu de ombros.

— Às vezes é uma questão de escolha — falou. — Entre salvar uma pessoa e salvar o mundo inteiro. Já vi acontecer, e sou egoísta o suficiente para querer que a pessoa que me ama me escolha. Mas os Nephilim sempre vão escolher o mundo. Olho para Alec e me sinto como Lúcifer em *Paraíso Perdido*. "*Embaraçado o Diabo ficou, E sentiu como o bem é opressor.*" Ele queria dizer no sentido clássico. "Opressor" no bom sentido. E opressão pode ser bom, mas para o amor é um veneno. O amor precisa ser entre iguais.

— Ele é só um menino — disse Luke. — Alec... não é perfeito. E você não é terrível.

— Somos todos terríveis — respondeu Magnus, daí se enrolou nas correntes e ficou em silêncio.

— Você só pode estar brincando — disse Maia. — Aqui? Sério?

Morcego esfregou a nuca com os dedos, levantando seus cabelos curtos.

— Isto é uma roda-gigante?

Maia virou em um círculo lento. Eles estavam dentro da enorme loja de brinquedos da Rua 44. Do lado de fora, o brilho neon da Times Square iluminava a noite com tons de azul, vermelho e verde. A loja se estendia para cima, andares e andares de brinquedos: super-heróis de plástico, ursinhos de pelúcia, Barbies cor-de-rosa e brilhantes. A roda-gigante se assomava sobre eles, cada peça de metal carregando uma cabine de plástico decorada com decalques. Maia tinha uma vaga lembrança de sua mãe levando o irmão e ela para uma volta na roda-gigante quando tinham 10 anos. Daniel tentou empurrá-la na borda da cabine e a fez chorar.

— Isto é... uma loucura — sussurrou ela.

— Maia — disse um dos lobos mais jovens, magro e nervoso, com dreadlocks. Maia treinara a todos para se livrarem do hábito de chamarem-na de "dama" ou "senhora", ou qualquer coisa diferente de Maia, ainda que ela fosse a líder temporária do bando. — Vasculhamos todo o território. Se havia seguranças, alguém já deu um jeito neles.

— Ótimo. Obrigada. — Maia olhou para Morcego, que deu de ombros. Havia mais ou menos outros 15 lobos do bando com eles, parecendo incongruentes entre as bonecas de princesas da Disney e as renas de pelúcia. — Você poderia...

A roda-gigante deu a partida de repente, com um chiado e um rangido. Maia pulou para trás, quase trombando em Morcego, que a segurou pelos ombros. Ambos ficaram se encarando enquanto a roda-gigante girava e a música começava a tocar — *It´s a Small World* —, Maia tinha quase certeza, apesar de não ter letra, apenas instrumental.

— Lobos! Ooooh! Loooobos! — entoou uma voz, e Maureen, parecendo uma princesa da Disney com um vestido cor-de-rosa e uma coroa de arco-íris, desceu descalça de um mostruário de bengalinhas doces de natal. Foi seguida por mais ou menos vinte vampiros, tão pálidos quanto bonecas ou manequins sob a luz débil. Lily veio logo atrás, os cabelos negros perfeitamente arrumados, os saltos estalando no chão. Ela olhou Maia da cabeça aos pés, como se jamais a tivesse visto. — Olá, olá! — disse Maureen. — Que prazer em conhecê-la.

— O prazer é meu — respondeu Maia, tensa. Estendeu a mão para que Maureen a apertasse, mas ela apenas riu e pegou uma varinha brilhante de uma caixa próxima. Abanou-a no ar.

— Sinto muito por saber que Sebastian matou todos os seus amigos lobos — disse Maureen. — Ele é um menino malvado.

Maia se encolheu com a visão do rosto de Jordan, a lembrança do peso morto dele em seus braços.

Ela enrijeceu.

— É sobre isso que quero conversar — falou. — Sebastian. Ele está tentando ameaçar os integrantes do Submundo... — Ela pausou quando Maureen, cantarolando, começou a subir em uma pilha de caixas de Barbies de Natal, cada uma com uma minissaia vermelha e branca de papai Noel. — Tentando nos jogar contra os Caçadores de Sombras — prosseguiu Maia, ligeiramente confusa. Será que Maureen sequer estava prestando atenção? — Se nos unirmos...

— Ah, sim — disse Maureen, acocorando-se sobre a caixa mais alta. — Temos que nos unir contra os Caçadores de Sombras. Definitivamente.

— Não, eu disse...

— Eu ouvi o que você disse. — Os olhos de Maureen brilharam. — Foi bobagem. Vocês, lobisomens, vivem cheios de ideias tolas. Sebastian não é muito gentil, mas os Caçadores de Sombras são piores. Eles inventam regras idiotas e nos fazem segui-las. Eles roubam de nós.

— Roubam? — Maia esticou a cabeça para ver Maureen.

— Roubaram Simon de mim. Eu o tinha, e agora ele se foi. Sei quem levou. Caçadores de Sombras.

Maia encontrou o olhar de Morcego. Ele encarava. Ela percebeu que tinha se esquecido de contar a ele sobre a paixonite de Maureen por Simon. Teria que explicar mais tarde — se

houvesse um mais tarde. Os vampiros atrás de Maureen pareciam mais do que um pouco famintos.

— Pedi para que você viesse me encontrar para formarmos uma aliança — disse Maia da forma mais gentil possível, como se estivesse tentando não assustar um animal.

— Adoro alianças — respondeu Maureen, e pulou do alto das caixas. Tinha pegado um pirulito enorme em algum lugar, do tipo com espirais multicoloridas. Ela começou a desembrulhá-lo. — Se formarmos uma aliança, podemos fazer parte da invasão.

— Da invasão? — Maia ergueu as sobrancelhas.

— Sebastian vai invadir Idris — explicou Maureen, jogando o plástico no chão. — Ele vai lutar e vai vencer. Depois então dividiremos o mundo, todos nós, e ele vai nos dar todas as pessoas que quisermos comer... — Ela mordeu o pirulito e fez uma careta. — Urgh. Eca. — Cuspiu o doce, mas já estava com os lábios manchados de vermelho e azul.

— Entendi — rebateu Maia. — Nesse caso... absolutamente, vamos nos aliar contra os Caçadores de Sombras.

Ela sentiu Morcego ficar tenso ao seu lado.

— Maia...

Maia o ignorou, dando um passo para a frente. Ofereceu seu pulso.

— O sangue faz um pacto — disse ela. — É o que dizem as leis antigas. Beba meu sangue para selar nosso acordo.

— Maia, não — exclamou Morcego. Ela lançou a ele um olhar de repreensão.

— É como tem que ser feito — disse Maia.

Maureen sorria. Descartou o pirulito, que despedaçou no chão.

— Ah, que legal — falou ela. — Como irmãs de sangue.

— Exatamente — respondeu Maia, se preparando enquanto a menina mais jovem a pegava pelo braço. Os dedinhos de Maureen se entrelaçaram aos dela. Estavam frios e grudentos de açúcar. Fez-se um clique quando as presas de Maureen surgiram. — Exatamen...

Os dentes de Maureen se enterraram no pulso de Maia. Ela não fez qualquer esforço para ser gentil: uma dor subiu pelo braço de Maia, e ela arfou. Os lobos atrás se mexeram desconfortavelmente. Ela ouvia Morcego respirando de maneira ofegante, por causa do esforço para não avançar em Maureen e arrancá-la de lá.

Maureen engoliu em seco, sorrindo, os dentes ainda enterrados no braço de Maia. Os vasos sanguíneos no braço de Maia latejavam de dor; ela encontrou os olhos de Lily acima da cabeça de Maureen. Lily sorriu friamente.

De repente, Maureen engasgou e recuou. Levou a mão à boca; os lábios estavam inchando, como os de alguém tendo uma reação alérgica a abelhas.

— Está doendo — queixou-se ela, e em seguida fissuras começaram a se espalhar pelo seu

rosto, começando a partir da boca. Seu corpo sofreu espasmos. — Mamãe — sussurrou com a voz pequena, e começou a sucumbir: o cabelo se reduziu a cinzas, em seguida a pele, descascando até os ossos. Maia deu um passo para trás, o pulso latejando enquanto o vestido de Maureen se amontoava no chão, rosa, brilhante e... vazio.

— Meu... O que aconteceu? — indagou Morcego, e segurou Maia enquanto ela tropeçava. Seu pulso rasgado já estava começando a se curar, mas ela parecia um pouco tonta. O bando de lobos murmurava ao redor. O mais perturbador foi ver os vampiros se juntando, sussurrando, os rostos pálidos venenosos, cheios de ódio.

— O que você fez? — perguntou um deles, um menino louro, com a voz estridente. — O que fez com nossa líder?

Maia encarou Lily. A expressão desta estava fria e vazia. Pela primeira vez, Maia sentiu a ameaça do pânico se expandir pelo seu corpo. Lily...

— Água benta — disse Lily. — Nas veias. Ela aplicou mais cedo, com uma seringa, para que Maureen fosse envenenada.

O vampiro louro exibiu os dentes, as presas crescendo.

— A traição tem consequências — alertou ele. — Lobisomens...

— Pare — disse Lily. — Ela fez porque eu pedi.

Maia exalou, quase surpresa pelo alívio que a atingiu. Lily estava olhando para os outros vampiros, que a encaravam, confusos.

— Sebastian Morgenstern é nosso inimigo, assim como é inimigo de todos os habitantes do Submundo — explicou Lily. — Se destruir os Caçadores de Sombras, logo depois ele voltará a atenção para nós. Seu exército de guerreiros Crepusculares mataria Raphael e depois acabaria com o restante das Crianças da Noite. Maureen jamais teria enxergado isso. Ela teria levado todos nós à destruição.

Maia sacudiu o pulso e se voltou para o bando.

— Eu e Lily fizemos um acordo — informou. — Esta foi a única maneira. A aliança entre nós foi sincera. Esta é a nossa chance, quando os exércitos de Sebastian estão pequenos e os Caçadores de Sombras ainda são poderosos; agora é a hora em que podemos fazer diferença. É o momento em que podemos vingar os que morreram na Praetor.

— Quem vai nos comandar? — resmungou o vampiro louro. — Quem mata o antigo líder é que assume a liderança, mas não podemos ser liderados por uma licantrope. — Ele olhou para Maia. — Sem ofensas.

— Não ofendeu — murmurou ela.

— Fui eu que matei Maureen — disse Lily. — Maia foi a arma que utilizei, mas o plano foi meu, minha mão é que estava por trás. Eu serei a líder. A não ser que alguém se oponha.

Os vampiros se entreolharam, confusos. Morcego, para a surpresa e divertimento de Maia,

estalava as juntas dos dedos sonoramente no silêncio.

Os lábios vermelhos de Lily sorriram.

— Achei mesmo que não iriam se opor. — Ela deu um passo em direção a Maia, evitando o vestido e a pilha de cinzas que restavam de Maureen. — Agora — disse —, por que não discutimos esta aliança?

— Não preparei nenhuma torta — anunciou Alec quando Jace e Clary voltaram para a grande câmara central da caverna. Ele estava deitado de costas, sobre um cobertor esticado, a cabeça apoiada em um casaco amassado. Havia uma fogueira produzindo fumaça, as chamas projetando sombras alongadas nas paredes.

Ele tinha espalhado suprimentos: pão e chocolate, castanhas e barras de cereal, água e maçãs machucadas. Clary sentiu o estômago enrijecer, só então percebendo o quanto estava faminta. Havia três garrafas plásticas perto da comida: duas de água e uma mais escura com vinho.

— Não preparei nenhuma torta — repetiu Alec, gesticulando expressivamente com uma das mãos —, por três motivos. Um, porque não tenho nenhum ingrediente de torta. Dois, porque não sei fazer torta.

Ele pausou, claramente aguardando.

Removendo a espada e se apoiando contra a parede da caverna, Jace perguntou, exaurido:

— E três?

— Porque não sou sua empregada — disse Alec, claramente satisfeito consigo.

Clary não conseguiu conter o sorriso. Desatou o cinto de armas e o repousou cautelosamente perto da parede; Jace, retirando o próprio cinto, revirou os olhos.

— Você sabe que o vinho é para motivos antissépticos — disse Jace, se espalhando elegantemente pelo chão, perto de Alec. Clary sentou ao lado dele. Todos os músculos do corpo dela protestaram: nem mesmo os meses de treinamento a prepararam para a caminhada do dia pela areia ardente.

— Não tem álcool suficiente no vinho para que possa ser utilizado com fins antissépticos — respondeu Alec. — Além disso, não estou embriagado. Estou contemplativo.

— Certo. — Jace pegou uma maçã, cortou-a em dois e ofereceu metade a Clary. Ela mordeu a fruta, lembrando. O primeiro beijo com Jace teve gosto de maçã.

— Então — falou ela. — O que está contemplando?

— O que está acontecendo em casa — disse Alec. — Agora que provavelmente já perceberam que a gente saiu e tudo o mais. Estou me sentindo mal por Aline e Helen. Queria ter avisado a elas.

— Não se sente mal por seus pais? — perguntou Clary.

— Não — respondeu Alec após uma longa pausa. — Eles tiveram a chance de fazer a coisa

certa. — Ele rolou para o lado e olhou para eles. Seus olhos ficavam muito azuis à luz do fogo. — Sempre achei que ser um Caçador de Sombras significava ter que aprovar tudo que a Clave decidia — falou. — Achava que, de outra forma, eu não seria leal. Procurava pretextos para eles. Sempre procurei. Mas sinto que sempre que temos que lutar, estamos lutando uma guerra em duas frentes. Combatemos o inimigo e também combatemos a Clave. Eu não... Simplesmente não sei mais como me sinto.

Jace sorriu docemente para ele através da fogueira.

— Rebelde — falou.

Alec fez uma careta e se apoiou sobre os cotovelos.

— Não faça piada comigo — irritou-se, com vigor suficiente para deixar Jace surpreso.

As expressões de Jace eram ilegíveis para a maioria das pessoas, mas Clary o conhecia bem o bastante para reconhecer o rápido lampejo de dor que passou por seu rosto, e a ansiedade ao se inclinar para a frente para responder a Alec... exatamente quando Isabelle e Simon entraram no recinto. Isabelle estava rubra, mas o rubor de alguém que estava correndo, e não se entregando à paixão. Pobre Simon, pensou Clary, entretida; um entretenimento que passou quase instantaneamente quando notou os olhares dos dois.

— O corredor a leste termina em uma porta — anunciou Isabelle sem preâmbulos. — Um portão, como o que atravessamos na entrada, mas está quebrado. E tem muitos demônios, do tipo voador. Não estão se aproximando daqui, mas dá para vê-los. Provavelmente alguém deveria ficar de olho, só para garantir.

— Eu fico — disse Alec, levantando-se. — Não vou dormir mesmo.

— Nem eu. — Jace se levantou, cambaleando. — Além do mais, alguém precisa te fazer companhia. — Ele olhou para Clary, que ofereceu um sorriso animador. Ela sabia que Jace detestava quando Alec ficava com raiva dele. Clary não sabia ao certo se ele conseguia sentir o desacordo pelo laço *parabatai*, ou se era apenas empatia normal, ou um pouco dos dois.

— Tem três luas — falou Isabelle, e sentou-se perto da comida, alcançando uma barra de cereais. — E Simon teve a impressão de ter visto uma cidade. Uma cidade demoníaca.

— Não deu para ter certeza — acrescentou Simon rapidamente.

— Nos livros Edom tem uma capital, chamada Idumeia — disse Alec. — Pode ser alguma coisa. Vamos ficar de olho. — Ele se abaixou para pegar o arco e foi para o corredor leste. Jace pegou uma lâmina serafim, deu um rápido beijo em Clary e o seguiu; Clary sentou-se ao lado de Izzy, olhando para o fogo, permitindo que o suave murmúrio da conversa entre Isabelle e Simon embalasse seu sono.

Jace sentia os tendões nas costas e no pescoço estalarem de exaustão enquanto se abaixava entre as pedras, deslizando de encontro a uma das rochas até ficar sentado, recostado em uma das

maiores, tentando não inalar demais o ar pungente. Ouviu Alec se ajeitando ao seu lado, o material resistente do uniforme arranhando contra o chão. A luz do luar refletia de seu arco enquanto ele o repousava sobre o próprio colo e observava a paisagem.

As três luas estavam baixas no céu; cada fragmento parecia inchado e enorme, cor de vinho, e tingia a paisagem com um brilho sangrento.

— Você vai falar? — perguntou Jace. — Ou esta é uma daquelas ocasiões em que está tão irritado comigo que não diz nada?

— Não estou irritado com você — disse Alec, e passou a mão enluvada sobre o arco, batendo os dedos ociosamente sobre a madeira.

— Achei que pudesse estar — falou Jace. — Se eu tivesse concordado em procurar abrigo, não teria sido atacado. Coloquei todos nós em perigo...

Alec respirou fundo e exalou devagar. As luas estavam ligeiramente mais altas no céu e projetavam um brilho escuro no rosto dele. Alec parecia jovem, os cabelos sujos e bagunçados, a camisa rasgada.

— Sabíamos dos riscos que estávamos correndo quando viemos para cá com você. Nos candidatamos a morrer. Digo, é óbvio que prefiro sobreviver. Mas todos nós escolhemos.

— Na primeira vez em que me viu — disse Jace, olhando para as próprias mãos, que abraçavam os joelhos —, aposto que não pensou: *Ele vai ser a causa da minha morte*.

— Na primeira vez em que o vi, desejei que voltasse a Idris. — Jace olhou incrédulo para Alec, que deu de ombros. — Você sabe que não gosto de mudanças.

— Mas passou a gostar de mim — declarou Jace, confiante.

— Em algum momento, sim — concordou Alec. — Como musgo ou uma doença de pele.

— Você me ama. — Jace inclinou a cabeça para trás, de encontro à pedra, admirando a paisagem morta através de olhos cansados. — Acha que deveríamos ter deixado um bilhete para Maryse e Robert?

Alec deu uma risada seca.

— Acho que vão acabar descobrindo para onde viemos. No devido tempo. Talvez eu não me importe se meu pai vai descobrir ou não. — Alec jogou a cabeça para trás e suspirou. — Ai, Deus, eu sou um clichê — disse, desesperado. — Por que me importo? Se papai concluir que me odeia porque não sou heterossexual, ele não vale meu sofrimento, certo?

— Não olhe para mim — falou Jace. — Meu pai adotivo foi um assassino em massa. E eu continuava preocupado com o que ele pensava. É o que somos programados para fazer. Seu pai sempre me pareceu excelente em comparação ao meu.

— Claro, ele gosta de você — disse Alec. — Você é heterossexual e tem expectativas baixas em relação a figuras paternas.

— Acho que provavelmente vão colocar isso na minha lápide. "Era Heterossexual e Tinha

Expectativas Baixas".

Alec sorriu — um lampejo breve e forçado de um sorriso. Jace o fitou com olhos semicerrados.

— Tem certeza de que não está irritado? Você me parece um pouco irritado.

Alec olhou para o céu. Não havia estrelas visíveis através da coberta de nuvem, só uma manchinha preto-amarelada.

— Nem tudo gira em torno de você.

— Se você não está bem, deveria me contar — incitou Jace. — Estamos todos estressados, mas temos que nos manter tão firmes quanto...

Alec virou-se para ele. Seus olhos estavam descrentes.

— Estar bem? Como você estaria? — perguntou. — Como estaria se Clary tivesse sido levada por Sebastian? Se fosse ela que estivéssemos indo resgatar, sem saber se estaria viva ou morta? Como você estaria?

Jace sentiu como se tivesse levado um tapa de Alec. Também sentiu que merecia. Precisou de diversas tentativas antes de conseguir dizer as palavras seguintes:

— Eu... Eu estaria um caco.

Alec se levantou. Uma silhueta contra o céu cor de hematoma, o brilho das luas quebradas refletindo do chão; Jace conseguia enxergar cada faceta da expressão de Alec, tudo que este vinha guardando. Pensou na maneira como Alec matara aquele cavaleiro fada na Corte; de forma fria, rápida e implacável. Nada daquilo correspondia a Alec. No entanto, Jace nem tinha parado para pensar no assunto, pensar no que havia provocado aquela frieza: a dor, a raiva, o medo.

— Isto — disse Alec, gesticulando para si. — Isto sou eu sendo um caco.

— Alec...

— Não sou como você — justificou Alec. — Eu... Não consigo criar a fachada perfeita o tempo todo. Consigo contar piadas, consigo tentar, mas existem limites. Não consigo...

Jace se levantou, cambaleando.

— Mas não precisa criar uma fachada — retrucou, espantado. — Não precisa fingir. Você pode...

— Posso sucumbir? Nós dois sabemos que isso não é verdade. Precisamos nos manter firmes, e, durante todos aqueles anos eu observei você, eu o vi se segurando, vi quando achou que tinha perdido seu pai, vi quando pensou que Clary fosse sua irmã, observei você, e foi assim que você sobreviveu, então, se eu tenho que sobreviver, farei o mesmo.

— Mas você não é como eu — disse Jace, e sentiu como se o solo firme estivesse rachando sob seus pés. Quando tinha 10 anos de idade, ele construíra sua vida sobre o alicerce dos Lightwood, principalmente de Alec. Sempre achara que como *parabatai* estariam lado a lado, pensara ter estado presente para Alec tanto quanto Alec estivera para ele, mas agora percebia, horrorizado,

que pouco tinha pensado em Alec desde que os prisioneiros haviam sido levados, e não pensara em como cada hora e cada minuto deviam estar sendo para ele, sem saber se Magnus estava vivo ou morto. — Você é melhor.

Alec o encarou, o peito inflando e desinflando rapidamente.

— O que você imaginou? — perguntou bruscamente. — Quando viemos para este mundo? Eu vi sua expressão quando encontramos você. Não diga que não previu "nada". Um "nada" não teria deixado você com aquela cara.

Jace balançou a cabeça.

— O que *você* viu?

— Vi o Salão dos Acordos. Havia um enorme banquete da vitória, e todo mundo estava lá. Max estava lá. E você, e Magnus, e todo mundo, e papai estava fazendo um discurso sobre como eu era o melhor guerreiro que ele conhecera... — A voz falhou. — Nunca achei que eu iria querer ser o melhor guerreiro — falou. — Sempre achei que ficaria feliz sendo a estrela escura da sua supernova. Digo, você tem o dom do anjo. E eu poderia treinar e treinar... jamais serei como você.

— Você jamais iria querer ser como eu — disse Jace. — Você não é assim.

A respiração de Alec desacelerou.

— Eu sei — disse ele. — Não tenho inveja. Sempre soube, de cara, que todos achavam você melhor que eu. Meu pai achava. A Clave achava. Izzy e Max o olhavam como o grande guerreiro em quem queriam se espelhar. Mas no dia em que você me chamou para ser seu *parabatai*, eu soube que isso significava que confiava em mim o bastante para me pedir ajuda. Estava me dizendo que não era o guerreiro solitário e autossuficiente. Você precisava de mim. Então percebi que existia uma pessoa que não o achava melhor que eu. Você mesmo.

— Existem muitas formas de ser o melhor — completou Jace. — Desde aquela época eu já sabia disso. Eu podia ser fisicamente mais forte, no entanto você tem o coração mais verdadeiro dentre todos que conheço, é o que mais tem fé nos outros, e por esse aspecto você é muito melhor do que eu jamais poderia ser.

Alec o encarou com surpresa.

— A melhor coisa que Valentim fez por mim foi me mandar para vocês — acrescentou Jace. — Para os seus pais também, é claro, mas principalmente para vocês. Você, Izzy e Max. Se não fossem vocês, eu teria sido... como Sebastian. Iria querer isto. — Ele apontou para o terreno baldio na frente deles. — Iria querer ser o rei de uma terra de esqueletos e corpos. — Jace parou de falar, semicerrando os olhos para a distância. — Viu isso?

Alec balançou a cabeça.

— Não vejo nada.

— Luz, refletindo de algum lugar. — Jace procurou entre as sombras do deserto. Tirou uma

lâmina serafim do cinto. Sob o luar, mesmo desativado, o *adamas* brilhou com o fulgor de um rubi. — Espere aqui — disse ele. — Fique de guarda na entrada. Vou olhar.

— Jace... — começou Alec, mas Jace já estava correndo pelo declive, pulando de pedra em pedra.

Ao se aproximar do sopé, as pedras se tornaram mais claras e começaram a sucumbir assim que ele aterrissou nelas. Por fim deram lugar à areia, marcada por pedras arqueadas enormes. Havia algumas coisas que cresciam pontuando a paisagem: árvores que pareciam fossilizadas por uma explosão súbita, uma chama solar.

Atrás dele estava Alec e a entrada dos túneis. Adiante havia desolação. Jace começou a caminhar cuidadosamente por entre as pedras e as árvores mortas. Ao se mexer, viu de novo, uma faísca avançando, algo vivo entre tanta morte. Ele se virou em direção àquilo, colocando cada pé cuidadosamente na frente do outro.

— Quem está aí? — perguntou, em seguida franziu o rosto. — É claro — acrescentou, se endereçando à escuridão ao redor —, mesmo eu, como Caçador de Sombras, já vi filmes o suficiente para saber que qualquer um que grita "Quem está aí?" vai ser morto automaticamente.

Um barulho ecoou pelo ar — um arquejo, um engulho de respiração entrecortada. Jace ficou tenso e avançou velozmente. Lá estava: uma sombra, evoluindo do escuro para uma forma humana. Uma mulher, encolhida, ajoelhada, vestindo uma túnica pálida manchada de sujeira e sangue. Ela parecia chorar.

Jace cerrou o punho em volta do cabo da lâmina. Ele já havia abordado demônios fingindo estar desamparados ou disfarçando a verdadeira natureza em ocasiões suficientes, de modo que aprendera a sentir menos compaixão e mais desconfiança.

— *Dumah* — sussurrou ele, e a lâmina brilhou com a luz.

Conseguia enxergar a mulher com mais clareza agora. Tinha cabelos longos que caíam para o chão e se misturavam à terra chamuscada, e um círculo de ferro ao redor do cenho. Tinha cabelos ruivos às sombras, cor de sangue seco, e por um instante, antes de ela se levantar e se virar para ele, pensou na Rainha Seelie...

Mas não era ela. Esta mulher era uma Caçadora de Sombras. Era mais que isso. Usava as túnicas brancas de uma Irmã de Ferro amarrada abaixo dos seios, os olhos no tom alaranjado nítido de uma chama. Símbolos escuros desfiguravam suas bochechas e testa. Estava com as mãos fechadas sobre o peito. Agora as relaxava, deixando que caíssem junto às laterais do corpo, e Jace sentiu o ar gelar nos pulmões ao ver o ferimento massivo em seu peito, o sangue se espalhando pelo tecido branco do vestido.

— Você me conhece, não conhece, Caçador de Sombras? — perguntou ela. — Sou a Irmã Magdalena das Irmãs de Ferro, aquela que você assassinou.

Jace engoliu em seco.

— Não é ela. Você é um demônio.

Ela balançou a cabeça.

— Fui amaldiçoada por ter traído a Clave. Quando você me matou, vim para cá. Este é meu Inferno, e fico vagando por aqui. Sem nunca me curar, sangrando eternamente. — Ela apontou para trás, e ele viu as pegadas atrás da moça, que traziam a este local, as marcas de pés descalços contornadas em sangue. — Foi isto que você fez comigo.

— Não fui eu — falou ele, rouco.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Não foi? — questionou ela. — Não se lembra?

E ele se lembrava, o pequeno estúdio em Paris, o Cálice de *adamas*, Magdalena sendo pega de surpresa pelo ataque quando ele sacou a lâmina e a golpeou; o olhar dela enquanto caía sobre a mesa de trabalho, morrendo...

Sangue na lâmina, nas mãos, nas roupas. Não era sangue de demônio nem icor. Não era sangue inimigo. Era sangue de um Caçador de Sombras.

— Você se lembra — disse Magdalena, inclinando a cabeça para o lado com um sorrisinho. — Como um demônio saberia das coisas que sei, Jace Herondale?

— Não... é meu nome — sussurrou Jace.

O sangue corria quente em suas veias, apertando sua garganta, estrangulando as palavras. Ele pensou na caixa de prata com a estampa de passarinhos, em garças graciosas no ar, na história de uma das grandes famílias de Caçadores de Sombras exposta em livros, cartas e heranças, e em como não se sentia merecedor de tocar aquele conteúdo.

A expressão dela tremeu, como se não tivesse entendido exatamente o que Jace dissera, porém continuou suavemente, caminhando em direção a ele pelo chão rachado.

— Então o que você é? Não possui qualquer legitimidade para se chamar Lightwood. É um Morgenstern? Como Jonathan?

Jace respirou fundo, e sua garganta queimou como fogo. Estava com o corpo grudento de suor, as mãos trêmulas. Tudo nele gritava para avançar, perfurar a criatura Magdalena com sua lâmina serafim, no entanto ele não parava de enxergá-la caindo, morrendo, em Paris, e a si mesmo acima dela, assimilando o que tinha feito, que era um assassino, e como poderia matar a mesma pessoa duas vezes...

— Você gostou, não gostou? — sussurrou ela. — De ter sido ligado a Jonathan, vocês dois sendo um? Isso libertou você. Pode dizer a si, agora, que tudo o que fez foi obrigado, que não estava no controle, que não me perfurou com a lâmina, mas nós dois sabemos a verdade. O laço de Lilith foi apenas um pretexto para você fazer o que já desejava.

Clary, pensou ele, dolorosamente. Se ela estivesse aqui, ele teria sua convicção inexplicável para se apoiar, a crença dela de que Jace era intrinsecamente bom, uma crença que servia como

fortaleza, que nenhuma dúvida atravessava. Mas ela não estava ali e ele estava sozinho em uma terra queimada, morta, a mesma terra morta...

— Você viu, não viu? — sussurrou Magdalena, e ela estava quase em cima dele agora, os olhos saltando e ardendo em laranja e vermelho. — Esta terra queimada, toda a destruição, e você no comando? Essa foi sua visão? O desejo de seu coração? — Ela pegou o pulso dele, e a voz se elevou, exultante, não mais humana. — Acha que seu segredo sombrio é querer ser como Jonathan, mas vou lhe contar o verdadeiro segredo, o mais sombrio de todos. Você já é.

— Não! — gritou Jace, e levantou a lâmina, um arco de fogo pelo céu.

Magdalena deu um pulo para trás, e, por um instante, Jace pensou que o fogo da lâmina tivesse acendido a ponta da túnica da criatura, pois uma chama explodiu diante dos olhos dele. Sentiu a ardência e a contorção de veias e músculos em seus braços, ouviu o grito de Magdalena se tornar gutural e desumano. Ele cambaleou para trás...

E percebeu que o fogo transbordava dele, que tinha explodido de suas mãos e das pontas dos dedos em ondas que corriam o deserto, explodindo tudo adiante. Ele viu Magdalena se contorcer e girar, se transformar em algo horrendo, cheio de tentáculos e repulsivo, antes de definhar em cinzas, dando um grito final. Jace viu o chão escurecer e brilhar enquanto ele caía de joelhos, a lâmina serafim derretendo em chamas que subiam e o cercavam. Ele pensou: *Vou queimar até a morte aqui*, enquanto o fogo rugia pela planície, riscando o céu.

Ele não estava com medo.

17

Ofertas Ardentes

Clary sonhou com fogo, um pilar de fogo varrendo uma paisagem desértica, queimando tudo pela frente: árvores, mato, pessoas gritando. Os corpos ficavam pretos ao desmoronarem diante da força das chamas, e acima deles havia um símbolo, pairando como um anjo, uma figura como duas asas unidas por uma barra solitária...

Um grito cortou a fumaça e a sombra, arrancando Clary de seus pesadelos. Ela abriu os olhos e viu o fogo, brilhante e quente, e se levantou, para alcançar Heosphoros.

Com a lâmina na mão, os batimentos cardíacos dela foram desacelerando aos poucos. O fogo não estava violento nem descontrolado. Estava contido, a fumaça flutuando em direção ao enorme teto da caverna. Iluminava o espaço em volta. Ela via Simon e Isabelle sob o brilho, Izzy se levantando do colo de Simon e piscando, confusa.

— O que...

Clary já estava de pé.

— Alguém gritou — disse ela. — Vocês dois fiquem aqui... Vou ver o que aconteceu.

— Não... não. — Isabelle se levantou exatamente quando Alec entrou na câmara, arfando.

— Jace — alertou ele. — Aconteceu alguma coisa... Clary, pegue a estela e vamos. — Ele se virou e correu de volta para o túnel.

Clary enfiou Heosphoros no cinto e foi atrás. Ela acelerou pelo corredor, as botas arrastando por pedras irregulares, e irrompeu pela noite, com a estela na mão.

A noite queimava. O planalto acinzentado de pedras se inclinava para o deserto, e havia fogo onde as pedras encontravam a areia — fogo ardendo pelo ar, deixando o céu dourado, queimando o chão. Ela olhou fixamente para Alec.

— Onde está Jace? — gritou sobre o estalar das chamas.

Ele desviou o olhar dela para o fogo.

— Ali — respondeu. — Ali dentro. Vi o fogo sair dele e engoli-lo.

Ela sentiu um aperto no peito; cambaleou para trás, para longe de Alec, como se ele a tivesse golpeado, e em seguida ele a alcançou, dizendo:

— Clary. Ele não está morto. Se estivesse, eu saberia. Eu saberia...

Isabelle e Simon irromperam da entrada da caverna atrás deles; Clary viu ambos reagirem ao fogo celestial, Isabelle com olhos arregalados e Simon se encolhendo de pavor — fogo e vampiros não se misturavam, mesmo com Simon sendo um Diurno. Isabelle o pegou pelo braço, como que para protegê-lo; Clary ouvia os gritos, as palavras perdidas contra a ferocidade das chamas. O

braço de Clary ardia e doía. Ela olhou para baixo e percebeu que tinha começado a desenhar na própria pele, o reflexo assumindo o controle em lugar da consciência. Observou enquanto um símbolo *pyr*, para proteger do fogo, aparecia em seu pulso, espesso e negro contra a pele. Tratava-se de um símbolo forte: Clary era capaz de sentir o poder irradiando.

Ela começou a descer a colina, virando-se ao sentir Alec em seu encalço.

— Fique para trás — gritou para ele, e levantou o pulso, mostrando o símbolo. — Não sei se vai funcionar — berrou. — Fique aqui; cuide de Simon e de Izzy, o fogo celestial deve manter os demônios afastados, mas só para garantir. — E em seguida ela se voltou à corrida, disparando entre as pedras, diminuindo a distância entre ela e a lâmina, enquanto Alec ficava parado na trilha, as mãos cerradas junto às laterais do corpo.

De perto o fogo era uma parede dourada, se movimentando e se transformando, cores piscando em seu núcleo: vermelho ardente, línguas alaranjadas e verdes. Clary não enxergava nada *senão* chamas; o calor que irradiava fazia sua pele formigar e os olhos lacrimejarem. Ela inspirou e queimou a garganta, daí entrou no fogo.

Foi envolvida como se fosse um abraço. O mundo ficou vermelho, dourado e laranja, e tremulando diante de seus olhos. Seu cabelo levantou, esvoaçando ao vento quente, e Clary não sabia ao certo diferenciar suas mechas quentes do fogo em si. Ela avançou cuidadosamente, cambaleando como se estivesse caminhando contra um vento muito forte — dava para sentir o símbolo Corta-Fogo latejando em seu braço a cada passo — enquanto as chamas subiam e espiralavam ao redor.

Ela aspirou o fogo mais uma vez e avançou, os ombros curvados como se estivesse levantando um peso. Não havia nada além de fogo em volta. Ia morrer em meio às chamas, pensou, queimando como uma pena, sem deixar sequer uma pegada naquele mundo alienígena para registrar que tinha passado por ali.

Jace, pensou ela, e deu um último passo. As chamas se partiram em volta como uma cortina se abrindo, e ela engasgou, caindo para a frente, os joelhos batendo na terra com força. O símbolo Corta-Fogo no braço estava desbotando, ficando branco, sugando sua energia juntamente ao seu poder. Ela levantou a cabeça e olhou.

O fogo se erguia em um círculo, chamas buscando o céu demoníaco chamuscado. Ao centro encontrava-se Jace, ajoelhado; ele próprio era intocado pelo fogo, a cabeça loura para trás, os olhos semifechados. Estava com as mãos no chão, e um rio do que parecia ouro derretido escorria de suas palmas. Costurava pela terra como pequenas correntes de lava, iluminando o solo. Não, pensou ela, estava fazendo mais do que iluminar. Estava *cristalizando* a terra, transformando-a em um material sólido e dourado que brilhava como...

Como *adamas*. Ela se arrastou em direção a Jace, o chão abaixo deixando de ser um solo acidentado e virando uma substância vítrea escorregadia, como *adamas*, porém de cor dourada

em vez de branca. Jace não se mexeu: como o Anjo Raziel se erguendo do Lago Lyn e pingando água, ele permanecia parado enquanto o fogo saía de seu corpo, e o solo endurecia ao redor, se transformando em ouro.

Adamas. O poder daquilo subiu por Clary, fazendo seus ossos tremerem. Imagens floresciam em sua mente: símbolos, se elevando e em seguida desaparecendo como fogos de artifício, e ela lamentou a perda de todos, tantos símbolos cujos significados e funções ela jamais conheceria, mas daí ela estava próxima a Jace e o primeiro símbolo que imaginou, o símbolo com o qual vinha sonhando nos últimos dias, surgiu em sua cabeça. *Asas, ligadas por uma barra… não, não eram asas… o cabo de uma espada… sempre fora o cabo de uma espada...*

— Jace! — gritou ela, e ele abriu os olhos. Mais dourados até mesmo que o fogo. Ele a olhou, totalmente incrédulo, e ela imediatamente percebeu o que ele pensava estar fazendo: ajoelhado, aguardando para morrer, aguardando para ser consumido pelo fogo como um santo medieval.

Ela queria estapeá-lo.

— Clary, *como*...

Ela se esticou para segurá-lo pelo pulso, porém ele foi mais veloz e desviou.

— Não! Não me toque. Não é seguro...

— Jace, pare. — Ela levantou o braço, com o símbolo *pyr* brilhando, prateado naquele fulgor sobrenatural. — Eu atravessei o fogo para chegar até você — disse ela sobre o chiado das chamas. — Estamos aqui. Nós dois estamos aqui agora, entendeu?

Os olhos dele estavam com um tom maníaco, desesperados.

— Clary, *saia*...

— Não! — Ela o segurou pelos ombros, e dessa vez ele não recuou. Ela agarrou a roupa dele. — *Eu sei como consertar isto!* — gritou, e se inclinou para pressionar os lábios nos dele.

A boca de Jace estava quente e seca, a pele ardia enquanto ela passava as mãos pelo pescoço dele para segurar as laterais de seu rosto. Ela sentia gosto de fogo, carvão e sangue na boca dele, e se perguntava se ele sentia o mesmo gosto nela.

— Confie em mim — sussurrou ela de encontro aos lábios dele, e apesar de as palavras terem sido engolidas pelo caos ao redor, ela o sentiu relaxar minimamente e assentir, inclinando-se para ela, deixando o fogo passar entre eles enquanto respiravam o hálito um do outro, saboreando as faíscas nos lábios um do outro.

— Confie em mim — sussurrou ela outra vez, e alcançou sua lâmina.

Isabelle estava com os braços em torno de Simon, detendo-o. Ela sabia que se o soltasse, ele correria para o fogo, onde Clary desaparecera, e se jogaria ali dentro.

E queimaria como um pavio, como um pavio ensopado de gasolina. Ele era um vampiro. Isabelle o segurou, prendendo-o pelo peito com as mãos, e teve a impressão de que podia sentir o

vazio sob as costelas dele, no local onde seu coração *não* batia. O dela estava acelerado. Seu cabelo esvoaçava com o vento quente da imensa fogueira que ardia ao pé do planalto. Alec tinha descido metade da trilha e estava ali, inquieto; era uma silhueta negra contra as chamas.

E as chamas… saltavam em direção ao céu, riscando a lua quebrada. Mudando e se transformando, uma parede de ouro mortalmente linda. Conforme as chamas tremiam, Isabelle conseguia identificar sombras se movimentando ali dentro — a sombra de uma pessoa ajoelhada, e depois outra, menor, abaixada e engatinhando. *Clary*, pensou, se arrastando para Jace no coração do incêndio. Sabia que Clary havia aplicado um símbolo *pyr* no braço, mas Isabelle nunca tinha ouvido falar em um símbolo Corta-Fogo que pudesse suportar aquele tipo de chama.

— Iz — sussurrou Simon. — Eu não...

— Shhh. — Ela o segurou com mais força, como se aquilo fosse impedir ela mesma de sucumbir. Jace estava ali, no centro do fogo, e ela não podia perder outro irmão, não podia... — Eles estão bem — avisou ela. — Se Jace estivesse ferido, Alec saberia. E se ele está bem, então Clary também está.

— Eles vão queimar até a morte — respondeu Simon, soando perdido.

Isabelle gritou quando as chamas se elevaram mais alto de repente. Alec deu um passo para a frente e em seguida caiu de joelhos, e pôs as mãos no chão. A curva de suas costas formava um arco de dor. O céu se transformara em espirais de fogo, rotatórios e vertiginosos.

Isabelle soltou Simon e correu pela trilha, para o irmão. Curvou-se sobre ele, agarrando-o pelo casaco, puxando-o para que se levantasse.

— Alec, *Alec*...

Alec ficou de pé, cambaleando, o rosto inteiramente pálido, exceto por onde estava manchado com fuligem preta. Ele deu meia-volta, ficando de costas para Isabelle, tirando a jaqueta.

— Meu símbolo de *parabatai*... consegue vê-lo?

Isabelle sentiu um aperto no estômago; por um instante pensou que fosse desmaiar. Ela agarrou Alec pela gola da camisa, puxou-o para baixo e exalou, aliviada.

— Continua aí.

Alec vestiu a jaqueta novamente.

— Senti alguma coisa mudar; foi como se algo dentro de mim tivesse se *contorcido*. — Ele levantou a voz. — Vou até lá.

— Não! — Isabelle o pegou pelo braço, e em seguida Simon gritou, ao lado dela:

— *Vejam*.

Ele estava apontando para o fogo. Isabelle olhou, sem compreender por um instante, até que percebeu o que ele mostrava. As chamas tinham começado a diminuir. Ela balançou a cabeça como se quisesse clarear as ideias, a mão ainda no braço de Alec, mas não era ilusão. O fogo

estava diminuindo. As chamas encolheram, passando de pilares laranjas a um amarelo desbotado, se curvando para dentro como dedos. Ela soltou Alec, e os três ficaram enfileirados, ombro a ombro, enquanto o fogo abaixava, revelando um círculo de terra ligeiramente escurecido onde as chamas queimaram, e ali dentro, duas figuras. Clary e Jace.

Era difícil enxergá-los através da fumaça e do brilho vermelho das brasas que ainda queimavam, mas ficou claro que estavam vivos e inteiros. Clary de pé, e Jace ajoelhado diante dela, segurando suas mãos, quase como se estivesse recebendo o título de cavaleiro. Havia algo ritualístico naquela posição, algo que remetia a um feitiço estranho e antigo. Quando a fumaça se dissipou, Isabelle viu o brilho claro do cabelo de Jace, que se levantava. Ambos começaram a caminhar pela trilha.

Isabelle, Simon e Alec romperam a fila e correram para eles. Isabelle se jogou em Jace, que a abraçou, ao mesmo tempo esticando-se para agarrar a mão de Alec mesmo enquanto ele segurava Isabelle com firmeza. A pele dele era fria contra a dela, quase gelada. O uniforme não apresentava qualquer queimadura ou marca, assim como a terra desértica atrás deles não apresentava sinal de ter passado por um incêndio massivo há poucos instantes.

Isabelle apoiou a cabeça no peito de Jace e viu Simon abraçando Clary. Ele a segurava com firmeza, balançando a cabeça, e quando Clary ofereceu um sorriso radiante para ele, Isabelle percebeu que não sentia nenhuma fagulha de ciúme. Não havia qualquer diferença entre o abraço de Simon e Clary para o dela e de Jace. Tinha amor ali, claramente, mas era um amor fraterno.

Ela se afastou de Jace e sorriu para Clary, que retribuiu timidamente. Alec tomou a iniciativa de abraçar Clary, e Simon e Jace se entreolharam cautelosamente. De repente Simon sorriu — aquele sorriso súbito e inesperado que surgia até mesmo nas piores circunstâncias, o qual Isabelle adorava — e estendeu os braços para Jace.

Jace balançou a cabeça.

— Não me importo se acabei de me incendiar — falou. — Não vou te abraçar.

Simon suspirou e abaixou os braços.

— Pior para você — disse ele. — Se tivesse abraçado, eu teria deixado, mas sinceramente, teria sido um abraço de pena.

Jace se voltou para Clary, que não estava mais abraçando Alec, e sim parada, parecendo entretida, com a mão no cabo de Heosphoros. A lâmina parecia brilhar, como se tivesse absorvido parte da luz do fogo.

— Ouviram isso? — perguntou Jace. — Um abraço de *pena*?

Alec levantou a mão. Surpreendentemente, Jace se calou.

— Reconheço que estamos tomados pela alegria da sobrevivência, o que explica este comportamento estúpido — disse Alec. — Mas primeiro — levantou um dedo —, acho que nós três merecemos uma explicação. O que aconteceu? Como você perdeu o controle do fogo? Foi

atacado?

— Foi um demônio — respondeu Jace após uma pausa. — Assumiu a forma de uma mulher que... alguém que eu machuquei quando Sebastian me possuiu. Me provocou até eu perder o controle sobre o fogo celestial. Clary me ajudou a recuperá-lo.

— E é isso? Vocês dois estão bem? — perguntou Isabelle, meio incrédula. — Achei... quando vi o que se passava... Pensei que fosse Sebastian. Que ele tivesse vindo até nós de alguma forma. Que você tivesse tentado incendiá-lo e tivesse acabado se queimando...

— Isso não vai acontecer. — Jace tocou o rosto de Izzy delicadamente. — Já estou com o fogo controlado. Sei como usar, e como não usar. Como direcionar.

— Como? — perguntou Alec, impressionado.

Jace hesitou. Seus olhos desviaram para Clary, e as pupilas pareceram dilatar, como se uma cortina tivesse descido sobre eles.

— Vocês terão simplesmente que confiar em mim.

— É isso? — Simon se manifestou, incrédulo. — Simplesmente confiar em você?

— Não confiam? — perguntou Jace.

— Eu... — Simon olhou para Isabelle, que olhou para o irmão.

Após um instante, Alec assentiu.

— Confiamos o suficiente para vir até aqui — falou. — Vamos confiar até o fim.

— Se bem que seria incrível conhecer seu plano, tipo, um pouco antes — disse Isabelle. — Antes do fim, quero dizer. — Alec ergueu uma sobrancelha para ela. Izzy deu de ombros inocentemente. — Só um pouquinho antes — continuou. — Quero poder me preparar.

Os olhos do irmão encontraram os dela, e, em seguida, ele começou a rir, um pouco rouco — quase como se tivesse se esquecido de como fazê-lo.

À Consulesa:

O Povo das Fadas não é seu aliado. Eles são seus inimigos. Odeiam os Nephilim e planejam traí-los e destruí-los. Colaboraram com Sebastian Morgenstern nos ataques e nas destruições dos Institutos. Não confie em Meliorn nem em qualquer conselheiro de nenhuma Corte. A Rainha Seelie é sua inimiga. Não tente responder esta mensagem. Estou com a Caçada Selvagem agora, e eles vão me matar se acharem que contei alguma coisa.

Mark Blackthorn

Jia Penhallow olhou por cima dos óculos de leitura para Emma e Julian, que estavam parados, tensos, na frente da escrivaninha da biblioteca da casa. Uma grande janela retangular encontrava-se aberta atrás da Consulesa, e Emma via a paisagem de Alicante se estendendo: casas colinas abaixo, canais correndo em direção ao Salão dos Acordos, a Colina de Gard se erguendo contra o céu.

Jia olhou para baixo novamente, para o papel que haviam lhe trazido. Tinha sido dobrado com uma esperteza quase diabólica dentro da noz, e foram necessários séculos, além dos dedos hábeis de Ty, para soltá-lo.

— Seu irmão escreveu mais alguma coisa além disto? Algum recado particular para você?

— Não — respondeu Julian, e deve ter demonstrado alguma coisa na tensão dolorosa de sua voz, pois Jia acreditou nele e não insistiu no assunto.

— Você entende o que isto significa — questionou ela. — O Conselho não vai querer acreditar. Vão afirmar que é um truque.

— É a letra de Mark — disse Julian. — E a forma como assinou... — Ele apontou para a marca na base do papel: uma impressão nítida de espinhos, feita com o que parecia ser uma tinta marrom-avermelhada. — Ele passou o anel de família em sangue e o utilizou para fazer isto — explicou Julian, o rosto rubro. — Uma vez me mostrou como fazer. Mais ninguém teria o anel da família Blackthorn, nem tampouco saberia fazer esta marca com ele.

Jia olhou dos punhos cerrados de Julian para a expressão firme de Emma e assentiu.

— Vocês estão bem? — perguntou ela mais gentilmente. — Sabem o que é a Caçada Selvagem?

Ty tinha oferecido um discurso extenso sobre o assunto, mas Emma descobria que agora, sob o olhar sombrio e solidário da Consulesa, não era capaz de encontrar as palavras. Foi Julian que se pronunciou:

— Fadas caçadoras — explicou. — Cavalgam pelo céu. As pessoas acreditam que se você segui-las, elas podem guiá-lo até a terra dos mortos, ou a Faerie, o reino das fadas.

— Gwyn ap Nudd lidera o bando — disse Jia. — Ele não tem aliança; faz parte de uma magia mais selvagem. É chamado de Coletor dos Mortos. Apesar de ser uma fada, ele e seus cavaleiros não estão envolvidos nos Acordos. Não têm qualquer entendimento com os Caçadores de Sombras, não reconhecem nossa jurisdição e não seguem leis, nenhuma lei. Compreendem?

Eles a olharam, confusos. Ela suspirou.

— Se Gwyn pegou seu irmão para se tornar um de seus Caçadores, pode ser impossível...

— Você está dizendo que não vai conseguir trazê-lo de volta? — perguntou Emma, e viu

alguma coisa se despedaçar nos olhos de Julian. Aquela visão a fez desejar pular sobre a mesa e espancar a Consulesa com sua pilha de pastas etiquetadas, cada uma com um nome diferente.

Uma delas saltou aos olhos de Emma, como um letreiro aceso em neon. CARSTAIRS: FALECIDO. Tentou não permitir que o reconhecimento de seu sobrenome ficasse expresso em seu rosto.

— Estou dizendo que não sei. — A Consulesa espalmou as mãos na superfície da mesa. — Tem tanta coisa que não sabemos agora — disse, e sua voz soou baixa e quase arrasada. — Perder o Povo das Fadas como aliados é um golpe forte. Dentre todos os integrantes do Submundo, eles são nossos inimigos mais sutis, e os mais perigosos. — Ela se pôs de pé. — Esperem aqui um instante.

Ela se retirou por uma porta camuflada no painel e, após alguns instantes de silêncio, Emma ouviu o ruído de pés e o murmúrio da voz de Patrick. Captou palavras isoladas — "julgamento", "mortal" e "traição".

Dava para sentir Julian ao seu lado, tão tenso quanto a corda de um arco armado. Esticou o braço para tocar as costas dele, e com o dedo desenhou entre os ombros: *V-O-C-Ê-E-S-T-Á-B-E-M?*

Ele balançou a cabeça, sem olhar para ela. Emma olhou para a pilha de pastas sobre a mesa, depois para a porta, em seguida para Julian, calado e sem expressão, e decidiu. Lançou-se à mesa, passando a mão pela pilha de pastas, e puxou a que dizia carstairs.

Era uma pasta de capa dura, leve, e Emma esticou o braço para puxar a camisa de Julian, que teve seu grito de surpresa abafado pela mão dela. Emma usou a outra mão para enfiar a pasta na traseira da calça jeans dele. Puxou a camisa do amigo para baixo exatamente quando a porta se abriu e Jia voltou.

— Vocês dois estariam dispostos a depor diante do Conselho uma última vez? — perguntou ela, olhando de Emma, que imaginava estar corada, para Julian, que parecia ter sido eletrocutado. O olhar dele endureceu, e Emma ficou impressionada. Julian era tão gentil que ela às vezes se esquecia de que aqueles olhos da cor do mar podiam se tornar tão frios quanto as ondas do litoral no inverno. — Sem Espada Mortal — esclareceu a Consulesa. — Só quero que contem a eles o que sabem.

— Se você prometer que vai tentar trazer Mark de volta — disse Julian. — E não apenas prometer, mas tentar de fato.

Jia o olhou solenemente.

— Prometo que os Nephilim não vão abandonar Mark Blackthorn enquanto ele viver.

Os ombros de Julian relaxaram minimamente.

— Tudo bem, então.

Brotou como uma flor contra o céu negro e nebuloso: uma explosão súbita e silenciosa de

chamas. Luke, parado à janela, recuou com surpresa antes de se encostar na abertura estreita, tentando identificar a fonte do resplendor.

— O que é? — Raphael olhou de onde estava ajoelhado para Magnus.

Magnus parecia adormecido, os olhos projetando sombras em forma de lua crescente contra a pele. Estava desconfortavelmente encolhido em torno das correntes que o prendiam, e parecia doente, ou no mínimo exausto.

— Não tenho certeza — disse Luke, e ficou parado enquanto o menino vampiro vinha se juntar a ele na janela.

Ele nunca se sentira completamente confortável perto de Raphael. O vampiro parecia Loki ou algum outro deus traiçoeiro, às vezes trabalhando para o bem, às vezes para o mal, mas sempre de acordo com os próprios interesses.

Raphael murmurou alguma coisa em espanhol e passou por Luke. As chamas refletiram nas pupilas de seus olhos escuros, vermelho-douradas.

— Acha que é obra de Sebastian? — perguntou Luke.

— Não. — O olhar de Raphael estava longe, e Luke foi lembrado de que o menino diante dele, embora parecesse um anjo atemporal de 14 anos, na verdade era mais velho que ele, mais velho que seus pais seriam caso estivessem vivos, ou, no caso de sua mãe, se ela tivesse permanecido mortal. — Há algo de sagrado neste fogo. A obra de Sebastian é demoníaca. Esta é a forma como Deus apareceu para andarilhos no deserto. "*Durante o dia Deus ia à frente deles em um pilar nebuloso para guiá-los, e à noite em um pilar de fogo que lhes fornecia luz, de modo que pudessem viajar de dia ou de noite*."

Luke ergueu uma sobrancelha para ele.

Raphael deu de ombros.

— Fui criado em um ambiente católico — inclinou a cabeça para o lado. — Acho que nosso amigo Sebastian não vai gostar muito disto, seja lá o que for.

— Consegue enxergar mais alguma coisa? — perguntou Luke; a visão dos vampiros era mais poderosa até mesmo que a visão aguçada de um lobisomem.

— Alguma coisa... ruínas, talvez, como uma cidade morta... — Raphael balançou a cabeça em frustração. — Veja onde o fogo acaba. Está morrendo.

Houve um murmúrio suave vindo no chão, e Luke olhou para baixo. Magnus tinha rolado de costas. As correntes eram longas, lhe dando ao menos liberdade de movimento o suficiente para curvar as mãos sobre o estômago, como se estivesse com dor. Os olhos estavam abertos.

— Por falar em morrer...

Raphael voltou para seu lugar, ao lado de Magnus.

— Precisa nos contar, feiticeiro — incitou ele — se existe alguma coisa que possamos fazer por você. Nunca o vi tão doente.

— Raphael... — Magnus passou a mão pelos cabelos negros suados. A corrente tilintou. — É meu pai — falou abruptamente. — Este é o reino dele. Bem, um deles.

— Seu pai?

— Ele é um demônio — respondeu Magnus sucintamente. — O que não deveria ser uma grande surpresa. Não espere mais informações além desta.

— Tudo bem, mas por que estar no reino de seu pai o deixaria doente?

— Ele está tentando me fazer chamá-lo — disse Magnus, apoiando-se nos cotovelos. — Ele poderia vir até mim facilmente. Não consigo fazer mágica neste reino, portanto não posso me proteger. Ele consegue me deixar saudável ou doente. Mas está me deixando doente por achar que, se eu me desesperar o suficiente, vou pedir a ajuda dele.

— E vai? — perguntou Luke.

Magnus balançou a cabeça e franziu o rosto.

— Não. Não valeria o preço. Quando meu pai está envolvido, *sempre* há um preço.

Luke sentiu o próprio corpo ficar tenso. Ele e Magnus não eram íntimos, mas ele sempre gostara do feiticeiro, sempre o respeitara. Respeitava Magnus e feiticeiros tanto quanto respeitava Catarina Loss e Ragnor Fell, e os outros, aqueles que trabalharam com Caçadores de Sombras por várias gerações. Ele não estava gostando do som do desespero na voz de Magnus, nem de seu olhar ecoante.

— Não pagaria? Se a escolha fosse sua vida?

Magnus olhou para Luke, exaurido, e se jogou novamente no chão de pedra.

— Pode ser que não seja eu a pessoa a pagar — respondeu, e fechou os olhos.

— Eu... — começou Luke, mas Raphael balançou a cabeça para ele, um gesto repreensivo. Ele tinha se encolhido perto do ombro de Magnus, abraçando os joelhos.As veias escuras em suas têmporas e no pescoço eram visíveis, sinais de que fazia muito tempo que não se alimentava. Luke só podia imaginar a cena estranha que compunham: o vampiro faminto, o feiticeiro moribundo e o lobisomem observando pela janela.

— Você não sabe nada sobre o pai dele — disse Raphael, com a voz baixa. Magnus estava parado, obviamente dormindo outra vez, a respiração ofegante.

— E suponho que você saiba quem é o pai de Magnus? — provocou Luke.

— Já paguei muito dinheiro uma vez para descobrir.

— Por quê? De que adianta para você saber isso?

— Gosto de saber das coisas — explicou Raphael. — Pode ser útil. Ele conhecia minha mãe; me pareceu justo que eu conhecesse seu pai. Magnus salvou minha vida uma vez — acrescentou Raphael, com a voz sem emoção. — Assim que me tornei um vampiro, eu quis morrer. Achava que fosse uma coisa maldita. Ele me impediu de me jogar à luz do sol... Magnus me ensinou a caminhar por território sagrado, a pronunciar o nome de Deus, a usar um crucifixo. Ele não me

deu mágica, apenas paciência, mas ainda assim salvou minha vida.

— Então você deve a ele — disse Luke.

Raphael tirou a jaqueta e, em um movimento único e rápido, a colocou sob a cabeça de Magnus. Ele se remexeu, mas não acordou.

— Entenda como quiser — falou. — Não vou entregar os segredos dele.

— Responda-me uma coisa — disse Luke, com a parede de pedra fria em suas costas. — O pai de Magnus é alguém que pode nos ajudar?

Raphael riu: uma risada aguda, vociferada, sem qualquer divertimento.

— Você é muito engraçado, lobisomem — falou. — Volte para a janela, e você, se for do tipo que reza, então talvez deva rezar para que o pai dele não resolva querer nos ajudar. Se não confia em mim em relação a nada, então ao menos confie em mim quanto a isso.

— Você acabou de comer *três* pizzas? — Lily encarava Morcego com uma mistura de nojo e espanto.

— Quatro — respondeu Morcego, colocando uma caixa de pizza, agora vazia, da Joe's Pizza no topo de uma pilha de outras caixas e sorrindo serenamente.

Maia sentiu uma onda de afeto por Morcego. Ela não contara sobre o plano para o encontro com Maureen, e ele não reclamara nem uma vez, apenas a parabenizara por ter disfarçado tão bem. Ele concordou em se sentar com ela e Lily para discutir a aliança, apesar de Maia saber que ele não gostava muito de vampiros.

E ele guardara para ela a pizza que só tinha queijo, pois sabia que era a única da qual ela gostava. Maia estava em sua quarta fatia. Lily, apoiada na beira da mesa no saguão da delegacia, fumava um cigarro longo (Maia supôs que câncer de pulmão não fosse uma preocupação de quem já estava morto) e olhava para a pizza, desconfiada. Não se importava com a quantidade que Morcego comia — alguma coisa tinha que sustentar todos aqueles músculos — desde que ele parecesse feliz em lhe fazer companhia durante a reunião. Lily havia respeitado o trato que tinham feito em relação a Maureen, mas ela ainda causava calafrios em Maia.

— Sabe — disse Lily, balançando os pés envoltos em botas. — Devo admitir que esperava algo mais... animado. E menos burocrático. — Ela franziu o nariz.

Maia suspirou e olhou em volta. O saguão da delegacia de polícia estava cheio de lobisomens e vampiros, provavelmente pela primeira vez desde sua construção. Havia pilhas de papel listando contatos de membros importantes do Submundo, todos obtidos através de súplicas, empréstimos, furtos e investigações — os vampiros tinham registros impressionantes de quem estava no comando e onde —, e todos estavam nos celulares ou computadores, telefonando ou mandando mensagens de texto e e-mails para os líderes de clãs e matilhas, e para todos os feiticeiros que conseguiam rastrear.

— Ainda bem que as fadas são centralizadas — falou Morcego. — Uma Corte Seelie, uma Corte Não Seelie.

Lily sorriu.

— A terra embaixo da colina é muito extensa — disse. — As Cortes são tudo que podemos alcançar neste mundo, só isso.

— Bem, este é o mundo com o qual estamos preocupados agora — comentou Maia, se espreguiçando e esfregando a nuca.

Ela mesma tinha passado o dia fazendo ligações e enviando e-mails, por isso estava exausta. Os vampiros só se juntaram a eles ao cair da noite, e esperava-se que trabalhassem até o amanhecer, enquanto os lobisomens dormiam.

— Você tem noção do que Sebastian Morgenstern vai fazer conosco se o lado dele vencer? — perguntou Lily, olhando contemplativamente para a sala lotada. — Duvido que vá ser indulgente com quem trabalha contra ele.

— Talvez ele nos mate antes — respondeu Maia. — Mas nos mataria de qualquer jeito. Sei que os vampiros adoram a ideia de racionalidade, lógica, inteligência, alianças meticulosas, mas não é assim que ele funciona. Sebastian quer reduzir o mundo a cinzas. É só o que quer.

Lily soprou a fumaça.

— Bem — falou. — Isso seria inconveniente, considerando nossa relação com o fogo.

— Não está arrependida, está? — perguntou Maia, se esforçando ao máximo para manter a voz despreocupada. — Você parecia muito segura quanto a se colocar contra Sebastian quando conversamos antes.

— Estamos nos colocando em uma situação muito perigosa, só isso — disse Lily. — Você já ouviu a expressão "quando o gato sai, os ratos fazem a festa"?

— Claro — respondeu Maia, olhando para Morcego, que murmurou alguma coisa em espanhol.

— Durante centenas de anos, os Nephilim mantiveram suas regras e se certificaram de que nós também as mantivéssemos — continuou Lily. — Por isso são muito detestados. Agora foram se esconder em Idris, e não podemos fingir que os habitantes do Submundo não gostam de certas... vantagens trazidas pela ausência deles.

— Tipo poder devorar pessoas? — perguntou Morcego, dobrando uma fatia de pizza ao meio.

— Não são apenas os vampiros — argumentou Lily friamente. — As fadas adoram provocar e atormentar humanos; somente os Caçadores de Sombras as impedem. Eles vão começar a pegar bebês humanos outra vez. Os feiticeiros venderão sua mágica pela melhor oferta como...

— Prostitutas mágicas? — Todos ergueram o olhar em surpresa; Malcolm Fade tinha aparecido na entrada, limpando os flocos brancos de neve do seu cabelo também branco. — É isso que você ia dizer, não é?

— Eu não — respondeu Lily, claramente pega de surpresa.

— Ah, diga o que quiser. Não me importo — falou Malcolm alegremente. — Nada contra prostituição. É o que mantém a civilização funcionando. — Ele sacudiu a neve do casaco. Trajava um terno preto e um sobretudo velho; ele não tinha nada do ecleticismo brilhante de Magnus. — Em que posição vocês estão agora, meu povo? — indagou.

— "Povo"? — Morcego se eriçou. — Está falando dos lobisomens?

— Estou falando do povo da Costa Leste — esclareceu Malcolm. — Quem enfrentaria este clima se pudesse evitar? Neve, granizo, chuva. Eu me mudaria para Los Angeles em um instante. Sabia que instante é de fato uma medida de tempo? É um sessenta avos de segundo. Não dá para fazer nada em um instante, não mesmo.

— Sabe — disse Maia —, Catarina comentou que você era uma belezura de inofensivo...

Malcolm pareceu satisfeito.

— Catarina disse que sou uma belezura?

— Podemos nos ater ao foco? — perguntou Maia. — Lily, se o que a preocupa é o fato de os Caçadores de Sombras descontarem nos membros do Submundo caso algum de nós se rebele enquanto eles estiverem em Idris, bem... é por isso que estamos fazendo o que estamos fazendo. Garantindo aos integrantes do Submundo que os Acordos são válidos, que os Caçadores de Sombras estão tentando recuperar nossos prisioneiros e que Sebastian é o verdadeiro inimigo, minimizaremos as chances de o caos fora de Idris afetar os acontecimentos em caso de uma batalha, ou quando tudo isso acabar...

— Catarina! — anunciou Malcolm subitamente, como se lembrando de algo agradável. — Eu quase me esqueci por que parei aqui. Catarina me pediu para procurá-la. Ela está no necrotério do hospital Beth Israel e quer que você vá até lá o mais rápido possível. Ah, e leve uma jaula.

Um dos tijolos na parede perto da janela estava solto. Jocelyn passou o tempo todo usando a parte de metal de seu prendedor de cabelo para tentar soltá-lo. Não era tola o bastante para achar que podia criar um espaço pelo qual pudesse escapar, mas tinha a esperança de que, liberando um tijolo, teria uma arma. Algo que pudesse usar para bater na cabeça de Sebastian.

Se conseguisse fazer isso. Se não vacilasse.

Ela hesitara quando ele era bebê. Tomou-o nos braços, percebeu que havia algo de errado com ele, algo incorrigível, mas não conseguiu fazer nada a respeito. Em algum recôndito da mente acreditava que ele ainda poderia ser salvo.

Houve um barulho à porta, e ela girou, colocando a presilha de volta no cabelo. Era a presilha de Clary, a qual Jocelyn pegara na mesa da filha para manter o cabelo longe da tinta. Não devolveu porque o acessório a fazia se lembrar da filha, mas parecia errado sequer pensar em Clary ali, na frente de seu outro filho, apesar de sentir tanta saudade dela que chegava a doer.

A porta se abriu, e Sebastian entrou.

Estava com uma camisa branca tricotada e mais uma vez lembrava o pai. Valentim gostava de vestir branco. Fazia com que parecesse ainda mais pálido, o cabelo mais branco, um tiquinho menos humano ainda, e causava o mesmo efeito em Sebastian. Seus olhos pareciam gotas de tinta negra em uma tela branca. Ele sorriu para ela.

— Mãe — saudou.

Ela cruzou os braços.

— O que está fazendo aqui, Jonathan?

Ele balançou a cabeça, ainda com o mesmo sorriso, e tirou uma adaga do cinto. Era estreita, com uma lâmina fina como a de uma sovela.

— Se me chamar assim outra vez — disse ele —, arranco seus olhos com isto.

Ela engoliu em seco. *Ah, meu bebê*. Lembrou-se de segurá-lo, frio e parado em seus braços, bem diferente de uma criança normal. Ele não chorava. Nunca.

— Foi isso que veio me dizer?

Ele deu de ombros.

— Vim fazer uma pergunta. — Olhou em volta, a expressão entediada. — E para mostrar uma coisa. Venha. Venha comigo.

Ela se juntou a ele quando Sebastian saiu do quarto, com uma mistura de relutância e alívio. Detestava sua cela, e certamente seria melhor conhecer mais do lugar onde estava sendo mantida... O tamanho, as saídas?

O corredor diante do quarto era de pedra, grandes blocos de pedra ligados por concreto. O chão era liso, gasto por passos. No entanto, havia um aspecto empoeirado no local, como se ninguém passasse por ali há décadas, até mesmo séculos.

Havia portas nas paredes, dispostas em intervalos aleatórios. Jocelyn sentiu o coração acelerar mais uma vez. Luke podia estar atrás de uma delas. Queria avançar nelas, abri-las, mas a adaga continuava na mão de Sebastian, e ela não tinha a menor dúvida de que ele estava mais atento a este fato do que ela.

O corredor começou a se curvar, e Sebastian se pronunciou:

— E se eu dissesse que te amava?

Jocelyn fechou as mãos frouxamente na frente do próprio corpo.

— Creio — respondeu com cuidado — que eu diria que você não era capaz me amar mais do que eu poderia te amar.

Chegaram a um par de portas duplas. Pararam diante delas.

— Você não tem ao menos que fingir?

Jocelyn respondeu:

— Você conseguiria? Você é parte de mim, e sabe. O sangue de demônio o transformou, mas

você acha que, fora isso, todas as suas características vêm de Valentim?

Sem responder, Sebastian abriu as portas com o ombro e entrou. Após um instante Jocelyn o seguiu — e parou onde estava.

A sala era imensa e semicircular. Um chão de mármore se estendia a uma plataforma construída em pedra e madeira, se erguendo contra a parede oeste. No centro da plataforma havia dois tronos. Não tinha outra palavra para definir — cadeiras imensas de marfim com camadas de ouro; ambas com o encosto arredondado e seis degraus na base. E atrás de cada trono, uma janela enorme, o vidro refletindo apenas negritude. Alguma coisa naquele recinto era estranhamente familiar, mas Jocelyn não sabia exatamente o quê.

Sebastian foi até a plataforma e gesticulou para que ela o seguisse. Jocelyn subiu os degraus lentamente para se juntar ao filho, que estava diante dos tronos ostentando um olhar de triunfo. Ela já tinha visto aquele mesmo olhar no pai do rapaz quando este vira o Cálice Mortal.

— "*Ele será notável*" — entoou Sebastian — "*e será chamado de Filho do Maioral, e o Demônio lhe dará o trono de seu pai. E ele vai governar sobre o Inferno eternamente, e seu reino não terá fim.*"

— Não entendo — disse Jocelyn, e sua voz soou fria e morta até mesmo aos próprios ouvidos. — Você quer governar este mundo? Um mundo morto de demônios e destruição? Quer dar ordens a cadáveres?

Sebastian riu. Tinha a risada de Valentim: áspera e musical.

— Ah, não — disse ele. — Você entendeu tudo errado. — Ele fez um gesto rápido com os dedos, algo que ela já havia visto Valentim fazer quando aprendera mágica, e de repente as imensas janelas atrás dos tronos não estavam mais vazias.

Uma mostrava uma paisagem maldita: árvores secas e terra queimada, vis criaturas aladas circulando em frente a uma lua quebrada. Um planalto de pedras se estendia diante das janelas. Era habitado por figuras sombrias, cada qual a uma curta distância da outra, e Jocelyn percebeu que se tratava de Crepusculares em vigília.

A outra janela mostrava Alicante, dormindo pacificamente ao luar. Uma lua minguante, um céu cheio de estrelas, o brilho da água nos canais. Era uma vista que Jocelyn já conhecia, e, com um sobressalto, ela percebeu por que a sala onde se encontrava parecia familiar.

Era o salão do Conselho em Gard — transformado de anfiteatro a sala de tronos, mas com o mesmo teto abobadado, o mesmo tamanho, a mesma vista da Cidade de Vidro, antes aparecendo em duas janelas enormes. Só que agora uma janela dava vista para o mundo que ela conhecia, a Idris de onde viera. E a outra mostrava o mundo em que estava.

— Esta minha fortaleza tem entrada para os dois mundos — informou Sebastian, com o tom arrogante. — Este mundo está seco e esgotado, sim. Um cadáver exangue. Ah, mas o *seu* mundo está pronto para ser governado. Sonho com isto dia e noite. Se devo arruiná-lo lentamente com

peste e fome, ou se a destruição deve ser rápida e indolor... Toda aquela vida, destruída tão depressa, imagine como *queimaria*! — Seus olhos estavam febris. — Imagine as alturas que eu poderia alcançar, transportado até o alto pelos gritos de bilhões de pessoas, erguido pela fumaça de milhões de corações em chamas! — Ele se voltou para ela. — Agora — disse. — Diga-me que herdei isso de você. Diga que alguma destas características é sua.

Aquilo ficou reverberando na cabeça de Jocelyn.

— Há dois tronos — apontou ela.

Uma ruguinha apareceu na testa dele.

— O quê?

— *Dois* tronos — repetiu ela. — E não sou tola; sei quem você pretende que sente ao seu lado. Você precisa dela ali; a quer ali. Seu triunfo não significa nada se ela não estiver presente para ver. E isso, essa necessidade de ter alguém que o ame, isso *vem* de mim.

Ele a encarou. Estava mordendo o lábio com tanta força que Jocelyn tinha certeza de que ia sangrar.

— Fraqueza — falou ele, em parte para si. — É uma fraqueza.

— É humano — retrucou ela. — Mas você realmente acha que Clary seria capaz de sentar ao seu lado aqui e ser feliz ou solícita?

Por um instante ela pensou ter visto algo brilhar nos olhos do filho, mas um segundo depois já estavam negros e gélidos novamente.

— Prefiro tê-la feliz, solícita e aqui, mas aceito simplesmente tê-la aqui — afirmou. — Não ligo tanto assim para solicitude.

Algo pareceu explodir no cérebro de Jocelyn. Ela avançou, visando a adaga na mão dele; Sebastian recuou, desviando, e girou com um movimento veloz e gracioso, passando uma rasteira nela. Jocelyn atingiu o chão, rolou e se agachou. Antes que pudesse levantar, viu a mão dele a agarrando pelo casaco, puxando-a para cima.

— Vaca maldita — rosnou Sebastian, a poucos centímetros de seu rosto, os dedos da mão esquerda enterrando na pele abaixo da clavícula. — Acha que pode me ferir? O feitiço da minha mãe verdadeira me protege.

Jocelyn chegou para trás.

— Me *solte*!

A janela da esquerda explodiu com muita luz. Sebastian recuou, o rosto surpreso enquanto encarava. A paisagem maldita do mundo morto de repente se acendeu com fogo, ardendo com fogo dourado, erguendo-se num pilar em direção ao céu rachado. Os Caçadores de Sombras malignos corriam de um lado para o outro como formigas. As estrelas reluziam, refletindo o fogo, vermelho, dourado, azul e laranja. Era tão lindo e tão terrível quanto um anjo.

Jocelyn sentiu um esboço de sorriso nos cantos da boca. Seu coração se encheu com a

primeira ponta de esperança que sentia desde que acordara naquele mundo.

— Fogo celestial — sussurrou.

— De fato. — Um sorriso também brincou pela boca de Sebastian. Jocelyn o encarou, espantada. Esperava que ele fosse ficar horrorizado, mas em vez disso parecia inflamado. — Como o Bom Livro diz: "*Esta é a lei da oferta ardente: é na oferta ardente, por causa do fogo sobre o altar por toda a noite até o amanhecer, e o fogo do altar deve arder nela*" — gritou ele, e ergueu os braços, como se almejando abraçar o fogo que ardia tão alto e tão forte além da janela. — Desperdice seu fogo no ar do deserto, meu irmão! — berrou. — Deixe que entorne pelas areias como sangue ou água, e que você não deixe de vir, nunca deixe de vir até estarmos cara a cara.

18

Pelas Águas da Babilônia

Os símbolos de energia eram todos muito bons, pensou Clary, exausta, assim que chegou ao topo de mais uma elevação de areia, mas eram fichinha perto de uma xícara de café. Clary tinha certeza de que poderia encarar mais um dia de caminhada, com os pés afundando até os tornozelos em cinzas ocasionalmente, caso simplesmente tivesse a doce cafeína pulsando nas veias...

— Está pensando no que eu estou pensando? — perguntou Simon, surgindo ao lado dela.

Ele parecia esgotado e cansado, os polegares enfiados nas alças da mochila. Todos pareciam muito extenuados. Alec e Isabelle tinham assumido as funções de vigias depois do incidente com o fogo celestial e não reportaram nenhum demônio ou Caçador de Sombras maligno nos arredores do esconderijo. Mesmo assim estavam todos inquietos, e nenhum deles dormira mais que algumas horas. Jace parecia funcionar à base de tensão e adrenalina, seguindo a trilha do feitiço de rastreamento na pulseira que usava, às vezes se esquecendo de parar e esperar pelos outros em meio a sua pressa louca de correr até Sebastian, até que eles gritavam ou corriam para alcançá-lo.

— Um café com leite enorme do Mud Truck alegraria tudo agora.

— Tem um lugar para vampiros não muito longe da Union Square onde colocam a quantidade ideal de sangue no café — disse Simon. — Não fica muito doce, nem muito salgado.

Clary parou; um galho seco e contorcido fincado na terra tinha prendido em seus cadarços.

— Lembra-se de quando conversamos sobre *não dividir informações*?

— Isabelle me ouve sobre assuntos vampirescos.

Clary pegou Heosphoros. A espada, com o novo símbolo marcado em preto na lâmina, parecia brilhar em sua mão. Ela utilizou a ponta para cortar o galho duro e espinhento.

— Isabelle é sua namorada — disse Clary. — Ela *tem* que ouvir o que você diz.

— Ela é? — Simon pareceu espantado.

Clary jogou as mãos para o alto num gesto de impaciência e então começou a descer a colina. O solo era íngreme, marcado aqui e ali por rachaduras, tudo coberto por uma camada infinita de poeira. O ar continuava acre, o céu esverdeado. Dava para ver Alec e Isabelle próximos a Jace ao pé da colina; ele tocava a pulseira em seu braço e olhava para o horizonte.

De soslaio, Clary notou alguma coisa brilhando, e parou de repente. Semicerrou os olhos, tentando enxergar o que era. O brilho de alguma coisa prateada ao longe, bem depois das pedras e dos montes do deserto. Ela pegou a estela e desenhou rapidamente um símbolo de Visão de

Longo Alcance no braço, a ardência e a picada da ponta da estela irrompendo na névoa de exaustão em sua mente, potencializando o modo como via.

— Simon! — falou ela, quando ele a alcançou. — Está vendo aquilo?

Ele seguiu o olhar de Clary.

— Vi ontem à noite. Lembra-se de quando Isabelle disse que eu pensava ter visto uma cidade?

— Clary! — Era Jace, olhando para eles, o rosto pálido e inexpressivo no ar empoeirado. Ela fez um gesto para ele se aproximar. — O que está acontecendo?

Ela apontou outra vez, em direção ao que definitivamente era um brilho, um aglomerado de formas ao longe.

— Tem alguma coisa ali — comentou. — Simon acha que é uma cidade...

Ela parou de falar, pois Jace já havia começado a correr até o ponto indicado. Isabelle e Alec ficaram espantados antes de disparar atrás dele; Clary bufou, exasperada, e, com Simon ao lado, seguiu também.

Eles começaram a descer o declive, que estava coberto por seixos, meio correndo, meio deslizando, permitindo que as pedrinhas os carregassem. Clary agradeceu verdadeiramente por estar usando o uniforme de combate, e não era a primeira vez que o fazia: só ficava imaginando como os estilhaços de cascalho rasgariam sapatos e calças normais.

Chegou à base da montanha correndo. Jace estava mais adiantado, com Alec e Isabelle logo atrás, acelerando, saltando por pedras e riachos de lava derretida. Enquanto Clary se aproximava dos três, reparou que se dirigiam ao local onde o deserto parecia cair — a borda de um platô? Um penhasco?

Clary acelerou, tropeçando sobre as últimas pilhas de pedra e quase caindo na última. Aterrissou de pé — Simon muito mais gracioso à frente dela — e viu que Jace estava na beira de um enorme penhasco, cuja borda descia como o Grand Canyon. Alec e Isabelle já o haviam alcançado, um de cada lado. Os três encontravam-se assustadoramente calados, olhando para a luz fraca adiante.

Algo na postura de Jace, na forma como estava, disse a Clary, mesmo quando chegou perto dele, que havia alguma coisa errada. Em seguida, ela notou a expressão dele e corrigiu mentalmente o "errada" para "extremamente errada".

Ele olhava para o vale abaixo como se estivesse observando o túmulo de uma pessoa amada. Havia ruínas de uma cidade no vale. Uma cidade antiga, muito antiga, que outrora fora construída ao redor de uma colina. O topo da colina era cercado por nuvens cinzentas e bruma. As antigas casas agora eram apenas montes de pedras, e as ruas pareciam cobertas de cinzas e de ruínas chanfradas de prédios. Dentre os destroços, jogados como palitos de fósforo descartados, havia pilares quebrados, feitos de pedra clara, brilhante, uma coisa linda que destoava naquela terra arruinada.

— Torres demoníacas — sussurrou ela.

Jace assentiu sombriamente.

— Não sei como — falou —, mas de algum jeito... esta é Alicante.

— É um fardo horroroso, ter uma responsabilidade dessas, tão jovens — dizia Zachariah, enquanto a porta do Salão do Conselho se fechava atrás de Emma Carstairs e Julian Blackthorn.

Aline e Helen tinham ido com eles para acompanhá-los de volta para a casa onde estavam hospedados. Ambas as crianças estavam caindo de sono de exaustão ao fim do interrogatório do Conselho, exibindo olheiras fundas.

Restavam poucos membros do Conselho no recinto: Jia e Patrick, Maryse e Robert Lightwood, Kadir Safar, Diana Wrayburn, Tomas Rosales e um grupo de Irmãos do Silêncio e líderes de Institutos. A maioria deles conversava entre si, mas Zachariah estava perto do atril de Jia, olhando para ela com uma tristeza profunda nos olhos.

— Enfrentaram muitas perdas — disse Jia. — Mas somos Caçadores de Sombras; muitos de nós suportamos grandes dores com pouca idade.

— Eles têm Helen e o tio — falou Patrick, não muito longe de Robert e Maryse, ambos pareciam tensos e esgotados. — Vão cuidar bem deles, além disso, Emma Carstairs claramente considera os Blackthorn como familiares.

— Frequentemente aqueles que nos criam, que são nossos guardiões, não são do nosso sangue — observou Zachariah. Jia pensou ter visto uma suavidade especial em seus olhos quando repousaram em Emma, quase um lamento. Mas talvez tivesse imaginado. — Aqueles que nos amam e a quem amamos. Foi o que aconteceu comigo. O mais importante é que ela não seja separada dos Blackthorn, ou, acima de tudo, do menino Julian.

Jia ouviu ao longe o marido tranquilizando o antigo Irmão do Silêncio, mas sua mente estava em Helen. Nas profundezas de seu coração, Jia às vezes se preocupava com a filha, que havia entregado seu coração completamente para uma menina que era parte fada, uma espécie conhecida por não ser confiável. E ela sabia que Patrick não gostava de saber que Aline havia escolhido uma menina em vez de um menino, que ele sofria — de forma egoísta, na concepção dela — pelo que enxergava como o fim da perpetuação dos Penhallow. Ela própria na verdade se preocupava mais com a possibilidade de Helen Blackthorn partir o coração de sua filha.

— Quanto crédito você dá à acusação de uma traição por parte das fadas? — perguntou Kadir.

— Todo o crédito — respondeu Jia. — Explica muita coisa. Como as fadas conseguiram entrar em Alicante e ocultar os prisioneiros da casa destinada ao representante do Povo das Fadas; como Sebastian conseguiu esconder tropas na Cidadela; por que ele poupou Mark Blackthorn... não por medo de fadas furiosas, mas por respeito à aliança. Amanhã vou confrontar

a Rainha das Fadas e...

— Com todo respeito — disse Zachariah, com a voz suave. — Não acho que você deva fazer isso.

— Por que não? — perguntou Patrick.

Porque vocês agora dispõem de informações que a Rainha das Fadas não quer que tenham, disse o Irmão Enoch. *É muito raro isso acontecer. Na guerra, existem vantagens no poder, mas também há vantagens no conhecimento. Não desperdicem a vantagem que têm*.

Jia hesitou.

— As coisas podem estar piores do que você sabe — rebateu ela, e tirou alguma coisa do bolso do casaco. Era uma mensagem de fogo dela para o Labirinto Espiral. Entregou-a a Zachariah.

Ele pareceu congelar. Por um instante simplesmente olhou para ela; em seguida passou um dedo sobre o papel, e Jia percebeu que ele não estava lendo, mas acariciando a assinatura do autor, uma assinatura que claramente o atingira como uma flecha no coração.

Theresa Gray.

— Tessa diz — começou ele afinal, e em seguida pigarreou, pois sua voz saiu rouca e entrecortada. — Ela diz que os feiticeiros do Labirinto Espiral examinaram o corpo de Amalric Kriegsmesser. Que ele estava com o coração murcho, os órgãos dissecados. Ela diz que lamentam, mas não há nada que possa ser feito para curar os Crepusculares. A necromancia pode fazer com que os corpos voltem a se mexer, mas as almas se foram para sempre.

— Apenas o poder do Cálice Infernal os mantém vivos — disse Jia, a voz latejando de tristeza. — Estão mortos por dentro.

— Se o Cálice Infernal pudesse ser destruído... — devaneou Diana.

— Aí pode ser que todos morram, sim — declarou Jia. — Mas não temos o Cálice Infernal. Está com Sebastian.

— Matar todos eles com um único golpe parece errado — disse Tomas, parecendo horrorizado. — São Caçadores de Sombras.

— Não são — respondeu Zachariah, com uma voz muito menos suave do que Jia associava a ele. Ela o olhou, surpresa. — Sebastian confia que pensamos neles como Caçadores de Sombras. Conta com nossa hesitação, com nossa incapacidade de matar monstros ostentando rostos humanos.

— Conta com nossa piedade — concluiu Kadir.

— Se eu tivesse sido Transformado, iria querer ser libertado do sofrimento — disse Zachariah. — *Isso* é piedade. Foi isso que Edward Longford deu a seu *parabatai* antes de voltar a espada para si. Por isso prestei minhas homenagens a ele. — Zachariah tocou o símbolo desbotado no pescoço.

— Então devemos pedir ao Labirinto Espiral para desistir? — perguntou Diana. — Que pare

de procurar uma cura?

— Eles já desistiram. Não viu o que Tessa escreveu? — respondeu Zachariah. — Uma cura nem sempre pode ser encontrada, não a tempo. Eu sei, digo, aprendi, que não se pode contar com isso. Não pode ser nossa única esperança. Temos que sofrer pelos Crepusculares como se já estivessem mortos, e confiar no que somos: Caçadores de Sombras, guerreiros. Temos que fazer o que fomos moldados para fazer. Lutar.

— Mas como nos defendemos de Sebastian? Já estava ruim o bastante quando era só com os Crepusculares; agora temos que combater o Povo das Fadas também! — retrucou Tomas. — E você é só um menino...

— Tenho 146 anos — rebateu Zachariah. — E esta não é a minha primeira guerra invencível. Acredito que podemos transformar a traição das fadas em uma vantagem. Para isso precisaremos da ajuda do Labirinto Espiral, mas se me escutarem, direi como fazer.

Clary, Simon, Jace, Alec e Isabelle caminharam em silêncio pelas ruínas misteriosas de Alicante. Pois Jace tinha razão: *era* Alicante, inconfundível. Eles se depararam com muita coisa familiar para que pudesse ser outro lugar. Os muros em torno da cidade, agora desmoronados; os portões corroídos por marcas de chuva ácida. A Praça da Cisterna. Os canais vazios, cheios de musgo preto e esponjoso.

A colina estava destruída, tendo sobrado apenas uma pilha de pedras. As marcas de onde outrora havia passagens agora estavam claramente visíveis como cicatrizes pelas laterais. Clary sabia que o Gard devia estar no topo, mas se era mesmo o caso, estava invisível, escondido sob a névoa cinzenta.

Finalmente passaram por uma colina de cascalhos e se flagraram na Praça do Anjo. Clary respirou, surpresa — apesar de a maioria dos prédios que a cercavam terem desabado, a praça estava surpreendentemente preservada, paralelepípedos se estendendo à luz amarelada. O Salão dos Acordos ainda encontrava-se de pé.

Mas não era pedra branca. Na dimensão humana, parecia um templo grego, mas neste mundo era metal laqueado. Um prédio alto e quadrado, se é que algo semelhante a ouro fundido caído do céu pudesse ser descrito como um prédio. Gravuras imensas percorriam a estrutura, como um laço embrulhando uma caixa; a coisa toda brilhava fracamente à luz laranja.

— O Salão dos Acordos. — Isabelle estava parada com o chicote enrolado no pulso, olhando para a estrutura. — Inacreditável.

Eles começaram a subir os degraus, dourados e marcados por cinzas e corrosão. Pararam no alto da escadaria para encarar as portas duplas enormes. Eram cobertas por quadrados de metal martelado. Cada uma era um painel com uma imagem.

— É uma história — disse Jace, se aproximando e tocando as gravuras com um dedo

enluvado. Havia escritos em uma língua desconhecida na base de cada ilustração. Ele olhou para Alec. — Consegue ler?

— Será que sou a *única* pessoa que prestou atenção nas aulas de idiomas? — perguntou Alec, fatigado, no entanto se aproximou para olhar os rabiscos mais de perto. — Bem, primeiro os painéis — começou ele. — São uma história. — Apontou para o primeiro, que mostrava um grupo de pessoas descalças e vestindo túnicas, se encolhendo enquanto as nuvens no céu se abriam expondo a mão cheia de garras que se esticava para eles. — Humanos viveram aqui, ou alguma coisa parecida com humanos — explicou Alec, apontando para as figuras. — Viviam em paz, e então os demônios vieram. E aí... — Parou, a mão sobre um painel cuja imagem era tão familiar a Clary quanto as costas da própria mão. O Anjo Raziel, ascendendo do Lago Lyn, empunhando os Instrumentos Mortais. — Pelo Anjo.

— Literalmente — disse Isabelle. — Como... Este é o *nosso* Anjo? Nosso lago?

— Não sei. Aqui diz que demônios vieram e que os Caçadores de Sombras foram criados para combatê-los — prosseguiu Alec, continuando pelas paredes à medida que as gravuras progrediam. Apontou o dedo para a escritura. — Esta palavra aqui significa "Nephilim". Mas os Caçadores de Sombras recusaram a ajuda dos integrantes do Submundo. Os feiticeiros e o Povo das Fadas se juntaram a seus genitores infernais. Ficaram ao lado dos demônios. Os Nephilim foram derrotados e abatidos. Em seus últimos dias, criaram uma arma com a intenção de conter os demônios. — Ele indicou um painel que mostrava uma mulher empunhando uma espécie de haste de ferro com uma pedra ardente na ponta. — Não dispunham de lâminas serafim. Ainda não as tinham desenvolvido. E também não me parece que tinham Irmãs de Ferro ou Irmãos do Silêncio. Tinham ferreiros e desenvolveram uma espécie de arma, algo que imaginaram que pudesse auxiliar. A palavra aqui é "*skeptron*", mas não quer dizer nada para mim. Enfim, o *skeptron* não foi suficiente. — Ele seguiu para a gravura seguinte, que ilustrava destruição: os Nephilim mortos, a mulher com a haste de ferro encolhida no chão, a haste caída de lado. — Os demônios, aqui são chamados de *asmodei*, arderam ao sol e preencheram o céu com cinzas e nuvens. Arrancaram fogo da terra e assolaram cidades. Mataram tudo que se movia e respirava. Secaram os mares até que tudo na água também estivesse morto.

— *Asmodei* — ecoou Clary. — Já ouvi isso. Foi alguma coisa que Lilith disse, sobre Sebastian. Antes de ele nascer. "*A criança nascida com este sangue terá mais poder que os Demônios Maiores dos abismos entre os mundos. Será mais potente que Asmodei.*"

— Asmodeus é um dos Demônios Maiores dos abismos entre os mundos — disse Jace, encontrando o olhar de Clary. Ela sabia que ele se lembrava do discurso de Lilith tão bem quanto ela. Ambos tinham compartilhado da mesma visão, apresentada a eles pelo anjo Ithuriel.

— Como Abbadon? — perguntou Simon. — Ele era um Demônio Maior.

— Muito mais poderoso que isso. Asmodeus é um Príncipe do Inferno; existem nove deles.

Os *Fati*. Os Caçadores de Sombras nem sonham em derrotá-los. Eles são capazes de destruir anjos em combate. Conseguem refazer mundos — explicou Jace.

— Os *asmodei* são filhos de Asmodeus. Demônios poderosos. Drenaram este mundo até secá-lo e o deixaram para demônios mais fracos varrerem. — Alec soou nauseado. — Este não é mais o Salão dos Acordos. É um mausoléu. Um mausoléu para a vida deste mundo.

— Mas este é o *nosso* mundo? — A voz de Isabelle se elevou. — Avançamos no tempo? Se a Rainha nos pregou uma peça...

— Não pregou. Pelo menos não em relação ao local onde estamos — disse Jace. — Não avançamos no tempo; desviamos para um lado paralelo. Esta é uma dimensão espelho do nosso mundo. Um local onde a história se desenvolveu um pouco diferente. — Ele enganchou os polegares no cinto e olhou em volta. — Um mundo sem Caçadores de Sombras.

— É como o *Planeta dos Macacos* — observou Simon. — Só que lá era no futuro.

— Bem, este pode ser nosso futuro se Sebastian conseguir o que deseja — emendou Jace. Ele deu uma batidinha no painel em que a mulher empunhava o *skeptron* em chamas, e franziu o rosto, em seguida empurrou a porta.

Ela abriu com um chiado de dobradiças que cortou o ar como uma faca. Clary fez uma careta. Jace sacou a espada e espiou cautelosamente pela fenda na porta. Havia uma sala, preenchida por uma luz cinzenta. Jace empurrou a porta com o ombro e entrou, gesticulando para os outros esperarem.

Isabelle, Alec, Clary e Simon trocaram olhares e, sem uma palavra, foram imediatamente atrás dele. Alec foi na frente, o arco preparado; em seguida, Isabelle com o chicote, Clary com sua espada e Simon com os olhos brilhando como os de um gato na penumbra.

O interior do Salão dos Acordos era ao mesmo tempo familiar e estranho. O piso era de mármore, rachado e quebrado. Em muitos pontos, grandes manchas negras se espalhavam pela pedra, resquícios de manchas de sangue. O teto, que na Alicante deles era de vidro, já tinha há muito desaparecido, e restavam apenas cacos, como facas em contraste com o céu.

A sala em si estava vazia, exceto por uma estátua ao centro. O recinto preenchia-se de uma luz pálida amarelo-acinzentada. Jace, que estava de frente para a estátua, girou quando se aproximaram.

— Falei para esperarem — irritou-se com Alec. — Não conseguem fazer *nada* do que falo?

— Tecnicamente você não falou nada — disse Clary. — Só gesticulou.

— Gesticular também conta — argumentou Jace. — Eu gesticulo com muita expressividade.

— Você não está no comando — rebateu Alec, abaixando o arco. Parte da tensão abandonou sua postura. Claramente, não havia demônios escondidos nas sombras: nada bloqueava a visão das paredes corroídas, e a única coisa presente ali era a estátua. — Não precisa nos proteger.

Isabelle revirou os olhos para os dois e se aproximou da estátua, olhando para cima. Era a

figura de um homem de armadura; os pés calçados com botas estavam apoiados em um pedestal dourado. Usava uma cota de malha elaborada feita de pequenos círculos de pedraria entrelaçados, decorada com um tema de asas de anjo no peito. Trazia na mão uma réplica de ferro de um *skeptron*, com um ornamento circular metálico na ponta, contornando uma joia vermelha.

Quem quer que fosse o escultor, era talentoso. O rosto era bonito, com queixo acentuado e um olhar límpido e distante. Mas o artista registrou mais do que a boa aparência: havia uma rigidez na apresentação dos olhos e do maxilar, uma curva na boca que traduzia egoísmo e crueldade.

Havia palavras escritas no pedestal, e, apesar de estarem num idioma diferente, Clary conseguiu ler.

jonathan caçador de sombras. primeiro e último nephilim.

— Primeiro e último — sussurrou Isabelle. — Este lugar *é* um mausoléu.

Alec se abaixou. Havia mais palavras no pedestal, abaixo do nome de Jonathan Caçador de Sombras. Ele as leu em voz alta:

— "*E aquele que triunfar, que mantiver meus feitos até o fim, a ele irei conferir autoridade sobre as nações; e ele as governará com um bastão de ferro, e a ele darei a Estrela da Manhã.*"

— O que isto quer dizer? — perguntou Simon.

— Acho que Jonathan Caçador de Sombras ficou arrogante — sugeriu Alec. — Acho que pensou que esse tal *skeptron* fosse não apenas salvá-los como também permitir que ele governasse o mundo.

— "*E a ele darei a Estrela da Manhã*" — disse Clary. — Isto é bíblico. Da nossa Bíblia. E "Morgenstern" significa "Estrela da Manhã".

— "A estrela da manhã" significa muitas coisas — declarou Alec. — Pode significar "a estrela mais brilhante do céu", ou "fogo celestial", ou pode significar "o fogo que cai com anjos quando são derrubados do Céu". É também o nome de Lúcifer, o portador da luz, o demônio do orgulho. — Ele se levantou.

— Seja como for, significa que essa coisa que a estátua está segurando é uma arma de verdade — observou Jace. — Como nas gravuras da porta. Você disse que o *skeptron* foi desenvolvido aqui, em vez de lâminas serafim, para combater os demônios. Veja as marcas no cabo. Esteve em batalha.

Isabelle tocou o pingente em seu pescoço.

— E a pedra vermelha. Parece feita do mesmo material que meu colar.

Jace assentiu.

— Acho que é a mesma pedra. — Clary sabia o que ele ia falar antes mesmo que ele dissesse. — Aquela arma. Eu a quero.

— Bem, você não pode tê-la — respondeu Alec. — Está presa à estátua.

— Não esta — apontou Jace. — Veja, a estátua está segurando, mas são duas peças independentes. Esculpiram a estátua e depois colocaram o cetro nas mãos. *É para ser* removível.

— Não sei se é bem isso... — começou Clary, mas Jace já estava pisando no pedestal, se preparando para subir. Ele tinha o brilho no olhar que ela ao mesmo tempo amava e temia, aquele que dizia *eu faço o que quero, e que se danem as consequências*.

— Espere! — Simon correu para bloquear Jace e impedir que subisse mais. — Desculpem, mas ninguém mais percebe o que está acontecendo aqui?

— Nãão — entoou Jace. — Por que não nos conta tudo? Digo, temos todo o tempo do mundo.

Simon cruzou os braços.

— Já participei de campanhas o suficiente...

— Campanhas? — ecoou Isabelle, espantada.

— Ele está falando de jogos de RPG tipo *Dungeons and Dragons* — explicou Clary.

— *Jogos?* — repetiu Alec, incrédulo. — Caso não tenha reparado, isto não é um jogo.

— A questão não é essa — disse Simon. — A questão é que quando você joga *Dungeons and Dragons* e sua equipe encontra um monte de tesouro, ou uma pedra grande e luminosa, ou um esqueleto dourado mágico, você *nunca* deve pegar. Sempre é uma armadilha. — Ele descruzou os braços e gesticulou enlouquecidamente. — *Isto* é uma armadilha.

Jace ficou em silêncio. Olhava pensativamente para Simon, como se nunca o tivesse visto, ou pelo menos nunca tivesse prestado tanta atenção assim nele.

— Venha cá — disse.

Simon obedeceu, as sobrancelhas erguidas.

— O que... uuf!

Jace colocou a espada nas mãos de Simon.

— Segure isto enquanto subo — ordenou Jace, e pulou no pedestal.

Os protestos de Simon foram abafados pelo ruído dos sapatos de Jace batendo contra a pedra enquanto ele subia na estátua, se erguendo com a ajuda das mãos. Alcançou o meio da estátua, onde a cota de malha entalhada oferecia apoio para os pés, e se preparou, esticando o braço para pegar o *skeptron* pelo cabo.

Pode ter sido uma ilusão, mas Clary teve a impressão de ter visto a boca sorridente da estátua se curvar em um sorriso ainda mais cruel. A pedra vermelha ardeu de repente; Jace recuou, mas a sala já estava preenchida por um barulho ensurdecedor, a combinação terrível de um alarme de incêndio e de um grito humano, se arrastando indefinidamente.

— Jace! — Clary correu para a estátua; ele já tinha caído no chão, se encolhendo com aquele barulho horrível. A luz da pedra vermelha só aumentava, preenchendo a sala com uma

iluminação sangrenta.

— Maldição — gritou Jace acima do barulho. — *Odeio* quando Simon tem razão.

Com um olhar, Simon jogou a espada de Jace de volta para ele, examinando em volta atentamente. Alec ergueu o arco mais uma vez; Isabelle estava pronta com o chicote. Clary sacou uma adaga do cinto.

— É melhor sairmos daqui — disse Alec. — Pode não ser nada, mas...

Isabelle berrou e levou a mão ao peito. O pingente tinha começado a brilhar, pulsações lentas, firmes e reluzentes, como um coração batendo.

— Demônios! — gritou ela, exatamente quando o céu se encheu de coisas voadoras.

E eram *coisas*, tinham corpos rotundos e pesados, como vermes pálidos imensos, com fileiras de sugadores. Não tinham rosto: ambas as extremidades terminavam em enormes bocas rosadas circulares apinhadas com dentes de tubarão. Fileiras de asas atarracadas percorriam os corpos, cada asa com uma garra afiada como adaga na ponta. E havia muitos deles.

Até Jace empalideceu.

— Pelo Anjo... *corram*!

Correram, mas as criaturas, apesar do tamanho, era mais velozes: estavam aterrissando ao redor de todos eles, com ruídos horríveis e sedentos. Para Clary, soavam como bolas de fogo gigantes caindo do céu. A luz irradiada pelo *skeptron* desapareceu assim que eles surgiram, e agora o recinto estava banhado pelo brilho amarelado e feio do céu.

— Clary! — gritou Jace, quando uma das criaturas se lançou para cima dela, a boca circular aberta. Cordas de saliva amarelada pendiam dela.

Pow. Uma flecha se enterrou no céu da boca do demônio. A criatura recuou, cuspindo sangue. Clary viu Alec preparar outra flecha, apontar e atirar. Outro demônio recuou, e logo Isabelle já estava nele, golpeando de um lado a outro, reduzindo-o a trapos. Simon tinha agarrado outro demônio e estava enterrando as mãos no corpo cinzento da criatura, então Jace cravou a espada. O demônio desabou, derrubando Simon: ele aterrissou sobre a mochila. Clary teve a impressão de ter ouvido um som como vidro se quebrando, mas um instante mais tarde Simon estava de pé outra vez, Jace se ajeitando com a mão no próprio ombro antes de ambos voltarem à luta.

Clary sentiu o corpo gelar: a frieza silenciosa da batalha. O demônio que Alec atingira estava se contorcendo, tentando cuspir a flecha alojada em sua boca; ela passou por cima e enfiou a adaga em seu corpo, sangue negro esguichando dos ferimentos, ensopando a roupa de Clary. O recinto estava preenchido pelo fedor de demônios, envolvido pelo icor ácido; ela sentiu ânsia de vômito quando o demônio deu um último espasmo e desmoronou.

Alec estava recuando, disparando flechas sem parar, fazendo os demônios recuarem, feridos. Enquanto se debatiam, Jace e Isabelle avançavam neles, destruindo-os com a espada e o chicote.

Clary os acompanhou, pulando em outro demônio ferido, rasgando a carne macia sob a boca, a mão dela, coberta pelo sangue gorduroso, escorregava no cabo da adaga. O demônio desabou com um chiado, levando Clary consigo para o chão. A lâmina caiu da mão dela, e ela se jogou para recuperá-la, pegou-a e rolou para o lado exatamente quando outro demônio a atacou com um golpe de seu corpo poderoso.

Atingiu o espaço em que ela estivera caída, e se encolheu, sibilando, de modo que Clary ficou cara a cara com duas bocas escancaradas. Ela preparou a lâmina para arremessá-la quando viu um flash dourado-prateado e o chicote de Isabelle surgiu, partindo a criatura ao meio.

O demônio caiu em dois pedaços, uma bagunça de órgãos internos vazando. Mesmo tomada pela frieza da batalha, Clary quase passou mal. Demônios normalmente morriam e desapareciam antes que você pudesse ver as entranhas. Aquele ali continuava se contorcendo, mesmo cortado ao meio, estremecendo. Isabelle fez uma careta e ergueu o chicote novamente — e a tremedeira de repente se transformou em uma convulsão violenta quando metade do monstro girou para trás e enterrou os dentes na perna de Isabelle.

Izzy gritou, manejando o chicote, e a criatura a soltou; ela caiu para trás, a perna erguida. Clary pulou para a frente, apunhalando a outra metade da criatura, enfiando a adaga em suas costas até o bicho sucumbir e ela se flagrar ajoelhada em uma poça de sangue de demônio, ofegante, com a lâmina ensopada na mão.

Fez-se silêncio. O alarme silenciou, e os demônios pararam de vir. Estavam todos destruídos, mas não havia a alegria da vitória. Isabelle estava no chão, o chicote enrolado no pulso, sangue jorrando do entalhe em forma de lua crescente na perna esquerda. Ela estava engasgando, as pálpebras tremendo.

— Izzy! — Alec largou o arco e correu pelo chão sangrento em direção à irmã. Então caiu de joelhos, pegando-a no colo. Tirou a estela do cinto dela. — Iz, Izzy, aguente firme...

Jace, que havia pegado o arco caído de Alec, parecia a ponto de vomitar ou desmaiar; Clary notou, surpresa, que Simon estava com a mão no braço de Jace, os dedos afundando, como se ele estivesse mantendo Jace de pé.

Alec rasgou o tecido da roupa de Isabelle, abrindo a perna da calça até o joelho. Clary abafou um grito. A perna de Isabelle estava destruída: parecia com aquelas fotos de mordidas de tubarão que Clary já tinha visto, sangue e tecido ao redor de entalhes profundos.

Alec colocou a estela na pele do joelho e desenhou um *iratze*, e depois mais um, um pouco abaixo. Seus ombros tremiam, mas a mão estava firme. Clary segurou a mão de Jace e a apertou. A dele estava gelada.

— Izzy — sussurrou Alec, enquanto os *iratzes* desbotavam e se enterravam na pele da irmã, deixando linhas brancas. Clary se lembrou de Hodge, de como desenharam símbolos e mais símbolos nele; no entanto os ferimentos eram profundos demais: os símbolos desbotaram, e ele

sangrou e morreu, apesar do poder das marcas.

Alec levantou o olhar. Seu rosto estava estranho, contorcido; tinha sangue na bochecha: sangue de Isabelle, pensou Clary.

— Clary — disse ele. — Talvez se você tentasse...

De repente Simon enrijeceu.

— Temos que sair daqui — falou. — Estou ouvindo barulhos de asas. Vão chegar mais.

Isabelle não estava mais engasgando. O sangramento do machucado na perna estancou, mas Clary ainda via, com o coração em frangalhos, que os ferimentos ainda estavam lá, vermelhos, inchados e furiosos.

Alec se levantou, o corpo flácido da irmã nos braços, os cabelos negros pendurados como uma bandeira.

— Ir *para onde*? — perguntou duramente. — Se corrermos, eles nos alcançarão...

Jace girou.

— Clary...

Ele estava com olhos suplicantes. Clary estava com o coração despedaçado por pena dele. Jace, que quase nunca suplicava por nada. Por Isabelle, a mais corajosa de todos.

Alec olhou da estátua para Jace, para o rosto pálido de sua irmã inconsciente.

— *Alguém* — disse ele, a voz falhando — faça alguma coisa...

Clary deu meia-volta e correu até a parede. Daí praticamente se jogou contra ela, arrancando a estela da bota, e foi para a pedra. O contato da ponta do instrumento com o mármore lhe enviou uma onda de choque pelo braço, mas ela continuou, os dedos vibrando enquanto desenhava. Linhas negras se espalharam pela pedra, formando uma porta; as bordas das linhas começaram a brilhar. Atrás de si, Clary ouvia os demônios: o grito das vozes, a batida das asas, os chamados sibilantes evoluindo para gritos enquanto a porta ardia em luz.

Era um retângulo prateado, tão raso quanto água, mas não era água, emoldurado por símbolos de fogo. Um Portal. Clary esticou a mão, tocou a superfície. Todos os pontos de sua mente se concentraram na visualização de um único lugar.

— *Vamos!* — gritou ela, os olhos fixados no portal enquanto Alec, carregando a irmã, passava por ele e desaparecia, sumindo completamente.

Simon foi atrás, depois Jace, agarrando a mão livre de Clary ao passar. Ela só teve um segundo para virar, olhar para trás e flagrar uma asa negra imensa passando por seus olhos, uma visão aterrorizante de dentes pingando veneno, antes de a tempestade do Portal levá-la e tirá-la do caos.

Clary bateu violentamente no chão, machucando os joelhos. O Portal a havia separado de Jace; ela rolou, ficou de pé e olhou em volta, arfando — e se o Portal não tivesse funcionado? E se os tivesse levado para o lugar errado?

Mas o teto da caverna se erguia sobre eles, alto e familiar, marcado pelos símbolos. Lá estava a fogueira, as marcas no chão onde tinham dormido na noite anterior. Jace, se erguendo, o arco de Alec caindo da mão dele, Simon...

E Alec, ajoelhado ao lado de Isabelle. Qualquer satisfação de Clary com o sucesso do Portal estourou como um balão. Isabelle estava deitada, com aparência esgotada, engasgando fracamente. Jace ajoelhou ao lado de Alec e tocou o cabelo de Isabelle com ternura.

Clary sentiu Simon agarrá-la pelo pulso. A voz falhando.

— Se você puder fazer alguma coisa...

Ela avançou, como em um sonho, e se ajoelhou do outro lado de Isabelle, em frente a Jace, com a estela escorregando por seus dedos ensanguentados. Ela colocou a ponta no pulso de Izzy, lembrando-se do que havia feito nos contornos da Cidadela Adamant, de como se doara para curar Jace. *Cure, cure, cure*, rezou, e finalmente a estela ganhou vida, e as linhas negras começaram a girar pelo antebraço de Izzy, que gemeu e estremeceu nos braços de Alec. Ele estava com a cabeça abaixada, o rosto enterrado nos cabelos da irmã.

— Izzy, por favor — sussurrou. — Não depois de Max. Izzy, por favor, fique comigo.

Isabelle engasgou, as pálpebras tremendo. E arqueou o corpo — em seguida caiu quando o *iratze* desapareceu de sua pele. Uma pulsação fraca de sangue escorria do ferimento na perna: o sangue parecia tingido de preto. A mão de Clary apertava a estela com tanta firmeza que ela teve a impressão de sentir o instrumento dobrando.

— Não consigo — sussurrou. — Não consigo fazer algo que seja forte o suficiente.

— Não é você, é o veneno — disse Jace. — Veneno de demônio. No sangue dela. Às vezes símbolos não dão conta.

— Tente outra vez — pediu Alec a Clary. Os olhos dele estavam secos, mas tinham um brilho terrível. — Com o *iratze*. Ou um símbolo novo; você poderia criar um símbolo...

A boca de Clary estava seca. Ela nunca desejara tanto conseguir criar um símbolo, mas a estela não parecia mais uma extensão de seu braço; parecia um objeto morto em sua mão. Nunca sentira-se tão desamparada.

Isabelle respirava com dificuldade.

— Alguma coisa tem que servir! — gritou Simon de repente, a voz ecoando das paredes. — Vocês são Caçadores de Sombras, combatem demônios o tempo todo. Têm que conseguir fazer alguma coisa...

— *E morremos o tempo todo!* — berrou Jace para ele, e em seguida se encolheu sobre o corpo de Isabelle, curvando-se como se tivesse levado um soco no estômago. — Isabelle, meu Deus, me desculpe, sinto tanto...

— Afaste-se — disse Simon, e de súbito ele estava de joelhos ao lado de Isabelle, todos agrupados ao seu redor, e Clary se lembrou daquele quadro vivo terrível no Salão dos Acordos,

quando os Lightwood se reuniram ao redor do corpo de Max, e não podia estar acontecendo de novo, não podia...

— Deixa-a em paz — rosnou Alec. — Você não é da família dela, vampiro...

— Não — respondeu Simon —, não sou. — E suas presas apareceram, afiadas e brancas. Clary respirou fundo quando Simon levou o próprio pulso à boca e o rasgou, abrindo as veias, e o sangue começou a escorrer em filetes por sua pele.

Jace arregalou os olhos. Ele se levantou e recuou; as mãos estavam em punhos, mas ele não se mexeu para impedir Simon, que segurou o pulso acima do entalhe na perna de Isabelle e permitiu que seu sangue escorresse pelos dedos, respingando nela, cobrindo o machucado.

— O que... você... está... fazendo? — rosnou Alec entre dentes, mas Jace levantou a mão, com os olhos em Simon.

— Deixe-o — disse Jace, quase num sussurro. — Pode funcionar, já ouvi falar em casos que deram certo...

Isabelle, ainda inconsciente, arqueou novamente nos braços do irmão. A perna tremia. O calcanhar da bota se enterrou no chão quando a pele rasgada começou a se restaurar. O sangue de Simon entornava em um fluxo uniforme, cobrindo o ferimento, mas mesmo assim Clary conseguia ver uma pele nova e rosada cobrindo o rasgo da carne.

Isabelle abriu os olhos. Estavam arregalados e escuros. Os lábios tinham ficado quase brancos, mas a cor começava a voltar. Ela olhou para Simon sem entender nada, e em seguida para a perna.

A pele que tinha sido rasgada parecia limpa e pálida, apenas a meia lua desbotada com cicatrizes brancas em intervalos regulares delatava onde os dentes do demônio tinham cravado. O sangue de Simon continuava pingando lentamente dos dedos, embora o machucado no pulso já tivesse praticamente desaparecido. Ele estava pálido, Clary percebeu, ansiosa, mais pálido que o normal, e as veias se destacavam contra a pele. Ele levou o pulso à boca outra vez, os dentes expostos...

— Simon, não! — disse Isabelle, se esforçando para sentar-se, apoiada em Alec, que olhava para ela com olhos azuis assustados.

Clary segurou o pulso de Simon.

— Tudo bem — disse ela. O sangue manchava a manga, a camisa e os cantos da boca de Simon. A pele dele estava fria ao toque, o punho sem pulsação. — Tudo bem... Isabelle está bem — falou, e puxou Simon para que ficasse de pé. — Vamos dar um minuto a eles — sugeriu suavemente, e o levou para longe, onde ele pudesse se apoiar nela, perto da parede. Jace e Alec estavam curvados sobre Isabelle, as vozes baixas e murmurantes. Clary segurou Simon pelo pulso quando ele desabou contra a pedra, os olhos se fechando de exaustão.

19

Na Terra do Silêncio

A mulher Crepuscular tinha pele pálida e longas mechas cor de cobre. Seu cabelo deve ter sido bonito um dia, mas agora estava embaraçado com sujeira e gravetos. E ela não parecia se importar, simplesmente colocou no chão os pratos de comida — mingau de aveia ralo e cinzento para Magnus e Luke e uma garrafa de sangue para Raphael — e virou as costas para os prisioneiros.

Nem Luke nem Magnus fizeram menção de pegar a comida. Magnus estava enjoado demais para ter apetite. Além disso, tinha uma ligeira desconfiança de que Sebastian havia envenenado ou batizado o mingau com drogas, ou ambos. Raphael, no entanto, pegou a garrafa e bebeu, sedento, engolindo até o sangue escorrer pelos cantos da boca.

— Ora, ora, Raphael — disse uma voz vinda das sombras, e Sebastian Morgenstern apareceu à entrada. A mulher Crepuscular fez uma reverência e passou por ele, apressada, então saiu e fechou a porta atrás de si.

Ele era mesmo espantosamente parecido com o pai nesta idade, pensou Magnus. Aqueles olhos negros estranhos, totalmente negros, sem qualquer indício de castanho ou âmbar, o tipo de atributo que era lindo por ser incomum. A mesma contração fanática no sorriso. Jace nunca tivera tais características — ele possuía a imprudência e a alegria anárquica de uma autoaniquilação imaginada, mas não era um fanático. Por isso, pensou Magnus, precisamente por isso Valentim o mandou embora. Para destruir seus rivais você precisa de um martelo, e Jace era uma arma muito mais delicada que isso.

— Onde está Jocelyn? — Foi Luke quem perguntou, é claro, a voz um rosnado. Magnus ficou imaginando como seria para Luke olhar para Sebastian, se a semelhança com Valentim, que outrora fora seu *parabatai*, era dolorosa, ou se aquela perda já tinha desbotado há tempos. — *Onde ela está?*

Sebastian riu, e aquilo foi peculiar; Valentim não era um homem que ria facilmente. O humor sarcástico de Jace parecia estar em seu sangue, um traço bastante característico de um Herondale.

— Ela está bem — respondeu —, apenas bem, e com isso quero dizer que ainda está viva. O que é o melhor que você pode esperar, na verdade.

— Quero vê-la — declarou Luke.

— Hum — respondeu Sebastian, como se estivesse pensando no caso. — Não, não vejo que vantagem isso poderia me trazer.

— Ela é sua mãe — disse Luke. — Você poderia ser gentil com ela.

— Não é da sua conta, cachorrinho. — Pela primeira vez se ouviu um vestígio de juventude na voz de Sebastian, uma ponta de petulância. — Você, botando suas mãos sujas em minha mãe, fazendo Clary acreditar que faz parte da família dela...

— Sou mais da família dela que você — respondeu Luke, e Magnus lhe lançou um olhar de alerta enquanto Sebastian empalidecia, os dedos trêmulos indo para o cinto, onde o cabo da espada Morgenstern era visível.

— Não — disse Magnus, com a voz baixa, e em seguida, mais alto: — Você sabe que se encostar em Luke, Clary vai odiá-lo. Jocelyn também.

Sebastian afastou a mão da espada com um esforço visível.

— Falei que nunca tive a intenção de machucá-la.

— Não, só de mantê-la como refém — retrucou Magnus. — Você quer alguma coisa... alguma coisa da Clave, ou de Clary e Jace. Suponho que seja a segunda opção; a Clave nunca lhe interessou muito, mas você se importa com o que sua irmã pensa. Eu e ela somos muito próximos, aliás — acrescentou.

— Não são tão próximos assim. — O tom de Sebastian estava seco. — Não vou poupar a vida de todo mundo que ela já conheceu. Não sou tão louco assim.

— Você parece bem louco — comentou Raphael, que tinha ficado em silêncio até então.

— Raphael — disse Magnus em tom de alerta, mas Sebastian não pareceu se irritar. Olhava para Raphael pensativamente.

— Raphael Santiago — começou ele. — Líder do clã de Nova York... ou não é? Não, este cargo era de Camille e agora pertence àquela garota maluca. Deve ser muito frustrante para você. Parece-me que os Caçadores de Sombras de Manhattan já deveriam ter feito alguma coisa. Nem Camille nem a pobre Maureen Brown eram líderes adequadas. Violaram os Acordos, não deram qualquer importância à Lei. Mas você dá. Tenho a impressão de que, dentre todos os grupos do Submundo, os vampiros foram os mais maltratados pelos Caçadores de Sombras. Basta olhar para a sua situação.

— *Raphael* — repetiu Magnus, e tentou avançar para encarar o vampiro, mas as correntes de Magnus estavam apertadas, tilintando. Ele franziu o rosto diante da dor nos pulsos.

Raphael estava sentado sobre os próprios pés, as bochechas rubras por ter se alimentado recentemente. Cabelos desgrenhados; parecia tão jovem quanto era quando Magnus o conhecera.

— Não entendo por que você está me dizendo estas coisas — falou.

— Você não pode dizer que eu o maltratei mais do que seus líderes vampiros — argumentou Sebastian. — Eu o alimentei. Não o coloquei em uma jaula. Você sabe que vou sair vencedor; todos vocês sabem. E nesse dia ficarei feliz em garantir que você, Raphael, lidere todos os vampiros de Nova York; aliás, todos os vampiros da América do Norte. Pode controlar todos. Só preciso que você traga outras Crianças Noturnas para o meu lado. O Povo das Fadas já se juntou

a mim. A Corte sempre escolhe o lado vencedor. Você não deveria fazer o mesmo?

Raphael se pôs de pé. Tinha sangue nas mãos; franziu o rosto para elas. Raphael não era nada senão exigente.

— Isso me parece razoável — disse. — Ficarei ao seu lado.

Luke apoiou a cabeça nas mãos. Então Magnus disse entre dentes:

— Raphael, você realmente correspondeu às minhas mais baixas expectativas a seu respeito.

— Magnus, não importa — emendou Luke; ele estava sendo protetor, Magnus sabia. Raphael já tinha ido para perto de Sebastian. — Deixe-o ir. Não perdemos nada.

Raphael riu.

— Não perdem nada, você diz — falou ele. — Já cansei de vocês dois idiotas, debatendo sobre esta cela, resmungando sobre amigos e amantes. São fracos e sempre foram...

— Eu devia tê-lo deixado caminhar para o sol — disse Magnus, a voz gelada.

Raphael vacilou — um gesto muito sutil, mas Magnus notou. Não que tenha lhe trazido alguma satisfação.

Sebastian percebeu o vacilo, no entanto, e o olhar em suas íris escuras se intensificou. Então levou a mão ao cinto e sacou uma faca — fina, com uma lâmina estreita. Uma misericórdia, uma "assassina-clemente", o tipo de lâmina feita para perfurar as fendas de uma armadura e dar um golpe fatal.

Raphael, vendo o lampejo do metal, recuou rapidamente, mas Sebastian apenas sorriu e girou a faca na mão. Ofereceu-a a Raphael, segurando pela lâmina.

— Pegue — disse ele.

Raphael esticou a mão, com olhos desconfiados. Pegou a faca e a segurou, timidamente — vampiros não tinham o costume de usar armas. Eles próprios eram as armas.

— Muito bem — disse Sebastian. — Agora vamos selar nosso acordo em sangue. Mate o feiticeiro.

A lâmina caiu da mão de Raphael e bateu no chão ruidosamente. Com um olhar de irritação Sebastian se inclinou e a pegou, colocando de volta na mão do vampiro.

— Não matamos com facas — disse Raphael, olhando da lâmina para a expressão fria de Sebastian.

— Agora matam — respondeu Sebastian. — Não vou querer que destrua a garganta dele; faz muita bagunça, é muito fácil errar. Faça como estou mandando. Vá até o feiticeiro e o apunhale até a morte. Corte a garganta, perfure o coração... como quiser.

Raphael virou-se para Magnus. Luke começou a avançar; Magnus levantou a mão, em alerta.

— Luke — disse ele. — Não.

— Raphael, se fizer isso não haverá paz entre o bando e os Filhos da Noite, nem agora, nem nunca mais — avisou Luke, os olhos iluminados por um brilho esverdeado.

Sebastian riu.

— Você não está achando que vai voltar a liderar o bando, está, Lucian Graymark? Quando eu vencer esta guerra, e vou vencer, governarei com minha irmã ao meu lado, e o manterei em uma jaula para que ela lhe dê ossos quando quiser se divertir.

Raphael deu mais um passo em direção a Magnus. Estava com os olhos muito arregalados. Sua garganta tinha sido beijada tantas vezes pelo crucifixo que a cicatriz jamais sumia. A lâmina brilhava na mão.

— Se você acha que Clary vai tolerar... — começou Luke, e em seguida virou. Foi em direção a Raphael, mas Sebastian já estava na frente dele, bloqueando a passagem com a lâmina Morgenstern.

Com um desprendimento estranho, Magnus assistiu a Raphael se aproximando dele. O coração de Magnus batia forte, ele tinha consciência disso, mas não sentia medo algum. Havia ficado perto da morte muitas vezes; tantas que a ideia não o assustava mais. Às vezes achava que parte dele desejava aquilo, aquele país desconhecido, o único lugar em que jamais havia estado, aquela única experiência ainda não vivida.

A ponta da faca o tocou no pescoço. A mão de Raphael tremia; Magnus sentiu a ferroada da lâmina furar o vão da garganta.

— Isso mesmo — disse Sebastian, com um sorriso cruel. — Corte a garganta dele. Deixe o sangue correr pelo chão. Ele já viveu tempo demais.

Magnus então pensou em Alec, nos olhos azuis e no sorriso constante. Lembrou-se de quando se afastara dele nos túneis subterrâneos de Nova York. Lembrou-se do motivo que o levara a fazê-lo. Sim, a disposição de Alec em encontrar Camille o enfurecera, porém fora mais que isso.

Lembrou-se de Tessa chorando em seus braços em Paris, e de ter pensado que nunca havia experimentado a perda sofrida por ela, pois nunca amara como ela, e que temia um dia amar e, tal como Tessa, perder seu amor mortal. E que era melhor ser o morto ao sobrevivente.

Mais tarde descartou aquilo como uma fantasia mórbida e não se lembrou mais do assunto até conhecer Alec. Mas o amor de um imortal por um mortal foi a causa da destruição dos deuses, e, se até deuses eram destruídos por isso, Magnus não poderia esperar coisa melhor. Olhou para Raphael através dos cílios.

— Você se lembra — disse o feiticeiro, com a voz baixa, tão baixa que duvidava que Sebastian pudesse ouvi-lo. — Sabe o que me deve.

— Você salvou minha vida — falou Raphael, mas a voz soou entorpecida. — Uma vida que eu nunca quis.

— Prove que está falando sério, Santiago — disse Sebastian. — Mate-o.

A mão de Raphael apertou o cabo da faca. As juntas estavam brancas. Ele se voltou para

Magnus:

— Não tenho alma — disse. — Mas lhe fiz uma promessa à porta da casa da minha mãe, e ela era sagrada para mim.

— Santiago... — começou Sebastian.

— Eu era uma criança naquele momento. Agora não sou mais. — A faca caiu no chão. Raphael virou e olhou para Sebastian, seus olhos escuros e arregalados estavam muito límpidos. — Não posso — disse. — Não o farei. Tenho uma dívida de muitos anos com ele.

Sebastian ficou muito quieto.

— Você me decepciona, Raphael — afirmou, e guardou a espada Morgenstern. Então avançou e pegou a faca aos pés de Raphael, virando-a na mão. Uma luz breve brilhou pela lâmina, uma lágrima cantante de fogo. — Você me decepciona muito — declarou, e em seguida, rápido demais para que o olhar pudesse acompanhar, enfiou a lâmina no coração de Raphael.

Estava congelando no interior do necrotério do hospital. Maia não tremia, mas podia sentir, como pontadas de agulha em sua pele.

Catarina estava apoiada na bancada de compartimentos metálicos que guardavam os corpos, a qual ocupava uma parede inteira. As luzes fluorescentes amareladas faziam com que ela parecesse esgotada, um borrão azul claro nas roupas médicas verdes. Murmurava em uma língua estranha que fez Maia sentir calafrios pela espinha.

— Onde está? — perguntou Morcego. Ele trazia uma faca de caça em uma das mãos e uma jaula do tamanho de um cachorro na outra. Largou a jaula no chão com um estrondo, o olhar varrendo o recinto.

Havia duas mesas de metal vazias no centro do necrotério. Enquanto Maia olhava, uma delas começou a arredar para a frente. As rodas se arrastavam pelo chão de azulejos.

Catarina apontou.

— Ali — disse. O olhar estava fixado na jaula; fez um gesto com os dedos, e a jaula pareceu vibrar e faiscar. — Embaixo da mesa.

— Não me diga — enunciou Lily, os saltos estalando no piso quando ela avançou. Lily se inclinou para olhar embaixo da mesa, em seguida recuou, dando um grito. Voou pelo ar e aterrissou em uma das bancadas, onde se empoleirou como um morcego, seus cabelos negros caindo do rabo de cavalo. — É *horrível* — disse.

— É um demônio, oras — observou Catarina. A mesa tinha parado de se mexer. — Provavelmente um Dantalion ou algum outro do tipo *ghoul*. Eles são necrófagos.

— Ai, pelo amor de Deus — disse Maia, dando um passo à frente; antes de ela chegar perto da mesa, Morcego chutou esta com a bota. A mesa voou com um ruído metalizado, revelando a criatura abaixo.

Lily tinha razão: *era* horrível. Tinha mais ou menos o tamanho de um cachorro grande, mas lembrava uma bola de intestino cinzento e pulsante, com rins malformados e nódulos de pus e sangue. Um olho amarelo solitário encarava através do emaranhado de órgãos.

— Eca — disse Morcego.

— Eu avisei — comentou Lily, exatamente quando uma corda de intestino se lançou do demônio e se enrolou no calcanhar de Morcego, puxando com força. Ele caiu ruidosamente no chão.

— Morcego! — gritou Maia, mas antes que ela precisasse tomar alguma atitude, ele se curvou e cortou com sua faca a matéria pulsante que o segurava. Arrastou-se para trás enquanto o icor demoníaco se espalhava pelo chão.

— Que *nojo* — disse Lily. Ela estava sentada na bancada agora, segurando um objeto retangular de metal, seu celular, como se aquilo fosse espantar o demônio.

Morcego se levantou, cambaleando, enquanto o demônio ia em direção a Maia. Ela lhe deu um chute, e ele rolou para trás, guinchando, irritado. Morcego olhou para a faca. O metal estava derretendo, dissolvido pelo icor. Ele largou a faca com um muxoxo de desgosto.

— Armas — falou, olhando em volta. — Preciso de uma arma...

Maia pegou um bisturi de uma mesa próxima e arremessou. Atingiu a criatura, causando um barulho gosmento. O demônio chiou. Um instante depois, o bisturi saltou como se tivesse sido expelido por uma torradeira particularmente potente. Quicou pelo chão, derretendo e chiando.

— Armas normais não funcionam neles! — Catarina avançou, erguendo a mão direita. Estava cercada por uma chama azul. — Só lâminas Marcadas...

— Então vamos arrumar algumas! — disse Morcego, ofegante, recuando enquanto a criatura avançava em direção a ele.

— Só Caçadores de Sombras podem usá-las! — gritou Catarina, e um raio de fogo azul partiu de sua mão, atingindo a criatura em cheio, fazendo-a rolar para trás. Morcego pegou a jaula e a colocou na frente do demônio, abrindo a portinhola exatamente quando a criatura rolou para dentro.

Maia fechou a porta, e a cadeado, trancando o demônio. Todos recuaram, encarando horrorizados enquanto ele chiava e se debatia nos confins da prisão reforçada pelo poder da feitiçaria. Todos menos Lily, que continuava apontando o telefone para a cena.

— Você está *filmando* isso? — perguntou Maia.

— Talvez — respondeu Lily.

Catarina passou as mangas da roupa na testa.

— Obrigada pela ajuda — disse. — Nem a magia dos feiticeiros consegue matar Dantalions; são durões.

— *Por que* está filmando isso? — perguntou Maia a Lily.

A vampira deu de ombros.

— Quando o gato sai, os ratos fazem a festa... É sempre bom lembrar aos ratos que nesse caso, quando o gato sai, os ratos serão devorados por demônios. Vou enviar esse arquivo de vídeo para todos os nossos contatos do Submundo. Só um lembrete de que há demônios a serem destruídos pelos Caçadores de Sombras. É para isso que existem.

— Não vão existir por muito tempo — sibilou o demônio Dantalion. Morcego deu um berro e sobressaltou-se para trás. Maia não o culpou. A boca do bicho estava aberta. Parecia um túnel negro com dentes enfileirados. — Amanhã à noite será o ataque. Amanhã à noite será a guerra.

— Que guerra? — perguntou Catarina. — Conte-nos, criatura, ou quando levá-lo para casa vou torturá-lo de todas as formas que conseguir conceber...

— Sebastian Morgenstern — disse o demônio. — Amanhã à noite ele irá atacar Alicante. Amanhã à noite os Caçadores de Sombras deixarão de existir.

Um fogo ardeu no meio da caverna, a fumaça espiralando em direção ao teto abobadado, perdido na sombra. Simon sentia o calor, um estalo tenso contra a pele, mais forte que a verdadeira sensação de calor. Supôs que estivesse frio na caverna, baseando-se no fato de que Alec estava encolhido em um casaco pesado e que havia enrolado um cobertor em volta de Isabelle cuidadosamente; a garota dormia esticada pelo chão, a cabeça no colo do irmão. Mas Simon não conseguia sentir, não de fato.

Clary e Jace tinham ido verificar os túneis para certificar-se de que ainda estavam livres de demônios e outras possíveis criaturas desagradáveis. Alec não quis deixar Isabelle sozinha, e Simon estava fraco e tonto demais para cogitar qualquer movimentação. Não que ele tivesse dito isso a alguém. Tecnicamente estava vigiando, tentando escutar qualquer coisa nas sombras.

Alec encarava a chama. A luz amarela o fazia parecer cansado, mais velho.

— Obrigado — disse ele subitamente.

Simon quase deu um pulo. Alec não tinha dito uma palavra desde o *O que você está fazendo?*.

— Pelo quê?

— Por salvar minha irmã — esclareceu Alec, e passou a mão nos cabelos escuros de Isabelle. — Eu sei — falou, um pouco hesitante. — Digo, eu sabia, quando viemos para cá, que esta podia ser uma missão suicida. Sei que é perigoso. Sei que não posso esperar que todos saiamos vivos no final. Mas achei que seria eu, não Izzy...

— Por quê? — perguntou Simon. Estava com a cabeça latejando, a boca seca.

— Porque prefiro que seja eu — respondeu Alec. — Ela é... Isabelle. É inteligente, forte e uma boa guerreira. Melhor que eu. Merece ficar bem, ser feliz. — Alec olhou para Simon através do fogo. — Você tem uma irmã, não tem?

Simon se espantou com a pergunta — Nova York parecia a um mundo, a uma vida de

distância dali.

— Rebecca — falou. — É este o nome dela.

— E o que você faria com alguém que a magoasse?

Simon olhou para Alec cautelosamente.

— Conversaria com a pessoa — disse. — Discutiria. Talvez desse um abraço compreensivo.

Alec riu e pareceu a ponto de responder; então virou a cabeça, como se tivesse ouvido alguma coisa. Simon ergueu uma sobrancelha. Era raro um humano escutar alguma coisa antes de um vampiro. Um segundo mais tarde, ele mesmo reconheceu o som e entendeu: era a voz de Jace. Viu uma iluminação no túnel, e Clary e Jace apareceram, ela segurando uma pedra de luz enfeitiçada.

Mesmo de bota, Clary mal batia no ombro de Jace. Não estavam se tocando, mas avançavam juntos em direção ao fogo. Simon pensou que apesar de os dois parecerem um casal desde a primeira vez que voltaram de Idris, agora pareciam algo mais. Pareciam uma equipe.

— Alguma coisa interessante? — perguntou Alec, enquanto Jace ia sentar ao lado do fogo.

— Clary colocou símbolos de feitiço nas entradas da caverna. Ninguém deve conseguir enxergar que existe uma entrada.

— Quanto tempo vão durar?

— A noite toda, provavelmente até amanhã — respondeu Clary, olhando para Izzy. — No entanto, com o problema dos símbolos desbotarem rápido aqui, terei que verificá-las mais tarde.

— E eu estou com uma noção melhor da nossa posição em relação a Alicante. Tenho quase certeza de que o lixão de pedras onde estivemos ontem à noite dá vista para o que acho ser a Floresta Brocelind. — Jace apontou para o túnel da extrema direita.

Alec semicerrou os olhos.

— Isso é deprimente. A floresta era... linda.

— Não mais. — Jace balançou a cabeça. — Só terreno baldio, até onde a vista alcança. — Então abaixou-se e tocou o cabelo de Isabelle, e Simon sentiu uma pontada inútil de ciúme por ele poder tocá-la tão naturalmente, mostrar seu afeto sem pensar. — Como ela está?

— Bem. Dormindo.

— Acha que ela vai estar bem o suficiente para andar amanhã? — O tom de Jace estava ansioso. — A gente não pode ficar aqui. Já demos sinais demais de que estamos presentes. Se não pegarmos Sebastian, ele vai nos encontrar primeiro. E estamos ficando sem comida.

Simon não ouviu a resposta murmurada de Alec, e uma dor súbita o atingiu, e ele se encolheu. Sentiu-se privado de ar, exceto pelo detalhe de que ele *não* respirava. Mesmo assim, seu peito doeu, como se algo tivesse sido arrancado.

— Simon. Simon! — gritou Clary, com a mão no ombro dele, e ele a encarou, os olhos entornando lágrimas tingidas de sangue. — Meu Deus, Simon, o que houve? — perguntou ela,

preocupada.

Ele voltou a sentar-se ereto, lentamente. A dor já estava começando a diminuir.

— Não sei. Foi como se alguém tivesse enfiado uma faca no meu peito.

Jace rapidamente se ajoelhou na frente dele, os dedos sob o queixo de Simon. Seu olhar dourado-claro analisava o rosto de Simon.

— Raphael — disse Jace afinal, a voz seca. — Ele é seu gerador, o vampiro cujo sangue o transformou.

Simon assentiu.

— E daí?

Jace balançou a cabeça.

— Nada — murmurou. — Quando foi a ultima vez que você se alimentou?

— Estou bem — disse Simon, mas Clary já havia agarrado a mão direita dele e a erguido. A mão em si estava completamente branca, as veias sob a pele aparecendo negras, como uma rede de fissuras no mármore.

— Você não está bem... não se alimentou? Perdeu todo aquele sangue!

— Clary...

— Onde estão as garrafas que trouxe? — Ela olhou em volta, procurando a mochila, e a encontrou apoiada na parede. Puxou-a para si. — Simon, se não começar a se cuidar melhor...

— Não. — Ele agarrou a alça da mochila e a tirou das mãos de Clary; ela o encarou. — Elas quebraram — disse ele. — As garrafas quebraram quando estávamos lutando contra os demônios no Salão dos Acordos. O sangue já era.

Clary se levantou.

— Simon Lewis — falou, furiosa. — Por que você não *avisou*?

— Avisar sobre o quê? — Jace se afastou de Simon.

— Simon está faminto — explicou Clary. — Perdeu sangue para curar Izzy, e o estoque dele foi destruído no Salão...

— *Por que* não disse alguma coisa? — perguntou Jace, levantando e afastando um cacho de cabelo louro do rosto.

— Porque não — respondeu Simon. — Não é como se houvesse animais aqui para eu me alimentar.

— Tem a gente — lembrou Jace.

— Não quero me alimentar do sangue dos meus amigos.

— Por que não? — Jace passou pela fogueira e olhou para Simon; ostentava uma expressão acessível e curiosa. — Já passamos por isso, não passamos? Na última vez em que estava faminto, eu dei meu sangue. Foi um pouco homoerótico talvez, mas sou seguro da minha sexualidade.

Simon suspirou internamente; dava para perceber que, sob as brincadeiras, Jace oferecia de

verdade. Provavelmente menos por ser sensual do que por ter um desejo de morrer do tamanho do Brooklyn.

— Não vou morder alguém cujas veias estão cheias de fogo celestial — afirmou Simon. — Não tenho o menor desejo de torrar de dentro para fora.

Clary jogou o cabelo para trás, exibindo o pescoço.

— Ouça, beba meu sangue. Eu sempre disse que quando precisasse, você podia...

— Não — falou Jace imediatamente, e Simon se flagrou lembrando-se do navio de Valentim, da maneira como Simon dissera *Eu o teria matado* e Jace respondera, contemplativo, *Eu teria deixado*.

— Ah, por Deus. Deixem por minha conta. — Alec se levantou, reposicionando Izzy cuidadosamente no cobertor. Ajeitou a borda em volta dela e se levantou.

Simon deixou a cabeça cair para trás contra a parede da caverna.

— Você sequer gosta de mim. Agora está me oferecendo seu sangue?

— Você salvou minha irmã. Devo isso a você. — Alec deu de ombros, a sombra longa e escura à luz das chamas.

— Certo. — Simon engoliu em seco, desconfortável. — Tudo bem.

Clary esticou a mão para baixo. Após um instante, Simon aceitou e permitiu que ela o levantasse. Ele não conseguia deixar de olhar para Isabelle, do outro lado, dormindo, semienrolada no cobertor azul de Alec. Ela estava respirando, lenta e constantemente. Izzy, ainda respirando, por causa dele.

Simon deu um passo em direção a Alec e cambaleou. Alec o segurou e o aprumou. A mão no ombro de Simon estava firme. Simon sentia a tensão de Alec, e de repente percebeu o quão bizarra era aquela situação: Jace e Clary boquiabertos para eles, Alec agindo como se fosse levar um balde de água gelada na cabeça.

Alec virou a cabeça um pouco para a esquerda, exibindo o pescoço. Olhava fixamente para a parede oposta. Simon concluiu que ele se assemelhava menos a alguém prestes a levar um balde d'água gelada na cabeça e mais a alguém prestes a passar por um exame médico constrangedor.

— Não vou fazer isto na frente de todo mundo — anunciou Simon.

— Isto não é jogo de verdade ou consequência, Simon — disse Clary. — É só comida. Não que você seja comida, Alec — acrescentou, quando ele olhou feio para ela. Clary ergueu as mãos. — Deixe para lá.

— Ah, pelo Anjo... — começou Alec, e segurou o braço de Simon. — Vamos — disse, daí arrastou Simon pelo túnel que levava ao portão, longe o bastante para que os outros sumissem de vista, desaparecendo atrás de um pedregulho.

Embora Simon tivesse escutado a última coisa dita por Jace, pouco antes de saírem do alcance auditivo:

— O quê? Eles precisam de privacidade. É um momento íntimo.

— Acho que você devia simplesmente me deixar morrer — declarou Simon.

— Cale a boca — respondeu Alec, e o empurrou contra a parede da caverna. Então o encarou, pensativo. — Tem que ser no pescoço?

— Não — respondeu Simon, sentindo como se tivesse entrado num sonho bizarro. — Pulsos também servem.

Alec começou a arregaçar a manga do casaco. Tinha o braço pálido, exceto pelos locais onde havia Marcas, e Simon enxergou as veias sob a pele. Apesar de sua resistência, sentiu uma pontada de fome, despertando-o da exaustão: sentia o cheiro de sangue, suave e salgado, enriquecido com luz. Sangue de Caçador de Sombras, como o de Izzy. Passou a língua pelos dentes superiores e ficou só um pouco surpreso ao sentir os caninos enrijecendo e se afiando, transformando-se em presas.

— Só quero que saiba — disse Alec, enquanto estendia o pulso —, que sei que para vocês vampiros essa coisa de alimentação às vezes se iguala a momentos sexuais.

Simon arregalou os olhos

— É possível que minha irmã tenha me contado mais do que eu gostaria de saber — admitiu Alec. — Enfim, o que quero dizer é que não sinto a menor atração por você.

— Certo — respondeu Simon, e segurou a mão de Alec. Tentou uma pegada fraterna, mas não deu muito certo, considerando que precisava curvar a mão de Alec para trás para exibir a parte vulnerável do pulso. — Você também não me desperta nada, então acho que empatamos. Mas você poderia ter fingido por cinco...

— Não, não poderia — respondeu Alec. — Detesto quando heteros pensam que todos os gays se sentem atraídos por eles. Não sinto atração por todos os caras, assim como você também não sente por todas as garotas.

Simon respirou fundo, propositalmente. Era sempre uma sensação estranha, respirar quando não precisava, mas aquilo o acalmava.

— Alec — disse ele. — Acalme-se. Não acho que você esteja apaixonado por mim. Aliás, na maior parte do tempo tenho a impressão de que você me odeia.

Alec fez uma pausa.

— Não o odeio. Por que odiaria?

— Porque sou do Submundo? Porque sou um vampiro apaixonado pela sua irmã, a qual você acha boa demais para mim?

— *Você* não acha? — disse Alec, mas sem rancor; após um instante, ele sorriu, aquele sorrisinho Lightwood que iluminava seu rosto e fazia Simon pensar em Izzy. — Ela é minha irmãzinha. Acho que é boa demais para todo mundo. Mas você... você é uma boa *pessoa*, Simon. Independentemente de ser um vampiro. É leal, inteligente e... e faz Isabelle feliz. Não sei por quê,

mas faz. Sei que não gostei de você quando nos conhecemos. Mas isso mudou. E eu nunca julgaria minha irmã por namorar um integrante do Submundo.

Simon ficou imóvel. Alec se dava bem com feiticeiros, pensou ele. Isso estava suficientemente claro. Mas feiticeiros nasciam feiticeiros. Alec era o mais conservador dos Lightwood — não adorava o caos e nem corria riscos como Jace e Isabelle —, e Simon sempre sentira em Alec aquela noção de que vampiros eram humanos transformados em uma coisa *errada*.

— Você não aceitaria ser vampiro — disse Simon. — Nem mesmo para ficar com Magnus para sempre. Certo? Você não quis viver para sempre; quis tirar a imortalidade dele. Foi por isso que ele terminou com você.

Alec vacilou.

— Não — disse. — Não. Eu não aceitaria ser um vampiro.

— Então acha que sou pior que você — concluiu Simon.

A voz de Alec falhou.

— Estou *tentando* — confessou, e Simon sentiu, sentiu o quanto Alec queria ser sincero, e talvez até estivesse sendo um pouco. Afinal, se Simon não fosse um vampiro, ainda seria mundano, continuaria a ser inferior. Ele sentiu a pulsação de Alec acelerar. — Vá em frente — falou Alec, exalando as palavras, claramente em uma agonia de espera. — Apenas... morda.

— Prepare-se — disse Simon, e levou o pulso de Alec à boca. Apesar da tensão entre eles, seu corpo, faminto e em abstinência, reagiu. Os músculos enrijeceram, e as presas surgiram espontaneamente. Viu os olhos de Alec dilatarem de surpresa e medo. A fome se espalhou como um incêndio pelo corpo de Simon, e ele então falou com toda a sinceridade, lutando para tentar dizer alguma coisa humana para Alec. Torceu para que tivesse saído alto o bastante para ser compreendido por causa das presas: — Sinto muito por Magnus.

— Eu também. Agora morda — disse Alec, e Simon obedeceu.

As presas perfuraram velozmente a pele, o sangue explodindo em sua boca. Ouviu Alec engasgar, então o agarrou com mais força, involuntariamente, como se quisesse impedir Alec de tentar sair dali. Mas Alec não tentou. Sua pulsação acelerada estava audível para Simon, latejando nas veias como um sino. Juntamente ao sangue de Alec, Simon sentiu o gosto metálico do medo, a faísca de dor e a chama ansiosa de alguma outra coisa, algo que ele sentira na primeira vez em que bebera o sangue de Jace no chão metálico imundo do navio de Valentim. Talvez todos os Caçadores de Sombras tivessem um desejo de morrer, afinal.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Cidade dos ossos

Wikipédia do livro

http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_dos_Ossos

Perfil do filme no Adoro Cinema http://www.adorocinema.com/filmes/filme-174726/

Trailer do filme que é baseado no livro http://www.youtube.com/watch?v=i4PCuOrizUc

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/53780-cidade-dos-ossos

Resenha do livro

http://www.tudoporumlivro.com/2013/08/os-instrumentos-mortais-cidade-dos.html

Site da autora

http://www.cassandraclare.com/

Wikipédia da autora

http://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Tumblr da autora

http://cassandraclare.tumblr.com/

Twitter da autora

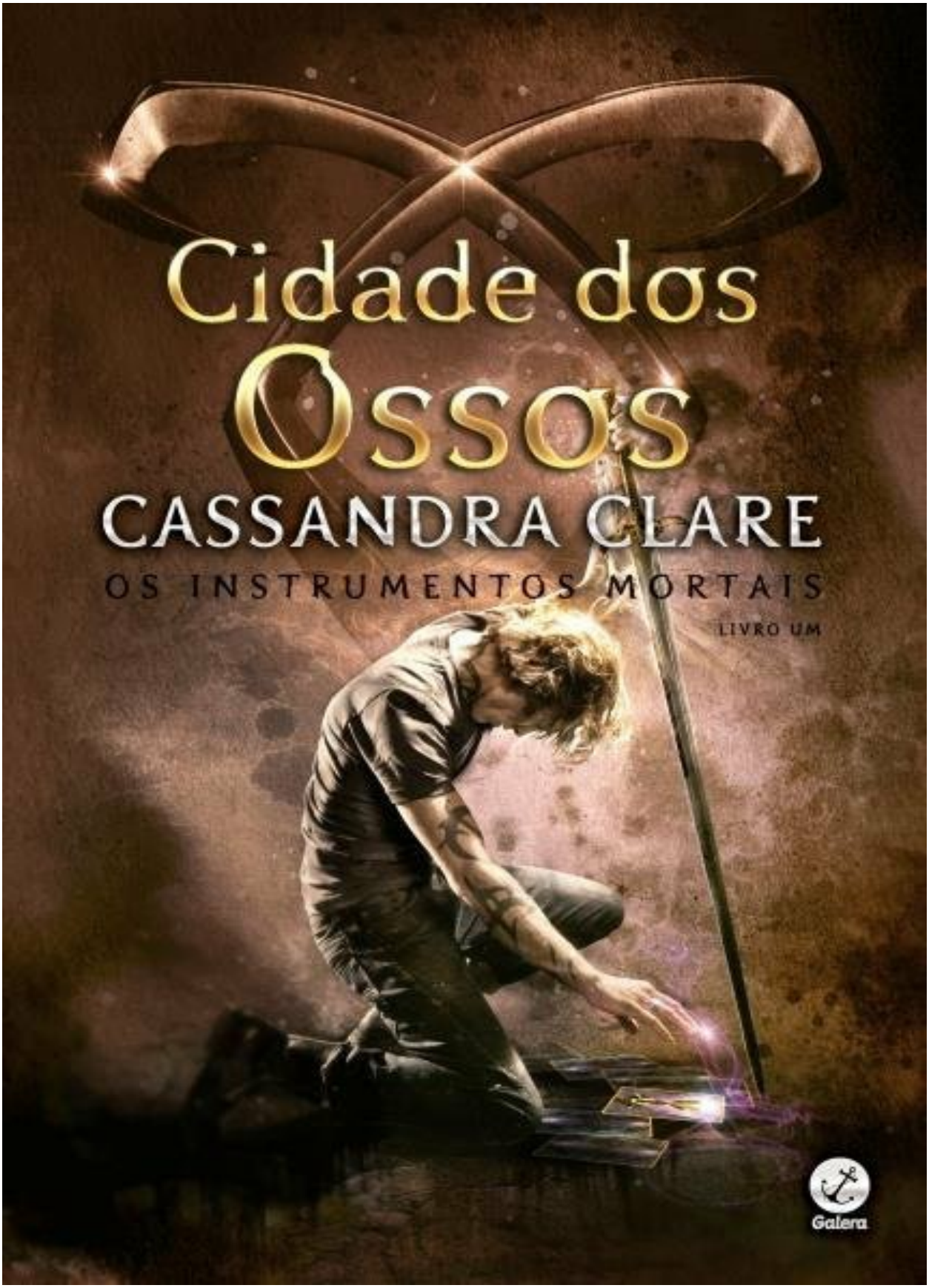
https://twitter.com/cassieclare

Perfil da autora no Good Reads http://www.goodreads.com/author/show/150038.Cassandra_Clare

Sumário

Capa
Obras da autora publicadas pela Editora Record
Rosto
Créditos
Dedicatória
Agradecimentos
Parte um | Anjos exterminadores
1 | Mestre
2 | Queda
3 | Sete vezes
4 | A Arte dos Oito Membros
5 | Inferno Atrai Inferno
6 | Acordar os mortos
7 | Praetor Lupus
8 | Andar na escuridão
9 | Do Fogo ao Fogo
Parte dois | Para cada vida
10 | Riverside Drive, nº 232
11 | Nossa Espécie
12 | Santuário
13 | Garota encontrada morta
14 | Quais Sonhos Podem Vir
15 | Beati Bellicosi
16 | Anjos de Nova York
17 | E Caim se Ergueu

18 | Cicatrizes de Fogo
19 | O Inferno Está Satisfeito
Colofon
Saiba mais


Cidade dos
Ossos
CASSANDRA CLARE
OS INSTRUMENTOS MORTAIS
LIVRO UM
Galera

Nota

* Tem uma rachadura em tudo/É assim que entra a luz.

Parte Três

Tudo Mudou

Tudo mudou, mudou drasticamente:

Uma terrível beleza nasceu.

— William Butler, “Easter, 1916”

Agradecimentos

Como sempre, devo agradecer a minha família: meu marido, Josh; minha mãe e meu pai, assim como Jim Hill e Kate Connor; Melanie, Jonathan e Helen Lewis; Florence e Joyce. Muitos agradecimentos aos leitores e críticos iniciais Holly Black, Sarah Rees Brennan, Delia Sherman, Gavin Grant, Kelly Link, Ellen Kushner e Sarah Smith. Créditos especiais a Holly, Sarah, Maureen Johnson, Robin Wasserman, Cristi Jacques e Paolo Bacigalupi, por ajudarem a destacar cenas. Maureen, Robin, Holly, Sarah, vocês estão sempre presentes para minhas reclamações — vocês são incríveis. Obrigada a Martange pela ajuda com as traduções para o francês e aos meus fãs da Indonésia pela declaração de Magnus a Alec. Wayne Miller, como sempre, ajudou com as traduções de latim, e Aspasia Diafa e Rachel Kory prestaram assistência extra com o grego antigo. Ajuda inestimável veio do meu agente, Barry Goldblatt, de minha editora, Karen Wojtyla, e de sua cúmplice, Amily Fabre. Meus agradecimentos a Cliff Nielson e Russel Gordon, por prepararem uma belíssima capa, e às equipes da Simon and Schuster e da Walker Books, por fazerem o restante da magia acontecer.

Cidade das Almas Perdidas foi escrito com o programa Scrivener na cidade de Goult, França.

Clary,

Apesar de tudo, não suporto a ideia que este anel se perca para sempre, não mais do que suporto deixá-la para sempre. E embora não tenha escolha quanto a uma, pelo menos posso tomar esta decisão: estou deixando para você o anel da nossa família, porque tem tanto direito a ele quanto eu.

Escrevo observando o sol nascer. Você está dormindo, com sonhos passando sob suas pálpebras inquietas. Queria saber o que está pensando. Queria poder entrar em sua mente e enxergar o mundo como você. Me enxergar como você o faz. Mas talvez eu não queira ver isso. Talvez me fizesse ter a sensação, ainda mais do que já tenho, de que estou perpetuando alguma espécie de Grande Mentira em você, e eu não suportaria isso.

Pertenço a você. Poderia fazer qualquer coisa que quisesse comigo, e eu deixaria. Me pedir qualquer coisa; eu acabaria comigo tentando fazê-la feliz. Meu coração me diz que este é o melhor e mais grandioso sentimento que jamais vivi. Mas minha mente sabe a diferença entre querer o que não se pode ter e querer o que não se deve. E eu não devo desejá-la.

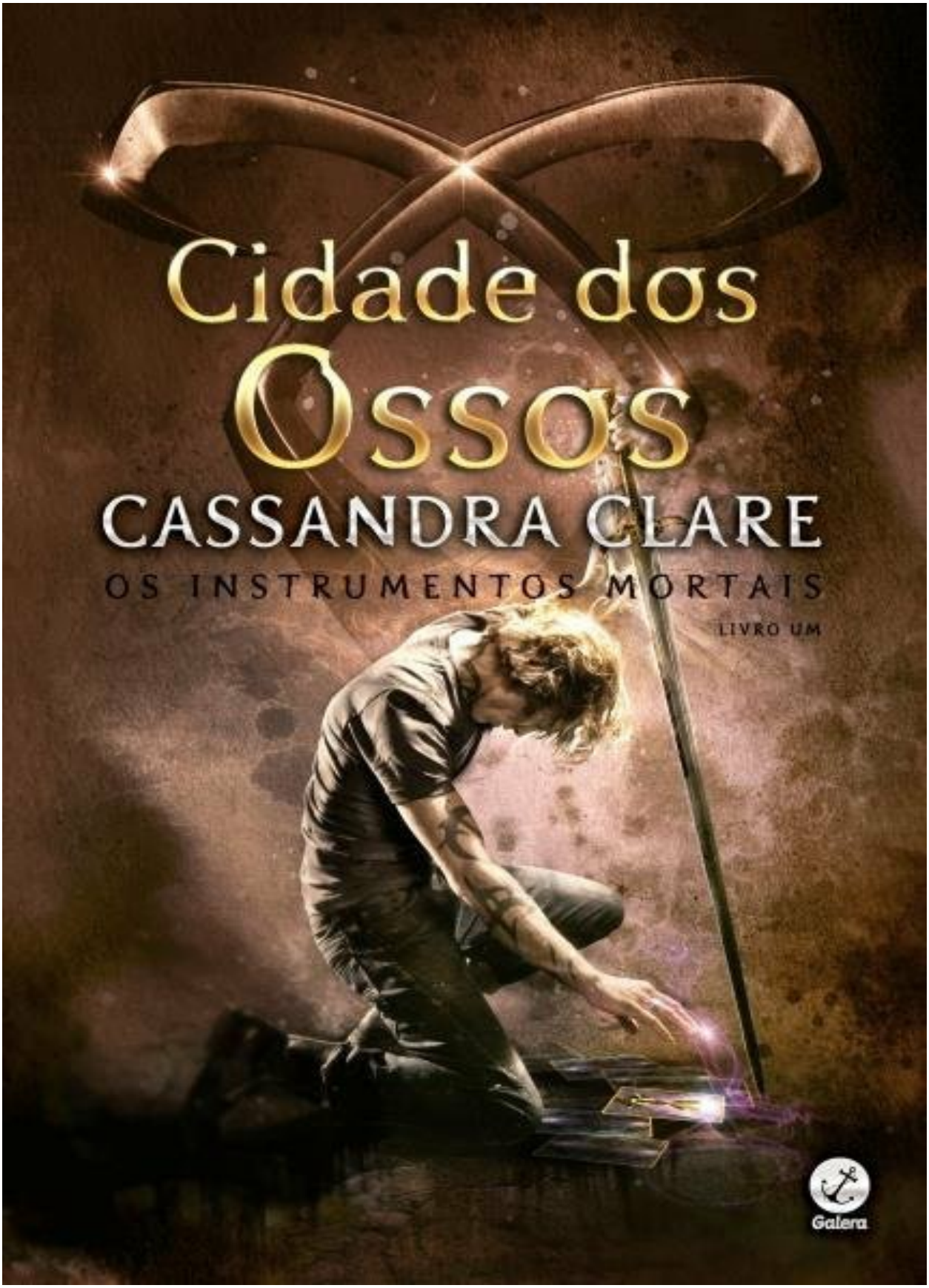
Passei a noite inteira observando você dormir; vi o luar entrar e desaparecer, projetando sombras em preto e branco no seu rosto. Nunca vi nada mais lindo. Penso na vida que poderíamos ter tido se as coisas fossem diferentes. Uma vida em que esta noite não seria um evento singular, separada de todo o resto que é real, e sim mais uma. Porém as coisas não são diferentes, e não consigo olhar para você sem sentir que a induzi a me amar.

A verdade que ninguém quer dizer em voz alta é que nenhuma pessoa além de mim tem chance contra Valentim. Posso me aproximar dele como ninguém mais. Posso fingir que quero me unir a ele, e Valentim vai acreditar, até o último instante quando eu acabar com tudo, de um jeito ou de outro. Tenho algo de Sebastian; posso rastreá-lo até o esconderijo do meu pai. E é isso que farei. Então menti ontem à noite. Disse que só queria uma noite com você. Mas quero todas. E é por isso que preciso fugir pela janela agora, como um covarde. Porque se eu tivesse de dizer isso tudo cara a cara, não conseguiria partir.

Não a culpo se me odiar. Gostaria que odiasse.

Enquanto ainda puder sonhar, sonharei com você.

Jace.


Cidade dos
Ossos
CASSANDRA CLARE
OS INSTRUMENTOS MORTAIS
LIVRO UM
Galera

Prólogo
Caindo como Chuva

Instituto de Los Angeles, dezembro de 2007

No dia em que os pais de Emma Carstairs foram assassinados, o clima estava perfeito.

Por outro lado, o clima costumava estar perfeito em Los Angeles. Naquela manhã límpida de inverno, os pais de Emma a deixaram no Instituto nas colinas atrás da autoestrada Pacific Coast, que dava para o oceano azul. O céu estendia-se, sem nuvens, dos penhascos das Pacific Palisades até as praias de Point Dume.

À noite, eles tinham recebido um relatório sobre atividade demoníaca próxima às cavernas na praia de Leo Carrillo. Os Carstairs foram enviados para dar uma olhada naquilo. Mais tarde, Emma se recordaria da mãe colocando uma mecha de cabelo soprada pelo vento atrás da orelha enquanto se oferecia para desenhar uma marca de Coragem no pai de Emma, e de John Castairs rindo e dizendo que não sabia bem como se sentia em relação a símbolos novos. Ele estava mais que satisfeito com o que estava escrito no Livro Gray.

Na hora, porém, Emma estava impaciente com os pais, por isso deu um abraço rápido nos dois antes de sair correndo pelos degraus do Instituto, com a mochila balançando nos ombros e os pais acenando do pátio.

Emma adorava treinar no Instituto. Não apenas porque seu melhor amigo, Julian, morava ali, mas porque toda vez que entrava ali ela sentia como se estivesse voando e depois mergulhando no oceano. O prédio era uma estrutura imensa de madeira e rocha ao fim de uma estrada comprida com um calçamento de pedras sinuoso por entre as montanhas. Todos os cômodos, todos os andares davam para o oceano, para as montanhas e para o céu, extensões onduladas de azul, verde e dourado. O sonho de Emma era subir com Jules até o telhado (embora até então os dois estivessem proibidos por seus pais de fazer isso) para conferir se a vista se estendia até o deserto ao sul.

As portas principais a reconheceram e se abriram sem dificuldade ao seu toque. A entrada e os primeiros andares do Instituto estavam cheios de Caçadores de Sombras adultos, andando de um lado a outro. Era algum tipo de reunião, imaginou Emma. Então ela avistou o pai de Julian, Andrew Blackthorn, diretor do Instituto, no meio da multidão. Sem querer se atrasar por causa dos cumprimentos, Emma correu para o vestiário do segundo andar, onde trocou o jeans e a camiseta pelo uniforme de treino: uma camiseta extragrande, calças de malha largas e o item mais importante de todos: a espada trespassada nas costas.

Cortana. O nome significava simplesmente “espada curta”, mas ela não era pequena para Emma. Tinha o comprimento do antebraço da garota, feita de metal reluzente, e levava gravadas

na lâmina as palavras que sempre lhe causavam calafrios: *Eu sou Cortana, do mesmo aço e da mesma têmpera que Joyeuse e Durendal*. O pai havia lhe explicado o significado daqueles dizeres ao pôr a espada em suas mãos pela primeira vez, quando ela estava com 10 anos.

— Você pode usar a espada para treinar até os 18 anos, quando então ela será sua — explicou John Castairs, sorrindo ao observá-la trilhar os dedos pelas palavras. — Compreende a importância disto?

Emma balançara a cabeça. Ela sabia o que era "aço", mas não o que era "têmpera". "Têmpera" lembrava "temperamento", uma coisa que o pai sempre dizia que ela devia controlar, como a raiva. O que isso tinha a ver com a lâmina?

— Você já ouviu falar na família Wayland — dissera ele. — Eles foram armeiros antes de as Irmãs de Ferro começarem a forjar as armas dos Caçadores de Sombras. Wayland, o Ferreiro, criou Excalibur e Joyeuse, as espadas de Arthur e Lancelote, e Durendal, a espada do herói Rolando. E eles forjaram esta espada também, com o mesmo aço. Todo aço deve ser temperado, isto é, submetido ao calor intenso, suficiente quase para derretê-lo ou destruí-lo, com o objetivo de tornar o aço mais resistente. — O pai lhe dera um beijo no alto da cabeça. — Os Carstairs têm carregado esta espada por gerações. A inscrição nos recorda de que os Caçadores de Sombras são as armas do Anjo. Tempere-nos no fogo, e ficaremos mais fortes. Quando sofremos, sobrevivemos.

A menina mal podia esperar até completar 18, dali a seis anos, quando poderia viajar pelo mundo combatendo demônios, quando poderia ser temperada no fogo. Agora ela colocava a espada a tiracolo e saía do vestiário, se perguntando como seria esse dia. Em sua imaginação, ela estava parada no topo dos penhascos no litoral de Point Dume, repelindo os ataques de um grupo de demônios Raum com a espada Cortana. Julian estava com ela, claro, e brandia sua arma favorita, a besta.

Quando Emma fantasiava, Jules sempre aparecia. Emma o conhecia desde que se entendia por gente. Os Blackthorn e os Carstairs sempre foram muito chegados, e Jules era apenas alguns meses mais velho; ela nunca vivera sem ele, literalmente. Tinha aprendido a nadar no mar com ele, quando ainda eram bebês. Aprenderam a andar e a correr juntos. Os pais de Jules pegaram Emma no colo, e o irmão e a irmã mais velhos dele os castigavam quando os dois faziam alguma coisa errada.

E vira e mexe eles faziam alguma coisa errada. Quando os dois tinham 7 anos, Emma teve a ideia de tingir Oscar, o gato branco e fofinho da família Blackthorn, de azul bem forte. Julian levou a culpa; e ele quase sempre levava a culpa. Afinal de contas, conforme Jules observara, Emma era filha única e ele tinha seis irmãos; os pais de Jules esqueceriam que estavam aborrecidos com ele muito mais depressa do que os pais de Emma esqueceriam a chateação com ela.

Emma se recordava da época em que a mãe de Jules morreu, pouco depois do nascimento de Tavvy, e de como Emma ficara segurando a mão dele enquanto o corpo ardia nos desfiladeiros e a fumaça ia até o céu. Ela se lembrava do jeito como ele chorara, e também de pensar como meninos choravam diferente das meninas, com soluços estranhos, entrecortados, como se estivessem sendo pescados com um anzol. Talvez fosse pior para eles porque não deviam chorar...

— Uf! — Emma cambaleou para trás; estivera tão perdida nos pensamentos que trombara no pai de Julian, um sujeito alto com o cabelo castanho bagunçado tal como a maioria dos filhos. — Desculpe, Sr. Blackthorn!

Ele sorriu.

— Nunca vi uma pessoa tão ansiosa pelo treinamento — gritou, enquanto ela disparava pelo corredor.

A sala de treinamento era um dos cômodos favoritos de Emma. Ocupava praticamente um andar inteiro, e as paredes leste e oeste eram de vidro transparente. Dava para ver o mar azul em praticamente todos os lados para os quais se olhasse. A curva do litoral era visível de norte a sul, as águas infinitas do oceano Pacífico se estendendo até o Havaí.

No centro do assoalho de madeira extremamente encerado estava a tutora da família Blackthorn, uma mulher autoritária, que se chamava Katerina e que, no momento, se dedicava a ensinar lançamento de facas para os gêmeos. Livvy acompanhava as instruções com boa vontade, como sempre, mas Ty estava de cara feia, resistente.

Julian, nas roupas de treinamento leves e frouxas, estava deitado de costas perto da janela oeste e conversava com Mark, que mantinha a cabeça enfiada num livro e fazia o possível para ignorar o meio-irmão mais novo.

— Você não acha que "Mark" é um nome meio esquisito para um Caçador de Sombras? — Era o que Julian comentava quando Emma se aproximou. — Tipo, se você parar para pensar bem, é confuso. "Mark, me marque."

Mark levantou a cabeça loura que estava voltada para o livro e fitou o irmão mais novo com expressão severa. Julian girava uma estela na mão distraidamente. Ele a segurava como um pincel, e Emma sempre o olhava de cara feia por isso. A estela deveria ser tratada como uma estela, como uma extensão do seu braço, não como a ferramenta de um artista.

Mark suspirou de modo teatral. Aos 16 anos, era mais velho o suficiente para considerar Emma e Julian irritantes ou ridículos.

— Se isso incomoda tanto você, pode me chamar pelo nome completo — falou.

— Mark Antony Blackthorn? — Julien franziu o nariz. — Leva muito tempo para dizer tudo. E se fôssemos atacados por um demônio? Quando eu estivesse pronunciando metade do nome, você já estaria morto.

— Na atual situação, *você* está salvando a *minha* vida? — perguntou Mark. — Está se

antecipando, não acha, pirralho?

— Poderia acontecer. — Julian não gostou de ser chamado de pirralho e sentou-se muito ereto. O cabelo estava arrepiado em tufos rebeldes. A irmã mais velha, Helen, sempre o atacava com escovas de cabelo, mas isso nunca dava jeito. Ele tinha o cabelo dos Blackthorn, assim como o pai e a maior parte dos irmãos e irmãs: ondulado e rebelde, da cor de chocolate amargo. A semelhança da família sempre fascinara Emma, que se parecia muito pouco com seus pais, a menos que você considerasse o fato de o pai dela ser louro.

Helen agora já estava em Idris há vários meses com a namorada, Aline; elas haviam trocado anéis de família e falavam com "muita seriedade" uma sobre a outra, de acordo com os pais de Emma, o que indicava, sobretudo, que se entreolhavam de um jeito sentimentaloide. Caso se apaixonasse um dia, Emma estava decidida a nunca ser sentimentaloide assim. Compreendia que havia alguma agitação por Helen e Aline serem meninas, mas não entendia o porquê, e os Blackthorn pareciam gostar muito de Aline. A garota possuía uma presença tranquilizadora e evitava que Helen se aborrecesse.

A ausência atual de Helen significava que não havia ninguém para cortar o cabelo de Jules, e a luz do sol no quarto deixava as pontas cacheadas do cabelo com um tom dourado. As janelas ao longo da parede leste indicavam a extensão sombria das montanhas que separavam o mar de San Fernando Valley — morros secos e poeirentos recortados por desfiladeiros, cactos e espinheiros. Às vezes os Caçadores de Sombras treinavam ao ar livre, e Emma adorava esses momentos, amava encontrar trilhas ocultas, quedas d'água secretas e lagartos adormecidos, que descansavam nas rochas perto deles. Julian conseguia persuadir os lagartos a rastejar para sua palma e dormir ali enquanto lhes afagava a cabeça com o polegar.

— Preste atenção!

Emma se abaixou quando uma espada com ponta de madeira voou perto de sua cabeça, bateu na janela e atingiu Mark na perna ao quicar de volta. Ele atirou o livro de lado e ficou parado, olhando de cara feia. Tecnicamente, Mark estava na supervisão secundária e auxiliava Katerina, embora preferisse ficar lendo a ensinar.

— Tiberius — censurou ele. — *Não* jogue facas em mim.

— Foi um acidente. — Livvy se pôs entre o irmão gêmeo e Mark.

Tiberius era tão moreno quanto Mark era louro, o único dos Blackthorn (além de Mark e Helen, que não contavam muito por causa do sangue do Submundo) que não tinha cabelo castanho nem olhos azuis esverdeados, os traços de família. Os cabelos de Ty eram pretos e cacheados, e os olhos de um cinza da cor do aço.

— Não, não foi — retrucou Ty. — Eu mirei em você.

Mark respirou fundo de modo exagerado e passou as mãos pelo cabelo, deixando os fios espetados. Mark tinha os olhos dos Blackthorn, da cor do azinhavre, porém o cabelo, assim como

o de Helen, era louro platinado, tal como o de sua mãe. O rumor era de que a mãe de Mark fora uma princesa da corte das fadas; ela tivera um caso com Andrew Blackthorn, dando origem às duas crianças, as quais ela abandonara uma noite nos degraus do Instituto de Los Angeles antes de desaparecer para sempre.

O pai de Julian assumira os filhos com sangue de fada e os criara como Caçadores de Sombras. O sangue dos Caçadores de Sombras era dominante, e, embora o Conselho não gostasse nada disso, eles aceitavam crianças com sangue do Submundo na Clave, desde que a pele tolerasse os símbolos. Tanto Mark quanto Helen foram marcados aos 10 anos, e a pele suportara os símbolos sem problemas, embora Emma tivesse percebido que Mark tivera mais problemas de cicatrização que um Caçador de Sombras comum. Ela notara que ele se encolheu, apesar de ter tentando disfarçar, quando a estela fora posta em sua pele. Mais tarde, Emma percebeu mais um monte de outras coisas a respeito de Mark: o modo como o formato do rosto, diferente e influenciado pelo sangue de fadas, era atraente, e a largura de seus ombros sob as camisetas. Ela não sabia por que notava essas coisas, e não exatamente gostava disso. Sentia vontade de bater em Mark ou de se esconder, com frequência as duas coisas ao mesmo tempo.

— Você está encarando — falou Julian, olhando para Emma acima dos joelhos do uniforme de treinamento todo manchado de tinta.

Ela voltou a prestar atenção num sobressalto.

— Quem?

— Mark... de novo. — Ele pareceu aborrecido.

— Cale a boca! — sibilou Emma, e arrancou a estela das mãos do garoto.

Ele a pegou de volta e uma disputa começou. A garota dava risinhos enquanto se afastava de Julian. Ela treinara com ele por tanto tempo que conhecia cada gesto antes mesmo que ele o fizesse. O único problema era que Emma tinha tendência a facilitar demais as coisas para ele. A ideia de alguém machucar Julian a deixava furiosa, e, algumas vezes, isso a incluía.

— Isso é por causa das abelhas no seu quarto? — Quis saber Mark enquanto caminhava na direção de Tiberius. — Você sabe por que tivemos que nos livrar delas!

— Suponho que tenha feito isso para me agastar — disse Ty.

Ele era baixinho para sua idade, 10 anos, mas tinha o vocabulário e a dicção de um homem de 80. Ele não costumava mentir, sobretudo porque não compreendia a necessidade disso. E também não compreendia por que algumas das coisas que fazia irritavam ou incomodavam as pessoas, e considerava sua raiva frustrante ou assustadora, dependendo do próprio humor.

— Não é uma questão de *agastar*, Ty. Simplesmente não dá para ter abelhas no quarto...

— Eu estava estudando as abelhas! — explicou o menino, e o rosto pálido corou. — Era importante, elas eram minhas amigas e eu sabia o que estava fazendo.

— Assim como sabia o que estava fazendo com a cascavel? — perguntou Mark. — Algumas

vezes, tomamos as coisas de você porque não queremos que se machuque; sei que é difícil entender, Ty, mas nós te amamos.

Ty olhou para ele com uma expressão vazia. Conhecia o significado de "eu te amo", e sabia que era bom, mas não compreendia por que isso servia como explicação para qualquer coisa.

Mark se abaixou, mãos nos joelhos, e manteve os olhos na mesma altura dos olhos cinzentos de Ty.

— Está bem, preste atenção no que nós vamos fazer...

— Ha! — Emma conseguira deixar Julian deitado de costas e tirar a estela dele. O garoto ria, se contorcendo debaixo dela, até que ela prendeu-lhe o braço, segurando-o contra o assoalho.

— Desisto — disse ele. — Eu desis...

Ele continuava a rir, e de repente Emma foi invadida pela constatação de que era meio esquisito estar deitada em cima de Jules, e também pela constatação de que ele tinha um belo formato de rosto, tal como Mark. Redondo e juvenil, e realmente familiar, mas ela quase conseguia enxergar, através do rosto dele agora, o rosto que *teria* quando ficasse mais velho.

O som da campainha do Instituto ecoou pelo cômodo. Era um repicar doce e grave, como sinos de igreja. A olhos mundanos, a fachada do Instituto se parecia com as ruínas de uma antiga missão espanhola. Embora houvesse cartazes de PROPRIEDADE PRIVADA e MANTENHA DISTÂNCIA colocados em toda parte, algumas vezes as pessoas (normalmente, mundanos com uma pequena dose de Visão) tentavam subir e passar pela porta principal mesmo assim.

Emma rolou e saiu de cima de Julian enquanto espanava as próprias roupas com as mãos. Ela não estava rindo mais. Julian sentou-se muito ereto e se ergueu, apoiando-se nas mãos, os olhos curiosos.

— Está tudo bem? — indagou ele.

— Bati o cotovelo — mentiu Emma, e olhou para os outros por cima do ombro.

Katerina estava mostrando a Livvy como segurar a faca, e Ty balançava a cabeça para Mark. *Ty*. Foi Emma quem deu a Tiberius o apelido quando ele nasceu porque, com 18 meses, ela não conseguia dizer "Tiberius", então o chamara de "Ty-Ty". Às vezes, se perguntava se ele se lembrava disso. Era estranho pensar no que importava e no que não importava para Ty. Não dava para prever.

— Emma? — Julian se inclinou para ela, e tudo pareceu explodir ao redor deles. Os dois viram um clarão imenso e repentino, e o mundo exterior ficou branco, dourado e vermelho, como se o Instituto estivesse pegando fogo. Ao mesmo tempo, o assoalho debaixo deles estremeceu como o convés de um navio. Emma escorregou para a frente no momento exato em que começou uma gritaria no primeiro andar: um grito irreconhecível e terrível.

Livvy tomou fôlego e foi atrás de Ty, abraçando-o como se pudesse envolver e proteger o corpo do irmão com o dela. Era uma das poucas pessoas que podia tocar Ty sem que ele se

importasse; o garoto se levantou com os olhos arregalados, e uma das mãos agarrou a manga da camiseta da irmã. Mark já estava de pé, e Katerina empalideceu sob os cachos de cabelo escuro.

— Fiquem aqui — ordenou ela para Emma e Julian enquanto desembainhava a espada presa à cintura. — Tomem conta dos gêmeos. Mark, venha comigo.

— Não! — gritou Julian, e fez um esforço para se erguer. — Mark...

— Vou ficar bem, Jules — disse Mark, e sorriu de modo tranquilizador; já segurava uma adaga em cada mão. Era hábil e veloz com facas, e sua mira era certeira. — Fique com Emma — pediu e assentiu para os dois; depois, desapareceu seguindo Katerina, e a porta da sala de treinamento se fechou atrás deles.

Jules se aproximou de Emma, segurou a mão dela e a ajudou a ficar de pé; ela queria dizer que estava bem e que era capaz de se levantar por conta própria, mas deixou para lá. Emma compreendia a necessidade de Jules de se sentir útil, e, para ele, valia qualquer coisa para ajudar. Outro grito foi ouvido vindo do primeiro andar; houve o barulho de vidro se quebrando. Emma correu até os gêmeos; imóveis feito pequenas estátuas. Livvy estava pálida; Ty agarrava-lhe a camiseta com um aperto apavorado.

— Vai ficar tudo bem — consolou Jules, e pôs a mão entre os ombros frágeis do irmão. — Não importa o que...

— Você não tem ideia do que seja — interrompeu Ty, a voz entrecortada. — Não pode dizer que vai ficar tudo bem. Você não *sabe*.

Então houve um novo barulho. Pior que o som de um grito. Um uivo terrível, selvagem e cruel. *Lobisomens?* Foi o que Emma pensou, admirada, embora já tivesse ouvido o uivo de um lobisomem antes. Este era algo mais sinistro e cruel.

Livvy abraçava os ombros de Ty com força. Ele ergueu um pouco o rosto branco e seus olhos abandonaram Emma, pousando em Julian.

— Se ficarmos escondidos aqui — falou Ty —, e essa coisa, seja lá o que for, nos encontrar e machucar nossa irmã, aí vai ser culpa sua.

O rosto de Livvy estava aninhado em Ty; ele falou baixinho, mas Emma não teve dúvida de que fora sincero. Apesar da inteligência assustadora, apesar das esquisitices e da indiferença em relação às outras pessoas, ele era inseparável da irmã gêmea. Se Livvy ficava doente, Ty dormia aos pés da cama dela; se ela ganhava algum arranhão, ele entrava em pânico, e o inverso também acontecia.

Emma viu o conflito de emoções persegui-los ao fitar o rosto de Julian; os olhos dele buscaram os dela, e a garota deu um rápido aceno com a cabeça. A ideia de permanecer na sala de treinamento e esperar aquela coisa uivar outra vez e vir atrás deles a fez sentir como se a pele estivesse descolando dos ossos.

Julian caminhou pela sala e depois voltou com uma besta curva e duas adagas.

— Precisa soltar Livvy, Ty — falou ele, e, após um instante, os gêmeos se separaram. Jules entregou uma adaga à irmã e ofereceu a outra a Tiberius, que olhou para a arma como se fosse uma criatura alienígena. — Ty — disse Jules, baixando a mão —, por que você mantém as abelhas no seu quarto? Do que gosta nelas?

Ty não respondeu.

— Você gosta do fato de trabalharem juntas, não é isso? — emendou Julian. — Bem, nós temos que trabalhar juntos agora. Vamos chegar até o gabinete e telefonar para a Clave, ok? Um pedido de socorro. Então eles vão mandar reforços para nos proteger.

Ty estendeu a mão para pegar a faca e meneou a cabeça brevemente.

— Era isso que eu ia sugerir, se Mark e Katerina tivessem me ouvido.

— Ele teria sugerido isso mesmo — disse Livvy. Ela segurava a adaga com mais confiança que Ty e a esticou como se soubesse o que fazer com a lâmina. — Ele estava pensando nisso.

— Vamos ter que ficar muito quietos agora. Os dois vão me acompanhar até o gabinete — falou Jules, e ergueu os olhos. Seu olhar encontrou o de Emma. — Emma vai atrás de Tavvy e Dru e depois vai nos encontrar lá. Certo?

O coração de Emma arremeteu contra o peito como uma gaivota caçando comida no mar. Octavius, Tavvy, o caçula, com apenas 2 anos. E Dru, de 8 anos, jovem demais para começar o treinamento físico. Sem dúvida, alguém ia ter que pegar os dois, e o olhar de Jules implorou que ela fizesse isso.

— Sim — falou ela. — É exatamente o que eu ia fazer.

Cortana estava presa às costas de Emma, e ela também segurava uma faca de arremesso. Parecia que o metal pulsava através de suas veias, como batimentos cardíacos, à medida que ela deslizava pelo corredor do Instituto, as costas para a parede. De vez em quando, o corredor era entrecortado por uma janela, e a visão do mar azul, das montanhas verdes e das nuvens brancas e pacíficas a incomodava. Ela pensou nos pais, em algum lugar na praia, sem fazer ideia do que estava ocorrendo no Instituto. Emma queria que eles estivessem ali, e, ao mesmo tempo, se sentia contente por não estarem. Ao menos estavam a salvo.

Emma se encontrava na parte do Instituto que conhecia melhor: os dormitórios familiares. Passou pelo quarto vazio de Helen, com as roupas embaladas e a colcha empoeirada. Passou pelo quarto de Julian, familiar por causa dos milhões de noites em que ela dormira ali, e depois pelo quarto de Mark, com a porta firmemente fechada. O quarto seguinte era o do Sr. Blackthorn, e imediatamente ao lado dele ficava o quarto das crianças. Emma respirou fundo e empurrou a porta com o ombro para abri-la.

O visão do quartinho pintado de azul a fez arregalar os olhos. Tavvy estava no berço, as mãozinhas agarrando as barras e as bochechas vermelhas de tanto berrar. Drusilla estava parada,

diante da cama, agarrada a uma espada (sabe o Anjo como ela conseguira aquilo); a arma estava apontada para Emma. A mão de Dru tremia o suficiente para que a ponta da espada dançasse; as tranças projetavam-se das laterais do rosto rechonchudo, mas a expressão nos olhos típicos dos Blackthorn era de determinação férrea: *Não se atreva a tocar no meu irmão*.

— Dru — falou Emma no tom mais baixo que conseguiu. — Dru, sou eu. Jules me mandou aqui para pegar vocês.

Dru deixou a espada cair com um estrondo e irrompeu em lágrimas. Emma passou por ela e tirou o bebê do berço com o braço livre, erguendo-o até a altura do quadril. Tavvy era pequeno para a idade, mas ainda assim pesava uns bons 11 quilos; ela se encolheu quando o bebê puxou seu cabelo.

— Mamã — falou.

— Shhhh. — Ela deu um beijo no topo de sua cabeça, que cheirava a talco de bebê e lágrimas. — Dru, se agarre no meu cinturão, ok? Nós vamos até o gabinete. Vamos estar seguros lá.

Dru agarrou o cinturão de Emma com as mãozinhas; já havia parado de chorar. Os Caçadores de Sombras não choravam muito, mesmo quando tinham 8 anos.

Emma conduziu as crianças pelo corredor. Os sons do andar de baixo estavam piores agora. Os gritos ainda continuavam, o uivo grave, os sons de vidro se partindo e de madeira se quebrando. Emma prosseguia, agarrada a Tavvy e murmurando sem parar que tudo ficaria bem, que ele ficaria bem. E lá estavam mais algumas janelas, o sol abrindo caminho por elas cruelmente, quase a cegando.

Emma *estava* cega por causa do pânico e do sol; era a única explicação para ela ter errado o caminho. Emma passou pelo corredor e, em vez de se encontrar na entrada que imaginava, se viu parada no topo da ampla escadaria que levava ao saguão e às enormes portas duplas da entrada do prédio.

O saguão estava cheio de Caçadores de Sombras. Ela conhecia alguns como os Nephilim do Conclave de Los Angeles, usando uniforme preto; outros vestiam vermelho. Havia fileiras de esculturas, todas tombadas agora, em pedaços e pó no chão. A janela com vista para o mar fora estilhaçada, e tinha vidro quebrado e sangue por toda parte.

Emma sentiu um revirar nauseante no estômago. No meio do saguão havia um vulto alto vestido com trajes escarlate. Tinha cabelo louro platinado, quase branco, e o rosto parecia entalhado no mármore como o de Raziel, mas sem a compaixão. Os olhos eram pretos como carvão, e, em uma das mãos, ele trazia uma espada ornada com estrelas; na outra, um cálice reluzente feito de *adamas*.

A visão do cálice despertou alguma coisa na mente de Emma. Os adultos não gostavam de conversar sobre política perto dos Caçadores de Sombras mais jovens, no entanto ela sabia que o filho de Valentim Morgenstern tinha assumido um nome diferente e jurado vingança contra a

Clave. Também sabia que ele havia fabricado um cálice que era o inverso do Cálice do Anjo, o qual transformava os Caçadores de Sombras em criaturas demoníacas e más. Ela ouvira o Sr. Blackthorn chamar os Caçadores de Sombras malignos de Crepusculares; o pai de Jules chegara a mencionar que preferia morrer a ser um deles.

Aquele era ele então. Jonathan Morgenstern, a quem todos chamavam Sebastian — uma figura saída de contos de fadas, uma história contada para assustar crianças ganhava vida. *O filho de Valentim.*

Emma pôs uma das mãos na parte de trás da cabeça de Tavvy e pressionou o rosto dele contra o ombro. Ela não conseguia se mexer. Parecia que tinha chumbo nos pés. Ao redor de Sebastian havia Caçadores de Sombras de preto e vermelho, e vultos com capas escuras; será que também eram Caçadores de Sombras? Ela não sabia dizer; seus rostos estavam escondidos, e havia Mark, com as mãos presas atrás do corpo por um Caçador de Sombras de uniforme vermelho. As adagas estavam aos pés dele, e havia sangue nas roupas de treinamento.

Sebastian ergueu uma das mãos e meneou um dedo branco e longo.

— Tragam-na — falou ele; ouviu-se um murmúrio na multidão, e o Sr. Blackthorn deu um passo à frente, arrastando Katerina consigo.

Ela lutava, se debatia, mas o homem era muito forte. Horrorizada e sem querer acreditar no que via, Emma observava enquanto o Sr. Blackthorn puxava a mulher, até deixá-la de joelhos.

— Agora beba do Cálice Infernal — ordenou Sebastian, com uma voz suave, impelindo a borda da taça entre os dentes de Katerine.

Foi então que Emma descobriu o que era o uivo terrível que havia escutado. Katerina lutava para se libertar, mas Sebastian era muito forte; ele forçou o cálice entre seus lábios, e Emma a viu engasgar e engolir. A mulher se contorceu para longe deles e, desta vez, o Sr. Blackthorn permitiu que ela se desvencilhasse; ele gargalhava, assim como Sebastian. Katerina caiu no chão, o corpo em espasmos, e da garganta saiu um único grito — pior que um grito, um uivo de dor, como se sua alma estivesse sendo arrancada do corpo.

Uma gargalhada percorreu o cômodo; Sebastian sorriu, e havia algo terrível e belo em relação a ele, da mesma forma que havia algo terrível e belo em cobras venenosas e grandes tubarões brancos. Emma percebeu que ele estava ladeado por dois acompanhantes: uma mulher com cabelo castanho ficando grisalho e um machado nas mãos, e um vulto alto completamente coberto com uma capa preta. Não dava para ver nenhuma parte dele, a não ser as botas pretas que apareciam debaixo da bainha do traje. Somente o peso e a largura indicavam que, afinal, se tratava de um homem.

— Esta era a última dentre os Caçadores de Sombras aqui? — perguntou Sebastian.

— Tem um garoto, Mark Blackthorn — falou a mulher parada ao lado dele, e apontou para Mark. — Deve ter idade suficiente.

Sebastian baixou os olhos para Katerina, que havia parado de se contorcer e estava deitada, imóvel, com os cabelos escuros emaranhados sobre o rosto.

— Levante-se, irmã Katerina — falou ele. — Traga-me Mark Blackthorn.

Emma ficou olhando, paralisada, enquanto Katerina se erguia lentamente. Ela fora tutora do Instituto desde que Emma se entendia por gente; Katerina tinha sido professora deles quando Tavvy nasceu, quando a mãe de Jules morreu, quando Emma começou o treinamento físico. Havia ensinado idiomas, costurado cortes, aliviado a dor de arranhões e lhes dado as primeiras armas; ela era parte da família e agora caminhava, os olhos inexpressivos, em meio à bagunça do salão, esticando-se para capturar Mark.

Dru arfou, trazendo Emma de volta à consciência. Emma girou e colocou Tavvy nos braços de Dru; a menina cambaleou um pouco e então se recuperou, apertando o irmãozinho com firmeza.

— Corra — disse Emma. — Corra até o gabinete. Diga a Julian que já vou para lá.

O desespero na voz de Emma era evidente; Drusilla não discutiu, simplesmente apertou Tavvy com mais força ainda e saiu correndo, os pés descalços e silenciosos sobre o piso do corredor. Emma virou-se para voltar a fitar o horror que se desdobrava. Katerina estava atrás de Mark, empurrando-o para a frente, com uma adaga encostada no espaço entre os ombros dele. Mark cambaleou e quase caiu diante de Sebastian; O garoto estava mais perto dos degraus agora, e Emma notou que ele estivera brigando. Havia ferimentos nos pulsos e nas mãos, cortes no rosto e, com certeza, não houve tempo para símbolos de cura. Tinha sangue por toda a bochecha direita; Sebastian olhou para o garoto e fez um muxoxo, aborrecido.

— Este não é totalmente Nephilim — falou ele. — Ele é parte fada. Acertei? Por que não fui informado?

Ouviu-se um murmúrio. A mulher de cabelo castanho falou:

— Isso significa que o Cálice não funciona nele, Lorde Sebastian?

— Significa que não quero o garoto — retrucou Sebastian.

— Nós poderíamos levá-lo para o vale de sal — emendou a mulher de cabelo castanho. — Ou para os montes de Edom, e sacrificá-lo para agradar Asmodeus e Lilith.

— Não — observou Sebastian devagar. — Não, creio que não seria prudente fazer isso a alguém com sangue do povo fada.

Mark cuspiu nele.

Sebastian pareceu assustado. Ele se virou para o pai de Julian:

— Dê um jeito nele — falou. — Se quiser, pode machucá-lo. Não tenho paciência para seu filho mestiço.

O Sr. Blackthorn adiantou-se, segurando uma espada longa. A lâmina já estava manchada de sangue. Mark arregalou os olhos de pavor. A arma foi erguida...

A faca de arremesso deixou a mão de Emma. Voou pela sala e se enterrou no peito de Sebastian Morgenstern.

Sebastian cambaleou para trás e a mão do Sr. Blackthorn, que segurava a espada, caiu ao lado do corpo. Os outros estavam gritando; Mark ficou de pé num salto enquanto Sebastian baixava os olhos para a faca em seu peito, o cabo se projetando do coração. Ele franziu a testa.

— Ai — disse, e retirou a faca. A lâmina estava manchada de sangue, mas Sebastian em si parecia não se incomodar com o ferimento.

Ele jogou a arma longe e ergueu o olhar. Emma sentiu aqueles olhos escuros e vazios em cima dela, como o toque de dedos frios. Sentiu quando ele a mediu de cima a baixo, para avaliá-la, tomar conhecimento de quem ela era e então dispensá-la.

— É uma pena que você não vá viver — falou para ela. — Viver para contar à Clave que Lilith me fortaleceu tremendamente. Talvez a Gloriosa pudesse pôr fim à minha vida. Uma pena para os Nephilim que não haja mais favores que possam pedir aos Céus, e que nenhuma das insignificantes armas de guerra que forjam na Cidadela Adamant possa me ferir agora. — Ele se virou para os outros. — Matem a garota — ordenou, e esfregou com nojo o casaco que agora estava ensanguentado.

Emma viu Mark avançar para as escadas e tentar chegar a ela primeiro, mas o vulto escuro ao lado de Sebastian já estava agarrando o garoto e arrastando-o para trás com as mãos revestidas por luvas pretas; os braços envolveram Mark, prendendo-o, quase como se o protegessem. Mark se debateu e depois desapareceu da vista de Emma quando os Crepusculares irromperam nos degraus.

Emma deu meia-volta e correu. Tinha aprendido a correr nas praias da Califórnia, onde a areia se movia sob os pés a cada passo, portanto era rápida como o vento no piso sólido. Disparou pelo corredor, o cabelo voando, então pulou e desceu alguns degraus, virou para a direita e irrompeu no gabinete. Bateu a porta atrás de si e fechou o trinco antes de se virar para olhar.

O gabinete era um cômodo amplo, com paredes cobertas por enciclopédias. Havia outra biblioteca no último andar também, mas era dali que o Sr. Blackthorn administrava o Instituto. Havia uma escrivaninha de mogno com dois telefones: um branco e um preto. O fone do aparelho preto estava fora do gancho. Julian segurava o fone e gritava para o outro lado da linha:

— Vocês precisam manter o Portal aberto! Não estamos totalmente seguros ainda! Por favor...

A porta atrás de Emma fez um estrondo e ecoou quando os Crepusculares se jogaram contra ela; Julian ergueu os olhos, alarmado, e deixou o fone cair quando viu Emma. Ela retribuiu o olhar, depois desviou os olhos para além dele, em direção à parede leste, que brilhava. No centro, via-se um Portal, uma abertura retangular através da qual Emma podia ver formas prateadas

girando, um caos de nuvens e vento.

Ela cambaleou até Julian, que a segurou pelos ombros. Seus dedos apertavam a pele dela com força, como se o garoto não conseguisse acreditar que ela estava ali ou que era real.

— Emma — sussurrou ele, e então começou a falar mais depressa: — Em, onde está Mark? Onde está meu pai?

Ela balançou a cabeça.

— Eles não conseguem... eu não consegui... — Ela engoliu em seco. — É Sebastian Morgenstern — falou, e piscou quando a porta estremeceu novamente por causa de outro ataque. — Temos que voltar e ir atrás deles... — falou Emma, e deu meia-volta, mas a mão de Julian já estava ao redor do pulso dela.

— O Portal! — gritou ele acima do som do vento e das pancadas na porta. — Ele vai para Idris! A Clave o abriu! Emma... ele vai ficar aberto apenas por alguns segundos!

— E Mark?! — gritou a garota, embora não tivesse ideia do que poderia fazer, de como poderiam lutar e abrir caminho pelos Crepusculares que lotavam o corredor, de como poderiam derrotar Sebastian Morgenstern, que era mais poderoso que qualquer Caçador de Sombras comum. — Nós temos que...

— *Emma!* — gritou Julian, e então a porta foi aberta com força e os Crepusculares tomaram a sala. Emma ouviu a mulher de cabelo castanho gritar para ela, algo sobre como os Nephilim queimariam, como todos queimariam nas fogueiras de Edom, que queimariam, morreriam e seriam destruídos...

Julian correu em direção ao Portal e puxou Emma por uma das mãos; depois de dar uma olhada apavorada para trás, ela permitiu que a puxasse. E se abaixou quando uma flecha passou por eles e estilhaçou uma janela do lado direito. Julian agarrou Emma freneticamente, passando os braços ao seu redor; ela sentia os dedos dele se apertando nas costas da camiseta enquanto se jogavam dentro do Portal e eram engolidos pela tempestade.

Parte 1

Fiz Jorrar o Fogo *Assim, de ti fiz jorrar o fogo que te devorou, e te reduzi à cinza*
sobre a Terra, aos olhos dos observadores. Todos aqueles que te conheciam entre os povos ficaram
estupefatos com o teu destino; acabaste
sendo um objeto de espanto; foste banido para sempre!

— Ezequiel 28:18,19

Parte Dois

Aquele Mundo Invertido

E que toda a terra daí é enxofre, e sal, e está queimando,
que não é semeada, nem fértil, nem tem grama crescendo.

— Deuteronômio 29:23

20

As Serpentes do Pó

Quando Alec e Simon voltaram à caverna central, encontraram Isabelle ainda dormindo, enrolada em uma pilha de cobertores. Jace estava sentado perto do fogo, apoiado nas mãos, o jogo de luz e sombra dançando pelo rosto. Clary estava deitada com a cabeça no colo dele, embora Simon pudesse notar, pelo brilho nos olhos dela enquanto os observava se aproximando, que ela não estava dormindo.

Jace ergueu as sobrancelhas.

— E aí, rolou? Foi bom pra vocês, meninos?

Alec o olhou ameaçadoramente. Estava com o pulso esquerdo virado para dentro, escondendo as marcas de perfuração, apesar de estarem praticamente desbotadas graças ao *iratze* que ele havia colocado no pulso. Não afastara Simon em momento algum, deixou que bebesse seu sangue enquanto quisesse e, como resultado, parecia um pouco pálido.

— Não foi sexy — disse.

— Foi um pouco sexy — retrucou Simon, que estava se sentindo muito melhor após ter se alimentado e não pôde deixar de cutucar Alec um pouquinho.

— Não foi — rebateu Alec.

— Eu senti alguma coisa — provocou Simon.

— Sinta-se livre para se torturar sobre isso quando estiver sozinho — falou Alec, e se abaixou para pegar a alça da mochila. — Vou fazer um turno de vigia.

Clary sentou-se, dando um bocejo.

— Tem certeza? Precisa de um símbolo de reposição sanguínea?

— Já apliquei dois — respondeu Alec. — Vou ficar bem. — Ajeitou-se e olhou para a irmã adormecida. — Apenas cuidem de Isabelle, está bem? — Seu olhar se voltou para Simon. — Principalmente você, vampiro.

Alec saiu pelo corredor, a pedra de luz enfeitiçada projetando sua sombra, longa e esticada contra a parede da caverna. Jace e Clary trocaram um olhar breve antes de Jace se levantar, cambaleante, e seguir Alec pelo túnel. Simon ouvia as vozes deles — murmúrios suaves ressoando nas rochas, embora não conseguisse identificar as palavras.

As palavras de Alec ecoaram em sua mente. *Cuidem de Isabelle*. Pensou em Alec no túnel. *Você é leal, inteligente e... e faz Isabelle feliz. Não sei por quê, mas faz.*

A ideia de fazer Isabelle feliz o encheu de entusiasmo. Simon sentou-se calado ao lado dela — Izzy estava como um gato, encolhida em uma bola de cobertores, a cabeça deitada no próprio

braço. Ele se abaixou gentilmente para deitar ao lado dela. Estava viva graças a ele, e o irmão dela tinha feito o mais próximo que um dia faria de dar a bênção ao namoro dos dois.

Ele ouviu Clary, do outro lado da fogueira, rindo suavemente.

— Boa noite, Simon — disse ela.

Simon sentiu o cabelo de Isabelle macio como seda sob seu rosto.

— Boa noite — respondeu, e fechou os olhos, as veias cheias de sangue Lightwood.

Jace alcançou Alec facilmente; ele estava parado no ponto onde o corredor da caverna se curvava em direção ao portão. As paredes eram lisas, como se tivessem sido desgastadas por anos de água ou vento, e não por cinzéis, embora Jace tivesse certeza de que aquelas passagens eram fruto de mãos humanas.

Alec, que estava apoiado contra a parede da caverna, claramente aguardando por Jace, ergueu sua pedra de luz enfeitiçada.

— Aconteceu alguma coisa?

Jace desacelerou ao se aproximar do *parabatai*.

— Só queria ter certeza de que você estava bem.

Alec deu de ombros.

— Estou, na medida do possível, creio.

— Sinto muito — disse Jace. — Mais uma vez. Eu assumo riscos idiotas. Não consigo evitar.

— Nós permitimos que você faça isso — respondeu Alec. — Às vezes os riscos valem a pena. Permitimos porque precisamos permitir. Porque se não permitíssemos nada nunca seria feito. — Ele esfregou o rosto com a manga rasgada. — Isabelle diria o mesmo.

— Acabamos não concluindo a conversa de antes — lembrou Jace. — Só quero dizer que você não precisa ter sempre razão. Eu pedi para você ser meu *parabatai* porque precisava de você, mas você também pode precisar de mim. Isto — indicou sua Marca de *parabatai* — significa que você é minha metade, a melhor de mim, e eu me importo mais com você do que comigo. Lembre-se disto. Sinto muito por não ter percebido o quanto estava sofrendo. Não enxerguei antes, mas agora enxergo.

Alec ficou completamente parado por um instante, mal respirando. Então, para surpresa de Jace, esticou o braço e afagou o cabelo dele, do jeito que um irmão mais velho faria com o irmão mais novo. Seu sorriso foi cauteloso, porém repleto de afeto.

— Obrigado por me enxergar — falou, e seguiu pelo túnel.

— Clary.

Ela acordou lentamente, despertando de sonhos alegres envolvendo calor e fogo, cheiro de feno e maçãs. No sonho, ela estava na fazenda de Luke, pendurada de cabeça para baixo em um

galho de árvore, rindo enquanto Simon acenava lá de baixo. Lentamente, foi ficando ciente da pedra dura sob seus quadris e suas costas, da cabeça deitada nas pernas de Jace.

— *Clary* — repetiu ele, ainda sussurrando. Simon e Isabelle estavam esparramados, juntos, a alguma distância, um montinho escuro nas sombras. Os olhos de Jace brilhavam para ela, dourados e dançando com a luz refletida do fogo. — Quero um banho.

— Sim, bem, e eu quero um milhão de dólares — disse ela, esfregando os olhos. — Todo mundo quer alguma coisa.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Vamos, pense nisso — falou. — Aquela caverna? A que tem o lago? Poderíamos.

Clary pensou na caverna, na bela água azul, intensa como crepúsculo, e de repente sentiu como se estivesse coberta por uma casca de sujeira — pó, sangue, icor e suor, o cabelo preso em um emaranhado gordurento.

Os olhos de Jace dançaram, e Clary sentiu aquele impulso familiar dentro do peito, aquele mesmo puxão que sentira desde a primeira vez em que o vira. Ela não sabia dizer o instante exato em que se apaixonou por Jace, mas sempre existira alguma coisa nele que a fazia se lembrar de um leão, de um animal selvagem que desconhece regras, a promessa de uma vida de liberdade. Nunca "não posso", mas sempre "eu posso". Sempre o risco e a certeza, nunca o medo ou a dúvida.

Ela se levantou aos trancos, o mais silenciosamente possível.

— Tudo bem.

Ele se levantou instantaneamente, pegando-a pela mão e puxando-a pelo corredor oeste que saía da caverna central. Seguiram em silêncio, a pedra de luz enfeitiçada dela iluminando o caminho, um silêncio que Clary quase teve medo de romper, como se fosse quebrar a calma ilusória de um sonho ou feitiço.

A imensa caverna se abriu diante deles repentinamente, e ela guardou a pedra, apagando a luz. A bioluminescência da caverna era suficiente: luz brilhando das paredes, das estalactites brilhantes que se penduravam do teto como pingentes eletrificados. Facas de luz perfuravam as sombras. Jace soltou a mão dela e caminhou os últimos passos da trilha até a beira da água, onde a areia era fina e macia, brilhando com mica. Ele fez uma pausa a alguns metros da água e falou:

— Obrigado.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Pelo quê?

— Por ontem à noite — disse. — Você me salvou. O fogo celestial teria me matado, eu acho. O que você fez...

— Mesmo assim não podemos contar para os outros — falou ela.

— Não contei ontem, contei? — perguntou ele. Era verdade. Jace e Clary sustentaram a

versão de que Clary simplesmente o ajudara a controlar e a dissipar o fogo, e que nada mais havia mudado.

— Não podemos arriscar revelar, até mesmo através de um olhar ou expressão errados — disse ela. — Você e eu, nós temos alguma prática em esconder coisas de Sebastian, mas eles não. Isso não seria justo com eles. Eu quase gostaria que *a gente* não soubesse...

Ela deixou a frase solta, enervada pela ausência de resposta. Jace olhava para a água, azul e rasa, de costas para ela. Clary deu um passo à frente e o cutucou levemente no ombro.

— Jace — disse. — Se você quiser fazer algo diferente, se acha que devemos seguir outro plano...

Ele virou, e de repente ela estava nos braços dele. Aquilo provocou um choque por todo o corpo dela. As mãos de Jace lhe envolviam os ombros, os dedos acariciavam levemente o tecido da camisa. Clary estremeceu, os pensamentos voaram da cabeça como penas espalhadas pelo vento.

— Quando você se tornou tão cautelosa?

— Não sou cautelosa — respondeu ela, enquanto ele lhe tocava a têmpora com os lábios. O hálito morno remexeu os cachos perto da orelha. — Só não sou você.

Ela o sentiu rir. As mãos dele deslizaram pelas laterais do corpo dela e então a agarraram pela cintura.

— Isso você definitivamente não é. Você é *muito* mais bonita.

— Você deve me amar — comentou ela, a respiração falhando enquanto os lábios dele roçavam provocativamente por sua mandíbula. — Nunca pensei que você fosse admitir que existe alguém mais bonito que você. — Ela se surpreendeu quando a boca de Jace encontrou a sua, os lábios dele se abrindo para sentir o gosto dos dela, daí ela se ofereceu a ele, ao beijo, determinada a recuperar um pouco do controle. Levou os braços ao pescoço dele, entreabrindo a boca para ele, e mordeu gentilmente o lábio inferior de Jace.

Fez mais efeito do que ela esperava; as mãos dele apertaram a cintura dela, e ele gemeu baixinho de encontro à boca de Clary. Um instante depois ele se afastou, vermelho, os olhos brilhando.

— Você está bem? — perguntou ele. — Você quer isto?

Ela assentiu, engolindo em seco. O corpo todo parecia vibrar como uma corda estimulada de um instrumento musical.

— Sim, eu quero. Eu...

— É que fiquei tanto tempo sem poder te tocar de verdade, e agora eu posso — falou ele. — Mas talvez este não seja o lugar...

— É, isto é bem sujo — admitiu ela.

— "Bem sujo" parece um pouco crítico pra situação.

Clary levantou as mãos, as palmas para cima. Tinha sujeira na pele e embaixo da unha. Ela sorriu para ele.

— Estou falando *literalmente* — explicou, e meneou o queixo em direção à água. — Não íamos nos lavar? Na água?

O brilho dos olhos dele escureceu para uma tonalidade âmbar.

— Claro — disse ele, e começou a abrir o zíper do casaco.

Clary quase ganiu *O que você está fazendo?*, mas o que ele estava fazendo era perfeitamente óbvio. Ela dissera "na água", e não era como se pudessem entrar com uniforme de combate. Só que ela não tinha pensado no assunto até esse ponto.

Ele tirou o casaco e a camisa; o colarinho prendeu por um instante, e Clary simplesmente ficou olhando, de repente muito consciente do fato de que estavam sozinhos, e do corpo dele: da pele morena mapeada por Marcas novas e antigas, de uma cicatriz desbotando abaixo da curva do músculo do peitoral esquerdo. Da barriga lisa e definida descendo até os quadris estreitos; ele tinha emagrecido, e o cinto de armas estava frouxo. Das pernas e dos braços, com um charme como os de um dançarino; ele se livrou da camisa e sacudiu os cabelos brilhosos, e Clary pensou, com um súbito frio na barriga, que simplesmente não era possível que ele fosse dela; Jace não era o tipo de pessoa de quem as pessoas comuns costumavam se aproximar, quanto mais tocar, e então ele olhou para ela, as mãos no cinto, e lançou seu familiar sorriso torto.

— Vai ficar de roupa? — perguntou. — Eu poderia prometer não olhar, mas estaria mentindo.

Clary abriu o zíper da jaqueta de combate e a jogou para ele. Jace a pegou e deixou cair sobre a pilha de roupas, sorrindo. Ele afrouxou o cinto e também o jogou no chão.

— Pervertido — disse ela. — Mas ganha pontos pela honestidade.

— Tenho 17 anos; somos todos pervertidos — falou ele, tirando os sapatos e a calça. Estava de cueca samba-canção preta e, para alívio e decepção de Clary, seguiu para a água sem tirar a peça, entrando até a altura do joelho. — Ou, pelo menos, terei 17 daqui a algumas semanas — disse, olhando para trás. — Fiz as contas com as cartas do meu pai e a época da Ascensão. Nasci em janeiro.

Alguma coisa na total normalidade do tom deixou Clary confortável. Ela tirou as botas, depois a camisa e a calça, e foi para a beira da água. Estava fresca, mas não fria, lambendo seus tornozelos.

Jace olhou para ela e sorriu. Então os olhos viajaram do rosto para o corpo, para a calcinha e o sutiã lisos de algodão. Ela gostaria de ter vestido alguma coisa mais bonita, mas não era como se "lingerie chique" fosse um item da lista de coisas a se levar para o reino demoníaco. O sutiã era azul-claro, do tipo bem monótono, vendido em hipermercados, embora Jace estivesse olhando para ele como se fosse alguma coisa exótica e incrível.

De repente ele enrubesceu, desviou o olhar, recuando de modo que a água subiu e o cobriu até os ombros. Ele mergulhou e ressurgiu, menos ruborizado, porém muito mais molhado, os cabelos dourados escurecidos e escorrendo filetes de água.

— É mais fácil se entrar de uma vez só — avisou ele.

Clary respirou fundo e mergulhou, a água cobrindo até a cabeça. E era linda — azul-escura, com fios de prata por causa da luz vinda do alto. O pó das rochas havia se misturado à água, lhe conferindo uma textura pesada e macia. Era fácil boiar; assim que Clary relaxou o corpo, ela voltou à superfície, sacudindo água do cabelo.

Suspirou, aliviada. Não havia sabonete, então ela esfregou as mãos, vendo as partículas de sujeira e sangue derreterem na água. O cabelo flutuava na superfície, vermelho misturado a azul.

Um esguicho de gotículas de água a fez olhar para cima. Jace estava a alguns metros de distância, sacudindo o cabelo.

— Acho que isso faz de mim um ano mais velho que você — disse ele. — Sou papa-anjo.

— Seis meses — corrigiu Clary. — E você é de capricórnio, hum? Teimoso, inconsequente, desrespeita as regras... parece correto.

Jace a pegou pelos quadris e a puxou para si através da água. Era funda o suficiente para que ele ficasse de pé, mas ela não. Clary se segurou nos ombros dele para se manter ereta enquanto ele puxava as pernas dela para sua cintura. Ela olhou de cima para ele, com um calor no estômago, para as linhas molhadas do pescoço, dos ombros e do peito, as gotículas de água como estrelas nos cílios de Jace.

Ele se esticou para cima para beijá-la exatamente quando ela se inclinou para baixo; os lábios se chocaram com uma força que enviou um choque de prazer e dor pelo corpo dela. As mãos de Jace deslizaram pela pele de Clary; ela encaixou a mão na nuca dele, entrelaçando os dedos nos cachos molhados. Ele entreabriu os lábios dela e acariciou-lhe a boca com a língua. Ambos estavam trêmulos, e ela estava ofegante, a respiração se misturando à dele.

Jace esticou uma das mãos para trás, tocando a parede da caverna em busca de firmeza, mas ela estava escorregadia por causa da água e ele deslizou um pouco; Clary interrompeu o beijo enquanto ele recuperava o equilíbrio, sem soltar o braço esquerdo dela, pressionando os corpos um contra o outro. As pupilas dele dilataram, e o coração batia forte de encontro ao dela.

— Isto foi — arfou ele, e pressionou o rosto na junção do pescoço e do ombro de Clary, inspirando como se a estivesse sorvendo. Ele tremia um pouco, embora o aperto no braço dela fosse firme. — Isto foi... intenso.

— Já fazia um tempinho — murmurou ela, tocando o cabelo de Jace gentilmente —, que, você sabe, não podíamos relaxar.

— Não consigo acreditar — disse ele. — Ainda não consigo acreditar que posso te beijar, te tocar, tocar de verdade, sem medo... — Ele lhe deu um beijo no pescoço e ela se sobressaltou; ele

recuou para olhar para ela. A água escorria pelo rosto de Jace como se fossem lágrimas, contornando as bordas proeminentes das maçãs, a curva da mandíbula. — Imprudente — falou ele. — Sabe, quando cheguei ao Instituto pela primeira vez, Alec me chamou de imprudente tantas vezes que fui ao dicionário pesquisar o que era. Não que eu não soubesse o que significava, mas... eu sempre achei um pouco que significasse corajoso. Na verdade significa "alguém que não se importa com as consequências de suas ações".

Clary sofreu pelo pequeno Jace.

— Mas você se importa.

— Talvez não o suficiente. Não o tempo todo. — A voz dele estremeceu. — Por exemplo a forma como te amo. Te amei de maneira imprudente desde que te conheci. Nunca me importei com as consequências. Eu dizia a mim que me importava, dizia que você queria, então tentei, mas jamais consegui. Queria você mais do que queria ser bom. Queria você mais que qualquer outra coisa, que jamais quis. — Os músculos dele estavam rijos, o corpo tremendo de tensão. Ela se inclinou para tocar os lábios de Jace com os próprios, para apagar aquela tensão com um beijo, no entanto ele recuou, mordendo o lábio inferior com força suficiente para deixar a pele branca.

— Clary — falou ele, asperamente. — Espere, apenas... espere.

Clary sentiu-se momentaneamente atordoada. Jace adorava beijar; podia passar horas beijando, e era *bom* nisso. E não estava desinteressado. Estava *muito* interessado. Ela apertou os joelhos em torno dos quadris de Jace e, insegura, perguntou:

— Está tudo bem?

— Preciso contar uma coisa.

— Ah, não. — Ela apoiou a cabeça no ombro dele. — Tudo bem, o que é?

— Lembra quando entramos no reino demoníaco e todo mundo viu alguma coisa? — perguntou. — E eu disse que não vi nada?

— Não precisa me contar o que viu — falou Clary gentilmente. — É assunto seu.

— Preciso — insistiu ele. — Você tem que saber. Vi uma sala com dois tronos, tronos dourado e marfim, e eu enxergava o mundo pela janela, e era feito de cinzas. Era igual a este mundo, mas a destruição era mais recente. As fogueiras ainda ardiam, e o céu estava cheio de criaturas voadoras horríveis. Sebastian estava sentado em um dos tronos, e eu, no outro. Você estava lá, e Alec, Izzy e Max... — Ele engoliu em seco. — Mas estavam todos enjaulados. Uma jaula grande com uma tranca enorme na porta. E eu sabia que os tinha colocado lá e fechado a tranca. Mas não sentia arrependimento. Sentia-me... triunfante. — Ele exalou pesadamente. — Pode me empurrar de desgosto agora. Não tem problema.

Mas é claro que tinha problema; tudo no tom dele — seco e morto, desprovido de esperança — tinha problema. Clary estremeceu nos braços dele; não de horror, mas de pena, e pela tensão de saber quão pouca fé Jace tinha em si, e do quão cuidadosa teria que ser sua resposta a ele.

— O demônio nos mostrou o que ele achava que queríamos — disse ela afinal. — Não o que queremos de fato. Ele errou em algumas coisas; foi assim que conseguimos nos libertar. Quando o encontramos, você já havia conseguido se libertar sozinho. Então aquilo que ele mostrou a você não era seu desejo genuíno. Quando Valentim te criou, ele controlava tudo, nada era seguro, e nada que você amasse estava seguro. Então o demônio olhou para dentro de você e viu isso, aquela fantasia infantil de controlar o mundo totalmente para que nada de mal pudesse acontecer às pessoas que ele ama, e tentou lhe dar isso, mas não era o que você queria, não mesmo. Então você acordou. — Ela tocou a bochecha dele. — Parte de você ainda é aquele garotinho que acha que amar é destruir, mas está aprendendo. Você aprende todos os dias.

Por um instante ele a olhou, espantado, os lábios levemente abertos; Clary sentiu as bochechas corando. Ele a olhava como se ela fosse a primeira estrela a surgir no céu, um milagre no qual ele mal conseguia acreditar.

— Deixe só eu... — disse ele, e parou. — Posso beijá-la?

Em vez de fazer que sim com a cabeça, ela se inclinou para ele, para os lábios se tocarem. Se o primeiro beijo na água foi uma espécie de explosão, este foi como o sol em supernova. Foi um beijo forte, quente, entorpecente, uma mordiscada no lábio inferior de Clary e o choque de línguas e dentes, os dois pressionando o máximo possível para se aproximarem ainda mais. Estavam grudados, pele e tecido, uma mistura do frio da água com o calor dos corpos e o deslizar desprovido de atrito das peles molhadas.

Os braços de Jace a envolveram completamente, e de repente ele estava com ela nos braços, saindo do lago, a água escorrendo de ambos. Ele se ajoelhou na areia, colocando-a o mais gentilmente possível sobre a pilha de roupas amassadas. Ela tentou se ajeitar por um instante e então desistiu, deitando e puxando-o para si, beijando-o furiosamente até ele gemer e sussurrar:

— Clary, não consigo... você precisa me falar... não consigo *pensar*...

Ela passou as mãos nos cabelos dele, afastando-os apenas o bastante para conseguir olhar o rosto de Jace. Ele estava ruborizado, os olhos dilatados de desejo, o cabelo começando a cachear à medida que secava, caindo sobre os olhos. Clary tomou os fios gentilmente entre os dedos.

— Tudo bem — sussurrou ela de volta. — Tudo bem, não precisamos parar. Eu quero. — Ela o beijou, lenta e intensamente. — Eu quero se você quiser.

— Se eu quiser? — Houve uma nota de ferocidade em seu riso baixinho. — Não dá para notar? — E então ele a estava beijando novamente, sugando o lábio inferior, beijando-a no pescoço e na clavícula enquanto ela passava as mãos por todo o corpo dele, livre por saber que podia tocá-lo o quanto quisesse, como quisesse.

Clary sentia como se o estivesse desenhando, as mãos mapeando o corpo, a curvatura das costas, a barriga lisa, os entalhes dos quadris, os músculos nos braços. Era como se, tal como uma pintura, ele estivesse ganhando vida sob suas mãos.

Quando as mãos dele deslizaram sob o sutiã, ela ofegou com a sensação e, quando ele congelou, a dúvida no olhar, ela fez que sim com a cabeça. *Continue*. Ele parava a todo instante; parou antes de tirar cada peça de roupa deles, perguntando com olhares e palavras se deveria continuar, e em todas as vezes ela assentira e dissera *Sim, continue, sim*. E quando finalmente não havia nada além de pele entre eles, as mãos de Clary pararam, e ela pensou que não havia nenhuma forma de estar mais íntima de outra pessoa do que esta, que dar mais um passo seria como abrir seu peito e expor o coração.

Clary sentiu os músculos de Jace flexionando quando ele se esticou para pegar alguma coisa atrás dela, e então ouviu o farfalhar de papel-alumínio. De repente tudo pareceu muito real; ela sentiu uma onda súbita de tensão. Realmente estava acontecendo.

Jace parou. A mão livre acariciava os cabelos dela, os cotovelos enterrados na areia, um de cada lado de Clary, aliviando o próprio peso de cima dela. Jace estava totalmente tenso e trêmulo, as pupilas dilatadas, as íris eram pequenos círculos dourados.

— Algum problema?

Ao ouvir a insegurança na voz dele... ela achou que talvez seu coração estivesse de fato partindo, quebrando em pedaços.

— Não — sussurrou, e o puxou para baixo novamente. Ambos estavam com gosto de sal. — Me beije — pediu, e ele o fez, beijos quentes e lentos que foram acelerando juntamente ao coração de Jace, juntamente aos movimentos dos corpos.

Cada beijo era diferente, cada um mais intenso que o outro, como faíscas numa fogueira crescente: beijos breves e suaves, que diziam que ele a amava; beijos longos e lentos, repletos de idolatria, que diziam que ele confiava nela; beijos leves e brincalhões, que diziam que ele ainda tinha esperança; beijos de adoração que diziam que ele tinha nela uma fé que não tinha em mais ninguém. Clary se perdeu nos beijos, na linguagem deles, no discurso mudo entre os dois. As mãos de Jace estavam tremendo, mas percorriam o corpo de Clary rápida e habilidosamente, toques leves que a enlouqueceram até ela se contorcer de encontro a ele, incentivando-o com o apelo silencioso dos dedos, lábios e mãos.

E mesmo naquele último instante, quando vacilou, ela o estimulou a continuar, se enroscando nele, impedindo-o de se afastar. Clary mantinha os olhos bem abertos enquanto Jace estremecia, o rosto no pescoço dela, repetindo seu nome sem parar, e, quando ela finalmente fechou os olhos, teve a impressão de ver a caverna arder em dourado e branco, envolvendo os dois em fogo celestial, a coisa mais linda que já tinha visto.

Simon ficou vagamente consciente de Clary e Jace se levantando e saindo da caverna, sussurrando um para o outro enquanto caminhavam. *Não são tão sutis quanto pensam*, pensou, meio entretido, mas também condenou um pouco, considerando o que teriam que encarar no dia

seguinte.

— Simon. — Mal foi um sussurro, mas Simon se apoiou no cotovelo e olhou para Isabelle. Ela se deitou de costas para olhar para ele. Os olhos estavam grandes e escuros, as bochechas ruborizadas, o peito apertado de ansiedade.

— Tudo bem? — perguntou ele. — Está febril?

Ela balançou a cabeça e saiu um pouco do casulo de cobertas.

— Só um pouco quente. Quem me enrolou como uma múmia?

— Alec — respondeu Simon. — Quero dizer, talvez... você deva continuar enrolada.

— Prefiro não ficar — respondeu Isabelle, abraçando-o pelos ombros e puxando-o para perto.

— Não posso aquecê-la. Não tenho calor humano. — A voz de Simon soou pequena.

Ela aconchegou a cabeça no ombro dele.

— Acho que já estabelecemos de muitas maneiras que eu sou quente o suficiente pra nós dois.

Sem conseguir se conter, Simon esticou o braço para acariciar as costas dela. Isabelle tinha tirado o uniforme de combate e estava só com a camisa térmica preta, o material espesso e macio sob os dedos dele. Era substancial e real, humana e respirava, e ele agradeceu silenciosamente ao Deus cujo nome ele agora podia pronunciar por ela estar bem.

— Tem mais alguém aqui?

— Jace e Clary escaparam sorrateiramente, e Alec assumiu o primeiro turno de vigilância — disse Simon. — Estamos a sós. Digo, não *a sós*, a sós, digo, eu não faria... — Simon engasgou quando ela rolou para cima dele, prendendo-o ao chão. Isabelle colocou o braço delicadamente sobre o peito dele. — Eu talvez não faria *isto* — avisou ele. — Não que você devesse parar.

— Você salvou minha vida — falou ela.

— Eu não... — Ele parou quando ela semicerrou os olhos. — Sou um salvador corajoso e heroico? — arriscou.

— A-hã. — Ela roçou o queixo no dele.

— Nada de coisas de Lorde Montgomery — alertou ele. — Qualquer um pode aparecer.

— Que tal beijos normais?

— Tudo bem — respondeu, e Isabelle o beijou imediatamente, os lábios quase insuportavelmente macios. Simon enfiou as mãos por baixo da camisa dela, acariciando a espinha, delineando os ombros. Quando ela se desvencilhou, estava com os lábios vermelhos e ele notou o sangue pulsando na garganta dela... O sangue de Isabelle, doce e salgado, e apesar de não estar com fome, ele *queria*...

— Pode me morder — sussurrou ela.

— Não. — Simon se contorceu para trás levemente. — Não... você perdeu muito sangue. Não posso. — Dava para sentir o peito dele se enchendo de ar desnecessário. — Você estava

dormindo quando conversamos a respeito, mas não podemos ficar aqui. Clary colocou símbolos de feitiço nas entradas, mas não vão durar muito, e estamos ficando sem comida. A atmosfera está deixando todo mundo enfraquecido e doente. E Sebastian vai nos encontrar. Temos que ir até ele, amanhã, no Gard. — Ele passou os dedos pelos cabelos macios de Isabelle. — E isso significa que você precisa de toda a sua força.

Ela contraiu os lábios, os olhos alvejando-o.

— Quando viemos da Corte das Fadas para este mundo, o que você viu?

Ele a tocou levemente no rosto, não querendo mentir, mas a verdade — a verdade era dura e desconfortável.

— Iz, não precisamos...

— Eu vi Max — disse ela. — Mas também vi você. Era meu namorado. Morávamos juntos, e toda minha família aceitava você. Posso até tentar me convencer de que não quero que você seja parte da minha vida, mas meu coração sabe que não é verdade — falou. — Você entrou na minha vida, Simon Lewis, e não sei como, nem por quê, e nem mesmo quando aconteceu, e eu meio que odeio isso, mas não consigo mudar, e é isso.

Ele emitiu um pequeno ruído engasgado.

— Isabelle...

— Agora me conte o que viu — falou, e seus olhos brilharam como mica.

Simon colocou as mãos contra o chão de pedra da caverna.

— Eu me vi famoso, um astro do rock — declarou lentamente. — Eu era rico, minha família estava junto, e eu estava com Clary. Ela era minha namorada. — Simon sentiu Isabelle ficar tensa em cima dele, a sentiu começando a rolar para longe, e a segurou pelos braços. — Isabelle, ouça. *Ouça*. Ela era minha namorada, e, quando veio até mim para dizer que me amava, eu falei "Eu também te amo, Isabelle".

Ela o encarou.

— *Isabelle* — repetiu ele. — Quando falei seu nome, despertei da visão. Porque eu sabia que a visão estava errada. Não era aquilo que eu queria.

— Porque você só diz que me ama quando está bêbado ou sonhando? — perguntou ela.

— Meu *timing* é horroroso — explicou Simon. — Mas não significa que não seja verdade. Existem coisas que queremos, por baixo do que sabemos, por baixo até mesmo do que sentimos. Existem coisas que nossas almas desejam, e a minha deseja você.

Ele sentiu Isabelle exalar.

— Diga — pediu ela. — Diga agora que está sóbrio.

— Eu te amo — falou Simon. — Não quero que você diga o mesmo, a não ser que seja verdade, mas eu te amo.

Ela se inclinou em cima dele e tocou as pontas dos dedos dele com as suas.

— Estou falando sério.

Ele se apoiou nos cotovelos enquanto ela se inclinava para baixo, e os lábios se encontraram. Eles se beijaram, longa, suave, doce e gentilmente, e então Isabelle recuou com delicadeza, a respiração ofegante, e Simon disse:

— Então acabou de rolar uma DR?

Isabelle deu de ombros.

— Não faço ideia do que isso signifique.

Simon escondeu o fato de ter ficado muito satisfeito com a declaração dela.

— Somos namorados oficialmente? Existe algum ritual de Caçadores de Sombras? Devo mudar meu status do Facebook de "em um relacionamento complicado" para "em um relacionamento sério"?

Isabelle franziu o nariz de um jeito adorável.

— Humm, mudar status do Facebook? Facebook…? Você tem um livro que também é um rosto?

Simon riu, e Isabelle se inclinou para beijá-lo novamente. Desta vez ele esticou os braços para puxá-la para si, e eles se enroscaram um no outro, envolvidos em cobertores, se beijando e sussurrando. Ele se perdeu no prazer do sabor da boca de Izzy, na curva dos quadris em suas mãos, na pele morna das costas. Esqueceu que estavam em um reino demoníaco, que iriam para a batalha no dia seguinte, que talvez nunca mais voltassem para casa: tudo desbotou e só restou Isabelle.

— POR QUE ISTO NÃO PARA DE ACONTECER? — Fez-se um barulho de vidro se estilhaçando, e ambos sentaram para flagrar Alec encarando-os. Tinha derrubado a garrafa de vinho que estava segurando, e pedacinhos de vidro brilhantes se espalharam por todo o chão da caverna. — POR QUE NÃO PODEM IR PARA OUTRO LUGAR FAZER ESTAS COISAS HORRÍVEIS? AI, MEUS OLHOS.

— É um reino demoníaco, Alec — disse Isabelle. — Não existe outro lugar para *a gente* ir.

— E você disse que eu deveria cuidar dela... — começou Simon, então percebeu que não seria uma linha produtiva de diálogo, daí se calou.

Alec sentou do outro lado da fogueira e olhou para eles.

— E onde estão Jace e Clary?

— Ah — respondeu Simon delicadamente. — Quem pode saber...

— Heterossexuais — declarou Alec. — Por que não conseguem se controlar?

— É um mistério — concordou Simon, e se deitou novamente para dormir.

Jia Penhallow estava sentada à mesa de seu escritório. Parecia tão casual que ela não conseguia evitar imaginar se seria condenável: a Consulesa sentada de maneira irreverente à antiga mesa de

poder. Mas ela estava sozinha no recinto e cansada além de todas as medidas de cansaço.

Segurava o bilhete que tinha recebido de Nova York: uma mensagem de fogo de um feiticeiro, poderosa o suficiente para ultrapassar as barreiras que cercavam a cidade. Reconhecera a letra como sendo de Catarina Loss, mas as palavras não eram de Catarina.

Consulesa Penhallow,

Quem lhe escreve é Maia Roberts, líder temporária do bando de licantropes de Nova York. Entendemos que vocês estão fazendo o possível para trazer Luke e os outros prisioneiros de volta. Agradecemos por isso. Como sinal de nossa boa-fé, gostaria de lhe transmitir um recado. Sebastian e seus soldados vão atacar Alicante amanhã à noite. Por favor, faça o possível para se preparar. Gostaria de estar lá, lutando junto a vocês, mas sei que não é possível. Às vezes só resta alertar, aguardar e torcer. Lembre-se de que a Clave e o Conselho — Caçadores de Sombras e integrantes do Submundo juntos — são a luz do mundo.

Com esperança,

Maia Roberts

Com esperança. Jia dobrou a mensagem novamente e guardou o papel no bolso. Pensou na cidade lá fora, sob o céu noturno, o prateado desbotado das torres demoníacas que em breve ganhariam o tom vermelho da guerra. Pensou no marido e na filha. Pensou nas caixas e caixas que havia recebido há pouco de Theresa Gray, se elevando da terra na Praça do Anjo, cada qual selada com o símbolo espiral do Labirinto. Sentiu uma agitação no coração — um pouco de medo, mas também algum alívio, finalmente a hora estava chegando, finalmente teriam sua chance. Ela sabia que os Caçadores de Sombras de Alicante lutariam até o último homem: com determinação, coragem, obstinação, vingança e glória.

Com esperança.

21

As Chaves da Morte
e do Inferno

— Meu Deus, minha cabeça — disse Alec, enquanto ele e Jace se ajoelhavam ao lado de um cume de pedra que coroava uma colina cinza e coberta por seixos. A pedra lhes oferecia abrigo, e, além dela, utilizando símbolos de Visão de Longo Alcance, eles conseguiam enxergar a fortaleza semidestruída. Ao redor, Caçadores de Sombras malignos se acumulavam como formigas.

Era como um espelho deformado da Colina de Gard de Alicante. A estrutura no topo lembrava o Gard que conheciam, mas com um muro enorme ao redor, a fortaleza fechada como um jardim em um castelo.

— Talvez você não devesse ter bebido tanto ontem à noite — censurou Jace, inclinando-se para a frente e cerrando os olhos.

Ao redor do muro, os Crepusculares se dispunham em círculos concêntricos, um grupo fechado diante dos portões que davam para dentro. Havia grupos menores deles em pontos estratégicos da colina. Alec notava Jace computando os números do inimigo, considerando e descartando estratégias mentalmente.

— Talvez você devesse tentar parecer um pouco menos presunçoso pelo que *você* fez ontem — disse Alec.

Jace quase caiu da pedra.

— Não estou sendo presunçoso. Bem — corrigiu-se —, não mais que o normal.

— Por favor — falou Alec, pegando a estela. — Dá para ler seu rosto como um livro muito aberto e muito pornográfico. Quem dera não desse.

— Esta é sua maneira de me mandar fechar a cara?

— Lembra quando você zombou de mim por eu ter dado uma escapadinha com Magnus e me perguntou se eu tinha batido o pescoço? — perguntou Alec, posicionando a ponta da estela no antebraço e começando a desenhar um *iratze*. — Este é meu troco.

Jace riu e pegou a estela de Alec.

— Dê isto aqui — disse, e finalizou o *iratze* para o amigo, com seu floreio desordenado habitual. Alec sentiu as pontadas da dor de cabeça começando a diminuir, e Jace voltou a atenção para a colina.

— Sabe o que é interessante? — comentou ele. — Vi alguns demônios voadores, mas estão bem longe da Guarda Maligna...

Alec ergueu uma sobrancelha.

— Guarda Maligna?

— Tem um nome melhor? — Jace deu de ombros. — Enfim, estão mantendo distância da Guarda Maligna e da colina. Servem a Sebastian, mas parecem respeitar o espaço dele.

— Bem, não podem estar muito longe — disse Alec. — Chegaram bem depressa ao Salão dos Acordos quando você acionou o alarme.

— Eles poderiam estar *dentro* da fortaleza — ponderou Jace, verbalizando o que ambos estavam pensando.

— Queria que você tivesse conseguido pegar o *skeptron* — falou Alec, a voz resignada. — Tenho a sensação de que ele poderia destruir muitos dos demônios. Se ainda funcionasse, claro, após tantos anos. — Jace ostentava uma expressão esquisita. Alec se apressou em acrescentar: — Não que alguém pudesse ter pegado. Você tentou...

— Não tenho tanta certeza — respondeu Jace, a expressão ao mesmo tempo calculista e distante. — Vamos. Vamos voltar até onde os outros estão.

Não houve tempo para resposta; Jace já estava recuando. Alec o seguiu, engatinhando para trás, saindo do alcance visual da Guarda Maligna. Uma vez que percorreram uma distância segura, eles se levantaram e desceram meio que deslizando pelo declive de seixos, indo para onde os outros aguardavam. Simon estava com Izzy, e Clary segurava seu caderno e uma caneta, desenhando símbolos. A julgar pela maneira como balançava a cabeça, arrancando páginas e amassando-as, ela não estava indo tão bem quanto gostaria.

— Está sujando o chão? — perguntou Jace, enquanto ele e Alec corriam para ficar ao lado dos outros três.

Clary lançou a ele o que provavelmente era para ser um olhar fulminante, mas saiu bem meloso. Jace retribuiu com outro olhar tão meloso quanto. Alec ficou imaginando o que aconteceria se ele fizesse um sacrifício para os deuses do demônio maligno deste mundo em troca de não ficar se lembrando o tempo todo que estava solteiro. E não apenas solteiro. Não sentia *saudade* de Magnus apenas; temia imensamente por ele, com um pavor doloroso profundo e constante que nunca o abandonava por completo.

— Jace, este mundo foi incinerado e reduzido a cinzas, todas as criaturas vivas estão mortas — disse Clary. — Tenho quase certeza de que não sobrou ninguém para reciclar.

— Então, o que vocês viram? — perguntou Isabelle. Ela não estava nem um pouco satisfeita por ter sido deixada para trás enquanto Alec e Jace faziam o reconhecimento da área, mas Alec insistira que ela precisava poupar energia. Ela vinha dando ouvidos a eles com mais frequência, pensou Alec, e Izzy só obedecia às pessoas cujas opiniões respeitava. Isso era bom.

— Aqui. — Jace pegou a estela no bolso e se ajoelhou, tirando o casaco da roupa de combate. Os músculos de suas costas se movimentavam sob a camisa enquanto ele usava a ponta afiada da estela para desenhar na poeira amarelada. — Aqui está a Guarda Maligna. Tem uma entrada, pelo portão do muro externo. Está fechada, mas um símbolo de Abertura deve resolver. A questão é

como chegar ao portão. Os pontos mais protegidos estão aqui, aqui e aqui. — A estela fazia rabiscos rápidos na terra. — Então temos que dar a volta e ir pelos fundos. Se a geografia daqui for como a de Alicante, e parece que é, existe uma trilha natural pela parte de trás da colina. Depois que nos aproximarmos, nos dividimos aqui e aqui. — A estela criava curvas e estampas enquanto Jace desenhava, uma mancha de suor se formando entre os ombros dele. — E tentamos arrebanhar demônios ou Crepusculares para o centro. — Ele se sentou, mordendo o lábio, preocupado. — Consigo abater vários deles, mas vou precisar de ajuda para mantê-los contidos enquanto faço isso. Entenderam o plano?

Todos o encararam durante alguns instantes silenciosos. Então Simon apontou:

— O que é essa coisa trêmula aqui? — perguntou ele. — É uma árvore?

— Estes são os *portões* — respondeu Jace.

— Ahh — disse Isabelle, irônica. — Então o que são as partes curvas? Tem um fosso?

— São linhas de trajetória... Sinceramente, eu sou a única pessoa que já viu um mapa de estratégia? — perguntou Jace, jogando a estela no chão e passando a mão pelo cabelo louro. — Entenderam *alguma coisa* do que acabei de falar?

— Não — respondeu Clary. — Sua estratégia provavelmente é incrível, mas sua capacidade de desenhar é péssima; todos os Crepusculares parecem árvores, e a fortaleza parece um sapo. Tem que haver um jeito melhor de explicar.

Jace agachou e cruzou os braços.

— Bem, eu adoraria ouvir.

— Tenho uma ideia — pronunciou-se Simon. — Lembram de quando eu estava falando sobre o RPG *Dungeons and Dragons*?

— Vividamente — respondeu Jace. — Foi uma época sombria.

Simon o ignorou.

— Todos os Caçadores de Sombras malignos se vestem de vermelho — falou. — E não são muito inteligentes ou dotados de livre-arbítrio. As vontades deles parecem submetidas, pelo menos em parte, às de Sebastian. Certo?

— Certo — respondeu Isabelle, e olhou repreensivamente para Jace.

— Em *Dungeons and Dragons*, meu primeiro passo quando estou enfrentando um exército assim é atrair um grupo, digamos, uns cinco, e pegar as roupas deles.

— Isso é para eles terem que voltar nus para a fortaleza e a vergonha ter um efeito moral negativo? — perguntou Jace. — Porque me parece complicado.

— Tenho certeza de que ele quer dizer que devemos pegar as roupas e vesti-las para nos disfarçarmos — respondeu Clary. — Para podermos passar pelos portões sem sermos notados. Se os outros Crepusculares não estiverem muito atentos, podem não perceber. — Jace olhou para ela, surpreso. Clary deu de ombros. — Acontece em todos os filmes, tipo, de todos os tempos.

— Nós não assistimos a filmes — explicou Alec.

— Acho que a questão é se *Sebastian* assiste — falou Isabelle. — Falando nisso, quando o encontrarmos a estratégia vai ser "confie em mim"?

— Ainda é "confie em mim" — respondeu Jace.

— Ah, ótimo — disse Isabelle. — Por um segundo fiquei preocupada que pudesse haver um plano, de fato, com etapas que pudéssemos seguir. Vocês sabem, alguma coisas que nos tranquilizasse.

— Existe um plano. — Jace guardou a estela no cinto e se levantou em um movimento fluido. — A ideia de Simon para entrarmos na fortaleza. Vamos fazer.

Simon o encarou.

— Sério?

Jace pegou o casaco.

— É uma boa ideia.

— Mas é uma ideia *minha* — disse Simon.

— E foi boa, então vamos executar. Parabéns. Vamos subir a colina do jeito que tracei, depois vamos seguir seu plano quando chegarmos perto do topo. E quando chegarmos... — Ele se voltou para Clary. — Aquela coisa que você fez na Corte Seelie. O jeito como pulou e desenhou o símbolo na parede; consegue fazer de novo?

— Não vejo por que não — respondeu Clary. — Por quê?

Jace começou a sorrir.

Emma estava sentada na cama no quartinho do sótão, cercada de papéis.

Finalmente os tirara da pasta que havia surrupiado do escritório da Consulesa. Estavam espalhados sobre o cobertor, iluminados pela luz do sol que entrava pela pequena janela, embora ela mal conseguisse reunir coragem para tocá-los.

Eram fotos granuladas, tiradas sob um céu claro de Los Angeles, dos corpos de seus pais. Agora dava para entender porque os corpos não haviam sido levados para Idris. Estavam despidos, as peles da cor das cinzas de um incêndio, exceto nos pontos onde estavam marcadas por rabiscos pretos feios, não como Marcas, e sim horrendos. A areia em volta deles parecia molhada, como se tivesse chovido; estavam longe da linha da rebentação. Emma lutava contra o impulso de vomitar enquanto tentava se forçar a absorver as informações: quando os corpos foram encontrados, quando foram identificados e como se desfizeram em pedacinhos quando os Caçadores de Sombras tentaram erguê-los...

— Emma. — Era Helen, na entrada. A luz que entornava pela janela deixava os cabelos dela prateados, como sempre acontecia com Mark. Ela estava mais parecida com ele que nunca; inclusive, o estresse a deixara mais magra, destacando mais claramente as curvas delicadas das

maçãs do rosto, os topos pontiagudos das orelhas. — Onde conseguiu isso?

Emma empinou o queixo desafiadoramente.

— Peguei do escritório da Consulesa.

Helen sentou-se à beira da cama.

— Emma, você precisa devolver isso.

Emma apontou um dedo para os papéis.

— Não vão investigar para descobrir o que aconteceu com meus pais —disse. — Estão falando que foi só um ataque aleatório dos Crepusculares, mas não foi. Sei que não.

— Emma, os Crepusculares e seus aliados não mataram apenas os Caçadores de Sombras do Instituto. Varreram o Conclave de Los Angeles. Faz sentido que tenham ido atrás dos seus pais também.

— Por que não os Transformariam? — questionou Emma. — Precisavam de todos os guerreiros que pudessem conseguir. Quando você diz que varreram o Conclave, não deixaram *corpos*. Transformaram todos.

— Todos exceto os jovens e os muito velhos.

— Bem, meus pais não são uma coisa nem outra.

— Preferia que tivessem sido Transformados? — murmurou Helen, e Emma soube que ela estava pensando no próprio pai.

— Não — respondeu. — Mas você realmente está dizendo que não importa quem os matou? Que eu não deveria nem querer saber *por quê*?

— Por que o quê? — Tiberius estava à porta, os cachos negros desgrenhados caindo nos olhos. Parecia mais jovem que seus 10 anos, uma impressão alimentada pelo fato de sua abelha de pelúcia estar pendurada em uma das mãos. O rosto delicado estava manchado de cansaço. — Onde está Julian?

— Na cozinha pegando comida — respondeu Helen. — Você está com fome?

— Ele está com raiva de mim? — perguntou Ty, olhando para Emma.

— Não, mas sabe que ele se chateia quando você grita com ele, ou quando você se machuca — respondeu Emma cautelosamente. Era difícil saber o que podia assustar Ty ou fazê-lo ter um ataque. Sua experiência dizia que era melhor sempre contar a verdade a ele, sem censura. As mentiras que normalmente se contava a crianças, do tipo "essa vacina não vai doer nada", eram desastrosas quando ditas a Ty.

No dia anterior Julian tinha passado um bom tempo catando vidro quebrado dos pés do irmão e explicado com bastante vigor que se ele voltasse a caminhar sobre vidro quebrado, o fato teria de ser reportado aos adultos e ele teria que enfrentar qualquer castigo que recebesse. Ty respondeu lhe dando um chute, deixando uma pegada sangrenta na camisa de Julian.

— Jules quer que você fique bem — dizia Emma agora. — É só o que ele quer.

Helen esticou os braços para Ty… Emma não a culpou. Ty parecia pequeno e encolhido, e a maneira como se agarrava à abelha a preocupava. Ela também quereria abraçá-lo. Mas ele não gostava de ser tocado por ninguém além de Livvy. Esquivou-se da meia-irmã e foi até a janela. Após um instante, Emma se juntou a ele, com cuidado para lhe dar espaço.

— Sebastian consegue entrar e sair da cidade — disse Ty.

— Sim, mas ele é um só, e não está tão interessado na gente. Além disso, acho que a Clave tem um plano para nos manter em segurança.

— Acho o mesmo — murmurou Ty, olhando pela janela, e depois apontou para alguma coisa. — Só não sei se vai funcionar.

Emma levou um segundo para perceber o que ele indicava. As ruas estavam lotadas, e não de pedestres. Eram Nephilim em uniformes da Guarda, e alguns em uniforme de combate, indo e voltando pelas ruas, carregando martelos, pregos e caixas de objetos que fizeram Emma encarar com surpresa — tesouras, ferraduras, facas, adagas e diversas armas, até mesmo caixas com o que parecia ser terra. Um homem trazia diversos sacos de pano que diziam sal.

Todas as caixas e sacos tinham um símbolo marcado: um espiral. Emma já o tinha visto em seu *Códex*: o sigilo do Labirinto Espiral dos feiticeiros.

— Ferro frio — disse Ty, pensativo. — Forjado, e não aquecido e moldado. Sal e terra de cemitério.

Helen estava com uma expressão, aquele olhar que adultos tinham quando sabiam de alguma coisa, mas não queriam contar o quê. Emma olhou para Ty, quieto e recomposto, os olhos cinzentos sérios mirando as ruas lá de fora. Ao lado dele estava Helen, que havia se levantado da cama, com a expressão ansiosa.

— Encomendaram munição mágica — observou Ty. — Do Labirinto Espiral. Ou talvez tenha sido ideia dos feiticeiros. É difícil saber.

Emma olhou pela janela, depois para Ty, que olhou para ela através de seus longos cílios.

— O que isso quer dizer? — perguntou ela.

Ty emitiu seu raro sorriso inexperiente.

— Significa que o que Mark disse no bilhete era verdade — respondeu.

Clary não se lembrava de ter visto tantas Marcas em si, ou de já ter visto os Lightwood cobertos por tantos símbolos mágicos como agora. Ela mesma tinha feito todos, doando-se ao máximo neles — todo seu desejo de que todos ficassem em segurança, toda vontade de encontrar sua mãe e Luke.

Os braços de Jace pareciam um mapa: símbolos se espalhavam pela clavícula e pelo peito, pelas costas das mãos. A pele de Clary lhe pareceu estranha aos próprios olhos. Lembrou-se de uma vez ter visto um menino que tinha a elaborada musculatura humana tatuada na pele, e de ter

pensado que era como se ele tivesse ficado transparente. Agora ela estava um pouco assim também, pensou enquanto fitava os companheiros que subiam a colina em direção à Guarda Maligna: o mapa da coragem e das esperanças, dos sonhos e desejos, marcados claramente em seus corpos. Caçadores de Sombras nem sempre eram as pessoas mais acessíveis, porém suas peles eram honestas.

Clary havia se coberto de símbolos de cura, mas não eram suficientes para impedir que seus pulmões doessem com a poeira constante. Lembrou-se do que Jace havia falado sobre eles dois sofrendo mais que os outros em função da concentração mais intensa de sangue de anjo. Ela parou para tossir e virou-se de costas, cuspindo uma secreção preta. Passou rapidamente a mão na boca, antes que Jace pudesse virar e ver.

As capacidades artísticas de Jace para desenho podiam ser fracas, mas a estratégia era perfeita. Estavam subindo em uma espécie de formação em ziguezague, correndo de um monte de pedra escurecida para outro. Como não havia mais folhagem, as pedras eram as únicas coberturas que a colina oferecia. A colina basicamente não tinha árvores, só alguns cotocos de troncos mortos aqui e ali. Encontraram apenas um Crepuscular, rapidamente despachado, o sangue ensopando a terra cheia de cinzas. Clary lembrou-se da trilha para a Guarda em Alicante, verde e bela, e olhou com ódio para a destruição ao redor.

O ar estava pesado e quente, como se o sol alaranjado os pressionasse. Clary se juntou aos outros atrás de uma pilha alta de pedras. Tinham enchido as garrafas no lago na caverna naquela manhã, e Alec estava partilhando água com os companheiros, o rosto austero manchado de fuligem.

— Esta é a última — falou, e entregou a garrafa a Isabelle. Ela bebeu um golinho e passou para Simon, que balançou a cabeça, ele não precisava de água, e então a repassou para Clary.

Jace olhou para Clary. Ela conseguia enxergar-se refletida nos olhos dele, parecendo pequena, pálida e suja. Ficou imaginando se parecia diferente a ele depois da noite anterior. Ela quase esperara que ele lhe parecesse diferente quando acordaram na manhã seguinte perto dos restos já frios da fogueira, as mãos dele nas dela. Mas era o mesmo Jace, o Jace que ela sempre amara. E ele olhava para ela como sempre, como se ela fosse um pequeno milagre, do tipo que você guarda perto do coração.

Clary tomou um gole caprichado e passou a garrafa para Jace, que inclinou a cabeça para trás e engoliu. Com um breve fascínio, ela observou os músculos na garganta dele se movimentando, e em seguida desviou o olhar para não corar — tudo bem, talvez algumas coisas *tivessem* mudado, mas aquele realmente não era o momento para pensar nesse assunto.

— Pronto — disse Jace, e jogou fora a garrafa agora vazia. Todos ficaram olhando enquanto ela rolava pelas pedras. *Acabou a água*. — Uma coisa a menos para carregar — acrescentou, tentando soar leve, mas a voz saiu tão seca quanto a poeira que os cercava.

Seus lábios estavam rachados e sangrando levemente apesar dos *iratzes*. Alec tinha olheiras e um tique nervoso na mão esquerda. Os olhos de Isabelle estavam vermelhos por causa da poeira, e ela piscava e os esfregava quando achava que ninguém estava olhando. Todos estavam péssimos, pensou Clary, sendo Simon a possível exceção: ele basicamente parecia o mesmo.

Simon encontrava-se perto do monte de pedras, os dedos apoiados na saliência de uma rocha.

— São túmulos — falou ele subitamente.

Jace levantou o olhar.

— O quê?

— Essas pilhas de pedras. São túmulos. Antigos. As pessoas eram abatidas em combate, e as enterravam cobrindo os corpos com pedras.

— Caçadores de Sombras — disse Alec. — Quem mais morreria na Colina de Gard?

Jace tocou as pedras com a mão coberta por uma luva de couro e franziu o rosto.

— Nós cremamos nossos mortos.

— Talvez não neste mundo — rebateu Isabelle. — As coisas são diferentes. Talvez não tivessem tempo. Talvez fosse o último recur...

— Parem — disse Simon. Estava com um olhar congelado e de intensa concentração. — Tem alguém vindo aí. Alguém humano.

— Como sabe que é humano? — Clary baixou a voz.

— Sangue — respondeu sucintamente. — Sangue de demônio tem um cheiro diferente. São pessoas: Nephilim, mas não.

Jace fez um gesto breve pedindo silêncio, e todos ficaram quietos. Ele pressionou as costas contra o monte de pedras e espiou pelo lado. Clary notou a mandíbula dele enrijecendo.

— Crepusculares — falou, com a voz baixa. — Cinco deles.

— O número perfeito — disse Alec, com um sorriso surpreendentemente cruel. O arco já estava na mão dele antes mesmo que Clary pudesse enxergar o movimento, e ele se afastou para o lado, saindo do abrigo das pedras, e deixou a flecha voar.

Clary percebeu a expressão surpresa de Jace — ele não esperava que Alec fosse fazer o primeiro movimento —, então em seguida ele agarrou uma das pedras do monte e se lançou para cima. Isabelle pulou atrás dele como um gato, e Simon seguiu, veloz e seguro, as mãos vazias. Era como se aquele mundo fosse feito para os que já estavam mortos, pensou Clary, então ouviu um grito longo gorgolejado, o qual foi encurtado abruptamente.

Alcançou Heosphoros, pensou melhor e, em vez disso, pegou uma adaga do cinto de armas antes de correr para o lado do monte de pedras. Havia uma inclinação atrás, a Guarda Maligna erguendo-se sombria e extenuada acima deles. Quatro Caçadores de Sombras vestidos de vermelho olhavam em volta, em choque e surpresa. Um deles, uma mulher loura, estava caída no chão, o corpo apontando para a subida, uma flecha atravessada na garganta.

Isso explica o barulho gorgolejado, pensou Clary, um pouco tonta enquanto Alec preparava o arco novamente e soltava mais uma flecha. Um homem moreno e barrigudo cambaleou para trás, dando um grito, a flecha enfiada na perna; Isabelle chegou nele em um instante, seu chicote cortando-o na garganta. Enquanto o sujeito caía, Jace saltou e terminou de levar o corpo dele ao chão, usando a força da queda para se lançar para a frente. Suas lâminas brilharam com um movimento de tesoura, arrancando a cabeça de um sujeito careca cuja roupa vermelha estava marcada por manchas de sangue seco. Mais sangue jorrou, ensopando o uniforme escarlate com outara camada de vermelho enquanto o corpo decapitado ia ao chão. Ouviu-se um grito, e a mulher que estava atrás dele ergueu uma lâmina curva para atacar Jace; Clary arremessou a adaga para a frente. A arma se enterrou na testa da mulher, que caiu silenciosamente no chão, sem dar mais um grito.

O último dos Crepusculares começou a fugir, tropeçando colina acima. Simon passou por Clary correndo, um movimento rápido demais para ser notado, e pulou como um gato. O Crepuscular caiu com um arfar de pavor, e Clary viu Simon saltando em cima dele e atacando como uma cobra. Fez-se um ruído parecido com papel se rasgando.

Todos desviaram os olhares. Após alguns longos segundos, Simon se levantou do corpo imóvel e desceu a colina em direção ao restante do grupo. Havia sangue na camisa, nas mãos e no rosto. Virou a cabeça para o lado, tossiu e cuspiu, parecendo enjoado.

— Amargo — falou. — O sangue. Tem gosto parecido com o de Sebastian.

Isabelle pareceu nauseada, de um jeito que não tinha ficado nem quando cortara a garganta do Caçador de Sombras maligno.

— Odeio ele — disse ela de repente. — Sebastian. O que fez com eles é pior que assassinato. Nem são mais pessoas. Quando morrerem, não poderão ser enterrados na Cidade do Silêncio. E ninguém vai ficar de luto por eles. Já ficaram. Se eu amasse alguém e esse alguém fosse Transformado assim... ficaria feliz se morresse.

Ela estava arfando; ninguém disse nada. Finalmente Jace olhou para o céu, olhos dourados brilhando naquele rosto sujo de poeira.

— É melhor irmos, o sol já está se pondo, e, além disso, alguém pode ter ouvido nossa movimentação.

Eles tiraram as roupas dos corpos, silenciosa e rapidamente. Havia algo nauseante na tarefa, algo que não tinha soado tão ruim quando Simon descrevera a estratégia, mas que agora parecia terrível. Ela já tinha matado; demônios e Renegados; teria matado Sebastian se tivesse sido capaz de fazê-lo sem ferir Jace. Mas havia algo cruel e carniceiro no ato de despir os corpos de Caçadores de Sombras, mesmo daqueles Marcados com símbolos de morte e Inferno. Clary não conseguiu evitar olhar para o rosto de um dos Caçadores de Sombras mortos, um homem de cabelos castanhos, e imaginar se poderia ser o pai de Julian.

Vestiu o casaco e a calça do uniforme da menor das mulheres, mas continuaram grandes demais. Um rápido trabalho com sua faca encurtou as mangas e bainhas, e o cinto segurou as calças. Não houve muito o que Alec pudesse fazer: acabou pegando o maior casaco, que por sua vez o engolia. As mangas de Simon ficaram muito curtas e apertadas; ele cortou a costura nos ombros para se permitir mais mobilidade. Jace e Isabelle conseguiram roupas que cabiam, apesar de a de Isabelle estar manchada de sangue. Jace ainda conseguiu ficar bonito com o vermelho escuro, o que era muito irritante.

Eles esconderam os corpos atrás do morro de pedras e voltaram a subir a colina. Jace tinha razão, o sol *estava* se pondo, banhando o reino com as cores de fogo e sangue. Ganharam ritmo à medida que foram se aproximando da grande silhueta da Guarda Maligna.

De repente o aclive acabou e o solo ficou plano, e lá estavam eles, em um platô em frente à fortaleza. Era como ver um negativo de fotografia sobrepondo-se a outro. Clary enxergava mentalmente o Gard de seu mundo, a colina coberta por árvores e verde, os jardins cercando a torre de menagem, o brilho da pedra de luz enfeitiçada iluminando todo o local. O sol brilhando durante o dia, e as estrelas à noite.

Ali o topo da colina era nu e varrido por um vento frio o bastante para atravessar o material do casaco roubado de Clary. O horizonte era uma linha vermelha como uma garganta cortada. Tudo era banhado por aquela luz sangrenta, da multidão de Crepusculares que circulavam pelo planalto à Guarda Maligna em si. Agora que estavam próximos, eles podiam ver o muro que cercava a área e os portões robustos.

— É melhor você levantar o capuz — disse Jace por trás dela, puxando-o sobre a cabeça de Clary. — Seu cabelo está reconhecível.

— Para os Crepusculares? — perguntou Simon, que, para Clary, estava muito estranho com uniforme vermelho. Ela *nunca* tinha imaginado Simon com uniforme de combate.

— Para Sebastian — respondeu Jace sucintamente, e puxou o próprio capuz.

Tinham sacado as armas: o chicote de Isabelle brilhava à luz vermelha e o arco de Alec estava em punho. Jace olhava para a Guarda Maligna. Clary quase esperava que ele fosse dizer alguma coisa, que fosse fazer um discurso, marcar a ocasião. Não fez. Ela notava o ângulo agudo das maçãs do rosto de Jace sob o capuz, a firmeza da mandíbula. Ele estava pronto. Todos eles estavam.

— Vamos até os portões — disse ele, e avançou.

Clary sentiu o frio tomar seu corpo — frio de batalha, mantendo a espinha reta e a respiração constante. A terra ali era diferente, percebeu ela, quase distraída. Ao contrário do restante da areia do mundo deserto, tinha sido remexida pela passagem de pés. Um guerreiro trajando vermelho passou por ela, um homem de pele morena, alto e musculoso. Não prestou a menor atenção a eles. Parecia caminhar em um ritmo, assim como vários dos outros Crepusculares, uma

espécie de bando que seguia uma espécie de rota, de um lado a outro. Uma mulher caucasiana com cabelos grisalhos vinha alguns centímetros atrás dele. Clary sentiu seus músculos enrijecerem — *Amatis?* —, porém quando a outra passou mais perto, ficou claro que o rosto não era familiar. Clary teve a impressão de sentir os olhos da mulher neles, todavia, e ficou aliviada quando sumiram de vista.

A Guarda agora se erguia diante deles, os portões imensos e feitos de ferro. Eram marcados por uma estampa de mão empunhando uma arma — um *skeptron* com ponta esférica. Claramente os portões tinham sido submetidos a anos de profanação. As superfícies estavam lascadas e marcadas, manchadas aqui e ali com icor e algo perturbadoramente semelhante a sangue humano seco.

Clary se adiantou para colocar a estela contra os portões, pronta, com um símbolo de Abertura já mentalizado — no entanto, os portões se abriram ao seu toque. Ela lançou um olhar surpreso aos outros. Jace mordia o lábio; ela ergueu uma sobrancelha interrogativa para ele, que apenas deu de ombros como se dissesse: *Vamos continuar. O que mais podemos fazer?*

Então prosseguiram. Após o portão havia uma ponte sobre um barranco estreito. No fundo do abismo, a escuridão turvava, mais espessa que névoa ou fumaça. Isabelle foi a primeira a atravessar, com o chicote, e Alec foi o último da fila, com o arco e a flecha em riste. Enquanto atravessavam a ponte, Clary arriscou um olhar para baixo, para a fenda, e quase caiu de susto — a escuridão tinha membros, longos e curvos, como as patas de uma aranha, e algo similar a olhos amarelos brilhantes.

— *Não* olhe — disse Jace baixinho, e Clary desviou o olhar para o chicote de Isabelle, dourado e brilhando à frente deles. O chicote iluminava a escuridão de modo que, quando chegaram às portas da frente da torre de menagem, Jace conseguiu achar a tranca com facilidade, e então abriu a porta.

Adentraram na escuridão. Todos se entreolharam, uma breve paralisia que nenhum deles conseguiu quebrar. Clary percebeu que estava encarando os outros, tentando memorizá-los; os olhos castanhos de Simon, a curva da clavícula de Jace sob o casaco vermelho, o arco das sobrancelhas de Alec, a carranca preocupada de Isabelle.

Pare, disse ela a si. *Este não é o fim. Você vai vê-los novamente*.

Olhou para trás. Os portões ficavam depois da ponte, escancarados, e além deles estavam os Crepusculares, parados. Clary tinha a sensação de que eles também estavam observando, tudo parado como aquele momento no qual se prende a respiração, que precede a queda.

Agora. Ela deu um passo adiante, para a escuridão; ouviu Jace falar seu nome, muito baixo, quase um sussurro, e então ela atravessou a entrada, e havia luz por todos os lados, cegando em seu surgimento repentino. Clary ouviu o murmúrio dos outros enquanto sentavam-se ao seu lado, e em seguida a torrente fria de ar quando a porta se fechou atrás deles.

Ela ergueu o olhar. Todos estavam em uma enorme entrada, do tamanho do interior do Salão dos Acordos. Uma escadaria dupla imensa em espiral conduzia ao andar de cima, serpenteando e rodando, duas escadas que se entrelaçavam, mas jamais se encontravam. Ambas eram cercadas por corrimãos de pedra, e Sebastian estava apoiado em um dos corrimãos próximos, sorrindo para eles.

Definitivamente, um sorriso cruel: cheio de deleite e expectativa. Estava com uma roupa de combate vermelha impecável, e seu cabelo brilhava como ferro. Balançou a cabeça.

— Clary, Clary — falou. — Realmente achei que você fosse mais esperta que isto.

Clary pigarreou. Parecia congestionada pela poeira e bloqueada pelo medo. A pele formigava como se ela tivesse engolido adrenalina.

— Mais esperta que o quê? — perguntou, e quase se encolheu com o eco da própria voz, saltando das paredes lisas de pedra. Não havia tapeçarias, nem pinturas, nada para suavizar a aspereza.

Embora ela não soubesse o que mais deveria esperar de um mundo demoníaco. Claro que não havia arte.

— Estamos aqui — disse ela. — Dentro da sua fortaleza. Somos cinco e você é um.

— Ah, certo — zombou ele. — Eu deveria parecer surpreso? — Retorceu o rosto num sorriso sarcástico de falso espanto que fez as entranhas de Clary se contraírem. — Quem iria *acreditar*? — falou, debochado. — Digo, se ignorarmos o fato de que obviamente descobri pela Rainha que vocês viriam para cá, mas desde que vocês chegaram, criaram um incêndio imenso, tentaram roubar um artefato que possui proteção demoníaca... digo, fizeram de tudo, exceto colocar uma enorme flecha luminosa apontando diretamente para onde estavam — suspirou. — Eu sempre soube que a maioria de vocês era imensamente burra. Até mesmo Jace, bem, você é bonito, mas não é muito inteligente, é? Talvez se Valentim tivesse tido mais alguns anos com você... mas não, provavelmente nem assim. Os Herondale sempre foram mais notórios pelas belas mandíbulas do que pela inteligência. Sobre os Lightwood, quanto menos tocarmos no assunto, melhor. Gerações de idiotas. Mas Clary...

— Você se esqueceu de mim — disse Simon.

Sebastian arrastou o olhar para Simon, como se ele fosse um horror.

— Você realmente não para de aparecer, como uma ave de mau agouro — disse. — Vampirinho tedioso. Eu matei o vampiro que criou você, sabia? Achei que vampiros sentissem esse tipo de coisas, mas você me parece indiferente. Terrivelmente insensível.

Clary sentiu Simon enrijecer minimamente ao lado dela, lembrou-se dele na caverna, se curvando como se estivesse com dor. Dizendo que tinha a sensação de estarem lhe enfiando uma faca no peito.

— Raphael — sussurrou Simon; Alec ficou muito pálido ao lado dele.

— E quanto aos outros? — perguntou, a voz rouca. — Magnus... Luke...

— Nossa mãe — falou Clary. — Certamente nem mesmo você a machucaria.

O sorriso de Sebastian se tornou irritadiço.

— Ela não é *minha* mãe — disse, e em seguida deu de ombros com uma espécie de exasperação exagerada. — Ela está viva — declarou. — Quanto ao feiticeiro e o lobisomem, não sei. Já faz um tempinho que não verifico. O feiticeiro não parecia muito bem na última vez em que o vi — acrescentou. — Acho que essa dimensão não tem feito bem a ele. Pode estar morto a essa altura. Mas você realmente não pode esperar que eu tivesse previsto *isso*.

Alec levantou o arco em um movimento fluido.

— Preveja isto — falou, e soltou uma flecha.

Voou diretamente para Sebastian, que se movimentou como um raio, agarrando a flecha no ar, os dedos se fechando em volta dela enquanto vibrava em suas garras. Clary ouviu Isabelle respirar fundo subitamente, sentiu a onda de sangue e pavor nas próprias veias.

Sebastian apontou a extremidade afiada da flecha para Alec, como se fosse um professor brandindo uma régua, e emitiu um cacarejo de reprovação.

— Que coisa feia — falou. — Tentando me ferir aqui na minha própria fortaleza, no núcleo do meu poder? Como falei, você é um tolo. Vocês são todos uns tolos. — Fez um gesto repentino, um giro com o pulso, e a flecha se quebrou, o barulho similar ao de um tiro.

As portas duplas das duas extremidades se abriram, e demônios entraram.

Clary já esperava, já tinha se preparado, mas não havia como se preparar de fato para algo assim. Ela já havia visto demônios, grandes quantidades, e mesmo assim, enquanto a enxurrada deles entrava pelos dois lados — criaturas semelhantes a aranhas, com corpos gordos e venenosos; monstros humanoides sem pele, pingando sangue; coisas com presas, dentes e garras, enormes louva-a-deus com mandíbulas que se abriam como se não possuíssem articulações —, a pele de Clary pareceu querer se desgrudar e fugir do corpo. Ela se forçou a ficar parada, a mão em Heosphoros, e olhou para o irmão.

Ele encontrou o olhar dela, sombrio, e ela se lembrou do menino em sua visão, o que tinha olhos verdes como os dela. Viu uma ruga surgir entre os olhos de Sebastian.

Ele levantou a mão; estalou os dedos.

— Parem — disse ele.

Os demônios congelaram no meio da movimentação, ladeando Clary e os outros. Ela ouvia a respiração entrecortada de Jace, o sentia pressionando os dedos na mão que ela mantinha junto às costas. Um sinal silencioso. Os outros estava imóveis, cercando-a.

— Minha irmã — disse Sebastian. — Não a machuquem. Tragam-na para mim. Matem os outros. — Semicerrou os olhos para Jace. — Se conseguirem.

Os demônios avançaram. O colar de Isabelle pulsava como uma luz estroboscópica,

irradiando línguas ardentes em vermelho e dourado, e àquela luz luminosa Clary viu os outros virarem para conter os demônios.

Era a chance dela. Girou e correu para a parede, sentindo a Marca da Agilidade arder em seu braço enquanto se lançava até lá, se apoiava na rocha áspera com a mão esquerda e se impulsionava, batendo a ponta da estela no granito como se fosse um machado golpeando um tronco de árvore. Ela sentiu a pedra tremer: pequenas fissuras apareceram, mas ela continuou severamente, arrastando a estela pela superfície da parede, veloz e determinada. Sentiu vagamente a trituração e a resistência. Tudo parecia ter recuado, mesmo os gritos e golpes da luta, o fedor e o uivo de demônios. Ela só conseguia sentir o poder dos símbolos familiares ecoando enquanto desenhava, desenhava e desenhava...

Alguma coisa a pegou pelo tornozelo e puxou. Um raio de dor subiu por sua perna; Clary olhou para baixo e viu um tentáculo parecido com uma corda enrolado em sua bota, arrastando-a para baixo. Pertencia a um demônio que parecia um papagaio depenado enorme com tentáculos onde deveria haver asas. Clary se agarrou na parede com mais força, movimentando a estela, a rocha tremendo enquanto linhas negras penetravam na pedra.

A pressão no tornozelo aumentou. Com um grito, Clary se soltou, a estela escapando enquanto ela caía, batendo com força no chão. Ela engasgou e rolou para o lado exatamente quando uma flecha passou voando acima de sua cabeça e se enterrou na carne do demônio. Ela levantou o olhar e viu Alec, alcançando outra flecha, exatamente quando os símbolos na parede atrás dela começaram a reluzir como um mapa de fogo celestial. Jace estava ao lado de Alec, a espada na mão, os olhos fixos em Clary.

Ela meneou a cabeça, minimamente. *Vá em frente*.

O demônio que estava segurando a perna de Clary rugiu; o tentáculo diminuiu a pressão, e Clary levantou-se, cambaleando, e ficou de pé. Não tinha conseguido desenhar uma entrada retangular, por isso o portal rabiscado na parede brilhava em um círculo irregular, como a abertura de um túnel. Ela via o brilho do portal naquele fulgor — ondulava como prata coloidal.

Jace passou correndo por ela e se jogou na abertura. Ela conseguiu ver de relance o que havia além — o Salão dos Acordos destruído, a estátua de Jonathan Caçador de Sombras — antes de se lançar para a frente, pressionando a mão ao Portal, mantendo-o aberto para que Sebastian não conseguisse fechá-lo. Jace só precisava de alguns segundos...

Clary ouviu Sebastian atrás de si, gritando em um idioma que ela desconhecia. Havia fedor de demônios por todos os lados; Clary ouviu um sibilo e uma chocalhada e virou, flagrando um Ravener correndo para cima dela, com a cauda de escorpião levantada. Ela se esquivou exatamente quando o demônio sucumbiu em dois pedaços, o chicote metálico de Isabelle cortando a criatura ao meio. A linfa fedorenta inundou o chão; Simon agarrou Clary e a puxou de volta bem no momento em que o Portal inflou com uma luz súbita, incrível e Jace atravessou.

Clary respirou fundo. Jace jamais ficara tão parecido quanto um anjo vingador, emergindo através de névoa e fogo. Seus cabelos claros pareciam queimar enquanto ele aterrissava gentilmente e erguia a arma que empunhava. Era o *skeptron* de Jonathan Caçador de Sombras. A esfera no centro brilhava. Pelo Portal, atrás de Jace, logo antes de aquele se fechar, Clary viu as sombras escuras de demônios voadores, ouviu os gritos de decepção e raiva quando chegaram e notaram que a arma tinha desaparecido e o ladrão estava fora de vista.

Quando Jace ergueu o *skeptron*, os demônios ao redor começaram a recuar. Sebastian estava apoiado no corrimão, as mãos agarradas com força a ele, totalmente brancas. Ele encarava Jace.

— Jonathan — disse ele, e a voz se elevou e se projetou. — Jonathan, eu *proíbo*...

Jace ergueu o *skeptron*, e a esfera ardeu em chamas. Era uma chama brilhante, contida e fria, mais luz que calor, ainda assim, uma luz penetrante que se espalhou por todo o recinto, pintando tudo com seu brilho. Clary viu os demônios se transformando em silhuetas ardentes antes de estremecerem e explodirem em cinzas. Os mais próximos de Jace caíram primeiro, mas a luz passou por eles como uma fissura se abrindo na terra, e um por um gritaram e se dissolveram, deixando uma camada espessa de cinzas escuras no chão.

A luz se intensificou, ardendo mais até Clary fechar os olhos, ainda enxergando a explosão do último brilho através das pálpebras. Quando os abriu novamente, a entrada estava quase vazia. Apenas ela e os companheiros permaneciam. Os demônios tinham ido embora — Sebastian continuava ali, pálido e chocado na escadaria.

— *Não* — resmungou ele através de dentes cerrados.

Jace ainda estava com o *skeptron* na mão; a esfera parecia preta e morta, como uma lâmpada queimada. Olhou para Sebastian, o peito inflando e desinflando rapidamente.

— Achou que não soubéssemos que você estava nos esperando — disse ele. — Mas *contávamos* com isso. — Ele deu um passo à frente. — *Eu conheço você* — continuou, ainda sem fôlego, os cabelos esvoaçados e os olhos dourados ardendo. — Você me possuiu, me controlou, me obrigou a fazer tudo que você queria, *mas aprendi com você*. Esteve na minha cabeça, e eu me lembro. Lembro-me de como pensa, de como planeja. Lembro-me de tudo. Eu sabia que você iria nos subestimar, que acharia que não estávamos imaginando que fosse uma armadilha, acharia que não teríamos nos planejado para isso. Você se esquece de que eu o conheço; até o último canto da sua cabecinha arrogante, eu o conheço...

— Cale *a boca* — sibilou Sebastian. Apontou para eles com a mão trêmula. — Vocês vão pagar por isso com sangue — avisou, e então virou e correu pelas escadas, desaparecendo tão depressa que nem a flecha de Alec que voou atrás dele foi capaz de alcançá-lo. Em vez disso, atingiu a curva da escadaria e se quebrou com o impacto na rocha, caindo no chão em dois pedaços.

— Jace — disse Clary. Tocou o braço dele. Parecia congelado. — Jace, quando ele fala em

pagar com sangue não está se referindo ao nosso. Mas sim ao deles. Luke, Magnus e mamãe. *Temos* que encontrá-los.

— Concordo. — Alec abaixou o arco; a roupa de combate vermelha tinha sido rasgada durante a luta, e a braçadeira estava manchada de sangue. — Cada escada leva a um andar diferente. Vamos ter que nos dividir. Jace, Clary, vocês pegam a escadaria leste; o restante de nós vai para a outra.

Ninguém protestou. Clary sabia que Jace jamais teria concordado em separar-se dela, e Alec não teria deixado a irmã, e Isabelle e Simon não teriam se separado um do outro. Já que precisavam se separar, aquele era o único jeito.

— *Jace* — falou Alec novamente, e desta vez a palavra pareceu despertar Jace de seu estado de devaneio. Ele descartou o *skeptron* morto, o deixou cair no chão e levantou a cabeça, assentindo.

— Certo — falou, e a porta atrás deles se abriu. Caçadores de Sombras malignos em roupas vermelhas começaram a entrar na sala. Jace agarrou o pulso de Clary, e eles correram, Alec e os outros também aceleraram, até chegarem à escadaria e se separarem.

Clary teve a impressão de ter ouvido Simon chamar seu nome enquanto ela e Jace se lançavam para a escadaria leste. Ela virou para procurá-lo, mas ele já tinha sumido. A sala estava cheia de Crepusculares, vários deles elevando armas — flechas, e até mesmo estilingues — para mirar. Ela abaixou a cabeça e continuou correndo.

Jia Penhallow estava na varanda do Gard, observando a cidade de Alicante.

A varanda raramente era usada. Houve um tempo em que o Cônsul frequentemente falava com a população dali, bem acima deles, mas o hábito caiu em desuso no século XIX, quando a Consulesa Fairchild concluiu que aquilo se assemelhava muito ao comportamento de um papa ou de um rei.

O crepúsculo havia chegado, e as luzes de Alicante tinham começado a arder: havia uma pedra de luz enfeitiçada nas janelas de todas as casas e fachadas de lojas, luz enfeitiçada iluminando a estátua na Praça do Anjo, luz enfeitiçada jorrando das construções. Jia respirou fundo, segurando na mão esquerda o bilhete de Maia Roberts que falava sobre esperança enquanto ela se preparava.

As torres demoníacas brilharam em azul, e Jia começou a falar. A voz ecoou de uma torre para a outra, se difundindo pela cidade. Ela viu pessoas parando na rua, cabeças inclinadas para cima para olharem para as torres demoníacas, pessoas presas na entradas de suas casas, ouvindo as palavras que as banhavam feito uma maré.

— Nephilim — disse ela. — Filhos do Anjo, guerreiros, hoje nos preparamos, pois esta noite Sebastian Morgenstern lançará forças contra nós. — O vento que vinha das colinas ao redor de Alicante estava frio; Jia estremeceu. — Sebastian Morgenstern está tentando destruir o que somos

— falou. — Ele trará ao nosso combate guerreiros que usam nossos rostos, mas não são Nephilim. Não podemos hesitar. Quando os encararmos, quando virmos um Crepuscular, não podemos enxergar irmão, mãe, irmã ou esposa, mas uma criatura em sofrimento. Um humano de quem toda a humanidade foi extraída. Somos o que somos porque temos livre-arbítrio. Temos liberdade de escolher. Escolhemos encarar e lutar. Escolhemos derrotar as forças de Sebastian. Eles têm a escuridão; nós temos a força do Anjo. O fogo testa o ouro. Neste fogo seremos testados, e nosso brilho será maior. Conhecem o protocolo; sabem o que fazer. Avante, filhos do Anjo.

"Avante e acendam as luzes da guerra."

22

As Cinzas de Nossos Pais

O som de uma sirene súbita e aguda cortou o ar, e Emma levou um susto, derrubando os papéis no chão. Seu coração estava acelerado.

Através das janelas abertas do quarto, ela conseguia enxergar as torres demoníacas, brilhando em dourado e vermelho. As cores da guerra.

Emma se levantou cambaleando, alcançando suas roupas de combate, que estavam em um cabide perto da cama. Tinha acabado de se vestir e estava se abaixando para amarrar as botas quando a porta de seu quarto se abriu violentamente. Era Julian. Ele derrapou até o meio do quarto antes de conseguir se aprumar. Olhou fixamente para os papéis no chão, e em seguida para Emma.

— Emma... não ouviu o anúncio?

— Eu estava cochilando — disse, enquanto prendia o arreio que mantinha Cortana às costas, enfiando a lâmina na bainha em seguida.

— A cidade está sofrendo um ataque — alertou ele. — Temos que nos dirigir ao Salão dos Acordos. Vão nos trancar lá dentro, todas as crianças, é o lugar mais seguro da cidade.

— Eu não vou — respondeu Emma.

Julian a encarou. Estava vestindo jeans, um casaco do uniforme de combate e tênis; tinha uma espada curta pendurada no cinto. Seus cachos castanho-claros estavam desgrenhados.

— Como assim?

— Não quero me esconder no Salão dos Acordos. Quero lutar.

Julian passou as mãos pelos cabelos embaraçados.

— Se você lutar, eu luto — falou. — E isso quer dizer que ninguém levará Tavvy para o Salão dos Acordos, e ninguém protegerá Livvy, Ty ou Dru.

— E Helen e Aline? — perguntou Emma. — Os Penhallow...

— Helen está nos esperando. Todos os Penhallow estão no Gard, inclusive Aline. Não tem ninguém além de Helen e da gente aqui na casa — disse Julian, estendendo a mão para Emma. — Helen não pode proteger a todos nós sozinha e carregar o bebê; ela é uma só. — Ele a encarou, e Emma notou o medo nos olhos dele, o medo que Julian normalmente escondia dos mais novos.

— Emma. Você é a melhor, a melhor lutadora de todos nós. Não é só minha amiga, e eu não sou só o irmão mais velho deles. Sou o *pai*, ou o mais próximo disso, e eles precisam de mim, e eu de você. — A mão que estava estendida tremia. Os olhos da cor do mar estavam imensos no rosto pálido: ele não parecia pai de ninguém. — Por favor, Emma.

Lentamente, ela esticou o braço e pegou a mão dele, entrelaçando os dedos aos dele. Emma o viu soltar uma respiração mínima de alívio, e sentiu o peito apertar. Atrás dele, pela porta aberta, podia vê-los: Tavvy e Dru, Livia e Tiberius. Responsabilidade dela.

— Vamos — disse Emma.

No alto da escadaria Jace soltou a mão de Clary. Ela agarrou o corrimão, tentando não tossir, apesar de seus pulmões estivessem parecendo querer rasgar o peito para sair. Ele olhou para ela — *O que houve?* —, mas daí enrijeceu. Logo atrás, o barulho de pés correndo. Os Crepusculares estavam no encalço deles.

— Vamos — disse Jace, e começou a correr de novo.

Clary se obrigou a segui-lo. Jace parecia saber para onde estava indo, sem hesitar; ela supunha que ele estivesse utilizando o mapa mental do Gard em Alicante, penetrando o centro da torre.

Dobraram em um longo corredor, onde Jace parou, diante de um par de portas metálicas. Estavam marcadas por símbolos desconhecidos. Clary esperava símbolos de morte, que falassem de Inferno e escuridão, mas aqueles eram símbolos de tristeza e luto por um mundo destruído. Quem os teria feito ali?, se perguntou ela, e em que tipo de luto? Ela já tinha visto símbolos de luto em outras ocasiões. Caçadores de Sombras os vestiam como medalhas quando alguém que amavam morria, apesar de não fazerem nada para diminuir o sofrimento. Mas existe uma diferença entre luto por uma pessoa e luto por um mundo.

Jace virou a cabeça e beijou Clary na boca, breve e intensamente.

— Está pronta?

Ela assentiu, e ele abriu a porta e entrou. Ela o seguiu.

A sala além era tão grande quanto a sala do Conselho no Gard de Alicante, quiçá maior. O teto se erguia alto acima deles, e em vez de haver uma fileiras de assentos, um piso amplo de mármore se estendia até um palanque no fim da sala. Atrás dele havia duas janelas enormes separadas. A luz do pôr do sol as atravessava, embora um deles fosse um pôr do sol dourado, e o outro, cor de sangue.

Sebastian estava ajoelhado ao centro, sob a luz dourada sangrenta. Estava marcando símbolos no chão, o círculo de sigilos sóbrios que se conectavam. Ao perceber o que seu irmão estava fazendo, Clary avançou até ele — e em seguida se esquivou com um grito enquanto a forma cinzenta enorme se ergueu diante dela.

Parecia uma larva enorme, e o único buraco naquele corpo cinza e escorregadio era a boca cheia de dentes afiados. Clary reconheceu. Já tinha visto um daqueles em Alicante, rolando o corpo sobre uma pilha de sangue, vidro e glacê. Um demônio Behemoth.

Ela alcançou a adaga, mas Jace já estava saltando para o bicho, a espada empunhada. Ele voou e aterrissou nas costas do demônio, apunhalando-o na cabeça sem olhos. Clary recuou enquanto

o Behemoth se debatia, esguichando um icor pungente, um grito alto e uivante saindo da garganta aberta. Jace continuou agarrado às costas da criatura, o icor esguichando nele enquanto golpeava sem parar até o demônio sucumbir ruidosamente ao chão, com um grito gorgolejante. Jace continuou firme, montado na criatura, até o último momento. Rolou de cima do monstro e caiu de pé no chão.

Por um instante, fez-se silêncio. Jace olhou em volta como se esperando a vinda de outro demônio das sombras e um novo ataque, mas nada aconteceu, apenas o movimento de Sebastian, que havia se levantado no centro de seu círculo de símbolos agora completo.

Ele começou a bater palmas lentamente.

— Belo trabalho — falou. — Excelente despacho de demônio. Aposto que papai lhe daria uma estrelinha dourada. Agora. Vamos pular as gentilezas? Você reconhece onde estamos, não reconhece?

Os olhos de Jace percorreram o recinto, e Clary seguiu o olhar dele. A luz externa havia diminuído um pouco e agora dava para ver o palanque com mais clareza. Nele, havia dois enormes... bem, a única palavra para eles era "tronos". Eram de marfim e ouro, com degraus dourados ao redor. Cada um tinha um encosto curvo marcado por uma única chave.

— "*Sou aquele que vive e estava morto*" — disse Sebastian —, "*e veja, estou vivo para sempre, e detenho as chaves do inferno e da morte.*" — Fez um gesto de varredura em direção aos tronos, e Clary percebeu com um susto repentino que havia alguém ajoelhado ao lado do trono da esquerda, uma Caçadora de Sombras maligna com uniforme vermelho. Uma mulher de joelhos, com as mãos fechadas diante de si. — Estas são as chaves, feitas em formato de tronos e entregues a mim pelos demônios que controlam este mundo, Lilith e Asmodeus.

Seus olhos escuros se dirigiram a Clary, e ela sentiu aquele olhar como dedos frios subindo por sua espinha.

— Não sei por que está me mostrando isso — declarou ela. — O que espera? Admiração? Não vai ter. Pode me ameaçar se quiser; sabe que não ligo. Não pode ameaçar Jace, ele tem o fogo celestial nas veias; não pode feri-lo.

— Não posso? Quem sabe quanto fogo celestial ainda resta nas veias dele depois da exibição de fogos que ele fez naquela noite? Aquela mulher-demônio o pegou de jeito, não foi, maninho? Eu sabia que você jamais suportaria saber daquilo, que matou sua própria espécie.

— Você me forçou a cometer assassinato — rebateu Jace. — Não era minha mão empunhando a faca que matou Irmã Magdalena; era a sua.

— Se prefere que seja assim. — O sorriso de Sebastian ficou frio. — Independentemente, existem outros que posso ameaçar. Amatis, levante-se, e traga Jocelyn aqui.

Clary sentiu pequenas adagas de gelo nas veias; tentou impedir que o rosto demonstrasse qualquer expressão enquanto a mulher ajoelhada perto do trono se levantava. Era Amatis, de

fato, com seus olhos azuis desconcertantes como os de Luke. Ela sorriu.

— Com prazer — disse, e se retirou, a bainha do longo casaco vermelho se arrastando atrás.

Jace deu um passo para a frente com um rugido desarticulado — e parou no caminho, a muitos centímetros de Sebastian. Estendeu as mãos, mas elas pareceram atingir algo transparente, uma parede invisível.

Sebastian riu.

— Como se eu fosse deixá-lo chegar perto de mim... você, com o fogo que arde em você. Uma vez foi suficiente, muito obrigado.

— Então você sabe que posso matá-lo — respondeu Jace, olhando para ele, e Clary não conseguiu evitar pensar no quanto eram parecidos, e no quanto eram diferentes: como gelo e fogo, Sebastian todo preto e branco, e Jace ardendo em vermelho e dourado. — Não pode se esconder aí para sempre. Vai morrer de fome.

Sebastian fez um gesto breve com os dedos, de um jeito que Clary já tinha visto Magnus gesticular quando fazia algum feitiço — e Jace voou para cima e então para trás, e bateu na parede atrás deles. Ela arfou quando deu meia-volta para vê-lo caído no chão, com um corte sangrando na lateral da cabeça.

Sebastian cantarolou em deleite e abaixou a mão.

— Não se preocupe — disse em tom de conversa, e voltou o olhar para Clary. — Ele vai ficar bem. Em algum momento. Se eu não mudar de ideia quanto ao que fazer com ele. Tenho certeza de que você entende, agora que viu do que sou capaz.

Clary continuou parada. Sabia o quanto era importante manter o rosto inexpressivo, não olhar para Jace em pânico, não demonstrar a Sebastian sua raiva e seu medo. No fundo do coração, ela sabia o que ele queria, melhor que ninguém; sabia *como* ele era, e esta era sua melhor arma.

Bem, talvez a segunda melhor.

— Eu sempre soube que você possuía poder — falou, deliberadamente sem olhar para Jace, sem analisar sua imobilidade, o rastro espesso de sangue que escorria pela lateral do rosto. Isto sempre iria acontecer; sempre seria ela encarando Sebastian e mais ninguém, nem mesmo Jace, ao seu lado.

— *Poder* — ecoou ele, como se fosse uma ofensa. — É assim que você chama? Aqui eu tenho mais que poder, Clary. Aqui eu posso moldar o que é real. — Ele começou a caminhar pelo círculo que havia desenhado, as mãos entrelaçadas casualmente junto às costas, como um professor dando uma palestra. — Este mundo é ligado ao mundo onde nascemos apenas pelos fios mais tênues. A estrada por Faerie é um dos fios. Estas janelas são outro. Atravesse aquela ali. — Apontou para a janela da direita, pela qual Clary via o céu crepuscular azul-escuro, e as estrelas. — E voltará a Idris. Mas não é tão simples. — Ele olhou para as estrelas lá fora. — Vim

para este mundo porque era um esconderijo. E então comecei a perceber. Tenho certeza de que nosso pai disse estas palavras para você muitas vezes — falou para Jace, como se Jace pudesse ouvi-lo —, mas é melhor governar no Inferno do que servir no Céu. E estou aqui para governar. Tenho meus Malignos e meus demônios. Tenho minha torre e minha cidadela. E quando as fronteiras deste mundo forem seladas, tudo aqui será minha arma. Rochas, árvores mortas, o próprio chão virá às minhas mãos e entregará a mim seu poder. E os Grandes, os antigos demônios, vão olhar para minha obra e me recompensarão. Vão me elevar em glória, e eu governarei os abismos entre os mundos e os espaços entre todas as estrelas.

— "*E ele os governará com um bastão de ferro*" — disse Clary, lembrando-se das palavras de Alec no Salão dos Acordos —, "*e a ele darei a Estrela da Manhã*."

Sebastian se virou para ela, os olhos iluminados.

— Sim! — falou. — Sim, muito bem, agora você está entendendo. Eu pensei que eu quisesse o nosso mundo, que quisesse derrotá-lo em um banho de sangue, porém quero mais que isso. Quero o legado do nome Morgenstern.

— Quer ser o demônio? — questionou Clary, meio espantada, meio apavorada. — Quer governar o Inferno? — Ela abriu as mãos. — Vá em frente, então — falou. — Nenhum de nós vai impedi-lo. Deixe-nos ir para casa, prometa que deixará nosso mundo em paz, e pode *ficar* com o Inferno.

— Ai de mim — disse Sebastian. — Pois descobri outra coisa que talvez me destaque de Lúcifer. Não quero governar sozinho. — Estendeu o braço, um gesto elegante, e apontou para os dois grandes tronos no palanque. — Um deles é meu. E o outro... o outro é para você.

As ruas de Alicante serpenteavam e se curvavam entre elas como as correntes de um oceano; se Emma não estivesse seguindo Helen, que carregava uma pedra de luz enfeitiçada em uma das mãos e o arco na outra, estaria completamente perdida.

Os resquícios do sol desapareciam do céu, e as ruas estavam escuras. Julian carregava Tavvy, o bebê agarrado ao pescoço dele; Emma segurava Dru pela mão, e os gêmeos estavam juntos, em silêncio.

Dru não era rápida e ficava tropeçando; caiu diversas vezes, e Emma tinha que ficar colocando-a de pé. Jules gritou para que Emma tivesse cuidado, e ela *estava* tentando ter cuidado. Não conseguia imaginar como Julian fazia, segurando Tavvy com tanto cuidado, murmurando tão reconfortantemente que o menininho sequer chorava. Dru soluçava silenciosamente; Emma limpou as lágrimas das bochechas da menina enquanto a ajudava a se levantar pela quarta vez, murmurando palavras de conforto que não faziam o menor sentido do mesmo jeito que sua mãe outrora fazia quando ela tropeçava e caía.

Emma nunca havia sentido uma saudade tão agonizante dos pais quanto agora; era como ter

uma faca sob as costelas.

— Dru — começou, e em seguida o céu se acendeu em vermelho. As torres demoníacas brilharam puramente na cor escarlate, todo o ouro de alerta desaparecido.

— Os muros da cidade se romperam — disse Helen, olhando para o Gard. Emma sabia que ela estava pensando em Aline. O brilho vermelho das torres deixava seus cabelos claros com a cor do sangue. — Vamos... depressa.

Emma não tinha certeza se *conseguiam* ir mais depressa; segurou o pulso de Drusilla com mais força e puxou a garotinha, quase a arrancando do chão, murmurando pedidos de desculpas enquanto se apressava. Os gêmeos, de mãos dadas, aceleraram, mesmo enquanto corriam por uma escadaria em direção à Praça do Anjo, liderados por Helen.

Estavam quase no topo quando Julian engasgou:

— Helen, atrás da gente!

E Emma virou e flagrou um cavaleiro fada em armadura branca se aproximando da base da escadaria. Ele trazia um arco feito de um galho curvo, e tinha cabelos longos da cor de casca de árvore.

Por um instante, os olhos dele encontraram os de Helen. A expressão em seu rosto mudou, e Emma não conseguiu evitar imaginar se ele estaria reconhecendo o Povo das Fadas em seu sangue. E então Helen ergueu o braço direito e atirou nele com a besta.

Ele girou, se esquivando. A flecha atingiu a parede atrás dele. O fada riu, e saltou o primeiro degrau, em seguida o segundo — daí gritou. Emma ficou observando, em choque, enquanto as pernas dele se curvaram; ele caiu e uivou quando sua pele entrou em contato com a borda do degrau. Pela primeira vez, Emma notou que havia saca-rolhas, pregos e outros pedaços de ferro forjado frio afixados às bordas dos degraus. O guerreiro fada recuou e Helen atirou novamente. A flecha atravessou a armadura e o perfurou no peito. Ele caiu.

— Eles deixaram tudo *à prova de fadas* — disse Emma, lembrando-se de ter olhado pela janela com Ty e Helen na casa dos Penhallow. — Todo o metal, o ferro. — Apontou para um prédio próximo, onde havia uma longa fileira de tesouras penduradas por cordas na borda do telhado. — Era isso que os guardas estavam fazendo...

De repente Dru gritou. Outra figura corria pela rua. Uma segunda fada guerreira, uma mulher com armadura verde-clara, empunhando um escudo de folhas sobrepostas entalhadas.

Emma sacou uma faca do cinto e atirou. Instintivamente, a fada levantou o escudo para bloquear a lâmina, que voou por cima de sua cabeça e cortou a corda que prendia um par de tesouras do telhado acima. A tesoura caiu, a lâmina para baixo, e se alojou entre os ombros da fada. Ela caiu no chão com um grito, o corpo em espasmos.

— Bom trabalho, Emma — disse Helen com a voz firme. — Vamos, todos vocês...

Ela parou e deu um grito quando três Crepusculares surgiram de uma rua lateral. Trajavam a

roupa vermelha de combate que tanto aparecia nos pesadelos de Emma, tingidas por um vermelho ainda mais forte pelas torres demoníacas.

As crianças estavam silenciosas como espectros. Helen ergueu a besta e atirou uma flecha. Atingiu um dos Crepusculares no ombro, e ele girou, cambaleando, mas não caiu. Ela procurou uma flecha para recarregar o arco; Julian se esforçava para segurar Tavvy enquanto alcançava a lâmina na lateral. Emma pôs a mão em Cortana...

Um círculo giratório de luz cortou o ar e se enterrou na garganta do primeiro Crepuscular, o sangue esguichando na parede atrás. Ele levou a mão à garganta e caiu. Mais dois círculos voaram, um após o outro, e cortaram os peitos dos outros Crepusculares. Eles sucumbiram silenciosamente, mais sangue se espalhando em uma piscina sobre os paralelepípedos.

Emma girou e olhou para cima. Havia alguém no topo da escadaria: um jovem Caçador de Sombras com cabelos escuros, um *chakram* brilhante na mão direita. Tinha vários outros presos ao cinto de armas. Ele parecia brilhar sob a luz vermelha das torres demoníacas — uma figura esguia com roupa de combate escura de encontro ao negrume da noite, o Salão dos Acordos se erguendo como uma lua clara atrás dele.

— *Irmão Zachariah*? — disse Helen, impressionada.

— O que está acontecendo? — perguntou Magnus, com a voz rouca. Não conseguia mais sentar, e por isso estava deitado, semiapoiado nos cotovelos, no chão da cela. Luke estava aos seus pés, o rosto pressionado contra a janela estreita. Estava com os ombros tensos, e mal tinha se mexido desde que os primeiros berros e gritos começaram.

— Luz — respondeu Luke afinal. — Tem alguma espécie de luz jorrando da torre, está afastando a bruma. Dá para ver o planalto abaixo, e alguns dos Crepusculares correndo em volta. Só não sei o que provocou isso.

Magnus riu quase silenciosamente, e sentiu gosto de metal na boca.

— Ora — falou. — Quem você acha que causou?

Luke olhou para ele.

— A Clave?

— A *Clave*? — respondeu Magnus. — Detesto ter que dar essa notícia, mas eles não se importam o suficiente conosco para virem até aqui. — Ele inclinou a cabeça para trás. Não se lembrava de nenhum momento no qual se sentira pior... bem, talvez não. Houve um incidente com ratos e areia movediça na virada do século. — Sua filha, no entanto — disse ele. — Ela se importa.

Luke pareceu horrorizado.

— Clary. Não. Ela não devia estar aqui.

— Ela não vive aparecendo onde não deve? — argumentou Magnus, com um tom moderado.

Pelo menos, ele pensou ter soado moderado. Era difícil saber quando se sentia tão tonto. — E o restante deles. Os companheiros constantes. Meu...

A porta se abriu. Magnus tentou sentar, não conseguiu, e caiu novamente sobre os cotovelos. Sentiu um desgosto estúpido. Caso Sebastian tivesse vindo matá-los, ele preferia morrer de pé a estar apoiado sobre os cotovelos. Ouviu vozes: Luke, exclamando, e em seguida outras vozes, e então um rosto surgiu, pairando sobre o dele, olhos como estrelas em um céu claro.

Magnus exalou — por um instante parou de se sentir doente, temeroso, moribundo, ou sequer desgostoso ou amargo. Foi varrido por uma sensação de alívio, tão profunda quanto a tristeza, e esticou o braço para tocar a bochecha do menino que se inclinava para ele. Os olhos de Alec estavam enormes, azuis e cheios de angústia.

— Ah, meu Alec — disse. — Você tem estado tão triste. Eu não sabia.

Enquanto abriam caminho mais para o centro da cidade, a multidão crescia: mais Nephilim, mais Crepusculares, mais guerreiros fada — apesar de as fadas estarem se movimentando como lesmas, dolorosamente, muitas enfraquecidas pelo contato com o ferro, o aço, a madeira de sorveira e o sal que tinham sido espalhados pela cidade como proteção contra elas. A força dos soldados fada era lendária, mas Emma vira muitos deles — que do contrário poderiam ter saído vitoriosos — caírem sob as espadas dos Nephilim, o sangue correndo pelas pedras brancas da Praça do Anjo.

Os Crepusculares, no entanto, não se enfraqueceram. Pareciam despreocupados com os problemas dos companheiros fada, golpeando e abrindo caminho violentamente pela Praça do Anjo repleta de Nephilim. Julian estava com Tavvy preso dentro do zíper do casaco; agora o menininho se esgoelava, os berros perdidos entre os gritos de batalha.

— *Temos que parar!* — gritou Julian. — *Vamos acabar nos separando! Helen!*

Helen estava pálida e parecia doente. Quanto mais se aproximavam do Salão dos Acordos, agora se assomando sobre eles, mais fortes ficavam os feitiços de proteção contra fadas; mesmo Helen, com sua herança parcial, estava começando a sentir. Foi o Irmão Zachariah — só Zachariah agora, Emma lembrou a si, só um Caçador de Sombras, como eles — que tomou a iniciativa de organizá-los em uma fila, os Blackthorn e os Carstairs, todos de mãos dadas. Emma segurou no cinto de Julian, considerando que a outra mão estava apoiando Tavvy. Mesmo Ty foi obrigado a segurar a mão de Drusilla, apesar de ter feito uma careta para ela no processo, fazendo-a chorar outra vez.

Foram até o Salão, juntos, Zachariah na frente; ele tinha ficado sem lâminas para arremesso e havia sacado uma lança de lâmina longa. Varreu a multidão com a arma enquanto atravessavam, abrindo caminho de forma fria e eficiente entre os Crepusculares.

Emma estava desesperada para pegar Cortana, correr e golpear os inimigos que tinham

matado seus pais, que haviam torturado e Transformado o pai de Julian, que levaram Mark para longe deles. Mas isso significaria largar Julian e Livvy, e isso ela não faria. Devia muito aos Blackthorn, principalmente a Jules, que a mantivera viva, que lhe dera Cortana quando ela pensava que fosse morrer de dor.

Finalmente chegaram aos degraus da frente do Salão e subiram atrás de Helen e Zachariah, chegando às enormes portas duplas da entrada. Havia um guarda de cada lado, um empunhando uma enorme barra de madeira. Emma reconheceu um deles: a mulher da tatuagem de carpa que às vezes falava em reuniões: Diana Wrayburn.

— Estamos prestes a fechar as portas — disse o guarda que segurava a barra de madeira. — Vocês dois: vão ter que deixá-los aí; só crianças podem entrar...

— Helen — falou Dru, com a voz trêmula. Então a fila se desfez, com as crianças Blackthorn correndo para Helen; Julian um pouco de lado, o rosto inexpressivo e pálido, a mão livre acariciando os cachos de Tavvy.

— Tudo bem — disse Helen, com a voz embargada. — Este é o lugar mais seguro de Alicante. Vejam, tem sal e terra de cemitério por todos os lados para manter as fadas longe.

— E ferro frio sob as pedras — acrescentou Diana. — As instruções do Labirinto Espiral foram seguidas à risca.

Ao ouvir a menção sobre o Labirinto Espiral, Zachariah respirou fundo e se ajoelhou, encarando os olhos de Emma.

— Emma Cordelia Carstairs — falou. Parecia ao mesmo tempo muito jovem, e muito velho. Tinha sangue na garganta onde seu símbolo desbotado se destacava, mas não era dele. Zachariah parecia examinar o rosto de Emma, mas ela não sabia por quê. — Fique com seu *parabatai* — falou ele afinal, tão baixinho que mais ninguém conseguiu escutar. — Às vezes é mais corajoso não lutar. Protegê-los, e guardar a vingança para outro dia.

Emma sentiu os olhos arregalarem.

— Mas eu não tenho um *parabatai*... e como você...

Um dos guardas deu um berro e caiu, uma flecha vermelha enfiada no peito.

— *Entrem!* — gritou Diana, pegando as crianças e praticamente jogando-as para dentro do Salão. Emma sentiu alguém lhe agarrar e lhe jogar para dentro; ela girou para dar mais uma olhada em Zachariah e em Helen, porém era tarde demais. As portas duplas já tinham se fechado atrás dela, a enorme tranca de madeira caindo no lugar com um som derradeiro ecoante.

— Não — disse Clary, olhando do trono apavorante para Sebastian, e novamente para o trono. *Esvazie a mente*, dizia ela a si. *Atenção em Sebastian, no que está acontecendo aqui, no que você pode fazer para contê-lo. Não pense em Jace.* — Você já deve saber que não vou ficar aqui. Talvez você prefira governar o Inferno a servir ao Céu, mas eu não quero nem uma coisa nem outra: só

quero ir para casa e viver minha vida.

— Isso não é possível. Já fechei a entrada que a trouxe até aqui. Ninguém mais pode voltar por ela. Tudo que resta é isto, aqui. — Ele apontou para a janela. — E em pouco tempo isso também será fechado. Não vai ter volta para casa, não para você. Seu lugar é aqui, comigo.

— Por quê? — sussurrou ela. — Por que eu?

— Porque eu te amo — respondeu Sebastian. E pareceu... desconfortável. Tenso e esgotado, como se estivesse tentando alcançar algo intocável. — Não quero que você se machuque.

— Você não... você *me machucou*. Tentou...

— Não faz diferença se for *eu* a machucá-la — interrompeu ele. — Porque você me pertence. Eu posso fazer o que quiser com você. Mas não quero outras pessoas lhe tocando, lhe possuindo, ou machucando. Quero que você esteja por perto, para me admirar e ver o que fiz, o que conquistei. Isso é amor, não é?

— Não — respondeu Clary, com a voz suave, triste. — Não é. — Ela deu um passo em direção a ele e a bota bateu contra o campo de força invisível do círculo de símbolos. Ela não conseguia ir além. — Se você ama alguém, quer que a pessoa o ame de volta.

Sebastian semicerrou os olhos.

— Não tente me amparar. Sei o que você pensa que é o amor, Clarissa; acho que está errada. Você vai ascender ao trono e reinar ao meu lado. Você tem um coração sombrio, e esta é uma escuridão que compartilhamos. Quando eu for tudo que existe em seu mundo, quando eu for tudo que restar, você *vai* me amar de volta.

— Não entendo...

— Não imagino que entenda — riu Sebastian. — Você ainda não dispõe de todas as informações necessárias. Deixe-me adivinhar, você não sabe nada sobre o que aconteceu em Alicante desde que partiu?

Uma sensação fria se espalhou pelo estômago de Clary.

— Estamos em outra dimensão — disse ela. — Não há *como* saber.

— Não exatamente — continuou Sebastian, com a voz cheia de satisfação, como se ela tivesse caído precisamente na armadilha que ele queria. — Veja a janela acima do trono leste. Olhe e veja Alicante agora.

Clary olhou. Quando entrou na sala, viu só o que parecia um céu noturno estrelado através da referida janela, mas agora, assim que ela se concentrou, a superfície do vidro brilhou e tremeu. De repente pensou na história da Branca de Neve, o espelho mágico, a superfície brilhando e se transformando para revelar o mundo lá fora...

Ela estava vendo o interior do Salão dos Acordos. Estava cheio de crianças. Crianças Caçadoras de Sombras sentadas e de pé, todas juntas. Lá estavam os Blackthorn, as crianças agrupadas, Julian sentado com o bebê no colo, o braço livre esticado, como se para englobar os

outros e mantê-los próximos, para protegê-los. Emma estava ao lado dele, a expressão dura, a espada dourada brilhando atrás do ombro...

A cena passou para a Praça do Anjo. Ao redor do Salão dos Acordos havia uma massa de Nephilim, e lutando contra eles via-se os Crepusculares, com suas roupas vermelhas, brandindo armas — e não apenas Crepusculares, mas figuras que Clary reconhecera, com o coração apertado, como sendo guerreiros fada. Uma fada alta de cabelos com mechas azuis e verdes combatia Aline Penhallow, a qual estava na frente da mãe, a espada empunhada, pronta para lutar até a morte. Do outro lado da praça, Helen tentava abrir caminho pela multidão para chegar a Aline, porém havia gente demais. A luta a obrigava a permanecer ali bem como os corpos: corpos de guerreiros Nephilim, abatidos e morrendo, muito mais os vestidos de preto que os de vermelho. Estavam perdendo a batalha, perdendo...

Clary girou para Sebastian quando a cena começou a desbotar.

— *O que está acontecendo?*

— Acabou — disse ele. — Pedi que a Clave entregasse você para mim; não entregaram. É verdade que você havia fugido, mas todavia, eles deixaram de ser úteis para mim. Minhas forças invadiram a cidade. As crianças Nephilim estão escondidas no Salão dos Acordos, mas quando todos estiverem mortos, o Salão será tomado. Alicante será minha. Os Caçadores de Sombras perderam a guerra... não que tenha sido exatamente uma guerra. Achei que fossem resistir mais.

— Esses estão longe de ser todos os Caçadores de Sombras que existem — disse Clary. — São só os que estavam em Alicante. Ainda há muitos Nephilim espalhados pelo mundo...

— Todos os Caçadores de Sombras que você vê ali beberão do Cálice Infernal em breve. Aí serão meus serventes, e vou enviá-los pelo mundo, à procura de irmãos, e os que restarem serão mortos ou Transformados. Vou destruir as Irmãs de Ferro e os Irmãos do Silêncio em suas respectivas cidadelas de pedra e silêncio. Em um mês a raça de Jonathan Caçador de Sombras será varrida do mundo. E então... — Ele sorriu aquele sorriso horroroso e gesticulou para a janela a oeste, que tinha vista para o mundo destruído de Edom. — Você viu o que acontece com um mundo sem proteção — gabou-se. — Seu mundo vai morrer. Morte sobre morte, e sangue nas ruas.

Clary pensou em Magnus. *Vi uma cidade toda de sangue, com torres feitas de ossos, e sangue correndo como água pelas ruas.*

— Não pode achar que — disse ela, com uma voz morta —, se seu plano funcionar, se isto que você está me dizendo realmente acontecer, haverá *alguma* chance de eu me sentar em um trono ao seu lado. Prefiro ser torturada até a morte.

— Ah, não acho — respondeu ele alegremente. — Por isso esperei, entende?! Para lhe dar uma escolha. Todos do Povo das Fadas que são meus aliados, todos os Crepusculares que você vê aí, aguardam pelos meus comandos. Se eu sinalizar, eles recuam. Seu mundo será salvo. Você

nunca mais poderá voltar para lá, é claro... vou fechar as fronteiras entre este e aquele mundo, e nunca mais ninguém, demônio ou humano, irá viajar de um para o outro. Mas ficará seguro.

— Uma escolha — disse Clary. — Você disse que me daria uma escolha?

— Claro — respondeu ele. — Governe ao meu lado, e eu poupo seu mundo. Recuse, e ordenarei que o aniquilem. Escolha a mim e poderá salvar milhões, bilhões de vidas, minha irmã. Você poderia salvar um mundo inteiro condenando uma única alma. A sua. Então, diga-me, qual é a sua decisão?

— Magnus — falou Alec desesperadamente, esticando o braço para sentir as correntes de *adamas* enterradas no chão que se conectavam às algemas nos pulsos do feiticeiro. — Você está bem? Está machucado?

Isabelle e Simon estavam verificando Luke, para ver se estava ferido. Isabelle não parava de olhar para Alec, o rosto ansioso; Alec a ignorou propositalmente, não querendo que ela notasse o medo em seus olhos. Ele tocou o rosto de Magnus com as costas da mão.

Magnus estava magro e pálido, os lábios secos, olheiras acentuadas.

Meu Alec, dissera Magnus, *você tem estado tão triste. Eu não sabia*. E depois voltou para o chão, como se o esforço de falar o tivesse exaurido.

— Fique parado — falava Alec agora, sacando uma lâmina serafim do cinto. Abriu a boca para lhe dar um nome, então sentiu um toque súbito no pulso. Magnus enrolara os dedos magros em torno do pulso de Alec.

— Chame de Raphael — disse Magnus, e quando Alec o fitou, confuso, Magnus olhou para a lâmina na mão de Alec. Estava com os olhos semicerrados, e Alec se lembrou do que Sebastian tinha dito para Simon na entrada: *Matei aquele que criou você*. Magnus sorriu sutilmente. — *É* um nome de anjo — falou.

Alec assentiu.

— *Raphael* — repetiu suavemente, e quando a lâmina se acendeu, ele golpeou com força a corrente de *adamas*, que partiu sob o toque da faca. As correntes caíram, e Alec, jogando a lâmina no chão, segurou o ombro de Magnus e o ajudou a se levantar.

Magnus se esticou para Alec, mas em vez de se levantar, puxou Alec para si, a mão deslizando pelas costas do outro e se enredando em seus cabelos. Magnus o beijou, com força, estranheza e determinação, e Alec congelou por um instante, mas em seguida se entregou ao beijo, coisa que achou que jamais conseguiria fazer de novo. Alec deslizou as mãos pelos ombros de Magnus até chegar ao pescoço, onde parou, beijando até perder o fôlego.

Finalmente Magnus recuou, os olhos brilhando. Deixou a cabeça cair no ombro de Alec, os braços envolvendo-o, mantendo-os unidos.

— Alec... — começou suavemente.

— Sim? — perguntou Alec, desesperado para saber o que Magnus queria perguntar.

— Vocês estão sendo perseguidos?

— Eu... ah... alguns dos Crepusculares estão nos procurando — respondeu cautelosamente.

— Uma pena — disse Magnus, fechando os olhos novamente. — Seria bom se você pudesse simplesmente ficar aqui deitado um pouco comigo. Só... por um minutinho.

— Bem, não vai rolar — falou Isabelle, sem grosseria. — Temos que sair daqui. Os Crepusculares chegarão a qualquer instante, e já achamos o que viemos procurar...

— Jocelyn. — Luke se afastou da parede, aprumando-se. — Estão se esquecendo de Jocelyn.

Isabelle abriu a boca, em seguida fechou novamente.

— Tem razão — disse. A mão foi para o cinto de armas, e ela pegou uma espada; dando um passo pelo recinto, entregou-a a Luke, em seguida abaixou para pegar a lâmina ainda ardente de Alec.

Luke pegou a espada e a empunhou com a competência descuidada de alguém que manejara lâminas a vida inteira; às vezes era difícil para Alec recordar que Luke já tinha sido um Caçador de Sombras, mas agora ele se lembrava.

— Consegue ficar de pé? — perguntou Alec a Magnus gentilmente, e Magnus assentiu, permitindo que Alec o levantasse.

Durou quase dez segundos, até que os joelhos dele falharam e ele caiu para a frente, tossindo.

— Magnus! — exclamou Alec, e se jogou ao lado do feiticeiro, mas Magnus o descartou com um aceno e lutou para se ajoelhar.

— Vão sem mim — disse, com uma voz agravada pela rouquidão. — Vou acabar atrasando vocês.

— Não entendo. — Alec sentia como se um torno estivesse comprimindo seu coração. — O que aconteceu? O que ele fez com você?

Magnus balançou a cabeça; foi Luke quem respondeu:

— Esta dimensão está matando Magnus — falou, a voz seca. — Alguma coisa nela... em relação ao pai dele... o está destruindo.

Alec olhou para Magnus, que apenas balançou a cabeça outra vez. Alec lutou contra uma explosão irracional de raiva — *ainda guarda coisas, mesmo agora* — e respirou fundo.

— Encontrem Jocelyn — falou. — Vou ficar com Magnus. Vamos para o centro da torre. Quando a encontrarem, procurem pela gente lá.

Isabelle não gostou.

— Alec...

— Por favor, Izzy — disse Alec, e viu Simon colocar a mão nas costas de Isabelle e sussurrar alguma coisa ao ouvido dela.

Izzy fez que sim com a cabeça, finalmente, e virou-se para a porta; Luke e Simon foram atrás,

ambos pausando para olhar para Alec antes de seguirem, mas foi a imagem de Izzy que ficou na mente dele, carregando a lâmina serafim brilhante na frente do corpo, como uma estrela.

— Aqui — falou ele para Magnus o mais gentilmente possível, e esticou o braço para levantá-lo.

Magnus ficou de pé aos trancos, e Alec conseguiu colocar um dos braços longos do feiticeiro sobre seu ombro. Magnus estava mais magro que nunca; a camisa larga sobre as costelas, e as bochechas encovadas, mas mesmo assim ainda tinha muito feiticeiro para apoiar: muitos braços e pernas finas, e uma espinha longa e ossuda.

— Apoie-se em mim — disse Alec, e Magnus deu o tipo de sorriso que fez Alec sentir como se alguém tivesse lhe enfiado uma faca no coração e tentado escavar o centro.

— Sempre me apoio, Alexander — falou. — Sempre.

O bebê finalmente dormiu no colo de Julian. Ele segurava Tavvy com firmeza, com cuidado, e ambos apresentavam olheiras imensas. Livvy e Ty estavam abraçados um do lado do outro, Dru, encolhida contra ele do outro lado.

Emma estava sentada atrás dele, com as costas nas dele, oferecendo apoio para que ele pudesse equilibrar o peso do bebê. Não havia pilares livres nos quais se apoiar, nem paredes; havia dezenas, centenas de crianças aprisionadas no Salão.

Emma apoiou a cabeça na de Jules. Ele estava com o cheiro de sempre: sabão, suor e oceano, como se carregasse aquele odor nas veias. Era confortante e desconfortante em sua familiaridade.

— Estou ouvindo alguma coisa — disse ela. — E você?

O olhar de Julian se desviou imediatamente para os irmãos e irmãs. Livvy estava meio dormindo, o queixo apoiado na mão. Dru olhava em volta, os grandes olhos verde-azulados assimilando tudo. Ty batucava com o dedo no chão de mármore, contando obsessivamente de um a cem, e depois de cem a um. Tinha berrado e esperneado quando Julian tentara examinar um vergão no braço dele quando Ty levara um tombo. Jules deixou para lá e permitiu que Ty voltasse a contar e se balançar. Isso o acalmava ao ponto da quietude, e era o que importava.

— O que está ouvindo? — perguntou Jules, e a cabeça de Emma caiu para trás enquanto o som aumentava, um som como uma grande ventania ou os estalos de uma fogueira enorme. As pessoas começaram a correr e a gritar, olhando para o teto de vidro no alto do Salão.

As nuvens estavam visíveis através do teto, movendo-se sobre a superfície da lua — e então, daquelas mesmas nuvens, uma variedade de cavaleiros eclodiu: cavaleiros de cavalos negros, cujos cascos eram de fogo, cavaleiros sobre enormes cachorros pretos com olhos de fogo alaranjado. Havia formas mais modernas de transporte misturadas também — carruagens pretas conduzidas por esqueletos de corcéis, e motos brilhando em cromo, osso e ônix.

— A Caçada Selvagem — sussurrou Jules.

O vento era uma coisa viva, chicoteando as nuvens em picos e vales que os cavaleiros subiam e desciam, os gritos audíveis mesmo com a ventania, as mãos cheias de armas: espadas, bastões, lanças e bestas. As portas da frente do Salão começaram a tremer e sacudir; a barra de madeira que tinha sido colocada sobre elas explodiu em farpas. Os Nephilim encararam as portas, com olhos apavorados. Emma ouviu a voz de uma das guardas em meio à multidão, falando em um sussurro severo:

— A Caçada Selvagem está afastando nossos guerreiros do Salão — disse ela. — Os Crepusculares estão limpando o ferro e a terra de cemitério. Vão arrombar as portas se os guardas não se livrarem deles!

— O Anfitrião Furioso chegou — disse Ty, interrompendo brevemente a contagem. — Os Coletores dos Mortos.

— Mas o Conselho protegeu a cidade contra as fadas — protestou Emma. — Por que...

— Não são fadas comuns — respondeu Ty. — O sal, a terra de cemitério, o ferro frio; não funcionarão contra a Caçada Selvagem.

Dru girou e olhou para cima.

— A Caçada Selvagem? — disse. — Isso quer dizer que Mark está aqui? Ele veio nos salvar?

— Não seja tola — falou Ty num tom murcho. — Mark está com os Caçadores agora, e a Caçada Selvagem *quer* que batalhas aconteçam. Eles vêm reunir os mortos, quando tudo acabar, e os mortos irão servir a eles.

Dru fez uma careta, confusa. As portas do Salão estavam tremendo violentamente agora, as dobradiças ameaçando arrebentar das paredes.

— Mas se Mark não vem nos salvar, quem vem?

— Ninguém — respondeu Ty, e somente o batuque nervoso dos dedos no mármore demonstrava que tal ideia o incomodava. — Ninguém virá nos salvar. Vamos morrer.

Jocelyn se lançou mais uma vez contra a porta. Seu ombro já estava machucado e sangrando, havia pedaços de unhas grudados no ponto onde tinha arranhado a tranca. Já estava ouvindo ruídos de batalha há 15 minutos, os sons inconfundíveis de correria, demônios gritando...

A maçaneta da porta começou a girar. Ela recuou e pegou o tijolo que tinha conseguido arrancar da parede. Não podia matar Sebastian, disso ela sabia, mas se pudesse feri-lo, atrasá-lo...

A porta se abriu, e o tijolo voou de sua mão. A figura na entrada desviou; o tijolo atingiu a parede, e Luke se aprumou e a olhou, curioso.

— Espero que quando nos casarmos você não me receba assim todos os dias quando eu voltar para casa — disse ele.

Jocelyn se jogou em cima dele. Luke estava sujo, sangrando e empoeirado, com a camisa rasgada, uma espada na mão direita, mas o braço esquerdo a envolveu e a puxou.

— Luke — disse ela grudada ao pescoço dele, e por um instante achou que pudesse sucumbir de alivio, delírio e medo, assim como sucumbira nos braços dele ao descobrir que ele tinha sido mordido. Se ela tivesse percebido naquele momento, se tivesse entendido que a maneira como o amava era a maneira como se amava a alguém com quem se queria passar o resto da vida, tudo teria sido diferente.

Mas aí ela nunca teria tido Clary. Ela recuou, olhando no rosto dele, os olhos azuis firmes nos dela.

— Nossa filha? — perguntou Jocelyn.

— Ela está aqui — informou ele, e deu um passo para trás para que Jocelyn pudesse enxergar atrás dele, onde Isabelle e Simon aguardavam no corredor. Ambos pareciam muito desconfortáveis, como se olhar dois adultos se abraçando fosse o pior flagra do mundo, mesmo nos reinos demoníacos. — Venha conosco... vamos encontrá-la.

— Não há certeza nisso — respondeu Clary desesperadamente. — Os Caçadores de Sombras podem não perder. Podem resistir.

Sebastian sorriu.

— É um risco que você pode assumir — falou ele. — Mas ouça. Eles já foram para Alicante, aqueles que cavalgam os ventos entre os mundos. São atraídos por lugares onde há carnificina. Compreende?

Ele apontou para a janela que dava vista para Alicante. Ali Clary via o Salão dos Acordos sob o luar; ao fundo, nuvens se movendo inquietas de um lado a outro — e então as nuvens ganharam forma e se transformaram em outra coisa. Algo que ela já tinha visto uma vez, com Jace, deitada no fundo de um barco em Veneza. A Caçada Selvagem, correndo pelo céu: guerreiros usando roupas escuras e rasgadas, brandindo armas, uivando enquanto seus corcéis fantasmagóricos cavalgavam pelo céu.

— A Caçada Selvagem — disse ela, entorpecida, e de repente se lembrou de Mark Blackthorn, das marcas de chicote no corpo dele, dos olhos quebrados.

— Os Coletores dos Mortos — declarou Sebastian. — Os corvos carniceiros da magia, vão para onde está o massacre. Um massacre que só você pode evitar.

Clary fechou os olhos. Teve a sensação de estar boiando, flutuando em água escura, vendo as luzes da costa retrocederem e retrocederem ao longe. Logo estaria sozinha no oceano, o céu gelado acima e 13 quilômetros de escuridão vazia abaixo.

— Vá e assuma o trono — disse ele. — Se o fizer, pode salvar a todos.

Ela olhou para ele.

— Como sei que você vai cumprir com a palavra?

Ele deu de ombros.

— Eu seria um tolo se não cumprisse. Você saberia imediatamente que menti, e aí lutaria contra mim, coisa que não quero. E não é só. Para obter plenamente meu poder aqui, preciso selar as fronteiras entre este mundo e o nosso. Uma vez que as fronteiras forem fechadas, os Crepusculares do seu mundo serão enfraquecidos, isolados de mim, a fonte de força deles. Os Nephilim poderão derrotá-los. — Ele sorriu, um sorriso branco gélido que cegava. — Será um milagre. Um milagre executado para eles, por nós, por mim. Irônico, não acha? Que eu seja o anjo salvador?

— E todos que estão aqui? Jace? Minha mãe? Meus amigos?

— Todos poderão viver. Não faz diferença para mim. Não podem me ferir, nem agora, e muito menos depois, quando as fronteiras estiverem fechadas.

— E tudo que tenho que fazer é ascender ao trono — confirmou Clary.

— E prometer ficar ao meu lado enquanto eu viver. Que, vale dizer, será muito tempo. Quando este mundo for isolado, não me tornarei apenas invulnerável; vou viver para sempre. "E veja, estou vivo para sempre, e detenho as chaves do inferno e da morte."

— Está disposto a fazer isso? Abrir mão do mundo inteiro, dos seus Caçadores de Sombras malignos, da sua vingança?

— Estava começando a me entediar — disse Sebastian. — Isto é mais interessante. Para ser sincero, você também está começando a me entediar um pouco. Decida se vai subir ao trono ou não, sim? Ou precisa de persuasão?

Clary conhecia os métodos de persuasão de Sebastian. Facas sob unhas, mão na garganta. Parte dela queria que ele a matasse, tirasse dela o peso da decisão. Ninguém podia ajudá-la. Nesse caso, estava completamente sozinha.

— Não serei o único a viver eternamente — falou Sebastian, e, para a surpresa de Clary, com a voz quase gentil. — Desde que descobriu o Mundo das Sombras, você não desejou secretamente ser uma heroína? Ser a mais especial dentre os especiais? De certa forma, nós queremos ser os heróis da nossa espécie.

— Heróis salvam mundos — disse Clary. — Não os destroem.

— E eu estou lhe oferecendo esta chance — argumentou Sebastian. — Quando subir ao trono, você salvará o mundo. Salvará seus amigos. Terá poder ilimitado. Estou lhe dando um presente incrível, porque te amo. Você pode abraçar a própria escuridão e ao mesmo tempo sempre repetir a si que fez a coisa certa. Isso não é tudo que você deseja?

Clary fechou os olhos durante um segundo, e depois mais um. Apenas o bastante para ver os rostos piscando sob suas pálpebras: Jace, Jocelyn, Luke, Simon, Isabelle, Alec. E tantos outros: Maia e Raphael e os Blackthorn, a pequena Emma Cartairs, as fadas da Corte Seelie, os rostos da Clave, até mesmo a lembrança fantasmagórica de seu pai.

Ela abriu os olhos e caminhou em direção ao trono. Ouviu Sebastian, atrás de si, e respirou

fundo. Então, apesar de toda a certeza na voz, ele teve dúvida, não teve? Não confiava plenamente na decisão dela. Atrás dos tronos, as duas janelas piscavam como telas de TV: uma mostrando a destruição, a outra mostrando Alicante sendo atacada. Clary viu lampejos do interior do Salão dos Acordos ao alcançar os degraus e subi-los. Seguiu com firmeza. Tinha tomado sua decisão; não podia hesitar agora. O trono era enorme; era como subir em uma plataforma. O ouro era gelado ao tato. Ela subiu o último degrau e sentou-se.

Parecia estar olhando para baixo, a quilômetros do topo de um pico de uma montanha. Viu o Salão do Conselho se espalhar diante de si; Jace, deitado imóvel perto da parede. Sebastian, olhando para ela com um sorriso que se abria.

— Muito bem — falou ele. — Minha irmã, minha rainha.

23

O Beijo de Judas

As portas do Salão explodiram com uma chuva de farpas; cacos de mármore e madeira voando para dentro como osso estilhaçado.

Emma olhou entorpecida enquanto guerreiros vestidos de vermelho começavam a invadir o Salão, seguidos por fadas de verde, branco e prateado. Depois vieram os Nephilim: Caçadores de Sombras com roupas pretas de combate, desesperados para proteger suas crianças.

Uma onda de guardas correu para encontrar os Crepusculares na porta. Foram todos contidos. Emma os observou caindo no que parecia câmera lenta. Ela sabia que tinha se levantado, assim como Julian, colocando Tavvy nos braços de Livia; ambos correram para proteger os Blackthorn mais jovens, por mais inútil que Emma soubesse que o gesto fosse.

É assim que acaba, pensou ela. Tinham escapado dos guerreiros de Sebastian em Los Angeles, fugido para a casa dos Penhallow, e da casa destes para o Salão e agora se encontravam presos como ratos e iriam morrer ali; sendo assim, talvez eles nem precisassem ter fugido.

Ela alcançou Cortana, pensando no pai, no que ele diria caso ela desistisse. Carstairs. Carstairs não desistiam. Sofriam e sobreviviam, ou morriam de pé. Ao menos se morresse, pensou, veria os pais novamente. Ao menos teria isso.

Os Crepusculares invadiram o recinto, dividindo os Caçadores de Sombras que lutavam desesperadamente como lâminas cortando um campo de trigo, correndo para o centro do Salão. Pareciam um borrão sanguinário, no entanto a visão de Emma entrou em foco de repente quando um deles se desvencilhou da multidão e foi diretamente para onde os Blackthorn estavam.

Era o pai de Julian.

Seu período como servo de Sebastian não lhe fizera bem. A pele parecia desgastada e cinzenta, o rosto marcado por cortes sangrentos, no entanto avançava com determinação, os olhos nos filhos.

Emma congelou. Julian, ao seu lado, tinha visto o pai; parecia hipnotizado, como se seu pai fosse uma cobra. Ele havia testemunhado o pai sendo obrigado a beber do Cálice Infernal, Emma se deu conta, porém não o vira depois, não o vira erguer uma lâmina contra o próprio filho, ou rir com a ideia da morte do filho, ou obrigar Katerina a se ajoelhar, a ser torturada e Transformada...

— Jules — disse ela. — Jules, esse *não é seu pai*...

Julian arregalou os olhos.

— Emma, cuidado...

Ela girou e gritou. Um guerreiro fada se assomava diante dela, trajando uma armadura prateada; seus cabelos não eram cabelos, mas um emaranhado de galhos espinhosos. Metade do rosto estava queimado e borbulhante, onde ele provavelmente fora atacado com pó de ferro ou halita. Um de seus olhos revirava, branco e cego, mas o outro encontrava-se fixo em Emma, com intenções assassinas. Emma viu Diana Wrayburn, os cabelos escuros sacudindo enquanto ela girava em direção a eles, a boca aberta em um grito de alerta. Diana foi para cima de Emma e do guerreiro fada, mas não tinha como chegar a tempo de jeito nenhum. O guerreiro fada ergueu sua espada de bronze com um rosnado selvagem...

Emma avançou, enterrando Cortana no peito dele.

O sangue do fada era como água verde. Esguichou na mão dela enquanto soltava a espada, em choque. Ele caiu como uma árvore, atingindo o chão de mármore do Salão com uma batida pesada. Emma pulou para a frente, alcançando o cabo de Cortana, e ouviu Julian gritar:

— *Ty!*

Ela girou. Em meio ao caos do Salão, Emma conseguiu ver o pequeno espaço onde estavam os Blackthorn. Andrew Blackthorn parou na frente dos filhos, com um sorriso estranho, e estendeu a mão.

E Ty — justamente Ty, dentre todos, o que menos confiava, o menos sentimental — estava avançando, com os olhos fixos no pai, a mãozinha esticada.

— Pai? — disse ele.

— Ty? — Livia tentou alcançar seu irmão gêmeo, mas segurou apenas ar. — Ty, não...

— Não dê ouvidos a ela — disse Andrew Blackthorn, e se havia dúvidas de que ele não era mais o homem que tinha sido pai de Julian, tal dúvida foi solucionada quando Emma ouviu a voz dele. Não havia qualquer bondade nela, apenas gelo, e um tom selvagem de satisfação cruel. — Venha aqui, meu menino, meu Tiberius...

Ty deu mais um passo, e Julian puxou a espada curta do cinto, então a atirou. A espada chiou pelo ar, reta e determinada, e Emma se lembrou com uma clareza bizarra daquele último dia no Instituto, de Katerina ensinando a atirar uma lâmina tão direta e graciosa quanto um verso de poesia. Ensinando a arremessar uma lâmina de modo que esta jamais errasse o alvo.

A faca passou por Tiberius e se enterrou no peito de Andrew Blackthorn. Os olhos dele se arregalaram em choque, a mão cinza tateando em busca do cabo ressaltado de suas costelas — e em seguida ele caiu, sucumbindo ao chão. Seu sangue manchava o chão de mármore quando Tiberius soltou um grito, girando para atacar o irmão, socando o peito de Julian.

— Não — arfou Ty. — Por que fez isso, Jules? Eu te odeio, eu te *odeio*...

Julian mal pareceu sentir. Estava olhando para o local onde seu pai havia caído; os outros Crepusculares já estavam avançando, pisoteando o corpo de seu camarada abatido. Diana

Wrayburn estava um pouco distante dali: tinha começado a correr em direção às crianças, mas logo parou, os olhos cheios de tristeza.

Mãos se elevaram e agarraram as costas da camisa de Tiberius, puxando-o de cima de Julian. Era Livvy, com o rosto rígido.

— Ty. — Ela abraçou o irmão gêmeo, prendendo os punhos do menino junto às laterais do corpo dele. — Tiberius, pare agora. — Ty parou e desabou em cima da irmã; embora pequena, ela aguentou o peso. — Ty — falou outra vez, suavemente. — Ele precisava fazer isso. Não entende? Ele precisava.

Julian deu um passo para trás, o rosto branco como papel, daí continuou recuando, até atingir um dos pilares de pedra e deslizar por ele, caindo, os ombros tremendo com soluços silenciosos.

Minha irmã. Minha rainha.

Clary sentou-se ereta no trono de ouro e marfim. Sentiu-se como uma criança em uma cadeira de adulto: aquilo tinha sido construído para alguém enorme, então seus pés ficavam pendurados, pairando sobre o degrau superior. Suas mãos agarraram os braços do trono, os seus dedos estavam longe de alcançar os apoios entalhados — embora, como cada um era esculpido em forma de crânio, ela não tivesse o menor desejo de tocá-los.

Sebastian caminhava de maneira inquieta dentro de seu círculo de símbolos protetores; de vez em quando parava para olhar para ela e sorria, uma espécie de sorriso desinibido e alegre, o qual ela associava ao Sebastian de sua visão, o menino de olhos verdes inocentes. Ele sacou uma adaga longa e afiada do cinto enquanto Clary o assistia e passou a lâmina na palma. Sua cabeça caiu para trás, os olhos semicerrados enquanto ele esticava a mão; sangue escorreu pelos dedos e caiu sobre os símbolos.

Ao serem atingidos pelo sangue, eles começaram a brilhar com uma faísca do alvorecer. Clary pressionou o corpo contra o encosto sólido do trono. Os símbolos não eram símbolos do Livro Gray; eram desconhecidos e estranhos.

A porta do cômodo se abriu, e Amatis entrou, seguida por duas filas de guerreiros Crepusculares. Os rostos eram vazios enquanto eles se postavam silenciosamente ao longo das paredes da sala, mas Amatis parecia preocupada. Seu olhar passou por Jace, imóvel no chão ao lado do corpo do demônio morto, para se concentrar em seu mestre.

— Lorde Sebastian — disse ela. — Sua mãe não está na cela.

Sebastian franziu o rosto e cerrou a mão sangrenta. À sua volta, os símbolos ardiam furiosamente agora, com uma chama fria e azul.

— Vergonhoso — falou. — Os outros devem tê-la soltado.

Clary sentiu uma onda de esperança misturada com pavor; forçou-se a permanecer em

silêncio, mas viu os olhos de Amatis se voltarem para ela. Não pareceu surpresa em ver Clary no trono: pelo contrário, seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Gostaria que eu enviasse o restante do exército para procurá-los? — perguntou a Sebastian.

— Não há necessidade. — Ele olhou para Clary e sorriu; de repente houve um ruído explosivo e a janela atrás dela, aquela com vista para Alicante, rachou em uma teia de aranha de linhas confusas. — As fronteiras estão se fechando — disse Sebastian. — Vou trazê-los a mim.

— As paredes estão se fechando — comentou Magnus.

Alec tentou levantar Magnus mais ainda; o feiticeiro pesava, a cabeça quase no ombro de Alec, que não fazia a menor ideia de para onde estavam indo. Tinha se perdido nos corredores curvos há o que parecia séculos, mas ele não estava com a menor vontade de comunicar isto a Magnus, que por sua vez já parecia mal o suficiente como estava — a respiração ofegante, o pulso acelerado. E agora isto.

— Está tudo bem — acalentou Alec, passando o braço em torno da cintura de Magnus. — Só temos que chegar a...

— Alec — repetiu Magnus, a voz surpreendentemente firme. — *Não estou tendo alucinações*. As paredes estão se mexendo.

Alec encarou — e sentiu uma onda de pânico. O corredor estava carregado com um ar pesado e empoeirado; as paredes pareciam brilhar e tremer. O chão se deformava à medida que as paredes se fechavam, o corredor se estreitando a partir de uma ponta como um compressor de lixo se fechando. Magnus deslizou e atingiu uma das paredes com um sibilo de dor. Em pânico, Alec o pegou pelo braço, puxando-o.

— Sebastian — arfou Magnus, enquanto Alec começava a arrastá-lo pelo corredor, para longe da pedra em queda. — Ele está fazendo isto.

Alec conseguiu fazer uma expressão incrédula.

— Como isso seria possível? Ele não controla tudo!

— Ele poderia... se selasse as fronteiras entre as dimensões. — Magnus tomou fôlego asperamente quando começou a correr.— Poderia controlar este mundo todo.

Isabelle gritou quando o chão se abriu atrás dela; jogou-se para a frente, bem a tempo de evitar cair no abismo que dividia o corredor.

— Isabelle! — gritou Simon, e se esticou para pegá-la pelos ombros.

Ele às vezes se esquecia da força que seu sangue de vampiro fazia circular pelo corpo. Pegou Isabelle com tanta força que ambos caíram para trás, Izzy caindo bem em cima dele. Em outro contexto talvez ele tivesse gostado, mas não com a pedra que não parava de desmoronar ao redor deles.

Isabelle se levantou, puxando-o em seguida. Tinham se perdido de Luke e Jocelyn em um dos outros corredores enquanto a parede se dividia, derramando pedras de argamassa em sequência. Tudo que veio a seguir foi uma loucura, desvio de pedras e madeiras afiadas, e agora abismos se abrindo no chão. Simon lutava contra o desespero — não conseguia deixar de pensar que aquilo era o fim; a fortaleza iria sucumbir ao redor, e todos morreriam e seriam enterrados ali.

— Não — falou Isabelle, sem fôlego. Seus cabelos escuros estavam cheios de terra, o rosto sangrando nos pontos onde tinha sido cortado por estilhaços de rocha.

— Não o quê? — O chão tremeu e Simon meio desviou, meio caiu para a frente em outro corredor. Não conseguia se livrar do pensamento de que, de algum jeito, a fortaleza os estava *arrebanhando*. Parecia haver um propósito naquela dissolução, como se de algum jeito os estivesse direcionando para...

— Não *desista* — arfou ela, lançando-se contra um par de portas enquanto o corredor atrás deles começava a ruir; as portas se abriram, e ela e Simon tropeçaram para a sala seguinte.

Isabelle engoliu em seco, engasgando, gesto rapidamente interrompido quando as portas se fecharam atrás deles, bloqueando o barulho explosivo da torre. Por um instante Simon apenas agradeceu a Deus pelo chão sob seus pés estar firme e as paredes não se moverem.

Então registrou onde estava, e o alívio desapareceu. Encontravam-se em uma sala enorme, com formato semicircular, com uma plataforma elevada na extremidade curva semi-imersa em sombra. As paredes estavam alinhadas por guerreiros Crepusculares trajando vermelho, como uma fileira de dentes escarlates.

A sala fedia a piche e fogo, enxofre e o veneno inconfundível de sangue de demônio. O corpo de um demônio inchado estava esticado contra uma parede e, ao lado deste, mais um corpo. Simon sentiu a boca secar. Jace.

Sebastian estava em um círculo de símbolos brilhantes desenhado no chão. Ele sorriu quando Isabelle soltou um grito, correu para Jace e agachou ao lado dele. Izzy colocou os dedos no pescoço dele, para sentir a pulsação; Simon notou os ombros dela relaxando de alívio.

— Ele está vivo — disse Sebastian, soando entediado. — Ordens da Rainha.

Isabelle levantou o olhar. Alguns chumaços do seu cabelo escuro estavam grudados no rosto com sangue. Ela estava feroz e linda.

— A Rainha Seelie? Desde quando ela se importa com Jace?

Sebastian riu. Parecia em um bom humor enorme.

— Não a Rainha Seelie — disse ele. — A Rainha deste reino. Talvez você a conheça.

Com um floreio ele gesticulou para a plataforma na extremidade oposta do salão, e Simon sentiu seu coração que não batia se contrair. Ele mal tinha olhado para o palanque quando entrara. Agora percebia que ali havia dois tronos de osso, marfim e ouro fundido, e no trono direito estava Clary.

Os cabelos ruivos contrastavam contra o branco e o dourado, extremamente vívidos, como uma bandeira de fogo. Seu rosto estava pálido e parado, sem expressão.

Simon deu um passo involuntário para a frente — e foi imediatamente bloqueado por uma dúzia de guerreiros Crepusculares, com Amatis no centro. Ela segurava com uma lança enorme e ostentava uma expressão venenosa assustadora.

— Pare onde está, vampiro — ordenou. — Você não vai se aproximar da senhora deste reino.

Simon cambaleou para trás; havia notado Isabelle olhando, incrédula, de Clary para Sebastian, e para ele.

— Clary — gritou Simon. Ela não vacilou nem se mexeu, mas o rosto de Sebastian escureceu como uma tempestade.

— Não dirás o *nome* da minha irmã — sibilou. — Você achava que ela pertencia a você; ela agora pertence a mim, e não vou *dividir*.

— Você é louco — disse Simon.

— E você está morto — respondeu Sebastian. — Isso faz diferença agora? — Seus olhos percorreram Simon. — Querida irmã — disse ele, elevando a voz o bastante para que toda a sala pudesse escutar. — Tem certeza de que quer manter este sujeitinho intacto?

Antes que ela pudesse responder, a porta de entrada da sala se abriu e Magnus e Alec chegaram, seguidos por Luke e Jocelyn. As portas bateram atrás deles, e Sebastian aplaudiu. Uma das mãos sangrava, e uma gota caiu aos pés dele, chiando ao atingir os símbolos, como água em uma chapa quente.

— Agora estão todos aqui — declarou, com a voz em deleite. — É uma festa!

Clary já tinha visto muitas coisas maravilhosas e lindas em sua vida, e muitas coisas terríveis também. Mas nenhuma tão terrível quanto o olhar de sua mãe quando a encarou, sentada no trono ao lado do assento de Sebastian.

— Mãe — arfou Clary, tão suavemente que ninguém conseguiu ouvi-la.

Todos a encaravam; Magnus e Alec, Luke e sua mãe, Simon e Isabelle, que agora tinha Jace em seu colo, os cabelos escuros caindo em cima dele como a franja de um xale. Era tão horrível quanto Clary imaginara que seria. Pior. Ela esperava choque e horror; não tinha pensado em dor e traição. Sua mãe cambaleou para trás; os braços de Luke a envolveram, para mantê-la de pé, mas ele estava com os olhos em Clary, e parecia olhar para uma estranha.

— Bem-vindos, cidadãos de Edom — disse Sebastian, os lábios se curvando para cima como um arco sendo sacado. — Bem-vindos ao seu novo mundo.

E saiu do círculo de fogo que o protegia. A mão de Luke foi para o cinto; Isabelle começou a se levantar, mas foi Alec quem se movimentou mais rápido: uma das mãos no arco e a outra na aljava nas costas, a flecha armada e voando antes que Clary pudesse gritar para que ele parasse.

A flecha voou diretamente para Sebastian e se enterrou em seu peito. Ele cambaleou com a força do impacto, e Clary ouviu um arfar coletivo na fila de Caçadores de Sombras malignos. Um instante depois, Sebastian recobrou o equilíbrio e, com um olhar de irritação, arrancou a flecha do peito. Estava manchada de sangue.

— Tolo — berrou. — Não pode me ferir; nada sob o Paraíso pode. — Jogou a flecha aos pés de Alec. — Achou que você fosse uma exceção?

Os olhos de Alec desviaram para Jace; foi uma coisa mínima, mas Sebastian captou o olhar e sorriu.

— Ah, sim — falou. — Seu herói com o fogo celestial. Mas acabou, não acabou? Gastou em um ataque de fúria no deserto contra um demônio enviado por mim. — Ele estalou os dedos, e uma faísca azul se lançou dele, se erguendo como uma bruma.

Por um instante, a visão de Clary de Jace e Isabelle foi obscurecida; um segundo mais tarde, ela ouviu uma tossida e um engasgo, e os braços de Isabelle estavam se afastando de Jace enquanto ele se sentava e, em seguida, levantava. Atrás de Clary, a janela continuava rachando, lentamente; dava para ouvir a trituração do vidro. Através do vidro agora rachado penetrava uma camada de luz e sombra, o desenho semelhante a renda.

— Bem-vindo de volta, irmão — disse Sebastian, calmo, enquanto Jace olhava em volta com um rosto que empalidecia rapidamente à medida que ele absorvia a sala cheia de guerreiros, seus amigos horrorizados ao redor, e finalmente: Clary no trono. — Você *gostaria* de tentar me matar? Tem armas o suficiente aqui. Se quiser tentar me destruir com o fogo celestial, sua chance é agora.

Jace ficou de pé, encarando Sebastian. Tinham a mesma altura, quase o mesmo biotipo, embora Sebastian fosse mais magro, mais rijo. Jace estava imundo e manchado de sangue, a roupa rasgada, os cabelos emaranhados. Sebastian estava elegante de vermelho; mesmo a mão que sangrava parecia intencional. Os pulsos de Sebastian estavam nus; ao redor do pulso esquerdo de Jace, um círculo de prata brilhava.

— Está usando minha pulseira — observou Sebastian. — "*Se não posso alcançar o Céu, erguerei o Inferno*". Adequado, não acha?

— Jace — sibilou Isabelle. — Jace, vá em frente. Dê uma punhalada nele. Vá em frente...

Mas Jace balançava a cabeça. Estava com a mão no cinto de armas; lentamente, a abaixou para o lado. Isabelle soltou um grito de desespero; o olhar no rosto de Alec foi tão gélido quanto, muito embora ele tivesse ficado em silêncio.

Sebastian abaixou os braços para as laterais e estendeu a mão.

— Acho que é hora de devolver minha pulseira, irmão. Hora de dar a César o que é de César. Devolva o que é meu, inclusive minha irmã. Renuncia a ela em meu favor?

— Não! — Não foi Jace; foi Jocelyn. Ela se afastou de Luke e avançou, esticando as mãos para

Sebastian. — Você me odeia... então me mate. Torture. Faça o que quiser comigo, mas deixe Clary em paz!

Sebastian revirou os olhos.

— Eu *estou* lhe torturando.

— Ela é só uma menina — arfou Jocelyn. — Minha criança, minha filha...

Sebastian esticou a mão e agarrou o queixo de Jocelyn, meio levantando-a do chão.

— *Eu* era sua criança — falou. — Lilith me deu um reino; você me deu uma maldição. Você é uma péssima mãe e vai ficar longe da minha irmã. Você está viva pelo sofrimento dela. Todos vocês estão. Entenderam? — Ele soltou Jocelyn; ela cambaleou para trás, a impressão sangrenta da mão de Sebastian marcada em seu rosto. Luke a segurou. — Estão todos vivos porque Clarissa os quer vivos. Por nenhum outro motivo.

— Você disse a ela que não nos mataria caso ela subisse ao trono — disse Jace, tirando a pulseira prateada do braço. Sem qualquer entonação na voz. Não tinha olhado nos olhos de Clary. — Não foi?

— Não exatamente — disse Sebastian. — Ofereci a ela algo muito mais... substancial que isso.

— O mundo — disse Magnus. Ele parecia de pé por pura força de vontade. Sua voz soava como cascalho rasgando a garganta. — Está selando as fronteiras entre o nosso mundo e este, não está? É para isso que fez esse círculo de símbolos, não apenas para proteção. Para poder executar seu feitiço. É isso que está fazendo. Se fechar a passagem, não estará mais dividindo seus poderes entre dois mundos. Toda sua força ficará concentrada aqui. Com todo o seu poder concentrado nesta dimensão, você será quase invencível aqui.

— Se fechar as fronteiras, como ele voltará para o nosso mundo? — perguntou Isabelle. Ela estava de pé agora; seu chicote brilhava no pulso, mas ela não fez qualquer menção de utilizá-lo.

— Ele não vai voltar — disse Magnus. — Nenhum de nós vai. Os portões entre os mundos se fecharão para sempre, e ficaremos presos aqui.

— Presos — refletiu Sebastian. — Uma palavra tão feia. Serão... hóspedes. — Ele sorriu. — Hóspedes presos.

— Foi isso que você ofereceu a ela — falou Magnus, erguendo os olhos para Clary. — Disse que se ela concordasse em governar este mundo, você fecharia as fronteiras e deixaria nosso mundo em paz. Governe Edom, salve o mundo. Certo?

— Você é muito perceptivo — observou Sebastian após uma breve pausa. — Isso é irritante.

— Clary, *não*! — gritou Jocelyn; Luke a puxou de volta, mas ela não estava prestando atenção em nada além da filha. — Não faça isso...

— Tenho que fazer — respondeu Clary, falando pela primeira vez. Com a voz embargada e arrastada, incrivelmente alta na sala de pedra. De repente todos estavam olhando para ela. Todos exceto Jace. Ele olhava para a pulseira presa entre seus dedos.

Ela se aprumou.

— Preciso fazer. Não entende? Se não fizer, ele vai matar todos no nosso mundo. Destruir tudo. Milhões, bilhões de pessoas. Vai transformar nosso mundo *nisto*. — Ela gesticulou para a janela com vista para as planícies queimadas de Edom. — Vale a pena. Tem que valer. Vou aprender a amá-lo. Ele não vai me machucar. Acredito nisso.

— Acha que pode mudá-lo, moldá-lo, torná-lo melhor, porque você é a única coisa com a qual ele se importa — falou Jocelyn. — Eu *conheço* os homens Morgenstern. Não funciona. Você vai se arrepender...

— Você nunca teve a vida de um mundo inteiro nas mãos, mãe — disse Clary, com uma doçura e uma tristeza infinitas. — Existe um limite para os conselhos que você pode me dar. — Ela olhou para Sebastian. — Escolho o que ele escolhe. O presente que ele me deu. Aceito.

Ela viu Jace engolir em seco. Ele derrubou a pulseira na mão aberta de Sebastian.

— Clary é sua — disse, e deu um passo para trás.

Sebastian estalou os dedos.

— Vocês ouviram — falou. — Todos vocês. Ajoelhem-se diante da sua rainha.

Não!, pensou Clary, mas se obrigou a ficar parada, em silêncio. Assistiu enquanto os Crepusculares começavam a se ajoelhar, um por um, as cabeças abaixadas; a última a se ajoelhar foi Amatis, no entanto ela não baixou a cabeça. Luke encarava a irmã, com o rosto destruído. Era a primeira vez que a via assim, percebeu Clary, apesar de ele já ter sido informado.

Amatis virou e olhou para os Caçadores de Sombras. O olhar dela capturou o do irmão por apenas um segundo; ela sorriu. Um olhar vil.

— Faça — disse ela. — Ajoelhe-se ou vou matá-los.

Magnus foi o primeiro a se ajoelhar. Se tivesse de palpitar, Clary jamais diria que ele seria o primeiro a fazê-lo. Magnus era tão orgulhoso, mas, pensando bem, era um orgulho que transcendia o vazio dos gestos. Ela duvidava que ele fosse se envergonhar de se ajoelhar quando para ele aquilo não significava nada. Ele se ajoelhou graciosamente, e Alec seguiu o gesto; depois Isabelle, Simon, em seguida Luke, puxando a mãe de Clary ao seu lado. E por último, Jace, a cabeça loura abaixada; então Clary ouviu a janela atrás de si estilhaçar. Soou como seu coração se partindo.

Choveu vidro; por trás deste havia apenas pedra. Não mais uma janela com vista para Alicante.

— Está feito. Os caminhos entre os mundos estão fechados. — Sebastian não estava sorrindo, mas parecia... incandescente. Como se brilhasse. O círculo de símbolos no chão reluzia com fogo azul. Ele correu para a plataforma, subiu dois degraus de cada vez e esticou o braço para pegar as mãos de Clary; ela permitiu que ele a conduzisse, descendo do trono, até ficar diante dele. Sebastian continuava segurando a mão dela. As mãos dele pareciam pulseiras de fogo ao redor

dos pulsos de Clary. — Você aceita — disse ele. — Você aceita sua escolha?

— Aceito — respondeu, se forçando a olhar diretamente para ele. — Aceito.

— Então me beije — falou ele. — Beije como se me amasse.

O estômago de Clary se contraiu. Esperava por isso, mas era como esperar um soco na cara: não tem jeito de se sentir preparado. O rosto dela investigou o dele; em outro mundo, outra época, outro irmão sorria pelo gramado para ela, com olhos tão verdes quanto a primavera. Ela tentou sorrir.

— Na frente de todo mundo? Não acho que...

— Temos que mostrar a eles — falou, e seu rosto estava tão impassível quanto o de um anjo pronunciando uma frase. — Que somos unidos. Prove a eles, Clarissa.

Ela se inclinou para ele; Sebastian estremeceu.

— Por favor — disse ela. — Ponha os braços em volta de mim.

Ela captou um lampejo de alguma coisa nos olhos dele — vulnerabilidade, surpresa pelo pedido — antes de Sebastian erguer os braços e envolvê-la. Ele a puxou para si; ela colocou a mão no ombro dele. A outra mão deslizou para a cintura, onde Heosphoros estava guardada na bainha, no cinto da roupa de combate. Seus dedos se curvaram na nuca do irmão. Sebastian estava com os olhos arregalados; dava para ver as batidas do coração dele, pulsando na garganta.

— Agora, Clary — disse ele, enquanto ela se arqueava, roçando os lábios no rosto dele. Clary o sentiu estremecer enquanto ela sussurrava, os lábios acariciando a bochecha dele.

— Saudações, mestre — falou ela, e viu os olhos dele arregalarem exatamente quando sacou Heosphoros e a levantou em um arco brilhante, a lâmina tocando as costelas dele, a ponta posicionada para perfurar seu coração.

Sebastian arfou e convulsionou nos braços dela; cambaleou, o cabo da lâmina ressaltando de seu peito. Estava com os olhos arregalados, e por um instante Clary viu o choque da traição neles, choque e *dor*, e de fato doeu; doeu em algum lugar profundo que ela pensara já estar enterrado há muito tempo, um lugar em luto pelo irmão que ele poderia ter sido.

— Clary — arfou ele, começando a se ajeitar, e agora o olhar de traição estava desvanecendo, e ela viu a faísca inicial de fúria. Não funcionou, pensou ela, horrorizada; não funcionou, e mesmo que as fronteiras entre os mundos estivessem fechadas agora, ele descontaria nela, em seus amigos, em sua família, em Jace. — Você *é mais esperta que isso* — falou ele, esticando o braço para segurar o cabo da espada. — Não posso ser ferido por nenhuma arma sob o Céu...

Ele engasgou e parou de falar. As mãos envolviam o cabo, logo acima do ferimento no peito. Não havia sangue, mas um lampejo vermelho, uma faísca — fogo. O ferimento estava começando a queimar.

— O que... é... isto? — perguntou entre dentes.

— "*E a ele darei a Estrela da Manhã*" — disse Clary. — Não é uma arma feita pelo Céu. *É*

fogo celestial.

Com um grito, Sebastian puxou a espada. Deu uma olhada incrédula para o cabo com a estampa de estrelas antes de arder como uma lâmina serafim. Clary deu alguns passos vacilantes para trás, tropeçou na beira dos degraus para o trono e cobriu o rosto parcialmente com um braço. Ele estava ardendo, ardendo como o pilar de fogo diante dos israelitas. Ela ainda conseguia ver Sebastian dentro das chamas, mas elas estavam em volta dele, consumindo-o em sua luz branca, transformando-o em um contorno de carvão escuro dentro de uma chama tão brilhante que lhe feria os olhos.

Clary desviou o olhar, enterrando o rosto no braço. A mente acelerou para a noite em que foi ao encontro de Jace através das chamas, o beijou e pediu que ele confiasse nela. E ele confiou, mesmo quando ela se ajoelhou diante dele e enfiou a ponta de Heosphoros no chão. Clary tinha desenhado com a estela o mesmo símbolo repetidas vezes ao redor — o símbolo que vira uma vez, e que agora parecia ter sido há tanto tempo, em um telhado em Manhattan: o cabo alado da espada de um anjo.

Um presente de Ithuriel, supôs ela, o qual lhe dera tantos presentes. A imagem ficou guardada em sua mente até que precisasse dela. O símbolo para moldar o fogo celestial. Naquela noite, na planície demoníaca, a chama ao redor deles evaporou, absorvida pela lâmina de Heosphoros, até o metal queimar, brilhar e cantar ao toque dela, o som dos corais angelicais. O fogo deixou apenas um círculo largo de areia fundida em vidro, uma substância que brilhava como a superfície do lago com o qual ela sonhara tantas vezes, o lago congelado onde Jace e Sebastian lutavam até a morte em seus pesadelos.

Esta arma poderia matar Sebastian, dissera ela. Jace, por sua vez, fora mais cauteloso, mais desconfiado. Ele até tentara tirar a arma dela, no entanto a luz na lâmina morreu assim que ele a tocou. Reagia somente a ela, a criadora. Clary concordara que teriam que ser cautelosos caso não funcionasse. Parecia o ápice da húbris imaginar que ela havia prendido fogo sagrado na lâmina da Gloriosa...

Mas o anjo lhe deu este dom de criar, dissera Jace. *E não temos seu sangue em nossas veias?*

Qualquer que tivesse sido o cântico da lâmina, agora já havia passado, entrado no irmão. Clary ouviu Sebastian gritando e, acima deste, os gritos dos Crepusculares. Um vento ardente soprou por ela, carregando consigo o cheiro de desertos antigos, de um lugar onde milagres eram comuns e o divino se manifestava em fogo.

O ruído parou tão súbito quanto começou. O palanque balançou sob Clary enquanto um peso caía em cima dele. Clary levantou a cabeça e viu que o fogo havia se extinguido, e embora o chão estivesse marcado e ambos os tronos parecessem queimados, o ouro neles não era mais brilhante, e sim carbonizado, queimado e derretido.

Sebastian estava deitado a alguns centímetros de Clary, de costas. Havia um grande buraco

enegrecido em seu peito. Ele virou a cabeça para ela, o rosto tenso e pálido de dor, e o coração de Clary contraiu.

Os olhos dele estavam verdes.

As pernas dela bambearam. Clary caiu de joelhos no palanque.

— Você — sussurrou ele, e ela o encarou com um fascínio horrorizado, incapaz de desviar o olhar do que havia forjado. O rosto dele estava completamente sem cor, como papel esticado sobre osso. Ela não ousou olhar para o peito dele, onde o casaco havia caído; dava para ver a mancha negra na camisa, como uma queimadura de ácido. — Você colocou... o fogo celestial... na lâmina da espada — falou. — Foi... inteligente.

— Foi um símbolo, só isso — respondeu ela, ajoelhando perto dele, os olhos investigando os de Sebastian. Ele parecia diferente, não só os olhos, mas todo o formato do rosto, a mandíbula mais suave, a boca sem o sorriso cruel. — Sebastian...

— Não. Não sou ele. Sou... Jonathan — sussurrou. — Sou Jonathan.

— Vão até Sebastian! — Amatis gritou se levantando, com todos os Crepusculares em seu encalço. Havia dor no rosto dela, e raiva. — Matem a garota!

Jonathan se esforçava para sentar.

— Não! — gritou, rouco. — Para trás!

Os Caçadores de Sombras malignos, que tinham começado a avançar, congelaram, confusos. Em seguida, passando por eles, veio Jocelyn; passou por Amatis, empurrando-a, sem sequer olhá-la, e subiu as escadas até o palanque. Foi em direção a Sebastian — Jonathan — e em seguida parou, de pé perto dele, encarando-o com um olhar de assombro, misturado a um pavor horroroso.

— Mãe? — disse Jonathan. Ele estava olhando fixamente, quase como se não conseguisse focar o olhar nela. Começou a tossir. O sangue lhe escorria da boca. A respiração ruidosa nos pulmões.

Às vezes sonho com um menino de olhos verdes, um menino que jamais foi envenenado com sangue demoníaco, um menino capaz de rir, de amar e de ser humano, e foi por esse menino que chorei, mas esse menino nunca existiu.

O rosto de Jocelyn enrijeceu, como se ela estivesse se preparando para fazer alguma coisa. Ajoelhou-se ao lado da cabeça de Jonathan e o puxou para seu colo. Clary ficou olhando; não acreditava que ela fosse capaz daquilo. De tocá-lo daquele jeito. Mas, pensando bem, sua mãe sempre se culpara pela existência de Jonathan. Havia algo em sua expressão determinada que dizia que ela o tinha trazido ao mundo, e ela o mandaria embora.

Assim que Jonathan foi levantado, a respiração dele se acalmou. Havia uma espuma cheia de sangue em seus lábios.

— Sinto muito — disse ele, com um engasgo. — Sinto tanto... — Desviou os olhos para Clary.

— Sei que não há nada que eu possa fazer ou falar que me permita morrer com qualquer resquício de graça — continuou. — E eu não a culparia se cortasse minha garganta. Mas eu... Eu me arrependo. Eu... sinto muito.

Clary perdeu a fala. O que poderia dizer? *Tudo bem?* Mas não estava tudo bem. Nada do que ele havia feito estava bem, nem com o mundo nem com ela. Algumas coisas eram impossíveis de se perdoar.

No entanto ele não havia feito tais coisas, não exatamente. Aquela pessoa, o menino que sua mãe segurava como se ele fosse seu castigo, não era Sebastian, o sujeito que havia torturado, assassinado e causado destruição. Clary se lembrou do que Luke lhe dissera, que parecia ter sido há anos: *a Amatis que serve a Sebastian é tão minha irmã quanto o Jace que servia a Sebastian era o menino que você amava. Tão minha irmã quanto Sebastian era o filho que sua mãe deveria ter gerado*.

— Não — disse ele, e semicerrou os olhos. — Vejo que você está tentando entender, minha irmã. Se devo ser perdoado como Luke perdoaria a irmã caso o Cálice Infernal a libertasse agora. Mas veja, ela *foi* irmã dele um dia. Foi humana. Eu... — E tossiu, mais sangue surgindo nos lábios. — Nunca existi. O fogo celestial queima o que é mau. Jace sobreviveu à Gloriosa porque ele é bom. Restava um bem suficiente nele para que conseguisse viver. Mas eu nasci para ser inteiramente corrompido. Não resta de mim o bastante para que eu sobreviva. Você está vendo apenas o espectro de alguém que poderia ter sido, só isso.

Jocelyn estava chorando, lágrimas caindo silenciosamente pelo rosto enquanto ela continuava sentava, parada. Estava com a coluna ereta.

— Preciso lhes dizer — sussurrou ele. — Quando eu morrer, os Crepusculares vão correr para cima de vocês. Não conseguirei contê-los. — Ele desviou o olhar para Clary. — Onde está Jace?

— Aqui — falou Jace.

E já estava no palanque, a expressão dura, confusa e triste. Clary encontrou o olhar dele. Sabia o quanto devia ter sido difícil para ele encenar junto com ela, entregá-la a Sebastian, permitir que ela se arriscasse no fim. E sabia o quanto isso devia estar sendo difícil para ele, Jace, que queria tanto se vingar, olhar para Jonathan e perceber que a parte de Sebastian que poderia, que deveria ser punida tinha desaparecido. Havia outra pessoa ali, completamente diferente, alguém que nunca tivera chance de viver, e que agora nunca mais teria.

— Pegue minha espada — disse Jonathan, a respiração saindo aos trancos, indicando Phaesphoros, que tinha caído a alguns passos de distância. — Corte... abra.

— Abra o quê? — perguntou Jocelyn, confusa, mas Jace já estava agindo, se abaixando para pegar Phaesphoros, descendo do palanque. Atravessou o salão, passou pelos Crepusculares agrupados, pelo anel de símbolos, indo até onde o demônio Behemoth se encontrava morto em meio ao icor.

— O que ele está fazendo? — questionou Clary, embora tenha ficado óbvio quando Jace ergueu a espada e cortou o corpo do demônio. — Como ele sabia...

— Ele... me conhece — arfou Jonathan.

Uma torrente de entranhas fedorentas de demônio entornou pelo chão. Jace fez uma careta de desgosto — depois de surpresa e, em seguida, demonstrou percepção. Ele se abaixou e pegou alguma coisa rugosa, brilhando com icor — ergueu e Clary reconheceu como o Cálice Infernal.

Ela olhou para Jonathan. Os olhos dele estavam revirando, tremores convulsionavam seu corpo.

— D-diga a ele — gaguejou. — Diga a ele para jogar no círculo de símbolos.

Clary levantou a cabeça.

— Jogue no círculo! — gritou Clary para Jace, e Amatis girou em alerta.

— Não! — gritou ela. — Se o Cálice for destruído, nós também seremos! — Virou-se para o palanque. — Lorde Sebastian! Não permita que seu exército seja destruído! Somos leais!

Jace olhou para Luke, que por sua vez olhava para a irmã com uma expressão de total tristeza, uma tristeza tão profunda quanto a morte. Luke tinha perdido a irmã para sempre, e Clary havia acabado de ganhar o irmão de volta, o irmão que nunca tivera, e mesmo assim era a morte em ambos os lados.

Jonathan, meio apoiado contra o ombro de Jocelyn, olhou para Amatis; seus olhos verdes eram como luzes.

— Sinto muito — disse. — Nunca deveria tê-los criado.

E virou o rosto.

Luke assentiu uma vez para Jace, que arremessou o Cálice com toda a força possível no círculo de símbolos. O cálice bateu no chão e se estilhaçou.

Amatis engasgou e colocou a mão no peito. Por um instante — só por um instante — encarou Luke com um olhar de reconhecimento: um olhar de reconhecimento, e até de amor.

— Amatis — sussurrou ele.

O corpo dela desabou no chão. O mesmo sucedeu com os outros Crepusculares, um por um, ruindo ao chão, até a sala estar cheia de corpos.

Luke virou para o outro lado, os olhos expressando dor demais para que Clary fosse capaz de suportar olhá-los. Ela ouviu um grito — distante e duro — e por um momento ficou imaginando se seria Luke, ou mesmo algum dos outros, horrorizados em verem tantos Nephilim caindo, mas o grito só fez crescer, até se transformar num uivo que rachou o vidro e fez girar a poeira do lado de fora da janela com vista para Edom. O céu ficou vermelho cor de sangue e o grito prosseguiu, daí começou a diminuir, virando um bufar engasgado de tristeza, como se o universo estivesse choramingando.

— Lilith — sussurrou Jonathan. — Ela chora pelos filhos mortos, os filhos de seu sangue. Está

chorando por eles e por mim.

Emma retirou Cortana do corpo do guerreiro fada morto, ignorando o sangue que escorria em suas mãos. Seu único pensamento era chegar a Julian — ela vira o olhar terrível quando ele deslizara para o chão, e se Julian estivesse destruído, então o mundo inteiro estaria destruído e nada voltaria a ter sentido.

A multidão girava ao seu redor; ela mal os enxergava enquanto abria caminho pela massa em direção aos Blackthorn. Dru estava encolhida no pilar ao lado de Jules, o corpo protetoramente em volta de Tavvy; Livia continuava segurando Ty pelo pulso, mas agora olhava além dele, boquiaberta. E Jules — Jules continuava abaixado contra o pilar, porém tinha começado a levantar a cabeça, e, quando Emma notou que ele estava com o olhar fixo, virou para ver o que ele estava encarando.

Ao redor do salão, os Crepusculares começaram a sucumbir. Caíram como peças de xadrez, silenciosos. Caíram durante a batalha contra os Nephilim, e os irmãos fada também começaram a encarar enquanto os corpos dos Crepusculares desabavam no chão, um por um.

Um grito rouco de vitória se elevou de algumas gargantas de Caçadores de Sombras, mas Emma mal escutou. Correu aos tropeços até Julian e se ajoelhou ao seu lado; ele a encarou, os olhos verde-azulados do menino repletos de tristeza.

— Em — falou ele, rouco. — Pensei que aquele guerreiro fada fosse matá-la. Achei...

— Estou bem — sussurrou ela. — Você está bem?

Ele balançou a cabeça.

— Eu o matei — falou. — Matei meu pai.

— Aquele não era seu pai. — A garganta de Emma estava seca demais para continuar falando; em vez disso, ela desenhou nas costas da mão dele. Não uma palavra, mas um símbolo: o símbolo de coragem, e depois um coração torto.

Ele balançou a cabeça como se dizendo *Não, não, não mereço isto*, mas ela desenhou novamente, e em seguida se inclinou para ele, mesmo coberta de sangue como estava, e apoiou a cabeça no ombro do amigo.

As fadas estavam fugindo do Salão, abandonando as armas pelo caminho. Mais e mais Nephilim entravam no recinto, vindo da praça lá de fora. Emma viu Helen correndo na direção deles, com Aline ao lado, e pela primeira vez desde que saíram da casa dos Penhallow, Emma se permitiu acreditar que poderiam sobreviver.

— Estão mortos — disse Clary, olhando com assombro para os restos do exército de Sebastian. — Estão todos mortos.

Jonathan soltou um riso meio engasgado.

— "*Gostaria de fazer algum bem, apesar de minha natureza*" — murmurou ele, e Clary reconheceu a citação da aula de inglês. *Rei Lear*. A mais trágica dentre todas as tragédias. — Que coisa. Os Crepusculares se foram.

Clary se inclinou sobre ele, a voz desesperada.

— Jonathan — falou ela. — Por favor. Diga-nos como abrir a fronteira. Como voltar para casa. Tem que haver um jeito.

— Não... não tem jeito — sussurrou Jonathan. — Destruí a passagem. O caminho para a Corte Seelie está se fechando; todos os caminhos estão. É... é impossível. — O peito dele tremeu. — Sinto muito.

Clary não disse nada. Só conseguia sentir amargura na boca. Ela havia se arriscado, salvado o mundo, mas todos os que amava iriam morrer. Por um instante, seu coração se encheu de ódio.

— Ótimo — disse Jonathan, o olhar no rosto dela. — Me odeie. Alegre-se quando eu morrer. A última coisa que quero agora é lhe trazer mais dor.

Clary olhou para a mãe; Jocelyn estava parada e ereta, suas lágrimas caindo silenciosamente. Clary respirou fundo. Lembrava-se de uma praça em Paris, de ter visto Sebastian do outro lado de uma mesinha, dizendo: *Acha que consegue me perdoar? Digo, acha que o perdão é possível para alguém como eu? O que teria acontecido se Valentim a tivesse levado junto comigo? Você teria me amado?*

— Não o odeio — disse ela afinal. — Odeio Sebastian. Já você, não o conheço.

Os olhos de Jonathan se fecharam de maneira trêmula.

— Uma vez sonhei com um lugar verde — sussurrou. — Um solar, uma garotinha de cabelos ruivos e preparativos para um casamento. Se existirem outros mundos, então talvez haja algum onde fui um bom irmão e um bom filho.

Talvez, pensou Clary, e sofreu por esse mundo durante um instante, por sua mãe, e por si. Tinha consciência de Luke ao lado do palanque, observando-os; ciente de que havia lágrimas no rosto dele. Jace, os Lightwood e Magnus estavam bem atrás, e Alec segurava a mão de Isabelle. Em volta deles, estavam os corpos dos guerreiros Crepusculares.

— Não achei que você fosse capaz de sonhar — disse Clary, e respirou fundo. — Valentim encheu suas veias de veneno e o criou para odiar; você nunca teve escolha. Mas a espada queimou isso tudo. Talvez este seja quem você de fato é.

Ele inspirou de forma áspera e impossível.

— Seria uma linda mentira na qual se acreditar — falou, e, incrivelmente, o espectro de um sorriso doce e amargo passou pelo rosto dele. — O fogo da Gloriosa queimou o sangue demoníaco. Durante toda minha vida ele causticou minhas veias e cortou meu coração feito lâminas, e me fez pesar como chumbo... por toda minha vida, e eu nunca soube. Jamais conheci a diferença. Nunca me senti tão... leve — falou suavemente, então sorriu, fechou os olhos e morreu.

Clary se levantou lentamente, olhando para baixo. Sua mãe estava ajoelhada, segurando o corpo de Jonathan esticado em seu colo.

— Mãe — sussurrou, mas Jocelyn não levantou a cabeça. Um instante mais tarde alguém passou por Clary: Luke. Ele deu um aperto na mão da menina, e em seguida se ajoelhou ao lado de Jocelyn, colocando a mão suavemente no ombro dela.

Clary virou; não suportava mais. A tristeza parecia um peso compressor. Ouvia a voz de Jonathan na cabeça enquanto descia as escadas: *Nunca me senti tão leve*.

Ela avançou pelos corpos e pelo icor no chão, entorpecida e pesada com a noção de seu fracasso. Depois de tudo que fizera, não havia como salvá-los. Estavam esperando por ela: Jace, Simon e Isabelle, Alec e Magnus, que parecia doente, pálido e muito, muito cansado.

— Sebastian está morto — informou ela, e todos a olharam, com seus rostos cansados e sujos, como se estivessem exaustos e esgotados demais para sentir qualquer coisa em relação àquela notícia, até mesmo alívio. Jace deu um passo para a frente e pegou as mãos dela, as ergueu e as beijou rapidamente; Clary fechou os olhos, sentido como se apenas uma fração de luz e calor tivesse retornado.

— Mãos de guerreira — disse ele baixinho, e a soltou. Ela ficou olhando para os próprios dedos, tentando enxergar o que ele via. Suas mãos eram apenas mãos, pequenas e calejadas, manchadas com terra e sangue.

— Jace estava nos contando — falou Simon. — O que você fez, com a espada Morgenstern. Que estava fingindo com Sebastian o tempo todo.

— Agora no fim, não — respondeu. — Não quando ele voltou a ser Jonathan.

— Gostaria que tivesse nos contado sobre o plano — censurou Isabelle.

— Desculpem — sussurrou Clary. — Tive medo de que não funcionasse. Que ficassem decepcionados. Achei melhor... não criar muitas esperanças.

— Às vezes a esperança é tudo que nos mantém — disse Magnus, embora não soasse magoado.

— Eu precisava que ele acreditasse — explicou Clary. — Então precisava que vocês também acreditassem. Ele precisava ver as reações de vocês e achar que tinha vencido.

— Jace sabia — rebateu Alec, olhando para ela, mas também sem soar magoado, apenas confuso.

— E em nenhum momento olhei para ela, desde que se sentou no trono até a hora em que apunhalou Sebastian no coração — disse Jace. — Não consegui. Ao entregar a pulseira para ele, eu... — Ele parou de falar. — Desculpe. Eu não devia tê-lo chamado de desgraçado. Sebastian era, mas Jonathan não é, não *era* a mesma pessoa... e sua mãe...

— É como se tivesse perdido um filho duas vezes — disse Magnus. — Acho que poucas coisas

podem ser piores.

— Que tal ficar preso em um reino demoníaco sem ter como sair? — sugeriu Isabelle. — Clary, precisamos voltar para Idris. Detesto perguntar, mas Seb... Jonathan disse alguma coisa sobre como reabrir as fronteiras?

Clary engoliu em seco.

— Ele disse que não tem como. Que estão fechadas para sempre.

— Então estamos presos aqui — disse Isabelle, seus olhos escuros tomados de choque. — Para sempre? Não pode ser. Deve haver um feitiço... Magnus...

— Ele não mentiu — falou Magnus. — Nós não temos como reabrir os caminhos daqui para Idris.

Fez-se um silêncio terrível. Então Alec, cujo olhar repousava sobre Magnus, perguntou:

— *Nós* não temos como fazer?

— Foi o que eu disse — respondeu Magnus. — Não há como abrir as fronteiras.

— Não — insistiu Alec, com um tom perigoso na voz. — Você disse que *nós* não temos como fazer, no sentido de que pode haver alguém que possa.

Magnus afastou-se de Alec e olhou em volta, para todos eles. Estava com a expressão aberta, despida daquele distanciamento habitual, e parecia ao mesmo tempo muito novo e muito, muito velho. Tinha o rosto de um jovem, mas aqueles olhos já haviam visto séculos correrem, e Clary nunca tivera tanta consciência disso como agora.

— Existem coisas piores que a morte — falou Magnus.

— Talvez você devesse deixar que nós julgássemos isso — argumentou Alec, e Magnus passou a mão desesperada no rosto e disse:

— Meu Deus, Alexander, eu passei a vida inteira sem ter que recorrer a isso, exceto por uma ocasião, quando aprendi minha lição. Não é uma lição que quero que vocês aprendam.

— Mas você está vivo — disse Clary. — Sobreviveu à lição.

Magnus sorriu, um sorriso horrível.

— Não teria sido uma lição se eu não tivesse sobrevivido — falou. — Mas fui devidamente avisado. Jogar dados com minha própria vida é uma coisa; brincar com a de todos vocês...

— Morreremos aqui de qualquer jeito — disse Jace. — É um jogo desvantajoso. Deixe que arrisquemos.

— Concordo — falou Isabelle, e os outros engrossaram o coro. Magnus olhou para o palanque, onde Luke e Jocelyn continuavam ajoelhados, e suspirou.

— Voto da maioria — falou. — Sabiam que existe um velho ditado no Submundo sobre cachorros loucos e Nephilim não ouvirem conselhos?

— Magnus... — começou Alec, mas Magnus apenas balançou a cabeça e se levantou fracamente.

Continuava vestindo os farrapos que tinha usado no jantar há tanto tempo no refúgio do Povo das Fadas em Idris: os rasgos incongruentes de um paletó formal e uma gravata. Os anéis brilharam em seus dedos quando ele juntou as mãos, como se estivesse em oração, daí fechou os olhos.

— Pai nosso — recitou, e Clary ouviu Alec respirar fundo e então ofegar. — Pai nosso que estais no Inferno, ímpio seja vosso nome. Venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim em Edom como no Inferno. Não perdoai os meus pecados, pois naquele fogo dos fogos não haverá nem gentileza amorosa, nem compaixão, nem redenção. Meu pai, que causa guerras por todos os cantos, venha a mim agora; chamo-lhe como seu filho, e assumo a responsabilidade por vossa invocação.

Magnus abriu os olhos. Estava sem expressão. Cinco faces chocadas o encaravam.

— Pelo Anjo... — disse Alec.

— Não — falou uma voz logo além do grupo. — *Definitivamente* não é pelo seu Anjo.

Clary encarou. Inicialmente não viu nada, só um pedaço de sombra que se mexia, e em seguida uma figura se formou da escuridão. Um homem alto, pálido como ossos, em um terno totalmente branco; abotoaduras prateadas brilhavam em seus pulsos, esculpidas em forma de moscas. Tinha uma face humana, pele clara esticada, maçãs do rosto afiadas como lâminas. Não possuía cabelos, mas uma coroa brilhante de arame farpado.

Seus olhos eram verde-dourados, e tinha pupilas em fendas, como as de um gato.

— Pai — disse Magnus, e a palavra foi uma exalação de tristeza. — Você veio.

O homem sorriu. Os dentes da frente eram afiados, pontudos como dentes felinos.

— Meu filho — falou. — Faz muito tempo que não me chama. Estava começando a me desesperar, achando que você nunca mais o faria.

— Não estava nos meus planos — respondeu Magnus secamente. — Chamei-lhe uma vez para me certificar de que era meu pai. Aquela vez foi suficiente.

— Assim me machuca — disse o homem, e voltou seu sorriso afiado para os outros. — Sou Asmodeus — disse. — Um dos Nove Príncipes do Inferno. Talvez conheçam meu nome.

Alec emitiu um ruído curto, rapidamente abafado.

— Já fui serafim uma vez, um dos anjos de fato — continuou Asmodeus, parecendo satisfeito consigo. — Parte de uma companhia inumerável. Então veio a guerra, e todos nós caímos como estrelas do Céu. Segui o Portador da Luz para baixo, a Estrela da Manhã, pois fui um de seus conselheiros-chefe, e, quando ele caiu, eu caí junto. Ele me criou no Inferno e me fez um dos nove governantes. Caso tenham dúvida, *é* preferível governar no Inferno a servir no Paraíso: já fiz as duas coisas.

— Você é... o pai de Magnus? — disse Alec, com a voz sufocada. Virou-se para Magnus. — Quando você segurou a luz enfeitiçada no túnel do metrô, ela ardeu em cores... é por causa *dele*?

— Apontou para Asmodeus.

— Sim — respondeu Magnus. Parecia muito cansado. — Avisei, Alexander, que era algo de que você não iria gostar.

— Não entendo o frenesi. Fui pai de muitos feiticeiros — disse Asmodeus. — Magnus foi quem mais me orgulhou.

— Quem são os outros? — perguntou Isabelle, os olhos escuros desconfiados.

— O que ele está dizendo é que a maioria já morreu — retrucou Magnus. Encontrou brevemente o olhar do pai, em seguida desviou, como se não suportasse o contato prolongado. Os lábios finos e sensíveis de Magnus estavam rijos. — Ele também não está contando que todos os príncipes do Inferno possuem um reino que governam; este é o dele.

— Como este lugar, Edom, é o *seu* reino — disse Jace —, então você é responsável pelo... pelo que aconteceu aqui?

— É meu reino, apesar de eu raramente vir para cá — explicou Asmodeus com um suspiro martirizado. — Era um lugar ótimo. Os Nephilim deste reino lutaram muito. Quando inventaram o *skeptron*, achei que pudessem sair vitoriosos no último segundo, mas o Jonathan Caçador de Sombras deste mundo era um divisor, não um agregador, e no fim eles se destruíram. Todos se destróem, vocês sabem. Nós demônios levamos a culpa, mas só abrimos a porta. É a humanidade que atravessa.

— Não venha com desculpas — irritou-se Magnus. — Você assassinou minha mãe...

— Ela era uma criaturinha bem disposta, garanto a você — disse Asmodeus, e Magnus enrubesceu. Clary sentiu uma pontada de choque por ser possível *fazer* aquilo com Magnus, machucá-lo com relação à própria família. Fazia muito tempo, e ele era tão reservado.

Mas daí, pais sempre eram capazes de mexer com os filhos, independentemente da idade.

— Vamos direto ao ponto — disse Magnus. — Você pode abrir uma porta, certo? Mandar-nos para Idris, de volta ao nosso mundo?

— Gostaria de uma demonstração? — perguntou Asmodeus, estalando os dedos em direção ao palanque, onde Luke estava de pé, olhando para eles. Jocelyn parecia prestes a se levantar também. Clary notava a expressão de preocupação de ambos, pouco antes de desaparecerem, levando consigo o corpo de Jonathan. Exatamente quando sumiram, por um instante, Clary viu o interior do Salão dos Acordos, o chafariz de sereia e o chão de mármore, e em seguida a visão desapareceu, como um rasgo no universo se costurando outra vez.

Um grito irrompeu da garganta de Clary.

— *Mãe!*

— Eu os enviei de volta ao seu mundo — disse Asmodeus. — Agora você sabe que consigo. — Examinou as próprias unhas.

Clary estava arfando, em parte pânico, em parte raiva.

— Como ousa...

— Bem, era o que queriam, não era? — disse Asmodeus. — Pronto, os dois primeiros foram de graça. O restante, bem, terá que pagar. — Suspirou ao ver os olhares ao redor. — Sou um *demônio* — falou, mordaz. — Sério, o que ensinam aos Nephilim hoje?

— Sei o que quer — falou Magnus, com a voz esgotada. — E pode ficar. Mas precisa jurar pela Estrela da Manhã que enviará todos os meus amigos de volta a Idris, *todos* eles, e nunca mais voltará a incomodá-los. Eles não lhe deverão *nada*.

Alec deu um passo adiante.

— Pare. Não... Magnus, o que quer dizer, o que ele quer? Por que está falando como se não fosse voltar conosco?

— Chega um momento — começou Asmodeus — em que todos devemos voltar a morar nas casas de nossos pais. Este é o momento de Magnus.

— "*Na casa de meu pai há muitas moradas*" — sussurrou Jace; estava muito pálido, como se fosse vomitar. — Magnus. Ele não pode... não quer levá-lo com ele? De volta a...

— Ao Inferno? Não precisamente — disse Asmodeus. — Como Magnus disse, Edom é meu reino. Eu o compartilhava com Lilith. Então o pestinha dela tomou tudo e arrasou o terreno, destruiu minha torre, está tudo aos pedaços. E *você* dizimou metade da população com o *skeptron*. — A parte final foi endereçada a Jace, bem petulante. — É preciso muita energia para abastecer um reino. Extraímos do poder do que abandonamos, a grande cidade de Pandemônio, o fogo em que caímos, mas chega um momento em que a vida deve nos abastecer. E a vida imortal é a melhor de todas.

O peso entorpecente que puxava os braços de Clary para baixo desapareceu quando ela ficou atenta de súbito, colocando-se na frente de Magnus. Ela quase colidiu contra os outros. Todos fizeram o mesmo movimento, visando bloquear o feiticeiro de seu pai demônio, até mesmo Simon.

— Quer tirar a *vida* dele? — perguntou Clary. — Isso é cruel e tolo, mesmo que você seja um demônio. Como pode querer matar seu próprio *filho*...

Asmodeus riu.

— Que ótimo! — comentou ele. — Veja só, Magnus, estes meninos que o amam e querem protegê-lo! Quem poderia imaginar! Quando você for enterrado, certificar-me-ei de que gravem no seu túmulo: *Magnus Bane, adorado pelos Nephilim*.

— Não vai tocá-lo — disse Alec, com a voz dura como ferro. — Talvez tenha se esquecido do que fazemos, nós, os Nephilim, mas *matamos demônios*. Até mesmo Príncipes do Inferno.

— Ah, sei bem o que fazem; destruíram meu compatriota Abbadon e disseminaram nossa princesa Lilith pelos ventos do vazio, embora ela vá voltar. Ela sempre terá lugar em Edom. Foi por isso que permiti que seu filho se estabelecesse aqui, mas admito que não imaginei a bagunça

que ele faria. — Asmodeus revirou os olhos; Clary suprimiu um calafrio. Em torno das pupilas verde-douradas, as escleras dos olhos eram como óleo negro. — Não tenho a intenção de matar Magnus. Seria desordeiro e tolo, e, além disso, eu poderia ter providenciado sua morte em qualquer tempo. O que quero é a vida dele cedida voluntariamente, pois a vida de um imortal tem poder, grande poder, e vai me ajudar a abastecer meu reino.

— Mas ele é seu filho — protestou Isabelle.

— E vai permanecer comigo — falou Asmodeus, com um sorriso. — Em espírito, por assim dizer.

Alec girou para Magnus, que estava com as mãos nos bolsos, franzindo o rosto.

— Ele quer tirar sua imortalidade?

— Exatamente — respondeu Magnus.

— Mas... você sobreviveria? Só não seria mais imortal? — Alec parecia arrasado, e Clary não conseguia evitar sentir-se péssima por ele. Depois do motivo pelo qual Alec e Magnus terminaram, Alec não precisava ser lembrado de que um dia já desejara que a imortalidade de Magnus fosse retirada.

— Minha imortalidade teria fim — explicou Magnus. — Todos os anos da minha vida me alcançariam de uma só vez. Seria muito improvável que eu sobrevivesse. Quase quatrocentos anos são muita coisa para assimilar, mesmo que você sempre use hidratante.

— Não pode — disse Alec, e tinha uma súplica na voz. — Ele disse "uma vida cedida voluntariamente". Diga não.

Magnus levantou a cabeça e olhou para Alec; foi um olhar que fez Clary enrubescer e desviar a cara. Tinha tanto amor, misturado a exasperação, orgulho e desespero. Um olhar sem reservas, que parecia errado testemunhá-lo.

— Não posso negar, Alexander — falou. — Se o fizer, todos permaneceremos aqui; morreremos de qualquer jeito. Passaremos fome, nossas cinzas se transformarão em pó para atormentarem os demônios deste reino.

— Tudo bem — disse Alec. — Nenhum de nós daria sua vida em troca da nossa.

Magnus olhou em volta, para os rostos dos companheiros, sujos, exaustos, brutalizados e desesperados, e Clary viu a expressão de Magnus mudar quando ele notou que Alec estava certo. Nenhum deles trocaria a vida de Magnus pela própria, nem pela de todos.

— Eu vivi por muito tempo — argumentou Magnus. — Tantos anos, e não, não parece suficiente. Não vou mentir e dizer que parece. Quero continuar; em parte por sua causa, Alec. Jamais quis viver tanto quanto nos últimos meses, com você.

Alec pareceu arrasado.

— Morreremos juntos — falou. — Permita que pelo menos eu fique, com você.

— Precisa voltar. Você precisa voltar para o mundo.

— Não quero o mundo. Quero você — suplicou Alec, e Magnus fechou os olhos, como se as palavras quase machucassem. Asmodeus observava enquanto falavam, ávidos, quase famintos, e Clary se lembrou de que demônios se alimentavam de emoções humanas: medo, alegria, amor e dor. Sobretudo dor.

— Você não pode ficar comigo — disse Magnus após uma pausa. — Não haverá mais eu; o demônio tomará minha força de vida, e meu corpo irá ruir. Quatrocentos anos, lembre-se.

— "O demônio" — reclamou Asmodeus, e fungou. — Poderia ao menos dizer meu nome enquanto me entedia.

Clary concluiu então que talvez odiasse Asmodeus mais que a qualquer outro demônio que já havia conhecido.

— Vá em frente, meu menino — acrescentou Asmodeus. — Não tenho toda a eternidade para esperar; nem você, não mais.

— Tenho que salvá-lo, Alec — disse Magnus. — Você e todos que você ama; é um preço pequeno a se pagar, não é, no fim das contas? Por tudo isso?

— Não *todos* que eu amo — sussurrou Alec, e Clary sentiu lágrimas acumuladas nos olhos. Ela havia se esforçado tanto, tanto para se tornar a pessoa a pagar o preço por aquilo tudo. Não era justo que Magnus pagasse; Magnus, quem menos tinha participação na história de Nephilim, anjos, demônios e vingança em comparação ao restante; Magnus, que era apenas parte daquilo porque amava Alec. — *Não* — disse Alec. Em meio a lágrimas Clary os viu agarrados; havia carinho até mesmo na curva dos dedos de Magnus em torno do ombro de Alec enquanto ele se abaixava para beijá-lo. Um beijo de desespero e apego, mais que paixão; Magnus chegou a cravar os dedos no braço de Alec, mas no fim recuou, e virou-se para o pai.

— Certo — falou Magnus, e Clary percebeu que ele estava se preparando como se estivesse prestes a se lançar em uma fogueira. — Certo, leve-me. Dou-lhe a minha vida. Eu sou...

Simon — que tinha permanecido em silêncio até aquele instante; Simon, que Clary quase esquecera que estava ali — deu um passo para a frente.

— Eu estou disposto.

As sobrancelhas de Asmodeus se ergueram.

— O que foi isso?

Isabelle pareceu entender antes de todo mundo. Empalideceu e disse:

— Não, Simon, não!

Mas Simon prosseguiu, as costas eretas, o queixo empinado.

— Também tenho vida imortal — falou. — Magnus não é o único. Pegue a minha; pegue minha imortalidade.

— Ahhh — respirou Asmodeus, com os olhos subitamente brilhantes. — Azazel me falou a seu respeito. Um vampiro não é interessante, mas um *Diurno*! Você carrega o poder do sol em

suas veias. Luz do sol e vida eterna, é um poder e tanto.

— Sim — disse Simon. — Se aceitar minha imortalidade em vez da de Magnus, darei a você. Estou...

— *Simon!* — protestou Clary, porém já era tarde demais.

— Estou disposto — concluiu, e com uma olhada em volta para o restante do grupo, tensionou o maxilar, com um olhar que significava *Está dito. Está feito*.

— Meu Deus, Simon, não — interveio Magnus, com uma voz de terrível tristeza, e fechou os olhos.

— Só tenho 17 anos — falou Simon. — Se ele retirar minha imortalidade, vou viver minha vida, não morrerei aqui. Eu jamais quis ser imortal, jamais quis ser vampiro, jamais quis nada disso.

— Você não vai viver a sua vida! — Havia lágrimas nos olhos de Isabelle. — Se Asmodeus tirar sua imortalidade, você será um cadáver Simon. Você é morto-vivo.

Asmodeus emitiu um ruído grosseiro.

— Você é uma menina muito burra — falou. — Sou um Príncipe do Inferno. Posso derrubar paredes entre os mundos. Posso construir mundos e destruí-los. Você acha que não posso reverter a Transformação que torna um humano num vampiro? Acha que não posso fazer com que o coração dele volte a bater? Brincadeira de criança.

— Mas por que você faria isso? — questionou Clary, espantada. — Por que o faria viver? Você é um demônio. Não se importa...

— Não me importo. Mas quero — respondeu Asmodeus. — Tem mais uma coisa que desejo de vocês. Mais um item para adoçar o acordo. — Sorriu, e seus dentes brilharam como cristais afiados.

— O quê? — A voz de Magnus tremeu. — O que quer?

— As lembranças dele — respondeu Asmodeus.

— Azazel pegou uma lembrança de cada um de nós como pagamento por um favor — disse Alec. — Qual é a relação entre demônios e lembranças?

— Lembranças humanas, cedidas livremente, são como alimento para nós — explicou Asmodeus. — Demônios vivem dos gritos e da agonia dos amaldiçoados em tormenta. Imagine então que bela mudança de ritmo é um banquete de boas lembranças. Ficam deliciosas quando misturadas, o doce e o amargo. — Olhou em volta, os olhos de gato brilhando. — E já dá para perceber que haverá muitas lembranças boas para extrair, vampirinho, pois você é muito amado, não é?

Simon pareceu arrasado. Falou:

— Mas se você retirar minhas lembranças, quem eu serei? Eu não...

— Bem — disse Asmodeus. — Eu poderia tirar todas as suas lembranças e deixá-lo como um

idiota babão, suponho, mas, sinceramente, quem quer as lembranças de um bebê? Chatice, chatice. A questão é: o que seria *mais* divertido? Lembranças são deliciosas, mas a dor também é. O que causaria mais dor aos seus amigos, aqui? O que os lembraria de temer o poder e a inteligência dos demônios? — Ele entrelaçou as mãos junto às costas. Cada um dos botões do terno branco tinha formato de mosca.

— Prometi minha imortalidade — disse Simon. — Não minhas lembranças. Você disse "cedidas voluntariamente"...

— Deus do Inferno, a banalidade — falou Asmodeus, e se moveu, rápido como uma chama, para pegar Simon pelo braço. Isabelle avançou, como se fosse segurar Simon, e então recuou com um arfar. Um vergão vermelho apareceu na bochecha dela. Izzy colocou a mão, parecendo chocada.

— Deixe-a em paz — disparou Simon, e desvencilhou o braço das garras do demônio.

— Membro do Submundo — arfou o demônio, e tocou os longos dedos aracnídeos no rosto de Simon. — Você devia ter um coração que batia muito forte, quando batia.

— Deixe-o em paz — disse Jace, sacando a espada. — Ele é nosso, não seu; os Nephilim protegem o que é deles...

— Não! — protestou Simon. Estava tremendo completamente, mas a coluna se mantinha ereta. — Jace, não. É o único jeito.

— De fato é — concordou Asmodeus. — Pois nenhum de vocês pode combater um Príncipe do Inferno em seu reino de poder; nem mesmo você, Jace Herondale, filho dos anjos, ou você, Clarissa Fairchild, com seus truques e símbolos. — Ele remexeu os dedos, sutilmente; a espada de Jace caiu no chão, e este puxou a mão, se contorcendo de dor, como se tivesse sofrido uma queimadura. Asmodeus lhe concedeu apenas um olhar antes de levantar a mão outra vez.

— Lá está o portal. Vejam. — Gesticulou para a parede, que brilhou e ficou clara. Através dela, Clary via os contornos do Salão dos Acordos. Lá estavam os corpos dos Crepusculares, caídos no chão em montes escarlate, e lá estavam os Caçadores de Sombras, correndo, tropeçando, se abraçando: vitória depois da batalha.

E lá estavam sua mãe e Luke, olhando em volta, espantados. Continuavam na mesma posição em que estavam no palanque. Luke de pé, Jocelyn ajoelhada com o corpo do filho nos braços. Outros Caçadores de Sombras estavam começando a olhar para eles, surpresos, como se tivessem surgido do nada — o que era o caso.

— Aí está tudo que vocês desejam — disse Asmodeus, enquanto o portal piscava e escurecia. — Em troca ficarei com a imortalidade do Diurno, e, além disso, com as lembranças que ele tem do Mundo das Sombras: todas as lembranças de todos vocês, de tudo que aprendeu, de tudo que passou. É o meu desejo.

Simon arregalou os olhos; Clary sentiu seu coração saltar. Magnus parecia ter sido

apunhalado.

— Aí está — sussurrou. — O truque no coração do jogo. Sempre tem algum, com os demônios.

Isabelle pareceu incrédula.

— Está dizendo que quer que ele *se esqueça* de nós?

— Tudo sobre vocês, e que um dia os conheceu — disse Asmodeus. — Ofereço isto em troca. Ele vai viver. Terá a vida de um mundano. Terá a família de volta; a mãe, a irmã. Amigos, colégio, todos os aspectos de uma vida humana *normal*.

Clary olhou desesperadamente para Simon. Ele estava tremendo, abrindo e fechando as mãos. Não disse nada.

— De jeito nenhum — disse Jace.

— Tudo bem. Então todos morrerão aqui. Você não tem muitas condições de negociar, Caçadorzinho de Sombras. O que são as lembranças em comparação a este custo de vida?

— Você está falando sobre quem Simon *é* — argumentou Clary. — Está falando em tirá-lo de nós para sempre.

— Sim. Não é ótimo? — Asmodeus sorriu.

— Isso é ridículo — declarou Isabelle. — Digamos que você tire as lembranças dele. O que nos impede de encontrá-lo e contar sobre o Mundo das Sombras? De apresentá-lo à magia? Já fizemos isso, podemos fazer de novo.

— Antes, ele conhecia você, conhecia Clary e confiava nela — disse Asmodeus. — Agora não conhecerá nenhum de vocês. Todos serão estranhos para ele, e por que ele daria ouvidos a estranhos loucos? Além disso, conhecem a Lei do Pacto tão bem quanto eu. Vocês a estão violando ao contar sobre o Mundo das Sombras sem qualquer motivo, colocando a vida dele em risco. Antes as circunstâncias eram especiais. Agora não serão mais. A Clave retirará todas as suas Marcas, se tentarem.

— Por falar em Clave — falou Jace. — Não ficarão muito felizes se você jogar um mundano em uma vida onde todos que o conhecem pensam que ele é um *vampiro*. Todos os amigos de Simon sabem! A família sabe! A irmã, a mãe. *Eles* contarão, mesmo que nós não contemos.

— Entendo. — Amadeus pareceu desagradado. — Isso complica as coisas. Talvez seja melhor pegar a vida de Magnus, afinal...

— *Não* — berrou Simon. Estava chocado, nauseado, mas sua voz parecia determinada. Asmodeus olhou para ele, cheio de cobiça.

— Simon, cale a boca — interrompeu Magnus desesperadamente. — Leve a mim, pai...

— Quero o Diurno — disse Asmodeus. — Magnus, Magnus. Você nunca entendeu direito o que é ser demônio, entendeu? Alimentar-se de dor? Mas o que é a dor? Tormento físico, isso é tão tedioso; qualquer demônio de jardim é capaz de fazer isso. Ser um *artista* da dor, criar agonia,

escurecer a alma, transformar motivos nobres em sujeira, amar cobiçar e depois odiar, transformar uma fonte de alegria em uma fonte de tortura, é para *isso* que existimos! — A voz dele ressoou. — Vou até o universo mundano. Tirarei as lembranças daqueles que são próximos do Diurno. Vão se lembrar dele apenas como mortal. Não se lembrarão de Clary.

— Não! — gritou Clary, e Asmodeus lançou a cabeça para trás e riu, uma risada deslumbrante que a fez se lembrar de que ele um dia ele fora anjo.

— Você não pode tirar nossas lembranças — falou Isabelle, furiosa. — Somos Nephilim. Seria equivalente a um ataque. A Clave...

— As lembranças de vocês podem ficar — cortou Asmodeus. — Nada do que se recordam sobre Simon vai me causar problemas com a Clave, e, além disso, vocês serão atormentados por isso, o que só aumentará meu júbilo. — Sorriu. — Vou abrir um buraco no coração do seu mundo, e, quando sentirem, pensarão em mim, e se lembrarão de mim. Lembrarão! — Asmodeus puxou Simon, sua mão deslizando para pressionar o peito de Simon, como se pudesse alcançar o coração dele através das costelas. — Começamos aqui. Está pronto, Diurno?

— Pare! — Isabelle deu um passo à frente, com o chicote na mão, os olhos em chamas. — Sabemos seu nome, demônio. Acha que tenho medo de acabar até mesmo com um Príncipe do Inferno? Eu colocaria sua cabeça na minha parede como um troféu, e, se ousar tocar em Simon, vou caçá-lo. Passarei minha *vida* caçando-o...

Alec passou os braços em volta da irmã e a segurou firme.

— Isabelle — disse baixinho. — Não.

— Como assim, não? — protestou Clary. — Não podemos permitir que isso aconteça... Jace...

— É uma escolha de Simon. — Jace continuava em choque; estava completamente pálido e imóvel. Os olhos se fixaram nos de Simon. — Temos que honrá-la.

Simon olhou para Jace e inclinou a cabeça. Seu olhar estava passeando lentamente por todos eles, de Magnus para Alec, e Isabelle, onde parou e ficou, e estava tão cheio de possibilidades arruinadas que Clary sentiu o próprio coração partir.

Então seu olhar foi para Clary, e ela sentiu o restante de si ruir. Havia tanto na expressão dele, tantos anos de tanto amor, tantos segredos sussurrados, promessas e sonhos compartilhados. Ela o viu esticar o braço, e em seguida algo brilhante voou em direção a ela. Clary levantou a mão e pegou, reflexivamente. Era o anel dourado que tinha dado a ele. Fechou a mão em volta da peça, sentindo a espetada do metal na palma da mão, a mão acolhendo a dor.

— Basta — disse Asmodeus. — Detesto despedidas. — E apertou Simon, que engasgou, arregalando os olhos; e levou a mão ao peito.

— Meu coração... — Engasgou-se, e Clary soube, soube pelo olhar dele, que seu coração tinha voltado a bater.

Ela piscou contra as lágrimas enquanto uma bruma branca explodia em torno deles. Ouviu

Simon gritar de dor; os pés dela começaram a se movimentar espontaneamente, e ela correu para a frente, apenas para ser contida, como se tivesse batido em uma parede invisível. Alguém a segurou; Jace, pensou ela. Havia braços em volta dela, mesmo enquanto a bruma cercava Simon e o demônio como um pequeno tornado, bloqueando-os parcialmente da vista.

Formas começaram a aparecer na bruma conforme ela ficava mais densa. Clary se viu com Simon quando crianças, de mãos dadas, atravessando uma rua no Brooklyn; ela usava fivelas no cabelo, e Simon estava adoravelmente desgrenhado, os óculos caindo no nariz. Lá estavam os dois novamente, atirando bolas de neve no Prospect Park; e na fazenda de Luke, bronzeados pelo verão, pendurados de cabeça para baixo em galhos de árvores. Ela os viu no Java Jones, ouvindo a poesia terrível de Eric, e na garupa de uma moto voadora que aterrissava em um estacionamento, com Jace ali, olhando para eles, olhos semicerrados contra o sol. E Simon com Isabelle, com as mãos no rosto dela, beijando-a, e Clary enxergou Isabelle pelos olhos de Simon: frágil e forte, e muito, muito linda. E lá estava o navio de Valentim, Simon ajoelhado em Jace, sangue na boca e na camisa, sangue na garganta de Jace, a cela em Idris, o rosto esgotado de Hodge, e Simon e Clary novamente, Clary desenhando a Marca de Caim em sua testa. Maureen com seu sangue no chão, e o chapeuzinho rosa, e o telhado de Manhattan onde Lilith despertara Sebastian, e Clary passando para ele um anel sobre uma mesa, e um Anjo saindo de um lago diante dele, e ele beijando Isabelle...

Todas as lembranças de Simon, as lembranças de magia, as lembranças de todos eles, sendo extraídas e rodando em um turbilhão. Brilhavam num tom de ouro branco tão reluzente quanto a luz do dia. Havia um ruído em torno deles, como uma tempestade se formando, mas Clary mal ouvia. Esticou as mãos, rogando, apesar de não saber pelo que implorava.

— *Por favor...*

Sentiu os braços de Jace a apertarem, e em seguida a beira da tempestade a capturou. Ela foi elevada e carregada. Viu o salão de pedra se afastar a uma velocidade terrível, e a tempestade levou seus gritos por Simon e os transformou nos sons de uma ventania impetuosa. As mãos de Jace foram arrancadas dos ombros dela. Clary estava sozinha no caos, e por um instante achou que Asmodeus tivesse mentido afinal, que não havia passagem, e que flutuariam naquele nada para sempre, até morrer.

Então veio o chão, rápido. Ela viu o piso do Salão dos Acordos, mármore duro com veias douradas, antes de atingi-lo. A colisão foi forte, fazendo-a bater os dentes; ela rolou automaticamente, conforme aprendera, e parou ao lado do chafariz de sereia no centro.

Sentou-se e olhou em volta. O salão estava preenchido por rostos silenciosos que a encaravam, mas nenhum deles importava. Ela não estava procurando por estranhos. Viu Jace primeiro; ele tinha aterrissado agachado, em posição de combate. Clary notou os ombros dele relaxarem enquanto ele olhava em volta, percebendo onde estavam, que estavam em Idris, e que a

guerra tinha acabado. E lá estava Alec; ainda segurando a mão de Magnus, que parecia nauseado e exausto, mas pelo menos estava vivo.

E Isabelle. Foi a que pousou mais perto de Clary, a mais ou menos 30 centímetros. Ela já estava de pé, seu olhar percorrendo a sala uma, duas, e uma terceira vez, desesperada. Estavam todos ali, todos, exceto um.

Ela olhou para Clary; os olhos brilhavam de lágrimas.

— Simon não está aqui — disse ela. — Ele realmente se foi.

O silêncio que dominou os Caçadores de Sombras reunidos pareceu romper como uma onda: de repente havia vários Nephilim correndo para eles. Clary viu a mãe e Luke, Robert e Maryse, Aline e Helen, e até Emma Carstairs, vindo cercá-los, abraçá-los, curá-los e ajudá-los. Clary sabia que todos tinham boas intenções, que estavam correndo para o bem, mas não sentiu alívio. Apertando o anel dourado na palma, ela se encolheu no chão e finalmente se permitiu chorar.

24

E Chamam Isso de Paz

— Quem, então, será o representante das Cortes das Fadas? — perguntou Jia Penhallow.

O Salão dos Acordos estava decorado com as bandeiras de cor azul da vitória. Pareciam recortes do céu. Todas tinham o símbolo dourado do triunfo. Lá fora estava um dia claro de inverno, e a luz que entrava pelas janelas brilhava pelas longas filas de cadeiras colocadas de frente para o palanque no centro, onde a Consulesa e o Inquisidor se encontravam, sentados à uma mesa longa. A mesa tinha sido decorada com mais dourado e azul: enormes castiçais dourados que quase impediam Emma de enxergar os integrantes do Submundo que também estavam à mesa: Luke, representando os lobisomens, uma jovem chamada Lily, representando os vampiros; e o famosíssimo Magnus Bane, representante dos feiticeiros.

Não havia assento para um representante das fadas. Lentamente, dentre a multidão sentada, uma jovem se levantou. Tinha olhos completamente azuis, sem qualquer parte branca, e orelhas pontudas como as de Helen.

— Sou Kaelie Whitewillow — disse. — Represento a Corte Seelie.

— Mas não a Unseelie? — perguntou Jia, a caneta pairando sobre um pergaminho.

Kaelie balançou a cabeça, os lábios contraídos. Um burburinho tomou o salão. Apesar da clareza das bandeiras, o clima no recinto estava tenso, e não alegre. Na fileira de assentos em frente aos Blackthorn estavam os Lightwood: Maryse com a coluna ereta, e ao seu lado, Isabelle e Alec, cujas cabeças estavam abaixadas enquanto ambos sussurravam.

Jocelyn Fairchild estava ao lado de Maryse, mas não havia sinal de Clary Fray ou de Jace Lightwood em lugar nenhum.

— A Corte Unseelie recusa um representante — disse Jia, anotando com a caneta. Depois olhou para Kaelie sobre a armação dos óculos. — Que recado nos traz da Corte Seelie? Concordam com nossas condições?

Emma ouviu Helen respirando fundo, de lá da ponta de sua fileira de assentos. Dru, Tavvy e os gêmeos foram considerados jovens demais para comparecer à reunião; tecnicamente, ninguém com menos de 18 anos podia ir, mas exceções especiais foram abertas para aqueles que, como ela e Julian, tinham sido afetados diretamente pelo que estava passando a se chamar de Guerra Maligna.

Kaelie foi até a passagem entre as filas de assentos e começou a caminhar em direção ao palanque; Robert Lightwood se levantou.

— É preciso pedir permissão para se aproximar da Consulesa — informou ele, com voz grave.

— Permissão não concedida — declarou Jia, com firmeza. — Fique onde está, Kaelie Whitewillow. Estou ouvindo perfeitamente bem.

Emma sentiu uma onda repentina de piedade pela fada — todos a fuzilavam com o olhar. Exceto Aline e Helen, que estavam sentadas grudadas uma na outra, de mãos dadas, com as juntas dos dedos até brancas em função do aperto.

— A Corte das Fadas pede sua clemência — disse Kaelie, apertando as mãos na frente do corpo. — As condições que vocês determinaram são severas demais. As fadas sempre mantiveram a soberania, nossos próprios reis e rainhas. Sempre tivemos guerreiros. Somos um povo ancião. O que estão pedindo vai nos destruir completamente.

Um leve burburinho percorreu o salão. Não foi um ruído amistoso. Jia pegou o papel que estava sobre a mesa na frente dela.

— Vamos revisar? — sugeriu ela. — Solicitamos que as Cortes das Fadas aceitem toda a responsabilidade pelas baixas e pelos danos sofridos por Caçadores de Sombras e integrantes do Submundo durante a Guerra Maligna. O Povo das Fadas ficará responsável pelos custos de reconstrução das barreiras quebradas, pelo restabelecimento da Praetor Lupus em Long Island e pela reconstrução do que foi destruído em Alicante. Gastarão as próprias riquezas com isso. Quanto aos Caçadores de Sombras que foram tirados de nós...

— Se está se referindo a Mark Blackthorn, ele foi levado pela Caçada Selvagem — disse Kaelie. — Não temos jurisdição sobre eles. Terão que negociar diretamente com eles, mas não vamos impedir.

— Ele não foi o único tirado de nós — insistiu Jia. — Há aquilo que não pode ser reparado: a perda de vidas de Caçadores de Sombras e licantropes na batalha, aqueles que perdemos pelo Cálice Infernal...

— Isso foi Sebastian Morgenstern, não as Cortes — protestou Kaelie. — Ele era um *Caçador de Sombras*.

— E é por isso que não estamos punindo vocês com uma guerra que inevitavelmente perderiam — respondeu Jia, com frieza. — Em vez disso, insistimos para que meramente desmontem seus exércitos, pela extinção dos guerreiros fada. Não podem mais carregar armas. Qualquer fada encontrada armada sem licença da Clave será executada imediatamente.

— As condições são severas demais — protestou Kaelie. — O Povo das Fadas não pode se sujeitar a elas! Se não tivermos armas, não teremos como nos defender!

— Colocaremos em votação, então — disse Jia, repousando o papel. — Qualquer um que discorde das condições apresentadas ao Povo das Fadas, por favor, fale agora.

Fez-se um longo silêncio. Emma notou os olhos de Helen percorrendo a sala, a boca contraída; Aline a segurava pelo pulso, com força. Finalmente ouviu-se o som de uma cadeira se arrastando, ecoando no silêncio, e uma figura solitária se levantou.

Magnus Bane. Ainda estava pálido por conta do ocorrido em Edom, mas os olhos verde-dourados brilhavam com uma intensidade que Emma era capaz de enxergar do outro lado da sala.

— Sei que essa história mundana não interessa muito à maioria dos Caçadores de Sombras — disse ele. — Mas houve uma época anterior aos Nephilim. Uma época na qual Roma lutou contra a cidade de Cartago, e ao longo de muitas guerras foi vitoriosa. Após uma das guerras, Roma exigiu que Cartago lhe pagasse tributos, que se desfizesse do exército e que a terra de Cartago fosse coberta de sal. O historiador Tácito disse o seguinte dos romanos: "Eles fazem um deserto e chamam isso de paz." — Voltou-se para Jia: — Os cartagineses nunca se esqueceram. O ódio a Roma suscitou outra guerra, e tal guerra terminou em morte e escravidão. Aquilo não foi paz. *Isto* não é paz.

Com isso, vieram gritos da assembleia.

— Talvez não queiramos paz, feiticeiro! — gritou alguém.

— Então qual é a sua solução? — questionou outra pessoa.

— Clemência — respondeu Magnus. — O Povo das Fadas há muito odeia os Nephilim por sua severidade. Mostrem a eles algo além de severidade e em troca receberão algo além de ódio!

Um novo burburinho se irrompeu, porém dessa vez mais alto que nunca; Jia levantou a mão, e a multidão se aquietou.

— Mais alguém aqui fala em nome do Povo das Fadas? — perguntou ela.

Magnus, sentando-se novamente, olhou de soslaio para os colegas do Submundo, mas Lily sorria e Luke encarava a mesa fixamente. Era de conhecimento geral que a irmã dele tinha sido a primeira a ser levada e Transformada em Crepuscular por Sebastian Morgenstern, que muitos dos lobos da Praetor eram amigos dele, inclusive Jordan Kyle — e, mesmo assim, havia dúvida no rosto de Luke...

— Luke — falou Magnus, com uma voz suave que de algum jeito conseguira ecoar pelo salão. — Por favor.

A dúvida desapareceu. Luke balançou a cabeça de forma sombria.

— Não peça o que não posso dar — respondeu. — Toda a Praetor foi destruída, Magnus. Como representante dos lobisomens, não posso me pronunciar contra o que todos eles querem. Se eu fizesse isso, eles se voltariam contra a Clave, e nada de bom sairia disso.

— Pronto, então — disse Jia. — Fale, Kaelie Whitewillow. Concordará com as condições ou haverá uma guerra entre nós?

A menina fada baixou a cabeça.

— Concordamos com as condições.

A assembleia explodiu em aplausos. Apenas alguns não bateram palmas: Magnus, a fila dos Blackthorn, os Lightwood e a própria Emma. Ela estava ocupada demais observando Kaelie

enquanto a fada se sentava. A cabeça podia estar abaixada em submissão, mas o rosto parecia carregado de fúria incandescente.

— Então está feito — disse Jia, claramente satisfeita. — Agora passaremos ao tópico sobre...

— Espere. — Um Caçador de Sombras magro e de cabelos escuros tinha se levantado. Emma não o reconhecera. Poderia ser qualquer um. Talvez um Cartwright? Um Pontmercy? — A questão de Mark e Helen Blackthorn permanece.

Helen fechou os olhos. Parecia um réu num tribunal — meio que à espera de uma condenação, meio que torcendo por um indulto —, bem no ato em que a condenação era decretada.

Jia pausou, a caneta na mão.

— O que quer dizer, Balogh?

Balogh se levantou.

— Já se discutiu o fato de que as forças de Morgenstern penetraram o Instituto de Los Angeles com grande facilidade. Tanto Mark quanto Helen têm sangue de fada, Sabemos que o menino já está com a Caçada Selvagem, então não podemos fazer nada, mas a menina não deve permanecer entre Caçadores de Sombras. Não é aceitável.

Aline se levantou.

— Isso é ridículo! — disparou. — Helen é Caçadora de Sombras; sempre foi! Ela tem sangue do Anjo, você não pode ignorar isso!

— E sangue de fada — argumentou Balogh. — Ela consegue mentir. Para nosso desgosto, já fomos enganados por um da espécie dela. E digo que temos que remover suas Marcas...

Luke bateu na mesa, causando um estrondo; Magnus estava inclinado para a frente, as mãos com dedos longos cobrindo-lhe o rosto, os ombros encolhidos.

— A menina não fez nada — disse Luke. — Você não pode puni-la por um acaso congênito.

— Acasos congênitos fazem de nós o que somos — rebateu Balogh, com teimosia. — Você não pode negar o sangue de fada nela. Não pode negar que ela consegue mentir. Se uma nova guerra acontecer, de que lado sua lealdade estará?

Helen se levantou.

— Do mesmo lado em que esteve agora — refutou ela. — Lutei em Burren, na Cidadela e em Alicante, para proteger minha família e proteger os Nephilim. Jamais dei qualquer motivo para que alguém questionasse minha lealdade.

— É assim que acontece — enfatizou Magnus, levantando-se. — Não conseguem enxergar que é assim que começa, *de novo*?

— Helen tem razão — disse Jia. — Ela não fez nada de errado.

Outra Caçadora de Sombras se levantou, uma mulher com cabelos escuros amontoados na cabeça.

— Com sua licença, Consulesa, mas a senhora não é imparcial — opinou ela. — Todos nós sabemos da relação de sua filha com a menina fada. A senhora deveria se abster da discussão.

— Helen Blackthorn é necessária, senhora Sedgewick — disse Diana Wrayburn, levantando-se. Parecia revoltada; Emma se lembrou dela no Salão dos Acordos, da maneira como tentou ajudá-la. — Os pais dela foram assassinados; ela tem cinco irmãos mais novos para cuidar...

— Ela não é necessária — disparou Sedgewick. — Estamos reabrindo a Academia; as crianças podem ir para lá, ou podem se dividir por diferentes Institutos...

— Não — sussurrou Julian. As mãos estavam cerradas, apoiadas nos joelhos.

— De jeito nenhum — berrou Helen. — Jia, você deve...

Jia encontrou os olhos dela e assentiu, lenta e relutantemente.

— Arthur Blackthorn — ordenou. — Por favor, levante-se.

Emma sentiu Julian congelando em choque ao seu lado quando um homem do outro lado do recinto, o qual estava oculto em meio à multidão, se levantou. Era uma versão magra, mais pálida e menor do pai de Julian, com cabelos castanhos ralos e os olhos dos Blackthorn semiescondidos por trás de óculos. Estava pesadamente apoiado em uma bengala de madeira, demonstrando um desconforto que a fez imaginar que o ferimento que requeria a bengala era recente.

— Gostaria de esperar até depois desta reunião para que as crianças conhecessem o tio adequadamente — disse Jia. — Chamei-o assim que soube dos ataques ao Instituto de Los Angeles, é claro, mas ele tinha sido ferido em Londres. Só chegou a Idris hoje de manhã. — Ela suspirou. — Senhor Blackthorn, pode se apresentar.

O homem tinha um rosto redondo e simpático, e parecia extremamente desconfortável ao ser encarado por tantas pessoas.

— Sou Arthur Blackthorn, irmão de Andrew Blackthorn — falou. Seu sotaque era britânico; Emma sempre se esquecia que o pai de Julian era de Londres originalmente. Ele tinha perdido o sotaque há anos. — Vou me mudar para o Instituto de Los Angeles assim que possível, e levarei meus sobrinhos comigo. As crianças ficarão sob minha proteção.

— Aquele é realmente seu tio? — sussurrou Emma, encarando o sujeito.

— Sim, é ele — sussurrou Julian de volta, claramente agitado. — É só que... eu imaginava... quero dizer, eu estava realmente começando a achar que ele não viria. Eu... eu preferia que Helen cuidasse de nós.

— Ao mesmo tempo em que tenho certeza de que estamos todos incomensuravelmente aliviados por você cuidar das crianças Blackthorn — disse Luke —, Helen é uma delas. Está dizendo que, ao assumir a responsabilidade pelos irmãos mais novos, concorda que as Marcas dela devam ser removidas?

Arthur Blackthorn pareceu horrorizado.

— De jeito nenhum — falou. — Meu irmão pode não ter sido sábio em seus... galanteios...

mas todos os registros afirmam que os filhos de Caçadores de Sombras são Caçadores de Sombras. Como dizem, *ut incepit fidelis sic permanent*.

Julian deslizou no assento.

— Mais latim — murmurou. — Exatamente como papai.

— O que isso quer dizer? — perguntou Emma.

— "Ela começa leal e termina leal"... algo assim. — Os olhos de Julian percorreram o salão; todos estavam murmurando e encarando. Jia em uma conversa em surdina com Robert e os representantes do Submundo. Helen continuava de pé, mas Aline parecia ser a única coisa a sustentá-la.

O grupo no palanque se separou, e Robert Lightwood deu um passo para a frente. Sua expressão era ameaçadora.

— Para que não haja qualquer discussão de que a amizade pessoal entre Jia e Helen Blackthorn influenciou sua decisão, ela se absteve — informou ele. — O restante de nós decidiu que, como Helen tem 18 anos, a idade em que muitos jovens Caçadores de Sombras são colocados em outros Institutos para estudar, ela irá para a Ilha Wrangel para estudar as barreiras.

— Por quanto tempo? — manifestou-se Balogh imediatamente.

— Por tempo indeterminado — respondeu Robert, e Helen sentou-se na cadeira, com Aline ao lado, o rosto expressando dor e choque.

A Ilha Wrangel podia ser o berço de todas as barreiras que protegiam o mundo, um posto de muito prestígio sob muitos aspectos, mas era também uma ilha minúscula no congelado mar Ártico ao norte da Rússia, a milhares de quilômetros de Los Angeles.

— Está bom para vocês? — perguntou Jia, com a voz gélida. — Senhor Balogh? Senhora Sedgewick? Vamos votar? Todos a favor de enviar Helen Blackthorn para a Ilha Wrangel até que sua lealdade seja determinada, digam "sim".

Um coro dizendo "sim" e um mais discreto dizendo "não" atravessou a sala. Emma não disse nada, nem Jules; ambos eram jovens demais para votar. Emma esticou a mão e pegou a de Julian, apertando-a com força; os dedos dele pareciam gelo. Ele tinha o olhar de alguém que já havia apanhado tanto que nem queria mais levantar. Helen soluçava baixinho nos braços de Aline.

— Permanece a questão de Mark Blackthorn — disse Balogh.

— *Qual* questão? — perguntou Robert Lightwood, soando exasperado. — O menino foi levado pela Caçada Selvagem! Na improbabilidade de conseguir negociar a liberação dele, este não deveria ser um problema com o qual devamos nos preocupar quando for a hora?

— É justamente isso — disse Balogh. — Desde que não negociemos a soltura, o problema se resolve sozinho. O menino provavelmente está melhor com seus semelhantes.

O rosto redondo de Arthur Blackthorn empalideceu.

— Não — falou. — Meu irmão não quereria isso. Ele iria querer o menino em casa, com a

família. — Ele apontou para onde Emma e Julian estavam sentados. — Tantas coisas já foram tiradas deles. Como podemos tirar mais?

— Estamos protegendo-os. — Sedgewick se irritou. — Contra um irmão e uma irmã que, com o tempo, provavelmente só irão traí-los, e eles vão perceber que a lealdade deles está com as Cortes. Todos em favor do abandono permanente das buscas por Mark Blackthorn digam "sim".

Emma esticou o braço para segurar Julian enquanto ele se inclinava para a frente na cadeira. Ela estava desajeitadamente agarrada a ele. Todos os músculos de Julian pareciam duros como ferro, como se ele estivesse se preparando para uma queda ou um golpe. Helen se inclinou para ele, sussurrando e murmurando, o rosto dela marcado por lágrimas. Quando Aline esticou o braço por cima de Helen para afagar o cabelo de Jules, Emma viu o anel Blackthorn brilhando no dedo dela. Enquanto o coro dizendo "sim" percorria o recinto em uma terrível sinfonia, o brilho da joia fazia Emma pensar na luz do sinal de alerta no oceano, onde ninguém podia ver, onde não havia ninguém para se importar.

Se aquilo era paz e vitória, pensou Emma, talvez guerra e luta fossem melhores, afinal.

Jace deslizou das costas do cavalo e esticou a mão para ajudar Clary a descer.

— Chegamos — disse ele, virando para olhar o lago.

Estavam em uma praia rasa na costa oeste do Lago Lyn. Não era a mesma praia em que Valentim se postara ao invocar o Anjo Raziel, não era a mesma praia onde Jace sangrara até a morte e depois ressuscitara, mas Clary não vinha ao lago desde então, e a visão dele ainda lhe causava calafrios.

Era um local adorável, sem dúvida. O lago se estendia, tingido pela cor do céu de inverno, delineado em prata, a superfície escovada e ondulada de modo que lembrava um pedaço de papel-alumínio dobrando e desdobrando ao toque do vento. As nuvens eram brancas e altas, e as colinas ao redor, sem vegetação.

Clary avançou até a beira da água. Tinha achado que a mãe viria com ela, mas na última hora Jocelyn recusara, alegando já ter se despedido do filho havia muito tempo e afirmando que esta era a vez de Clary. A Clave tinha cremado o corpo — a pedido de Clary. A cremação era uma honra, e os que morriam em desgraça eram enterrados em cruzamentos, intactos e sem cremação, assim como acontecera à mãe de Jace. A cremação era mais que um favor, pensou Clary; era uma garantia para a Clave, a certeza absoluta de que ele estava morto. Mas, mesmo assim, as cinzas de Jonathan jamais poderiam ser levadas para a casa dos Irmãos do Silêncio. Jamais fariam parte da Cidade dos Ossos; ele jamais seria uma alma entre outras almas Nephilim.

Ele nunca seria enterrado entre aqueles cujas mortes havia provocado, e isso, pensou Clary, era muito justo. Os Crepusculares foram cremados, e suas cinzas enterradas no cruzamento próximo a Brocelind. Ergueriam um monumento ali, uma necrópole para que se recordassem

daqueles que um dia foram Caçadores de Sombras, no entanto não haveria monumento para recordar Jonathan Morgenstern, de quem ninguém queria se lembrar. Até Clary queria poder esquecer, mas nada era tão fácil.

A água do lago estava límpida, com um ligeiro brilho de arco-íris, como uma lustrada de óleo. A água lambeu as botas de Clary enquanto ela abria a caixa prateada que segurava. Lá dentro estavam as cinzas, finas e cinzentas, pontilhadas com pedaços de ossos queimados. Entre as cinzas estava o anel Morgenstern, brilhante e prateado. O anel estivera pendurado em um cordão no pescoço de Jonathan quando ele fora cremado, e permanecera intacto e intocado pelo fogo.

— Nunca tive um irmão — disse ela. — Não de verdade.

Clary sentiu Jace colocando a mão em suas costas, entre os ombros.

— Teve, sim — corrigiu ele. — Teve Simon. Ele foi seu irmão de todas as maneiras que importam. Viu você crescer, defendeu você, lutou com e por você, se importou com você a vida toda. Foi o irmão que você escolheu. Mesmo que ele... não esteja mais aqui, nada nem ninguém pode tirar isso de você.

Clary respirou fundo e jogou a caixa o mais longe possível, a qual voou longe, sobre a água brilhante como arco-íris, cinzas pretas deixando um rastro, como a coluna de fumaça de um jatinho, e o anel caiu junto, girando sem parar, irradiando faíscas prateadas enquanto caía e caía e desaparecia sob a água.

— *Ave atque vale* — disse ela, recitando os versos completos do antigo poema. — *Ave atque vale in perpetuum, frater*. Saudações e adeus para sempre, meu irmão.

A brisa que vinha do lago era fria; Clary a sentia no rosto, gelada nas bochechas, e só então percebeu que chorava, e que seu rosto na verdade estava frio por estar molhado pelas lágrimas. Após saber que Jonathan estava vivo, ficou imaginando por que a mãe chorava todos os anos no aniversário dele. Por que chorar se o odiava? Mas agora Clary compreendia. A mãe chorava pelo filho que nunca teria, por todos os sonhos perdidos na imaginação de ter um filho, na ideia de como o menino seria. E chorava pelo acaso amargo que destruíra aquela criança antes mesmo de seu nascimento. Então, como Jocelyn havia feito durante tantos anos, Clary ficou ao lado do Espelho Mortal e chorou pelo irmão que jamais teria, pelo menino que nunca tivera a chance de viver. E também chorou por todos os que morreram na Guerra Maligna, e chorou pela mãe, pela perda que ela sofrera, por Emma e pelos Blackthorn, lembrando-se de como se esforçaram para segurar as lágrimas quando ela lhes contara que tinha visto Mark nos túneis de Faerie, e de como ele agora era parte da Caçada, e chorou por Simon e pelo buraco no coração onde ele habitara, e pelo quanto sentiria saudade dele todos os dias até morrer, e chorou por ela mesma e pelas mudanças que aconteceram dentro dela, pois às vezes mesmo mudanças para melhor se assemelhavam um pouco à morte.

Jace ficou ao lado de Clary enquanto ela chorava, segurando sua mão silenciosamente, até as

cinzas de Jonathan acabarem de afundar sem deixar rastros.

— Não fique ouvindo a conversa alheia — disse Julian.

Emma o encarou. Tudo bem, então ela conseguia ouvir as vozes elevadas através da madeira espessa da porta do escritório da Consulesa, porta que estava fechada, exceto por uma rachadura. E talvez *estivesse* se inclinando em direção à porta, atormentada pelo fato de poder ouvir as vozes, quase identificá-las, mas não com precisão. E daí? Não era melhor saber das coisas do que não saber?

Ela articulou a boca sem emitir som:

— E daí?

Julian ergueu as sobrancelhas. Não se podia dizer particularmente que Julian *gostava* de regras, mas ele as obedecia. Emma achava que regras existiam para serem quebradas, ou no mínimo contornadas.

Além disso, estava entediada. Ambos tinham sido conduzidos à porta e deixados ali por um dos membros do Conselho, ao fim do longo corredor que se estendia por quase toda a extensão do Gard. Havia tapeçarias penduradas por toda a entrada do escritório, gastas pela passagem do tempo. A maioria delas ilustrava passagens da história dos Caçadores de Sombras: o Anjo ascendendo do lago com os Instrumentos Mortais, o Anjo entregando o Livro Gray a Jonathan Caçador de Sombras, os Primeiros Acordos, a Batalha de Xangai, o Conselho de Buenos Aires. Havia também outra tapeçaria, esta parecendo mais nova e recém-pendurada, que ilustrava o Anjo saindo do lago, desta vez sem os Instrumentos Mortais. Havia um homem louro à beira do lago e, perto dele, quase invisível, a figura de uma menina magrinha com cabelos ruivos, empunhando uma estela...

— Um dia vai existir uma tapeçaria sobre você — disse Jules.

Emma desviou o olhar para ele.

— É preciso fazer alguma coisa muito grande para ganhar uma tapeçaria. Tipo vencer uma guerra.

— Você pode vencer uma guerra — afirmou ele, confiante.

Emma sentiu um ligeiro aperto no coração. Quando Julian a olhava daquele jeito, como se ela fosse brilhante e incrível, diminuía um pouco a dor pela ausência dos pais. Ter alguém gostando de você daquele jeito era uma garantia de que nunca se sentiria totalmente só.

A não ser que eles decidissem tirar Emma de Jules, é claro. Que a obrigassem a se mudar para Idris, ou para algum dos Institutos onde tinha parentes distantes — Inglaterra, China ou Irã. Subitamente em pânico, ela pegou a estela e marcou um símbolo de audição no braço antes de encostar a orelha contra a madeira da porta, ignorando o olhar de Julian.

As vozes imediatamente se tornaram claras. Ela reconheceu primeiro a de Jia, e em um

instante, a segunda: a Consulesa estava conversando com Luke Garroway.

— ... Zachariah? Ele não é mais um Caçador de Sombras ativo — falava Jia. — Ele foi embora hoje antes da reunião, dizendo que tinha algumas pontas soltas para atar, e em seguida um compromisso urgente em Londres no começo de janeiro, algo que não podia perder.

Luke murmurou uma resposta que Emma não ouviu; ela não sabia que Zachariah ia embora, e gostaria de ter podido agradecer pela ajuda que ele dera na noite da batalha. E de ter perguntado como ele sabia que seu nome do meio era Cordelia.

Ela se inclinou mais para a porta e ouviu Luke no meio de uma frase:

— ... tinha que contar primeiro a você — dizia. — Estou planejando renunciar a minha posição de representante. Maia Roberts ficará no meu lugar.

Jia emitiu um ruído surpreso.

— Ela não é um pouco jovem?

— É muito capaz — respondeu Luke. — Não precisa do meu aval...

— Não precisa mesmo — concordou Jia. — Sem o aviso dela de que Sebastian iria atacar, teríamos perdido muito mais Caçadores de Sombras.

— E ela será a líder do bando de Nova York a partir de agora, então faz mais sentido que ela seja a representante, e não eu. — Ele suspirou. — Além disso, Jia, perdi minha irmã. Jocelyn perdeu o filho... outra vez. E Clary ainda está arrasada pelo que aconteceu a Simon. Quero estar presente para minha filha.

Jia emitiu um ruído descontente.

— Talvez eu não devesse tê-la deixado tentar ligar para ele.

— Ela precisava saber — disse Luke. — É uma perda. Ela tem que assimilar. Tem que passar pelo luto. Gostaria de estar por perto para ajudá-la. Gostaria de me casar. Gostaria de estar presente para minha família. Preciso renunciar.

— Bem, você tem minha bênção, é claro — falou ela. — Embora eu fosse gostar de sua ajuda na reabertura da Academia. Perdemos tanta gente. Fazia muito tempo que a morte não levava tantos Nephilim. Precisamos fazer uma busca no universo mundano, encontrar aqueles que podem Ascender, ensiná-los e treiná-los. Teremos muito trabalho.

— E muitas pessoas para ajudar. — O tom de Luke era inflexível.

Jia suspirou.

— Vou receber Maia bem, não há o que temer. Pobre Magnus, cercado de mulheres.

— Duvido que ele vá se importar, ou notar — disse Luke. — No entanto, devo dizer, ele tem razão, Jia. Abandonar as buscas por Mark Blackthorn, enviar Helen Blackthorn para a Ilha Wrangel... Foi uma crueldade desmedida.

Fez-se uma pausa, e então:

— Eu sei — concordou Jia, com a voz baixa. — Acha que não sei o que fiz com minha própria

filha? Mas permitir que Helen ficasse... vi o ódio nos olhos de meus próprios Caçadores de Sombras e temi por Helen. Temi por Mark, caso o encontremos.

— Bem, já eu notei a desolação nos olhos das crianças Blackthorn — argumentou Luke.

— Crianças são fortes.

— Eles perderam o irmão e o pai, e agora você os está deixando para que sejam criados por um tio que só viram algumas vezes na vida...

— Vão passar a conhecê-lo; ele é um homem bom. Diana Wrayburn também já solicitou o cargo de tutora deles, e estou inclinada a conceder. Ela ficou impressionada com a coragem deles...

— Mas não é mãe deles. Minha mãe me abandonou quando eu era criança — disse Luke. — Ela se tornou uma Irmã de Ferro. Cleophas. Nunca mais a vi. Amatis me criou. Não sei o que teria feito sem ela. Era... tudo que eu tinha.

Emma olhou rapidamente para Julian, para ver se ele tinha escutado. Achou que não; ele não estava olhando para ela, mas encarando o nada, os olhos verde-azulados tão distantes quanto o oceano ao qual se assemelhavam. Ela ficou se perguntando se ele estaria se lembrando do passado ou temendo o futuro; desejou que pudesse rebobinar o relógio, recuperar os pais, devolver o pai a Jules, Helen e Mark, consertar o que estava quebrado.

— Sinto muito por Amatis — disse Jia. — E estou preocupada com as crianças Blackthorn, acredite. Mas sempre tivemos órfãos; somos Nephilim. Você sabe disso tão bem quanto eu. Quanto à menina Carstairs, será trazida a Idris; temo que ela fique um pouco resistente...

Emma empurrou a porta do escritório, a qual cedeu com mais facilidade do que ela esperava, e ela meio que caiu lá dentro. Ouviu Jules soltar uma exclamação de espanto e em seguida ir atrás dela, puxando a traseira do cinto para colocá-la de pé.

— Não! — exclamou ela.

Tanto Jia quanto Luke a encararam, surpresos; a boca de Jia parcialmente aberta, Luke começando a esboçar um sorriso.

— Um pouco? — disse ele.

— Emma Carstairs — começou Jia, levantando —, como você ousa...

— Como *você* ousa. — E Emma ficou completamente surpresa por ter sido Julian a dizer aquela frase, seus olhos verdes queimando. Em cinco segundos ele passou de menino preocupado a jovem furioso, os cabelos castanhos arrepiados, como se também estivessem irritados. — Como ousa gritar com Emma quando foi você quem fez promessas? Você prometeu que a Clave jamais abandonaria Mark enquanto ele estivesse vivo, *você prometeu*!

Jia teve a decência de parecer envergonhada.

— Ele agora faz parte da Caçada Selvagem — justificou ela. — Eles não são mortos nem vivos.

— Então você sabia — disse Julian. — Quando fez sua promessa, sabia que não significava

nada.

— Significava salvar Idris — respondeu Jia. — Sinto muito. Precisávamos de vocês dois, e eu... — Ela soou como se estivesse engasgando com as palavras. — Eu teria cumprido a promessa caso pudesse. Se houvesse um jeito... se pudesse ser feito... eu faria.

— Então você tem uma dívida conosco — disse Emma, plantando os pés com firmeza diante da mesa da Consulesa. — Você nos deve uma promessa quebrada. Então tem que fazer *isto* agora.

— Fazer o quê? — Jia pareceu espantada.

— Não vou me mudar para Idris. Não vou. Meu lugar é em Los Angeles.

Emma sentiu Jules congelar atrás dela.

— Claro que você não vai se mudar para Idris — interrompeu ele. — Do que está falando?

Emma apontou um dedo acusatório para Jia.

— Ela disse isso.

— De jeito nenhum — falou Julian. — Emma mora em Los Angeles; é a *casa* dela. Pode ficar no Instituto. É o que Caçadores de Sombras *fazem*. O Instituto é um abrigo.

— Seu tio vai controlar o Instituto — disse Jia. — Ele vai decidir.

— E o que ele disse? — perguntou Julian, e por trás daquelas palavras havia uma enormidade de sentimentos. Quando Julian amava alguém, amava para sempre; quando odiava, também era para sempre. Emma tinha a sensação de que a dúvida sobre odiar ou amar o tio para sempre seria respondida neste exato momento.

— Ele disse que a receberia — respondeu Jia. — Mas, sinceramente, acho que há lugar para Emma na Academia de Caçadores de Sombras aqui em Idris. Ela é excepcionalmente talentosa, estaria cercada pelos melhores instrutores, há muitos alunos que sofreram perdas e podem ajudá-la com sua dor...

Sua dor. De repente a mente de Emma navegou por uma série de imagens: as fotos dos corpos de seus pais na praia, cobertos por marcas. A clara falta de interesse da Clave no que acontecera com eles. Seu pai abaixando para beijá-la antes de ir para o carro, onde sua mãe esperava. A risada deles ao vento.

— *Eu* sofri perdas — falou Julian, entre dentes. — Posso ajudá-la.

— Você tem 12 anos — afirmou Jia, como se isso respondesse tudo.

— Não terei 12 para sempre! — gritou Julian. — Eu e Emma nos conhecemos desde sempre. Ela é como... ela é como...

— Nós vamos ser *parabatai* — declarou Emma subitamente, antes que Julian pudesse falar que ela era como se fosse sua irmã. Por algum motivo, ela não queria ouvir isso.

Os olhos de todos se arregalaram, inclusive os de Julian.

— Julian me pediu, e eu disse sim — esclareceu ela. — Temos 12 anos; temos idade suficiente para fazer essa escolha.

Os olhos de Luke brilharam ao olhar para ela.

— Você não pode separar *parabatai* — falou ele. — É contra a Lei da Clave.

— Precisamos poder treinar juntos — alegou Emma. — Fazer provas juntos, passar pelo ritual juntos...

— Sim, sim, compreendo — disse Jia. — Muito bem. Seu tio não se importa, Julian, se Emma morar no Instituto, e a instituição *parabatai* supera todas as outras considerações. — Ela olhou de Emma para Julian, cujos olhos estavam brilhando. Ele parecia feliz, feliz de verdade, pela primeira vez em tanto tempo que Emma quase não conseguia se lembrar da última vez em que o vira sorrir assim. — Tem certeza? — acrescentou a Consulesa. — Tornar-se *parabatai* é algo muito sério, nada para ser encarado com leviandade. É um compromisso. Terão que cuidar um do outro, proteger um ao outro, se importar com o outro mais que consigo.

— Já fazemos tudo isso — respondeu Julian, confiante.

Emma demorou um pouco mais para falar. Ainda enxergava os pais em sua mente. Los Angeles tinha todas as respostas sobre o que havia acontecido com eles. Respostas das quais ela precisava. Se ninguém vingasse as mortes deles, seria como se nunca tivessem vivido.

E não era como se ela não quisesse ser *parabatai* de Julian. A ideia de passar a vida inteira sem nunca se separar dele, uma promessa de que jamais estaria sozinha, superava a voz no fundo de sua mente que sussurrava: *espere*...

Ela assentiu com firmeza.

— Absoluta — falou. — Temos certeza absoluta.

Idris era verde, dourada e castanho-avermelhada no outono, quando Clary esteve lá pela primeira vez. Tinha um esplendor forte no fim do inverno, tão perto do natal: as montanhas se erguiam ao longe, os cumes cobertos por neve branca, e as árvores cercando a estrada que levava de volta a Alicante a partir do lago estavam nuas, os galhos desfolhados formavam estampas semelhantes a renda contra o céu brilhante.

Cavalgaram sem pressa, Wayfarer galopando levemente pelo caminho, Clary atrás de Jace, os braços segurando-o pelo tronco. Às vezes ele desacelerava o cavalo para apontar para as casas das famílias de Caçadores de Sombras mais ricas, que ficavam escondidas da estrada quando as árvores estavam carregadas, no entanto estavam visíveis agora. Ela sentiu os ombros dele enrijecerem quando passaram por uma cujas pedras cobertas por hera quase se camuflavam na floresta ao redor. Obviamente tinha sido incendiada e reconstruída.

— O solar Blackthorn — disse ele. — O que significa que depois desta curva está... — Ele pausou quando Wayfarer subiu um pequeno monte, e então Jace o controlou para que pudessem olhar para onde a estrada se bifurcava. Uma das direções levava a Alicante. Clary achou estar vendo as torres demoníacas ao longe, enquanto a outra se curvava em direção a uma enorme

construção de pedras douradas, cercada por um muro baixo. — O solar Herondale — concluiu Jace.

O vento aumentou; gelado, soprou os cabelos de Jace. Clary estava com o capuz levantado, mas Jace estava com a cabeça e as mãos desprotegidas, após declarar que detestava usar luvas quando montava. Gostava de sentir as rédeas na mão.

— Quer descer e dar uma olhada? — perguntou ela.

A respiração dele saiu em uma nuvem branca.

— Não tenho certeza.

Ela se aconchegou mais perto dele, tremendo.

— Está com medo de perder a reunião do Conselho? — Ela estava, apesar de que fossem voltar para Nova York no dia seguinte e não fosse haver outro momento no qual ela poderia pensar em repousar secretamente as cinzas de seu irmão; fora Jace quem sugerira pegar o cavalo no estábulo e cavalgar até o Lago Lyn quando quase todo mundo em Alicante estivesse no Salão dos Acordos. Jace entendia o que significava para Clary a ideia de enterrar o irmão, muito embora fosse ser difícil explicar para qualquer outra pessoa.

Ele balançou a cabeça.

— Somos jovens demais para votar. Além disso, acho que eles se viram bem sem nós dois. — Ele franziu a testa. — Teríamos que invadir. A Consulesa disse que enquanto eu quiser me chamar Lightwood, não terei qualquer direito legal sobre as propriedades Herondale. Sequer tenho um anel Herondale. Nem existe. As Irmãs de Ferro teriam que forjar um novo. Inclusive, quando eu fizer 18 anos, perderei totalmente o direito ao nome.

Clary ficou sentada, parada, segurando levemente a cintura dele. Havia momentos em que ele queria ser estimulado e queria que fizessem perguntas, e momentos em que não queria. Este se encaixava na segunda opção. Jace chegaria a uma conclusão sozinho. Ela o abraçou, respirando baixinho até ele ficar tenso de repente e bater os pés nas laterais de Wayfarer.

O cavalo trotou pela trilha que levava ao solar. Os portões baixos — decorados em ferro com motivos de pássaros voando — estavam abertos, e a trilha levava a uma entrada circular de cascalhos, ao centro da qual havia um chafariz de pedra, agora seco. Jace foi até a frente dos amplos degraus que levavam à porta principal e ficou olhando para as janelas vazias.

— Foi aqui que nasci — informou. — Aqui que minha mãe morreu, e onde Valentim me arrancou do corpo dela. E onde Hodge me pegou e me escondeu, para que ninguém soubesse. Também era inverno.

— Jace... — Ela abriu as mãos sobre o peito dele, sentindo o coração com os dedos.

— Acho que quero ser um Herondale — disse ele subitamente.

— Então seja um Herondale.

— Não quero trair os Lightwood — falou. — São minha família. Mas percebi que se eu não

assumir o nome Herondale, este morrerá comigo.

— Não é responsabilidade sua...

— Eu sei — respondeu. — Na caixa, aquela que Amatis me deu, tinha uma carta do meu pai para mim. Ele escreveu antes de eu nascer. Li algumas vezes. Nas primeiras vezes em que li, simplesmente o odiei, apesar de ele ter falado que me amava. Mas havia algumas frases que não consegui tirar da minha cabeça. Ele disse "*quero que você seja um homem melhor do que eu fui. Não deixe que ninguém lhe diga quem você é ou deve ser*". — Ele inclinou a cabeça para trás, como se capaz de ler o futuro na curva das calhas do solar. — Mudar o nome não muda a natureza. Veja só Sebastian... Jonathan. Chamar-se Sebastian não fez a menor diferença no fim. Eu queria me livrar do nome Herondale porque achava que odiava meu pai, mas não o odeio. Ele pode ter sido fraco e feito as escolhas erradas, mas estava ciente disso. Não tenho razão para odiá-lo. E houve gerações de Herondale antes dele; é uma família que fez muitas coisas boas, então deixar esta casa inteira ruir só para me vingar de meu pai seria um desperdício.

— Esta é a primeira vez que ouço você chamá-lo de pai, e que soa como tal — disse Clary. — Normalmente você só fala assim de Valentim.

Ela o sentiu suspirar, e então cobriu as mãos dela com a dele, que estavam em seu peito. Os dedos longos e esguios estavam gelados, tão familiares que ela seria capaz de reconhecê-los no escuro.

— Podemos morar aqui um dia — disse ele. — Juntos.

Ela sorriu, sabendo que ele não podia vê-la, mas sem conseguir se conter.

— Acha que me ganha com uma casa chique? — brincou ela. — Não se precipite, Jace. Jace *Herondale* — acrescentou, e o abraçou no frio.

Alec estava sentado na beira do telhado, balançando os pés. Supunha que se algum dos pais retornasse para casa e olhasse para cima, eles o veriam ali e gritariam com ele, mas duvidava que Maryse ou Robert fossem voltar tão cedo. Foram chamados ao escritório da Consulesa depois da reunião e provavelmente ainda estavam lá. O novo tratado com o Povo das Fadas seria acertado ao longo da semana seguinte, e durante este período eles ficariam em Idris, enquanto o restante dos Lightwood voltaria a Nova York e comemoraria o ano-novo sem eles. Alec tecnicamente iria administrar o Instituto naquela semana. Ficou surpreso em descobrir que estava ansioso por isso.

Tal responsabilidade era uma boa forma de distrair a mente de outras coisas. Coisas como o estado de Jocelyn quando seu filho morrera, ou a maneira como Clary abafara seus soluços silenciosos contra o chão ao perceber que tinham voltado de Edom sem Simon. A expressão de Magnus, carregada de desespero, enquanto dizia o nome de seu pai.

A perda era parte da vida dos Caçadores de Sombras, era algo esperado, mas isso não ajudara Alec em nada ao ver a expressão de Helen no Salão do Conselho quando ela foi exilada para a

Ilha Wrangel.

— Não havia nada que você pudesse fazer. Não se condene. — A voz era familiar; Alec cerrou os olhos, tentando regular a respiração antes de responder.

— Como chegou aqui em cima? — perguntou. Fez-se um ruído de tecido farfalhando enquanto Magnus se acomodava ao lado de Alec na beira do telhado.

Alec arriscou uma olhada de soslaio para ele. Só tinha visto Magnus duas vezes, brevemente, desde a volta de Edom; uma quando os Irmãos do Silêncio os liberaram da quarentena, e outra no Salão do Conselho. Em nenhuma das ocasiões conseguiram conversar. Alec o olhava agora com uma ansiedade que desconfiava estar mal disfarçada. Magnus já recuperara a cor saudável depois da aparência desgastada que adquirira em Edom; os hematomas estavam praticamente curados, os olhos tinham recuperado a luz, brilhando sob o céu crepuscular.

Alec se lembrou de ter abraçado Magnus no reino demoníaco, quando o encontrou acorrentado, e ficou imaginando por que essas coisas eram mais fáceis quando você achava que estava prestes a morrer.

— Eu deveria ter falado alguma coisa — comentou Alec. — Votei contra o exílio.

— Eu sei — disse Magnus. — Você e mais ou menos outras dez pessoas. A votação foi imensamente favorável ao exílio de Helen. — Ele balançou a cabeça. — As pessoas se assustam e descontam em qualquer um que julgam ser diferente. É a mesma história que já vi mil vezes.

— Faz com que eu me sinta tão inútil.

— Você é tudo menos inútil. — Magnus inclinou a cabeça para trás, os olhos vasculhando o céu enquanto as estrelas começavam a aparecer, uma a uma. — Salvou minha vida.

— Em Edom? — perguntou Alec. — Ajudei, mas na verdade... você salvou a própria vida.

— Não só em Edom — falou Magnus. — Eu tinha... eu tenho quase 400 anos de idade, Alexander. Feiticeiros, à medida que envelhecem, começam a calcificar. Param de conseguir *sentir* coisas. De se importar, de se animar, de se surpreender. Eu sempre disse a mim que isso jamais aconteceria comigo. Que eu tentaria ser como Peter Pan, que não cresceria, sempre conservaria o senso de surpresa. Que sempre me apaixonaria, me surpreenderia, me disporia a me machucar tanto quanto me disporia a ser feliz. Mas ao longo dos últimos vinte anos mais ou menos, senti a idade me alcançar assim mesmo. Antes de você, eu não tinha ninguém há muito tempo. Ninguém que eu tenha amado. Ninguém que tenha me surpreendido ou me tirado o fôlego. Até você entrar naquela festa, eu achava que nunca mais voltaria a sentir com tanta intensidade.

Alec prendeu a respiração e olhou para as próprias mãos.

— O que está dizendo? — A voz saiu trêmula. — Que quer reatar?

— Se você quiser — falou Magnus, e de fato soou inseguro, o suficiente para Alec encará-lo, surpreso. Magnus parecia muito jovem, olhos arregalados, verde-dourados, o cabelo tocando as

têmporas em cachos negros. — Se você...

Alec ficou paralisado. Há semanas vinha sonhando acordado com Magnus falando aquelas exatas palavras, mas agora que estava acontecendo, não se sentia como imaginara. Não houve fogos de artifício no peito; sentia-se vazio e frio.

— Não sei — respondeu.

A luz nos olhos de Magnus se apagou. Ele disse:

— Bem, consigo entender que você... não fui muito gentil.

— Não — respondeu Alec bruscamente. — Não foi, mas suponho que seja difícil terminar com alguém de modo gentil. A questão é que *realmente* lamento pelo que fiz. Errei. Errei feio. Mas o motivo pelo qual errei não vai mudar. Não posso passar a vida com a sensação de que não o conheço. Você fica dizendo que passado é passado, mas o passado fez de você quem é. Eu quero saber sobre a sua vida. E, se não estiver disposto a me contar, então não devo ficar com você. Porque eu me conheço, e nunca vou aceitar isso na boa. Então não devo submeter nós dois a tudo outra vez.

Magnus puxou os joelhos para o peito. No crepúsculo, ele parecia desengonçado contra as sombras, com pernas e braços longos e dedos esguios brilhando por causa dos anéis.

— Eu te amo — disse ele baixinho.

— Não... — retrucou Alec. — Não faça isso. Não é justo. Além disso... — Ele desviou o olhar. — Duvido que eu seja o primeiro a partir seu coração.

— Meu coração já foi partido mais vezes que a Lei da Clave sobre Caçadores de Sombras não poderem se envolver romanticamente com integrantes do Submundo foi violada — falou Magnus, mas a voz soou frágil. — Alec... você tem razão.

Alec olhou de esguelha para ele. Desconfiava que provavelmente nunca tinha visto um feiticeiro tão vulnerável.

— Não é justo com você — disse Magnus. — Eu sempre disse a mim mesmo que ia me abrir a novas experiências, então quando comecei a... a endurecer... fiquei surpreso. Achei que tivesse feito tudo certo, que não tivesse fechado o coração. E aí pensei no que você falou, e percebi que estava começando a morrer por dentro. Se jamais conta a ninguém a verdade sobre si, em algum momento começa a esquecê-la. O amor, a dor, a alegria, o desespero, as coisas boas que fiz, as vergonhosas... se eu guardasse todas para mim, minhas lembranças começariam a desaparecer. E eu desapareceria.

— Eu... — Alec não sabia ao certo o que dizer.

— Tive muito tempo para pensar desde que terminamos — falou Magnus. — E escrevi isto. — Ele tirou um caderno do bolso interno do paletó: um caderno normal, em espiral e com folhas pautadas, mas quando o vento bateu, Alec notou que as páginas estavam preenchidas por uma letra cursiva bem delicada. A letra de Magnus. — Escrevi a minha vida.

Alec arregalou os olhos.

— A vida toda?

— Não toda — respondeu Magnus cautelosamente. — Mas alguns dos incidentes que me moldaram. Como conheci Raphael, quando ele era bem jovem — falou Magnus, e soou triste. — Como me apaixonei por Camille. A história do Hotel Dumort, embora Catarina tenha precisado me ajudar nessa parte. Alguns dos meus primeiros amores, e alguns dos últimos. Nomes que você talvez conheça: Herondale...

— Will Herodale — disse Alec. — Camille o mencionou. — Ele pegou o caderno; as páginas finas pareciam irregulares, como se Magnus tivesse pressionado a caneta com muita força enquanto escrevia. — Você esteve... *com* ele?

Magnus riu e balançou a cabeça.

— Não... mas há muitos Herondale nessas páginas. O filho de Will, James Herondale, era incrível, assim como a irmã de James, Lucie. Mas devo dizer que Stephen Herondale me fez perder o encanto pela família, até Jace aparecer. Aquele sujeito era um saco. — Magnus notou Alec encarando-o e acrescentou rapidamente: — Nenhum Herondale. Nenhum Caçador de Sombras, aliás.

— Nenhum Caçador de Sombras?

— Nenhum está em meu coração como você está — disse Magnus. E tamborilou levemente no caderno. — Considere esta uma primeira edição de tudo que quero lhe contar. Eu não tinha muita certeza, mas torci para que... se você quisesse ficar comigo, do mesmo jeito que quero ficar contigo, você encarasse isto como uma prova. Prova de que quero dar a você algo que nunca dei a ninguém: meu passado, a verdade a meu respeito. Quero compartilhar minha vida com você, e isso significa hoje, o futuro e todo meu passado, se você quiser. Se me quiser.

Alec baixou o caderno. Havia algo escrito na primeira página, uma dedicatória: *Querido Alec...*

Ele via o caminho diante de si muito claramente: poderia devolver o caderno, afastar-se de Magnus, encontrar outra pessoa, um Caçador de Sombras para amar, ficar com ele, compartilhar a previsibilidade de dias e noites, a poesia diária de uma vida comum.

Ou poderia dar um passo para o nada e escolher Magnus, sua poesia muito mais estranha, seu brilho e sua fúria, seus maus-humores e alegrias, as incríveis habilidades de sua magia e a magia não menos incrível da forma extraordinária como ele amava.

E isso mal configurava uma escolha. Alec respirou fundo e mudou de atitude repentinamente.

— Tudo bem — falou.

Magnus correu para ele no escuro, todo enérgico agora, olhos brilhantes e maçãs do rosto acentuadas.

— Sério?

— Sério — respondeu Alec, que esticou a mão e entrelaçou os dedos nos de Magnus.

Havia uma animação sendo despertada no peito de Alec, onde até então tudo estivera escuro. Magnus segurou o rosto de Alec e o beijou, seu toque leve: um beijo lento e suave, um beijo que prometia que havia mais por vir, quando não estivessem mais em um telhado e pudessem ser vistos por qualquer um que passasse.

— Então sou seu primeiro Caçador de Sombras, hein? — perguntou Alec quando finalmente se afastaram.

— Você é meu primeiro muita coisa, Alec Lightwood — respondeu Magnus.

O sol estava se pondo quando Jace deixou Clary na casa de Amatis, a beijou e voltou pelo canal para a casa da Inquisidora. Clary ficou observando-o se afastar antes de virar para casa com um suspiro. Sentia-se feliz por estarem indo embora no dia seguinte.

Havia coisas que ela amava em Idris. Alicante continuava sendo a cidade mais charmosa que já vira: acima das casas, agora, dava para ver o pôr do sol fazendo faíscas irradiarem dos topos das torres demoníacas. As fileiras de casas pelo canal eram suavizadas pela sombra, como silhuetas de veludo. Mas era extremamente triste entrar na casa de Amatis, sabendo agora, com certeza, que a dona jamais voltaria.

Por dentro a casa estava aconchegante e pouco iluminada. Luke encontrava-se no sofá, lendo um livro. Jocelyn dormia ao lado dele, encolhida e coberta. Luke sorriu para Clary assim que ela entrou, e apontou para a cozinha, fazendo um gesto bizarro que Clary entendeu como uma indicação de que havia comida, caso ela quisesse.

Ela balançou a cabeça afirmativamente e subiu as escadas nas pontas dos pés, com cuidado para não acordar a mãe. Foi para o quarto, já tirando o casaco, e levou um instante para perceber que havia mais alguém ali.

O quarto estava frio, o ar gelado entrando pela janela semicerrada. Isabelle estava sentada no parapeito, com botas de cano alto cobrindo a calça jeans e com os cabelos soltos, esvoaçando singelamente ao vento. Olhou para Clary quando ela entrou, e sorriu fracamente.

Clary foi até a janela e sentou ao lado de Izzy. Havia espaço suficiente para as duas, mas no limite; a ponta do sapato de Clary tocou a perna de Izzy. Ela abraçou os joelhos e esperou.

— Desculpe — falou Isabelle, afinal. — Eu provavelmente devia ter vindo pela porta da frente, mas não queria ter que lidar com seus pais.

— Foi tudo bem na reunião do Conselho? — perguntou Clary. — Aconteceu alguma coisa...

Isabelle deu uma risada curta.

— As fadas concordaram com as condições impostas pela Clave.

— Bem, isso é bom, certo?

— Talvez. Magnus não pareceu achar. — Isabelle exalou. — É só que... Houve um monte de

alfinetadas cheias de mágoa e raiva espetando para todos os lados. Não pareceu uma vitória. E vão mandar Helen Blackthorn para a Ilha Wrangel para "estudar as barreiras". Vai entender. Querem afastá-la porque ela tem sangue de fada.

— Que horror! E Aline?

— Aline vai junto. Ela contou para Alec — relatou Isabelle. — Tem um tio qualquer que vai vir para cuidar dos pequenos Blackthorn e da menina, a que gosta de você e de Jace.

— O nome dela é Emma — disse Clary, cutucando a perna de Isabelle com o pé. — Você podia ao menos *tentar* se lembrar. Ela nos ajudou, afinal.

— É, está um pouco difícil sentir gratidão no momento.

Isabelle passou as mãos pelas pernas envoltas no jeans e respirou fundo.

— Sei que não tinha outra solução. Fico tentando imaginar alguma, mas não consigo pensar em nada. Tínhamos que ir atrás de Sebastian, tínhamos que ter saído de Edom, ou todos teríamos morrido de qualquer jeito, mas estou com *saudades* de Simon. Sinto falta dele o tempo todo e vim aqui porque você é a única pessoa que sente tanta saudade quanto eu.

Clary congelou. Isabelle estava brincando com a pedra vermelha no pescoço, olhando pela janela, o tipo de olhar fixo que Clary conhecia bem. O olhar que dizia *estou tentando não chorar*.

— Eu sei — falou Clary. — Também sinto saudade dele o tempo todo, só que de um jeito diferente. É como acordar sem um braço ou uma perna, como se fosse uma coisa que eu sempre tive, e na qual sempre me apoiei, e agora não tenho mais.

Isabelle continuava olhando pela janela.

— Conte sobre o telefonema — pediu ela.

— Não sei — hesitou Clary. — Foi horrível, Iz. Não acho que você realmente queira...

— *Conte* — Isabelle repetiu entre dentes, e Clary suspirou e assentiu.

Não era como se não se lembrasse; todos os segundos daquele telefonema ardiam em seu cérebro.

Fazia três dias que tinham voltado, três dias durante os quais todos ficaram em quarentena. Nunca nenhum Caçador de Sombras havia sobrevivido a uma viagem a uma dimensão demoníaca, e os Irmãos do Silêncio queriam ter certeza absoluta de que o grupo não estava trazendo magia negra consigo. Clary passou os três dias gritando com os Irmãos do Silêncio que queria sua estela, queria um Portal, queria ver Simon, queria que alguém apenas *verificasse* como ele estava, se certificasse de que estava bem. Não viu Isabelle nem os outros naqueles dias, nem mesmo a mãe ou Luke, mas eles provavelmente ficaram aos berros também, pois no instante em que foram liberados pelos Irmãos do Silêncio, um guarda apareceu e levou Clary até o escritório da Consulesa.

Dentro do escritório da Consulesa, no Gard, no topo da Colina de Gard, situava-se o único telefone ativo em Alicante.

Tinha sido enfeitiçado pelo feiticeiro Ragnor Fell para funcionar em algum momento na virada do século, pouco antes do desenvolvimento das mensagens de fogo. Sobrevivera a diversas tentativas de remoção sob o argumento de que poderia comprometer as barreiras de proteção, considerando que nunca demonstrara qualquer sinal disto.

A única outra pessoa no recinto era Jia Penhallow, e ela gesticulou para Clary sentar.

— Magnus Bane me informou sobre o que aconteceu com seu amigo Simon Lewis no reino demoníaco — disse. — Gostaria de apresentar meus sentimentos por sua perda.

— Ele não *morreu* — respondeu Clary através de dentes cerrados. — Pelo menos não deveria ter morrido. Alguém se deu o trabalho de verificar? Alguém foi investigar se ele está bem?

— Sim — respondeu Jia, um tanto inesperadamente. — Ele está bem, morando em casa com a mãe e a irmã. Parece totalmente bem: não é mais um vampiro, é claro, mas simplesmente um mundano levando uma vida normal. Pelo que pudemos observar, ele não parece ter qualquer lembrança do Mundo das Sombras.

Clary se encolheu, em seguida se aprumou.

— Quero falar com ele.

Jia contraiu os lábios.

— Você conhece a Lei. Não pode contar a um mundano sobre o Mundo das Sombras, a não ser que o mundano em questão esteja correndo perigo. Não pode revelar a verdade, Clary. Magnus disse que o demônio que os libertou avisou a vocês sobre isso.

O demônio que os libertou. Então Magnus não revelara que tinha sido seu pai; não que Clary o culpasse por isso. Ela também não revelaria o segredo dele.

— Não vou revelar nada a Simon, tudo bem? Só quero ouvir a voz dele. Preciso saber que ele está bem.

Jia suspirou e empurrou o telefone para ela. Clary pegou, imaginando como se discava de Idris — como pagavam a conta de telefone? —, então deixou para lá, ia ligar como se estivesse no Brooklyn. Se não desse certo, pediria orientações.

Para sua surpresa o telefone tocou, e foi atendido quase imediatamente, a voz familiar da mãe de Simon ecoando pela linha.

— Alô?

— Alô. — O fone quase escorregou da mão de Clary; estava com a mão ensopada de suor. — Simon está?

— Como? Ah, sim, ele está no quarto — respondeu Elaine. — Quem fala?

Clary fechou os olhos.

— É Clary.

Fez-se um silêncio breve, e em seguida Elaine falou:

— Desculpe, quem?

— Clary Fray. — Sentiu um gosto amargo de metal no fundo da garganta. — Eu... eu estudo na Saint Xavier. É sobre nosso dever de inglês.

— Ah! Sim, muito bem, então — respondeu Elaine. — Vou chamá-lo. — Ela apoiou o fone, e Clary aguardou enquanto a mulher que expulsara Simon de casa e o chamara de monstro, abandonando-o ajoelhado enquanto vomitava sangue numa vala, fosse chamá-lo para atender o telefone como um adolescente comum.

Não foi culpa dela. Foi a Marca de Caim, atuando sem que ela tivesse conhecimento, transformando Simon em um viajante, cortando-o da família, disse Clary a si, no entanto sem conseguir fazer com que o ardor de fúria e ansiedade parasse de correr por suas veias. Ouviu os passos de Elaine se afastando, murmúrios, mais passos...

— Alô? — Era a voz de Simon, e Clary quase derrubou o telefone. O coração dela batia violentamente. Conseguia visualizá-lo com tanta clareza, magro e com cabelos castanhos, se apoiando na mesa no corredor estreito logo após a porta de entrada dos Lewis.

— Simon — disse ela. — Simon, sou eu. Clary.

Fez-se uma pausa. Quando falou novamente, ele pareceu espantado.

— Eu... a gente se conhece?

Cada palavra foi como um prego sendo martelado em sua pele.

— Fazemos aula de inglês juntos — disse ela, o que de certa forma era verdade; ambos faziam quase todas as aulas juntos quando Clary ainda frequentava o colégio mundano. — Senhor Price.

— Ah, certo. — Ele não soou antipático; foi alegre o suficiente, porém espantado. — Sinto muito. Sou péssimo com nomes e rostos. Tudo bem? Minha mãe falou alguma coisa sobre dever de casa, mas acho que não temos nenhum hoje.

— Posso fazer uma pergunta? — disse Clary.

— Sobre *Um conto de duas cidades*? — Ele soou entretido. — Olhe, ainda não li. Gosto de coisas mais modernas. *Ardil 22*, *O apanhador no campo de centeio*, essas coisas. — Estava flertando um pouco, pensou Clary. Ele devia pensar que ela havia telefonado do nada por tê-lo achado bonitinho. Uma garota qualquer da escola que ele sequer conhecia.

— Quem é a pessoa que você mais considera sua amiga? — perguntou ela. — No mundo inteiro?

Ele ficou em silêncio por um instante, em seguida riu.

— Devia ter imaginando que era sobre Eric — disse ele. — Sabe, se quisesse o telefone dele, bastava ter pedido...

Clary desligou e ficou sentada olhando para o aparelho como se fosse uma cobra venenosa. Teve consciência da voz de Jia, perguntando se estava bem, perguntando o que tinha acontecido, mas ela não respondeu, apenas enrijeceu a mandíbula, absolutamente determinada a não chorar na frente da Consulesa.

— Não acha que ele talvez só estivesse fingindo? — dizia Isabelle agora. — Fingindo que não sabia quem você era, sabe, porque podia ser perigoso?

Clary hesitou. A voz de Simon tinha soado tão jovial, tão banal, *tão completamente comum*. Ninguém seria capaz de fingir aquilo.

— Tenho total certeza — respondeu. — Ele não se lembra da gente. Não consegue.

Izzy desviou o olhar da janela, e Clary enxergou com clareza as lágrimas em seus olhos.

— Quero contar uma coisa — disse Isabelle. — E não quero que você me odeie.

— Eu não seria capaz de odiar você — respondeu Clary. — Impossível.

— É quase pior — disse ela — do que se ele tivesse morrido. Se estivesse morto, eu poderia ficar de luto, mas não sei o que pensar; ele está seguro, está vivo, eu deveria ser grata. Ele não é mais um vampiro, e ele *odiava* ser vampiro. Eu deveria estar feliz. Mas não estou. Ele disse que me amava. Disse que me amava, Clary, e agora nem sabe quem eu sou. Se eu estivesse na frente de Simon, ele não reconheceria meu rosto. Parece que nunca tive a menor importância. Que nada teve importância, ou que sequer aconteceu. Ele nunca me amou. — Ela passou a mão no rosto furiosamente. — *Odeio* isso! — disparou subitamente. — Odeio essa sensação, como se tivesse uma coisa pesando no meu peito.

— Saudade de alguém?

— É — respondeu Isabelle. — Nunca pensei que fosse me sentir assim por causa de um *garoto*.

— Não foi um garoto — disse Clary. — Foi Simon. E ele amou você de fato. E foi importante. Talvez ele não se lembre, mas você lembra. Eu me lembro. O Simon que agora mora no Brooklyn é o mesmo Simon que ele era há seis meses. E isso não é uma coisa horrível. Ele era maravilhoso. Mas ele mudou quando você o conheceu: ficou mais forte, foi ferido e ficou diferente. E *esse* foi o Simon por quem você se apaixonou, e o qual se apaixonou por você, então você está de luto, porque ele se foi. Mas pode mantê-lo um pouco vivo através das lembranças. Nós duas podemos.

Isabelle emitiu um ruído engasgado.

— *Odeio* perder as pessoas — falou, e havia um aspecto selvagem em sua voz: o desespero de alguém que tinha perdido muita coisa, muito jovem. — Odeio.

Clary segurou a mão de Izzy — a mão direita magra, a que possuía o símbolo da Clarividência se espalhando pelas juntas.

— Eu sei — disse Clary. — Mas lembre-se também das pessoas que você ganhou. Eu ganhei você. Sou grata por isso. — Ela apertou a mão de Izzy com força, e por um instante não houve reação. Então os dedos de Isabelle se fecharam sobre os dela. Ficaram sentadas em silêncio no parapeito, de mãos dadas através da distância que as separava.

Maia estava sentada no sofá do apartamento — agora era o apartamento dela. Ser líder do bando

garantia um pequeno salário, e ela resolvera usá-lo para pagar um aluguel, para manter o que um dia fora a casa de Jordan e Simon, para impedir que as coisas deles fossem jogadas nas ruas por um senhorio irritado. Em algum momento ela reviraria os pertences, empacotaria o que pudesse, garimparia as lembranças. Exorcizaria os fantasmas.

Mas por ora, contudo, estava satisfeita em sentar e olhar o que tinha recebido de Idris em um pacotinho enviado por Jia Penhallow. A Consulesa não agradecera pelo alerta, embora tenha lhe dado as boas-vindas como a mais nova e permanente líder do bando de Nova York. Seu tom fora frio e distante. Na carta havia um selo de bronze, o selo do líder da Praetor Lupus, o selo com o qual a família Scott sempre assinava suas cartas. Fora recuperado das ruínas em Long Island. Havia um pequeno bilhete anexo, com duas palavras escritas com a letra cuidadosa de Jia.

Comece novamente.

— Você vai ficar bem. Prometo.

Provavelmente era a seiscentésima vez que Helen dizia a mesma coisa, pensou Emma. E provavelmente teria ajudado mais se ela não parecesse estar tentando convencer a si.

Helen praticamente havia terminado de empacotar os pertences que trouxera a Idris. Tio Arthur (ele tinha dito a Emma que o chamasse assim também) prometera enviar o restante depois. Ele estava lá embaixo esperando com Aline para levar Helen até Gard, onde pegaria o Portal para a Ilha Wrangel; Aline iria na semana seguinte, após o fim dos tratados e das votações em Alicante.

Tudo soava muito chato, complicado e horrível para Emma. Tudo que sabia era que lamentava um dia ter achado Helen e Aline sentimentais demais. Helen agora não parecia nem um pouco sentimental, só triste, os olhos vermelhos e as mãos trêmulas enquanto fechava a mala e se voltava para a cama.

Era uma cama enorme, grande o bastante para seis pessoas. Julian estava sentado apoiado no encosto de um lado, e Emma do outro. Daria para ter colocado o restante da família entre eles, pensou Emma, mas Dru, os gêmeos e Tavvy dormiam nos respectivos quartos. Dru e Livvy já tinham chorado até não poder mais; Tiberius recebera a notícia sobre a partida de Helen com olhos arregalados de assombro, como se não soubesse o que estava acontecendo ou como deveria reagir. No fim, ele apertou a mão dela solenemente e lhe desejou boa sorte, como se ela fosse uma colega partindo em uma viagem de negócios. Ela começou a chorar.

— Ah, Ty — dissera, e ele se esquivou, horrorizado.

Helen estava ajoelhada agora, cara a cara com Jules, que estava sentado na cama.

— Lembre-se do que falei, tudo bem?

— Vamos ficar bem — repetiu Julian.

Helen apertou a mão dele.

— Detesto deixá-los — falou. — Cuidaria de vocês se pudesse. Você sabe disso, não sabe? Eu assumiria o Instituto. Amo muito todos vocês.

Julian se encolheu do jeito que só um menino de 12 anos era capaz de fazer ao ouvir a palavra "amo".

— Eu sei — conseguiu responder.

— A única razão pela qual posso ir é porque sei que os estou deixando em boas mãos — explicou ela, olhando nos olhos dele.

— Está falando do tio Arthur?

— Estou falando de você — respondeu, e Jules arregalou os olhos. — Sei que é pedir muito — acrescentou. — Mas também sei que posso confiar em você. Sei que pode ajudar Dru com os pesadelos, e cuidar de Livia e Tavvy, e talvez até o tio Arthur possa fazer isso também. Ele é um homem bom. Um pouco distraído, mas parece disposto a tentar... — Ela se calou. — Mas Ty é... — Suspirou. — Ty é especial. Ele... traduz o mundo de um jeito diferente do restante de nós. Nem todo mundo fala a língua dele, mas você fala. Cuide dele por mim, tudo bem? Ele vai ser alguém incrível. Só temos que impedir que a Clave entenda o quanto ele é especial. Não gostam de pessoas diferentes — concluiu, e houve uma amargura em seu tom.

Julian estava sentando bem ereto agora, parecendo preocupado.

— Ty me odeia — disse ele. — Briga comigo o tempo todo.

— Ty *ama* você — corrigiu Helen. — Ele dorme com aquela abelha que você lhe deu. Ele observa você o tempo todo. Quer ser como você. Ele só é... é difícil — concluiu, sem saber ao certo como dizer o que queria: que Ty tinha inveja da forma como Julian navegava pelo mundo com tanta facilidade, de como conquistava facilmente o amor dos outros, da forma como os gestos cotidianos de Julian não pareciam nada de mais, soando como um truque de mágica para Ty. — Às vezes é difícil quando você quer ser como alguém e não sabe como.

Uma carranca expressiva de confusão apareceu entre as sobrancelhas de Julian, mas ele olhou para Helen e assentiu.

— Vou cuidar de Ty — falou. — Prometo.

— Ótimo. — Helen se levantou e beijou Julian rapidinho na cabeça. — Porque ele é incrível e especial. Todos vocês são. — Ela sorriu para Emma. — Você também, Emma — disse, e a voz apertou ao dizer o nome da menina, como se fosse começar a chorar. Fechou os olhos, abraçou Julian mais uma vez e saiu do quarto, pegando a mala e o casaco ao passar. Emma pôde ouvi-la correndo para baixo e, em seguida, a porta da frente se fechando entre murmúrios.

Emma olhou para Julian. Ele estava sentado reto, rijo, com o peito arfante, como se tivesse corrido. Ela esticou o braço rapidamente e pegou a mão dele, desenhando na palma do amigo: *O-Q-U-E-H-O-U-V-E?*

— Você ouviu o que Helen disse — falou com a voz baixa. — Ela confia em mim para cuidar

deles. Dru, Tavvy, Livvy, Ty. Minha família inteira, basicamente. Eu vou... tenho 12 anos, Emma, e vou ter três filhos!

Ansiosamente, ela começou a escrever: *N-Ã-O-V-A-I-N-Ã-O*...

— Não precisa fazer isso — interrompeu ele. — Não é como se tivesse algum pai aqui para ouvir. — Aquela era uma coisa estranhamente amarga para Jules dizer, e Emma engoliu em seco.

— Eu sei — declarou ela afinal. — Mas gosto de ter uma linguagem secreta com você. Quero dizer, com quem mais podemos conversar sobre essas coisas, se não um com o outro?

Ele se recostou na cabeceira, virando-se para olhar para ela.

— A verdade é que não conheço nada sobre o tio Arthur. Só o vi nas festas de fim de ano. Sei que Helen diz que o conhece, e que ele é legal e tudo o mais, no entanto eles são *meus* irmãos. Eu os conheço. Ele não. — Cerrou as mãos. — Vou cuidar deles. Vou me certificar para que tenham tudo que desejam e que nada nunca seja tirado deles outra vez.

Emma esticou a mão para pegar o braço dele, e desta vez ele foi receptivo, deixando os olhos se fecharem enquanto ela escrevia na parte interna do pulso dele com o indicador.

E-U-V-O-U-A-J-U-D-A-R.

Ele sorriu para Emma, mas ela notou a tensão nos olhos dele.

— Sei que vai ajudar — respondeu, e esticou a mão e fechou sobre a dela. — Sabe qual foi a última coisa que Mark me disse antes de o levarem? — perguntou, apoiando-se contra o encosto. Parecia absolutamente exausto. — Ele falou "fique com Emma". Então vamos ficar juntos. Porque é isso que *parabatai* fazem.

Emma sentiu como se o ar tivesse sido arrancado de seus pulmões. *Parabatai*. Era uma palavra grande — para Caçadores de Sombras, uma das emoções mais fortes, mais intensas e mais envolventes que se podia ter, o compromisso mais significativo que se podia ter com alguém sem envolver amor romântico ou casamento.

Ela queria ter contado a Jules quando voltaram para casa, queria ter dito a ele de algum jeito que, quando disparou as palavras no escritório da Consulesa, sobre o plano de assumirem o compromisso *parabatai*, tinha sido mais que querer ser *parabatai*. *Diga a ele*, ecoava uma vozinha em sua mente. *Diga que é porque você precisava ficar em Los Angeles; diga que falou aquilo porque precisa estar lá para descobrir o que aconteceu com seus pais. Para se vingar.*

— Julian — falou ela suavemente, mas ele não se mexeu. Estava com os olhos fechados, os cílios escuros tocando o rosto.

O luar que adentrava pela janela o contornava em branco e prata. Os ossos da face já estavam começando a ficar proeminentes, a perda da suavidade da infância. De repente ela conseguia imaginar como seria a aparência dele quando ficasse mais velho, mais largo e forte, um Julian crescido. Ia ser muito bonito, pensou ela. As meninas iam ficar loucas por ele, e uma delas o levaria para sempre, porque Emma era sua *parabatai*, e isso significava que ela jamais poderia ser

uma dessas meninas. Jamais poderia amá-lo assim.

Jules murmurou e se remexeu em seu sono inquieto. O braço estava esticado para Emma, os dedos não chegando a tocá-la no ombro. A manga estava arregaçada até o cotovelo. Ela esticou a mão e escreveu cuidadosamente em seu antebraço, onde a pele era mais clara e macia, ainda imaculada, sem nenhuma cicatriz.

S-I-N-T-O-M-U-I-T-O-J-U-L-E-S, escreveu, e se recostou, prendendo a respiração, mas ele não sentiu, e não acordou.

Epílogo
A Beleza de Mil Estrelas

Maio, 2008

O ar estava começando a apresentar a primeira promessa tépida de verão: o sol brilhava, quente e claro, sobre a esquina da Carroll Street com a Sexta Avenida, e as árvores que cercavam o quarteirão de prédios baixos estavam carregadas de folhas verdes.

Clary tirou o casaco leve a caminho do metrô e ficou de jeans e camiseta em frente à entrada da Saint Xavier, vendo as portas se abrindo e os alunos saindo para a rua.

Isabelle e Magnus encontravam-se apoiados contra a árvore em frente a ela, Magnus com casaco de veludo e jeans, e Isabelle com um vestido prateado de festa, curto, que mostrava suas Marcas. Clary supunha que as próprias Marcas também estivessem bastante visíveis: pelos braços, na barriga onde a camiseta subia, na nuca. Algumas permanentes, outras temporárias. Todas marcando-a como diferente — não apenas diferente dos alunos agrupados na entrada do colégio, se despedindo uns dos outros, fazendo planos para ir até o parque ou de se encontrarem mais tarde no Java Jones, mas diferente de quem ela mesma havia sido um dia. Diferente da menina que fora uma deles.

Uma mulher mais velha com um poodle e um chapéu casamata assobiava enquanto caminhava ao sol. O poodle puxou a dona para a árvore onde Isabelle e Magnus estavam apoiados; a senhora pausou, assobiando. Isabelle, Clary e Magnus eram completamente invisíveis para ela.

Magnus lançou um olhar feroz para o poodle, que recuou com um ganido, meio que arrastando a dona pela rua. Magnus ficou olhando para eles.

— Feitiços de invisibilidade têm suas desvantagens — observou.

Isabelle sorriu, um sorriso que desapareceu quase imediatamente. Quando ela falou, a voz estava carregada de sentimentos reprimidos.

— Ali está ele.

Clary levantou a cabeça de repente. Os portões da escola tinham sido abertos novamente, e três meninos desceram pelos degraus da frente. Ela os reconheceu mesmo estando do outro lado da rua. Kirk, Eric e Simon. Não havia nada de diferente em Eric ou em Kirk; ela sentia o símbolo de Visão de Longo Alcance brilhar em seu braço enquanto seus olhos passavam por eles. Daí encarou Simon, sorvendo cada detalhe.

A última vez em que o vira fora em dezembro, pálido, sujo e ensanguentado no reino demoníaco. Agora tinha voltado a envelhecer, a crescer, não estava mais preso no tempo. O cabelo estava mais comprido. Caía sobre a testa e pela nuca. As bochechas tinham voltado a ter

cor. Estava com um pé no primeiro degrau da escada, o corpo magro e anguloso como sempre, talvez um pouco mais encorpado do que ela se lembrava. Vestia uma camiseta azul desbotada que tinha há anos. Ele ajeitou a armação quadrada dos óculos, gesticulando animadamente com a outra mão, na qual trazia um bolo enrolado de papéis.

Sem tirar os olhos dele, Clary pegou a estela no bolso e desenhou no braço, cancelando os símbolos de invisibilidade. Ouviu Magnus murmurando alguma coisa sobre ter mais cuidado. Se alguém estivesse olhando, ela seria vista surgindo do nada entre as árvores. Mas ninguém parecia olhar para lá, e Clary guardou a estela de volta no bolso. Sua mão tremia.

— Boa sorte — disse Isabelle sem perguntar o que a outra ia fazer. Clary supôs que fosse óbvio.

Isabelle continuava apoiada na árvore; parecia esgotada e tensa, a coluna totalmente ereta. Magnus estava ocupado girando um anel de topázio azul na mão esquerda; ele simplesmente deu uma piscadela para Clary enquanto ela descia do meio-fio.

Izzy jamais iria conversar com Simon, pensou Clary, começando a atravessar a rua. Jamais arriscaria receber o olhar vazio, a ausência de reconhecimento. Jamais suportaria a prova de que tinha sido esquecida. Clary ficou imaginando se ela própria não seria algum tipo de masoquista, por se lançar nesse caminho.

Kirk já tinha saído, mas Eric a viu antes de Simon; ela ficou tensa por um instante, mas daí ficou claro que a lembrança dele a respeito dela também tinha sido apagada. Ele a olhou de um jeito confuso e apreciativo, claramente imaginando se ela estaria indo em direção a ele. Clary balançou a cabeça e apontou o queixo para Simon; Eric ergueu a sobrancelha e deu um tapinha no ombro de Simon que dizia *até mais, cara*, antes de se retirar.

Simon virou para olhar Clary, e ela sentiu como um soco no estômago. Ele estava sorrindo, os cabelos castanhos esvoaçando sobre o rosto. Usou a mão livre para afastar as mechas.

— Oi — disse ela, parando na frente dele. — Simon.

Os olhos castanho-escuros encobertos por confusão a encararam.

— Eu... a gente se conhece?

Ela engoliu em seco, o súbito gosto amargo na boca.

— Éramos amigos — disse ela, e em seguida esclareceu: — Foi há muito tempo. No jardim de infância.

Simon ergueu uma sobrancelha, duvidando.

— Eu devia ser um menino muito charmoso aos 6 anos para você ainda se lembrar de mim.

— Lembro — falou. — Também me lembro de sua mãe, Elaine, e de sua irmã, Rebecca. Ela nos deixava jogar seu jogo, o dos hipopótamos comilões, mas você comia todas as bolinhas.

Simon ficou um pouco pálido sob seu bronzeado sutil.

— Como você... isso aconteceu, mas eu estava sozinho — falou, a voz passando de espantada

para alguma outra coisa.

— Não, não estava. — Ela investigou os olhos dele, tentando fazê-lo se lembrar, se lembrar de *alguma coisa*. — Estou falando, éramos amigos.

— Eu... Acho que não... me lembro — respondeu lentamente, apesar de haver sombras, uma escuridão nos olhos já escuros de Simon, que fez Clary se perguntar sobre as lembranças dele.

— Minha mãe vai se casar — disse ela. — Hoje à noite. Estou indo para lá, na verdade.

Ele esfregou a têmpora com a mão livre.

— E você precisa de um par para o casamento?

— Não. Já tenho. — Não deu para saber se ele tinha ficado decepcionado ou apenas mais confuso, como se a única explicação lógica para ela estar falando com ele tivesse acabado de desaparecer. Clary sentia as próprias bochechas ardendo. De algum jeito, se constranger daquele jeito parecia mais difícil que encarar um grupo de demônios Husa no Glick Park (e disso ela sabia bem; tinha acontecido na véspera). — Eu só... você e minha mãe eram muito próximos. Achei que você devesse saber. É um dia importante, e se as coisas tivessem dado certo, você estaria presente.

— Eu... — Simon engoliu em seco. — Desculpe?

— Não é culpa sua — continuou ela. — Nunca foi culpa sua. Nada. — Ela ficou na ponta dos pés, os olhos ardendo, e o beijou na bochecha brevemente. — Seja feliz — disse, e deu meia-volta. Conseguia enxergar as figuras borradas de Isabelle e Magnus, aguardando por ela do outro lado da rua.

— Espere!

Clary se virou. Simon tinha corrido atrás dela. Estava estendendo alguma coisa. Uma filipeta que tinha puxado do rolo que carregava.

— Minha banda... — disse ele, meio se desculpando. — Você devia ir a um show, talvez. Algum dia.

Ela pegou a filipeta e assentiu em silêncio, então correu para o outro lado da rua. Sentiu o olhar de Simon, mas não conseguia suportar a ideia de virar e flagrar aquele mesmo olhar: meio confuso, meio com pena.

Isabelle se desgrudou da árvore enquanto Clary corria até eles. Clary desacelerou o suficiente para pegar a estela e redesenhar o símbolo de invisibilidade no braço; doeu, mas ela acolheu a dor.

— Tinha razão — falou ela para Magnus. — Não adiantou nada.

— Eu não disse que não adiantaria. — Ele abriu as mãos. — Falei que ele não se lembraria de você. Falei que só devia fazer isso se aceitasse bem o fato.

— *Nunca* vou aceitar — rebateu Clary, e em seguida respirou fundo. — Desculpe — falou. — Sinto muito. Não é culpa sua, Magnus. E, Izzy... Isso também não deve ter sido divertido para

você. Obrigada por ter vindo comigo.

Magnus deu de ombros.

— Não precisa se desculpar, querida.

Os olhos escuros de Isabelle examinaram Clary rapidamente; ela esticou a mão.

— O que é isso?

— Filipeta da banda — falou Clary, e entregou a Isabelle. Izzy pegou, a sobrancelha arqueada. — Não consigo olhar. Eu o ajudava a fazer cópias e distribuir... — Fez uma careta. — Deixe para lá. Talvez mais tarde eu fique feliz por ter vindo. — Então deu um sorriso torto, botando o casaco de volta. — Vou indo. Vejo vocês no sítio.

Isabelle observou Clary indo embora, caminhando pela rua, imperceptível aos outros pedestres. Em seguida, olhou para a filipeta na mão.

SIMON LEWIS, ERIC HILLCHURCH, KIRK
DUPLESSE E MATT CHARLTON

"OS INSTRUMENTOS MORTAIS"

19 DE MAIO, BANDSHELL NO PROSPECT PARK
TRAGA ESTA FILIPETA E GANHE 5 DÓLARES
DE DESCONTO NA ENTRADA!

A respiração de Isabelle ficou presa na garganta.

— *Magnus*.

Ele também tinha ficado observando Clary; agora olhava para Izzy, e o olhar baixou para a filipeta. Ambos ficaram encarando.

Magnus assobiou.

— Os Instrumentos Mortais?

— O nome da banda. — O papel tremia na mão de Isabelle. — Muito bem, Magnus, *temos* que... você disse que se ele se lembrasse de *qualquer coisa*...

Magnus olhou para Clary, mas ela já havia desaparecido.

— Tudo bem — falou ele. — Mas se não funcionar, se ele não quiser, nunca podemos contar para ela.

Isabelle estava amassando o papel, já alcançando a estela com a outra mão.

— Como quiser. Mas precisamos ao menos tentar.

Magnus assentiu, sombras perseguindo sombras em seus olhos verde-dourados. Isabelle notava que ele estava preocupado com ela, com medo de ela se machucar, se decepcionar, e de sentir raiva e gratidão em relação a ele.

— Tentaremos.

Tinha sido mais um dia estranho, pensou Simon. Primeiro a moça atrás do balcão do Java Jones, que perguntou sobre a amiga dele, a menina bonitinha que sempre o acompanhava e pedia café preto. Simon ficou encarando — não tinha nenhuma amiga íntima, certamente nenhuma cujas preferências sobre café ele conhecia. Quando ele disse para a moça que ela provavelmente o estava confundindo com alguém, ela o encarou como se ele fosse louco.

E em seguida a ruiva que o abordou na porta da Saint Xavier.

A frente da escola estava deserta agora. Eric deveria dar carona para Simon, mas desaparecera quando a tal ruiva se aproximara, e não ressurgiu mais. Era legal da parte de Eric achar que Simon conseguia arrumar garotas com tanta facilidade, pensou ele, mas irritante quando isso significava ter que pegar o metrô para casa.

Simon sequer pensara em tentar dar em cima dela, não mesmo. Ela parecia tão frágil, apesar das tatuagens que decoravam seus braços e sua clavícula. Talvez *fosse* louca — as provas indicavam que sim —, mas seus olhos verdes estavam enormes e tristes quando ela o olhou; aquilo o fez se lembrar de como ele estava no dia do enterro do pai. Como se alguma coisa tivesse aberto um buraco em suas costelas e esmagado seu coração. Uma perda assim — não, ela não estava dando em cima dele. A garota realmente acreditava que os dois tinham sido importantes um para o outro em algum momento.

Talvez ele *tivesse* conhecido aquela menina, pensou. Talvez se tratasse de algo que houvesse esquecido — quem se lembrava dos amigos de jardim de infância? No entanto não conseguia se livrar da imagem dela, não triste, mas sorrindo sobre o ombro, segurando alguma coisa — um desenho? Ele balançou a cabeça em frustração. A imagem desapareceu como um peixe veloz escorregando do anzol.

Ele vasculhava o fundo da mente, tentando desesperadamente se lembrar. Ultimamente vinha se flagrando fazendo isso com frequência. Pedacinhos de lembranças que surgiam, fragmentos de poesias que ele não se lembrava de ter aprendido, lembranças de vozes, sonhos dos quais acordava tremendo e suando, incapaz de se lembrar do que havia se passado neles. Sonhos de paisagens desérticas, ecos, gosto de sangue, arco e flecha nas mãos (tinha aprendido a atirar com arco e flecha no acampamento de verão, mas nunca se importara *tanto assim* com aquilo, então por que estaria sonhando com isso agora?). E quase nunca voltava a dormir, a sensação dolorosa de que estava faltando alguma coisa, e ele não sabia o quê, mas *alguma coisa*, como um peso no meio do peito. Atribuía o fato a muitas campanhas noturnas de *Dungeons & Dragons*, ao estresse

do terceiro ano do ensino médio, à preocupação com faculdades. Como sua mãe dissera, uma vez que se começava a se preocupar com o futuro, se começava a ter obsessão pelo passado.

— Tem alguém sentado aqui? — disse uma voz. Simon levantou o olhar e viu um homem alto de cabelos negros espetados. Trajava um paletó de veludo com um brasão bordado em fios brilhantes e usava no mínimo uma dúzia de anéis. Havia algo de estranho em suas feições...

— Quê? Eu, hum. Não — respondeu Simon, imaginando quantos estranhos o abordariam hoje. — Pode sentar, se quiser.

O homem olhou para baixo e fez uma careta.

— Vejo que muitos pombos sujaram estes degraus — observou. — Vou permanecer de pé se não for muito grosseiro.

Simon balançou a cabeça sem dizer nada.

— Sou Magnus — sorriu, mostrando dentes extremamente brancos. — Magnus Bane.

— Por acaso somos amigos de longa data que se distanciaram com o tempo? — perguntou Simon. — Só estou imaginando.

— Não, nunca nos demos muito bem — respondeu Magnus. — Conhecidos de longa data que se distanciaram? Compadres? Meu gato gostava de você.

Simon passou as mãos no rosto.

— Acho que estou enlouquecendo — falou, para ninguém em particular.

— Bem, então acho que vai receber bem o que estou prestes a lhe contar. — Magnus virou a cabeça para o lado singelamente. — Isabelle?

Do nada, uma garota apareceu. Talvez a garota mais linda que Simon já vira. Tinha cabelos negros e longos que caíam sobre um vestido prateado que o fazia querer escrever músicas sobre noites estreladas. Ela também tinha tatuagens: as mesmas da outra menina, pretas e curvilíneas, cobrindo os braços e pernas nuas.

— Oi, Simon — disse ela.

Simon simplesmente a encarou. Era completamente fora dos domínios de qualquer coisa que ele já tivesse imaginado, que uma menina com *aquela* aparência pudesse dizer o nome dele *daquele jeito*. Como se fosse o único nome que importasse no mundo. O cérebro dele parou como um carro velho.

— Humm? — resmungou ele.

Magnus estendeu a mão com dedos longos, e a menina colocou alguma coisa ali. Um livro, de capa branca com o título estampado em ouro. Simon não conseguia enxergar as palavras direito, mas estavam escritas com uma caligrafia elegante.

— Isto — falou Magnus — é um livro de feitiços.

Não parecia haver uma resposta para isso, então Simon nem tentou.

— O mundo é cheio de magia — declarou Magnus, e seus olhos brilhavam. — Demônios e

anjos, lobisomens, fadas e vampiros. Um dia você conheceu tudo isso. Você possuía magia, mas ela foi tirada de você. A ideia era que vivesse o restante da vida sem isso, sem se lembrar. Que se esquecesse das pessoas que amava, se elas soubessem sobre a magia. Que você passasse o restante da vida sendo normal. — Ele girou o livro em seus dedos finos, e Simon viu um título em latim. Alguma coisa naquela imagem enviou uma onda de energia pelo corpo de Simon. — E há algo a ser dito sobre isso, sobre ser aliviado do fardo da grandeza. Porque você era grande, Simon. Era um Diurno, um guerreiro. Salvou vidas e destruiu demônios, e o sangue de anjos corria por suas veias como a luz do sol. — Magnus agora estava sorrindo, parecendo um pouco louco. — E não sei, mas simplesmente me parece um pouco fascista tirar isso tudo de você.

Isabelle jogou os cabelos negros para trás. Alguma coisa brilhava em seu pescoço. Um rubi vermelho. Simon sentiu a mesma onda de energia, dessa vez mais forte, como se seu corpo quisesse uma coisa que a mente não lembrava.

— Fascista? — ecoou ela.

— Sim — falou Magnus. — Clary nasceu especial. Simon se tornou especial. Adaptou-se. Porque o mundo não é dividido entre especiais e comuns. Todos têm potencial para serem extraordinários. Contanto que você tenha uma alma e livre-arbítrio, pode ser qualquer coisa, fazer qualquer coisa, escolher qualquer coisa. Simon deveria poder escolher.

Simon engoliu em seco.

— Desculpe — disse. — Mas do que você está falando?

Magnus deu uma batidinha no livro.

— Andei pesquisando uma forma de escapar desse feitiço, dessa maldição que lhe impuseram — explicou, e Simon quase protestou dizendo que não era amaldiçoado, porém desistiu. — Esta coisa que o fez esquecer. Então descobri. Deveria ter descoberto muito antes, mas sempre fui muito rígido em relação a Ascensões. Muito específico. Mas aí Alec mencionou: eles estão *desesperados* por novos Caçadores de Sombras. Perderam tantos na Guerra Maligna, seria fácil. Você tem tantas pessoas para votar em seu favor. Poderia ser um Caçador de Sombras, Simon. Como Isabelle. Posso fazer um pouco com este livro; não dá para consertar completamente, e não posso fazer com que volte a ser o que era, mas posso prepará-lo para Ascender, e depois que o fizer, uma vez que se tornar Caçador de Sombras, *ele* não pode tocá-lo. Você terá a proteção da Clave, e as regras sobre não lhe contar sobre o Mundo das Sombras, estas desaparecerão.

Simon olhou para Isabelle. Era um pouco como olhar para o sol, mas a maneira como ela retribuía aquele olhar facilitava as coisas. Ela o encarava como se sentisse saudade, embora Simon soubesse que isso não era possível.

— Existe mágica mesmo? — perguntou. — Vampiros, lobisomens e magos...

— Feiticeiros — corrigiu Magnus.

— E tudo isso? Existe?

— Existe — respondeu Isabelle. A voz dela era doce, um pouco rouca e... familiar. De repente ele se lembrou do cheiro de sol e flores, e sentiu um gosto metálico. Viu paisagens desérticas se estendendo sob um sol demoníaco, e uma cidade com torres que brilhavam como se fossem feitas de gelo e vidro. — Não é um conto de fadas, Simon. Ser Caçador de Sombras significa ser um guerreiro. É perigoso, mas se for a coisa certa para você, é incrível. Eu jamais quereria ser outra coisa.

— A decisão é sua, Simon Lewis — disse Magnus. — Permaneça em sua existência atual, vá para a faculdade, estude música, case-se. Viva sua vida. Ou... pode ter uma vida incerta de sombras e perigos. Pode desfrutar da alegria de ler histórias sobre acontecidos incríveis, ou pode fazer parte da história. — Ele se inclinou para perto, e Simon viu a luz se apagar nos olhos de Magnus, percebendo enfim porque eram estranhos. Eram verde-dourados e tinha pupilas em fenda, como as de um gato. Não eram olhos nada humanos. — A escolha é sua.

Era sempre uma surpresa que os lobisomens tivessem tanta destreza com arranjos florais, pensou Clary. O velho bando de Luke — agora de Maia — tinha se oferecido para decorar o terreno em volta da casa, onde aconteceria a recepção, e o velho celeiro onde a cerimônia seria realizada. O bando inspecionou toda a estrutura. Clary se lembrava de ter brincado com Simon no velho palheiro que rangia, da tinta descascada, dos tacos desiguais no piso. Agora tudo havia sido lixado e reformado, e o lugar pronto brilhava com a luz suave de madeiras antigas. Alguém também tinha senso de humor: as vigas foram decoradas com tremoços do gênero Lupinus.

Grandes vasos de madeira sustentavam arranjos de taboas, solidagos e lírios. O buquê de Clary era de flores silvestres, apesar de ter sofrido um pouco as consequências por estar sendo segurado por ela durante tantas horas. A cerimônia toda passou em uma espécie de borrão: votos, flores, luz de velas, o rosto feliz de sua mãe, o brilho nos olhos de Luke. No fim, Jocelyn evitou um vestido exagerado e usou um branco simples de verão, com o cabelo preso em um coque bagunçado rematado por, sim, um lápis de cor. Luke, que estava muito bonito de cinza, não pareceu se importar.

Os convidados estavam todos reunidos agora. Vários licantropes recolhiam as fileiras de cadeiras e empilhavam os presentes recebidos de maneira eficiente em uma mesa longa. O presente de Clary, um retrato da mãe e de Luke pintado por ela, estava pendurado na parede. Ela adorara desenhá-lo; havia adorado voltar a segurar pincel e tintas — desenhado não para criar símbolos, mas apenas uma coisa bonita que alguém um dia poderia apreciar.

Jocelyn estava ocupada abraçando Maia, que pareceu se divertir com o entusiasmo da noiva. Morcego conversava com Luke, que parecia entorpecido, mas de um jeito positivo. Clary sorriu para eles e saiu do celeiro, rumo à trilha lá fora.

A lua estava alta, brilhando sobre o lago ao pé da propriedade, fazendo o restante do sítio

reluzir. Havia lanternas penduradas nas árvores, e todas balançavam com a brisa suave. As trilhas estavam contornadas por pequenos cristais brilhantes — uma das contribuições de Magnus, mas onde *estava* Magnus? Clary não o vira na multidão durante a cerimônia, apesar de ter visto quase todo mundo: Maia e Morcego, Isabelle vestida de prata, Alec com um terno preto muito sério, e Jace sem a gravata, a qual fora desafiadoramente descartada em algum lugar, provavelmente em algum arbusto próximo. Até Robert e Maryse estavam ali, adequadamente corteses; Clary não fazia ideia do que estava se passando no relacionamento dos dois, e nem queria perguntar a ninguém.

Clary foi para a maior das tendas brancas; a estação de DJ estava preparada para Morcego, e alguns dos membros do bando e outros convidados abriam espaço para dançar. As mesas estavam cobertas por longos panos brancos e tinham sido postas com louças antigas do sítio, obtidas através de anos de buscas em mercados de pulgas em cidadezinhas das redondezas. Nenhuma peça combinava, os copos eram potes de geleia antigos, e os enfeites de centro eram ásteres azuis colhidos à mão e trevos flutuando em vasilhas de cerâmica que também não combinavam entre si, no entanto Clary considerou aquele o casamento mais bonito que já tinha visto.

Uma mesa comprida fora arrumada com taças de champanhe; Jace estava ali perto, e ao ver Clary ergueu uma taça e deu uma piscadela. Ele tinha escolhido a opção desgrenhada: blazer amassado e cabelos despenteados, e agora sem gravata; mas estava tão lindo que o coração de Clary chegava a doer.

Ele estava com Isabelle e Alec; Izzy estava linda com o cabelo arrumado em um penteado mais solto. Clary sabia que ela própria não conseguiria ostentar toda aquela elegância nem em um milhão de anos, porém não se importava. Isabelle era Isabelle, e Clary era grata por ela existir, por fazer do mundo um lugar mais impetuoso com cada um de seus sorrisos. Isabelle agora dava um assovio, lançando um olhar através da tenda.

— Vejam só aquilo.

Clary olhou — e olhou outra vez. Viu uma menina de uns 19 anos; cabelos castanhos soltos e um rosto meigo. Usava um vestido verde, um pouco démodé em estilo, e um colar de jade. Clary já a tinha visto antes, em Alicante, conversando com Magnus na festa da Clave na Praça do Anjo.

Estava de mãos dadas com um menino muito familiar, muito bonito, de cabelos negros despenteados; ele parecia alto e esguio em um terno preto elegante e uma camisa branca que destacava as maçãs do rosto proeminentes. Enquanto Clary observava, ele se inclinou para sussurrar alguma coisa ao ouvido dela, e ela sorriu, iluminando o rosto.

— Irmão Zachariah — falou Isabelle. — De janeiro a dezembro no Calendário dos Irmãos do Silêncio gatos. O que ele está fazendo aqui?

— Existe um calendário de Irmãos do Silêncio gatos? — perguntou Alec. — Está à venda?

— Pare com isso. — Isabelle lhe deu uma cotovelada. — Magnus vai chegar a qualquer momento.

— Onde *está* Magnus? — perguntou Clary.

Isabelle sorriu, a boca dentro da taça de champanhe.

— Ele teve um assunto para resolver.

Clary olhou novamente para o Irmão Zachariah e para a menina, mas eles já haviam se misturado à multidão. Ela gostaria que não tivessem — alguma coisa na menina a deixara fascinada —, entretanto, no instante seguinte a mão de Jace lhe segurou o pulso, e ele estava repousando a própria taça em uma mesinha.

— Venha dançar comigo — chamou.

Clary olhou para o palco. Morcego havia assumido o posto na cabine de DJ, mas ainda não havia música. Alguém tinha colocado um piano no canto, e Catarina Loss, com a pele brilhando em azul, dedilhava as teclas.

— Mas não tem música — argumentou Clary.

Jace sorriu para ela.

— Não precisa.

— Eeeee, essa é a nossa deixa para sairmos — disse Isabelle, puxando Alec pelo cotovelo e levando-o para a multidão. Jace sorriu para ela.

— Isabelle tem urticária com sentimentalismo — brincou Clary. — Mas, sério, não podemos dançar sem música. Todo mundo vai ficar olhando...

— Vamos para onde ninguém consegue nos ver — disse Jace, e a afastou da tenda. Aquele era o momento do dia que Jocelyn chamava de "a hora azul", com tudo banhado pelo crepúsculo, a tenda branca parecendo uma estrela, e a grama macia, cada lâmina brilhando como prata.

Jace a puxou para si, encaixando o corpo de Clary ao dele, abraçando-a pela cintura, os lábios roçando a nuca.

— Podemos entrar na casa — disse ele. — Tem quartos lá.

Ela se virou nos braços dele e o cutucou no peito, com força.

— Este é o casamento da minha mãe — falou. — Não vamos transar. Você está louco.

— Mas "louco" é meu jeito preferido de transar.

— A casa está cheia de vampiros — respondeu ela alegremente. — Foram convidados e vieram ontem à noite. Estão lá dentro esperando o sol se pôr.

— Luke convidou *vampiros*?

— Maia convidou. Um gesto de paz. Estão tentando se entender.

— Certamente os vampiros respeitariam nossa privacidade.

— Certamente não — retrucou Clary, e o arrastou com firmeza para longe da trilha que levava até a casa, rumo a um bosque. Ali era coberto e escondido, o chão cheio de terra e raízes,

folhas com pequenas flores brancas crescendo ao redor dos troncos em ramos.

Ela recuou contra um tronco, puxando Jace, de modo que ele se apoiasse contra ela, com uma das mãos de cada lado dos ombros de Clary, daí ela se aconchegou entre os braços dele. Passou as mãos no tecido macio do paletó.

— Eu te amo — disse ela.

Jace olhou para Clary.

— Acho que sei o que Madame Dorothea quis dizer — falou. — Quando ela disse que eu ia me apaixonar pela pessoa errada.

Clary arregalou os olhos. Ficou imaginando se ele iria terminar com ela. Em caso positivo, ela teria algumas coisas a dizer sobre o *timing* de Jace, depois que o afogasse no lago.

Ele respirou fundo.

— Você faz eu me questionar — disse ele. — O tempo todo, todos os dias. Fui criado para acreditar que eu devia ser perfeito. Um guerreiro perfeito, um filho perfeito. Mesmo quando fui morar com os Lightwood, pensava que tinha que ser perfeito, pois do contrário me mandariam embora. Não achava que amor vinha com perdão. Então você surgiu e destruiu tudo que eu acreditava, e comecei a enxergar tudo diferente. Você passava... tanto amor, tanto perdão e tanta fé. Que eu não precisava ser perfeito; tinha que tentar, e isso bastava. — Ele baixou o olhar; Clary notou a leve pulsação na têmpora dele, sentiu a tensão. — Então acho que você era a pessoa errada para o Jace que eu era, mas não para o Jace que sou agora, o Jace que você ajudou a construir. Que, por sinal, é um Jace de quem gosto muito mais em relação ao antigo. Você me fez mudar para melhor, e mesmo que me abandonasse, eu ainda teria isso. — Ele fez uma pausa. — Não que você deva me largar — acrescentou apressadamente, e inclinou a cabeça contra a dela, de modo que as testas se tocaram. — Diga alguma coisa, Clary.

As mãos dele estavam nos ombros dela, quentes contra a pele fria; ela conseguia senti-las tremendo. Os olhos de Jace eram dourados, mesmo à luz azulada do crepúsculo. Ela se lembrou de quando os achava frios e distantes, até mesmo assustadores, antes de perceber que o que enxergava era o bloqueio experiente de 17 anos de escudo. Dezessete anos protegendo o coração.

— Você está tremendo — disse ela, com um pouco de assombro.

— É você quem causa isso — respondeu ele, respirando contra a bochecha dela, e então deslizou as mãos sobre os braços nus de Clary —, toda vez... toda vez.

— Posso revelar um fato científico tedioso? — sussurrou ela. — Aposto que você não aprendeu na aula de história dos Caçadores de Sombras.

— Se está tentando me distrair de falar sobre meus sentimentos, não está sendo nada sutil. — Ele tocou o rosto dela. — Você sabe que faço discursos. Tudo bem. Não precisa retribuir. Só diga que me ama.

— Não estou tentando distraí-lo. — Ela levantou a mão e abanou os dedos. — Existem cem

trilhões de células no corpo humano — falou. — E cada uma das minhas células te ama. Nossas células morrem, e novas células nascem, e minhas células novas te amam mais que as antigas, e por isso te amo cada dia mais. É ciência. E quando eu morrer e cremarem meu corpo, e eu virar cinzas que se misturam ao ar, parte da terra, das árvores e das estrelas, todos que respirarem esse ar ou enxergarem as flores que crescerem do chão ou olharem para as estrelas vão se lembrar de você e amar você, por que esse é *o quanto* eu te amo. — Ela sorriu. — Que tal esse discurso?

Ele a encarou, sem palavras, pela primeira vez na vida. Antes que pudesse responder, Clary se esticou para beijá-lo — inicialmente um toque comportado de lábios, mas que rapidamente se aprofundou, e logo ele estava entreabrindo os lábios de Clary com os dele, acariciando a boca delicada com a língua, e ela sentiu o gosto de Jace: a doçura com um toque de champanhe. As mãos dele percorriam as costas de Clary, febris, sobre os nódulos da espinha, as alças de seda do vestido, os ombros, pressionando-a contra si. Ela deslizou as mãos sob o paletó dele, imaginando se talvez devessem ter ido para a casa, afinal, mesmo que *estivesse* cheia de vampiros...

— Interessante — disse uma voz entretida, e Clary se afastou de Jace rapidamente para flagrar Magnus, parado em um intervalo entre as árvores. A figura alta estava contornada pelo luar; ele não vestia nada particularmente escandaloso e trajava um terno preto perfeito que parecia um borrão de tinta entornada contra o céu que escurecia.

— *Interessante?* — ecoou Jace. — Magnus, o que você está fazendo aqui?

— Vim buscá-los — respondeu. — Tem uma coisa que acho que precisam ver.

Jace fechou os olhos, como se rezando por paciência.

— ESTAMOS OCUPADOS.

— Obviamente — comentou Magnus. — Sabe, dizem que a vida é curta, mas não é tão curta assim. Pode ser bem longa, e terão o restante da de vocês para ficar juntos, então *realmente* sugiro que venham comigo, pois vão se arrepender se não vierem.

Clary se afastou da árvore, com a mão ainda na de Jace.

— Tudo bem — falou ela.

— Tudo bem? — rebateu Jace, indo atrás dela. — Sério?

— Confio em Magnus — disse Clary. — Se é importante, é importante.

— E se não for, vou afogá-lo no lago — respondeu Jace, ecoando o pensamento não verbalizado que Clary tivera mais cedo. Ela escondeu o sorriso sob a escuridão.

Alec estava à beira da tenda, observando a dança. O sol já estava baixo o bastante, e agora era simplesmente uma listra vermelha pintada em um céu distante. Os vampiros tinham saído da casa e se juntado à festa. Uma discreta acomodação havia sido preparada de acordo com os gostos deles, e eles se misturaram aos outros convidados, segurando taças esguias de metal, obtidas na mesa de champanhe, cuja opacidade escondia o líquido dentro delas.

Lily, a líder do clã de vampiros de Nova York, estava às teclas marfim do piano, preenchendo o recinto com os sons do jazz. Uma voz falou ao ouvido de Alec, sobrepondo-se à música:

— Achei uma cerimônia adorável.

Alec virou e viu o pai, a mão grande envolvendo uma taça frágil de champanhe, observando os convidados. Robert era um homem grande, de ombros largos, que nunca ficava muito bem de terno: parecia um garoto grande demais em idade escolar e o qual fora obrigado a se vestir daquele jeito por um pai irritado.

— Oi — cumprimentou Alec. Viu a mãe do outro lado, conversando com Jocelyn. Maryse tinha mais mechas grisalhas nos cabelos escuros do que ele se recordava; estava elegante, como sempre. — Foi gentileza sua vir — acrescentou a contragosto. Seus pais ficaram quase dolorosamente agradecidos por ele e Isabelle terem voltado para eles após a Guerra Maligna, gratos demais para ficarem com raiva ou censurarem. Gratos demais a ponto de Alec poder falar o que quisesse sobre Magnus; quando a mãe voltou a Nova York, ele juntou o resto de suas coisas no Instituto e as levou para o loft no Brooklyn. Ainda ia ao Instituto quase todos os dias, ainda via a mãe com frequência, mas Robert tinha ficado em Alicante, e Alec não tentara contatá-lo. — Fingir ser civilizado com mamãe, essa coisa toda... muito gentil.

Alec viu o pai se encolher. Pretendia ser cortês, mas esse nunca foi seu forte. Sempre soava falso.

— Não estamos fingindo civilidade — disse Robert. — Ainda amo sua mãe; gostamos um do outro. Só... não conseguimos ficar casados. Devíamos ter terminado há mais tempo. Pensávamos estar fazendo a coisa certa. Nossas intenções eram boas.

— De boas intenções... — disse Alec de forma sucinta, e olhou para a própria taça.

— Às vezes — falou Robert — você escolhe com quem quer ficar quando ainda é muito jovem, aí você muda, mas a pessoa não muda com você.

Alec respirou fundo lentamente; de repente suas veias estavam fervendo de raiva.

— Se for uma indireta para mim e Magnus, pode esquecer — falou. — Você abriu mão de qualquer jurisdição sobre mim e minhas relações quando deixou claro que, até onde você sabia, um Caçador de Sombras gay não era um verdadeiro Caçador de Sombras. — Ele pousou a taça em uma caixa de som próxima. — Não estou interessado...

— Alec. — Alguma coisa na voz de Robert fez Alec virar; ele não soou irritado, apenas... arrasado. — Eu fiz, falei... coisas imperdoáveis. Sei disso — explicou-se. — Mas sempre tive orgulho de você, e não tenho menos orgulho agora.

— Não acredito em você.

— Quando eu tinha sua idade, mais novo até, tive um *parabatai* — contou Robert.

— Sim, Michael Wayland — disse Alec, sem se importar se soara amargo, sem ligar para a expressão no olhar do pai. — Eu sei. Foi por isso que você acolheu Jace. Sempre achei que vocês

dois não fossem particularmente próximos. Você não parecia sentir tanto a falta dele, ou se importar com o fato de ele estar morto.

— Eu não acreditava que ele estivesse morto — explicou Robert. — Sei que deve parecer difícil imaginar; nosso laço foi rompido pela sentença de exílio decretada pela Clave, mas mesmo antes disso, nos distanciamos. Porém houve um tempo, no entanto, em que fomos próximos, melhores amigos; houve um tempo em que ele disse que me amava.

Alguma coisa no peso que seu pai colocara nas palavras pegou Alec de surpresa.

— Michael Wayland foi *apaixonado* por você?

— Eu não fui... gentil com ele em relação a isso — explicou Robert. — Falei para ele nunca mais repetir aquelas palavras. Tive medo, o deixei sozinho com os próprios pensamentos, sentimentos e medos, e nunca mais fomos próximos como antes. Acolhi Jace para compensar o que fiz, mesmo que de uma forma sutil, mas sei que não tinha como compensar. — Ele olhou para Alec, com os olhos azul-escuros firmes. — Você pensa que tenho vergonha de você, mas na verdade tenho vergonha de mim. Olho para você e enxergo o espelho da minha falta de generosidade com alguém que nunca mereceu. Enxergamos a nós mesmos em nossos filhos, que podem ser melhores do que somos. Alec, você é um homem tão melhor do que fui, ou do que um dia serei.

Alec ficou congelado. Lembrou-se do sonho nas terras demoníacas, do pai contando a todos sobre como seu filho era corajoso, como era um bom Caçador de Sombras e guerreiro, mas nunca imaginara seu pai lhe chamando de bom *homem*.

De algum jeito, isso era muito melhor.

Robert olhava para ele com as rugas de tensão evidentes em torno dos olhos e da boca. Alec não conseguiu evitar imaginar se seu pai já tinha contado sobre Michael a mais alguém, e o quão difícil havia sido falar nele agora.

Ele tocou levemente o braço do pai. Era a primeira vez que o tocava espontaneamente em meses, e em seguida abaixou a mão.

— Obrigado — falou. — Por me contar a verdade.

Não era um perdão, não exatamente, mas era um começo.

A grama estava úmida devido ao frio da noite que caía; Clary sentia o frio ensopando suas sandálias enquanto voltava à tenda com Jace e Magnus. Clary viu as fileiras de mesas sendo postas, louças e talheres brilhando. Todos se ofereceram para ajudar, mesmo as pessoas que normalmente ela considerava inabaláveis em sua reserva: Kadir, Jia, Maryse.

A música irradiava da tenda. Morcego estava na estação do DJ, mas alguém tocava jazz ao piano. Viu Alec com o pai, conversando seriamente, e então a multidão se dividiu e ela viu um borrão de rostos familiares: Maia e Aline confabulando, Isabelle ao lado de Simon, parecendo

desconfortável...

Simon.

Clary parou. Seu coração falhou por um segundo, e mais um; ela sentiu frio e calor, como se estivesse prestes a desmaiar. Não podia ser Simon; devia ser outra pessoa. Algum outro menino magro, o mesmo cabelo castanho despenteado e óculos, mas ele estava com a mesma camiseta desbotada da manhã, e o cabelo continuava comprido demais sobre o rosto, e ele sorria para ela através da multidão, um pouco inseguro, e era Simon, e era Simon, e era *Simon*.

Nem mesmo se lembrava de ter começado a correr, mas de repente a mão de Magnus estava em seu ombro, uma garra forte como ferro, contendo-a.

— Tenha *cuidado* — disse Magnus. — Ele não se lembra de tudo. Consegui suscitar algumas lembranças, não muitas. O resto vai ter que esperar, mas, Clary... lembre-se de que ele *não* se recorda. Não espere nada.

Ela deve ter feito que sim com a cabeça, porque ele logo a soltou, e então Clary estava avançando pela grama e para a tenda, e atirou-se em cima de Simon com tanto ímpeto que ele chegou a cambalear, quase caindo. *Ele não tem mais a força de um vampiro; vá com calma, vá com calma*, dizia sua mente, mas o restante dela não queria ouvir. Estava com os braços em volta do menino, e estava meio abraçando, meio chorando aninhada no casaco dele.

Tinha noção de Isabelle, Jace e Maia ao lado deles, e de Jocelyn, também, correndo para lá. Clary recuou apenas o suficiente para olhar no rosto de Simon. E definitivamente era Simon. De perto, ela notava as sardas na bochecha direita, a pequena cicatriz no lábio que ele ganhara jogando futebol no oitavo ano.

— Simon — sussurrou ela, e em seguida —, você... me conhece? Sabe quem eu sou?

Ele ajeitou os óculos no nariz. A mão tremia um pouco.

— Eu... — Olhou em volta. — É como se fosse uma reunião de família em que quase não conheço ninguém, mas todos me conhecem — falou. — É...

— Opressivo? — perguntou Clary. Tentou esconder o tom de decepção profunda em seu peito por ele não a reconhecer. — Tudo bem se você não me conhecer. Teremos tempo.

Ele olhou para ela. Havia incerteza e esperança na expressão de Simon, e um olhar ligeiramente perturbado, como se ele tivesse acabado de acordar de um sonho e não soubesse ao certo onde estava. Então ele sorriu.

— Eu não me lembro de tudo — falou. — Ainda não. Mas me lembro de você. — Ele pegou a mão dela, tocou o anel de ouro no indicador direito, o metal de fada morno ao toque. — Clary — disse ele. — Você é Clary. É minha melhor amiga.

Alec foi até a colina onde Magnus se encontrava, no caminho com vista para a tenda. Ele estava apoiado contra uma árvore, as mãos nos bolsos, e Alec se juntou a ele para observar enquanto

Simon — parecendo tão espantado quanto um patinho recém-nascido — era cercado pelos amigos: Jace, Maia, Luke, e até mesmo Jocelyn, chorando de felicidade ao abraçá-lo, borrando a maquiagem. Apenas Isabelle se destacava do grupo, as mãos cerradas na frente de si, o rosto quase sem expressão.

— Você quase fica achando que ela não se importa — disse Alec, enquanto Magnus esticava a mão para ajeitar a gravata dele. Magnus havia ajudado a escolher o terno que ele estava usando, e tinha muito orgulho por a peça ter uma listra azul fininha que destacava os olhos de Alec. — Mas tenho certeza de que se importa.

— Tem razão — falou Magnus. — Se importa até demais; é por isso que está isolada dos outros.

— Eu ia perguntar o que você fez, mas não sei se quero saber — disse Alec, apoiando as costas em Magnus, aconchegando-se no calor sólido do corpo atrás de si. Magnus firmou o queixo no ombro de Alec, e por um instante ficaram parados, juntos, olhando para a tenda e para a cena de caos feliz lá embaixo. — Foi bondade sua.

— Você faz a escolha que tem que fazer no momento — falou Magnus ao ouvido de Alec. — Torce para não haver consequências, pelo menos não consequências sérias.

— Não acha que seu pai vai ficar com raiva, acha? — perguntou Alec, e Magnus riu secamente.

— Ele tem muito mais o que fazer do que prestar atenção em mim — disse Magnus. — E você? Notei que estava falando com Robert.

Alec sentiu a postura de Magnus ficar tensa enquanto repetia o que o pai havia lhe contado.

— Sabe, eu *não* teria adivinhado isso — comentou Magnus, quando Alec terminou. — E conheci Michael Wayland. — Alec o sentiu dando de ombros. — Prova viva. De que "o coração é sempre inexperiente" e tudo o mais.

— O que você acha? Devo perdoá-lo?

— Acho que o que ele contou foi uma explicação, mas não um pretexto para a maneira como se comportou. Se perdoá-lo, faça-o por você, não por ele. É uma perda de tempo sentir raiva — falou Magnus —, sendo que você é uma das pessoas mais amorosas que conheço.

— Foi por isso que me perdoou? Por mim, ou por você? — perguntou Alec, sem raiva, apenas curiosidade.

— Perdoei porque te amo e odeio ficar sem você. Eu odeio, meu gato odeia. E porque Catarina me convenceu de que eu estava sendo idiota.

— Hum. Gosto dela.

Magnus abraçou Alec, colocando as mãos no peito dele, como se estivesse sentindo o coração.

— E você me perdoa — disse ele. — Por não torná-lo imortal, ou acabar com minha imortalidade.

— Não há nada a ser perdoado — falou Alec. — Não quero viver para sempre. — E colocou uma das mãos sobre a de Magnus, entrelaçando os dedos. — Podemos não ter muito tempo — disse Alec. — Vou envelhecer e vou morrer. Mas prometo que não o abandonarei até lá. É a única promessa que *posso* fazer.

— Muitos Caçadores de Sombras não envelhecem — disse Magnus. Alec sentia a pulsação dele. Era estranho, Magnus assim, sem as palavras que normalmente lhe vinham tão facilmente.

Alec virou no abraço de Magnus de modo que ficaram frente a frente, assimilando todos os detalhes dos quais nunca se cansava: os ossos proeminentes no rosto de Magnus, o verde-dourado de seus olhos, a boca que sempre parecia prestes a sorrir, apesar de no momento demonstrar preocupação.

— Mesmo que fossem apenas dias, eu ia querer passar todos com você. Isso significa alguma coisa?

— Sim — respondeu Magnus. — Significa que a partir de agora tornaremos todos os dias importantes.

Estavam dançando.

Lily tocava alguma coisa lenta e suave ao piano, e Clary deslizava entre os outros convidados da festa, abraçada a Jace. Era exatamente o tipo de dança de que gostava: não muito complicada, envolvendo apenas segurar o parceiro e não fazer nada que pudesse resultar em um tropeção.

Estava com a bochecha apoiada na camisa de Jace, o tecido amarrotado e sedoso sob a pele. A mão dele brincava ociosamente nos cachos que tinham soltado do coque, os dedos traçando pela nuca. Ela não pôde deixar de se lembrar de um sonho que tivera há muito tempo, no qual dançava com Jace no Salão dos Acordos. Naquela época, ele era tão distante, tão frio; agora ela se espantava às vezes quando olhava para ele, ao ver que este era o mesmo Jace. *O Jace que você ajudou a construir*, dissera ele. *Um Jace de quem eu gosto muito mais*.

Porém ele não era o único que tinha mudado; Clary também mudara. Abriu a boca para falar isso para ele, quando sentiu um toque no ombro. Virou-se e viu a mãe, sorrindo para os dois.

— Jace — disse Jocelyn. — Posso lhe pedir um favor?

Jace e Clary pararam de dançar; nenhum dos dois disse nada. Jocelyn tinha passado a gostar muito mais de Jace nos últimos seis meses; ela até sentia carinho por ele, Clary ousaria dizer, mas nem sempre se empolgava pelo namorado Caçador de Sombras de Clary.

— Lily está cansada de tocar, mas todo mundo está gostando tanto do piano... e você toca, não toca? Clary me contou que é muito talentoso. Tocaria para nós?

Jace lançou um olhar na direção de Clary, tão breve que ela só percebeu porque o conhecia bem o suficiente. Mas ele tinha bons modos, muito bons quando resolvia utilizá-los. Sorriu para Jocelyn como um anjo e foi até o piano. Em seguida, notas de música clássica preencheram a

tenda.

Tessa Gray e o menino que outrora fora o Irmão Zachariah estavam sentados à mesa mais afastada no canto e assistiam enquanto os dedos leves de Jace Herondale dançavam sobre as teclas do piano. Jace estava sem gravata e com a camisa parcialmente desabotoada, o rosto minuciosamente concentrado enquanto se perdia na música com paixão.

— Chopin — identificou Tessa, com um sorriso suave. — Fico imaginando... fico imaginando se a pequena Emma Carstairs vai tocar violino um dia.

— Cuidado — alertou seu companheiro, com um riso na voz. — Não se pode forçar essas coisas.

— É difícil — disse ela, virando-se para encará-lo seriamente. — Gostaria que você pudesse contar mais a ela sobre a ligação entre vocês, para que ela não se sentisse tão sozinha.

A boca de Irmão Zachariah assumiu uma expressão de tristeza.

— Você sabe que não posso. Ainda não. Mas dei a entender a ela. Foi tudo que pude fazer.

— Vamos ficar de olho nela — disse Tessa. — Vamos sempre ficar de olho nela. — Tessa tocou as marcas nas bochechas dele, resquícios de sua época de Irmão do Silêncio, quase com reverência. — Lembro-me que você disse que esta guerra era uma história dos Lightwood, Herondale e Fairchild, e é dos Blackthorn e Carstairs também, e é incrível vê-los. Mas quando os vejo, é como se enxergasse o passado se estendendo atrás deles. Quando vejo Jace Herondale tocar, enxergo os fantasmas que se elevam na música. Você não?

— Fantasmas são lembranças, e os carregamos porque aqueles que amamos não deixam o mundo.

— Sim — falou ela. — Queria que *ele* estivesse aqui para ver isso conosco, só mais uma vez.

Ela sentiu a seda grossa dos cabelos negros dele ao se curvar para beijar seus dedos levemente — um gesto cortês de uma época antiga.

— Ele está conosco, Tessa. Pode nos ver. Eu acredito. *Sinto*, do mesmo jeito que eu às vezes sabia se ele estava triste, com raiva, solitário ou feliz.

Ela tocou a pulseira de pérola no pulso, e em seguida o rosto dele, os dedos leves e carinhosos.

— E como ele está agora? — sussurrou ela. — Feliz, saudoso, triste ou solitário? Não me diga que está solitário. Pois você deve saber. Sempre soube.

— Ele está feliz, Tessa. Está feliz por nos ver juntos, assim como eu sempre fiquei feliz ao ver vocês dois juntos. — Ele sorriu, aquele sorriso que continha toda a verdade do mundo, e afastou os dedos dos dela quando voltou a se sentar. Duas figuras se aproximavam da mesa: uma ruiva alta e uma menina com os mesmos cabelos ruivos e olhos verdes. — E por falar em passado — disse ele —, acho que tem alguém aqui que deseja falar com você.

Clary estava entretida observando Church quando sua mãe parou ao seu lado. O gato tinha sido enfeitado com dúzias de sininhos prateados de casamento, e em uma fúria vingativa roía uma das pernas do piano.

— Mãe — disse Clary, desconfiada. — O que está tramando?

A mãe a afagou no cabelo, parecendo alegre.

— Tem alguém que quero que conheça — disse ela, pegando a mão de Clary. — Já está na hora.

— Na hora? Hora de quê? — Clary se permitiu ser puxada, apenas semiprotestando, até uma mesa coberta por uma toalha branca no canto da tenda.

Ali estava a menina de cabelos castanhos que Clary vira mais cedo. A menina levantou o olhar quando ambas se aproximaram. O Irmão Zachariah estava se levantando ao lado dela; dando um sorriso suave para Clary e então atravessando o recinto para falar com Magnus, que tinha descido da colina, de mãos dadas com Alec.

— Clary — disse Jocelyn. — Quero que conheça Tessa.

— Isabelle.

Ela levantou o olhar; estava apoiada na lateral do piano, deixando que a música de Jace (e o som fraco de Church roendo a madeira) a embalasse. Era uma música que lhe lembrava a infância, Jace passando horas na sala de música, preenchendo os corredores do Instituto com uma cascata de notas.

Simon a havia chamado. Ele tinha desabotoado a jaqueta jeans por causa do calor da tenda, e Izzy notava o rubor de calor e constrangimento nas bochechas dele. Havia algo de estranho naquilo, um Simon que enrubescia, sentia frio, calor, crescia e se afastava — dela.

Seus olhos escuros estavam curiosos quando pousaram nela; Isabelle enxergou reconhecimento neles, mas não pleno. Não era assim que Simon a olhava antes, desejoso e com aquela dor maravilhosa, mas a sensação de que ali havia alguém que a *enxergava*, enxergava Isabelle, a Isabelle que ela apresentava ao mundo, e a Isabelle que ela escondia, guardada nas sombras onde muito poucos podiam ver.

Simon fora um desses poucos. Agora ele era... outra coisa.

— Isabelle — repetiu ele, e ela sentiu Jace olhando para ela, olhos curiosos enquanto as mãos percorriam as teclas do piano. — Quer dançar comigo?

Ela suspirou e assentiu.

— Tudo bem — falou, e deixou que ele a conduzisse para a pista. Com saltos, ela ficava da altura dele; os olhos no mesmo nível. Por trás dos óculos, os olhos dele exibiam a mesma cor marrom de café escuro.

— Me disseram — começou ele, e pigarreou —, ou pelo menos tenho a impressão de que eu e

você...

— Não — interrompeu ela. — Não fale sobre isso. Se você não se lembra, então não quero ouvir.

Uma das mãos dele estava no ombro de Isabelle, a outra na cintura. A pele dele era morna de encontro à dela, e não fria como ela se lembrava. Ele parecia incrivelmente humano e frágil.

— Mas quero me lembrar — disse ele, e ela se lembrou de como ele sempre foi argumentativo; isso, pelo menos, não tinha mudado. — Lembro de parte... não é como se eu não soubesse quem você é, Isabelle.

— Você me chamaria de Izzy — censurou ela, de repente sentindo-se muito cansada. — Izzy, não Isabelle.

Ele se inclinou para a frente, e ela sentiu o hálito dele em seu cabelo.

— Izzy — repetiu ele. — Eu me lembro de ter beijado você.

Ela estremeceu.

— Não, não lembra.

— Sim, lembro — falou. As mãos deslizaram para as costas dela, dedos tocando o espaço logo abaixo do ombro, gesto que sempre a fez estremecer. — Já faz alguns meses — disse ele, baixinho. — E nada parecia certo. Sempre senti que faltava alguma coisa. Agora sei que era isto, tudo isto, mas também *você*. Não me lembrava durante o dia. Mas à noite sonhava com você, Isabelle.

— Sonhava com a gente?

— Só com você. A menina de olhos escuros, muito escuros. — Ele tocou a pontinha do cabelo dela com dedos leves. — Magnus disse que fui um herói — falou. — E quando você me olha, vejo no seu rosto que está procurando aquele cara. O cara que conhecia e que era um herói, que fez coisas incríveis. Não me lembro de ter feito essas coisas. Não sei se esse meu novo jeito fez eu deixar de ser herói. Mas gostaria de tentar ser aquele cara outra vez. O cara que pode beijá-la porque merece. Se você tiver paciência e me deixar tentar.

Era uma coisa tão *Simon* de se dizer. Ela olhou para ele, e pela primeira vez sentiu esperança crescendo no peito sem ser imediatamente reprimida.

— Posso deixar — disse ela. — Digo, tentar. Não posso prometer nada.

— Não esperaria que prometesse. — O rosto de Simon se iluminou, e ela viu a sombra de uma lembrança no fundo dos olhos dele. — Você é uma destruidora de corações, Isabelle Lightwood — falou ele. — Pelo menos disso eu me lembro.

— Tessa é uma feiticeira — disse Jocelyn —, embora seja um tipo muito incomum de feiticeira. Lembra-se do que contei sobre ter ficado em pânico em relação ao jeito de colocar em você o feitiço que todos os Caçadores de Sombras recebem ao nascer? O feitiço de proteção? E que o Irmão Zachariah e uma feiticeira me ajudaram com a cerimônia? É desta feiticeira que eu estava

falando. Tessa Gray.

— Você me disse que foi daí que tirou a ideia para o sobrenome Fray. — Clary sentou na cadeira em frente a Tessa, à mesa redonda. — *F* de Fairchild — falou, percebendo em voz alta. — E o resto de Gray.

Tessa sorriu, e seu rosto se iluminou.

— Foi uma honra.

— Você era um bebê; não se lembraria — disse Jocelyn, mas Clary pensou em como Tessa lhe pareceu familiar na primeira vez em que a vira, e ficou imaginando.

— Por que só está me contando isso agora? — perguntou Clary, olhando para a mãe, que estava perto de sua cadeira, girando ansiosamente a aliança recém-colocada no dedo. — Por que não antes?

— Eu tinha pedido para estar presente quando ela revelasse, caso ela desejasse fazê-lo — respondeu Tessa; tinha uma voz melodiosa, suave e doce, com traços de um sotaque britânico. — E temo que eu já tenha há muito me isolado do mundo dos Caçadores de Sombras. Minhas lembranças dele são doces e amargas, às vezes mais amargas que doces.

Jocelyn deu um beijo na cabeça de Clary.

— Por que vocês duas não conversam? — falou, e se retirou, indo até Luke, que conversava com Kadir.

Clary olhou para o sorriso de Tessa e disse:

— Você é feiticeira, mas é amiga de um Irmão do Silêncio. Mais que amiga... é um pouco estranho, não?

Tessa apoiou os cotovelos na mesa. Uma pulseira de pérola brilhava em seu pulso esquerdo; ela brincava com a joia ociosamente, como se fosse um hábito.

— Tudo em minha vida é um tanto incomum, mas pensando bem, o mesmo pode ser dito sobre você, não? — Seus olhos brilharam. — Jace Herondale toca piano muito bem.

— E ele sabe disso.

— Isso é a cara dos Herondale — riu Tessa. — Devo lhe dizer, Clary, que só descobri recentemente que Jace desejava ser um Herondale, e não um Lightwood. Ambas famílias honrosas, conheço as duas, mas meu destino sempre foi mais entrelaçado aos Herondale. — Olhou para Jace, e havia uma espécie de saudosismo em sua expressão. — Existem famílias, os Blackthorn, os Herondale, os Carstairs, pelas quais sempre tive uma afinidade especial: os observei de longe, embora tenha aprendido a não interferir. Em parte esse foi o motivo pelo qual me recolhi ao Labirinto Espiral depois da Ascensão. É um lugar tão distante do mundo, tão escondido, que pensei que lá eu fosse encontrar a paz e esquecer o que aconteceu aos Herondale. E depois da Guerra Maligna perguntei a Magnus se deveria procurar Jace, falar sobre o passado dos Herondale, mas ele recomendou que eu desse tempo a ele. Que suportar o fardo do passado

era muito pesado. Então regressei ao Labirinto. — Ela engoliu em seco. — Este foi um ano sombrio, muito cruel para os Caçadores de Sombras, para os integrantes do Submundo, para todos nós. Tantas perdas e dor. No Labirinto Espiral ouvíamos rumores, depois vieram os Crepusculares, e achei que o melhor a fazer era ajudar na pesquisa de uma cura, mas não havia nenhuma. Gostaria que tivéssemos encontrado alguma. Às vezes nem sempre existe cura. — Ela fitou Zachariah, uma luz nos olhos. — Mas às vezes existem milagres. Zachariah me contou sobre como ele se tornou mortal outra vez. Falou que foi "uma história dos Lightwood, Herondale e Fairchild". — Voltou a olhar para Zachariah, que estava ocupado afagando Church. O gato havia subido na mesa de champanhe e estava derrubando taças alegremente. O olhar dela era de exasperação e carinho misturados. — Você não sabe o que significa para mim, o quanto sou grata pelo que você fez pelo meu... por Zachariah, o que todos vocês fizeram por ele.

— Foi Jace, mais do que ninguém. Foi... Zachariah pegou Church no colo? — Clary encarou com assombro. Zachariah estava segurando o gato, que estava flácido, a cauda enrolada no braço do ex-Irmão do Silêncio. — Aquele gato odeia todo mundo!

Tessa sorriu discretamente.

— Eu não diria todo mundo.

— Então ele é... Zachariah é mortal agora? — perguntou Clary. — É apenas... um Caçador de Sombras comum?

— Sim — respondeu Tessa. — Eu e ele nos conhecemos há muito tempo. Tínhamos um encontro fixo todos os anos, no começo de janeiro. Este ano, quando ele chegou, para minha surpresa, era um mortal.

— E você só ficou sabendo quando ele apareceu? Eu o teria matado.

Tessa riu.

— Bem, isso de certa forma teria destruído o objetivo. E acho que ele não sabia ao certo como eu iria recebê-lo, mortal, sendo que eu não sou mortal. — A expressão dela fez Clary se lembrar de Magnus, aquela expressão de olhos velhos, muito velhos em um rosto jovem, a fazia se recordar de uma tristeza muito silenciosa e muito profunda para ser compreendida por aqueles dotados de vidas curtas. — Ele vai envelhecer e morrer, e eu vou continuar como sou. Mas ele viveu uma vida longa, mais longa que a maioria, e me entende. Nem ele, nem eu temos a idade que aparentamos. E nos amamos. Isso é o que importa.

Tessa fechou os olhos, e por um instante pareceu deixar as notas da música do piano a tocarem.

— Tenho uma coisa para você — disse ela, abrindo os olhos: eram cinzentos, da cor da água da chuva. — Para vocês dois; para você e para Jace também. — Então tirou algo do bolso e entregou a Clary. Era uma argola de prata, um anel de família, brilhando com a estampa de pássaros em pleno voo. — Este anel pertenceu a James Herondale — declarou. — É um

verdadeiro anel Herondale, de muitos anos. Se Jace decidiu que quer ser um Herondale, deve ficar com ele.

Clary pegou o anel; cabia no seu polegar.

— Obrigada, mas você pode entregar pessoalmente. Talvez agora seja a hora de falar com ele.

Tessa balançou a cabeça.

— Veja como ele está feliz — comentou. — Está descobrindo quem ele é, e quem quer ser, e encontrando alegria nisso. Ele precisa de mais tempo, para ficar feliz assim, antes de voltar a carregar qualquer fardo. — Ela pegou algo que estava na cadeira ao seu lado, e estendeu para Clary. Era uma cópia do *Códex dos Caçadores de Sombras*, numa capa de veludo azul. — É para você — disse. — Tenho certeza de que já tem seu exemplar, mas este sempre foi precioso para mim. Tem uma inscrição... está vendo? — E virou o livro, de modo que Clary pudesse enxergar onde as palavras estavam gravadas em ouro contra o veludo.

— "*Livremente servimos porque livremente amamos*" — leu Clary em voz alta, e olhou para Tessa. — Obrigada; é uma beleza. Tem certeza de que quer abrir mão dele?

Tessa sorriu.

— Os Fairchild também foram muito queridos em minha vida — falou —, e seus cabelos ruivos e sua teimosia lembram pessoas que já amei, Clary — disse ela, e se inclinou para a frente, sobre a mesa, de modo que seu pingente de jade balançasse livremente. — Sinto uma afinidade por você, também, que perdeu tanto o irmão quanto o pai. Sei que foi julgada e xingada por ser a filha de Valentim Morgenstern, e agora por ser irmã de Jonathan. Sempre haverá aqueles que vão querer defini-la com base no sobrenome que carrega ou no sangue que corre em suas veias. Não deixe que outros concluam quem você é. Conclua você mesma. — Ela olhou para Jace, cujas mãos dançavam sobre as teclas do piano. As luzes dos círios reluziam em seus cabelos como estrelas e faziam sua pele brilhar. — A liberdade não é um presente; é um direito nato. Espero que você e Jace a utilizem.

— Você soa tão séria, Tessa. Não a assuste. — Era Zachariah, chegando por trás da cadeira de Tessa.

— Não a estou assustando! — disse Tessa, com uma risada; estava com a cabeça inclinada para trás, e Clary ficou imaginando se seria assim que ela própria ficava quando olhava para Jace. Torceu para que fosse. Era um olhar feliz e seguro, o olhar de quem tinha confiança no amor que dava e recebia. — Só estava dando um conselho.

— Parece assustador. — Era estranho ver Zachariah falando com uma voz ao mesmo tempo parecida e diferente da voz que soava na mente de Clary; na vida real, o sotaque britânico dele era mais forte que o de Tessa. Ele também mostrou alegria na voz quando esticou a mão para ajudar Tessa a sair da cadeira. — Lamento que tenhamos que ir embora; ainda temos uma longa jornada.

— Para onde vão? — perguntou Clary, segurando o *Códex* cuidadosamente no colo.

— Los Angeles — respondeu Tessa, e Clary se lembrou da outra dizendo que os Blackthorn eram uma família pela qual tinha um interesse especial. Clary ficou feliz em saber. Emma e os outros estavam morando no Instituto com o tio de Julian, mas a ideia de ter alguém especial para cuidar deles, uma espécie de anjo da guarda, era reconfortante.

— Foi um prazer conhecê-la — disse Clary. — Obrigada. Por tudo.

Tessa sorriu de forma radiante e desapareceu pela multidão, dizendo que ia se despedir de Jocelyn. Zachariah pegou seu casaco e o xale de Tessa. Clary ficou observando-o, curiosa.

— Lembro que uma vez você me contou — disse ela —, que amou a duas pessoas mais que tudo no mundo. Tessa foi uma delas?

— Ela *é* uma delas — respondeu ele em tom de concordância, meneando os ombros para vestir o casaco. — Não deixei de amá-la, nem a meu *parabatai*; o amor não acaba quando alguém morre.

— Seu *parabatai*? Você perdeu seu *parabatai*? — indagou Clary, com uma sensação de dor surpresa; sabia o que isso significava para os Nephilim.

— Não do coração, pois não me esqueci dele — disse, e ela ouviu um sussurro da tristeza de eras na voz de Zachariah, e se lembrou dele na Cidade do Silêncio, um espectro de fumaça de pergaminho. — Somos todos parte do que nos lembramos. Guardamos em nós as esperanças e os medos daqueles que nos amam. Contanto que exista amor e lembrança, não existirá perda de fato.

Clary pensou em Max, Amatis, Raphael, Jordan, e até mesmo em Jonathan, e sentiu a pontada das lágrimas na garganta.

Zachariah enrolou o xale de Tessa em volta dos próprios ombros.

— Diga a Jace Herondale que ele toca muito bem o Concerto número 2 de Chopin — falou, e desapareceu pela multidão, atrás de Tessa. Ela ficou olhando para ele, agarrando o anel e o *Códex*.

— Alguém viu Church? — perguntou uma voz ao seu ouvido. Era Isabelle, com os dedos aconchegados no braço de Simon. Maia vinha ao lado deles, mexendo em um prendedor dourado em seus cabelos cacheados. — Acho que Zachariah roubou nosso gato. Juro que o vi colocando Church no banco de trás de um carro.

— Impossível — disse Jace, aparecendo ao lado de Clary; estava com as mangas dobradas até os cotovelos, e ruborizado pelo esforço ao piano. — Church odeia todo mundo.

— Nem todo mundo — murmurou Clary, com um sorriso.

Simon estava olhando para Jace como se ele fosse ao mesmo tempo fascinante e também um pouco alarmante.

— Eu... algum dia nós... eu já *mordi* você?

Jace tocou a cicatriz no pescoço.

— Não consigo acreditar que você se lembra *disso*.

— Nós... rolamos no fundo de um barco?

— Sim, você me mordeu, e sim, eu gostei um pouco, sim, não vamos mais falar sobre isso — disse Jace. — Você não é mais um vampiro. Foco.

— Para ser justa, você também mordeu Alec — falou Isabelle.

— Quando *isso* aconteceu? — perguntou Maia, o rosto se acendendo com divertimento enquanto Morcego chegava por trás dela. Sem uma palavra, ele pegou o prendedor da mão dela e o colocou de volta em seu cabelo. Ele fechou a joia com eficiência. As mãos permaneceram ali por um instante, delicadas de encontro ao cabelo dela.

— O que acontece nos reinos demoníacos, fica nos reinos demoníacos — disse Jace, que então olhou para Clary. — Quer dar uma volta?

— Uma volta ou uma *volta*? — perguntou Isabelle. — Tipo, vocês vão...

— Acho que todos nós devemos ir até o lago — falou Clary, se levantando, com o *Códex* em uma das mãos e o anel na outra. — É lindo lá. Principalmente à noite. Gostaria que meus amigos vissem.

— Eu me lembro — disse Simon, e lançou um sorriso que fez o coração de Clary inflar no peito. O sítio para o qual eles iam em todos os verões; na mente dela, sempre estaria atrelado a Simon. O fato de ele ter se lembrado a deixava mais feliz do que ela poderia ter imaginado estar naquela manhã.

Ela deslizou a mão para a de Jace enquanto se afastavam da tenda, Isabelle correndo para mandar o irmão buscar Magnus para acompanhá-los. Mais cedo Clary queria ficar só com Jace; agora queria estar com todo mundo.

Amava Jace há o que parecia tanto tempo, amava tanto que às vezes achava que podia morrer disso, porque era algo do qual necessitava e não podia ter. Porém agora não mais: o desespero dera lugar à paz e a uma felicidade silenciosa. Agora que ela não sentia mais que cada instante com ele era arrancado da possibilidade de um desastre, agora que ela conseguia imaginar uma vida inteira de momentos com Jace, momentos de paz, de diversão, casuais, relaxados ou gentis, não queria nada senão caminhar até o lago com todos os amigos para comemorar o dia.

Ao passarem por uma crista sobre a trilha, ela olhou para trás. Viu Jocelyn e Luke próximos à tenda, olhando para eles. Clary notou Luke sorrindo para ela, e a mãe erguendo a mão num aceno e então baixando-a para segurar a mão do novo marido. A coisa se deu do mesmo jeito com eles, pensou ela, anos de separação e tristeza, e agora tinham a vida inteira. *Uma vida de momentos*. Ela levantou a mão, retribuindo o aceno, e em seguida se apressou para alcançar os amigos.

Magnus estava apoiado no exterior do celeiro, observando Clary e Tessa absortas em uma

conversa, quando Catarina se aproximou dele. Tinha flores azuis no cabelo, as quais enfatizavam sua pele azul-safira. Ele olhou para o pomar, em direção ao lago, que reluzia como água retida em mãos em concha.

— Você parece preocupado — comentou Catarina, colocando a mão no ombro dele em sinal de companheirismo. — O que houve? Vi você beijando seu menino Caçador de Sombras mais cedo, então não pode ser isso.

Magnus balançou a cabeça.

— Não. Está tudo bem com Alec.

— Vi você conversando com Tessa, também — continuou Catarina, esticando o pescoço para olhar. — Estranho tê-la aqui. É isto que está lhe incomodando? Passado e futuro colidindo; deve parecer um pouco estranho.

— Talvez — disse Magnus, apesar de não estar muito certo de que fosse isso. — Fantasmas antigos, as sombras de coisas que poderiam ter sido. Embora eu sempre tenha gostado de Tessa e dos meninos dela.

— O filho dela dava um trabalhão — lembrou Catarina.

— Assim como a filha — riu Magnus, muito embora tenha soado frágil como gravetos no inverno. — Tenho sentido o peso do passado em meus ombros nos últimos dias, Catarina. A repetição de erros. Ouço coisas, boatos no Submundo, rumores de brigas por vir. O Povo das Fadas é orgulhoso, o mais orgulhoso de todos; não vai receber a humilhação da Clave sem retaliação.

— Eles são orgulhosos, porém pacientes — disse Catarina. — Podem esperar muito tempo, gerações, para se vingar. Você não pode temer que aconteça agora, quando as sombras podem não descer por anos.

Magnus não olhou para ela; olhava para a tenda, onde Clary se encontrava conversando com Tessa, onde Alec estava lado a lado com Maia e Morcego, rindo, onde Isabelle e Simon dançavam ao som da música que Jace tocava ao piano, as notas doces e sombrias de Chopin o faziam recordar de outro tempo, e do som de violinos no natal.

— Ah — disse Catarina. — Você está preocupado com eles; está preocupado com o mal se abatendo sobre aqueles que ama.

— Com eles, ou com os filhos deles. — Alec havia se separado dos outros e estava subindo a colina em direção ao celeiro. Magnus o observava se aproximando, uma sombra escura contra o céu ainda mais escuro.

— Melhor amar e temer do que não sentir nada. É assim que nos petrificamos — disse Catarina, e o tocou no braço. — Sinto muito por Raphael, aliás. Não tive a oportunidade de dizer isso. Sei que você já salvou a vida dele uma vez.

— E ele salvou a minha — respondeu Magnus, e ergueu o olhar quando Alec os alcançou.

Alec cumprimentou Catarina com um gesto cortês de cabeça.

— Magnus, estamos indo para o lago — falou. — Quer vir?

— Por quê? — perguntou Magnus.

Alec deu de ombros.

— Clary disse que é bonito — respondeu. — Digo, já conheço, mas tinha um anjo enorme surgindo dele, o que acabou me distraindo. — Ele estendeu a mão. — Vamos. Todo mundo vai.

Catarina sorriu.

— *Carpe Diem* — falou para Magnus. — Não perca tempo pensando. — Ela segurou as saias, erguendo-as, e partiu em direção às árvores, os pés como flores azuis na grama.

Magnus pegou a mão de Alec.

Havia pirilampos perto do lago. Iluminavam a noite com seus lampejos enquanto o grupo espalhava casacos e cobertas no chão, os quais Magnus alegara ter criado usando apenas o ar, embora Clary desconfiasse que tivessem sido invocados ilegalmente de uma loja.

O lago tinha um brilho prateado, refletindo o céu e suas milhares de estrelas. Clary ouviu Alec nomeando as constelações para Magnus: leão, sagitário, pégasus. Maia havia tirado os sapatos e caminhava descalça pela margem do lago. Morcego a seguira, e enquanto Clary observava, ele pegou a mão dela, hesitante.

Ela deixou.

Simon e Isabelle estavam inclinados um contra o outro, sussurrando. De vez em quando Isabelle soltava uma risadinha. Seu rosto estava mais alegre do que estivera em meses.

Jace sentou-se em um dos cobertores e puxou Clary consigo, uma perna de cada lado dela. Clary se apoiou nele, sentindo as batidas confortáveis do coração em suas costas. Os braços de Jace a envolveram, e os dedos dele tocaram o *Códex* no colo dela.

— O que é isto?

— Um presente para mim. E tem um para você também — disse ela, e pegou a mão dele, esticando os dedos um por um, até que ele estivesse com a mão aberta. Ela colocou o anel de prata levemente gasto na palma dele.

— Um anel Herondale? — Ele soou espantado. — Onde você...

— Era de James Herondale — respondeu ela. — Não tenho nenhuma árvore genealógica por aqui, então não sei exatamente o que isso significa, mas ele claramente foi um de seus ancestrais. Lembro de você falando que as Irmãs de Ferro teriam que forjar um anel novo, pois Stephen não tinha deixado um para você... mas agora você já tem.

Ele o colocou no anelar direito.

— Toda vez — disse ele baixinho. — Toda vez que acho que falta um pedaço de mim, você me completa.

Não havia o que dizer, então Clary não disse nada; apenas se virou nos braços dele e o beijou na bochecha. Ele era lindo sob o céu noturno, as estrelas irradiando luz, brilhando nos cabelos e olhos dele, e o anel Herondale reluzindo no dedo, um lembrete de tudo que se passara, e de tudo que ainda estava por vir.

Somos todos parte do que nos lembramos. Guardamos em nós as esperanças e os medos daqueles que nos amam. Contanto que exista amor e lembrança, não existe perda de fato.

— Você *gosta* do nome Herondale? — perguntou ele.

— É seu nome, então eu o amo — respondeu.

— Eu poderia ter recebido alguns nomes Nephilim bem ruins — disse ele. — Bloodstick. Ravenhaven.

— Bloodstick não pode ser um nome.

— Pode não ser aceito — reconheceu. — Herondale, por outro lado, é melódico. Doce, pode-se dizer. Pense no som de "Clary Herondale".

— Ai, meu Deus, soa *péssimo*.

— Todos temos que fazer sacrifícios por amor. — Ele sorriu e se esticou, contornando Clary para alcançar o *Códex*. — Este é antigo. Uma edição antiga — comentou ele, virando o livro. — A inscrição atrás é de Milton.

— Claro que você sabe disso — disse ela afetuosamente, e se apoiou contra ele enquanto ele virava o livro nas mãos.

Magnus tinha acendido uma fogueira, que queimava alegremente na beira do lago, enviando faíscas ao céu. O reflexo do fogo refletiu no colar vermelho de Isabelle quando ela se virou para falar alguma coisa para Simon, e brilhou forte no resplendor dos olhos de Magnus e ao longo da água do lago, transformando as ondulações em linhas douradas. Então atingiu a inscrição na parte traseira do *Códex* enquanto Jace lia as palavras em voz alta para Clary, com a voz suave como música no escuro brilhante.

"Livremente servimos
Porque livremente amamos, conforme nosso arbítrio
De amar ou não; assim nos erguemos ou caímos."